série

Fallen

LAUREN KATE

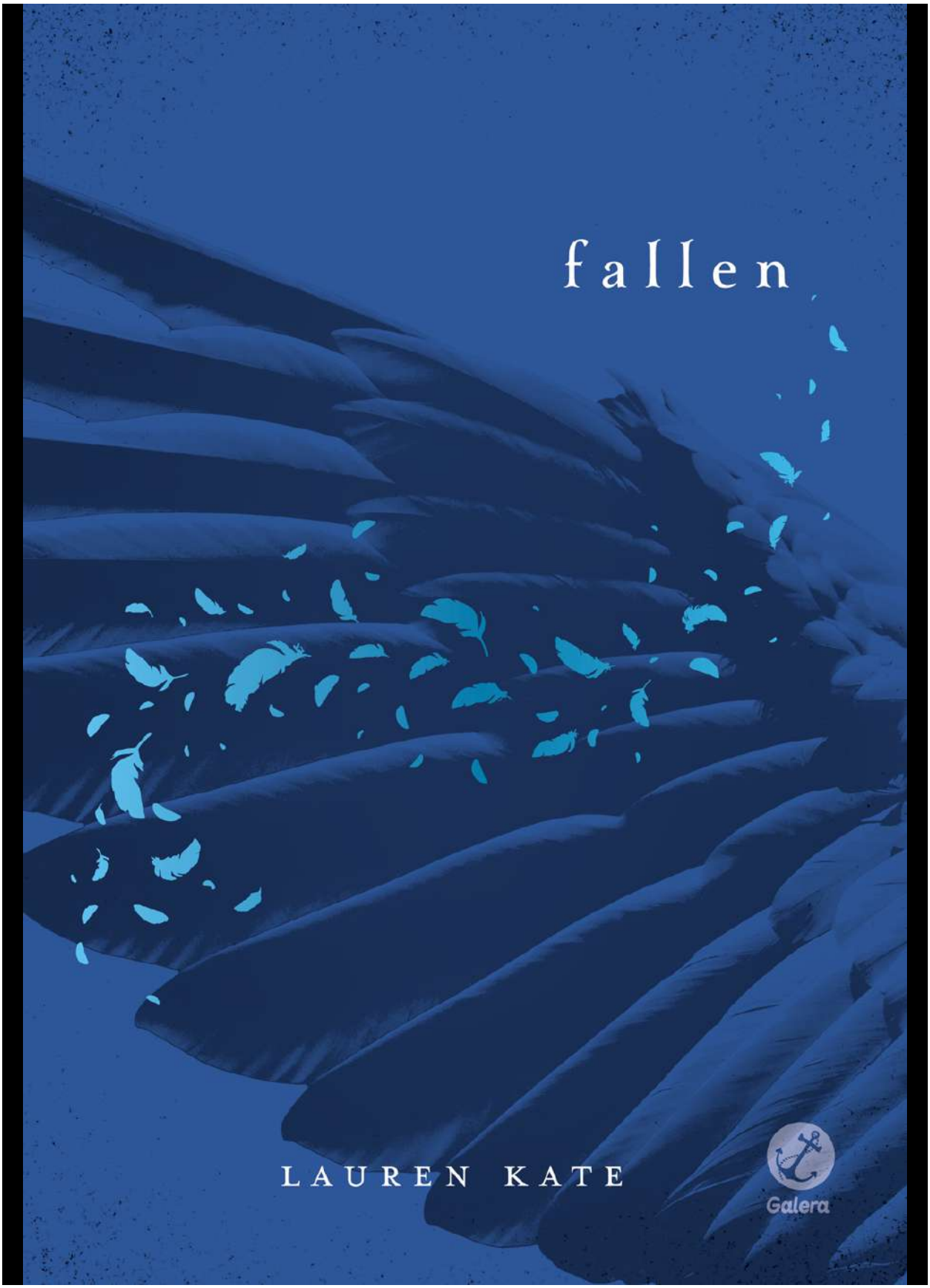


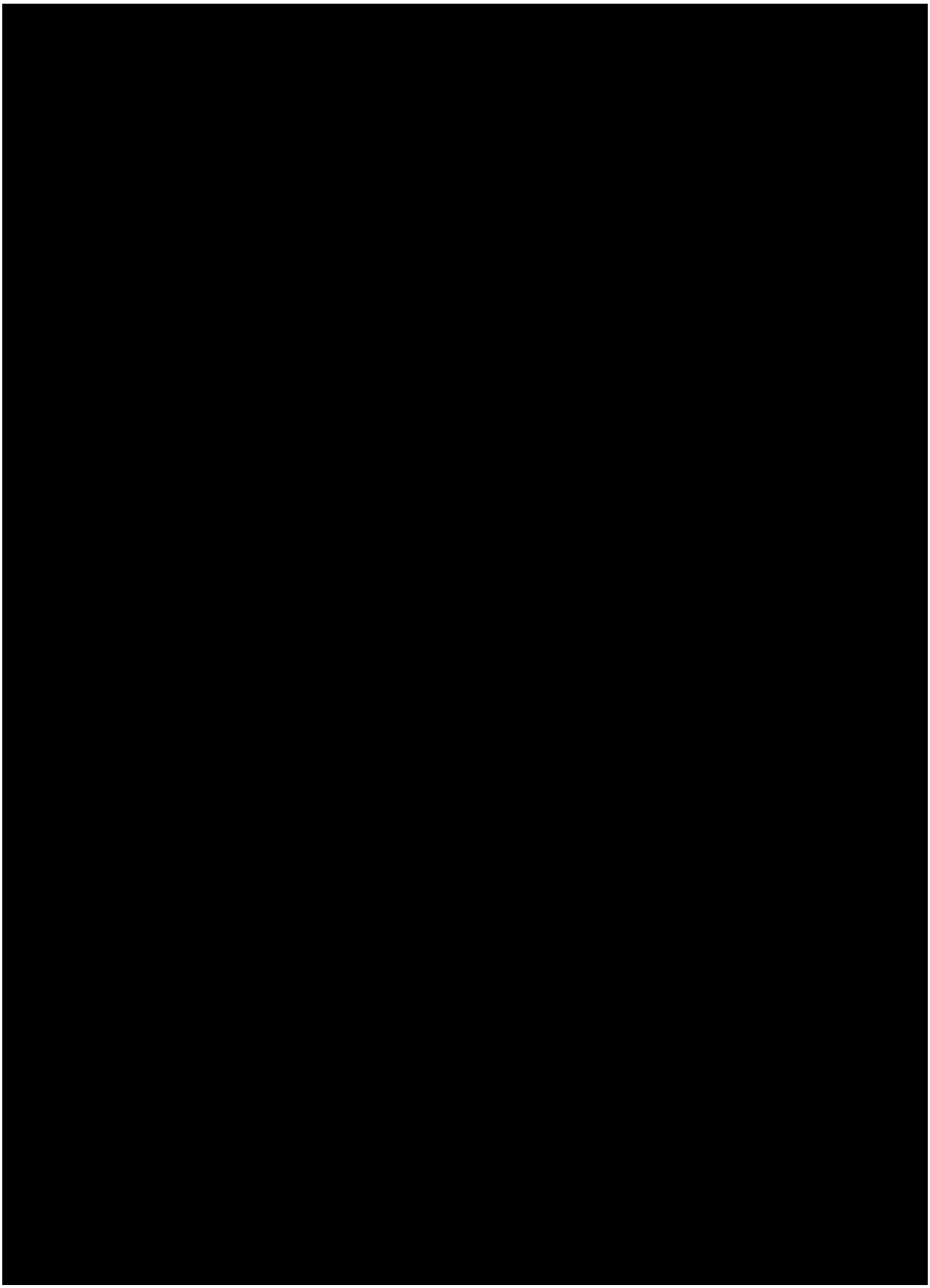
série

Fallen

LAUREN KATE




fallen
LAUREN KATE
Galera



Livros da autora publicados pela Galera Record

Série Fallen
Volume 1 – Fallen
Volume 2 – Tormenta
Volume 3 – Paixão
Volume 4 – Êxtase

Apaixonados – Histórias de amor de Fallen
Anjos na escuridão - Contos da série Fallen
O livro de Cam – Um romance da série Fallen

Série Teardrop
Volume 1 – Lágrima
Volume 2 – Dilúvio

fallen

LAUREN KATE

Tradução
Alda Lima

1ª EDIÇÃO



2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kate, Lauren
K31F Fallen [recurso eletrônico] / Lauren Kate ; tradução Alda Lima. – Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.
(Fallen; 1)

Tradução de: Rapture
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09820-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Ferreira, Ana Luiza de Lima. II. Título.

11-7537

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Copyright © 2009 by Lauren Kate and Tinderbox Books, LLC Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random House Children's Books, divisão da Random House, Inc. Direitos de tradução negociados com Tinderbox Books, LLC e Sandra Bruna Agência Literária, S. L.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Adaptação de Abreu's System para projeto de Angela Carlino

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09820-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Para minha família,
com amor e gratidão.



AGRADECIMENTOS

Um enorme obrigada a todos da Random House e da Delacorte Press por fazer tanto, tão bem e tão rapidamente. Agradeço a Wendy Loggia, cujo entusiasmo e generosidade me encorajaram desde o início. A Krista Vitola, por um emprego extremamente útil nos bastidores. A Brenda Schildgen, de UC Davis, pelo ***background*** e pela inspiração. A Nadia Cornier, por me ajudar a fazer isto tudo decolar. A Ted Malawer, por sua liderança editorial certeira, gentil e divertida. A Michael Stearns, antigo chefe, atualmente confiável colega e amigo. Você é simplesmente um gênio.

A meus pais e avós; Robby, Kim e Jordan; e a minha nova família em Arkansas. Não consigo pôr em palavras o que sua confiança inabalável significa para mim. Amo a todos.

E a Jason, que conversa comigo sobre os personagens como se fossem pessoas de verdade, até que eu consiga entendê-los. Você me inspira, me desafia, me faz sorrir todos os dias. Meu coração é seu.

Mas o Paraíso está trancado e enclausurado…
Precisamos fazer a jornada ao redor do mundo
Para ver se uma porta dos fundos talvez esteja aberta.



— HEINRICH VON KLEIST, *"On the Puppet Theater"*

NO COMEÇO



HELSTON, INGLATERRA
SETEMBRO DE 1854

Por volta da meia-noite, seus olhos finalmente tomaram forma. A expressão neles era felina, parte determinada, parte hesitante — prontos para causar problemas. Sim, aqueles olhos estavam iguaizinhos. Alcançando as sobrancelhas finas e elegantes, a centímetros da cascata escura que era seu cabelo.

Ele estendeu o braço para avaliar seu progresso no papel que segurava. Era difícil trabalhar sem que ela estivesse na sua frente, mas, de qualquer modo, nunca conseguiria desenhar na presença dela. Desde que chegara de Londres — não, desde que a vira pela primeira vez —, ele precisara tomar cuidado para mantê-la sempre a distância.

Agora, ela o abordava diariamente, e cada dia era mais difícil do que o anterior. Era por isso que ele iria embora na manhã seguinte — para a Índia, para as Américas, não sabia e tampouco se importava. Em qualquer lugar que parasse seria mais fácil do que estar aqui.

Ele se inclinou sobre o desenho de novo, suspirando ao usar o polegar para retocar o carvão borrado que delineava o voluptuoso

lábio inferior. Esse papel sem vida, um cruel impostor, era a única maneira de levá-la consigo.

Então, se endireitando na cadeira de couro da biblioteca, ele sentiu. Aquela brisa morna em sua nuca.

Ela.

Sua mera proximidade dava-lhe a mais peculiar das sensações, como o calor que emana de uma acha de lenha, queimando até virar um monte de cinzas numa fogueira. Ele sabia sem precisar virar o rosto: ela estava lá. Escondeu o retrato no meio dos papéis amontoados em seu colo, mas não podia escapar dela.

Os olhos dele recaíram sobre o sofá estofado cor de marfim do outro lado do salão, onde apenas algumas horas antes ela aparecera inesperadamente, depois dos outros de seu grupo, usando um vestido de seda cor-de-rosa, para aplaudir a filha mais velha do anfitrião, que tocara uma bela música no cravo. Seu olhar cruzou a sala até a janela que dava para a varanda, onde no dia anterior ela surgira para ele com um punhado de peônias brancas nas mãos. Ela ainda achava que a atração que sentia por ele era inocente, que seus frequentes encontros na varanda eram meramente... felizes coincidências. Tão ingênua! Ele nunca contaria a verdade — o segredo era um fardo que suportaria sozinho.

Ele se levantou e deu meia-volta, deixando os esboços para trás, sobre a cadeira de couro. E lá estava ela, encostada nas cortinas de veludo vermelho, em seu simples vestido branco. O cabelo preto se soltara das tranças, e a expressão em seu rosto era a mesma que ele havia desenhado tantas vezes. Havia um calor subindo em sua face. Estaria zangada? Envergonhada? Gostaria de saber, mas não podia se permitir a pergunta.

— O que está fazendo aqui? — Ele pôde ouvir o rosnado em sua própria voz, e se arrependeu da grosseria, sabendo que ela nunca

entenderia.

— Eu... Eu não consegui dormir — gaguejou, indo em direção ao fogo e à cadeira dele. — Vi a luz em seu quarto e também — ela parou, baixando os olhos para as mãos — seu baú do lado de fora da porta. Vai a algum lugar?

— Eu pretendia contar a você — começou ele. Não devia mentir. Mas nunca teve a intenção de deixá-la a par de seus planos. Contar só pioraria as coisas. Já tinha deixado as coisas irem longe demais, com esperança que dessa vez fosse ser diferente.

Ela se aproximou mais um pouco e seus olhos pousaram sobre o caderno de desenho.

— Estava me desenhando?

Seu tom assustado o lembrou de como era grande o abismo entre os dois. Mesmo depois de todo o tempo que tinham passado juntos nas últimas semanas, ela não tinha nem começado a enxergar a verdade que estava por trás da atração entre eles.

Isso era bom — ou, pelo menos, era o melhor para ela. Durante os últimos dias, desde que ele resolvera ir embora, estivera lutando para se afastar dela. O esforço lhe exigiu tanto que, assim que se viu sozinho, teve que ceder ao desejo acumulado de desenhá-la. Enchera o caderno de páginas retratando seu pescoço arqueado, a pele clara da clavícula, os cabelos pretos.

Agora, ele olhava de volta para o esboço, sentindo não vergonha por ter sido surpreendido desenhando-a, mas coisa pior. Um arrepio gelado se espalhou pelo seu corpo quando percebeu que aquela descoberta — a revelação do que sentia — a destruiria. Ele deveria ter tomado mais cuidado. Era assim que sempre começava.

— Leite morno com uma colher de melado — murmurou ele, ainda de costas. Depois, acrescentou com tristeza. — Vai ajudá-la a dormir.

— Como você sabia? Minha nossa, era exatamente isso que minha mãe costumava...

— Eu sei — interrompeu, se virando para encará-la. O espanto na voz dela não o surpreendia, mas mesmo assim não podia explicar como sabia o que fazer, ou contar quantas vezes ele mesmo tinha preparado essa bebida no passado, quando as sombras chegavam, ou como a tinha segurado nos braços até que adormecesse.

Ele sentiu o toque dela como se o estivesse queimando através da camisa, a mão pousada gentilmente em seu ombro, fazendo-o arfar. Os dois ainda não haviam se tocado nessa vida, e o primeiro contato sempre o deixava sem ar.

— Me responda — sussurrou ela. — Está indo embora?

— Sim.

— Então me leve com você — disse ela abruptamente. No mesmo momento, ele viu que ela prendia a respiração, desejando ser possível retirar o que acabara de dizer. Podia ver a sucessão de emoções se formando no vinco entre seus olhos: ela se sentiria impetuosa, depois desnorteada, e em seguida envergonhada pela própria ousadia. Ela sempre fazia isso e, muitas vezes antes, ele tinha cometido o erro de confortá-la nesse exato momento.

— Não — sussurrou, lembrando... sempre lembrando... — Embarco amanhã. Caso se importe ao menos um pouco comigo, não dirá mais uma palavra.

— *Caso* eu me importe com você — repetiu ela, quase como se estivesse falando sozinha. — Eu... Eu ***amo***...

— Não diga isso.

— Tenho que dizer. Eu... Eu amo você, tenho quase certeza, e se você for embora...

— Se for embora, salvarei sua vida. — As palavras foram enunciadas lentamente, tentando alcançar a parte dela que talvez se

lembrasse. Será que tinha alguma coisa lá, enterrada em algum lugar? — Algumas coisas são mais importantes que o amor. Você não vai entender, mas precisa confiar em mim.

O olhar dela o atravessou. Ela deu um passo para trás e cruzou os braços. Isso era culpa dele também — sempre despertava o lado desdenhoso da moça quando a tratava assim.

— Quer dizer que existem coisas mais importantes do que isso? — ela o desafiou, pegando as mãos dele e levando-as até seu coração.

Ah, como ele queria ser ela e não saber o que aconteceria a seguir! Ou pelo menos gostaria de ser mais forte do que era e conseguir impedi-la. Se não a impedisse, ela nunca descobriria, e o passado apenas continuaria se repetindo, torturando-os num ciclo sem fim.

O calor familiar da pele dela sob suas mãos fez com que ele pendesse a cabeça para trás e gemesse. Estava tentando ignorar a proximidade entre os dois, como ele conhecia bem o toque dos lábios dela nos seus, como era amargo saber que tudo isso teria que acabar. Mas seus dedos se tocavam tão de leve. Ele podia sentir seu coração acelerado através do vestido de algodão fino.

Ela estava certa. Não havia nada mais importante do que isso. Nunca houve. Ele estava prestes a ceder e tomá-la nos braços quando viu a expressão em seus olhos. Como se tivesse visto um fantasma.

Foi ela quem se afastou, com uma das mãos sobre a testa.

— Estou tendo a sensação mais estranha — sussurrou.

Não... já seria tarde demais?

Os olhos dela se estreitaram até a expressão retratada no esboço e ela voltou a se aproximar novamente, as mãos sobre o peito, seus lábios abertos de expectativa.

— Diga-me que enlouqueci, mas juro que já estive exatamente aqui antes...

Então *era* tarde demais. Ele ergueu os olhos, trêmulo, e pôde sentir a escuridão caindo sobre os dois. Ele aproveitou aquela última chance de segurá-la, de abraçá-la o mais forte que podia, como havia ansiado durante semanas.

Assim que os lábios dele se fundiram com os dela, não havia mais poder algum em suas mãos. O gosto de madressilva de sua boca o deixava tonto. Quanto mais próxima ela ficava, mais seu estômago se retorcia com a excitação e a agonia de tudo aquilo. Sua língua tocava a dele, e o fogo entre os dois ardia mais forte, mais quente, mais poderoso a cada novo toque, cada nova descoberta. E, ainda assim, nada disso era novidade.

O lugar tremeu. Uma aura em volta do casal começou a brilhar.

Ela não notou nada, não estava ciente de nada, não entendia nada além daquele beijo.

Só ele sabia o que estava prestes a acontecer, quão sombria era a companhia que se preparava para se juntar àquele reencontro. Mesmo incapaz de, mais uma vez, alterar o curso de suas vidas, ele sabia.

As sombras rodopiavam diretamente acima dos dois. Tão perto que ele poderia tê-las tocado. Tão perto que o fez considerar se ela podia ouvir o que estavam sussurrando. Ele observou enquanto seu rosto se obscurecia. Por um momento, viu um brilho de reconhecimento crescendo nos olhos dela.

E então não havia mais nada, absolutamente nada.

UM

PERFEITOS ESTRANHOS

Luce entrou no saguão iluminado pelas lâmpadas fluorescentes da Escola Sword & Cross dez minutos atrasada. Uma atendente robusta, de bochechas coradas e com uma prancheta presa sob o bíceps torneado, estava dando ordens — o que significava que Luce já havia ficado para trás.

— Então, lembrem-se: PPP, pílulas, pijamas e polícia, que carinhosamente chamamos de vermelhos — ladrou a atendente para três outros estudantes de pé à frente de Luce. — Lembrem-se do essencial e ninguém vai se machucar.

Luce apressou-se para se juntar ao grupo. Ela ainda estava tentando entender se tinha preenchido corretamente a gigantesca pilha de formulários, se esse guia de cabeça raspada parado na frente deles era homem ou mulher, se alguém ali a ajudaria com a enorme mochila, se seus pais se livrariam de seu amado Plymouth Fury assim que chegassem em casa, depois de deixá-la ali. Eles ameaçaram vender o carro durante o verão inteiro, e agora tinham um motivo com o qual nem mesmo Luce poderia argumentar: ninguém tinha permissão para

ter carros no novo colégio de Luce. Seu novo ***reformatório***, para ser mais exata.

Ela ainda estava se acostumando com a palavra.

— Você podia, hum, repetir? — ela perguntou à atendente. — O que você disse sobre pílulas...

— Ora, vejam só quem resolveu aparecer — disse a atendente, em alto e bom som, e então continuou, enunciando lentamente: — pílulas ou ***remédios***. Se for uma das alunas medicadas, é aonde deve ir para se manter dopada, sã, respirando, seja lá o que for.

Mulher, Luce concluiu, analisando a atendente. Nenhum homem seria ardiloso o bastante pra usar aquele tom de voz sarcástico.

— Entendi. — Luce sentiu o estômago se revirar. — Remédios.

Luce parara de tomar remédios há anos. Depois do acidente no último verão, o Dr. Sanford, seu médico em Hopkinton — e o motivo pelo qual seus pais a tinham mandado para um colégio interno em New Hampshire —, estava pensando em medicá-la de novo. Apesar de ela finalmente tê-lo convencido que estava quase estável, fora necessário um mês extra de análise simplesmente para poder ficar longe daqueles horríveis antipsicóticos.

E essa era a razão pela qual estava começando a cursar o último ano na Sword & Cross, um mês inteiro depois do início do ano letivo. Ser uma aluna nova já era ruim o bastante, e Luce tinha ficado muito nervosa por ter que se esforçar para alcançar o ritmo das matérias quando todo mundo já estava acostumado a elas. Mas, pelo visto, ela não era a única aluna chegando hoje.

Ela deu uma olhada nos três outros alunos parados em semicírculo em volta dela. Na sua última escola, a Dover Prep, foi durante o tour pelo campus no primeiro dia de aula que Luce conhecera a melhor amiga, Callie. Num campus onde todos os outros alunos tinham praticamente sido desmamados juntos, o fato de Luce e Callie serem as

únicas que não vinham de famílias tradicionais da escola já era afinidade o suficiente. Mas não foi preciso muito tempo para que as duas garotas percebessem que partilhavam também a mesma obsessão por filmes antigos — especialmente os de Albert Finney. Depois de descobrirem, no primeiro ano, enquanto assistiam a ***Um caminho para dois***, que nenhuma das duas conseguia fazer pipoca sem disparar o alarme de incêndio, Callie e Luce não desgrudaram mais uma da outra. Até... até serem obrigadas.

Parados de cada lado de Luce hoje estavam dois garotos e uma garota. A garota parecia bem fácil de decifrar: loira e bonita, como se saída de um comercial da Neutrogena, com unhas pintadas de cor-de-rosa claro combinando com a pasta de plástico.

— Sou Gabbe — disse arrastado, abrindo para Luce um grande sorriso que desapareceu tão rápido quanto tinha surgido, antes mesmo de Luce poder dizer seu próprio nome. O interesse passageiro da garota fez Luce pensar mais em uma versão sulista das garotas da Dover do que em alguém que se esperaria encontrar na Sword & Cross. Luce não conseguia decidir se isso era reconfortante ou não, assim como não conseguia nem imaginar o que uma garota com essa aparência estaria fazendo num reformatório.

À direita de Luce estava um garoto de cabelo castanho curto, olhos castanhos e um monte de sardas no nariz. Mas, pela maneira como ele evitava encará-la, e só ficava mordendo a cutícula do dedão, Luce teve a impressão de que o garoto, assim como ela, provavelmente ainda estava atordoado e envergonhado por ter ido parar ali.

O garoto à esquerda, por outro lado, se encaixava no estereótipo desse lugar até um pouco demais. Ele era alto e magro, carregava um case de DJ pendurado num dos ombros, tinha cabelo preto repicado e grandes e profundos olhos verdes. Seus lábios eram cheios e de um cor-de-rosa natural que a maioria das garotas mataria para ter. Na

nuca, uma tatuagem preta no formato de sol quase parecia brilhar na pele clara, subindo pela gola de sua camiseta preta.

Diferente dos outros dois, quando esse garoto se virou para olhá-la, encarou fixamente seus olhos e não se moveu. Os lábios numa linha séria, mas os olhos eram quentes e vivos. Ele a contemplou, parado como uma escultura, fazendo Luce congelar também. Ela prendeu a respiração. Aqueles olhos eram intensos, sedutores e, bem, um pouco desconcertantes.

Com alguns pigarros, a atendente interrompeu o olhar hipnotizador do garoto. Luce corou e fingiu estar muito ocupada coçando a cabeça.

— Aqueles que já aprenderam as regras estão livres para ir, assim que jogarem fora seus objetos perigosos. — A atendente indicou uma grande caixa de papelão sob um cartaz que dizia em grandes letras pretas MATERIAIS PROIBIDOS. — E, quando digo ***ir***, Todd — ela pousou a mão com força no ombro do menino sardento, fazendo-o saltar —, quero dizer para os limites do ginásio, encontrar seus guias previamente escolhidos. Você — continuou, apontando para Luce —, descarte seus materiais perigosos e fique comigo.

Os quatro se acotovelaram até a caixa e Luce assistiu, estupefata, os outros alunos começarem a esvaziar os bolsos. A garota jogou na caixa um canivete suíço de sete centímetros. O garoto de olhos verdes relutantemente se livrou de uma lata de spray de tinta e um estilete. Até o infeliz Todd descartou várias caixas de fósforos e uma pequena embalagem de fluido para isqueiro. Luce se sentiu quase envergonhada por não estar escondendo nada perigoso também, mas, quando viu os outros alunos enfiarem as mãos no bolso e jogarem também seus celulares dentro da caixa, engoliu em seco.

Inclinando-se para a frente para ver um pouco mais de perto o cartaz de MATERIAIS PROIBIDOS, ela notou que celulares, pagers e walk-

talkies eram estritamente contra as regras. Já era ruim o suficiente não poder ficar com o carro! Luce tocou, com a mão suada e grudenta, o celular em seu bolso, a única conexão com o mundo lá fora. Quando a atendente viu a expressão em seu rosto, Luce recebeu uns tapinhas de leve no rosto.

— Não vá morrer aqui na minha frente, garota. Não me pagam bem o suficiente para ressuscitar alguém. Além disso, você tem direito a um telefonema por semana no saguão principal.

Uma ligação... Uma vez por semana? Mas...

Ela baixou os olhos para o celular uma última vez e viu que tinha recebido duas novas mensagens de texto. Não parecia possível que essas fossem ser suas ***últimas*** mensagens de texto. A primeira era de Callie.

> ***Liga logo! Vou esperar ao lado do telefone a noite toda, então pode ir se preparando pra contar. E lembre-se do mantra que te falei: você vai sobreviver! Aliás, se é que faz alguma diferença, acho que todo mundo já esqueceu completamente sobre...***

Bem no estilo de Callie, havia tantos caracteres na mensagem que a porcaria do celular de Luce cortou a frase depois de algumas linhas. Por um lado, Luce quase se sentiu aliviada. Ela não queria saber como todo mundo de sua antiga escola já tinha esquecido o que acontecera, o que ela fizera pra vir parar num lugar ***desses***.

Luce suspirou e passou para a segunda mensagem. Era da sua mãe, que tinha aprendido como se mandava mensagens há algumas poucas semanas, e certamente não sabia dessa história de uma ligação por semana, ou nunca teria abandonado a filha ali. Não é?

Querida, estamos sempre pensando em você. Seja boazinha e tente comer bastante proteína. Conversaremos quando der. Com amor, M & P.

Com outro suspiro, Luce percebeu que os pais provavelmente sabiam. De que outra maneira poderia explicar as expressões sofridas quando ela se despedira nos portões da escola naquela manhã, com a mochila na mão? No café da manhã, ela tentara fazer piada, dizendo que finalmente perderia aquele horrível sotaque da Nova Inglaterra que tinha adquirido na Dover, mas seus pais não tinham nem mesmo sorrido. Luce achou que ainda estavam com raiva dela; eles nunca faziam escândalo, o que significava que, quando Luce fazia algo muito errado, simplesmente davam um gelo nela. Agora entendia o comportamento estranho dessa manhã: seus pais já estavam lamentando a perda de contato com sua única filha.

— Ainda estamos esperando ***alguém*** — cantarolou a atendente. — Quem será que é? — A atenção de Luce voltou para a caixa dos materiais perigosos, que agora estava transbordando de coisas contrabandeadas que ela nem reconhecia. Podia sentir os olhos verdes do garoto de cabelo escuro sobre si. Ao levantar os olhos, porém, percebeu que ***todos*** a estavam encarando. Era sua vez. Luce fechou os olhos e lentamente abriu os dedos, deixando o telefone escorregar e cair no alto da pilha, fazendo um som triste. O som de estar completamente sozinha.

Todd e a robô Gabbe foram para a porta sem nem olhar na direção de Luce, mas o terceiro garoto se virou para a atendente.

— Posso explicar as coisas pra ela — disse, indicando Luce com a cabeça.

— Não faz parte do nosso acordo — respondeu a mulher automaticamente, como se já estivesse esperando esse diálogo. — Você

é novo aqui mais uma vez, e isso significa ter as mesmas restrições que os outros alunos novos. De volta ao começo. Se não ficou feliz, devia ter pensado duas vezes antes de violar a condicional.

O garoto ficou imóvel e sem demonstrar nada, enquanto a atendente puxava Luce — que tinha congelado com a palavra "condicional" — para o final do corredor amarelado.

— Continuando — prosseguiu ela, como se nada tivesse acontecido. — Cama. — Apontou pela janela oeste para um distante prédio de alvenaria. Luce podia ver Gabbe e Todd se aproximando do prédio devagar, com o terceiro garoto andando lentamente, como se alcançá-los fosse a última coisa em sua lista de prioridades.

O dormitório era grande e quadrado, um bloco cinza e sólido cujas grossas portas duplas não revelavam nada sobre a possibilidade de haver vida atrás delas. Uma grande placa de pedra estava plantada no meio da grama morta, e Luce lembrou-se de ter visto, no site, as palavras DORMITÓRIO PAULINE gravadas nela. Parecia ainda mais feia no sol nebuloso da manhã do que na sem graça foto em preto e branco.

Mesmo a distância, Luce podia ver o limo preto cobrindo a fachada do dormitório. Todas as janelas eram obstruídas por fileiras de barras grossas de aço. Ela apertou os olhos. Aquilo era arame farpado em cima da cerca que dava a volta no prédio?

A atendente baixou os olhos para uma lista, folheando a ficha de Luce.

— Quarto sessenta e três. Deixe a bolsa na minha sala com o resto das malas por enquanto. Poderá se acomodar durante a tarde.

Luce arrastou a mochila vermelha até os outros três baús pretos indistintos. Então, instintivamente, tentou pegar seu celular, onde geralmente anotava coisas que precisava lembrar. Mas, quando sua

mão tocou no bolso vazio, Luce suspirou e tentou memorizar o número do quarto em vez disso.

Ela ainda não entendia por que não podia ficar na casa dos pais; a casa em Thunderbolt ficava a menos de meia hora da Sword & Cross. Era tão bom estar de volta a Savannah, onde, como sua mãe sempre dissera, até o vento soprava de forma preguiçosa. O ritmo mais tranquilo e lento da Geórgia tinha muito mais a ver com Luce do que a Nova Inglaterra jamais tivera.

Mas a Sword & Cross não parecia ficar em Savannah. Não se parecia com lugar nenhum, na verdade; era somente um lugar sem vida e sem cor para onde o juiz a tinha mandado. Ela ouviu o pai no telefone com o diretor no outro dia, assentindo com seu jeito de professor de biologia confuso e dizendo: "Sim, sim, talvez fosse melhor que fosse supervisionada o tempo todo. Não, não, não gostaríamos de interferir nos seus métodos."

Claramente seu pai não sabia das condições de tal supervisão sobre sua única filha. Esse lugar parecia uma penitenciária de segurança máxima.

— E a outra coisa, como foi que você disse, os vermelhos? — Luce perguntou à atendente, pronta para ser liberada do tour.

— Vermelhos — apontou a atendente para um pequeno aparelho pendurado no teto e ligado por fios: uma lente com uma luz vermelha piscando. Luce não tinha visto antes, mas, assim que a atendente apontou para a primeira, percebeu que estavam por toda parte.

— Câmeras?

— Muito bem — congratulou a atendente, com a voz escorrendo sarcasmo. — Deixamos todas bem óbvias para vocês não esquecerem. O tempo todo, em qualquer lugar, estamos de olho em vocês. Então não faça besteira, isto é, se conseguir evitar.

Toda vez que alguém falava com Luce como se ela fosse uma total psicopata, a garota acreditava mais um pouco que isso era verdade.

Durante todo o verão as lembranças a assombraram, em seus sonhos e nos raros momentos em que seus pais a deixavam sozinha. ***Alguma coisa*** tinha acontecido naquela cabana, e todo mundo, inclusive Luce, queria saber o quê. A polícia, o juiz, a assistente social, todos tinham tentado arrancar a verdade dela, mas Luce sabia tanto quanto eles. Ela e Trevor estavam brincando a noite toda, perseguindo um ao outro até a fileira de cabanas do lago, para longe da festa. Ela tinha tentado explicar que tinha sido uma das melhores noites da sua vida, até virar a pior.

Tinha passado tanto tempo relembrando aquela noite, escutando a risada de Trevor, sentindo as mãos dele apertando sua cintura, e tentando acreditar no que seu coração lhe dizia: que realmente era inocente.

Mas agora, cada regra e norma da Sword & Cross parecia desmentir essa certeza, e sugerir que realmente era perigosa e precisava ser controlada.

Luce sentiu um aperto firme em seu ombro.

— Olhe — disse a atendente. — Se vai fazer você se sentir melhor, não está nem perto de ser o pior caso daqui.

Era o primeiro gesto simpático da atendente em relação a Luce, e ela acreditou na intenção dela para que se sentisse melhor. Mas... ela viera pra cá por ser suspeita da morte do cara por quem era apaixonada, e ainda assim "não estava nem perto de ser o pior caso daqui"? Luce se perguntou exatamente com o que estavam lidando na Sword & Cross.

— OK, a orientação acabou — continuou a atendente. — Está por conta própria agora. Aqui está um mapa se precisar encontrar qualquer outra coisa. — Ela deu a Luce um mapa feio e feito à mão, e então

olhou o relógio. — Você tem uma hora livre antes da primeira aula, mas minha novela começa em cinco minutos, então... — ela acenou as mãos para Luce — desapareça. E não esqueça — completou, apontando uma última vez para as câmeras —, os vermelhos estão te vendo.

Antes que Luce pudesse responder, uma garota magra de cabelo escuro apareceu na sua frente, acenando com os dedos compridos na frente do rosto de Luce.

— Uuuuuuh — provocou a garota num tom de história de terror, dançando em círculos em volta de Luce. — Os vermelhos estão te vendooooo.

— Saia daqui, Ariane, antes que eu mande você para a lobotomia — disse a atendente rispidamente, apesar de ter ficado evidente, pelo seu primeiro breve porém genuíno sorriso, que tinha algum tipo de afeição pela garota.

Estava óbvio também que Ariane não retribuía aquele amor. Ela fez o gesto de uma punheta para a atendente, então olhou para Luce, desafiando-a a sentir-se ofendida.

— E, só por isso — disse a atendente, escrevendo furiosamente no seu caderno —, você acaba de receber a tarefa de mostrar a escola para a Little Miss Sunshine aqui.

Ela apontou para Luce, que parecia a antítese da animação com seu jeans preto, botas pretas e blusa preta. Sob o item "Uniforme", o site da Sword & Cross explicava num tom alegre que, desde que os alunos se comportassem bem, tinham a liberdade de se vestir como quisessem, seguindo apenas duas pequenas regras: as roupas deveriam ser discretas, e sempre pretas. Quanta liberdade.

A blusa grande demais, de gola alta e mangas curtas, que a mãe de Luce a tinha forçado a colocar naquela manhã não favorecia em nada as curvas de seu corpo, e até mesmo sua melhor característica não

estava mais lá: o cabelo preto e cheio, que costumava descer até a cintura, tinha sido quase completamente tosado. O fogo da cabana chamuscara seu couro cabeludo e deixara a linha da testa desigual, então, depois do longo e silencioso caminho da Dover até a casa, sua mãe tinha colocado Luce na banheira, pegado o barbeador elétrico do pai e, sem dizer uma palavra, raspado a cabeça da filha. Durante o verão, o cabelo tinha crescido um pouco, o bastante para que as ondas um dia invejáveis agora girassem em cachos estranhos pouco abaixo das orelhas.

Ariane a analisou, batendo com um dedo nos lábios pálidos.

— Perfeito! — exclamou ela, dando um passo à frente e passando o braço pelo de Luce. — Estava mesmo precisando de uma nova criada.

A porta para o saguão se abriu e por ali entrou o garoto de olhos verdes. Ele balançou a cabeça e avisou Luce:

— Este lugar não hesita em revistar você completamente. Então, se estiver escondendo algum outro tipo de ***material perigoso*** — ele ergueu uma sobrancelha e jogou um monte de objetos não identificáveis na caixa —, não se dê ao trabalho.

Atrás de Luce, Ariane riu baixinho. A cabeça do garoto se ergueu e, quando seus olhos registraram quem era, ele abriu a boca e depois a fechou, como se não tivesse certeza de como proceder.

— Ariane — disse sem demonstrar emoção.

— Cam — devolveu ela.

— Você o conhece? — Luce sussurrou, imaginando se nos reformatórios existiam os mesmos tipos de grupinhos de escolas como a Dover.

— Não me lembre disso — respondeu Ariane, arrastando Luce pela porta até saírem para a manhã cinzenta e úmida.

Os fundos do prédio principal davam numa calçada lascada que contornava um campo desalinhado. A grama tinha crescido tanto que

parecia mais um terreno abandonado do que parte da escola, mas um velho placar e uma pequena montanha de arquibancadas de madeira empilhadas confirmavam o passado do lugar.

Além da área comum havia quatro prédios austeros: o dormitório na extrema esquerda, uma igreja velha, imensa e feia à direita, e duas outras grandes estruturas entre essas, que Luce imaginou serem onde eram ministradas as aulas.

E era só isso. Seu mundo todo tinha sido reduzido ao triste cenário que contemplava.

Ariane imediatamente saiu da calçada e levou Luce para o gramado, fazendo-a se sentar sobre um dos bancos de madeira ensopados.

A paisagem correspondente na Dover deixava óbvio que ali estavam os atletas em treinamento e aspirantes a Ivy League, então Luce sempre evitara passar muito tempo lá. Mas esse campo vazio, com suas traves enferrujadas e empenadas, contava uma história bem diferente. Uma história que Luce não conseguia entender facilmente. Três abutres voaram por cima delas, e um vento sombrio chicoteou os galhos nus dos carvalhos. Luce abaixou o queixo até enfiá-lo dentro da gola alta da blusa.

— Entãoooo — começou Ariane. — Já conheceu Randy.

— Achei que o nome dele era Cam.

— Não estamos falando ***dele*** — interrompeu Ariane rapidamente. — Estou falando do ser não identificado lá dentro. —Ariane indicou com a cabeça a sala onde deixaram a atendente assistindo TV. — O que você acha, homem ou mulher?

— Hum, mulher? — respondeu Luce hesitantemente. — Isso é um teste?

Ariane abriu um sorriso.

— O primeiro de muitos. E você passou, pelo menos eu acho. O sexo da maioria dos funcionários daqui é um debate infinito que

atravessa a escola. Não se preocupe, vai acabar gostando da brincadeira.

Luce achou que Ariane estava brincando — se fosse mesmo o caso, legal. Mas isso tudo era tão diferente de Dover. Na antiga escola, os futuros senadores, engomadinhos com suas gravatas verdes, praticamente deslizavam pelos corredores numa calma de boas maneiras típica de gente rica, que parecia cobrir tudo e todos.

Muitas vezes, os outros alunos da Dover lançavam a Luce um olhar superior que dizia não-suje-as-paredes-brancas-com-***seus***-dedos. Ela tentou imaginar Ariane lá: descansando nas arquibancadas, contando uma piada suja com sua voz alta e sarcástica. Luce tentou imaginar o que Callie acharia de Ariane. Não havia ninguém como ela na Dover.

— OK, desembucha — exigiu Ariane. Sentando-se na parte mais alta da arquibancada e acenando para que Luce se juntasse a ela, continuou. — O que você fez pra vir parar aqui?

O tom de voz de Ariane era brincalhão, mas subitamente Luce precisou se sentar. Era ridículo, mas meio que esperava passar pelo primeiro dia de aulas sem que o passado se esgueirasse e interferisse em sua aparente tranquilidade. É óbvio que as pessoas ali iam querer saber.

Ela podia sentir o sangue pulsando em suas têmporas. Isso acontecia sempre que tentava se lembrar — realmente se lembrar — daquela noite. Nunca tinha parado de sentir culpa pelo que acontecera com Trevor, mas também tentava não se prender às sombras, que agora eram as únicas coisas que conseguia lembrar do acidente. Aquelas coisas escuras e disformes sobre as quais nunca poderia contar para ninguém.

Pensando bem — ela ***começara*** a contar para Trevor sobre a presença estranha que tinha sentido aquela noite, sobre as sombras retorcidas acima de suas cabeças, ameaçando destruir a noite perfeita

dos dois. Obviamente, já era tarde demais. Trevor se fora, seu corpo queimado e irreconhecível, e Luce era... era ela... a culpada?

Ninguém sabia sobre as formas sombrias que às vezes via na escuridão. Elas sempre a visitaram. Iam e vinham há tanto tempo que Luce não conseguia nem se lembrar da primeira vez em que as viu. Mas lembrava da primeira vez que percebeu que as sombras não apareciam para todo mundo — ou melhor, para ***ninguém*** a não ser ela. Quando tinha 7 anos, sua família estava de férias e ela e os pais tinham ido passear de barco. Era quase pôr do sol quando as sombras começaram a rodopiar acima da linha da água, o que a fez se virar para o pai e perguntar, "O que você faz quando elas chegam, papai? Por que não tem medo dos monstros?"

Não existiam monstros, seus pais garantiram, mas a insistência de Luce sobre a presença de ***alguma coisa*** trêmula e sombria tinha custado a ela várias consultas com um oftalmologista, depois óculos de grau e, em seguida, consultas com um otorrino, quando Luce cometeu o erro de descrever o rouco som de sopro que as sombras às vezes emitiam — e então terapia, e mais terapia, e finalmente receitas para remédios antipsicóticos.

Mas nada nunca fez com que as sombras sumissem.

Quando tinha 14 anos, Luce se recusou a tomar os remédios. Foi quando ela conheceu o Dr. Sanford, e Dover perto dele. A família voou para New Hampshire, e seu pai dirigiu o carro alugado por uma longa estrada curva até uma mansão no alto de uma colina chamada Shady Hollows. Obrigaram Luce a ficar em frente a um homem de jaleco e perguntaram se ela ainda tinha "visões". De mãos dadas com os pais, ela podia sentir que suavam, as sobrancelhas franzidas com o medo de que houvesse alguma coisa terrivelmente errada com a filha.

Ninguém veio falar que, se não dissesse ao Dr. Sanford tudo o que queriam que dissesse, talvez tivesse que visitar Shady Hollows muitas

vezes mais. Quando resolveu mentir e agir normalmente, conseguiu entrar na Dover, e só precisava se consultar com o Dr. Sanford duas vezes por mês.

Luce teve permissão de parar com aqueles remédios horríveis à medida que começou a fingir que não via mais as sombras, mas ainda não conseguia controlar quando elas apareciam. Tudo que sabia era que os lugares que se lembrava de ter visto as sombras no passado — florestas densas, águas escuras — tornaram-se lugares que Luce evitava a qualquer custo. Tudo que sabia é que, quando as sombras chegavam, eram geralmente acompanhadas por um arrepio frio por baixo da pele, uma sensação de enjoo diferente de tudo.

Ela se balançou para a frente e para trás num dos bancos e pressionou as têmporas com os polegares e dedos médios. Se quisesse sobreviver a esse primeiro dia, tinha que enterrar seu passado no canto mais profundo de sua mente. Ela não aguentava sondar as lembranças daquela noite quando estava sozinha; de jeito nenhum conseguiria contar todos os detalhes sórdidos para uma desconhecida toda esquisitona.

Em vez de responder, Luce observou Ariane, que estava deitada no banco, com uns enormes óculos escuros que cobriam grande parte de seu rosto. Era difícil dizer, mas ela devia estar observando Luce também, porque depois de um segundo ela levantou num pulo da arquibancada e sorriu.

— Corta meu cabelo igual ao seu — disse.

— O quê? — Luce arfou. — Seu cabelo é lindo.

Era verdade: Ariane tinha os cabelos longos e pesados como os que Luce sentia falta desesperadamente. Suas ondas, apesar de ainda não estar longo o suficiente, largas e pretas brilhavam sob o sol, com leves reflexos vermelhos. Luce colocou o cabelo atrás das orelhas, então ele simplesmente pulava de volta para o lugar.

— Lindo e chato — respondeu Ariane. — O seu é sexy, moderno. E eu quero.

— Ah, hum, tudo bem — disse Luce. Aquilo era um elogio? Ela não sabia se devia se sentir lisonjeada ou nervosa pelo jeito que Ariane achava que podia ter tudo que queria, mesmo se pertencesse à outra pessoa. — Onde vamos arranjar...

— Tchan-tchan! — Ariane procurou em sua bolsa e tirou o canivete suíço rosa que Gabbe jogara na caixa de Materiais Perigosos. — Qual o problema? — ela perguntou, vendo a reação de Luce. — Sempre deixo minhas mãos leves trabalharem no dia que os alunos novos chegam. Só pensar nisso me faz suportar os dias difíceis no internat... er... acampamento de verão Sword & Cross.

— Você passou o verão todo... aqui? — Luce estremeceu.

— Rá! Falando como uma verdadeira novata. Você provavelmente está esperando férias na primavera também. — Ela passou o canivete para Luce. — Não temos permissão pra sair desse inferno. Nunca. Agora corta.

— E os vermelhos? — Luce perguntou, olhando em volta com a lâmina na mão. Com certeza havia câmeras em algum lugar.

Ariane balançou a cabeça.

— Me recuso a conviver com medrosos. Vai encarar ou não?

Luce assentiu.

— E ***não*** diga que nunca cortou cabelo antes. — Ariane pegou o canivete suíço de volta, puxou a tesourinha, e devolveu. — Sem mais uma palavra até a hora de me dizer como fiquei incrível.

Dentro da banheira de seus pais, a mãe de Luce tinha prendido o restante de seu cabelo comprido num rabo de cavalo desgrenhado antes de cortar tudo de uma vez. Luce tinha certeza de que deveria existir alguma maneira mais estratégica de se cortar cabelo mas, como sempre evitou cabeleireiros e tesouras, decepar o rabo de cavalo era

tudo que ela sabia fazer. Luce segurou o cabelo de Ariane nas mãos, prendeu-o com um elástico que estava em seu pulso, segurou a tesoura com firmeza e começou a cortar.

O rabo de cavalo caiu a seus pés, fazendo Ariane engasgar e olhar para trás. Ela o pegou e segurou os restos de seu cabelo contra o sol. O coração de Luce se apertou com aquela cena. Ainda sofria pela perda de seu próprio cabelo, e todas as outras perdas que aquela simbolizava. Mas Ariane apenas deu um pequeno sorriso. Ela passou os dedos pelo rabo de cavalo uma vez, e então o jogou dentro da bolsa.

— Legal — disse. — Pode continuar.

— Ariane — Luce sussurrou antes mesmo de conseguir se conter —, seu pescoço. Está todo...

— Marcado? — Ariane completou. — Pode dizer.

A pele do pescoço de Ariane, da parte de trás da orelha esquerda até a clavícula, estava retalhada por cicatrizes marmorizadas e brilhantes. A mente de Luce se voltou para Trevor, para aquelas fotos horríveis. Nem seus pais conseguiram olhar para ela depois de verem aquilo. Estava difícil de olhar para Ariane agora.

Ariane segurou a mão de Luce e a apertou contra a pele do pescoço. Era quente e fria ao mesmo tempo, macia e áspera.

— Não tenho medo delas — disse Ariane. — E você?

— Não — disse Luce, apesar de desejar que Ariane tirasse a mão, para que Luce pudesse tirar a dela também. Seu estômago se revirou quando imaginou se era assim que a pele de Trevor tinha ficado ao toque.

— Você tem medo de quem realmente é, Luce?

— Não — Luce repetiu rapidamente. Devia ser tão óbvio que estava mentindo. Ela fechou os olhos. Tudo que queria era que a Sword & Cross fosse um recomeço, um lugar onde as pessoas não olhassem para ela do jeito que Ariane estava olhando agora. Nos

portões da escola aquela manhã, quando seu pai sussurrou o lema da família Price em seu ouvido — "Os Price nunca desistem" —, isso parecera ser possível, mas Luce já estava se sentindo tão cansada e exposta. Ela tirou a mão. — Então, como aconteceu? — perguntou, olhando para baixo.

— Lembra como não pressionei você quando ficou muda em vez de responder o que aprontou para vir pra cá? — perguntou Ariane, erguendo as sobrancelhas.

Luce assentiu.

Ariane indicou a tesoura.

— Deixa certinho aí atrás, tá bem? Quero ficar bem bonita. Quero ficar parecida com você.

Mesmo se tivesse exatamente o mesmo corte de cabelo, Ariane ainda pareceria apenas uma versão bastante mal nutrida da outra garota. Enquanto Luce tentava igualar o primeiro corte de cabelo que já fizera na vida, Ariane explicou as complexidades da vida na Sword & Cross.

— Aquele conjunto de celas ali é Augustine. É onde temos os chamados Eventos Sociais nas noites de quarta. E todas as aulas — explicou, apontando para um prédio da cor de dentes amarelados, dois prédios à direita do dormitório. Parecia ter sido desenhado pelo mesmo sádico que projetou o Pauline. Era um quadrado triste, uma fortaleza triste, protegida pelos mesmos arames farpados e barras nas janelas. Uma bruma cinzenta e sobrenatural escondia as paredes como musgo, tornando impossível ver se tinha alguém por lá. — Um aviso útil — continuou Ariane. — Vai odiar as aulas aqui. Não seria humana se não odiasse.

— Por quê? O que tem de tão ruim nelas? — Luce perguntou. Talvez Ariane apenas não gostasse de escolas em geral. Com suas unhas pintadas de preto, lápis de olho preto, e a bolsa preta que parecia

grande o bastante para guardar apenas seu novo canivete suíço, ela não parecia exatamente estudiosa.

— As aulas aqui não têm alma — respondeu Ariane. — Pior ainda, elas sugam a sua. Dos oitenta alunos desse lugar, eu diria que só sobraram umas três almas. — Ela levantou os olhos. — Ainda intactas, pelo menos...

Isso não parecia muito promissor, mas Luce estava pensando em outra parte da resposta de Ariane.

— Espera, só tem oitenta alunos nessa escola inteira? — No verão antes de ir pra Dover, Luce tinha estudado intensamente o extenso guia para Novos Alunos, memorizando todas as estatísticas. Mas tudo que ela descobrira até agora sobre a Sword & Cross a tinha surpreendido, fazendo-a perceber que viera para a escola completamente despreparada.

Ariane assentiu, fazendo Luce acidentalmente cortar um pedaço de cabelo que queria deixar. Ops. Talvez Ariane não notasse — ou talvez fosse apenas achar moderno.

— Oito turmas, com dez alunos em cada. Você acaba conhecendo todo mundo bem depressinha — disse Ariane. — E vice-versa.

— Entendi — concordou Luce, mordendo o lábio inferior. Ariane estava brincando, mas Luce se perguntou se estaria sentada ali, com aquele sorrisinho tranquilo em seus olhos azul-claros, se soubesse exatamente a história de Luce. Quanto mais tempo conseguisse manter seu passado encoberto, melhor para ela.

— E é melhor ficar longe dos casos perdidos.

— Casos perdidos?

— Os alunos que usam pulseiras com dispositivo de localização — explicou Ariane. — Cerca de um terço dos estudantes.

— E eles são quem...

— Eles são pessoas com quem não vai querer mexer. Acredite em mim.

— Bem, o que foi que eles fizeram?

Por mais que Luce quisesse manter sua própria história em segredo, não estava gostando de Ariane estar tratando-a como uma ingênua. O que quer que os outros tenham feito, não podia ser muito pior do que o que todo mundo dizia que Luce tinha feito. Ou podia? Afinal, ela não sabia quase nada sobre aquelas pessoas, nem sobre o lugar. O futuro despertava um frio no fundo de seu estômago, um medo.

— Ah, você sabe. — Ariane arrastou a voz. — Apoiaram e foram cúmplices de atos terroristas. Esquartejaram seus pais e os assaram num palito. — Ela se virou para piscar para Luce.

— Cale a boca — respondeu Luce.

— Estou falando sério. Esses psicopatas estão sob restrições muito piores que o resto dos ferrados daqui. Chamamos esse pessoal de ***os algemados***.

Luce riu com o tom de voz dramático de Ariane.

— Seu corte de cabelo está pronto — anunciou, passando as mãos pelo cabelo de Ariane para afofá-lo um pouco. Na verdade, estava bem legal.

— Maneiro — exclamou Ariane. Ela se virou para olhar para Luce. Quando passou seus dedos pelo cabelo, as mangas de seu suéter preto se enrolaram e Luce viu de relance uma pulseira preta, cheia de tachas prateadas e, no outro pulso, uma pulseira que parecia mais... mecânica. Ariane viu a direção de seu olhar e ergueu as sobrancelhas maliciosamente.

— Eu disse... Totalmente psicopatas. — Ela sorriu. — Vamos lá, vamos terminar o tour.

Luce não tinha muita escolha. Desceu das arquibancadas atrás de Ariane, se curvando quando um dos abutres voou perigosamente

baixo. Ariane, que pareceu não perceber, apontou uma igreja coberta por líquen à direita da área coletiva.

— Por aqui, vai encontrar nosso magnífico ginásio — apresentou, usando um tom de voz anasalado de guia turística. — Sim, sim, para um olho desacostumado parece uma igreja. Costumava ser. Estamos num inferno de arquitetura de segunda mão aqui na Sword & Cross. Alguns anos atrás, um psiquiatra obcecado por exercícios apareceu discursando sobre adolescentes hipermedicados estarem arruinando a sociedade. Ele doou uma tonelada de dinheiro para transformarem a igreja numa academia. Agora, os poderes que nos governam acham que podemos lidar com nossas "frustrações" de uma maneira "mais natural e produtiva".

Luce grunhiu. Sempre odiou as aulas de educação física.

— Você é das minhas — Ariane simpatizou. — O treinador Dante é do mal.

Enquanto Luce tentava alcançá-la, absorveu o resto do espaço. Os terrenos da Dover tinham sido tão bem arrumados, limpos e pontilhados de árvores cuidadosamente podadas e dispostas em intervalos regulares. A Sword & Cross parecia ter sido jogada ali e abandonada no meio de um pântano. Salgueiros gotejantes se inclinavam para o chão, plantas cresciam pelas paredes aos montes e, a cada três passos que elas davam, ouviam esguichos do chão.

E não era só a aparência do lugar. Cada vez que inspirava, o ar úmido ficava preso nos pulmões de Luce. Só de respirar na Sword & Cross, ela se sentia afundando em areia movediça.

— Aparentemente os arquitetos ficaram divididos sobre como recriar o estilo das velhas academias militares. O resultado é que acabamos com uma escola metade penitenciária, metade câmara de tortura medieval. E sem jardineiro — disse Ariane, chutando o lodo de seus coturnos. — Que nojo. Ah, e ali é o cemitério.

Luce seguiu o dedo de Ariane, que apontava para a esquerda, passando pelo dormitório. Uma camada ainda mais grossa de neblina cobria o espaço de terra cercado de muros. Estava cercado de três lados por uma floresta densa de carvalhos. Não era possível ver o que havia dentro do cemitério, que parecia quase estar afundando no chão, mas se podia sentir o cheiro podre e o coro de cigarras cantando nas árvores. Por um momento, ela pensou ter visto o açoite escuro das sombras, mas, quando piscou, elas sumiram.

— Aquilo é um ***cemitério***?

— É. Aqui era uma academia militar, há muito tempo, na época da Guerra Civil. Então era ali que enterravam todos os mortos. É arrepiante. E por ***Deus*** — disse Ariane, fingindo um sotaque sulista —, fede até ***os céus***. — Então piscou para Luce. — A gente passa o tempo por aqui.

Luce observou Ariane para ver se ela estava brincando. Ariane apenas deu de ombros.

— OK, isso foi só uma vez. E foi depois de uma gigantesca farmapalooza.

Agora, aí estava uma palavra que Luce reconhecia.

— Ahá! — Ariane riu. — Vi uma luzinha se acendendo aí. Então afinal alguém ***está*** em casa. Bem, Luce, minha cara, você pode ter ido a festas de colégios particulares, mas nunca viu uma festinha como as que os alunos de reformatórios fazem.

— Qual é a diferença? — perguntou Luce, tentando esconder o fato de que, na verdade, nunca tinha ido numa festa grande da Dover.

— Vai ver. — Ariane parou e se virou para Luce. — Venha hoje à noite e ficaremos juntas, tá bom? — Ela surpreendeu Luce ao pegar a sua mão. — Promete?

— Mas achei que você tinha dito para eu ficar longe dos casos perdidos — Luce brincou.

— Regra número dois: não acredite em nada do que eu falo! — Ariane riu, sacudindo a cabeça. — Não sou nada confiável.

Ela começou a correr de novo e Luce a seguiu.

— Espere, qual é a regra número um mesmo?

— Não fique para trás!



Quando viraram a esquina dos blocos de concreto onde ficavam as salas de aula, Ariane parou subitamente.

— Finja indiferença — avisou.

— Indiferença — repetiu Luce.

Todos os outros alunos pareciam estar amontoados em volta das árvores estranguladas por trepadeiras do lado de fora de Augustine. Ninguém parecia exatamente feliz por estar do lado de fora, mas nenhum deles parecia disposto a entrar também.

Dover não tinha regras muito rígidas em relação a roupas, então Luce não estava acostumada à uniformidade que algo assim podia dar a um grupo de alunos. Ainda assim, apesar de todos estarem usando jeans preto, blusa preta de gola alta e moletom preto amarrado em volta dos ombros ou da cintura, ainda havia diferenças significativas na maneira com que cada um usava essas peças.

Algumas garotas tatuadas estavam paradas, de braços cruzados, pulseiras até os cotovelos, em círculo. As bandanas pretas em suas cabeças faziam Luce se lembrar de um filme que tinha visto sobre uma gangue de garotas motociclistas. Ela alugara porque pensou: ***O que pode ser mais maneiro do que uma gangue de motociclistas só de garotas?*** Agora o olhar de Luce encontrou o de uma dessas garotas através do gramado. O olhar de esguelha, naquelas pálpebras

excessivamente delineadas de preto, fez Luce rapidamente desviar os olhos.

Um garoto e uma garota que estavam de mãos dadas tinham bordado paetês no formato de caveiras e ossos nas costas de seus moletons pretos. A cada poucos segundos, um dos dois puxava o outro para um beijo na testa, na orelha, no olho. Quando se abraçaram, Luce viu que ambos usavam a pulseira de rastreamento. Eles pareciam meio grosseiros, mas era óbvio que estavam muito apaixonados. Toda vez que via seus piercings da língua rebrilhando, Luce sentia um aperto solitário dentro do peito.

Atrás dos namorados, um grupo de meninos loiros estava encostado no muro. Todos usavam os suéteres, apesar do calor. E todos usavam camisas brancas de botão por baixo, com o colarinho levantado. Suas calças pretas alcançavam o topo de seus sapatos perfeitamente polidos. De todos os estudantes dali, esses garotos eram os que mais lembraram Luce dos garotos da Dover. Mas, olhando com mais atenção, rapidamente eles se diferenciavam dos garotos que ela conhecera. Garotos como Trevor.

Mesmo parados com seu grupo, esses garotos irradiavam um tipo específico de dureza. Estava bem ali, dentro de seus olhos. Era difícil de explicar, mas subitamente Luce se deu conta de que, assim como ela, todo mundo na escola tinha um passado. Todos provavelmente escondiam coisas que não queriam dividir. Mas ela não conseguiu concluir se isso a fazia se sentir mais ou menos isolada.

Ariane notou Luce observando o restante dos alunos.

— Todos fazemos o possível para passar os dias por aqui — disse ela, dando de ombros. — Mas, caso não tenha notado os abutres voando baixo, esse lugar basicamente tem cheiro de morte. — Ela se sentou num banco sob um salgueiro-chorão e indicou com um tapinha o lugar ao seu lado para Luce se sentar.

A garota limpou uma pilha de folhas caídas e molhadas mas, logo antes de sentar, notou outra violação das regras de vestuário.

Uma violação de regras de vestuário muito atraente.

Ele usava um cachecol muito vermelho em volta do pescoço. O clima não estava nem um pouco frio, mas o garoto usava uma jaqueta de motoqueiro de couro preto por cima do suéter preto também. Talvez por ser o único ponto de cor no grupo, Luce não conseguia tirar os olhos dele. Na verdade, tudo o mais em volta empalideceu de tal forma que, por um longo momento, Luce se esqueceu de onde estava.

Ela analisou seu cabelo dourado e a pele queimada de sol. As maçãs do rosto altas, os óculos escuros que cobriam os olhos, o formato delicado de seus lábios. Em todos os filmes que Luce já vira, em todos os livros que lera, o interesse amoroso era sempre incrivelmente bonito — exceto por algum pequeno defeito. Um dente lascado, um redemoinho charmoso, um sinal de nascença em sua bochecha esquerda. Ela sabia por que isso acontecia — se o herói fosse perfeito ***demais***, talvez se tornasse inacessível. Mas, acessível ou não, Luce sempre tivera uma queda pelos sublimemente estonteantes. Como esse cara.

Ele estava encostado no prédio com os braços cruzados de leve sobre o peito. E, por uma fração de segundo, Luce se viu aconchegada naqueles braços. Balançou a cabeça para afastar a imagem, mas a visão continuava tão vívida que quase fez com que ela disparasse em direção a ele.

Não. Isso não era possível. Certo? Mesmo numa escola cheia de gente estranha, Luce tinha certeza absoluta de que esse instinto era absurdo. Ela nem ***conhecia*** o cara.

Ele estava falando com um garoto mais baixo, que tinha dreadlocks e dentes saltados. Os dois riam muito e com vontade, de um jeito que

deixou Luce estranhamente invejosa. Ela tentou se concentrar e lembrar há quanto tempo não ria, ria de verdade, como eles.

— Aquele é Daniel Grigori — explicou Ariane, se inclinando e lendo seus pensamentos. — Posso ver que chamou a atenção de ***alguém***.

— Não me diga — concordou Luce, envergonhada ao perceber como devia estar parecendo para Ariane.

— É, bem, se você gosta desse tipo de cara.

— O que há ali para não se gostar? — perguntou Luce, incapaz de impedir aquelas palavras de saltarem de sua boca.

— O amigo dele se chama Roland — disse Ariane, indicando com a cabeça o menino de dreads. — Ele é legal. O tipo de cara que consegue as coisas, entende?

Na verdade não, pensou Luce, mordendo o lábio.

— Que tipo de coisas?

Ariane deu de ombros, usando o canivete roubado para cortar um fio solto de um rasgo em seu jeans preto.

— Coisas, só isso. Do tipo, peça-e-há-de-conseguir.

— E Daniel? — Luce perguntou. — Qual é a história dele?

— Ah, ela não desiste mesmo. — Ariane riu, e então limpou a garganta. — Ninguém sabe de verdade — disse. — Ele não abre mão dessa ideia de ser o homem misterioso. Pode ser apenas o típico babaca de reformatório.

— Babacas não são novidade para mim — disse Luce, embora, no segundo que falou essas palavras, tenha desejado poder voltar atrás. Depois do que acontecera com Trevor — o que quer que ***tenha*** acontecido —, ela era a última pessoa que devia julgar os outros. Mas, mais do que isso, nas raras vezes em que se referia, mesmo que minimamente, àquela noite, o estranho toldo preto de sombras descia sobre ela, quase como se estivesse de volta no lago.

Luce olhou mais uma vez para Daniel. Ele tirou os óculos e os guardou dentro da jaqueta, e então se virou para olhar na direção dela.

Seus olhares se encontraram, e Luce viu quando os olhos dele se arregalaram e depois rapidamente se estreitaram com o que parecia ser surpresa. Mas não, era mais do que isso. Quando os olhos de Daniel encontraram os seus, Luce prendeu a respiração. Ela o reconhecia de algum lugar.

Mas com certeza se lembraria de conhecer alguém como ele. Teria se lembrado de se sentir completamente abalada como se sentia agora.

Ela percebeu que ainda estavam se encarando quando Daniel sorriu. Uma onda de calor se espalhou pelo seu corpo, e ela precisou se segurar no banco para não cambalear. Ela sentiu seus lábios se curvando para sorrir de volta para ele, mas então Daniel ergueu uma das mãos.

E levantou o dedo médio para ela.

Luce levou um susto e abaixou os olhos.

— O quê? — Ariane perguntou, alheia ao que tinha acabado de acontecer. — Não importa. Não temos tempo. Sinto que o sinal vai tocar.

Como se esperando essa deixa, o sinal tocou imediatamente depois, e todos os estudantes caminharam devagar em direção à entrada do prédio, esbarrando uns nos outros. Ariane estava puxando a mão de Luce e tagarelando sobre quando e onde encontrá-la em seguida. Mas Luce ainda estava surpresa por um estranho completo ter mostrado o dedo a ela. Seu delírio momentâneo em relação a Daniel tinha desaparecido, e agora a única coisa que queria saber era: qual é o problema desse cara?

Segundos antes de entrar em sua primeira aula, ela ousou olhar para trás. O rosto de Daniel estava inexpressivo, mas não havia dúvidas: ele a estava observando partir.

DOIS



FEITA PRA FICAR PRESA

Luce recebera um pedaço de papel impresso com seus horários, e tinha um caderno pela metade com o que anotara das aulas de História Europeia Avançada na Dover no ano anterior, dois lápis, sua borracha favorita e uma súbita e péssima sensação de que Ariane talvez estivesse certa sobre as aulas na Sword & Cross.

O professor ainda precisava se materializar, as mesas bambas estavam arrumadas em fileiras desorganizadas, e o armário de materiais estava bloqueado por montes de caixas empoeiradas empilhadas.

Pior ainda, nenhum dos outros alunos parecia notar a desorganização. Na verdade, nenhum dos outros adolescentes parecia notar que estavam numa sala de aula. Estavam todos amontoados perto das janelas, dando uma última tragada num cigarro aqui, ajeitando os alfinetes de segurança extragrandes em suas camisetas ali. Apenas Todd estava de fato sentado numa carteira, gravando na superfície alguma coisa complexa à caneta. Mas os outros alunos novos já pareciam ter encontrado seus lugares entre a massa. Cam estava com os garotos que pareciam os arrumadinhos da Dover, agrupados a sua volta. O grupo devia ter feito amizade na primeira vez que ele esteve

na Sword & Cross. Gabbe estava cumprimentando a garota de piercing na língua que estivera se agarrando lá fora com o garoto também de piercing na língua. Luce se sentiu estupidamente invejosa por não ter coragem suficiente para mais nada além de se sentar perto do inofensivo Todd.

Ariane pulava de grupo em grupo, sussurrando coisas que Luce não conseguia entender, como algum tipo de princesa gótica. Quando passou por Cam, ele despenteou seu cabelo recém-cortado.

— Vassoura legal, Ariane. — Ele deu um sorrisinho, puxando uma mecha na parte de trás do pescoço dela. — Dê meus parabéns ao seu cabeleireiro.

Ariane o empurrou.

— Não encoste em mim, Cam. O que significa: vai sonhando. — Ela indicou Luce com um aceno de cabeça. — E você pode dar seus parabéns ao meu novo bichinho de estimação, bem ali.

Os olhos cor de esmeralda de Cam brilharam ao notar Luce, que imediatamente ficou tensa.

— Acho que vou mesmo — respondeu ele e começou a andar na sua direção.

Ele sorriu para Luce, que estava sentada com os tornozelos cruzados debaixo da cadeira e as mãos dobradas educadamente sobre a carteira grafitada.

— Nós, alunos novos, precisamos nos unir — disse ele. — Sabe do que estou falando?

— Mas achei que já tinha estado aqui antes.

— Não acredite em tudo que Ariane diz. — Ele olhou de volta para Ariane, que estava sentada na janela, olhando-os desconfiada.

— Ah, não, ela não falou nada sobre você. — Luce respondeu rapidamente, tentando lembrar se isso era verdade ou não. Era óbvio que Cam e Ariane não se gostavam, e mesmo que Luce estivesse

agradecida a Ariane por mostrar-lhe a escola naquela manhã, ainda não estava pronta para escolher um lado.

— Eu lembro quando era aluno novo aqui... Da primeira vez. — Ele riu da própria piada. — Minha banda tinha acabado de se separar e eu estava perdido. Não conhecia ninguém. Seria bom ter tido alguém sem — ele olhou para Ariane — segundas intenções para me mostrar como tudo funcionava.

— O quê? Você não tem segundas intenções, então? — Luce disse, surpresa ao notar um tom de flerte em sua voz.

Um sorriso relaxado se abriu no rosto de Cam. Ele ergueu uma sobrancelha para ela e comentou:

— E pensar que eu não queria voltar pra cá.

Luce corou. Ela normalmente não se envolvia com roqueiros, mas, pensando bem, nenhum deles chegou a aproximar sua carteira da dela ou se sentara ao seu lado para depois encará-la com olhos tão verdes. Cam enfiou a mão no bolso e tirou uma palheta verde com o número 44 impresso.

— Esse é o número do meu quarto. Passa lá qualquer hora.

A cor da palheta não era muito diferente da cor dos olhos de Cam, e Luce se perguntou como e quando ele mandou fazer aquela coisa, mas, antes que ela pudesse responder — e sabe-se lá ***o quê*** ela teria respondido —, Ariane beliscou com força o ombro de Cam.

— Desculpe, mas não fui clara o bastante? Eu escolhi essa primeiro.

Cam bufou e olhou diretamente para Luce quando respondeu:

— Sabe, eu achei que ainda existia uma coisa chamada livre-arbítrio. Talvez seu ***bichinho*** saiba escolher seu próprio caminho.

Luce abriu a boca para alegar que obviamente escolheria seu caminho, que era só o primeiro dia e que ainda estava entendendo como as coisas funcionavam. Mas, até conseguir organizar as palavras

em sua cabeça, o sinal tocou e a pequena reunião em volta da mesa de Luce se dispersou.

Os outros alunos sentaram-se nas carteiras em volta dela, e logo nem estava tão óbvio que Luce estivera sentada em seu lugar empertigada e atenta, de olho na porta. Esperando que Daniel aparecesse.

Pelo canto dos olhos, podia sentir Cam olhando-a furtivamente. Luce se sentiu lisonjeada, nervosa e frustrada consigo mesma. Daniel? Cam? Ela estava nessa escola há o quê, 45 minutos? E sua cabeça já estava fazendo malabarismos entre dois garotos diferentes. O motivo de ela estar nesse lugar era exatamente porque, da última vez que esteve interessada num cara, as coisas tinham acabado mal, terrivelmente erradas. Ela ***não*** devia se permitir ficar toda apaixonadinha (duas vezes!) já no primeiro dia de aula.

Luce olhou para Cam, que piscou mais uma vez para ela e então tirou uma mecha de cabelo escuro dos olhos. Tirando a beleza estonteante — como se não pensasse nisso —, ele realmente parecia alguém que valia a pena conhecer. Como Luce, ainda estava se ajustando ao lugar, embora estivesse evidente que ele estivera na Sword & Cross algumas vezes. E ele estava sendo legal com ela. Luce pensou na palheta verde com o número do quarto, esperando que Cam não saísse distribuindo aquilo à toa. Eles poderiam ser... amigos. Talvez fosse disso que precisasse. Talvez assim parasse de se sentir tão nitidamente deslocada na Sword & Cross.

Talvez assim pudesse perdoar o fato de que a única janela na sala de aula fosse do tamanho de um envelope, estivesse coberta por limo e tivesse vista para um imenso mausoléu num cemitério.

Talvez assim conseguisse esquecer o cheiro de peróxido que vinha da punk oxigenada sentada na sua frente, irritando seu nariz.

Talvez assim ela fosse capaz de prestar atenção de verdade no professor sério, de bigode, que entrou marchando na sala, mandou que a turma ficasse ***quieta e sentada***, e bateu a porta com força.

Uma pequena pontada de decepção apertou seu coração, e demorou um momento para entender de onde aquilo tinha vindo. Até o professor fechar a porta, Luce estava se agarrando a uma ponta de esperança de que Daniel também estivesse na sua primeira aula.

Qual seria a aula do próximo tempo, francês? Ela olhou na sua grade de horários para ver em que sala ficava. Nesse momento, um avião de papel derrapou por cima da folha, caiu da mesa e parou no chão ao lado da mochila. Ela olhou para verificar se alguém tinha percebido, mas o professor estava ocupado gastando um pedaço de giz ao escrever alguma coisa no quadro.

Luce olhou nervosamente para a esquerda. Quando seu olhar cruzou com o dele, Cam deu outra piscadela e um aceno galante que fez com que todo o seu corpo ficasse tenso. Mas ele não parecia ter visto ou ter sido quem jogou o avião de papel.

— Pssssiu — sussurrou alguém atrás dele. Era Ariane, que acenou com o queixo para que Luce apanhasse o avião. Ela se abaixou para alcançá-lo e viu seu nome escrito em pequenas letras pretas na asa. Seu primeiro bilhetinho!

Já está ansiosa pra sair?
Mau sinal.
Ficamos nesse inferno até a hora do almoço.

Só ***podia*** ser piada. Luce checou mais uma vez a grade de horários e percebeu com horror que as três aulas daquela manhã eram nessa mesma sala 1 — e que todas as três eram com o mesmo Sr. Cole.

Ele tinha se desgrudado do quadro-negro e estava sonolentamente andando ao redor da sala. Não houve apresentação dos alunos novos, e Luce não conseguia decidir se ficava feliz por isso ou não. O Sr. Cole apenas atirou os programas sobre a mesa de cada um dos quatro novos alunos e, quando o maço grampeado caiu na frente de Luce, ela se debruçou ansiosamente para dar uma olhada. ***História Mundial***, dizia. ***Contornando as desgraças da humanidade***. Hummm, História sempre fora sua melhor matéria, mas contornando desgraças?

Uma olhada mais atenta no programa foi o que bastou para perceber que Ariane estava certa em relação a estar num inferno: uma carga impossível de leituras, TESTE escrito em letras grandes e em negrito em cada terceira aula, e um trabalho de trinta páginas sobre — estão falando sério? — um tirano fracassado à sua escolha. Parênteses grossos tinham sido rabiscados com marcador preto em volta dos trabalhos que Luce tinha perdido nas primeiras semanas. Na margem, o Sr. Cole tinha anotado ***Falar comigo para pesquisa de segunda chamada***. Luce estava com medo de descobrir se existia alguma maneira mais eficiente de sugar a alma de alguém.

Pelo menos havia Ariane sentada lá atrás, na fileira ao lado. Luce ficou feliz que já tivessem começado a trocar bilhetes de SOS. Ela e Callie costumavam mandar mensagens de texto escondidas uma pra outra, mas para aguentar esse lugar Luce definitivamente teria que aprender a fazer um avião de papel. Ela arrancou uma folha do caderno e tentou usar o de Ariane como modelo.

Depois de alguns minutos de um desafiador origami, outro avião pousou em sua mesa. Ela olhou novamente para Ariane, que sacudiu a cabeça e lançou-lhe um revirar de olhos que dizia "você tem tanto para aprender".

Luce deu de ombros se desculpando e se virou de volta para abrir o segundo bilhete.

Ah, e até ter confiança na sua mira, é melhor não mandar mensagens sobre Daniel para mim. O cara atrás de você é famoso por interceptar bilhetinhos.

Bom saber. Ela nem tinha visto quando Roland, o amigo de Daniel, se sentou atrás dela. Agora, ela se virou discretamente em sua cadeira até ver de relance seus dreadlocks. Ela ousou dar uma olhada no caderno aberto em cima da mesa dele e leu seu nome completo: Roland Sparks.

— Nada de bilhetinhos — disse o Sr. Cole, muito sério, fazendo com que Luce girasse a cabeça para prestar atenção. — Nada de cópia e nada de olhar o dever dos outros. Não passei pela faculdade para não receber sua completa atenção.

Luce estava assentindo junto com os outros alunos quando um terceiro avião de papel caiu no meio da sua carteira.

Só faltam 172 minutos!

Cento e setenta e três torturantes minutos depois, Ariane estava levando Luce para a lanchonete.

— O que achou? — perguntou.

— Tinha razão — disse Luce, anestesiada, ainda se recuperando de como tinham sido dolorosamente chatas as primeiras três horas de aula. — Por que alguém gostaria de ensinar uma matéria tão deprimente?

— Ah, Cole vai relaxar logo. Ele se finge de sério toda vez que tem aluno novo. De qualquer maneira — disse Ariane, cutucando Luce —, podia ser pior. Podia ter ficado com a Srta. Tross.

Luce verificou mais uma vez seus horários.

— Tenho biologia com ela no período da tarde — comentou, sentindo seu estômago embrulhado.

Enquanto Ariane gargalhava, Luce sentiu uma trombada no ombro. Era Cam, passando por elas no corredor a caminho do almoço. Luce teria levado um tombo se ele não estendesse a mão para equilibrá-la.

— Cuidado aí. — Ele sorriu rapidamente em sua direção, e Luce se perguntou se o encontrão tinha sido proposital. Mas Cam não parecia ser tão imaturo. Luce olhou para Ariane para ver se ela percebera alguma coisa. Ariane ergueu as sobrancelhas, quase convidando Luce a falar ela mesma, mas nenhuma das duas disse nada.

Quando atravessaram a vidraça suja que separava o corredor frio da lanchonete mais fria ainda, Ariane segurou o cotovelo de Luce.

— Evite o filé de frango frito custe o que custar — avisou enquanto seguiam a multidão em meio ao ruído do refeitório. — A pizza é boa, o chilli é passável e, na verdade, o borscht não é nada mau. Gosta de bolo de carne?

— Sou vegetariana — respondeu Luce. Ela estava olhando de mesa para mesa, procurando duas pessoas em particular: Daniel e Cam. Ela se sentiria mais confortável se soubesse onde estavam, para poder almoçar fingindo que não via nenhum dos dois. Mas, até agora, nem sinal...

— Vegetariana, é? — Ariane franziu os lábios. — Seus pais são hippies ou é apenas uma insignificante tentativa de rebelião?

— Hum, nenhum dos dois, eu só não...

— Gosta de carne? — Ariane girou os ombros de Luce noventa graus, para que ela ficasse de frente para Daniel, sentado numa mesa do outro lado do salão. Luce suspirou demoradamente. Lá estava ele. — Agora, isso vale para todos os ***tipos*** de carne? — Ariane cantarolou alto. — Você não gostaria de dar uma bela mordida ***nele***?

Luce segurou Ariane e a arrastou até a fila do almoço. Ariane estava rindo, mas Luce sabia que estava ruborizada, o que ficaria ainda mais evidente sob a luz das lâmpadas fluorescentes.

— Cala a boca, ele com certeza escutou — sussurrou ela.

Uma parte de Luce estava feliz por estar brincando sobre garotos com uma amiga. Presumindo que Ariane fosse sua amiga.

Ela ainda se sentia estranha pelo que tinha acontecido nessa manhã quando viu Daniel. Aquela atração por ele — ela ainda não tinha conseguido entender de onde vinha, e ainda assim ali estava mais uma vez. Ela se forçou a desgrudar os olhos do cabelo loiro dele, da linha suave de seu maxilar. Ela se recusava a ser flagrada encarando-o. E ***não*** queria dar a ele motivo para insultá-la mais uma vez.

— Que seja — zombou Ariane. — Ele está tão concentrado naquele hambúrguer que não escutaria o chamado do próprio Satanás. — Ela indicou Daniel, que realmente parecia intensamente concentrado em mastigar o hambúrguer. Pensando bem, parecia alguém ***fingindo*** estar intensamente concentrado em mastigar um hambúrguer.

Luce olhou para o outro lado da mesa, na direção do amigo de Daniel, Roland. Ele estava olhando diretamente para ela. Quando os dois se encararam, ele ergueu as sobrancelhas de uma maneira que Luce não conseguiu entender, mas que achou meio assustadora ainda assim.

Luce se voltou para Ariane.

— Por que todo mundo nessa escola é tão esquisito?

— Vou considerar que isso não foi uma ofensa pessoal — respondeu Ariane, pegando uma bandeja de plástico para si e entregando outra a Luce. — Vou fingir que não ouvi para explicar-lhe sobre a delicada arte de se escolher um lugar no refeitório. Sabe, você nunca vai querer estar por perto do... Luce, cuidado!

Tudo que Luce fez foi dar um passo para trás, mas imediatamente sentiu duas mãos empurrando seus ombros com força. Soube que ia cair na mesma hora. Ela estendeu as mãos para a frente em busca de equilíbrio, mas tudo que encontrou foi a bandeja cheia de outra pessoa. A coisa toda foi derrubada junto com ela. Luce caiu com estrondo no chão da lanchonete, uma tigela cheia de borscht na cabeça.

Quando havia conseguido limpar as beterrabas molengas dos olhos o suficiente para voltar a enxergar, Luce olhou para cima. Uma menina pequena, mas furiosa, estava em pé na frente dela. A garota tinha cabelo oxigenado e espetado, pelo menos dez piercings no rosto e um olhar mortal. Ela mostrou os dentes para Luce e sibilou:

— Se olhar para você já não tivesse tirado meu apetite, eu obrigaria você a me pagar outro almoço.

Luce gaguejou um pedido de desculpas e tentou se levantar, mas a garota enfiou o salto agulha da bota bem no pé de Luce. A dor subiu pela perna inteira e ela precisou morder o lábio inferior para não reclamar.

— Por que não deixamos para outro dia? — disse a garota.

— Já chega, Molly — disse Ariane, friamente, enquanto se abaixava para ajudar Luce a ficar de pé.

Luce estremeceu. O salto agulha definitivamente ia deixar uma mancha roxa.

Molly se virou para encarar Ariane, e Luce teve a nítida sensação de que não era a primeira vez que aquelas duas se enfrentavam.

— Já fez amizade com a novata, pelo que estou vendo — grunhiu Molly. — Isso é um comportamento muito ruim, A. Você não estava em condicional?

Luce engoliu em seco. Ariane não tinha mencionado nada sobre uma condicional, e não fazia sentido que isso a impedisse de fazer

novos amigos. Mas a palavra foi o bastante para fazer Ariane cerrar os punhos e dar um soco forte e certeiro no olho direito de Molly.

Molly cambaleou para trás, mas foi para Ariane que a atenção de Luce se voltou. Ela começou a ter convulsões, os braços se sacudindo para cima.

Era a pulseira, Luce percebeu horrorizada. Estava mandando algum tipo de choque pelo corpo de Ariane. Inacreditável. Isso era uma punição cruel e estranha, certamente. O estômago de Luce se revirou ao ver o corpo inteiro de sua amiga tremer. Ela estendeu o braço para segurar Ariane bem na hora que a menina desabou no chão.

— Ariane — Luce sussurrou. — Você está bem?

— Sensacional. — Os olhos de Ariane piscaram, abriram, e então se fecharam de novo.

Luce prendeu a respiração. Então um dos olhos de Ariane abriu novamente.

— Assustei você, não foi? Ah, que bonitinho. Não se preocupe, os choques não matam — sussurrou ela. — Só me deixam mais forte. Enfim, valeu a pena para deixar aquela vaca de olho roxo, não é?

— Tudo bem, podem parar. Podem parar — uma voz rouca explodiu atrás delas.

Randy estava parada na porta, com o rosto vermelho e a respiração acelerada. Era meio tarde demais para parar alguma coisa, Luce pensou, mas então viu Molly dando uma guinada na direção delas, os saltos batendo no chão de linóleo. Essa garota não tinha vergonha. Ela ia mesmo bater em Ariane com Randy parada bem ali?

Felizmente, os braços fortes de Randy prenderam seu pulso. Molly começou a chutá-la para se soltar e começou a gritar.

— É melhor alguém começar a explicar — ladrou Randy, segurando Molly até que ela parasse. — Pensando melhor, vocês três

vão se apresentar para a detenção amanhã de manhã. Cemitério. Raiar do dia! — Randy olhou para Molly. — Já ***esfriou*** a cabeça?

Molly assentiu duramente e Randy a soltou. A inspetora se agachou para Ariane, que ainda estava com a cabeça no colo de Luce, os braços cruzados sobre o peito. Primeiro, Luce achou que Ariane estivesse só irritada, como um cachorro nervoso com uma coleira apertada, mas então sentiu um pequeno tremor no corpo de Ariane e percebeu que a garota ainda estava à mercê da pulseira.

— Vamos lá — disse Randy, mais suavemente. — Vamos desligar você.

Ela esticou a mão para Ariane e ajudou a levantar seu corpo pequeno e trêmulo, se virando apenas uma vez, já na porta, para repetir as ordens para Luce e Molly.

— Raiar do dia!

— Mal posso esperar — respondeu Molly docemente, se abaixando para pegar o prato de bolo de carne que tinha caído de sua bandeja.

No segundo seguinte, ela segurava o prato acima da cabeça de Luce, virando-o para baixo e esfregando a comida no cabelo dela logo depois.

— Impagável — comentou Molly, tirando uma minúscula câmera fotográfica prateada do bolso traseiro de seu jeans. — Diga... bolo de carne! — cantarolou, tirando algumas fotos de close. — Essas vão ficar ***ótimas*** no meu blog.

— Belo chapéu — zombou alguém, do outro lado da lanchonete. Então, perturbada, Luce olhou para Daniel, rezando para que de alguma maneira ele tivesse perdido aquela cena toda. Mas não. Ele estava balançando a cabeça, parecendo irritado.

Até aquele momento, Luce achava que tinha uma chance de simplesmente se levantar e sacudir a poeira. Mas, vendo a reação de Daniel... Bem, tinha sido a gota d'água.

Luce ***não ia chorar*** na frente dessas pessoas horríveis. Engoliu as lágrimas, se levantou e saiu correndo. Correu em direção à porta mais próxima, ansiosa para sentir o ar frio contra o rosto.

Em vez disso, assim que saiu, a umidade do setembro sulista a envolveu, asfixiando-a. O céu estava daquela cor impossível de identificar, um marrom acinzentado tão opressivamente homogêneo que tornava difícil até enxergar o sol. Luce diminuiu a velocidade, mas continuou a correr até alcançar o estacionamento, antes de parar completamente.

Ela queria ter encontrado seu velho carro ali, para poder se afundar no tecido esfarrapado dos assentos, ligar o motor e o som no máximo e dar o fora daquele lugar. Mas, parada ali sobre o cimento preto e quente, se deu conta da realidade: estava presa, e um par de gigantescos portões de metal a separava do mundo do lado de fora da Sword & Cross. Além disso, mesmo que ela tivesse uma maneira de escapar... para onde iria?

A sensação de enjoo lhe dizia tudo que era necessário saber. Ela já alcançara o fundo do poço, e as coisas estavam bem ruins.

Era tão deprimente quanto verdadeiro: Sword & Cross era tudo que tinha agora.

Luce colocou o rosto entre as mãos, sabendo que tinha que voltar. Mas, ao levantar a cabeça, o resíduo em suas mãos fez com que se lembrasse de que ainda estava coberta com o bolo de carne de Molly. Argh. Primeira parada: banheiro mais próximo.

Dentro do prédio novamente, Luce entrou no banheiro feminino na mesma hora em que a porta estava se abrindo. Gabbe, que parecia ainda mais loira e perfeita agora que Luce parecia recém-chegada de um mergulho num lixão, se espremeu para passar.

— Opa, licença, querida — disse ela. Sua voz com sotaque sulista era doce, mas o rosto se enrugou quando olhou para Luce. — Ah,

Deus, você está horrível. O que aconteceu?

O que aconteceu? Como se a escola toda já não soubesse. Essa garota provavelmente estava se fazendo de desentendida para Luce ter que reviver toda aquela cena humilhante.

— Espere mais cinco minutos — respondeu Luce, com a voz mais irritada do que pretendia. — Aposto que fofoca se espalha como a peste por aqui.

— Quer minha base emprestada? — Gabbe perguntou, segurando uma bolsa de maquiagem azul-clara. — Você ainda não se olhou, mas vai...

— Obrigada, mas não precisa. — Luce a interrompeu, entrando no banheiro. Sem se olhar no espelho, abriu a torneira, jogou água fria no rosto e, finalmente, desabou. Com as lágrimas correndo, pressionou o recipiente de sabão e tentou usar um pouco do sabonete barato cor-de-rosa para tirar os restos de bolo de carne. Mas ainda havia a questão do cabelo, e suas roupas definitivamente já estiveram mais bonitas e cheirosas. Não que ela precisasse se preocupar em causar uma boa primeira impressão agora.

A porta do banheiro se abriu e Luce se espremeu contra a parede como um animal encurralado. Quando uma estranha entrou, Luce se endureceu e esperou pelo pior.

A garota tinha o corpo meio retangular, o que era acentuado pela quantidade anormal de camadas de roupa. Seu rosto redondo era emoldurado por cachos castanhos, e os óculos roxos se mexeram quando ela fungou. Parecia razoavelmente despretensiosa mas, ainda assim, as aparências enganam. As mãos estavam juntas atrás das costas de um jeito no qual, depois do dia que Luce tivera, simplesmente não podia confiar.

— Sabe, você não deveria estar aqui sem permissão — disse a garota. Seu tom equilibrado parecia sério.

— Eu sei. — O olhar da garota confirmou as suspeitas de Luce de que era simplesmente impossível ter um tempo para relaxar naquele lugar. Ela começou a suspirar, se rendendo. — Eu só...

— Estou brincando. — A garota riu, revirando os olhos e relaxando a postura. — Consegui um pouco de xampu do armário de materiais pra você — continuou, estendendo as mãos para mostrar dois inocentes recipientes de plástico com xampu e condicionador. — Vamos lá — chamou, pegando uma velha cadeira dobrável. — Vamos deixar você limpinha. Senta aqui.

Um riso choroso que Luce nunca fizera antes escapou dos seus lábios. Parecia, concluiu ela, um som aliviado. A garota estava realmente sendo legal com ela — não legal para os padrões de reformatório, mas legal como uma pessoa normal! Sem nenhum motivo aparente! O choque era quase grande demais para Luce suportar.

— Hum, obrigada? — Luce conseguiu dizer, ainda se sentindo um pouco na defensiva.

— Ah, e você provavelmente vai precisar trocar de roupa — disse a garota, olhando para seu suéter preto e tirando-o pela cabeça, revelando outro suéter preto idêntico por baixo do primeiro.

Quando a menina viu a cara de surpresa de Luce, disse:

— O quê? Tenho imunidade baixa. Preciso me proteger bastante.

— Ah, bem, e não tem problema ficar sem esse? — Luce se forçou a perguntar, mesmo que fosse capaz de fazer qualquer coisa naquele momento para se livrar do casaco sujo de carne que estava usando.

— Não esquenta — disse a garota, agitando as mãos. — Tenho mais três por baixo desse. E mais alguns no meu armário. Fique à vontade. Fico triste ao ver uma vegetariana coberta de carne, tenho simpatia pela causa.

Luce se perguntou como essa estranha sabia sobre seus hábitos alimentares mas, mais do que isso, teve que perguntar:

— Hum, por que está sendo tão legal comigo?

A garota riu, suspirou, e então sacudiu a cabeça:

— Nem todo mundo na Sword & Cross é piranha ou playboy.

— Hein? — Luce perguntou, confusa.

— É a imagem deprimente que a cidade tem da escola. Obviamente, não existe nenhum playboy por aqui, mas não vou agredir seus ouvidos com alguns dos apelidos mais explícitos que inventaram.

Luce riu.

— O que quis dizer foi que nem todo mundo aqui é um babaca completo.

— Só a maioria? — Luce perguntou, odiando já soar tão negativa. Mas tinha sido uma manhã muito longa, e ela já havia passado por tanta coisa, e talvez essa garota não fosse julgá-la por ser um pouquinho mal-humorada.

Para sua surpresa, a garota sorriu.

— Exatamente. E eles com certeza estragam a reputação do restante de nós. — Ela estendeu a mão. — Sou Pennyweather Van Syckle-Lockwood. Pode me chamar de Penn.

— Entendi — disse Luce, ainda muito abalada para perceber que anteriormente talvez tivesse vontade de rir do nome da garota. Parecia saído direto das páginas de um romance de Dickens. No entanto, era de se admirar que uma garota com um nome daqueles conseguisse se apresentar sem cair na risada. — Sou Lucinda Price.

— E todo mundo te chama de Luce — disse Penn. — E foi transferida da Dover Prep, em New Hampshire.

— Como sabe disso tudo? — Luce perguntou calmamente.

— Golpe de sorte? — Penn deu de ombros. — Estou brincando, eu li sua ficha, óbvio. É um hobby.

Luce a encarou sem acreditar. Talvez ela tivesse se precipitado com a impressão de que a menina era confiável. Como Penn poderia ter acesso à sua ficha?

Penn regulou a água da torneira. Quando ficou morna, fez com que Luce abaixasse a cabeça até a pia.

— Sabe, o negócio é que — explicou ela — não sou realmente insana. — Ela levantou a cabeça molhada de Luce. — Sem ofensas. — Então a baixou novamente. — Sou a única aluna dessa escola que não foi mandada para cá por um tribunal. E pode parecer que não, mas ser legalmente sã tem as suas vantagens. Por exemplo, também sou a única aluna em que confiam para ser ajudante de escritório. O que é uma burrice da parte deles; afinal, tenho acesso a muitas porcarias confidenciais.

— Mas se você não ***precisa*** estar aqui...

— Quando seu pai é o zelador da escola, eles meio que precisam deixar você estudar de graça. Então... — Penn deixou a frase morrer.

O pai de Penny era o zelador? Pelo estado do lugar, a ideia de que houvesse um zelador nem tinha passado pela cabeça de Luce.

— Sei o que está pensando — disse Penn, ajudando Luce a tirar o resto de molho do cabelo com xampu. — O lugar não é exatamente bem cuidado, não é?

— Imagine — mentiu Luce. Ela estava ansiosa para se dar bem com a garota e queria passar uma vibração de seja-minha-amiga muito mais do que queria que parecesse que ligava realmente para a frequência com que a grama da Sword & Cross era aparada. — É, hum, bem legal.

— Papai morreu há dois anos — disse Penn em voz baixa. — Eles até arranjaram para que o velho e decadente diretor Udell fosse meu

guardião legal, mas, hum, nunca arranjaram um substituto para meu pai.

— Sinto muito — respondeu Luce, também baixando a voz. Então mais alguém ali sabia como era passar por uma grande perda.

— Está tudo bem. — Penn continuou, colocando o condicionador na palma da mão aberta. — Na verdade é uma escola muito boa. Gosto muito daqui.

Agora Luce foi quem levantou a cabeça, espalhando água pelo banheiro.

— Tem certeza de que você é realmente sã? — provocou.

— Estou brincando. Odeio isto aqui. É uma droga.

— Mas não consegue ir embora — completou Luce, inclinando a cabeça com curiosidade.

Penn mordeu os lábios.

— Eu sei que é mórbido mas, mesmo que não estivesse presa a Udell, não poderia. Meu pai está aqui. — Apesar de invisível de onde estavam, ela indicou a direção do cemitério com um gesto. — Ele é tudo que tenho.

— Acho que você tem mais do que isso nessa escola — comentou Luce, pensando em Ariane. Ela se lembrou do jeito que Ariane segurara sua mão mais cedo, o olhar ansioso em seus olhos azuis ao fazer Luce prometer que passaria em seu quarto naquela noite.

— Ela vai ficar bem. — Penn consolou-a. — Não seria segunda-feira se Ariane não fosse levada para a enfermaria depois de uma crise.

— Mas não foi uma crise — disse Luce. — Foi a pulseira. Eu vi. Estava dando choques nela.

— Nossa definição de "crise" é bem extensa aqui na Sword & Cross. Sua nova inimiga, Molly, já teve crises lendárias. Ficam dizendo que vão mudar os remédios dela. Com sorte, vai ter o prazer de

testemunhar pelo menos mais um ataque histérico de primeira antes de isso acontecer.

Era admirável o quanto Penn era bem informada. Passou pela cabeça de Luce perguntar sobre a história de Daniel, mas talvez fosse melhor manter em segredo a estranha intensidade de seu interesse por ele. Pelo menos, até ela mesma conseguir entendê-la.

Ela sentiu as mãos de Penn espremendo a água de seu cabelo.

— Acho que saiu tudo — disse Penn. — Parece que finalmente está livre da carne.

Luce se olhou no espelho e passou as mãos pelo cabelo. Penn tinha razão. Exceto pelas cicatrizes emocionais e pela dor em seu pé direito, não havia mais evidências de sua briga com Molly na lanchonete.

— Ainda bem que seu cabelo é curto — disse Penn. — Se ainda estivesse comprido como na foto do arquivo, essa teria sido uma operação bem mais demorada.

Luce olhou-a, impressionada.

— Vou ter que ficar de olho em você, não vou?

Penn passou seu braço pelo de Luce e a levou para fora do banheiro.

— Apenas não me irrite e ninguém vai se machucar.

Luce olhou para Penn, preocupada, mas o rosto da outra não revelava nada.

— Está brincando, não está? — Luce perguntou.

Penn sorriu, ficando alegre de repente:

— Vamos lá, temos que ir pra aula. Não está feliz por termos as mesmas matérias à tarde?

Luce riu.

— Quando vai parar de saber tudo sobre mim?

— Não num futuro próximo — respondeu Penn, puxando-a pelo corredor em direção às salas de aula. — Vai aprender a gostar disso em

breve, prometo. Sou uma amiga muito poderosa para se ter.

TRÊS



FICANDO ESCURO

Luce vagou pelo corredor frio e úmido do dormitório em direção ao quarto, arrastando atrás de si a mochila vermelha da Camp Gurid com a alça partida. As paredes eram da mesma cor de um quadro-negro empoeirado, e o lugar inteiro estava estranhamente quieto, com exceção do zumbido tedioso das lâmpadas fluorescentes penduradas no teto manchado por infiltrações.

Acima de tudo, Luce se surpreendeu por ver tantas portas fechadas. Na Dover sempre desejara mais privacidade, uma folga das festas que ocupavam todo o corredor do dormitório e que surgiam a qualquer hora do dia ou da noite. Não se podia andar até o quarto sem tropeçar numa reunião de garotas sentadas de pernas cruzadas vestindo jeans idênticos, ou um casal se beijando espremido contra alguma parede.

Mas na Sword & Cross... Bem, ou todo mundo já estava trabalhando nos seus trabalhos de trinta páginas para o final do semestre... Ou a socialização era de um tipo bem mais discreto.

Falando nisso, as próprias portas eram uma visão interessante. Se os alunos da Sword & Cross eram criativos com suas violações de regras de vestuário, a personalização de seus espaços era simplesmente genial.

Luce já passara por uma porta encoberta por uma cortina de miçangas e outra cujo tapete tinha um detector de movimentos, que a encorajou a "cair fora dali" quando ela se aproximou.

Ela parou em frente à única porta lisa no prédio. Quarto 63. Lar, amargo lar. Luce procurou a chave no bolso da frente da mochila, respirou fundo e abriu a porta da sua cela.

Mas até que não era tão horrível assim. Ou talvez não tanto quanto estava esperando. Havia uma janela de correr de bom tamanho, que deixava entrar uma brisa noturna bem menos sufocante. E, se você ignorasse as barras de aço, a vista dos campos iluminados pela lua era na verdade meio interessante, era preciso esquecer-se também do cemitério que ficava logo depois. Havia armário e uma pequena pia, uma escrivaninha para estudar... Pensando bem, a coisa de aparência mais triste no quarto era o reflexo de Luce no espelho de corpo inteiro atrás da porta.

Ela rapidamente desviou o olhar, sabendo muito bem o que encontraria naquele reflexo. Sua aparência denunciava vergonha e cansaço. Os olhos castanhos carregados de estresse. O cabelo igual ao pelo do histérico poodle da família depois de sair numa tempestade. O suéter de Penn caía nela como um saco de batatas. Ela estava tremendo. As aulas da tarde não tinham sido muito melhores que as da manhã, principalmente porque seu maior medo virara realidade: a escola inteira já tinha começado a chamá-la de Bolo de Carne. E infelizmente, assim como seu homônimo, o apelido parecia um daqueles que ia grudar.

Luce queria desfazer as malas, transformar o inóspito quarto 63 em seu próprio canto, um lugar para onde ir quando precisasse escapar e se sentir melhor. Mas ela mal conseguiu abrir a bolsa antes de desabar, derrotada, na cama vazia. Sentia-se tão longe de casa... Foram necessários somente 22 minutos de carro para ir da porta branca dos

fundos de sua casa até os portões enferrujados da entrada da Sword & Cross, mas poderia muito bem terem sido 22 anos.

Durante a primeira metade da silenciosa viagem no carro com seus pais naquela manhã, a vizinhança tinha parecido basicamente igual: bairros sonolentos de classe média sulista. Mas então tinham passado pela ponte em direção à costa, e o terreno tinha ficado cada vez mais pantanoso. Um grupo de manguezais marcava a entrada das zonas úmidas, mas logo até eles ficaram esparsos. Os últimos 16 quilômetros do caminho até a Sword & Cross eram sombrios. De um cinza amarronzado, inexpressivo, esquecido. Lá em Thunderbolt, o pessoal da cidade sempre brincava sobre o estranhamente memorável e pútrido fedor dali: dava para saber que se estava nos pântanos quando seu carro começava a cheirar a lama.

Apesar de Luce ter crescido em Thunderbolt, não conhecia muito bem a região ao leste. Quando criança, sempre achara que era porque não tinha muitos motivos para estar ali — todas as lojas, escolas, e todo mundo que sua família conhecia estavam do lado oeste. O lado leste era simplesmente menos desenvolvido. Só isso.

Ela sentia falta dos pais, que tinham colado um post-it na primeira camiseta da mala — ***Nós te amamos! Os Price nunca desistem!*** Sentia falta de seu quarto, que tinha vista para as plantações de tomate do pai. Sentia falta de Callie, que certamente já mandara pelo menos dez mensagens que nunca seriam lidas. Sentia falta de Trevor...

Ou, bem, não exatamente. Ela sentia falta, na verdade, era de como se sentira quando começara a falar com Trevor. Quando tinha alguém em quem pensar quando não conseguia pegar no sono, quando rabiscava o nome de alguém igual boba em seus cadernos. Para ser sincera, Luce e Trevor nunca realmente tiveram a chance de se conhecer muito bem. A única recordação que Luce tinha dele era a foto que Callie tirara dissimuladamente, do outro lado do campo de

futebol, entre duas séries de agachamento dele, quando os dois conversaram durante uns quinze segundos sobre... as séries de agachamento dele. E o único encontro que tivera com Trevor não tinha nem sido um encontro de verdade — só alguns momentos roubados quando ele a tirou do meio da festa. Momentos dos quais ela se arrependeria para o resto da vida.

Tinha começado bem inocentemente, só dois adolescentes indo dar uma volta perto do lago, mas não demorou até que Luce começasse a sentir as sombras espreitando sobre os dois. Então os lábios de Trevor tocaram os dela, o calor invadiu seu corpo, e os olhos dele ficaram brancos de medo... segundos depois, a vida que ela conhecia tinha virado cinzas.

Luce rolou e escondeu o rosto na curvatura do braço. Tinha passado meses em luto pela morte de Trevor e, agora, deitada nesse quarto estranho, com o estrado de metal incomodando-a através do colchão fino, Luce viu como aquilo tudo era fútil e egoísta. Ela não conhecia Trevor melhor do que conhecia... Bem, Cam.

Uma batida na porta fez Luce saltar da cama. Como alguém poderia saber que estava ali? Foi até a porta na ponta dos pés e a abriu, colocando a cabeça para fora e vendo o corredor completamente vazio. Ela sequer ouvira passos lá fora, e não havia sinal de ninguém ter acabado de bater.

A única diferença era o aviãozinho de papel espetado com uma tacha no meio do mural de cortiça ao lado de sua porta. Luce sorriu ao ver seu nome escrito com marcador preto na asa, mas, quando desdobrou o bilhete, tudo que estava rabiscado dentro era uma seta preta apontando para o fim do corredor.

Ariane a ***tinha*** convidado essa noite, mas isso fora antes do incidente com Molly na lanchonete. Olhando o corredor vazio, Luce se perguntou se devia seguir a misteriosa seta. Então olhou de volta

para a mochila gigante, sua deprimente festinha particular esperando para ser desarrumada. Ela deu de ombros, fechou a porta, colocou a chave no bolso e começou a andar.

Parou na frente de uma porta do outro lado do corredor para olhar um pôster gigante de Sonny Terry, um músico com deficiência visual que ela sabia, pela coleção de discos arranhados do pai, que era um incrível gaitista de blues. Ela se inclinou para a frente para ler o nome escrito no quadro de cortiça e percebeu com espanto que aquele era o quarto de Roland Sparks. Imediatamente, para sua irritação, uma pequena parte do seu cérebro começou a calcular as possibilidades de Daniel estar com Roland, apenas uma porta fina separando-os de Luce.

Um zumbido mecânico fez Luce dar um salto. Ela olhou direto para uma das câmeras de segurança presa na parede acima da porta de Roland. Os vermelhos. O zoom da lente a cada um de seus passos. Luce se encolheu, envergonhada por motivos que nenhuma câmera conseguiria identificar. Em todo caso, fora ali para ver Ariane — cujo quarto, percebeu, por acaso ficava bem em frente ao de Roland.

Ao ver a porta do quarto de Ariane, Luce sentiu uma pontada de ternura. A superfície inteira estava coberta de adesivos — alguns impressos, outros obviamente feitos à mão. Havia tantos que eles se sobrepunham, cada slogan encobrindo e frequentemente contradizendo o de baixo. Luce riu silenciosamente enquanto imaginava Ariane colecionando adesivos indiscriminadamente ("AS MALVADAS SÃO AS MELHORES", "FILHA DA... SWORD & CROSS", "VOTE 666"), para depois colá-los a esmo — mas com empenho — no seu espaço.

Luce podia ter ficado entretida durante horas lendo a porta de Ariane, mas logo começou a se sentir constrangida por estar parada na frente de um quarto para o qual não tinha 100% de certeza de ter sido

convidada. Então viu o segundo aviãozinho de papel. Ela o tirou do quadro de cortiça e desdobrou a mensagem:

Minha querida Luce,

Se você realmente tiver aparecido hoje à noite, parabéns! Vamos nos dar muuuito bem.

Se tiver me dado um bolo, então... tira as patas do meu bilhete particular, ROLAND! Quantas vezes tenho que avisar? Putz.

De qualquer forma, eu sei que disse pra você aparecer aqui hoje, mas precisei ir direto da festinha na enfermaria (o lado bom do meu tratamento de choque hoje) para uma revisão de biologia com a Albatroz para compensar minha ausência. Ou seja... fica para outra vez?

Psicoticamente sua,
A

Luce ficou com o bilhete nas mãos, sem ter certeza do que fazer em seguida. Estava aliviada de saber que Ariane estava recebendo tratamento, mas ainda queria poder vê-la pessoalmente. Queria ouvir a indiferença na voz de Ariane para saber como se sentia em relação ao que acontecera na lanchonete hoje. Mas, parada ali no meio do corredor, Luce estava mais incerta do que nunca sobre como deveria processar os acontecimentos do dia. Um pânico quieto tomou conta dela quando finalmente entendeu que estava sozinha, depois de escurecer, na Sword & Cross.

Às suas costas, uma porta se abriu. Uma fresta de luz branca cresceu no chão sob seus pés. Luce escutou música vinda de um dos quartos.

— Que tá rolando? — perguntou Roland, parado à porta usando uma camiseta branca velha e jeans. Os dreads estavam presos por um

elástico amarelo no alto da cabeça e ele segurava uma gaita perto da boca.

— Vim ver Ariane — explicou Luce, tentando se controlar para não espiar se havia mais alguém no quarto. — A gente ia...

— Não tem ninguém — interrompeu ele misteriosamente. Luce não sabia se estava falando de Ariane, do resto dos alunos do dormitório, ou sabe-se lá o quê. Roland tocou algumas notas na gaita, olhando para ela o tempo todo. Então abriu mais um pouco a porta e ergueu as sobrancelhas. Luce não entendeu se ele estava ou não convidando-a para entrar.

— Bem, eu estava só passando a caminho da biblioteca — mentiu ela rapidamente, voltando-se para a direção de onde tinha vindo. — Tenho que dar uma olhada num livro.

— Luce — chamou Roland.

Ela se virou. Ainda não haviam sido apresentados oficialmente, e Luce não esperava que Roland soubesse seu nome. Deu um sorriso breve e usou a gaita para apontar a direção oposta:

— A biblioteca é por ali — avisou. Ele cruzou os braços sobre o peito. — Não deixe de dar uma olhada na coleção especial na ala leste. É uma coisa impressionante.

— Obrigada — despediu-se Luce, se sentindo genuinamente agradecida ao mudar de direção. Roland parecia tão real ali, acenando e tocando algumas notas de despedida na gaita enquanto ela andava. Talvez ele só a tivesse deixado nervosa antes porque Luce pensava nele só como amigo de Daniel. Pelo que sabia, Roland podia ser uma pessoa legal. Seu humor só melhorou enquanto descia o corredor. Primeiro, o bilhete de Ariane tinha sido irônico e sarcástico, e depois Luce tivera um encontro tranquilo com Roland Sparks; além disso, ela realmente ***queria*** conhecer a biblioteca. As coisas estavam melhorando.

Perto do final do corredor, onde o dormitório fazia uma curva em direção à ala da biblioteca, Luce passou pela única porta aberta do andar. Não havia decoração nessa porta, mas fora pintada totalmente de preto. Quando se aproximou, Luce pôde ouvir heavy metal tocando lá dentro. Não precisou nem parar para ler o nome na porta. Era o quarto de Molly.

Luce acelerou o passo, de repente ouvindo com muita clareza cada batida de suas botas de montaria pretas no chão de linóleo. Ela não percebeu que estava prendendo a respiração até empurrar as portas de madeira da biblioteca e soltar o ar.

Uma sensação de felicidade tomou conta de Luce quando olhou em volta pela biblioteca. Ela sempre gostara do cheiro de levemente doce e mofado que apenas um salão cheio de livros tinha. Ela se reconfortava com o barulho de páginas sendo folheadas. A biblioteca da Dover sempre fora seu esconderijo, e Luce se sentiu quase dominada pelo alívio quando percebeu que aquela ali podia oferecer a mesma sensação de santuário. Mal conseguia acreditar que o lugar pertencia à Sword & Cross. Era quase... na verdade era... acolhedora.

As paredes eram de um mogno escuro e o pé-direito era alto. Uma lareira com espelho de tijolos ficava numa das paredes. Havia longas mesas de madeira iluminadas por abajures antigos esverdeados, e corredores de livros que se estendiam além do alcance dos seus olhos. O barulho das botas foi abafado por um tapete persa enquanto Luce atravessava a entrada distraidamente.

Alguns alunos estavam estudando, nenhum que Luce conhecesse por nome, mas até mesmo os garotos mais selvagens pareciam menos ameaçadores com as cabeças enfiadas nos livros. Ela se aproximou da mesa principal, uma grande estação circular no meio da sala. Estava tomada por pilhas de papéis e livros, e tinha um quê de bagunça acadêmica que lembrou Luce da casa dos pais. Havia tantos livros

empilhados que Luce quase não viu a bibliotecária sentada atrás deles. Ela estava preenchendo formulários como se estivesse procurando ouro. Ergueu a cabeça quando Luce se aproximou.

— Olá! — A mulher sorriu, realmente ***sorriu***, para Luce. Seu cabelo não era grisalho, e sim prateado, com um tipo de brilho que cintilava até mesmo na luz suave da biblioteca. Seu rosto parecia velho e jovem ao mesmo tempo, com uma pele pálida, quase translúcida, brilhantes olhos pretos e um nariz pequeno e arrebitado. Enquanto falava com Luce, levantou as mangas de seu suéter de cashmere branco, expondo fileiras e mais fileiras de pulseiras de pérola decorando ambos os pulsos. — Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa? — perguntou num cochicho animado.

Luce se sentiu instantaneamente confortável com aquela mulher, e olhou para baixo para ler a placa com seu nome sobre a mesa: Sophia Bliss. Ela desejou ter algum pedido de livro. Era a primeira figura de autoridade cuja ajuda Luce verdadeiramente poderia pedir. Mas, na verdade, estava só perambulando... e então se lembrou do que Roland Sparks havia dito.

— Sou nova aqui — explicou. — Lucinda Price. Pode me dizer onde fica a ala leste?

A mulher deu um sorriso de você-parece-o-tipo-que-gosta-de-ler para Luce, algo que ela recebera de bibliotecárias a vida toda.

— Bem ali — apontou ela na direção de uma fileira de janelas altas do outro lado da sala. — Sou a Srta. Sophia e, se minha lista de chamadas está correta, você está nos meus seminários de religião às terças e quintas. Ah, vamos nos divertir um bocado! — Ela deu uma piscadela. — Enquanto isso, se precisar de mais alguma coisa, estou aqui. Prazer em conhecê-la, Luce.

Luce sorriu, agradecendo, disse com alegria à Srta. Sophia que a veria amanhã na aula e se encaminhou às janelas. Só depois de se

afastar da bibliotecária que Luce se perguntou sobre o jeito estranho e íntimo que a mulher usou quando a chamou pelo apelido.

Acabara de passar pela área de estudos principal e estava observando as elegantes fileiras altas de livros quando algo escuro e amedrontador passou por cima de sua cabeça. Ela olhou para cima.

Não. Aqui não. Por favor. Deixe-me ter somente este lugar.

Quando as sombras iam e vinham, Luce nunca tinha muita certeza onde elas acabariam — ou por quanto tempo ficariam longe.

Ela não entendia o que estava acontecendo agora. Alguma coisa estava diferente. Estava com medo, sim, mas não sentia frio. Na verdade, sentia-se até um pouco corada. A biblioteca estava quente, mas não ***tão*** quente assim. E então seus olhos encontraram Daniel.

Ele estava de frente para a janela, de costas para ela, inclinado sobre um pódio com a inscrição COLEÇÃO ESPECIAL em letras brancas. As mangas da jaqueta de couro desgastada estavam enroladas até os cotovelos, e o cabelo loiro brilhava sob as luzes. Seus ombros estavam curvados para a frente e, mais uma vez, Luce teve o instinto de se enrolar nos braços dele. Tirou aquela ideia da cabeça e ficou na ponta dos pés para enxergar melhor. Ela não podia ter certeza, mas Daniel parecia estar desenhando alguma coisa.

Enquanto observava os sutis movimentos de seu corpo enquanto ele esboçava algo, o estômago de Luce parecia estar queimando por dentro, como se tivesse engolido alguma coisa quente. Não entendia por que, contra todo bom-senso, tinha uma intensa premonição de que Daniel a estava desenhando.

Ela ***não*** devia ir até ele. Afinal, nem sequer o conhecia, nunca tinha falado com ele. A única comunicação entre os dois até agora tinha incluído somente um dedo médio e alguns olhares feios. Ainda assim, por alguma razão, parecia muito importante descobrir o que estava naquele caderno.

Foi quando se deu conta... o sonho que tivera na noite anterior. Uma breve lembrança lhe ocorreu de repente. No sonho, era tarde da noite — estava úmido e frio, e ela usava algo longo e esvoaçante. Ela se encostava numa janela cortinada num salão desconhecido. A única pessoa que também estava lá era um homem... ou um garoto — não conseguia ver seu rosto. Ele a estava desenhando num bloco grosso de papel. O cabelo. O pescoço. A linha do perfil, idêntica. Ela ficou parada às suas costas, com medo de ele descobrir que ela estava olhando, mas intrigada demais para ir embora.

Luce cambaleou para a frente ao sentir algo beliscar seu ombro por trás, e depois flutuar acima de sua cabeça. A sombra tinha voltado. Era preta e tão espessa quanto uma cortina.

As batidas de seu coração ficaram tão altas que encheram seus ouvidos, bloqueando o sussurro sombrio das sombras, bloqueando o barulho de seus passos. Ele levantou o olhar do trabalho e pareceu fixar os olhos exatamente no lugar em que a sombra pairava, mas Daniel não se sobressaltou como ela.

É lógico que não: ele não podia vê-las. Sereno, fixou sua atenção na paisagem do lado de fora da janela.

O calor dentro de Luce ficou mais forte. Agora, ela estava perto o suficiente para ter a impressão de que Daniel podia sentir as ondas de calor irradiando de sua pele.

O mais silenciosamente que pôde, Luce tentou bisbilhotar o caderno por cima do ombro dele. Por apenas um segundo, sua mente visualizou a curva de seu próprio pescoço nu esboçado a lápis na página. Mas então ela piscou e, quando seus olhos voltaram para a folha, teve que engolir em seco.

Era uma paisagem. Daniel estava desenhando a vista do cemitério através da janela com detalhismo quase perfeito. Luce nunca tinha visto uma coisa que a deixasse tão triste.

Ela não sabia a razão. Era um absurdo — até mesmo para seus padrões — esperar que sua estranha intuição se concretizasse. Não havia motivo para Daniel desenhá-la. Luce sabia disso, assim como sabia não haver motivo para a grosseria daquela manhã. Mas ele havia feito o gesto grosseiro mesmo assim.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou. Tinha fechado seu caderno de desenho e estava olhando para ela solenemente. Seus lábios cheios estavam fechados com força, e os olhos acinzentados pareciam entorpecidos. Ele não parecia zangado; para variar, parecia exausto.

— Vim ver um livro da Coleção Especial — respondeu ela numa voz vacilante. Mas, ao olhar em volta, rapidamente percebeu seu erro. A Coleção Especial não era uma seção de livros — era uma área aberta dentro da biblioteca onde havia uma exposição de arte sobre a Guerra Civil. Ela e Daniel estavam no meio de uma pequena galeria, com bustos de bronze de heróis de guerra, caixas de vidro protegendo velhas notas promissórias e mapas da Confederação. Era a única seção da biblioteca em que não havia um único livro.

— Boa sorte, então — disse Daniel, abrindo seu caderno de novo, como se para dizer, sem espaço para dúvidas, ***adeus***.

Luce estava muda e envergonhada, e o que gostaria de fazer era fugir. Mas, por outro lado, havia as sombras, ainda espreitando, e por algum motivo Luce se sentia melhor quando estava perto de Daniel. Não fazia sentido — como se ele pudesse fazer alguma coisa para protegê-la delas.

Ela ficou parada, grudada no lugar. Daniel olhou para ela e suspirou:

— Deixe eu fazer uma pergunta: gosta de ser vigiada?

Luce pensou nas sombras e no que estavam fazendo com ela naquele exato momento. Sem pensar, negou bruscamente balançando a cabeça.

— Então somos dois. — Ele limpou a garganta e encarou-a fixamente, tentando salientar que ela era a intrusa ali.

Talvez Luce pudesse explicar que estava se sentindo um pouco tonta e só precisava se sentar por um minuto. Ela começou a dizer:

— Olhe, posso...

Mas Daniel pegou o caderno e ficou de pé.

— Vim aqui para ficar sozinho — interrompeu ele. — Se você não vai embora, eu vou.

Ele jogou o caderno dentro da mochila e, quando passou por Luce, seu ombro esbarrou no dela. Mesmo o toque tão breve, mesmo através das muitas camadas de roupas, Luce sentiu um choque elétrico.

Por um segundo, Daniel também congelou. Os dois viraram-se para se olhar e Luce abriu a boca. Mas, antes que pudesse falar, Daniel já olhava para a frente e andava rapidamente em direção à porta. Luce observou as sombras flutuando acima de sua cabeça, rodopiando em círculos, e então saindo pela janela noite afora.

Ela tremeu com o rastro frio que deixaram e, por um longo tempo depois daquilo, ficou parada na área da exposição, tocando o ombro no local em que Daniel tinha encostado, sentindo o calor deixar sua pele aos poucos.

QUATRO



TURNO DO CEMITÉRIO

Ahhh, terça-feira. Dia do waffle. Desde que conseguia se lembrar, terças estivais significavam café fresco, tigelas transbordando de framboesas com chantilly e uma interminável pilha de waffles crocantes e dourados. Até mesmo nesse verão, quando seus pais começaram a sentir um pouco de medo dela, o dia do waffle era uma coisa com a qual podia contar. Ela podia rolar na cama numa terça de manhã e, antes de se dar conta de qualquer outra coisa, sabia instintivamente que dia era.

Luce farejou, lentamente recuperando os sentidos, e então farejou mais uma vez, com mais vontade. Não, nada de cheiro da massa amanteigada, nada além do cheiro avinagrado da tinta descascando. Ela esfregou os olhos para espantar o sono e observou o quarto entulhado. Parecia a foto de "antes" em um daqueles programas de decoração. O interminável pesadelo que tinha sido a segunda-feira voltou à sua mente: se despedindo de seu celular, o incidente com o bolo de carne e os olhos cheios de ódio de Molly no refeitório, o esbarrão com Daniel na biblioteca. O que o deixava tão rancoroso, Luce não fazia ideia.

Ela se sentou e olhou pela janela. Ainda estava escuro; o sol não tinha nem começado a aparecer no horizonte. Nunca havia levantado tão cedo. Pensando bem, na verdade não se lembrava de ter visto ao sol nascer nunca. Para falar a verdade, alguma coisa sobre assistir o sol nascer a deixava nervosa; os momentos de espera, os momentos logo-antes-do-sol-aparecer-na-linha-do-horizonte, sentada na escuridão olhando para a fileira de árvores. Era o horário perfeito para as sombras.

Luce soltou um alto, saudoso e solitário suspiro, o que a deixou ainda mais solitária e com mais saudades de casa. O que ia fazer com as três horas que tinha entre o raiar do dia e a primeira aula? ***Raiar do dia*** — por que essas palavras estavam soando familiares em seus ouvidos? Ah. Droga. Ela deveria estar no castigo.

Luce se apressou para sair da cama, tropeçando na mochila ainda cheia, e puxou mais um suéter preto sem graça do alto da pilha de suéteres pretos sem graça. Pegou o mesmo jeans do dia anterior e estremeceu ao ver o reflexo desastroso do cabelo amassado, tentando penteá-lo com os dedos enquanto corria porta afora.

Ela estava sem fôlego quando chegou aos portões de ferro do cemitério, de pouco mais de um metro de altura e com desenhos intrincados. Estava engasgando com o sufocante cheiro de lixo podre e se sentindo sozinha demais com seus pensamentos. Onde estava todo mundo? A ideia deles de "raiar do dia" era diferente da dela? Luce olhou o relógio: já eram 6h15.

Toda a instrução que recebera era para se encontrarem no cemitério, e Luce tinha quase certeza de que essa era a única entrada. Ficou parada na entrada, onde o asfalto rústico do estacionamento dava lugar a um terreno pedregoso cheio de ervas daninhas. Ela viu um dente-de-leão solitário e passou pela sua cabeça que uma Luce mais

jovem o teria arrancado, feito um pedido e então o soprado. Mas os pedidos da Luce atual eram pesados demais para algo tão leve.

Os portões delicados eram tudo que separava o cemitério do estacionamento, o que era digno de nota em uma escola que tinha tanto arame farpado em todos os outros lugares. Luce passou a mão pelos portões, delineando com os dedos os delicados padrões florais. Os portões deviam datar da época da Guerra Civil a que Ariane estava se referindo, quando o cemitério costumava ser o repouso final de soldados mortos em combate. Quando a escola ao lado não era lar de psicopatas instáveis. Quando o lugar todo era bem menos encoberto e sombrio.

Era estranho: o resto do campus era liso como uma folha de papel, mas, de alguma maneira, o cemitério tinha uma forma côncava. De onde estava ela podia ver o declive da vasta região à frente. Fileira após fileira de lápides simples se alinhavam na ladeira como espectadores numa arena.

Mas, em direção ao centro, no ponto mais baixo do cemitério, o caminho pelas lápides se retorcia num labirinto de túmulos maiores e esculpidos, estátuas de mármore e mausoléus. Provavelmente eram dos generais da Confederação ou apenas para os soldados de famílias ricas. Pareciam ser lindas quando vistas de perto. Mas dali, o próprio peso delas parecia puxar o cemitério para baixo, quase como se o lugar inteiro estivesse sendo sugado por um ralo.

Passos às suas costas. Luce se virou e viu uma figura atarracada vestida de preto saindo de trás de uma árvore. Penn! Luce se segurou para não jogar seus braços em volta da garota. Nunca havia ficado tão feliz em ver alguém — apesar de ser difícil acreditar que Penn também tivesse sido mandada para o castigo.

— Não está atrasada? — Penn perguntou, parando alguns centímetros na frente de Luce e balançando a cabeça para ela como se

sentisse pena da garota nova.

— Estou aqui há dez minutos — respondeu Luce. — Não é ***você*** que está atrasada?

Penn deu um sorrisinho.

— Lógico que não, eu só levanto cedo. Nunca vou para o castigo. — Ela deu de ombros e ajeitou os óculos roxos no nariz. — Mas você deveria estar lá, junto com outras cinco almas infelizes que provavelmente estão ficando com mais raiva a cada minuto esperando no monólito. — Ela ficou na ponta dos pés e apontou para a direção atrás de Luce, para a maior estrutura de pedra que se erguia na parte mais funda do cemitério. Se Luce apertasse os olhos, podia distinguir um grupo de figuras escuras agrupadas na base.

— Eles só disseram que deveria encontrá-los no cemitério — reclamou Luce, já se sentindo derrotada. — Ninguém me disse aonde ir.

— Bem, eu estou dizendo agora: monólito. Agora desça até lá — disse Penn. — Não vai fazer amigos atrapalhando a manhã deles ainda mais.

Luce engoliu em seco. Parte dela queria pedir a Penn para lhe mostrar o caminho. Dali de cima, parecia um labirinto, e Luce não queria se perder num cemitério. De repente, teve aquela sensação nervosa de estar longe de casa, e sabia que isso só ia piorar lá. Ela estalou os dedos, tentando passar o tempo.

— Luce? — Penn chamou, dando um leve empurrão em seus ombros. — Você ainda está parada aí.

Luce tentou dar a Penn um bravo sorriso de agradecimento, mas teve que se contentar com uma careta esquisita. Em seguida, desceu apressadamente o declive até o centro do cemitério.

O sol ainda não tinha nascido, mas estava quase, e esses últimos momentos da madrugada eram sempre os que mais a assustavam. Luce

passou correndo pelas fileiras de lápides simples. Algum dia elas provavelmente estiveram eretas, mas agora estavam tão velhas que a maioria se inclinava para um lado ou para o outro, fazendo o lugar todo parecer algum tipo de jogo de dominós mórbido.

Ela ensopou os All Star pretos em poças de lama encobertas por folhas mortas. Quando tinha passado pelos túmulos simples e chegado aos mais ornamentados, o chão tinha mais ou menos se nivelado, e ela estava totalmente perdida. Parou de correr para recuperar o fôlego. Vozes. Se conseguisse se acalmar, podia ouvir as vozes.

— Mais cinco minutos, e tô fora — disse um garoto.

— Pena que sua opinião não interessa, Sr. Sparks. — Uma voz geniosa, que Luce reconheceu de alguma de suas aulas ontem. Srta. Tross... a Albatroz.

Depois do incidente com o bolo de carne, Luce tinha chegado atrasada na aula e não causou a melhor impressão na rígida professora de ciências.

— A não ser que alguém queira perder seus privilégios sociais dessa semana — ouviram-se grunhidos entre os túmulos —, vamos todos esperar pacientemente, como se não tivéssemos nada melhor para fazer, até a Srta. Price decidir nos agraciar com sua presença.

— Estou aqui — arfou Luce, finalmente dando a volta em uma gigantesca estátua de querubim.

A Srta. Tross parou com as mãos nos quadris, usando um vestido preto solto parecido com o do dia anterior. O cabelo castanho fino estava grudado na cabeça e os tediosos olhos castanhos só revelaram irritação com a chegada de Luce. Biologia sempre fora difícil para Luce e, até agora, ela não estava fazendo nenhum favor a suas notas na aula da Srta. Tross.

Atrás da Albatroz estavam Ariane, Molly e Roland, de pé em volta de um círculo de pedestais que circulavam uma grande estátua central

de um anjo. Comparada às outras estátuas, essa parecia mais nova, mais limpa, maior. E encostado numa das pernas esculpidas do anjo — ela quase não tinha percebido — estava Daniel.

Ele estava usando a mesma jaqueta de couro velha e a echarpe vermelha do dia anterior. Luce analisou o cabelo loiro desarrumado, que parecia não ter sido penteado depois de acordar... O que a fez começar a pensar em como Daniel era dormindo... O que a fez corar tanto, que quando seus olhos desceram do cabelo dele até seus olhos, ela se sentiu completamente humilhada.

A essa altura ele já estava olhando feio para ela.

— Sinto muito — soltou. — Não sabia onde era para a gente se encontrar. Eu juro...

— Poupe-me — disse a Srta. Tross, arrastando um dedo através da garganta. — Já desperdiçou tempo demais, de todo mundo. Agora, aposto que se lembra de qualquer que seja a indiscrição desprezível que cometeu para estar aqui. Pode refletir sobre isso durante as próximas duas horas enquanto trabalha. Formem duplas. Já conhecem o esquema. — Ela olhou para Luce e soltou a respiração. — OK, quem quer uma protegida?

Para o horror de Luce, todos os outros alunos baixaram os olhos. Mas então, depois de um torturante minuto, um quinto aluno apareceu virando na beirada do mausoléu.

— Eu quero.

Cam. Sua camisa preta de gola V ficava justa em seus ombros largos. Ele era quase trinta centímetros mais alto que Roland, que deu um passo para o lado quando Cam passou por ele e foi na direção de Luce. Seus olhos estavam colados nos dela enquanto andava para a frente, se movimentando com suavidade e confiança, tão confortável nesse reformatório quanto Luce estava desconfortável. Parte dela queria desviar os olhos, porque o jeito que Cam a encarava na frente

de todo mundo era embaraçoso. Mas, por alguma razão, estava hipnotizada. Ela não conseguia afastar o olhar — até Ariane se colocar entre eles.

— Pedi primeiro — falou. — Pedi ela primeiro.

— Não pediu, não — retrucou Cam.

— Pedi sim, você é que não me ouviu, do seu poleiro esquisito ali atrás. — Ariane falava sem parar. — ... Eu quero ficar com ela.

— Eu... — Cam começou a responder.

Ariane inclinou a cabeça em expectativa. Luce engoliu em seco. Será que ele ia virar e dizer que ***ele*** também queria ficar com ela? Não podiam simplesmente deixar para lá? Ficar de castigo num grupo de três?

Cam afagou o braço de Luce.

— Falo com você depois, OK? — disse, como se fosse uma promessa que ela tivesse pedido para ele fazer.

Os outros alunos levantaram-se dos túmulos onde estavam sentados e foram até um barracão. Luce os seguiu, grudada em Ariane, que sem dizer nada entregou a ela um ancinho.

— Então. Quer o anjo vingador, ou os carnudos amantes abraçados?

Ninguém comentou os acontecimentos de ontem ou o bilhete de Ariane, e Luce de alguma maneira sentiu que não devia tocar no assunto agora. Em vez disso, ela olhou para cima e se deparou com duas estátuas gigantescas cercando-a. A mais perto dela parecia um Rodin. Um homem e uma mulher nus entrelaçados num abraço. Ela estudara escultura francesa na Dover, e sempre achara as obras de Rodin as mais românticas. Mas agora era difícil olhar os amantes abraçados sem pensar em Daniel. ***Daniel***. Que a odiava. Se precisava de mais provas disso depois de ele basicamente fugir da biblioteca

ontem à noite, era só se lembrar do olhar feio que disparara para ela naquela manhã.

— Cadê o anjo vingador? — perguntou a Ariane com um suspiro.

— Boa escolha. Por aqui. — Ariane levou Luce até uma maciça escultura de mármore de um anjo salvando a terra do choque de um raio. Pode ter sido uma obra interessante, na época em que fora esculpida. Mas agora parecia apenas velha e suja, coberta de lama e musgo.

— Não entendo — assumiu Luce. — O que a gente deve fazer?

— Esfrega-esfrega-esfrega — disse Ariane, quase cantando. — Gosto de fingir que estou dando um banhinho neles. — Com isso, ela escalou o anjo gigante, passando as pernas por cima do braço da estátua que segurava o relâmpago, como se aquilo fosse um resistente carvalho.

Morrendo de medo de a Srta. Tross achar que ela estava querendo mais problemas, Luce começou a trabalhar com seu ancinho em volta do pedestal da estátua. Ela tentou tirar o que parecia uma pilha interminável de folhas molhadas.

Três minutos depois, seus braços a estavam ***matando***. Definitivamente não estava vestida adequadamente para aquele tipo de trabalho sujo braçal. Luce nunca fora mandada para o castigo na Dover mas, pelo que já tinha escutado, lá ele resumia-se a preencher uma folha de papel com "Nunca mais vou copiar trabalhos da Internet" algumas centenas de vezes.

Aquilo era um abuso. Especialmente quando tudo que fizera fora esbarrar acidentalmente em Molly na lanchonete. Ela estava tentando não julgar ninguém ali rápido demais, mas tirar lama dos túmulos de gente que estava morta há mais de um século? Luce totalmente odiava sua vida naquele momento.

Então uma fresta de luz do sol finalmente atravessou a copa das árvores e de repente havia cor no cemitério. Luce se sentiu instantaneamente melhor. Ela podia enxergar a mais de três metros adiante. Podia enxergar Daniel... trabalhando ao lado de Molly.

O coração de Luce parou. A sensação de leveza desapareceu.

Ela olhou para Ariane, que lhe lançou um olhar de simpatia, mas continuou trabalhando.

— Ei — Luce sussurrou alto.

Ariane pôs um dedo nos lábios, mas chamou Luce para subir ao lado dela.

Com muito menos graça e agilidade do que Ariane, Luce agarrou o braço da estátua e balançou-se para cima do pedestal. Quando percebeu que não ia se esborrachar, sussurrou:

— Então... Daniel é amigo de Molly?

Ariane bufou.

— Não, de jeito nenhum, eles se odeiam — respondeu rapidamente, e então parou. — Por que está perguntando?

Luce apontou para os dois, não se esforçando nem um pouco para tirar folhas de cima de sua sepultura. Estavam perto um do outro, apoiados em seus ancinhos, entretidos numa conversa que Luce desesperadamente queria poder ouvir.

— Eles parecem amigos para mim.

— É o castigo — explicou Ariane secamente. — Somos obrigados a fazer duplas. Por acaso acha que Roland e o tarado do banheiro são amigos? — Ela apontou para Roland e Cam. Eles pareciam estar discutindo sobre a melhor maneira de dividir o trabalho na estátua dos amantes. — Amigos do castigo ***não*** significa amigos da vida real.

Ariane olhou de volta para Luce, que podia sentir seu rosto denunciar a frustração, apesar de se esforçar muito para parecer neutra.

— Olha, Luce, eu não quis dizer... — A voz sumiu. — Tirando o fato de que você me fez perder uns bons vinte minutos da minha manhã, não tenho nada contra você. Na verdade, acho que é meio interessante. Meio natural. Quero dizer, não sei o que você estava esperando em termos de amiguinhos para sempre aqui na Sword & Cross. Mas deixe-me ser a primeira a explicar: simplesmente não é tão fácil assim. As pessoas estão aqui porque têm bagagem. Estou falando de gente que precisa pagar pelo excesso de bagagem no check-in. Sacou?

Luce deu de ombros, se sentindo envergonhada.

— Foi só uma pergunta.

Ariane deu um risinho silencioso.

— Está sempre tão na defensiva? Que diabos aprontou pra vir pra cá, afinal?

Luce não estava com vontade de falar no assunto. Talvez Ariane tivesse razão; era melhor não ficar tentando fazer amigos. Luce desceu e voltou a atacar o musgo na base da estátua.

Infelizmente, Ariane ficou intrigada. Ela pulou e colocou o ancinho em cima do de Luce, prendendo-o no lugar.

— Aaah, me conta me conta me conta — provocou.

O rosto de Ariane estava tão perto do de Luce. Fez Luce se lembrar do dia anterior, agachando-se sobre Ariane depois da convulsão. Elas dividiram algo ali, não? E parte de Luce queria muito poder conversar com alguém. Tinha sido um verão tão longo e sufocante só com seus pais... Ela suspirou, descansando a testa no cabo de seu ancinho.

Uma sensação salgada e nervosa encheu sua boca, mas ela não conseguia engolir. A última vez que havia revelado esses detalhes tinha sido por causa de um mandado judicial. Luce poderia esquecer aquilo rapidamente mas, quanto mais Ariane a encarava, mais claramente as palavras voltavam, e mais perto ela ficava de contar a verdade.

— Eu estava com um amigo uma noite — começou a explicar, respirando longa e profundamente. — E uma coisa horrível aconteceu. — Ela fechou os olhos, rezando para que a cena não se repetisse por baixo de suas pálpebras. — Houve um incêndio. Eu consegui fugir... mas ele não.

Ariane bocejou, muito menos horrorizada pela história do que Luce.

— De qualquer maneira — Luce continuou —, depois eu não conseguia lembrar os detalhes, como aquilo tinha acontecido. O que eu conseguia lembrar, o que contei para o juiz, de qualquer forma, acho que pensaram que eu era desequilibrada. — Luce tentou sorrir, mas pareceu forçado.

Para a surpresa de Luce, Ariane apertou seu ombro. E, por um segundo, seu rosto pareceu realmente sincero. Então voltou a exibir o velho sorrisinho irônico.

— Somos todas ***tão*** incompreendidas, não somos? — Ela cutucou a barriga de Luce. — Sabe, Roland e eu estávamos comentando outro dia mesmo que não temos nenhum amigo piromaníaco. E todo mundo sabe que é preciso um bom piro para aprontar uma brincadeira de reformatório boa o suficiente para valer o esforço. — Ela já estava tramando. — Roland pensou que talvez aquele outro garoto novo, Todd, fosse servir, mas eu prefiro apostar em você. Temos que pensar em algo juntos, um dia desses.

Luce engoliu em seco. Não era piromaníaca. Mas já estava cansada de falar de seu passado; não tinha nem vontade de tentar se defender.

— Ah, espere só até Roland ficar sabendo — disse Ariane, largando o ancinho no chão. — Você é, tipo, um sonho virando realidade.

Luce abriu a boca para protestar, mas Ariane já tinha saído de perto. ***Perfeito***, pensou Luce, ouvindo o barulho dos sapatos de Ariane

esguichando na lama. Agora era uma questão de minutos até a história se espalhar pelo cemitério e chegar aos ouvidos de Daniel.

Sozinha mais uma vez, ela levantou os olhos para a estátua. Apesar de já ter tirado uma enorme pilha de musgo e folhas, o anjo parecia mais sujo do que nunca. Essa tarefa parecia tão sem sentido... Ela duvidava que alguém fosse visitar aquele lugar, de qualquer maneira. Também duvidava que qualquer um dos outros alunos de castigo ainda estivesse trabalhando.

Seu olhar por acaso encontrou Daniel, que ***estava*** trabalhando. Eficientemente usava uma escova para esfregar o mofo de uma inscrição de bronze num dos túmulos. Ele tinha até enrolado as mangas do suéter, e Luce podia ver os músculos se tensionando enquanto Daniel trabalhava. Ela suspirou e — não pôde evitar — apoiou seu cotovelo no anjo de pedra para observá-lo.

Ele sempre trabalhou tão duro.

Luce rapidamente balançou a cabeça. De onde aquilo tinha vindo? Ela não fazia ideia do que significava. E, ainda assim, aquele pensamento acontecera. Era o tipo de frase que às vezes se formava em sua cabeça um pouco antes de cair no sono. Besteiras sem sentido que ela nunca conseguia relacionar com nada fora de seus sonhos. Mas ali estava ela, completamente acordada.

Precisava se controlar com essa história de Daniel. Conhecia ele há um dia e já sentia que se encaminhara para um lugar muito estranho e pouco familiar.

— Provavelmente é melhor ficar longe dele — uma voz fria disse às suas costas.

Luce se virou e deu de cara com Molly, na mesma pose em que a vira ontem: mãos nos quadris, as narinas com piercing se abrindo. Penn tinha lhe explicado que a surpreendente regra da Sword & Cross

que permitia piercings faciais vinha da relutância do próprio diretor em tirar o brinco de diamante da orelha.

— De quem? — perguntou a Molly, sabendo que parecia uma idiota.

Molly revirou os olhos.

— Apenas confie em mim quando digo que se apaixonar por Daniel seria uma ideia muito, muito ruim.

Antes que Luce pudesse responder, Molly já não estava mais ali. Mas Daniel — quase como se tivesse escutado seu nome — estava olhando diretamente na sua direção. E em seguida estava ***andando*** para lá.

Ela sabia que o sol se escondera atrás de uma nuvem. Se conseguisse desviar os olhos dele, poderia olhar para o alto e ver por si mesma. Mas não podia levantar os olhos, não podia desviar o olhar, e, por algum motivo, tinha que apertar os olhos para vê-lo. Era quase como se Daniel estivesse emanando sua própria luz, como se a estivesse ofuscando. Um zumbido oco encheu seus ouvidos e os joelhos começaram a tremer.

Luce queria pegar seu ancinho e fingir que não tinha visto que Daniel estava vindo. Mas já era tarde demais para dar uma de despreocupada.

— O que ela disse pra você? — perguntou ele.

— Hum — ela enrolou, procurando em seu cérebro uma mentira viável. Não achou nada, então estalou os dedos.

Daniel segurou suas mãos.

— Odeio quando faz isso.

Luce se afastou instintivamente. O toque de suas mãos tinha sido tão fugaz e ainda assim sentiu o rosto corar. Ele quis dizer que aquilo o irritava, que ***qualquer pessoa*** estalando os dedos o irritava, certo?

Porque dizer que odiava quando *ela* fazia aquilo implicava que já a vira fazendo aquilo antes. E isso era impossível. Ele mal a conhecia.

Então por que isso parecia uma discussão que já havia acontecido antes?

— Molly me disse para ficar longe de você — respondeu ela finalmente.

Daniel inclinou a cabeça de um lado para o outro, parecendo estar pensando no assunto.

— Ela provavelmente está certa.

Luce estremeceu. Uma sombra deslizou por cima deles, escurecendo o rosto do anjo por tempo suficiente para preocupar Luce. Ela fechou os olhos e tentou respirar, rezando para que Daniel não notasse que havia algo de estranho.

Mas o pânico estava crescendo dentro dela. Sua vontade era sair correndo, mas não podia. E se se perdesse no cemitério?

Daniel seguiu a direção de seu olhar até o céu.

— O que foi?

— Nada.

— E então, você vai fazer isso? — perguntou ele, cruzando os braços sobre o peito, desafiando-a.

— O quê? — confundiu-se ela. *Correr?*

Daniel deu um passo à frente. Agora estava a menos de trinta centímetros de distância. Luce prendeu a respiração e manteve seu corpo completamente imóvel. E esperou.

— Vai ficar longe de mim?

Quase parecia um flerte.

Mas Luce estava completamente sem fala. Sua testa estava molhada de suor e ela apertou as têmporas, tentando retomar o controle sobre seu corpo, tentando retomá-lo do controle dele. Luce estava

totalmente despreparada para flertar de volta. Isto é, se o que ele estava fazendo era realmente isso.

Ela deu um passo para trás.

— Acho que sim.

— Não ouvi — sussurrou ele, erguendo uma sobrancelha e dando mais um passo para a frente.

Luce recuou de novo, para mais longe dessa vez. Ela praticamente colidiu com a base da estátua e pôde sentir o pé de pedra áspera do anjo arranhando suas costas. Uma segunda sombra, mais escura e mais fria, voou por sobre suas cabeças. Podia jurar que Daniel estremeceu junto com ela.

E então o rosnar alto de algo pesado assustou a ambos. Luce se sobressaltou quando o topo da estátua de mármore oscilou acima deles, como um galho de árvore balançando ao vento. Por um segundo, parecia estar suspensa no ar.

Luce e Daniel ficaram parados, olhando o anjo. Ambos sabiam que estava caindo. A cabeça do anjo baixou lentamente em direção a eles, como se estivesse rezando — e então toda a estátua ganhou velocidade enquanto tombava para o chão. Luce sentiu a mão de Daniel envolvendo sua cintura no mesmo instante, com força, como se soubesse exatamente onde ela começava e onde terminava. A outra mão cobriu sua cabeça e forçou-a a se abaixar bem na hora que a estátua tombou por cima deles, caindo onde estavam parados. Ela caiu com um som alto e oco — a cabeça na lama e os pés ainda em cima do pedestal, deixando um pequeno triângulo vazio, onde Daniel e Luce estavam agachados.

Os dois arfavam, nariz com nariz, Daniel com os olhos assustados. Entre seus corpos e a estátua havia talvez apenas alguns centímetros de espaço.

— Luce? — ele sussurrou.

Tudo que ela conseguiu fazer foi assentir.

Os olhos dele se estreitaram.

— O que você viu?

Então a mão de alguém apareceu e puxou Luce do espaço sob a estátua. Ela sentiu um arranhão nas costas e então uma lufada de ar alcançou seu rosto. Viu a vacilante luz do sol novamente. Os alunos do castigo estavam todos boquiabertos em volta, exceto pela Srta. Tross, que os olhava com raiva, e Cam, que ajudou Luce a se levantar.

— Você está bem? — perguntou, analisando-a em busca de arranhões e machucados e tirando um pouco de terra de seus ombros. — Vi a estátua desabando e corri para tentar impedi-la, mas já era... Você deve estar tão assustada.

Luce não respondeu. Assustada era apenas um décimo de como se sentia.

Daniel, já de pé, nem olhou para trás para ver se ela estava bem ou não. Apenas saiu andando.

Luce ficou de boca aberta ao vê-lo ir embora, ao perceber que ninguém mais parecia se importar que ele tivesse simplesmente dado o fora.

— O que você fez? — perguntou a Srta. Tross.

— Não sei. Num minuto, estávamos paradas ali — Luce olhou de relance para a Srta. Tross —, hum, trabalhando. E logo depois a estátua... caiu.

Albatroz se abaixou para examinar o anjo despedaçado. A cabeça tinha se partido bem no meio. Ela começou a resmungar alguma coisa sobre as forças da natureza e pedras antigas.

Mas foi uma voz no ouvido de Luce que permaneceu com ela, mesmo depois de todo mundo ter voltado ao trabalho. Foi Molly, apenas centímetros atrás de seu ombro, que sussurrou:

— Pelo visto alguém devia começar a ouvir os meus conselhos.

CINCO



A PANELINHA

— Nunca mais me assuste assim! — Callie repreendia Luce, no final da tarde de quarta-feira.

Era pouco antes do pôr do sol e Luce estava aninhada dentro da cabine telefônica da Sword & Cross, um pequeno cubículo bege no meio da área da recepção. Estava longe de oferecer alguma privacidade, mas pelo menos não havia ninguém rondando por ali. Seus braços ainda doíam do trabalho no cemitério no castigo do dia anterior, e seu orgulho ainda estava ferido pela fuga de Daniel, um segundo depois de terem sido puxados de baixo da estátua. Mas, durante quinze minutos, Luce estava tentando com todas as forças tirar tudo aquilo da cabeça, e absorver cada palavra maravilhosamente frenética que sua melhor amiga disparava no curto tempo permitido. Era tão bom ouvir a voz aguda de Callie que Luce quase não ligou por estar recebendo uma bronca.

— A gente prometeu que não passaria nem ***uma hora*** sem se falar — continuou Callie, acusando-a. — Achei que alguém tinha comido você viva! Ou talvez que tivesse sido jogada na solitária, numa daquelas camisas de força em que você precisa rasgar a manga com os

dentes para conseguir coçar o rosto. Pra mim, você podia de repente ter descido até os quintos do...

— Tá bom, ***mãe*** — disse Luce, rindo e se acomodando no velho papel de acalmar Callie. — Relaxa. — Por uma fração de segundo, ela se sentiu culpada por não usar seu direito a um telefonema ligando para sua mãe. Mas Luce sabia que Callie ia arrancar os cabelos se descobrisse que ela não tinha aproveitado a primeira oportunidade para entrar em contato com ela. E, de uma maneira estranha, era sempre reconfortante escutar a voz empolgada de Callie. Era um dos motivos pelos quais elas se davam tão bem: a obsessão da melhor amiga na verdade tinha um efeito tranquilizador sobre Luce. Ela podia até imaginar Callie em seu dormitório na Dover, andando de um lado para o outro sobre o tapete cor de laranja berrante, com gel adstringente espalhado pela zona T do rosto e algodões separando os dedos do pé com as unhas ainda molhadas de esmalte fúcsia.

— Não me venha com essa de ***mãe***! — resmungou Callie. — Pode começar a falar. Como são os outros alunos? São todos assustadores e ficam tomando diurético como nos filmes? E as aulas? Como é a comida?

Pelo telefone, Luce podia ouvir ***A princesa e o plebeu*** passando na pequena TV de Callie. A cena favorita de Luce sempre fora aquela em que Audrey Hepburn acorda no quarto de Gregory Peck, ainda convencida de que a noite anterior fora só um sonho. Luce fechou os olhos e tentou imaginar a cena em sua mente. Imitando o sussurro sonolento de Audrey, citou a fala que sabia que Callie reconheceria:

— Havia um homem, ele foi tão mau comigo. Foi ***maravilhoso***.

— Tá legal, princesa, é da ***sua*** vida que quero saber — provocou Callie.

Infelizmente, não havia nada sobre a Sword & Cross que Luce poderia imaginar sendo descrito como ***maravilhoso***. Pensando em

Daniel pela... hum... octogésima vez naquele dia, ela percebeu que o único paralelo entre sua vida e *A princesa e o plebeu* era que ela e Audrey gostavam de caras agressivos, rudes e sem interesse algum por elas. Luce descansou a cabeça nas paredes bege do cubículo. Alguém tinha arranhado as palavras AGUARDANDO A MINHA HORA. Sob circunstâncias normais, essa seria a hora em que Luce contaria para Callie tudo sobre Daniel.

Só que, por algum motivo, ela não contou.

Qualquer coisa que tivesse vontade de contar sobre Daniel não seria baseada em nada que tivesse realmente acontecido entre os dois. E Callie era muito a favor de caras que faziam esforço para mostrar que valiam a pena. Ela ia querer ouvir coisas sobre como ele abriu a porta para Luce tantas vezes, ou se ele tinha reparado em como o francês dela era bom, quase sem sotaque. Callie não achava que havia algo de errado com caras escrevendo poemas de amor melosos que Luce ***nunca*** levaria a sério. Luce não teria muita coisa para contar sobre Daniel. Na verdade, Callie ficaria muito mais interessada em ouvir histórias sobre alguém como Cam.

— Bom, ***tem um*** garoto aqui — Luce sussurrou no telefone.

— Sabia! — Callie gritou. — Nome?

Daniel. ***Daniel***. Luce pigarreou:

— Cam.

— Direto, sem complicações. Posso gostar. Conta desde o começo.

— Bom, nada aconteceu ainda.

— Ele acha você deslumbrante, blá-blá-blá. Eu disse que esse cabelo curto deixa você parecida com a Audrey. Conte logo a parte boa.

— Bem... — começou Luce. O barulho de passos no saguão a fez parar. Ela se inclinou para fora da cabine e esticou o pescoço para ver quem estava interrompendo os melhores quinze minutos que tivera em três dias inteiros.

Cam estava andando em direção a ela.

Falando no diabo. Ela engoliu as palavras horrivelmente ridículas que estavam na ponta de sua língua: ***ele me deu uma palheta de guitarra***. Ela ainda estava com aquilo no bolso.

A atitude de Cam era casual, como se, por um lance de sorte, ele não tivesse escutado o que ela estivera falando. Ele parecia ser o único aluno da Sword & Cross que não tirava o uniforme da escola imediatamente depois de sair da aula. Mas o ***look*** preto total ficava bem nele, enquanto fazia Luce parecer uma caixa de supermercado.

Cam rodopiava o relógio de bolso de ouro que estava pendurado numa corrente comprida em volta do dedo indicador. Luce acompanhou o relógio balançando por um momento, quase hipnotizada, até Cam abrir a tampa do relógio com um estalo. Primeiro ele baixou os olhos para o relógio, depois a encarou.

— Desculpe. — Seus lábios se franziram de confusão. — Achei que eu tinha sido encaixado no telefonema das sete horas. — Cam deu de ombros. — Mas devo ter anotado errado.

O coração de Luce se encolheu quando olhou seu próprio relógio. Ela e Callie mal tinham trocado quinze palavras — como seus quinze minutos já tinham acabado?

— Luce? Alô? — Callie parecia impaciente do outro lado da linha. — Você está esquisita. Tem alguma coisa que não está me contando? Já me trocou por alguma amiga de reformatório que gosta de se cortar? E o garoto?

— Shhh — mandou Luce para o telefone. — Cam, espere — chamou, afastando o fone do rosto. Ele já estava atravessando a porta. — Só um segundo, eu já estava — ela engoliu em seco —, eu estava desligando.

Cam deixou escorregar o relógio na frente de sua jaqueta preta e na direção de Luce. Ergueu as sobrancelhas e riu quando ouviu a voz de

Callie saindo cada vez mais alta do receptor do telefone.

— Não ouse desligar na minha cara — protestava. — Você não contou nada. ***Nada!***

— Não quero deixar ninguém irritado — brincou Cam, apontando para o telefone que gritava. — Pode pegar o meu lugar, fica me devendo para uma outra vez.

— Não — respondeu Luce rapidamente. Por mais que quisesse continuar conversando com Callie, ela imaginava que Cam provavelmente se sentia da mesma maneira sobre quem quer que o tivesse feito ir até ali. E, diferentemente de muita gente na escola, Cam tinha sido muito gentil até agora. Ela não queria fazê-lo desistir de seus minutos de telefonema, especialmente agora, já que ela ficaria nervosa demais para contar a Callie sobre ele.

— Callie — disse, suspirando, para o telefone. — Tenho que desligar. Ligo de novo assim que... — Mas a essa altura só havia um vago zumbido no seu ouvido. O telefone tinha sido programado para desligar a cada quinze minutos. Agora ela notou o pequeno cronômetro piscando 0:00 embaixo dele. Elas não tinham nem se despedido, e agora teria que esperar uma semana inteira para ligar de novo. Na mente de Luce, o tempo se esticava como um abismo.

— Sua melhor amiga? — Cam perguntou, apoiando-se no cubículo ao lado de Luce. Suas sobrancelhas escuras ainda estavam erguidas. — Tenho três irmãs mais novas, praticamente consigo farejar uma melhor amiga pelo telefone. — Ele se curvou para a frente como se fosse cheirar Luce, o que a fez rir... e depois congelar. Sua inesperada aproximação tinha feito seu coração acelerar.

— Deixe-me adivinhar. — Cam se endireitou e levantou o queixo. — Ela queria saber ***tudo*** sobre os bad boys do reformatório?

— Não! — Luce balançou a cabeça, negando veementemente que estivesse sequer pensando em garotos... até perceber que Cam estava

apenas brincando. Ela corou e tentou brincar de volta. — Quer dizer, eu expliquei que não tinha nenhum que prestasse aqui.

Cam piscou.

— Exatamente o que torna tudo mais excitante. Não acha? — Ele tinha a mania de ficar muito imóvel, o que fazia Luce parar da mesma maneira e tornava o som do relógio batendo no bolso dele parecer mais alto do que poderia ser na realidade.

Congelada ao lado de Cam, Luce subitamente estremeceu quando algo escuro entrou varrendo o corredor. As sombras pareciam brincar de amarelinha sobre os painéis do teto quase de propósito, escurecendo uma de cada vez. Droga. Nunca era bom estar sozinha com alguém — especialmente quando esse alguém estava tão focado nela quanto Cam estava naquele momento — quando as sombras chegavam. Ela podia sentir seus músculos se contorcendo, tentando parecer calma enquanto a escuridão dançava em volta do ventilador de teto. Se fosse só aquilo, ela teria aguentado. Mas a sombra também estava fazendo uns barulhos terríveis, um som como o que Luce ouvira quando testemunhara um filhote de coruja cair da árvore e se engasgar até a morte. Ela queria que Cam parasse de olhar para ela. Ela queria que algo acontecesse para desviar sua atenção. Queria... que Daniel Grigori aparecesse.

E foi o que aconteceu. Salva pelo garoto estonteante, usando jeans velhos e uma camiseta branca mais velha ainda. Ele não se parecia muito com um salvador — largado, carregando uma pilha pesada de livros da biblioteca, olheiras acinzentadas sob os olhos cinzentos. Daniel, na verdade, parecia meio cansado. Seu cabelo loiro caía sobre os olhos e, quando seu olhar se fixou em Luce e Cam, a garota percebeu uma pontada de irritação. Ela estava tão ocupada pensando no que poderia ter feito para irritar Daniel dessa vez que quase não notou algo que ocorreu rapidamente: no segundo antes de a porta do

saguão se fechar atrás de Daniel, a sombra se esgueirou e sumiu noite afora. Era como se alguém tivesse ligado um aspirador e sugado a sujeira do corredor.

Daniel apenas assentiu na direção deles e não diminuiu a velocidade quando passou.

Quando Luce olhou para Cam, ele estava observando Daniel. Virando-se para Luce, disse, mais alto do que precisava:

— Quase me esqueci de contar. Festinha hoje à noite no meu quarto, depois da Social. Eu adoraria se você viesse.

Daniel estava parado a uma curta distância. Luce não fazia ideia do que era essa coisa de Social, mas tinha que encontrar Penn primeiro — as duas iriam juntas.

Seus olhos estavam fixos nas costas de Daniel, e Luce sabia que precisava responder a Cam sobre a festa — na verdade não era uma coisa tão difícil de decidir —, mas quando Daniel virou para trás e a olhou de volta com uma expressão que ela juraria ser de tristeza, o telefone lá atrás começou a tocar. Cam estendeu a mão para atender e disse:

— Tenho que atender, Luce. Você vai?

Quase imperceptivelmente, Daniel assentiu.

— Sim — disse Luce para Cam. — Sim.

— Continuo não entendendo por que temos que correr — Luce arfava, vinte minutos depois. Ela estava tentando acompanhar Penn enquanto se apressavam através do campo em direção ao auditório, para a misteriosa Noite Social de Quarta-feira, que Penn ainda não tinha explicado do que se tratava. Luce mal tinha tido tempo de subir até o quarto, colocar um pouco de gloss e seu melhor jeans, só para o

caso de ser ***aquele*** tipo de social. Ela ainda estava tentando recuperar o fôlego depois do encontro com Cam ***e*** Daniel quando Penn invadiu seu quarto para arrastá-la de volta para fora.

— Os cronicamente atrasados nunca entendem as várias maneiras com que conseguem atrapalhar os planos das pessoas pontuais e ***normais***. — Penn explicou enquanto atravessavam uma porção de grama particularmente ensopada.

— Rá! — Uma risada irrompeu atrás delas.

Luce olhou para trás e sentiu o rosto se iluminar ao ver o corpo pálido e magricelo de Ariane correndo para alcançá-las.

— Quem disse que você é normal, Penn? — Ariane cutucou Luce e apontou para o chão. — Cuidado com a areia movediça!

Luce deu um pulo, mas conseguiu parar bem antes de pisar num trecho de lama assustador no gramado.

— Alguém, por favor, pode me dizer para onde estamos indo?

— Noites de quarta — disse Penn, sem emoção. — Noite Social.

—Tipo... uma festa ou coisa assim? — Luce perguntou, já visualizando Daniel e Cam se movimentando pela pista de dança em sua imaginação.

Ariane assobiou.

— Uma festa chata de morrer. O termo "social" é típico do duplo sentido da Sword & Cross. Sabe, eles têm obrigação de marcar eventos sociais para a gente, mas também morrem de medo de marcar eventos sociais para a gente. Complicado...

— Então, em vez disso — acrescentou Penn —, eles fazem esses eventos horríveis como noites de filmes seguidas por debates, ou... meu Deus, você lembra do último semestre?

— Todo aquele simpósio sobre taxidermia?

— Muito, muito bizarro. — Penn balançou a cabeça.

— Hoje à noite, minha cara — Ariane falou pausadamente —, a gente vai ter colher de chá. Tudo que precisamos fazer é dormir durante um dos três filmes que se revezam na videoteca da Sword & Cross. Qual deles acha que vai ser hoje, Pennyloafer? ***O homem das estrelas***? ***Joe contra o vulcão***? Ou ***Um morto muito louco***?

— Vai ser ***O homem das estrelas*** — resmungou Penn.

Ariane lançou um olhar perplexo para Luce:

— Ela sabe de ***tudo***.

— Espera aí — disse Luce, andando na ponta dos pés em volta da areia movediça e abaixando a voz para um sussurro ao se aproximarem da recepção principal da escola. — Se já viram esses filmes tantas vezes, por que a pressa para chegar lá?

Penn abriu as pesadas portas de metal para o "auditório", que, Luce percebeu, era um eufemismo para uma sala velha e tradicional com teto baixo de painéis e cadeiras arrumadas de frente para uma parede branca.

— Ninguém quer se sentar na berlinda perto do Sr. Cole — explicou Ariane, apontando para o professor. Seu nariz estava enfiado em um livro grosso, e ele estava cercado pelas poucas cadeiras vazias que restavam na sala.

Quando as três meninas passaram pelo detector de metais da porta, Penn disse:

— Quem senta ali perto tem que ajudá-lo a passar as pesquisas semanais de "saúde mental".

— O que não seria tão ruim... — Ariane interrompeu.

— ... Se não tivesse que ficar até mais tarde para analisar os resultados — completou Penn.

— E, consequentemente, perdendo — Ariane disse com um sorriso, direcionando Luce para a segunda fileira enquanto sussurrava — a ***pós-festa***.

Finalmente tinham chegado ao ponto. Luce riu abafado.

— Ouvi falar nisso — comentou, se sentindo leve para variar. — É no quarto do Cam, não é?

Ariane olhou para Luce por um segundo e passou a língua pelos dentes. Então olhou para trás, quase através de Luce.

— Oi, Todd — chamou, acenando com as pontas dos dedos. Ela puxou Luce para uma cadeira, ocupou o lugar seguro ao seu lado (ainda a duas cadeiras do Sr. Cole), e bateu no lugar próximo ao professor. — Venha sentar com a gente, T!

Todd, que estava indeciso sob o portal, pareceu imensamente aliviado por receber uma orientação, qualquer que fosse. Ele começou a andar em direção a elas, engolindo em seco. Assim que se ajeitou em sua cadeira, o Sr. Cole levantou os olhos do livro, limpou os óculos num lenço e disse:

— Todd, que bom que se sentou aqui. Queria saber se pode me ajudar com um pequeno favor após o filme. Sabe, o Diagrama de Venn é uma ferramenta muito útil para...

— Que maldade! — Penn colocou o rosto entre Ariane e Luce.

Ariane deu de ombros e tirou um saco de pipoca gigante de sua bolsa.

— Só posso tomar conta de um número limitado de alunos novos — argumentou, jogando uma pipoca amanteigada em Luce. — Sorte sua.

Quando as luzes na sala diminuíam, Luce olhou em volta até seus olhos pousarem em Cam. Ela pensou em sua sessão de fofoca interrompida com Callie, e lembrou-se de como a amiga sempre dizia que assistir a um filme com um cara era a melhor maneira de descobrir coisas sobre ele, coisas que não surgiriam durante uma conversa. Olhando para Cam, Luce pensou ter entendido o que Callie queria dizer: teria, sim, alguma coisa emocionante em observar pelo canto dos

olhos para ver quais piadas Cam achava engraçadas, para juntar sua própria risada à dele.

Quando o olhar dos dois se encontrou, Luce sentiu um instinto envergonhado de desviar os olhos. Mas, antes de poder fazer isso, o rosto de Cam se iluminou num largo sorriso. Isso a deixou incrivelmente perturbada por ter sido pega observando-o. Quando ele levantou a mão para acenar, Luce não conseguiu deixar de pensar como era exatamente o oposto do que acontecera quando Daniel a flagrara olhando para ele.

Daniel entrou com Roland, tão atrasados que Randy já tinha contado os presentes, tão atrasados que os únicos lugares restantes ficavam no chão na frente da sala. Ele passou pelo raio de luz do projetor e Luce notou pela primeira vez uma corrente de prata em volta de seu pescoço, e algum tipo de medalhão escondido sob a camiseta. Então Daniel abaixou para fora do campo de visão dela. Ela não conseguia ver nem o seu perfil.

No fim das contas, ***O homem das estrelas*** não era muito engraçado, mas as constantes imitações dos alunos de Jeff Bridges eram. Foi difícil para Luce se concentrar no roteiro. Além disso, estava tendo aquela desconfortável sensação gelada na nuca. Alguma coisa estava prestes a acontecer.

Quando as sombras vieram, dessa vez, Luce já as estava esperando. Então ela começou a pensar e a contar nos dedos as aparições. Elas surgiam numa frequência cada vez mais alarmante e em maior número, e Luce não conseguia entender se era só porque...

As sombras se infiltravam pelo teto do auditório, escorregavam pelas laterais do telão e finalmente traçavam os contornos das tábuas do piso como tinta derramada. Luce agarrou o assento da cadeira e sentiu o medo penetrando por suas pernas e braços. Todos os músculos

de seu corpo estavam tensos, mas Luce não conseguia parar de tremer. Um apertão em seu joelho esquerdo a fez olhar para Ariane.

— Você está bem? — Ariane gesticulou com a boca.

Luce assentiu e abraçou seus ombros, fingindo estar apenas com frio. Quem dera fosse esse o caso, mas esse arrepio em particular não tinha nada a ver com o ar-condicionado forte demais da Sword & Cross.

Ela podia sentir as sombras puxando seus pés sob a cadeira. Continuaram assim, pesando, durante todo o filme, e cada minuto se arrastou como se fosse uma eternidade.



Uma hora depois, Ariane tentou observar, através do olho mágico da porta pintada de bronze, o dormitório de Cam:

— Iu-hu — cantarolou, rindo. — A festa chegou.

Ela tirou um boá de penas rosa-shocking da mesma bolsa mágica de onde tinha vindo o saco de pipoca.

— Me dá um empurrãozinho — disse ela para Luce, balançando o pé no ar.

Luce enganchou os dedos e os posicionou embaixo da bota preta de Ariane. Ela observou Ariane se levantar do chão e usar o boá para cobrir a frente da câmera de segurança do corredor enquanto alcançava a parte de trás do aparelho e o desligava.

— Isso não é nem um pouco suspeito, sabe — comentou Penn.

— Você está do lado da pós-festa? — Ariane disparou de volta. — Ou está fazendo alianças com o partido vermelho?

— Só estou dizendo que existem maneiras mais inteligentes — Penn zombou enquanto Ariane voltava para o chão. Ariane colocou o boá nos ombros de Luce, e Luce riu e começou a se balançar ao ritmo da

música da Motown que elas ouviam tocando através da porta. Mas, quando Luce emprestou o boá a Penn por um tempo, ficou surpresa ao constatar que ela realmente parecia nervosa. Penn estava roendo as unhas e sua testa suava. Penn usava seis suéteres no calor úmido do sul em pleno setembro — ela nunca sentia calor.

— O que foi? — Luce cochichou, se inclinando para perto dela.

Penn brincou com a barra da manga da própria camisa e deu de ombros. Ela parecia estar prestes a responder quando a porta atrás delas se abriu. Uma rajada de fumaça de cigarro e música alta as atingiu, e de repente os braços abertos de Cam receberam as meninas.

— Vocês vieram! — exclamou, sorrindo para Luce. Até mesmo nessa luz fraca seus lábios tinham um brilho vinho-escuro. Quando ele a puxou para um abraço, a fez se sentir pequena e segura. Aquilo durou apenas um segundo; depois ele se virou para receber as outras duas garotas, e Luce se sentiu um pouco orgulhosa por ter sido a escolhida para ganhar o abraço.

Atrás de Cam, o quarto pequeno e escuro estava cheio de gente. Roland estava num canto, no som, segurando discos contra a luz negra. O casal que Luce tinha visto alguns dias antes estava aninhado perto da janela. Os garotos arrumadinhos com as camisas brancas estavam todos agrupados, lançando de vez em quando olhares para as garotas. Ariane não perdeu tempo e disparou através do quarto até a escrivaninha de Cam, que parecia estar servindo de bar. Praticamente um segundo depois, ela já estava com uma garrafa de champanhe entre as pernas e gargalhava ao tentar tirar a rolha.

Luce estava estupefata. Ela nem sabia como arranjar bebida na Dover, onde o mundo exterior era bem mais acessível. Cam voltara à Sword & Cross há apenas alguns dias, mas parecia que já conseguira contrabandear tudo que precisava para dar uma festa dionisíaca para a

escola inteira. E, de alguma maneira, todo mundo lá dentro parecia achar isso normal.

Ainda parada na soleira da porta, ela escutou o estouro, e então os aplausos do resto do pessoal, seguidos pela voz de Ariane gritando:

— Lucindaaa, entra aqui. Vou fazer um brinde.

Luce sentia o clima da festa, mas Penn parecia bem menos relaxada.

— Vai você — disse, acenando com uma das mãos para Luce.

— O que foi? Não quer entrar? — A verdade era que Luce também estava um pouco nervosa. Ela não tinha ideia do que podia acontecer numa festa daquelas e, considerando que ainda não tinha certeza do quão confiável Ariane era, definitivamente se sentiria melhor com Penn a seu lado.

Mas Penn fez uma careta:

— Eu... eu não tenho nada a ver com isso. Gosto de bibliotecas... e de workshops para aprender a usar PowerPoint. Quer invadir um arquivo, sou a garota certa. Mas isso... — Ela ficou na ponta dos pés e olhou para dentro do quarto. — Não sei. Essas pessoas só acham que sou uma sabichona.

Luce se esforçou para fazer uma cara de deixa-disso.

— E elas acham que ***eu*** sou uma bandeja de bolo de carne, e ***nós*** achamos que ***eles*** todos são uns otários. — Ela riu. — Será que não podemos viver todos em paz?

Lentamente um sorriso brincou nos lábios de Penn, que então pegou o boá de penas e pendurou-o em volta dos ombros.

— Ah, tá legal — concordou, entrando no quarto na frente de Luce.

Luce piscou, atônita, enquanto seus olhos se acostumavam à confusão. Uma cacofonia enchia o quarto, mas ela conseguia distinguir as risadas de Ariane. Cam fechou a porta atrás dela e segurou a mão de Luce para mantê-la ali atrás, longe do meio da festa.

— Estou muito feliz que tenha vindo — disse ele, pousando a mão na lombar de Luce e se inclinando para que ela conseguisse escutá-lo no quarto barulhento. Aqueles lábios pareciam muito saborosos, especialmente quando diziam coisas como "Meu coração parava cada vez que alguém batia, esperando que fosse você".

O que quer que tivesse atraído Cam para ela tão rapidamente, Luce não queria que parasse. Ele era popular e inesperadamente profundo, e a atenção que lhe dedicava a fazia se sentir mais do que lisonjeada; fazia-a se sentir mais confortável naquele lugar estranho e novo. Ela sabia que, se tentasse responder a seu elogio, se atropelaria nas palavras. Então apenas riu, o que o fez rir também, e então ele a puxou para mais um abraço.

Subitamente não havia lugar para suas próprias mãos a não ser em volta do pescoço dele. Luce se sentiu meio tonta enquanto Cam a apertava, levantando seus pés do chão levemente.

Quando ele a colocou de volta, Luce se virou para o resto da festa, e a primeira pessoa que viu foi Daniel. Mas ele não gostava de Cam, gostava? Ainda assim, estava lá, sentado de pernas cruzadas na cama, sua camiseta branca com um brilho violeta sob a luz negra. Assim que seus olhos encontraram os dele, era difícil ver qualquer outra coisa. O que não fazia sentido, afinal um cara lindo e simpático estava bem atrás dela, perguntando o que ela queria beber. O outro cara lindo, sentado do outro lado, embora infinitamente menos simpático, não devia ser para quem ela não conseguia parar de olhar. E ele estava encarando Luce também. Observava-a com muita atenção, com uma expressão enigmática nos olhos estreitos que Luce achava que nunca decifraria, mesmo se a visse mil vezes.

A única coisa da qual tinha certeza era do efeito que aquilo tinha nela. Todas as outras pessoas no quarto pareciam ter saído de foco, e ela estava derretendo. Podia ficar olhando de volta para ele a noite

toda, se não fosse por Ariane, que tinha subido em cima da escrivaninha e chamava Luce, com a taça erguida.

— À Luce — brindou, dando a Luce um sorriso inocente. — Que obviamente estava viajando e não prestou a menor atenção no meu discurso de boas-vindas e que ***nunca*** vai saber como foi fabuloso... não foi fabuloso, Ro? — Ela se abaixou na direção de Roland, que afagou seu tornozelo concordando.

Cam colocou um copo de plástico cheio de champanhe na mão de Luce. Ela corou e tentou disfarçar, rindo, enquanto o resto da festa ecoava:

— À Luce! Ao Bolo de Carne!

Ao seu lado, Molly se ergueu e sussurrou uma versão mais curta em seu ouvido:

— À Luce, que ***nunca*** vai saber.

Alguns dias antes, Luce teria se encolhido e se afastado. Essa noite, ela simplesmente revirou os olhos, e então deu as costas para Molly. A garota nunca tinha dito uma só palavra que não fizesse Luce se sentir mal, mas mostrar isso só parecia incentivá-la ainda mais. Então Luce ignorou-a e se abaixou para dividir a cadeira da escrivaninha com Penn, que lhe deu uma bala de gelatina de minhoca preta.

— Dá para acreditar? Estou até me divertindo — Penn comentou enquanto mastigava alegremente.

Luce mordeu a bala e tomou um golinho do champanhe borbulhante. Não era uma combinação muito boa. Meio como ela e Molly.

— Então, Molly é má assim com todo mundo ou eu sou especial?

Por um segundo, parecia que Penn daria uma resposta diferente, mas então afagou as costas de Luce:

— É só o encantador comportamento de sempre dela, minha cara.

Luce olhou em volta do quarto, para o champanhe liberado, para a sofisticada mesa de DJ de Cam, para o globo espelhado girando acima de suas cabeças, projetando estrelas nos rostos de todos.

— Onde eles arranjam essas coisas todas? — ela se perguntou em voz alta.

— O pessoal diz que Roland consegue contrabandear qualquer coisa para dentro da Sword & Cross — disse Penn sem se abalar. — Não que eu já tenha perguntado a ele.

Talvez tenha sido isso que Ariane quis dizer quando comentou que Roland sabia como conseguir coisas. O único item proibido que passava pela cabeça de Luce o bastante para pedir seria um celular. Mas, por outro lado... Cam tinha dito para não dar ouvidos ao que Ariane dizia sobre o funcionamento da escola. O que seria compreensível, exceto que tanta coisa da festa dele parecia ter sido cortesia de Roland. Quanto mais ela tentava esclarecer as coisas, menos elas faziam sentido. Luce provavelmente devia se conformar em simplesmente ser "legal" o bastante para ser convidada para as festas.

— Vamos lá, seu bando de perdedores — Roland disse alto o bastante para atrair a atenção de todos. O som tinha se resumido à estática entre duas músicas. — Vamos dar início ao karaokê, e estou aceitando pedidos.

— Daniel Grigori! — Ariane gritou, fazendo um megafone com as mãos.

— Não! — Daniel gritou de volta imediatamente.

— Ahh, o silencioso Grigori fica de fora de mais uma — disse Roland ao microfone. — Tem certeza de que não quer fazer sua versão de "Hellhound on My Trail"?

— Acho que essa música é ***sua***, Roland — disse Daniel. Um sorriso frágil surgiu em seus lábios, mas Luce teve a impressão de que era um

sorriso de vergonha, um sorriso de por-favor-parem-de-prestar-atenção-em-mim.

— Ele tem razão, pessoal — riu Roland. — Apesar de quê, cantar Robert Johnson no karaokê normalmente acaba esvaziando uma festa. — Ele tirou um disco de R. L. Burnside da pilha e indicou o som no canto. — Vamos mais pro sul.

Quando as notas de um baixo começaram, Roland pisou no palco, que na verdade era apenas uns poucos palmos de espaço vazio iluminados pela lua no meio do quarto. Todo mundo estava batendo palmas ou os pés no ritmo da música, mas Daniel não parava de olhar para o seu relógio. Luce ficou pensando em como ele assentira para ela no saguão mais cedo naquela noite, quando Cam a convidara para a festa. Como se Daniel quisesse que ela fosse, por algum motivo. E, é óbvio, agora que ela estava lá, ele nem ao menos reconheceu sua existência.

Se ela conseguisse ficar sozinha com ele...

Roland monopolizou tanto a atenção dos convidados que Luce foi a única a perceber quando, na metade da música, Daniel se levantou, se esgueirou por trás de Molly e Cam e saiu silenciosamente pela porta.

Essa era sua chance. Enquanto todos em volta estavam aplaudindo, Luce lentamente se levantou.

— Bis! — gritou Ariane. Então, percebendo que Luce tinha se levantado da cadeira, exclamou: — Ih, caramba, é a minha garota ali se oferecendo pra cantar?!

— Não! — Luce não queria cantar para um quarto cheio de gente, assim como não queria admitir o real motivo por estar levantando. Mas lá estava ela, parada bem no meio de sua primeira festa na Sword & Cross, com Roland enfiando o microfone embaixo de seu queixo. E agora?

— Eu... Eu só estava pensando em, er, Todd. Ele está perdendo a diversão. — A voz de Luce ecoou de volta para ela através das caixas de som. Ela já estava se arrependendo da mentira fajuta, e do fato de que não tinha como voltar atrás. — Pensei em ir até lá e ver se ele terminou de ajudar o Sr. Cole.

Nenhum dos outros alunos parecia saber muito bem o que pensar disso. Apenas Penn disse timidamente:

— Volta logo!

Molly estava dando uma risadinha de lado para Luce:

— O amor nerd — disse ela, fingindo afetação. — Que meigo.

Espere, eles estavam achando que ela gostava de Todd? Ah, dane-se; a única pessoa que Luce não queria que pensasse isso era quem ela estava procurando lá fora.

Ignorando Molly, Luce se apressou até a porta, onde Cam a recebeu de braços cruzados.

— Quer companhia? — perguntou ele, cheio de esperança.

Ela negou com a cabeça. Em qualquer outra ocasião, provavelmente teria aceitado a companhia de Cam, mas não agora.

— Eu volto logo — respondeu ela alegremente. Antes de poder ver a decepção estampada no rosto de Cam, ela deslizou até o corredor. Depois da barulheira da festa, o silêncio ecoava em seus ouvidos. Levou um segundo para distinguir as vozes abafadas que vinham de depois da curva.

Daniel. Ela reconheceria a voz dele em qualquer lugar. Mas não estava tão certa de com quem ele estava falando. Uma garota.

— Ahh, sinto muitoooo — disse a garota... com um característico sotaque sulista.

Gabbe? Daniel tinha saído para encontrar a loira retocada ***Gabbe***?

— Não vai acontecer de novo — continuou Gabbe —, juro que vou...

— Não pode se repetir — sussurrou Daniel, mas seu tom de voz praticamente gritava ***briga de casal***. — Você prometeu que estaria lá e não estava.

Onde? Quando? O coração de Luce pesava em seu peito. Ela avançou um pouco mais pelo corredor, tentando não fazer barulho.

Mas os dois tinham se calado. Luce conseguia imaginar Daniel pegando as mãos de Gabbe. Podia imaginá-lo se inclinando na direção dela para um longo e intenso beijo. Uma faca de inveja dilacerou o coração de Luce. Depois da curva do corredor, um deles suspirou.

— Vai ter que confiar em mim, querido — ela escutou Gabbe dizer, numa voz melosa que fez Luce resolver, de uma vez por todas, que a odiava. — Sou tudo que você tem.

SEIS



SEM SALVAÇÃO

Bem cedo na manhã de quinta-feira, um alto-falante ganhou vida no corredor do lado de fora do quarto de Luce:

— Atenção, alunos da Sword & Cross!

Luce virou para o outro lado com um grunhido, mas, por mais que apertasse o travesseiro sobre os ouvidos, não dava para bloquear os latidos de Randy que ecoavam pelos corredores.

— Vocês têm exatamente nove minutos para a apresentação no ginásio, é o exame de aptidão anual. Como sabem, não temos muita paciência com quem se atrasa, então estejam prontos e a postos para suas avaliações físicas.

Exame de aptidão? Avaliação física? Às seis e meia da manhã? Luce já estava se arrependendo de ter ficado fora até tão tarde na noite anterior... e de ter se revirado na cama até mais tarde ainda, nervosa.

Logo que começara a imaginar Daniel e Gabbe se beijando, Luce tinha se sentido enjoada — aquele tipo específico de enjoo que aparecia por saber que tinha feito papel de boba. Não havia nem possibilidade de voltar para a festa. Conseguiu apenas se desgrudar daquela parede e deslizar até seu quarto, para entender por que se

sentia tão estranha quando estava perto de Daniel, o que pateticamente achara ser algum tipo de conexão. Tinha acordado com o gosto amargo da ressaca da festa na boca. A última coisa em que queria pensar agora era em exercícios.

Ela jogou as pernas para fora da cama e pisou no frio piso de vinil. Enquanto escovava os dentes, tentava imaginar o que a Sword & Cross queria dizer com "avaliação física". Imagens intimidadoras de outros alunos — Molly, de cara feia, fazendo dúzias de exercícios na barra, Gabbe escalando sem esforço uma corda de 9 metros até o céu — inundaram sua mente. Sua única chance de não parecer uma idiota — de novo — era tentar tirar Daniel e Gabbe da cabeça.

Ela atravessou o lado sul do campus até o ginásio. Era uma grande estrutura gótica com contrafortes altos e torres de pedra que a faziam parecer mais uma igreja do que um lugar para onde alguém iria para se exercitar. Enquanto Luce se aproximava do prédio, a camada de trepadeiras cobrindo sua fachada sussurrava na brisa da manhã.

— Penn — chamou Luce, vendo a amiga usando um moletom e amarrando os cadarços do tênis num banco. Luce baixou os olhos para seu uniforme e botas pretas e subitamente entrou em pânico por medo de ter pulado alguma observação sobre uniformes diferenciados para esse tipo de avaliação. Mas, por outro lado, outros alunos estavam parados do lado de fora do prédio e nenhum deles parecia estar vestido muito diferente dela.

Os olhos de Penn estavam cansados:

— Tão acabada — gemeu. — Cantei um pouquinho ***demais*** no karaokê ontem à noite. Achei que poderia compensar tentando pelo menos ***parecer*** atlética.

Luce riu enquanto Penn se atrapalhava com o laço do tênis.

— O que houve com você na noite passada, afinal? — Penn perguntou. — Não voltou mais para a festa.

— Ah! — Luce exclamou, enrolando —, eu resolvi...

— Aaai. — Penn tampou os ouvidos. — Qualquer barulho parece um martelo batendo no meu cérebro. Pode me contar depois?

— Tudo bem — disse Luce. — Sem problemas. — As portas duplas para o ginásio se abriram com violência. Randy saiu, usando pesados tamancos de borracha, segurando sua onipresente prancheta. Ela indicou com as mãos para os alunos entrarem, e um a um eles pararam ao lado dela para serem orientados em direção à sua estação de ginástica.

— Todd Hammond — Randy gritou enquanto o garoto de joelhos bambos se aproximava. Os ombros de Todd se curvavam para a frente como parênteses, e Luce podia ver rastros de um forte bronzeado de trabalho na fazenda em sua nuca. — Pesos — mandou Randy, empurrando Todd para dentro.

— Pennyweather Van Syckle-Lockwood — berrou em seguida, fazendo Penn se encolher e apertar as palmas contra os ouvidos mais uma vez. — Piscina — instruiu Randy, pegando um maiô Speedo vermelho em uma caixa de papelão às suas costas e atirando para Penn.

— Lucinda Price — continuou Randy, depois de consultar sua lista. Luce deu um passo à frente e ficou aliviada quando Randy continuou. — Piscina também. — Luce deu um pulo para agarrar o maiô atirado no ar. Estava esgarçado e fino como um pedaço de pergaminho entre seus dedos. Pelo menos tinha cheiro de limpo. Mais ou menos.

— Gabrielle Givens — disse Randy logo depois, e Luce se virou para ver a nova pessoa que menos gostava no mundo se pavonear em shortinhos pretos e uma fina regata preta. Ela estava naquela escola há três dias... como já tinha conseguido fisgar Daniel?

— Oiii, Randy — disse Gabbe, arrastando as palavras com um tom nasalado que fez Luce ter vontade de imitar Penn e cobrir os ouvidos.

Tudo menos a piscina, Luce desejou. ***Tudo menos a piscina***.

— Piscina — Randy sentenciou.

Andando ao lado de Penn em direção ao vestiário feminino, Luce tentou evitar olhar para trás e encontrar Gabbe, que rodopiava o que parecia ser o único maiô bonito da pilha em seu dedo indicador com manicure francesinha. Em vez disso, Luce se concentrou nas paredes de pedra cinzentas e nas velhas parafernálias religiosas que as cobriam. Ela passou por cruzes de madeira cuidadosamente esculpidas com relevos retratando a Paixão de Cristo. Uma série de trípticos desbotados estava pendurada na altura dos olhos, com apenas os contornos das auréolas das figuras ainda visíveis. Luce se inclinou para ver melhor um grande documento escrito em latim, numa moldura de vidro.

— Decoração animadora, não? — perguntou Penn, engolindo algumas aspirinas com um gole da garrafa d'água em sua mochila.

— O que são todas essas coisas? — Luce quis saber.

— Parte da história. As únicas relíquias restantes de quando esse lugar ainda era o local da missa de domingo, na época da Guerra Civil.

— Isso explica por que parece tanto uma igreja — disse Luce, parando em frente a uma reprodução em mármore da ***Pietà*** de Michelangelo.

— Como tudo mais nesse buraco infernal, eles fizeram um trabalho medíocre tentando dar uma atualizada. Quero dizer, quem constrói uma piscina no meio de uma igreja velha?

— Está brincando — disse Luce.

— Quem me dera. — Penn revirou os olhos. — Todo verão, o diretor cisma em tentar me obrigar a redecorar esse lugar. Ele não admite, mas toda essa coisa católica dá nos nervos dele — explicou. — O problema é que, mesmo se eu tivesse vontade de ajudar, não teria ideia do que fazer com todo esse lixo, nem mesmo como fazer uma limpeza sem ofender, tipo, Deus e todo mundo.

Luce relembrou as imaculadas paredes brancas dentro do ginásio da Dover, fileiras de fotografias profissionais dos campeonatos do colégio, cada uma acompanhada da mesma legenda azul-marinho, todas com molduras douradas combinando. O único corredor "santificado" na Dover era o da entrada, onde todos os melhores-alunos-futuros-senadores e vencedores de bolsas na Guggenheim e bilionários saídos do nada exibiam seus retratos.

— Você podia pendurar os procura-se dos alunos atuais — ofereceu Gabbe atrás delas.

Luce começou a rir — ***tinha sido*** engraçado... e estranho, quase como se Gabbe tivesse lido sua mente —, mas então se lembrou da voz da garota na noite anterior, dizendo a Daniel que ***ela*** era a única pessoa que tinha. Luce rapidamente engoliu qualquer simpatia por ela.

— Estão enrolando! — gritou uma treinadora desconhecida, aparecendo do nada.

Ela — pelo menos Luce achava que era uma mulher — tinha um chumaço frisado de cabelo castanho puxado para trás num rabo de cavalo, panturrilhas como jarretes de porco, e aparelhos "invisíveis" amarelados cobrindo os dentes de cima. Ela apressou as garotas furiosamente para dentro de um vestiário, onde cada uma recebeu um cadeado com uma chave e foi direcionada até um armário vazio com um empurrão.

— Ninguém se atrasa sob a vigilância da treinadora Dante.

Luce e Penn se atrapalharam ao vestir os maiôs desbotados e largos. Luce estremeceu com seu reflexo no espelho, e então cobriu o máximo possível de si com a toalha.

Dentro do úmido ginásio da piscina, ela imediatamente entendeu do que Penn estava falando. A piscina em si era gigantesca, de tamanho olímpico, uma das poucas coisas benfeitas que tinha visto até agora naquele campus. Mas não era isso que a fazia excepcional, Luce

percebeu impressionada. A piscina tinha sido construída bem no meio do que costumava ser uma imensa igreja.

Havia uma fileira de lindos vitrais, com apenas alguns painéis quebrados, abrangendo as paredes até perto do teto alto e arqueado. Havia nichos acesos por velas ao longo da parede. Um trampolim havia sido instalado onde provavelmente costumava ficar o altar. Se Luce não tivesse sido criada sem religião, e sim como uma paroquiana temente a Deus, como o resto de seus amigos da escola primária, teria considerado o lugar um sacrilégio.

Alguns dos outros alunos já estavam na água, sem fôlego enquanto completavam suas voltas. Mas eram os alunos que não estavam dentro d'água que chamaram a atenção de Luce. Molly, Roland e Ariane estavam largados nos bancos junto às paredes, rindo de alguma coisa. Roland estava praticamente dobrado de tanto rir, e Ariane enxugava lágrimas de riso. Estavam usando roupas de banho bem mais bonitas que a de Luce, mas nenhum deles parecia ter a mínima intenção de chegar perto da piscina.

Luce tocou em seu maiô largo. Ela queria se juntar a Ariane, mas, justo quando estava pesando os prós (possível aceitação no mundo da elite) e os contras (a treinadora Dante repreendendo-a por ser avessa a exercícios), Gabbe desfilou até o grupo, como se já fosse a melhor amiga deles. Ela pegou o lugar bem ao lado de Ariane e imediatamente começou a gargalhar também, como se, qualquer que fosse a piada, ela já tivesse entendido.

— Eles sempre têm licença para ficar de fora — explicou Penn, olhando fixamente para a galera popular nos bancos. — Não me pergunte como conseguem se safar.

Luce circulou e hesitou em volta da piscina, sem conseguir prestar atenção nas instruções da treinadora Dante. Vendo Gabbe e os outros amontoados nos bancos, todos parecendo muito descolados, Luce

desejou que Cam estivesse lá também. Ela podia imaginá-lo, seu corpo em forma numa roupa de banho preta, acenando com o sorriso largo, chamando-a para ir até o grupinho, fazendo-a se sentir imediatamente bem-vinda, até mesmo importante.

Luce sentiu uma necessidade torturante de se desculpar por fugir da festa tão cedo. Isso era estranho; afinal, eles não estavam juntos, então Luce não precisava dar satisfações de suas idas e vindas a Cam. Mas, ao mesmo tempo, ela gostava quando ele prestava atenção nela. Gostava do cheiro dele — meio livre e aberto, como dirigir à noite com as janelas abertas. Gostava do jeito como ele prestava completa atenção quando ela falava, imóvel como se não pudesse ver ou ouvir mais ninguém além de Luce. Até quando ele a levantou do chão na festa, bem na frente de Daniel, ela gostou. Ela não queria fazer nada que indicasse que Cam deveria reconsiderar a maneira como a tratava.

Quando o apito da treinadora soou, Luce deu um pulo e esticou as costas, então olhou para baixo, arrependida, enquanto Penn e os outros alunos pularam todos para dentro da piscina. Ela olhou para Dante em busca de orientação.

— Você deve ser Lucinda Price... sempre se atrasa e nunca presta atenção? — A treinadora suspirou. — Randy me contou sobre você. São oito voltas, nado livre.

Luce assentiu e parou com os dedos do pé curvados sobre a borda da piscina. Ela costumava amar natação. Quando seu pai a ensinou a nadar na piscina comunitária de Thunderbolt, até ganhara um prêmio por ser a criança mais nova a se aventurar na parte funda, sem boias. Mas aquilo fora anos atrás. Luce não conseguia nem se lembrar da última vez em que havia nadado. A piscina aquecida ao ar livre da Dover sempre cintilara, tentadora — mas era proibida para quem não estava na equipe de natação.

A treinadora Dante limpou a garganta:

— Talvez não tenha entendido que isso é uma corrida... e você já está perdendo.

Essa era a "corrida" mais patética e ridícula que Luce já tinha visto, mas não impediu que sua veia competitiva se agitasse.

— E... ***ainda*** está perdendo — disse a treinadora, mordendo o apito.

— Não por muito tempo — disse Luce.

Ela observou seus adversários. O garoto à sua esquerda estava cuspindo água pela boca e espadanando, atrapalhado. À sua direita, Penn e seus tampões de nariz estavam calmamente deslizando, a barriga apoiada numa prancha de espuma cor-de-rosa. Por uma fração de segundo, Luce olhou o grupo na arquibancada. Molly e Roland estavam assistindo, Ariane e Gabbe estavam caídas uma sobre a outra, num irritante acesso de risos.

Mas ela não ligava para o motivo das gargalhadas. Não muito. Ela ia pular.

Com os braços curvados acima da cabeça, Luce mergulhou, sentindo suas costas se arquearem enquanto ela deslizava pela água fresca. Poucos sabiam fazer aquilo realmente bem, explicou seu pai uma vez para Luce, aos oito anos de idade, na piscina. Mas uma vez que você aperfeiçoa o nado borboleta, não havia como se mover mais rápido dentro d'água.

Guiada pela irritação, Luce ergueu o tronco para fora da água. O movimento impulsionou-a e ela começou a bater os braços como asas. Luce nadou com mais vontade do que qualquer outra coisa que tinha feito em muito, muito tempo. Sentindo-se vingada, ela ultrapassou os outros alunos uma vez, e depois outra.

Estava chegando ao final da oitava volta quando sua cabeça ficou fora da água por tempo suficiente para escutar a voz lenta de Gabbe dizendo "Daniel".

Como a chama de uma vela sendo soprada, o ímpeto de Luce desapareceu. Pôs os pés no chão da piscina e esperou para ouvir o que mais Gabbe ia dizer. Infelizmente, não conseguiu escutar mais nada além do espadanar confuso dos outros e, um momento depois, o apito.

— E o vencedor é — disse a treinadora Dante com uma expressão aturdida — Joel Bland. — O garoto magricelo de aparelho na raia ao lado pulou para fora da piscina e começou a pular, comemorando sua vitória.

Na raia ao lado, Penn parou subitamente.

— O que aconteceu? — Ela perguntou a Luce. — Você estava totalmente arrasando com ele.

Luce deu de ombros. ***Gabbe*** aconteceu, mas quando olhou de novo para os bancos Gabbe tinha ido embora, assim como Molly e Ariane. Onde o grupo estava antes, agora só via Roland concentrado em um livro.

A adrenalina de Luce aumentava exponencialmente enquanto nadava, mas agora, ao parar tão subitamente, Penn teve até que ajudá-la a sair da piscina.

Luce observou Roland pular da arquibancada.

— Você foi muito bem — disse ele, atirando uma toalha para ela e a chave do armário do vestiário que tinha esquecido onde colocara. — Por um tempinho.

Luce pegou a chave no ar e enrolou a toalha em volta do corpo. Mas, antes de poder responder alguma coisa normal, tipo "Valeu pela toalha" ou "Acho que só estou meio fora de forma", sua estranha e irritadiça nova personalidade soltou:

— Daniel e Gabbe estão juntos ou o quê?

Foi um grande erro. Enorme. Ela podia ver pela expressão nos olhos de Roland que sua pergunta seria levada diretamente a Daniel.

— Ah, entendi — disse Roland, e depois riu. — Bem, na verdade não posso... — Ele olhou para ela de cima e deu o que parecia um sorriso de compreensão. Então apontou para a porta aberta para o corredor e, quando Luce seguiu a direção de seu dedo, viu a silhueta magra e loira de Daniel passando. — Por que não pergunta a ele você mesma?

⁂

O cabelo de Luce pingava e os pés ainda estavam descalços quando ela se viu rondando a porta de uma grande sala de musculação. Ela queria ter ido direto para o vestiário se trocar e secar. Luce não sabia por que essa coisa com Gabbe a estava afetando tanto. Daniel podia ficar com quem quisesse, certo? Talvez Gabbe gostasse de garotos que mostrassem o dedo a ela.

Ou, o que era mais provável, esse tipo de coisa não acontecia com Gabbe.

Mas o corpo de Luce se sobrepôs à sua mente quando vislumbrou Daniel mais uma vez. Ele estava de costas, parado num canto, escolhendo uma corda numa pilha embolada. Ela o observou escolher uma corda fina azul-marinho com pegadores de madeira, e então ir até um espaço aberto no meio da sala. Sua pele praticamente reluzia, e cada movimento que fazia, seja alongando o longo pescoço ou se dobrando para coçar o joelho esculpido, deixava Luce completamente arrebatada. Ela ficou lá, jogada contra a porta de entrada, sem perceber que seu queixo tremia e a toalha estava ensopada.

Quando ele levou a corda para trás dos tornozelos um segundo antes de começar a pular, um ***déjà vu*** invadiu Luce como uma onda. Não que ela sentisse já ter visto Daniel pulando corda, mas sim a postura que ele assumia, que lhe parecia inteiramente familiar. Os pés

afastados seguindo a linha dos quadris, os joelhos relaxados, e os ombros baixos enquanto enchia o peito de ar. Luce quase podia ter desenhado aquilo.

Foi apenas quando Daniel começou a girar a corda que Luce acordou daquele transe... e entrou direto em outro. Nunca em sua vida ela vira alguém se mover como ele. Era quase como se Daniel estivesse voando. A corda passava pelo seu corpo alto tão rapidamente que desaparecia, e os pés — seus graciosos e estreitos pés — estavam mesmo tocando o chão? Ele se movia tão rapidamente que nem devia estar contando.

Um grunhido alto e uma batida do outro lado da sala de musculação tiraram a atenção de Luce. Todd estava caído na base de uma daquelas cordas cheias de nós para escalada. Ela lamentou momentaneamente por Todd, que estava olhando para as mãos cheias de bolhas. Antes que pudesse olhar de volta para Daniel para ver se ele tinha notado, uma agitação gélida e sombria próxima de sua pele fez Luce tremer. A sombra subiu por ela, lenta a princípio, gelada, tenebrosa, seus limites indiscerníveis. Então, subitamente e com violência, caiu sobre seu corpo e a empurrou para trás. A porta da sala de musculação bateu em seu rosto e Luce se viu sozinha no corredor.

— Ai! — ela gritou, não exatamente porque tinha se machucado, mas porque nunca havia sido ***tocada*** pelas sombras antes. Olhou para seus braços nus, onde tinha sentido quase como se mãos a estivessem agarrando, enxotando-a da academia.

Era impossível — ela simplesmente parou num lugar estranho; uma corrente de ar deve ter passado pelo ginásio. Hesitando, Luce se aproximou da porta fechada e pressionou o rosto contra o pequeno retângulo de vidro.

Daniel estava olhando em volta, como se tivesse escutado alguma coisa. Ela tinha certeza de que não sabia que era ela: ele não estava

fazendo cara feia.

Luce pensou na sugestão de Roland de simplesmente perguntar a Daniel o que estava havendo, mas rapidamente afastou aquela ideia. Era impossível perguntar qualquer coisa a Daniel. Ela não queria trazer aquela carranca de volta a seu rosto.

Além disso, qualquer pergunta que pudesse fazer seria inútil. Já ouvira tudo que precisava ouvir noite passada. Só se fosse algum tipo de sádica para pedir a ele que admitisse que estava com Gabbe. Ela se virou em direção ao vestiário quando percebeu que não podia fazer isso.

Sua chave.

Deve ter escorregado de suas mãos quando ela tropeçou para fora da sala. Luce ficou na ponta dos pés para enxergar o chão através da janelinha de vidro da porta. Lá estava, uma mancha cor de bronze no tapete azul fofo. Como é que tinha ido parar tão longe, do outro lado da sala, tão perto de onde Daniel estava pulando corda? Luce suspirou e empurrou a porta de novo, pensando que, se ia ter que entrar ali, pelo menos faria isso rapidamente.

Esticando-se até a chave, ela deu um último olhar para ele. Seu ritmo estava diminuindo, mas os pés ainda mal tocavam o chão. E então, com um último pulo, leve como o ar, ele parou e se virou para olhá-la.

Por um momento, não disse nada. Ela podia sentir que estava corando e desejou com todo o coração não estar usando um maiô tão horroroso.

— Oi. — Foi tudo que ela conseguiu pensar em dizer.

— Oi — respondeu ele, num tom de voz muito mais calmo. Então, apontando para o maiô dela, perguntou: — Ganhou?

Luce deu uma risada triste e apagada, e balançou a cabeça.

— Longe disso.

Daniel franziu os lábios.

— Mas você sempre...

— Sempre o quê?

— Quero dizer, você parece ser uma boa nadadora. — Ele deu de ombros. — Só isso.

Ela deu um passo na direção dele. Estavam parados a apenas trinta centímetros de distância. Gotas de água caíam de seus cabelos e tamborilavam como chuva nos colchões de ginástica.

— Não era isso que você ia dizer — insistiu ela. — Você disse que eu sempre...

Daniel se ocupou enrolando a corda em volta do pulso.

— É, eu não quis dizer ***você*** você. ***Você*** em geral. Sempre deixam você ganhar sua primeira corrida aqui. Um acordo de cavalheiros entre nós, veteranos.

— Mas Gabbe também não ganhou — disse Luce, cruzando os braços sobre o peito. — E ela é nova. Ela nem entrou na piscina.

— Ela não é exatamente nova, apenas voltou depois de um tempo... longe. — Daniel deu de ombros de novo, não revelando nada de seus sentimentos por Gabbe. Sua óbvia tentativa de parecer despreocupado deixou Luce com mais ciúmes ainda. Ela o observou terminar de enrolar a corda num caracol, suas mãos se movendo quase tão rapidamente quanto seus pés. E aqui estava ela, tão desajeitada e sozinha e gelada e deixada fora de tudo por todo mundo. Seus lábios tremeram.

— Ah, Lucinda — sussurrou ele, suspirando profundamente.

O corpo inteiro dela se aqueceu com aquele som. Sua voz era tão íntima e familiar.

Ela queria que dissesse seu nome de novo, mas Daniel já estava de costas. Ele pendurou a corda num prego na parede.

— Tenho que me trocar antes da aula.

Ela pousou uma das mãos em seu braço:

— Espera.

Ele se afastou como se tivesse levado um choque — e Luce sentiu isso também, mas era um tipo de choque ***bom***.

— Você não tem a sensação... — Ela levantou os olhos para encontrar os dele. De perto, viu como eram incomuns. Pareciam cinzentos de longe, mas de perto havia riscos cor de violeta neles. Ela conhecia outra pessoa com olhos assim... — Podia jurar que já nos conhecemos antes — disse ela. — Estou louca?

— Louca? Não é por isso que está aqui? — ele disse, desconsiderando.

— Estou falando sério.

— Eu também. — O rosto de Daniel estava inexpressivo. — E, para seu governo — ele apontou para um dispositivo piscando no teto —, os vermelhos também monitoram perseguidoras.

— Não estou ***perseguindo você***. — Luce esticou as costas, muito ciente da distância entre seus corpos. — Pode dizer que não faz ideia do que estou falando e não mentir?

Daniel deu de ombros.

— Não acredito em você — insistiu Luce. — Olhe nos meus olhos e diga que estou errada. Que nunca vi você na minha vida antes dessa semana.

Seu coração disparou quando Daniel se aproximou dela, colocando as duas mãos em seus ombros. Os polegares se encaixaram perfeitamente nos sulcos de sua clavícula, e ela queria poder fechar os olhos com o calor de seu toque — mas não o fez. Luce olhou para Daniel enquanto ele abaixou sua cabeça de forma que seu nariz estava quase tocando o dela. Ela podia sentir a respiração dele em seu rosto. Podia sentir um toque de doçura em sua pele.

Daniel fez o que ela pediu. Olhou-a nos olhos e disse, muito lentamente, muito claramente, para que suas palavras não pudessem ser mal compreendidas:

— Você nunca me viu na sua vida até essa semana.

SETE



ESCLARECENDO

— Para onde você está indo *dessa vez*? — perguntou Cam, abaixando seus óculos de sol de plástico vermelho.

Ele tinha aparecido do lado de fora da entrada do Augustine tão subitamente que Luce quase trombou nele. Ou talvez ele estivesse ali há algum tempo e ela apenas não o tivesse notado, em sua pressa para ir para a aula. De qualquer maneira, seu coração começou a bater mais rápido e as mãos começaram a suar.

— Hum, para a aula? — Luce respondeu; afinal, onde é que parecia que ela estava indo? Seus braços estavam sobrecarregados com os dois pesados livros de cálculo e o trabalho de religião pela metade.

Essa seria uma boa hora para se desculpar por ter ido embora tão de repente na noite anterior. Mas ela não conseguiu. Já estava muito atrasada. Não tinha água quente nos chuveiros do vestiário, então Luce precisou correr de volta até o dormitório. De alguma maneira, o que tinha acontecido depois da festa não parecia mais importante. Ela não queria chamar mais atenção para o fato de ter ido embora — especialmente não agora, depois de Daniel tê-la feito se sentir tão patética. Ela também não queria que Cam pensasse que estava sendo

rude; só queria passar por ele e ficar sozinha para superar a manhã de constrangimentos.

Exceto que, quanto mais Cam olhava para ela, menos parecia ser importante ir embora. E menos Luce se sentia diminuída por Daniel a ter dispensado. Como é que um olhar de Cam conseguia fazer tudo isso?

Com sua pele pálida e cabelo preto, Cam era diferente de qualquer outro cara que ela já conhecera. Ele transpirava confiança, e não apenas porque conhecia todo mundo — e sabia como conseguir qualquer coisa — antes de Luce sequer decorar onde ficavam suas salas de aula. Bem ali, parados do lado de fora do prédio monótono e cinzento, Cam parecia uma fotografia artística em preto e branco, com um ponto de cor marcado pelos óculos vermelhos.

— Aula, é? — Cam bocejou dramaticamente. Ele estava bloqueando a entrada e algo no trejeito divertido de seus lábios fez Luce querer saber o que ele estava tramando. Havia uma mochila de tecido pendurada em seu ombro e um copo descartável de expresso entre seus dedos. Ele pausara o seu iPod, mas deixou os fones de ouvido pendurados em volta do pescoço. Parte dela queria saber que música ele estava ouvindo, e onde tinha arranjado aquele expresso ilegal. O sorriso brincalhão visível apenas naqueles olhos verdes a desafiavam a perguntar.

Cam tomou um pequeno gole do café. Levantando o dedo indicador, disse:

— Permita-me dividir com você meu lema sobre as aulas na Sword & Cross: antes nunca do que tarde.

Luce riu e então Cam empurrou os óculos de sol de volta para cima do nariz. As lentes eram tão escuras que ela não via nem sombra de seus olhos.

— Além disso — ele sorriu, mostrando seus dentes brancos —, está quase na hora do almoço, e trouxe um piquenique comigo.

Hora do almoço? Luce não tinha nem tomado café da manhã ainda. Mas seu estômago estava ***mesmo*** roncando — e a ideia de ser repreendida pelo Sr. Cole por chegar nos vinte minutos finais das aulas matinais parecia menos e menos atraente quanto mais ela ficava ao lado de Cam.

Luce indicou com a cabeça a mochila que ele estava segurando.

— Trouxe o bastante para dois?

Guiando Luce com a mão larga pousada na sua cintura, Cam a levou através do pátio, passando pela biblioteca e pelo dormitório sombrio. Nos portões de metal do cemitério, ele parou.

— Sei que é um lugar estranho para um piquenique — explicou —, mas é o melhor lugar que conheço para sumir de vista um pouquinho. Aqui no campus, pelo menos. Às vezes simplesmente não consigo respirar lá. — Ele indicou os prédios com um gesto.

Luce definitivamente conseguia entender a sensação. Ela se sentia ao mesmo tempo sufocada e exposta naquele lugar quase o tempo todo. Mas Cam parecia ser a última pessoa que compartilharia com ela essa síndrome de aluno novo. Ele era tão... senhor de si. Depois da festa da noite anterior, e agora com um café proibido na mão, ela nunca pensaria que Cam também se sentia sufocado. Ou que escolheria Luce para dividir o que sentia.

Atrás dele, Luce podia ver o resto do campus degradado. Dali não havia muita diferença entre um lado dos portões do cemitério e o outro.

Luce decidiu simplesmente seguir a maré:

— Só prometa que vai me salvar se alguma estátua desabar.

— Não — disse Cam com uma seriedade que apagou a piada dela de uma vez só. — Aquilo não vai acontecer de novo.

Seu olhar caiu no lugar onde, apenas alguns dias antes, ela e Daniel quase conseguiram um túmulo no cemitério para si próprios. Mas o anjo de mármore que tinha caído sobre eles não estava mais lá e o pedestal estava vazio.

— Vamos lá — disse Cam, puxando-a junto com ele. Eles passaram de lado ao redor de várias áreas com ervas daninhas crescidas demais, e Cam ficava virando para trás para ajudá-la a passar por cima de montes de terra cavados por sabe-se lá quem.

A certa altura, Luce quase perdeu o equilíbrio e se segurou em uma das lápides para se estabilizar. Era uma placa grande e brilhante, com um lado bruto e inacabado.

— Sempre gostei dessa — disse Cam, gesticulando para a lápide rosada sob os dedos dela. Luce andou até a frente para ler a inscrição.

— Joseph Miley — leu em voz alta. — 1821 a 1865. Serviu bravamente na Guerra de Secessão. Sobreviveu a três balas e cinco cavalos abatidos até encontrar sua paz final.

Luce estalou os dedos. Talvez Cam só gostasse dela porque a pedra rosada se destacava entre as muitas outras cinzentas? Ou talvez por causa dos intricados espirais no topo? Ela ergueu uma sobrancelha para o garoto.

— É. — Cam deu de ombros. — Só gosto de como a lápide explica como ele morreu. É honesto, sabe? Geralmente o pessoal não gosta de detalhar muito.

Luce desviou os olhos. Ela sabia disso muito bem, por causa do inescrutável epitáfio na lápide de Trevor.

— Pense em como esse lugar seria mais interessante se a causa da morte de todo mundo estivesse escrita aqui. — Ele apontou para um pequeno túmulo a alguns passos do de Joseph Miley. — Como acha que ela morreu?

— Hum, escarlatina? — Luce adivinhou, dirigindo-se para lá.

Ela passou os dedos sobre as datas. A garota enterrada ali era mais nova quando morreu do que Luce hoje. Luce na verdade não queria pensar muito em como poderia ter acontecido.

Cam inclinou a cabeça, considerando.

— Talvez — disse. — Ou então um incêndio misterioso num celeiro, enquanto a jovem Betsy estava tirando uma inocente "soneca" com o vizinho.

Luce começou a fingir ter ficado ofendida, mas em vez disso o rosto de Cam, cheio de expectativa, a fez rir. Havia muito tempo desde que brincara assim com um garoto. Tudo bem, essa cena era um pouco mais mórbida que o típico estacionamento de cinema que servia de cenário para os namoros a que ela estava acostumada, mas os alunos da Sword & Cross também eram. Para o melhor ou para o pior, Luce era um deles agora.

Seguiu Cam até o centro do cemitério em formato de tigela, onde ficavam as lápides e mausoléus mais ornamentados. Da encosta acima, parecia que as lápides estavam olhando para eles, como se Luce e Cam fossem atores num anfiteatro. O sol do meio-dia brilhava alaranjado pelas folhas de um enorme carvalho no cemitério, e Luce protegeu os olhos com as mãos. Era o dia mais quente da semana toda.

— Agora, esse cara — disse Cam, apontando para um imenso túmulo envolto por colunas coríntias. — Desertor total. Morreu sufocado com uma viga que despencou em seu porão. Moral da história: nunca ignore uma convocação dos confederados.

— Ah, é verdade? — Luce perguntou. — E você é um especialista no assunto desde quando? — Mesmo quando o provocava, Luce se sentia estranhamente privilegiada por estar ao seu lado. Ele ficava conferindo para ter certeza de que ela estava sorrindo.

— Apenas um sexto sentido. — Ele deu um sorriso largo e inocente. — Se tiver gostado, tem um sétimo, um oitavo e um nono

sentidos de onde esse veio.

— Impressionante. — Ela sorriu. — Vou me conformar com o sentido do paladar agora: estou morrendo de fome.

— Às suas ordens. — Cam puxou uma toalha da mochila e a estendeu num pedaço de sombra embaixo do carvalho. Quando ele abriu a garrafa térmica, Luce pôde sentir o cheiro do café forte. Ela geralmente não tomava café puro, mas não disse nada enquanto Cam enchia a caneca com gelo, derramava o café por cima e acrescentava a quantidade exata de leite no topo. — Esqueci de trazer o açúcar — disse.

— Não coloco açúcar. — Ela tomou um gole do café com leite gelado, seu primeiro delicioso gole da cafeína proibida na Sword & Cross a semana toda.

— Que sorte — disse Cam, mostrando o restante do piquenique. Os olhos de Luce se arregalaram enquanto ela o observava arrumando a comida: uma baguete tostada, um pequeno pedaço redondo de queijo, um baldinho de cerâmica com azeitonas, uma tigela de ovos cozidos recheados e duas maçãs verdes. Não parecia possível que Cam tivesse carregado isso tudo dentro de sua mochila... ou que estivesse planejando comer a comida toda sozinho.

— Onde arranjou tudo isso? — Luce perguntou. Fingindo estar imersa na tarefa de partir um pedaço de pão, ela continuou. — E com quem você estava planejando um piquenique antes de eu aparecer?

— Antes de você aparecer? — Cam riu. — Mal consigo me lembrar de minha vida sem graça antes de você.

Luce deu a ele um discreto olhar de descrença só para ele saber que tinha achado o comentário incrivelmente brega... e talvez um pouquinho charmoso. Ela se inclinou para trás sobre os cotovelos em cima da toalha, seus tornozelos cruzados. Cam estava sentado de pernas cruzadas à sua frente, e quando se inclinou por cima dela para

pegar a faca de queijo, seu braço encostou no joelho dela, e ali ficou. Cam olhou para Luce como que se para perguntar, ***Tudo bem fazer isso?***

Como ela não se afastou, ele continuou como estava, pegando o pedaço da baguete de sua mão e usando a perna dela como mesa enquanto colocava um triângulo de queijo no pão. Ela gostava da sensação do peso dele nela e, num calor daqueles, isso significava algo importante.

— Vou começar com a pergunta mais fácil — disse ele, finalmente se sentando de volta. — Ajudo na cozinha alguns dias por semana. Isso é parte do meu acordo de readmissão na Sword & Cross. Tenho que "dar algo em troca". — Ele revirou os olhos. — Mas não me incomodo em ajudar. Acho que gosto do calor. Quero dizer, se não contar as queimaduras. — Ele estendeu os pulsos virados para cima para mostrar dúzias de pequenas cicatrizes em seus antebraços. — Ossos do ofício — disse casualmente. — Mas posso atacar a despensa.

Luce não se segurou e passou os dedos nas cicatrizes, os diversos inchaços pálidos sumindo em sua pele ainda mais pálida. Antes de ela poder se sentir envergonhada pela atitude ousada e afastar as mãos, Cam segurou a mão com força.

Luce ficou olhando seus dedos envoltos pelos dele. Ela não tinha percebido antes como o tom de pele dos dois era parecido. Naquela paisagem sulista de adoradores do sol, a palidez de Luce sempre a deixara envergonhada. Mas a pele de Cam era tão impressionante, tão notável, quase metálica — e agora ela percebia que talvez parecesse da mesma maneira para ele. Seus ombros estremeceram e ela se sentiu meio tonta.

— Está com frio? — ele perguntou em voz baixa.

Quando Luce o olhou nos olhos, entendeu que ele sabia que ela não estava com frio.

Ele se aproximou mais e baixou a voz até um sussurro:

— Acho que agora vai querer que eu admita que a vi cruzando o pátio pela janela da cozinha e enfiei tudo isso na mochila na esperança de convencer você a matar aula comigo, certo?

Esse era um bom momento para olhar para o gelo em seu copo, se ele já não tivesse derretido no calor rançoso de setembro.

— E você tinha todo esse esquema para um piquenique romântico — completou ela. — Nesse cemitério cenográfico?

— Ei. — Cam passou um dedo pelo lábio inferior dela. — É você que está falando em romance.

Luce se afastou. Ele tinha razão — ela é que estava sendo a presunçosa... pela segunda vez naquele dia. Podia sentir suas bochechas ardendo enquanto tentava ***não*** pensar em Daniel.

— Estou brincando — disse Cam, balançando a cabeça ao notar o olhar assustado no rosto dela. — Como se isso não fosse óbvio. — Ele olhou para cima em direção ao vulto de um pássaro que circulava um grande canhão de mármore. — Sei que não é nenhum Éden aqui — disse, atirando uma maçã para Luce —, mas finja que estamos numa música do The Smiths. E a meu favor, não é como se tivéssemos muitas opções nessa escola.

Isso não era nem o começo.

— Na minha opinião — disse Cam, deitando-se na toalha —, o local é insignificante.

Luce lançou um olhar descrente a ele. Ela também não queria que ele tivesse se afastado, mas era tímida demais para se aproximar enquanto ele estava apoiado de lado.

— Onde eu cresci... — uma pausa — as coisas não eram tão diferentes assim do estilo de vida prisioneiro da Sword & Cross. A parte boa disso é que sou oficialmente imune aos meus arredores.

— Até parece. — Luce balançou a cabeça. — Se eu tivesse agora uma passagem de avião para a Califórnia, você não faria de tudo para dar o fora daqui?

— Hum... ficaria levemente indiferente — disse Cam, jogando a metade de um ovo na boca.

— Não acredito em você. — Luce deu um empurrão de leve nele.

— Então deve ter tido uma infância feliz.

Luce mordeu a casca verde da maçã e lambeu o sumo que escorreu pelos seus dedos. Folheando um catálogo mental de sua vida, lembrou-se de todas as reprimendas dos seus pais, visitas a médicos e mudanças de escola, com as sombras pretas encobrindo tudo como uma capa. Não, ela não diria que teve uma infância ***feliz***. Mas, se Cam não conseguia nem enxergar alguma esperança no horizonte além da Sword & Cross, então talvez a dele tivesse sido pior.

Houve um farfalhar perto dos pés deles e Luce se encolheu como uma bola quando uma enorme cobra verde e amarela deslizou ali por perto. Tentando não se aproximar demais, ela ficou de joelhos e olhou-a com atenção. Não era apenas uma cobra, mas uma cobra trocando de pele. Uma camada translúcida estava saindo atrás de seu rabo. Havia cobras em toda a Georgia, mas ela nunca vira uma mudar de pele.

— Não grite — disse Cam, descansando uma das mãos no joelho de Luce. Seu toque a fez se sentir mais segura. — Ela vai embora se a deixarmos em paz.

Com sorte, a cobra foi embora bem rápido. Luce queria muito gritar. Ela sempre tinha odiado e sentido medo de cobras. Elas eram simplesmente muito escorregadias e cheias de escamas e...

— Eca. — Ela estremeceu, mas não conseguiu tirar os olhos da cobra até esta ter desaparecido em meio à grama crescida.

Cam riu enquanto pegava a pele antiga e a colocava na mão de Luce. Ainda parecia estar viva, como a pele úmida de um bulbo de alho

fresco que seu pai puxara uma vez de sua horta. Mas tinha saído de uma cobra. Nojento. Ela jogou a escama de volta no chão e limpou as mãos no jeans.

— Qual é, não achou bonitinho?

— A minha tremedeira me denunciou, é? — Luce já estava se sentindo meio envergonhada pelo seu comportamento infantil.

— E quanto à sua fé no poder da transformação? — Cam perguntou, tocando com os dedos a pele. — É para isso que estamos aqui, afinal.

Cam tinha tirado os óculos de sol. Seus olhos cor de esmeralda pareciam tão confiantes. Ele estava naquela pose sobrenaturalmente imóvel de novo, esperando por sua resposta.

— Estou começando a achar você meio estranho — ela disse finalmente, abrindo um sorrisinho.

— Ah, e imagine só quanto mais você pode descobrir sobre mim — rebateu ele, se aproximando mais. Mais perto do que quando a cobra apareceu. Mais perto do que ela estava esperando. Cam estendeu a mão e lentamente passou os dedos pelo cabelo dela. Luce ficou tensa.

Cam era lindo e intrigante. O que ela não conseguia entender era como, quando ela devia estar uma pilha de nervos — como naquele exato momento —, ela ainda se sentia de alguma maneira confortável. Queria estar bem onde estava. Ela não conseguia tirar os olhos da boca de Cam, que era cheia e rosada e cada vez mais próxima, fazendo-a se sentir tonta. Seus ombros se tocaram e ela sentiu um estranho arrepio bem dentro do peito. Ela observou enquanto Cam abria a boca. Então ela fechou os olhos.

— Aí estão vocês! — Uma voz esbaforida fez Luce se desconcentrar.

Luce soltou um suspiro exasperado e olhou para Gabbe, que estava parada na frente deles, com um rabo de cavalo alto de lado e um sorriso inocente no rosto.

— Procurei vocês ***em todos os lugares***.

— Por que diabos você faria isso? — Cam olhou furiosamente para ela, ganhando mais alguns pontos com Luce.

— O cemitério foi o último lugar em que pensei — Gabbe continuou tagarelando, contando nos dedos. — Olhei nos quartos, embaixo das arquibancadas, depois...

— O que você ***quer,*** Gabbe? — Cam a interrompeu, como um irmão, como se eles já se conhecessem há um longo tempo.

Gabbe piscou, e então mordeu o lábio.

— Foi a Srta. Sophia — disse finalmente, estalando os dedos. — Isso mesmo. Ela ficou toda exaltada quando Luce não apareceu para a aula. Não parava de falar sobre como você era uma aluna tão promissora e tudo.

Luce não conseguia entender essa garota. Ela estava falando a verdade, simplesmente seguiu ordens? Estava zombando de Luce por deixar uma boa impressão em um dos professores? Não era o suficiente ter Daniel na palma das mãos — tinha que vir atrás de Cam agora, também?

Era muito provável que Gabbe soubesse que estava interrompendo alguma coisa, mas ainda assim ficou parada ali, piscando seus grandes olhos ingênuos e enrolando uma mecha de cabelo loiro em volta do dedo.

— Bem, andem logo — disse finalmente, estendendo as mãos para ajudar Luce e Cam a se levantarem. — Vamos voltar para a aula.

⁜

— Lucinda, pode ficar na mesa três — disse a Srta. Sophia, olhando para uma folha de papel enquanto Luce, Cam e Gabbe entravam na biblioteca. Nada de "***Onde vocês estavam?***". Nada de broncas pelo

atraso. Apenas a Srta. Sophia, distraidamente colocando Luce na mesa ao lado de Penn no laboratório de informática da biblioteca. Como se nem tivesse notado a ausência de Luce.

Luce lançou um olhar acusatório para Gabbe, mas ela simplesmente deu de ombros e perguntou um "O quê?" silencioso.

— Onde você tava? — Penn exigiu saber assim que ela se sentou. Era a única pessoa que pareceu ter notado que ela não estivera lá.

Os olhos de Luce encontraram Daniel, que estava praticamente enterrado na mesa sete. De onde estava, tudo que Luce via era a auréola loira de seu cabelo, mas foi o suficiente para deixá-la corada. Ela afundou mais em sua cadeira, envergonhada de novo pela conversa no ginásio.

Mesmo depois de todas as gargalhadas e sorrisos e daquele quase-beijo em potencial que tinha acabado de compartilhar com Cam, ela não podia ignorar o que sentia quando via Daniel.

E eles nunca ficariam juntos.

Era basicamente o que ele dissera a ela no ginásio. Depois de Luce basicamente ter se atirado em cima dele.

A rejeição a machucava tão profunda e emocionalmente que ela tinha certeza de que todos à sua volta podiam dar uma olhada para ela e saber exatamente o que tinha acontecido.

Penn estava batendo o lápis impacientemente na mesa de Luce, mas ela não sabia como explicar. Seu piquenique com Cam tinha sido interrompido por Gabbe antes mesmo de Luce conseguir entender o que estava acontecendo. Ou o que ia acontecer. Mas, o que era mais estranho, e que ela não conseguia entender, era por que tudo aquilo parecia menos importante do que o que tinha acontecido no ginásio com Daniel.

A Srta. Sophia estava parada no meio do laboratório de informática, estalando os dedos no ar como faz uma professora de

jardim de infância para chamar a atenção dos alunos. Suas fileiras de pulseiras de prata repicavam como sinos.

— Se algum de vocês já pesquisou sua árvore genealógica — disse ela, mais alto que o ruído da turma —, então sabe que tipos de tesouros estão enterrados em suas raízes.

— Ah, por favor, por favor, acabe com essas metáforas — cochichou Penn. — Ou acabe comigo. O que vier primeiro.

— Vocês terão vinte minutos de acesso à Internet para começarem uma pesquisa sobre suas árvores genealógicas — continuou a Srta. Sophia, batendo num cronômetro. — Uma geração abarca cerca de 20 a 25 anos, então tentem voltar pelo menos seis gerações.

Saco.

Um suspiro alto subiu da mesa sete — Daniel.

A Srta. Sophia se virou para ele.

— Daniel? Algum problema com o trabalho?

Ele suspirou de novo e deu de ombros.

— Não, de maneira alguma. Tudo bem. Minha árvore genealógica. Deve ser interessante.

A Srta. Sophia balançou a cabeça, confusa.

— Vou assumir que está entusiasmado. — Dirigindo-se à turma toda novamente, ela continuou: — Acredito que encontrarão uma linha que valha a pena seguir para um trabalho de dez a quinze páginas.

Luce não conseguiria se concentrar naquilo agora de jeito nenhum. Não quando havia tantas coisas para entender. Ela e Cam no cemitério. Talvez não tivesse sido a definição mais tradicional de romantismo, mas Luce preferia assim. Era diferente de tudo que já tinha feito antes. Matar aula para ficar andando no meio de todos aqueles túmulos, dividindo aquele piquenique, enquanto ele lhe dava um refil daquele café com leite perfeito. Zombando do seu medo de cobras. Bem, ela

podia ter passado sem toda aquela história com a cobra, mas pelo menos Cam tinha sido legal com ela. Mais do que Daniel havia sido a semana toda.

Ela odiava admitir, mas era verdade. Daniel não estava interessado.

Cam, por outro lado...

Ela o analisou, a algumas mesas de distância. Cam enviou uma piscadela antes de começar a digitar em seu teclado. Então ele gostava dela. Callie não ia parar de falar sobre como obviamente ele estava a fim dela.

Luce queria ligar para Callie naquele instante, sair correndo dessa biblioteca e deixar a pesquisa da árvore genealógica para depois. Conversar sobre outro cara talvez fosse o meio mais rápido — e talvez o único — de tirar Daniel da cabeça. Mas havia aquela horrível regra sobre telefonemas na Sword & Cross, fora os outros alunos em volta dela, que agora pareciam tão aplicados. Os olhos pequenos da Srta. Sophia examinavam a sala em busca de preguiçosos.

Luce suspirou, derrotada, e abriu a ferramenta de busca em seu computador. Ela estava presa ali por mais vinte minutos, sem dedicar um único neurônio ao trabalho. A última coisa que queria era saber mais sobre sua própria família chata. Em vez disso, seus dedos, até então apáticos, começaram a digitar treze letras por vontade própria:

"Daniel Grigori."

Buscar.

OITO



UM MERGULHO FUNDO DEMAIS

Quando Luce abriu a porta no sábado de manhã, Penn caiu em seus braços.

— E você pensando que um dia eu finalmente entenderia que portas abrem para ***dentro*** — desculpou-se ela, ajeitando os óculos. — Tenho que me lembrar de parar de me apoiar nos olhos mágicos. Belo quarto, aliás — acrescentou, olhando em volta. Ela atravessou até a janela sobre a cama de Luce. — Vista legal, tirando as barras e tudo.

Luce ficou atrás dela, olhando para o cemitério e, perfeitamente visível dali, para o carvalho embaixo do qual ela fizera o piquenique com Cam. E, invisível dali, mas nítido em sua cabeça, o lugar onde tinha ficado presa embaixo daquela estátua com Daniel. O anjo vingador que desaparecera misteriosamente depois do acidente.

Lembrando-se dos olhos preocupados de Daniel quando sussurrou seu nome aquele dia, o quase toque de seus narizes, o jeito que ela sentira as pontas dos dedos dele em seu pescoço — tudo aquilo a deixava com calor.

E sentindo-se patética. Ela suspirou e deu as costas para a janela, percebendo que Penn também tinha saído de perto.

Ela estava mexendo na escrivaninha de Luce, dando a cada um dos pertences de Luce uma cuidadosa inspeção. O peso de papel da Estátua da Liberdade que seu pai trouxera de uma conferência na Universidade de Nova York, a foto de sua mãe com um esquisito permanente quando tinha mais ou menos a idade de Luce, o CD de Lucinda Williams que Callie tinha dado para ela como presente de despedida antes de Luce jamais ter ouvido falar de Sword & Cross.

— Cadê seus livros? — ela perguntou a Penn, querendo evitar aquela iminente viagem no tempo. — Você disse que vinha para estudar.

A essa altura, Penn tinha começado a mexer em seu guarda-roupa. Luce assistia enquanto ela rapidamente perdia o interesse diante das camisetas e suéteres pretos seguindo as regras de uniforme. Quando Penn foi em direção às suas gavetas, Luce deu um passo à frente para interceptá-la.

— OK, já chega, sua fuxiqueira — interrompeu. — Não devíamos estar fazendo uma pesquisa sobre árvores genealógicas?

— Falando em fuxicar... — Os olhos de Penn cintilaram. — Sim, temos mesmo que fazer uma pesquisa. Mas não do tipo que você está pensando.

Luce a encarou sem entender.

— Hein?

— Olha. — Penn colocou sua mão no ombro de Luce. — Se realmente quer saber sobre Daniel Grigori...

— Shhh! — Luce exclamou, pulando para fechar a porta. Ela colocou a cabeça para fora e examinou o corredor. Parecia vazio, mas aquilo não significava nada. O pessoal naquela escola tinha um jeito suspeito de aparecer de repente, Cam particularmente. E Luce morreria se ele — ou qualquer outra pessoa — descobrisse como ela

estava encantada com Daniel. Ou, no momento, qualquer pessoa além de Penn.

Satisfeita, Luce fechou e trancou a porta e se virou de volta para a amiga. Penn estava sentada de pernas cruzadas na beirada da cama de Luce, achando graça.

Luce entrelaçou as mãos atrás das costas e remexeu com o dedão do pé o tapete circular vermelho perto da porta.

— O que a faz pensar que quero saber alguma coisa sobre ele?

— Fala sério — respondeu Penn, rindo. — É totalmente evidente que você fica encarando Daniel Grigori o tempo ***todo***.

— Shhh! — Luce repetiu.

— Além disso — Penn disse, sem abaixar a voz —, eu observei você pesquisando na internet sobre ele durante a aula inteira. Pode reclamar, mas estava sendo totalmente óbvio. E por fim, não fique toda desconfiada. Acha que fofoco com mais alguém nessa escola além de você?

Fazia sentido.

— Só estou dizendo — ela continuou —, pensando ***hipoteticamente*** que você quisesse saber mais sobre certa pessoa sem nome, poderia ***de alguma maneira*** encontrar essas informações em locais melhores. — Penn encolheu um dos ombros. — Sabe como é, se tivesse alguma ajuda.

— Estou ouvindo — disse Luce, afundando na cama. Sua busca na internet do outro dia só tinha se resumido a digitar, depois deletar, depois redigitar o nome de Daniel no campo de busca.

— Esperava que fosse dizer isso — disse Penn. — Não trouxe livros comigo hoje porque estou oferecendo — ela arregalou os olhos numa careta —, um tour guiado no altamente proibido escritório subterrâneo da Sword & Cross!

Luce refletiu.

— Eu não sei, não. Bisbilhotar nos arquivos de Daniel? Não sei se preciso de mais um motivo para me sentir uma stalker.

— Rá. — Penn deu uma risadinha. — Você realmente afirmou em voz alta. Qual é, Luce. Vai ser legal. Além disso, o que mais você vai ficar fazendo numa manhã ensolarada de sábado perfeita como essa?

Estava um dia lindo — o tipo de dia que faz você se sentir solitária quando não tem nada divertido ao ar livre para fazer. No meio da noite, Luce tinha sentido uma brisa fria entrar pela janela aberta e, quando acordara pela manhã, o calor e a umidade tinham desaparecido.

Ela costumava passar esses primeiros dias dourados de outono correndo de bicicleta pelo bairro com as amigas. Isso tinha sido antes de ela começar a evitar os atalhos da floresta por causa das sombras que nenhuma das outras garotas jamais via. Antes de suas amigas sentarem com ela um dia durante o recreio e dizerem que seus pais não queriam que elas a convidassem mais, no caso de ela ter um ***incidente***.

A verdade era que Luce tinha andado meio em pânico sobre como passaria esse primeiro fim de semana na Sword & Cross. Sem aulas, sem aterrorizantes exames físicos, sem eventos sociais na agenda. Apenas quarenta e oito intermináveis horas de tempo livre. Uma eternidade. Ela estava sentindo uma desconfortável saudade de casa a manhã toda — até Penn aparecer.

— Tá bom. — Luce tentou não rir quando completou. — Leve-me ao seu antro secreto.

Ao lado de Luce, Penn praticamente saltitava pela grama bagunçada do campus a caminho do saguão principal perto da entrada da escola.

— Não sabe há quanto tempo espero uma parceira no crime para trazer aqui.

Luce sorriu, feliz por Penn estar mais focada em ter uma amiga com quem explorar o lugar do que, bem, nessa... coisa que Luce tinha por Daniel.

Na beira da área comum, elas passaram por alguns alunos de bobeira nas arquibancadas sob o brilhante sol do fim da manhã. Era estranho ver cor no campus, naqueles alunos em quem Luce tinha associado tão intimamente com a cor preta. Mas lá estava Roland, com shorts de futebol verde-limão, driblando uma bola entre os pés. Jules e Phillip — o casal com piercings na língua — estavam desenhando nos joelhos dos jeans surrados um do outro, Todd Hammond se sentara longe dos outros garotos, nas arquibancadas, lendo uma revista em quadrinhos numa camiseta camuflada. Até a própria camiseta cinza e shorts de Luce pareciam mais vibrantes do que qualquer coisa que usara a semana inteira.

A treinadora Dante e Albatroz estavam tomando conta, e tinham montado duas cadeiras de plástico e um guarda-sol bambo na beira do campo. Se não batessem as cinzas de seus cigarros na grama de vez em quando, se poderia pensar que dormiam atrás dos óculos de sol. Pareciam imensamente entediadas, como se aprisionadas pelos seus empregos e pelos alunos que estavam monitorando.

Havia muita gente ao ar livre, mas ao seguir Penn de perto ficou feliz em ver que não havia ninguém perto do saguão principal. Ninguém dissera nada a Luce sobre invasões a áreas restritas, ou até mesmo ***quais*** áreas eram restritas, mas tinha certeza de que Randy encontraria uma punição adequada.

— E os vermelhos? — Luce perguntou, lembrando-se das onipresentes câmeras.

— Coloquei baterias velhas em algumas delas quando estava indo pegar você — disse Penn, no mesmo tom de voz despreocupado com que outra pessoa usaria para dizer "Enchi o tanque de gasolina".

Penn deu uma olhada em volta antes de guiar Luce pela entrada dos fundos do prédio principal e descer três degraus íngremes até uma porta cor de oliva invisível do nível do chão.

— Esse porão também é da época da Guerra Civil? — perguntou Luce. Parecia uma entrada para algum tipo de lugar onde se esconderiam prisioneiros de guerra.

Penn fungou dramaticamente o ar úmido do lugar.

— O odor fétido responde a pergunta? Isso aqui é cheio de fungos pré-guerra. — Ela sorriu para Luce. — A maioria dos alunos seria capaz de capotar ao inalar um ar tão parado.

Luce tentou não respirar pelo nariz enquanto Penn fazia surgir uma quantidade enorme de chaves num aro gigantesco.

— Minha vida seria tão mais fácil se eles finalmente fizessem uma chave mestra para esse lugar — disse, remexendo e finalmente puxando para fora uma fina chave prateada.

Quando a chave virou no cadeado, Luce sentiu um arrepio inesperado de excitação. Penn tinha razão — isso era bem melhor que rastrear sua árvore genealógica.

Elas andaram uma curta distância por um corredor quente e úmido cujo teto ficava a centímetros de suas cabeças. O ar bolorento cheirava a coisas mortas, e Luce quase se sentiu grata pela sala estar escura demais para poder enxergar o chão. Quando estava começando a se sentir claustrofóbica, Penn pegou outra chave, que abria uma porta pequena, mas muito mais moderna. Elas se abaixaram para passar, e então conseguiram levantar de volta ao passarem para o outro lado.

Lá dentro, o escritório de registros era embolorado, mas o ar parecia mais frio e seco. Estava um breu, com exceção do pálido brilho

vermelho do letreiro sinalizando SAÍDA acima de suas cabeças.

Luce podia enxergar a silhueta robusta de Penn, suas mãos tateando o ar.

— Cadê aquela corda? — murmurou. — Aqui.

Com um puxão leve, Penn acendeu uma lâmpada pendurada no teto por uma corrente de elos de metal. A sala ainda estava escura, mas agora Luce podia ver que as paredes de cimento também eram pintadas de verde-oliva e estavam cheias de pesadas prateleiras de metal e armários de arquivos. Dúzias de caixas de papelão tinham sido empilhadas nas prateleiras, e os corredores entre os armários pareciam se estender infinitamente. Tudo estava coberto por uma grossa camada de poeira.

A luz do sol lá fora subitamente pareceu muito distante. Apesar de Luce saber que estavam a apenas alguns degraus abaixo do nível do chão, parecia estar a um quilômetro. Ela esfregou os braços nus. Se fosse uma sombra, esse porão era exatamente onde moraria. Ainda não havia sinal delas, mas Luce sabia que isso nunca era motivo para se sentir totalmente segura.

Penn, inabalada pela melancolia do porão, arrastou um banquinho do canto.

— Nossa — comentou, puxando-o atrás de si enquanto andava. — Tem alguma coisa diferente. Os arquivos costumavam ficar bem aqui... Acho que andaram fazendo uma faxina no lugar desde a última vez que vim.

— Há quanto tempo foi isso? — Luce perguntou.

— Mais ou menos uma semana atrás... — A voz de Penn foi sumindo enquanto ela desaparecia na escuridão atrás de um alto armário de arquivos.

Luce não podia imaginar para que a Sword & Cross precisava de todas aquelas caixas. Ela levantou a tampa de uma delas e puxou um

arquivo grosso rotulado MEDIDAS CORRETIVAS. Engoliu em seco. Talvez fosse melhor continuar sem saber.

— Está em ordem alfabética por aluno — disse Penn. Sua voz parecia abafada e distante. — E, F, G... Aqui está, Grigori.

Luce seguiu o som das folhas de papel por um corredor estreito, e logo encontrou Penn, com uma caixa nos braços, se esforçando por causa do peso. O arquivo de Daniel estava preso sob seu queixo.

— É tão fino — surpreendeu-se, levantando o queixo levemente para Luce poder pegar a pasta. — Normalmente são muito mais... — Ela levantou os olhos para Luce e mordeu o lábio. — OK, agora ***eu*** é que estou parecendo uma stalker. Vamos ver o que tem aí dentro.

Havia apenas uma única folha no arquivo de Daniel. Uma cópia em preto e branco do que devia ser sua foto da identidade estava colada na parte superior direita do papel. Ele estava olhando diretamente para a câmera, para Luce, com um leve sorriso nos lábios. Luce não conseguiu evitar sorrir de volta. Daniel estava igualzinho àquela noite quando — bem, ela não conseguia exatamente se lembrar de quando. A imagem daquela expressão era tão viva em sua mente, mas ela não conseguia lembrar onde a teria visto.

— Deus, ele não está igualzinho? — Penn interrompeu os pensamentos de Luce. — E olhe a data. Essa foto foi tirada há três anos, quando ele chegou à Sword & Cross.

Talvez fosse isso que Luce estava notando... que Daniel estava igualzinho, o mesmo rosto daquela época. Mas sentia que estivera pensando — ou estivera prestes a pensar — em alguma outra coisa, só que agora não conseguia se lembrar do que era.

— Pais: desconhecidos. — Penn leu, e Luce se inclinou por cima de seu ombro. — Guardião: Orfanato da Cidade de Los Angeles.

— Orfanato? — perguntou Luce, colocando a mão sobre o coração.

— É só isso que diz. Todo o resto listado aqui são seus...

— Antecedentes criminais — terminou Luce, lendo o resto. — Vadiagem numa praia pública tarde da noite... Vandalismo de um carrinho de supermercado... Atravessar a rua fora da faixa de pedestres.

Penn arregalou os olhos para Luce e engoliu uma gargalhada.

— Seu querido Grigori foi preso por *atravessar fora da faixa*? Tem que admitir, é engraçado.

Luce não gostou de imaginar Daniel sendo preso, pelo motivo que fosse. Gostou menos ainda de saber que, de acordo com a Sword & Cross, a vida dele se resumia a quase nada além de uma listinha de crimes medíocres. Todas essas caixas de papelada aqui embaixo, e era só isso que tinham sobre Daniel.

— Tem que ter mais coisa — argumentou.

Ouviram passos acima delas. Os olhos de Penn e de Luce dispararam para o teto.

— O escritório principal — sussurrou Penn, tirando um lencinho de dentro da blusa para assoar o nariz. — Pode ser qualquer um. Mas ninguém vai descer até aqui, pode acreditar.

Um segundo depois, uma porta no fundo da sala se abriu com um rangido, e uma luz vinda do corredor iluminou a escada. Ruídos de sapatos começaram a vir daquela direção. Luce sentiu o apertão de Penn nas costas de sua camisa, puxando-a contra a parede atrás de uma estante de livros. Elas esperaram, segurando o fôlego e apertando o arquivo roubado de Daniel. Estavam tão, tão ferradas!

Luce estava de olhos fechados, esperando o pior, quando um murmúrio fantasmagórico e melodioso encheu a sala. Alguém estava cantando.

— Lá lalalá lá lá — cantou suavemente uma voz feminina. Luce espichou o pescoço entre duas caixas de arquivos e pôde ver uma mulher mais velha e magra com uma pequena lanterna amarrada na

testa como um minerador. Era a Srta. Sophia. Ela estava carregando duas caixas grandes, uma em cima da outra, fazendo com que a única parte visível de seu rosto fosse a testa brilhante. Seus passos leves faziam parecer que as caixas estavam cheias de penas em vez de arquivos pesados.

Penn agarrou a mão de Luce enquanto observavam a Srta. Sophia colocar as caixas numa prateleira vazia. Ela pegou uma caneta para anotar alguma coisa em seu caderninho.

— Só mais duas — falou para si mesma, e depois completou com mais alguma coisa em voz tão baixa que Luce não escutou. Um segundo depois, a Srta. Sophia estava deslizando escadas acima, sumindo com a mesma rapidez com que tinha aparecido. Seu cantarolar permaneceu por apenas um momento depois que partiu.

Quando a porta se fechou, Penn soltou o ar com estrépito.

— Ela disse que tinha mais. Provavelmente vai voltar.

— O que fazemos? — Luce perguntou.

— Você volta e sobe as escadas de mansinho — disse Penn, apontando. — Vire à esquerda lá em cima e vai dar de volta no escritório principal. Se alguém vir você, pode dizer que estava procurando por um banheiro.

— E você?

— Vou colocar o arquivo de Daniel de volta no lugar e encontro você nas arquibancadas. A Srta. Sophia não vai achar suspeito se eu estiver aqui sozinha. Fico tanto aqui embaixo que é quase como um segundo quarto.

Luce olhou para o arquivo de Daniel com uma pequena pontada de arrependimento. Ainda não estava pronta para partir. Logo agora que aceitara bisbilhotar no arquivo de Daniel, também tinha começado a pensar no de Cam. Daniel era tão misterioso — e, infelizmente, seu arquivo também. Cam, por outro lado, parecia tão aberto e fácil de

entender que isso a deixou curiosa. Luce imaginou o que mais poderia descobrir sobre ele que ainda não sabia. Mas a expressão no rosto de Penn disse a Luce que não havia mais tempo.

— Se houver mais o que descobrir sobre Daniel, vamos descobrir. — Penn assegurou-a. — Vamos continuar procurando. — Ela deu a Luce um pequeno empurrão em direção à porta. — Agora vá.

Luce andou rapidamente pelo corredor e então abriu a porta em direção às escadas. O ar na base das escadas ainda estava úmido, mas ela podia senti-lo se dispersando um pouco mais a cada passo que dava. Quando finalmente virou a esquina no alto das escadas, precisou piscar várias vezes para reacostumar seus olhos à forte luz do sol do corredor de entrada. Ela tropeçou virando a esquina e passando pelas portas brancas até o saguão principal. Ali congelou.

Um par de botas pretas de salto agulha, cruzadas nos tornozelos, estava escorado e saindo da cabine telefônica, parecendo a Bruxa Má do Sul. Luce correu apressada até a porta da frente, esperando não ser vista, quando percebeu que as botas estavam ligadas a leggings de estampa de cobra, que estavam ligadas a uma Molly muito séria. A pequena câmera fotográfica prateada estava em sua mão. Ela ergueu os olhos para Luce, desligou o telefone que estava apoiado no ouvido, e jogou os pés para baixo.

— Por que está parecendo tão culpada, Bolo de Carne? — perguntou, se levantando com as mãos nos quadris. — Deixe-me adivinhar. Ainda está planejando ignorar minha sugestão de ficar longe de Daniel.

Toda essa coisa de bruxa malvada tinha que ser exagero. Molly não tinha como saber onde Luce estivera. Ela não sabia nada sobre Luce, não havia motivos para ser tão desagradável. Desde o primeiro dia de aula, Luce nunca tinha feito nada a Molly — exceto tentar ficar longe dela.

— Está se esquecendo do desastre infernal que aconteceu da ***última*** vez que pressionou um cara que não estava interessado? — A voz de Molly era afiada como uma faca. — Qual era o nome dele mesmo? Taylor? Truman?

Trevor. Como Molly podia saber sobre Trevor? Era o seu segredo mais profundo e sombrio. A única coisa que Luce queria — ***precisava*** — manter para si na Sword & Cross. Agora, não apenas o Mal Encarnado sabia tudo sobre ele, como também não pensara duas vezes antes de tocar no assunto, cruelmente, sem cerimônia — no meio do escritório principal da escola.

Seria possível que Penn estivesse mentindo, que Luce ***não fosse*** a única pessoa com quem ela dividia seus segredos? Haveria outra explicação lógica? Luce cruzou os braços se sentindo enjoada e exposta... e inexplicavelmente culpada, como se sentira na noite do incêndio.

Molly levantou a cabeça.

— Finalmente — disse, parecendo aliviada. — ***Alguma coisa*** atingiu você. — Ela virou de costas para Luce e abriu com violência as portas da frente. Então, logo antes de pisar do lado de fora, ela se virou, completando. — Então não faça ao nosso querido Daniel o que fez com o tal Fulano. ***Capisce?***

Luce começou a andar atrás dela, mas foram apenas alguns passos depois da porta até perceber que provavelmente desmoronaria se tentasse confrontar Molly agora. A garota era simplesmente má demais. Então, para esfregar sal na ferida de Luce, Gabbe desceu das arquibancadas para encontrar Molly no meio do campo. Elas estavam longe, e Luce não pôde distinguir suas expressões quando as duas se viraram para olhar para ela. A cabeça loira de rabo de cavalo se inclinava em direção à de cabelo curtinho — a mais vil conversinha que Luce já vira.

Ela cerrou os punhos suados, imaginando Molly contando tudo que sabia sobre Trevor para Gabbe, que imediatamente ia sair correndo para dar as notícias a Daniel. Só de pensar nisso, uma dor horrível se espalhou das pontas dos dedos de Luce, subindo por seus braços, até chegar ao seu peito. Daniel podia ter sido pego atravessando fora da faixa de pedestres, mas e daí? Não era nada comparado ao motivo por que Luce estava ali.

— Cuidado com a cabeça! — gritou alguém. Aquela sempre fora a frase que Luce mais detestava. Equipamentos esportivos de todos os tipos tinham uma maneira engraçada de serem atraídos por ela. Ela estremeceu, olhando diretamente para o sol. Não podia ver nada e nem teve tempo de proteger o rosto antes de sentir um golpe do lado da cabeça e ouvir um zumbido alto em seus ouvidos. ***Ai***.

A bola de futebol de Roland.

— ***Boa!*** — Roland gritou ao ver que a bola voltava diretamente para ele, como se ela tivesse feito aquilo de propósito. Luce esfregou a testa e deu alguns passos bambos.

A mão de alguém envolveu seu pulso e uma faísca de calor a fez engasgar. Ela olhou para baixo e viu dedos bronzeados de sol em volta de seu braço, depois levantou a cabeça até encontrar os profundos olhos cinzentos de Daniel.

— Você está bem? — ele perguntou.

Quando ela assentiu, Daniel ergueu uma sobrancelha:

— Se queria jogar futebol, podia ter simplesmente pedido — brincou. — Eu teria ficado feliz em explicar alguns detalhes do jogo, como, por exemplo, que a maioria das pessoas usa partes menos delicadas do corpo para devolver a bola.

Ele largou o pulso dela, e Luce achou que ele estava estendendo as mãos em direção ao seu rosto, para acariciar o machucado. Por um segundo, Luce ficou parada ali, prendendo a respiração. Então

suspirou quando a mão de Daniel voltou-se para tirar o próprio cabelo dos olhos.

Foi quando Luce percebeu que Daniel estava gozando dela.

E por que não o faria? Provavelmente a marca da bola de futebol reluzia num dos lados de seu rosto.

Molly e Gabbe ainda a olhavam fixamente — e agora Daniel também —, com os braços cruzados.

— Acho que sua namorada está ficando com ciúmes — disse Luce, indicando o par.

— Qual das duas? — ele perguntou.

— Não sabia que as duas eram suas namoradas.

— Nenhuma delas é — respondeu Daniel com simplicidade. — Não tenho namorada. Quero saber qual das duas você achou que fosse minha namorada.

Luce estava surpresa. E toda aquela conversa aos sussurros com Gabbe? E o jeito como as garotas estavam olhando para os dois agora? Daniel estava mentindo?

Ele estava olhando para ela de um jeito engraçado.

— Talvez tenha batido a cabeça com mais força que pensei — disse ele. — Vamos lá, vamos dar uma volta, pegar um pouco de ar.

Luce tentou entender se havia alguma piada oculta nessa última sugestão de Daniel. Estava sugerindo que ela era uma cabeça de vento que precisava de mais ar? Não, aquilo nem fazia sentido. Luce olhou para ele. Como podia parecer tão sincero agora? E logo quando ela estava se acostumando com o mau humor de Grigori.

— Uma volta onde? — Luce perguntou com cautela. Porque seria fácil demais se alegrar por Daniel não ter namorada, por ele querer ir a algum lugar com ela. Com certeza havia uma pegadinha em algum lugar.

Daniel simplesmente apertou os olhos para as garotas no campo.

— Em algum lugar onde não vamos ser observados.

Luce dissera a Penn que a encontraria nas arquibancadas, mas poderia explicar tudo depois — Penn com certeza entenderia. Luce se deixou guiar por Daniel, passando pelas meninas de olhar curioso e pelo pequeno arvoredo de pessegueiros meio podres, dando a volta por trás da velha academia/igreja. Eles estavam se aproximando de uma floresta com carvalhos maravilhosamente retorcidos, que Luce nunca imaginaria estar escondida ali. Daniel olhava para trás para ter certeza de que ela o estava acompanhando. Luce sorriu como se segui-lo não fosse grande coisa, mas, à medida que abria caminho entre as velhas raízes nodosas, seus pensamentos se concentraram nas sombras.

Agora estavam entrando na floresta mais densa, a escuridão sob a folhagem espessa ocasionalmente pontilhada por pequenos riscos de luz do sol. O cheiro da lama úmida enchia o ar, e Luce subitamente sentiu que havia água por perto.

Se fosse alguém que acreditasse em orações, essa seria a hora em que rezaria para que as sombras ficassem longe, só para ter essa pequena fração de tempo com Daniel, para que ele não visse como ela ficava perturbada às vezes. Mas Luce nunca havia rezado. Não sabia como. Em vez disso, ela apenas cruzou os dedos.

— A floresta termina bem aqui — disse Daniel. Tinham chegado a uma clareira, e Luce arfou, maravilhada.

Algo mudara enquanto ela e Daniel andavam pela floresta, e não era só porque estavam distantes da pálida Sword & Cross. Porque, quando saíram da mata fechada e pararam em uma pedra alta e avermelhada, era como se estivessem parados no meio de um cartão-postal, do tipo que se encontraria exposto numa farmácia de cidadezinha do interior, uma imagem idílica de um Sul imaginário que não existia mais. Todas as cores eram brilhantes, mais fortes do que pareceram apenas segundos antes. Do lago azul cristalino bem abaixo

deles à densa floresta cor de esmeralda ao redor. Duas gaivotas voavam no céu sem nuvens acima deles. Quando ficou na ponta dos pés, Luce podia ver o princípio de um pântano salgado amarelado, que ela sabia que daria lugar à espuma branca do oceano em algum lugar além do horizonte.

Ela levantou os olhos para Daniel. Ele também brilhava. A pele reluzia e os olhos eram quase como a chuva. A sensação deles em seu rosto era uma coisa profunda e marcante.

— O que achou? — ele perguntou. Parecia tão mais relaxado agora, que estavam longe de todo mundo.

— Nunca vi nada tão lindo — respondeu ela, olhando a superfície prístina do lago, sentindo vontade de mergulhar. A quase quinze metros de distância, no meio do lago, ficava uma rocha plana coberta de limo. — O que é aquilo?

— Vou mostrar — disse Daniel, tirando os sapatos. Luce tentou, sem sucesso, não encarar enquanto ele tirava a camiseta, expondo o torso musculoso. — Vamos lá — disse, fazendo-a perceber como devia estar parecendo plantada no chão. — Pode nadar com isso — acrescentou, apontando para a regata cinza e os shorts de Luce. — Vou até deixar você ganhar dessa vez.

Ela riu.

— Dessa vez? Diferente de todas aquelas vezes que ***eu*** deixei você ganhar?

Daniel começou a concordar, então se interrompeu abruptamente.

— Não. Já que perdeu a corrida na piscina no outro dia.

Por um segundo, Luce teve vontade de contar a ele por que tinha perdido. Talvez pudessem rir daquele mal-entendido, sobre Gabbe ser a namorada dele. Mas, a essa altura, os braços de Daniel já estavam esticados e ele estava no ar, arqueando e então caindo, mergulhando no lago com perfeição.

Era uma das coisas mais lindas que Luce já vira. Daniel se movimentava com uma graciosidade que ela jamais vira. Até o *splash* que ele fizera deixara um agradável zumbido em seus ouvidos.

Ela queria estar lá com ele.

Luce tirou os sapatos e os deixou embaixo da árvore de magnólia, ao lado dos de Daniel, e então ficou em pé na beira da rocha. A queda era de cerca de seis metros, o tipo de mergulho alto que sempre tinha feito o coração de Luce palpitar. De um jeito bom.

Um segundo depois, a cabeça dele surgiu na superfície. Ele estava rindo, espalhando água.

— Não me faça mudar de ideia quanto a deixar você ganhar — gritou.

Inspirando profundamente, ela mirou na direção da cabeça de Daniel e pulou num mergulho elegante. A queda durou apenas uma fração de segundo, mas a sensação era deliciosa, voando pelo ar ensolarado, para baixo, para baixo, para baixo.

Splash. A água gelada foi um choque a princípio, mas ficou ideal em um segundo. Luce subiu à superfície para recuperar o fôlego, deu uma olhada em Daniel e começou seu nado borboleta.

Ela se esforçou tanto que o perdeu de vista. Sabia que estava se exibindo e esperava que Daniel estivesse assistindo. Luce se aproximou mais e mais até espalmar na rocha plana — um segundo antes de Daniel.

Os dois estavam arfando enquanto subiam na superfície lisa e aquecida pelo sol. As beiradas da pedra eram escorregadias por causa do limo, e Luce teve dificuldade para subir. Daniel, no entanto, não teve problemas em escalar a rocha. Ele se voltou e estendeu a mão para ela, puxando-a para onde fosse possível se apoiar numa das pernas.

Até ela finalmente conseguir sair totalmente de dentro d'água, Daniel já estava deitado de costas, quase seco. Apenas sua bermuda

dava algum indício de que havia estado no lago. Por outro lado, as roupas encharcadas de Luce grudavam em seu corpo, e o cabelo pingava para todos os lados. A maioria dos caras teria aproveitado a oportunidade de olhar uma garota ensopada assim, mas Daniel continuava deitado de costas na rocha, os olhos fechados, como se estivesse dando a ela um momento para se recompor — por gentileza ou por falta de interesse.

Gentileza, decidiu Luce, sabendo que estava sendo uma romântica incorrigível. Mas Daniel parecia tão sensível, deve ter percebido pelo menos um pouco como Luce se sentia. Não apenas a atração entre eles, a necessidade de ficar perto de Daniel quando todos em volta a mandavam se afastar, mas aquela sensação muito real de que se conheciam — realmente conheciam — um ao outro, de algum lugar.

Daniel abriu subitamente os olhos e sorriu — o mesmo sorriso da foto em seu arquivo. Uma onda de ***déjà vu*** a tomou tão completamente que Luce teve que se deitar também.

— O quê? — perguntou ele, parecendo nervoso.

— Nada.

— Luce.

— Não consigo tirar isso da cabeça — respondeu, virando-se de lado para encará-lo. Ela ainda não sentia firmeza o suficiente para voltar a se sentar. — Essa sensação de que conheço você. Que o conheço há um tempo.

A água bateu na rocha, respingando nos dedos dos pés de Luce próximos da beirada. A água estava fria e fez suas pernas se arrepiarem. Finalmente, Daniel respondeu:

— Já não tivemos essa conversa antes? — Seu tom de voz tinha mudado, como se estivesse tentando fazê-la rir daquilo. Ele parecia um dos caras da Dover: autossuficiente, eternamente entediado, convencido. — Estou lisonjeado que você sinta que temos essa

conexão, de verdade. Mas não precisa inventar uma história misteriosa qualquer para fazer um cara prestar atenção em você.

Ah, não. Ele achava que Luce estava mentindo sobre essa sensação estranha, da qual não conseguia se livrar, só para se aproximar dele? Ela cerrou os dentes, mortificada.

— Por que eu inventaria isso? — ela perguntou, apertando os olhos contra a luz do sol.

— Você é quem pode dizer — disse Daniel. — Não, na verdade, não diga. Não vai servir de nada. — Ele suspirou. — Olha, eu devia ter dito isso antes, quando vi os primeiros sinais.

Luce se sentou. Seu coração estava disparado. Daniel também viu os sinais.

— Sei que dei um fora em você na academia antes — disse ele lentamente, fazendo Luce se inclinar para a frente, como se com isso pudesse fazer as palavras saírem mais rápido. — Devia simplesmente ter contado a verdade.

Luce esperou.

— Levei um fora de uma garota. — Ele mergulhou uma das mãos na água, puxou um lírio, e o amassou entre as mãos. — Era alguém que eu amava muito, e foi há pouco tempo. Não é nada pessoal, e não quero ignorar você. — Ele olhou para ela e a luz do sol se infiltrou por uma gota d'água em seu cabelo, fazendo-o brilhar. — Mas também não quero ficar dando esperanças. Só não quero me envolver com ninguém, por enquanto.

Ah.

Ela desviou os olhos, para a água azul-escura parada onde, há apenas alguns minutos, estavam rindo e nadando. O lago não mostrava mais nenhum sinal daquela alegria. Tampouco o rosto de Daniel.

Bem, Luce tinha se magoado também. Talvez, se contasse a ele sobre Trevor e como tudo aquilo tinha sido horrível, Daniel se abriria

sobre o seu passado. Mas, pensando bem, ela já sabia que não suportaria ouvir sobre o passado dele com outra pessoa. A ideia de vê-lo com outra garota — ela imaginou Gabbe, Molly, uma interminável montagem de rostos sorridentes, olhos grandes, cabelos longos — era o bastante para deixá-la enjoada.

A história do namoro com final traumático devia ter explicado tudo, mas isso não aconteceu. Daniel fora tão estranho com ela desde o princípio. Mostrando o dedo um dia, antes até mesmo de terem sido apresentados, e então protegendo-a da estátua no cemitério no dia seguinte. Agora, a tinha trazido até aqui, para esse lago — só os dois. Era confuso demais.

A cabeça de Daniel estava baixa, mas seus olhos olhavam para cima, na direção dela.

— Não foi uma resposta boa o suficiente? — perguntou, quase como se lesse seus pensamentos.

— Ainda acho que tem alguma coisa que você não está me contando — argumentou Luce.

Tudo aquilo não podia ser explicado por um coração partido, Luce sabia. Era experiente nesse departamento.

Daniel estava de costas para ela, olhando para o atalho que tinham pegado até o lago. Depois de um tempo, riu com amargura:

— É óbvio que não estou contando algumas coisas. Eu mal a conheço. Não sei por que acha que devo alguma coisa a você. — Então se levantou.

— Onde está indo?

— Tenho que voltar — respondeu.

— Não vá — sussurrou ela, mas ele pareceu não escutar.

Luce observou, o peso em seu peito aumentando, enquanto Daniel mergulhava de volta na água.

Ele só emergiu bem longe da pedra e começou a nadar em direção à margem. Olhou de volta para ela uma vez, no meio do caminho, e acenou um adeus definitivo.

Então seu coração se inflamou quando ele começou um nado borboleta perfeito. Por mais vazia que se sentisse por dentro, não podia negar a admiração que sentia. Tão perfeito, tão simples, nem parecia que ele estava nadando.

Em pouco tempo ele chegou até a margem, fazendo a distância entre os dois parecer bem menor do que parecia a Luce. Ele parecia muito relaxado enquanto nadava, mas não era possível que tivesse chegado ao outro lado tão rapidamente a não ser que estivesse realmente se esforçando muito.

O quanto ele precisava se afastar dela?

Luce observou — sentindo um misto de confusão e vergonha, e uma tentação maior ainda — enquanto Daniel subia a margem de volta. Um raio de sol passou por entre as árvores e envolveu sua silhueta com um brilho radiante, e Luce precisou apertar os olhos para aquela visão em sua frente.

Ela se perguntou se a bola de futebol que bateu em sua cabeça tinha prejudicado sua visão. Ou se o que pensava estar vendo era uma miragem. Uma ilusão de óptica sob a luz do sol de fim de tarde.

Ela ficou de pé na rocha para enxergar melhor.

Ele estava simplesmente sacudindo a água de sua cabeça, mas o brilho das gotículas parecia pairar em volta dele, sobre ele, desafiando a gravidade, numa grande distância em volta de seus braços.

Como a água cintilava sob a luz do sol, parecia que Daniel tinha asas.

NOVE



ESTADO DE INOCÊNCIA

Na segunda-feira de manhã, a Srta. Sophia estava atrás de um pódio na maior sala de aulas do Augustine, tentando fazer bonecos de sombras com as mãos. Ela convocara uma sessão de estudos de última hora para os alunos da aula de religião antes do teste do dia seguinte e, como Luce já havia perdido um mês inteiro de aulas, achou que tinha muita coisa para colocar em dia.

Isso explicava por que ela era a única pessoa se esforçando em fingir que anotava alguma coisa. Nenhum dos outros alunos sequer notou que o sol do fim de tarde que se esgueirava pelas janelas estreitas estava prejudicando o palco improvisado para o teatro de sombras da Srta. Sophia. E Luce não queria chamar a atenção para o fato de que ela estava prestando atenção ao se levantar e fechar as persianas empoeiradas.

Quando o sol esquentou a nuca de Luce, ela se deu conta de há quanto tempo estava sentada nessa sala. Vira o sol ao leste brilhar como uma juba em volta do cabelo ralo do Sr. Cole, naquela manhã, durante a aula de história geral. Tinha sofrido no calor abafado do meio da tarde, durante a aula de biologia com Albatroz. Estava quase

anoitecendo. O sol tinha dado a volta no campus inteiro, e Luce mal levantara da cadeira. Seu corpo parecia tão duro quanto a cadeira de metal em que estava sentada, sua mente inútil como o lápis que desistira de usar para fazer anotações.

Qual era a desse teatrinho de sombra? Por acaso ela e os outros alunos tinham, tipo, 5 anos?

Mas então ela se sentiu culpada. De todos os professores dali, a Srta. Sophia era de longe a mais gentil; até chamara Luce para uma conversa particular no outro dia sobre o atraso dela no trabalho da árvore genealógica. Luce teve que fingir uma gratidão assombrosa quando a Srta. Sophia lhe explicou, durante uma hora, as instruções da ferramenta de busca de novo. Ela se sentira meio envergonhada, mas se fingir de burra era bem melhor do que admitir que andava obcecada demais por um certo colega de turma para devotar algum tempo a sua pesquisa.

Agora a Srta. Sophia estava de pé em seu longo vestido de crepe preto, elegantemente entrelaçando os polegares e levantando as mãos no ar, se preparando para a próxima pose. Do lado de fora da janela, uma nuvem cobriu o sol. Luce voltou a prestar atenção na aula quando notou que, subitamente, havia uma sombra de verdade na parede atrás da Srta. Sophia.

— Como todos vocês devem se lembrar, em ***A Perda do Paraíso, que lemos*** ano passado, quando Deus deu o livre-arbítrio a seus anjos — disse a Srta. Sophia, o som da respiração ressoando no microfone preso em sua lapela marfim e agitando os dedos magros como perfeitas asas de anjo —, ***um deles*** passou dos limites. — A voz da Srta. Sophia baixou para um sussurro dramático, e Luce observou enquanto ela torcia os indicadores para transformar as asas de anjo em chifres de demônio.

Atrás de Luce, alguém murmurou:

— Grande coisa, esse é o truque mais velho que existe.

Desde o momento em que a Srta. Sophia tinha começado a aula, parecia que pelo menos uma pessoa na sala implicava com cada palavra que saía de sua boca. Talvez porque Luce não tivera uma educação religiosa como os outros, ou talvez por ter pena da Srta. Sophia, sentia uma vontade cada vez maior de virar para trás e mandar todo mundo calar a boca.

Ela estava rabugenta. Cansada. Com fome. Em vez de fazerem fila até o refeitório, para jantar com o resto dos alunos, os vinte inscritos na aula de religião da Srta. Sophia tinham sido informados de que assistiriam à sessão de estudos "opcional" — um termo triste e impróprio, segundo Penn — e sua refeição seria servida na sala, para poupar tempo.

A refeição — não um jantar, nem mesmo um almoço; apenas um lanche qualquer no fim da tarde — fora uma estranha experiência para Luce, para quem já era difícil achar algo para comer no refeitório carnívoro. Randy tinha simplesmente empurrado um carrinho cheio de sanduíches deprimentes e algumas jarras de água nada gelada.

Todos os sanduíches eram recheados de frios misteriosos, maionese e queijo, e Luce observou com inveja Penn mastigar um após o outro, deixando apenas migalhas para trás. Estava prestes a ***des-presuntar*** um deles quando Cam apareceu ao seu lado. Ele abriu a mão, expondo um pequeno punhado de figos frescos. Suas cascas profundamente roxas pareciam joias.

— O que é isso? — ela perguntara, contendo um sorriso.

— Não dá pra viver só de pão, dá? — ele respondeu.

— Não coma isso — interrompera Gabbe, tirando os figos de Luce e jogando-os no lixo. Ela tinha interrompido mais uma conversa particular e substituíra o vazio nas mãos de Luce com um monte de M&M's de amendoim. Gabbe estava usando uma faixa de cabelo com

as cores do arco-íris, e Luce imaginou como seria arrancar aquela coisa da sua cabeça e atirá-la no lixo.

— Ela está certa, Luce. — Ariane aparecera, olhando feio para Cam. — Quem sabe que drogas ele colocou naquilo?

Luce rira; era óbvio que Ariane estava brincando, mas, quando ninguém mais sorriu, ela calou a boca e guardou os M&M's no bolso, bem na hora em que a Srta. Sophia mandou todos voltarem a seus lugares.



Aparentemente horas mais tarde, ainda estavam todos presos na sala de aula e a Srta. Sophia tinha ensinado apenas do Nascer da Criação até a Guerra no Paraíso. Não chegara nem em Adão e Eva. O estômago de Luce roncava em protesto.

— E todos nós sabemos quem foi o anjo malvado que brigou com Deus? — perguntou a Srta. Sophia, como se estivesse lendo um livro ilustrado para um bando de criancinhas numa livraria. Luce quase esperou que a sala inteira cantarolasse um infantil ***Sim, Srta. Sophia***.

— Alguém? — A Srta. Sophia repetiu a pergunta.

— Roland! — Ariane piou baixinho.

— Isso mesmo — concordou a Srta. Sophia, a cabeça balançando numa concordância beatífica. Ela talvez não escutasse muito bem. — Nós o chamamos de Satã agora, mas durante os anos ele tem trabalhado sob muitos disfarces: Mefistófeles, Belial ou até mesmo Lúcifer para alguns.

Molly, que estava sentada na frente de Luce, balançando as costas de sua cadeira de propósito contra a mesa de Luce durante a última hora pelo simples prazer de enlouquecê-la, rapidamente largou um pedaço de papel por cima do ombro na mesa de Luce.

Luce... Lúcifer... alguma relação?

Sua letra era sombria, zangada e frenética. Luce podia ver as maçãs do rosto dela se levantando numa risadinha. Num momento de fraqueza e fome, Luce começou a rabiscar furiosamente uma resposta no verso do bilhete de Molly. Seu nome fora uma homenagem a Lucinda Williams, a maior cantora e compositora viva, em cujo show, que quase fora cancelado por causa da chuva, seus pais se conheceram. E que depois que sua mãe escorregara num copo de plástico, deslizara por um monte de lama e caíra nos braços de seu pai, não saíra daqueles braços por vinte anos. Que ***seu*** nome significava algo romântico. E o que Molly, aquela boca suja, tinha a dizer sobre si mesma? E, mais ainda: se alguém naquela escola inteira chegava perto de se parecer com Satã, não era o destinatário do bilhete, e sim seu remetente.

Seus olhos fuzilaram os cabelos recentemente pintados de escarlate de Molly. Luce estava pronta para arremessar o pedaço de papel dobrado e se arriscar com o mau gênio de Molly quando a Srta. Sophia chamou sua atenção.

Ela estava com as mãos elevadas acima da cabeça, com as palmas para cima e em concha. Ao baixá-las, as sombras de seus dedos na parede pareciam milagrosamente braços e pernas se agitando, como alguém pulando de uma ponte ou para fora de um prédio. A visão era tão bizarra, tão sombria e ao mesmo tempo tão benfeita, que deixou Luce nervosa. Ela não conseguia tirar os olhos daquilo.

— Durante nove dias e nove noites — disse a Srta. Sophia —, Satã e seus anjos caíram, um após o outro, do céu.

Suas palavras despertaram alguma coisa na memória de Luce. Ela olhou, duas fileiras ao lado, para Daniel, que a encarou por meio segundo antes de mergulhar o rosto em seu caderno. Mas aquele olhar

rápido fora o suficiente, e de repente ela se lembrou: tivera um sonho na noite anterior.

Tinha sido uma história que partia do encontro dos dois no lago. Mas, no sonho, quando Daniel deu adeus e mergulhou de volta na água, Luce teve a coragem de ir atrás dele. A água estava tão morna, tão agradável, que ela nem se sentia molhada, e um cardume de peixes violeta nadavam a sua volta. Ela estava nadando o mais rápido que conseguia, e a princípio achou que os peixes estavam ajudando a empurrá-la para Daniel e para a margem. Mas logo o cardume ficou escuro, turvando sua visão, e ela não conseguia mais vê-lo. Os peixes se tornaram sombras horríveis, e se agrupavam mais e mais até ela não conseguir ver mais nada... Ela sentia-se afundando, escorregando para baixo, para as profundezas rochosas do lago. Não era uma questão de não conseguir respirar, era uma questão de nunca conseguir subir de volta à superfície. Era uma questão de perder Daniel para sempre.

Então, vindo do fundo, Daniel tinha aparecido, os braços abertos como velas. Eles afastaram os peixes sombrios e envolveram Luce, e juntos os dois emergiram de novo. Rasgaram a água, mais alto e mais alto, passando pela rocha e pela árvore de magnólia onde tinham deixado seus sapatos. Um segundo depois, estavam tão alto que Luce nem conseguia enxergar o chão.

— E então pousaram — disse a Srta. Sophia, descansando as mãos no pódio —, nos abismos ardentes do inferno.

Luce fechou os olhos e soltou o ar. Tinha sido apenas um sonho. Infelizmente, essa era a realidade.

Ela suspirou e descansou o queixo nas mãos, lembrando-se da resposta para Molly, ainda dobrada em suas mãos. Parecia idiota e precipitada agora. Melhor não responder, para Molly não achar que conseguira atingir Luce.

Um avião de papel pousou em seu antebraço esquerdo. Ela olhou para o canto correspondente da sala, onde Ariane estava sentada numa pose exagerada, piscando sem parar para Luce.

Imagino que não esteja sonhando acordada com Satã. Para onde você e DG fugiram no sábado à tarde?

Luce não tivera chance de ficar a sós com Ariane o dia todo. Mas como Ariane sabia que Luce tinha ido a algum lugar com Daniel? Enquanto a Srta. Sophia se ocupava com um boneco de sombras representando os nove círculos do inferno, Luce assistiu Ariane arremessar mais um avião que cairia certeiro em sua mesa.

Molly também.

Ela se esticou bem a tempo de pegar o aviãozinho entre as unhas pintadas de preto, mas Luce não ia deixá-la ganhar dessa vez: puxou o avião das garras de Molly, rasgando sua asa bem no meio com um som alto. Só deu tempo para Luce enfiar no bolso o bilhete rasgado antes da Srta. Sophia se virar.

— Lucinda e Molly — disse ela, franzindo os lábios e apoiando as mãos no palanque. — Gostaria que o que as duas sentem tanta necessidade de discutir numa desrespeitosa troca de bilhetinhos fosse feito agora na frente da turma inteira.

A mente de Luce disparou. Se ela não inventasse alguma coisa rápido, Molly o faria, e era impossível saber o quão embaraçoso isso poderia ser.

— M-Molly só estava dizendo — gaguejou Luce — que discorda da sua visão de como o inferno é dividido. Ela tem suas próprias teorias.

— Bem, Molly, se você tem uma planta diferente do mundo subterrâneo, eu certamente gostaria de ouvir.

— Mas que droga — murmurou Molly. Ela limpou a garganta e se levantou. — Bem, você descreveu a boca de Lúcifer como o lugar mais baixo do inferno, o que explica por que todos os traidores acabam lá. Mas, para mim — ela disse, como se tivesse ensaiado aquelas falas —, acho que o lugar mais torturante no Inferno — ela deu uma olhada demorada para Luce — devia ser reservado não aos traidores, e sim aos covardes. Os mais fracos, perdedores sem coragem. Entendo que traidores pelo menos fizeram uma escolha. Mas e os covardes? Eles só correm por aí roendo as unhas, apavorados demais para fazer qualquer coisa. O que é bem pior. — Ela tossiu, imitando o som de "Lucinda!", e limpou a garganta. — Mas essa é só a minha opinião. — E se sentou.

— Obrigada, Molly — disse, cautelosa, a Srta. Sophia. — Tenho certeza de que seu ponto de vista foi muito esclarecedor.

Luce não concordava. Ela parara de escutar no meio do discurso de Molly, quando sentiu uma sensação estranha e pesada no fundo do estômago.

As sombras. Ela pôde senti-las antes de vê-las, borbulhando como piche do chão. Um tentáculo de escuridão se enrolara em seu pulso, e Luce olhou para baixo, aterrorizada. Estava tentando entrar em seu bolso, em direção ao aviãozinho de papel de Ariane. Ela nem havia lido aquilo ainda! Luce enfiou o pulso fundo no bolso e usou toda a força de vontade para manter a sombra longe o mais forte que conseguia.

Então uma coisa incrível aconteceu: a sombra recuou, se afastando como um cachorro machucado. Era a primeira vez que Luce conseguia fazer isso.

Do outro lado da sala, seu olhar encontrou o de Ariane. A cabeça dela estava inclinada de lado, a boca aberta.

O bilhete — devia ainda estar esperando Luce ler o bilhete.

A Srta. Sophia desligou a luz do teatro de sombras.

— Acho que minha artrite já teve inferno o bastante para uma noite. — Deu uma risadinha, fazendo os alunos semiadormecidos rirem junto com ela. — Se todos relerem as sete dissertações que indiquei em ***A Perda do Paraíso***, acho que estarão bem preparados para o teste de amanhã.

Enquanto os outros alunos se apressavam em arrumar suas mochilas e dar o fora, Luce desdobrou o bilhete de Ariane:

> ***Não me diga que ele veio com aquele patético "Levei um fora antes".***

Ai. Ela definitivamente precisava conversar com Ariane e descobrir exatamente o que sabia sobre Daniel. Mas antes...

Ele estava parado na frente dela. O fecho prateado de seu cinto brilhava na altura dos olhos dela. Luce respirou fundo e levantou a cabeça.

Os olhos acinzentados e violeta de Daniel pareciam descansados. Ela não falava com ele há dois dias, desde que a largara no lago. Era como se o tempo que ele passara longe dela o tivesse rejuvenescido.

Luce percebeu que ainda estava com o bilhete indiscreto de Ariane aberto em cima da mesa. Ela engoliu em seco e o enfiou de volta no bolso.

— Queria me desculpar por ter ido embora tão de repente no outro dia — disse Daniel, parecendo estranhamente formal. Luce não sabia se devia aceitar suas desculpas, mas ele não lhe deu tempo de responder. — Imagino que tenha chegado em terra firme sem problemas, certo?

Ela deu um sorriso amarelo. Passou pela sua cabeça contar a Daniel sobre o sonho que tivera, mas felizmente ela percebeu que aquilo seria totalmente esquisito.

— O que achou dessa aula de revisão? — Daniel parecia distante, duro, como eles nunca tivessem se falado antes. Talvez estivesse brincando.

— Uma tortura — respondeu Luce. Ela sempre ficava irritada quando garotas espertas fingiam não gostar de alguma coisa só porque achavam que era o que algum cara gostaria de ouvir. Mas Luce não estava fingindo. ***Tinha sido*** uma tortura.

— Bom — disse Daniel, parecendo satisfeito.

— Também odiou?

— Não — respondeu enigmaticamente, e Luce imediatamente desejou ter mentido para parecer mais interessada do que realmente estava.

— Então... você gostou — continuou Luce, querendo dizer alguma coisa, qualquer coisa para mantê-lo ali ao lado dela, conversando. — Do que você gostou exatamente?

— Talvez "gostar" não seja a palavra certa. — Depois de uma longa pausa, ele continuou: — Está na minha família... estudar essas coisas. Acho que não tenho como não sentir uma ligação.

Levou um momento até Luce registrar completamente as palavras de Daniel. Sua mente viajou até o abafado e velho porão de registros onde tinha visto o arquivo de uma única folha de Daniel. O arquivo dizia que Daniel Grigori tinha passado a maior parte de sua vida num orfanato da cidade de Los Angeles.

— Não sabia que você tinha família — comentou ela.

— Por que saberia? — Daniel zombou.

— Não sei... Então, quero dizer, você tem?

— A questão é: por que você pressupõe que sabe qualquer coisa sobre a minha família ou sobre mim?

Luce sentiu seu estômago revirar. Ela viu ***Perigo: Alerta de Perseguidora*** piscando nos olhos alarmados de Daniel. E sabia que

tinha estragado as coisas com ele mais uma vez.

— D. — Roland veio de trás deles e pôs a mão nos ombros de Daniel. — Quer esperar mais um pouco e ver se vai ter mais alguma aula com um ano de duração, ou vamos dar o fora?

— É — Daniel disse, suavemente, dando uma última olhada desconfiada em Luce. — Vamos dar o fora daqui.

Ela obviamente devia ter fugido vários minutos antes tipo, ao primeiro impulso de divulgar qualquer detalhe da ficha de Daniel. Uma pessoa esperta e normal teria escapado da conversa, ou mudado de assunto para alguma coisa bem menos bizarra ou, pelo menos, mantido a boca fechada.

Mas... Luce estava provando, dia após dia — especialmente quando se tratava de Daniel —, que era incapaz de fazer qualquer coisa que a enquadrasse na categoria de "normal" ou "esperta".

Ela observou enquanto Daniel ia embora com Roland. Ele não olhou para trás e, a cada passo que dava para longe dela, Luce se sentia mais e mais estranhamente sozinha.

DEZ



ONDE HÁ FUMAÇA

— O que está esperando? — Penn perguntou, um segundo depois de Daniel ter saído com Roland. — Vamos nessa. — Ela puxou a mão de Luce.

— Para onde? — Luce perguntou. Seu coração ainda estava martelando pela conversa com Daniel, e por tê-lo visto indo embora. No corredor, o contorno de seus ombros torneados parecia ser maior que o próprio Daniel.

Penn bateu levemente no lado direito da cabeça de Luce:

— Alô? Para a biblioteca, como expliquei no meu bilhete... — Ela analisou a expressão intrigada de Luce. — Não recebeu nenhum dos meus bilhetes? — Frustrada, Penn bateu na própria perna. — Mas eu os entreguei a Todd para dar para Cam passar para você.

— Pombo-correio. — Cam passou na frente de Penn e entregou a Luce dois pedaços de papel dobrado entre seus dedos médio e indicador.

— Fala sério. Seu pombo morreu de cansaço durante o trajeto? — bufou Penn, agarrando os bilhetes. — Entreguei isso a você há, tipo, uma hora. Por que demorou tanto? Você não leu...

— É lógico que não. — Cam colocou a mão sobre o peito largo, ofendido. Ele usava um anel largo preto no dedo médio. — Não sei se você se lembra, mas Luce se deu mal por trocar bilhetinhos com Molly...

— Eu ***não*** estava trocando bilhetinhos com Molly...

— Mesmo assim — disse Cam, tirando os bilhetes de volta da mão de Penn e entregando-os, finalmente, a Luce. — Só estava tomando conta de você. Esperando a oportunidade certa.

— Bem, obrigada. — Luce enfiou os bilhetes no bolso e deu de ombros para Penn.

— Falando em esperar a hora certa — continuou ele —, estava por aí outro dia e vi isso. — Cam mostrou uma pequena caixa de joia de veludo vermelho e a abriu para Luce ver.

Penn empurrou o ombro de Luce para dar uma olhada também.

Dentro da caixa, uma fina corrente de ouro tinha pendurado um pingente circular com uma linha gravada no meio e uma pequena cabeça de serpente na ponta.

Luce olhou para ele. Era uma brincadeira?

Ele tocou o pingente:

— Achei, depois do outro dia... Queria ajudar você a encarar seu medo — falou, parecendo quase nervoso, com medo de que ela não aceitasse. Ela devia aceitar? — Só estou brincando. Gostei dele, foi tudo. É diferente, me lembrou de você.

Era ***mesmo*** diferente. E muito bonito, e fez Luce estranhamente sentir como se não o merecesse.

— Você foi às compras? — ela se viu perguntando, porque era mais fácil discutir como Cam tinha escapado da escola do que perguntar ***Por que eu?***. — Achei que a diferença entre um reformatório e uma escola comum é que estamos todos presos aqui.

Cam ergueu o queixo levemente e deu um grande sorriso.

— É possível — ele disse baixo. — Vou mostrar a você um dia desses. Podia mostrar... hoje à noite?

— Cam, meu bem — disse uma voz atrás dele. Era Gabbe, cutucando seu ombro. Uma mecha fina na frente de sua cabeça estava amarrada e presa atrás de sua orelha, como uma faixa de cabelo perfeita. Luce ficou olhando, enciumada.

— Preciso da sua ajuda na organização — ronronou Gabbe.

Luce olhou em volta e percebeu que eles eram as únicas pessoas ainda na sala.

— Vou dar uma festinha no meu quarto depois — disse Gabbe, apoiando o queixo em cima do ombro de Cam para se dirigir a Luce e Penn. — Vocês vêm, né?

Gabbe, cuja boca sempre parecia grudenta de gloss, e cujo cabelo loiro nunca falhava em balançar no mesmo segundo em que um cara começava a falar com Luce. Apesar de Daniel ter dito que não havia nada acontecendo entre eles, Luce sabia que nunca seria amiga daquela garota.

Mas, mesmo assim, você não precisa gostar de alguém para ir a sua festa, especialmente quando outras pessoas de quem você gosta provavelmente vão estar lá...

Ou deveria aceitar a oferta de Cam? Ele estava mesmo sugerindo que saíssem escondidos? No dia anterior, um rumor correu pela sala quando Jules e Phillip, o casal de piercings na língua, não apareceram para a aula da Srta. Sophia. Aparentemente, tinham tentado fugir do campus no meio da noite, mas o encontro deu errado e agora os dois estavam em algum tipo de prisão solitária cuja locação nem mesmo Penn conhecia.

A parte mais estranha era que a Srta. Sophia — que normalmente não tolerava cochichos — não tinha mandado os alunos que fofocavam intensamente durante a aula calarem a boca. Era quase como se a

escola *quisesse* que os outros imaginassem o pior castigo possível por quebrar uma de suas regras ditatoriais.

Luce engoliu em seco, olhando de volta para Cam. Ele ofereceu o braço, ignorando completamente Gabbe e Penn.

— Que tal, garota? — ele perguntou, parecendo tão charmoso quanto um galã hollywoodiano, então Luce esqueceu tudo o que havia acontecido com Jules e Phillip.

— Desculpe — Penn se intrometeu, respondendo pelos dois e puxando Luce para longe. — Mas já temos outros planos.

Cam olhou para Penn como se estivesse tentando entender de onde ela tinha surgido. Ele tinha um talento para fazer Luce se sentir uma versão melhor e mais legal de si mesma. E Luce tinha um talento para dar de cara com Cam logo depois de Daniel a fazer se sentir exatamente o oposto. Mas Gabbe ainda estava rondando ao lado dele, e o puxão de Penn estava ficando cada vez mais forte, então Luce finalmente simplesmente acenou com a mão que ainda segurava o presente de Cam.

— Hum, talvez num outro dia! Obrigada pelo colar!

Deixando Cam e Gabbe confusos na sala, Penn e Luce saíram do Augustine. Era assustador ficar sozinha no prédio escuro até tão tarde, e Luce sentia, pelos passos apressados de Penn à sua frente nas escadas, que a outra menina se sentia da mesma maneira.

Do lado de fora, ventava bastante. Uma coruja arrulhou do alto de uma árvore. Quando passaram sob os carvalhos ao longo do prédio, gavinhas dispersas de musgo espanhol roçaram seus rostos como mechas de cabelo embaraçado.

— ***Talvez num outro dia?*** — Penn imitou a voz de Luce. — Que história foi essa?

— Nada... eu não sei. — Luce queria mudar de assunto. — Fez a gente parecer muito importante, Penn — disse ela rindo, enquanto

andavam. — Outros planos... achei que tinha se divertido na festa da semana passada.

— Se tivesse lido as minhas recentes cartas, veria por que temos coisas mais importantes a fazer.

Luce esvaziou seus bolsos, redescobrindo os cinco intactos M&M's, e os dividiu com Penn, que fez uma expressão muito típica, demonstrando que esperava que eles tivessem vindo de um lugar higiênico; mas os comeu mesmo assim.

Luce desdobrou o primeiro bilhete de Penn, que parecia uma página xerocada de um dos arquivos do escritório subterrâneo:

Gabrielle Givens
Cameron Briel
Lucinda Price
Todd Hammond
LOCAIS ANTERIORES:
Todos no Nordeste, exceto por T. Hammond
(Orlando, Flórida)

Ariane Alter
Daniel Grigori
Mary Margaret Zane
Locais anteriores:
Los Angeles, Califórnia

Estava anotado que o grupo de Lucinda tinha chegado na Sword & Cross no dia quinze de setembro daquele ano. O segundo grupo chegara no dia quinze de março três anos antes.

— Quem é Mary Margaret Zane? — Luce perguntou.

— Apenas a extremamente virtuosa Molly — respondeu Penn.

O nome de Molly era Mary Margaret?

— Não me admira ela ter tanta raiva do mundo — comentou Luce. — Então, onde foi que arranjou isso?

— Tirei de uma das caixas que a Srta. Sophia levou lá para baixo naquele dia — disse Penn. — Essa letra é da Srta. Sophia.

Luce olhou para ela.

— E o que isso significa? Por que ela precisaria anotar isso? Achei que eles tinham nossas datas de chegada em nossos arquivos separadamente.

— E têm. Também não consigo entender — Penn continuou. — E, quero dizer, mesmo que você tenha chegado no mesmo dia que os outros, não é como se tivesse alguma coisa em comum com eles.

— Eu não poderia ter ***menos*** em comum com eles — disse Luce, lembrando-se da expressão inocente que Gabbe sempre tinha colada no rosto.

Penn coçou o queixo.

— Mas, quando Ariane, Molly e Daniel chegaram, já se conheciam. Acho que vieram do mesmo reformatório de L.A.

Em algum lugar ali estava a chave para o passado de Daniel. Com certeza ele tinha uma história além de um reformatório na Califórnia. Mas, lembrando de sua reação — aquele horror por Luce mostrar algum interesse em saber qualquer outra coisa sobre ele —, bem, isso a fazia sentir que o que estava fazendo com Penn era fútil e imaturo.

— Para que tudo isso? — Luce perguntou, subitamente irritada.

— Por que a Srta. Sophia estaria reunindo todas essas informações, eu não sei. Apesar de a Srta. Sophia ter chegado à Sword & Cross no mesmo dia que Ariane, Daniel e Molly... — Penn continuou. — Quem sabe? Talvez não signifique nada. É que falam tão pouco de Daniel nos registros que achei que valeria mostrar qualquer coisa que descobrisse. O que nos leva à segunda evidência.

Penn apontou o segundo bilhete na mão de Luce.

Luce suspirou. Parte dela queria encerrar essa investigação e parar de se sentir envergonhada em relação a Daniel. Mas uma parte ainda mais insistente dela queria conhecê-lo melhor... o que, estranhamente, era muito mais fácil de se fazer sem que ele estivesse tecnicamente presente para dar a ela novos motivos para se sentir envergonhada.

Luce baixou os olhos para o bilhete, uma xerox de um antiquado cartão de biblioteca.

Grigori, D. Os guardiões: Mitos na Europa Medieval. Editora Serafim, Roma, 1755.
Identificação: R999.318 GRI

— Parece que um dos antepassados de Daniel era um estudioso — disse Penn, relendo a ficha por cima do ombro de Luce.

— Deve ter sido isso que ele quis dizer... — Luce refletiu baixinho. Ela olhou para Penn. — Ele me disse que estudar religião estava em seu sangue. Deve ter sido isso que ele quis dizer.

— Achei que ele era órfão...

— Não queira saber — disse Luce, acenando para ela desistir. — Assunto delicado para ele. — Ela passou o dedo sobre o título do livro. — O que é um guardião?

— Só há um jeito de descobrir — respondeu Penn. — Apesar de um possível arrependimento eterno, já que esse parece ser o livro mais chato de todos os tempos... Mesmo assim — ela acrescentou, limpando os dedos na camisa —, tomei a liberdade de olhar no catálogo. O livro deve estar na biblioteca. Pode me agradecer depois.

— Você é boa. — Luce sorriu. Ela estava ansiosa para chegar à biblioteca. Se alguém da família de Daniel tinha escrito um livro, não havia como ser chato. Ou pelo menos não para Luce. Mas então ela olhou para a outra coisa que tinha nas mãos: a caixa de veludo de Cam.

— O que acha que isso significa? — perguntou para Penn enquanto começavam a andar para as escadas cobertas de azulejo em direção à biblioteca.

Penn deu de ombros:

— Em relação a cobras você sente...

— Ódio, agonia, intensa paranoia e nojo — listou Luce.

— Talvez seja tipo... Por exemplo, eu costumava ter medo de cactos. Não podia nem chegar perto! Ei, não ria, você por acaso já se machucou numa daquelas coisas? Ficam na sua pele durante dias. Enfim, um ano, no meu aniversário, meu pai me deu tipo onze cactos. A princípio fiquei com vontade de jogar todos em cima dele, mas depois, sabe como é, me acostumei. Já não ficava apavorada toda vez que estava perto de um. No final, deu supercerto.

— Então está dizendo que o presente de Cam — disse Luce —, na verdade, é muito encantador.

— Acho que sim — disse Penn. — Mas se eu soubesse que ele estava a fim de você, ***não*** teria confiado a ele nossos bilhetes particulares. Foi mal.

— Ele não está a fim de mim — Luce começou a dizer, tocando a corrente de ouro dentro da caixa, imaginando como ia ficar nela. Não tinha contado nada sobre seu piquenique com Cam para Penn porque, bem, não sabia exatamente a razão. Tinha a ver com Daniel e como Luce ainda não conseguia entender o que sentia, ou o que queria sentir, por nenhum dos dois.

— Rá — riu Penn. — Então quer dizer que você meio que gosta dele! Traindo Daniel. Não consigo me manter atualizada com você e seus homens.

— Como se tivesse alguma coisa rolando com ***algum*** dos dois — disse Luce mal-humorada. — Acha que Cam leu os bilhetes?

— Se ele leu, e ainda assim lhe deu esse colar — respondeu Penn —, então está mesmo a fim de você.

As duas entraram na biblioteca e as pesadas portas duplas bateram com força atrás delas, o som ecoando pelo salão. A Srta. Sophia levantou os olhos das pilhas de papel que cobriam sua mesa iluminada por um abajur.

— Ah, olá, garotas — disse, sorrindo com tanta alegria que Luce se sentiu culpada mais uma vez por não prestar atenção em sua aula. — Espero que tenham gostado da minha breve revisão! — Ela praticamente cantarolou de alegria.

— Muito mesmo. — Luce assentiu, apesar de não haver nada de breve naquilo. — Viemos aqui revisar algumas coisas antes do teste.

— Isso mesmo — acrescentou Penn. — Você nos inspirou.

— Que maravilha! — A Srta. Sophia remexeu na sua papelada. — Tenho uma lista de leituras adicionais em algum lugar. Ficaria feliz em copiar para vocês.

— Ótimo — mentiu Penn, dando a Luce um pequeno empurrãozinho para as fileiras de estantes. — A gente avisa se precisar!

Com exceção da Srta. Sophia em sua mesa, a biblioteca estava quieta. Luce e Penn viram os números de identificação enquanto conferiam estante após estante até os livros sobre religião. As luzes programadas para poupar energia tinham detectores de movimento e deviam acender quando alguém cruzava os corredores, mas apenas cerca de metade delas funcionava. Luce percebeu que Penn ainda estava segurando seu braço, e depois entendeu que não queria mesmo que ela o soltasse.

As garotas chegaram à normalmente cheia sessão de estudos, onde apenas uma lâmpada estava acesa. Todos os outros deviam estar na festa de Gabbe. Todo mundo, menos Todd. Ele estava com os pés em cima da cadeira à sua frente e parecia estar lendo um atlas mundial

imenso. Quando as garotas passaram, ele as olhou com uma expressão estranha que denunciava muita solidão ou ligeira irritação por estar sendo perturbado.

— Está tarde para vocês estarem por aqui — disse ele, seco.

— Para você também — retaliou Penn, mostrando a língua dramaticamente.

Quando já tinham se afastado um pouco de onde Todd estava, Luce ergueu uma sobrancelha para Penn:

— Que foi ***aquilo***?

— O quê? — disse Penn, amuada. — Ele meio que dá em cima de mim. — Ela cruzou os braços e soprou um cacho de cabelo castanho para longe dos olhos. — Até parece.

— Você está o quê, no quarto ano? — Luce provocou.

Penn esticou o dedo para Luce com uma intensidade que a faria pular para trás, se não estivesse com tanta vontade de rir.

— Conhece mais alguém que investigaria a história familiar de Daniel Grigori com você? Acho que não. Então me deixa.

A essa altura, finalmente tinham chegado ao canto no fundo da biblioteca, onde todos os livros 999 estavam guardados numa única prateleira cor de chumbo. Penn se agachou e tocou as lombadas dos livros com o dedo. Luce sentiu um tremor, como se alguém estivesse passando um dedo pelo seu pescoço. Virou a cabeça e viu um tufo cinza. Não preto, como geralmente eram as sombras, mas mais leve e mais fino. Mas tão indesejável quanto.

Ela observou com os olhos esbugalhados enquanto a sombra se alongava como uma corda comprida e ondulante diretamente acima da cabeça de Penn. Ela desceu lentamente, como uma agulha, e Luce não queria nem pensar no que poderia acontecer se aquilo tocasse em sua amiga. Aquele dia na academia tinha sido a primeira vez que as

sombras a tocaram — e Luce ainda se sentia violada, quase suja, com aquilo. Ela não sabia o que mais as sombras podiam fazer.

Nervosa, insegura, Luce esticou o braço como um taco de beisebol, respirou fundo e deu um tapa no ar. Luce se arrepiou com o contato gelado quando golpeou a sombra para longe — e bateu no alto da cabeça de Penn.

Penn apertou as mãos em volta da cabeça e olhou chocada para Luce:

— *Qual* é o seu problema?

Luce se encolheu ao lado dela e afagou o topo da cabeça de Penn.

— Desculpe. Tinha uma... achei que tinha visto uma abelha... pousando na sua cabeça. Fiquei em pânico. Não queria que ela picasse você.

Luce podia sentir como era imensamente, totalmente ridícula essa desculpa, e esperou que a amiga achasse a coisa toda uma bobagem. O que uma abelha estaria fazendo numa biblioteca? Ela esperou Penn desistir, enraivecida.

Mas o rosto redondo de Penn amoleceu. Ela segurou as mãos de Luce nas suas e as sacudiu.

— Tenho horror de abelhas também — confessou. — E sou extremamente alérgica. Você basicamente acaba de salvar minha vida.

Esse era para ser um grande momento entre as duas — só que não era, porque Luce estava completamente consumida pela presença das sombras. Se apenas houvesse uma maneira de tirá-las de sua mente, de afastar essas coisas sombrias, sem ter que se separar de Penn.

Luce tinha uma sensação forte e incômoda a respeito dessa sombra cinzenta. A uniformidade das sombras nunca tinha sido reconfortante, mas essas recentes variações a faziam atingir um novo nível de nervosismo. Significava que mais tipos de sombras estavam indo atrás dela? Ou ela só estava ficando mais experiente em distingui-las? E

quanto àquele momento esquisito durante a aula da Srta. Sophia, quando ela beliscou uma sombra e a fez se afastar de seu bolso? Luce tinha feito aquilo sem pensar e não tinha motivo para esperar que seus dedos fossem páreo para uma sombra, mas acontecera — ela olhou em volta das prateleiras —, pelo menos temporariamente.

Ela se perguntou se havia estabelecido algum tipo de precedente nas interações com as sombras, embora chamar o que acabara de fazer com a sombra acima da cabeça de Penn de "interagir" era, até Luce sabia, um eufemismo. Uma sensação fria e enjoada surgiu em seu estômago quando ela percebeu que o que tinha começado a fazer com as sombras estava mais para... lutar contra elas.

— Que coisa estranha — comentou Penn de onde estava no chão. — Devia estar bem aqui, entre *O dicionário dos anjos* e essa horrível coisa sobre enxofre e fogo de Billy Graham. — Ela olhou para Luce. — Mas não está.

— Mas achei que tinha dito...

— E disse. O computador listava como se estivesse disponível quando olhei essa tarde, mas não podemos entrar online tarde assim para checar de novo.

— Pergunte para o seu amigo Todd — sugeriu Luce. — Talvez ele esteja usando o livro para disfarçar suas ***Playboys***.

— Que nojo. — Penn deu-lhe um tapa na coxa.

Luce sabia que só tinha feito essa piada para tentar amenizar a decepção. Era tão frustrante; ela não conseguia descobrir nada sobre Daniel sem dar de cara num obstáculo. Não sabia o que poderia encontrar nas páginas daquele livro do ta-ta-taravô dele ou algo do tipo, mas pelo menos encontraria ***alguma outra coisa*** sobre ele. Isso com certeza seria melhor do que nada.

— Fique aqui — disse Penn, se levantando. — Vou perguntar à Srta. Sophia se alguém retirou esse livro hoje.

Luce observou enquanto a amiga corria pelo longo corredor de volta até a mesa da bibliotecária. Ela riu quando Penn apressou-se mais ainda ao passar por onde Todd estava sentado.

Sozinha nos fundos, Luce tocou em mais alguns livros das prateleiras. Fez uma rápida recapitulação mental dos alunos da Sword & Cross, mas não conseguia pensar em nenhum provável candidato a retirar um livro sobre religião. Talvez a Srta. Sophia o tivesse usado como referência para sua aula mais cedo. Luce imaginou como devia ser para Daniel ficar sentado ali, ouvindo a bibliotecária falando sobre assuntos que provavelmente eram discutidos durante o jantar quando estava crescendo. Luce queria saber como tinha sido sua infância. O que tinha acontecido com a família? Será que sua educação no orfanato tinha sido religiosa? Ou sua infância tinha sido como a dela, em que as únicas coisas religiosamente adoradas eram notas boas e honras acadêmicas? Ela queria saber se Daniel já lera esse livro de seu antepassado e o que tinha achado, e se gostava de escrever também. Queria saber o que ele estava fazendo nesse exato momento na festa de Gabbe e quando era seu aniversário e qual número ele calçava e se ele já havia desperdiçado um único segundo pensando nela.

Luce balançou a cabeça. Pensar nessas coisas era um caminho sem volta à autopiedade, e ela queria dar o fora. Tirou o primeiro livro da prateleira — o ***Dicionário dos Anjos***, um livro sem graça com a capa forrada de tecido — e decidiu se distrair lendo até Penn voltar.

Ela tinha chegado na parte do anjo caído Abbadon, que se arrependera de ficar ao lado de Satã e constantemente lamentava sua escolha — ***bocejo*** — quando um apito estridente tocou. Luce olhou para cima e viu as luzes vermelhas do alarme de incêndio.

— Alerta. Alerta. — Uma voz robótica sem emoção anunciava por um alto-falante. — O alarme de incêndio foi ativado. Saiam do prédio.

Luce colocou o livro de volta na prateleira e se levantou. Faziam esse tipo de coisa na Dover o tempo todo. Depois de um tempo, tinha chegado no nível em que nem os professores obedeciam mais às simulações mensais de incêndio, então os bombeiros começaram a acionar o alarme de verdade para fazer as pessoas reagirem. Luce podia ver sem problemas os administradores da Sword & Cross fazendo esse tipo de coisa. Mas quando ela começou a caminhar para a saída, ficou surpresa ao começar a tossir. Realmente havia fumaça dentro da biblioteca.

— Penn? — ela gritou, escutando o som ecoar de volta até seus ouvidos. Sabia que não seria ouvida por cima dos gritos agudos do alarme.

O cheiro acre da fumaça a levou instantaneamente de volta à noite do incêndio com Trevor. Imagens e sons inundaram sua mente, coisas que ela estivera guardando tão escondido na memória que podia até mesmo ter esquecido. Até agora.

O branco contrastante dos olhos de Trevor contra a luz laranja. Os tentáculos de chamas se espalhando por cada um de seus dedos. O estridente, interminável grito que ainda soava em sua cabeça como uma sirene, bem depois de Trevor ter desistido. E o tempo todo ela ficara ali, olhando, sem conseguir parar de olhar, congelada naquele banho de calor. Ela não conseguira se mexer. Não tinha conseguido fazer nada para ajudá-lo. Então ele tinha morrido.

Luce sentiu uma mão agarrando seu pulso esquerdo e se virou, esperando ver Penn, mas era Todd. Os brancos de seus olhos estavam imensos, e ele também estava tossindo.

— Temos que sair daqui — disse ele, respirando rapidamente. — Acho que tem uma saída nos fundos.

— E Penn e a Srta. Sophia? — Luce perguntou. Ela estava se sentindo fraca e tonta, e esfregou os olhos. — Elas estavam do outro

lado. — Quando apontou para o corredor em direção à entrada, pôde ver que a fumaça estava muito mais espessa lá.

Todd pareceu em dúvida por um segundo, mas depois concordou.

— Certo — disse, segurando seu pulso enquanto os dois se agachavam e iam em direção às portas da frente da biblioteca. Eles viraram à direita quando um corredor parecera particularmente mais enfumaçado, e ficaram de frente para uma parede de livros sem ter a mínima ideia de para onde correr. Os dois pararam para tossir e engasgar. A fumaça, que apenas um minuto antes simplesmente pairava sobre suas cabeças, agora descia até seus ombros.

Mesmo se abaixando, estavam sufocando, e não podiam ver mais do que alguns centímetros à frente. Certificando-se de que continuava segurando Todd, Luce deu a volta, subitamente sem saber de que direção tinham vindo. Estendeu o braço e sentiu a prateleira de metal quente. Ela não conseguia nem identificar as letras nas lombadas dos livros. Estavam na seção D ou O?

Não havia pistas para guiá-los até Penn e a Srta. Sophia, e nem para a saída. Luce sentiu uma onda de pânico a invadindo, deixando sua respiração ainda mais difícil.

— Elas já devem ter saído pelas portas da frente! — Todd gritou, parecendo não ter muita certeza daquilo. — Temos que voltar!

Luce mordeu o lábio. Se acontecesse alguma coisa a Penn...

Ela mal conseguia ver Todd, que estava bem na sua frente. Ele estava certo, mas onde ficava a porta dos fundos? Luce assentiu em silêncio, e sentiu a mão dele apertando a sua.

Durante um bom tempo, Luce andou sem saber para onde estava indo, mas, enquanto corriam, a fumaça subiu, pouco a pouco, até, depois de um tempo, ela poder ver o brilho avermelhado de um sinal de saída de emergência. Luce suspirou de alívio enquanto Todd procurava a maçaneta e finalmente abriu a porta.

Eles estavam num corredor que Luce nunca tinha visto antes. Todd fechou a porta com força atrás deles. Os dois arfaram e encheram os pulmões de ar puro. Tinha um gosto tão bom que Luce queria poder comê-lo, beber um galão dele, se banhar nele. Ela e Todd expulsaram a fumaça de seus pulmões, tossindo até começarem a rir, uma risada nervosa e apenas ligeiramente aliviada. Riram até chorar. Mas, mesmo depois de Luce terminar de chorar e tossir, seus olhos continuavam a lacrimejar.

Como ela podia respirar esse ar quando nem sabia o que tinha acontecido com Penn? Se Penn não tivesse escapado — se estivesse desmaiada em algum lugar lá dentro — então Luce falhara com mais alguém querido. Só que, dessa vez, seria bem pior.

Luce secou os olhos e viu uma nuvem de fumaça se encaracolar pela fresta embaixo da porta. Ainda não estavam a salvo. Havia outra porta no final do corredor; pela janela de vidro na porta, Luce podia ver o balanço de uma árvore na noite. Ela relaxou. Em poucos instantes estariam lá fora, longe dessa fumaça sufocante.

Se fossem rápidos o suficiente, poderiam dar a volta até a entrada para ter certeza de que Penn e a Srta. Sophia tinham saído e que estavam bem.

— Vamos lá — disse a Todd, que estava dobrado, chiando. — Temos que continuar.

Ele endireitou as costas, mas Luce podia ver que ele estava realmente acabado. Seu rosto estava vermelho, os olhos assustados e molhados. Ela praticamente teve que arrastá-lo até a porta.

Ela estava tão concentrada em sair que demorou muito para entender o barulho pesado e sibilante que vinha de cima deles, ocultando os alarmes.

Luce olhou para cima e viu um turbilhão de sombras. Um espectro de tons que iam do cinza até o preto mais profundo. Ela deveria

enxergar apenas o teto, mas as sombras pareciam, de alguma maneira, ultrapassar esses limites, criando um céu estranho e misterioso. Estavam todas entrelaçadas umas nas outras, e ainda assim totalmente distintas.

Entre elas estava a mais clara, acinzentada, que Luce vira antes. Não tinha mais o formato de agulha; agora quase parecia a chama de um fósforo. Ela ondulava acima deles no corredor. Luce realmente afastara aquela escuridão amorfa que tentara tocar na cabeça de Penn? A lembrança fazia suas palmas coçarem e ela contorceu os dedos do pé.

Todd começou a bater nas paredes, como se o corredor estivesse se encolhendo em volta deles. Luce sabia que não estavam nem perto da porta, então agarrou a mão dele, mas as palmas suadas escorregaram, se soltando. Ela apertou o pulso dele com toda a força. Todd estava branco como um fantasma, abaixado perto do chão, quase encolhido. Um gemido apavorado escapou de seus lábios.

Foi porque agora a fumaça estava enchendo o corredor também?

Ou porque ele também sentia a presença das sombras?

Impossível.

E, ainda assim, seu rosto estava retorcido e horrorizado. Muito mais agora que as sombras estavam sobre suas cabeças.

— Luce? — Sua voz tremia.

Outra horda de sombras se ergueu diretamente no caminho que deveriam seguir. Um cobertor preto profundo de escuridão se espalhou pelas paredes e fez com que ficasse impossível para Luce enxergar a porta. Ela olhou Todd — ele conseguia vê-la?

— Corra! — gritou Luce.

Será que ele conseguiria correr? Seu rosto estava branco como giz e suas pálpebras pesavam. Ele estava prestes a desmaiar. Mas então, subitamente pareceu que ele a estava carregando.

Ou ***alguma coisa*** estava carregando os dois.

— Mas o que é isso? — gritou Todd.

Seus pés tocaram o chão só por um momento. Parecia que estavam pegando uma onda no oceano, uma crista que a levantava cada vez mais alto, enchendo seu corpo de ar. Luce não sabia para onde estava indo — não conseguia nem ver a porta, apenas um redemoinho de sombras escuras como tinta em volta de tudo. Rondando, mas sem a tocar. Ela devia estar aterrorizada, mas não estava. De alguma maneira, se sentia protegida das sombras, como se alguma coisa a estivesse guardando — alguma coisa fluida mas impenetrável. Alguma coisa inquietantemente familiar. Uma coisa forte, mas também gentil. Uma coisa...

Quase rápido demais, ela e Todd chegaram à porta. Seus pés tocaram novamente o chão, e ela se jogou contra a barra de emergência da porta de saída.

Então ela suspirou. Sufocou. Arfou. Engasgou.

Outro alarme estava soando, mas parecia distante.

O vento chicoteou seu pescoço. Estavam do lado de fora! Estavam parados num pequeno monte. Um lance de escadas descia até o gramado, e mesmo que tudo em sua cabeça parecesse turvo e cheio de fumaça, Luce pensou ter ouvido vozes perto dali.

Ela olhou para trás para tentar entender o que havia acabado de acontecer. Como ela e Todd tinham passado pela sombra mais espessa, mais escura e mais impenetrável de todas? E ***o que*** era aquilo que os salvara? Luce sentia falta de sua presença.

Ela quase quis voltar para entender melhor.

Mas o corredor estava escuro, seus olhos ainda lacrimejavam e Luce não conseguia mais distinguir as sombras se retorcendo. Talvez tivessem ido embora.

Então surgiu uma luz meio partida, alguma coisa que parecia o tronco de uma árvore e seus galhos — não, parecia um torso, com

membros compridos e amplos. Uma coluna de luz pulsante, quase violeta, pairava sobre eles. Fez com que Luce se lembrasse de Daniel mesmo que não fizesse sentido algum. Ela estava vendo coisas. Luce respirou fundo e tentou piscar para expulsar as lágrimas de ardência dos olhos. Mas a luz ainda estava lá. Ela sentiu mais do que a escutou chamando-a, acalmando-a, uma canção de ninar em meio a uma zona de guerra.

Por isso ela não viu a sombra chegando.

A sombra bateu nela e em Todd, separando-os e arremessando Luce no ar.

Ela caiu como uma trouxa de roupas nos pés das escadas. Um grunhido agonizante escapou de seus lábios.

Por um longo momento, sua cabeça latejou. Ela nunca sentira uma dor tão profunda e aguda como essa. Ela gritou para a noite, para a batalha de luz e sombra acima dela.

Mas foi demais para ela e Luce se rendeu, seus olhos se fechando.

ONZE



DESPERTAR CRUEL

— Está com medo? — Daniel perguntou. Sua cabeça ainda estava inclinada, o cabelo loiro balançando na brisa suave. Ele a segurava, e apesar de seu toque ser firme em volta da cintura de Luce, era também macio e leve como seda. Os dedos dela estavam entrelaçados atrás do seu pescoço nu.

Se estava com medo? Certamente não. Estava com Daniel. Finalmente. Em seus braços. A questão mais importante no fundo de sua mente era: ela ***devia*** estar com medo? Não podia ter certeza. Ela não sabia nem onde estava.

Luce sentia o cheiro de chuva no ar, por perto. Mas tanto ela quanto Daniel estavam secos. Ela sentia um longo vestido branco que descia até seus tornozelos. Restava apenas um pouco de luz do sol. Luce sentiu um arrependimento esmagador por ter perdido o pôr do sol, como se houvesse alguma coisa que pudesse fazer para impedi-lo. De alguma maneira, ela sabia que esses raios de luz finais eram tão preciosos quanto as últimas gotas de mel num pote.

— Vai ficar comigo? — ela perguntou. Sua voz era um sussurro fraco, quase abafada pelo trovão que roncou alto. Uma rajada de vento

rodopiou em volta deles, cobrindo os olhos de Luce com seus cabelos. Daniel apertou os braços em volta dela com mais força, até que respirassem alternadamente um no outro, sentindo o cheiro da pele dele na dela.

— Para sempre — sussurrou ele de volta. O som doce de sua voz a preenchia.

Havia um pequeno arranhão no lado esquerdo da testa de Daniel, mas ela esqueceu aquilo quando ele tocou sua bochecha e trouxe o rosto dela para mais perto. Ela inclinou sua cabeça para trás e sentiu o corpo inteiro ficar paralisado pela expectativa.

Finalmente, finalmente — os lábios dele tocaram os dela, com uma urgência de tirar o fôlego. Daniel a beijou como se Luce pertencesse a ele, com a naturalidade de alguém que recupera uma parte de si, há muito perdida.

Então a chuva começou a cair. Encharcou os cabelos, desceu pelo rosto e para dentro da boca dos dois. A chuva era quente e inebriante, como os beijos que trocavam.

Luce abraçou as costas de Daniel para puxá-lo para mais perto, e suas mãos escorregaram por algo que parecia veludo. Ela passou uma das mãos por cima, depois outra, procurando seus limites, e então olhou para o que havia atrás do rosto reluzente de Daniel.

Algo se desenrolava às suas costas.

Asas. Lustrosas e iridescentes, batendo suavemente, sem esforço, brilhando sob a chuva. Ela as vira antes, talvez, ou alguma coisa parecida com elas, em algum lugar.

— Daniel — ela disse arfando. As asas tomaram conta de seus olhos e de sua mente. Elas pareciam um redemoinho de milhões de cores, fazendo sua cabeça doer. Luce tentou olhar para outra coisa, qualquer coisa, mas, de todos os lados, tudo que ela conseguia ver além de

Daniel eram os intermináveis tons de rosa e de azul do céu no pôr do sol. Até ela olhar para baixo e ver a última coisa.

O chão.

A milhares de metros abaixo deles.



Quando Luce abriu os olhos, estava claro demais, sua pele estava seca demais, e havia uma dor lancinante na parte de trás de sua cabeça. O céu se fora, assim como Daniel.

Outro sonho.

Só que esse a deixara se sentindo quase doente de desejo.

Ela estava num quarto de paredes brancas, deitada numa cama de hospital. À sua esquerda, uma cortina fina como papel tinha sido puxada até a metade do quarto, separando-a do que havia do outro lado, algo inquieto.

Luce cuidadosamente tocou o lugar dolorido na base de seu pescoço e choramingou.

Ela tentou pegar suas coisas. Não sabia onde estava, mas tinha a nítida sensação de que não estava mais na Sword & Cross. Seu esvoaçante vestido branco era — ela sentiu dos lados — uma enorme camisola de hospital. Ela podia sentir cada parte do sonho esvaindo-se — tudo menos aquelas asas. Eram tão reais. O toque delas tão aveludado e fluido. Seu estômago se apertou. Ela abriu e fechou os punhos, sem nada para agarrar.

Alguém segurou e apertou sua mão direita. Luce virou a cabeça rapidamente e estremeceu. Ela achara que estava sozinha. Gabbe estava na beirada de uma cadeira de rodas azul velha que parecia, pelo incrível que pareça, realçar a cor de seus olhos.

Luce queria puxar sua mão de volta — ou pelo menos *esperava* querer puxar —, mas então Gabbe deu-lhe um sorriso caloroso, um sorriso que fez Luce se sentir, de alguma maneira, segura, percebendo que estava feliz por não estar sozinha.

— O quanto de tudo aquilo foi um sonho? — murmurou.

Gabbe riu. Havia um pote de creme para as cutículas na mesinha ao lado dela, e começou a esfregar a coisa branca com cheiro de limão em volta das unhas de Luce.

— Tudo depende — respondeu, massageando os dedos de Luce. — Mas não se preocupe com sonhos. Eu sei que, toda vez que sinto meu mundo virando de cabeça para baixo, nada me traz de volta tão bem quanto uma manicure.

Luce olhou para baixo. Ela nunca tinha sido muito fã de esmalte, mas as palavras de Gabbe fizeram-na se lembrar de sua mãe, que estava sempre sugerindo que ela fosse à manicure quando tinha um dia ruim. Enquanto as mãos de Gabbe trabalhavam lentamente em suas unhas, Luce se perguntou por que perdera uma coisa tão boa todos esses anos.

— Onde estamos? — perguntou.

— Hospital Lullwater.

Sua primeira viagem para fora do campus, e acabara num hospital a cinco minutos da casa de seus pais. A última vez em que estivera aqui foi para levar três pontos no cotovelo quando caiu da bicicleta. Seu pai não tinha saído do seu lado. Agora ele nem estava por perto.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntou.

Gabbe olhou um relógio branco na parede e disse:

— Acharam você desmaiada por ter inalado fumaça ontem à noite por volta das 23h. É de rotina chamar a emergência quando encontram um aluno de reformatório inconsciente, mas não se preocupe, Randy disse que vão deixar você sair bem rápido. Assim que seus pais derem permissão...

— Meus pais estão aqui?

— E cheios de preocupação com a filha, até as pontas duplas do cabelo com permanente de sua mãe. Estão no corredor, afogados em papelada. Falei a eles que ia ficar de olho em você.

Luce gemeu e apertou o rosto contra o travesseiro, sentindo a dor profunda atrás de sua cabeça de novo.

— Se não quiser vê-los...

Mas Luce não estava gemendo por causa de seus pais. Mal podia esperar para vê-los. Ela estava se lembrando da biblioteca, do incêndio, da nova leva de sombras que ficava cada vez mais aterrorizante. Elas sempre foram escuras e desagradáveis, mas na noite passada quase parecera que as sombras ***queriam*** alguma coisa dela. E então teve aquela outra coisa, a força levitacional que a libertara.

— Que cara é essa? — Gabbe perguntou, inclinando a cabeça de lado e abanando sua mão no ar na frente do rosto de Luce. — No que está pensando?

Luce não sabia o que pensar da súbita gentileza de Gabbe. Ajudante de enfermeira não parecia exatamente o tipo de trabalho para o qual Gabbe se ofereceria, e até parece que não havia nenhum cara por aí cuja atenção ela não pudesse monopolizar. Gabbe não parecia gostar de Luce. Não apareceria ali por vontade própria, não é?

Mas, mesmo sendo gentil como Gabbe estava sendo, não havia como explicar o que acontecera na noite passada. O encontro macabro e indescritível no corredor. A sensação surreal de ser carregada para a frente em meio àquela escuridão. Aquela estranha e convincente figura de luz.

— Cadê o Todd? — Luce perguntou, lembrando-se dos olhos marejados do garoto. Ela não conseguiu segurá-lo, voando para longe, e então...

A cortina fina foi subitamente aberta, e lá estava Ariane, usando patins e um uniforme listrado de vermelho e branco. Seu cabelo curto preto estava enrolado numa série de pequenos nós em sua cabeça. Ela deslizou, carregando uma bandeja onde estavam três cocos cobertos de canudos de festa com guarda-chuvas em cores neon.

— Agora deixe-me ver se entendi — disse ela numa voz gutural e nasalada. — Você põe o limão no coco e bebe tudo junto... Opa, que caras são essas? Estou interrompendo alguma coisa?

Ariane freou os patins na beirada da cama de Luce e estendeu um coco com um guarda-chuva cor-de-rosa bambo.

Gabbe levantou num pulo e pegou o coco primeiro, cheirando seu conteúdo.

— Ariane, ela acabou de sofrer um ***trauma*** — repreendeu. — E, para sua informação, o que você interrompeu foi o assunto "Todd".

Ariane esticou as costas.

— Precisamente porque ela precisa de algo especial — argumentou, segurando a bandeja possessivamente enquanto ela e Gabbe começaram uma competição de quem encarava a outra por mais tempo.

— Ótimo — disse Ariane finalmente, desviando os olhos. — Vou dar a ela o ***seu*** drinque sem graça. — Ela entregou a Luce o coco com canudo azul.

Luce devia estar em algum tipo de delírio pós-traumático. Onde elas tinham arranjado essas coisas? Cocos? Drinques com guarda-chuvinhas? Era como se tivesse sido arrancada do reformatório e acordado no Club Med.

— Onde vocês arranjaram tudo isso? — perguntou. — Quer dizer, eu agradeço, mas...

— Usamos nossos recursos quando é necessário — respondeu Ariane. — Roland ajudou.

As três ficaram sentadas bebendo os drinques gelados e doces por um momento, até Luce não aguentar mais.

— Então, voltando a Todd...?

— Todd — disse Gabbe, limpando a garganta. — O negócio é que... ele inalou muito mais fumaça que você, querida...

— Não foi isso — interrompeu Ariane. — Ele quebrou o pescoço.

Luce arfou, e Gabbe bateu em Ariane com o guarda-chuva de seu drinque.

— O quê? — perguntou Ariane. — Luce aguenta. Ela ia descobrir uma hora ou outra mesmo, então pra que florear?

— As evidências ainda são inconclusivas — disse Gabbe, enfatizando as palavras.

Ariane deu de ombros.

— Luce estava lá, ela deve ter visto...

— Não vi o que aconteceu com ele — disse Luce de uma vez. — Estávamos juntos e de alguma maneira fomos separados. Tive uma sensação ruim, mas não sabia — sussurrou. — Então ele...

— Foi embora desse mundo — Gabbe disse suavemente.

Luce fechou os olhos. O arrepio gelado que subiu por sua espinha não tinha nada a ver com o drinque. Ela se lembrou de Todd batendo freneticamente nas paredes, a mão suada apertando a dela quando as sombras desceram sobre os dois, aquele horrível momento em que foram separados e que ela estava cansada demais para ir até ele.

Ele vira as sombras. Luce tinha certeza agora. E ele morreu.

Depois da morte de Trevor, não se passava uma semana sem que Luce recebesse uma carta furiosa. Seus pais começaram a tentar selecionar o correio para que ela não lesse aquelas coisas venenosas, mas muita coisa ainda chegava em suas mãos. Algumas cartas eram escritas à mão, outras impressas, algumas até vinham com letras cortadas de revistas, no estilo pedido de resgate. ***Assassina***. ***Bruxa***.

Tinham-na chamado de nomes cruéis em número suficiente para encher um diário, e causado agonia o bastante para mantê-la trancada dentro de casa o verão todo.

Luce achou que se esforçara bastante para superar aquele pesadelo: deixando seu passado para trás ao vir para a Sword & Cross, concentrando-se nas aulas, fazendo amigos... Ah, Deus. Ela segurou o fôlego.

— E Penn? — perguntou, mordendo o lábio.

— Penn está bem — disse Ariane. — Está se achando a testemunha da primeira página do jornal, tendo visto o incêndio pessoalmente. Ela e a Srta. Sophia conseguiram sair, cheirando pior que uma mina do leste da Geórgia, mas sem um arranhão.

Luce expirou. Pelo menos havia algumas notícias boas. Mas sob os lençóis da enfermaria, finos como papel, estava tremendo. O mesmo tipo de gente que tinha tentado atacá-la por causa da morte de Trevor voltaria. Não apenas os que escreveram as cartas furiosas. Mas também o Dr. Stanford. Seu oficial da condicional. A polícia.

Como da outra vez, esperavam que Luce tivesse a história toda pronta para contar. Que se lembrasse de cada pequeno detalhe, mas, obviamente, como da outra vez, ela não conseguiria. Um minuto, Todd estava ao lado dela, só os dois. No seguinte...

— Luce! — Penn entrou no quarto, segurando um grande balão de gás marrom. Era do formato de um band-aid e dizia ***Segura firme*** em letras cursivas azuis. — O que é isso? — ela perguntou, olhando criticamente para as outras garotas. — Algum tipo de festa do pijama?

Ariane tinha desamarrado os patins e subido na pequena cama ao lado de Luce. Estava mexendo nos drinques e deitara a cabeça no ombro da amiga. Gabbe estava passando esmalte incolor na mão livre de Luce.

— Isso — gargalhou Ariane. — Junte-se a nós, Pennyloafer. Estamos prestes a brincar de "verdade ou consequência". Vamos deixar você ser a primeira.

Gabbe tentou cobrir sua risada com um gracioso espirro falso.

Penn colocou as mãos nos quadris. Luce se sentiu mal por ela e também um pouco assustada. Penn parecia estar muito brava.

— Um dos nossos colegas ***morreu*** ontem à noite — Penn enunciou as palavras cuidadosamente. — E Luce podia ter se machucado sério. — Ela balançou a cabeça. — Como vocês duas podem brincar numa hora dessas? — Penn fungou. — Isso é álcool?

— Ahhh! — exclamou Ariane, olhando para Penn com o rosto sério. — Você ***gostava*** dele, não gostava?

Penn pegou um travesseiro da cadeira atrás dela e o jogou em Ariane. A questão era que Penn tinha razão. Era ***realmente*** estranho que Ariane e Gabbe estivessem falando da morte de Todd... quase levianamente. Como se esse tipo de coisa acontecesse o tempo todo. Como se aquilo não as afetasse do modo que afetava a Luce. Mas elas não tinham como saber o que Luce sabia sobre os últimos momentos de Todd. Não tinham como saber por que se sentia tão enjoada agora. Ela deu um tapinha na beirada da cama para Penn se sentar e entregou a ela o que restava de seu coco gelado.

— Saímos pela porta dos fundos, e então... — Luce não conseguia nem dizer as palavras. — O que aconteceu com você e a Srta. Sophia?

Penn olhou desconfiada para Ariane e Gabbe, mas nenhuma das duas pareceu que falaria algo desagradável. Penn se rendeu e sentou na beirada da cama.

— Só fui lá perguntar a ela sobre — ela olhou para as outras duas garotas de novo, então lançou um olhar cheio de significado para Luce — uma dúvida minha. Ela não sabia a resposta, mas queria me mostrar outro livro.

Luce tinha esquecido tudo sobre a investigação dela e de Penn na noite anterior. Parecia tão distante e tão sem sentido depois do que tinha acontecido.

— Nós nos afastamos dois passos da mesa da Srta. Sophia — continuou Penn —, e de repente houve essa imensa explosão de luz. Quero dizer, já li sobre combustão espontânea, mas isso foi...

A essa altura, as outras três garotas estavam inclinadas para a frente. A história de Penn ***era*** mesmo digna de capa de jornal.

— Alguma coisa deve ter causado o incêndio — disse Luce, tentando imaginar a mesa da Srta. Sophia. — Mas acho que não tinha mais ninguém na biblioteca.

Penn balançou a cabeça:

— Não, não tinha. A Srta. Sophia disse que deve ter sido um curto-circuito num dos fios das lâmpadas. Seja o que for que tenha acontecido, aquele incêndio tinha muito combustível. Todos os documentos dela foram para o espaço. — Ela estalou os dedos.

— Mas ela está bem? — Luce perguntou, passando os dedos na camisola de papel do hospital.

— Assustada, mas bem — disse Penn. — Depois de um tempo os sprinklers acabaram funcionando, mas acho que ela perdeu muita coisa. Quando contaram o que acontecera com Todd, era quase como se ela estivesse anestesiada demais para entender.

— Talvez estejamos anestesiadas demais para entender — completou Luce. Dessa vez Gabbe e Ariane assentiram, uma de cada lado. — Os... os pais de Todd já sabem? — perguntou, imaginando como é que explicaria a seus próprios pais o que tinha acontecido.

Ela imaginou-os preenchendo formulários no saguão. Será que iriam querer vê-la? Relacionariam a morte de Todd com a de Trevor... e chegariam até ela através das duas terríveis histórias?

— Ouvi Randy no telefone com os pais de Todd — disse Penn. — Acho que estão absorvendo a notícia. Seu corpo está sendo levado de volta para a Flórida mais tarde.

Só isso? Luce engoliu.

— A Sword & Cross vai ter uma cerimônia em homenagem a ele na quinta — disse Gabbe baixinho. — Daniel e eu vamos ajudar a organizar.

— Daniel? — Luce repetiu antes de conseguir se controlar. Ela olhou para Gabbe e, até mesmo em seu estado de tristeza, não conseguiu deixar de rever sua imagem inicial da garota: uma loira sedutora de boca rosada.

— Foi ele que encontrou vocês dois noite passada — disse Gabbe. — Ele a carregou da biblioteca até o escritório de Randy.

Daniel tinha carregado Luce? Tipo... seus braços em volta do corpo dela? Ela se lembrou do sonho e a sensação de voar — não, de ***flutuar*** — a dominou. Luce se sentiu presa demais àquela cama. Desejava aquele mesmo céu, aquela chuva, sua boca, seus dentes, sua língua tocando a dela novamente. Seu rosto ficou quente, primeiro de desejo, depois com a agonizante impossibilidade de qualquer daquelas coisas acontecerem de verdade. As asas gloriosas e ofuscantes não eram a única coisa impossível naquele sonho. O Daniel do mundo real apenas a carregaria até a enfermaria. Ele nunca a desejaria, nunca a tomaria nos braços, não daquele jeito.

— Hum, Luce, você está bem? — perguntou Penn. Ela estava abanando o rosto corado de Luce com o guarda-chuvinha do seu drinque.

— Ótima — respondeu Luce. Era impossível tirar aquelas asas da cabeça. Esquecer a sensação do rosto dele contra o seu. — Só estou me recuperando ainda, acho.

Gabbe deu um tapinha em sua mão.

— Quando soubemos o que tinha acontecido, ficamos bajulando Randy para nos deixar visitá-la — disse, revirando os olhos. — Não queríamos que você acordasse sozinha.

Houve uma batida na porta. Luce esperava ver os rostos aflitos de seus pais, mas ninguém entrou. Gabbe se levantou e olhou para Ariane, que não fez nenhuma menção de se levantar.

— Fiquem aqui. Eu cuido disso.

Luce ainda estava dominada pelo que lhe haviam contado sobre Daniel. Mesmo que não fizesse sentido nenhum, queria que fosse ele do outro lado da porta.

— Como ela está? — uma voz perguntou num sussurro. Mas Luce ouviu. Era ele. Gabbe murmurou alguma coisa de volta.

— O que é essa reunião toda? — Randy grunhiu do lado de fora do quarto. Luce entendeu com o coração se apertando que isso significava o fim do horário de visitas. — Quem me convenceu a deixar vocês, delinquentes, virem junto vai ficar de castigo. E não, Grigori, não vou aceitar flores como suborno. Todos vocês, voltem para a van.

Ao ouvir a voz de Randy, Ariane e Penn gemeram, depois se apressaram para esconder os drinques embaixo da cama. Penn colocou os guarda-chuvas dos drinques dentro de seu estojo e Ariane borrifou o ar com algum tipo de perfume forte de baunilha. Ela passou a Luce um chiclete de hortelã.

Penn tossiu com a nuvem flutuante de perfume, depois se debruçou rapidamente sobre Luce e cochichou:

— Assim que estiver de volta, vamos achar o livro. Acho que seria bom para nós duas ficarmos ocupadas, manter nossas cabeças longe de... certas coisas.

Luce apertou a mão de Penn em agradecimento e sorriu para Ariane, que parecia ocupada demais amarrando os patins para ter escutado.

Então Randy entrou num rompante pela porta.

— Mais reuniões — gritou. — ***Inacreditável***.

— A gente só estava... — Penn começou a dizer.

— Indo embora — completou Randy. Estava com um buquê de peônias brancas na mão. Estranho. Eram as favoritas de Luce. E era tão difícil encontrá-las crescendo por ali.

Randy abriu um armário embaixo da pia e remexeu dentro dele por um minuto, puxando um vaso pequeno e empoeirado. Ela encheu-o com a água turva da torneira, colocou as peônias dentro dele de qualquer jeito e as colocou na mesa ao lado de Luce.

— São dos seus amigos — disse —, que agora vão embora.

A porta estava escancarada, e Luce podia ver Daniel apoiado no batente. Seu queixo estava levantado e os olhos cinzentos pareciam escurecidos de preocupação. Seu olhar encontrou o de Luce e ele deu um pequeno sorriso. Quando tirou o cabelo dos olhos, Luce pôde ver um pequeno corte vermelho-escuro em sua testa.

Randy guiou Penn, Ariane e Gabbe pela porta. Mas Luce não conseguia tirar os olhos de Daniel. Ele levantou uma das mãos no ar e disse em silêncio o que ela achou ser um ***Sinto muito***, segundos antes de Randy os enxotar para fora.

— Espero que não a tenham cansado demais — disse Randy, olhando para a porta com o cenho franzido sem piedade.

— Ah, não! — Luce sacudiu a cabeça, percebendo o quanto já gostava da lealdade de Penn e do jeito sarcástico que Ariane tinha de melhorar até mesmo o pior dos humores. Dessa vez, Gabbe também tinha sido verdadeiramente gentil com ela. E Daniel, apesar de ela mal tê-lo visto, tinha feito mais para devolver paz de espírito a ela do que jamais saberia. Viera ver como ela estava. Estava pensando nela.

— Bom — disse Randy. — Porque o horário de visitas ainda não acabou.

Mais uma vez o coração de Luce se acelerou enquanto esperava para ver seus pais. Mas houve apenas umas pegadas leves no piso de linóleo, e logo Luce viu a silhueta pequena da Srta. Sophia. Uma echarpe outonal colorida estava em volta de seus ombros magros, e os lábios estavam pintados de um vermelho intenso para combinar. Atrás dela vinha um homem baixo e careca usando terno e gravata, e dois policiais, um gordo e um magro, ambos com entradas no cabelo e braços cruzados.

O policial gordo era mais jovem. Ele se sentou na cadeira ao lado de Luce, e então — notando que ninguém mais tinha se sentado também —, levantou-se e cruzou novamente os braços.

O homem careca deu um passo à frente e estendeu a mão para Luce:

— Sou o Sr. Schultz, advogado da Sword & Cross. — Luce apertou sua mão, sem graça. — Esses policiais só vão fazer algumas perguntas. Nada que vá ser usado em tribunal, apenas uma tentativa de juntar as peças do acidente...

— E eu insisti estar aqui durante o interrogatório, Lucinda — acrescentou a Srta. Sophia, se aproximando para afagar o cabelo de Luce. — Como você está, meu bem? — sussurrou. — Num estado de amnésia pelo choque?

— Estou bem...

Luce parou quando viu mais duas pessoas na entrada da porta. Ela quase se derramou em lágrimas quando viu a cabeleira escura e cacheada de sua mãe e os grandes óculos de tartaruga de seu pai.

— Mãe — sussurrou, baixo demais para qualquer um ouvir. — Pai.

Eles correram até a cama, jogando braços em volta da filha e apertando suas mãos. Luce queria tanto abraçá-los, mas sentia-se fraca demais para fazer muito mais do que ficar parada e absorver o

conforto familiar do toque deles. A expressão dos dois parecia tão assustada quanto ela se sentia.

— Querida, o que aconteceu? — sua mãe perguntou.

Ela não podia dizer nem uma palavra.

— Eu disse a eles que você era inocente — disse a Srta. Sophia, virando-se para lembrar os policiais. — Que se danem as coincidências estranhas.

É óbvio que tinham os registros do acidente de Trevor, e é óbvio que a polícia acharia aquilo... ***digno de nota,*** considerando a morte de Todd. Luce tinha experiência suficiente com policiais para saber que isso só os deixaria frustrados e irritados.

O policial magro tinha costeletas compridas que estavam ficando grisalhas. A ficha dela, aberta em suas mãos, parecia estar absorvendo toda sua atenção, porque nenhuma vez ele levantou os olhos para Luce.

— Srta. Price — disse com um sotaque arrastado do sul. — Por que você e o Sr. Hammond estavam sozinhos na biblioteca tão tarde quando todos os outros alunos estavam numa festa?

Luce olhou para seus pais. Sua mãe estava mordiscando os lábios. O rosto do seu pai estava tão branco quanto os lençóis.

— Eu não estava lá com Todd — respondeu, sem entender o motivo da pergunta. — Estava com Penn, minha amiga. E a Srta. Sophia estava lá também. Todd estava estudando sozinho e, quando o fogo começou, perdi Penn de vista e Todd foi a única pessoa que consegui encontrar.

— O único que conseguiu encontrar... para fazer o quê?

— Espere um minuto. — O Sr. Schultz deu um passo à frente para interromper o policial. — Isso foi um acidente, deixe-me lembrá-los. Não está interrogando uma suspeita.

— Não, eu quero responder — disse Luce. Tinha tanta gente no quartinho minúsculo que ela não sabia para onde olhar. Concentrou-se no policial. — O que quer dizer?

— Você é uma pessoa nervosa, Srta. Price? — Ele segurou a pasta com força. — Poderia se descrever como solitária?

— Já chega — interrompeu seu pai.

— Sim, Lucinda é uma aluna séria — acrescentou a Srta. Sophia. — Não tinha nada contra Todd Hammond. O que aconteceu foi um acidente, nada mais.

O policial olhou para a porta aberta, como se desejando que a Srta. Sophia saísse e não se metesse.

— Sim, senhora. Bem, com esses casos de reformatório, dar o benefício da dúvida nem sempre é a coisa mais responsável...

— Vou dizer tudo que sei — disse Luce, amassando o lençol com as mãos. — Não tenho nada a esconder.

Ela descreveu os acontecimentos o melhor que pôde, falando lenta e claramente para que não surgissem novas perguntas para seus pais, e para os policiais anotarem tudo. Ela não se permitiu chorar, o que parecia ser exatamente o que todos estavam esperando. E — deixando de fora as aparições das sombras —, a história fazia muito sentido.

Tinham corrido até a porta dos fundos. Acharam a saída no final de um longo corredor. As escadas eram muito próximas e íngremes, e eles não conseguiram parar a tempo, antes de tropeçar nos degraus. Ela perdeu-o de vista, bateu a cabeça com força o suficiente para acordar ali, doze horas depois. Era tudo de que se lembrava.

Ela deixou muito pouco que pudesse manter uma discussão. Havia apenas suas verdadeiras lembranças da noite com que lidar — sozinha.

Quando acabou, o Sr. Schultz deu aos policiais um aceno de cabeça significando ***estão-satisfeitos-agora?***, e a Srta. Sophia sorriu para Luce,

como se as duas juntas tivessem sido bem-sucedidas em alguma missão quase impossível. A mãe de Luce soltou um longo suspiro.

— Vamos analisar tudo isso na delegacia — disse o policial magro, fechando o arquivo de Luce com tanta resignação que parecia querer receber louros por seus serviços.

Então os quatro saíram do quarto e ela ficou sozinha com seus pais.

Luce deu a eles seu melhor olhar pidão. Os lábios de sua mãe tremeram, mas o pai apenas engoliu em seco.

— Randy vai levá-la de volta para a Sword & Cross essa tarde — disse. — Não pareça tão chocada, querida. O médico disse que você está bem.

— Mais do que bem — acrescentou a mãe, mas ela não parecia muito convencida.

Seu pai bateu de leve em seu braço.

— Veremos você no sábado. São apenas mais alguns dias.

Sábado. Ela fechou os olhos. Dia dos Pais. Ela estava ansiando por isso desde o momento em que pisara na Sword & Cross, mas agora tudo estava contaminado pela morte de Todd. Seus pais pareciam quase ansiosos para irem embora. Tinham um jeito especial de não querer realmente lidar com a realidade de ter uma filha no reformatório. Eram tão normais. Luce não podia culpá-los, na realidade.

— Descanse um pouco, Luce — disse seu pai, se debruçando para beijá-la na testa. — Teve uma noite longa e difícil.

— Mas...

Ela ***estava*** exausta. Mal fechou os olhos e, quando os reabriu, seus pais já estavam acenando da porta.

Tirou uma carnuda flor branca do vaso e a levou lentamente até o rosto, admirando as folhas profundamente lobuladas e as pétalas

frágeis, ainda úmidas com gotas de néctar no interior. Ela inspirou o cheiro suave e picante da flor.

Ela tentou imaginar como as flores deviam ficar nas mãos de Daniel. Tentou imaginar onde ele as arranjara, e no que estava pensando.

Era uma escolha tão inusitada para flores. Peônias não cresciam nas terras úmidas da Geórgia. Não aguentavam nem o solo do jardim de seu pai em Thunderbolt. E, além disso, essas nem pareciam as peônias que Luce já vira antes. As flores eram grandes como mãos em concha, e o cheiro a fazia se lembrar de alguma coisa que ela não conseguia identificar.

Sinto muito, Daniel tinha dito. Luce só não conseguia entender por quê.

DOZE



AO PÓ

No anoitecer nublado que cobria o cemitério, um vulto circulava. Dois dias tinham se passado desde a morte de Todd, e Luce ainda não tinha conseguido comer nem dormir. Ela estava de pé, usando um vestido preto sem mangas no centro do cemitério, onde os alunos e funcionários da Sword & Cross haviam se reunido para prestar as últimas homenagens a Todd. Como se uma cerimônia de uma hora e sem o menor sentimento fosse o suficiente. Isso, somado ao fato de que a única capela da escola tinha sido transformada num ginásio com piscina, fez com que a cerimônia tivesse que ser feita no sombrio terreno pantanoso do cemitério.

Desde o acidente, as aulas estavam suspensas, e os funcionários tinham sido a perfeita definição de discrição. Luce tinha passado os últimos dois dias evitando os olhares dos outros alunos, que, sem exceção, a fitavam com diferentes níveis de suspeita. Os que ela não conhecia muito bem pareciam olhá-la até com uma pequena dose de medo. Outros, como Roland e Molly, a olhavam de soslaio, como se houvesse alguma coisa misteriosamente sombria no fato de ela ter sobrevivido. Luce suportava os olhares curiosos o melhor que

conseguia durante as aulas, e ficava feliz quando Penn passava em seu quarto à noite para levar uma xícara de chá de gengibre, ou quando Ariane enfiava um bilhetinho malicioso por baixo de sua porta.

Ela estava desesperada para encontrar alguma coisa que tirasse da sua cabeça aquela sensação incômoda, de que outra coisa ruim viria em seguida. Porque ela sabia que estava a caminho: uma segunda visita, ou da polícia, ou das sombras — ou ambas.

Naquela manhã, o alto-falante da escola tinha informado a todos que a Social daquela noite seria cancelada em respeito ao falecimento de Todd, e que as aulas terminariam uma hora antes para que os alunos tivessem tempo de se trocar e chegar ao cemitério às 15h. Como se a escola inteira já não ficasse vestida para um velório o tempo todo.

Luce nunca tinha visto tantas pessoas reunidas no mesmo lugar do campus. Randy estava parada no meio do grupo numa saia cinza na altura das canelas e sapatos pretos de solas grossas de borracha. A Srta. Sophia, de olhos marejados, e o Sr. Cole, que segurava um lencinho, estavam atrás dela em roupas de luto. A Srta. Tross e a treinadora Dante estavam num grupo com outros funcionários da escola e administradores, todos de preto, que Luce nunca tinha visto.

Os alunos estavam sentados em fileiras por ordem alfabética. Na frente, Luce podia ver Joel Bland, o garoto que ganhara a corrida de natação semana passada, assoando o nariz num lenço sujo. Luce estava na terra de ninguém que eram os sobrenomes começados por P, mas podia ver Daniel, para sua irritação, colocado na fila G bem ao lado de Gabbe, duas fileiras à frente. Ele estava impecável num blazer preto de risca de giz, mas a cabeça parecia estar mais baixa que a de todos à sua volta. Mesmo de costas, Daniel conseguia parecer devastadoramente sério.

Luce pensou nas peônias brancas que ele lhe dera. Randy não a deixara levar o vaso ao sair da enfermaria, então Luce levou somente

as flores até seu quarto e foi bem criativa, cortando a parte de cima de uma garrafa de água mineral com uma tesoura de manicure.

As flores eram perfumadas e calmantes, mas a mensagem que transmitiam era confusa. Geralmente quando um cara lhe dá flores não é necessário duvidar de seus sentimentos. Mas, com Daniel, esse tipo de presunção era sempre uma má ideia. Era bem menos arriscado presumir que ele levara as flores porque é o que se faz quando alguém sofre algum acidente.

Mas, ainda assim: ele tinha lhe dado flores! Se ela se inclinasse para a frente agora em sua cadeira e olhasse para o alto, em direção aos dormitórios, atrás das barras de metal na terceira janela à esquerda, quase conseguia vê-las.

— "Do suor do teu rosto comerás o teu pão" — um pastor pago por hora gorjeou na frente da multidão. — "Até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás."

Ele era um homem magro de cerca de 70 anos, perdido dentro de um grande terno preto. Os tênis gastos estavam com os cadarços esfarrapados e seu rosto era enrugado e queimado de sol. Ele falava num microfone ligado a uma velha caixa de som de plástico que parecia ter vindo dos anos 1980. O som que emitia era distorcido e cheio de estática, e mal chegava até os que estavam nos fundos da multidão.

Tudo naquela cerimônia era inadequado e completamente errado.

Ninguém estava mostrando respeito a Todd por estar ali. O serviço fúnebre inteiro mais parecia uma tentativa de ensinar aos alunos como a vida podia ser injusta. O fato de o corpo de Todd não estar presente dizia muita coisa sobre a relação da escola com o rapaz — ou a completa falta dela. Nenhum deles o conhecia; ninguém nunca conheceria. Havia algo de falso em estar presente ali, o que só piorava com as poucas pessoas que estavam chorando. Tudo aquilo fez Luce

sentir que Todd era um estranho para ela mais do que ele havia sido na verdade.

Deixem Todd descansar em paz. Deixem quem continua aqui apenas seguir em frente.

Uma coruja piou em um galho alto do carvalho acima de suas cabeças. Luce sabia que havia um ninho por perto, com um grupo de filhotinhos de coruja. Ela ouvira o canto medroso da mãe todas as noites naquela semana, seguido pelo bater de asas frenético do pai voltando de sua caçada noturna.

E então acabou. Luce se levantou de sua cadeira, sentindo-se fraca com a injustiça daquilo tudo. Todd era tão inocente quanto ela era culpada, apesar de ela não saber de quê.

Enquanto seguia os outros alunos numa fila única até a recepção, alguém abraçou sua cintura e a puxou para trás.

Daniel?

Mas não, era Cam.

Seus olhos verdes procuraram os dela e pareceram perceber seu desapontamento, o que apenas fez Luce se sentir ainda pior. Ela mordeu o lábio para evitar cair no choro. Ver Cam não devia fazê-la ter vontade de chorar — mas estava simplesmente tão exausta emocionalmente, à beira de um colapso. Mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto de sangue, então limpou a boca em sua mão.

— Ei — disse Cam, afagando seu cabelo. Ela se retraiu; ainda tinha um galo na cabeça de quando caíra. — Quer ir a algum lugar e conversar?

Eles estavam andando junto com os outros pela grama em direção à recepção, embaixo da sombra de um dos carvalhos. Um grupo de cadeiras tinha sido armado, praticamente uma em cima da outra. Em uma mesa de dobrar ali perto havia pilhas de biscoitos parecendo amolecidos, tirados de caixas variadas, mas ainda dentro dos sacos

plásticos internos. Uma tigela barata de plástico estava cheia de ponche vermelho e xaroposo, o que tinha atraído várias moscas, como um cadáver. Era uma recepção tão patética que poucos dos outros alunos sequer se deram ao trabalho de comparecer. Luce viu Penn num conjunto de saia preta, cumprimentando o pastor. Daniel estava olhando ao longe, sussurrando alguma coisa para Gabbe.

Quando Luce se voltou, Cam passou o dedo levemente pela clavícula dela, então pararam na base de seu pescoço. Ela inspirou e sentiu sua pele se arrepiando.

— Se não gostou do colar — disse ele, inclinando-se —, posso comprar outra coisa.

Seus lábios estavam tão perto de tocar o pescoço dela que Luce apertou o ombro dele com uma das mãos e deu um passo para trás.

— Eu gostei — respondeu, pensando na caixa que estava em cima de sua escrivaninha. Acabara ao lado das flores de Daniel, e passara metade da noite anterior olhando de um presente para outro, pesando as intenções de cada um. Cam era tão mais transparente, fácil de entender. Como se ele fosse álgebra e Daniel fosse cálculo. E ela sempre amara cálculo, mesmo que às vezes demorasse uma hora para resolver uma única questão. — Achei o colar lindo. Só não tive oportunidade de usar ainda.

— Sinto muito — disse ele, franzindo os lábios. — Não devia pressionar você.

O cabelo escuro de Cam estava penteado para trás e mostrava mais seu rosto do que normalmente. Aquele penteado o deixava mais velho, mais maduro. E o jeito como ele a olhava era tão intenso, seus grandes olhos verdes explorando-a, como se aprovassem tudo que ela tinha por dentro.

— A Srta. Sophia não parou de dizer que deveríamos dar espaço para você nesses últimos dias. Sei que ela está certa, você passou por

tanta coisa... Mas queria que soubesse o quanto pensei em você. O tempo todo. Queria vê-la.

Ele acariciou sua bochecha com as costas da mão e Luce sentiu lágrimas se acumulando. Passara ***mesmo*** por muita coisa, e sentia-se terrível por estar ali, prestes a chorar, não por causa de Todd — cuja morte importava, e devia importar mais —, mas por motivos egoístas. Porque os últimos dois dias trouxeram de volta do passado tanta dor por Trevor e por sua antiga vida, antes da Sword & Cross, coisas com as quais ela não queria lidar e nunca poderia explicar a ninguém. Eram mais sombras para afastar.

Era como se Cam sentisse isso, pelo menos em parte, porque a segurou nos braços, apertou sua cabeça contra o peito forte e largo, e a ninou de um lado para o outro.

— Está tudo bem — disse. — Vai ficar tudo bem.

E talvez Luce não precisasse explicar nada a ele. Parecia que, quanto mais perturbada se sentia por dentro, mais presente Cam se tornava. E se fosse simplesmente o bastante ficar nos braços de alguém que se importava com ela, deixar esse simples carinho a estabilizar por um tempo?

Aquele abraço era tão ***bom***.

Luce não sabia como se afastar de Cam. Ele sempre fora tão gentil, e ela gostava dele, mas, no entanto, por razões que a faziam se sentir culpada, ele meio que estava começando a irritá-la. Ele era tão perfeito, tão prestativo, e era exatamente daquilo que ela precisava no momento. Mas... ele não era Daniel.

Um cupcake branco apareceu por cima de seu ombro. Ela reconheceu as unhas benfeitas segurando-o.

— Tem ponche ali, e alguém precisa tomá-lo — disse Gabbe, entregando um cupcake a Cam também. Ele olhou feio para a cobertura de glacê. — Tudo bem? — Gabbe perguntou a Luce.

Luce assentiu. Pela primeira vez, Gabbe aparecera exatamente quando Luce queria ser salva. Trocaram sorrisos e Luce ergueu seu cupcake em agradecimento, dando uma pequena mordida no doce.

— Ponche parece ótimo — Cam falou entredentes. — Por que não vai buscar dois copos para gente, Gabbe?

Gabbe revirou os olhos para Luce.

— Você faz um favor a um homem e ele começa a tratar você como escrava.

Luce riu. Cam estava meio abusado, mas era óbvio para Luce o que ele estava tentando fazer.

— Eu vou buscar a bebida — disse Luce, querendo respirar um pouco. Ela foi até a mesa com a tigela de ponche. Estava afastando uma mosca da superfície da bebida quando alguém cochichou em seu ouvido.

— Quer dar o fora daqui?

Luce se virou, pronta para inventar alguma desculpa para Cam dizendo que não, ela não podia dar o fora — não agora, e não com ele. Mas não era Cam que tinha estendido a mão e tocado seu pulso com o polegar.

Era Daniel.

Ela derreteu um pouco. Em dez minutos teria a chance da semana de falar no telefone e ela queria desesperadamente escutar a voz de Callie ou de seus pais. Falar sobre alguma coisa que estava acontecendo do lado de fora daquelas grades de ferro, outra coisa que não fosse a tristeza de seus dois últimos dias.

Mas sair dali? Com Daniel? Ela se viu concordando.

Cam ia odiá-la se a visse indo embora, e ele com certeza veria. Estava observando-a. Luce quase podia sentir seus olhos verdes atrás de sua cabeça. Mas sem dúvida ela precisava ir. Colocou sua mão dentro da de Daniel.

— Por favor.

Todas as outras vezes em que haviam se tocado, tinha sido ou por acidente, ou um deles tinha se afastado — geralmente Daniel — antes que o choque quente que Luce sempre sentia pudesse evoluir para um calor crescente. Dessa vez, não. Luce olhou para a mão de Daniel, segurando a dela com ansiedade, e todo o seu corpo quis mais. Mais do calor, mais do formigamento, mais de Daniel. Era quase — mas não exatamente — tão bom quanto ela sentira em seu sonho. Ela mal podia sentir seus pés se movendo, apenas a intensidade do toque dele tomando conta.

Era como se ela tivesse apenas piscado, e eles já tinham chegado aos portões do cemitério. Além deles, bem longe, o resto da cerimônia saía de foco enquanto os dois deixavam tudo para trás.

Daniel parou subitamente e, sem avisar, largou sua mão. Ela estremeceu, com frio novamente.

— Você e Cam — disse ele, deixando as palavras suspensas no ar como uma pergunta. — Vocês passam muito tempo juntos?

— Parece que não gosta muito da ideia — respondeu ela, se sentindo instantaneamente boba por dar uma de coquete. Ela só queria provocá-lo por ter soado ciumento, mas seu rosto e tom de voz eram sérios.

— Ele não... — Daniel começou a dizer. Observou um falcão de rabo vermelho pousando num carvalho, acima de suas cabeças. — Ele não é bom o bastante para você.

Luce já tinha escutado aquela mesma frase mil vezes. Era o que todos sempre diziam. ***Não é bom o bastante***. Mas quando as palavras saíram da boca de Daniel, pareceram importantes, até de alguma maneira verdadeiras e relevantes, e não vagas e sem consideração como aquela frase sempre soara aos seus ouvidos no passado.

— Bem, então — perguntou em voz baixa —, quem é?

Daniel pôs as mãos nos quadris e riu sozinho por um tempo.

— Eu não sei — disse finalmente. — É uma excelente pergunta.

Não exatamente a resposta que Luce estava procurando.

— Não é ***tão*** difícil assim — falou, enfiando as mãos nos bolsos porque tinha vontade de tocá-lo. — Ser bom o bastante para ***mim***.

Os olhos de Daniel pareciam estar escurecendo, todo o violeta que havia neles um momento antes transformando-se num cinza escuro e profundo.

— É — disse ele. — É, sim.

Ele esfregou a testa e, quando o fez, seu cabelo foi para trás por apenas um segundo. Tempo suficiente. Luce viu o machucado em sua testa. Estava cicatrizando, mas Luce podia perceber que era recente.

— O que aconteceu com sua testa? — ela perguntou, estendendo a mão em sua direção.

— Não sei — vociferou ele, afastando a mão com tanta força que ela tropeçou para trás. — Não sei de onde veio.

Ele parecia mais incomodado com aquilo do que Luce, o que a surpreendeu. Era apenas um pequeno arranhão.

Ouviram passos no cascalho atrás deles. Os dois se viraram para olhar.

— Já disse que não vi onde ela está — Molly estava dizendo, afastando as mãos de Cam enquanto subiam pela colina do cemitério.

— Vamos embora — disse Daniel, sentindo tudo que ela sentia. Luce tinha quase certeza de que ele era capaz, antes mesmo de olhar para ele, nervosa.

Ela sabia onde estavam indo assim que começou a segui-lo. Atrás do ginásio/igreja, para a floresta. Assim como sabia que ele pulava corda de um jeito, antes de vê-lo fazendo isso. Assim como ela soubera daquele machucado antes de descobrir que estava lá.

Eles andaram no mesmo ritmo, com passos do mesmo tamanho. Seus pés pisavam na grama ao mesmo tempo, todas as vezes, até chegarem à floresta.

— Se você vai a um lugar mais de uma vez com a mesma pessoa — disse Daniel, quase para si mesmo —, acho que não é mais exclusivamente seu.

Luce sorriu honrada quando percebeu o que Daniel queria dizer: que ele nunca havia ido ao lago com outra pessoa antes. Apenas com ela.

Enquanto trilhavam a floresta, ela sentiu o frio que as sombras das árvores projetavam em seus ombros nus. Tinha o mesmo cheiro de sempre, como a maioria das florestas litorâneas da Geórgia: um odor de folhas de carvalho que Luce costumava associar às sombras, mas que agora a fazia se lembrar de Daniel. Ela não devia mais se sentir segura em lugar nenhum depois do que acontecera com Todd, mas, ao lado de Daniel, Luce sentia que estava respirando com facilidade pela primeira vez em dias.

Ela teve que acreditar que Daniel a estava levando para cá de novo por causa da maneira como tinha fugido tão subitamente da última vez. Como se precisassem de uma segunda tentativa para acertar. O que tinha começado no primeiro meio encontro deles terminara com Luce se sentindo miseravelmente abandonada. Daniel devia saber disso e se sentia mal por sua saída repentina.

Os dois chegaram à árvore de magnólia que marcava o lugar de onde se via o lago. O sol deixava uma trilha dourada na água à medida que descia para trás da floresta, a oeste. Tudo parecia tão diferente no começo da noite. O mundo todo parecia brilhar.

Daniel se apoiou na árvore e observou-a olhando a água. Ela se moveu para ficar ao lado dele, sob as folhas cerosas e as flores, que já deviam ter sumido nessa época do ano, mas que pareciam puras e

frescas como na primavera. Luce sentiu o cheiro almiscarado e lhe pareceu que estava mais próxima de Daniel do que tinha razões para se sentir — e amou o fato de que aquela sensação parecia vir do nada.

— Não estamos exatamente vestidos para nadar dessa vez — disse ele, apontando para o vestido de Luce.

Ela passou os dedos pela delicada barra de renda sobre seus joelhos, imaginando o choque de sua mãe se Luce arruinasse um bom vestido porque ela e um garoto queriam mergulhar.

— Talvez a gente possa só molhar os pés?

Daniel indicou a íngreme rocha avermelhada que levava até a água. Eles passaram pelos juncos espessos e amarelados e pela grama usando os galhos retorcidos dos carvalhos para se equilibrar. Ali, a margem do lago se tornava pedregosa. A água estava tão parada que parecia ser possível andar sobre ela.

Luce tirou as sapatilhas pretas e tocou a superfície cheia de lírios com os dedos do pé. A água estava mais fria do que no outro dia. Daniel pegou um comprido pedaço de grama e começou a trançar sua haste grossa.

Ele olhou para Luce:

— Às vezes pensa em sair daqui...

— O tempo todo — interrompeu ela com um gemido, presumindo que ele queria dizer que pensava nisso também. É lógico que ela queria ir para o mais longe possível da Sword & Cross. Qualquer um quereria. Mas pelo menos dessa vez evitar que começasse a perder o controle sobre sua imaginação, fantasiando ela e Daniel planejando uma fuga.

— Não — disse Daniel. — Quero dizer, você já considerou ir para outro lugar? Pedir uma transferência para os seus pais? É só que... a Sword & Cross não parece o melhor lugar para você.

Luce se sentou numa rocha do lado oposto de Daniel e abraçou os joelhos. Se ele estava sugerindo que ela era inadequada no meio de grupo de alunos cheios de problemas, não podia evitar se sentir um pouco insultada.

Ela limpou a garganta.

— Não posso me dar ao luxo de considerar outro lugar, na verdade. A Sword & Cross é — ela pausou —, basicamente, minha última chance.

— Qual é — duvidou Daniel.

— Você não sabe...

— Sei. — Ele suspirou. — Há sempre mais uma chance, Luce.

— Isso é muito profético, Daniel — disse ela. Podia sentir sua voz se elevando. — Mas se está tão interessado em se livrar de mim, o que estamos fazendo? Ninguém mandou você me trazer até aqui.

— Não — disse ele. — Está certa. Quis dizer que você não é como as pessoas daqui. Com certeza há um lugar melhor para você.

O coração de Luce estava acelerado, o que geralmente acontecia perto de Daniel. Mas isso era diferente. Toda aquela conversa estava fazendo-a suar.

— Quando cheguei aqui — disse ela —, fiz uma promessa a mim mesma de que nunca deixaria ninguém saber sobre meu passado, ou sobre o que eu tinha feito para vir parar nesse lugar.

Daniel baixou a cabeça entre suas mãos.

— O que estou falando não tem nada a ver com o que aconteceu com aquele cara...

— Você sabe sobre ele? — O rosto de Luce ficou tenso. Não. Como Daniel poderia saber? — O que quer que Molly tenha contado...

Mas ela sabia que era tarde demais. Daniel a encontrara com Todd. Se Molly tivesse contado a ele qualquer coisa sobre como Luce já tinha

estado envolvida em ***outra*** morte misteriosa em um incêndio, não podia nem começar a imaginar como explicar a coincidência.

— Escute — interrompeu ele, agarrando suas mãos. — O que estou dizendo não tem nada a ver com aquela parte de seu passado.

Luce achou difícil de acreditar.

— Então tem a ver com Todd?

Ele balançou a cabeça.

— Tem a ver com esse lugar. Tem a ver com coisas...

O toque de Daniel despertou alguma coisa em sua mente. Ela começou a pensar nas sombras selvagens que vira aquela noite. Em como haviam mudado tanto desde que chegara naquela escola — de uma ameaça distante e irritante para um terror intenso, quase onipresentes.

Uma desequilibrada — devia ser isso que Daniel sentia a respeito dela. Talvez a achasse bonita, mas no fundo sabia que era profundamente perturbada. Era por isso que queria que ela fosse embora, para não ficar tentado a se envolver com alguém como ela. Se era isso que Daniel achava, não sabia nem da metade.

— Talvez tenha a ver com as estranhas sombras que vi na noite em que Todd morreu? — ela disse, esperando chocá-lo. Mas, assim que terminou de dizer as palavras, soube que sua intenção não era assustar Daniel ainda mais... era a de finalmente se abrir com alguém. Afinal, não tinha muito a perder.

— O que você disse? — ele perguntou lentamente.

— Ah, sabe — continuou ela, dando de ombros, tentando diminuir a importância do que acabara de dizer. — Mais ou menos uma vez por dia, recebo ***visitas*** de umas coisas escuras que chamo de sombras.

— Não seja engraçadinha — Daniel disse, seco. E, mesmo que o tom de voz dele a tivesse magoado, Luce sabia que ele tinha razão. Odiava como parecera falsamente indiferente quando, na realidade,

estava muito assustada. Mas deveria contar a ele? Poderia? Ele estava assentindo para que continuasse. Seus olhos pareciam tocá-la e puxar as palavras de dentro dela.

— Começou há doze anos — ela finalmente admitiu, com um grande arrepio. — Costumava ser apenas à noite, quando eu estava perto da água ou de árvores, mas agora... — Suas mãos estavam tremendo. — Acontece praticamente o tempo todo.

— O que elas fazem?

Luce poderia pensar que ele só estava zombando dela, ou tentando fazer com que continuasse para rir à sua custa, mas a voz de Daniel tinha ficado profunda e seu rosto tinha perdido a cor.

— Geralmente, elas começam rondando bem aqui. — Ela tocou a nuca de Daniel e fez cócegas nele para demonstrar. Pela primeira vez, não estava apenas tentando se aproximar fisicamente dele; essa realmente era a única maneira que conseguia pensar para explicar. Especialmente ao lembrar que as sombras tinham começado a infringir seu espaço de uma maneira tão palpável e física.

Daniel não se mexeu, então ela continuou:

— Então às vezes elas ficam realmente ousadas — disse, ficando de joelhos e colocando as mãos em seu peito. — E me empurram com força para trás. — Agora Luce estava bem na frente dele. Seus lábios tremeram; ela não conseguia acreditar que estava se abrindo de verdade com alguém, muito menos com Daniel, sobre as coisas horríveis que via. Sua voz diminuiu até um sussurro e continuou: — Recentemente, elas não parecem satisfeitas até terem... — ela engoliu — tirado a vida de alguém e me derrubado no chão.

Ela deu um pequeno empurrão nos ombros dele, sem pretender machucá-lo, mas o toque mais leve da ponta de seus dedos foi o bastante para derrubar Daniel.

Sua queda a pegou de surpresa; acidentalmente Luce perdeu seu próprio equilíbrio e caiu embolada sobre ele. Daniel estava deitado de costas, fitando-a com olhos assustados.

Ela não devia ter contado aquilo. Ali estava ela, em cima dele, e acabara de contar seu maior segredo, a coisa que ***realmente*** a definia como desequilibrada.

Como ainda podia querer beijá-lo tanto numa hora dessas?

Seu coração estava palpitando impossivelmente rápido. Então Luce percebeu: estava sentindo os dois corações, disputando um com o outro. Um tipo de conversa desesperada, que não poderiam ter com palavras.

— Você vê isso mesmo? — sussurrou ele.

— Sim — cochichou ela, querendo se recompor e retirar tudo o que dissera. E, ainda assim, era incapaz de se afastar do peito de Daniel. Ela tentou imaginar seus pensamentos, o que qualquer pessoa normal pensaria com uma confissão dessas. — Deixe-me adivinhar — disse, melancólica. — Agora você tem certeza de que preciso me transferir. Para uma clínica psiquiátrica.

Ele saiu de debaixo dela, deixando-a praticamente de cara na rocha. Seus olhos se moveram para os pés dele, seu torso, seu rosto. Daniel estava olhando para a floresta.

— Isso nunca aconteceu antes — ele disse.

Luce se levantou; era humilhante ficar deitada ali sozinha. Além disso, parecia que Daniel nem escutara nada do que ela dissera.

— O que nunca aconteceu? Antes do quê?

Ele se virou e segurou o rosto dela entre as mãos. Luce prendeu a respiração. Daniel estava tão perto. Seus lábios estavam tão perto. Luce deu um beliscão em sua própria coxa para ter certeza de que dessa vez não estava sonhando. Ela estava bem acordada.

Então pareceu que Daniel forçou-se a se afastar. Ficou parado na frente dela, respirando rapidamente, os braços rígidos ao lado do corpo.

— Conte-me de novo o que viu.

Luce se virou para olhar o lago. A água azul-clara batia suavemente na margem, e ela pensou em mergulhar. Daniel fizera isso da última vez que as coisas ficaram intensas demais para ele. Por que ela não podia fazer também?

— Pode surpreender você saber disso — disse ela. — Mas não é muito legal para mim sentar e falar sobre como sou completamente insana. — ***Especialmente para você***.

Daniel não respondeu, mas ela podia sentir seu olhar. Quando finalmente teve coragem de olhar para ele, Daniel estava olhando-a de forma estranha, perturbadora, ***pesarosa*** — seus olhos estavam com os cantos caídos e num tom de cinza especial que era a coisa mais triste que Luce já tinha visto. Ela sentiu como se o tivesse decepcionado de alguma maneira. Mas essa confissão horrível era ***dela***. Por que Daniel parecia tão abalado?

Ele deu um passo em sua direção e se inclinou até seus olhos estarem presos fixamente nos dela. Luce quase não conseguia aguentar, mas tampouco podia se afastar. O que quer que fosse preciso acontecer para interromper aquele transe estava a cargo de Daniel — que ainda estava chegando mais perto, inclinando sua cabeça em direção à dela e fechando os olhos. Seus lábios se abriram. A respiração de Luce ficou presa na garganta.

Ela fechou seus olhos e inclinou a cabeça em direção à dele. Abriu os lábios da mesma maneira.

E esperou.

O beijo que tanto queria não veio. Ela abriu os olhos porque nada tinha acontecido, exceto pelo farfalhar de um galho de árvore. Daniel

não estava mais lá. Ela suspirou, cabisbaixa, mas não surpresa.

O estranho era que ela praticamente podia ***ver*** o caminho que ele tinha usado de volta para a floresta. Como se fosse algum tipo de caçadora que distinguia pela direção de uma folha o caminho até Daniel. Exceto que ela não era nada disso, e o tipo de rastro que Daniel deixara atrás de si era de alguma maneira maior, mais claro e, ao mesmo tempo, mais esquivo. Era como se um brilho violeta iluminasse seu caminho de volta até a floresta.

Como o brilho violeta que vira no incêndio da biblioteca. Estava vendo coisas. Ela se equilibrou na rocha e olhou para longe por um momento, esfregando os olhos. Mas, quando ela olhou de volta, era a mesma coisa: apenas partes do que via — como se estivesse olhando por óculos bifocais de grau alto —, os carvalhos e a folhagem abaixo deles, e até as cantorias dos pássaros de cima dos galhos; tudo aquilo parecia oscilar, fora de foco. E não apenas oscilava, banhado na mais suave luz lilás, mas também parecia emanar um murmúrio quase imperceptível.

Ela se virou de volta, aterrorizada por encarar, aterrorizada pelo que poderia significar. Alguma coisa estava acontecendo com ela, e não podia contar a ninguém. Tentou focalizar a visão no lago, mas até mesmo ele estava ficando mais escuro e difícil de enxergar.

Estava sozinha. Daniel a tinha abandonado. E no lugar dele, esse caminho que ela não sabia como — nem queria — navegar. Quando o sol mergulhou atrás das montanhas e o lago se tornou cinza carvão, Luce ousou dar mais uma olhada na floresta. Prendeu a respiração, sem saber se devia ficar desapontada ou aliviada. Era uma floresta como outra qualquer, sem luz oscilante violeta ou murmúrios. Nem sinal de Daniel algum dia ter estado lá.

TREZE



RAÍZES

Luce podia escutar os tênis All Star batendo com força contra o chão. Podia sentir o vento úmido puxando sua camiseta preta. Praticamente podia sentir o gosto de piche quente de uma parte do estacionamento recentemente pavimentada. Mas, quando ela abriu os braços em volta das duas criaturas que se apertavam perto da entrada da Sword & Cross no sábado de manhã, tudo aquilo foi esquecido.

Ela nunca ficou tão feliz em abraçar seus pais antes.

Durante dias ela havia se arrependido de como as coisas tinham sido frias e distantes no hospital, e não ia repetir o mesmo erro.

Os dois tropeçaram para trás quando ela se jogou sobre eles. Sua mãe começou a rir e seu pai deu tapinhas em suas costas, meio desconfortável, com sua enorme câmera pendurada no pescoço. Eles se endireitaram e afastaram a filha a um braço de distância. Pareciam querer dar uma boa olhada no rosto dela, mas, assim que o viram, seus próprios rostos desabaram. Luce estava chorando.

— Querida, o que houve? — seu pai perguntou, pousando a mão na cabeça dela.

Sua mãe remexeu em sua bolsa azul gigantesca procurando por lenços de papel. Com os olhos arregalados, ela balançou um na frente do nariz de Luce e perguntou:

— Estamos aqui agora. Está tudo bem, não está?

Não, não estava tudo bem.

— Por que não me levaram para casa no outro dia? — Luce perguntou, sentindo-se zangada e magoada de novo. — Por que me deixaram voltar para cá?

Seu pai empalideceu.

— Toda vez que falávamos com o diretor, ele dizia que você estava indo muito bem, de volta às aulas, como a guerreira que criamos. Uma dor de garganta por causa da fumaça e um galo na cabeça. Achamos que tinha sido só isso. — Ele lambeu os lábios.

— Aconteceu mais alguma coisa? — sua mãe perguntou.

Uma olhada para seus pais mostrava que eles já haviam tido essa discussão. Sua mãe deve ter implorado para visitar mais cedo. Seu pai, durão, tinha batido o pé.

Não havia como explicar a eles o que acontecera naquela noite ou pelo que passara desde então. Ela ***estava*** de volta às aulas, não que pudesse evitar. E fisicamente ***estava*** bem. Era só que, todo o resto — emocionalmente, psicologicamente, romanticamente —, não poderia estar pior.

— Só estamos tentando seguir ar regras — explicou o pai de Luce, movendo sua mão grande para apertar seu pescoço. O peso fez toda a sua postura mudar e deixou-a desconfortável, mas havia tanto tempo que ela não ficava tão perto das pessoas que amava que não ousou se afastar. — Porque só queremos o melhor para você — acrescentou. — Temos que acreditar que essas pessoas — ele gesticulou para os prédios formidáveis em volta do campus, como se representassem Randy, o diretor Udell e os outros — sabem do que estão falando.

— Elas não sabem — disse Luce, olhando os prédios feios e os campos vazios. Até agora, nada naquela escola fazia sentido para ela.

Por exemplo, o que eles chamavam de Dia dos Pais. Tinham falado tanto sobre como os alunos eram sortudos por ter o privilégio de ver as famílias. E, no entanto, faltavam dez minutos para a hora do almoço e o carro dos pais de Luce era o único no estacionamento.

— Este lugar é uma piada completa — disse, parecendo tão cínica que seus pais se entreolharam, preocupados.

— Luce, querida — sua mãe disse, passando as mãos no seu cabelo. Luce podia perceber que ela não havia se acostumado com ele tão curto. Seus dedos tinham um instinto maternal de seguir o fantasma dos fios de Luce até as costas. — Só queremos ter um dia bom com você. Seu pai trouxe todas as suas comidas favoritas.

Acanhado, seu pai segurou no alto uma colcha de retalhos colorida e uma cesta de vime grande que Luce nunca vira antes. Geralmente, quando faziam piqueniques, era um evento muito mais informal, com sacolas de papel do mercado e um velho lençol rasgado jogado sobre a grama na trilha do lado de fora de sua casa.

— Picles? — Luce perguntou, numa voz que parecia muito com a Lucy-menininha. Ninguém podia dizer que seus pais não estavam tentando.

Seu pai assentiu.

— E chá doce e biscoitos com cobertura. Pedaços de queijo cheddar com muita pimenta jalapenho, do jeito que você gosta. Ah — disse ele —, e mais uma coisa.

A mãe de Luce tirou de sua bolsa um envelope vermelho grosso e selado e o entregou a Luce. Por um breve momento, uma dor se espalhou pelo estômago de Luce quando se lembrou das correspondências que costumava receber. ***Psicopata ASSASSINA. Garota da Morte.***

Mas, quando Luce olhou a letra que estava no envelope, um enorme sorriso se espalhou por seu rosto.

Callie.

Ela rasgou o envelope e tirou um cartão com uma foto em preto e branco na frente de duas velhinhas no cabeleireiro. Dentro, cada centímetro do cartão estava ocupado pela letra grande e redonda de Callie. E havia vários pedaços de papéis soltos rabiscados porque faltara espaço no cartão.

Querida Luce,

Como nosso tempo no telefone é ridiculamente insuficiente (pode, por favor, pedir por mais um pouco? É simplesmente injusto), por você, vou voltar à moda antiga e me dedicar a uma épica carta escrita à mão. Anexado vai encontrar cada minúsculo acontecimento da minha vida durante as últimas duas semanas... Quer você queira saber ou não...

Luce segurou o envelope contra o peito, ainda sorrindo, ansiosa em devorar a carta assim que seus pais fossem embora. Callie não tinha desistido dela e seus pais estavam sentados bem a seu lado. Havia muito tempo que Luce não se sentia tão amada. Ela estendeu o braço e apertou a mão de seu pai.

Um apito estridente fez os dois se sobressaltarem.

— É só a campainha do refeitório — explicou ela, fazendo os pais respirarem aliviados. — Vamos, quero que conheçam alguém.

Enquanto andavam do quente e nebuloso estacionamento em direção ao pátio onde os eventos de abertura do Dia dos Pais estavam acontecendo, Luce começou a ver o campus pelos olhos de seus pais. Ela observou outra vez o teto descascado do escritório principal, o cheiro do pessegueiro apodrecido perto do ginásio. O jeito como o

ferro torcido dos portões do cemitério estava cheio de ferrugem alaranjada. Ela percebeu que, em apenas duas semanas, tinha se acostumado completamente com os muitos defeitos da Sword & Cross.

Mas seus pais pareciam bastante horrorizados. Seu pai apontou um vinhedo morto balançando de maneira decrépita entre a cerca quebrada na entrada para o pátio.

— São uvas chardonnay — lamentou porque quando uma planta sofre, ele sofre junto.

Sua mãe estava usando as mãos para segurar a bolsa contra o peito, com os cotovelos para fora — a pose que assumia quando estava numa região em que achava que podia ser assaltada. E nem tinham notado os vermelhos ainda... Seus pais, que eram terminantemente contra pequenas coisas, como Luce comprar uma webcam, odiariam a ideia de vigilância constante nessa escola.

Luce queria protegê-los de todas as atrocidades da Sword & Cross, porque estava descobrindo como conviver — e às vezes até enganar — o sistema. Alguns dias antes, Ariane tinha levado a novata para uma corrida com obstáculos pelo campus para apontar todos os "vermelhos mortos", cujas baterias haviam acabado ou sido espertamente "trocadas", criando com eficiência pontos sem vigilância na escola. Seus pais não precisavam saber disso tudo; precisavam apenas ter um dia agradável com ela.

Penn estava balançando as pernas nas arquibancadas, onde combinaram de se encontrar ao meio-dia. Ela estava segurando uma planta num vaso.

— Penn, esses são meus pais, Harry e Doreen Price — disse Luce, gesticulando. — Mãe, pai, essa é...

— Pennyweather van Syckle-Lockwood — disse Penn com formalidade, oferecendo a planta em suas mãos. — Obrigada por

deixarem que eu me juntasse ao almoço de vocês.

Sempre educados, os pais de Luce arrulharam e sorriram, sem fazer nenhuma pergunta sobre o paradeiro da família de Penny, algo que Luce não tinha tido tempo de explicar.

Era mais um dia quente e claro. Os salgueiros verdes na frente da biblioteca agitavam-se gentilmente com a brisa, e Luce levou seus pais a um lugar onde a vegetação escondia a maior parte das manchas de fuligem e janelas quebradas pelo incêndio. Enquanto estendiam a colcha de retalhos num pedaço de gramado seco, Luce puxou Penn de lado.

— Como você está? — perguntou Luce, sabendo que, se fosse ela que tivesse que passar um dia inteiro homenageando os pais de todos menos os dela, precisaria de muito apoio.

Para sua surpresa, a cabeça de Penn balançou afirmativamente com alegria.

— Já está tão melhor que no ano passado! — disse. — E tudo por sua causa. Eu ficaria sozinha hoje se você não tivesse aparecido.

O elogio pegou Luce de surpresa e a fez olhar em volta para ver como o resto do pessoal estava aproveitando o evento. Apesar do estacionamento ainda metade vazio, o Dia dos Pais parecia estar enchendo aos poucos.

Molly estava sentada num cobertor ali perto, entre um homem e uma mulher com cara de cachorro, mastigando avidamente um pedaço de peru. Ariane estava agachada na arquibancada, cochichando com uma menina punk mais velha, que tinha um cabelo rosa-shocking hipnotizante, provavelmente sua irmã mais velha. As duas viram Luce olhando e Ariane sorriu e acenou, então se virou para a outra garota e sussurrou alguma coisa.

Roland estava com um grupo grande de pessoas, preparando um piquenique sobre uma grande colcha. Estavam rindo e brincando, e

alguns garotos mais novos estavam atirando comida uns nos outros. Pareciam estar se divertindo muito até uma granada de espiga de milho sair voando e quase atingir Gabbe, que estava atravessando o pátio. Ela repreendeu Roland enquanto guiava um homem que parecia ter idade para ser seu avô, afagando seu cotovelo enquanto andavam até uma fileira de cadeiras de jardim dispostas em torno do campo.

Ela notou que Daniel e Cam estavam ausentes — e Luce não podia imaginar como deviam ser as famílias de nenhum dos dois. Por mais furiosa e envergonhada que estivesse se sentindo com Daniel depois de largá-la sozinha no lago pela segunda vez, ela continuava querendo ver qualquer pessoa da família dele. Mas então, lembrando-se do arquivo mínimo de Daniel na sala de registros, Luce se perguntou se ele ainda mantinha contato com alguém de sua família.

A mãe de Luce distribuiu pedaços de cheddar em quatro pratos, e seu pai cobriu-os com pimentas jalapenho recém-cortadas. Depois de uma mordida, a boca de Luce estava pegando fogo, bem do jeito que gostava. Penn não parecia ter muita familiaridade com a típica comida da Geórgia com que Luce havia crescido. Ela parecera particularmente aterrorizada pelo picles, mas assim que provou um pedaço abriu um sorriso de aprovação, surpresa.

O pai e a mãe de Luce haviam trazido cada uma das comidas favoritas de Luce, até mesmo as nozes caramelizadas do mercado preferido da família, perto de casa. Seus pais comiam alegremente, sentados ao lado dela, parecendo felizes em ter algo na boca além daquelas conversas sobre morte.

Luce devia estar aproveitando seu tempo com eles, e saboreando tudo com seu amado chá doce da Geórgia, mas se sentia uma impostora ao fingir que aquele almoço paradisíaco era normal na Sword & Cross. O dia inteiro era uma enorme enganação.

Ouvindo o barulho de uma curta e fraca salva de palmas, Luce olhou para as arquibancadas, onde Randy estava ao lado do diretor Udell, que Luce nunca vira pessoalmente. Ela o reconheceu do estranhamente apagado retrato que ficava pendurado no saguão principal da escola, mas agora via que o artista havia sido bastante generoso. Penn já havia contado a ela que o diretor aparecia no campus apenas uma vez por ano — no Dia dos Pais —, sem exceções. Tirando isso, era um recluso que não saía da sua mansão em Tybee Island, nem mesmo quando um dos alunos da escola morria. A papada do homem estava engolindo seu queixo e seus olhos bovinos observavam a multidão, não parecendo prestar atenção em nada.

A seu lado estava Randy, com as pernas de fora e meias brancas. Estava com um sorriso fino emplastrado no rosto, e o diretor estava secando a testa larga com um guardanapo. Os dois estavam com suas melhores expressões hoje, mas isso parecia estar exigindo bastante deles.

— Bem-vindos ao centésimo quinquagésimo nono Dia dos Pais da Sword & Cross — disse o diretor Udell no microfone.

— Ele está de brincadeira, né? — Luce cochichou para Penn. Era difícil imaginar o Dia dos Pais durante o período pré-guerra.

Penn revirou os olhos:

— Certamente é um erro de digitação. Já disse a ele para comprar óculos novos.

— Temos um dia longo e divertido em família programado para vocês, começando com esse agradável piquenique no almoço...

— Geralmente só temos dezenove minutos — interrompeu Penn para os pais de Luce, que enrijeceram.

Luce sorriu por cima da cabeça de Penn e disse:

— Ela só está brincando.

— Em seguida, vocês escolherão suas atividades. Nossa própria bióloga, Srta. Yolanda Tross, vai dar uma fascinante palestra na biblioteca sobre a flora encontrada no campus. A treinadora Dante vai supervisionar uma série de corridas para a família aqui no gramado. E o Sr. Stanley Cole vai oferecer um tour guiado pela história do cemitério de nossos prezados heróis. Vai ser um dia bem movimentado. E sim — disse o diretor Udell com um sorriso idiota e cheio de dentes —, vão ter que fazer uma prova sobre isso depois.

Era exatamente o tipo de piada boba e ensaiada para ganhar algumas risadas falsas do grupo de familiares que visitavam. Luce revirou os olhos para Penn. Essa deprimente tentativa de risadinhas e simpatia deixava mais claro que todos, na verdade, estavam ali para se sentirem melhor sobre deixar seus filhos nas mãos dos funcionários da Sword & Cross. Os Price riram, também, mas ficavam o tempo todo olhando para Luce em busca de mais pistas sobre como deviam se comportar.

Depois do almoço, as outras famílias que estavam no pátio guardaram os restos de seus piqueniques e se retiraram para diversos cantos. Luce teve a impressão de que muito pouca gente estava realmente participando dos eventos planejados pela escola. Ninguém tinha seguido a Srta. Tross até a biblioteca, e até então apenas Gabbe e seu avô tinham entrado num saco de batatas para a corrida do saco do outro lado do gramado.

Luce não sabia onde Molly, Ariane ou Roland tinham ido com suas famílias, e ainda não tinha visto Daniel. Mas sabia que seus pais ficariam desapontados se não vissem nada do campus e não participassem de nenhum dos eventos planejados. Considerando que o tour oferecido pelo Sr. Cole parecia o menos pior, Luce sugeriu que embrulhassem o que sobrou da comida e se juntassem a ele nos portões do cemitério.

Enquanto iam até lá, Ariane se pendurou da arquibancada mais alta como uma ginasta pulando de uma barra de ginástica olímpica. Ela aterrissou bem na frente dos pais de Luce.

— Oláaaa — cantarolou, em sua melhor performance de maluquinha.

— Mamãe, papai — Luce disse, apertando seus ombros —, essa é minha amiga Ariane.

— E essa — Ariane apontou a garota alta de cabelo rosa-shocking que lentamente estava descendo as escadas das arquibancadas — é minha irmã, Annabelle.

Annabelle ignorou a mão estendida de Luce e em vez disso a puxou para um abraço demorado e íntimo. Luce podia sentir seus ossos sendo esmigalhados. O abraço intenso durou por tempo o bastante para Luce se perguntar qual era o motivo daquilo, mas, justo quando estava começando a se sentir desconfortável, Annabelle a soltou.

— É tão bom conhecer você — disse ela, pegando a mão de Luce.

— Você também — disse Luce, olhando confusa para Ariane. — Estão indo para o tour do Sr. Cole? — perguntou a Ariane, que também encarava a irmã, confusa.

Annabelle abriu a boca, mas Ariane rapidamente a interrompeu:

— Deus me livre — disse. — Essas atividades são para otários. — Ela olhou para os pais de Luce. — Sem ofensa.

Annabelle deu de ombros:

— Talvez tenhamos uma chance de conversar mais tarde! — gritou para Luce antes de Ariane puxá-la para longe.

— Elas pareciam legais — disse a mãe de Luce na voz que usava quando queria que Luce explicasse alguma coisa.

— Hum, por que aquela garota gosta tanto de você? — perguntou Penn.

Luce olhou para a amiga, depois para seus pais. Ela realmente ia ter que explicar, na frente deles, o fato de que alguém pudesse gostar dela?

— Lucinda! — gritou o Sr. Cole, acenando do ponto de encontro nos portões do cemitério, onde o professor esperava sozinho. — Aqui!

O Sr. Cole cumprimentou os pais de Luce calorosamente, e até deu um apertão no ombro de Penn. Luce estava tentando decidir se devia ficar irritada com a participação do Sr. Cole no Dia dos Pais ou impressionada pela sua falsa demonstração de entusiasmo. Mas, quando ele começou a falar, ela se surpreendeu.

— Pratico para esse dia o ano todo — sussurrou ele. — É uma chance de levar os estudantes ao ar livre e explicar as muitas maravilhas desse lugar. Ah, fico tão feliz. É a coisa mais parecida com uma excursão que um professor de reformatório consegue ter. Quer dizer, ninguém nunca apareceu para meus tours até hoje, o que faz de vocês os integrantes de meu tour inaugural...

— Bem, estamos honrados — disse o pai de Luce, entusiasmado, dando um grande sorriso para o Sr. Cole. Imediatamente Luce percebeu que não era apenas o lado fanático pela Guerra Civil de seu pai falando. Ele claramente sentia que o Sr. Cole era sincero, e seu pai era o melhor juiz de caráter que Luce conhecia.

Os dois já haviam começado a descer o terreno íngreme em direção à entrada do cemitério. A mãe de Luce deixara a cesta de piquenique junto aos portões e deu a Luce e Penn um de seus sorrisos cansados.

O Sr. Cole acenou para chamar a atenção do grupo:

— Primeiro, algumas curiosidades. Qual — ele ergueu as sobrancelhas — vocês acham que é o elemento mais antigo desse cemitério?

Enquanto Luce e Penn olhavam para baixo — evitando os olhos do professor como faziam nas aulas —, o pai de Luce ficou na ponta dos pés para observar melhor algumas das estátuas maiores.

— Pegadinha! — gritou o Sr. Cole, batendo nos portões de ferro esculpido. — Essa parte dos portões foi construída pelo proprietário original, em 1831. Dizem que sua esposa, Ellamena, tinha um jardim adorável, e queria alguma coisa para manter suas galinhas-d'angola longe dos tomates. — Ele riu baixinho. — Isso foi antes da guerra. E antes do escoadouro. Vamos em frente!

Enquanto caminhavam, o Sr. Cole tagarelava contando fato após fato sobre a construção do cemitério, o pano de fundo histórico da construção, e o "artista" — até mesmo o professor admitia as aspas — que tinha trabalhado na escultura de besta alada em cima do monólito no centro do terreno. O pai de Luce encheu o Sr. Cole de perguntas enquanto a mãe passava as mãos sobre algumas das lápides mais bonitas, soltando um murmúrio de "Minha nossa" toda vez que parava para ler uma inscrição. Penn seguiu atrás da mãe de Luce, provavelmente desejando ter escolhido outra família para passar o dia. Luce ia no fim da fila, pensando como seria se fosse ela dando a seus pais seu próprio tour pessoal pelo cemitério.

Aqui foi onde cumpri meu primeiro castigo...

E aqui foi onde um anjo de mármore caiu e quase me decapitou...

E aqui foi onde um garoto de reformatório que vocês nunca aprovariam me levou ao piquenique mais estranho da minha vida.

— Cam — chamou o Sr. Cole enquanto dava a volta no monólito com o grupo.

O garoto estava parado com um homem alto de cabelos escuros num terno preto bem cortado. Eles não ouviram o Sr. Cole ou viram o grupo que ele estava trazendo em seu tour. Estavam falando baixo e gesticulando bastante sob o carvalho, do jeito que Luce via seu professor de teatro gesticular quando estavam impedindo uma cena numa peça.

— Você e seus pais chegaram atrasados para o nosso tour? — o Sr. Cole perguntou a Cam, mais alto dessa vez. — Perderam a maior parte, mas ainda tem um ou outro fato interessante que estou certo que posso contar.

Cam lentamente virou sua cabeça na direção deles, depois de volta para seu companheiro, que parecia estar achando aquilo divertido. Luce não achou que o homem, classudo, alto, moreno e bonito, com um enorme relógio de ouro, pudesse ter idade para ser pai de Cam, mas talvez tivesse envelhecido bem. Cam olhou rapidamente o pescoço nu de Luce, e pareceu brevemente desapontado. Ela corou, porque podia sentir sua mãe assistindo a toda a cena e se perguntando o que exatamente estava acontecendo.

Cam ignorou o Sr. Cole e se aproximou da mãe de Luce, levando a mão dela até seus lábios antes de qualquer um poder sequer apresentá-los.

— Deve ser a irmã mais velha de Luce — disse, jovialmente.

À sua esquerda, Penn cobriu a boca e cochichou para apenas Luce ouvir:

— Por favor, me diga que mais alguém ficou enjoado.

Mas a mãe de Luce parecia ligeiramente encantada, numa maneira que deixou Luce — e seu pai, obviamente — desconfortável.

— Não, não vamos poder ficar para o tour — anunciou Cam, piscando para Luce e se afastando assim que o pai dela se aproximou. — Mas foi muito bom — ele olhou para os três, deixando apenas Penn de fora — encontrá-los aqui. Vamos, ***pai***.

— Quem era esse? — A mãe de Luce sussurrou quando Cam e seu pai, ou seja lá quem fosse, desapareceram na direção de um dos lados do cemitério.

— Ah, só um dos admiradores de Luce — disse Penn, tentando melhorar o clima e fazendo exatamente o contrário.

— *Um* dos? — O pai de Luce olhou para Penn.

Na luz do fim de tarde, Luce pôde ver pela primeira vez alguns fios grisalhos na barba de seu pai. Ela não queria passar os últimos momentos do dia convencendo seu pai a não se preocupar com os garotos do reformatório.

— Não é nada, pai. Penn está brincando.

— Queremos que tenha cuidado, Lucinda — avisou ele.

Luce pensou no que Daniel tinha sugerido — com bastante convicção — no outro dia, que talvez ela não devesse estar na Sword & Cross. E subitamente ela queria tanto tocar no assunto com os pais, implorar e pleitear para que a levassem para longe dali.

Mas foi a mesma lembrança de Daniel que fez Luce se segurar. O toque excitante da pele dele quando ela o empurrara no lago, o jeito como seus olhos às vezes eram as coisas mais tristes que ela já vira. Parecia ao mesmo tempo completamente absurdo e completamente verdadeiro que talvez valesse a pena viver esse inferno na Sword & Cross apenas para passar um pouco mais de tempo com Daniel. Só para ver se daria em alguma coisa.

— Odeio despedidas — sussurrou a mãe de Luce, interrompendo os pensamentos da filha para puxá-la para um abraço apressado. Luce olhou para o relógio e seu rosto ganhou uma expressão triste. Ela não sabia como aquela tarde passara tão rápido, como já podia estar na hora de eles irem embora.

— Vai nos ligar na quarta? — seu pai perguntou, beijando suas bochechas do jeito que o lado francês de sua família sempre fazia.

Enquanto todos andavam de volta até o estacionamento, os pais de Luce a seguraram pela mão. Cada um lhe deu mais um abraço forte e uma série de beijos. Quando apertaram a mão de Penn e desejaram felicidades, Luce viu uma câmera de vídeo presa no posto de tijolos na saída que abrigava um telefone de emergência quebrado. Devia haver

um detector de movimentos ligado aos vermelhos, porque a câmera estava se mexendo, seguindo seus passos. Essa não estava no tour de Ariane e certamente não era um vermelho morto. Os pais de Luce não perceberam nada, e talvez fosse melhor assim.

E então foram se afastando, olhando para trás duas vezes para acenar para as garotas paradas na entrada do saguão principal. O pai de Luce ligou seu velho Chrysler New Yorker preto e desceu as janelas.

— Nós amamos você! — ele gritou tão alto que Luce teria ficado envergonhada se não estivesse tão triste por vê-los partir.

Luce acenou de volta.

— Obrigada — ela sussurrou. ***Pelas nozes e pelo picles. Por passar o dia todo aqui. Por aceitar Penn sem perguntas. Por ainda me amarem apesar de eu assustá-los***.

Quando os faróis desapareceram virando a curva, Penn cutucou as costas de Luce:

— Estava pensando em ir ver meu pai. — Ela chutou o solo com a ponta de sua bota e levantou os olhos timidamente para Luce. — Quer vir, talvez? Se não quiser, eu entendo, considerando que envolve mais um tour por lá. — Ela apontou com o polegar as profundezas do cemitério.

— É claro que vou — disse Luce.

Elas deram a volta na área do cemitério, ficando no alto até atingirem o canto mais a leste, onde Penn parou na frente de um túmulo.

Era simples, branco, e estava coberto por uma camada marrom de agulhas de pinheiro. Penn ficou de joelhos e começou a limpá-lo com as mãos.

STANFORD LOCKWOOD, a simples lápide dizia, O MELHOR PAI DO MUNDO.

Luce podia ouvir a voz pungente de Penn por trás da inscrição, e sentiu as lágrimas inundando seus olhos. Ela não queria que Penn a visse — afinal, Luce ainda tinha seus pais. Se alguém devia estar chorando agora, devia ser... Penn ***estava*** chorando. Estava tentando esconder, fungando discretamente e secando algumas lágrimas na manga rasgada de seu suéter. Luce ficou de joelhos também, e começou a ajudá-la a retirar as agulhas. Ela colocou os braços em volta da amiga e a abraçou o mais forte que podia.

Quando Penn se afastou e agradeceu a Luce, ela enfiou a mão no bolso e tirou uma carta.

— Eu geralmente escrevo alguma coisa para ele — explicou.

Luce queria dar a Penn um momento sozinha com seu pai, então se levantou, deu um passo para trás e fez meia-volta, descendo o declive até o meio do cemitério. Seus olhos ainda estavam um pouco embaçados, mas Luce pensou ter visto alguém sentado sozinho em cima do monólito. Sim. Um garoto, com os braços em volta dos joelhos. Ela não podia imaginar como ele tinha subido ali, mas estava lá.

Ele parecia duro e solitário, como se estivesse lá o dia todo. Não viu Luce nem Penn; não parecia ver nada. Mas Luce não precisava se aproximar até ver aqueles olhos cinza e violeta para saber quem era.

Esse tempo todo Luce estivera procurando explicações para o fato de a ficha de Daniel ser tão escassa, que segredos o livro desaparecido de seu antepassado guardava na biblioteca, para onde sua mente tinha viajado naquele dia em que ela perguntara sobre sua família. Por que ele era tão instável com ela... sempre.

Depois de um dia tão emotivo com seus próprios pais, pensar aquilo quase a fez cair de tanta tristeza. Daniel estava sozinho no mundo.

CATORZE



MÃOS OCIOSAS

Na quinta-feira, choveu o dia todo. Nuvens escuras como breu rolavam do oeste e se agitavam acima do campus, não ajudando em nada a clarear os pensamentos de Luce. A tempestade veio em ondas desiguais — chuvisco, depois chuva forte e em seguida veio o granizo —, diminuindo para logo depois começar tudo de novo. Os alunos não tinham nem tido permissão de sair nos intervalos, e, no final da aula de cálculo, Luce já estava ficando de saco cheio.

Ela percebeu isso quando suas anotações começaram a se desviar para longe do teorema do valor médio e começaram a ficar assim:

15 de setembro: fora introdutório de D
16 de setembro: queda da estátua, mão na cabeça para me proteger (alternativa: apenas tateando para conseguir sair); fuga imediata de D
17 de setembro: possível mal-entendido do aceno de cabeça de D como uma sugestão para eu ir à festa de Cam. Perturbadora descoberta da relação entre D & G (engano?)

Descrito dessa maneira, era o começo de uma lista bem constrangedora. Daniel simplesmente era tão instável! Era possível que ele se sentisse da mesma maneira em relação a ela — apesar de que, se pressionada, Luce insistiria que qualquer esquisitice da parte ***dela fora*** apenas uma resposta à esquisitice extrema da parte ***dele***.

Não. Esse era ***precisamente*** o tipo de discussão interminável que não queria ter. Luce não queria fazer joguinhos, ela só queria estar com ele. Mas não fazia ideia do porquê. Ou de como fazer isso. Ou, na verdade, o que estar com ele realmente significava. Tudo que sabia era que, apesar de tudo, era nele que ela pensava. Com ele que se importava.

Luce achou que se conseguisse se lembrar de todas as vezes em que tiveram contato e todas as vezes em que ele se afastara, poderia encontrar algum motivo que justificasse o comportamento excêntrico de Daniel. Mas a lista até agora só a estava deixando deprimida. Ela amassou a página com força.

Quando o sinal finalmente tocou dispensando-os até o dia seguinte, Luce saiu correndo da sala de aula. Geralmente ela esperava para andar ou com Ariane ou com Penn, temendo o momento em que se separariam, porque então Luce ficaria sozinha com seus pensamentos. Mas hoje, para variar, ela não estava com vontade de ver ninguém. Queria um tempo sozinha. E tinha apenas uma ideia para tirar Daniel da cabeça: uma sessão demorada, difícil e solitária de natação.

Enquanto os outros alunos começavam a andar de volta até seus quartos, Luce levantou o capuz de seu suéter preto e se atirou à chuva, ansiosa para chegar à piscina.

Enquanto descia os degraus do Augustine, deu de cara em alguma coisa alta e escura. Cam. Quando os dois trombaram, uma torre de livros oscilou nos braços do garoto, depois caíram no chão molhado com uma série de baques. Ele também estava com o capuz preto

cobrindo a cabeça e seus fones de ouvido estavam no volume máximo. Provavelmente também não tinha visto Luce chegando — os dois estavam em seus mundinhos particulares.

— Tudo bem? — ele perguntou, colocando uma das mãos em suas costas.

— Estou bem — respondeu Luce. Ela mal havia tropeçado, foram os livros de Cam que haviam se dado mal.

— Bem, agora que derrubamos os livros um do outro, o próximo passo não seria nossas mãos acidentalmente se tocando enquanto nos abaixamos para apanhá-los?

Luce riu. Quando entregou a ele um dos livros, Cam segurou sua mão e a apertou. A chuva tinha ensopado seus cabelos escuros, e grandes gotas estavam reunidas nos cílios compridos e espessos dele. Ele estava bem bonito.

— Como se diz "envergonhado" em francês? — ele perguntou.

— Hum... ***gêné***. — Luce começou a dizer, subitamente se sentindo ela mesma um pouco ***gênée***. Cam ainda estava segurando sua mão. — Espera, não foi você quem tirou A na prova de francês ontem?

— Você soube? — ele perguntou. Sua voz parecia estranha.

— Cam — disse ela. — Está tudo bem?

Ele se inclinou na sua direção e enxugou uma gota de chuva que estava descendo pelo seu nariz. O simples toque da ponta de seu dedo fez Luce se arrepiar, e subitamente não conseguiu parar de imaginar como seria bom e quentinho se ele a apertasse em seus braços como havia feito na cerimônia para Todd.

— Tenho pensado em você — disse Cam. — Querendo ver você. Esperei por você na cerimônia, mas alguém me disse que tinha ido embora.

Luce teve a impressão de que ele sabia com quem ela fora embora. E que Cam queria que Luce soubesse que ele sabia.

— Desculpe — disse ela, tendo que gritar para ser ouvida por cima do estrondo de um trovão. A essa altura, os dois já estavam ensopados do temporal.

— Vamos nessa, vamos sair dessa chuva. — Cam a puxou de volta até a entrada coberta do Augustine.

Luce olhou por cima do ombro dele em direção ao ginásio, querendo estar lá, não ali ou em qualquer outro lugar com Cam. Pelo menos, não agora. Sua cabeça estava confusa demais, e ela precisava de tempo e espaço — de todo mundo — para resolver as coisas.

— Não posso — disse.

— Que tal mais tarde? Que tal hoje à noite?

— É, mais tarde, tudo bem.

Cam sorriu.

— Eu passo no seu quarto.

Ele a surpreendeu puxando-a por um breve momento, e beijando-a na testa gentilmente. No mesmo instante, Luce se sentiu calma, quase como se tivesse levado algum tipo de injeção. E, antes de ter chance de sentir mais alguma coisa, ele a soltara e já estava andando rapidamente de volta aos dormitórios.

Luce sacudiu a cabeça e foi andando lentamente até o ginásio. Era óbvio que havia mais para entender do que apenas Daniel.

Era possível que fosse bom, até divertido, passar algum tempo com Cam aquela noite. Se a chuva parasse, ele provavelmente a levaria a alguma parte secreta do campus e seria todo carinhoso e lindo daquele jeito tranquilo dele que a deixara nervosa. Ele a faria se sentir especial. Luce sorriu.

Desde a última vez em que ela pisara na Nossa Senhora da Boa Forma (conforme Ariane batizara a academia), a equipe de manutenção da escola tinha começado a limpar as trepadeiras. Eles tinham tirado o cobertor verde da maior parte da fachada do prédio, mas ainda faltava

metade para terminar, e videiras verdes penduravam-se como tentáculos na frente das portas. Luce inclusive teve que se abaixar sob algumas gavinhas compridas para conseguir entrar.

O ginásio estava vazio, e tão quieto que se escutaria um alfinete caindo comparado à tempestade lá fora. A maioria das luzes estava apagada. Ela não sabia se tinha permissão para usar a academia depois do horário, mas a porta estava destrancada, e, bem, ninguém estava lá para impedi-la.

No corredor mal-iluminado, Luce passou pelos velhos pergaminhos em latim, e pela miniatura em mármore reproduzindo a ***Pietà***. Ela parou na frente da porta da sala de musculação, onde tinha visto Daniel pulando corda. Suspirou. Aquele seria um ótimo acréscimo à sua lista:

18 de setembro: D me acusa de persegui-lo.
E dois dias depois:
20 de setembro: Penn me convence a realmente começar a persegui-lo. Eu concordo.

Argh. Ela estava num buraco negro de nojo de si mesma. E ainda assim não conseguia se segurar. No meio do corredor, congelou. De repente, ela entendeu por que, durante todo o dia, estava se sentindo mais consumida por Daniel que normalmente, e até mais confusa sobre Cam. Tinha sonhado com os dois na noite passada.

Ela estava andando por uma neblina poeirenta, e alguém segurava sua mão. Ela se virara, achando que seria Daniel, mas por mais que os lábios pressionados contra os seus fossem confortáveis e ternos, não eram os dele. Eram de Cam, que lhe deu incontáveis beijos suaves e, toda vez que Luce olhava para ele, seus intensos olhos verdes estavam

abertos também, perfurando-a, questionando-a sobre alguma coisa que ela não podia responder.

Depois Cam tinha sumido, assim como a neblina, e Luce estava nos braços de Daniel, exatamente onde queria estar. Ele a inclinou para trás e a beijou ferozmente, como se estivesse com raiva, e cada vez que seus lábios deixavam os dela, até mesmo por meio segundo, a sede mais abrasadora a invadia, fazendo-a ter vontade de gritar. Dessa vez, Luce sabia que eram asas, e ela deixou que a envolvessem como um cobertor. Queria tocá-las, envolver a si mesma e a Daniel completamente com elas, mas logo aquele toque aveludado estava se afastando, dobrando-se sobre si mesmo. Daniel parou de beijá-la, olhou para seu rosto, esperou uma reação. Ela não entendia o medo estranho e quente crescendo do fundo de seu estômago. Mas lá estava, deixando-a desconfortavelmente morna, depois quente, de uma forma sufocante — até ela não aguentar mais. Foi quando acordou sobressaltada: no último momento do sonho, Luce tinha queimado e estilhaçado, e então fora reduzida a cinzas.

Acordara encharcada de suor — o cabelo, o travesseiro, os pijamas, tudo molhado e subitamente deixando-a muito, muito gelada. Luce tinha ficado deitada ali, tremendo e sozinha até surgir a primeira luz da manhã.

Luce esfregou as mangas encharcadas de chuva para se aquecer. É óbvio. O sonho a tinha deixado com um fogo no coração e um frio na espinha dos quais não havia conseguido se livrar o dia todo. E era o motivo pelo qual ela viera nadar, precisava tentar superar aquilo.

Dessa vez, o maiô preto até servia, e ela se lembrara de trazer um par de óculos de natação. Luce empurrou a porta para a piscina e ficou sob a plataforma de mergulho sozinha, inspirando o ar úmido com seu entorpecente cheiro de cloro. Sem os outros alunos para distraí-la, ou os sustos do apito da treinadora Dante, Luce conseguia sentir a

presença de mais alguma coisa na igreja. Alguma coisa quase sagrada. Talvez fosse apenas por ser um espaço tão esplêndido, mesmo com a chuva se infiltrando pelos vitrais rachados. Mesmo com nenhuma das velas acesas nos altares laterais, Luce tentou imaginar como devia ser esse lugar antes de a piscina ter substituído os bancos de igreja, e sorriu. Ela gostou da ideia de nadar sob todas aquelas cabeças rezando.

Ela colocou os óculos e pulou. A água estava quente, muito mais que a chuva lá fora, e o barulho do trovão parecia inofensivo e distante quando ela enfiou a cabeça debaixo d'água.

Luce pegou impulso e começou um lento nado crawl para se aquecer.

Seu corpo rapidamente se soltou e, alguma voltas depois, Luce aumentou a velocidade e começou o nado borboleta. Ela podia sentir seus membros queimando, e se esforçou mais ainda. Era exatamente a sensação que estava querendo. Totalmente concentrada.

Se pudesse ao menos conversar com Daniel. Conversar de verdade, sem que ele a interrompesse ou dissesse para ela se transferir de escola ou fugisse antes de ela poder se explicar. Aquilo poderia ajudar. Também talvez exigisse que ela o amarrasse e amordaçasse apenas para fazer com que ele a escutasse.

Mas o que ela diria? Tudo que tinha para se basear era essa ***sensação*** que tinha quando estava perto dele, que, se parasse para pensar, não tinha nada a ver com as interações entre os dois.

E se ela conseguisse levá-lo de novo para o lago? Foi Daniel quem dera a entender que havia se tornado o lugar ***deles***. Dessa vez, podia levá-lo até lá, e seria supercuidadosa para não tocar em nenhum assunto que pudesse fazê-lo perder a cabeça...

Não estava dando certo.

Droga. Lá estava ela de novo. Devia estar nadando. Só nadando. Ela nadaria até ficar cansada demais para pensar em qualquer outra

coisa, especialmente Daniel. Ia nadar até...

— Luce!

Até ser interrompida. Por Penn, que estava parada na beira da piscina.

— O que você está fazendo aqui? — Luce perguntou, cuspindo água.

— O que ***você*** está fazendo aqui? — Penn devolveu. — Desde quando se exercita por vontade própria? Não gostei desse seu novo lado.

— Como foi que me achou? — Só depois de dizê-las, Luce percebeu que suas palavras podiam soar rudes, como se estivesse tentando evitar Penn.

— Cam me contou — disse Penn. — Tivemos uma longa conversa. Foi estranho. Ele queria saber se você estava bem.

— Isso é estranho — concordou Luce.

— Não — disse Penn —, o estranho é que ele me procurou e tivemos uma conversinha. O Senhor Popular... e ***eu***. Preciso explicar ainda mais minha surpresa? O negócio é que ele até que foi bem legal.

— Bem, ele ***é*** legal. — Luce tirou os óculos pela cabeça.

— Com você — disse Penn. — Ele é tão legal com você que fugiu do colégio para comprar aquele colar... que você nunca usa.

— Eu usei uma vez — disse Luce, e era verdade. Cinco noites atrás, depois da segunda vez em que Daniel a deixara plantada sozinha no lago, com seu rastro brilhando na floresta. Ela não conseguira esquecer aquela imagem e não conseguia dormir, então experimentara o colar. Tinha pegado no sono segurando-o perto do pescoço, e acordado com o pingente quente em sua mão.

Penn estava estalando os dedos para Luce, como se para dizer, ***Alô? E isso quer dizer que...?***

— Quero dizer que — Luce finalmente completou — não sou superficial a ponto de dizer que procuro um cara que me compre coisas.

— Não é superficial, né? — Penn perguntou. — Então desafio você a fazer uma lista de motivos profundos para gostar tanto do Daniel. Ou seja, nada de ***Ele tem os olhos cinzentos mais lindos do mundo*** ou ***Ooh, o jeito que seus músculos aparecem sob o sol***.

Luce teve que gargalhar ouvindo o falsete agudo de Penn e o jeito que ela estava com as mãos em cima do coração.

— Ele simplesmente me entende — disse ela, evitando os olhos de Penn. — Não posso explicar.

— Ele entende que você merece ser ignorada? — Penn sacudiu a cabeça.

Luce nunca contara a Penn sobre as vezes em que ficara sozinha com Daniel, sobre as vezes em que vira um sinal de que ele gostava dela também. Então Penn realmente não poderia entender o que Luce sentia. E eram coisas particulares e complicadas demais para explicar.

Penn se agachou na frente de Luce:

— Olha, o motivo pelo qual vim procurar você em primeiro lugar foi para arrastá-la até a biblioteca para uma missão relacionada a Daniel.

— Achou o livro?

— Não exatamente — disse Penn, estendendo uma das mãos para ajudar Luce a sair da piscina. — A obra-prima do Sr. Grigori ainda está misteriosamente desaparecida, mas eu talvez meio que tenha hackeado a ferramenta de busca literária da Srta. Sophia, e algumas coisas apareceram. Achei que podia achá-las interessantes.

— Obrigada — disse Luce, erguendo-se para fora com a ajuda de Penn. — Vou tentar não ser tão irritantemente melosa em relação a Daniel.

— Tanto faz — disse Penn. — Apenas se apresse e se seque logo. A chuva deu uma trégua, e não quero ser pega sem guarda-chuva.

Praticamente seca e de volta ao seu uniforme escolar, Luce seguiu Penn até a biblioteca. Parte da parede frontal tinha sido bloqueada pela fita amarela da polícia, então as garotas tiveram que se esgueirar pelo espaço estreito entre o catálogo de fichas e a seção de referências. Ainda cheirava a queimado, e agora, graças aos sprinklers e à chuva, ganhara um novo odor de mofo.

Luce olhou primeiro para onde a mesa da Srta. Sophia tinha estado, agora um círculo queimado quase perfeito no velho piso de ladrilhos no meio da biblioteca. Tudo num raio de quatro metros tinha sido removido. Tudo mais além daquilo estava estranhamente intacto.

A bibliotecária não estava em seu posto, mas uma mesa dobrável tinha sido armada para ela ao lado do lugar destruído. A mesa estava tristemente vazia, com somente uma nova luminária, um porta-lápis e um bloco de anotações cinza.

Luce e Penn trocaram uma careta antes de continuarem até os computadores nos fundos. Quando passaram pela sessão de estudos onde tinham visto Todd pela última vez, Luce olhou para a amiga. Penn manteve o rosto para a frente, mas quando Luce se aproximou e apertou sua mão, ela apertou bem forte de volta.

Elas puxaram duas cadeiras para um dos terminais de computadores, e Penn digitou seu login. Luce olhou em volta para ter certeza de que não tinha mais ninguém por perto.

Uma mensagem de erro em vermelho apareceu na tela.

Penn grunhiu.

— O quê? — Luce perguntou.

— Depois das 16h, preciso de permissão especial para entrar na internet.

— ***Por isso*** esse lugar é tão vazio à noite.

Penn estava remexendo em sua mochila.

— Onde foi que coloquei aquela senha criptografada? — murmurou.

— Lá está a Srta. Sophia — disse Luce, acenando para a bibliotecária, que estava atravessando o corredor numa blusa preta justa e calças curtas verdes. Os brincos brilhantes roçavam em seus ombros, e ela tinha um lápis prendendo um lado do cabelo. — Por aqui — Luce sussurrou alto.

A Srta. Sophia apertou os olhos para elas. Seus óculos bifocais tinham escorregado pelo nariz e, com uma pilha de livros debaixo de cada um dos braços, ela não tinha mão livre para empurrá-los de volta para o lugar.

— Quem é? — gritou ela, andando até lá. — Ah, Lucinda. Pennyweather — disse, soando cansada. — Olá.

— Queríamos saber se a senhorita podia nos dar a senha para usar o computador. — Luce perguntou, apontando a mensagem de erro na tela.

— Não vão entrar naqueles sites de relacionamento, vão? Aqueles sites são coisa do diabo.

— Não, não, é uma pesquisa séria — disse Penn. — Você aprovaria.

A Srta. Sophia se inclinou sobre as garotas para desbloquear o computador. Com os dedos voando, ela digitou a senha mais longa que Luce já vira.

— Vocês têm vinte minutos — disse secamente, e foi se afastando.

— Deve bastar — cochichou Penn. — Achei uma dissertação crítica sobre os Guardiões, então até acharmos o livro podemos pelo menos saber do que se trata.

Luce sentiu alguém atrás dela e se virou para ver que a Srta. Sophia tinha voltado. Luce deu um pulo.

— Desculpe — disse ela. — Não sei por que você me assustou.

— Não, eu é que peço desculpas — disse a Srta. Sophia. Seu sorriso praticamente fazia seus olhos sumirem. — É só que tem sido tão difícil ultimamente, desde o incêndio. Mas não há motivo para eu despejar minhas mágoas nas minhas duas alunas mais promissoras.

Nem Luce nem Penn sabiam exatamente o que dizer. Uma coisa era se reconfortar mutuamente após o incêndio. A bibliotecária da escola meio que estava fora de sua alçada.

— Tenho tentado me manter ocupada, mas... — A Srta. Sophia não terminou.

Penn olhou nervosamente para Luce.

— Bem, podíamos ter alguma ajuda em nossa pesquisa, se, isto é, você...

— Posso ajudar! — A Srta. Sophia puxou uma terceira cadeira. — Vejo que estão pesquisando sobre os Guardiões — disse, lendo por cima de seus ombros. — Os Grigori eram um clã muito influente. E por acaso conheço um banco de dados papal. Deixe-me ver o que consigo descobrir.

Luce quase engasgou com o lápis que estivera mastigando.

— Desculpe, você disse Grigori?

— Ah sim, os historiadores rastrearam a família até a Idade Média. Eles eram... — Ela parou, procurando pelas palavras. — Um tipo de grupo de investigação e pesquisa, para explicar em termos leigos e modernos. Eles se especializavam num certo tipo de folclore de anjos caídos.

Ela se debruçou entre as garotas de novo e Luce se maravilhou com o jeito como seus dedos eram rápidos no teclado. A ferramenta de busca se esforçava para acompanhá-la, puxando artigo após artigo,

fonte após fonte, tudo sobre os Grigori. O nome da família de Daniel estava em toda parte, enchendo a tela. Luce se sentiu meio tonta.

A imagem de seu sonho voltou até ela: asas se desenrolando, seu corpo esquentando até ela arder e virar um monte de cinzas.

— Existem diferentes tipos de anjos para se especializar? — Penn perguntou.

— Ah, é óbvio... É um campo amplo da literatura — disse a Srta. Sophia enquanto digitava. — Existem os que viraram demônios. E os que ficaram ao lado de Deus. E até mesmo os que se ligaram a mulheres mortais. — Finalmente seus dedos pararam. — Hábito muito perigoso.

Penn disse:

— E esses tais de Guardiões têm alguma coisa a ver com o nosso Daniel Grigori?

A Srta. Sophia tocou em seus lábios pintados de lilás.

— É bem possível. Eu mesma já me perguntei isso, mas não é da nossa conta ficar fuxicando nos assuntos dos outros alunos, não concordam? — Seu rosto pálido se enrugou quando ela olhou para seu relógio. — Bem, espero que tenha lhes dado o bastante para começarem o projeto. Não vou roubar mais do tempo de vocês. — Ela apontou um relógio na tela do computador. — Só têm mais nove minutos.

Enquanto ela andava de volta para a frente da biblioteca, Luce observou a postura perfeita da Srta. Sophia; ela poderia ter equilibrado um livro sobre a cabeça. Parecia tê-la animado um pouco poder ajudar as garotas com a pesquisa, mas, ao mesmo tempo, Luce não sabia o que fazer com toda aquela informação que tinha conseguido sobre Daniel.

Penn sabia. Ela já havia começado a rabiscar furiosamente suas anotações.

— Oito minutos e meio — informou a Luce, entregando-lhe uma caneta e um pedaço de papel. — Tem coisa demais aqui para entender em oito minutos e meio. Comece a escrever.

Luce suspirou e fez o que a amiga dizia. Era um website acadêmico e chato com uma moldura azul fina em volta de um fundo bege. Em cima, um cabeçalho numa fonte severamente quadrada dizia: O CLÃ GRIGORI.

Só de ler o nome, Luce sentia sua pele esquentar.

Penn bateu no monitor com a caneta, chamando a atenção de Luce de volta para sua tarefa.

Os Grigori não dormem. Parecia possível; Daniel sempre parecia mesmo cansado. ***Geralmente são calados.*** Em cheio. Às vezes falar com ele era tão difícil quanto extrair um dente. ***Num decreto do século dezoito...***

A tela ficou preta. O tempo acabara.

— Quanto conseguiu anotar?

Luce levantou seu pedaço de papel. Patético. Mas havia uma coisa da qual nem se lembrava de ter rabiscado: as bordas do papel estavam cheias de penas de asas.

Penn lhe lançou um olhar de esguelha:

— É, já estou vendo que vai ser uma excelente ajudante na pesquisa — disse ela, rindo. — Talvez mais tarde possamos interpretar seus rabiscos. — Ela mostrou suas anotações, bem mais relevantes. — Tudo bem, tenho o suficiente para nos levar a outras fontes.

Luce enfiou o papel no bolso junto com a lista amassada que tinha começado a fazer sobre seus encontros com Daniel. Estava começando a ficar igual a seu pai, que não gostava de ficar muito longe de sua trituradora de papel. Ela se abaixou para procurar uma lata de reciclagem e viu as pernas de alguém, que andava pelo corredor em direção a elas.

O andar era tão familiar quanto o dela mesma. Ela se endireitou de volta na cadeira — ou tentou se endireitar de volta — e bateu com a cabeça no tampo da mesa do computador.

— Ai — gemeu, esfregando o lugar onde tinha batido a cabeça no incêndio da biblioteca.

Daniel parou a alguns centímetros de distância. Sua expressão mostrava que a última coisa que ele queria no mundo agora era dar de cara com Luce. Pelo menos ele tinha aparecido depois do computador desligar; não precisava descobrir que ela estava investigando sua vida ainda mais do que já achava.

Mas Daniel parecia estar olhando através dela; seus olhos violeta-acinzentados estavam fixos em seu ombro, em alguma coisa — em outra pessoa.

Penn bateu no ombro de Luce, então apontou com o polegar em direção à pessoa parada atrás dela. Cam estava inclinado sobre a cadeira de Luce e sorrindo para ela. Um raio súbito na tempestade lá fora mandou Luce praticamente para os braços de Penn em um pulo.

— Só uma tempestade — disse Cam, inclinando a cabeça. — Vai passar logo. Uma pena, porque você fica bonitinha quando está com medo.

Cam estendeu a mão. Ele começou em seu ombro, então tracejou o contorno de seu braço com os dedos até descer para sua mão. Luce piscou, aquilo era tão bom, e, quando ela abriu os olhos, havia uma pequena caixa de veludo vermelho-rubi em sua mão. Cam a abriu, só por um segundo, e Luce viu de relance algo dourado.

— Abra mais tarde — disse ele. — Quando estiver sozinha.

— Cam...

— Passei pelo seu quarto.

— Podemos... — Luce olhou para Penn, que estava fitando-os descaradamente com a atenção cativa de uma espectadora na primeira

fila do cinema.

Finalmente saindo de seu transe, Penn abanou as mãos.

— Querem que eu vá embora. Entendi.

— Não, fique. — Cam disse, parecendo mais doce do que Luce esperava. Ele se virou para Luce. — Estou indo. Mas mais tarde... Promete?

— Prometo. — Ela sentiu-se corando.

Cam pegou sua mão e levou-a junto com a caixinha para dentro do bolso da frente de seu jeans. Ela mal coube, e ela estremeceu quando sentiu os dedos de Cam tocarem seus quadris. Então ele piscou e foi embora.

Antes mesmo de ela ter tido chance de recuperar o fôlego, Cam estava de volta.

— Só mais uma coisa — disse, deslizando o braço atrás da cabeça dela e se aproximando.

Sua cabeça se inclinou para trás e a dele para a frente, e suas bocas se tocaram. Os lábios de Cam eram macios como sempre pareceram todas as vezes que Luce reparara neles.

Não foi um beijo longo, apenas um selinho, mas Luce sentiu como se tivesse sido muito mais. Ela não conseguia respirar com o choque e a emoção e porque todos poderiam ver esse muito longo, muito inesperado...

— Mas que...!

A cabeça de Cam tinha girado, e então ele estava dobrado ao meio, segurando o queixo, e Daniel estava parado atrás dele, esfregando o pulso.

— Fique com as mãos longe dela.

— Não ouvi — disse Cam, levantando-se lentamente.

Ah. Meu. Deus. Estavam brigando. Na biblioteca. Por causa dela.

Então, num único movimento, Cam precipitou-se na direção de Luce. Ela gritou enquanto seus braços começaram a se fechar à sua volta.

Mas as mãos de Daniel foram mais rápidas. Ele afastou Cam com força e o empurrou contra a mesa do computador. Cam grunhiu enquanto Daniel agarrava uma mecha de seu cabelo e batia sua cabeça na mesa.

— Eu disse para ficar com suas mãos imundas longe dela, seu merdinha babaca.

Penn guinchou, pegou seu estojo e andou nas pontas dos pés até a parede. Luce assistia enquanto ela balançava o estojo amarelo no ar uma, duas, três vezes. Da quarta vez, ele voou alto o suficiente para bater na pequena câmera preta aparafusada na parede. O golpe mandou a lente da câmera voando para a esquerda, em direção a uma pilha de livros de não ficção.

A essa altura, Cam tinha empurrado Daniel para trás e estavam se encarando enquanto andavam em círculos, os sapatos fazendo barulho no chão polido.

Daniel começou a se abaixar antes de Luce sequer perceber que Cam estava atacando. Mas ainda assim Daniel não fora rápido o suficiente. Cam acertou um soco que nocautearia qualquer um bem embaixo do olho de Daniel, que recuou com a força do soco, atropelando Luce e Penn contra a mesa do computador. Ele se virou e murmurou desculpas embaralhadas antes de se virar de volta.

— Ah, meu Deus, parem! — Luce gritou, bem antes de ele lançar-se contra a cabeça de Cam.

Daniel segurou Cam, acertando um monte de socos rápidos em seus ombros e nos lados de seu rosto.

— Que delícia — grunhiu Cam, virando o pescoço de um lado para o outro como um boxeador. Ainda o segurando, Daniel colocou suas

mãos em volta do pescoço de Cam e apertou.

Cam revidou atirando Daniel contra uma estante alta de livros. O impacto ecoou como uma bomba dentro da biblioteca, mais alto do que os trovões lá fora.

Daniel grunhiu e o soltou. Ele caiu no chão com um baque.

— O que mais tem para mostrar, Grigori?

Luce cambaleou, achando que ele talvez não conseguisse levantar. Mas Daniel se pôs de pé rapidamente.

— Vou mostrar — sibilou ele. — Lá fora. — Ele deu um passo em direção a Luce, e depois se afastou. — Você fica aqui.

Então os dois saíram da biblioteca, pela saída dos fundos que Luce tinha usado na noite do incêndio. Ela e Penn ficaram paralisadas em seus lugares, se encarando, de queixo caído.

— Vamos — disse Penn, arrastando Luce até uma janela que dava para o pátio. Elas pressionaram os rostos contra o vidro, esfregando o embaçado que se formava ao respirarem.

A chuva estava caindo com muita força. O campo lá fora estava escuro, e a única luz era a que vinha das janelas da biblioteca. Estava tão lamacento e escorregadio que, na verdade, era difícil ver qualquer coisa.

Então as duas figuras correram para o meio do pátio comum. Os dois ficaram instantaneamente ensopados. Eles discutiram por um momento, então começaram a andar em círculos um atrás do outro, com os punhos erguidos novamente.

Luce agarrou o peitoril e observou quando Cam deu o primeiro passo, correndo até Daniel e batendo nele com o ombro. Depois um chute rápido nas costelas.

Daniel se ajoelhou, segurando um lado do corpo. ***Levante***, Luce implorou para que ele reagisse. Sentia como se ela mesma tivesse

levado um chute. Toda vez que Cam atacava Daniel, ela sentia a dor em seus próprios ossos.

Ela não suportava olhar.

— Daniel bobeou por um momento ali — anunciou Penn logo depois de Luce ter se virado de costas. — Mas ele reagiu e atingiu com tudo a cara de Cam. ***Boa!***

— Está gostando disso? — Luce perguntou, horrorizada.

— Meu pai e eu costumávamos assistir às lutas da UFC — disse Penn. — Parece que esses dois andaram acompanhando alguns treinamentos em artes marciais. Cruzado perfeito, Daniel! — Ela gemeu. — Ah, que droga.

— O quê? — Luce olhou de novo. — Ele se machucou?

— Relaxa — disse Penn. — Alguém está indo lá separar a briga. Logo quando Daniel estava reagindo.

Penn estava certa. Parecia o Sr. Cole atravessando o pátio. Quando ele chegou onde os dois estavam brigando, ficou parado e os observou por um momento, quase hipnotizado pela intensidade que estavam mostrando.

— Faça alguma coisa — sussurrou Luce, se sentindo enjoada.

Finalmente, o Sr. Cole segurou cada um pela nuca. Os três debateram-se por um momento até finalmente Daniel se afastar. Ele sacudiu a mão direita, então andou em círculos e cuspiu algumas vezes na lama.

— Muito bonito, Daniel — disse Luce, querendo, sem muito sucesso, ser sarcástica.

Agora estavam levando uma bronca do Sr. Cole. Brusco, ele agitou as mãos para os dois, que o ouviram com as cabeças abaixadas. Cam foi o primeiro a ser dispensado. Ele correu pelo campo até os dormitórios e desapareceu.

O Sr. Cole colocou uma das mãos no ombro de Daniel. Luce estava desesperada para saber sobre o que eles estavam falando, e se Daniel seria punido. Ela queria ir até ele, mas Penn a impediu.

— Tudo isso por causa de uma joia. Qual foi o presente, afinal?

O Sr. Cole foi embora e Daniel ficou sozinho, parado debaixo da luz de um poste, olhando para o alto, para a chuva.

— Eu não sei — respondeu Luce, saindo da janela. — O que quer que seja, não quero. Especialmente não depois disso. — Ela voltou até a mesa do computador e tirou a caixa do bolso.

— Se você não quer, eu quero — disse Penn. Ela abriu a caixa, e depois olhou para Luce, confusa.

O objeto dourado que viram não era uma joia. Havia apenas duas coisas dentro da caixa: outra das palhetas verdes de guitarra de Cam, e um pedaço de papel dourado.

Me encontre amanhã depois da aula. Estarei esperando nos portões.

— C.

QUINZE



A TOCA DO LEÃO

Havia muito tempo desde que Luce dera uma boa olhada no espelho. Ela nunca se incomodara com sua aparência — seus olhos castanho-claros, dentes certinhos, cílios grossos; e a abundante cascata de cabelos pretos. Isso era antes. Antes do verão passado.

Depois que sua mãe cortara todo o seu cabelo, Luce começou a evitar espelhos. Não era só por causa do cabelo curto; Luce achava que não gostava mais de quem era, então não queria ver nenhuma evidência disso. Ela começou a olhar para as mãos enquanto estava no banheiro. Mantinha a cabeça reta quando passava por janelas coloridas e evitava os estojos de pó compacto com espelhos.

Mas, vinte minutos antes de supostamente ter que encontrar Cam, Luce ficou na frente do espelho do banheiro feminino do Augustine, vazio. Ela achava que estava bonitinha. Seu cabelo finalmente estava crescendo, e o peso começava a alargar algumas das ondas. Ela verificou seus dentes, então endireitou os ombros e encarou o espelho como se estivesse olhando Cam nos olhos. Precisava dizer algo a ele, algo importante, e ela queria ter certeza de que conseguiria fazer uma expressão que exigisse que ele a levasse a sério.

Cam não tinha ido à aula hoje, assim como Daniel, então Luce presumiu que o Sr. Cole havia colocado os dois em algum tipo de castigo, ou estavam simplesmente curando suas feridas. Mas Luce não tinha dúvidas de que Cam estaria esperando por ela hoje.

Ela não queria vê-lo. Nem um pouco. Pensar em seus punhos socando Daniel fazia seu estômago se revirar. Mas eles terem brigado era culpa dela em primeiro lugar. Luce dera esperanças a Cam — e se tinha feito isso por estar confusa ou lisonjeada ou ligeiramente interessada não importava mais. O que importava era que ela precisava ser direta com ele hoje: não havia nada entre eles.

Respirou profundamente, ajeitou a camisa até os quadris e abriu a porta do banheiro.

Aproximando-se dos portões, ela não conseguia vê-lo, mas, no entanto, era difícil ver qualquer coisa além das construções no estacionamento. Luce não voltara à entrada da escola desde que começaram as reformas, e ficou surpresa em ver como era complicado andar pelo estacionamento esburacado agora. Luce desviou de buracos abertos e tentou se esconder dos operários, abanando os vapores do asfalto que nunca pareciam diminuir.

Não havia sinal de Cam. Por um segundo, ela se sentiu boba, quase como se tivesse caído em algum tipo de pegadinha. Os altos portões de metal estavam cobertos de poeira vermelha. Luce olhou através deles para o denso bosque de antigos olmos do outro lado da rua. Ela estalou os dedos, lembrando-se da vez em que Daniel lhe dissera que odiava quando fazia isso. Mas ele não estava ali para vê-la estalando os dedos; ninguém estava. Então Luce notou um pedaço de papel dobrado com seu nome escrito. Estava espetado na magnólia grossa de troncos acinzentados ao lado do posto com o telefone quebrado.

Estou salvando você da Noite Social. Enquanto o resto dos alunos está organizando uma reencenação da Guerra Civil — triste, mas verdadeiro —, você e eu vamos aprontar na cidade. Um sedã preto com uma placa dourada vai levá-la até mim. Achei que nós dois podíamos tomar um pouco de ar puro.
— C.

Luce tossiu. Ar puro era uma coisa, mas um sedã preto apanhando-a no campus? Para levá-la até ele, como se ele fosse algum tipo de xeque que podia simplesmente arranjar mulheres quando tivesse vontade? Onde estava Cam, afinal?

Nada disso fazia parte de seu plano. Luce tinha concordado em encontrar Cam só para dizer a ele que estava sendo indiscreto demais e que ela realmente não conseguia se ver envolvida com ele. Porque — apesar de não ter dito a ele — toda vez que seu punho atingia Daniel na noite anterior, alguma coisa dentro dela recuava e começava a ferver. Claramente, ela precisava cortar essa relação com Cam pela raiz. Estava com o colar de ouro com a serpente em seu bolso. Era hora de devolvê-lo.

Exceto que agora ela se sentia idiota por achar que Cam só queria conversar. É óbvio que tinha algum truque escondido na manga. Ele era esse tipo de cara.

O som de pneus desacelerando fez Luce virar a cabeça. Um sedã preto parou na frente dos portões. O vidro fumê do lado do motorista desceu e uma mão cabeluda saiu e tirou do gancho o telefone da cabine que ficava do lado de fora dos portões. Depois de um momento, o telefone foi recolocado no gancho com um estrondo e o motorista simplesmente tocou a buzina.

Finalmente, as grandes e ruidosas grades de metal se abriram e o carro entrou, parando na frente dela. As portas se destrancaram. Ela ia

mesmo entrar naquele carro e ir sabe-se-lá-aonde para encontrá-lo?

Da última vez em que estivera parada naqueles portões tinha sido para se despedir de seus pais. Sentindo saudades antes mesmo de eles terem partido, ela acenara daquele mesmo lugar, ao lado da cabine do telefone quebrado — e lembrou-se, havia notado uma das câmeras de segurança mais modernas. Do tipo com detector de movimento, dando zoom em cada passo seu. Cam não poderia ter escolhido lugar pior para o carro apanhá-la.

Subitamente, ela teve visões de uma solitária num porão qualquer. Paredes de cimento molhadas e baratas subindo por suas pernas. Sem luz. Os rumores ainda estavam se espalhando pelo campus sobre aquele casal, Jules e Phillip, que não tinham mais sido vistos desde que saíram escondidos. Cam achava que Luce queria tanto vê-lo a ponto de arriscar simplesmente sair da escola bem na frente dos vermelhos?

O carro ainda estava zumbindo na entrada na frente dela. Depois de um momento, o motorista — um homem usando óculos de sol, de pescoço grosso e cabelo ralo — estendeu a mão. Nela havia um pequeno envelope branco. Luce hesitou um segundo antes de se aproximar para pegá-lo de seus dedos.

Era de Cam. Um cartão pesado cor de marfim com seu nome impresso num dourado decadente no canto inferior esquerdo.

Devia ter dito antes: o vermelho foi coberto com fita isolante. Veja você mesma. Cuidei de tudo, como vou cuidar de você. Vejo-a em breve, espero.

Fita? Ele estava dizendo...? Luce ousou olhar para o vermelho. Era verdade. A fita isolante preta circulava perfeitamente a câmera cobrindo sua lente. Luce não sabia como essas coisas funcionavam,

mas, estranhamente, ficou aliviada que Cam tivesse pensado em cuidar daquilo. Ela não conseguia imaginar Daniel planejando nada assim.

Tanto Callie quanto seus pais estavam esperando telefonemas aquela noite. Luce tinha lido a carta de dez páginas de Callie três vezes, e decorara todos os detalhes engraçados das viagens de fim de semana de sua amiga até Nantucket, mas ainda não saberia como ia responder nenhuma das perguntas de Callie sobre sua vida na Sword & Cross. Se ela se virasse e voltasse lá para dentro para pegar o telefone, não sabia como começaria a atualizar Callie ou seus pais sobre os acontecimentos estranhos e sombrios dos últimos dias. Era mais fácil não contar nada a eles, pelo menos não até que ela tivesse encerrado as coisas de um jeito ou de outro.

Ela escorregou no couro bege e macio do banco de trás do sedã e apertou o cinto. O motorista mudou a marcha sem uma palavra.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou.

— Para um lugarzinho perto do rio. O Sr. Briel gosta das cores de lá. Apenas sente-se e relaxe, querida. Vai ver.

Sr. Briel? Quem era esse cara? Luce nunca gostava quando a mandavam relaxar, especialmente quando parecia um aviso para não perguntar mais nada. No entanto, cruzou os braços, olhou pela janela, e tentou esquecer o tom do motorista quando ele a chamou de "querida".

Pelas janelas escuras, as árvores lá fora e a rua pavimentada pareciam marrons. Na curva cuja pista a oeste levava até Thunderbolt, o sedã preto virou para leste. Estavam seguindo o rio em direção à costa. De vez em quando, quando seu caminho e o do rio convergiam, Luce podia ver a água marrom e repugnante se agitando ao lado deles. Vinte minutos depois, o carro diminuiu até parar na frente de um bar decadente à beira do rio.

Era feito de madeira cinzenta e apodrecida, e uma placa encharcada na porta da frente dizia STYX em letras chanfradas pintadas à mão em vermelho. Um cordão de bandeirinhas de plástico anunciando uma marca de cerveja tinha sido pregado à viga de madeira embaixo do teto de zinco, uma tentativa medíocre de alegrar o lugar. Luce examinou as imagens impressas nos triângulos de plástico — palmeiras e garotas bronzeadas de sol em biquínis com garrafas de cerveja encostadas em seus lábios sorridentes — e se perguntou quando teria sido a última vez que uma garota de verdade tinha colocado os pés ali.

Dois punks mais velhos estavam fumando sentados num banco de frente para a água. Moicanos cansados caíam sobre suas testas enrugadas e as jaquetas de couro que usavam eram feias e sujas como se as tivessem desde que ser punk era novidade. As expressões vazias em seus rostos indolentes e queimados de sol fazia a cena toda parecer ainda mais desoladora.

O pântano margeava a avenida de duas pistas e tinha começado a inundar o asfalto; a rua simplesmente parecia dar lugar à grama pantanosa e à lama. Luce nunca tinha vindo tão longe nos pântanos do rio.

Enquanto estava ali sentada, incerta do que fazer depois que saísse do carro, ou mesmo se fazer isso seria uma boa ideia, a porta da frente do Styx se abriu abruptamente e Cam saiu andando calmamente. Ele se apoiou de maneira despreocupada contra a porta de tela, uma perna cruzada sobre a outra. Ela sabia que ele não podia vê-la pelas janelas escuras do carro, mas Cam levantou a mão como se pudesse e a chamou até ele.

— Seja o que Deus quiser — murmurou Luce antes de agradecer ao motorista. Abriu a porta e foi recebida por uma rajada de vento salgado enquanto subia os degraus para a varanda de madeira do bar.

O cabelo repicado de Cam estava emoldurando seu rosto, e os olhos verdes pareciam tranquilos. Uma manga de sua camiseta preta estava levantada sobre o ombro, e Luce podia ver o contorno benfeito de seu bíceps. Ela tocou com os dedos a corrente de ouro em seu bolso. ***Lembre-se de por que está aqui***.

O rosto de Cam não mostrava indícios da briga na noite anterior, o que a fez pensar imediatamente se o de Daniel mostrava.

Cam deu a ela um olhar inquisitivo, umedecendo o lábio inferior:

— Só estava calculando quantos drinques de consolação precisaria tomar se você me desse um bolo hoje — disse, abrindo os braços para um abraço. Luce aceitou. Era muito difícil dizer não a Cam, mesmo quando ela não tinha completa certeza do que ele estava pedindo.

— Eu não daria um bolo em você — disse Luce, sentindo-se imediatamente culpada, sabendo que suas palavras eram mera formalidade, não românticas como Cam teria preferido. Ela só estava lá porque precisava dizer que não queria se envolver com ele. — Então, que lugar é esse? E desde quando você tem serviço de motorista?

— Fique comigo, garota — brincou ele, parecendo interpretar as perguntas como elogios, como se ela gostasse de ser levada para bares que tinham cheiro de ralo de pia.

Ela era péssima nesse tipo de coisa. Callie sempre dizia que Luce era incapaz de honestidade brutal e era por isso que se enfiava em tantas situações chatas com caras a quem simplesmente devia ter dito ***não***. Luce estava tremendo. Ela precisava tirar isso do peito. Enfiou a mão no bolso e tirou o pingente.

— Cam.

— Ah, que bom, você trouxe. — Ele pegou o colar de suas mãos e a virou de costas. — Deixe-me ajudar a colocá-lo.

— Não, espere...

— Pronto — anunciou Cam. — Combina muito com você. Dê uma olhada. — Ele a levou pelo piso de madeira que rangia até a janela do bar, onde um número de bandas tinha grudado panfletos de shows. THE OLD BABIES. DRIPPING WITH HATE. HOUSE CRACKERS. Luce teria preferido ficar examinando qualquer um deles a olhar para seu reflexo. — Viu?

Ela não podia exatamente ver seu rosto no painel de vidro sujo, mas o pingente de ouro brilhava sobre sua pele quente. Luce apertou-o. Era ***mesmo*** lindo, e tão diferente, com a pequena serpente esculpida a mão subindo pelo meio. Não era algo que você pudesse achar nos mercados de calçada, onde os moradores locais vendiam artesanato supervalorizado para os turistas, suvenires do estado da Geórgia fabricados nas Filipinas. Atrás de seu reflexo na janela, o céu tinha uma cor exuberante alaranjada, interrompido por pequenos riscos de nuvens cor-de-rosa.

— Sobre a noite passada... — Cam começou a dizer. Ela podia ver vagamente seus lábios rosados se movendo no vidro por trás de seu ombro.

— Queria falar com você sobre a noite passada também — disse Luce, parada ao seu lado. Ela podia ver as pontas da tatuagem de sol atrás do pescoço dele.

— Vamos entrar — disse ele, guiando-a de volta para a porta de tela presa pela metade. — Podemos conversar lá.

O interior do bar era forrado de painéis de madeira, com algumas fracas lâmpadas alaranjadas providenciando os únicos focos de luz. Todos os tamanhos e tipos de galhadas estavam pregados na parede, e um leopardo empalhado estava posando sobre o bar, parecendo pronto para atacar a qualquer momento. Uma foto apagada com as palavras DIRIGENTES DO CLUBE DOS ALCES DO CONDADO DE PULASKI 1964-65 era a outra única decoração na parede, mostrando uma centena de rostos

ovais, sorrindo modestamente sobre gravatas-borboleta de cor pastel. O jukebox estava tocando "Ziggy Stardust", e um homem mais velho de cabeça raspada e calças de couro estava cantarolando, dançando sozinho no meio de um pequeno palco elevado. Além de Luce e Cam, ele era a única pessoa no lugar.

Cam apontou para dois bancos. As almofadas gastas de couro verde estavam rachadas ao meio, a espuma bege explodindo de dentro como grandes pedaços de pipoca. Já havia um copo pela metade na cadeira que Cam escolheu. A bebida era marrom clara, aguada pelo gelo, as gotas de suor envolvendo o copo.

— O que é isso? — Luce perguntou.

— Moonshine da Geórgia — respondeu Cam, tomando um gole. — Não recomendo a você começar com ela. — Quando Luce apertou os olhos, ele disse: — Estou aqui o dia todo.

— Encantador — disse Luce, tocando o cordão de ouro. — Quantos anos você tem, 70? Sentado num bar sozinho o dia todo?

Ele não parecia bêbado, mas Luce não gostava da ideia de ir até ali para terminar tudo com ele, só para encontrá-lo alterado demais para entender. Ela também estava começando a pensar em como ia voltar para a escola. Nem sabia onde aquele lugar ficava.

— Ai. — Cam tocou o próprio peito. — A beleza em ser suspenso das aulas, Luce, é que ninguém ***sente a sua falta*** durante as aulas. Achei que merecia um tempinho para me recuperar. — Ele inclinou a cabeça de lado. — O que está incomodando você? É esse lugar? Ou a briga na noite passada? Ou o fato de que não tem ninguém ***servindo a gente***? — Ele elevou a voz nas últimas palavras, alto o bastante para fazer um imenso e corpulento barman sair pelas portas da cozinha atrás do bar. O barman tinha cabelo longo e em camadas com franja, e tatuagens que pareciam cabelo humano trançado subindo e descendo por seus braços. Ele era só músculos e devia pesar uns 140kg.

Cam se virou para ela e sorriu:

— Qual o veneno de sua preferência?

— Não me importo — disse Luce. — Eu na verdade não tenho um veneno.

— Você estava bebendo champanhe na minha festa — disse Cam. — Viu quem estava prestando atenção? — Ele a cutucou com o ombro. — Seu melhor champanhe para cá — disse ele ao barman, que jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada seca e entrecortada.

Sem a mínima intenção de pedir a identidade dela ou ao menos olhá-la por tempo suficiente para tentar adivinhar sua idade, o barman se abaixou até uma pequena geladeira com uma porta de vidro de correr. As garrafas batiam enquanto ele procurava no fundo. Depois do que pareceu um bom tempo, ele reapareceu com uma pequena garrafa de Freixenet. Parecia ter alguma coisa laranja em volta de sua base.

— Não me responsabilizo por isso — disse ele, entregando-a.

Cam estourou a rolha e ergueu as sobrancelhas para Luce. Ele derramou o Freixenet cerimoniosamente numa taça de vinho.

— Eu queria me desculpar — disse ele. — Sei que tenho sido um pouco agressivo nas minhas investidas. E noite passada, sobre o que aconteceu com Daniel... não sinto orgulho daquilo. — Cam esperou Luce assentir para continuar. — Em vez de ter ficado com raiva, devia apenas ter escutado. É você que me interessa, não ele.

Luce observou as bolhas subindo em seu espumante, pensando que, se ia ser honesta, deveria dizer que estava interessada em Daniel, não em Cam. Ela ***tinha*** que contar a Cam. Se ele já se arrependia de não a ter escutado na noite passada, talvez agora pudesse começar. Ela ergueu a taça para tomar um gole antes de começar.

— Ah, espere. — Cam pôs uma das mãos em seu braço. —Não pode beber até brindarmos. — Ele levantou seu copo e sustentou o olhar. — O que vai ser? Você escolhe.

A porta de tela bateu e os dois caras que estavam fumando na varanda entraram. O mais alto, com cabelo preto oleoso, nariz arrebitado e unhas muito sujas, olhou uma vez para Luce e começou a andar na direção deles.

— O que estamos celebrando? — Ele olhou vesgo para ela, cutucando a taça dela com seu copo de vidro. Ele se inclinou para perto, e ela podia sentir a carne de seus quadris pressionando-a na camisa de flanela. — Primeira noite fora da menininha? Que horas é o toque de recolher?

— Estamos celebrando você sair daqui agora mesmo — Cam disse num tom agradável, como se estivesse anunciando que era aniversário de Luce. Ele fixou seus olhos verdes no homem, que mostrou seus dentes pequenos e pontudos e a boca cheia de chicletes.

— Sair, hein? Só se ela for junto.

Ele agarrou a mão de Luce. E, do jeito que a briga com Daniel tinha começado, Luce achava que Cam precisaria de pouco para perder o controle de novo. Especialmente se ele realmente estivera bebendo o dia todo. Mas Cam ficou notavelmente calmo.

Tudo que fez foi afastar a mão do cara com a rapidez, graça e força bruta de um leão afastando um camundongo.

Cam observou o homem tropeçar várias vezes para trás. Cam sacudiu sua mão com um olhar entediado no rosto, e então afagou o pulso de Luce onde o cara tinha tentado agarrá-lo.

— Sinto muito sobre isso. O que você estava dizendo, sobre a noite passada?

— Eu estava dizendo... — Luce sentiu o sangue esvaindo-se de seu rosto. Logo acima da cabeça de Cam, um enorme pedaço de escuridão densa tinha se aberto, alongando-se para a frente e se desdobrando até virar a maior e mais escura sombra que ela jamais vira. Uma rajada de

ar glacial soprou, e Luce sentiu o gelo da sombra até mesmo nos dedos de Cam, que ainda tocavam sua pele.

— Ah. Meu. Deus — sussurrou ela.

Houve um barulho de vidro quebrando quando o cara atirou o copo na cabeça de Cam.

Lentamente, Cam se levantou da cadeira e tirou alguns cacos de vidro de seu cabelo. Ele se virou para encarar o homem, que tinha pelo menos o dobro da sua idade e vários centímetros a mais de altura.

Luce se encolheu no banco do bar, se afastando do que sentia que estava prestes a acontecer entre Cam e o outro cara. E o que ela temia que ***pudesse*** acontecer com a sombra preta como a noite que se alastrava acima deles.

— Podem parar com isso — disse secamente o imenso barman, nem se dando ao trabalho de levantar os olhos de sua revista ***Fight***.

Imediatamente, o cara começou a socar Cam a esmo, os socos o atingiam como se fossem tapinhas de uma criança.

Luce não era a única impressionada pela compostura de Cam: o dançarino de calças de couro estava se escondendo atrás do jukebox. E depois do cara de cabelo seboso ter socado Cam algumas vezes, até ele se afastou e ficou parado ali, confuso.

Enquanto isso, a sombra estava grudando-se contra o teto, tentáculos escuros crescendo como ervas daninhas e caindo para cada vez mais perto de suas cabeças. Luce estremeceu e se abaixou exatamente quando Cam se afastou de um último soco do cara nojento.

E então resolveu reagir.

Foi só um simples agito de seus dedos, como se Cam estivesse varrendo para longe uma folha morta. Num minuto, o cara estava em cima de Cam, mas quando os dedos deste tocaram o peito de seu oponente, o cara saiu voando — caindo com os pés para o ar, as

garrafas de cerveja largadas quebrando enquanto ele passava, até suas costas baterem na parede oposta perto do jukebox.

Ele esfregou sua cabeça e, gemendo, começou a se afastar.

— Como é que você fez isso? — Os olhos de Luce estavam arregalados.

Cam a ignorou, virou para o amigo mais baixo e forte, e disse:

— Você é o próximo?

O segundo cara levantou as mãos.

— Essa briga não é minha, cara — respondeu, se afastando.

Cam deu de ombros, andou até o primeiro cara e o levantou do chão pelas costas de sua camiseta. Seus membros balançaram-se indefesos no ar, como um boneco. Então, com uma virada fácil de seu pulso, Cam atirou-o mais uma vez contra a parede. Ele quase pareceu ter grudado nela depois que Cam o soltou, socando o cara e dizendo repetidamente:

— Eu ***disse*** para sair!

— Chega! — Luce gritou, mas nenhum dos dois ouviu ou ligou. Luce sentiu-se enjoada. Ela queria tirar os olhos do nariz sangrando e chicletes do cara grudados contra a parede, pela força quase sobre-humana de Cam. Queria dizer a ele para deixar para lá, que ela mesma acharia uma maneira de voltar para a escola. Queria, principalmente, sair de perto da macabra sombra agora cobrindo todo o teto e escorrendo pelas paredes. Ela pegou sua bolsa e saiu correndo noite afora...

E direto para os braços de alguém.

— Você está bem?

Era Daniel.

— Como me encontrou aqui? — ela perguntou, ousadamente enterrando seu rosto no ombro dele. Lágrimas com as quais não queria lidar estavam acumulando-se dentro dela.

— Vamos — disse Daniel. — Vamos embora daqui.

Sem olhar para trás, ela segurou a mão dele. Um calor subiu pelo seu braço e pelo seu corpo, e então as lágrimas começaram a rolar. Não era justo se sentir tão segura quando as sombras ainda estavam tão perto.

Até Daniel parecia nervoso. Ele estava puxando-a com rapidez pelo lugar e Luce quase teve que correr para acompanhá-lo.

Ela não queria olhar para trás, pois ainda sentia as sombras derramando-se para fora das portas do bar e enchendo o ar, mas não era preciso. Elas flutuavam numa velocidade constante acima de sua cabeça, absorvendo toda a luz do caminho. Era como se o mundo todo estivesse sendo rasgado em pedacinhos bem diante de seus olhos. Um cheiro de enxofre podre ficou entranhado em seu nariz, pior do que qualquer coisa que ela já sentira.

Daniel olhou para cima, também, e franziu as sobrancelhas, parecendo que simplesmente tentava se lembrar onde estacionara. Mas então aconteceu a coisa mais estranha: as sombras se encolheram, evaporaram em gotas escuras que se agruparam para se separarem em seguida.

Luce estreitou os olhos, sem acreditar. Como Daniel fez aquilo? ***Ele não tinha*** feito aquilo, tinha?

— O quê? — Daniel perguntou, distraído. Ele destrancou a porta do carona de um Ford Taurus branco. — Algo errado?

— Não temos tempo para eu enumerar todas as muitas coisas que estão erradas — Luce disse, afundando no banco do carro. — Olhe. — Ela apontou para a entrada do bar. Cam havia aberto a porta. Ele devia ter nocauteado o outro cara, mas não parecia cansado de brigar. Seus punhos estavam cerrados.

Daniel deu um meio sorriso e balançou a cabeça. Luce estava tentando encaixar o cinto de segurança sem resultados até que ele se

debruçou e afastou as mãos dela. Luce prendeu a respiração enquanto os dedos dele roçavam em sua barriga.

— Tem um truque — sussurrou ele, prendendo a aba na base.

Ele ligou o carro, depois deu ré lentamente, não se apressando enquanto passavam pela porta do bar. Luce não podia pensar numa única coisa para dizer a Cam, mas parecia perfeito Daniel abaixar o vidro e simplesmente dizer:

— Boa noite, Cam.

— Luce — chamou Cam, andando até o carro. — Não faça isso. Não vá embora com ele. Vai acabar mal. — Ela não conseguia olhar nos olhos dele, que sabia que estariam implorando para voltar. — Sinto muito.

Daniel ignorou Cam completamente e continuou dirigindo. O pântano parecia nebuloso na penumbra, e a floresta na frente deles parecia ainda mais turva.

— Ainda não me contou como me achou aqui — disse Luce. — Ou como sabia que eu tinha ido encontrar Cam. Ou onde arranjou esse carro.

— É da Srta. Sophia — explicou Daniel, ligando os faróis quando as árvores se juntavam no alto e criavam uma sombra densa na estrada.

— A Srta. Sophia deixou que você pegasse seu carro emprestado?

— Depois de anos vivendo nas ruas de L.A. — disse ele, dando de ombros —, pode-se dizer que tenho um talento mágico para pegar carros "emprestados".

— Você ***roubou*** o carro da Srta. Sophia? — Luce zombou, imaginando como a bibliotecária anotaria esse acontecimento em seus arquivos.

— Vamos devolver — disse Daniel. — Além disso, ela estava bem ocupada com a encenação da Guerra Civil de hoje à noite. Alguma coisa me diz que ela não vai nem notar que sumiu.

Foi só então que Luce notou as roupas de Daniel. Ela examinou o uniforme azul de soldado da União com sua ridícula tira de couro pendurada diagonalmente sobre o peito. Ela estava tão apavorada pelas sombras, por Cam, por toda aquela cena assustadora, que nem tinha parado para olhar Daniel.

— Não ouse rir — disse Daniel, ele mesmo tentando conter o riso. — Você provavelmente se livrou da pior Social do ano.

Luce não conseguiu evitar: inclinou-se para a frente e mexeu num dos botões de Daniel.

— Que pena — disse ela, usando um sotaque sulista. — Acabaram de passar meu vestido de rainha do baile.

Os lábios de Daniel se curvaram num sorriso, mas em seguida ele suspirou.

— Luce. O que você fez hoje à noite... As coisas podiam ter acabado bem mal. Você sabia disso?

Luce olhou a estrada, irritada pelo clima ter voltado a ficar sério tão subitamente. Uma coruja olhava de cima de uma árvore.

— Eu não queria vir até ***aqui*** — explicou, o que parecia verdade. Era quase como se Cam a tivesse enganado. — Queria não ter vindo — acrescentou em voz baixa, imaginando onde estaria a sombra agora.

Daniel bateu o punho no volante e ela se assustou. Ele estava cerrando os dentes, e Luce odiava ser a culpada por deixá-lo tão zangado.

— Só não consigo acreditar que está envolvida com ele — disse Daniel.

— Não estou — insistiu ela. — O único motivo pelo qual vim foi para dizer a ele... — Não fazia sentido. Envolvida com Cam! Se Daniel ao menos soubesse que ela e Penn passavam a maior parte do tempo livre pesquisando sobre a família ***dele***... bem, provavelmente ficaria irritado de qualquer jeito.

— Não precisa explicar — disse Daniel, dispensando-a. — É culpa minha, de qualquer maneira.

— Culpa sua?

Nesse momento, Daniel tinha saído da estrada e parado o carro no fim de uma estradinha de areia. Ele desligou os faróis e os dois olharam o oceano. O céu escuro tinha uma tonalidade profunda de ameixa, e as cristas das ondas pareciam quase prateadas, cintilando. A grama da praia chicoteava com o vento, fazendo um barulho alto e desolado de assovio. Um bando de gaivotas estava sentado em fileira ao longo do corrimão do calçadão, cuidando de suas penas.

— Estamos perdidos? — ela perguntou.

Daniel a ignorou. Ele saiu do carro, bateu a porta e começou a andar em direção à água. Luce esperou por dez segundos nervosos, observando a silhueta dele ficar cada vez menor no crepúsculo arroxeado, antes de sair do carro e segui-lo.

O vento batia seu cabelo contra o rosto. Ondas batiam nas margens, puxando conchas e algas marinhas ao recuarem. O ar estava mais fresco perto da água. Tudo tinha um cheiro fortemente salgado.

— O que está havendo, Daniel? — perguntou, correndo ao longo da duna. Ela se sentia mais pesada andando na areia. — Onde estamos? E o que quer dizer com “a culpa é sua”?

Ele se virou para ela. Parecia tão derrotado, seu uniforme de mentira todo amassado, os olhos cinzentos caídos. O rugido das ondas quase abafava sua voz.

— Só preciso de tempo para pensar.

Luce sentiu um nó na garganta de novo. Ela finalmente tinha parado de chorar, mas Daniel estava tornando a conversa tão difícil.

— Por que vir me salvar então? Por que vir até tão longe me buscar, para depois gritar comigo e me ignorar? — Ela secou os olhos na barra de sua camiseta preta, e o sal marinho em seus dedos fez com que

ardessem. — Não que isso seja muito diferente da maneira como você me trata na maior parte do tempo, mas...

Daniel se virou e bateu com as mãos na própria testa.

— Você não entende, Luce. — Ele balançou a cabeça. — Esse é o problema: você nunca entende.

Não havia nada de cruel em sua voz; na verdade, era quase gentil ***demais***. Como se Luce fosse tola demais para entender o que quer que fosse tão óbvio para Daniel. Isso a deixava totalmente furiosa.

— Eu não entendo? — ela perguntou. — ***Eu*** não entendo? Deixe-me dizer uma coisa que entendo. Você se acha tão esperto, não é? Passei três anos com uma bolsa acadêmica integral na melhor escola preparatória do país inteiro. E, quando me expulsaram, tive que implorar — implorar! — para não apagarem meus registros de notas máximas.

Daniel se afastou, mas Luce foi atrás dele, dando um passo à frente para todo passo para trás que ele dava, com os olhos arregalados. Provavelmente o estava assustando, mas e daí? Ele pedia isso, toda vez que era condescendente com ela.

— Sei falar latim e francês, e no ginásio, ganhei o prêmio da feira de ciências por três anos seguidos.

Luce já o tinha encurralado contra o corrimão da calçada e estava tentando se segurar para não o cutucar no peito. Ainda não tinha terminado.

— Também faço as palavras cruzadas do jornal de domingo, às vezes em menos de uma hora. Tenho um senso de direção infalível... menos em relação aos garotos.

Ela engoliu e parou um momento para recuperar o fôlego.

— E um dia serei uma psiquiatra que escuta de verdade seus pacientes e ajuda as pessoas. Tá bom? Então ***não*** fique falando comigo como se eu fosse burra e ***não*** me diga que não entendo só porque ***eu***

não consigo decifrar ***seu*** comportamento errático, instável, oscilante e, francamente — Luce olhou para ele, soltando a respiração —, cruel. — Ela afastou uma lágrima, zangada com si mesma por ficar tão alterada.

— Cale a boca — Daniel disse, mas falou de forma tão suave e terna que Luce surpreendeu a ambos obedecendo. — Não acho que você seja burra. — Ele fechou os olhos. — Acho que é a pessoa mais esperta que conheço. E a mais bondosa. E... — ele engoliu, abrindo os olhos para olhar diretamente para ela — a mais bonita.

— Como?

Ele olhou para o oceano.

— Só estou... tão cansado disso — disse. Ele parecia mesmo exausto.

— Do quê?

Daniel olhou de novo para Luce, com uma expressão triste no rosto, como se tivesse perdido alguma coisa preciosa. Esse era o Daniel que ela conhecia, apesar de ela não conseguir explicar como ou de onde. Esse era o Daniel que ela... amava.

— Pode me mostrar — sussurrou ela.

Ele balançou a cabeça, mas seus lábios ainda estavam tão perto dos dela, e seu olhar era tão encantador. Era quase como se ele quisesse que ***ela*** mostrasse para ele antes.

Seu corpo se agitou ao ficar na ponta dos pés, inclinando até ele. Luce pousou a mão em seu rosto e Daniel piscou, sem se mover. Ela continuou lentamente, muito lentamente, como se estivesse com medo de assustá-lo, cada segundo sentindo-se mais petrificada. E então, quando estavam perto o bastante para seus olhos se embaralharem, ela baixou as pálpebras e apertou seus lábios contra os dele.

O toque de seus lábios, suave e leve como uma pena, era tudo que os conectava, mas um fogo que Luce nunca sentira antes se espalhou por dentro dela, e ela soube que precisava de mais... de Daniel. Seria

demais pedir que ele precisasse dela da mesma maneira, que a prendesse em seus braços como fizera tantas vezes em seus sonhos, para retribuir o beijo com outro ainda mais poderoso.

Mas foi isso que ele fez.

Seus braços musculosos envolveram a cintura de Luce. Ele a puxou para mais perto, e ela sentiu seus corpos se encaixando perfeitamente — pernas entrelaçadas em pernas, quadris pressionados contra quadris, a respiração dos dois na sintonia ideal. Daniel pressionou suas costas contra o corrimão da calçada, prendendo-a em si até que Luce não conseguisse mais se mexer, até tê-la exatamente onde ela queria estar. Tudo isso, sem interromper o toque apaixonado de seus lábios nem uma vez.

Então ele começou a realmente beijá-la, com delicadeza a princípio, fazendo sons sutis e deliciosos em seu ouvido. Depois longa, doce e ternamente, descendo pelo queixo e para o pescoço, fazendo-a gemer e pender a cabeça para trás. Daniel entrelaçou o cabelo dela nos dedos e Luce abriu os olhos para ver, por um segundo, as primeiras estrelas aparecendo no céu. Ela se sentiu mais próxima do que nunca do Paraíso.

Finalmente, Daniel voltou para seus lábios, beijando-a com intensidade — sugando seu lábio inferior para depois pressionar a língua macia pelos seus dentes. Ela abriu mais a boca, desesperada para deixá-lo entrar mais, finalmente sem medo de mostrar o quanto o queria. Para igualar a intensidade dos beijos dele com os dela.

Havia areia em sua boca e entre seus dedos do pé, o vento salgado arrepiava sua pele, e a sensação mais doce e mágica jorrava de seu coração.

Naquele momento, Luce poderia ter morrido por Daniel.

Ele se afastou e a encarou, como se esperando que ela dissesse alguma coisa. Luce sorriu para ele e o beijou levemente na boca,

deixando seus lábios se demorarem nos lábios dele. Não conhecia palavras, nenhum jeito melhor de comunicar o que estava sentindo, o que queria.

— Ainda está aqui — sussurrou ele.

— Ninguém poderia me tirar. — Ela riu.

Daniel deu um passo para trás e, com um olhar sombrio para ela, seu sorriso desapareceu. Ele começou a andar de um lado para o outro, esfregando a testa com a mão.

— O que foi? — ela perguntou com leveza, puxando a manga dele para que voltasse para mais um beijo. Daniel acariciou o rosto dela, seu cabelo, toda a extensão de seu pescoço, como se estivesse tentando ter certeza de que ela não era um sonho.

Aquele era seu primeiro beijo de verdade? Ela achava que não devia contar Trevor, então tecnicamente sim. E tudo parecia tão certo, como se ela tivesse sido feita para Daniel, e ele para ela. Ele tinha um cheiro... delicioso. Sua boca tinha um gosto doce e caro. Ele era alto e forte e...

Estava se afastando dela.

— Aonde está indo? — ela perguntou.

Os joelhos de Daniel se dobraram e ele escorregou alguns centímetros, apoiando-se no corrimão de madeira para olhar o céu. Parecia estar sentindo dor.

— Você disse que nada conseguiria tirá-la de mim — disse ele num sussurro. — Mas eles vão conseguir. Talvez estejam apenas atrasados.

— Eles? Quem? — perguntou Luce, olhando para a praia deserta. — Cam? Acho que o despistamos.

— Não. — Daniel começou a andar pela calçada. Ele estava tremendo. — É impossível.

— Daniel.

— Vai acontecer — repetiu ele, aos sussurros.

— Você está me assustando. — Luce seguiu-o, tentando acompanhá-lo de perto. Porque, subitamente, apesar de não querer, teve uma sensação de que sabia do que Daniel estava falando. Não era sobre Cam, mas sobre outra coisa, outra ameaça.

A cabeça de Luce estava confusa. As palavras dele se repetiam em seu cérebro, soando estranhamente verdadeiras, mas o sentido por trás delas lhe escapava. Como o pedaço de um sonho do qual ela não conseguia se lembrar.

— Fale comigo — disse ela. — Explique o que está acontecendo.

Daniel se virou, o rosto pálido como uma peônia, os braços estendidos e sem esperança:

— Eu não sei como impedi-los — sussurrou. — Não sei o que fazer.

DEZESSEIS



NA BALANÇA

Luce ficou parada no meio do caminho entre o cemitério ao norte do campus e o caminho até o lago, ao sul. Era começo da noite e os trabalhadores da obra já tinham ido para casa. Um pouco de luz infiltrava-se pelos galhos dos carvalhos atrás do ginásio, jogando sombras no gramado que levaria até o lago. Tentando Luce para ir até lá. Ela não tinha certeza sobre qual caminho escolher. Estava segurando duas cartas nas mãos.

A primeira, de Cam, era o pedido de desculpas que ela já esperava, e um convite para encontrá-lo depois das aulas, para conversar. A segunda, de Daniel, não dizia nada além de "Encontre-me no lago". Ela mal podia esperar. Seus lábios ainda formigavam daquele beijo da noite passada. Luce não conseguia tirar da cabeça a sensação dos dedos dele em seus cabelos e dos lábios em seu pescoço.

Outras lembranças da noite eram mais confusas, como o que acontecera depois que ela se sentou ao lado de Daniel na praia. Comparado com o jeito com que suas mãos tinham arrebatado o corpo de Luce menos de dez minutos antes, Daniel parecia quase com medo de tocá-la.

Nada pôde tirá-lo de seu transe. Ele ficava murmurando a mesma coisa sem parar — "Algo deve ter acontecido. Algo mudou" —, e a encarava com um olhar de dor, como se ela tivesse a resposta, como se ela tivesse alguma ideia do que aquelas palavras significavam. Pelo menos, Luce tinha caído no sono encostada em seu ombro, olhando para o mar etéreo.

Quando acordou, horas depois, ele estava carregando-a pelas escadas até seu quarto. Luce levou um susto ao perceber que tinha dormido o caminho todo de volta até a escola — e se assustou ainda mais com o estranho brilho refletido no corredor. Estava de volta. A luz de Daniel, que ela não sabia se ele também enxergava.

Tudo ao redor deles estava banhado naquela suave luz violeta. As portas brancas cheias de adesivos dos outros alunos pareciam pintadas de cores neon. O piso de linóleo sem graça resplandecia. A janela de vidro com vista para o cemitério adicionava um brilho violeta à primeira insinuação da luz matinal amarelada lá fora. Tudo aquilo sob os olhares infalíveis dos vermelhos.

— Estamos tão ferrados — sussurrou ela, nervosa, mas ainda meio dormindo.

— Não estou preocupado com os vermelhos — disse Daniel, calmo, seguindo o olhar dela para as câmeras. Primeiro suas palavras a reconfortaram, mas então Luce começou a se perguntar sobre aquele tom de voz aflito de Daniel: se não estava preocupado com os vermelhos, estava preocupado com alguma outra coisa.

Quando ele a deitou em sua cama, beijou Luce de leve na testa e então respirou fundo:

— Não saia de perto de mim — pediu.

— Sem chance de isso acontecer.

— Estou falando sério. — Ele fechou os olhos por um longo tempo. — Descanse um pouco agora, mas me encontre de manhã antes da

aula. Quero falar com você. Promete?

Ela apertou a mão de Daniel para puxá-lo para um último beijo. Luce segurou seu rosto entre as mãos e derreteu nele. Cada vez que seus olhos se abriam, ele a estava observando. E ela adorou aquilo.

Finalmente, ele se afastou e ficou parado na porta, observando, seus olhos ainda fazendo o coração dela disparar da mesma forma que seus lábios haviam feito, um momento antes. Quando Daniel saiu para o corredor e fechou a porta, Luce mergulhou num sono profundo.

Ela dormira, perdendo a hora para as aulas da manhã, e acordou no começo da tarde sentindo-se renascida e cheia de vida. Nem ligou por não ter desculpa nenhuma para ter faltado. Apenas ficou preocupada por ter perdido o encontro com Daniel. Ela o encontraria assim que pudesse; ele entenderia.

Por volta das 14h, quando finalmente lhe ocorreu comer alguma coisa ou talvez assistir à aula de religião da Srta. Sophia, ela saiu da cama de má vontade. Foi então que viu que dois envelopes tinham sido jogados por baixo de sua porta, o que atrasou severamente sua tarefa de deixar o quarto.

Ela precisava dispensar Cam primeiro. Se fosse até o lago antes do cemitério, sabia que nunca conseguiria sair do lado de Daniel para fazê-lo. Se fosse antes ao cemitério, seu desejo de ver Daniel de novo lhe daria coragem suficiente para dizer a Cam as coisas que estivera nervosa demais para dizer antes. Antes de tudo ficar tão assustador e fora de controle na noite passada.

Ignorando seus temores em vê-lo, Luce apressou-se através do pátio em direção ao cemitério. O começo da noite estava quente, e o ar estava pesado com umidade. Ia ser uma daquelas noites abafadas quando a brisa do mar distante nunca ficava forte o suficiente para refrescar as coisas. Não havia ninguém andando pelo campus, e as folhas das árvores estavam imóveis. Luce parecia ser o único ser vivo

na Sword & Cross. Todo mundo estava prestes a ser liberado da aula, indo até o refeitório para jantar, e Penn — e possivelmente os outros também — já estaria se perguntando sobre o paradeiro de Luce.

Cam estava apoiado nos portões cheios de líquen do cemitério quando ela chegou. Seus cotovelos descansavam nas barras de ferro esculpidas como videiras, os ombros curvados para a frente. Ele estava chutando um dente-de-leão com a ponta de aço de sua bota preta. Luce não se lembrava de já tê-lo visto tão concentrado em seus pensamentos — na maior parte das vezes, Cam parecia ter um genuíno interesse no mundo à volta dele.

Mas, dessa vez, ele nem a viu até Luce estar diretamente a sua frente. Quando ele ergueu os olhos, seu rosto estava acinzentado. O cabelo estava grudado na cabeça e Luce se surpreendeu ao notar que ele não tinha se barbeado. Seus olhos passearam pelo rosto dela, como se focalizar em algum lugar exigisse muito esforço. Cam parecia destruído, não por causa da briga, mas simplesmente como se não dormisse há dias.

— Você veio. — Sua voz era rouca, mas as palavras terminaram num pequeno sorriso.

Luce estalou os dedos, pensando que ele não ia sorrir por muito mais tempo. Ela assentiu e levantou a carta dele.

Ele tentou pegar sua mão, mas Luce afastou o braço, fingindo que ia usar a mão para tirar o cabelo dos olhos.

— Achei que estaria furiosa por causa da noite passada — disse Cam, afastando-se do portão. Ele deu alguns passos até o cemitério, então se sentou de pernas cruzadas num banco baixo de mármore cinza entre a primeira fileira de túmulos. Ele limpou a terra e as folhas secas do resto do banco, então bateu no lugar vazio ao lado dele.

— Furiosa? — ela perguntou.

— É geralmente por isso que as pessoas saem correndo de bares.

Luce se sentou de frente para ele, também com as pernas cruzadas. Dali, podia ver os galhos de cima do enorme e antigo carvalho no meio do cemitério, onde ela e Cam haviam feito o piquenique naquela tarde que parecia ter sido há tanto tempo.

— Eu não sei — disse Luce. — Fiquei mais perplexa. Confusa, talvez. Desapontada. — Ela estremeceu lembrando-se dos olhos daquele cara nojento quando ele a segurou, a doentia velocidade dos socos de Cam, o teto escuro coberto de sombras... — Por que me levou até lá? Sabe o que aconteceu quando Jules e Philip saíram escondidos.

— Jules e Philip eram imbecis que tinham todos os passos monitorados por pulseiras rastreadoras. É óbvio que seriam pegos. — Cam sorriu sombriamente, mas não para ela. — Não somos nem um pouco como eles, Luce. Acredite em mim. E, além disso, eu não estava tentando entrar em mais uma briga. — Cam apertou as têmporas, e a pele em volta delas ficou vermelha, elástica e fina demais. — Só não aguentei o jeito com que aquele cara falou com você, tocou em você. Você merece ser tratada com mais respeito. — Seus olhos verdes se arregalaram. — Eu quero ser essa pessoa. A única.

Ela enfiou o cabelo atrás das orelhas e respirou fundo.

— Cam, você parece ser um cara ótimo...

— Ah, não. — Ele cobriu o rosto com as mãos. — Não o discurso de não-quero-magoar-você. Espero que não diga que deveríamos ser apenas amigos.

— Não quer ser meu amigo?

— Sabe que quero ser muito mais do que seu amigo — argumentou Cam, cuspindo a palavra "amigo" como se fosse um palavrão. — É o Grigori, não é?

Ela sentiu seu estômago apertar. Achou que não fosse muito difícil de adivinhar, mas estava tão envolvida em seus próprios sentimentos que mal tivera tempo de imaginar o que Cam pensava sobre os dois.

— Você não conhece nem a mim nem a ele de verdade — disse Cam, levantando e se afastando —, mas está pronta para escolher agora, né?

Era presunçoso da parte dele achar que ainda tinha qualquer chance, especialmente depois da noite anterior. Como ele poderia achar que estava havendo algum tipo de competição entre ele e Daniel?

Então Cam se agachou na frente dela no banco. Seu rosto estava diferente — suplicante, sério — enquanto ele segurava as mãos dela nas suas.

Luce ficou surpresa ao vê-lo tão magoado.

— Sinto muito — falou, tirando as mãos. — Simplesmente aconteceu.

— Pois é! ***Simplesmente*** aconteceu. O que aconteceu, deixe-me adivinhar... Ontem à noite ele ***olhou*** para você de uma maneira tão romântica. Luce, está tomando uma decisão precipitada antes de sequer saber o que está em jogo. Pode haver... ***muita coisa*** em jogo. — Ele suspirou com uma expressão confusa no rosto de Luce. — Eu poderia fazê-la feliz.

— Daniel me faz feliz.

— Como pode dizer isso? Ele nem toca em você.

Luce fechou os olhos, lembrando-se do beijo da noite passada na praia. Dos braços de Daniel envolvendo-a. O mundo todo parecia tão certo, tão harmonioso, tão seguro. Mas, quando ela abria os olhos agora, Daniel não estava por perto.

Apenas Cam.

Ela limpou a garganta.

— Não, ele tocou. Ele toca em mim.

Seu rosto ficou quente. Luce pressionou uma das mãos geladas na face, mas Cam não percebeu. Suas mãos estavam fechadas em punhos.

— Explique.

— O jeito como Daniel me beija não é da sua conta. — Ela mordeu o lábio furiosa. Cam estava zombando dela.

Cam riu alto.

— Ah, é? Eu posso fazer isso tão bem quanto Grigori — disse ele, pegando a mão dela e beijando-a antes de largá-la abruptamente.

— Não foi nada assim — disse Luce, virando-se.

— Que tal assim então? — Seus lábios acariciaram o rosto dela antes que Luce pudesse afastá-lo.

— Errou.

Cam passou a língua sobre os lábios.

— Está dizendo que Daniel Grigori realmente ***beijou*** você da maneira que você merece ser beijada? — Alguma coisa em seus olhos escuros estava começando a parecer maligna.

— Sim — respondeu ela —, e foi o melhor beijo da minha vida. — E, apesar de ter sido seu único beijo de verdade até agora, Luce sabia que, se a perguntassem de novo dali a sessenta anos, ou cem anos, diria a mesma coisa.

— E, ainda assim, aqui está você — disse Cam, balançando a cabeça sem acreditar.

Luce não gostou do que ele estava insinuando.

— Só estou aqui para contar a verdade sobre mim e Daniel. Para explicar que você e eu...

Cam explodiu em gargalhadas, um cacarejar alto que ecoava através do cemitério vazio. Ele riu por tanto tempo e tão intensamente que precisou controlar seus espasmos e teve que secar uma lágrima dos olhos.

— O que é tão engraçado? — perguntou Luce.

— Você não faz ideia — disse ele, ainda rindo.

O tom de você-nunca-entenderia de Cam não era muito diferente do de Daniel na noite passada quando, inconsolável, ficou repetindo "É impossível". Mas a reação de Luce a Cam foi completamente diferente. Quando Daniel a afastava, Luce sentia uma atração ainda maior por ele. Mesmo quando discutiam, queria ficar com Daniel mais do que jamais tivera vontade de ficar com Cam. Mas quando Cam a fez se sentir como se estivesse por fora, ela ficou aliviada. Realmente não queria mais ficar perto dele.

Na verdade, naquele momento, sentia-se perto até demais.

Já era o suficiente. Cerrando os dentes, ela se levantou e passou pelos portões, furiosa consigo mesma por ter perdido tempo com ele.

Mas Cam a alcançou, parando na frente dela e bloqueando sua saída. Ele ainda estava rindo dela, mordendo o lábio, tentando parar.

— Não vá — disse, rindo.

— Me deixe em paz.

— Ainda não.

Antes de poder impedi-lo, Cam a pegou nos braços e a inclinou para trás num mergulho de maneira que seus pés até saíram do chão. Luce gritou, debatendo-se por um momento, mas Cam sorria.

— Me larga!

— Grigori e eu tivemos uma luta bem justa até agora, não acha?

Luce olhou feio para ele, empurrando seu peito com as mãos.

— Vá para o inferno.

— Está entendendo errado — disse Cam, aproximando o rosto. Seus olhos verdes a penetraram e ela odiava que uma parte de si ainda se sentisse abalada pelo seu olhar. — Olha, sei que as coisas fugiram um pouco de controle nos últimos dias — disse ele numa voz apressada —, mas eu me importo com você, Luce. Muito. Não escolha ele antes de termos um único beijo.

Luce sentia os braços dele apertando-a, e de repente ficou assustada. Estavam fora da escola, e ninguém sabia onde ela estava.

— Não vai mudar nada — falou para Cam, tentando parecer calma.

— Então faça a minha vontade. Finja que sou um soldado e você está concedendo meu último desejo antes de morrer. Prometo, só um beijo.

A mente de Luce viajou de volta até Daniel. Ela o imaginou esperando no lago, mantendo as mãos ocupadas atirando pedras na água, quando devia estar com ela nos braços. Não queria beijar Cam, mas e se ele realmente não a soltasse? O beijo podia ser algo rápido e insignificante. A maneira mais fácil de se soltar. E então ela estaria livre para voltar para Daniel. Cam prometera.

— Só um beijo — começou ela, mas então seus lábios já estavam nos dela.

Seu segundo beijo em dois dias. Enquanto o beijo de Daniel tinha sido faminto e quase desesperado, o de Cam era gentil e perfeito demais, como se ele tivesse praticado com cem garotas antes dela.

E, ainda assim, ela sentiu algo por dentro se agitando, querendo corresponder, segurando a raiva que estava sentindo apenas alguns segundos antes e transformando aquilo em pó. Cam ainda a estava segurando para trás em seus braços, equilibrando todo o peso dela em seu joelho. Ela se sentiu segura em suas mãos fortes e capazes — e precisava se sentir segura. Era tão diferente de, bem, de todos os momentos em que Luce não estava beijando Cam. Ela sabia que estava esquecendo alguma coisa, alguém — quem? Não conseguia se lembrar. Havia apenas o beijo, e os lábios dele e...

De repente, ela se sentiu caindo. Bateu no chão com tanta força que perdeu o fôlego por um instante. Ao se levantar, ela viu quando, a alguns centímetros de distância, o rosto de Cam também batia no chão. Ela estremeceu contra sua vontade.

O sol de fim de tarde jogava uma luz morna sobre duas figuras no cemitério.

— Quantas vezes vai precisar arruinar essa garota? — Luce ouviu um sotaque sulista triste.

Gabbe? Ela levantou os olhos, ofuscada pelo sol baixo.

Gabbe e Daniel.

Gabbe correu até ela para ajudá-la a se levantar, mas Daniel nem a olhava nos olhos.

Luce se xingou em pensamento. Ela não conseguia decidir o que era pior — Daniel a ter visto beijando Cam, ou — ela estava certa — Daniel brigar com Cam mais uma vez.

Cam se levantou e os encarou, ignorando Luce completamente.

— Tudo bem, qual de vocês dois vai ser dessa vez? — rosnou.

Dessa vez?

— Eu — respondeu Gabbe, dando um passo à frente com as mãos nos quadris. — Esse empurrãozinho carinhoso foi todo meu, Cam, querido. O que vai fazer sobre isso?

Luce sacudiu a cabeça. Gabbe só podia estar brincando. Com certeza era algum tipo de jogo. Mas Cam não parecia estar achando nada engraçado. Ele mostrou os dentes e puxou as mangas para cima, erguendo os pulsos e indo para a frente.

— De novo, Cam? — repreendeu Luce. — Já não houve brigas demais nessa semana? — Como se não fosse o suficiente, ele realmente ia bater numa garota.

Cam deu um meio sorriso para ela:

— A terceira vez é a da sorte — falou com a voz cheia de malícia. Ele virou de volta assim que viu Gabbe atacando-o com um chute alto na mandíbula.

Luce correu para trás quando Cam caiu. Seus olhos estavam apertados e estava segurando o rosto. Parada em cima dele, Gabbe

parecia inabalada, como se tivesse acabado de tirar uma torta de pêssego perfeita do forno. Ela olhou as unhas e suspirou.

— Vai ser uma pena ter que dar uma surra em você logo depois de ter retocado minha manicure. Ah, bom — disse, chutando Cam repetidamente no estômago em seguida, sentindo prazer com cada chute, como uma criança ganhando num fliperama.

Ele engatinhou para longe. Luce não conseguia mais ver seu rosto — estava enterrado entre seus joelhos —, mas ele estava gemendo de dor e engasgando com sua própria respiração.

Luce se levantou e olhou de Gabbe para Cam e de volta para Gabbe, sem entender o que estava vendo. Cam tinha o dobro de seu tamanho, mas Gabbe parecia estar em vantagem. Ontem mesmo, Luce tinha visto Cam espancar aquele cara imenso no bar. E, na outra noite, do lado de fora da biblioteca, Daniel e Cam pareciam ter empatado. Luce ficou maravilhada com Gabbe, com seu laço de arco-íris puxando o cabelo para trás num rabo de cavalo alto. Agora, ela prendera Cam no chão e estava torcendo seu braço para trás.

— Como é? — provocou ela. — Só diga a palavra mágica, docinho. Eu deixo você ir embora.

— Nunca. — Cam cuspiu no chão.

— Esperava que fosse dizer isso — comentou, e enfiou a cabeça dele no chão com força.

Daniel colocou as mãos no pescoço de Luce, que relaxou e olhou para trás, aterrorizada ao ver sua expressão. Ele devia odiá-la nesse momento.

— Sinto tanto — sussurrou ela. — Cam, ele...

— Por que você viria aqui encontrá-lo? — Daniel parecia magoado e irritado ao mesmo tempo. Ele segurou o queixo de Luce para fazê-la olhar para ele. Seus dedos estavam congelando contra a pele dela. Os olhos estavam completamente violeta, sem traços de cinza.

Os lábios de Luce tremeram:

— Achei que poderia cuidar disso. Ser honesta com Cam, para que eu e você pudéssemos ficar juntos e não termos que nos preocupar com mais nada.

Daniel riu, e Luce percebeu como tinha soado estúpida.

— Aquele beijo... — ela disse, torcendo as mãos. Ela queria cuspi-lo de sua boca. — Foi um grande erro.

Daniel fechou os olhos e se virou. Duas vezes ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas então pensou melhor. Segurou o próprio cabelo e hesitou. Observando-o, Luce temia que ele começasse a chorar. Finalmente, Daniel a abraçou.

— Está com raiva de mim? — Ela enterrou o rosto no peito dele e sentiu o cheiro doce de sua pele.

— Só estou feliz por termos chegado aqui a tempo.

O som dos gemidos de Cam fez os dois olharem em sua direção, depois vieram as caretas. Daniel pegou a mão de Luce e tentou puxá-la dali, mas ela não conseguia tirar os olhos de Gabbe, que tinha imobilizado a cabeça de Cam e não estava nem ofegando. Cam parecia arrasado e patético. Simplesmente não fazia sentido.

— O que está havendo, Daniel? — sussurrou Luce. — Como Gabbe consegue bater tanto em Cam? Por que ele está deixando?

Daniel meio que suspirou, meio que riu.

— Ele não está deixando. O que você está vendo é apenas uma amostra do que essa garota pode fazer.

Luce balançou a cabeça:

— Não entendo. Como...

Daniel afagou seu rosto.

— Vamos dar uma volta? — ele perguntou. — Vou tentar explicar as coisas, mas acho que é melhor você estar sentada.

Luce tinha algumas coisas a esclarecer para Daniel também. Ou, se não fosse esclarecer, pelo menos ia tocar no assunto, para ver se ele parecia achá-la desequilibrada. Aquela luz violeta, por exemplo. E os sonhos que não podia — não queria — impedir.

Daniel a levou a uma parte do cemitério que Luce nunca vira antes, um espaço claro e plano onde dois pessegueiros tinham crescido juntos. Seus troncos se inclinavam um em direção ao outro, formando o contorno de um coração entre eles.

Ele a levou para baixo do estranho casal de galhos deformados e pegou suas mãos, tocando-as com a ponta dos dedos.

A noite estava quieta, somente os grilos cantavam. Luce imaginou todos os outros alunos no refeitório, colocando purê de batata em suas bandejas, sugando leite morno por um canudo. Era como se, de repente, ela e Daniel estivessem num plano diferente do resto da escola. Tudo além das mãos entrelaçadas, seu cabelo brilhando com o sol poente, seus olhos calorosos... Tudo além disso parecia tão distante.

— Não sei por onde começar — falou Daniel, apertando com mais força enquanto massageava seus dedos, como se pudesse achar a resposta assim. — Tem tanta coisa para contar, e precisa ser da maneira certa.

Por mais que ela quisesse que as palavras de Daniel fossem uma simples confissão de amor, Luce sabia que não era bem isso. Ele tinha alguma coisa difícil a dizer, uma coisa que poderia explicar muita coisa sobre ele, mas que também podia ser difícil para Luce ouvir.

— Talvez uma daquelas coisas no estilo: “tenho boas e más notícias”? — ela sugeriu.

— Boa ideia. Qual você quer ouvir antes?

— A maioria das pessoas escolhe as boas primeiro.

— Talvez seja verdade — disse ele. — Mas você está longe de ser como a maioria das pessoas.

— OK, então escolho as más notícias.

Ele mordeu o lábio.

— Então promete que não vai embora antes de eu chegar às boas?

Luce não tinha planos de ir embora. Não agora, quando ele não estava mais a afastando dela. Não quando ele estava prestes a oferecer algumas respostas para a longa lista de perguntas que Luce estava organizando obsessivamente durante as últimas semanas.

Daniel colocou as mãos dela em seu peito e as segurou contra seu coração.

— Vou contar a verdade — disse. — Você não vai acreditar em mim, mas merece saber. Mesmo que isso talvez possa matá-la.

— Certo. — Um afiado nó de dor se apossou das entranhas de Luce, e ela podia sentir seus joelhos começando a tremer. Ficou feliz quando Daniel a fez sentar.

Ele andou de um lado para o outro, então respirou fundo:

— Na Bíblia...

Luce gemeu. Não conseguiu evitar; era uma reação incontrolável quando falavam de religião. Além disso, ela queria discutir sobre eles dois, não algum tipo de parábola moralista. A Bíblia não teria as respostas para qualquer uma das perguntas que Luce tinha sobre Daniel.

— Apenas ouça — disse, olhando sério para ela. — Na Bíblia, sabe como Deus fala tanto de como todos têm que amá-lo com toda a sua alma? Como deve ser incondicional e incomparável?

Luce deu de ombros:

— Acho que sim.

— Bem — Daniel parecia estar procurando as palavras certas. — Esse pedido não se aplica apenas às pessoas.

— O que quer dizer? Quem mais? Animais?

— Às vezes, sim — disse Daniel. — Como a serpente. Ela foi amaldiçoada depois de tentar Eva. Destinada a se arrastar pelo chão para sempre.

Luce tremeu, lembrando-se de Cam. A cobra. O piquenique. Aquele colar. Ela esfregou seu pescoço limpo e nu, feliz por ter se livrado daquilo.

Ele passou os dedos pelo cabelo dela, pelo seu rosto, até chegar às clavículas. Luce suspirou, num estado de graça.

— Estou tentando dizer... Acho que poderia dizer que sou amaldiçoado também, Luce. Sou amaldiçoado há muito, muito tempo. — Ele falava como se as palavras tivessem um gosto amargo. — Fiz uma escolha certa vez, uma escolha na qual acreditava... na qual ainda acredito, apesar de...

— Não entendo — interrompeu Luce, balançando a cabeça.

— É evidente que não — disse ele, sentando ao lado dela. — E não tenho o melhor histórico do mundo quando se trata de explicar as coisas a você. — Ele coçou a cabeça e abaixou a voz, como se estivesse falando sozinho. — Mas só posso tentar. Aí vai.

— Entendi — disse ela. Ele a estava confundindo, e mal contara alguma coisa. Mas Luce tentou parecer menos perdida do que estava se sentindo.

— Eu me apaixono — explicou ele, pegando suas mãos e apertando-as com força. — De novo e de novo. E todas as vezes, tudo acaba de maneira catastrófica.

— De novo e de novo. — As palavras a deixaram enjoada. Luce fechou os olhos e afastou suas mãos. Ele já contara aquilo a ela. Naquele dia no lago. Tinha terminado. Tinha sido magoado. Por que falar nessas outras garotas agora? Tinha doído no dia e doía ainda mais agora, como uma dor aguda nas costelas. Ele apertou seus dedos.

— Olha pra mim — implorou ele. — Agora é que fica difícil.

Luce abriu os olhos.

— A pessoa por quem me apaixono todas as vezes é você.

Ela estava prendendo a respiração, e pretendia soltar, mas saiu uma risada rude e acelerada.

— Certo, Daniel — disse Luce, começando a se levantar. — Uau, você realmente é amaldiçoado. Isso parece ser horrível.

— Escuta. — Ele a sentou de volta com uma força que fez seu ombro latejar. Seus olhos tiveram um lampejo violeta e ela podia perceber que estava ficando zangado. Bem, ela também estava.

Daniel olhou para cima, para os pessegueiros, como se pedindo ajuda.

— Estou implorando, me deixe explicar. — Sua voz tremia. — O problema não é amar você.

Ela respirou fundo.

— Qual é, então? — ela se forçou a ouvir, a ser forte e não se sentir magoada. Daniel já parecia arrasado pelos dois.

— Eu vivo para sempre — completou Daniel.

As árvores farfalhavam em volta deles, e Luce notou um sutil fio de sombra do canto dos olhos. Não a escuridão doentia que consumiu tudo do bar na noite passada, mas um aviso. A sombra estava mantendo distância, observando friamente do canto, mas estava lá, esperando. Por ela. Luce sentiu um arrepio profundo, até os ossos. Ela não podia se livrar da sensação de que algo colossal, sombrio como a noite, algo ***final***, estava a caminho.

— Desculpe — disse, trazendo o olhar de volta para Daniel. — Você podia, hum, repetir?

— Eu vivo para sempre — repetiu ele. Luce ainda estava perdida, mas ele continuava falando, as palavras jorrando de sua boca. — Eu vivo, e vejo bebês nascendo, crescendo e se apaixonando. Eu os vejo tendo seus próprios bebês e ficando velhos. Eu os vejo morrer. Estou

condenado, Luce, a ver tudo de novo e de novo. Todos, menos você. — Seus olhos estavam embaçados. Sua voz caiu num sussurro. — Você não se apaixona...

— Mas... — ela sussurrou de volta. — Eu... me apaixonei.

— Você não tem a chance de ter bebês e envelhecer, Luce.

— Por que não?

— Você vem a cada dezessete anos.

— Por favor...

— Nós nos conhecemos. Nós ***sempre*** nos conhecemos, de uma maneira ou de outra, sempre nos aproximamos, não importa para onde eu vá, não importa o quanto tente me distanciar de você. Nunca importa. Você sempre me encontra.

Ele olhava para baixo agora, para seus punhos cerrados, parecendo querer socar alguma coisa, incapaz de erguer os olhos.

— E, todas as vezes que nos encontramos, você se apaixona por mim...

— ***Daniel***...

— Eu posso resistir a você ou fugir de você ou tentar ao máximo não corresponder, mas não faz diferença. Você se apaixona por mim, e eu por você.

— Isso é tão horrível?

— E isso acaba matando você.

— Pare! — gritou ela. — O que está tentando fazer? Me assustar para eu ir embora?

— Não. — Ele riu. — Não adiantaria, de qualquer maneira.

— Se não quer estar comigo... — ela disse, esperando que fosse tudo uma grande brincadeira, um discurso de fim de namoro pior do que todos os discursos de fim de namoro, e não a verdade. Não podia ser verdade... — Provavelmente existe uma história menos absurda para se contar.

— Sei que não pode acreditar em mim. É por isso que eu não podia contar até agora, quando ***preciso*** contar. Porque eu achava que entendia as regras e... agora nos beijamos, e agora não entendo mais nada.

As palavras dele da noite anterior voltaram até ela: ***Eu não sei como impedir. Não sei o que fazer***.

— Porque você me beijou.

Ele assentiu.

— Você me beijou e, quando paramos, ficou surpreso.

Daniel assentiu de novo, tendo a educação de parecer um pouco envergonhado.

— Você me beijou — continuou Luce, procurando uma maneira de compreender as coisas —, e achou que eu não ia ***sobreviver*** a isso?

— Baseado em experiências anteriores — disse ele, rouco, —, sim.

— Isso é um absurdo — disse Luce.

— Não é sobre o beijo dessa vez, é sobre o que significa. Em algumas vidas, podemos nos beijar, mas na maioria não. — Ele acariciou sua bochecha, e ela não acreditou em como era bom. — Tenho que admitir, eu prefiro as vidas em que podemos. — Ele abaixou os olhos. — Apesar de isso tornar sua perda ainda mais dolorosa.

Luce queria ficar com raiva dele. Por inventar uma história tão bizarra quando deviam estar se abraçando. Mas havia alguma coisa ali, como uma vozinha em sua cabeça, dizendo-lhe para não fugir de Daniel agora, e sim para ficar e ouvir o máximo que conseguisse.

— Quando você me ***perde*** — disse, sentindo pronunciar cada letra. — Como isso acontece? Por quê?

— Depende de você, de quanto consegue ver de nosso passado, de quanto chegou a me conhecer, de quem sou. — Ele levantou as mãos e deu de ombros. — Sei que isso soa incrivelmente...

— Louco?

Daniel sorriu.

— Eu ia dizer vago. Mas estou tentando não esconder nada de você. É só um assunto muito, muito delicado. Às vezes, no passado, só de falar assim você...

Ela observou as palavras se formando nos lábios dele, mas Daniel não conseguiu dizer nada.

— Morri?

— Eu ia dizer: partiu meu coração.

Ele estava obviamente sofrendo, e Luce queria reconfortá-lo. Ela podia se sentir atraída, alguma coisa em seu peito a puxava para a frente. Mas não conseguia. Foi quando ela teve certeza de que Daniel sabia da luz violeta brilhante. Que ele tinha relação com ela.

— O que você é? — ela perguntou. — Algum tipo de...

— Eu perambulo pela Terra sabendo, no fundo, que você está a caminho. Eu costumava procurar por você. Mas então, quando comecei a me esconder de você... Você começou a me procurar. Não demorou muito para eu perceber que você vinha a cada dezessete anos.

O décimo sétimo aniversário de Luce fora no final de agosto, duas semanas antes de ela entrar na Sword & Cross. Tinha sido uma comemoração triste — apenas Luce, seus pais e um bolo de padaria. Não acenderam velas, só por precaução. E a sua família? Eles também voltavam a cada dezessete anos?

— Nunca é o suficiente para mim já ter superado a última vez — disse Daniel. — É apenas tempo o bastante para eu já ter baixado a guarda mais uma vez.

— Então você sabia que eu viria? — ela perguntou em dúvida. Ele parecia sério, mas Luce ainda não conseguia acreditar nele. Não queria.

Daniel balançou a cabeça.

— Não no dia que você apareceu. Não é assim. Não se lembra da minha reação quando vi você? — Ele olhou para o alto, como lembrando a si mesmo. — Pelos primeiros segundos, todas as vezes, fico sempre tão exultante. Eu me obrigo a esquecer. Então eu lembro.

— Sim — disse Luce suavemente. — Você sorriu, e então... foi ***por isso*** que mostrou o dedo para mim?

Ele franziu o cenho.

— Mas se isso acontece a cada dezessete anos como você diz — ela falou —, ainda assim ***sabia*** que eu estava vindo. De alguma maneira, sabia.

— É complicado, Luce.

— Eu vi você aquele dia, antes de você me ver. Estava rindo com Roland do lado de fora do Augustine. Estava rindo tanto que senti inveja. Se sabe disso tudo, Daniel, e se é tão esperto que consegue prever quando vou chegar, e quando vou morrer, e como tudo isso vai ser difícil para ***você***, como podia estar rindo daquele jeito? Não acredito em você — disse ela, sentindo sua voz tremer. — Não acredito em nada disso.

Daniel pressionou o polegar gentilmente no olho dela para secar uma lágrima.

— É uma pergunta tão bonita, Luce. Eu adoro você por perguntar isso, e queria poder explicar melhor. Tudo que posso dizer é isso: a única maneira de sobreviver à eternidade é poder apreciar cada momento. É só isso que eu estava fazendo.

— Eternidade — repetiu Luce. — Mais uma coisa que não entendo.

— Não importa. Não posso mais rir daquela maneira. Assim que você aparece, tudo muda.

— Isso não está fazendo sentido algum — brigou Luce, querendo ir embora antes das coisas piorarem. Mas a história de Daniel era tão mais que sem sentido. O tempo todo em que ela estivera na Sword &

Cross, meio que acreditava que era mesmo louca. Sua loucura em comparação com a de Daniel não era nada.

— Não existe um manual para explicar essa... ***coisa*** para a garota que você ama. — Ele implorou, penteando os cabelos dela com os dedos. — Estou fazendo o melhor que posso. Quero que acredite em mim, Luce. O que preciso fazer?

— Conte uma história diferente — disse ela, amarga. — Invente uma desculpa mais coerente.

— Você mesma disse que sentia como se me conhecesse. Tentei negar pelo maior tempo possível, porque sabia que isso ia acontecer.

— Eu sentia que conhecia você de algum lugar, é óbvio — disse ela. Agora sua voz estava cheia de medo. — Como do shopping ou de uma colônia de férias ou algo do tipo. Não de alguma ***vida passada***. — Ela balançou a cabeça. — Não... Não posso.

Ela cobriu os ouvidos. Daniel os descobriu.

— E ainda assim sabe, no fundo do coração, que é verdade. — Ele tocou os joelhos dela e olhou-a profundamente nos olhos. — Sabia quando a segui até o alto do Corcovado, no Rio, quando queria ver a estátua de perto. Sabia quando a carreguei por três quilômetros suados até o rio Jordão depois que passou mal perto de Jerusalém. Eu disse para não comer tantas tâmaras. Sabia quando foi minha enfermeira naquele hospital italiano durante a Primeira Guerra Mundial, e antes disso quando me escondi no seu porão durante a expurgação do czar em São Petersburgo. Quando escalei a torre de seu castelo na Escócia durante a Reforma, e dancei sem parar com você no baile de coroação do rei em Versalhes. Você era a única mulher vestida de preto. Naquela colônia dos artistas em Quintana Roo, e a marcha de protesto na Cidade do Cabo onde nós dois passamos a noite na penitenciária. A abertura do Globe Theatre em Londres. Tínhamos os melhores assentos na casa. E quando meu navio naufragou no Taiti, você estava

lá, como estava quando eu era um preso em Melbourne, e ladrão de carteiras em Nimes no século XVIII, e um monge no Tibete. Você aparece em todos os lugares, sempre, e mais cedo ou mais tarde você sente todas essas coisas que acabei de contar. Mas você não se permite aceitar o que acha que pode ser a verdade.

Daniel parou para recuperar o fôlego e olhou através dela, sem foco. Então se aproximou, pressionando o joelho de Luce e provocando aquele fogo por dentro dela novamente.

Luce fechou os olhos, e quando os reabriu, Daniel estava segurando a mais perfeita peônia branca. Ela praticamente brilhava. Luce se virou para olhar de onde ele a tinha apanhado, como ela não as tinha notado antes. Havia apenas ervas daninhas e frutas caídas podres. Eles seguraram a flor juntos.

— Você sabia quando colheu peônias brancas todos os dias durante um mês aquele verão em Helston. Lembra-se daquilo? — Ele a encarou, como se estivesse tentando enxergar dentro dela. — Não — suspirou ele depois de um momento. — É óbvio que não. Gostaria de ser assim também.

Mas, enquanto ele falava aquilo, a pele de Luce começou a ficar quente, como se estivesse respondendo às palavras que seu cérebro não sabia processar. Parte dela não tinha mais certeza de nada.

— Eu faço todas essas coisas — disse Daniel, inclinando-se para ela de modo que suas testas se tocaram —, porque você é meu amor, Lucinda. Para mim, só existe você.

O lábio inferior de Luce estava tremendo. Suas mãos ficaram moles dentro das dele. As pétalas da flor deslizaram por seus dedos até o chão.

— Então por que você parece tão triste?

Era coisa demais até mesmo para tentar começar a entender. Ela se afastou de Daniel e se levantou, limpando as folhas e a grama de seu

jeans. Sua cabeça estava girando. Ela tinha vivido... ***antes***?

— Luce.

Ela o fez parar.

— Acho que preciso ir para algum lugar, sozinha, me deitar. — Ela se apoiou no pessegueiro. Sentia-se fraca.

— Você não está bem — disse Daniel, se levantando e pegando sua mão.

— Não.

— Sinto muito. — Daniel suspirou. — Não sei o que eu esperava que acontecesse, quando contasse. Eu não devia...

Ela nunca imaginaria que chegaria um momento em que precisaria de um tempo longe de Daniel, mas ela precisava ficar sozinha. Pelo jeito com que ele estava olhando para ela, Luce percebia que ele queria que dissesse que o procuraria depois, que iriam conversar mais sobre tudo, mas ela não sabia se isso era uma boa ideia. Quanto mais Daniel falava, mais ela sentia alguma coisa acordando dentro de si — uma coisa para a qual ela não tinha certeza se estava pronta. Ela não duvidava mais da própria sanidade — e não achava que Daniel o fizesse, tampouco. Para qualquer outra pessoa, essa explicação teria feito cada vez menos sentido conforme ele continuava. Para Luce... ela não tinha certeza ainda, mas, e se as palavras de Daniel fossem ***respostas*** que podiam dar sentido a toda sua vida? Ela não sabia. Sentiu mais medo do que jamais sentira antes.

Luce sacudiu suas mãos para se livrar da tensão e começou a andar até seu quarto. A alguns passos de distância, ela parou e lentamente olhou para trás.

Daniel não havia se mexido.

— O que foi? — ele perguntou, levantando o queixo.

Ela ficou onde estava, longe dele.

— Eu prometi que ia ficar até ouvir as boas notícias.

O rosto de Daniel relaxou e ele até se permitiu um pequeno sorriso. Mas havia alguma coisa aborrecida em sua expressão.

— A boa notícia é que — ele parou, cuidadosamente escolhendo as palavras —, eu beijei, e você continua aqui.

DEZESSETE



UM LIVRO ABERTO

Luce desabou na cama, sacudindo as molas enferrujadas. Depois de ter fugido do cemitério — e de Daniel —, ela praticamente voara até seu quarto. Ela não tinha nem se dado ao trabalho de acender a luz, então acabou tropeçando sobre a cadeira da escrivaninha e bateu com força o dedão do pé. Ela se enroscara numa bola e apertou o pé que latejava. Pelo menos a dor era uma coisa real com a qual podia lidar, alguma coisa sensata e desse mundo. Estava tão grata por finalmente estar sozinha.

Alguém bateu à porta.

Não era possível ter ***uma*** folga?

Luce ignorou a batida. Não queria ver ninguém, e quem quer que fosse ia se tocar. Bateram de novo. Uma respiração profunda e um barulho de pigarro úmido e alérgico.

Penn.

Ela não podia ver Penn agora. Ou ***pareceria*** ter perdido o juízo se tentasse explicar tudo que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas, ou ***perderia*** o juízo se tentasse fingir que estava tudo normal e guardasse aquilo para si.

Finalmente, Luce ouviu os passos de Penn se afastando pelo corredor. Ela deu um suspiro de alívio, que logo virou um longo e solitário soluço.

Luce queria culpar Daniel por despertar essa sensação de descontrole dentro dela, e por um segundo tentou imaginar sua vida sem ele. Mas isso era impossível. Era como tentar se lembrar da primeira impressão de uma casa depois de ter vivido nela durante anos. Ele a tinha afetado a esse ponto. E agora ela precisava descobrir uma maneira de prosseguir em meio a todas as coisas estranhas que ele lhe contara naquela noite.

Mas lá no fundo ela ficava voltando para o que Daniel dissera sobre as vezes em que ficaram juntos no passado. Talvez Luce não pudesse se lembrar exatamente dos momentos que ele descreveu ou dos lugares que mencionou, mas de um jeito estranho as palavras dele não eram nem um pouco chocantes. De alguma maneira, era familiar.

Por exemplo, ela inexplicavelmente sempre odiara tâmaras. Até de olhar para elas já se sentia enjoada. Ela começara a falar que era alérgica para que sua mãe parasse de tentar colocar pedaços escondidos nas coisas que assava. E tinha implorado para que seus pais a levassem para o Brasil durante praticamente a vida toda, apesar de nunca conseguir explicar por que exatamente queria ir. As peônias brancas. Daniel lhe dera um buquê depois do incêndio na biblioteca. Sempre havia tido alguma coisa incomum nelas, e ao mesmo tempo tão familiar.

O céu do lado de fora da janela era de um tom de carvão profundo, com apenas algumas poucas lufadas de nuvens brancas. Seu quarto estava escuro, mas as peônias no parapeito permaneciam frescas e se destacavam na escuridão. Elas estavam em seu vaso há uma semana, e nem uma única pétala tinha secado.

Luce se sentou e inspirou seu cheiro doce.

Ela não podia culpá-lo. Aquilo parecia um absurdo, mas Daniel estava certo — havia sido Luce quem tinha ido atrás dele inúmeras vezes, sugerindo que havia algum tipo de história entre os dois. E não era só isso. Era ela também quem via as sombras, quem estava sempre envolvida nas mortes de gente inocente. Ela tentara não pensar em Trevor e Todd quando Daniel começou a falar com ela sobre as suas próprias ***mortes*** — como ele tinha a visto morrendo tantas vezes. Se existia uma maneira de aceitar essa ideia, Luce perguntaria então se Daniel alguma vez se sentira responsável. Por perdê-la. Se ele enfrentava uma culpa secreta, terrível e destruidora como a que ela enfrentava todos os dias.

Luce afundou na cadeira da escrivaninha, que de alguma maneira tinha ido parar no meio do quarto. Ai. Quando estendeu o braço para o assento, procurando o objeto no qual tinha sentado, achou um livro grosso.

Luce foi até o interruptor e acendeu a luz, então apertou os olhos sob a agressiva luz fluorescente. Ela nunca vira o livro em suas mãos. Estava forrado com um pano cinza pálido, com cantos desgastados e cola marrom acumulada na ponta da lombada.

Os Guardiões: mito na Europa medieval.

O livro do antepassado de Daniel.

Era pesado e cheirava a fumaça levemente. Ela tirou o bilhete que estava enfiado entre a capa e a primeira página.

⁂

Sim, encontrei uma chave extra e entrei no seu quarto ilegalmente. Desculpe. Mas isso é URGENTE!!! E não consegui achar você em lugar nenhum. Por onde andou? Você precisa ver

isso, e depois precisamos ter uma reunião. Vou voltar daqui a uma hora. Tenha cuidado.
Bjs,
Penn

Luce colocou o bilhete ao lado das flores e levou o livro de volta para a cama. Ela se sentou na beirada com as pernas balançando. Só de segurar o livro, sentia um zumbido estranho e quente por baixo da pele. O livro parecia quase vivo em suas mãos.

Ela o abriu, esperando ter que decodificar algum índice acadêmico chato ou procurar num glossário no final antes de achar qualquer coisa remotamente relacionada a Daniel.

Mas nem passou da folha de rosto.

Colada dentro da capa interna do livro estava uma fotografia em sépia. Era uma foto muito velha, em papel amarelado, tipo um cartão de visita antigo. Alguém rabiscara a caneta embaixo: ***Helston, 1854***.

Um calor se espalhou por sua pele. Ela arrancou o suéter preto por cima da cabeça, mas ainda se sentia quente só de camiseta.

A voz de Daniel soava oca em suas lembranças. ***Eu vivo para sempre***, ele dissera. ***Você vem a cada dezessete anos. Você se apaixona por mim, e eu por você. E isso acaba matando você***.

Sua cabeça latejava.

Você é meu amor, Lucinda. Para mim, só existe você.

Ela passou o dedo na moldura da foto colada dentro do livro. O pai de Luce, um aspirante a guru da fotografia, teria se maravilhado com a preservação da imagem, e com seu valor por conta disso.

Luce, por outro lado, estava impressionada com as pessoas que apareciam na imagem. Porque, a não ser que todas as palavras de

Daniel fossem verdadeiras, aquilo não fazia sentido nenhum.

Um jovem elegante, com cabelos curtos e claros e olhos mais claros ainda, posava num casaco preto justo. O queixo erguido e as maçãs do rosto bem-definidas faziam seu belo traje parecer ainda mais distinto, mas foram os lábios que assustaram Luce. A curva de seu sorriso, combinada à expressão naqueles olhos... era a mesma expressão que Luce vira em todos os seus sonhos nas últimas semanas. E, nos dois últimos dias, pessoalmente.

Aquele homem era idêntico a Daniel. O mesmo Daniel que acabara de dizer que a amava — e que Luce tinha reencarnado dezenas de vezes. O mesmo Daniel que tinha dito tantas outras coisas que Luce não queria ouvir, coisas que a fizeram fugir. O mesmo Daniel que ela abandonara sob os pessegueiros no cemitério.

Podia ser apenas uma semelhança notável. Algum parente distante, o autor do livro talvez, que preservara cada um de seus genes em sua árvore genealógica até chegar a Daniel.

O jovem na foto, porém, estava ao lado de uma moça, que também parecia muito familiar.

Luce segurou o livro a centímetros do rosto e debruçou-se sobre a imagem da garota. Ela usava um vestido de baile de seda preta com babados que apertava sua cintura antes de se espalhar em largas camadas escuras. Luvas de renda preta envolviam suas mãos, deixando os dedos brancos à mostra. Os dentes certinhos apareciam entre seus lábios, abertos num sorriso relaxado. Sua pele era branca, um pouco mais clara que a do rapaz. Olhos profundos cercados por cílios espessos. Uma cascata de cabelos pretos que caíam em ondas largas até a cintura.

Demorou um pouco para Luce recuperar o fôlego e, ainda assim, não conseguia tirar os olhos cansados do livro. A mulher na fotografia...

Era ela.

Ou Luce estava certa, e sua lembrança de Daniel vinha de alguma viagem esquecida até um shopping de Savannah, onde tinham posado fantasiados para aquelas fotos bregas na Ye Old Photo Booth... ou Daniel dissera a verdade.

Luce e Daniel se conheceram antes.

Numa época completamente diferente.

Ela não conseguia respirar. Sua vida inteira balançava em sua mente, como um mar revolto, tudo se transformando em perguntas — as incômodas sombras escuras que a assombravam, a terrível morte de Trevor, os sonhos...

Precisava encontrar Penn. Se alguém podia achar uma explicação para aquela coincidência impossível, seria ela. Com o inescrutável livro velho enfiado debaixo do braço, Luce deixou o quarto e correu de volta até a biblioteca.

A biblioteca estava quente e vazia, mas alguma coisa sobre os tetos altos e as intermináveis fileiras de livros deixava Luce nervosa. Passou rapidamente pela nova mesa da recepção, que ainda parecia estéril e nua. Passou pelo formidável e nunca consultado catálogo de cartões e pela interminável área de referências até chegar às compridas mesas na seção de estudo em grupo.

Em vez de Penn, Luce encontrou Ariane, jogando uma partida de xadrez com Roland. Ela estava com os pés na mesa e usava um chapéu listrado. Seu cabelo estava enfiado embaixo do chapéu, e Luce notou novamente, pela primeira vez desde a manhã em que cortara o cabelo da amiga, a brilhante e marmorizada cicatriz em seu pescoço.

Ariane estava concentrada no jogo. Um charuto de chocolate balançava-se em seus lábios enquanto ela considerava sua próxima jogada. Roland tinha enrolado seus dreads em dois grandes nós atrás

da cabeça e observava Ariane como um falcão, batendo em um de seus peões com o dedo mindinho.

— Xeque-mate, babaca — disse Ariane, triunfante, derrubando o rei de Roland justo quando Luce parou na frente da mesa deles. — Lulululucinda — cantarolou olhando para cima. — Anda se escondendo de mim.

— Não.

— Andei ouvindo ***coisas*** sobre você — disse Ariane, fazendo Roland inclinar a cabeça com atenção. — Pode sentar e começar a falar. Agora mesmo.

Luce segurou o livro contra o peito; não queria se sentar, queria procurar Penn pela biblioteca. Não podia ficar de conversa fiada com Ariane — especialmente não na frente de Roland, que estava tirando suas coisas de cima do banco ao lado.

— Junte-se a nós — disse Roland.

Relutante, Luce se sentou na beira da cadeira. Ficaria apenas por alguns minutos. Era verdade que não via Ariane há alguns dias e, em circunstâncias normais, teria realmente sentido falta das maluquices da garota.

Mas as circunstâncias estavam longe de serem normais, e Luce não conseguia pensar em nada além daquela fotografia.

— Como acabei de arrasar com Roland, vamos tentar um novo jogo. Que tal o "quem viu uma foto comprometedora de Luce outro dia?" — disse Ariane, cruzando os braços sobre a mesa.

— O quê? — Luce deu um pulo para trás. Ela apertou o livro com firmeza, tendo certeza de que sua expressão tensa estava entregando tudo. Nunca devia tê-lo levado para lá.

— Vou dar três chances para adivinhar — disse Ariane, revirando os olhos. — Molly tirou uma foto de você entrando num carrão preto depois da aula ontem.

— Ah. — Luce suspirou.

— Ela ia entregar você para Randy — continuou Ariane. — Até eu perguntar a ela pra quê. Huuuum. — Ela estalou os dedos. — Agora, mostre sua gratidão e me conta: estão liberando você para ir a um psiquiatra fora do campus? — Ela abaixou a voz e bateu as unhas na mesa. — Ou você arranjou um amante?

Luce olhou para Roland, que estava encarando-a fixamente.

— Nenhum dos dois — respondeu. — Eu só saí por um tempinho para conversar com Cam. Não foi exatamente...

— A-há! Pode pagar, Ari! — Roland disse, sorrindo. — Está me devendo dez pratas.

O queixo de Luce caiu.

Ariane afagou sua mão.

— Não é nada demais, a gente só fez uma pequena aposta para manter as coisas interessantes. Achei que você tinha saído com Daniel. Roland aqui escolheu Cam. Está me fazendo falir, Luce. Não gostei.

— Eu ***estava*** com Daniel — disse Luce, sem saber realmente por que precisava corrigi-los. Não tinham nada melhor para fazer do que sentar e ficar imaginando o que Luce fazia no seu tempo livre?

— Uh — disse Roland, parecendo desapontado. — Complicou.

— Roland. — Luce se virou para ele. — Preciso perguntar uma coisa.

— É só falar. — Ele puxou um bloco de anotações e uma caneta de seu blazer de risca de giz preto e branco. Segurou a caneta com pompa sobre o papel, como um garçom esperando o pedido. — O que você quer? Café? Bebida? Só consigo as coisas boas nas sextas. Revistas pornôs?

— Charutos? — Ariane, balbuciou com o de chocolate ainda pendurado nos lábios.

— Não. — Luce balançou a cabeça. — Nada disso.

— Certo, pedido especial. Deixei o catálogo no quarto... —Roland deu de ombros. — Pode passar lá depois...

— Não quero que você me arranje nada. Só preciso saber. — Ela engoliu em seco. — Você é amigo de Daniel, certo?

Roland deu de ombros.

— Ele é OK.

— Mas você confia nele? — ela perguntou. — Quero dizer, se ele contasse alguma coisa muito absurda, qual seria a probabilidade de você acreditar nele?

Roland apertou os olhos, parecendo momentaneamente sem palavras, mas Ariane logo pulou na mesa e passou as pernas para o lado de Luce.

— Do que exatamente estamos falando aqui?

Luce se levantou.

— Deixa pra lá. — Ela nunca devia ter tocado no assunto. Todos os detalhes confusos voltaram até ela. Luce pegou o livro sobre a mesa. — Tenho que ir — disse. — Desculpe.

Empurrou a cadeira de volta e saiu. Suas pernas pareciam pesadas e lentas, a cabeça sobrecarregada. Uma rajada de vento fez o cabelo voar atrás de seu pescoço e seus olhos analisaram a sala em busca de sombras. Nada. Só uma janela aberta no alto, perto das vigas da biblioteca. Apenas um pequeno ninho de pássaro acomodado no pequeno e estreito canto da janela. Examinando a biblioteca de novo, Luce achou difícil acreditar em seus olhos. Realmente não havia sinal delas, nada de tentáculos pretos ou daquela coisa cinzenta arrepiante rodopiando acima de sua cabeça, mas Luce podia sentir aquela proximidade singular, e quase conseguia sentir o cheiro salgado de enxofre no ar. Onde estavam, se não estavam atrás dela? Luce sempre pensara nas sombras como só dela. Nunca tinha considerado que

pudessem ir a outros lugares, fazer outras coisas — atormentar outras pessoas. Daniel as via também?

Virando a esquina até os computadores nos fundos da biblioteca, onde achou que poderia encontrar Penn, Luce deu de cara com a Srta. Sophia. As duas deram uma trombada, e a Srta. Sophia se segurou em Luce para se equilibrar. Ela estava usando jeans modernos e uma blusa branca comprida, com um cardigã vermelho bordado amarrado em volta dos ombros. Seus óculos verdes metálicos estavam pendurados em uma corrente de miçangas multicolorida em volta do pescoço. Luce ficou surpresa com a firmeza de seu toque.

— Sinto muito — murmurou Luce.

— Ora, Lucinda, qual é o problema? — A Srta. Sophia apertou uma das palmas contra a testa de Luce. O cheiro de talco de bebê de suas mãos inundou o nariz de Luce. — Não parece nada bem.

Luce engoliu, implorando a si mesma para não explodir em lágrimas só porque a gentil bibliotecária estava tendo pena dela.

— Eu não ***estou*** bem.

— Sabia — disse a Srta. Sophia. — Não foi à aula hoje e não estava na Social de ontem à noite. Precisa de um médico? Se meu kit de primeiros socorros não tivesse queimado no incêndio, eu verificaria sua temperatura aqui mesmo.

— Não, quero dizer, eu não sei. — Luce estendeu o livro em sua frente e pensou em contar tudo a Srta. Sophia desde o começo... que foi quando mesmo?

Mas ela não precisou. A Srta. Sophia deu uma olhada no livro, suspirou, e deu a Luce um olhar compreensivo.

— Finalmente descobriu tudo, não foi? Venha, vamos conversar.

Até a bibliotecária sabia mais do que Luce sobre sua própria vida... vidas? Ela não entendia o que nada daquilo significava, ou até mesmo como era possível.

Seguiu a Srta. Sophia até uma mesa de canto no fundo da seção de estudos. Ainda podia ver Ariane e Roland pelo canto do olho, mas pareciam estar muito longe para ouvir alguma coisa.

— Como encontrou isso? — A Srta. Sophia acariciou a mão de Luce e colocou os óculos. Seus pequenos olhos como pérolas negras cintilavam por trás das lentes bifocais. — Não se preocupe. Não está encrencada, querida.

— Não sei. Penn e eu estávamos procurando por ele. Foi uma bobeira. Achávamos que o autor talvez fosse parente de Daniel, mas não tínhamos certeza. Sempre que íamos procurar o livro, parecia ter acabado de ser retirado por alguém. Então, quando cheguei ao meu quarto hoje à noite, Penn tinha deixado isso lá...

— Então Pennyweather também sabe sobre o que ele contém?

— Não tenho certeza — disse Luce, balançando a cabeça. Podia se sentir divagando, mas mesmo assim não conseguia calar a boca. A Srta. Sophia era como a avó tranquila e simples que Luce nunca teve. Para sua verdadeira avó, ir até o mercado era o equivalente a sair para fazer compras. Além disso, era tão bom poder simplesmente conversar com alguém. — Ainda não consegui encontrá-la. Eu estava com Daniel, e ele geralmente é tão estranho, mas noite passada nos beijamos, e ficamos juntos até...

— Desculpe a interrupção, meu bem — disse a Srta. Sophia, um pouco alto demais —, você acabou de dizer que Daniel Grigori beijou você?

Luce cobriu a boca com ambas as mãos. Ela não acreditava que tinha acabado de contar isso à Srta. Sophia. Devia estar mesmo perdendo a sanidade.

— Desculpe, isso é completamente irrelevante, e embaraçoso. Não sei por que falei isso. — Ela abanou o rosto, as bochechas pegando fogo.

Já era tarde demais. Do outro lado da seção de estudos, Ariane gritou para Luce:

— Valeu por ***me*** contar! — Sua expressão parecia surpresa.

Mas a Srta. Sophia chamou a atenção de Luce de volta quando tirou o livro das mãos de Luce.

— Um beijo entre você e Daniel não é irrelevante, querida, geralmente é impossível. — Apoiou o queixo nas mãos e olhou para o teto. — O que significa... bem, ***não poderia*** significar...

Os dedos da Srta. Sophia começaram a voar pelo livro, examinando cada página num ritmo magicamente rápido.

— O que quer dizer com "geralmente"? — Luce nunca tinha se sentido tão excluída de sua própria vida.

— Esqueça o beijo. — A Srta. Sophia abanou a mão para Luce, interrompendo-a. — Isso não é nem a metade. O beijo não significa nada a não ser que... — Ela murmurou algo e voltou a revirar as páginas.

O que a Srta. Sophia sabia? O beijo de Daniel significava tudo. Luce observou os dedos rápidos da bibliotecária hesitando a cada página até que alguma coisa chamou sua atenção.

— Volte — pediu Luce, colocando a mão sobre a da Srta. Sophia para pará-la.

A Srta. Sophia se inclinou lentamente enquanto Luce voltava as páginas finas e quase translúcidas. Ali. Ela pousou a mão no peito. Na margem havia uma série de desenhos rabiscados em tinta muito escura. Feitos rapidamente, mas com um traço fino e elegante, por alguém com certo talento. Luce tocou os desenhos, analisando-os. A curva do ombro de uma mulher vista de costas, seu cabelo preso num coque baixo. Os joelhos nus e macios cruzados um sobre o outro, levando a uma cintura sombreada. Um pulso longo e fino dava numa palma aberta, dentro da qual descansava uma grande peônia.

Os dedos de Luce começaram a tremer e um nó se formou em sua garganta. Ela não sabia por que isso, de todas as coisas que ela vira e ouvira hoje, era bonito o bastante — trágico o bastante — para finalmente fazê-la chorar. O ombro, os joelhos, o pulso... era tudo sobre ela. E sabia que tudo aquilo tinha sido desenhado pela mão de Daniel.

— Lucinda. — A Srta. Sophia parecia nervosa, lentamente afastando sua cadeira da mesa. — Está... está se sentindo bem?

— Ah, Daniel — sussurrou Luce, desesperada para estar perto dele de novo. Secou uma lágrima.

— Ele está amaldiçoado, Luce — disse a Srta. Sophia numa voz surpreendentemente fria. — Vocês dois estão.

Amaldiçoados. Daniel tinha falado sobre uma maldição. Tinha sido a palavra dele para tudo. Mas ele estava se referindo a si mesmo, não a ela.

— Amaldiçoados? — Luce repetiu. Só que ela não queria ouvir mais. Tudo que queria era achá-lo.

A Srta. Sophia estalou seus dedos na frente do rosto de Luce. Luce encontrou o olhar dela de forma lenta e lânguida, sorrindo como se estivesse dopada.

— Ainda não está acordada — murmurou a Srta. Sophia. Ela fechou o livro com estrondo, chamando a atenção de Luce, e pôs as mãos no tampo da mesa. — Ele contou alguma coisa a você? Depois do beijo, talvez?

— Ele me contou... — Luce começou. — Parece absurdo.

— Coisas assim geralmente parecem.

— Ele disse que nós dois... somos algum tipo de amantes predestinados. — Luce fechou os olhos, relembrando sua longa lista de vidas passadas. A princípio a ideia parecia tão estranha, mas agora que estava se acostumando, achou que podia até ser a coisa mais romântica

que já acontecera na história do mundo. — Ele falou sobre todas as vezes em que nos apaixonamos, no Rio de Janeiro, em Jerusalém, no Taiti...

— Isso parece mesmo um absurdo — disse a Srta. Sophia. — Então, obviamente, você não acredita nele?

— Não acreditei no começo — disse Luce, lembrando-se da acalorada discussão entre os dois debaixo do pessegueiro. — Ele começou falando sobre Bíblia, o que me faz instintivamente não prestar muita atenção. — Ela mordeu a língua. — Sem ofensas. Quero dizer, acho sua aula muito interessante.

— Você não ofendeu. As pessoas geralmente se afastam de sua educação religiosa quando têm a sua idade. Você não é a primeira, Lucinda.

— Ah. — Luce estalou os dedos. — Mas eu não tive uma educação religiosa. Meus pais não acreditavam nisso, então...

— Todos acreditam em alguma coisa. Certamente você foi batizada?

— Não, a não ser que a piscina construída embaixo dos bancos da igreja dali conte — disse Luce timidamente, apontando o polegar até o ginásio da Sword & Cross.

Tudo bem, ela comemorava o Natal, já tinha ido à igreja um punhado de vezes e, mesmo quando sua vida deixava todos em volta infelizes, inclusive ela, ainda tinha fé de que havia alguém ou alguma coisa lá em cima em que valesse a pena acreditar. Aquilo sempre tinha sido suficiente.

Do outro lado da sala, Luce ouviu um barulho alto. Quando virou o rosto, viu que Roland tinha caído de sua cadeira. Da última vez em que olhara para ele, o garoto estava se inclinando para trás sobre duas das pernas da cadeira, e agora finalmente parecia que a gravidade havia levado a melhor.

Enquanto ele ficava de pé, Ariane foi ajudá-lo. Ela olhou para Luce e deu um aceno apressado.

— Ele está bem! — gritou alegremente. — Levanta! — sussurrou alto para Roland.

A Srta. Sophia estava sentada, muito imóvel, as mãos no colo embaixo da mesa. Ela limpou a garganta algumas vezes, voltou para a primeira página do livro e passou os dedos pela fotografia. Então disse:

— Sabe quem Daniel é?

Lentamente, sentando-se muito ereta em sua cadeira, Luce perguntou:

— Você sabe?

A bibliotecária se enrijeceu.

— Estudo essas coisas. Sou uma acadêmica. Não me distraio por assuntos triviais do coração.

Essas foram as palavras que a Srta. Sophia usou — mas a veia pulsante em seu pescoço, assim como o quase imperceptível brilho de suor pontilhando sua testa, disse à Luce que a resposta era ***sim***.

Acima delas, o gigantesco relógio antigo bateu onze horas. O ponteiro dos minutos tremia com o esforço de parar no lugar e o objeto badalou por tanto tempo que interrompeu a conversa. Luce nunca notara como aquele relógio era alto. Agora, cada badalada lhe doía. Ela estava longe de Daniel há tempo demais.

— Daniel achou... — Luce começou a dizer. — Ontem à noite, quando nos beijamos pela primeira vez, ele achou que eu morreria. — A Srta. Sophia não pareceu surpresa como Luce gostaria que tivesse parecido. Luce estalou as juntas dos dedos. — Mas isso tudo é um absurdo, não é? Não vou morrer.

A Srta. Sophia tirou seus óculos e esfregou os pequeninos olhos.

— Por enquanto.

— Ah, Deus — sussurrou Luce, sentindo a mesma onda de medo que a fez largar Daniel no cemitério. Mas por quê? Havia alguma coisa que ele ainda não contara a ela — alguma coisa que sabia ter o poder de acalmá-la ou então de assustá-la ainda mais. Algo que ela já sabia, mas não podia acreditar. Não até ver seu rosto de novo.

O livro ainda estava aberto na fotografia. De cabeça para baixo, o sorriso de Daniel parecia preocupado, como se ele soubesse — como sempre disse que soubera — o que estava por vir. Ela não podia imaginar pelo que ele estava passando naquele momento. Contara a estranha história que eles partilhavam — mas ela o havia abandonado completamente. Precisava encontrá-lo.

Luce fechou o livro e o enfiou de volta embaixo do cotovelo. Então se levantou e empurrou a cadeira para o lugar.

— Aonde está indo? — a Srta. Sophia perguntou, nervosa.

— Encontrar Daniel.

— Vou com você.

— Não. — Luce balançou a cabeça, imaginando como seria se aparecesse para jogar seus braços em volta de Daniel com a bibliotecária a tiracolo. — Não precisa vir. Mesmo.

A Srta. Sophia estava determinada quando se abaixou para dar mais um nó em seus práticos sapatos. Ela se levantou e pôs uma das mãos no ombro de Luce.

— Confie em mim — disse. — Preciso, sim. A Sword & Cross tem uma reputação a zelar. Não acha que simplesmente deixamos os alunos correrem livremente durante a noite, acha?

Luce resistiu à tentação de contar à Srta. Sophia sobre sua recente escapada para além dos portões da escola. Suspirou. Por que não levar junto a escola inteira para que todos pudessem aproveitar o drama? Molly podia tirar fotos, Cam podia arranjar mais uma briga. Por que

não começar por aqui mesmo, convidando Ariane e Roland — que, percebeu com um susto, já tinham desaparecido.

A Srta. Sophia, com o livro na mão, já tinha partido em direção à entrada principal. Luce precisou correr para alcançá-la, passando rapidamente pelos catálogos, pelo tapete persa chamuscado na mesa da recepção, e pelas vitrines cheias de relíquias da Guerra Civil nas coleções especiais da ala leste, onde tinha visto Daniel desenhando o cemitério em sua primeira noite ali.

Quando saíram, as duas enfrentaram a noite úmida. Uma nuvem passava na frente da lua e o campus estava escuro como breu. Então, como se uma bússola tivesse sido colocada em suas mãos, Luce se sentiu guiada até as sombras. Ela sabia exatamente onde estavam. Não na biblioteca, mas não muito longe, também.

Não podia vê-las ainda, mas podia senti-las, o que era muito pior. Um formigamento horrível e destruidor cobriu sua pele, passando para os ossos e sangue como ácido. Acumulando, coagulando, fazendo o cemitério — e tudo além dele — exalar um fedor de enxofre. Elas estavam cada vez maiores. Parecia que todo o ar no campus estava podre, empesteado pelo odor da decadência.

— Onde está Daniel? — a Srta. Sophia perguntou. Luce percebeu que, apesar de a bibliotecária saber bastante sobre o passado, parecia não perceber as sombras. Isso fez Luce se sentir apavorada e solitária, responsável pelo que estava prestes a acontecer.

— Não sei — respondeu, sentindo como se não estivesse conseguindo respirar direito no ar denso e úmido da noite. Ela não queria dizer as palavras que sabia que as aproximariam — até demais — de tudo que a estava apavorando. Ma ela precisava ir até Daniel. — Eu o deixei no cemitério.

Elas se apressaram através do campus, esquivando-se de poças de lama deixadas pelo temporal do outro dia. Apenas algumas luzes

estavam acesas nos dormitórios à sua direita. Por uma das janelas protegidas, Luce viu uma garota que mal conhecia debruçada sobre um livro. Estavam nas mesmas aulas matinais. Era uma garota durona com um piercing no nariz e o espirro mais baixo do mundo — mas Luce nunca ouvira sua voz. Não fazia ideia se ela era infeliz ou se gostava de sua vida. Luce se perguntou naquele momento: se pudesse trocar de lugar com aquela garota — que nunca teria que se preocupar com vidas passadas, ou sombras apocalípticas, ou as mortes de dois garotos inocentes em suas costas —, ela trocaria?

O rosto de Daniel — a maneira que estivera banhado na luz violeta quando a carregara para a cama de manhã — apareceu diante de seus olhos. O cabelo loiro brilhante. Os olhos gentis e inteligentes. Com um toque de seus lábios, Daniel a transportara para longe de qualquer escuridão. Por ele, ela sofreria tudo isso, e mais.

Se ela apenas soubesse o quanto mais disso havia.

Ela e a Srta. Sophia continuavam correndo, passando pelas arquibancadas rachadas, circulando o pátio, depois o campo de futebol. A Srta. Sophia realmente estava em forma. Luce teria achado que estavam devagar demais, se a mulher não estivesse alguns passos à sua frente.

Luce estava se arrastando. O medo de enfrentar as sombras era como um furacão sobre ela, desacelerando-a. E, ainda assim, ela se obrigou a continuar. Um enjoo opressivo dizia que ela mal sabia o que aquelas coisas sombrias podiam fazer.

Nos portões do cemitério, pararam. Luce estava tremendo, abraçando-se numa tentativa inútil de esconder o medo. Uma garota estava parada de costas para elas, olhando o cemitério lá embaixo.

— Penn! — Luce gritou, exultante por ver a amiga.

Mas, quando Penn se virou para elas, seu rosto estava pálido. Estava usando um blusão preto apesar do calor, e seus óculos estavam

embaçados com a umidade. Estava tremendo tanto quanto Luce.

Luce arfou:

— O que aconteceu?

— Eu ia procurar você — disse Penn —, e então vários outros alunos correram naquela direção. Eles desceram para lá. — Ela apontou para os portões. — Mas eu n-n-não consegui.

— O que houve? — Luce perguntou. — O que tem lá embaixo?

Mas, mesmo ao proferir essas palavras, ela sabia o que havia lá embaixo, algo que Penn nunca conseguiria ver. Uma sombra preta empoçada que estava atraindo Luce, apenas Luce.

Penn estava piscando rapidamente. Parecia apavorada.

— Sei lá — disse finalmente. — Primeiro achei que fossem fogos de artifício. Mas nada nunca subia até o céu. — Penn estremeceu. — Alguma coisa ruim vai acontecer. Não sei o quê.

Luce inspirou e tossiu com a quantidade de enxofre no ar.

— Como, Penn? Como você sabe?

O braço de Penn tremia quando ela apontou para a grande depressão no meio do cemitério.

— Está vendo aquilo? — disse. — Alguma coisa está queimando lá embaixo.

DEZOITO

A GUERRA ENTERRADA

Luce só olhou uma vez para a luz estremecedora na base do cemitério e começou a correr em direção a ela. Lançou-se em meio às lápides quebradas, deixando Penn e a Srta. Sophia para trás. Não ligava para os afiados e retorcidos galhos dos carvalhos que arranhavam seus braços e rosto enquanto corria, ou que moitas de ervas e raízes podres a fizessem tropeçar.

Ela precisava chegar lá embaixo.

O risco de lua minguante oferecia pouca luz, mas havia outra fonte de luminosidade — no fundo do cemitério. Seu destino. Parecia uma monstruosa tempestade de raios rodeada de nuvens, só que estava acontecendo em terra firme.

As sombras estavam advertindo-a, percebeu, há dias. Agora aquele show sombrio tinha se tornado uma coisa que até Penn conseguia ver. E os outros alunos que correram para lá provavelmente também viram. Luce não sabia o que poderia significar. Apenas que, se Daniel estava lá embaixo com aquelas chamas sinistras... era tudo culpa dela.

Seus pulmões ardiam, e ela foi impulsionada para a frente pela imagem dele debaixo dos pessegueiros. Ela não pararia até encontrá-lo

— porque viera para procurá-lo em primeiro lugar, para enfiar o livro debaixo de seu nariz e gritar que acreditava nele, que parte dela acreditara nele o tempo todo, mas que estava assustada demais para aceitar a incomensurável história dos dois. Diria que não deixaria o medo fazê-la ir embora, não dessa vez, nunca mais. Porque ela sabia de uma coisa, entendia uma coisa que havia demorado demais a compreender. Uma coisa selvagem e estranha que fazia suas experiências passadas juntos parecerem ao mesmo tempo mais e menos críveis. Ela sabia quem — não, ***o que*** era Daniel. Parte dela tinha entendido sozinha — que ela podia ter vivido e o amado antes. Só que ela não entendera o que significava, o que tudo queria dizer — a atração que sentia por ele, os sonhos — até agora.

Mas nada daquilo importava se ela não conseguisse descer a tempo de encontrar alguma maneira de afastar as sombras. Nada daquilo importava se elas chegassem até Daniel antes dela. Luce voou pelo terreno íngreme dos túmulos, mas a depressão no meio do cemitério ainda estava longe.

Atrás dela, passos pesados. Então uma voz estridente:

— Pennyweather! — Era a Srta. Sophia. Estava alcançando Luce, virando para trás para chamar Penn por cima do ombro. Luce podia ver a amiga cuidadosamente abrindo caminho em volta de uma lápide caída. — Está mais devagar do que uma tartaruga!

— Não! — berrou Luce. — Penn, Srta. Sophia, não venham para cá! — Não queria ser responsável por colocar ainda mais gente no caminho das sombras.

A Srta. Sophia parou perto de uma lápide branca derrubada e encarou fixamente o céu como se nem tivesse escutado Luce. Levantou os braços magros para o alto, como se para se proteger. Luce olhou furtivamente para o céu da noite e prendeu a respiração. Alguma coisa estava se movendo até elas, soprando junto com o vento arrepiante.

A princípio, achou que eram as sombras, mas aquilo era diferente e ainda mais assustador, como um véu entrecortado e irregular cheio de bolsões escuros, deixando apenas partes do grande céu à vista. Era uma sombra feita de um milhão de pequenos pedaços pretos. Uma tempestade de escuridão tumultuada e agitada, se estendendo para todas as direções.

— Gafanhotos? — Penn gritou.

Luce estremeceu. O grande enxame ainda estava a certa distância, mas um ruído intenso ficava mais alto a cada segundo. Como as batidas das asas de mil pássaros. Como uma hostil correnteza de escuridão varrendo a Terra. Estava vindo. E ia acabar com ela, talvez com todos, naquela noite.

— Isso não é bom! — a Srta. Sophia exclamou para o céu. — Deveria haver alguma ordem nas coisas!

Penn parou, sem fôlego, ao lado de Luce e as duas trocaram um olhar aturdido. Havia suor sobre o lábio de Penn, e seus óculos roxos ficavam escorregando com o calor úmido.

— Ela não está falando nada com nada — sussurrou Penn, apontando para a Srta. Sophia.

— Não. — Luce balançou a cabeça. — Ela sabe das coisas. E se a Srta. Sophia está com medo, você não deveria estar aqui, Penn.

— Eu? — Penn perguntou, surpresa, provavelmente porque desde o primeiro dia naquela escola era ela quem guiava Luce. — Não acho que ***nenhuma*** de nós duas devia estar aqui.

O peito de Luce se apertou com uma dor similar à que sentira quando se despediu de Callie. Ela afastou o olhar de Penn. Havia um precipício entre elas agora, uma profunda divisão separando-as, por causa do passado de Luce. Odiava admitir isso, e odiava chamar a atenção de Penn para isso também, mas sabia que seria melhor e mais seguro se as duas se separassem.

— Tenho que ficar — respondeu, respirando fundo. — Preciso encontrar Daniel. Você devia voltar aos dormitórios, Penn. Por favor.

— Mas você e eu — Penn disse rouca. — Éramos as únicas...

Antes de ouvir o resto da frase, Luce disparou até o meio do cemitério, em direção ao mausoléu onde vira Daniel meditando na noite do Dia dos Pais. Correu pelos últimos túmulos, então escorregou por um declive de folhas úmidas e apodrecidas até o solo finalmente se igualar. Ela parou na frente do carvalho gigante bem no meio da depressão do cemitério.

Com calor, frustrada e aterrorizada, tudo ao mesmo tempo, ela se apoiou contra o tronco da árvore.

Então, através dos galhos, ela o viu.

Daniel.

Luce soltou todo o ar de seus pulmões e sentiu os joelhos fraquejando. Um olhar para seu perfil sombrio e distante, tão lindo e majestoso, lhe dizia que tudo que Daniel tinha insinuado — até o maior dos fatos, que ela entendera sozinha —, tudo era verdade.

Ele estava no topo do mausoléu, de braços cruzados, olhando para onde a ondulante nuvem de gafanhotos acabara de passar acima de sua cabeça. A fraca luz do luar fazia a sombra de Daniel parecer cada vez mais escura, ultrapassando o teto amplo e plano da cripta. Luce correu até ele, desviando-se entre o musgo pendurado e as velhas estátuas tortas.

— Luce! — Ele a viu enquanto ela se aproximava da base do mausoléu. — O que está fazendo aqui? — Sua voz não mostrava nenhuma alegria em vê-la; estava mais para choque e horror.

É minha culpa, ela queria gritar enquanto se aproximava. ***E eu acredito, acredito na nossa história. Me perdoe por tê-lo abandonado, nunca vou fazer isso de novo.*** Havia mais uma coisa que queria dizer a ele, mas Daniel estava muito no alto, o horrível ruído das sombras era

demais e o ar estava muito denso para tentar fazê-lo ouvir de onde ela estava, lá embaixo.

O monumento era todo de mármore, mas havia uma grande lasca em uma das esculturas — um pavão — e Luce usou-a como degrau. A pedra geralmente fria estava quente ao toque. Suas mãos suadas escorregaram algumas vezes enquanto ela se esforçava para chegar ao topo. Para chegar a Daniel, que precisava perdoar-lhe.

Luce escalara apenas alguns centímetros da parede quando alguém cutucou seu ombro. Ela se virou e arfou quando viu que era Daniel e perdeu o equilíbrio. Ele a segurou, os braços em volta de sua cintura, antes de ela poder cair no chão. Mas Daniel estava um andar inteiro acima apenas um segundo antes.

Ela enterrou o rosto no ombro de Daniel. E por mais que a verdade continuasse sendo assustadora, estar em seus braços a fez se sentir como o mar chegando à costa, como um viajante após uma viagem longa, dura e distante — finalmente voltando para casa.

— Escolheu uma boa hora para voltar — disse ele. Sorriu, mas seu rosto estava tenso de preocupação. Os olhos estavam fixos atrás dela, no céu.

— Está vendo, também? — ela perguntou.

Daniel apenas olhou para Luce, sem conseguir responder. Seus lábios tremeram.

— É óbvio que consegue — sussurrou ela, porque todas as peças estavam se juntando. As sombras, a história dele, o passado dos dois. Um choro sufocante se acumulou dentro dela. — Como consegue me amar? — soluçou. — Como pode sequer me suportar?

Daniel pegou o rosto de Luce entre as mãos.

— Do que está falando? Como pode dizer uma coisa dessas?

O coração dela estava queimando de tão acelerado.

— Porque... — Ela engoliu em seco. — Você é um anjo.

Os braços dele ficaram moles.

— O que você disse?

— Você é um anjo, Daniel, eu sei — respondeu, sentindo como se comportas estivessem se abrindo dentro dela, mais e mais, até tudo simplesmente sair num frenesi. — Não tente negar. Tenho sonhos com você, sonhos que são reais demais para esquecer, sonhos que me fizeram amá-lo antes de você ter dito sequer uma coisa gentil para mim. — A expressão de Daniel não mudou. — Sonhos onde você tinha asas e me segurava alto num céu que eu não reconhecia, e ainda assim sei que estive nele, exatamente daquele jeito, em seus braços, mil vezes antes. — Ela encostou sua testa na dele. — Isso explica tanta coisa... Como você é gracioso quando se move, e o livro que seu antepassado escreveu. Por que ninguém veio visitar você no Dia dos Pais. O jeito como seu corpo parece flutuar quando está nadando. E por que, quando você me beija, sinto como se estivesse indo para o céu. — Ela parou para recuperar o fôlego. — E por que pode viver para sempre. A única coisa inexplicável é por que está comigo. Porque eu sou apenas... eu. — Ela levantou os olhos para o céu de novo, sentindo o peso escuro das sombras. — E sou culpada de tanta coisa.

A cor tinha sumido do rosto de Daniel. E Luce pôde chegar a apenas uma conclusão:

— Você também não entende o porquê — disse.

— Não entendo por que você ainda está aqui.

Ela assentiu infeliz e então começou a se virar.

— Não! — Ele a puxou de volta. — Não vá. É só que você nunca... nós nunca... chegamos tão longe. — Ele fechou os olhos. — Pode dizer de novo? — pediu ele, quase com timidez. — Pode me dizer... o que eu sou?

— Você é um anjo — repetiu ela lentamente, surpresa ao ver Daniel fechar os olhos e gemer de prazer, quase como se estivessem se

beijando. — Estou apaixonada por um anjo. — Agora era ela quem queria fechar os olhos e gemer. Ela inclinou a cabeça. — Mas em meus sonhos, suas asas...

Um vento quente e uivante soprou-os de lado, praticamente arrancando Luce dos braços de Daniel, que protegeu o corpo dela com o seu. A nuvem de gafanhotos-sombras tinha parado sobre a copa de uma árvore além do cemitério e estava chiando através dos galhos. Agora ela se erguia numa grande massa.

— Ah, Deus — Luce sussurrou. — Tenho que fazer alguma coisa. Tenho que impedir...

— Luce. — Daniel afagou seu rosto. — Olhe para mim. Você não fez nada de errado. E não há nada que possa fazer quanto — apontou — àquilo. — Balançou a cabeça. — Por que iria achar que é culpada de alguma coisa?

— Porque — respondeu ela — a minha vida toda, tenho visto essas sombras...

— Eu devia ter feito alguma coisa quando percebi isso, semana passada no lago. É a primeira encarnação em que você as vê... e isso me assustou.

— Como pode saber que não é culpa minha? — ela perguntou, pensando em Todd e Trevor. As sombras sempre chegavam até ela antes de alguma coisa horrível acontecer.

Ele beijou seu cabelo.

— As sombras que você vê são chamadas de Anunciadores. Elas parecem más, mas não podem machucar você. Tudo que elas fazem é observar uma situação e contar para alguém. Fofoqueiros. A versão demoníaca de um grupinho das meninas mais populares da escola.

— Mas e aquilo ali? — Ela apontou para as árvores que cercavam a área do cemitério. Seus galhos estavam balançando, pesados pela escuridão espessa que se infiltrava neles.

Daniel olhou com tranquilidade.

— Aquelas são as sombras que os Anunciadores convocaram. Para a batalha.

Os braços e pernas de Luce ficaram gelados de medo.

— Que... hum... que tipo de batalha é essa?

— A grande — respondeu ele simplesmente, erguendo o queixo. — Mas estão apenas se exibindo agora. Ainda temos tempo.

Atrás deles, uma tosse baixa fez Luce saltar. Daniel abaixou a cabeça, cumprimentando a Srta. Sophia, que estava parada na sombra do mausoléu. Seu cabelo tinha se soltado dos grampos e parecia selvagem e rebelde, como seus olhos. Então outra pessoa saiu de trás da Srta. Sophia. Penn. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos de sua jaqueta. Seu rosto ainda estava vermelho, e sua testa molhada de suor. Ela deu de ombros para Luce como que para dizer ***Não sei que porcaria é esta que está acontecendo, mas não podia abandonar você***. Contra a vontade, Luce sorriu.

A Srta. Sophia deu um passo à frente e ergueu o livro.

— Nossa Lucinda tem feito seu dever de casa.

Daniel coçou o queixo.

— Andou lendo essa velharia? Nunca devia ter escrito isso. — Ele parecia quase envergonhado, mas Luce encaixou mais uma peça do quebra-cabeça deles.

— ***Você*** escreveu isso — disse ela. — E rabiscou nas margens. E colou aquela foto nossa.

— Você achou a fotografia — disse Daniel, sorrindo, segurando-a mais perto como se a menção da foto trouxesse de volta uma onda de lembranças. — É claro.

— Demorou um pouco para entender, mas quando vi como estávamos felizes, alguma coisa se abriu dentro de mim. E eu soube.

Ela envolveu seu pescoço com uma das mãos e puxou o rosto dele para o seu, nem ligando que a Srta. Sophia e Penn estivessem bem ali. Quando seus lábios se tocaram, todo o cemitério escuro e horrível desapareceu — os túmulos velhos também, e as sombras enraizando-se ao redor das árvores; até mesmo a lua e as estrelas bem no alto.

Na primeira vez em que ela vira a foto dos dois em Helston, ficara assustada. A ideia de todas aquelas versões antigas dela terem existido... era coisa demais para processar. Mas agora, nos braços de Daniel, ela podia sentir de alguma maneira todas elas funcionando juntas, um vasto repertório de Luces que amaram o mesmo Daniel vezes sem fim. Tanto amor se derramava de seu coração e de sua alma, transbordando do seu corpo e enchendo o espaço entre eles.

E ela finalmente entendeu o que ele dissera quando estavam olhando para as sombras: que ela não tinha feito nada de errado. Não havia motivo para se sentir culpada. Poderia ser verdade? Ela era inocente das mortes de Trevor e Todd, como sempre acreditara? No mesmo momento em que se fez essa pergunta, soube que Daniel tinha falado a verdade, e se sentiu como se estivesse acordando de um longo pesadelo. Não se sentia mais como a menina de cabelos chamuscados e roupas pretas folgadas — a eterna perturbada, com medo do cemitério pútrido, e presa num reformatório porque merecia.

— Daniel — disse, gentilmente afastando os ombros dele para poder olhá-lo. — Por que não me contou que era um anjo antes? Por que toda aquela conversa sobre ser amaldiçoado?

Daniel a olhou, nervoso.

— Não estou zangada — assegurou. — Só pensando.

— Eu não podia contar — respondeu ele. — Tudo está ligado. Até agora, eu nem sabia que você poderia descobrir sozinha. Se eu contasse rápido demais ou na hora errada, você teria partido de novo e eu precisaria esperar. Já tive que esperar tanto tempo.

— Quanto tempo? — Luce perguntou.

— Não tanto que tenha me feito esquecer que você vale a pena. Cada sacrifício. Cada momento de dor. — Daniel fechou seus olhos por um segundo. Então olhou para Penn e Srta. Sophia.

Penn estava sentada encostada numa lápide coberta de musgo, com o rosto apoiado nos joelhos e roendo as unhas avidamente. A Srta. Sophia estava com as mãos no quadril, parecendo ter algo a dizer.

Daniel deu um passo para trás, e Luce sentiu uma rajada de ar fresco entre eles.

— Ainda tenho medo de que a qualquer momento você possa...

— Daniel — a Srta. Sophia disse, repreendendo-o.

Ele a ignorou.

— Ficarmos juntos não é tão simples quanto você gostaria que fosse.

— É claro que não — disse Luce. — Quero dizer, você é um anjo, mas agora que eu sei disso...

— Lucinda Price. — Dessa vez ela repreendia Luce. — Você não vai querer saber o que ele tem a lhe contar — avisou ela. — E Daniel, você não tem esse direito. Vai matá-la...

Luce sacudiu a cabeça, confusa com o pedido da Srta. Sophia.

— Acho que posso sobreviver a algumas verdades.

— Não é ***qualquer*** verdade — disse a Srta. Sophia, dando um passo para a frente e se posicionando entre eles. — E você não vai sobreviver. Assim como não sobreviveu nos milhares de anos desde a Queda.

— Daniel, do que ela está falando? — Luce tentou pegar a mão de Daniel por trás da Srta. Sophia, mas a bibliotecária a afastou. — Eu aguento — disse Luce, sentindo o estômago se revirar. — Não quero mais segredos. Eu o amo.

Era a primeira vez que ela dizia as palavras em voz alta. Seu único arrependimento era que aquelas três palavras, as mais importantes que conhecia, fossem ditas para a Srta. Sophia em vez de para Daniel. Ela se virou para ele, que estava com os olhos brilhando.

— Eu amo — repetiu. — Eu amo você.

Clap.

Clap. Clap.

Clap. Clap. Clap. Clap.

Um lento e alto aplauso começou atrás deles, entre as árvores. Daniel se afastou e virou em direção à floresta, a postura se enrijecendo, enquanto Luce sentia o velho medo inundando-a, sentindo-se presa pelo terror do que estava nas sombras, assustada pelo que ele estava vendo antes de ela mesma ver.

— Ah, bravo. Bravo! Verdade, estou emocionado até a alma, e não é muita coisa que consegue me emocionar hoje em dia, infelizmente.

Cam saiu de trás da árvore. Seus olhos estavam delineados com uma sombra grossa e dourada brilhante, que reluzia em seu rosto sob a luz da lua, fazendo-o parecer um gato selvagem.

— Isso foi ***tão*** incrivelmente fofo — disse ele. — E ele simplesmente também ama você, não ama, garanhão? Não ama, Daniel?

— Cam — avisou Daniel. — Não faça isso.

— Fazer o quê? — Cam perguntou, levantando o braço esquerdo. Ele estalou os dedos e uma pequena chama, do tamanho de um fósforo aceso, se inflamou pelo ar acima de sua mão. — Quer dizer isso?

O som do estalar de seus dedos parecia se demorar, ecoando nos túmulos do cemitério, ficando mais alto e se multiplicando enquanto batia de um lado para o outro. A princípio, Luce achou que o som era mais como um aplauso, como se um auditório demoníaco cheio de escuridão estivesse aplaudindo e ridicularizando o amor de Luce e

Daniel, como Cam tinha feito. Mas então se lembrou do que escutara antes, das asas que batiam como trovões. Ela prendeu a respiração enquanto o som tomava a forma daqueles milhares de pedaços de sombras voadoras. O enxame de sombras em formato de gafanhotos que tinha sumido dentro da floresta estava elevando-se acima deles mais uma vez.

O barulho era tão alto que Luce precisou cobrir seus ouvidos. No chão, Penn estava agachada com a cabeça entre os joelhos, mas Daniel e a Srta. Sophia olhavam o céu estoicamente enquanto a cacofonia aumentava e mudava. Começou a soar como sprinklers escandalosos sendo ativados... ou como o sibilar de mil serpentes.

— Ou isso? — Cam perguntou, dando de ombros enquanto as horríveis sombras sem forma se acomodavam em volta dele.

Os insetos começaram a crescer e a se desdobrar, ficando maiores do que qualquer inseto jamais poderia ser, caindo como pingos de cola e crescendo até virarem corpos pretos segmentados. Então, como se estivessem aprendendo a usar seus membros sombrios enquanto tomavam forma, eles lentamente se levantavam sobre suas numerosas pernas e seguiam em frente, como gafanhotos tão grande quanto um ser humano.

Cam os recebeu enquanto se acumulavam à sua volta. Logo tinham formado um exército gigantesco atrás de Cam como a personificação da noite.

— Sinto muito — disse ele, batendo com a mão em sua testa. — Você tinha dito para eu ***não*** fazer isso?

— Daniel — sussurrou Luce. — O que está acontecendo?

— Por que pediu um fim à trégua? — ele gritou para Cam.

— Ah. Bem. Sabe o que dizem sobre tempos desesperados. — Cam zombou. — E ver você encher o corpo dela com esses beijos angelicais perfeitos... me deixou ***tão*** desesperado.

— Cala a boca, Cam! — Luce berrou, odiando que ela um dia o tivesse deixado tocá-la.

— Na hora certa. — Os olhos de Cam se dirigiram para ela. — Ah sim, vamos brigar, querida. Por sua causa. De novo. — Ele afagou seu queixo e estreitou os olhos verdes. — Dessa vez, vai ser pior ainda, acredito. Com mais algumas vítimas. É isso aí.

Daniel puxou Luce para seus braços.

— Me diga por que, Cam. Você me deve ao menos isso.

— Você ***sabe*** por que — explodiu Cam, apontando para Luce. — ***Ela*** ainda está aqui. Mas não por muito tempo.

Ele pôs as mãos nos quadris e uma série de densas sombras pretas, agora com o formato de intermináveis e enormes serpentes, escorregaram por seu corpo, envolvendo os braços de Cam como braceletes. Ele afagou a cabeça da maior delas com carinho.

— E dessa vez, quando seu amor explodir naquela trágica nuvenzinha de cinzas, vai ser ***para sempre***. Você vê, tudo é diferente dessa vez. — Cam sorriu, e Luce pensou ter sentido Daniel tremer por apenas um segundo. — Ah, mas uma coisa continua igual, e eu realmente tenho uma queda pela sua previsibilidade, Grigori. — Cam deu um passo para a frente. Sua legião de sombras fez o mesmo, fazendo Luce e Daniel, assim como Penn e a Srta. Sophia recuarem. — Você está com medo — disse ele, apontando de maneira dramática para Daniel. — E eu não.

— Isso é porque você não tem nada a perder — cuspiu Daniel. — Eu nunca trocaria de lugar com você.

— Hmmm — disse Cam, batendo em seu queixo. — Vamos ver só. — Ele olhou em volta com um largo sorriso. — Preciso soletrar para você? Sim. Ouvi dizer que você pode ter uma coisa ***maior*** a perder dessa vez. Uma coisa que vai tornar a morte dela muito mais prazerosa.

— Do que está falando? — perguntou Daniel.

À esquerda de Luce, a Srta. Sophia abriu a boca e soltou uma série de ruídos ferozes e barulhentos. Ela agitou as mãos freneticamente acima da cabeça num estranho tipo de dança, seus olhos quase transparentes, como se estivessem em algum tipo de transe. Seus lábios se retorciam, e Luce percebeu chocada que ela estava falando em outra língua.

Daniel pegou o braço da Srta. Sophia e a sacudiu.

— Não, você está totalmente certa: não faz sentido — sussurrou ele, e Luce entendeu que ele compreendia a estranha língua da Srta. Sophia.

— Sabe o que ela está dizendo? — Luce perguntou.

— Permita-nos a tradução — gritou uma voz familiar do teto do mausoléu. Ariane. A seu lado estava Gabbe. Ambas pareciam estar acesas por trás e envoltas num estranho brilho prateado. Elas pularam da cripta, pousando ao lado de Luce sem um ruído.

— Cam tem razão, Daniel — disse Gabbe rapidamente. — Algo está diferente dessa vez... algo em Luce. O ciclo pode estar quebrado, e não da maneira que queremos. Quero dizer... pode ser o fim.

— Alguém pode me explicar do que vocês estão falando? — disse Luce, interrompendo. — O que está diferente? Quebrado como? O que está em jogo com toda essa batalha, afinal?

Daniel, Ariane e Gabbe a encararam por um momento, como se tentando entendê-la, como se a conhecessem de algum lugar, mas como se ela tivesse mudado tão completamente num instante que eles não reconheciam mais seu rosto.

Finalmente Ariane falou:

— Em jogo? — Ela esfregou a cicatriz em seu pescoço. — Se eles vencerem, é o inferno na Terra. O fim do mundo, como dizem por aí.

As formas escuras guinchavam ao redor de Cam, lutando e mordendo umas às outras, em algum tipo de aquecimento doentio e

diabólico.

— E se nós ganharmos? — Luce lutou para dizer as palavras.

Gabbe engoliu, e então disse gravemente:

— Ainda não sabemos.

Subitamente, Daniel tropeçou para trás, se afastando de Luce, e apontou para ela:

— E-Ela não foi... — gaguejou ele, cobrindo a boca. — O beijo — disse finalmente, se reaproximando para pegar o braço de Luce. — O livro. Por isso é que você pode...

— Chegue logo à segunda parte, Daniel — forçou Ariane. — Pense rápido. Paciência é uma virtude, e sabe o que Cam sente em relação a elas.

Daniel apertou a mão de Luce.

— Você precisa ir embora. Tem que sair daqui.

— O quê? Por quê?

Ela olhou para Ariane e Gabbe em busca de ajuda, então se encolheu quando uma série de centelhas prateadas começou a voar pelo teto do mausoléu. Como uma interminável corrente de vaga-lumes libertados de um enorme pote de conserva. Elas caíram sobre Ariane e Gabbe, fazendo seus olhos brilharem. Luce se lembrou de fogos de artifício — e de um feriado de Quatro de Julho, quando a iluminação estava perfeita e ela vira nas íris de sua mãe o reflexo dos fogos, um clarão explosivo de luz prateada, como se os olhos dela fossem um espelho.

Só que essas centelhas não viravam fumaça como aconteceu com os fogos de artifício. Quando tocavam na grama do cemitério, elas floresciam em seres graciosos e iridescentes. Não eram exatamente formas humanas, mas eram reconhecíveis. Deslumbrantes e brilhantes raios de luz. Criaturas tão esplêndidas que Luce soube imediatamente que eram um exército de poder angelical, igual em tamanho e número

à grande força sombria atrás de Cam. Era assim que se parecia a verdadeira beleza e bondade — um espectral e luminescente encontro de seres tão puros, que doía olhar diretamente para eles, como o mais glorioso eclipse, ou talvez o próprio paraíso. Ela devia se sentir confortada, estando do lado que ***tinha*** que ganhar essa luta. Mas estava começando a se sentir enjoada.

Daniel apertou as costas de sua mão na bochecha dela.

— Ela está febril.

Gabbe afagou o braço de Luce e sorriu:

— Está tudo bem, querida — disse, tirando a mão de Daniel. Seu sotaque arrastado era de alguma maneira tranquilizador. — A gente assume a partir daqui. Mas você precisa ir. — Ela olhou por cima do ombro para a horda de escuridão atrás de Cam. — Agora.

Daniel puxou Luce até ele para um último abraço.

— Eu a levo — gritou alto a Srta. Sophia. O livro ainda estava enfiado debaixo de seu braço. — Conheço um lugar seguro.

— Vá — disse Daniel. — Encontro você assim que puder. Só me prometa que vai fugir daqui e que não vai olhar para trás.

Luce tinha tantas perguntas.

— Não quero deixar você.

Ariane entrou no meio dos dois e deu um empurrão final e forte em Luce para que fosse até os portões.

— Desculpe, Luce — disse. — Hora de deixar a briga com a gente. Somos meio que profissionais.

Luce sentiu a mão de Penn escorregando para dentro da sua, e logo estavam correndo. Correndo até os portões do cemitério com a mesma rapidez com que ela descera para encontrar Daniel. De volta, subindo o terreno escorregadio de folhas. De volta pelos galhos vivos entrecortados dos carvalhos e as pilhas desmoronadas de lápides quebradas. Elas saltaram pelas lápides e escalaram o declive, mirando

no distante arco dos portões de ferro. Um vento quente soprava em seu cabelo, e o ar pantanoso ainda era denso dentro de seus pulmões. Ela não conseguia encontrar a lua para guiá-las, e a luz no meio do cemitério agora estava apagada. Ela não entendia nada do que estava acontecendo. Nada. E não gostava do fato de todo mundo entender, menos ela.

Um raio escuro atingiu o solo na frente dela, rachando a terra e abrindo um desfiladeiro denteado. Luce e Penn pararam bem a tempo. O buraco era tão largo quanto a altura de Luce, e tão profundo quanto... bem, ela não conseguia enxergar onde estava o fundo. As bordas chiavam e espumavam.

Penn arfou.

— Luce. Estou com medo.

— Sigam-me, garotas — gritou a Srta. Sophia.

Ela as levou para a direita, ziguezagueando pelos túmulos escuros enquanto raio após raio caía atrás delas.

— São apenas os sons da batalha — disse irritada, como algum tipo estranho de guia turístico. — Isso vai continuar por um tempo, creio.

Luce estremecia a cada estampido, mas continuou em frente até suas panturrilhas estarem pegando fogo, até, atrás dela, Penn soltar um grito. Luce se virou e viu a amiga cair, seus olhos se revirando.

— Penn! — gritou Luce, esticando-se para pegá-la bem antes dela chegar ao chão. Com cuidado, Luce a deitou no chão e a virou de costas. Ela quase desejou não ter feito isso. O ombro de Penn tinha sido atingido por alguma coisa preta e entrecortada. Tinha entrado em sua pele, deixando um pedaço aparente de pele carbonizada que cheirava a carne queimada.

— Está muito feio? — Penn sussurrou, rouca. Ela piscou rápido, claramente frustrada por não conseguir levantar a cabeça para olhar.

— Não — mentiu Luce, balançando a cabeça. — Só um corte. — Ela engoliu em seco, tentando afastar a náusea crescendo dentro dela enquanto amarrava a manga esfarrapada de Penn. — Está doendo?

— Eu não sei — arquejou Penn. — Não sinto nada.

— Garotas, ***o que*** está demorando tanto? — A Srta. Sophia tinha voltado.

Luce olhou para a Srta. Sophia, implorando-lhe para não mencionar como Penn estava parecendo mal.

Ela não o fez. Deu a Luce um rápido aceno com a cabeça, então esticou seus braços por baixo de Penn e a levantou como um pai carrega uma criança para a cama.

— Peguei você — disse. — Não vai demorar muito agora.

— Ei. — Luce seguiu a Srta. Sophia, que carregava Penn como se fosse um travesseiro de plumas. — Como você...

— Sem perguntas, até estarmos longe de tudo isso — disse a Srta. Sophia.

Longe. Não havia nada que Luce quisesse menos do que estar longe de Daniel. Então, depois de elas terem atravessado o limiar do cemitério e estarem no terreno plano do pátio da escola, ela não conseguiu se segurar e olhou para trás. E imediatamente entendeu por que Daniel tinha mandado que não olhasse.

Um pilar de fogo dourado e prateado se retorcendo explodia do núcleo escuro do cemitério. Era tão largo quanto o próprio cemitério, uma trança de luz erguendo-se dezenas de metros pelo ar e afastando as nuvens. As sombras pretas atacavam a luz, ocasionalmente puxando tentáculos dela e os carregando para longe, guinchando, em meio à noite. Enquanto os fios enrolados mudavam de cor, uma hora mais prateados, outra mais dourados, um único som começou a encher o ar, cheio e interminável, alto como uma poderosa cachoeira. Notas mais graves ecoavam como trovões pela noite. As mais agudas badalavam

para preencher o espaço em volta delas. Era a maior e mais perfeitamente equilibrada harmonia celestial já ouvida sobre a terra. Era linda e aterrorizante, e tudo cheirava a enxofre.

Todos a quilômetros de distância devem ter achado que o mundo estava acabando. Luce não sabia o que pensar. Seu coração estava arrebatado.

Daniel tinha dito a ela para não olhar para trás porque sabia que ver aquilo a faria querer ir até ele.

— Ah, não, você não vai — disse a Srta. Sophia, segurando Luce pela gola da blusa e arrastando-a pelo campus. Quando chegaram ao ginásio, Luce percebeu que a Srta. Sophia estivera carregando Penn esse tempo todo, usando apenas um braço.

— *O* ***que*** é você? — Luce perguntou enquanto a Srta. Sophia empurrava-a pelas portas duplas.

A bibliotecária pegou uma chave comprida do bolso de seu cardigã vermelho e a encaixou numa parte da parede de tijolos na frente do vestíbulo, algo que nem parecia uma porta. Uma entrada para uma escadaria comprida foi aberta silenciosamente, e a Srta. Sophia gesticulou para que Luce subisse na frente.

Os olhos de Penn estavam fechados. Ela estava inconsciente ou com dor demais para mantê-los abertos. De qualquer maneira, estava extraordinariamente quieta.

— Para onde estamos indo? — Luce perguntou. — Precisamos sair daqui. Cadê seu carro? — Ela não queria assustar Penn, mas precisavam achar um médico. Rápido.

— Fique quieta, se quiser o melhor para você. — A Srta. Sophia olhou a ferida de Penn e suspirou. — Estamos indo para a única câmara desse lugar que não foi profanada com equipamentos atléticos. Onde podemos ficar sozinhas.

A essa altura, Penn tinha começado a gemer nos braços da Srta. Sophia. O sangue do ferimento deixava um rastro grosso e escuro no chão de mármore.

Luce olhou a escadaria íngreme. Não dava nem para ver onde terminava.

— Acho que, pelo bem de Penn, devíamos ficar aqui embaixo. Vamos precisar de ajuda logo, logo.

A Srta. Sophia suspirou e deitou Penn na pedra, rapidamente voltando para trancar a porta da frente por onde entraram. Luce caiu de joelhos na frente de Penn. Sua amiga parecia tão pequena e frágil agora. Sob a luz fraca que vinha do delicado lustre de ferro batido no alto, Luce podia pelo menos ver a gravidade de seu ferimento.

Penn foi a única amiga que Luce teve na Sword & Cross, com quem realmente se identificou, a única que não a intimidava. Depois de Luce ter visto do que Ariane, Gabbe e Cam eram capazes, poucas coisas faziam sentido. Mas uma fazia: Penn era a única aluna da Sword & Cross que era como ela.

Mas Penn era mais forte que Luce. Mais esperta e mais alegre, mais tranquila. Ela fora o motivo pelo qual Luce conseguira aguentar aquelas primeiras semanas no reformatório. Sem Penn, quem sabe onde Luce estaria agora?

— Ah, Penn — suspirou Luce. — Você vai ficar bem. Vamos deixar você novinha em folha.

Penn murmurou alguma coisa incompreensível, o que deixou Luce nervosa. Ela se virou para a Srta. Sophia, que estava fechando todas as janelas, uma a uma.

— Ela está perdendo a consciência — disse Luce. — ***Precisamos*** chamar um médico.

— Sim, sim — disse a Srta. Sophia, mas alguma coisa em seu tom de voz parecia preocupado. Ela parecia obcecada em fechar todo o

lugar, como se as sombras do cemitério estivessem se dirigindo para lá naquele momento.

— Luce? — sussurrou Penn. — Estou com medo.

— Não fique. — Luce apertou sua mão. — Você é tão corajosa. Esse tempo todo, você foi um pilar de força.

— Ah, por favor — disse a Srta. Sophia por trás dela, numa voz grossa que Luce nunca a ouvira usar. — Ela é um pilar de sal.

— O quê? — Luce perguntou, confusa. — Como assim?

Os olhos redondos da Srta. Sophia tinham se estreitado em finas fendas pretas. Seu rosto se apertou e ficou enrugado e ela balançou a cabeça com amargura. Então, muito lentamente, da manga de seu cardigã, puxou um longo punhal de prata.

— A garota está apenas nos atrasando.

Os olhos de Luce se arregalaram quando viu a Srta. Sophia erguendo o punhal acima da cabeça. Tonta, Penn não entendeu o que estava acontecendo, mas Luce certamente entendia.

— Não! — gritou, se levantando para segurar o braço da Srta. Sophia, para desviar o punhal. Mas a bibliotecária sabia o que estava fazendo e habilmente bloqueou o ataque de Luce, empurrando-a para o lado com a mão livre enquanto passava a lâmina de um lado a outro da garganta de Penn.

Penn grunhiu e tossiu, a respiração ficando irregular. Seus olhos se reviraram do jeito que ela fazia quando estava pensando, mas Penn não estava pensando; estava morrendo. Finalmente seus olhos encontraram os de Luce. Então lentamente perderam o foco, e a respiração de Penn parou.

— Uma bagunça, mas era necessário — disse a Srta. Sophia, limpando a lâmina no suéter preto de Penn.

Luce cambaleou para trás, cobrindo a boca, incapaz de gritar e de desviar os olhos de sua amiga morta, incapaz de olhar para a mulher

que achava estar do seu lado. Subitamente entendeu por que a Srta. Sophia tinha fechado todas as portas e janelas do lugar. Não era para manter ninguém do lado de fora. Era para mantê-la do lado de dentro.

DEZENOVE



FORA DA VISTA

No alto das escadas ficava uma parede plana de tijolos. Becos sem saída de qualquer tipo sempre deixavam Luce claustrofóbica, e aquele era ainda pior por causa da faca pressionando sua garganta. Ela ousou dar uma olhada para trás, na escada íngreme pela qual tinham subido. Dali, parecia uma queda muito longa e dolorosa.

A Srta. Sophia estava falando em outra língua de novo, murmurando enquanto habilidosamente abria outra porta secreta. Empurrou Luce para uma pequena capela e trancou a porta atrás das duas. Estava congelando lá dentro, cheirava a pó de calcário. Luce lutou para respirar, para engolir a saliva amarga em sua boca.

Penn não podia estar morta. Tudo aquilo não podia ter acontecido. A Srta. Sophia ***não podia ser tão má assim***.

Daniel dissera para confiar na Srta. Sophia. Tinha dito para ir com ela até que pudesse voltar para buscá-la...

A Srta. Sophia não estava prestando atenção em Luce e simplesmente andava pela sala, acendendo vela após vela, ajoelhando-se para cada uma, e continuando a cantar numa língua que Luce não conhecia. As chamas oscilantes revelavam que a capela estava limpa e

bem arrumada, o que significava que não devia haver muito tempo que alguém tinha subido até lá. Mas certamente a Srta. Sophia era a única no campus que tinha a chave da passagem secreta. Quem mais saberia que aquele lugar existia?

O teto de telhas vermelhas era inclinado e desigual. Tapeçarias enormes e desbotadas forravam as paredes, mostrando imagens de criaturas metade homem, metade peixe batalhando num mar revolto. Havia um pequeno altar branco na frente, e algumas fileiras de bancos de madeira simples alinhados ao longo do chão de pedra cinza. Luce olhou freneticamente em volta procurando uma saída, mas não havia outras portas e nenhuma janela.

As pernas de Luce tremiam, de fúria e de medo. Ela estava desesperada por causa de Penn, traída e abandonada ao pé da escada.

— Por que está fazendo isso? — perguntou, encostando-se nas portas arqueadas da capela. — Eu confiei em você.

— Isso é problema seu, querida — respondeu a Srta. Sophia, torcendo o braço de Luce com raiva. Então o punhal voltou a pressionar seu pescoço e ela estava sendo levada pelo corredor da capela. — A confiança é uma negligência, na melhor das hipóteses. Na pior, é uma boa maneira de acabar morta.

A Srta. Sophia empurrou Luce até o altar.

— Agora seja boazinha e se deite, por favor?

Como a faca ainda estava perto demais de sua garganta, Luce fez o que a outra mandou. Sentiu algo frio em seu pescoço e levantou as mãos para tocá-lo. Quando tirou os dedos, as pontas estavam vermelhas com pingos de sangue onde a faca tinha espetado a pele. A Srta. Sophia bateu em sua mão.

— Se acha isso ruim, devia ver o que está perdendo lá fora — disse ela, fazendo Luce estremecer. Daniel estava lá fora.

O altar era uma plataforma branca quadrada, um único pedaço de pedra não muito maior que Luce. Ela estava gelada e desesperadamente exposta ali em cima, imaginando os bancos cheios de beatos sombrios esperando que sua tortura começasse.

Olhando diretamente para cima, Luce viu que havia uma janela naquela capela cavernosa, um grande vitral de rosa-dos-ventos, como uma claraboia no teto. Tinha um complicado padrão floral geométrico, com rosas vermelhas e roxas contra um fundo azul-marinho. Teria parecido muito mais bonito se Luce pudesse vê-lo pelo lado de fora.

— Vamos ver, onde foi que eu... ah, sim! — A Srta. Sophia se abaixou atrás do altar e voltou com uma corda comprida. — Não se mexa, agora — disse, apontando a faca na direção de Luce. Então começou a prender Luce a quatro buracos feitos na superfície do altar. Primeiro cada um dos tornozelos, depois cada pulso. Luce tentou não se contorcer enquanto era amarrada, como para algum tipo de sacrifício. — Perfeito — disse a Srta. Sophia, dando em seus elaborados nós um puxão firme.

— Você planejou isso tudo — Luce percebeu, estupefata.

A Srta. Sophia sorriu docemente, como tinha feito na primeira vez em que Luce entrara na biblioteca.

— Eu diria que não é nada pessoal, Lucinda. Mas, na verdade, é sim — riu. — Espero por esse momento sozinha com você há muito tempo.

— Por quê? — Luce perguntou. — O que quer de mim?

— De você, só quero que seja eliminada — disse a Srta. Sophia. — É ***Daniel*** que quero que seja libertado.

Ela deixou Luce no altar e foi até um atril aos pés de Luce. Apoiou o livro de Grigori no atril e começou a folhear as páginas rapidamente. Luce se lembrou do momento em que o abrira e vira seu rosto ao lado do de Daniel pela primeira vez. Quando finalmente se deu conta de

que ele era um anjo. Não sabia de quase nada na época, e ainda assim tinha certeza de que a fotografia significava que ela e Daniel podiam ficar juntos.

Agora isso parecia impossível.

— Vai ficar apenas deitada aí, suspirando por ele, não é? — A Srta. Sophia perguntou. Ela fechou o livro com força e bateu o punho na capa. — É exatamente esse o problema.

— Por que está fazendo isso? — Luce lutou com as cordas que a prendiam sobre o altar. — Por que se importa com o que Daniel e eu sentimos um pelo outro, ou quem namoramos em primeiro lugar? — Aquela psicopata não tinha nada a ver com eles.

— Eu gostaria muito de ter uma palavrinha com quem quer que seja que achou que colocar o destino de nossas almas eternas nas mãos de um casal de adolescentes apaixonados seria uma boa ideia. — Ela ergueu um pulso e o balançou no ar. — Querem que o equilíbrio seja abalado? ***Eu*** vou mostrar a eles como se acaba com o equilíbrio. — A ponta de sua adaga brilhava à luz das velas.

Luce forçou-se a tirar os olhos da lâmina.

— Você enlouqueceu.

— Se querer dar um fim à mais longa e terrível batalha já travada no mundo significa que enlouqueci — o tom da Srta. Sophia implicava que Luce era estúpida por não saber de tudo isso ainda —, então que seja.

A ideia de que a Srta. Sophia pudesse ter qualquer influência em terminar a batalha não fazia sentido na cabeça de Luce. Daniel estava lutando lá fora. O que estava acontecendo ali dentro não se comparava àquilo. Independentemente de a Srta. Sophia ter mudado de lado.

— Eles disseram que seria o inferno na Terra — sussurrou Luce. — O fim dos dias.

A Srta. Sophia começou a gargalhar.

— Parecia isso mesmo a você agora. É uma surpresa assim tão grande que eu seja do time dos bonzinhos, Lucinda?

— Se você está no lado do bem — Luce falou com raiva —, não parece uma guerra pela qual valha a pena lutar.

A Srta. Sophia sorriu, como se estivesse esperando que Luce dissesse aquelas exatas palavras.

— Sua morte pode ser exatamente o empurrão que Daniel precisa. Um empurrãozinho na direção certa.

Luce se contorceu no altar.

— Você... você não me machucaria.

A Srta. Sophia voltou até ela, e aproximou-se. O cheiro de talco encheu as narinas de Luce, fazendo-a ter ânsias de vômito.

— Eu com certeza machucaria — disse a Srta. Sophia, balançando as mechas soltas de seu cabelo desgrenhado. — Neste mundo, você equivale a uma enxaqueca.

— Mas eu vou voltar. Daniel me contou. — Luce engoliu. ***Dali a dezessete anos***.

— Ah, não vai, não. Não dessa vez — disse a Srta. Sophia. — Naquele primeiro dia em que entrou na minha biblioteca, vi alguma coisa em seus olhos, mas não consegui identificar o que era. — Ela sorriu para Luce. — Já conheci você muitas vezes antes, Lucinda, e na maioria delas você era simplesmente um saco.

Luce endureceu, sentindo-se exposta, como se estivesse nua naquele altar. Uma coisa era Daniel tê-la conhecido em outras vidas — mas isso acontecera com outras pessoas também?

— Dessa vez — a Srta. Sophia continuou —, você tinha alguma coisa a mais. Um brilho genuíno. Mas eu não entendia o que era até hoje à noite, naquele formidável escorregão sobre seus pais agnósticos.

— O que tem meus pais? — Luce sibilou.

— Bem, minha querida, o motivo de você continuar voltando é porque em todas as suas outras vidas havia sido iniciada em crenças religiosas. Dessa vez, quando seus pais optaram por não a batizar, eles na verdade deixaram sua almazinha indefesa. — Ela deu de ombros dramaticamente. — Sem um ritual introduzindo-a na religião, nada de reencarnação para Luce. Uma pequena, mas essencial brecha em seu ciclo.

Poderia ser disso que Ariane e Gabbe estavam falando no cemitério? A cabeça de Luce começou a latejar. Um véu de pontos vermelhos cobriu sua visão e ela ouvia um zumbido. Piscou lentamente, sentindo até mesmo aquele pequeno movimento de suas pálpebras doerem como uma explosão dentro da sua cabeça. Ela estava quase feliz por já estar deitada. Se não estivesse, provavelmente teria desmaiado.

Se isso era realmente o fim... Bom, ***não podia*** ser.

A Srta. Sophia se debruçou para perto do rosto de Luce, cuspindo junto com suas palavras:

— Quando você morrer hoje à noite, você ***morre***. É isso. ***Fim***. Nessa encarnação, você não é nada além do que parece ser: uma menininha burra, egoísta, ignorante e mimada que acha que a existência ou desaparecimento do mundo depende de ela conseguir sair ou não com algum garoto bonitinho da escola. Mesmo se a sua morte não significasse a conclusão de uma coisa tão aguardada, gloriosa e grandiosa, eu ainda teria prazer com esse momento, quando finalmente vou matá-la.

Luce observou enquanto a Srta. Sophia erguia o punhal e tocava a lâmina com o dedo.

A mente de Luce estava girando. O dia todo, houvera tanto para processar, tantas pessoas contando a ela tantas coisas diferentes. Agora a adaga estava apontada para seu coração e seus olhos ficaram

embaçados mais uma vez. Ela sentia a pressão da ponta da lâmina contra seu peito, sentia a Srta. Sophia procurando em seu tórax pelo espaço entre as costelas, e achou que poderia haver alguma verdade no discurso enlouquecedor da bibliotecária. Depositar tanta esperança no poder do amor verdadeiro — que ela achava estar apenas começando a conhecer — ***seria*** ingenuidade? Afinal, o amor verdadeiro não poderia vencer aquela batalha lá fora. Talvez nem fosse capaz de salvá-la de morrer bem aqui, sobre esse altar.

Mas tinha que ser. Seu coração ainda batia por Daniel — e até que aquilo mudasse, alguma coisa bem no fundo de Luce acreditaria naquele amor, em seu poder de transformá-la numa versão melhor de si mesma, de transformar ela e Daniel numa coisa gloriosa e boa...

Luce gritou quando o punhal espetou sua pele, e então gritou de susto quando o vitral no teto pareceu estilhaçar e o ar em volta dela ficou cheio de luz e som.

Um murmúrio oco e maravilhoso. Uma claridade ofuscante.

Então ela tinha morrido.

A lâmina tinha entrado mais profundamente do que ela sentira. Luce tinha seguido em frente. De que outra maneira poderia explicar as formas brilhantes e opalescentes pairando sobre ela, descendo do céu, a cascata de centelhas, o brilho angelical? Era difícil enxergar alguma coisa com clareza sob a quente luz prateada. Escorregando por sua pele parecia estar o veludo mais macio, como a cobertura de merengue de um bolo de aniversário. As cordas prendendo seus braços e pernas foram alargadas, e então soltas, e seu corpo — ou talvez fosse sua alma — estava livre para flutuar até o céu.

Mas então ouviu a Srta. Sophia gritando:

— Ainda não! Está acontecendo rápido demais! — A velha tinha tirado o punhal do peito de Luce.

Luce piscou rapidamente. Seus pulsos. Desamarrados. Seus tornozelos. Livres. Pequenos fragmentos de vidro azul, vermelho, verde e dourado por cima do seu corpo, do altar, do chão em volta dele. Eles arderam quando ela os empurrou, deixando finos rastros de sangue em seus braços. Luce apertou os olhos para olhar o imenso buraco no teto.

Não estava morta, afinal, e sim salva. Por anjos.

Daniel viera para buscá-la.

Onde estava ele? Ela mal podia ver. Queria caminhar em meio à luz até seus dedos o encontrarem, envolverem seu pescoço, e nunca, nunca, nunca mais soltar.

Havia apenas as formas vivas opalescentes se movimentando em direção e em volta do corpo de Luce, como um quarto cheio de penas brilhantes. Elas voavam até ela, tocando em seu corpo nos lugares em que o vidro quebrado a havia cortado. Pinceladas de luz transparente que pareciam de alguma maneira lavar o sangue de seus braços e do pequeno talho em seu peito, até ela estar completamente renovada.

A Srta. Sophia tinha corrido até a parede mais afastada e estava apalpando freneticamente os tijolos, tentando achar a porta secreta. Luce queria impedi-la — para fazê-la pagar pelo que havia feito, e pelo que quase havia feito —, mas então parte da luz prateada ganhou um leve tom violeta e começou a tomar forma.

Uma vibração e um brilho sacudiram a capela. Era uma luz tão gloriosa que poderia ter ofuscado o sol, e fez as paredes tremerem e as velas balançarem e oscilarem em seus suportes de bronze. As sinistras tapeçarias bateram contra a parede de pedra. A Srta. Sophia se encolheu, mas o brilho arrepiante parecia uma profunda massagem, chegando até os ossos de Luce. E, quando a luz se condensou, espalhando calor pelo salão, ela se ajustou até a forma que Luce reconhecia e amava.

Daniel ficou parado na frente dela, vestido apenas com calças de linho branco. Ele sorriu para ela, então fechou os olhos e abriu os braços para os lados. Depois, delicada e muito lentamente, como se para não a chocar, ele expirou profundamente e suas asas começaram a se desenrolar.

Elas surgiram gradualmente, começando na base de seus ombros, dois gomos brancos se estendendo de suas costas, ficando mais altas, mais largas, mais espessas, enquanto se propagavam para trás, para cima e para fora. Luce observou as pontas recurvadas, querendo sentilas com suas próprias mãos, suas bochechas, seus lábios. A parte de dentro das asas começou a brilhar com uma iridescência de veludo. Igualzinho ao seu sonho. Só que agora, quando ele finalmente estava se tornando realidade, Luce podia olhar para suas asas pela primeira vez sem se sentir tonta, sem forçar os olhos. Podia admirar toda a glória de Daniel.

Ele ainda brilhava, como se estivesse aceso por dentro. Ela podia ver claramente seus olhos cinza e violeta e sua boca macia. As mãos fortes e os ombros largos. Luce podia se esticar e se envolver na luz de seu amor.

Daniel estendeu as mãos até ela. Luce fechou os olhos com seu toque, esperando uma coisa sobrenatural demais para seu corpo humano suportar. Mas não. Era simplesmente, de maneira tranquilizadora, Daniel.

Luce alcançou suas costas para tocar nas asas. Ela as tocou nervosamente, como se pudessem queimá-la, mas elas roçavam pelos seus dedos, mais suaves que o mais macio veludo, que o tapete mais felpudo. Do jeito que ela gostava de imaginar que seria uma nuvem fofa iluminada pelo sol se a segurasse em suas mãos.

— Você é tão... ***bonito*** — sussurrou contra seu peito. — Quero dizer, sempre foi bonito, mas isso...

— Isso assusta você? — ele sussurrou. — Dói quando olha?

Ela sacudiu a cabeça.

— Achei que poderia — respondeu, lembrando-se de seus sonhos. — Mas dói não olhar.

Ele suspirou, aliviado.

— Quero que se sinta segura comigo. — A luz cintilante em volta deles parecia confete, e Daniel a puxou para ele. — É muita coisa para você assimilar.

Ela inclinou sua cabeça para trás e abriu os lábios, ansiosa em fazer exatamente isso.

A batida forte de uma porta os interrompeu. A Srta. Sophia tinha achado as escadas. Daniel deu um leve aceno de cabeça e uma chamejante figura de luz disparou pela porta secreta atrás dela.

— O que foi isso? — Luce perguntou, boquiaberta com o rastro da luz rapidamente sumindo pela porta aberta.

— Um ajudante. — Daniel guiou seu queixo de volta.

E então, mesmo que Daniel estivesse com ela e ela se sentisse amada e protegida e a salvo, também sentia uma pontada de incerteza, lembrando-se de todas as coisas horríveis que tinham acabado de acontecer, e de Cam e seus agentes sombrios. Ainda havia tantas perguntas sem resposta zunindo por sua cabeça, e tantos eventos medonhos, que ela sentia que nunca conseguiria entender. Como a morte de Penn, a pobre doce e inocente Penn, seu fim violento e sem sentido. Tudo aquilo oprimiu Luce, e seus lábios começaram a tremer.

— Penn está morta, Daniel — disse ela. — A Srta. Sophia a matou. E por um momento, achei que tinha me matado, também.

— Eu nunca deixaria isso acontecer.

— Como sabia que me encontraria aqui? Como sempre sabe como me salvar? — Ela balançou a cabeça. — Ah, meu Deus — sussurrou

lentamente enquanto compreendia a verdade. — Você é meu anjo da guarda.

Daniel riu.

— Não exatamente. Apesar de eu achar que isso é um elogio.

Luce corou.

— Então que tipo de anjo é você?

— Estou meio que mudando de emprego no momento — disse Daniel.

Atrás dele, o resto de luz prata na capela se agrupou e se dividiu ao meio. Luce se virou para olhar, o coração martelando, enquanto o brilho finalmente tomava a forma, como tinha feito em volta da figura de Daniel, de duas figuras distintas: Ariane e Gabbe.

As asas de Gabbe já estavam abertas. Eram amplas e felpudas e tinham três vezes o tamanho de seu corpo. Bordas emplumadas e redondas, como as asas de anjos em cartões de natal e filmes, e com apenas um toque de rosa pálido nas pontas. Luce notou que elas batiam muito levemente — e que os pés de Gabbe estavam a alguns centímetros do chão.

As asas de Ariane eram mais lisas e lustrosas, e com pontas mais pronunciadas, quase como as de uma borboleta gigante. Parcialmente translúcidas, elas brilhavam e refletiam inconstantes prismas opalescentes de luz no chão de pedra sob elas. Como a própria Ariane, eram estranhas e sedutoras, e totalmente intimidadoras.

— Eu já devia saber — disse Luce, um sorriso se espalhando por seu rosto.

Gabbe sorriu de volta, e Ariane fez a Luce uma pequena reverência.

— O que está acontecendo lá fora? — perguntou Daniel, registrando a expressão preocupada no rosto de Gabbe.

— Precisamos tirar Luce daqui.

A batalha. Ainda não tinha acabado? Se Daniel, Gabbe e Ariane estavam ali, deviam ter vencido, certo? Os olhos de Luce fixaram-se nos de Daniel. Sua expressão não revelava nada.

— E alguém precisa ir atrás da Srta. Sophia — disse Ariane. — Ela não podia estar trabalhando sozinha.

Luce engoliu.

— Ela está no lado de Cam? Ela é algum tipo de... demônio? Um anjo caído? — Esse era um dos poucos termos que ela se lembrava da aula da Srta. Sophia.

Os dentes de Daniel estavam cerrados. Até suas asas pareciam duras de fúria.

— Não é um demônio — murmurou ele —, mas nem de perto é um anjo, também. Achamos que ela estava do nosso lado. Nunca devíamos ter deixado ela se aproximar tanto.

— Ela era uma dos vinte e quatro anciões — acrescentou Gabbe. Ela desceu seus pés até o chão e escondeu as pálidas asas rosadas atrás de suas costas para poder se sentar no altar. — Uma posição bastante respeitável. Ela manteve esse lado bem escondido.

— Assim que subimos aqui, parece que ela simplesmente enlouqueceu — disse Luce. Ela esfregou o pescoço onde o punhal tinha espetado a pele.

— Eles ***são*** loucos — disse Gabbe. — Mas muito ambiciosos. Ela faz parte de uma seita secreta. Devia ter percebido antes, mas os sinais estão bem nítidos agora. Eles se denominam os Zhsmaelim. Usam roupas parecidas, e todos têm uma certa... elegância. Sempre achei que fossem mais conversa do que qualquer outra coisa. Ninguém os levava muito a sério no céu — informou ela a Luce —, mas agora vão. O que ela fez hoje é motivo para exílio. Ela pode passar mais tempo com Cam e Molly do que gostaria.

— Então Molly é um anjo caído, também — disse Luce lentamente. De todas as coisas que descobrira hoje, essa era a que fazia mais sentido.

— Luce, ***todos*** nós somos anjos caídos — disse Daniel. — É só que alguns de nós estão de um lado... e outros, de outro.

— Alguém mais aqui está — ela engoliu em seco — do outro lado?

— Roland — disse Gabbe.

— Roland? — Luce ficou espantada. — Mas vocês eram amigos dele. E ele era sempre tão carismático e legal.

Daniel apenas deu de ombros. Era Ariane quem parecia chateada. Suas asas batiam de uma maneira triste e agitada e levantavam uma lufada de vento poeirento.

— A gente consegue ele de volta um dia desses — disse ela baixinho.

— E Penn? — Luce perguntou, sentindo as lágrimas presas na garganta.

Mas Daniel balançou a cabeça, apertando sua mão.

— Penn era mortal. Uma vítima inocente numa longa e desnecessária guerra. Sinto muito, Luce.

— Então toda aquela briga lá fora...? — Luce perguntou. Sua voz engasgou. Ela ainda não conseguia falar sobre Penn.

— Só uma das muitas batalhas que travamos contra demônios — disse Gabbe.

— Bem, e quem ganhou?

— Ninguém — disse Daniel amargamente. Pegou um grande caco do vidro pintado do teto e o atirou para o outro lado da capela. Ele se espatifou em centenas de pequenos fragmentos, mas isso não pareceu ter aliviado em nada sua raiva. — Ninguém nunca vence. É quase impossível um anjo acabar com o outro. É só brigar e brigar até todo mundo ficar cansado demais e se retirar.

Luce foi sacudida quando uma estranha imagem passou pela sua mente. Era Daniel sendo atingido diretamente no ombro por um dos longos raios escuros que atingiram Penn. Ela abriu os olhos e olhou para seu ombro direito. Havia sangue em seu peito.

— Está ferido — sussurrou ela.

— Não — disse Daniel.

— Ele não pode se ferir, ele...

— O que é isso em seu braço, Daniel? — Ariane perguntou, apontando para o peito dele. — Sangue?

— É de Penn — disse Daniel bruscamente. — Achei-a no pé da escada.

O coração de Luce se apertou.

— Precisamos enterrar Penn — disse ela. — Ao lado de seu pai.

— Luce, querida — disse Gabbe, levantando-se. — Queria que tivéssemos tempo para isso, mas nesse momento temos que ir embora.

— Não vou abandoná-la. Ela não tem mais ninguém.

— Luce — disse Daniel, esfregando a testa.

— Ela morreu em meus braços, Daniel. Porque eu não sabia que não devia seguir a Srta. Sophia até essa câmara de tortura. — Luce olhou para os três. — Porque nenhum de vocês me contou nada.

— Certo — disse Daniel. — Vamos ser o mais justos que pudermos com Penn. Mas depois precisamos levar você para o mais longe possível daqui.

Uma rajada de vento entrou pelo buraco no teto, fazendo as velas oscilarem e arrastando os restos de caco de vidro do buraco. No momento seguinte, caíram como uma chuva de lascas afiadas.

Bem a tempo, Gabbe deslizou do altar e foi para o lado de Luce. Ela parecia intacta.

— Daniel está certo — disse ela. — A trégua que combinamos após a batalha vale apenas para anjos. E agora que tantos sabem sobre a —

ela parou, limpando a garganta —, hum, ***mudança*** em seu status de mortalidade, tem muitos caras maus por aí que vão ficar interessados em você.

As asas de Ariane a levantaram do chão.

— E muitos bonzinhos que vão vir ajudar a afastá-los — disse ela, deslizando até o outro lado de Luce para acalmá-la.

— Ainda não consigo entender — disse Luce. — Por que isso importa tanto? Por que ***eu*** importo tanto? É só porque Daniel me ama?

Daniel suspirou.

— Isso também, por mais inocente que pareça.

— Você sabe que todo mundo adora odiar um par de pombinhos felizes — ofereceu Ariane.

— Querida, essa história é muito longa — Gabbe disse, a voz da razão.

— Só podemos contar a você um capítulo de cada vez.

— E, como aconteceu com minhas asas — Daniel acrescentou —, vai ter que perceber muitas partes sozinha.

— Mas por quê? — perguntou Luce. A conversa era tão frustrante. Ela se sentia como uma criança ouvindo que entenderia tudo quando ficasse mais velha. — Por que não podem simplesmente me ajudar a entender?

— ***Podemos*** ajudar — disse Ariane —, mas não podemos despejar tudo em cima de você de uma vez só. Você nunca deve acordar um sonâmbulo de uma vez. É perigoso demais.

Luce envolveu-se com os braços.

— Eu morreria — disse, oferecendo as palavras que os outros estavam evitando.

Daniel colocou os braços em volta dela.

— Já aconteceu antes. E você já teve quase-encontros com a morte suficientes por uma noite.

— E agora? Agora só tenho que largar a escola? — Ela se virou para Daniel. — Para onde vai me levar?

Suas sobrancelhas se franziram, e ele afastou os olhos.

— Não posso levar você a lugar nenhum. Chamaria muita atenção. Vamos ter que confiar em outra pessoa. Existe um mortal em quem podemos confiar. — Ele olhou para Ariane.

— Vou chamá-lo — disse ela, erguendo-se.

— Não vou deixar você — Luce disse para Daniel. Seus lábios vacilaram. — Acabei de ter você de volta.

Daniel beijou sua testa, despertando um calor que se espalhou pelo corpo de Luce.

— Felizmente, ainda temos algum tempo.

VINTE



AURORA

Estava amanhecendo. A aurora do último dia que Luce veria na Sword & Cross por, bom, ela não sabia por quanto tempo. O pio de uma única pomba branca ecoou pelo céu cor de açafrão enquanto ela entrava pelas portas cobertas de vegetação da academia. Lentamente, partiu em direção ao cemitério, de mãos dadas com Daniel. Estavam em silêncio enquanto atravessavam a grama imóvel do pátio.

Momentos antes de saírem da capela, um de cada vez, os outros tinham retraído suas asas. Era um processo trabalhoso e sério, que os deixava letárgicos assim que voltavam à sua forma humana. Olhando aquela transformação, Luce não podia acreditar como as imensas e brilhantes asas poderiam ficar tão pequenas e frágeis, finalmente sumindo sob a pele dos anjos.

Quando acabou, ela passou a mão pelas costas de Daniel. Pela primeira vez, ele parecera tímido, sensível a seu toque. Mas a pele dele era macia e perfeita como a de um bebê. E em seu rosto, no rosto de todos eles, Luce ainda podia ver a luz prateada manifestando-se, brilhando em todas as direções.

No final, tinham carregado o corpo de Penn de volta para o alto das escadas de pedra até a capela, limpado os cacos de vidro de cima do altar, deitando-a lá. Não havia como enterrá-la naquela manhã — não com o cemitério cheio de mortais, como Daniel garantiu que estaria.

Doía em Luce aceitar que só poderia sussurrar algumas últimas palavras para sua amiga dentro da capela, nada mais. Tudo que ela conseguia pensar em dizer era: "Está com seu pai agora. Sei que ele está feliz em tê-la de volta."

Daniel enterraria Penn apropriadamente assim que a escola se acalmasse — e Luce mostraria a ele onde era o túmulo do pai de Penn, para que ela fosse descansar ao seu lado. Era o mínimo que podia fazer.

Seu coração estava pesado enquanto atravessavam o campus. O jeans e a camiseta pareciam esgarçados e sujos. As unhas das mãos precisavam de uma boa esfregada, e ela estava feliz por não haver nenhum espelho por perto para ver como estava seu cabelo. Queria tanto poder voltar e mudar a metade nefasta da noite — poder salvar Penn, acima de tudo —, mantendo as partes boas. O clímax emocionante ao montar o quebra-cabeça da verdadeira identidade de Daniel. O momento em que ele apareceu na frente dela em toda sua glória. Ver Ariane e Gabbe desabrochando suas asas. Havia visto tantas coisas lindas.

E tantas coisas haviam resultado numa completa e desoladora destruição.

Ela sentia na atmosfera, como uma epidemia. Podia perceber nos rostos dos muitos alunos andando pelo pátio. Era cedo demais para qualquer um deles estar acordado por vontade própria, o que significava que todos deviam ter ouvido ou visto pelo menos um pouco da batalha que acontecera na noite passada. O que saberiam? Será que

alguém já estava procurando por Penn? Pela Srta. Sophia? O que deviam achar que acontecera? Todos estavam agrupados e cochichando. Luce teve vontade de se aproximar deles e escutar.

— Não se preocupe. — Daniel apertou sua mão. — Apenas imite os olhares assustados. Ninguém vai desconfiar de nós.

Apesar de Luce sentir que era tudo óbvio e que seu rosto denunciava isso, ele estava certo. Nenhum dos outros alunos olhava para eles por mais tempo do que para quaisquer outros.

Nos portões do cemitério, luzes azuis e brancas da polícia piscavam, refletindo nas folhas dos carvalhos altos. A entrada tinha sido lacrada com fita amarela.

Luce viu a silhueta escura de Randy desenhada contra a luz do sol na frente deles. Estava andando de um lado para outro na entrada do cemitério e gritando num aparelho sem fio preso na gola de sua camisa polo deformada.

— Acho que você ***devia*** acordá-lo — gritou. — Aconteceu um incidente na escola. Estou falando... Eu não ***sei***.

— Devo alertar você— Daniel disse a ela enquanto a afastava de Randy e das luzes dos carros de polícia pelo arvoredo de carvalhos que limitava o cemitério de três lados. — Vai parecer estranho para você lá embaixo. O estilo de guerra de Cam é mais bagunçado que o nosso. Não é nojento, é apenas... diferente.

Luce não achava que muita coisa podia assustá-la àquela altura. Algumas estátuas caídas certamente não iriam chocá-la. Eles caminharam pela floresta, as quebradiças folhas outonais sendo trituradas sob seus pés. Luce pensou em como, na noite anterior, essas árvores estavam tomadas pela trovejante nuvem de gafanhotos-sombra. Não havia nem vestígio deles agora.

Logo, Daniel gesticulou para um pedaço da grade de ferro do cemitério toda retorcida.

— Podemos entrar ali sem sermos vistos. Vamos ter que ser rápidos.

Saindo do abrigo das árvores, Luce lentamente entendeu o que Daniel quis dizer sobre o cemitério estar diferente. Eles ficaram na beirada, não muito longe do túmulo do pai de Penn no canto leste, mas era impossível enxergar mais do que alguns metros à frente. O ar acima do solo era tão enevoado que não podia nem ser chamado de ar. Era denso, cinza e arenoso, e Luce teve que abanar as mãos só para enxergar o que estava a sua frente.

Ela esfregou os dedos.

— Isso é...

— Poeira — disse Daniel, pegando a mão dela enquanto andavam. Ele conseguia ver através daquilo, e não precisou engasgar e tossir aquilo para fora de seus pulmões como Luce. — Na guerra, anjos não morrem. Mas suas batalhas deixam para trás essa grossa camada de poeira.

— O que acontece com isso?

— Não muita coisa, além do fato de que desorienta os mortais. Vai abaixar daqui a um tempo, e gente de todo canto virá para cá estudar o que é. Tem um cientista fanático em Pasadena que acha que isso vem de extraterrestres.

Luce pensou, com um arrepio, nas misteriosas nuvens escuras de insetos. Esse cientista podia até não estar muito enganado afinal.

— O pai de Penn foi enterrado aqui — disse, apontando enquanto se aproximavam do canto do cemitério. Por mais sombria que a poeira fosse, ela estava aliviada que os túmulos, estátuas e árvores dentro do cemitério estivessem todos aparentemente intactos. Ela se ajoelhou e limpou a camada de poeira do túmulo que achava que pertencia ao pai de Penn. Seus dedos trêmulos varreram e limparam as palavras que quase a fizeram chorar.

STANFORD LOCKWOOD

MELHOR PAI DO MUNDO

O espaço ao lado do túmulo do Sr. Lockwood estava vazio. Desolada, Luce se levantou e bateu o pé no chão, odiando que sua amiga fosse se juntar a ele ali. Odiando que ela nem pudesse estar presente para oferecer uma cerimônia adequada a Penn.

As pessoas sempre falavam do céu quando alguém morria, de como tinham certeza de que os falecidos estavam lá. Luce nunca achara que conhecia as regras, e agora se sentia ainda menos qualificada para falar sobre o que podia ou não podia ser verdade.

Luce virou-se para Daniel, com lágrimas nos olhos. Seu rosto desmoronou ao ver a tristeza dela.

— Vou cuidar dela, Luce — disse. — Sei que não é como você gostaria, mas vamos fazer o melhor que pudermos.

As lágrimas vieram com mais força. Luce estava fungando e soluçando e querendo tanto Penn de volta que achou que iria desmaiar.

— Não posso deixá-la, Daniel. Como poderia?

Daniel gentilmente secou suas lágrimas com as costas de sua mão.

— O que aconteceu com Penn foi terrível. Um grande erro. Mas, quando for embora hoje, não vai estar deixando-a. — Ele colocou uma das mãos sobre o coração de Luce. — Ela está com você.

— Mesmo assim, não posso...

— Pode, Luce. — Sua voz era firme. — Acredite em mim. Você não faz ideia de quantas coisas fortes e impossíveis você é capaz de fazer. — Ele desviou os olhos dela em direção às árvores. — Se ainda existe alguma bondade nesse mundo, vai saber em breve.

Um único som da sirene de um carro de polícia fez os dois pularem. Uma porta de carro bateu, e não muito longe de onde estavam escutaram o barulho de botas no cascalho.

— Mas que droga... Ronnie, chame o escritório central. Mande o xerife vir até aqui.

— Vamos lá — disse Daniel, alcançando sua mão. Ela segurou a dele, dando uma batida leve na lápide do Sr. Lockwood, e então começou a andar com Daniel de volta entre os túmulos até a parte leste do cemitério. Eles chegaram à parte retorcida da cerca de ferro, então rapidamente se abaixaram de volta até o meio dos carvalhos.

Uma lufada de ar frio bateu em Luce enquanto andavam. Nos galhos à frente deles, ela viu três pequenas, porém visíveis, sombras penduradas de cabeça para baixo, como morcegos.

— Rápido — comandou Daniel. Enquanto passavam, as sombras recuaram, sibilando, de alguma maneira sabendo que era melhor não mexer com Luce quando Daniel estava ao seu lado.

— E agora? — perguntou Luce na beira da alameda de carvalhos.

— Feche os olhos — disse ele.

Ela obedeceu. Os braços de Daniel envolveram sua cintura por trás e ela sentiu seu peito forte contra os ombros dela. Ele a estava levantando do chão. Uns trinta centímetros, talvez, depois mais alto, até as suaves folhas das árvores roçarem seus ombros, fazendo cócegas em seu pescoço enquanto Daniel as atravessava. Ainda mais alto, ela podia sentir os dois saírem completamente da floresta em direção ao brilhante sol da manhã. Ela ficou tentada a abrir os olhos — mas sentia intuitivamente que seria demais. Não sabia se estava pronta. E, além disso, a sensação do ar fresco em seu rosto e o vento soprando em seus cabelos era suficiente. Mais do que suficiente; era celestial. Como a sensação que tivera quando foi resgatada da biblioteca, como surfar sobre uma onda no oceano. Ela sabia com certeza que Daniel estivera por trás daquilo também.

— Pode abrir os olhos agora — disse ele baixo. Luce sentiu o chão sob seus pés de novo e viu que eles estavam no único lugar em que ela

queria estar. Embaixo da árvore de magnólia, perto da beira do lago.

Daniel a segurou com força.

— Queria trazê-la aqui porque esse é um lugar, entre tantos outros, onde eu quis tanto beijar você nas últimas semanas. Quase enlouqueci aquele dia, quando você mergulhou.

Luce ficou na ponta dos pés, inclinando a cabeça para trás para beijar Daniel. Ela também quisera demais beijá-lo aquele dia — e agora ***precisava*** beijá-lo. Seu beijo era a única coisa que parecia certa, a única coisa que a confortava, e a lembrava de que existia um motivo para seguir em frente, mesmo quando Penn não pôde. A gentil pressão de seus lábios a tranquilizava, como uma bebida morna no inverno rigoroso, quando cada pedaço dela sentia tanto frio.

Cedo demais, ele se afastou, olhando para ela com os olhos tristes.

— Existe outro motivo para eu ter trazido você aqui. Essa rocha leva ao caminho que teremos que tomar para levá-la a um lugar seguro.

Luce baixou os olhos.

— Ah.

— Isso não é adeus para sempre, Luce. Espero que não seja nem um adeus por muito tempo. Só teremos que ver como as coisas... vão progredir. — Ele acariciou seu cabelo. — Por favor, não se preocupe. Sempre virei para você. Não vou deixar você ir até entender isso.

— Então eu me recuso a entender — disse ela.

Daniel riu para si mesmo.

— Está vendo aquela clareira ali? — Ele apontou através do lago a cerca de oitocentos metros de distância onde um pequeno pedaço da floresta se abria num pequeno monte de terra plano e cheio de grama. Luce nunca o havia notado antes, mas agora via um pequeno avião branco com luzes vermelhas em suas asas brilhando a distância.

— Aquilo é para mim? — perguntou. Depois de tudo que acontecera, ver um avião mal a surpreendia. — Para onde eu vou?

Ela não acreditava que estava indo embora de um lugar que odiava, mas onde tivera tantas experiências intensas em apenas algumas rápidas semanas. O que aconteceria com a Sword & Cross?

— O que vai acontecer com esse lugar? E o que vou dizer a meus pais?

— Por enquanto, tente não se preocupar. Assim que estiver a salvo, vamos cuidar de tudo que for necessário. O Sr. Cole pode ligar para seus pais.

— Sr. Cole?

— Ele está do nosso lado, Luce. Pode confiar nele.

Mas ela tinha confiado na Srta. Sophia. Ela mal conhecia o Sr. Cole. Ele parecia tão chato. E aquele bigode... Devia deixar Daniel e entrar num avião com seu professor de história? Sua cabeça latejava.

— Tem um atalho que segue a água — continuou Daniel. — Podemos ir por ele. — Ele envolveu com os braços a parte baixa das costas dela. — Ou — propôs ele —, podemos ir nadando.

De mãos dadas, eles ficaram na beirada da rocha vermelha. Tinham deixado os sapatos debaixo da árvore de magnólia, mas dessa vez não iam voltar. Luce não achava que seria muito confortável mergulhar no lago de jeans e camiseta, mas com Daniel sorrindo a seu lado, tudo que fazia parecia a única coisa certa a fazer.

Eles levantaram os braços acima da cabeça e Daniel contou até três. Seus pés se levantaram do chão exatamente ao mesmo tempo, seus corpos arqueados no ar exatamente da mesma forma, mas, em vez de irem para baixo, como Luce instintivamente esperava, Daniel a puxou mais para o alto, usando apenas as pontas de seus dedos.

Estavam voando. Luce estava de mãos dadas com um anjo e estava voando. As árvores pareciam reverenciá-los. Seu corpo parecia mais

leve que o ar. A lua do começo da manhã ainda estava visível bem acima da fileira de árvores. Ela se aproximava, como se Daniel e Luce fossem a maré. A água se ondulava abaixo deles, prateada e acolhedora.

— Está pronta? — Daniel perguntou.

— Estou pronta.

Luce e Daniel desceram em direção ao profundo e gelado lago. Eles tocaram a superfície primeiro com os dedos, o mais longo mergulho de cisne que alguém já conseguira dar. Luce arfou com o frio ao mergulharem, então começou a rir.

A mão de Daniel segurou a sua novamente, e ele fez sinal para que ela se juntasse a ele na rocha. Ele subiu primeiro, então se abaixou e a puxou. O musgo criava um tapete fino e macio para os dois deitarem. Gotículas de água estavam sobre o peito dele. Eles ficaram de lado, um de frente para o outro, apoiados sobre os cotovelos.

Daniel colocou a mão no quadril de Luce.

— O Sr. Cole vai estar lá esperando quando chegarmos ao avião — disse ele. — Essa é nossa última chance de ficarmos sozinhos. Achei que podíamos nos despedir de verdade aqui. Quero dar uma coisa a você — continuou ele, colocando a mão em seu bolso e puxando o medalhão de prata que o vira usando na escola. Ele colocou a corrente na mão de Luce e ela percebeu que era um camafeu, com uma rosa gravada na frente. — Costumava ser seu — disse ele. — Há muito tempo.

Luce abriu o medalhão e viu uma pequena fotografia dentro dele, atrás de uma placa de vidro. Era uma foto deles dois, olhando não para a câmera, mas profundamente nos olhos um do outro, e rindo. O cabelo de Luce estava curto, como agora, e Daniel usava uma gravata-borboleta.

— Quando foi tirada? — perguntou ela, segurando o medalhão. — Onde estávamos?

— Vou contar da próxima vez que nos virmos — disse ele. Levantou a corrente acima da cabeça dela e a colocou em volta de seu pescoço. Quando o pingente tocou suas clavículas, ela pôde sentir um calor intenso pulsando dele, aquecendo sua pele fria e molhada.

— Eu amei — sussurrou ela, tocando a corrente.

— Sei que Cam deu aquele colar de ouro a você também — disse Daniel.

Luce não tinha mais pensado naquilo desde que Cam a forçara a colocá-lo no bar. Não acreditava que aquilo tinha sido ontem. A ideia de usá-lo a deixava enjoada. Ela nem sabia mais onde estava o colar — e nem queria saber.

— Ele colocou-o em mim — disse ela, sentindo-se culpada. — Eu não...

— Eu sei — disse Daniel. — O que aconteceu entre você e Cam não foi culpa sua. De alguma maneira ele preservou muito de seu charme angelical quando caiu. É muito persuasivo.

— Espero que eu nunca mais tenha que vê-lo. — Ela estremeceu.

— Receio que isso possa acontecer. E existem outros como Cam por aí. Vai ter que simplesmente confiar em seus instintos — disse Daniel. — Não sei quanto tempo vai demorar para ficar a par de tudo que aconteceu em nosso passado. Mas, enquanto isso, se sentir um instinto, mesmo a respeito de alguma coisa que ache que não conhece, confie nele. Provavelmente estará certa.

— Então devo confiar em mim mesma quando não puder confiar naqueles em volta de mim? — perguntou, sentindo como se isso fosse parte do que Daniel queria dizer.

— Tentarei estar lá para ajudar, e vou mandar notícias sempre que puder, quando estiver longe — disse Daniel. — Luce, você tem as

memórias de suas vidas passadas... mesmo que ainda não as tenha libertado. Se alguma coisa parecer errada para você, fique longe dela.

— Para onde você vai?

Daniel olhou para o céu.

— Achar Cam — disse. — Temos mais algumas contas para acertar.

O tom taciturno de sua voz deixou Luce nervosa. Ela se lembrou da grossa camada de poeira que Cam deixara no cemitério.

— Mas vai voltar para mim — pediu —, depois disso? Você promete?

— Eu... Eu não posso viver sem você, Luce. Eu amo você. Não importa só a mim, mas... — Daniel hesitou, então balançou a cabeça. — Não se preocupe com nada disso agora. Apenas saiba que vou voltar para você.

Lenta e relutantemente, os dois se levantaram. O sol tinha acabado de atingir o pico acima das árvores e refletia pequenos fragmentos no formato de estrelas sobre a água inquieta. Havia apenas uma curta distância para nadar dali até a margem lamacenta que os levaria até o avião. Luce queria que fossem quilômetros de distância. Ela poderia ter nadado com Daniel até a noite chegar. E até todo nascer e pôr do sol depois disso.

Os dois pularam de volta na água e começaram a nadar. Luce se certificou de colocar o medalhão dentro de sua regata. Se confiar em seus instintos era importante, seus instintos diziam para que ela nunca se separasse do colar.

Ela observou, novamente admirada, quando Daniel começou seu nado lento e elegante. Dessa vez, sob a luz, ela sabia que as asas iridescentes que ela via contornadas pelas gotas de água não eram fruto de sua imaginação. Eram reais.

Ela foi atrás, rasgando a água braçada após braçada. Rapidamente, seus dedos tocaram na margem. Ela odiava que já pudesse ouvir o

zumbido do motor do avião mais à frente na clareira. Tinham chegado ao momento em que teriam que se separar, e Daniel praticamente teve que arrastá-la para fora da água. Ela passara de molhada e feliz a ensopada e congelando. Eles andaram até o avião, a mão dele em suas costas.

Para a surpresa de Luce, o Sr. Cole estava segurando uma grande toalha branca quando pulou da cabine de piloto.

— Um anjinho me disse que poderia precisar disso — disse, desdobrando-a para Luce, que aceitou agradecida.

— Quem você está chamando de anjinho? — Ariane pulou de trás de uma árvore, seguida por Gabbe, que trazia o livro dos Guardiões.

— Viemos desejar ***bon voyage*** — disse Gabbe, entregando o livro a Luce. — Fique com isso — disse descontraída, mas seu sorriso parecia mais uma carranca.

— Dê a ela a parte boa — disse Ariane, cutucando Gabbe.

Gabbe tirou uma garrafa térmica de sua mochila, entregando-a a Luce. Ela tirou a tampa. Era chocolate quente e tinha um cheiro incrível. Luce segurou o livro e a garrafa em seus braços envoltos pela toalha, sentindo-se subitamente rica com suas posses. Mas ela sabia que, assim que entrasse naquele avião, se sentiria vazia e sozinha. Ela se apertou contra o ombro de Daniel, aproveitando a proximidade enquanto ainda podia.

Os olhos de Gabbe estavam límpidos e decididos.

— Vemos você em breve, tá bem?

Mas os olhos de Ariane ficavam se desviando, como se ela não quisesse olhar para Luce.

— Não faça nada idiota, tipo virar uma pilha de cinzas. — Ela embaralhou os pés. — Precisamos de você.

— ***Vocês*** precisam de ***mim***? — Luce perguntou. Ela precisou de Ariane para lhe mostrar o esquema da Sword & Cross. Ela precisou de

Gabbe aquele dia na enfermaria. Mas por que elas precisariam dela?

As duas garotas responderam apenas com sorrisos tristes antes de voltarem para a floresta. Luce se virou para Daniel, tentando esquecer que o Sr. Cole ainda estava parado a alguns metros de distância.

— Vou dar a vocês dois um momento a sós — disse o Sr. Cole, entendendo o recado. — Luce, do momento em que eu arrancar o motor, são três minutos para a decolagem. Encontro você na cabine.

Daniel a levantou e encostou sua testa na dela. Quando seus lábios se tocaram, Luce tentou registrar cada segundo. Ela precisaria dessa lembrança da mesma maneira que precisava de ar.

Porque... e se quando Daniel a deixasse a coisa toda começasse a parecer apenas mais um sonho? Um sonho, em parte um pesadelo, mas um sonho de qualquer maneira. Como podia ser possível ela sentir o que achava que sentia por alguém que nem era humano?

— É isso — disse Daniel. — Tome cuidado. Deixe o Sr. Cole guiá-la até eu voltar. — Um assobio estridente veio do avião, o Sr. Cole dizendo-lhes para encerrar. — Tente se lembrar do que eu disse.

— Qual parte? — Luce perguntou, ligeiramente em pânico.

— De tudo, mas principalmente que eu a amo.

Luce fungou. Sua voz ia falhar se tentasse dizer alguma coisa. Era hora de ir.

Ela correu até a porta aberta da cabine do avião, sentindo os jatos quentes das hélices quase a derrubando. Havia uma escada de três degraus, e o Sr. Cole estendeu a mão para ajudá-la a subir. Ele apertou um botão e a escada se encolheu de volta para dentro do avião. A porta se fechou.

Ela olhou para o complicado painel. Luce nunca tinha visto um avião tão pequeno. Nunca tinha estado numa cabine de piloto. Havia luzes piscando e botões em toda parte. Ela olhou para o Sr. Cole.

— Sabe pilotar essa coisa? — perguntou, secando os olhos na toalha.

— Força Aérea Americana, 59ª Divisão, às suas ordens — disse ele, batendo continência.

Luce desajeitadamente fez uma continência de volta.

— Minha esposa sempre diz às pessoas para não me deixar começar a falar sobre meus dias no Vietnã — disse, puxando para trás uma grande alavanca prateada. O avião tremeu ao começar a se movimentar. — Mas temos um longo voo pela frente, e tenho uma plateia cativada.

— Quer dizer uma plateia cativa — ela deixou escapar.

— Boa. — O Sr. Cole deu uma leve cotovelada nela. — Estou brincando — disse ele, rindo cordialmente. — Eu não a sujeitaria a isso. — O jeito com que ele se virou para ela quando riu a lembrou do jeito que seu pai sempre ria quando estavam vendo juntos um filme engraçado, e fez com que Luce se sentisse um pouco melhor.

As rodas estavam rolando rapidamente agora e a "pista" à frente deles parecia curta demais. Precisariam decolar bem rápido ou então iam entrar direto no lago.

— Sei o que está pensando — gritou ele por cima do rugido do motor. — Não se preocupe, faço isso o tempo todo!

E, bem antes da margem lamacenta abaixo deles acabar, ele puxou com força a alavanca entre eles e o nariz do avião apontou para o céu. O horizonte saiu de vista por um momento e o estômago de Luce guinou junto com ele. Mas, um momento depois, o balanço do avião se estabilizou, e a vista na frente deles se tornou apenas árvores e um céu limpo e aceso por estrelas. Abaixo deles estava o lago cintilante. A cada segundo, ficava mais distante. Tinham decolado para o oeste, mas o avião estava fazendo um círculo, e logo a janela de Luce mostrava a floresta pela qual ela e Daniel tinham acabado de voar. Ela a

contemplou, pressionando o rosto pela janela para procurá-lo e, antes do avião voar em linha reta, ela pensou ter visto uma pequena luz violeta. Ela segurou o medalhão em seu pescoço e o levou até os lábios.

Agora o campus estava abaixo deles, e o cemitério enevoado mais além. O lugar onde Penn seria enterrada em breve. Quanto mais alto eles voavam, mais Luce conseguia ver da escola onde seu maior segredo fora revelado — ainda que de um jeito muito diferente do que ela jamais poderia ter imaginado.

— Eles realmente fizeram um estrago naquele lugar — disse o Sr. Cole, balançando a cabeça.

Luce não fazia ideia do quanto ele sabia sobre os eventos que aconteceram na noite passada. Ele parecia tão normal, e, no entanto, estava levando tudo isso numa boa.

— Aonde estamos indo?

— Para uma pequena ilha perto da costa — disse ele, apontando distante em direção ao mar, onde o horizonte sumia até ficar preto. — Não é muito longe.

— Sr. Cole — disse ela —, conheceu meus pais.

— Gente boa.

— Eu vou poder... Gostaria de falar com eles.

— Certamente. Vamos dar um jeito nisso.

— Eles nunca acreditariam em nada disso.

— Você acredita? — ele perguntou, dando um sorriso de lado para ela enquanto o avião subia mais alto, se equilibrando no ar.

Essa era a questão. Ela ***precisava*** acreditar em tudo — da primeira centelha escura das sombras, até o momento em que os lábios de Daniel tocaram nos seus, até Penn deitada morta no altar de mármore da capela. Tudo aquilo precisava ser real.

De que outra maneira ela aguentaria até mesmo ver Daniel de novo? Ela segurou o medalhão em volta do pescoço mais uma vez, uma vida inteira de memórias ali. Suas memórias, Daniel tinha lembrado, eram suas para decifrar.

O que continham ela não sabia, não mais do que sabia sobre para onde o Sr. Cole a estava levando. Mas tinha se sentido como parte de ***alguma coisa*** aquela manhã na capela, parada ao lado de Ariane, Gabbe e Daniel. Não perdida e com medo e complacente... mas como se pudesse ter importância, não apenas para Daniel, mas para todos eles.

Ela olhou pelo para-brisa. Já teriam ultrapassado as salinas agora, e pela estrada que levava até aquele horrível bar onde encontrou Cam, e o longo trecho de areia da praia onde beijara Daniel pela primeira vez. Estavam agora sobre o mar aberto, que — em algum lugar — abrigava o novo destino de Luce.

Ninguém tinha chegado e contado a ela que haveria mais batalhas para serem travadas, mas Luce sentia a verdade dentro dela, de que estavam no princípio de algo longo, significativo e difícil.

Juntos.

E quer fossem as batalhas pavorosas ou redentoras, ou as duas coisas, Luce não queria mais ser apenas um peão. Uma sensação estranha estava despertando dentro dela — embebida por todas as suas vidas passadas, por todo o amor que ela sentira por Daniel, que tinha sido extinguido vezes demais antes.

Isso fez Luce querer estar ao lado dele e lutar. Lutar para sobreviver por tempo o bastante para ***viver*** ao lado dele. Lutar pela única coisa que ela sabia que era boa o suficiente, nobre o suficiente, poderosa o suficiente para valer a pena arriscar tudo.

O amor.

EPÍLOGO



DUAS GRANDES LUZES

A noite toda ele a observou dormindo, encaixada na estreita cama de lona. Uma única lanterna verde-oliva pendurada de uma das baixas vigas de madeira na cabana iluminava sua silhueta. O brilho suave acentuava o cabelo lustroso espalhado sobre o travesseiro, as bochechas ainda macias e rosadas do banho.

Toda vez que o mar batia contra a praia deserta, ela virava para o outro lado. A regata agarrava seu corpo de modo que, quando o cobertor fino se amontoava em volta dela, ele podia distinguir aquela pequena covinha marcando seu macio ombro esquerdo. Ele o tinha beijado tantas vezes antes.

Volta e meia ela suspirava durante o sono, depois respirava uniformemente, e então gemia, de algum lugar de um sonho profundo. Mas se era de prazer ou de dor, ele não sabia. Duas vezes ela chamou seu nome.

Daniel queria flutuar até ela. Deixar seu posto acima das velhas caixas de munição cheias de areia no alto de um mezanino da cabana de frente para o mar. Mas ela não podia saber que ele estava lá. Não

podia saber nem que ele estava por perto. Ou o que os próximos dias lhe trariam.

Atrás dele, na janela marcada de sal, ele viu de relance uma sombra passando. Então ouviu uma fraca batida no painel de vidro. Tirando os olhos da garota, ele se moveu até a janela e abriu a tranca. Uma chuva torrencial caía lá fora, reunindo-se ao mar. Uma nuvem escura escondia a lua e não jogava nenhuma luz sobre o rosto do visitante.

— Posso entrar?

Cam estava atrasado.

Apesar de Cam possuir o poder de conseguir simplesmente surgir ao lado de Daniel, Daniel abriu mais a janela para deixá-lo entrar. Tanta coisa era pompa e circunstância hoje em dia. Era importante para ambos que ficasse evidente que Daniel tinha deixado Cam entrar.

O rosto de Cam ainda estava sombreado, mas ele não mostrava sinais de ter viajado milhares de quilômetros na chuva. Seu cabelo escuro e sua pele estavam secos. As asas douradas, compactas e sólidas agora, eram a única parte que brilhava, como se fossem feitas de ouro vinte e quatro quilates. Apesar de ele as ter escondido cuidadosamente atrás de si, quando se sentou ao lado de Daniel numa caixa de madeira cheia de farpas, as asas de Cam gravitaram em direção às iridescentes e prateadas de Daniel. Era o estado natural das coisas, uma inexplicável confiança. Daniel não podia se afastar sem abrir mão da visão desobstruída que tinha de Luce.

— Ela é tão linda quando dorme — disse Cam suavemente.

— É por isso que queria que ela dormisse por toda a eternidade?

— ***Eu?*** Nunca. E ***eu*** teria matado Sophia pelo que ela tentou fazer, e não a deixado fugir como você fez. — Cam se inclinou para a frente, descansando os cotovelos no corrimão do mezanino. Lá embaixo, Luce apertou as cobertas em volta do pescoço. — A única coisa que quero é ela. Você sabe por quê.

— Então tenho pena de você. Vai acabar decepcionado.

Cam sustentou o olhar de Daniel e esfregou o queixo, rindo cruelmente para si mesmo.

— Ah, Daniel, sua miopia me surpreende. Ela ainda não é sua. — Ele deu mais uma longa olhada em Luce. — Ela pode achar que é. Mas nós dois sabemos o quão pouco ela entende.

As asas de Daniel ficaram tensas contra suas omoplatas, mas as pontas estavam apontadas para a frente. Mais perto das de Cam. Ele não conseguia impedir.

— A trégua dura dezoito dias — disse Cam. — Apesar de eu ter uma impressão de que possamos precisar um do outro antes disso.

Então ele se levantou, empurrando a caixa de volta com seus pés. O arranhão contra o teto acima da cabeça de Luce fez os olhos dela pestanejarem, mas os dois anjos se abaixaram e recuaram para a sombra antes que seu olhar pudesse se fixar em qualquer lugar.

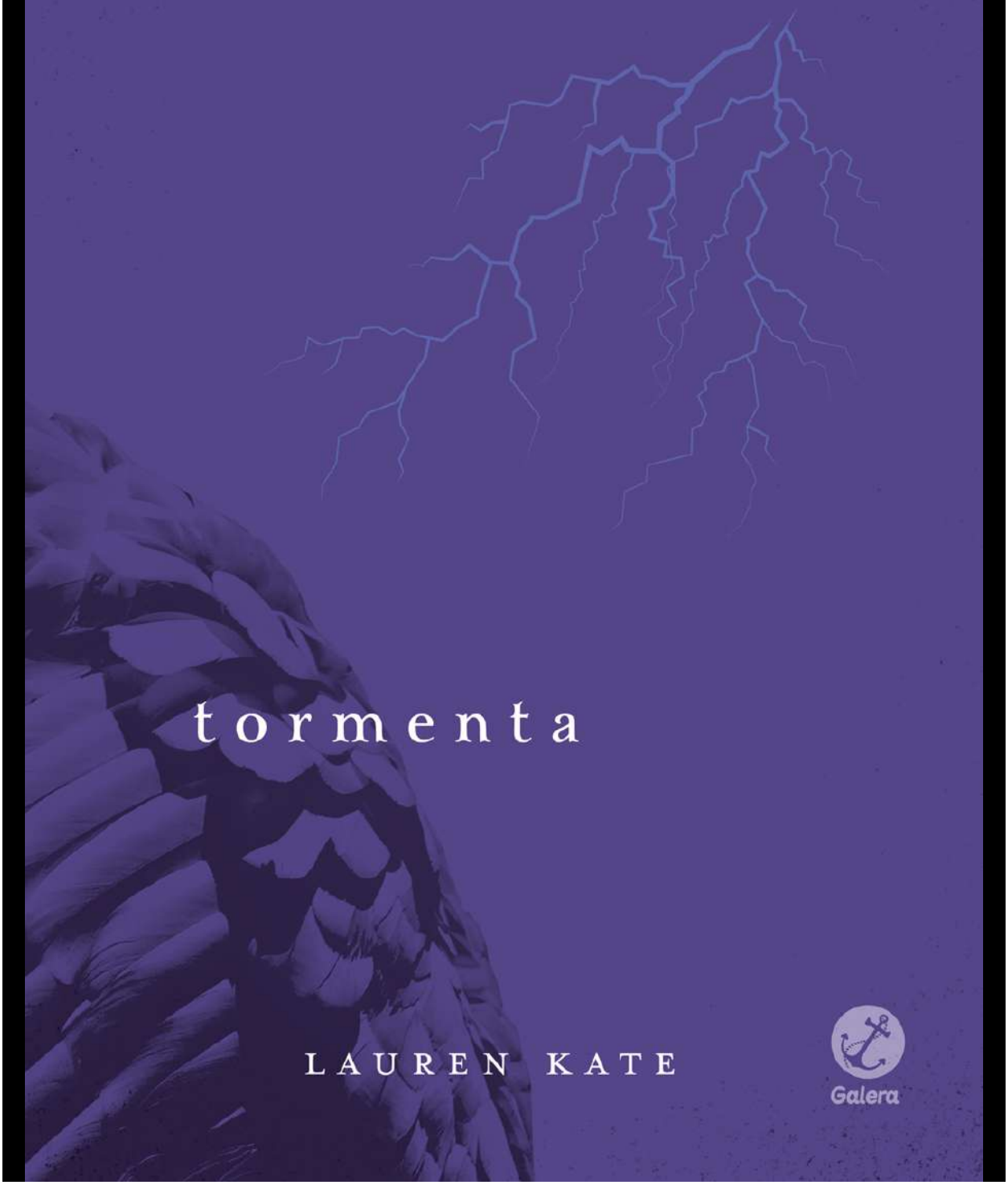
Eles se encararam, ambos ainda cansados da batalha, ambos sabendo que aquilo fora um mero gostinho do que estava por vir.

Lentamente, Cam estendeu a pálida mão direita.

Daniel estendeu a sua de volta.

Enquanto Luce sonhava ali embaixo com as mais gloriosas asas se desenrolando — de tipos que ela nunca havia visto antes —, dois anjos sobre as vigas apertavam as mãos.

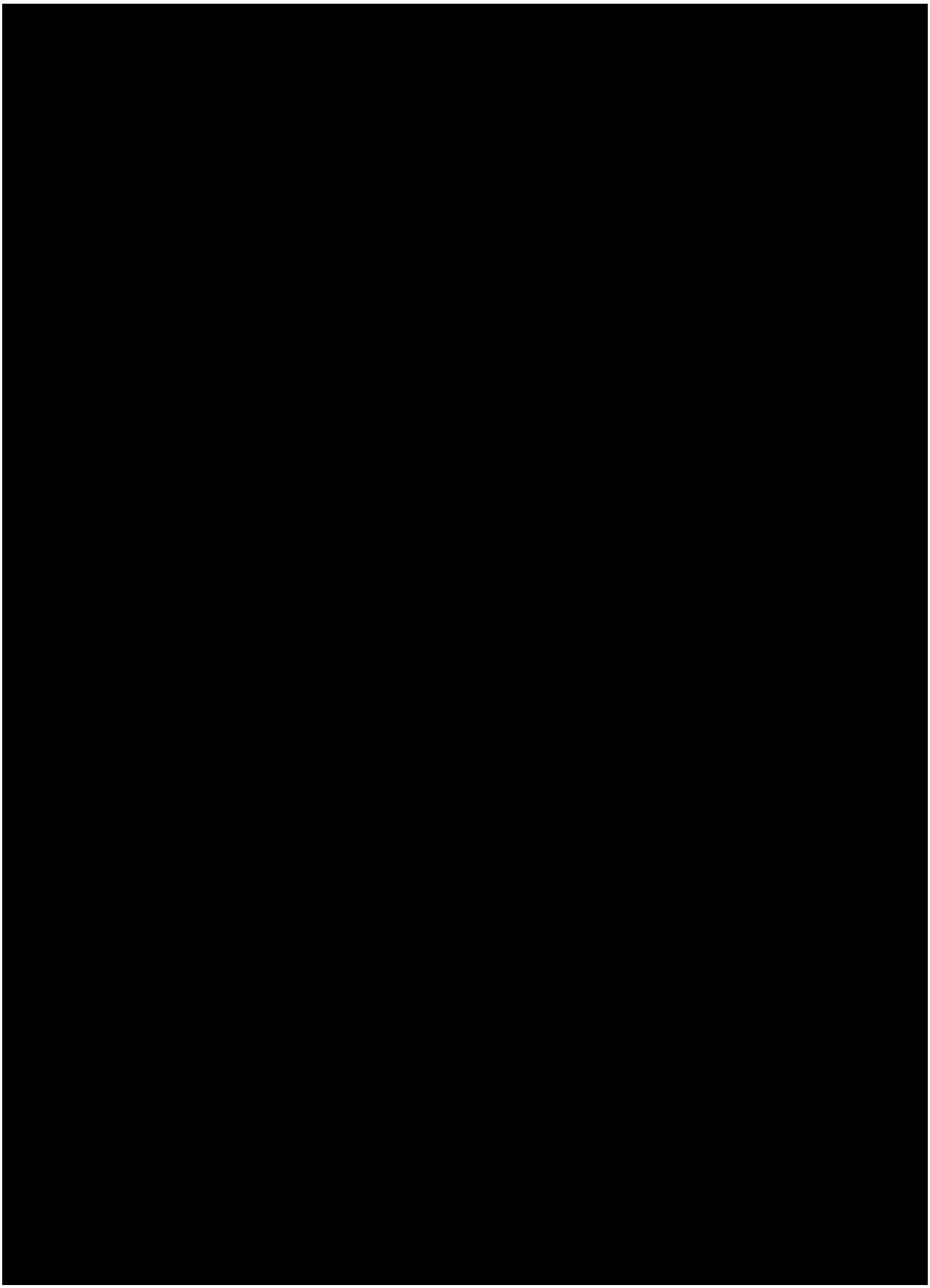
um romance da série
FALLEN



tormenta

LAUREN KATE

Galera



Livros da autora publicados pela Galera Record

Série Fallen
Volume 1 - Fallen
Volume 2 - Tormenta
Volume 3 - Paixão
Volume 4 - Êxtase

Apaixonados – Histórias de amor de Fallen
Anjos na escuridão – Contos da série Fallen
O livro de Cam – Um romance da série Fallen

Série Teardrop
Volume 1 – Lágrima
Volume 2 – Dilúvio

A traição de Natalie Hargrove

um romance da série
FALLEN

tormenta

LAUREN KATE

Tradução
Alda Lima

1ª EDIÇÃO

Galera
2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kate, Lauren
K31t Tormenta [recurso eletrônico] / Lauren Kate ; tradução Alda Lima. – Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.
(Fallen; 2)

Tradução de: Rapture
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09822-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

12-8163

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Rapture

Text copyright © 2012 by Lauren Kate e Tinderbox Books, LLC.

Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random House Children's Books, divisão da Random House, Inc.

Direitos de tradução negociados com Tinderbox Books, LLC e Sandra Bruna Agencia Literária, S. L.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09822-1
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para Elizabeth, Irdy, Anne e Vic.
Como tenho sorte em ter vocês.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, não tenho como agradecer o suficiente a meus leitores por todo o efusivo e generoso apoio. Por causa de vocês, pode ser que eu tenha que continuar escrevendo para sempre.

Para Wendy Loggia, cuja fé nessa série foi um grande presente, e que sabe exatamente como torná-la o que deveria ser. Para Beverly Horowitz, pela melhor e mais encorajadora conversa que já tive na vida, e pela sobremesa que você enfiou na minha bolsa. Para Krista Vitola, cujos e-mails com boas notícias alegraram tantos dos meus dias. Para Angela Carlino e o time de design, pela capa que poderia lançar ao mar mil navios. Para minha parceira de viagem, Noreen Marchisi, para Roshan Nozari e o resto da tremenda equipe de marketing da Random House. Vocês são mágicos. Para Michael Stearns e Ted Malawer, gênios incansáveis. Sua sabedoria e encorajamento fazem com que o trabalho seja quase divertido demais.

Para meus amigos, que me mantêm sã e inspirada. Para minha família no Texas, Arkansas, Baltimore e Flórida por tanta exuberância e amor. E para Jason, por cada dia.

Pois, se eu enxertar minhas asas nas suas
A aflição há de adiantar o voo em mim.



— GEORGE HERBERT, *Easter Wings*

PRÓLOGO



CAMPO NEUTRO

Daniel encarava a baía. Seus olhos estavam tão cinzentos quanto a espessa neblina que envolvia o litoral de Sausalito e as águas agitadas que revolviam os seixos sob seus pés. Não havia nenhum vestígio de violeta em seus olhos agora; ele podia sentir. Ela estava longe demais.

Apertou os braços contra o corpo para se proteger do vendaval que batia nas águas, respingando nele. Mas, mesmo quando fechou mais ainda seu grosso casaco de lã, sabia que não adiantaria. Caçar sempre o deixava gelado.

Apenas uma coisa poderia esquentá-lo hoje, e ela estava fora de seu alcance. Sentia saudades de como o topo da cabeça de Luce era o lugar perfeito para os lábios dele descansarem. Imaginava-se preenchendo o vazio entre seus braços com o corpo dela, se inclinando para beijar seu pescoço. Mas era melhor que Luce não estivesse ali agora. O que veria a deixaria horrorizada.

Atrás dele, o ruído dos leões-marinhos indo de um lado para o outro ao longo da costa sul da Ilha Angel soava como seus sentimentos: uma solidão dolorosa, sem ninguém por perto para ouvi-lo.

Ninguém além de Cam.

Ele estava agachado na frente de Daniel, amarrando uma âncora enferrujada em volta da forma molhada e desajeitada aos pés dos dois. Mesmo ocupado com algo tão sinistro, Cam era belo. Seus olhos verdes cintilavam e o cabelo escuro fora cortado. Era a trégua; ela sempre trazia um brilho mais intenso aos anjos, uma luminosidade ainda mais forte no rosto e no cabelo e até mesmo uma forma mais bem-feita ao já impecável e musculoso corpo. Dias de trégua faziam pelos anjos o que férias na praia faziam pelos humanos.

Então, mesmo que Daniel chorasse por dentro cada vez que era forçado a acabar com uma vida humana, para qualquer um ele pareceria um cara voltando das férias no Havaí: relaxado, descansado, bronzeado.

Apertando um de seus elaborados nós, Cam disse:

— É tão típico de você, Daniel. Sumir e me deixar fazer o trabalho sujo sozinho.

— Do que está falando? Fui eu quem o matou. — Daniel baixou os olhos para o homem morto, o cabelo grisalho e crespo grudado na testa pálida, para as mãos enrugadas e galochas de borracha barata, para o risco vermelho-escuro no peito dele. Aquilo fez Daniel sentir frio mais uma vez. Se essa morte não fosse necessária para garantir a segurança de Luce, para deixá-la a salvo, Daniel nunca mais levantaria uma arma. Nunca mais lutaria numa batalha.

E alguma coisa sobre a morte desse homem não parecia se encaixar muito bem. Na verdade, Daniel tinha uma vaga e preocupante sensação de que alguma coisa estava profundamente errada.

— Acabar com eles é a melhor parte. — Cam envolveu o peito do homem com a corda, apertando bem debaixo dos braços. — O trabalho sujo é despachá-los mar adentro.

Daniel ainda estava segurando o galho de árvore ensanguentado. Cam tinha caçoado da escolha, mas Daniel nunca se importava com a arma que usava. Ele podia matar com qualquer coisa.

— Rápido — grunhiu, enojado pelo óbvio prazer que Cam sentia em derramar sangue humano. — Está perdendo tempo. A maré está

baixando.

— E, a não ser que façamos isso do meu jeito, a maré alta de amanhã vai trazer o matador aqui de volta para a praia. Você é impulsivo demais, Daniel, sempre foi. Alguma vez já planejou algo um pouco mais à frente?

Daniel cruzou os braços e olhou para trás em direção às cristas brancas das ondas. Uma balsa turística do cais de São Francisco estava deslizando na direção deles. Tempos atrás, a visão daquele barco poderia ter trazido de volta uma enxurrada de memórias. Mil viagens felizes que havia feito com Luce através de mares ao longo de encarnações diferentes. Mas, agora — agora que ela podia morrer e nunca mais voltar, nessa vida onde tudo havia mudado e não haveria mais encarnações —, Daniel estava sempre muito ciente de como a memória *dela* estava em branco. Essa era a última chance, para ambos. Para todo mundo, na verdade. Portanto, era a memória de Luce, e não a de Daniel, que importava, e se ela desejasse sobreviver, inúmeras verdades terríveis precisariam ser reveladas. Só de pensar em tudo o que ela precisava descobrir fazia seu corpo todo ficar tenso.

Se Cam achava que Daniel não estava planejando à frente, estava muito enganado.

— Você sabe que só existe um motivo para eu ainda estar aqui — disse Daniel. — Precisamos conversar sobre ela.

Cam riu.

— Ia fazer isso. — Com um grunhido, ele jogou o cadáver ensopado por cima do ombro. O terno azul-marinho do morto se enrugou entre as voltas de corda que Cam tinha amarrado. A pesada âncora descansava no peito ensanguentado.

— Esse aqui é meio esquisito, não é? — perguntou Cam. — Estou quase ofendido que os Anciões não tenham mandado um assassino mais desafiador.

Em seguida — como se fosse um arremessador olímpico de peso —, Cam dobrou os joelhos, girou três vezes para ganhar velocidade, e lançou o homem morto na água, mais de trezentos metros pelo mar adentro.

Durante alguns longos segundos, o cadáver percorreu a baía. Então, o peso da âncora o puxou para baixo... para baixo... Cada vez mais. Quando caiu, espirrou água do profundo mar verde-azulado. Mas quase instantaneamente afundou e sumiu de vista.

Cam limpou as mãos e disse:

— Acho que acabo de bater um recorde.

Eles se pareciam de tantas maneiras. Mas Cam era algo ruim, um demônio, e por isso era capaz de atos desprezíveis sem o menor remorso. Daniel estava aleijado pelo remorso. E, nesse momento, estava ainda mais aleijado pelo amor.

— Você não leva a vida humana a sério — disse Daniel.

— Esse cara mereceu — respondeu Cam. — Realmente não vê diversão nisso tudo?

Nesse momento, Daniel o encarou e esbravejou:

— Ela não é um jogo para mim.

— E é exatamente por isso que você vai perder.

Daniel segurou Cam pela gola de seu casaco cinza-escuro. Pensou em jogá-lo na água da mesma maneira que ele acabara de jogar o predador.

Uma nuvem atravessou na frente do sol, sombreando o rosto de ambos.

— Calma — disse Cam, afastando as mãos de Daniel. — Você tem inimigos de sobra, Daniel, mas, nesse momento, não sou um deles. Lembre-se da trégua.

— Uma trégua e tanto — reclamou Daniel. — Dezoito dias em que outros tentam matá-la.

— Dezoito dias em que você e eu acabamos com eles — corrigiu Cam.

Era uma tradição angélica que a trégua durasse dezoito dias. No Céu, dezoito era o número mais divino e de sorte: uma afirmação da vida feita por setes (os arcanjos e as virtudes cardeais), e equilibrada pela advertência dos quatro cavaleiros do Apocalipse. Em alguns idiomas mortais, dezoito passara a significar a própria vida — apesar

de, nesse caso, para Luce poder facilmente significar tanto a vida quanto a morte.

Cam tinha razão. Conforme a notícia da mortalidade de Luce se espalhasse pelas camadas celestes, as hordas de inimigos iriam dobrar e quadruplicar a cada dia. A Srta. Sophia e seus soldados, os 24 Anciãos de Zhsmaelin, ainda estavam atrás de Luce. Daniel vira os Anciãos nas sombras lançadas pelos Anunciadores naquela mesma manhã. Ele havia visto outra coisa também — outra escuridão, uma artimanha mais elaborada, uma que a princípio ele não reconhecera.

Um raio de luz solar atravessara as nuvens, e alguma coisa brilhou na visão periférica de Daniel. Ele se virou e se ajoelhou, encontrando uma única flecha espetada na areia molhada. Era mais fina que uma flecha comum, de um prata esmaecido, adornada por desenhos um espiral. Estava quente ao toque.

Daniel parou de respirar por um momento. Há uma eternidade não via uma seta estelar. Seus dedos tremiam enquanto gentilmente retirava-a da areia, tomando cuidado para não tocar a ponta afiada e mortal.

Agora Daniel sabia de onde aquela outra escuridão viera em meio às sombras dos Anunciadores naquela manhã. As notícias eram ainda piores do que temia. Ele se virou para Cam, com a flecha leve como uma pluma equilibrada sobre uma das mãos.

— Ele não estava agindo só.

Cam se enrijeceu ao ver a flecha. Moveu-se em direção a ela quase com reverência, estendendo a mão para tocá-la da mesma maneira que Daniel havia feito.

— Uma arma tão valiosa para ser deixada para trás. O Pária devia estar com muita pressa para fugir.

Os Párias: uma facção de anjos covardes e tagarelas, evitados tanto pelo Céu quanto pelo Inferno. Sua grande força estava no recluso anjo Azazel, o único ferreiro remanescente daquele tipo, que ainda conhecia a arte da confecção de setas estelares. Quando disparada por seu arco de prata, uma seta estelar não deixava mais do que um ponto

dolorido em um mortal, mas, para anjos e demônios, aquela era a arma mais mortal de todas.

Todos as queriam, mas ninguém estava disposto a se associar aos Párias, então a troca de setas estelares era sempre feita clandestinamente, por meio de algum mensageiro. O que significava que o homem que Daniel eliminara não era nenhum matador enviado pelos Anciãos. Era um simples contrabandista. O Pária, o verdadeiro inimigo, havia se afastado — provavelmente assim que vira Daniel e Cam. Daniel sentiu um arrepio. Essa notícia não era nada boa.

— Matamos o cara errado.

— Como "errado"? — replicou Cam. — O mundo não ficou melhor com um predador a menos? Luce não está mais segura? — Ele encarou Daniel, e depois o mar. — O problema é que...

— Os Párias.

Cam assentiu.

— Então agora eles também a querem.

Daniel podia sentir as pontas de suas asas se eriçando por baixo do suéter de cashmere e do casaco pesado, uma coceira ardente que o fazia tremer. Ele ficou parado, os olhos fechados e os braços caídos, lutando para se controlar antes que suas asas explodissem como as velas de um navio se desenrolando violentamente, levando-o para o alto e para fora da ilha, em direção à baía. Em direção a ela.

Ele fechou os olhos e tentou imaginar Luce. Fora um esforço monumental abandonar aquela cabine, e o sono tranquilo dela na pequena ilha a leste de Tybee. Já era noite lá. Será que ela estava acordada? Será que estava com fome?

A batalha na Sword & Cross, as revelações, a morte de sua amiga, tudo aquilo havia abalado muito Luce. Os anjos esperavam que ela dormisse por um dia e uma noite inteiros. Mas, na amanhã seguinte, precisavam ter um plano pronto.

Essa havia sido a primeira vez que Daniel propusera uma trégua. Definir os limites, fazer as regras, e elaborar um sistema de consequências caso qualquer um dos lados desobedecesse às regras — era uma imensa responsabilidade a se dividir com Cam. É óbvio que

ele faria isso, faria qualquer coisa por ela... Só queria ter certeza de que estava fazendo tudo *certo*.

— Temos que escondê-la em algum lugar seguro — dissera. — Há uma escola ao norte, perto de Fort Bragg...

— A Shoreline. — Cam assentiu. — Os meus também já pensaram nisso. Ela ficará feliz lá. Será educada em um lugar que não a colocará em perigo. E, acima de tudo, estará protegida.

Gabbe já havia explicado a Daniel que tipo de camuflagem a Shoreline podia proporcionar. Em breve, a notícia de que Luce estava escondida lá se espalharia, mas, ao menos durante um tempo, no perímetro da escola, ela estaria praticamente invisível. Lá dentro, Francesca, o anjo mais próximo a Gabbe, cuidaria de Luce. Do lado de fora, Daniel e Cam caçariam e matariam qualquer um que ousasse se aproximar das fronteiras da escola.

Quem teria contado a Cam sobre a Shoreline? Daniel não gostava da ideia dos aliados de Cam saberem mais do que os dele. Já estava se amaldiçoando por não ter visitado a escola antes de tomar essa decisão, mas fora difícil o suficiente deixar Luce quando foi preciso.

— Ela pode começar amanhã de manhã. Contanto... — os olhos de Cam examinaram o rosto de Daniel. — Contanto que você esteja de acordo.

Daniel tocou o bolso da frente de sua camisa, onde guardava uma fotografia recente. Luce no lago da Sword & Cross, o cabelo molhado brilhando e um raro sorriso em seu rosto. Geralmente, quando finalmente conseguia uma foto dela numa de suas encarnações, já a tinha perdido de novo. Dessa vez ela ainda estava lá.

— Vamos, Daniel — disse Cam. — Nós dois sabemos do que ela precisa. Nós a matriculamos... depois a deixamos em paz. Não há nada que possamos fazer para apressar essa fase, a não ser deixá-la sozinha.

— Não posso deixá-la sozinha por tanto tempo assim. — Daniel havia soltado aquelas palavras rápido demais. Ele baixou os olhos para a flecha em suas mãos, sentindo-se enjoado. Queria atirá-la no oceano, mas não podia.

— Então. — Cam apertou os olhos. — Não contou a ela.

Daniel congelou.

— Não posso contar nada a ela. Nós poderíamos perdê-la.

— *Você* poderia perdê-la — zombou Cam.

— Sabe o que quero dizer. — Daniel enrijeceu. — É arriscado demais achar que ela poderia compreender tudo sem...

Fechou os olhos para espantar a imagem das aterrorizantes chamas vermelhas. Mas elas estavam sempre ardendo no fundo de seus pensamentos, com a ameaça iminente de se espalharem como um incêndio florestal. Se contasse a verdade a ela e isso a matasse, dessa vez Luce *realmente* desapareceria. E seria culpa dele. Daniel não poderia fazer nada — não poderia existir — sem ela. Suas asas arderam com aquele pensamento. Melhor protegê-la por apenas mais algum tempo.

— Que conveniente para você — murmurou Cam. — Só espero que ela não fique desapontada.

Daniel o ignorou.

— Acha que ela vai conseguir aprender algo nessa escola?

— Sim — respondeu Cam lentamente. — Contanto que concordemos que ela não terá distrações externas. Isso significa nada de Daniel, nada de Cam. Esta precisa ser nossa regra fundamental.

Não a ver durante dezoito dias? Daniel não podia nem imaginar. Também não conseguia imaginar Luce concordando com isso. Acabaram de se encontrar nessa vida e finalmente tinham uma chance de ficarem juntos. Mas, como de costume, explicar os detalhes poderia matá-la. Ela não podia ouvir sobre suas vidas passadas através dos anjos. Luce ainda não sabia, mas, muito em breve, ela teria que compreender tudo... sozinha.

A verdade de que não se podia falar — e principalmente o que Luce acharia dela — aterrorizava Daniel. Mas Luce precisava descobri-la sozinha para se libertar daquele horrível ciclo vicioso. Por isso sua experiência na Shoreline seria crucial. Durante dezoito dias, Daniel poderia matar todos os Párias que atravessassem seu caminho.

Mas, quando a trégua acabasse, tudo estaria nas mãos de Luce, mais uma vez. Nas mãos de Luce, e de mais ninguém.

O sol estava se pondo sobre o Monte Tamalpais e a neblina noturna se assentava.

— Deixe-me levá-la para a Shoreline — disse Daniel. Seria a última chance de vê-la.

Cam o olhou de um jeito estranho, pensando se deveria permitir. Mais uma vez, Daniel teve que fazer um esforço consciente para que as asas permanecessem em suas costas.

— Tudo bem — respondeu Cam, finalmente. — Mas quero a seta estelar em troca.

Daniel entregou a arma, e Cam a guardou dentro de seu casaco.

— Leve-a até a escola e então me encontre. Não faça besteira; estarei atento.

— E depois?

— Nós dois precisamos caçar.

Daniel assentiu e desenrolou suas asas, sentindo o profundo prazer de libertá-las correndo por todo o corpo. Ficou parado por um momento, juntando energias, sentindo a resistência cruel do vento. Hora de partir desse lugar amaldiçoado e feio, de deixar suas asas levarem-no de volta para um lugar onde podia ser ele mesmo.

De volta para Luce.

E de volta para a mentira que ele teria que manter por mais algum tempo.

— A trégua começa à meia-noite de amanhã — falou Daniel, espalhando um jato de areia às suas costas enquanto subia e atravessava o céu.

UM



DEZOITO DIAS

Luce se forçou a ficar de olhos fechados durante as seis horas de voo para atravessar o país, da Geórgia até a Califórnia, até as rodas do avião tocarem o chão de São Francisco. Assim, quase dormindo, era bem mais fácil fingir que já estava com Daniel.

Parecia que se passara uma vida inteira desde a última vez em que ela o vira, apesar de terem sido na verdade apenas alguns dias. Desde que se despediram na Sword & Cross, sexta de manhã, Luce sentia-se fraca. A ausência da voz dele, de seu calor, do toque de suas asas: aquilo doía nos ossos, como uma doença estranha.

Um braço encostou no seu, e Luce abriu os olhos. Ela estava a centímetros de um homem de olhos grandes e cabelos castanhos, alguns anos mais velho do que ela.

— Desculpe — disseram os dois ao mesmo tempo, cada qual se afastando alguns centímetros para lados opostos do braço da poltrona do avião.

A vista era deslumbrante do lado de fora da janela. O avião estava aterrissando em São Francisco, e Luce nunca vira nada como aquilo. Enquanto cruzavam a parte sul da baía, um afluente azul parecia

atravessar a terra a caminho do mar. O córrego dividia um campo verde arrebatador: de um lado um redemoinho de algo vermelho de outro lado era branco. Ela encostou a testa na janela do avião e tentou enxergar melhor.

— O que é aquilo? — perguntou-se em voz alta.

— Sal — respondeu o homem, apontando. Ele se inclinou para mais perto. — Sai do Pacífico.

A resposta era tão simples, tão... humana. Quase uma surpresa depois do tempo que ela passara com Daniel e os outros — ainda não tinha prática em usar aqueles termos de forma literal — anjos e demônios. Ela olhou para a água azul-escura, que parecia se estender infinitamente a oeste. O sol batendo nas águas sempre significara *manhã* para Luce, que crescera na costa do Atlântico. Mas aqui já era quase noite.

— Você não é daqui, é? — perguntou seu colega de poltrona.

Luce confirmou com a cabeça, mas segurou a língua. Ela continuou encarando a janela. Antes de deixar a Geórgia nessa manhã, o Sr. Cole a havia instruído a ser discreta. Os outros professores achavam que os pais de Luce haviam pedido que ela fosse transferida, mas era mentira. Para os pais de Luce, Callie, e qualquer outra pessoa que a conhecesse, ela ainda estava matriculada na Sword & Cross.

Algumas semanas antes, isso a teria deixado enfurecida. Mas os acontecimentos naqueles últimos dias na Sword & Cross transformaram Luce em uma pessoa que levava o mundo mais a sério. Ela tivera um vislumbre de outra encarnação — uma das muitas que partilhara com Daniel antes, e descobrira um amor mais profundo do que ela jamais achara ser possível existir. E depois havia visto tudo aquilo ser ameaçado por uma velha desequilibrada, em quem achava que podia confiar, brandindo um punhal.

Havia mais pessoas por aí como a Srta. Sophia, Luce sabia disso. Mas ninguém lhe explicara como reconhecê-las. A Srta. Sophia parecia normal até então. Será que os outros poderiam parecer tão inocentes quanto... esse cara de cabelo castanho sentado ao seu lado?

Luce engoliu em seco, cruzou as mãos sobre o colo, e tentou pensar em Daniel.

Daniel estava levando-a para um lugar seguro.

Luce imaginou-o esperando por ela numa daquelas cadeiras de plástico cinzentas de aeroporto, com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça loira caída entre os ombros. Balançando para a frente e para trás sobre o par de All Star preto. Levantando-se de poucos em poucos minutos para andar de um lado da esteira até o outro.

Sentiu um solavanco quando o avião tocou o solo. Subitamente ela estava nervosa. Será que Daniel ficaria tão feliz em vê-la quanto ela estava em vê-lo?

Ela concentrou sua atenção na estampa marrom e bege do tecido da poltrona à frente. Seu pescoço estava tenso por causa do longo voo, e as roupas tinham aquele cheiro de ambiente fechado de avião. Os trabalhadores de roupa azul-marinho do outro lado das janelas pareciam estar demorando mais do que o normal para direcionar o avião para a vaga. Seus joelhos balançavam-se de impaciência.

— Então você vai ficar na Califórnia por algum tempo? — O cara ao lado dela abriu um sorriso preguiçoso que só deixou Luce com ainda mais vontade de se levantar.

— Por que acha isso? — perguntou ela rapidamente. — O que o fez pensar assim?

Sem entender, ele respondeu:

— Essa bolsa de viagem vermelha imensa e tal.

Luce se afastou dele alguns centímetros. Ela nem havia notado esse cara até dois minutos atrás, quando ele esbarrara nela, acordando-a. Como ele sabia sobre sua bagagem?

— Ei, não precisa ficar assustada. — Ele olhou de forma estranha para ela. — Eu só estava atrás de você na fila do check-in.

Luce sorriu, sem jeito.

— Tenho namorado — soltou sem querer. Instantaneamente, seu rosto ficou vermelho.

O homem tossiu.

— Certo, entendi.

Luce fez uma careta. Ela não sabia por que havia dito aquilo. Não queria ser grosseira, mas já podia soltar o cinto de segurança e tudo que ela queria era ir pra longe daquele cara e daquele avião. O homem deve ter percebido, pois voltou um pouco no corredor e estendeu a mão para a frente. O mais educadamente possível, Luce passou à sua frente e seguiu para a saída.

Logo adiante, porém, acabou engarrafada na agonizante e lenta fila para sair do avião. Silenciosamente amaldiçoando todos os californianos relaxados que se embaralhavam na frente dela, Luce ficou na ponta dos pés, impaciente. Quando pisou no terminal, já estava furiosa.

Finalmente podia se mexer. Com habilidade, abriu caminho entre a multidão e se esqueceu completamente do cara que conhecera no avião. Esqueceu-se de ficar nervosa por nunca ter estado na Califórnia — nunca ter ido além de Branson, Missouri, naquela vez em que seus pais a arrastaram para assistir a uma comédia de Yakov Smirnoff. E, pela primeira vez em dias, ela até esqueceu por um momento das coisas horríveis pelas quais passara na Sword & Cross. Estava andando em direção à única coisa no mundo que tinha o poder de fazê-la se sentir melhor. A única coisa que podia fazê-la sentir que toda a angústia pela qual passara — todas as sombras, aquela batalha irreal no cemitério, e o pior de tudo, a dor pela morte de Penny — poderia ter valido a pena.

Lá estava ele.

Sentado exatamente como ela imaginara, na última fileira de um bloco sem graça de cadeiras cinzentas ao lado de uma porta automática que abria e fechava atrás dele. Por um segundo, Luce parou e simplesmente admirou a cena.

Daniel usava chinelos e jeans escuros que ela nunca vira antes, e uma camisa vermelha velha com um rasgo perto do bolso da frente. Ele parecia igual, mas de alguma maneira também diferente. Mais relaxado do que estivera quando se despediram no outro dia. E era só por sentir tanto sua falta, ou a pele dele estava mesmo ainda mais

radiante do que ela se lembrava? Daniel levantou os olhos e finalmente a viu. Seu sorriso praticamente cintilava.

Luce disparou na direção dele. Em um segundo, os braços de Daniel estavam em volta dela, seu rosto enterrado no peito dele, e Luce soltou um suspiro longo e profundo. Sua boca encontrou a dele e os dois mergulharam num beijo. Ela ficou relaxada e feliz em seus braços.

Não havia percebido até agora, mas uma parte sua tinha se perguntado se o veria novamente, se aquilo tudo havia sido um sonho. O amor que sentia, o amor que Daniel retribuía, tudo ainda parecia tão surreal.

Ainda inebriada pelo beijo, Luce beliscou o braço dele levemente. Não era sonho. Pela primeira vez em sabe-se lá quanto tempo, sentia-se em casa.

— Você está aqui — sussurrou ele em seu ouvido.

— *Você* está aqui.

— Nós dois estamos aqui.

Eles riram, ainda se beijando, acabando com qualquer resquício da doce estranheza do reencontro. Mas, quando Luce mal esperava, sua risada virou um choramingo. Ela estava procurando uma maneira de dizer como os últimos dias haviam sido difíceis — sem ele, sem ninguém, meio adormecida e grogue, ciente de que tudo estava diferente —, mas nos braços de Daniel ela não conseguia achar as palavras.

— Eu sei — disse ele. — Vamos pegar a mala e dar o fora daqui.

Luce andou até a esteira e viu seu vizinho de avião parado na frente dela, as alças de sua imensa bolsa vermelha nas mãos.

— Eu vi isso passando — falou, com um sorriso forçado no rosto, como se quisesse de qualquer maneira provar que suas intenções eram boas. — É sua, não é?

Antes que Luce tivesse tempo de responder, Daniel tirou o peso do homem, usando apenas uma das mãos.

— Obrigado, cara. Eu cuido disso daqui em diante — disse, com determinação o bastante para terminar a conversa.

O homem observou enquanto Daniel passava a outra mão em volta da cintura de Luce e a levava para longe. Essa era a primeira vez desde a Sword & Cross em que ela podia ver Daniel pelos olhos do mundo, sua primeira chance de se perguntar se os outros podiam perceber, só de olhar, que havia algo de extraordinário nele.

Então passaram pelas portas de vidro automáticas e ela respirou pela primeira vez o ar da costa oeste. O ar do início de novembro parecia fresco e vivo, mais saudável de alguma maneira, diferente do ar úmido e gelado da Savannah naquela tarde, quando o avião decolara. O céu era de um azul brilhante, sem nuvens no horizonte. Tudo parecia novo e limpo — até mesmo o estacionamento, com suas inúmeras fileiras de carros recém-lavados. Um horizonte de montanhas emoldurava tudo, marrons com pequenos pontos de árvores verdes, uma colina encostada na outra.

Ela não estava mais na Geórgia.

— Não consigo decidir se fico surpreso — provocou Daniel. — Você sai debaixo da minha asa durante dois dias e outro cara já se intromete.

Luce revirou os olhos.

— Qual é. Mal nos falamos. Sério, dormi o voo inteiro. — Ela o cutucou. — Sonhei com você.

Os lábios de Daniel se abriram num sorriso e ele beijou o topo de sua cabeça. Ela ficou imóvel, querendo mais, nem percebendo que Daniel havia parado na frente de um carro. E não era um carro qualquer.

Um Alfa Romeo preto.

O queixo de Luce caiu quando Daniel abriu a porta do carona.

— I-isso... — gaguejou ela. — I-isso... Você *sabia* que esse é o carro dos meus sonhos?

— Melhor do que isso — riu Daniel. — Esse costumava *ser* o seu carro.

Ele riu quando Luce praticamente saltou com aquelas palavras. Ainda estava se acostumando com essa história de reencarnação. Era tão injusto. Um carro do qual nem se lembrava. Vidas *inteiras* das

quais ela não se lembrava. Estava desesperada para se recordar, quase como se as Luces anteriores fossem irmãs de quem havia sido separada ao nascer. Ela colocou uma das mãos no painel, tentando despertar alguma coisa, algum déjà-vu.

Nada.

— Foi um presente de 16 anos de seus pais algumas vidas atrás. — Daniel olhou para os lados, como se estivesse tentando decidir o quanto contar. Como se soubesse que ela estava ávida por detalhes, mas não fosse conseguir descobrir muitos ao mesmo tempo. — Acabei de comprar de um cara em Reno. Ele comprou depois que você... Bem, depois de você...

Entrar em combustão espontânea, pensou Luce, completando a amarga verdade de que Daniel não falava. Esse era um ponto em comum entre suas vidas passadas: o final raramente mudava.

Dessa vez, porém, pelo que parecia, isso poderia acontecer. Dessa vez poderiam dar as mãos, se beijar, e... ela não sabia o que mais poderiam fazer, mas não via a hora de descobrir. Ela tentou se controlar. Precisavam ter cuidado. Dezessete anos não eram suficientes e, nessa vida, Luce estava determinada a ficar por aqui para ver como realmente era estar com Daniel.

Ele limpou a garganta e bateu de leve no capô preto e brilhante.

— Ainda corre como um campeão. O único problema é... — Ele olhou para o pequeno porta-malas do conversível, depois para a mala de Luce, depois de volta ao porta-malas.

Sim, Luce tinha um terrível hábito de colocar coisas demais na mala, ela mesma seria a primeira a admitir. Mas, dessa vez, não era culpa sua. Ariane e Gabbe haviam arrumado seus pertences do dormitório na Sword & Cross, guardando cada item preto e não preto de roupa que ela não tivera chances de usar. Estivera muito ocupada se despedindo de Daniel e de Penn para arrumar as malas. Ela fez uma careta, se sentindo culpada por estar na Califórnia com Daniel, tão longe de onde deixara a amiga enterrada. Não parecia justo. O Sr. Cole assegurou-lhe de que a Srta. Sophia pagaria pelo que fizera a

Penn, mas quando Luce o pressionou para saber o que exatamente ele queria dizer com aquilo, ele cofiara o bigode e se fechara.

Daniel olhou com desconfiança em volta do estacionamento. Ele abriu o porta-malas, com a imensa mala de Luce numa das mãos. Não havia possibilidade de caber, mas então um som suave de sucção veio da traseira do carro e a mala de Luce começou a encolher. Um momento depois, Daniel fechou o porta-malas.

Luce ficou impressionadíssima.

— Faz isso de novo!

Daniel não riu, parecia nervoso. Ele sentou no banco do motorista e ligou o carro sem dar uma palavra. Era uma coisa nova e estranha para Luce: ver seu rosto aparentemente tão sereno, mas conhecê-lo bem o bastante para perceber que havia alguma coisa escondida em seu íntimo.

— O que foi?

— O Sr. Cole lhe avisou para manter discrição, certo?

Luce assentiu.

Daniel deu ré, então virou o carro na direção da saída do estacionamento, enfiando um cartão na máquina que liberava a catraca.

— Isso foi idiotice. Eu devia ter pensado...

— Qual é o problema? — Luce colocou o cabelo escuro atrás das orelhas quando o carro começou a ganhar velocidade. — Acha que encaixar uma bagagem num porta-malas vai atrair a atenção de Cam?

Daniel ficou com um olhar distante e sacudiu a cabeça.

— Não de Cam. Não. — Um momento depois, ele apertou o joelho dela. — Esqueça o que eu disse. Eu só... *Nós* só precisamos ter cuidado.

Luce ouviu, mas estava esfuziante demais para prestar atenção. Ela amava observar Daniel dirigindo enquanto subiam a estrada e ultrapassavam o tráfego todo; amava a sensação do vento chicoteando o carro enquanto aceleravam na direção do imponente horizonte de São Francisco; amava — mais do que tudo — simplesmente estar com Daniel.

Em São Francisco, as estradas eram muito mais inclinadas. Toda vez que chegavam a um pico e começavam a descer de novo, Luce via uma faceta diferente da cidade. Parecia antiga e moderna ao mesmo tempo: arranha-céus espelhados lado a lado com restaurantes e bares que pareciam ter um século de idade. Pequenos carros espalhados pelas ruas, estacionados em ângulos que desafiavam a gravidade. O brilho da água azul envolvendo toda a cidade. E o primeiro vislumbre em vermelho da ponte Golden Gate a distância.

Seus olhos iam de um lado para o outro, tentando absorver todas aquelas imagens. E, mesmo que tivesse passado a maior parte dos últimos dias dormindo, subitamente Luce foi tomada por uma onda de exaustão.

Daniel esticou o braço livre em volta dela, trazendo a cabeça de Luce até seu ombro.

— Um fato pouco conhecido sobre os anjos é que somos excelentes travesseiros.

Luce riu, levantando a cabeça para beijar a bochecha dele.

— Nunca conseguiria dormir — respondeu, aconchegando-se no pescoço de Daniel.

Na ponte Golden Gate, uma multidão de pedestres, ciclistas de spandex e corredores flanqueavam os carros. Lá embaixo ficava a baía brilhante, pontilhada de pequenos veleiros brancos e as nuances iniciais de um pôr do sol violeta.

— Já se passaram dias desde que nos vimos pela última vez. Quero saber das novidades — disse ela. — Me conte o que andou fazendo. Conte tudo.

Por um instante, Luce pensou ter notado Daniel apertando o volante com mais força.

— Se seu objetivo é *não* dormir — disse ele, abrindo um sorriso —, então eu realmente não deveria entrar em detalhes sobre as minúcias da reunião de oito horas do Conselho dos Anjos onde fiquei preso o dia de ontem todo. Sabe, o comitê se reuniu para discutir uma emenda à proposição 362B, que detalha o formato sancionado para a participação angelical no terceiro circuito...

— Tá bom, tá bom, já entendi. — Luce fez um gesto com as mãos. Daniel estava brincando, mas era um tipo de brincadeira nova e estranha. Ele estava sendo aberto quanto a ser um anjo, o que ela adorava — ou pelo menos *adoraria*, assim que tivesse um pouco mais de tempo para compreender tudo. Luce ainda sentia como se seu coração e cérebro estivessem lutando para se adaptar às mudanças em sua vida.

Mas agora eles estavam juntos de novo, de verdade, então tudo era infinitamente mais fácil. Não havia mais nada para esconder um do outro. Ela puxou o braço dele, dizendo:

— Pelo menos me conte para onde estamos indo.

Daniel hesitou, e Luce sentiu um frio tomando seu estômago. Ela se moveu para colocar a mão sobre a dele, mas ele a afastou para mudar a marcha.

— Vamos para uma escola em Fort Bragg chamada Shoreline. As aulas começam amanhã.

— Vamos entrar em outra escola? — perguntou ela. — Por quê? — Parecia tão permanente. Essa viagem era para ser provisória. Seus pais nem sabiam que ela havia deixado o estado da Geórgia.

— Vai gostar da Shoreline. É muito progressiva, e bem melhor que a Sword & Cross. Acho que vai conseguir... se desenvolver lá. E nenhum mal poderá lhe atingir. A escola tem uma qualidade especial, protetora. Um escudo, tipo uma camuflagem.

— Não entendo. Por que preciso de um escudo? Achei que vir para cá, para longe da Srta. Sophia, fosse o bastante.

— Não é apenas a Srta. Sophia — disse Daniel, baixinho. — Existem outros.

— Quem? Você pode me proteger de Cam ou Molly, ou de quem quer que seja. — Luce riu, mas a sensação gelada em seu estômago estava se espalhando.

— Também não se trata de Cam nem de Molly, Luce. Não posso falar sobre isso.

— Vamos conhecer mais alguém lá dentro? Outros anjos?

— Tem alguns anjos lá, sim. Ninguém que você conheça, mas tenho certeza de que vão se dar bem. Tem mais uma coisa. — Sua voz estava fria agora, e ele olhava fixamente para a frente. — Não vou estudar lá. — Seus olhos não saíram da estrada nem uma única vez. — Só você. É só por um tempinho.

— Quanto tempo?

— Algumas... semanas.

Se Luce estivesse atrás do volante, esse era o momento em que ela teria pisado no freio com toda a força.

— Algumas *semanas*?

— Se eu pudesse ficar com você, ficaria. — A voz de Daniel estava tão sem emoção, tão estável, que deixou Luce ainda mais chateada. — Sabe o que aconteceu com sua bagagem e o porta-malas? Aquilo foi como atirar um sinalizador para o céu, avisando a todos onde estamos. Alertando qualquer um que esteja procurando por mim — e principalmente por você. Sou fácil demais de se achar, fácil demais de ser rastreado pelos outros. E aquele truque com sua mala? Aquilo não é nada comparado às coisas que faço todo dia, coisas que atrairiam a atenção de... — Ele balançou a cabeça, decidido. — Não vou colocá-la em perigo, Luce, não posso.

— Então *não faça isso*.

A expressão era uma máscara de sofrimento.

— É complicado.

— E deixe-me adivinhar: você não pode me explicar.

— Gostaria que fosse diferente.

Luce levou os joelhos até o peito, afastando-se dele para se encostar na porta do passageiro. De alguma maneira, ela se sentia claustrofóbica sob aquele imenso céu azul da Califórnia.

Durante meia hora, os dois prosseguiram em silêncio. Entrando e saindo de trechos cobertos de neblina, subindo e descendo o terreno

rochoso e árido. Passaram por placas de Sonoma, e, enquanto o carro atravessava abundantes vinhedos verdes, Daniel falou:

— São mais três horas até Fort Bragg. Vai ficar com raiva de mim esse tempo todo?

Luce o ignorou. Ela pensava e se recusava a dar voz a centenas de perguntas, frustrações, acusações, e, por fim, desculpas, por agir como uma criança mimada. Na saída de Anderson Valley, Daniel virou a oeste e tentou mais uma vez segurar a mão dela:

— Será que você vai me perdoar a tempo de aproveitar nossos últimos minutos juntos?

Ela queria. Queria muito *não* estar brigando com Daniel nesse momento. Mas a mera existência de algo como "últimos minutos juntos", o fato de que ele a deixaria sozinha por razões que ela não conseguia compreender, e que ele *sempre* se recusava a explicar — aquilo deixava Luce nervosa, aterrorizada e muito frustrada. Naquele maremoto — um novo estado, uma nova escola, além de novos perigos por toda parte —, Daniel era o único porto seguro no qual podia se segurar. E ele estava prestes a deixá-la? Ela já não havia sofrido o bastante? Os dois já não haviam sofrido o bastante?

Foi apenas depois de terem passado pelo Parque Nacional de Redwood para encontrarem uma noite estrelada e azul que Daniel conseguiu fazê-la ceder. Haviam acabado de passar por uma placa que dizia BEM-VINDO A MENDOCINO, e Luce estava olhando para o oeste. A lua cheia brilhava sobre um amontoado de construções: um farol, diversas torres de água feitas de cobre, e fileiras de velhas casas de madeira bem-cuidadas. Em algum lugar além daquilo tudo estava o oceano, que ela podia ouvir, mas não ver.

Daniel apontou para o leste, para uma floresta escura e densa de sequoias e bordos.

— Está vendo aquele estacionamento de trailers ali na frente?

Ela nunca teria visto aquilo se ele não tivesse apontado, mas Luce apertou os olhos para localizar uma estrada estreita, onde uma placa de madeira coberta de limo dizia TRAILERS MENDOCINO em letras caiadas.

— Você costumava viver bem ali.

— O quê? — Luce ficou sem fôlego. O susto foi tamanho que começou a tossir. O estacionamento parecia triste e solitário, uma fileira sem graça de caixas idênticas de teto baixo, dispostas ao longo de uma estrada de cascalhos barata. — Isso é horrível.

— Você vivia aqui antes de isso ser um estacionamento de trailers — disse Daniel, parando o carro na beira da estrada. — Antes de existirem trailers. Seu pai naquela vida trouxe a família de Illinois para cá durante a corrida do ouro. — Ele parecia estar refletindo, pensativo, então balançou a cabeça com tristeza. — Costumava ser um lugar muito bom.

Luce olhou para um homem careca, com a barriga estufada, que puxava um cachorro caramelo pela coleira. O homem estava usando uma regata branca e bermuda. Luce não conseguia se imaginar ali de jeito nenhum.

Ainda assim, tudo parecia tão nítido para Daniel.

— Havia uma choupana de dois quartos e sua mãe era péssima cozinheira, então o lugar inteiro sempre cheirava a repolho. As cortinas do seu quarto eram azuis de algodão e eu costumava abri-las para entrar pela janela à noite, depois que seus pais caíam no sono.

O carro morreu. Luce fechou os olhos e tentou conter as lágrimas idiotas. Descobrir a história dos dois por Daniel fez com que parecesse ao mesmo tempo possível *e* impossível. Escutar aquilo também a fez se sentir extremamente culpada. Daniel tinha ficado ao lado dela por tanto tempo, durante tantas encarnações. Ela esquecera de como ele a conhecia bem, melhor até do que ela conhecia a si mesma. Será que Daniel sabia o que ela estava pensando agora? Luce pensou se, de alguma forma, era mais fácil ser ela e nunca se lembrar de Daniel, do que ser ele e passar por isso tantas vezes.

Se ele disse que tinha que deixá-la por algumas semanas e não podia explicar a razão... Teria que confiar nele.

— Como foi quando me conheceu? — perguntou ela.

Daniel sorriu.

— Eu cortava lenha em troca de comida naquela época. Uma noite, na hora do jantar, estava passando por sua casa. Sua mãe estava fazendo repolho, e fedia tanto que quase saí correndo. Mas então eu a vi pela janela. Você estava costurando. Eu não conseguia tirar os olhos de suas mãos.

Luce olhou para suas mãos, os dedos pálidos e cônicos, as palmas quadradas e pequenas. Ela se perguntou se elas foram sempre iguais. Daniel esticou o braço por cima da marcha para tocá-la.

— São tão macias agora quanto eram naquela época.

Luce balançou a cabeça. Ela amou a história, e queria escutar mais mil como aquela, mas essa não era a resposta que queria ouvir.

— Quero saber sobre a primeira vez que me conheceu — pediu. — Da primeira vez *de todas*. Como foi?

Depois de uma longa pausa, ele finalmente disse:

— Está ficando tarde. Estão esperando por você na Shoreline antes da meia-noite. — Ele pisou no acelerador, fazendo uma curva rápida para a esquerda, entrando em Mendocino. No espelho retrovisor, Luce observou o estacionamento de trailers ficar menor e mais encoberto, até desaparecer completamente. Então, alguns segundos depois, Daniel estacionou em frente a um restaurante 24 horas vazio, com paredes amarelas e janelas do chão até o teto.

O quarteirão era repleto de prédios estranhos e singulares que lembraram Luce de uma versão menos convencida da costa da Nova Inglaterra, perto de sua antiga escola de New Hampshire, Dover. A rua era pavimentada com paralelepípedos desiguais que brilhavam amarelados sob a luz dos postes. No final, a estrada parecia cair direto para dentro do oceano. Ela teve que ignorar seu medo instintivo do escuro. Daniel tinha explicado sobre as sombras — que não eram nada a se temer, e sim meros mensageiros. Isso deveria ter sido tranquilizador, exceto pelo fato, difícil de ignorar, que isso também significava que existiam coisas ainda piores a temer.

— Por que não me conta? — soltou ela contra sua vontade. Não sabia por que achava tão importante perguntar. Se ia confiar em Daniel quando ele dizia que teria que abandoná-la depois de esperar a

vida toda por esse reencontro, bem, talvez ela só estivesse querendo entender as origens daquela confiança. Para saber quando e como tudo havia começado.

— Sabe o que significa meu sobrenome? — perguntou ele, surpreendendo-a.

Luce mordeu o lábio, tentando se lembrar da pesquisa que havia feito com Penn.

— Lembro-me da Srta. Sophia falando alguma coisa sobre Guardiões. Mas não sei o que significa, ou se deveria acreditar nela. — Seus dedos tocaram o pescoço, no local onde o punhal da Srta. Sophia havia encostado.

— Ela estava certa. Os Grigori são um clã. Um clã batizado por minha causa, na verdade. Porque eles observaram e aprenderam com o que aconteceu quando... quando eu ainda era bem-vindo no Céu. E quando você era... Bem, isso tudo aconteceu há muito tempo, Luce. É difícil me lembrar dos detalhes.

— Onde? O que eu era? — pressionou ela. — Lembro-me também da Srta. Sophia dizendo alguma coisa sobre os Grigori se associando a mulheres mortais. Foi isso o que aconteceu? Você...?

Daniel olhou para ela. Algo havia mudado em seu rosto e, sob a fraca luz da lua, Luce não conseguia decifrar o que significava. Era quase como se ele estivesse aliviado por ela ter adivinhado, para não ter que explicar ele mesmo.

— A primeira vez em que a vi — continuou Daniel — não foi muito diferente de qualquer uma das outras vezes em que a vi desde então. O mundo era mais jovem, mas você era a mesma. Foi...

— Amor à primeira vista. — Essa parte ela sabia.

Ele assentiu.

— Como sempre. A única diferença foi que, no começo, você era inalcançável para mim. Eu estava sendo punido, e me apaixonara por você no pior momento possível. As coisas andavam violentas no Céu. Por ser quem... eu sou... Deveria ter ficado longe de você. Era uma distração. Meu foco deveria estar em ganhar a guerra. É a mesma

guerra que ainda está acontecendo. — Ele suspirou. — E, se ainda não notou, continuo muito distraído.

— Então você era um anjo de muito prestígio — murmurou Luce.

— Sim. — A expressão de Daniel era triste, parando de falar e então, quando retomara o assunto, parecia ter dificuldade para achar as palavras. — Foi uma queda de um dos postos mais altos.

É óbvio. Daniel teria que ser importante no Céu para ter causado uma confusão tão grande. Para seu amor por uma garota mortal ser tão errado.

— Você desistiu de tudo? Por mim?

Ele encostou a testa na dela.

— Não mudaria nada.

— Mas eu não era ninguém — disse Luce. Ela se sentia pesada, como se estivesse afundando. E levando-o junto. — Teve que desistir de tanta coisa! — Ela se sentia enjoada. — E agora está amaldiçoado para sempre.

Desligando o carro, Daniel abriu-lhe um sorriso triste.

— Talvez não seja para sempre.

— O que quer dizer?

— Venha — disse ele, saindo do carro e dando a volta até sua porta. — Vamos dar um passeio.

Eles foram até o fim da rua, que não era um beco sem saída, afinal, e sim um caminho até uma escadaria de pedras bastante íngreme, levando até a água. O ar era fresco e úmido pelo proximidade do mar. À esquerda dos degraus, uma trilha levava para outro lugar. Daniel pegou a mão dela e se moveu até a beirada do penhasco.

— Aonde estamos indo? — perguntou Luce.

Daniel sorriu para ela, endireitando os ombros, e abriu as asas.

Lentamente, elas se estenderam para cima e para longe de seus ombros, desdobrando-se com uma quase inaudível série de estalos e ruídos suaves. Totalmente flexionadas, elas emitiam um som leve e agradável, como o de um cobertor sendo estendido sobre a cama.

Pela primeira vez, Luce notou as costas da camisa de Daniel. Havia dois pequenos e praticamente invisíveis *rasgos*, que agora se abriam

deixando as asas passarem. Será que todas as roupas de Daniel tinham essas alterações angelicais? Ou ele tinha itens específicos e especiais que usava quando planejava voar?

Fosse qual fosse a resposta, as asas de Daniel sempre deixavam Luce sem palavras.

Elas eram enormes, erguendo-se até três vezes a altura de Daniel, e se curvavam para o alto e para os lados como grandes velas brancas. Sua largura ampla absorvia a luz das estrelas produzindo um reflexo ainda mais intenso e conferindo às asas um brilho iridescente. Perto de seu corpo elas escureciam, adquirindo uma forte cor terrosa onde encostavam nos músculos de seus ombros. Mas, ao longo das bordas cônicas, elas ficavam mais finas e cintilavam, parecendo quase translúcidas nas pontas.

Luce as encarou, arrebatada, tentando memorizar o contorno de cada pena gloriosa, tentando guardar tudo aquilo dentro dela para quando ele tivesse ido embora. Daniel brilhava tanto que o sol podia ter roubado dele sua luz. O sorriso em seus olhos violeta revelava a ela como era boa a sensação de deixar suas asas se abrirem. Tão bom quanto era para Luce estar aninhada dentro delas.

— Voe comigo — sussurrou ele.

— O quê?

— Não vou vê-la por algum tempo. Tenho que dar a você algo para se lembrar de mim.

Luce o beijou antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa. Entrelaçando os dedos em volta do pescoço de Daniel, segurando-o com a maior força possível, esperou dar a ele algo para se lembrar dela também.

Com as costas pressionadas contra o peito dele, e a cabeça apoiada em seu ombro, Daniel tracejou uma linha de beijos pelo seu pescoço. Ela prendeu a respiração, esperando. Então ele flexionou as pernas e graciosamente pulou da beirada do penhasco.

Estavam voando.

Para longe da saliência rochosa da costa, sobre as ondas prateadas lá embaixo, atravessando o céu como se em direção à lua. O abraço

de Daniel a protegia de cada rajada de vento, de cada jato de brisa fria do oceano. A noite estava totalmente quieta. Como se eles fossem as duas últimas pessoas no mundo.

— Isso é o Céu, não é? — perguntou ela.

Daniel riu:

— Quem me dera. Talvez um dia... em breve.

Quando já haviam voado longe o suficiente, e não viam mais terra em nenhum dos lados, Daniel virou levemente para o norte e passaram em arco pela cidade de Mendocino, que brilhava calorosamente no horizonte. Estavam bem acima do edifício mais alto da cidade e se moviam incrivelmente rápido. Mas Luce nunca se sentira mais segura ou mais apaixonada em toda sua vida.

E então, cedo demais, estavam descendo, gradualmente se aproximando da beirada de outro penhasco. Os sons do oceano voltaram a ficar mais altos. Uma única estrada escura saía da estrada principal. Quando os pés deles tocaram levemente num pedaço de grama espessa e gelada, Luce suspirou.

— Onde estamos? — perguntou, apesar de, obviamente, já saber.

O Colégio Shoreline. Ela podia ver um prédio grande ao longe, mas dali ele parecia completamente escuro, uma silhueta indefinida no horizonte. Daniel a segurou com firmeza junto a ele, como se ainda estivessem voando. Ela esticou a cabeça para cima para examinar sua expressão. Os olhos dele estavam marejados.

— Quem me amaldiçoou ainda está observando, Luce. Fazem isso há milênios, e não querem que fiquemos juntos. Serão capazes de fazer qualquer coisa para nos impedir. Por isso não é seguro que eu fique aqui.

Ela assentiu, com os olhos ardendo.

— Mas por que *eu* estou aqui?

— Porque vou fazer tudo em meu poder para manter você a salvo, e esse é o melhor lugar para fazer isso agora. Eu amo você, Luce. Mais do que tudo. Voltarei assim que puder.

Ela queria protestar, mas se controlou. Ele havia aberto mão de tudo por ela. Quando Daniel a soltou de seu abraço, abriu a palma da

mão e uma pequena forma vermelha dentro dela começou a crescer. Sua mala de viagem. Ele a tirara do porta-malas do carro sem que ela percebesse, e carregou-a até ali dentro de sua mão. Em apenas alguns segundos, ela havia enchido e crescido inteiramente, de volta ao tamanho original. Se não estivesse com o coração tão apertado por saber o que significava Daniel devolvendo a mala para ela, Luce teria amado o truque.

Uma única luz se acendeu dentro do prédio e uma silhueta apareceu na porta de entrada.

— Não vai ser por muito tempo. Assim que for mais seguro, venho buscar você.

Sua mão morna apertou o pulso de Luce e, antes de se dar conta, ela estava em seus braços, atraída para os lábios dele. Luce deixou todo o resto desmoronar, permitindo que o coração tomasse conta. Talvez não se lembrasse de suas vidas anteriores, mas, quando Daniel a beijava, se sentia mais próxima do passado. E do futuro.

A figura na porta estava andando na direção dela, uma mulher num vestido branco curto.

O beijo que Luce dividira com Daniel, doce demais para ser tão breve, a deixara sem fôlego como acontecia sempre que se beijavam.

— Não vá — sussurrou ela, de olhos fechados. Tudo estava acontecendo rápido demais. Ela não podia desistir de Daniel. Ainda não. Suspeitava que nunca poderia.

Luce sentiu a lufada de ar que significava que ele já havia decolado. Seu coração foi atrás de Daniel quando ela abriu os olhos e viu o último movimento das asas desaparecendo dentro de uma nuvem e penetrando na noite escura.

DOIS



DEZESSETE DIAS

Tump.

Luce estremeceu e esfregou o rosto. Seu nariz doía.

Tump. *Tump*.

Agora eram suas maçãs do rosto. As pálpebras se abriram lentamente e quase imediatamente ela franziu a testa de surpresa. Uma loira atarracada de boca severa e grandes sobrancelhas estava inclinada sobre ela. O cabelo estava preso desajeitadamente no topo da cabeça. Ela usava calças de ioga e uma regata com estampa de camuflagem esgarçada que combinava com seus olhos castanho-esverdeados. Estava segurando uma bolinha de pingue-pongue entre os dedos, pronta para atirar.

Ainda sob os lençóis, Luce recuou e protegeu o rosto. Seu coração já estava doendo de saudades de Daniel. Não precisava de ainda mais dor. Então olhou para baixo, tentando pegar seus pertences, e se lembrou da cama na qual tinha desabado na noite anterior.

A mulher de branco que havia aparecido quando Daniel partira apresentara-se como Francesca, uma das professoras da Shoreline. Ainda que estivesse assustada, Luce pôde notar que Francesca era uma

bela mulher. Tinha trinta e poucos anos, cabelos loiros na altura dos ombros, maçãs do rosto arredondadas, e traços suaves e amplos.

Anjo, Luce concluiu quase imediatamente.

Francesca não fez nenhuma pergunta no caminho até o quarto de Luce. Devia estar esperando aquela chegada tarde da noite, e deve ter percebido o quanto Luce estava cansada.

Agora essa estranha que havia trazido Luce de volta à consciência parecia pronta para atirar mais uma bola.

— Ótimo — disse ela num tom de voz rude. — Está acordada.

— Quem é você? — perguntou Luce, sonolenta.

— Quem é *você*, seria mais apropriado. Tirando ser uma estranha agachada que encontrei em meu quarto. Tirando ser uma garota atrapalhando meu mantra matinal com seu falatório esquisito enquanto dorme. Meu nome é Shelby. *Enchantée*.

Não é anjo, Luce concluiu. Só uma garota da Califórnia que se acha demais.

Luce sentou-se na cama e olhou ao redor. O quarto estava meio entulhado, mas era bem decorado, com pisos de madeira clara; uma lareira que funcionava, um micro-ondas, duas grandes e largas mesas e estantes embutidas que serviam de escada para o que Luce percebia ser agora o beliche.

Ela podia ver um banheiro através de uma porta de correr de madeira. E — teve que piscar algumas vezes para ter certeza — uma vista para o mar. Nada mal para uma garota que passara o último mês admirando um velho cemitério abandonado de dentro de um quarto mais apropriado para um hospital do que uma escola. Mas, ainda assim, pelo menos aquele cemitério velho e aquele quarto significavam estar com Daniel. Ela mal havia começado a se acostumar com a Sword & Cross. E agora, mais uma vez, começava do zero.

— Francesca não falou nada sobre eu ter uma colega de quarto. — Pela expressão no rosto de Shelby, Luce percebeu imediatamente que essa não era a coisa certa a se dizer.

Então olhou rapidamente para a decoração do quarto de Shelby. Luce nunca confiara em seu próprio gosto, ou talvez nunca tivesse tido

chance de experimentá-lo. Ela não havia ficado na Sword & Cross por tempo suficiente para decorar muita coisa, mas, mesmo antes disso, seu quarto na Dover tinha paredes brancas e vazias. Chique e estéril, como Callie dissera certa vez.

Esse quarto, por outro lado — tinha alguma coisa nele que era estranhamente... diferente. Variedades de vasos de plantas que ela nunca vira estavam alinhados no peitoril da janela; orações coladas no teto. Uma colcha de retalhos em cores suaves estava escorregando da cama de cima, cobrindo pela metade a visão de Luce de um calendário de astrologia colado no espelho.

— O que achou? Que iam esvaziar todos os cômodos só porque você é Lucinda Price?

— Hum, não? — Luce balançou a cabeça. — Não foi isso que eu quis dizer. Espera, como é que sabe meu nome?

— Então você *é* Lucinda Price? — Os olhos salpicados de verde da garota pareceram se fixar no velho pijama cinza de Luce. — Que sorte a minha.

Luce não sabia o que responder.

— Desculpe. — Shelby suspirou e mudou o tom, acomodando-se na beirada da cama de Luce. — Sou filha única. Leon, meu terapeuta, está tentando me fazer ser menos agressiva ao conhecer gente nova.

— Está dando certo? — Luce também era filha única, mas não era desagradável com todos os estranhos que encontrava pela frente.

— O que quis dizer foi... — Shelby se remexeu desconfortavelmente. — Não estou acostumada a dividir as coisas. Podemos — ela jogou a cabeça para trás — recomeçar?

— Isso seria legal.

— Tudo bem. — Shelby respirou fundo. — Frankie não lhe disse que teria uma colega de quarto ontem à noite porque se dissesse teria que ter notado, ou, se já tivesse notado, teria que revelar que eu não estava na cama quando você chegou. Entrei pela janela — ela apontou — por volta das três da manhã.

Pela janela, Luce podia ver uma saliência larga ligada a uma parte inclinada do telhado. Ela imaginou Shelby pulando de um telhado

para outro para voltar até o quarto no meio da noite.

Shelby deu um bocejo exagerado.

— Sabe, quando se trata da galera Nefilim da Shoreline, a única coisa na qual os professores são rígidos é em *fingir* disciplina. Disciplina mesmo não existe. Apesar de que Frankie certamente jamais revelaria isso à garota nova. Principalmente se ela for Lucinda Price.

Ali estava novamente: o tom de voz de Shelby mudava quando ela falava o nome de Luce. Luce queria saber o que aquilo significava. E onde Shelby estivera até três da manhã? E como havia entrado pela janela no escuro sem derrubar nenhuma daquelas plantas? E quem era a galera Nefilim?

Luce subitamente teve vívidas lembranças de onde Ariane a havia levado quando se conheceram. A aparência durona de sua colega de quarto na Shoreline era bem parecida com a de Ariane, e Luce se lembrou da sensação como-é-que-vou-conseguir-ser-amiga-dela-um-dia, a mesma que teve quando começou na Sword & Cross.

Mas, apesar de Ariane ter parecido intimidadora e talvez até um pouco perigosa, havia algo charmoso e zombeteiro nela desde o começo. A nova colega de quarto de Luce, por outro lado, parecia simplesmente irritante.

Shelby desceu da cama e foi até o banheiro escovar os dentes. Depois de remexer em sua mala atrás da sua escova, Luce a seguiu e apontou timidamente para a pasta de dentes.

— Esqueci de trazer a minha.

— Sem dúvida o deslumbre de ser uma celebridade a fez se esquecer das pequenas necessidades da vida — respondeu Shelby, mas pegou o tubo oferecendo-o a Luce.

Elas escovaram os dentes em silêncio durante cerca de dez segundos até Luce não aguentar mais e cuspir um punhado de espuma.

— Shelby?

Com a cabeça dentro da pia de porcelana, Shelby cuspiu também e respondeu:

— O quê?

Em vez de fazer uma das perguntas que haviam cruzado sua mente apenas um minuto antes, Luce se surpreendeu perguntando:

— O que eu estava falando enquanto dormia?

Essa manhã era a primeira vez, em pelo menos um mês de sonhos vívidos e complicados cheios de Daniel, na qual Luce acordava sem conseguir se lembrar de um único detalhe.

Nada. Nem um toque de asa de anjo. Nem um beijo em seus lábios.

Ela encarou o rosto agressivo de Shelby no espelho. Luce precisava que a garota a ajudasse a refrescar a memória. Ela *devia* estar sonhando com Daniel. Se não estivesse... o que isso poderia significar?

— Sei lá — respondeu Shelby finalmente. — Umas coisas enroladas e incoerentes. Da próxima vez, tente enunciar melhor. — Ela saiu do banheiro e calçou um par de chinelos cor de laranja. — Está na hora do café da manhã. Você vem ou não?

Luce apressou-se para fora do banheiro.

— O que devo vestir? — Ela ainda estava de pijama. Francesca não havia dito nada na noite anterior sobre uniforme. Mas também não havia falado sobre sua colega de quarto.

Shelby deu de ombros.

— O que acha que eu sou, colunista de moda? O que for mais rápido pra vestir. Estou com fome.

Luce vestiu um jeans skinny e um suéter preto. Teria gostado de pensar mais alguns minutos em sua produção do primeiro-dia-de-aula, mas simplesmente pegou a mochila e seguiu Shelby porta afora.

O corredor do dormitório era diferente à luz do dia. Para todos os lados havia janelas claras e imensas com vista para o oceano, ou estantes embutidas cheias de livros grossos, de capas duras e coloridas. O piso, as paredes, o teto e as íngremes escadas em curva eram feitos da mesma madeira de bordo dos móveis do quarto de Luce. Aquilo teria dado ao lugar um ar de chalé nas montanhas, mas a planta da escola era tão complicada e bizarra quanto a da Sword & Cross era chata e simples. A cada poucos passos, o corredor parecia se dividir

em pequenos corredores menores, com escadas em espiral aumentando o labirinto mal-iluminado.

Depois de dois lances de escada e o que parecia ser uma porta secreta, Luce e Shelby passaram por um par de portas francesas e estavam sob a luz do sol. O sol estava incrivelmente forte, mas o ar era fresco o bastante para Luce ficar aliviada por estar usando um suéter. Tinha cheiro do oceano, mas não como em casa. Era menos salgado e mais pesado que na costa leste.

— O café é servido no terraço. — Shelby gesticulou para uma grande área verde. Esse jardim era cercado de três lados por abundantes moitas de hortênsias azuis, e o quarto lado era uma descida íngreme diretamente para o mar. Era difícil para Luce acreditar na beleza daquele lugar. Ela não conseguia imaginar como ficaria dentro do edifício tempo suficiente para assistir a uma aula inteira.

Quando se aproximavam do terraço, Luce viu outro edifício, uma estrutura comprida e retangular com telhas de madeira e vidraças contornadas de amarelo vivo. Uma grande placa esculpida à mão ficava pendurada na entrada: "REFEITÓRIO DA BAGUNÇA", dizia entre aspas, como se fosse uma ironia. Certamente era a bagunça mais bonita que Luce já vira.

O terraço estava cheio de móveis de jardim brancos e por volta de cem estudantes, os mais relaxados que Luce já vira na vida. A maioria estava sem sapatos, com os pés em cima das mesas enquanto comiam requintados pratos de café da manhã. Ovos Benedict, waffles belgas cobertos de frutas, fatias de exuberantes quiches de espinafre. Os alunos liam o jornal, tagarelavam nos celulares, jogavam críquete no gramado. Luce entendia de estudantes ricos por causa da Dover, mas os ricos da costa leste eram ranzinzas e esnobes, não bronzeados e despreocupados. Toda aquela cena parecia mais seu primeiro dia de verão do que uma terça-feira no começo de novembro. Era tudo tão agradável, que seria quase impossível não invejar a expressão de satisfação estampada no rosto de cada um deles. Quase.

Luce tentou imaginar Ariane ali, e o que ela pensaria de Shelby ou desse refeitório à beira do oceano, e como ela provavelmente não saberia o que zoar primeiro. Luce queria poder falar com Ariane agora. Seria bom poder rir.

Olhando em volta, ela acidentalmente trocou olhares com alguns estudantes. Uma garota bonita de pele marrom-clara, com um vestido de bolinhas e uma echarpe verde amarrada no cabelo preto brilhante. Um garoto de cabelo claro e ombros largos atacando uma enorme pilha de panquecas.

O instinto de Luce foi desviar assim que fez contato visual — sempre a opção mais segura na Sword & Cross. Mas... nenhum desses garotos olhou de cara feia para ela. A maior surpresa da Shoreline não foi o brilho cristalino do sol, nem o aconchegante café da manhã no terraço, ou a aura de riqueza que todos emanavam. E sim que os estudantes ali estavam sorrindo.

Bem, a maioria deles estava sorrindo. Quando Shelby e Luce chegaram numa mesa desocupada, Shelby pegou uma pequena placa e a jogou no chão. Luce se inclinou de lado para ler a palavra RESERVADA escrita bem na hora que um garoto da sua idade, num traje de garçom completo, aproximou-se delas com uma bandeja de prata.

— Hmm, essa mesa está re... — começou a dizer, mas sua voz falhou inoportunamente.

— Café puro — disse Shelby, e então perguntou a Luce abruptamente: — O que vai querer?

— Bom... a mesma coisa — respondeu Luce, desconfortável por estarem esperando que decidisse. — Talvez um pouco de leite.

— Bolsistas. Trabalham como escravos para ganhar a vida. — Shelby revirou os olhos para Luce enquanto o garçom corria para buscar os cafés. Ela apanhou o *San Francisco Chronicle* da mesa e abriu a primeira página com um bocejo.

Foi aí que Luce perdeu a paciência.

— Ei. — Ela puxou o braço de Shelby para baixo para ver seu rosto atrás do jornal. As sobrancelhas grandes de Shelby se ergueram

de surpresa. — *Eu* era bolsista. — disse Luce. — Não na minha última escola, mas na antes dessa...

Shelby se soltou da mão de Luce.

— Devo ficar impressionada com essa parte do seu currículo também?

Luce estava prestes a perguntar o que Shelby havia escutado sobre ela, quando sentiu um toque quente no ombro.

Francesca, a professora que encontrara Luce na porta na véspera, estava sorrindo para ela. Era alta, com uma presença altiva, e estava arrumada sem parecer ter se esforçado. O cabelo loiro e macio de Francesca estava jogado para um lado com esmero. Seus lábios eram brilhantes e rosados. Estava usando um vestido justo preto com cinto azul e sapatos de salto peep-toe combinando. Era o tipo de roupa que faria qualquer um se sentir apagado em comparação. Luce desejou ter ao menos passado rímel. E talvez não ter optado por seus tênis cobertos de lama.

— Ah, ótimo, vocês duas já se conheceram. — Francesca sorriu. — Sabia que ficariam amigas!

Shelby ficou em silêncio, mas ajeitou seu jornal. Luce simplesmente pigarreou.

— Acho que vai se adaptar muito bem à Shoreline, Luce. Ela é feita para isso. A maioria dos nossos alunos talentosos se acostuma rapidamente. — *Talentosos?* — Naturalmente, pode me procurar se tiver perguntas. Ou simplesmente conte com Shelby.

Pela primeira vez a manhã inteira, Shelby riu. Sua risada era rude e rouca, o tipo de barulho que Luce esperaria de um velho que fumara a vida toda, não de uma adolescente fã de ioga.

Luce podia sentir seu rosto formando uma careta. A última coisa que queria era "se acostumar rapidamente" a Shoreline. Ela não pertencia a um grupo de riquinhos mimados numa colina com vista para o mar. Pertencia ao mundo de pessoas reais, pessoas com almas em vez de raquetes de tênis, que sabiam como era a vida. Pertencia a Daniel. Ainda não fazia ideia do que estava fazendo ali, a não ser se

escondendo *muito* temporariamente enquanto Daniel cuidava de sua... guerra. Depois disso, ele ia levá-la de volta para casa. Ou algo assim.

— Bem, vejo vocês duas na aula. Bom apetite! — disse Francesca, olhando para trás enquanto se afastava. — Experimentem a quiche! — Ela fez um gesto com a mão, mandando o garçom trazer um prato para cada.

Quando a professora foi embora, Shelby tomou um grande gole de café e limpou a boca com as costas da mão.

— Hum, Shelby...

— Já ouviu falar de comer em paz?

Luce largou a xícara de café de volta no pires e esperou impacientemente que o garçom nervoso colocasse as quiches na mesa e desaparecesse mais uma vez. Ela meio que queria achar outra mesa. Havia um burburinho de conversas animadas à sua volta e, se ela não podia se juntar a uma delas, até sentar sozinha seria melhor que isso. Mas estava confusa com o que Francesca havia dito. Por que falar de Shelby como uma ótima colega de quarto quando a garota era antipática e insuportável? Luce mastigou um pedaço da quiche, sabendo que não ia conseguir mais comer até falar alguma coisa.

— OK, sei que sou nova aqui, e por algum motivo isso lhe irrita. Acho que você tinha um quarto individual antes, sei lá.

Shelby abaixou o jornal só um pouquinho, e ergueu uma sobrancelha gigantesca.

— Mas não sou *tão* ruim assim. E daí se tenho algumas perguntas? Perdoe-me por não chegar à escola sabendo que diabos Nefermans são...

— *Nefilim*.

— Que seja. Não ligo. Não quero que você seja minha inimiga, o que significa que parte disso — disse Luce, indicando o espaço entre as duas — está vindo de você. Então, qual é o seu problema, afinal?

O canto da boca de Shelby tremeu. Ela dobrou e baixou o jornal, e então se recostou na cadeira.

— Você *devia* ligar para os Nefilim. Vamos ser seus colegas de classe. — Ela indicou o terraço com a mão. — Olhe bem o lindo e

privilegiado corpo docente da Shoreline. Você nunca mais vai ver metade desses imbecis, exceto em nossas piadinhas.

— Nossas?

— Sim, você está no "programa de honra", com os Nefilim. Mas não se preocupe; caso você não seja muito esperta — Luce bufou —, o rótulo de talentoso aqui é principalmente um disfarce, um lugar para esconder os Nefs sem levantar muitas suspeitas. Na verdade, a única pessoa que já suspeitou de alguma coisa foi Beaker Brady.

— Quem é Beaker Brady? — perguntou Luce, inclinando-se para não ter que gritar por causa do barulho das ondas que batiam lá embaixo no penhasco.

— Aquele irritante sabe-tudo a duas mesas daqui. — Shelby assentiu para um garoto gordo de xadrez que tinha acabado de derramar iogurte em um imenso livro. — Seus pais odeiam o fato de que ele nunca foi aceito numa das classes de honra. Todo semestre fazem uma campanha. Ele traz resultados do Mensa, resultados de feiras de ciências, famosos vencedores de prêmios Nobel que já impressionou, a coisa toda. E, todo semestre, Francesca tem que inventar algum teste impossível para mantê-lo de fora. — Ela bufou. — Tipo, "Ei, Beaker, resolva esse cubo mágico em menos de trinta segundos". — Shelby deu uma mordidinha na língua. — Mas o idiota passou nesse teste também.

— Mas se é um disfarce — perguntou Luce, sentindo-se meio mal por Beaker —, é para disfarçar o quê?

— Gente como eu. Sou uma Nefilim. Somos N-E-F-I-L-I-M. Ou seja, quem tem qualquer coisa angelical no DNA. Mortais, imortais, transeternos. Tentamos não discriminar.

— O singular não deveria ser, sei lá, *nefil*?

Shelby fez uma careta.

— Sério? Você gostaria de ser chamada de *nefil*? Parece uma bolsa onde você carrega sua vergonha. Não, obrigada. É Nefilim, não importa de quantos de nós esteja falando.

Então Shelby *era* um tipo de anjo. Estranho. Ela não se parecia ou agia como um. Não era linda como Daniel, Cam ou Francesca. Não

possuía o magnetismo de alguém como Roland ou Ariane. Parecia apenas rude e mal-humorada.

— Então é tipo uma escola de anjos — disse Luce. — Mas pra quê? Vocês vão pra faculdade de anjos depois disso?

— Depende de o que o mundo precisa. Muitos tiram um ano de folga e depois vão para Nefilim Corp. Você viaja, tem um caso com um estrangeiro etc. Mas isso é para tempos de, você sabe, relativa paz. Agora, bem...

— Agora o quê?

— Deixa pra lá. — Mas Shelby mal conseguia se conter. — Apenas depende de quem você é. Todos aqui têm, você sabe, graus variados de poder — continuou ela, parecendo estar lendo a mente de Luce. — Uma escala dependendo de sua árvore genealógica. Mas, no seu caso...

Essa Luce sabia.

— Só estou aqui por causa de Daniel.

Shelby largou o guardanapo no prato vazio e se levantou.

— Que bela maneira de se apresentar, Luce. A garota que só está aqui porque o namorado poderoso deu um jeitinho.

Era isso que todos ali pensavam dela? Seria essa a... verdade?

Shelby estendeu a mão e roubou o último pedaço de quiche do prato de Luce.

— Se quer um fã-clube de Lucinda Price, tenho certeza de que pode achar isso aqui. Só me deixe fora, OK?

— Do que está falando? — Luce se levantou. Talvez ela e Shelby precisassem recomeçar mais uma vez. — Não quero um fã-clube...

— Viu, *eu disse*. — Luce ouviu uma voz aguda, mas bela, dizer.

Subitamente, a garota com a echarpe verde estava parada na frente dela, sorrindo e levando outra menina com ela. Luce tentou não prestar atenção nas duas, mas Shelby já estava longe — e provavelmente não valia a pena ir atrás dela. De perto, a garota de echarpe verde parecia um tipo de Salma Hayek mais nova, com lábios carnudos e seios ainda maiores. A outra, de pele pálida, olhos castanho-esverdeados e cabelos curtos e pretos, parecia um pouco com Luce.

— Espera, então você é mesmo Lucinda Price? — perguntou a menina pálida. Ela tinha dentes muito pequenos e brancos e estava usando-os para segurar uns grampos de cabelo com enfeites de paetê enquanto torcia algumas mechas escuras em pequenos nós. — Tipo Luce-e-Daniel? Tipo a garota que veio daquela escola horrível no Alabama...

— Geórgia. — Luce meio que assentiu.

— Tanto faz. Ai meu Deus, *como é* o Cam? Eu o vi uma vez num show de death metal... Eu obviamente fiquei nervosa demais para me apresentar. Não que você se importe com Cam, obviamente... *Daniel!* — Ela deu uma risadinha excitada. — Sou Dawn, a propósito. Essa é Jasmine.

— Oi — respondeu Luce lentamente. Aquilo era novidade. — Hum...

— Não ligue pra ela, ela acabou de beber, sei lá, onze cafés — falou Jasmine, três vezes mais lentamente que Dawn. — O que ela quis dizer é que estamos felizes por conhecer você. Sempre comentamos como a sua é, tipo, a maior história de amor do mundo. De todos os tempos.

— Mesmo? — Luce estalou os dedos.

— Está brincando? — perguntou Dawn, apesar de Luce estar achando que a brincadeira estava vindo *delas*. — Toda aquela história de morrer repetidas vezes? Tá legal, isso faz com que queira ficar com Daniel ainda mais? Aposto que *sim*! E ahhh, quando aquele fogo queima você inteira... — Ela fechou os olhos, colocou uma das mãos sobre o estômago, então a subiu até o coração. — Minha mãe costumava me contar essa história quando eu era pequena.

Luce estava em choque. Olhou em volta do terraço movimentado, imaginando se alguém mais estava ouvindo aquela conversa. Falando em fogo, suas bochechas deviam estar da cor de um pimentão.

Um sinal tocou indicando o final do café da manhã, e Luce ficou feliz por ver que o restante das pessoas tinha outras coisas com que se preocupar. Tipo chegar à sala de aula.

— Qual história sua mãe costumava contar? — perguntou Luce devagar. — Sobre Daniel e eu?

— Só os pontos altos — disse Dawn, abrindo os olhos. — Parece uma onda de calor? Como na menopausa, não que você tenha como saber...

Jasmine deu um tapinha no braço de Dawn.

— Acaba mesmo de comparar a paixão milenar de Luce a menopausa?

— Desculpe. — Dawn riu. — Só estou fascinada. Parece tão romântico e incrível! Estou com invejinha... De um jeito bom!

— Está com inveja por eu morrer toda vez que fico com o cara dos meus sonhos? — Luce deu de ombros. — Na verdade, é meio frustrante.

— Diga isso pra garota cujo único beijo até hoje foi com Ira Frank, o da síndrome do intestino irritável — zombou Jasmine, indicando Dawn.

Quando Luce não riu, Dawn e Jasmine tentaram disfarçar dando risadinhas, como se estivessem com vergonha ou se sentindo meio bobas. Luce nunca estivera do outro lado daquelas risadinhas antes.

— O que exatamente sua mãe contava? — perguntou Luce.

— Ah, só o de sempre: A guerra tinha começado, jogaram a merda no ventilador e, quando foi delimitado um limite nas nuvens, Daniel ficou todo "Nada vai nos separar", e aquilo irritou *todo mundo*. Essa obviamente é a minha parte favorita da história. Então agora o amor de vocês precisa ser *eternamente punido*, pois ainda querem um ao outro *desesperadamente*, mas não podem, tipo, você sabe...

— Mas em algumas vidas eles podem — corrigiu Jasmine, depois piscou para Luce, que quase não conseguia se mexer, chocada por ouvir aquilo tudo.

— Jura? — Dawn balançou uma das mãos desconsiderando. — A questão toda é que ela explode em chamas quando... — Vendo a expressão horrorizada de Luce, Dawn se retraiu. — *Desculpe*. Não é bem o que deve estar querendo escutar.

Jasmine limpou a garganta e se inclinou para Luce.

— Minha irmã mais velha estava me contando uma história em particular do seu passado que juro que iria...

— Oooh! — Dawn passou seu braço pelo de Luce, como se saber aquilo, saber algo que Luce *não* sabia, a tornasse mais desejável como amiga. E era muito irritante. Luce estava muito envergonhada. E, tudo bem, meio animada. E completamente indecisa sobre acreditar ou não. Uma coisa era *certa*: Luce de repente era tipo... famosa. Mas de uma maneira estranha. Como se ela fosse uma daquelas peruas não identificadas ao lado de um astro de cinema numa foto de paparazzi.

— Pessoal! — Jasmine apontou exageradamente para o relógio em seu telefone. — Estamos tão superatrasadas! Melhor correr pra aula!

Luce fez uma careta, apanhando rapidamente sua mochila. Ela não fazia a mínima ideia de qual seria sua primeira aula, ou onde era, ou de como lidar com o entusiasmo de Jasmine e Dawn. Ela não via sorrisos largos e ansiosos como aqueles desde... Bem, talvez desde sempre.

— Alguma de vocês sabe como descubro onde vai ser minha primeira aula? Acho que não recebi minha grade de horários.

— Dã — disse Dawn. — É só vir com a gente. Estamos todas juntas. O tempo todo! É tão legal!

As duas garotas acompanharam Luce, uma de cada lado, e a levaram por uma excursão entre as mesas dos outros alunos terminando o café da manhã. Apesar de estarem "superatrasadas", tanto Jasmine quanto Dawn praticamente passeavam sobre a grama recém-cortada.

Luce pensou em perguntar às meninas qual era o problema de Shelby, mas não queria parecer fofoqueira. Além disso, elas pareciam legais e tudo mais, e Luce precisava de amigas novas. Ela precisava ficar repetindo para si mesma: era apenas temporário.

Temporário, mas ainda assim incrivelmente maravilhoso. As três andaram pelo caminho de hortênsias que se curvava ao redor do refeitório. Dawn estava tagarelando sobre alguma coisa, mas Luce não conseguia tirar os olhos da inacreditável beirada do penhasco, não conseguia acreditar em como o terreno descia abruptamente centenas

de metros até o cintilante oceano. As ondas viajavam em direção ao pequeno pedaço de praia aos pés do penhasco quase tão casualmente quanto os alunos andavam em direção às salas de aula.

— Aqui estamos — disse Jasmine.

Uma impressionante construção de dois andares ficava isolada no fim do caminho. Havia sido construída no meio de uma área sombreada por sequoias, e seu telhado inclinado e triangular e o vasto gramado em frente estavam cobertos por um manto de folhas. Havia um belo espaço com algumas mesas de piquenique, mas a maior atração era mesmo o prédio: mais da metade parecia ser feita de vidro, todo de janelas largas e escuras e portas de correr. Era algo que poderia ter sido desenhado por Frank Lloyd Wright. Vários alunos descansavam numa imensa varanda no segundo andar, que dava para o oceano, e outros estavam subindo as escadas duplas que começavam logo na entrada.

— Bem-vinda ao Alojamento Nefi — disse Jasmine.

— *Aqui* é que vocês estudam? — Luce estava boquiaberta. Parecia mais uma colônia de férias do que o prédio de uma escola.

A seu lado, Dawn guinchou e apertou o pulso de Luce.

— Bom dia, Steven! — cumprimentou Dawn através do jardim, acenando para um homem mais velho parado na base das escadas. Ele tinha o rosto magro, óculos retangulares estilosos, e o cabelo ondulado cheio e grisalho. — Simplesmente *amo* quando ele usa o terno com colete por baixo — sussurrou ela.

— Bom dia, garotas. — O homem sorriu para elas e acenou. Ele olhou Luce por tempo suficiente para deixá-la ligeiramente nervosa, mas manteve o sorriso no rosto. — Vejo vocês daqui a pouco — continuou, e subiu as escadas.

— Steven Filmore — sussurrou Jasmine, atualizando Luce enquanto elas o seguiam escada acima. — Também conhecido como SF, também conhecido como Silver Fox. É um de nossos professores, e sim, Dawn é verdadeiramente, descontroladamente, profundamente apaixonada por ele. Mesmo ele sendo comprometido. E ela não tem vergonha.

— Mas amo Francesca também. — Dawn deu um tapinha em Jasmine, então se virou para Luce, os olhos escuros brilhando. — Desafio você a não sentir uma quedinha por eles.

— Espera. — Luce parou. — Silver Fox e Francesca são nossos professores? E os chamam pelo nome? E os dois estão *juntos*? Quem ensina o quê?

— Chamamos o período da manhã de "humanas" — disse Jasmine —, apesar de *angélicos* ser mais apropriado. Frankie e Steven ensinam juntos. É parte do esquema aqui, tipo yin e yang. Você sabe, para os alunos não serem... influenciados.

Luce mordeu o lábio. Haviam chegado ao topo das escadas e estavam no meio de um grupo de estudantes na varanda. Todos estavam começando a se movimentar em direção às portas de vidro de correr.

— Como assim, "influenciados"?

— Ambos são caídos, obviamente, mas escolheram lados diferentes. Ela é um anjo, e ele é mais tipo um demônio. — Dawn falava com indiferença, como se estivesse comentando sobre as diferenças entre os vários sabores de sorvete. Vendo os olhos de Luce se arregalarem, acrescentou: — Não é como se eles pudessem se casar ou coisa parecida, ainda que esse pudesse ser o casamento mais incrível de todos os tempos. Eles apenas meio que... vivem no pecado.

— Um demônio nos dá aula de humanas? — perguntou Luce. — E tudo bem?

Dawn e Jasmine se entreolharam e riram.

— Tudo *muito* bem — disse Dawn. — Vai gostar de Steven. Vamos lá, temos que ir.

Seguindo o fluxo dos outros alunos, Luce entrou na sala de aula. Era ampla e tinha três níveis, com carteiras que desciam na direção de algumas mesas compridas. A maior parte da luminosidade vinha de claraboias. A luz natural e o pé-direito alto faziam o espaço parecer ainda maior do que era. Uma brisa do oceano entrava pelas portas abertas e mantinha o ar agradável e fresco. Não podia ser mais diferente da Sword & Cross. Luce quase achou que poderia gostar da

Shoreline, se o motivo de ela estar ali — a pessoa mais importante em sua vida — não estivesse tão longe. Ela se perguntou se Daniel estaria pensando nela. Será que sentia sua falta como ela sentia a dele?

Luce escolheu uma carteira perto das janelas, entre Jasmine e um garoto bonitinho que estava usando uma bermuda jeans, um boné dos Dodgers e uma camisa azul-marinho. Algumas garotas estavam amontoadas perto da porta para o banheiro. Uma delas tinha cabelo cacheado e óculos quadrados roxos. Quando Luce viu a garota de perfil, quase pulou da cadeira.

Penn.

Mas, quando a garota se virou para Luce, seu rosto era um pouco mais quadrado, as roupas eram um pouco mais apertadas e sua risada era um pouco mais alta. Luce quase sentiu seu coração murchando, é óbvio que não era Penn. Nunca seria — nunca mais.

Luce podia sentir os outros alunos olhando-a de soslaio — outros simplesmente a encarando. A única que não o fazia era Shelby, que assentiu para Luce.

Não era uma turma grande, apenas vinte carteiras alinhadas nos degraus, de cara para duas longas mesas de mogno na frente da sala. Dois quadros brancos ficavam atrás das mesas, duas estantes de cada lado, duas latas de lixo, duas luminárias de mesa e dois laptops, um em cada mesa. Os dois professores, Steven e Francesca, estavam juntos na frente da sala, sussurrando.

Numa atitude inesperada para Luce, eles se viraram e a encararam também, em seguida andaram até as mesas. Francesca se sentou sobre uma delas, com uma perna dobrada embaixo de si e um de seus saltos roçando o chão de madeira. Steven se inclinou contra a outra mesa, abriu um pesado fichário de couro marrom, e descansou a caneta sobre os lábios. Para um homem mais velho, era bonito, é óbvio, mas Luce quase queria que não fosse. Ele a fazia se lembrar de Cam, e em como o charme de um demônio pode ser enganoso.

Luce esperou que o resto da turma pegasse os livros que ela não tinha, para começarem a falar de algum texto no qual ela já estava

atrasada, para aí poder se render ao cansaço e simplesmente ficar sonhando acordada com Daniel.

Mas nada disso aconteceu. A maioria dos estudantes ainda lançava olhares furtivos na direção dela.

— A essa altura já devem ter percebido que estamos com uma aluna nova. — A voz de Francesca era baixa e rouca, como a de uma cantora de jazz.

Steven sorriu, mostrando dentes brancos e brilhantes.

— Conte-nos, Luce, o que está achando da Shoreline até agora?

A cor deixou o rosto de Luce enquanto as carteiras dos outros alunos arranharam o chão. Todos estavam se virando para prestar atenção nela.

Ela podia sentir seu coração acelerado e as palmas das mãos úmidas. Encolheu-se na cadeira, desejando ser apenas uma garota normal em uma escola normal, em Thunderbolt, Geórgia. Às vezes, ao longo dos últimos dias, ela desejava nunca ter visto uma sombra, nunca ter se metido nos problemas que mataram seus amigos, fizeram com que se envolvesse com Cam, ou com que fosse impossível para Daniel ficar perto dela. Mas era ali que sua mente confusa e ansiosa sempre parava de viajar completamente: como ser normal e ainda assim ter Daniel? Ele estava tão longe de ser normal. Era impossível. Então ali estava ela, tentando aceitar isso.

— Acho que ainda estou me acostumando à Shoreline — A voz oscilou, traindo-a, ecoando pelo teto inclinado. — Mas até agora parece legal.

Steven riu.

— Bem, Francesca e eu pensamos em ajudá-la a se acostumar, mudando nossas apresentações usuais das terças de manhã...

Do outro lado da sala, Shelby gritou "Oba!" e Luce notou que ela tinha uma pilha de blocos de anotações em sua mesa e um grande pôster a seus pés que dizia APARIÇÕES NÃO SÃO TÃO RUINS ASSIM. Ou seja, Luce tinha acabado de livrá-la de uma apresentação. Isso tinha que conquistar alguma simpatia da colega de quarto.

— O que Steven quis dizer — acrescentou Francesca — é que vamos fazer um jogo, pra quebrar o gelo. — Ela desceu da mesa deslizando e andou em volta da sala, os saltos estalando enquanto distribuía uma folha de papel a cada estudante.

Luce esperou o coro de gemidos que aquelas palavras geralmente provocavam numa sala de aula cheia de adolescentes. Mas esses pareciam tão calmos e ajustados. Realmente iam simplesmente fazer o que lhes era pedido.

Quando baixou a folha sobre a mesa de Luce, Francesca disse:

— Isso deve dar uma ideia de quem são seus colegas de classe, e quais são nossos objetivos nessa matéria.

Luce baixou os olhos para a folha. Havia linhas pela página, dividindo-a em vinte quadrados. Cada quadrado continha uma frase. Esse era um jogo que ela conhecera há tempos, num acampamento de verão no oeste da Geórgia quando era bem pequena, e novamente em algumas de suas aulas na Dover. O objetivo era andar pela sala e associar um aluno diferente a cada frase. Primeiro, ela ficou aliviada; definitivamente existem maneiras mais embaraçosas de se quebrar o gelo. Mas, depois que leu as frases com mais atenção — esperando coisas como "Tem uma tartaruga de estimação" ou "Quer pular de paraquedas um dia" —, Luce ficou um pouco nervosa, pois havia frases como "Fala mais de 18 idiomas" e "Já visitou outros mundos".

Estava prestes a ficar dolorosamente óbvio que Luce era a única não Nefilim na classe. Ela se lembrou do garçom nervoso que servira seu café da manhã. Talvez Luce fosse ficar mais confortável entre os bolsistas; Beaker Brady mal sabia do que havia escapado.

— Se ninguém tem nenhuma dúvida — disse Steven da frente da sala —, podem começar.

— Podem sair, divirtam-se — acrescentou Francesca. — Não tenham pressa.

Luce seguiu os outros alunos em direção à varanda. Enquanto andavam até a grade, Jasmine se inclinou sobre o ombro de Luce, apontando com a unha pintada de verde um dos quadrados.

— Tenho um parente que é querubim de sangue puro — disse. — O bom e velho Tio Carlos.

Luce assentiu, como se soubesse o que aquilo significava, e rabiscou o nome de Jasmine.

— Aah, e eu consigo levitar — disse Dawn, apontando o canto esquerdo superior da folha de Luce. — Não, tipo, o tempo todo, mas geralmente depois de beber café.

— Nossa. — Luce tentou não a encarar. Dawn não parecia estar brincando. Ela conseguia *levitar*?

Tentando não mostrar que estava se sentindo cada vez mais deslocada, Luce procurou na página por alguma coisa, qualquer coisa, sobre a qual soubesse.

Tem experiência convocando os Anunciadores.

As sombras. Daniel lhe contara o nome apropriado para elas naquela última noite na Sword & Cross. Apesar de ela nunca ter verdadeiramente "os convocado" — eles simplesmente sempre apareciam —, Luce realmente tinha alguma experiência nesse campo.

— Pode colocar o meu nesse aqui. — Ela apontou para o canto esquerdo inferior na folha de papel. Jasmine e Dawn levantaram os olhos para ela, um pouco impressionadas, mas sem duvidar, antes de voltarem a preencher o restante dos quadrados. O coração de Luce se acalmou um pouco. Talvez aquilo tudo não fosse tão ruim afinal.

Nos minutos seguintes, ela conheceu Lilith, uma ruiva orgulhosa que era gêmea de outros dois Nefilim ("Pode nos distinguir pelos nossos rabos vestigiais", explicara ela. "O meu é enrolado"). Oliver, um garoto de voz grave que visitara o outro mundo nas férias de verão do ano passado ("É tão incrivelmente superestimado que nem sei por onde começar"); e Jack, que sentia estar prestes a conseguir ler mentes e achou que não seria problema Luce preencher esse quadrado com seu nome ("Estou sentindo que você também acha, certo?" Aí fez uma arma com os dedos e estalou a língua.) Ela ainda tinha três quadrados vazios quando Shelby pegou o papel de suas mãos.

— Sei fazer essas duas coisas — disse, apontando para dois dos quadrados. — Em qual deles quer me colocar?

Fala mais de 18 idiomas ou *Vislumbrou uma vida passada*.

Shelby ergueu as sobrancelhas para Luce e assinou no quadrado que falava sobre os "18 idiomas". Luce encarou o papel pensando em suas próprias vidas passadas e em como eram frustrantemente inacessíveis para ela. Havia subestimado Shelby.

Mas sua colega de quarto já havia se afastado. No lugar de Shelby agora estava o garoto ao lado de quem sentara na sala. Ele era uns bons trinta centímetros mais alto do que Luce, com um sorriso aberto e amistoso, várias sardas no nariz e olhos azul-claros. Alguma coisa nele, até mesmo o modo como mordia a caneta, parecia... Correto. Luce percebeu que era uma palavra estranha para descrever alguém com quem nunca conversara, mas não pôde evitar.

— Ah, graças a Deus. — Ele riu, batendo na própria testa. — A única coisa que sei fazer é a que você deixou em branco.

— Sabe criar um reflexo de si mesmo ou de outros? — leu Luce lentamente.

Ele jogou a cabeça de um lado para o outro e escreveu seu nome no quadrado: Miles Fisher.

— Bastante impressionante para alguém como você, estou certo.

— Hum. É. — Luce se virou. Alguém como ela, que nem sabia o que aquilo significava.

— Espera, onde está indo? — Ele segurou a manga da blusa de Luce — Opa. Não sacou a piada de falsa modéstia? — Quando ela balançou a cabeça em negativa, Miles ficou sem graça. — Só quis dizer que, comparado a todos na turma, estou para trás. A única pessoa que já consegui refletir a não ser eu mesmo foi minha mãe. Assustou meu pai durante uns dez segundos, mas então sumiu.

— Espera aí. — Luce piscou para Miles. — Você fez um reflexo da sua mãe?

— Sem querer. Dizem que é fácil fazer com pessoas que você, tipo, ama. — Ele ficou corado de leve nas bochechas. — Agora vai achar que sou um filhinho de papai. Só quis dizer que meus poderes não são muito grandes. Já você... É a famosa Lucinda Price.

— Gostaria que todo mundo parasse de dizer isso — replicou ela. Depois, sentindo-se grosseira, suspirou e se inclinou sobre a varanda para observar o mar. Era tão difícil processar todas essas pistas que revelavam que os outros aqui sabiam mais sobre ela do que ela mesma. Não era sua intenção descontar nesse cara. — Desculpe, é só que achei que era a única me sentindo em desvantagem aqui. Qual a sua história?

— Ah, sou o que chamam de "desbotado" — disse ele, fazendo aspas no ar exageradamente. — Mamãe tem sangue de anjo, de algumas gerações atrás, mas todos os meus outros parentes são mortais. Meus poderes são de grau vergonhosamente baixo. Mas estou aqui porque meus pais doaram para a escola, bom, a varanda na qual está agora.

— Nossa.

— Na verdade não é tão impressionante. Minha família era obcecada para eu entrar na Shoreline. Devia ouvir a pressão que fazem em casa para eu sair com uma "boa garota Nefilim" pra variar. — Luce riu. Uma das primeiras risadas de verdade que dava em dias. Miles revirou os olhos, zombeteiro. — Então, vi você tomando café com Shelby hoje de manhã. Ela é sua colega de quarto?

Luce assentiu.

— Falando em boas garotas Nefilim — brincou.

— Bem, sei que ela é meio, hmm... — Miles sibilou e fez um gesto de arranhar com as mãos, fazendo Luce gargalhar de novo. — Enfim, não sou a estrela da turma aqui nem nada, mas já estou nesse lugar há um tempo e durante grande parte dele acho tudo bem bizarro. Então, se um dia quiser tomar um café da manhã normal ou algo do tipo...

Luce se pegou assentindo com a cabeça. *Normal*. Música para seus ouvidos mortais.

— Tipo... amanhã? — perguntou Miles.

— Parece ótimo.

Miles sorriu e acenou se despedindo, então Luce percebeu que todos os outros alunos já haviam voltado para a sala. Sozinha pela primeira vez naquela manhã, baixou os olhos para a folha de papel,

incerta de como devia se sentir a respeito dos outros alunos da Shoreline. Sentia falta de Daniel, que poderia explicar muito desse lugar para ela se não estivesse... Onde *estava* ele, aliás? Ela nem ao menos sabia.

Ele estava longe demais.

Luce encostou um dedo nos lábios, relembrando aquele último beijo. O incrível toque de suas asas. Sentia-se tão fria sem ele, mesmo sob o sol da Califórnia. Mas estava ali por causa dele, fora aceita nessa turma de anjos ou seja lá o que fossem — apesar de sua reputação bizarra —, tudo graças a ele. De uma maneira estranha, parecia bom estar conectada a Daniel tão indissociavelmente.

Até ele vir buscá-la, era tudo a que ela podia se agarrar.

TRÊS



DEZESSEIS DIAS

— Então, pode dizer, qual é a coisa mais estranha na Shoreline até agora?

Era a manhã de quarta-feira, antes da aula, e Luce estava sentada em uma mesa de café da manhã no terraço ensolarado, dividindo um bule de chá com Miles. Ele vestia uma camiseta amarela vintage com o logotipo da Sunkist na frente, um boné de beisebol quase cobrindo os olhos azuis, chinelos e jeans gastos. Sentindo-se inspirada pelas regras de vestuário muito liberais da Shoreline, Luce havia aposentado sua roupa preta de sempre. Estava usando um vestido vermelho com um casaquinho branco, o que lhe fazia sentir como se esse fosse o primeiro dia de sol depois de um longo período de chuva.

Ela pôs uma colher de açúcar em sua xícara e riu.

— Nem sei por onde começar. Talvez seja minha companheira de quarto, que aparentemente chegou de fininho pouco antes do nascer do sol desta manhã e foi embora de novo antes que eu acordasse. Não, espere, é ter uma aula dada por um casal formado por um demônio e um anjo. Ou — ela engoliu — o jeito que o pessoal daqui olha para mim como se eu fosse uma aberração lendária. Eu já estava

acostumada a ser uma aberração anônima. Mas uma aberração notória...

— Você *não* é notória. — Miles deu uma enorme mordida em seu croissant. — Vou comentar um de cada vez — disse, com a boca cheia.

Enquanto ele limpava os lábios com o guardanapo, Luce meio que admirou, meio que riu de seus erráticos modos à mesa. Não podia deixar de imaginar Miles tendo algum curso chique de etiqueta num clube de golfe quando era menino.

— Shelby é meio difícil de se lidar — disse Miles —, mas ela pode ser legal também. Quando quer. Não que eu já tenha visto esse lado dela. — Ele riu. — Mas é o que dizem. E a história "Frankie e Steven" também me causou estranheza no início, mas de alguma forma eles fazem com que dê certo. É como um ato de equilíbrio celestial. Por alguma razão, ter a presença de ambos os lados dá aos estudantes daqui mais liberdade para se desenvolver.

Lá vinha aquela palavra de novo. *Desenvolver*. Ela se lembrou que Daniel a tinha usado quando contou que não iria juntar-se a ela na Shoreline. Mas desenvolver o quê? Aquilo só poderia se aplicar a alunos Nefilim. Não Luce, que era a única inteiramente humana em sua classe de quase anjos, esperando para que *seu* anjo caísse do céu para salvá-la mais uma vez.

— Luce — disse Miles, interrompendo seus pensamentos. — A razão pela qual as pessoas a observam é porque todo mundo ouviu falar sobre você e Daniel, mas ninguém sabe a história verdadeira.

— Então, em vez de simplesmente me perguntarem...

— O quê? Se vocês dois realmente transam nas nuvens? Ou se a imensa, você sabe, "glória" dele assusta sua mortal... — Ele parou, notando o olhar horrorizado no rosto de Luce e, em seguida, engoliu em seco. — Desculpe. Quero dizer, você está certa, as pessoas deixaram tudo virar um grande mito. Todos os outros, quero dizer. Eu tento não... especular. — Miles baixou seu chá e olhou para o guardanapo. — Talvez seja algo muito pessoal para se perguntar.

Miles desviou o olhar na direção dela, mas aquilo não deixou Luce nervosa. Em vez disso, seus olhos azuis e o sorriso um pouco torto

eram como uma porta aberta, um convite para conversar sobre algumas das coisas que ela não havia sido capaz de dizer a ninguém. Por mais que fosse péssimo, Luce entendia por que Daniel e o Sr. Cole a haviam proibido de procurar Callie ou seus pais. Mas Daniel e o Sr. Cole foram os responsáveis pela matrícula de Luce na Shoreline. Foram eles que disseram que ela ficaria bem ali. Então, Luce não conseguia ver nenhuma razão para manter sua história um segredo para alguém como Miles. Especialmente considerando que ele já sabia *alguma* versão da verdade.

— É uma longa história — disse ela. — Literalmente. E eu ainda não sei de tudo. Mas, basicamente, Daniel é um anjo importante. Acho que ele era uma espécie de figurão antes da queda. — Ela engoliu, sem querer encontrar os olhos de Miles. Estava nervosa. — Pelo menos era, até se apaixonar por mim.

Ela começou a despejar tudo. Desde seu primeiro dia na Sword & Cross, como Ariane e Gabbe cuidaram dela, e como Molly e Cam zombaram dela, até a sensação angustiante de ver uma fotografia de si mesma numa vida anterior. Falou sobre a morte de Penn e como isso a abalou. A surreal batalha no cemitério. Luce deixou de fora alguns dos detalhes sobre Daniel, momentos privados que tinham partilhado juntos... Mas, ao finalmente terminar, ela achou que tinha dado a Miles uma ideia quase completa do que havia acontecido — e que com sorte dissiparia parte do intrigante mito que se tornara, pelo menos para uma pessoa.

No final, ela se sentia mais leve.

— Uau. Eu nunca realmente contei isso tudo a ninguém. É muito bom dizer em voz alta. Como se fosse mais real agora que admiti a outra pessoa.

— Pode continuar se quiser — disse ele.

— Sei que só estou aqui por um curto tempo — disse ela. — E de certa forma, acho que a Shoreline vai me ajudar a me acostumar com essas pessoas, quero dizer, anjos como Daniel. E Nefilim como você. Mas ainda não consigo deixar de me sentir excluída. Como se estivesse passando por algo que não sou.

Miles estava assentindo, concordando com Luce o tempo todo enquanto ela contava sua história, mas agora ele balançava a cabeça.

— De jeito nenhum. O fato de você ser mortal torna a coisa toda ainda mais impressionante.

Luce olhou em volta do terraço. Pela primeira vez, notou uma clara linha divisória entre as mesas dos alunos Nefilim e os demais. Os Nefilim ficavam com todas as mesas do lado oeste, próximo à água. Havia poucos deles, não mais do que vinte, mas ocupavam muito mais mesas do que os outros, às vezes com apenas um garoto em cada, onde poderiam ter sentado seis, enquanto os outros alunos tinham que se espremer nas mesas restantes, do lado leste. Shelby, por exemplo, sentava-se sozinha, lutando contra o vento forte que erguia a folha que estava tentando ler. Havia um monte de cadeiras vazias, mas nenhum dos não Nefilim parecia considerar atravessar aquela linha invisível para sentar-se com os alunos "privilegiados".

Luce havia conhecido alguns dos outros alunos não privilegiados no dia anterior. Após o almoço, as aulas eram realizadas no edifício principal, uma estrutura muito menos arquitetonicamente impressionante, onde ensinavam-se as disciplinas mais tradicionais. Biologia, geometria, história europeia. Alguns dos estudantes pareciam legais, mas Luce sentia uma distância velada entre eles, tudo porque ela estava na categoria dos privilegiados, o que frustrara a possibilidade de uma conversa.

— Não me leve a mal, eu cheguei a fazer amizade com alguns desses caras. — Miles apontou para uma mesa lotada. — Escolheria Connor ou Eddie G. para um jogo de futebol em vez de qualquer um dos Nefilim na hora. Mas, falando sério, você acha que alguém ali poderia ter lidado com o que você lidou, e sobrevivido para contar a história?

Luce esfregou o pescoço e sentiu lágrimas ardendo nos olhos. O punhal da Srta. Sophia ainda estava fresco em sua memória, e ela jamais poderia pensar naquela noite sem que o coração doesse por Penn. Sua morte tinha sido tão sem sentido. Não era justo.

— Quase não sobrevivi — disse ela baixinho.

— Sim — disse Miles, estremecendo. — Dessa parte fiquei sabendo. É estranho: Francesca e Steven adoram nos ensinar sobre o presente e o futuro, mas nunca sobre o passado. Tem algo a ver com nos dar mais confiança.

— O que quer dizer?

— Pergunte-me qualquer coisa sobre a grande batalha que está por vir, e sobre o papel que um jovem Nefilim como eu terá nela. Mas sabe as coisas mais antigas das quais você estava falando? Nenhuma das aulas aqui toca neste assunto. Na verdade, falando nisso — Miles apontou para o terraço, que estava esvaziando-se —, devemos ir. Vamos repetir isso um dia desses?

— Definitivamente. — E Luce falava sério; gostava de Miles. Era tão mais fácil conversar com ele do que com qualquer outra pessoa que conhecera até agora. Era simpático e tinha o tipo de senso de humor que a deixava instantaneamente à vontade. Mas ela estava distraída por algo que ele havia dito. A batalha que estava por vir. A batalha de Daniel e Cam. Ou uma batalha com o grupo de Anciãos da Srta. Sophia? Se até mesmo os Nefilim estavam se preparando para isso, o que aquilo tudo significava para Luce?

Steven e Francesca tinham um talento para se vestirem com cores complementares, que os fazia parecer mais preparados para uma sessão de fotos do que para uma aula. No segundo dia de Luce na Shoreline, Francesca estava usando sandálias gladiadoras douradas com saltos de sete centímetros e um vestido evasê laranja. Tinha um laço folgado em volta do pescoço, que combinava quase exatamente com a gravata laranja que Steven usava com a camisa marfim e blazer azul-marinho.

Os dois eram incríveis de se observar, e Luce se sentia atraída por eles, mas não exatamente da maneira que Dawn previra no dia anterior. Olhando os professores de sua mesa entre Miles e Jasmine,

Luce sentiu-se atraída por Francesca e Steven por razões mais carinhosas: eles a lembravam de seu relacionamento com Daniel.

Apesar de nunca os ter visto realmente se tocando, quando estavam juntos, o que era quase sempre, o magnetismo entre os dois praticamente entortava as paredes. É lógico que tinha algo a ver com seus poderes de anjos caídos, mas também devia estar relacionado à forma peculiar com a qual estavam conectados. Luce não podia deixar de ressentir a relação entre os dois. Eram lembranças constantes do que ela não podia ter agora.

A maioria dos alunos já estava sentada em seus lugares. Dawn e Jasmine conversavam com Luce sobre a adesão ao comitê de direção para que ela pudesse ajudá-las a planejar vários eventos sociais incríveis. Luce nunca fora uma aluna muito interessada em atividades extracurriculares; mas essas meninas tinham sido tão legais com ela, e a expressão de Jasmine parecia tão animada ao falar sobre uma viagem de barco que estavam planejando no final daquela semana, que Luce decidiu dar uma chance ao comitê. Ela estava acrescentando seu nome à lista quando Steven se aproximou, jogou o paletó sobre a mesa às suas costas, e sem uma palavra abriu bem os braços.

Como se convocado, um fragmento de sombra preta pareceu se destacar das sombras de uma das sequoias do lado de fora da janela. Ela veio do gramado, então tomou substância e entrou ricocheteando na sala através da janela aberta. Era rápida e onde ia a luz do dia diminuía, então a sala logo caiu na escuridão.

Luce engasgou por força do hábito, mas não foi a única. Na verdade, a maioria dos estudantes recuou nervosamente em suas carteiras, enquanto Steven começava a girar a sombra. Ele simplesmente estendeu as mãos e começou a torcê-las mais e mais rápido, parecendo lutar com alguma coisa. Logo, a sombra estava girando na frente dele tão rapidamente que parecia um borrão, como os raios de uma roda. Uma rajada de vento espesso e úmido saiu de seu núcleo, soprando o cabelo de Luce para trás.

Steven manipulou a sombra, os braços forçando uma confusa forma amorfa a se transformar em uma esfera preta, não maior do

que uma laranja.

— Turma — disse ele friamente, quicando a bola escura que levitava poucos centímetros acima de seus dedos —, eis o assunto sobre o qual vamos aprender hoje.

Francesca adiantou-se e transferiu a sombra para suas mãos. Com os saltos altos, era quase da altura de Steven. E, Luce imaginou, era tão hábil quanto ele ao lidar com as sombras.

— Todos vocês viram os Anunciadores em algum momento — disse ela, caminhando lentamente ao longo da meia-lua de carteiras de estudante, para que cada um pudesse dar uma olhada melhor. — E alguns de vocês — disse ela, olhando para Luce — até têm alguma experiência com eles. Mas sabem realmente o que são? Sabem o que podem fazer?

Fofoqueiros, Luce pensou, lembrando o que Daniel havia dito a ela na noite da batalha. Ela ainda era nova demais na Shoreline para se sentir confortável respondendo uma pergunta, mas nenhum dos outros alunos parecia saber. Lentamente, levantou a mão.

Francesca inclinou a cabeça:

— Luce.

— Eles carregam mensagens — explicou, ficando mais segura enquanto falava, pensando na confiança de Daniel. — Mas são inofensivos.

— Mensageiros, sim. Mas inofensivos? — Francesca olhou para Steven. Seu tom não revelava se Luce estava certa ou errada, o que a fez se sentir envergonhada.

A classe inteira ficou surpresa quando Francesca andou até Steven, se apoderou de um dos lados da sombra, enquanto ele segurava o outro, dando um puxão firme.

— Chamamos isso de vislumbrar — disse ela.

A sombra se abaulou e esticou como um balão sendo estourado. Fez um som profundo enquanto sua escuridão se distorcia, revelando cores mais vivas do que qualquer coisa que Luce já vira antes. Um tom mostarda profundo, dourado brilhante, trechos marmorizados de rosa e roxo. Um mundo rodopiante brilhando mais e mais por trás da

malha de sombra que se dissipava. Steven e Francesca ainda estavam puxando, andando para trás lentamente até que a sombra ficou do tamanho e da forma de uma grande tela de projeção. Então pararam.

Eles não deram nenhum aviso, nada de "O que estão prestes a ver", e depois de um momento de horror, Luce entendeu a razão. Não havia como se preparar para algo assim.

O emaranhado de cores se separou, instalando-se finalmente numa tela de formas conhecidas. Estavam olhando para uma cidade. Uma cidade antiga com paredes de pedra... em chamas. Superlotada e poluída, consumida por chamas furiosas. Pessoas encurraladas pelas chamas, suas bocas um escuro vazio de horror, levantando os braços para o céu. E em toda parte uma chuva de faíscas brilhantes e pedaços de fogo queimando, luzes mortais aterrissando em todo lugar e inflamando tudo que tocava.

Luce podia praticamente sentir o cheiro da podridão e desgraça que emanava da tela de sombra. Era horrível de se olhar, mas o mais estranho de tudo era que não havia som algum. Os outros alunos estavam tapando os ouvidos, como se estivessem tentando bloquear lamentos ou gritos que para Luce eram indistinguíveis. Não havia nada além de silêncio enquanto ela observava mais e mais pessoas morrerem.

Quando achava que seu estômago não poderia aguentar muito mais, o foco da imagem mudou, como se estivesse se afastando, e Luce pôde ver um panorama maior. Não apenas uma, mas sim duas cidades em chamas. Uma estranha ideia veio-lhe, suavemente, como uma memória que sempre tivera, mas na qual não pensava há algum tempo. Ela agora sabia o que estavam vendo: Sodoma e Gomorra, duas cidades bíblicas, duas cidades destruídas por Deus.

Então, como se fosse um interruptor de luz desligando-se, Steven e Francesca estalaram os dedos e a imagem desapareceu. Os restos da sombra quebraram-se em uma pequena nuvem escura de cinzas, que acabariam no chão da sala de aula. Em volta de Luce, todos os alunos pareciam estar prendendo a respiração.

Luce não conseguia tirar os olhos do local onde a sombra estivera. Como haviam feito aquilo? Ela estava começando a congelar de novo, os pedaços escuros se reunindo, voltando lentamente à forma de sombra familiar. Com seu serviço terminado, o Anunciador avançou lentamente ao longo do piso, então deslizou para fora da sala de aula, como a sombra projetada por uma porta se fechando.

— Devem estar se perguntando por que fizemos que passassem por isso — disse Steven, dirigindo-se à classe. Ele e Francesca trocaram um olhar preocupado enquanto olhavam ao redor da sala. Dawn estava choramingando em sua mesa.

— Como sabem — disse Francesca —, na maior parte do tempo gostamos de nos concentrar no que vocês, como Nefilim, têm poder de fazer. Como podem mudar as coisas para melhor, independentemente do que isso signifique para cada um. Gostamos de olhar para a frente, e não para trás.

— Mas o que viram hoje — completou Steven — foi mais do que apenas uma lição de história com incríveis efeitos especiais. E não foram só imagens que evocamos. O que estavam vendo eram as Sodoma e Gomorra reais, quando foram destruídas pelo grande tirano, quando ele...

— Aham! — interrompeu Francesca, balançando o dedo. — Não vamos começar a ofender ninguém aqui.

— Tudo bem. Ela está certa, como de costume. Até mesmo eu às vezes exagero. — Steven sorriu para a classe. — Mas, como ia dizendo, os Anunciadores são mais do que meras sombras. Eles podem conter informações valiosas. De certa forma, *são* sombras, mas sombras do passado, de acontecimentos de muito tempo atrás e outros não tão distantes.

— O que vocês viram hoje — completou Francesca — foi apenas a demonstração de uma habilidade de valor inestimável que alguns de vocês podem ser capazes de aproveitar. Algum dia.

— Não vão querer tentar isso agora. — Steven limpou as mãos com um lenço que tirou do bolso. — Na verdade, vamos proibir que

tentem, pois podem perder o controle e terminar emaranhados nas sombras. Mas um dia, talvez, esta seja uma possibilidade.

Luce compartilhou um olhar com Miles. Ele deu um sorriso com os olhos arregalados, como se estivesse aliviado ao ouvir aquilo. Ele não parecia se sentir tão excluído, não tanto quanto Luce.

— Além disso — disse Francesca —, a maioria de vocês provavelmente vai se sentir cansada. — Luce olhou ao redor da sala para o rosto dos alunos enquanto Francesca falava. Sua voz parecia causar o efeito de uma loção de *aloe vera* numa queimadura de sol. Metade dos alunos estava com os olhos fechados, como se tivesse tomado calmantes. — Isso é muito normal. Vislumbrar sombras não é algo feito sem consequências severas. É preciso usar muita energia até para ver alguns dias atrás, quanto mais milênios. Bem, vocês mesmos podem sentir os efeitos. Pensando nisso — ela olhou para Steven —, hoje vamos deixar saírem cedo para descansar.

— Vamos retomar o assunto amanhã, para nos certificarmos de que fizeram a leitura sobre aparições — disse Steven. — Estão liberados.

Ao redor de Luce, os estudantes levantaram-se lentamente de suas mesas. Pareciam confusos, exaustos. Quando ela se levantou, os joelhos estavam um pouco vacilantes, mas de alguma forma se sentia menos agitada do que os outros pareciam estar. Ela ajeitou o casaco sobre os ombros e seguiu Miles para fora da sala de aula.

— Tema bem pesado — comentou ele, descendo as escadas dois degraus de cada vez. — Você está bem?

— Estou — respondeu Luce. E era verdade. — E você?

Miles esfregou a testa.

— Realmente parece que estávamos lá. Estou feliz por terem nos deixado sair cedo. Acho que preciso de uma soneca.

— Pode ter certeza! — acrescentou Dawn, aproximando-se por trás deles no caminho sinuoso de volta ao dormitório. — Essa era a última coisa que eu esperava numa manhã de quarta-feira. Estou tão zonza.

Era verdade: a destruição de Sodoma e Gomorra tinha sido horrível. Tão real que a pele de Luce ainda estava quente pelas chamas.

Eles pegaram o atalho para voltar ao dormitório, circundando o lado norte do refeitório, na sombra das sequoias. Era estranho ver o campus tão vazio, com todos os outros alunos da Shoreline ainda nas salas de aula do edifício principal. Um a um, os Nefilim foram direto para a cama.

Exceto Luce. Ela não estava nem um pouco cansada. Em vez disso, sentia-se estranhamente energizada. Desejou, mais uma vez, que Daniel estivesse lá. Queria muito falar com ele sobre a demonstração de Francesca e Steven — e saber por que ele não contara que havia mais sobre as sombras do que ela podia ver.

Na frente de Luce estavam as escadas que conduziam ao seu quarto do dormitório. Atrás, a floresta de sequoias. Ela foi em direção à entrada do dormitório, sem vontade de entrar, sem vontade de dormir e esquecer a experiência. A intenção de Francesca e Steven não poderia ter sido assustar a classe, e sim ensinar-lhes algo. Algo que não poderiam simplesmente explicar com palavras. Mas se os Anunciadores carregavam mensagens e ecos do passado, então qual era o objetivo do que eles tinham acabado de assistir?

Ela entrou na floresta.

Seu relógio marcava onze da manhã, mas poderia ser meia-noite, pelas sombras sob a copa escura das árvores. Os pelos se arrepiaram nas pernas nuas enquanto ela avançava mais ainda pelo bosque sombrio. Luce não queria pensar demais, pensar só iria aumentar as chances de ela perder a coragem. Estava prestes a entrar em território desconhecido. Território proibido.

Ela convocaria um Anunciador.

Já fizera contato com eles antes. A primeira vez foi quando beliscou um durante a aula, para evitar que entrasse em seu bolso. Houve a vez na biblioteca quando ela golpeou um para que ficasse longe de Penn. Pobre Penn. Luce não conseguia deixar de se perguntar qual mensagem aquele Anunciador estaria carregando. Se soubesse

como manipulá-lo na época, da maneira que Francesca e Steven tinham manipulado um hoje, poderia ter evitado o que aconteceu?

Ela fechou os olhos. Viu Penn, caída contra a parede, o peito coberto de sangue. Sua amiga. *Não*. Lembrar daquela noite era doloroso demais, e nunca fazia bem a Luce. Tudo o que podia fazer agora era olhar para a frente.

Precisou lutar contra o medo que gelava seu interior. Uma forma escorregadia, preta e familiar estava à espreita ao lado da verdadeira sombra de um ramo de sequoia, apenas dez metros à sua frente.

Ela deu um passo na direção dele, e o Anunciador se encolheu. Tentando não fazer movimentos bruscos, Luce chegou mais e mais perto, torcendo para que a sombra não fugisse.

Ali.

A sombra se contorceu sob o seu ramo de árvore, mas ficou onde estava.

Com o coração acelerado, Luce tentou se acalmar. Sim, estava escuro na floresta e ninguém sabia onde ela estava, e, bem, com certeza havia uma chance de ninguém sentir sua falta por um bom tempo se algo acontecesse, mas não havia motivo para entrar em pânico. Certo? Então por que ela se sentia dominada por um medo atroz? Por que estava sentindo o mesmo tremor nas mãos que costumava sentir ao ver as sombras quando menina, antes de ter aprendido que eram basicamente inofensivas?

Era hora de fazer alguma coisa. Podia tanto ficar congelada ali para sempre, quanto se acovardar e ir de volta para o dormitório de mau humor, ou...

Seu braço se esticou, sem tremer mais, e então pegou a coisa. Arrastou-a, agarrando-a firmemente contra o peito; surpreendida pelo seu peso e por como era fria e úmida. Como uma toalha molhada. Seus braços estavam tremendo. O que fazer agora?

A imagem daquelas cidades queimando passou por sua mente. Luce se perguntou se aguentaria ver a mensagem sozinha. Se poderia inclusive descobrir como desvendar seus segredos. Como essas coisas funcionam? Tudo que Francesca e Steven fizeram foi puxar.

Prendendo o fôlego, Luce passou os dedos ao longo das bordas indistintas da sombra, agarrou-a e deu-lhe um leve puxão. Para sua surpresa, o Anunciador era maleável, quase como massinha de modelar, e tomava a forma que suas mãos sugeriam. Fazendo careta, ela tentou moldá-la em um quadrado. Em algo como a tela que vira seus professores fazerem.

No começo foi fácil, mas a sombra parecia ficar mais dura quanto mais ela tentava esticá-la. E, cada vez que reposicionava as mãos para puxar a outra parte, o resto se recolhia numa fria e densa massa preta. Logo ela estava sem fôlego e utilizando o braço para limpar o suor da testa. Não queria desistir; mas quando a sombra começou a vibrar, Luce gritou, e largando-a no chão.

Instantaneamente, disparou para o meio das árvores. Só depois de ter se afastado Luce percebeu: não era a sombra que estava vibrando. Era o telefone celular em sua mochila.

Ela havia se acostumado a não ter um. Até aquele momento, tinha até esquecido que o Sr. Cole havia lhe devolvido seu telefone velho antes de a colocar no avião para a Califórnia. Era quase completamente inútil, apenas para que ele pudesse ter uma maneira de falar com ela, para mantê-la informada sobre as histórias que estava contando a seus pais, que ainda acreditavam que Luce estava na Sword & Cross. De modo que, quando Luce conversasse com eles, poderia mentir sem se contradizer.

Ninguém além do Sr. Cole tinha seu número. E, por razões de segurança, realmente irritantes, não havia forma de contatar Daniel. E agora o telefone tinha custado a Luce seu primeiro progresso real com uma sombra.

Ela o pegou e leu a mensagem que o Sr. Cole havia acabado de mandar:

> Ligue para seus pais. Eles acham que você tirou um A- numa prova de História que acabei de dar. E que vai tentar uma vaga na equipe de natação semana que vem. Não se esqueça de agir como se estivesse tudo bem.

E uma segunda, um minuto depois:

Está tudo bem?

Rabugenta, Luce enfiou o telefone em sua mochila e começou a vagar através das espessas agulhas de pinheiro em direção à entrada da floresta, em direção a seu dormitório. A mensagem a fez pensar sobre os outros alunos na Sword & Cross. Será que Ariane ainda estava lá e, se estivesse, para quem estaria atirando aviões de papel durante as aulas? Será que Molly tinha encontrado alguém para ser seu inimigo, agora que Luce fora embora? Ou teriam as duas mudado de escola desde que Luce e Daniel foram embora? Teria Randy acreditado na história de que os pais de Luce tinham pedido sua transferência? Luce suspirou. Ela *odiava* não dizer a verdade aos pais, odiava não poder lhes dizer o quão sozinha e distante se sentia.

Mas e durante o telefonema? Cada mentira — A- numa prova de História inventada, testes falsos para uma equipe de natação — só faria com que se sentisse mais nostálgica ainda.

O Sr. Cole devia ter perdido a cabeça, mandando-a ligar para eles e mentir. Mas se contasse a seus pais a verdade — a verdade mesmo —, eles iriam pensar que *ela* é que havia perdido a cabeça. E, se não entrasse em contato com eles, saberiam que algo estava acontecendo. Iriam até a Sword & Cross, descobririam que ela não estava lá, e aí?

Podia mandar um e-mail. Mentir não seria tão difícil por e-mail. Daria a ela alguns dias antes de ter que ligar. Ela mandaria um à noite.

Luce saiu da floresta em direção ao atalho, e perdeu o fôlego. Era noite. Olhou para a exuberante mata sombreada. Quanto tempo esteve lá com a sombra? Ela olhou para o relógio. Oito e meia. Tinha perdido o almoço. E as aulas da tarde. E o jantar. Estava tão escuro na floresta que ela nem percebeu o tempo passando, mas agora se dava conta de tudo de uma só vez. Estava cansada, com frio e com fome.

Depois de três voltas erradas no labirinto que era o dormitório, Luce finalmente encontrou a porta do seu quarto. Em silêncio, esperando que Shelby estivesse fora, para onde quer que sempre parecia fugir durante a noite, Luce enfiou a chave enorme e antiga na fechadura e girou a maçaneta.

As luzes estavam apagadas, mas um fogo queimava na lareira. Shelby estava sentada de pernas cruzadas no chão, de olhos fechados, meditando. Quando Luce entrou, ela abriu um dos olhos, parecendo muito irritada com o que via.

— Desculpe — sussurrou Luce, afundando na cadeira mais próxima da porta. — Não ligue para mim. Finja que não estou aqui.

Por algum tempo, Shelby fez exatamente isso. Fechou o olho e voltou a meditar, e o quarto ficou tranquilo. Luce ligou o computador que ficava na sua mesa e olhou para a tela, tentando compor em sua mente a mensagem mais inócua possível para seus pais — e, aproveitando a ocasião, uma para Callie, que estivera enviando um fluxo constante de e-mails para Luce ao longo da semana anterior, e ela não lera nenhum.

Digitando tão lentamente quanto conseguia para que o barulho de seu teclado não fosse mais um motivo para Shelby odiá-la, Luce escreveu:

> Queridos papai e mamãe, estou morrendo de saudades de vocês. Só queria dar um alô. Minha vida na Sword & Cross está legal.

Seu coração apertou com o esforço de não digitar: *Que eu saiba, ninguém mais morreu esta semana*.

> Ainda estou indo bem em todas as aulas, ela se forçou a escrever em vez disso. Acho até que vou tentar entrar para o time de natação!

Luce olhou pela janela, para o céu limpo e estrelado. Precisava terminar aquilo rápido. Caso contrário, enlouqueceria.

Fico só imaginando quando esta chuva vai dar trégua... Acho que novembro é assim na Geórgia! Com amor, Luce.

Ela copiou a mensagem para um novo e-mail, destinado a Callie, mudou algumas palavras bem escolhidas, moveu o mouse para o botão *Enviar*, fechou os olhos, clicou e baixou a cabeça. Era uma filha horrível e uma amiga mentirosa. Em que estava pensando?

Aqueles eram os e-mails mais sem-graça e suspeitos já escritos. Iam apenas assustar os outros.

Seu estômago roncou. E, em seguida, novamente, ainda mais alto. Shelby limpou a garganta.

Luce girou em sua cadeira para olhar para a colega de quarto, que estava na posição cachorro olhando para baixo. Sentia as lágrimas brotando nos cantos dos olhos.

— Estou com fome, certo? Por que você não registra uma reclamação, e pede para me transferirem para outro quarto?

Shelby calmamente pulou à frente em seu tapete de ioga, pôs os braços em posição de oração e disse:

— Eu só ia falar sobre a caixa de macarrão orgânico com queijo na minha gaveta de meias. Não precisa me atacar. Minha nossa.

Onze minutos mais tarde, Luce estava sentada debaixo de um cobertor em sua cama, com um prato fumegante de macarrão grudento, os olhos secos e uma companheira de quarto que de repente tinha parado de odiá-la.

— Eu não estava chorando porque estava com fome — tentou explicar Luce, apesar de o macarrão com queijo estar muito bom, e do fato de aquele presente tão inesperado ter vindo de Shelby, que quase fez surgirem novas lágrimas. Luce queria dividir o que acontecera com alguém, e Shelby estava bem ali, na sua frente. Ela não tinha se aberto totalmente, mas partilhar seu estoque de comida tinha sido um grande passo para alguém que mal havia falado com Luce até agora. — Eu

estou tendo, hum, alguns problemas familiares. É muito difícil estar longe deles.

— Ah, coitadinha — disse Shelby, mastigando sua própria tigela de macarrão. — Deixe-me adivinhar, seus pais ainda estão casados e felizes.

— Isso não é justo — respondeu Luce, sentando-se. — Você não faz ideia pelo que passei.

— E você faz alguma ideia pelo que *eu* passei? — Shelby encarou Luce de cima a baixo. — Foi o que imaginei. Olha, essa é minha história: filha única, criada por mãe solo. Problemas com o papai? Talvez. Um pé no saco de se conviver porque odeio dividir? Muito provável. Mas o que eu não suporto é que uma bonitinha apaixonada, com uma casinha feliz e um namorado perfeito, apareça no meu canto se lamentando sobre seu triste caso de amor a distância.

Luce perdeu o fôlego.

— Não é nada disso!

— Ah, não? Então o que é?

— Sou uma farsa — disse Luce. — Estou... mentindo para todos que amo.

— Mentindo para o namoradinho perfeito? — Os olhos de Shelby se estreitaram de uma maneira que fez Luce pensar que sua companheira de quarto poderia até estar interessada em conversar.

— Não — murmurou Luce. — Não estou nem falando com ele.

Shelby deitou-se na cama de Luce e esticou os pés para que eles se apoiassem na parte de baixo da outra beliche.

— Por que não?

— É uma história longa, estúpida e complicada.

— Bem, qualquer garota com meio cérebro sabe que há apenas uma coisa a fazer quando você termina com seu homem...

— Não, nós não terminamos — interrompeu Luce, ao mesmo tempo em que Shelby continuava:

— Mudar o cabelo.

— *Mudar o cabelo?*

— Um novo começo — disse Shelby. — Já tingi o meu de laranja, já cortei tudo. Nossa, uma vez eu até raspei depois que um imbecil realmente destruiu meu coração.

Havia um pequeno espelho oval com moldura de madeira preso na cômoda do quarto. De onde estava na cama, Luce podia ver seu reflexo. Ela baixou a tigela de macarrão e se levantou para se aproximar.

Havia cortado o cabelo depois do incidente com Trevor, mas era diferente. A maior parte tinha sido chamuscada, de qualquer maneira. E, quando chegou na Sword & Cross, tinha sido o cabelo de Ariane que ela cortou. No entanto, Luce pensou ter compreendido o que Shelby queria dizer com "um novo começo." Você poderia se transformar em outra pessoa, fingir que não era aquela que tinha acabado de passar por tanta dor. Mesmo que — graças a Deus — Luce não estivesse de luto por uma perda permanente de seu relacionamento com Daniel, estava de luto por todos os tipos de outras perdas. Por Penn, por sua família, pela vida que costumava ter antes que as coisas ficassem tão complicadas.

— Está realmente pensando no assunto, não está? Não me faça pegar a garrafinha de água oxigenada debaixo da pia.

Luce passou os dedos pelo cabelo curto e preto. O que Daniel acharia? Mas, se ele queria que ela fosse feliz aqui, até que pudessem estar juntos novamente, precisava deixar para trás quem ela havia sido na Sword & Cross.

Virou-se para Shelby:

— Pegue a garrafinha.

QUATRO



QUINZE DIAS

Não estava *tão* loira assim.

Luce molhou as mãos na pia e ajeitou as mechas curtas e oxigenadas. Tinha acabado de passar por um monte de aulas nessa quinta-feira, que incluiu uma inesperada palestra de duas horas de Francesca sobre segurança para reiterar as razões para não se mexer com os Anunciadores sem preparo (quase parecia que ela estava se dirigindo diretamente a Luce); provas orais em suas aulas "normais" de Biologia e Matemática no edifício principal da escola, e o que pareceram oito horas seguidas de olhares espantados dos seus colegas, tanto Nefilim quanto não Nefilim.

Mesmo que Shelby tivesse agido normalmente sobre o novo visual de Luce, na privacidade do quarto na noite anterior, ela não era dada a elogios efusivos como Ariane ou a demonstrar apoio e confiança como acontecera com Penn. Saindo para o mundo naquela manhã, Luce estava terrivelmente nervosa. Miles foi o primeiro a vê-la e fez um sinal de positivo. Mas ele era sempre tão legal que nunca a deixaria perceber se tivesse achado seu cabelo horrível.

Naturalmente, Dawn e Jasmine haviam aparecido logo depois da aula de Humanas, ansiosas para tocar o cabelo dela e perguntando a Luce qual tinha sido sua inspiração.

— Muito Gwen Stefani — comentou Jasmine, assentindo.

— Não, é a Madge, não é? — perguntou Dawn. — Como na época de "Vogue". — Antes que Luce pudesse responder, Dawn gesticulou apontando para Luce e em seguida para ela mesma. — Mas acho que não somos mais gêmeas.

— Gêmeas? — Luce e em seguida para a cabeça.

Jasmine olhou para Luce de soslaio.

— Vamos, não diga que nunca percebeu? Vocês duas se parecem... bem, se *pareciam* tanto. Poderiam praticamente ter se passado por irmãs.

Agora, sozinha diante do espelho do banheiro do prédio principal, Luce olhou para seu reflexo e pensou em Dawn e seus grandes olhos. As duas tinham uma coloração semelhante: pele pálida, lábios vermelhos, cabelo escuro. Mas Dawn era menor do que ela. Usava cores vivas quase sempre. E era muito mais animada do que Luce jamais seria algum dia. Tirando alguns aspectos superficiais, Luce e Dawn não poderiam ser mais diferentes.

A porta do banheiro se abriu e uma menina de cabelos castanhos com cara de comportada usando jeans e suéter amarelo entrou. Luce a reconheceu da classe de História Europeia. Amy alguma coisa. Ela se inclinou sobre a pia ao lado de Luce e começou a mexer nas sobrancelhas.

— Por que fez isso com seu cabelo? — perguntou, olhando para Luce.

Luce parou, surpresa. Uma coisa era falar sobre o assunto com seus mais ou menos amigos da Shoreline, mas nunca sequer havia falado com essa garota antes.

A resposta de Shelby, *um novo começo*, surgiu em sua mente, mas a quem ela estava enganando? Tudo que a garrafa de água oxigenada que usara na noite passada fizera foi deixar Luce tão falsa do lado de

fora quanto já se sentia por dentro. Callie e seus pais dificilmente a reconheceriam agora que esse não era o objetivo, de maneira alguma.

E Daniel. O que Daniel acharia? Luce, de repente, sentiu-se tão obviamente falsa, que mesmo um desconhecido poderia ver através dela.

— Eu não sei. — Ela passou pela menina e para fora do banheiro. — Não sei por que fiz isso.

Clarear o cabelo não apagaria as memórias sombrias das últimas semanas. Se ela realmente queria um novo começo, teria que construir um. Mas como? Havia tão pouco que ela efetivamente controlasse no momento. Toda sua vida estava nas mãos do Sr. Cole e de Daniel. E ambos estavam muito distantes.

Era assustador o quanto e quão rápido ela contava com Daniel agora, e isso era ainda mais assustador do que não saber quando ia vê-lo de novo. Em comparação com os dias cheios de felicidade que estava esperando passar com ele na Califórnia, neste momento estava mais solitária do que nunca.

Ela se arrastou por todo o campus, percebendo lentamente que a única vez que sentiu ter qualquer independência desde que chegara na Shoreline tinha sido...

Sozinha, na mata, com a sombra.

Após a demonstração em sala de aula do dia anterior, Luce estava esperando que Francesca e Steven fizessem mais. Teve esperanças de que talvez hoje os alunos tivessem a oportunidade de experimentar com as sombras por conta própria. Teve inclusive uma breve fantasia de ser capaz de fazer o que havia feito na floresta na frente de todos os Nefilim.

Nada disso tinha acontecido. Na verdade, a aula hoje parecera um grande retrocesso. Uma palestra chata sobre a etiqueta e segurança envolvendo Anunciadores, e por que os alunos nunca deviam, em circunstância alguma, tentar fazer o que haviam visto no dia anterior por conta própria.

Foi frustrante e uma regressão. Então, agora, em vez de voltar para o dormitório, Luce se viu correndo por trás do refeitório, pela trilha

até a beira do penhasco para subir as escadas de madeira do edifício. O escritório de Francesca ficava no anexo do segundo andar e ela havia dito à classe que qualquer um deveria se sentir livre para visitá-la a qualquer momento.

O edifício era muito diferente sem os outros estudantes para aquecê-lo. Escuro, frio, dava a impressão de ser quase abandonado. Cada barulho feito por Luce parecia um estrondo, ecoando nas vigas de madeira. Ela podia ver uma luz vinda do andar de cima e sentia o cheiro forte de café. Ainda não sabia se ia contar para Francesca sobre o que tinha sido capaz de fazer na floresta. Poderia parecer insignificante para alguém tão hábil quanto Francesca. Ou poderia parecer uma violação das instruções da aula de hoje.

Parte de Luce só queria analisar a professora, ver se ela seria alguém com quem Luce poderia contar quando, em dias como aquele, começasse a sentir que iria desmoronar.

Ela alcançou o topo das escadas e se viu no começo de um corredor longo e amplo. À sua esquerda, além do corrimão de madeira, olhou para a sala de aula escura e vazia no segundo andar. À sua direita havia uma fileira de pesadas portas de madeira com vitrais no alto. Andando silenciosamente, Luce percebeu que não sabia qual escritório era o de Francesca. Apenas uma das portas estava entreaberta, a terceira da direita, com um raio de luz passando pela linda cena no vitral. Ela pensou ter ouvido uma voz masculina lá dentro. Estava prestes a bater quando o tom agudo de uma mulher a fez congelar.

— Foi um erro até mesmo tentar — sibilou Francesca.

— Nós arriscamos. Não tivemos sorte.

Steven.

— Não tivemos sorte? — zombou Francesca. — Aquilo foi uma irresponsabilidade. Do ponto de vista meramente estatístico, as chances de um Anunciador trazer notícias ruins eram grandes demais. Você viu como aqueles garotos ficaram. Eles não estavam prontos!

Uma pausa. Luce avançou um pouco mais ao longo do tapete persa do corredor.

— Mas ela estava.

— Não vou sacrificar o progresso de uma classe inteira só porque um, uma...

— Não seja míope, Francesca. Nós criamos um ótimo programa. Sei disso tanto quanto você. Os resultados dos nossos alunos superam os de qualquer outro programa Nefilim do mundo. Você fez tudo isso. Tem o direito de sentir orgulho. Mas as coisas são diferentes agora.

— Steven tem razão, Francesca — falou uma terceira voz. Masculina. Luce achou que soava familiar. Mas quem era? — Não faz diferença se jogarmos seu calendário acadêmico pela janela. A trégua entre nossos lados é o único prazo que importa agora.

Francesca suspirou e disse:

— Você realmente acha...

A voz desconhecida continuou:

— Se conheço Daniel, ele vai chegar na hora certa. Provavelmente já está contando os minutos.

— Há mais uma coisa — disse Steven.

Uma pausa, então o que parecia uma gaveta se abrindo, e em seguida alguém arfou. Luce teria feito qualquer coisa para estar do outro lado da parede — e ver o que eles estavam vendo.

— Onde você conseguiu isso? — Perguntou a outra voz masculina. — Está negociando?

— É lógico que não! — Francesca parecia insultada. — Steven achou na floresta durante uma das suas rondas uma noite dessas.

— É autêntica, não é? — perguntou Steven.

Um suspiro.

— Já se passou muito tempo para que ele pudesse dizer com certeza — respondeu o desconhecido. — Não via uma seta estelar há tempos. Daniel vai saber. Vou levar para ele.

— É só isso? O que sugere que façamos nesse meio-tempo? — perguntou Francesca.

— Olha, essa não é minha praia. — A familiaridade daquela voz incomodava Luce, como uma alergia. — E realmente não é meu estilo...

— Por favor — suplicou Francesca.

O escritório ficou em silêncio. O coração de Luce estava martelando.

— Tudo bem. Se eu fosse vocês, aceleraria as coisas por aqui. Aumentem a supervisão e façam tudo que puder para deixar *todos* prontos. O Fim dos Tempos não é para ser divertido.

Fim dos tempos. Isso foi o que, segundo Ariane, aconteceria se Cam e seu exército ganhassem naquela noite, na Sword & Cross. Mas não haviam vencido. A não ser que outra batalha já tivesse surgido. Mas, se fosse isso, para o que os Nefilim teriam que se preparar?

O som das pernas da pesada cadeira arranhando o chão fez Luce recuar. Ela sabia que não devia ser apanhada escutando esse tipo de conversa escondida. Independentemente do seu significado.

Pela primeira vez, Luce ficou contente que a arquitetura da Shoreline oferecesse tantos recantos misteriosos. Ela se abaixou sob uma moldura de madeira decorativa entre duas estantes e apertou-se no recuo da parede.

Um único conjunto de passos saiu do escritório, e a porta se fechou com firmeza. Luce prendeu a respiração e esperou que a pessoa descesse as escadas.

A princípio, pôde ver apenas seus pés. Botas de couro marrom europeias. Em seguida, jeans escuros apareceram enquanto ele dava a volta no corrimão para o segundo andar. Uma camisa de botões listrada de azul e branco. E, finalmente, a juba facilmente reconhecível de dreadlocks.

Roland Sparks tinha aparecido na Shoreline.

Luce saltou de seu esconderijo. Ela poderia parecer nervosa, mas comportada na frente de Francesca e Steven, que eram lindos, poderosos, maduros e assustadores... além de seus professores. Mas Roland não a intimidava — não muito, no fim das contas —, não mais. Além disso, ele era a coisa mais próxima de Daniel que ela via em dias.

Ela desceu rapidamente as escadas, sendo o mais silenciosa que pôde, então irrompeu pela porta da entrada afora. Roland estava

andando devagar em direção ao oceano, como se não tivesse nenhum problema no mundo.

— Roland — gritou ela, correndo pelo último lance de escadas até o chão. Ele parou onde o caminho acabava e o penhasco se transformava em rochas escarpadas e íngremes.

Estava quieto, olhando para a água. Luce ficou surpresa ao sentir um frio na barriga quando, muito lentamente, ele começou a se virar.

— Ora, ora. — Ele sorriu. — Lucinda Price descobriu a água oxigenada.

— Ah. — Ela segurou o próprio cabelo. Como devia parecer estúpida aos olhos dele.

— Não, não — interrompeu ele, caminhando em sua direção, afofando o cabelo dela com os dedos. — Combina com você. Um visual forte para tempos difíceis.

— O que está fazendo aqui?

— Me matriculando. — Ele deu de ombros. — Acabei de pegar meus horários de aula, encontrei os professores. Parece um lugar bem maneiro.

Uma mochila de tecido estava jogada sobre um de seus ombros com algo prateado, longo e estreito saindo de dentro. Seguindo o olhar de Luce, Roland mudou a bolsa para o outro ombro e fechou a aba superior com um nó.

— Roland — a voz dela falhou. — Você deixou a Sword & Cross? Por quê? O que está fazendo aqui?

— Só precisava de uma mudança de ritmo — respondeu ele misteriosamente.

Luce ia perguntar sobre os outros: Ariane, Gabbe. Até mesmo Molly. Queria saber se alguém havia percebido ou se importado que ela tivesse ido embora. Mas, quando abriu a boca, o que saiu foi muito diferente do que esperava.

— Do que estava falando lá em cima, com Francesca e Steven?

A expressão de Roland mudou de repente, cristalizando-se em algo mais sábio, menos despreocupado.

— Isso depende. Quanto você ouviu?

— Daniel. Eu ouvi você dizer que ele... Não precisa mentir para mim, Roland. Quanto tempo ele vai levar para voltar? Porque não acho que posso...

— Venha dar uma volta comigo, Luce.

Por mais estranho que teria sido Roland Sparks colocando o braço sobre seus ombros na época da Sword & Cross, foi confortante quando ele fez isso aquele dia na Shoreline. Nunca tinham sido realmente amigos, mas ele era uma lembrança do seu passado, um vínculo que Luce não poderia ignorar no momento.

Eles caminharam ao longo da beira do penhasco, em torno do terraço do café da manhã, e pelo oeste onde ficavam os dormitórios, passando por um jardim de rosas que Luce nunca vira antes. Estava tarde e a água à direita estava cheia de cores, refletindo nuvens cor-de-rosa, laranja e violeta que deslizavam na frente do sol.

Roland a levou até um banco de frente para a água, longe de todos os prédios do campus. Olhando para baixo, ela pôde ver escadas pesadas esculpidas na rocha, começando logo abaixo de onde estavam sentados, levando até a praia.

— O que você sabe que não está me contando? — perguntou Luce quando o silêncio começou a incomodá-la.

— Que a temperatura da água é de dez graus — respondeu Roland.

— Não foi o que eu quis dizer — disse ela, olhando-o bem nos olhos. — Ele mandou você para cá para cuidar de mim?

Roland coçou a cabeça.

— Olhe. Daniel está fazendo as coisas dele. — Rolland fez uma mímica de voo no ar. — Enquanto isso — Luce achou que ele tinha inclinado a cabeça em direção à floresta, atrás do dormitório —, você tem que cuidar das suas próprias coisas.

— O quê? Não, eu não tenho "coisas". Só estou aqui porque...

— Besteira. — Ele riu. — Todos nós temos nossos segredos, Luce. Os meus me trouxeram à Shoreline. Os seus a têm levado para aqueles bosques.

Ela começou a desmenti-lo, mas Roland ignorou, com uma expressão cada vez mais enigmática em seus olhos.

— Não vou colocar você em problemas. Na verdade, estou torcendo por você. — Seus olhos desviaram-se dela para o mar. — Agora, de volta à água. Está gelada. Já mergulhou aqui? Sei que gosta de nadar.

Luce se deu conta de que estava na Shoreline há três dias, com o mar à vista, as ondas sempre audíveis, o ar marinho cobrindo tudo, mas que ainda não tinha posto os pés na praia. E não era como na Sword & Cross, onde quase tudo era proibido. Ela não sabia por que ainda nem tinha pensado nisso.

Balançou a cabeça.

— A única coisa que dá para fazer numa praia fria assim é acender uma fogueira. — Roland olhou para ela. — Já fez algum amigo aqui?

Luce deu de ombros.

— Alguns.

— Traga-os para cá esta noite, depois do anoitecer. — Ele apontou para uma estreita península de areia, ao pé da escada de pedra. — Bem ali.

Ela olhou para Roland de lado:

— O que exatamente você tem em mente?

Roland deu um sorriso diabólico.

— Não se preocupe, vai ser cem por cento inocente. Mas sabe como é... Sou novo na cidade, e quero que saibam que cheguei.

⁂

— Cara. Se você chutar o meu calcanhar mais uma vez, vou ter que quebrar seu tornozelo sem pensar duas vezes.

— Talvez se você não estivesse monopolizando *toda* a luz da lanterna, Shel, nós também poderíamos ver para onde estamos indo.

Luce tentou abafar o riso enquanto seguia Miles e Shelby, que brigavam, pelo campus escuro. Eram quase onze da noite e a Shoreline estava escura e silenciosa, exceto pelo piar de uma coruja. Uma lua

minguante alaranjada estava baixa no céu, envolta por um véu de neblina. Os três só tinham conseguido arranjar uma lanterna (a de Shelby), portanto apenas um deles tinha uma visão clara do caminho até a água (Shelby). Para os outros dois, o chão, que parecia tão luxuoso e bem-cuidado durante o dia, estava cheio de armadilhas agora, com galhos caídos, samambaias de raízes grossas, e os calcanhares de Shelby.

Quando Roland pediu para ela trazer alguns amigos hoje, Luce tinha sentido seu estômago afundar. Não havia monitores na Shoreline, nem nenhuma aterrorizante câmera de segurança gravava cada movimento dos alunos, de modo que não era a possibilidade de ser pega que a deixava nervosa. Na verdade, esgueirar-se do dormitório havia sido relativamente fácil. Era encontrar companhia o desafio maior.

Dawn e Jasmine pareciam as candidatas mais prováveis para uma festa na praia, mas, quando Luce passou pelo quarto delas no quinto andar, o corredor estava escuro e ninguém abriu a porta quando bateu. De volta ao seu próprio quarto, Shelby estava enroscada em algum tipo de pose de ioga tântrica que fez Luce ficar dolorida só de olhar. Luce não queria quebrar a concentração feroz de sua companheira de quarto, convidando-a para uma festa qualquer, mas, em seguida, uma batida forte na porta fizera Shelby cair de sua pose de qualquer maneira.

Era Miles, perguntando se Luce queria tomar um sorvete.

Luce olhou de Miles para Shelby e sorriu:

— Tenho uma ideia melhor.

Dez minutos depois, enrolado em casacos com capuz e um boné dos Dodgers para trás (Miles), vestindo meias de lã com dedinhos para que pudesse ser usada com chinelos (Shelby), e com uma sensação ruim sobre misturar Roland e os alunos da Shoreline (Luce), os três andaram em direção à beira do penhasco.

— Então, quem é esse cara mesmo? — perguntou Miles, apontando para uma falha no caminho pedregoso, pouco antes de Luce quase despencar.

— Ele é só... um cara da minha última escola. — Luce procurou uma descrição melhor enquanto os três começaram a descer as escadas de pedra. Roland não era exatamente seu amigo. E, embora os alunos da Shoreline parecessem ter a mente aberta, ela não tinha certeza se deveria dizer para que lado Roland tinha caído na guerra dos anjos. — Era amigo de Daniel — disse finalmente. — Provavelmente vai ser uma festa mínima. Acho que ele não conhece ninguém aqui além de mim.

Eles sentiram o cheiro antes que pudessem vê-la: a fumaça perfumada de uma fogueira de bom tamanho. Então, quando estavam quase no pé da íngreme escada, fizeram uma curva nas rochas e congelaram quando as faíscas de um fogo laranja e selvagem finalmente vieram à tona.

Devia haver uma centena de pessoas reunidas na praia.

O vento estava enlouquecido, como um animal selvagem, mas não era páreo para a animação dos convidados. Numa extremidade da multidão, mais próximo ao local onde estava Luce, um grupo de hippies, com barbas longas e espessas e camisas feias formavam um círculo de tambores improvisado. A batida constante dava a um grupo de garotos nas proximidades um ritmo sempre diferente para dançarem. Na outra ponta da festa estava a fogueira em si, e, quando Luce ficava na ponta dos pés, conseguia reconhecer um monte de garotos da Shoreline amontoados em volta da fogueira, tentando espantar o frio. Todo mundo estava segurando um espeto de madeira perto das chamas, disputando o melhor lugar para assar cachorros-quentes e marshmallows. Era impossível saber como todos descobriram sobre a festa, mas obviamente todos estavam se divertindo.

E, no meio de tudo, estava Roland. Ele havia tirado a camisa social e as ostensivas botas de couro e estava vestido como todo mundo ali, em um moletom de capuz e jeans velhos. Estava de pé sobre um rochedo, fazendo barulho, gestos exagerados, contando uma história que Luce não conseguia ouvir. Dawn e Jasmine estavam entre os

ouvintes atentos, com as faces iluminadas pelo fogo parecendo belas e vivas.

— Esta é a sua ideia de festa pequena? — perguntou Miles.

Luce estava observando Roland, imaginando qual história ele estaria contando. Algo sobre seu jeito fez com que Luce fosse levada de volta para o quarto de Cam, para sua primeira e única festa de verdade na Sword & Cross, e isso fez com que sentisse falta de Ariane. E, obviamente, de Penn, que estava nervosa quando chegou na festa, mas acabou se divertindo mais do que todo mundo. E de Daniel, que mal falava com Luce na época. As coisas eram tão diferentes agora.

— Bem, não sei quanto a vocês — disse Shelby, tirando os chinelos e sacudindo a areia das meias —, mas eu vou pegar uma bebida, depois um cachorro-quente, então talvez tente arrumar uma aula com um desses caras dos tambores.

— Eu também — completou Miles. — Exceto pela parte do cara dos tambores, óbvio.

— Luce. — Roland acenou de onde estava sobre a rocha. — Você veio.

Miles e Shelby já estavam muito à frente dela, indo em direção à barraca de cachorros-quentes, por isso Luce caminhou sobre a duna de areia fria e úmida até Roland e os outros.

— Não estava brincando quando disse que queria que soubessem que você tinha chegado. Isto é realmente algo, Roland.

Roland assentiu graciosamente.

— Algo, hein? Bom ou ruim?

Parecia uma pergunta capciosa, e Luce não sabia mais o que tinha a intenção de dizer. Ela pensou na conversa acalorada que ouvira no gabinete do professor. Como a voz de Francesca tinha soado dura. O limite entre o que parecia bom ou ruim era incrivelmente nebuloso. Roland e Steven eram anjos caídos que tinham passado para o outro lado. Demônios, certo? Ela sabia mesmo o que aquilo significava? Mas, então, havia Cam e... o que Roland queria dizer com essa pergunta afinal? Ela franziu o cenho. Talvez Roland estivesse perguntando apenas se Luce estava se divertindo.

Uma miríade de gente diferente girava em torno dela, mas Luce podia sentir as ondas escuras intermináveis nas proximidades. O ar perto da água era forte e frio, mas a fogueira esquentava sua pele. Tantas coisas pareciam estar em contradição agora, todas atingindo-a ao mesmo tempo.

— Quem são todas essas pessoas, Roland?

— Vamos ver. — Roland apontou para os hippies com os tambores. — Moradores locais. — À sua direita, ele apontou para um grupo grande de rapazes tentando impressionar um grupo muito menor de meninas dançando muito mal. — Aqueles caras são fuzileiros navais ancorados em Fort Bragg. Do jeito que estão animados, espero que estejam de licença o fim de semana todo. — Quando Jasmine e Dawn juntaram-se a ele, Roland colocou um braço em volta de cada um de seus ombros. — Acho que você já conhece essas duas.

— Você não nos disse que era tão amiga do diretor social celeste, Luce — disse Jasmine.

— Sério. — Dawn se inclinou para fingir um sussurro para Luce. — Só o meu diário sabe quantas vezes eu quis ir a uma festa de Roland Sparks. E meu diário nunca vai contar.

— Ah, mas talvez vá — brincou Roland.

— Ninguém se diverte nesta festa? — Shelby apareceu por trás de Luce com Miles a seu lado. Ela estava segurando dois cachorros-quentes em uma das mãos e estendeu a outra para Roland. — Shelby Sterris. Quem é você?

— Shelby Sterris — repetiu Roland. — Sou Roland Sparks. Já morou no leste de Los Angeles? Já não nos conhecemos antes?

— Não.

— Ela tem memória fotográfica — explicou Miles, estendendo para Luce um cachorro-quente vegetariano. Não era o seu favorito, mas tinha sido um gesto legal ainda assim. — Sou Miles. Festa divertida, aliás.

— Muito legal — concordou Dawn, balançando com Roland ao ritmo da batida.

— E Steven e Francesca? — Luce teve que praticamente gritar para Shelby. — Não vão ouvir que estamos aqui embaixo? — Uma coisa era fugir discretamente. Outra era explodir uma bomba sonora na frente dos professores.

Jasmine olhou para trás, em direção ao campus.

— Vão ouvir, com certeza, mas eles nos dão muita colher de chá na Shoreline, pelo menos para os Nefilim. Desde que fiquemos no campus, sob a sua vigilância, podemos fazer o que bem quisermos.

— Isso inclui um concurso de dança? — Roland sorriu ironicamente, tirando um galho comprido e grosso de trás dele. — Miles, você segura a outra ponta para mim?

Segundos depois, o ramo estava no alto, a batida mudou, e parecia que todos na festa deixaram o que estavam fazendo para formar uma longa e animada fila.

— Luce — chamou Miles. — Não vai ficar parada aí, vai?

Ela estudou a multidão, sentindo-se dura e presa em seu lugar na areia. Mas Dawn e Jasmine estavam abrindo espaço entre as duas para ela na fila. Já pronta para a competição — provavelmente nascera assim —, Shelby estava alongando as costas. Até mesmo os marinheiros iam participar.

— Tudo bem. — Luce riu e entrou na fila.

Quando o jogo começou, a fila avançou rapidamente; por três rodadas, Luce passou facilmente por baixo do galho. Na quarta vez, passou com um pouco de esforço, tendo que inclinar o queixo para trás o suficiente para ver as estrelas, e recebeu uma salva de palmas pela manobra. Logo ela estava torcendo pelos outros também, só um pouco espantada por se ver pulando para cima e para baixo quando Shelby conseguiu passar. Havia algo de surpreendente quando a pessoa se endireitava após passar, e a festa inteira parecia se alimentar dessa sensação. A cada êxito Luce sentia uma onda inesperada de adrenalina.

Divertir-se geralmente não era uma coisa tão simples. Por muito tempo, o riso tinha sido geralmente acompanhado de perto pela culpa, um sentimento persistente de que ela não deveria estar se divertindo

por um motivo qualquer. Mas, de alguma, forma esta noite ela se sentia mais leve. Sem perceber, havia sido capaz de se livrar da escuridão.

Quando Luce venceu a quinta rodada, a fila estava significativamente menor. Metade das pessoas da festa fora eliminada, e todos estavam agrupados em volta de Miles ou de Roland, observando os últimos que continuavam no jogo. No final da fila, Luce estava animada e meio tonta, o aperto forte que sentiu no braço quase a fez perder o equilíbrio.

Ela começou a gritar, em seguida sentiu dedos cobrindo sua boca.

— Shhh.

Daniel estava puxando-a para fora da fila e da festa. Sua mão forte e quente deslizava pelo pescoço dela, os lábios roçando sua face. Por apenas um momento, encostar na pele dele, ver o intenso brilho violeta dos seus olhos e a vontade que não passava de abraçá-lo e nunca mais soltar... tudo dele deixou Luce deliciosamente tonta.

— O que está fazendo aqui? — sussurrou ela. Na verdade, queria dizer *Graças a Deus está aqui* e *Tem sido tão difícil ficar longe* daquilo você ou então, o que ela realmente queria dizer, que era: *Eu te amo*. Mas havia também *Você me abandonou* e *Pensei que isso não era seguro* e *Que história é essa de trégua?*, tudo ecoando dentro de seu cérebro.

— Eu precisava ver você — disse ele. Quando Daniel a levou para trás de uma grande rocha na praia, havia um sorriso cúmplice em seu rosto. O tipo de sorriso que era contagioso, e surgiu nos lábios de Luce também. O tipo de sorriso que reconhecia não apenas que estavam quebrando a regra de Daniel, mas que também estavam adorando fazer isso.

— Quando cheguei perto o suficiente para ver essa festa, notei que todos estavam dançando — explicou Daniel. — E fiquei com um pouco de ciúme.

— Ciúme? — perguntou Luce. Estavam sozinhos agora. Ela jogou os braços em volta de seus ombros largos e olhou profundamente em seus olhos violeta. — Por que você ficaria com ciúme?

— Porque — começou ele, acariciando as costas dela — você não vai dançar com mais ninguém. Por toda a eternidade.

Daniel segurou a mão direita dela, colocou sua mão esquerda em torno do ombro dela, e começou uma lenta dança na areia. Ainda podiam ouvir a música da festa, mas deste lado da rocha mais parecia um concerto particular. Luce fechou os olhos e derreteu no peito dele, encontrando o lugar onde sua cabeça encaixava em seu ombro, como uma peça de quebra-cabeça.

— Não, isso não está certo — disse Daniel após um momento. Ele apontou para os pés. Luce notou que ele estava descalço. — Tire os sapatos — disse —, e vou lhe mostrar como os anjos dançam.

Luce tirou as sapatilhas pretas e as deixou de lado na praia. A areia entre os dedos dos pés era suave e fresca. Quando Daniel a puxou para perto, seus dedos toparam nos dele e ela quase perdeu o equilíbrio, mas os braços dele a seguraram. Quando Luce olhou para baixo, seus pés estavam sobre os de Daniel. E, quando ela olhou para cima, teve a visão pela qual ansiava dia e noite. Daniel desenrolava suas asas brancas e brilhantes.

Elas encheram seu campo de visão, se estendendo seis metros para o céu. Amplas e lindas, brilhando na noite, devem ter sido as asas mais gloriosas de todo o paraíso. Debaixo dos próprios pés, Luce sentiu Daniel elevando-os um pouco acima do chão. Suas asas batiam de leve, quase como um piscar de olhos, segurando os dois a centímetros da areia.

— Pronta? — perguntou ele.

Pronta para quê, ela não sabia. Não importava.

Começaram a se mover para trás, suavemente como patinadores no gelo. Daniel deslizava sobre a água, segurando Luce nos braços. Ela ofegou quando a espuma da primeira onda roçou em seus dedos. Daniel riu e levantou-os um pouco mais. Mergulhou-a para trás. Girou-os em círculos. Estavam dançando. *Sobre o oceano*.

A lua era como um holofote, iluminando apenas os dois. Luce ria de pura alegria, tanto que Daniel começou a rir também. Ela nunca havia se sentido tão leve.

— Obrigada — sussurrou.

Sua resposta foi um beijo. Ele a beijou suavemente no início. Na testa, depois no nariz e, finalmente, encontrou o caminho dos lábios dela.

Ela correspondeu com intensidade, ansiosa, e um pouco desesperada, entregando-se de corpo inteiro. Foi assim que ela voltou para Daniel, como ela reencontra aquele amor que já partilhavam por tanto tempo. Por um momento, o mundo inteiro se calou até que Luce ficasse sem ar. Ela não tinha notado que estavam de volta à praia.

A mão dele segurava sua nuca, encostando no gorro de esqui que ela puxara sobre os ouvidos. O gorro que escondia o cabelo loiro. Daniel arrancou-o e a brisa do oceano atingiu sua cabeça.

— O que você fez no cabelo?

Sua voz era suave mas, de alguma forma, soava como uma acusação. Talvez fosse porque a música terminara, e a dança e o beijo também, e agora eles eram apenas duas pessoas paradas numa praia. As asas de Daniel estavam arqueadas para trás dos ombros, ainda visíveis, mas fora de alcance.

— Quem liga para meu cabelo? — Tudo com que ela se importava era estar em seus braços. Não era com isso que ele devia se preocupar também?

Luce pegou de volta o gorro de esqui. Sua cabeça loura parecia muito exposta, como uma bandeira de alerta vermelho brilhante avisando a Daniel que ela poderia estar com problemas. Assim que começou a se virar, Daniel colocou os braços ao redor dela.

— Ei — disse, puxando-a para perto novamente. — Sinto muito.

Ela suspirou, se aproximou dele, e deixou seu toque dominá-la. Inclinou a cabeça para encontrar os olhos dele.

— É seguro agora? — perguntou, querendo que Daniel falasse sobre a trégua. Poderiam finalmente ficar juntos? Mas o olhar cansado lhe deu a resposta antes que ele abrisse a boca.

— Eu não deveria estar aqui, mas me preocupo com você. — Ele segurou-a com o braço esticado. — E julgando pela sua aparência,

estou certo em me preocupar. — Ele tocou uma mecha do cabelo dela. — Não entendo por que fez isso, Luce. Não é você.

Ela soltou sua mão. Sempre a incomodava quando as pessoas diziam isso.

— Bem, fui eu quem o pintou, Daniel. Então, tecnicamente, *sou* eu. Talvez não o "eu" que você quer que eu seja...

— Isso não é justo. Não quero que você seja alguém que não é.

— E o que isso significa, Daniel? Porque, se souber a resposta, não hesite em me dar uma dica. — Sua voz ficou mais alta na medida em que a frustração superava a paixão, que agora escorria por entre seus dedos. — Estou sozinha, tentando descobrir o motivo. Tentando entender o que estou fazendo aqui com todos esses... quando não sou sequer....

— Quando não é o quê?

Como foram, tão rapidamente, de dançando no ar para isso?

— Não sei. Só estou tentando viver um dia depois do outro. Fazer amigos, sabe? Ontem entrei para um clube, e estamos planejando uma viagem de barco para algum lugar. Coisas assim. — O que ela queria realmente era contar a ele sobre as sombras. E principalmente o que havia feito na floresta. Mas Daniel tinha estreitado os olhos como se ela já tivesse feito algo errado.

— Não vai fazer viagem de barco nenhuma.

— O quê?

— Vai ficar aqui no campus até eu dizer o contrário. — Ele bufou, sentindo a raiva crescer. — Odeio ter que lhe impor essas regras, Luce, mas... Estou fazendo tanta coisa para mantê-la segura. Não vou deixar nada acontecer com você.

— Literalmente. — Luce trincou os dentes. — Nada vai acontecer, bom ou ruim ou qualquer outra coisa. Parece que quando você não está por perto não quer que eu faça mais nada.

— Isso não é verdade. — Ele ergueu o dedo para ela. Luce nunca o vira perder a paciência com tanta rapidez. Então, Daniel olhou para o céu e Luce seguiu seu olhar. Uma sombra passou acima de suas cabeças, como um fogo de artifício preto, deixando um rastro de

fumaça mortal. Daniel pareceu ser capaz de compreendê-lo imediatamente. — Tenho que ir — disse ele.

— Que surpresa. — Ela se virou. — Aparece do nada, arranja uma briga, então dá o fora. Assim deve ser o amor verdadeiro.

Daniel agarrou seus ombros e sacudiu-os até que ela ergueu os olhos.

— *É* amor verdadeiro — ralhou ele, com tal desespero que Luce não conseguia dizer se a reação a acalmava ou aumentava a dor em seu coração. — Você sabe que é. — Seus olhos violeta faiscavam, não de raiva, mas por um desejo intenso. O tipo de olhar que fazia você amar tanto uma pessoa que sentia sua falta mesmo ela estando bem na sua frente.

Daniel abaixou a cabeça para beijar o rosto de Luce, mas ela estava quase chorando e, constrangida, se virou. Ela ouviu seu suspiro, e depois o bater de asas.

Não.

Quando Luce girou a cabeça, procurando ao redor, Daniel já estava no céu, a meio caminho entre o mar e a lua. Suas asas brilhavam sob o luar. Um momento depois, era difícil distingui-lo de qualquer outro astro no céu.

CINCO



CATORZE DIAS

Durante a noite, uma camada de névoa se movia lenta como um exército, pairando sobre a cidade de Fort Bragg. Ela não se dissipou com o nascer do sol, e sua tristeza infiltrou-se em tudo e em todos. Assim, durante toda a sexta-feira na escola, Luce sentiu como se estivesse sendo arrastada por uma onda de preguiça. Os professores estavam sem foco, sem compromisso, e demoravam a avançar em suas aulas. Os alunos estavam tomados pela letargia, lutando para permanecerem acordados apesar daquele dia longo, úmido e preguiçoso.

Quando as aulas terminaram, o tédio tomou conta de Luce por completo. Ela não sabia o que estava fazendo numa escola que não era realmente a dela, nesta vida temporária que apenas destacava a ausência de uma vida real e perene. Tudo o que ela queria fazer era rastejar para debaixo das cobertas, dormir e esquecer tudo — não apenas o clima ou sua primeira e longa semana na Shoreline, mas esquecer também a discussão com Daniel e o emaranhado de dúvidas e ansiedades que habitavam sua mente.

Fora impossível dormir na noite anterior. Nas horas mais escuras da manhã, Luce cambaleou sozinha de volta para o quarto. Revirou-se na cama, sem nunca realmente adormecer. Daniel afastando-a já não era surpresa, mas isso não significava que tinha ficado mais fácil. E aquela *ordem*, aquele insulto machista para ficar dentro do terreno da escola? Onde estávamos, no século XIX? Passou por sua cabeça que talvez Daniel *tivesse* falado com ela dessa maneira, há séculos, mas — como Jane Eyre ou Elizabeth Bennet — ela tinha certeza de que nenhuma das Luce anteriores teria aceitado aquilo bem. E ela certamente não aceitaria agora.

Ainda estava com raiva e irritada após a aula, atravessando a neblina em direção ao dormitório. Seus olhos estavam embaçados e ela era praticamente uma sonâmbula quando agarrou a maçaneta. Tropeçando para dentro do quarto escuro e vazio, quase não viu que alguém tinha deixado um envelope sob a porta.

Era cor de creme, frágil e quadrado, e quando ela o virou viu seu nome na frente em pequenas letras maiúsculas. Ela o rasgou para abri-lo, querendo que fosse um pedido de desculpas. Luce sabia que lhe devia um também.

A carta dentro do envelope estava datilografada num papel também creme e dobrado em três partes.

Cara Luce,
  Há algo que estive esperando muito tempo para lhe dizer. Encontre-me na cidade, perto de Noyo Point, por volta das seis da tarde? O ônibus número 5, que passa pela Autoestrada 1, para a meio quilômetro ao sul da Shoreline. Use esse passe de ônibus. Estarei esperando em North Cliff. Mal posso esperar para vê-la.
Com amo-r, Daniel

Agitando o envelope, Luce sentiu uma pequena tira de papel dentro dele. Tirou um bilhete de ônibus fino azul e branco com o número 5 impresso na frente e um mapa de Fort Bragg desenhado atrás. Só havia isso. Mais nada.

Luce não conseguia entender. Não havia menção à discussão na praia. Nenhuma indicação de que Daniel sequer entendia como era estranho praticamente desaparecer no ar uma noite, e depois esperar que ela fosse a seu encontro por capricho na outra.

Nenhum pedido de desculpas.

Estranho. Daniel podia aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Ele geralmente era indiferente às logísticas da vida real pelas quais seres humanos normais tinham que passar.

A carta parecia fria e dura em suas mãos. Seu lado mais rebelde estava tentado a fingir que nunca a recebera. Estava cansada de discutir, cansada de Daniel nunca lhe contar detalhes. Mas seu maldito eu apaixonado perguntou se não estava sendo dura demais com ele. Afinal, o relacionamento deles valia o esforço. Ela tentou se lembrar da expressão nos olhos de Daniel quando ele fitara seu rosto e do tom de sua voz quando contou a história sobre a vida que ela tivera durante a corrida do ouro na Califórnia. Como ele a vira através da janela apaixonando-se por ela pela, sei lá, milésima vez.

Essa foi a imagem que levou consigo quando deixou o dormitório minutos depois, para se esgueirar até os portões da Shoreline, em direção à parada de ônibus onde Daniel havia pedido para ela esperar. Enquanto estava lá sob o céu cinzento e úmido, lembrar daqueles olhos violeta fez seu coração pular. Luce observou os carros sem cor materializarem-se na névoa, fazerem suas curvas na Autoestrada 1 e desaparecerem novamente.

Quando olhou para trás na direção do formidável campus da Shoreline a distância, ela se lembrou das palavras de Jasmine na festa: *Desde que fiquemos no campus, sob a vigilância deles, podemos muito bem fazer o que quisermos*. Luce estava deixando a Shoreline, mas qual era o problema? Não era mesmo uma estudante de lá e, de qualquer maneira ver Daniel novamente valia o risco de ser pega.

Pouco depois de meia hora, o ônibus número 5 parou no ponto.

O ônibus era velho, apagado e frágil, assim como o motorista que abriu a porta para deixar Luce entrar. Ela escolheu um banco vazio perto da entrada. O ônibus cheirava a teias de aranha, ou a um sótão

pouco utilizado. Ela teve que agarrar o assento do banco barato enquanto o ônibus percorria as curvas a 80km/h, como se a apenas alguns centímetros além da estrada o precipício não caísse mil metros em linha reta para dentro do oceano.

Chovia no momento em que chegaram à cidade, uma garoa constante e tímida que logo se transformaria em uma chuva de verdade. A maior parte do comércio na rua principal já estava fechada, e a cidade parecia molhada e meio desolada. Não era exatamente a cena que tinha em mente para conversar e fazer as pazes.

Ao descer do ônibus, Luce tirou o gorro de esqui da mochila, colocando-o sobre a cabeça. Ela podia sentir a chuva fria no nariz e nas pontas dos dedos. Avistou uma placa torta de metal verde e seguiu a seta na direção de Noyo Point.

O lugar era uma ampla península de terra, não verde e exuberante como o terreno no campus da Shoreline, mas uma mistura de grama irregular e crostas de areia escura e molhada. As árvores eram menos frondosas ali, as folhas arrancadas pelo vento intermitente do oceano. Havia um banco solitário num trecho de lama em todo o caminho na orla, a cerca de cem metros da estrada. Devia ser ali que Daniel queria encontrá-la. Mas Luce podia ver, de onde estava, que ele ainda não havia chegado. Olhou para o relógio. Estava cinco minutos atrasada.

Daniel nunca se atrasava.

A chuva parecia se acumular nas pontas de seu cabelo, em vez de ensopá-lo como geralmente acontecia. Nem mesmo a Mãe Natureza sabia o que fazer com uma Luce loira. Ela não queria esperar por Daniel num lugar aberto. Havia uma série de lojas na rua principal. Luce ficou ali, parada sobre um longo pórtico de madeira debaixo de um toldo de metal enferrujado. FRED'S FISH era o que lia-se nas letras azuis desbotadas do letreiro da loja fechada.

Fort Bragg não era singela como Mendocino, a cidade onde ela e Daniel haviam parado antes de voarem até o litoral. Era mais industrial, uma vila de pescadores à moda antiga, com docas apodrecidas instaladas numa enseada curva, onde a terra descia em

direção à água. Enquanto esperava, um barco cheio de pescadores estava chegando em terra firme. Ela assistiu à fila de homens magros e calejados subindo os degraus rochosos do cais com suas galochas encharcadas.

Quando chegaram ao nível da rua, andaram sozinhos ou em pequenos grupos silenciosos, passando pelo banco vazio e triste e pelas árvores inclinadas, pelas lojas fechadas e até por um estacionamento de cascalho na margem sul de Noyo Point. Subiram em caminhões velhos e caindo aos pedaços, ligaram os motores e foram embora, o mar de rostos sombrios sumindo até um deles se destacar — e ele não saíra de barco nenhum. Na verdade, parecia ter surgido de repente, no meio da neblina. Luce voltou para perto da peixaria e tentou recuperar o fôlego.

Cam.

Ele estava caminhando para oeste ao longo da estrada de terra bem na frente dela, ladeado por dois pescadores vestidos de preto que pareciam não notar a presença dele. Estava vestido com jeans preto justo e uma jaqueta de couro também preta. Brilhando na chuva, seu cabelo escuro estava mais curto do que quando o vira pela última vez, brilhando na chuva. Uma parte da tatuagem de sol preta estava visível no pescoço. Contra o pano de fundo incolor do céu, seus olhos eram intensamente verdes, como nunca.

Da última vez que o vira, Cam estava parado na frente de um exército sombrio de demônios horríveis, tão insensível e cruel e simplesmente... mau. Tinha feito seu sangue gelar. Luce tinha um estoque de palavrões e acusações pronto para atirar contra ele, mas seria melhor ainda se pudesse evitá-lo completamente.

Tarde demais. O olhar de Cam a encontrou, deixando-a congelada. Não por ter despertado nela qualquer encanto falso pelo qual ela quase fora conquistada na Sword & Cross, mas porque ele parecia genuinamente alarmado em vê-la. Desviou, indo contra o fluxo dos poucos pescadores que restavam, e em um instante ele estava a seu lado.

— O que está fazendo aqui?

Cam parecia mais do que alarmado, concluiu Luce, quase parecia ter medo. Seus ombros estavam rígidos e os olhos não se fixavam em nada por mais de um segundo. Ele não tinha dito nada sobre o cabelo dela, quase como se não houvesse notado. Luce estava certa de que Cam não deveria saber que ela estava ali na Califórnia. Mantê-la longe de caras como ele foi todo o objetivo de sua mudança. Agora ela tinha estragado tudo.

— Estou apenas... — Ela olhou para o caminho de cascalho branco atrás de Cam, cortando a grama na beira do precipício. — Estou só dando uma volta.

— Não está, não.

— Me deixe em paz. — Ela tentou passar por ele. — Não tenho nada para dizer a você.

— O que seria ótimo, considerando que não devemos nos falar. Mas você não deveria sair da escola.

De repente, ela se sentiu nervosa, como se Cam soubesse de algo que ela desconhecia.

— Como sabe que estou estudando aqui?

Cam suspirou.

— Eu sei de tudo, certo?

— Então está aqui para lutar com Daniel?

Os olhos verdes de Cam se estreitaram.

— Por que eu... Espere, está dizendo que *você* está aqui para vê-lo?

— Não pareça tão chocado. Nós *somos* namorados. — Era como se Cam ainda não tivesse superado o fato de ela ter escolhido Daniel e não ele.

Cam coçou a testa, preocupado. Quando finalmente falou, suas palavras foram apressadas:

— Ele mandou chamá-la, Luce?

Ela estremeceu sob a pressão de seu olhar.

— Eu recebi uma carta.

— Deixe-me vê-la.

Agora Luce se enrijeceu, examinando a expressão peculiar de Cam para tentar entender o que ele sabia. Parecia tão inquieto quanto ela.

Ficou parada.

— Você foi enganada. Grigori não chamaria você agora.

— Você não sabe o que ele faria por mim. — Luce se virou, desejando que Cam nunca a tivesse visto, desejando que ele ficasse longe. Sentiu uma necessidade infantil de se gabar, contar a Cam que Daniel a visitara na noite anterior. Mas não teria muitos motivos mais para se gabar. Não havia muita glória nos detalhes de sua discussão.

— Eu sei que ele morreria se você morresse, Luce. Se quiser viver mais um dia, é melhor me mostrar a carta.

— Seria capaz de me matar por um pedaço de papel?

— Não, mas quem lhe enviou a carta provavelmente pretende fazer isso.

— O quê? — Sentindo a carta quase queimando em seu bolso, Luce resistiu ao impulso de largar logo a folha nas mãos dele. Cam não sabia do que estava falando. Não podia. Mas, quanto mais ele a olhava, mais Luce começava a se questionar sobre a carta esquisita que estava segurando. Aquela passagem de ônibus, as instruções. *Havia* mesmo parecido estranhamente técnica e formal. Nem um pouco do feitio de Daniel. Ela tirou-a do bolso, com os dedos trêmulos.

Cam arrancou-a dela, fazendo caretas enquanto lia. Ele murmurou alguma coisa, enquanto seus olhos examinaram a floresta do outro lado da estrada. Luce olhou em volta também, mas não conseguia ver nada de suspeito entre os poucos pescadores remanescentes carregando o caminhão enferrujado com suas coisas.

— Vamos embora — disse finalmente, agarrando-a pelo cotovelo. — Já passou da hora de você voltar para a escola.

Ela se afastou.

— Não vou a lugar nenhum com você. Eu odeio você. O que está fazendo aqui, aliás?

Ele andou em torno dela num círculo.

— Estou caçando.

Ela o olhou de cima a baixo, tentando não deixar transparecer que ele ainda a deixava nervosa. Aquele Cam esguio, com visual de

roqueiro e, ainda por cima, desarmado.

— Sério? — Ela inclinou a cabeça. — Caçando o quê?

Cam olhou para além dela, em direção à floresta escurecida. Ele assentiu uma vez e disse:

— Ela.

Luce esticou o pescoço para ver quem ou do que Cam estava falando, mas, antes que pudesse ver qualquer coisa, ele a empurrou bruscamente. Houve uma estranha rajada de vento, e algo prateado passou perto de seu rosto.

— Para baixo! — gritou Cam, pressionando os ombros de Luce. Ela caiu no chão da varanda, sentindo o peso de Cam em cima dela, e a poeira das pranchas de madeira.

— Me largue! — gritou ela. Enquanto se contorcia de nojo, um medo frio a apertava por dentro. Quem estava lá devia ser muito cruel. Caso contrário, ela não estaria em uma situação onde *Cam* estivesse protegendo-a.

Um momento depois, Cam começou a correr pelo estacionamento vazio. Corria em direção a uma menina. Era uma menina muito bonita, mais ou menos da idade de Luce, vestida com um longo casaco marrom. Ela tinha feições delicadas e cabelo loiro-claro preso num rabo de cavalo alto, mas havia algo estranho em seus olhos. Eles tinham uma expressão vaga que, mesmo a distância, deixava Luce apavorada.

E mais: a menina estava armada. Segurava um arco de prata e estava engatilhando uma flecha às pressas.

Cam pulou para a frente, se movendo em linha reta na direção da menina, cujo bizarro arco prateado brilhava mesmo em meio ao nevoeiro. Como se não fosse deste mundo.

Forçando os olhos para longe da garota ameaçadora com a flecha, Luce ajoelhou-se e examinou o estacionamento para ver se alguém mais parecia estar tão assustado quanto ela. Mas o lugar estava vazio e estranhamente quieto.

Seu peito estava apertado, ela mal podia respirar. A garota se movia quase como uma máquina, sem hesitar. E Cam estava

desarmado. A menina estava puxando a corda do arco e ele estava bem na mira.

Mas ela demorou uma fração de segundo a mais. Cam pulou sobre ela, derrubando-a. Brutalmente arrancou o arco de suas mãos, prendendo o cotovelo contra seu rosto até ela largar. A garota berrou — um som alto e infantil — e se contorceu no chão enquanto Cam mirava o arco nela. Ela ergueu as mãos abertas, suplicando.

Então Cam atirou uma flecha no centro do coração dela.

Do outro lado do estacionamento, Luce gritou. Apesar de querer sair correndo para bem longe, ela se surpreendeu ficando parada e se aproximando. Havia alguma coisa errada. Luce esperava encontrar a garota deitada ali, sangrando, mas ela não se mexia nem chorava.

Porque não estava mais ali.

Ela — assim como a flecha que Cam atirara — tinha desaparecido.

Cam examinou o estacionamento, recolhendo as flechas que a atiradora havia largado como se aquela fosse a tarefa mais urgente que ele já tivesse feito. Luce se agachou onde a menina havia caído. Passou os dedos sobre o cascalho, estupefata e ainda mais assustada do que estivera um minuto antes. Não havia nem sinal de alguém ter estado ali.

Cam voltou para o lado de Luce com três flechas numa das mãos e o arco de prata na outra. Instintivamente, Luce estendeu a mão para tocar numa; nunca tinha visto nada como aquilo. Por algum motivo, elas despertavam nela uma estranha onda de fascinação que percorria seu corpo. Arrepiavam sua pele. Sua mente se distraiu.

Cam afastou as flechas.

— Não. São mortais.

Não pareciam mortais. Na verdade, as flechas nem sequer tinham ponta. Eram apenas varetas prateadas que terminavam numa extremidade plana. E, ainda assim, uma delas havia feito aquela menina desaparecer.

Luce estava confusa.

— O que acabou de acontecer, Cam? — Era difícil falar. — Quem era ela?

— Uma Pária. — Cam não estava olhando para ela. Estava concentrado no arco de prata em suas mãos.

— Uma o quê?

— O pior tipo de anjo. Eles ficaram ao lado de Satanás durante a revolta, mas não pisavam no submundo.

— Por que não?

— Você sabe. Como aquelas meninas que querem ser convidadas para uma festa, mas não planejam aparecer. — Ele fez uma careta. — Assim que a batalha terminou, eles tentaram voltar para o céu, mas já era tarde demais. Só se tem uma chance com essas nuvens. — Ele olhou para Luce. — Para a maioria de nós, de qualquer maneira.

— Então, se eles não estão com o céu... — Ela ainda estava se acostumando a falar sobre essas coisas sem ser uma metáfora. — Estão... com o inferno?

— Não mesmo. Mas eu me lembro de quando vieram rastejando de volta. — Cam deu uma risada sinistra. — Geralmente, nós aceitamos qualquer um que queira entrar, mas mesmo Satanás tem limites. Ele os expulsou permanentemente, e lhes tirou a visão, para completar.

— Mas essa menina enxergava — sussurrou Luce, recordando a forma como seu arco havia conseguido seguir cada movimento de Cam. A única razão pela qual ela não tinha atingido seu alvo, era porque ele havia se movido muito rápido. E ainda assim Luce sabia que havia *algo* de errado naquela menina.

— Não, não enxergava. Ela apenas usava os outros sentidos para seguir seu caminho pelo mundo. Ela pode *ver*, de certa maneira. Tem suas limitações e suas vantagens.

Os olhos dele nunca se afastavam da linha das árvores. Luce congelou ao pensar na ideia de mais Párias aninhados na floresta. Mais arcos e flechas de prata.

— Bem, o que aconteceu com ela? Para onde ela foi?

Cam olhou para ela, surpreso.

— Ela está morta, Luce. *Poof*. Sumiu.

Morta? Luce olhou para o pedaço de chão onde aquilo tinha acontecido, agora tão vazio quanto o resto do lugar. Ela baixou a cabeça, tonta.

— Eu... Pensei que não se podia matar anjos.

— Só por falta de uma boa arma. — Ele deixou as flechas à mostra para Luce uma última vez antes de envolvê-las em um pano que puxou do bolso e enfiá-las dentro de sua jaqueta de couro. — Essas coisas são difíceis de encontrar. Ah, pare de tremer, eu não vou matar *você*. — Cam se virou e começou a testar as portas dos carros no estacionamento, sorrindo quando avistou a janela aberta do lado do motorista de um caminhão cinza e amarelo. Ele pôs o braço lá dentro e abriu a porta. — Agradeça por não ter que voltar a pé para a escola. Vamos lá, entre.

Quando Cam abriu a porta do lado do passageiro, o queixo de Luce caiu. Ela olhou pela janela aberta e assistiu-o ligando a ignição.

— Você acha que vou entrar num carro roubado com você logo depois de vê-lo matar alguém?

— Se eu não tivesse matado — ele passou a mão por baixo do volante —, ela teria matado você, OK? Quem você acha que lhe mandou essa carta? Você foi atraída para fora da escola para ser assassinada. Ficou fácil de entender agora?

Luce se encostou no capô do caminhão, sem saber o que fazer. Ela lembrou-se da conversa que tivera com Daniel, Ariane e Gabbe bem antes de deixar a Sword & Cross. Eles disseram que a Srta. Sophia e os outros de sua seita poderiam ir atrás dela.

— Mas ela não parecia... Os Párias são parte dos Anciãos?

Nesse momento, Cam já tinha ligado o motor. Ele rapidamente saltou contornou o caminhão, e empurrou Luce até o banco do passageiro.

— Vamos nessa, anda logo. Isto é pior que domar um gato. — Finalmente, ele conseguiu que ela sentasse e afivelou o cinto de segurança. — Infelizmente, Luce, você tem mais de um inimigo. É por isso que vou levar você de volta à escola, onde é seguro. Agora. Mesmo.

Ela não achava muito inteligente ficar sozinha num carro com Cam, mas não tinha certeza se ficar ali por conta própria seria melhor.

— Espere um minuto — disse ela quando ele fez a curva na direção da Shoreline. — Se esses Párias não fazem parte do céu ou do inferno, de que lado estão?

— Os Párias são um doentio tom de cinza. Caso não tenha notado, há coisas piores do que eu por aí.

Luce cruzou as mãos no colo, ansiosa para voltar a seu quarto no dormitório, onde podia se sentir segura, ou pelo menos fingir. Por que deveria acreditar em Cam? Ela havia caído em suas mentiras muitas vezes antes.

— Não há nada pior do que você. O que você quer... O que tentou fazer na Sword & Cross foi horrível e errado. — Ela balançou a cabeça. — Está apenas tentando me enganar de novo.

— Não estou. — Seu tom de voz parecia menos combativo do que ela teria esperado. Ele parecia pensativo, até mesmo taciturno. A essa altura ele já havia estacionado na longa e arqueada entrada da garagem da Shoreline. — Eu nunca quis machucá-la, Luce, nunca.

— Foi por isso que convocou todas aquelas sombras para a batalha, quando eu estava no cemitério?

— O bem e o mal não são tão preto no branco como você pensa. — Da janela ele viu os edifícios da Shoreline, que parecia escura e desabitada. — Você é do sul, certo? Desta vez, de qualquer maneira. Então deve compreender que os vencedores têm a liberdade de reescrever a história. Semântica, Luce. O que você acha do mal... bem, para o meu pessoal, é um simples problema de conotação.

— Daniel não pensa assim. — Luce desejava que tivesse dito que *ela* não pensava assim, mas na verdade ainda não sabia o suficiente sobre a questão. Ainda sentia como se não estivesse muito convencida das explicações de Daniel sobre fé.

Cam estacionou o caminhão em um trecho de grama atrás de seu dormitório, saiu e deu a volta para abrir a porta do passageiro.

— Daniel e eu somos dois lados da mesma moeda. — Ele ofereceu a mão para ajudá-la a descer, mas ela o ignorou. — Deve ser doloroso

para você ouvir isso.

Ela queria dizer que não poderia ser verdade, que não havia semelhanças entre Cam e Daniel, não importava o quanto Cam tentasse distorcer as coisas. Mas, na semana que passara na Shoreline, Luce havia visto e ouvido coisas que iam contra o que costumava acreditar. Ela pensou em Francesca e Steven. Eles nasceram de um mesmo lugar: certa vez, antes da guerra e da Queda, havia apenas um lado. Cam não fora o único a afirmar que a divisão entre anjos e demônios não era totalmente preto no branco.

A luz estava acesa em sua janela. Luce imaginou Shelby sobre o tapete laranja, de pernas cruzadas na posição de lótus, meditando. Como Luce poderia entrar e fingir que não havia visto um anjo morrer? Ou que tudo o que tinha acontecido esta semana não a tinha deixado cheia de dúvidas?

— Vamos manter os acontecimentos desta noite entre nós, pode ser? — perguntou Cam. — E, daqui para a frente, faça a todos nós um favor e permaneça no campus, onde não vai se meter em confusão.

Ela passou por ele, se afastando do feixe dos faróis do caminhão roubado e misturou-se às sombras das paredes de seu dormitório.

Cam voltou para o caminhão, acelerando o motor de maneira agressiva. Mas, antes que ela se afastasse, ele abriu a janela e gritou para Luce:

— De nada.

Luce se virou.

— Pelo quê?

Ele sorriu e pisou fundo.

— Por salvar sua vida.

SEIS



TREZE DIAS

— Chegou! — cantarolou uma voz do lado de fora da porta de Luce, na manhã seguinte. Alguém estava batendo. — Finalmente chegou!

A batida ficou mais insistente. Luce não sabia que horas eram, mas com certeza era cedo demais para todas as risadas que podia ouvir do outro lado da porta.

— *Suas* amigas — falou Shelby do beliche superior.

Luce gemeu e deslizou para fora da cama. Olhou para Shelby, que estava deitada de barriga para baixo, já completamente vestida, com jeans e um colete vermelho estofado, fazendo as palavras cruzadas de sábado.

— Você não dorme? — murmurou Luce, mexendo em seu armário para encontrar o roupão xadrez roxo que sua mãe havia costurado para o seu décimo terceiro aniversário. Ainda cabia nela... mais ou menos.

Ela pressionou o rosto contra o olho mágico e viu os rostos convexos e sorridentes de Dawn e Jasmine. Elas estavam equipadas com lenços brilhantes e protetores de orelha felpudos. Jasmine

levantou um suporte de copo com quatro cafés, enquanto Dawn, que tinha um grande saco de papel marrom na mão, bateu novamente.

— Vai enxotá-las ou devo chamar a segurança do campus? — perguntou Shelby.

Ignorando-a, Luce abriu a porta e as duas meninas atropelaram-na quarto adentro, falando a mil por hora.

— Finalmente. — Jasmine riu, entregando a Luce um copo de café antes de desabar na cama desfeita. — Temos um monte de coisas para discutir.

Dawn e Jasmine nunca estiveram lá antes, mas Luce estava gostando do jeito que agiam como se estivessem em casa. Lembravam-na de Penn, que havia "pegado emprestado" a chave reserva do quarto de Luce para que pudesse entrar sempre que houvesse necessidade.

Luce olhou para o café e engoliu em seco. De jeito nenhum poderia ficar emocionada ali, agora, na frente dessas três.

Dawn estava no banheiro, mexendo no armário ao lado da pia.

— Como integrante do comitê de planejamento, acho que você deve participar do discurso de boas-vindas de hoje — disse ela, olhando para Luce sem acreditar. — Como você ainda não está vestida? O iate sai em, tipo, uma hora.

Luce coçou a testa.

— Desculpe, mas do que você está falando?

— Argh — gemeu Dawn dramaticamente. — Amy Branshaw? Minha parceira de laboratório? Que tem um pai com um iate gigantesco? Nada disso soa familiar?

Tudo começou a voltar. Sábado. A viagem de iate até a costa. Jasmine e Dawn tinham levado essa ideia nem remotamente educacional para o comitê da Shoreline — ou seja, Francesca — e de alguma forma conseguiram que fosse aprovada. Luce havia concordado em ajudar, mas não tinha feito nada. Tudo em que conseguia pensar agora era no rosto de Daniel, que imediatamente rejeitara a ideia de Luce se divertir sem ele.

Agora Dawn estava vasculhando o armário de Luce. Ela pegou um vestido de malha de manga comprida roxo, jogou-o em cima de Luce e enxotou-a para o banheiro.

— Não se esqueça de colocar leggings por baixo. Está frio lá fora.

No caminho, Luce tirou seu celular do carregador. Ontem à noite, depois de Cam deixá-la na escola, estava se sentido tão assustada e sozinha que quebrou a regra número um do Sr. Cole e mandou uma mensagem para Callie. Se o Sr. Cole soubesse o quanto ela precisava de um amigo... ele provavelmente ficaria furioso com ela de qualquer maneira. Tarde demais agora.

Ela abriu a pasta de mensagens e lembrou que seus dedos estavam tremendo enquanto escrevia a mensagem mentirosa:

> Finalmente consegui um telefone celular! A recepção é ruim, mas vou te ligar quando puder. Tudo está ótimo aqui, mas sinto sua falta! Escrevo em breve!

Nenhuma resposta de Callie. Será que estava doente? Ocupada? Fora da cidade?

Ignorando Luce, por ela tê-la ignorado?

Luce se olhou no espelho. Ela se sentia horrível e a aparência não estava muito melhor. Mas concordou em ajudar Dawn e Jasmine, então colocou o vestido e torceu o cabelo loiro para trás, prendendo-o com alguns grampos.

Quando Luce saiu do banheiro, Shelby estava se servindo do café da manhã que as meninas haviam trazido no saco de papel. Parecia muito bom — folheados de cereja, bolinhos de maçã, muffins, rolinhos de canela e sucos de três diferentes sabores. Jasmine entregou-lhe um imenso muffin e um pote de cream cheese.

— Alimento para o cérebro.

— O que é isso tudo? — Miles enfiou a cabeça pela porta entreaberta. Luce não podia ver seus olhos sob o boné de beisebol, mas o cabelo castanho escapava pelas laterais e suas enormes covinhas apareceram quando ele sorriu. Dawn imediatamente teve um acesso

de riso, por nenhuma outra razão além de Miles ser bonitinho, e de Dawn ser Dawn.

Mas Miles pareceu não notar. Ele estava quase mais alegre e descontraído num grupo de meninas do que a própria Luce. Talvez tivesse um monte de irmãs ou algo assim. Ele não era como alguns dos outros alunos da Shoreline, cujo ar relaxado parecia ser só uma fachada. Miles era verdadeiro, real.

— Não tem nenhum amigo do seu próprio sexo? — perguntou Shelby, fingindo estar mais irritada do que realmente estava. Agora que conhecia sua companheira de quarto um pouco melhor, Luce estava começando a achar o humor ácido de Shelby quase divertido.

— Tenho. — Miles entrou na sala, totalmente inabalável. — Mas meus amigos homens não costumam aparecer com café da manhã. — Ele pegou um enorme rolinho de canela do saco e deu uma mordida. — Você está bonita, Luce — disse com a boca cheia.

Luce corou e parou de rir, e Dawn e Shelby tossiram dizendo:

— Climão!

Ao primeiro som do alto-falante no corredor, Luce saltou. Os outros olharam para ela como se estivesse delirando, mas Luce ainda estava acostumada com os pronunciamentos rigorosos da Sword & Cross. Em vez disso, a voz envolvente de Francesca inundou a sala:

— Bom dia, Shoreline. Se estiverem se juntando a nós na viagem de iatismo hoje, o ônibus até a marina sai em dez minutos. Vamos nos encontrar na entrada sul para a contagem de alunos. E não esqueçam de se agasalhar!

Miles pegou outro folheado para comer no caminho. Shelby colocou um par de galochas de bolinhas. Jasmine ajeitou seus protetores de orelha cor-de-rosa e encolheu os ombros para Luce.

— Nunca adianta planejar! Vamos ter que correr para as boas-vindas.

— Sente-se com a gente no ônibus — instruiu Dawn. — Vamos pensar em tudo no caminho para Noyo Point.

Noyo Point. Luce teve de forçar-se para engolir um pedaço do muffin de aveia. A expressão da menina Pária morta, mesmo quando

ainda estava viva, a terrível carona com Cam — a lembrança deixou a pele de Luce arrepiada. Não ajudou Cam ter esfregado na cara dela que salvara sua vida. Logo depois de dizer a ela para não sair do campus novamente.

Uma coisa tão estranha de se dizer. Quase como se ele e Daniel concordassem.

Enrolando, Luce se sentou na beirada da cama.

— Então todos nós vamos?

Ela nunca havia quebrado uma promessa a Daniel antes. Mesmo que jamais tivesse prometido *não* entrar no iate, a restrição era tão dura e absurda que seu instinto foi quebrá-la na hora. Mas, se ela tivesse jogado de acordo com as regras de Daniel, talvez não precisasse ver alguém sendo morto. Por outro lado, aquilo provavelmente era apenas sua mente pregando peças de novo. Aquela carta a tinha atraído deliberadamente para fora do campus. Uma viagem escolar de barco era algo totalmente diferente. Não era como se os Párias fossem pilotar o barco.

— Obviamente. — Miles pegou a mão de Luce, colocando-a de pé e trazendo-a em direção à porta. — Por que não iríamos?

Este era um momento de escolha: Luce poderia ficar em segurança no campus como Daniel (e Cam) lhe pediram. Como uma prisioneira. Ou poderia sair por aquela porta e provar a si mesma que a vida era sua e de mais ninguém.

Meia hora mais tarde, Luce estava olhando, juntamente com metade do corpo estudantil da Shoreline, um luxuoso iate Austal branco brilhante de 40 metros.

O ar na Shoreline estava fresco, mas sobre a água na marina junto ao cais ainda havia uma fina camada de nevoeiro da véspera. Quando Francesca desceu do ônibus, murmurou:

— Já basta. — E levantou as palmas das mãos no ar.

Muito casualmente, como se estivesse empurrando as cortinas de uma janela, ela literalmente partiu o nevoeiro com os dedos, abrindo um pedaço de céu claro bem acima do barco reluzente.

Foi tão sutil que nenhum dos estudantes não Nefilim ou professores poderia perceber que havia sido qualquer outra coisa a não ser a natureza fazendo seu trabalho. Mas Luce ficou boquiaberta, sem ter certeza se realmente vira aquilo até Dawn começar a bater palmas baixinho.

— Impressionante, como de costume.

Francesca deu um pequeno sorriso.

— Sim, assim está melhor, não?

Luce estava começando a perceber todos os pequenos detalhes que poderiam ter sido obra de um anjo. A viagem de ônibus fretado havia sido muito mais suave do que a no ônibus público no dia anterior. As fachadas das lojas pareciam revigoradas, como se toda a cidade tivesse recebido uma nova camada de tinta.

Os alunos faziam fila para subir no iate, que era deslumbrante, da maneira como sempre são as coisas muito caras. Seu perfil elegante se curvava como uma concha, e cada um dos três níveis tinha sua própria ampla plataforma branca. De onde entraram, na proa, Luce podia ver através de janelas enormes três cabines mobiliadas com luxo. Sob o sol ainda baixo e morno na marina, as preocupações de Luce sobre Cam e os Párias pareciam ridículas. Ela ficou surpresa ao senti-las desaparecer.

Luce acompanhou Miles até a cabine no segundo andar do iate. As paredes eram de um tom discreto de cinza, com banquetas altas em preto e branco ao longo das paredes curvas. Uma meia dúzia de alunos já havia se atirado nos bancos estofados e estava escolhendo entre a enorme variedade de alimentos que cobriam as mesas do café.

No bar, Miles abriu uma lata de Coca-Cola, dividiu-a entre dois copos de plástico e entregou uma delas a Luce.

— Então o demônio disse ao anjo: processar a *mim*? Aonde acha que vai ter de ir para encontrar um advogado? — Ele a cutucou. — Entendeu? Porque advogados supostamente são todos...

Uma piada. Sua mente estava em outro lugar e ela esqueceu o fato de que Miles estava contando uma piada. Ela se forçou a gargalhar alto, até mesmo batendo no balcão do bar. Miles parecia aliviado, embora um pouco desconfiado da reação exagerada dela.

— Uau — disse Luce, sentindo-se frívola enquanto diminuía o riso falso. — Essa foi boa.

À sua esquerda, Lilith, a ruiva alta que Luce conheceu no primeiro dia de aula, parou antes de morder o tartare de atum a caminho de sua boca.

— Que tipo de piada preconceituosa e ridícula foi essa? — Ela fez cara feia principalmente para Luce, dos lábios brilhantes saiu um som que mais lembrava um rosnado. — Realmente acha isso engraçado? Você já visitou o submundo alguma vez, pelo menos? Não é nenhum motivo de riso. Esperamos essas coisas de Miles, mas pensei que você tinha um gosto melhor.

Luce foi pega de surpresa.

— Eu não sabia que era uma questão de gosto — respondeu. — Nesse caso, definitivamente concordo com Miles.

— Shhhh. — As mãos bem-cuidadas de Francesca subitamente estavam nos ombros de Luce e Lilith. — Não importa do que se trata, lembrem-se: estão num navio com setenta e três alunos não Nefilim. A palavra do dia é *discrição*.

Essa ainda era uma das mais estranhas partes sobre a Shoreline, na opinião de Luce. Eles passavam o tempo todo com os alunos normais da escola, fingindo que não estavam fazendo o que quer que estivessem realmente fazendo dentro da sala dos Nefilim. Luce ainda queria falar com Francesca sobre os Anunciadores, para mencionar o que havia feito no início da semana na floresta.

Francesca deslizou para longe e Shelby apareceu ao lado de Luce e Miles.

— Exatamente quão discreta você acha que eu preciso ser enquanto enfio setenta e três cabeças não Nefilim nos banheiros da cabine?

— Você é má. — Luce riu, e depois olhou-a novamente quando Shelby estendeu prato de antepasto. — Olha quem está dividindo — disse Luce. — E você se considera uma filha única.

Shelby puxou o prato de volta para si depois de Luce servir-se de uma azeitona.

— Hmm, bem, não se acostume com isso nem nada.

Quando o motor acelerou sob seus pés, o barco inteiro cheio de estudantes aplaudiu. Luce preferia momentos como este na Shoreline, quando realmente não sabia quem era Nefilim e quem não era. Um grupo de meninas enfrentava o frio lá fora, rindo enquanto seus cabelos agitavam-se com o vento. Alguns dos rapazes de sua aula de História estavam preparando um jogo de pôquer num canto da cabine principal. Aquela era a mesa onde Luce teria esperado encontrar Roland, mas ele não estava lá.

Perto do bar, Jasmine estava tirando fotos de tudo, enquanto Dawn acenava para Luce, gesticulando uma caneta e papel no ar indicando que ainda precisavam escrever seu discurso. Luce se dirigia a elas quando, pelo canto do olho, avistou Steven através das janelas.

Ele estava sozinho, encostado no corrimão com um longo casaco preto e um chapéu sobre os cabelos grisalhos. Ainda a deixava nervosa pensar nele como um demônio, especialmente porque ela gostava bastante dele, ou pelo menos, do que sabia dele. Seu relacionamento com Francesca a confundia ainda mais. Eles eram uma unidade: fizeram com que se lembrasse do que Cam havia dito na noite anterior sobre ele e Daniel não serem tão diferentes assim. A comparação ainda estava importunando-a quando abriu a porta de vidro fumê e saiu para o convés.

Tudo o que podia ver no lado oeste do iate era o infinito azul do oceano e do céu claro. A água estava calma, mas um vento forte corria em torno do barco. Luce teve que segurar no corrimão, apertando os olhos por causa do sol brilhante, protegendo-os com a mão enquanto se aproximava de Steven. Ela não viu Francesca por perto.

— Olá, Luce. — Ele sorriu e tirou o chapéu quando ela alcançou o corrimão. Seu rosto estava bem bronzeado para o mês de novembro.

— Como está tudo?

— Essa é uma ótima pergunta — respondeu ela.

— Sentiu-se sobrecarregada esta semana? Nossa demonstração com o Anunciador não a abalou demais? Você sabe — ele baixou a voz —, nós nunca ensinamos aquilo antes.

— Eu, abalada? Não. Adorei a aula — disse Luce rapidamente. — Quero dizer, foi difícil de assistir, mas também foi fascinante. Tive vontade de conversar sobre isso com alguém... — Sob o olhar de Steven, Luce se lembrou da conversa que os dois professores tiveram com Roland. Como havia sido Steven, e não Francesca, o mais aberto à inclusão de Anunciadores nas aulas. — Quero aprender tudo sobre eles.

— Tudo sobre eles? — Steven inclinou a cabeça, pegando sol em sua pele já bronzeada. — Isso pode demorar um pouco. Existem trilhões de Anunciadores, um para quase todos os momentos da história. É um campo interminável. A maioria de nós nem sequer saberia por onde começar.

— É por isso que não ensinou sobre eles antes?

— É polêmico — disse Steven. — Existem anjos que não acreditam que os Anunciadores têm qualquer valor. Ou que as coisas ruins que muitas vezes trazem superam as boas. Chamam seus defensores, como eu, de "ratos de museu", obcecados demais com o passado para prestar atenção nos pecados do presente.

— Mas isso é como dizer... que o passado não tem qualquer valor.

Se fosse verdade, significaria que todas as vidas anteriores de Luce não significavam nada, que sua história com Daniel também fora inútil. Então tudo o que tinha para continuar era o que ela sabia de Daniel nesta vida. E aquilo era realmente suficiente?

Não. Não era.

Ela precisava acreditar que havia mais por trás do que sentia por Daniel: uma história valiosa, trancada no tempo, que somava algo maior do que algumas noites de beijos e felicidade e outras de discussões. Porque, se o passado não tinha valor, aquilo era realmente tudo o que tinham.

— A julgar pelo olhar no seu rosto — disse Steven —, parece que eu tenho mais uma pessoa do meu lado.

— Espero que não esteja enchendo a cabeça de Luce com uma das suas porcarias diabólicas. — Francesca tinha surgido por trás deles. Suas mãos estavam na cintura e parecia carrancuda. Até ela começar a rir, Luce não fazia ideia de que estava brincando.

— Estávamos conversando sobre as sombras, quero dizer, os Anunciadores — justificou-se Luce. — Steven me contou que acha que existem trilhões deles.

— Steven também acha que não precisa chamar um encanador quando o vaso sanitário entope. — Francesca sorriu calorosamente, mas havia algo na voz dela que fez Luce se sentir envergonhada, como se tivesse sido ousada demais. — Você quer testemunhar mais cenas horríveis, como aquela que vimos em sala de aula no outro dia?

— Não, não foi isso que eu quis dizer...

— Há uma razão para que seja melhor deixar certas coisas nas mãos dos especialistas. — Francesca olhou para Steven. — Temo que, assim como um vaso sanitário quebrado, o uso dos Anunciadores como uma janela para o passado seja uma dessas coisas.

— Nós obviamente entendemos por que você, em particular, poderia se interessar por eles — disse Steven, chamando a atenção de Luce na hora.

Então Steven sabia. Suas vidas passadas.

— Mas *você* tem que entender — acrescentou Francesca — que vislumbrar sombras é altamente arriscado sem a formação adequada. Se está interessada, existem universidades, até mesmo rigorosos programas acadêmicos, sobre os quais eu ficaria feliz em conversar com você *mais para a frente*. Mas, por ora, Luce, deve perdoar o nosso erro por mostrar aquilo prematuramente a uma classe do ensino médio, e esquecer.

Luce sentiu-se estranha e exposta. Ambos estavam olhando para ela.

Inclinando-se um pouco sobre o corrimão, ela pôde ver alguns de seus amigos no convés principal abaixo deles. Miles tinha um par de

binóculos pressionado nos olhos e estava tentando apontar algo para Shelby, que o ignorou atrás de seus gigantes Ray-Bans. Na popa, Dawn e Jasmine estavam sentadas em uma borda com Amy Branshaw. Elas estavam debruçadas sobre uma pasta de documentos, fazendo anotações apressadamente.

— Tenho que ajudar com o discurso de boas-vindas — disse Luce, afastando-se de Francesca e Steven. Ela podia sentir o olhar de ambos grudado nela por todo o caminho até a escada em caracol. Luce chegou ao convés principal, se abaixou sob uma fileira de velas arriadas, e espremeu-se por um grupo de estudantes não Nefilim parados em um círculo entediado em torno do Sr. Kramer, o professor magrelo de biologia, que estava falando sobre como era frágil o ecossistema sob os pés deles.

— Aí está você! — Jasmine puxou Luce. — Um plano está finalmente tomando forma.

— Legal. Como posso ajudar?

— Ao meio-dia, vamos tocar aquela campainha. — Dawn apontou para um enorme sino de bronze pendurado num feixe branco por uma roldana perto da proa do navio. — Então vou dar boas-vindas a todos, Amy vai falar sobre como essa viagem aconteceu e Jas vai falar sobre os próximos eventos sociais do semestre. Tudo que precisamos é de alguém para falar alguma coisa sobre o meio ambiente. — As três garotas olharam para Luce.

— Esse iate é híbrido ou algo assim? — perguntou Luce.

Amy deu de ombros e balançou a cabeça.

O rosto de Dawn se iluminou com uma ideia.

— Você pode dizer algo sobre como, por estarmos aqui, perto da natureza, somos mais ecológicos, porque quem vive perto da natureza a respeita mais?

— Sabe escrever poemas? — perguntou Jasmine. — Poderia tentar fazer algo, tipo, divertido?

Sentindo-se culpada por ter ignorado totalmente as responsabilidades, Luce foi obrigada a concordar.

— Poesia ambiental — disse, pensando que a única coisa na qual era pior do que poesia e biologia marinha era em falar em público. — É, posso fazer isso.

— OK, ufa! — Dawn suspirou aliviada. — Então, essa é a minha ideia. — Ela pulou de pé na borda onde estava sentada e começou a contar nos dedos uma lista de coisas.

Luce sabia que devia estar prestando atenção aos pedidos de Dawn (*Não seria fantástico se ficássemos em fila da mais baixa até a mais alta?*), especialmente considerando que, em um tempo muito curto, ela precisaria dizer alguma coisa inteligente sobre o meio ambiente — que virasse na frente de cem colegas. Mas sua mente ainda estava obscurecida por aquela conversa bizarra com Francesca e Steven.

Deixe os Anunciadores para os especialistas. Se Steven estivesse certo, e realmente houvesse um Anunciador para cada momento da história, bem, isso era como dizer a ela para deixar todo o passado para os especialistas. Luce não estava tentando reivindicar conhecimentos sobre Sodoma e Gomorra; era apenas no seu passado, seu e de Daniel, em que estava interessada. E, se alguém ia ser especialista naquilo, Luce imaginou que deveria ser ela.

Mas o próprio Steven dissera: havia um trilhão de sombras lá fora. Seria quase impossível localizar até mesmo as que tinham alguma coisa a ver com ela e Daniel, muito menos saber o que fazer com elas, se encontrasse as certas.

Ela olhou para o convés do segundo andar. Podia ver apenas o topo das cabeças de Francesca e de Steven. Se Luce deixasse sua imaginação correr livremente, poderia imaginar uma discussão acirrada entre os dois. Sobre Luce. E sobre os Anunciadores. Provavelmente concordando em não falar sobre eles com a aluna novamente.

Luce tinha bastante certeza de que, em se tratando de suas vidas passadas, ela estaria por conta própria.

Espere um minuto.

O primeiro dia de aula. Durante o jogo de apresentação. Shelby havia dito...

Luce levantou-se, esquecendo completamente de que estava no meio de uma reunião, e já estava atravessando o convés quando ouviu um grito agudo atrás dela.

Quando virou na direção do som, Luce viu um lampejo de algo preto mergulhando fora da proa da embarcação.

Um segundo depois, havia sumido.

E ela ouviu um esguicho.

— Ah, meu Deus! *Dawn!* — Tanto Jasmine quanto Amy estavam inclinadas ao longo da proa, olhando para baixo na direção da água. Gritando.

— Vou pegar o barco salva-vidas! — exclamou Amy, correndo para dentro da cabine.

Luce pulou na borda ao lado de Jasmine e ficou sem ar com o que viu. Dawn tinha caído no mar e estava se debatendo na água. No início, a confusão de cabelos escuros e braços era tudo o que se via, mas então Dawn olhou para cima e Luce viu o terror em seu rosto pálido.

Um horrível segundo depois, uma grande onda cobriu o pequeno corpo de Dawn. O barco ainda estava em movimento, indo para ainda mais longe dela. As meninas tremeram, esperando que ela ressurgisse.

— O que aconteceu? — exigiu saber Steven, surgindo de repente ao lado delas. Francesca estava soltando um salva-vidas de espuma redondo de seus laços.

Os lábios de Jasmine tremeram.

— Ela estava tentando tocar a campainha para chamar a atenção de todos para o discurso. Ela m-m-mal se inclinou para fora, não sei como perdeu o equilíbrio.

Luce lançou outro doloroso olhar sobre a proa do navio. A queda na água gelada fora, provavelmente, de trinta metros. Ainda não havia sinal de Dawn.

— Onde ela está? — Luce chorou. — Ela sabe nadar?

Sem esperar por uma resposta, ela tirou a boia das mãos de Francesca, passou um braço pelo meio dela, e subiu ao topo da proa.

— Luce... pare!

Ela ouviu o grito às suas costas, mas já era tarde demais. Luce mergulhou na água, prendendo a respiração, pensando em Daniel enquanto afundava, no último mergulho dos dois no lago.

Luce sentiu primeiro o frio em suas costelas, um aperto firme em seus pulmões, com o choque de temperatura. Ela esperou até que parasse de afundar, e em seguida voltou para a superfície. As ondas derramavam-se sobre a cabeça dela, inundando de sal a boca e o nariz, mas ainda assim segurou o colete com força. Foi complicado nadar com aquilo, mas se ela encontrasse Dawn — *quando* encontrasse Dawn —, as duas precisariam dele para se manter à tona enquanto aguardavam o bote salva-vidas.

Ela tinha a vaga sensação de que pessoas se agitavam a bordo do iate, gritando e correndo ao redor do convés, chamando por ela. Mas, se Luce quisesse ajudar Dawn, precisava ignorar tudo aquilo.

Luce pensou ter visto o ponto preto da cabeça de Dawn na água gelada. Ela seguiu em frente, contra as ondas, em direção a ela. Seu pé tocou em alguma coisa — a mão da amiga? —, mas depois não se repetiu e ela não tinha certeza se havia sido Dawn.

Luce não podia submergir enquanto segurava o colete salva-vidas, e teve um mau pressentimento de que Dawn estava mais no fundo. Ela sabia que não devia soltar o colete. Mas não podia salvar Dawn se não o fizesse.

Atirando-o de lado, Luce encheu os pulmões de ar e mergulhou no fundo, nadando com força até que o calor da superfície da água desaparecesse e ela estivesse quase congelante. Ela não conseguia ver nada, apenas tateava aleatoriamente, esperando alcançar Dawn antes que fosse tarde demais.

Foi o cabelo de Dawn que Luce sentiu primeiro, o roçar suave das curtas e escuras ondas. Tateando mais para baixo com a mão, sentiu o rosto da amiga, então seu pescoço, depois seu ombro. Dawn tinha afundado tanto em tão pouco tempo. Luce deslizou os braços sob as axilas de Dawn, e depois usou toda a força para puxá-la para cima, batendo as pernas freneticamente em direção à superfície.

Elas estavam muito debaixo d'água, e a luz do dia parecia um brilho distante.

Dawn era mais pesada do que parecia, como se um grande peso estivesse amarrado nela, puxando as duas para baixo.

Finalmente, Luce chegou à superfície. Dawn tentou falar, cuspindo água e tossindo. Seus olhos estavam vermelhos e o cabelo estava emaranhado na testa. Com um braço em volta do peito de Dawn, Luce remou delicadamente, levando as duas até o colete salva-vidas.

— Luce — sussurrou Dawn. Nas ondas agitadas, Luce não conseguia ouvi-la, mas podia ler seus lábios. — O que está acontecendo?

— Eu não sei. — Luce balançou a cabeça, esforçando-se para mantê-las sobre a superfície.

— Nadem até o bote salva-vidas! — A orientação veio de trás. Mas nadar para qualquer lugar era impossível. Elas mal conseguiam manter a cabeça acima da água.

A tripulação estava baixando um bote salva-vidas inflável, com Steven dentro dele. Assim que o barco tocou o oceano, ele começou a remar rapidamente na direção das duas. Luce fechou os olhos e pela primeira vez deixou que o alívio a inundasse com a próxima onda. Se ela pudesse apenas aguentar mais um pouco, ficariam bem.

— Peguem minha mão! — gritou Steven para as meninas. As pernas de Luce pesavam como se tivesse nadado durante uma hora. Ela empurrou Dawn na direção dele de modo que a amiga pudesse ser a primeira a subir.

Steven estava só de calças e camisa social branca, que agora estava molhada e agarrada ao peito. Seus braços musculosos pareceram enormes quando ele alcançou Dawn. O rosto estava vermelho do esforço, e ele grunhiu ao puxá-la. Quando Dawn foi estendida sobre a amurada do bote, longe o suficiente para que não caísse de volta, Steven virou-se e rapidamente puxou os braços de Luce.

Ela sentia-se leve, praticamente flutuando para fora da água com sua ajuda. Foi apenas quando sentiu seu corpo deslizando para dentro do barco que percebeu o quanto estava encharcada e congelando.

Exceto onde os dedos de Steven haviam tocado.

Ali, as gotas de água sobre a pele estavam fervendo.

Ela sentou-se, movendo-se para ajudar Steven a puxar a trêmula Dawn totalmente para dentro da balsa. Exausta, Dawn mal podia se arrastar. Luce e Steven tiveram que levá-la cada um por um braço com esforço. Ela estava quase totalmente dentro do barco, quando Luce sentiu um puxão forte levar Dawn de volta à água.

Os olhos escuros de Dawn se arregalaram e ela gritou quando caiu para trás. Luce não estava preparada: Dawn escorregou de seu braço, e Luce se chocou contra a lateral da balsa.

— Segura! — Steven pegou a cintura de Dawn bem a tempo. Ele ficou de pé, quase virando o bote. Enquanto se esforçava para tirar Dawn da água, Luce viu um lampejo dourado surgindo das costas dele.

As *asas*.

A maneira como elas se projetaram instantaneamente, no momento em que Steven precisou de mais força, fez com que parecesse acontecer quase contra sua vontade. Elas brilhavam, as cores de joias caras que Luce só via por trás de vitrines em lojas de departamento. Não eram em absoluto como as asas de Daniel. As de Daniel eram quentes e acolhedoras, magníficas e sensuais; as de Steven eram fortes e intimidantes, irregulares e terríveis.

Steven grunhiu, os músculos dos braços retesados quando as asas bateram apenas uma vez, dando-lhe impulso suficiente para cima para tirar Dawn da água.

O bater das asas agitava vento suficiente para empurrar Luce contra o outro lado da balsa. Assim que Dawn estava segura, os pés de Steven tocaram novamente o chão do barco. As asas imediatamente se retraíram, deixando dois pequenos rasgos na parte traseira de sua camisa, a única prova de que o que Luce havia visto tinha sido real. O rosto de Steven estava pálido e as mãos tremiam.

Os três desabaram no interior da balsa. Dawn não percebera nada, e Luce se perguntou se alguém do barco tinha visto aquilo. Steven olhou para Luce como se ela tivesse acabado de vê-lo nu. Ela queria

lhe dizer que tinha sido impressionante ver suas asas; até agora ela não sabia que até mesmo o lado sombrio dos anjos caídos podia ser tão deslumbrante.

Luce estendeu a mão para Dawn, em parte com a expectativa de ver sangue em algum lugar de sua pele. Realmente parecera que *alguma coisa* tinha a segurado, mas não havia nenhum sinal de ferimento.

— Você está bem? — sussurrou Luce finalmente.

Dawn balançou a cabeça e gotículas de água que voaram de seu cabelo.

— Eu sei nadar, Luce. Sou uma boa nadadora. Alguma coisa me agarrou... Alguma coisa...

— Ainda está lá embaixo — completou Steven, pegando o remo e levando-os de volta para o iate.

— Qual foi a sensação? — Luce perguntou. — Um tubarão ou...

Dawn estremeceu.

— Mãos.

— *Mãos?*

— Luce! — exclamou Steven.

Ela se virou para o professor: ele parecia um ser diferente daquele com quem Luce falara minutos mais cedo no convés. Havia uma seriedade em seus olhos que ela nunca vira antes.

— O que você fez hoje foi... — Ele se interrompeu. Seu rosto molhado parecia selvagem.

Luce prendeu a respiração, esperando. Irresponsável. Estúpido. Perigoso.

— Muito corajoso — disse ele finalmente, o rosto relaxando até a expressão habitual.

Luce suspirou, tendo dificuldade até mesmo para encontrar a voz e agradecer. Ela não conseguia tirar os olhos das pernas trêmulas de Dawn. E das finas marcas vermelhas inchadas em torno de seus tornozelos. Marcas que pareciam ter sido deixadas por dedos.

— Tenho certeza de que estão com medo — continuou Steven calmamente. — Mas não há razão para causar uma comoção por toda

a escola. Deixe-me ter uma conversa com Francesca. Até que eu volte a falar com vocês, nem uma palavra sobre isso para ninguém. Dawn?

A menina assentiu, parecendo aterrorizada.

— Luce?

Seu rosto ficou tenso. Ela não tinha certeza se devia manter esse segredo. Dawn quase morrera.

— Luce. — Steven segurou o ombro dela, tirou os óculos de armação quadrada e seus olhos escuros encararam os olhos castanhos de Luce. À medida que o bote salva-vidas era erguido até o deque principal, onde todos esperavam, ele sussurrara, um bafo quente na orelha dela. — Nem uma palavra. A ninguém. É para seu próprio bem.

SETE

DOZE DIAS

— Não entendo por que você está sendo tão estranha — disse Shelby a Luce na manhã seguinte. — Só está aqui há, sei lá, seis dias, e é a maior heroína da Shoreline. Talvez vá fazer jus a sua reputação, afinal.

O céu da manhã de domingo estava salpicado de nuvens fofas. Luce e Shelby caminhavam ao longo da pequena praia da escola, dividindo uma laranja e uma garrafa térmica de chá. Um vento forte trouxe o cheiro terroso das antigas sequoias do bosque. A maré estava alta e violenta, levantando longos cachos de algas pretas emboladas, águas-vivas e troncos em decomposição pelo caminho das meninas.

— Não foi nada — resmungou Luce, o que não era exatamente verdade. Saltar naquela água gelada atrás de Dawn certamente havia sido *alguma coisa*. Mas Steven... A gravidade da sua voz, a força com que apertou seu braço, aquilo havia deixado Luce apavorada demais até para falar do resgate de Dawn.

Ela olhou a espuma salgada que sobrava no rastro de uma onda. Estava tentando não olhar além, para a parte mais profunda e escura da água — e não ter que pensar nas *mãos* que puxaram Dawn para as profundezas geladas do oceano. *Para seu próprio bem*. Steven

provavelmente queria se referir à proteção de todos os alunos. Caso contrário, se ele estava se referindo só a Luce...

— Dawn está bem — continuou. — Isso é tudo que importa.

— Hmm, *sim*, mas por sua causa, Baywatch.

— Não comece a me chamar de Baywatch.

— Você prefere pensar em si mesma como um tipo de salvadora, por acaso? — Shelby tinha a maneira mais sem graça de zombar dos outros. — Frankie disse que algum pervertido misterioso esteve à espreita no terreno da escola pelas últimas duas noites. Devia dar a ele o que mere...

— O quê? — Luce quase cuspiu seu chá. — Quem é?

— Repito: pervertido *misterioso*. Ele não sabe. — Shelby sentou-se numa pedra plana e desgastada pelo tempo, atirando com habilidade algumas pedras no oceano. — É só um cara qualquer. Ouvi Frankie falar para Kramer sobre ele no barco ontem à tarde, depois de toda aquela comoção.

Luce sentou ao lado de Shelby e começou a procurar por pedras na areia.

Alguém estava rondando a Shoreline. E se fosse Daniel?

Seria típico dele. Tão teimoso em manter sua própria promessa de não a ver, mas não conseguindo ficar afastado. Pensar nele a fez desejá-lo mais ainda. Ela podia sentir as lágrimas chegando, o que nem fazia sentido. Era mais provável que o pervertido misterioso nem fosse Daniel. Podia ser Cam. Podia ser qualquer um. Podia ser um Pária.

— Francesca pareceu preocupada? — perguntou a Shelby.

— Você não ficaria?

— Espere um minuto. Foi por isso que você não saiu de fininho na noite passada? — Foi a primeira noite em que Luce não havia sido acordada por Shelby entrando pela janela.

— Não. — O braço de Shelby era torneado de tanta ioga. Sua próxima pedra saltou seis vezes em um arco largo, quase voltando todo o caminho para elas, como um bumerangue.

— Aonde você vai toda noite, afinal?

Shelby enfiou as mãos nos bolsos de seu colete de esqui vermelho. Ela estava olhando para as ondas cinzentas com tanta intensidade que ficou evidente que ou havia visto alguma coisa lá, ou estava evitando a pergunta. Luce seguiu o olhar da amiga, quase aliviada ao não ver nada na água além das ondas brancas e cinzentas se estendendo até o horizonte.

— Shelby.

— O quê? Eu não vou a lugar nenhum.

Luce começou a se levantar, irritada com a relutância de Shelby em contar-lhe qualquer coisa. Luce estava tirando a areia úmida das pernas quando a mão de Shelby a puxou de volta para a pedra.

— Certo, eu *costumava* ir ver o meu namorado idiota. — Shelby suspirou com força, lançando uma pedra sem atenção na água, quase atingindo uma enorme gaivota que mergulhava atrás de um peixe. — Antes que ele se tornasse meu *ex*-namorado idiota.

— Ah, Shel, sinto muito. — Luce mordeu o lábio. — Eu nem sabia que você tinha um namorado.

— Tive que começar a mantê-lo afastado. Ele se empolgou demais com o fato de eu ter uma nova companheira de quarto. Ficava insistindo para deixá-lo vir aqui de madrugada para conhecer você. Eu não sei *que* tipo de garota que ele pensa que sou. Sem ofensa, mas para mim três é demais.

— Quem é ele? — perguntou Luce. — Ele estuda aqui?

— Phillip Aves. É um veterano na escola principal.

Luce não o reconheceu imediatamente.

— Um garoto pálido, com cabelo descolorido? — disse Shelby. — Como se fosse uma versão mais pálida do David Bowie, sabe? Não dá pra não notar. — Sua boca se contorceu. — Infelizmente.

— Por que você não me contou que terminaram?

— Prefiro baixar as músicas do Vampire Weekend que canto em silêncio quando você não está por perto. É melhor para os meus chacras. Além disso — ela apontou o dedo gorducho para Luce —, você é quem está ranzinza e estranha hoje. Daniel está te tratando mal?

Luce apoiou-se sobre os cotovelos.

— Para isso, nós teríamos que nos ver, o que aparentemente não estamos autorizados a fazer.

Se Luce fechasse os olhos, poderia deixar o som das ondas levarem-na de volta para a noite de seu primeiro beijo com Daniel. Nesta vida. O emaranhado úmido de seus corpos em Savannah. A pressão faminta das mãos dele puxando-a para perto. Tudo parecia possível na época. Ela abriu os olhos. Tudo isso estava tão distante agora.

— Então, seu ex-namorado idiota...

— Não. — Shelby fez um gesto indicando os lábios. — Não quero falar sobre o babaca mais do que acho que você quer falar sobre Daniel. Próximo assunto.

Era justo. Mas não era exatamente verdade que Luce não quisesse falar sobre Daniel. Na verdade, achava que se *começasse* a falar sobre Daniel poderia não ser capaz de calar a boca. Ela já soava como um disco quebrado em sua própria mente — relembrando sem parar o total de — nossa — quatro experiências físicas que tivera com ele nessa vida. (Ela escolheu começar a contar apenas quando ele parou de fingir que Luce não existia.) Imagine a rapidez com que entediaria Shelby, que provavelmente tivera toneladas de namorados e muita experiência. Comparada à quase nenhuma de Luce.

Um beijo que ela mal conseguia se lembrar com um rapaz que explodira em chamas logo depois. Alguns momentos íntimos com Daniel. Isto resumia praticamente toda a sua vida amorosa. Luce sem dúvida não era nenhuma expert nesse assunto.

Novamente, ela sentiu a injustiça da situação: Daniel tinha todas essas incríveis memórias dos dois juntos para recorrer quando as coisas ficavam difíceis. Ela não tinha nada.

Aí Luce olhou para sua companheira de quarto.

— Shelby?

Shelby estava com o capuz acolchoado vermelho puxado sobre a cabeça e cutucava a areia molhada com um graveto..

— Já disse que não quero falar sobre ele.

— Tudo bem. Eu estava pensando... Se lembra de quando você mencionou que sabia vislumbrar suas vidas passadas?

Era isso que ela estava prestes a perguntar a Shelby quando Dawn caiu no mar.

— Eu nunca disse isso. — O graveto afundou mais na areia. O rosto de Shelby estava corado e o cabelo loiro e espesso estava arrepiado, escapando do rabo de cavalo.

— Falou, sim. — Luce inclinou a cabeça. — Você escreveu isso no meu papel. Naquele dia, quando estávamos respondendo o jogo de apresentação, lembra? Você o arrancou das minhas mãos e disse que falava mais de dezoito línguas e que vislumbrava vidas passadas e que eu podia lhe encaixar em...

— Eu me lembro do que disse. Mas você me entendeu mal.

— Certo — disse Luce lentamente. — Bem...

— Só porque eu já vislumbrei uma vida passada antes não significa que saiba como fazê-lo, e também não significa que foi a *minha* vida.

— Então, não era sua?

— Lógico que não, reencarnação é para gente esquisita.

Luce franziu o cenho e cravou suas mãos na areia molhada, querendo se enterrar nela.

— *Alô*, isso foi uma piada. — Shelby cutucou Luce de brincadeira. — Direcionada especialmente para a garota que teve que passar pela puberdade mil vezes. — Ela fez uma careta. — Uma vez é suficiente para mim, muito obrigada.

Então, Luce era Aquela Garota. A que fora obrigada a passar pela puberdade mil vezes. Ela nunca havia pensado dessa forma. Era quase engraçado, mas para quem estava de fora, passar por infindáveis puberdades parecia a pior parte de seu carma. Mas era muito mais complicado que isso. Luce ia dizer que passaria por mais mil espinhas e flutuações hormonais se pudesse olhar para suas vidas passadas e entender mais sobre si mesma. Então olhou para Shelby de novo.

— Se não foi a sua, então de quem foi a vida passada que você viu?

— Por que está sendo tão intrometida? Credo.

Luce podia sentir a pressão sanguínea subindo.

— Shelby, meu Deus do céu, dá um tempo!

— Tudo bem — disse Shelby finalmente, mandando Luce relaxar. — Eu estava em uma festa em Corona. As coisas estavam num nível tipo, gente seminua e tal, mas enfim, essa não é a questão. Então eu me lembro de sair para tomar um pouco de ar. Estava chovendo, e não conseguia ver para onde estava indo. Virei a esquina em um beco e tinha um cara ali, meio caído. Ele estava inclinado sobre uma esfera de escuridão. Eu nunca vira nada como aquilo; tinha a forma de um globo, mas tipo, brilhava e flutuava acima de suas mãos. Ele estava chorando.

— O que era?

— Eu não sabia na época, mas agora sei que era um Anunciador.

Luce estava hipnotizada.

— E você viu um pouco da vida passada que ele estava vislumbrando? Como foi?

Shelby fitou os olhos de Luce e engoliu em seco.

— Foi horrível, Luce.

— Sinto muito — desculpou-se Luce. — Eu só estava perguntando porque...

Parecia difícil admitir o que se passava pela sua cabeça. Francesca definitivamente não iria gostar. Mas Luce precisava de respostas, e precisava de ajuda. E Shelby podia ajudar.

— Preciso vislumbrar algumas das minhas vidas passadas — explicou Luce. — Ou ao menos tentar. Coisas estranhas têm acontecido recentemente, coisas que eu deveria simplesmente aceitar por não entender muito bem o que está acontecendo. Mas eu *poderia* entender melhor, muito melhor, se pudesse ver de onde venho. Onde estive. Isso faz algum sentido?

Shelby assentiu.

— Preciso saber o que tive com Daniel no passado para que possa me sentir mais segura sobre o que tenho com ele agora. — Luce suspirou. — Aquele cara, no beco... Você viu o que ele fez com o Anunciador?

Shelby deu de ombros.

— Ele apenas meio que o moldou. Eu nem sabia o que era na época, e não sei como o encontrou. É por isso que a demonstração de Francesca e Steven me assustou tanto. Vi aquilo acontecendo uma vez, e venho tentando esquecer desde então. Eu não tinha ideia de que o que estava vendo era um Anunciador.

— Se eu pudesse achar um, acha que poderia moldá-lo?

— Não posso prometer — disse Shelby —, mas posso tentar. Você sabe como encontrá-los?

— Na verdade, não, mas quão difícil pode ser? Eles estiveram me assombrando por toda a minha vida.

Shelby colocou a mão sobre a de Luce na rocha.

— Eu quero ajudar você, Luce, mas é estranho. Estou com medo. E se você vir algo que, sabe, não deveria?

— Quando você rompeu com o seu ex...

— Pensei que já tinha dito que não...

— Apenas ouça: você não ficou feliz por ter descoberto seja lá o que tenha feito você terminar com ele, antes tarde do que nunca? Quero dizer, e se vocês tivessem ficado noivos ou algo assim e só depois...

— Eca! — Shelby ergueu a mão para fazer Luce parar. — Entendi. Agora, vamos lá, vamos achar uma sombra pra gente.

Luce conduziu Shelby de volta para a praia e as duas subiram as escadas íngremes de pedra, cheia de verbenas vermelhas e amarelas que foram pisoteadas e grudaram-se à areia molhada. Elas atravessaram o terreno de puro verde, tentando não interromper um grupo de alunos não Nefilim jogando frisbee. Passaram abaixo da janela do próprio quarto no terceiro andar e deram a volta no edifício. Nos limites da floresta de sequoias, Luce apontou para um espaço entre as árvores e disse:

— Foi ali que encontrei um da última vez.

Shelby marchou para dentro da floresta na frente de Luce, empurrando as longas folhas das árvores de bordo e parando embaixo de uma gigantesca samambaia.

Estava escuro sob as sequoias e Luce ficou feliz por estar com Shelby. Ela pensou no outro dia, na rapidez com que o tempo tinha passado, enquanto estava lidando com aquela sombra, sem conseguir nada. De repente, ela se sentiu oprimida.

— *Se* conseguirmos encontrar e capturar um Anunciador, e *se* conseguirmos ter um vislumbre — disse —, quais chances você acha que existem de que ele vá dizer alguma coisa sobre Daniel e eu? E se ele mostrar outra terrível cena bíblica como a que vimos na sala de aula?

Shelby balançou a cabeça.

— Sobre Daniel, eu não sei. Mas *se* pudermos atrair e vislumbrar um Anunciador, então ele *terá* algo a ver com você. A teoria é que eles vêm especificamente para quem os chama, embora você nem sempre vá querer saber o que eles têm a dizer. Tipo quando você recebe spam misturado com seus e-mails importantes, mas ainda assim são dirigidos a você.

— Como eles podem vir... especificamente para quem os chama? Então Francesca e Steven estiveram na destruição de Sodoma e Gomorra?

— Bem, sim. Eles *estão mesmo* por aí há milênios. Há rumores de que o currículo de ambos é bastante impressionante. — Shelby olhou surpresa para Luce. — Se liga. De que outra forma acha que eles conseguiram esses empregos na Shoreline? Esta é uma escola muito conceituada.

Algo escuro e escorregadio se movimentou sobre elas: o pesado manto de um Anunciador se alongava lentamente misturando-se às sombras compridas do galho de uma sequoia.

— Ali. — Luce apontou, sem perder tempo. Ela subiu num galho baixo que se estendia por trás de Shelby e teve de se equilibrar sobre um pé e se esticar para a esquerda e ainda assim conseguiu apenas

roçar o Anunciador com a ponta dos dedos. — Não consigo alcançá-lo.

Shelby pegou uma pinha e atirou-a no centro da sombra pendurada do galho.

— Não! — sussurrou Luce. — Vai irritá-lo.

— Você está *me* irritando, sendo tão cuidadosa. Apenas estenda a mão.

Com uma careta, Luce fez o que lhe foi pedido.

Ela viu a pinha ricochetear num dos lados expostos da sombra, depois percebeu, apavorada, o farfalhar suave e tão familiar enchendo seus ouvidos. Um lado da sombra estava escorregando, muito lentamente, para fora do galho. Escorregou e caiu no braço trêmulo e esticado de Luce. Ela beliscou bordas da sombra com os dedos.

Luce pulou do galho onde estava e aproximou-se de Shelby, a coisa fria e úmida nas mãos.

— Aqui — disse Shelby. — Vou pegar metade e você a outra metade, como vimos na sala de aula. Eca, é gelatinoso. OK... Não precisa apertar, ele não vai a lugar algum. Deixe-o apenas relaxar e tomar forma.

Pareceu se passar um longo tempo antes que a sombra fizesse qualquer coisa. Luce sentia-se praticamente brincando de copo quando era criança. Sentia uma energia inexplicável na ponta dos dedos. A sensação de movimento era contínua e ligeira antes que pudesse ver qualquer diferença na forma do Anunciador.

Em seguida, houve uma lufada: ele estava se dobrando lentamente em sua própria escuridão. Logo a coisa toda havia tomado o tamanho e a forma de uma caixa grande. E pairou pouco acima de seus dedos.

— Está vendo isso? — ofegou Shelby. Sua voz era quase inaudível sobre o chiado da sombra. — Olha, ali no meio.

Como havia acontecido durante a aula, um véu escuro parecia se desprender do Anunciador, revelando uma impressionante explosão de cores. Luce protegeu os olhos, observando a luz brilhante voltar a se recolher para a tela de sombra, numa nebulosa imagem fora de foco. Então, finalmente, ganhou formas distintas em cores suaves.

Elas estavam olhando para uma sala de estar. A parte de trás de uma cadeira xadrez azul com o apoio para pés levantado e um dos cantos inferiores desgastado. Uma televisão velha, forrada com madeira, reprisava *Mork & Mindy* com o volume no mínimo. Um Jack Russell gordo estava aninhado em cima de uma manta de retalhos redonda.

Luce assistiu a uma porta de vaivém se abrir para o que parecia ser uma cozinha. Uma mulher, mais velha do que a avó de Luce quando morreu, atravessou-a. Usava um vestido estampado branco e cor-de-rosa, tênis brancos pesados e óculos grossos num barbante pendurados em seu pescoço. Estava carregando uma bandeja de frutas cortadas.

— Quem são essas pessoas? — perguntou Luce em voz alta.

Quando a velha colocou a bandeja sobre a mesa de café, a mão marcada de alguém se estendeu da cadeira e escolheu um pedaço de banana.

Luce se inclinou para ver mais claramente, e o foco da imagem mudou com ela. Parecia um panorama em 3-D. Ela nem havia notado o velho sentado na cadeira.

Ele era frágil, com algumas mechas finas de cabelos brancos e manchas de idade em toda a testa. Sua boca se movia, mas Luce não conseguia ouvir nada. Uma fileira de fotos emolduradas enfeitava o topo da lareira.

O farfalhar nos ouvidos de Luce ficou mais alto, tão alto que a fez estremecer. Sem que ela fizesse mais do que se perguntar sobre as fotos, a imagem do Anunciador se aproximou. Aquilo deixou Luce um pouco tonta, e uma fotografia ficou em close dentro do quadrado.

A moldura fina era banhada a ouro e a folha de vidro estava manchada. No interior, uma margem fina contornava a pequena e amarelada fotografia em preto e branco. Dois rostos estavam na fotografia: o dela e o de Daniel.

Sem respirar, ela estudou próprio rosto, que parecia um pouco mais jovem do que agora. O cabelo, na altura dos ombros, estava preso com grampos. Uma blusa branca com gola Peter Pan. Uma

ampla saia evasê batia na altura das canelas. As mãos vestiam luvas brancas e seguravam as de Daniel. Ele olhava diretamente para ela, sorrindo.

O Anunciador começou a vibrar e, em seguida a tremer; e depois a imagem que havia ali dentro começou a piscar até desaparecer.

— Não! — exclamou Luce, pronta para mergulhar lá dentro. Seus ombros tocaram na borda do Anunciador, mas foi o mais perto que conseguiu chegar. Uma rajada de ar frio a empurrou para trás, deixando uma sensação úmida em sua pele. Então Luce sentiu a mão de Shelby apertar seu pulso.

— Não ouse — advertiu Shelby.

Tarde demais.

A tela ficou preta e o Anunciador caiu de suas mãos no chão da floresta, espatifando-se em pedaços como vidro preto. Luce reprimiu um gemido. Seu peito arfava. Sentia como se uma parte dela houvesse morrido.

Caindo no chão, ela ajoelhou e pressionou a testa no solo, rolando para o lado em seguida. Estava mais frio e lamacento do que quando começaram. O relógio em seu pulso marcava mais de duas horas, mas elas haviam chegado de manhã à floresta. Olhando para oeste, em direção à borda da floresta, Luce podia ver a luz incidindo de maneira diferente sobre o dormitório. Os Anunciadores engoliam o tempo.

Shelby se deitou ao lado dela.

— Você está bem?

— Estou tão confusa. Aquelas pessoas... — Luce pressionou a testa. — Não tenho ideia de quem são.

Shelby limpou a garganta e pareceu desconfortável.

— Você não acha que, bem, talvez você possa ter conhecido eles? Tipo, há muito tempo. Tipo, talvez fossem seus...

Luce esperou que ela terminasse.

— Meus o quê?

— Realmente não ocorreu a você que aqueles possam ser seus pais de outra vida? E que é assim que eles estão agora?

O queixo de Luce caiu.

— Não. Espera... Você quer dizer que eu tive pais totalmente diferentes em cada uma das minhas vidas passadas? Pensei que Harry e Doreen... Achei que tinham sido eles o tempo todo.

De repente ela se lembrou de algo que Daniel havia dito, sobre sua mãe fazendo repolho cozido ruim naquela outra vida. Na época, ela não se preocupara com isso, mas agora fez mais sentido. Doreen era uma cozinheira maravilhosa. Todo mundo no leste da Geórgia sabia disso.

O que significava que Shelby devia estar certa. Luce provavelmente tinha um país inteiro cheio de famílias passadas, das quais não conseguia sequer lembrar.

— Sou tão estúpida — choramingou. Por que não prestara mais atenção em como eram aquele homem e aquela mulher? Por que não sentira a menor conexão com eles? Parecia que Luce tinha vivido por toda uma vida e só agora descoberto que era adotada. Quantas vezes havia sido entregue a diferentes pais? — Essa é... Isso é...

— Muito confuso — completou Shelby. — Eu sei. Pelo lado positivo, você provavelmente poderá salvar uma nota em terapia se puder enxergar suas outras famílias e descobrir os problemas que você teve com centenas de mães antes desta.

Luce escondeu o rosto com as mãos.

— Isto é, se precisar de terapia de família. — Shelby suspirou. — Desculpe, quem está falando sobre si mesma de novo? — Ela levantou a mão direita e, em seguida, lentamente baixou-a. — Você sabe, Shasta não é tão longe daqui.

— O que é Shasta?

— A cidade de Mount Shasta. Fica a apenas algumas horas naquela direção. — Shelby apontou o polegar na direção ao norte.

— Mas os Anunciadores só mostram o passado. Qual seria o sentido em ir lá agora? Eles provavelmente...

Shelby balançou a cabeça.

— "Passado" é um termo amplo. Anunciadores mostram desde passado distante até eventos que aconteceram segundos atrás, e todo o

resto entre uma coisa e outra. Eu vi um laptop sobre a mesa no canto, então há uma boa chance... você sabe...

— Mas nós não sabemos onde eles vivem.

— Talvez você não, mas eu dei zoom em uma das correspondências e guardei o endereço. Decorei. Shasta Shire Circle 1291, apartamento 34. — Shelby deu de ombros. — Para que, se você quisesse visitá-los, pudéssemos simplesmente dirigir até lá e voltar em um dia.

— Certo. — Luce bufou. Ela queria desesperadamente ir visitá-los, mas simplesmente não parecia possível. — Com que carro?

Shelby fez uma imitação de risada maligna.

— Havia apenas uma coisa que não era idiota no meu ex-namorado idiota. — Ela procurou no bolso do moletom, puxando um longo chaveiro. — E isso era o seu doce Mercedes, parado aqui no estacionamento do colégio. Para sua sorte, esqueci de devolver chave extra.

⁂

Elas caíram na estrada antes que alguém pudesse impedi-las.

Luce achou um mapa no porta-luvas e traçou o percurso até Shasta com o dedo. Ela deu as direções a Shelby, que dirigiu como se estivesse fugindo do inferno, mas o Mercedes marrom quase parecia gostar daquilo.

Luce se perguntou como Shelby estava tão calma. Se Luce tivesse acabado de terminar com Daniel e "pegado emprestado" seu carro por uma tarde, seria incapaz de não ficar se lembrando de viagens que haviam feito, ou discussões que começaram no caminho do cinema, ou do que tinham feito uma vez no banco de trás com todas as janelas abertas. Certamente Shelby estava pensando em seu ex. Luce queria perguntar, mas a colega de quarto tinha deixado evidente que aquele assunto estava fora de cogitação.

— Você vai mudar seu cabelo? — Luce finalmente perguntou, lembrando-se do que Shelby havia dito sobre superar fins de namoro. — Eu posso ajudar, se quiser.

Shelby fez uma careta.

— Aquele babaca nem vale a pena. — Depois de uma longa pausa, ela acrescentou: — Mas obrigada.

A viagem consumiu o resto da tarde e Shelby passou o tempo tentando se animar, brigando com o rádio, passando por todos os canais atrás dos mais doidos que pudesse encontrar. O ar ficou mais frio, as árvores menos frondosas e a paisagem se elevava de forma constante o tempo todo. Luce focou em manter a calma, imaginando uma centena de situações a respeito daquele encontro com esses pais. Tentou evitar pensar no que Daniel diria se soubesse aonde ela estava indo.

— Ali está. — Shelby apontou quando uma enorme montanha com neve se tornou visível bem em frente da estrada. — A cidade fica naqueles montes. Devemos chegar logo após o pôr do sol.

Luce não sabia como agradecer Shelby por levá-la até lá de repente só por um capricho. Fosse lá o que fosse que tivesse causado a mudança de atitude de Shelby, Luce ficara grata; ela não teria sido capaz de fazer aquilo sozinha.

A cidade de Shasta era excêntrica e artística, com muitos idosos andando calmamente pelas avenidas largas. Shelby baixou as janelas e deixou o ar fresco do início da noite entrar. Ajudava a acalmar o estômago de Luce, que estava revirado com a perspectiva de realmente ter que falar com as pessoas que havia visto no Anunciador.

— O que devo dizer a eles? Surpresa! Sou sua filha que voltou dos mortos. — Luce praticamente gritou enquanto estavam paradas num semáforo.

— A menos que queira apavorar totalmente um doce casal de velhinhos, vamos ter que pensar melhor nisso — disse Shelby. — Por que você não finge que é vendedora, só para sentir qual é a deles?

Luce olhou para sua calça jeans, os tênis detonados, e a mochila roxa. Ela não se parecia com uma vendedora muito convincente.

— O que eu vou vender?

Shelby começou a dirigir novamente.

— Lavagens de carro ou algo parecido. Pode dizer que tem cupons na sua mochila. Eu fiz isso em um verão, de porta em porta. Quase levei um tiro. — Ela estremeceu, depois olhou para o rosto pálido de Luce. — Vamos, seus próprios pais não vão atirar em você. Ah, olha, aqui estamos!

— Shelby, podemos apenas sentar em silêncio por um instante? Acho que preciso respirar.

— Desculpe. — Shelby parou num amplo estacionamento de frente para um grupo de pequenos edifícios de um andar interligados. — Respirar é uma coisa que sei fazer.

Em meio ao nervosismo, Luce teve de admitir que era um lugar muito agradável. Uma série de prédios em semicírculo ao redor de um lago. Havia um edifício principal com uma fileira de cadeiras de rodas alinhadas do lado de fora das portas. Uma grande faixa dizia BEM-VINDO À COMUNIDADE DE APOSENTADOS SHASTA SHIRE.

Sua garganta estava tão seca que era difícil engolir. Ela não sabia se conseguiria dizer sequer duas palavras àquelas pessoas. Talvez fosse uma daquelas coisas em que você simplesmente não podia pensar muito. Talvez precisasse ir até lá, obrigar-se a bater na porta e, aí sim, descobrir como agir.

— Apartamento trinta e quatro. — Shelby apertou os olhos para um edifício quadrado de estuque coberto por telhas vermelhas. — Parece aquele lá. Se você quiser que eu...

— Espere no carro até que eu volte? Isso seria ótimo, muito obrigada. Não vou demorar muito!

Antes que Luce perdesse a calma, saiu do carro e correu até a calçada sinuosa em direção ao prédio. O ar estava quente e cheio de um perfume inebriante de rosas. Idosos bonitinhos estavam por toda parte. Divididos em equipes na quadra perto da entrada, fazendo um passeio noturno pelo meio de um jardim de flores cuidadosamente podadas ao lado da piscina. Sob a luz do entardecer, os olhos de Luce se esforçaram enquanto tentava localizar o casal em algum lugar na multidão, mas ninguém parecia familiar. Ela teria que ir direto para a casa.

Da trilha que conduzia ao bangalô, Luce via uma luz vinda da janela. Ela chegou mais perto até ter uma visão mais clara.

Era incrível: o mesmo quarto que ela vira mais cedo no Anunciador. Até mesmo o gordo cão branco dormindo no tapete. Ela podia ouvir os pratos sendo lavados na cozinha. Podia ver os tornozelos finos protegidos por meias marrons do homem que tinha sido seu pai há sabe-se lá quantos anos.

Ele não parecia ser seu pai. Ele não se parecia com seu pai, e a mulher não se parecia em nada com a mãe. Não que houvesse algo de errado com eles. Pareciam perfeitamente legais. Tipo... estranhos perfeitamente legais. Se ela batesse na porta e inventasse alguma mentira sobre lavagens de carro, eles se tornariam menos estranhos?

Não, ela concluiu. Mas essa não era a questão. Mesmo que *ela* não reconheça os pais, se esses dois realmente fossem seus pais, certamente iriam *reconhecê-la*.

Sentia-se estúpida por não ter pensado naquilo antes. Eles dariam uma olhada nela e saberiam que era sua filha. Os pais eram muito mais velhos do que a maioria dos outros velhinhos que havia visto lá fora. O choque podia ser demais para eles — foi demais para Luce, e este casal tinha cerca de 70 anos a mais do que ela.

A essa altura ela já estava colada à janela da sala, agachada atrás de um espinhoso arbusto de cactos. Os dedos estavam sujos por segurar o parapeito. Se a filha deles morrera aos 17 anos, o casal devia estar de luto por ela há cerca de 50 anos. Estariam em paz com isso agora. Certo? Luce aparecendo sem ser convidada por detrás de um cacto era a última coisa de que precisavam.

Shelby ficaria desapontada. A própria Luce estava decepcionada. Doía perceber que não conseguiria chegar mais perto deles do que aquilo. Pendurada no peitoril da janela do lado de fora da casa dos antigos pais, ela sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto. Nem sequer sabia seus nomes.

OITO



ONZE DIAS

Para: thegaprices@aol.com
De: lucindap44@gmail.com
Enviada: Segunda-feira, 15/11 às 09:49
Assunto: Levando

Queridos mamãe e papai,

Desculpe por não ter dado notícias. Tenho estado ocupada na escola, mas estou tendo um monte de boas experiências. Minha matéria favorita ultimamente é Humanas. Agora estou fazendo um trabalho para pontos extras que toma muito do meu tempo. Sinto falta de vocês e espero vê-los em breve. Obrigada por serem pais tão bons. Acho que não lhes digo isso o suficiente.

Com amor,
Luce

Luce clicou Enviar em seu laptop e rapidamente saiu do navegador de volta para a apresentação on-line que Francesca dava na frente da sala. Luce ainda precisava se acostumar a estar numa escola onde os

alunos ganhavam computadores, com internet sem fio, bem no meio da aula. A Sword & Cross tinha um total de sete computadores para alunos, todos na biblioteca. Mesmo se você conseguisse pôr as mãos na senha criptografada para acessar a internet, todos os sites eram bloqueados, exceto alguns poucos para pesquisas acadêmicas.

O e-mail para seus pais fora um produto da culpa. Na noite anterior, Luce teve a estranha sensação de que ter dirigido até a comunidade de aposentados em Mount Shasta significava trair seus pais *verdadeiros*, aqueles por quem fora criada nesta vida. Tudo bem que, em algum momento, esses outros pais haviam sido reais, também. Mas isso ainda era um pensamento muito estranho para Luce compreender de verdade.

Shelby não demonstrara nem um décimo da chateação que poderia ter tido por ter levado Luce até lá para nada. Em vez disso, ela apenas acelerou o Mercedes e dirigiu até o In-N-Out Burger mais próximo, para que pudessem comer dois queijos quentes com molho especial, algo fora do cardápio.

— Não fique pensando nisso — disse Shelby, limpando a boca com um guardanapo. — Sabe quantas crises de pânico tive por causa da minha família disfuncional? Acredite, sou a última pessoa que vai julgá-la por isso.

Agora Luce olhava para Shelby, na sala de aula sentindo uma intensa gratidão pela menina que, uma semana antes, a aterrorizara. O cabelo loiro grosso de Shelby estava puxado para trás por uma faixa felpuda e ela tomava notas da palestra de Francesca sem parar.

Todas as telas no raio de visão de Luce estavam fixadas na apresentação de PowerPoint em letras azuis e douradas pela qual Francesca passava lentamente. Até mesmo a de Dawn. Ela parecia especialmente estilosa hoje, num vestido chemise rosa-escuro e um rabo de cavalo de lado. Seria possível que ela já tivesse se recuperado do que acontecera no barco? Ou estava encobrindo o terror que deve ter sentido — e que talvez ainda sentisse?

Olhando para o monitor de Roland, Luce enrugou o rosto. Não a surpreendia que ele tivesse estado quase invisível desde que chegara à

Shoreline, mas quando aparecia na sala de aula, a deixava realmente chateada ver seu ex-colega de reformatório seguindo as regras.

Pelo menos Roland não parecia especialmente interessado na palestra sobre "Oportunidades de Carreira para Nefilim: Como suas habilidades especiais podem lhe dar asas". Na verdade, a expressão no rosto de Roland era mais desapontado do que qualquer outra coisa. A boca estava franzida em uma careta e ele ficava balançando a cabeça levemente. Também era estranho o fato de que, cada vez que Francesca fazia contato visual com os alunos, ignorava Roland perceptivelmente.

Luce abriu o bate-papo da sala de aula para ver se Roland estava conectado. Deveria ser uma ferramenta para a classe fazer perguntas uns aos outros, mas as dúvidas que Luce tinha para Roland não eram para serem discutidas em classe. Ele sabia de alguma coisa, algo mais do que mostrara no outro dia — certamente tinha a ver com Daniel. Ela também queria perguntar-lhe onde ele estivera no sábado, e se tinha ouvido falar sobre o incidente de Dawn no mar.

Mas Roland não estava on-line. A única outra pessoa na classe que estava conectada ao chat era Miles. Uma caixa de texto com seu nome apareceu na tela:

Olaaaaá!

Ele estava sentado ao lado dela. Luce podia até ouvi-lo rindo. Era fofo saber que ele se divertia com suas próprias piadas bobas. Isso era exatamente o tipo de brincadeira simples e provocadora que ela adoraria ter com Daniel. Se ele não fosse tão retraído o tempo todo. Se ele realmente estivesse por perto.

Mas não estava.

Luce escreveu de volta:

Como está o tempo na sua parte da sala?

Ficando mais ensolarado agora, digitou ele, ainda sorrindo. *Ei, onde você estava na noite passada? Eu passei pelo seu quarto para ver se queria jantar.*

Ela levantou os olhos do computador, prestando atenção em Miles. Seus profundos olhos azuis eram tão sinceros que ela teve vontade de

contar tudo que acontecera. Ele tinha sido tão legal no outro dia, ouvindo-a falar sobre sua experiência na Sword & Cross, mas não dava para responder a pergunta dele por chat. Por mais que quisesse contar a ele, não sabia se deveria tocar no assunto. Até mesmo deixar Shelby por dentro de seu projeto secreto havia sido praticamente implorar por problemas com Steven e Francesca.

A expressão de Miles mudou de seu sorriso casual para uma careta estranha. Luce se sentiu terrível, e também ficou um pouco surpresa por provocar esse tipo de reação nele.

Francesca desligou o projetor. Quando cruzou os braços sobre o peito, as mangas de seda cor-de-rosa da blusa camponesa ficaram aparentes sob a jaqueta de couro. Pela primeira vez, Luce percebeu como Steven estava distante. Ele estava sentado no parapeito da janela no canto esquerdo da sala e mal dissera uma palavra na sala de aula o dia todo.

— Vamos ver se prestaram bastante atenção — disse Francesca para os alunos com um grande sorriso. — Por que não se dividem em pares e se revezam em entrevistas de mentira?

Ao som de todos os outros alunos levantando das cadeiras, Luce gemeu internamente. Ela não ouvira quase nada da palestra de Francesca e não tinha ideia do que deveria fazer para a tarefa.

Além disso, sabia que estava no programa Nefilim apenas temporariamente, mas será que os professores não poderiam lembrar de vez em quando que ela não era como o resto dos alunos na classe?

Miles tocou na tela de seu computador, indicando que havia mandado uma mensagem a ela: *Quer fazer dupla comigo?* Bem na hora, Shelby apareceu.

— Acho que devemos escolher CIA ou os Médicos Sem Fronteiras — disse Shelby. Ela fez sinal para Miles abrir mão da carteira ao lado da de Luce. Miles ficou onde estava. — De maneira nenhuma eu vou me candidatar para um emprego fictício tosco de assistente de dentista.

Luce trocou olhares com Shelby e Miles. Ambos pareciam se sentir territorialistas em relação a ela, algo que Luce não havia percebido até

então. Na verdade, ela queria ser parceira de Miles, pois não o via desde sábado. Estava meio que com saudades dele. De uma maneira carinhosa. Como em um vamos-botar-a-conversa-em-dia-durante-uma-xícara-de-café, mais do que um vamos-passear-na-praia-durante-o-pôr-do-sol-e-sorria-para-mim-com-esses-incríveis-olhos-azuis.
Porque ela estava com Daniel, e não pensava em outros caras. Ela definitivamente não começava a corar no meio da aula quando se lembrava de que não pensava em outros caras.

— Está tudo bem por aqui? — Steven apoiou a mão bronzeada sobre a mesa de Luce e assentiu, com os olhos castanhos esbugalhados, querendo dizer que ela podia contar se não estivesse.

Mas Luce ainda ficava nervosa perto dele, depois do que dissera para ela e Dawn no bote salva-vidas naquela ocasião. Tão nervosa que até mesmo evitara tocar no assunto novamente com Dawn.

— Está tudo ótimo — respondeu Shelby. Ela pegou Luce pelo cotovelo e empurrou-a para a varanda, onde alguns dos outros estudantes já estavam em dupla, fazendo suas entrevistas de mentira. — Luce e eu estávamos falando sobre currículos.

Francesca apareceu atrás de Steven.

— Miles — disse suavemente —, Jasmine ainda precisa de um parceiro, se quiser puxar uma mesa para o lado dela.

A algumas mesas de distância, Jasmine disse:

— Dawn e eu não conseguimos concordar sobre quem devia ser a estrela indie e quem devia ser — a voz dela caiu uma oitava —, diretora de elenco. Então, ela me trocou por Roland.

Miles parecia desapontado.

— Diretor de elenco — resmungou ele. — Finalmente encontrei a minha vocação. — Ele encaminhou-se em direção à sua parceira, e Luce o observou.

Com a situação resolvida, Francesca conduziu Steven para a frente da sala. Mas, mesmo enquanto ele andava ao lado de Francesca, Luce podia sentir que o professor a observava.

Discretamente, ela olhou para o seu telefone. Callie ainda não tinha respondido a mensagem. Isso não era típico dela, e Luce se

sentiu culpada. Talvez fosse melhor para ambas se Luce simplesmente mantivesse distância. Era só por pouco tempo.

Ela seguiu Shelby para fora até um banco de madeira construído na curva da varanda. O sol brilhava no céu claro, mas a única parte do lugar que não estava ainda tomada por estudantes era sob a fria sombra de uma alta sequoia. Luce jogou uma camada de agulhas verdes para fora do banco e fechou mais o suéter pesado.

— Você foi muito legal sobre tudo na noite passada — disse ela em voz baixa. — Eu estava... pirando.

— Eu sei — riu Shelby. — Você estava toda... — Ela fez uma careta de zumbi tremendo.

— Dá um tempo. Foi difícil. Minha única chance de descobrir alguma coisa sobre meu passado, e travei totalmente.

— Vocês sulistas e sua culpa. — Shelby deu de ombros. — Você tem que relaxar um pouco. Tenho certeza de que existem muito mais pais de onde esses dois velhotes vieram. Talvez até mesmo alguns que não estejam tão perto da morte. — Antes do rosto de Luce desabar, Shelby acrescentou: — Tudo que estou dizendo é que, se você tiver vontade de procurar mais alguém da família, apenas me diga. Estou começando a me acostumar com você, Luce, é meio estranho.

— Shelby — sussurrou Luce, de repente, com os dentes cerrados. — Não se mexa. — Além do pavimento, o maior e mais ameaçador Anunciador que Luce já vira ondulava na sombra de uma enorme sequoia.

Seguindo lentamente, o olhar de Luce, Shelby olhou para o chão. O Anunciador estava usando a sombra da árvore como camuflagem. Ficava se contorcendo.

— Parece doente ou arisco, ou sei lá — Shelby se interrompeu, o lábio tremendo. — Há algo errado com ele, certo?

O olhar de Luce estava além de Shelby, na escada em caracol que descia até o chão. Abaixo dela havia um bando de suportes de madeira sem pintura que sustentavam a varanda. Se Luce conseguisse se apossar da sombra, Shelby poderia se juntar a ela sob a plataforma antes que alguém percebesse qualquer coisa. Ela poderia ajudar Luce a

vislumbrar sua mensagem e conseguiriam subir a tempo de voltar para a aula.

— Você não está realmente considerando o que acho que você está considerando — disse Shelby. — Certo?

— Fique de olho aqui por um minuto — disse Luce. — Esteja pronta quando eu chamar.

Luce desceu alguns degraus, de modo que só sua cabeça era visível ao nível do pavimento, onde o resto dos alunos estava ocupado com suas entrevistas. Shelby estava de costas para Luce. Ela daria um sinal se alguém notasse que Luce saíra de lá.

Luce podia ouvir Dawn no canto, improvisando com Roland.

— Você sabe, eu *fiquei* surpresa quando fui indicada para o Globo de Ouro...

Luce olhou novamente para a escuridão que se contorcia ao longo da grama. Ocorreu-lhe a dúvida se os outros alunos a viram. Mas ela não podia se preocupar com isso. Estava perdendo tempo.

O Anunciador estava a bons dez metros de distância, mas, dali, perto da plataforma, Luce se protegia dos olhares dos outros alunos. Seria óbvio demais se caminhasse até ele. Precisaria tentar persuadi-lo — sem usar as mãos — a sair do chão e ir até ela. E não tinha ideia de como fazer isso.

Foi quando ela percebeu alguém encostado no outro lado da árvore de pau-brasil, alguém que também estava escondido da visão dos alunos na varanda.

Cam fumava um cigarro, cantarolando para si mesmo como se estivesse totalmente despreocupado. Só que estava totalmente coberto de sangue e sujeira. Seu cabelo emaranhado sobre a testa, os braços, arranhados e machucados. A camiseta estava molhada e manchada de suor, e os jeans pareciam manchados também. Ele parecia sujo e nojento, como se tivesse acabado de sair de uma batalha. Exceto que não havia ninguém por perto, nenhum corpo, nada. Apenas Cam.

Ele piscou para ela.

— O que está fazendo aqui? — sussurrou ela. — O que aconteceu? — Ela afastou a cabeça do fedor horrível que saía de suas roupas

ensanguentadas.

— Ah, só salvei sua vida... Mais uma vez. Quantas vezes já foram agora? — Ele bateu a cinza do cigarro. — Hoje foi a turma da Srta. Sophia, e não posso dizer que não gostei. Monstros do inferno. Estão atrás de você também, você sabe. A notícia de que está aqui se espalhou. E que gosta de passear desacompanhada na floresta escura — comentou.

— Você matou alguém agora? — Ela ficou horrorizada, olhando para cima para ver se Shelby, ou outro aluno, podia vê-los. *Não.*

— Algum outro aluno, sim, agorinha, com minhas próprias mãos. — Cam mostrou as palmas das mãos, cobertas de algo vermelho e viscoso que Luce realmente não queria saber o que era. — Eu concordo que bosques são adoráveis, Luce, mas também estão cheios de coisas que querem você morta. Então me faça um favor...

— Não. Você não tem direito de me pedir favores. Tudo sobre você me enoja.

— Tudo bem. — Ele revirou os olhos. — Então faça isso por Grigori. *Fique no campus.* — Ele atirou o cigarro na grama, se endireitou e desdobrou as asas. — Eu nem sempre posso estar aqui para cuidar de você. E Deus sabe que Grigori também não pode.

As asas de Cam eram altas e estreitas e se erguiam firmemente para trás, elegantes e douradas, salpicadas de listras pretas. Luce desejou que lhe causassem repulsa, mas não. Como as de Steven, as assas de Cam eram irregulares, ásperas — elas também pareciam ter sobrevivido a uma vida de lutas. As listras pretas davam às asas um ar sombrio e sensual. Havia algo de magnético nelas.

Mas não. Ela *odiava* tudo sobre Cam. Odiaria para sempre.

Cam bateu as asas uma vez, levantando os pés do chão. O bater das asas produziu um som tremendamente alto, criando um redemoinho de vento que levantou as folhas do chão.

— Obrigada — disse Luce secamente, antes que o perdesse de vista. Então ele foi embora, rumo às sombras do bosque.

Cam estava protegendo-a agora? Onde estava Daniel? Shoreline não deveria ser segura?

Com a saída de Cam, o Anunciador — a razão pela qual Luce havia se esgueirado até ali em primeiro lugar — espiralou de sua sombra, como um pequeno ciclone preto.

Mais perto. Um pouquinho, mais perto.

Finalmente, a sombra flutuou no ar bem acima da cabeça de Luce.

— Shelby — sussurrou Luce. — Desça aqui.

Shelby olhou para Luce. E para o Anunciador em forma de ciclone oscilando sobre ela.

— Por que demorou tanto? — perguntou Shelby, descendo as escadas a tempo de ver o gigantesco Anunciador cair.

Direto para os braços de Luce.

Luce gritou, mas, felizmente, Shelby cobriu sua boca com a mão.

— Obrigada — disse Luce, as palavras abafadas contra os dedos de Shelby.

As meninas ainda estavam amontoadas três degraus abaixo do deque, à vista de qualquer um que passasse para o lado sombreado. Luce não podia se erguer sob o peso da sombra. Era a mais pesada que já tocara, e a mais fria. Não era preta como a maioria das outras, tinha um doentio tom de cinza-esverdeado. Parte dela ainda estava contraindo-se, iluminando-se como relâmpagos distantes.

— Não tenho um bom pressentimento sobre isso — disse Shelby.

— Vamos lá — sussurrou Luce. — Convoquei-a. Agora é sua vez de fazer o vislumbre.

— Minha vez? Quem falou que seria minha "vez"? Você me arrastou até aqui! — Shelby agitou as mãos como se a última coisa na vida que quisesse fazer fosse tocar o monstro nos braços de Luce. — Eu sei que disse que iria ajudá-la a encontrar seus parentes, mas qualquer tipo de parente que você possa ter nisso aí... Não acho que nenhuma de nós vai querer conhecer.

— Shelby, por favor — implorou Luce, gemendo sob o peso, o frio e a sordidez da sombra. — Eu não sou Nefilim. Se você não me ajudar, não consigo fazer isso.

— O que exatamente está tentando fazer? — Uma voz surgiu por trás delas, do topo das escadas. Steven estava com as mãos no

corrimão e olhava para as meninas. Ele parecia maior do que na sala de aula, elevando-se acima delas, como se tivesse dobrado de tamanho. Seus profundos olhos castanhos pareciam tempestuosos; Luce podia sentir o calor saindo deles e ficou com medo. Até mesmo o Anunciador em seus braços tremeu, encolhendo-se.

As duas levaram um susto tão grande que gritaram.

Surpreendida pelo som, a sombra fugiu dos braços de Luce, movendo-se tão rápido que não havia nenhuma chance de pará-la. Não deixou nada para trás a não ser o rastro frio e seu odor fétido.

Ao longe, um sino tocou. Luce podia sentir que os outros alunos seguiam em grupos na direção do refeitório para almoçar. Na saída, Miles levantou a cabeça sobre o parapeito e olhou para Luce, mas quando conferiu a terrível expressão de Steven, arregalou os olhos e continuou andando.

— Luce — disse Steven, mais educadamente do que ela esperava. — Você se importaria de falar comigo depois da aula?

Quando ele ergueu as mãos do corrimão, a madeira debaixo delas estava queimada de preto.

Steven abriu a porta antes mesmo de Luce bater. Sua camisa cinza estava um pouco amassada e a gravata preta estava solta no pescoço. Mas ele tinha recuperado a aparência de serenidade, o que Luce estava começando a perceber que era muito complicado para um demônio. Ele limpou os óculos em um lenço monogramado e se afastou.

— Por favor, entre.

O escritório não era grande, apenas largo o suficiente para uma grande mesa preta, e alta o bastante para três compridas estantes também pretas, cada uma repleta de centenas de livros desgastados. Mas era confortável e acolhedora — não como Luce tinha imaginado que o escritório de um demônio seria. Havia um tapete persa no centro da sala, uma ampla janela com vista para o leste, para as

sequoias. Agora, ao anoitecer, a floresta tinha uma cor etérea, quase lilás.

Steven se sentou em uma das cadeiras marrons e indicou a outra para Luce. Ela examinou as peças de arte emolduradas, dispostas em cada centímetro vazio de parede. A maioria delas eram desenhos, em diferentes graus de detalhe. Luce reconheceu alguns esboços do próprio Steven e várias representações lisonjeiras de Francesca.

Luce respirou fundo, imaginando como começar.

— Desculpe por ter convocado aquele Anunciador hoje, eu...

— Você contou para alguém sobre o que aconteceu com Dawn no mar?

— Não. Você disse para não contar.

— Não contou a Shelby? Miles?

— Não contei pra ninguém.

Ele considerou a resposta por um momento.

— Por que você chamou os Anunciadores de sombras no outro dia, quando estávamos conversando no barco?

— Apenas escapou. Quando eu estava crescendo, eles sempre fizeram parte das sombras. Eles se destacavam e vinham até mim. Então é assim que eu os chamava, antes de saber o que eram. — Luce encolheu os ombros. — É meio bobo, na verdade.

— Não é bobo. — Steven se levantou e foi até a estante mais distante. Tirou um livro grosso com uma capa vermelha e empoeirada e o levou de volta para a mesa. *A República*, de Platão. Steven abriu na página exata pela qual estava procurando, virando o livro na direção de Luce.

Era uma ilustração de um grupo de homens dentro de uma caverna, acorrentados um ao lado do outro, de frente para uma parede. Um fogo ardia atrás deles. Estavam apontando para as sombras na parede, eram de um segundo grupo de homens que caminhava atrás deles. Abaixo da imagem, uma legenda dizia “O mito da caverna”.

— O que é isso? — perguntou Luce. Seu conhecimento de Platão se resumia ao fato de que ele era colega de Sócrates.

— A prova do por que seu nome para os Anunciadores é na realidade muito inteligente. — Steven apontou para a ilustração. — Imagine que esses homens passem a vida vendo *apenas* as sombras nesse muro. Eles passam a entender o mundo e o que acontece nele a partir dessas sombras, sem nunca ver o que as projeta. Eles nem sequer entendem que o que estão vendo *são* sombras.

Ela olhou um pouco além do dedo de Steven para o segundo grupo de homens.

— Então eles nunca podem se virar e ver as pessoas e coisas que projetam as sombras?

— Exatamente. E por não poderem ver o que realmente está lançando as sombras, acham que aquilo que *podem* ver, essas sombras na parede, é a realidade. Eles não fazem ideia de que as sombras são meras representações e distorções de algo muito mais verdadeiro e real. — Ele deu uma pausa. — Entende por que estou lhe dizendo isso?

Luce balançou a cabeça.

— Quer que eu pare de mexer com os Anunciadores?

Steven fechou o livro com força, então atravessou para o outro lado da sala. Ela achou que o tinha decepcionado de alguma forma.

— Eu não acredito que você vá parar... de mexer com os Anunciadores, mesmo se eu pedir. Mas quero que entenda com o que está lidando da próxima vez que convocar um. Os Anunciadores são sombras do passado. Elas podem ser úteis, mas também contêm distorções muito perturbadoras, às vezes perigosas. Há muito para aprender. É necessária uma técnica limpa e segura de convocação, e então, naturalmente, uma vez que tenha aperfeiçoado seu talento, o ruído do Anunciador pode ser ignorado, e sua mensagem ser ouvida claramente através dele.

— Você quer dizer aquele ruído de vento? Existe uma maneira de ouvir *através* disso?

— Não se preocupe com isso. Ainda não. — Steven virou e afundou as mãos nos bolsos. — O que você e Shelby estavam procurando hoje?

Luce se sentiu envergonhada e nervosa. Esta reunião não estava indo nada como ela esperava. Tinha pensado que talvez fosse receber uma suspensão, e ser obrigada a coletar algum lixo.

— Nós estávamos tentando descobrir mais sobre a minha família — conseguiu dizer finalmente. Felizmente, Steven parecia não ter ideia de que ela havia visto Cam antes. — Ou minhas famílias, acho que é mais adequado.

— E só?

— Estou em apuros?

— Você não estava fazendo mais nada?

— O que mais eu poderia estar fazendo?

Passou por sua mente que Steven talvez pensasse que ela estava tentando falar com Daniel, tentando enviar-lhe uma mensagem ou algo assim. Como se ela soubesse como fazer isso.

— Invoque um agora — disse Steven, abrindo a janela. Passava do crepúsculo e o estômago de Luce dizia a ela que a maioria dos outros alunos já estaria sentada para jantar.

— Eu... eu não sei se consigo.

O olhar de Steven parecia mais terno do que antes, quase animado.

— Quando convocamos Anunciadores, estamos fazendo uma espécie de desejo. Não um desejo por algo material, mas um desejo de compreender melhor o mundo, o nosso papel nele e o que vai ser de nós.

Imediatamente, Luce pensou em Daniel, no que ela mais queria para relacionamento dos dois. Ela não sentia que tinha um grande papel no que aconteceria com eles, e queria ter um. Foi por isso que Luce tinha sido capaz de convocar os Anunciadores antes mesmo de saber como?

Nervosa, Luce se ajeitou na cadeira. Fechou os olhos. Imaginou uma sombra separando-se da longa escuridão que se estendia dos troncos das árvores lá fora, imaginava-a girando e se erguendo, preenchendo o espaço da janela aberta. E depois flutuando para perto dela.

Ela sentiu primeiro o cheiro fraco de bolor, quase como azeitonas pretas, e em seguida abriu os olhos, com uma brisa fria tocando sua bochecha. A temperatura na sala tinha caído alguns graus. Steven esfregou as mãos no escritório subitamente úmido e cheio de correntes de ar.

— Sim, isso mesmo — murmurou.

O Anunciador estava flutuando no ar do seu gabinete, fino e transparente, não maior do que uma echarpe. Deslizou diretamente para Luce, então envolveu um tentáculo enfumaçado em um peso de papel de vidro sobre a mesa. Luce ofegou. Steven estava sorrindo quando andou em direção a ela, orientando a sombra na vertical até que se tornasse uma tela preta vazia.

Em seguida, a sombra estava nas mãos dela, e Luce começou a puxar. O cuidadoso movimento parecia o de esticar uma massa de torta sem quebrá-la, algo que Luce havia visto sua mãe fazer pelo menos uma centena de vezes. A escuridão rodopiou em tons de cinza suave e, depois, uma imagem mínima em preto e branco surgiu.

Um quarto escuro com uma cama de solteiro. Luce — uma antiga Luce, claramente —, estava deitada de lado, olhando pela janela aberta. Ela devia estar com 16 anos de idade. A porta atrás da cama se abriu e um rosto, iluminado pela luz do corredor, apareceu. A mãe.

Era a mãe que Luce tinha ido ver com Shelby! Porém mais jovem, muito mais, talvez uns 50 anos, pelo menos, os óculos na ponta do nariz. Ela sorriu, como se tivesse ficado feliz por encontrar a filha dormindo, e depois fechou a porta.

Um momento depois, duas mãos agarraram a parte de baixo do caixilho da janela. Os olhos de Luce arregalaram-se quando a antiga Luce sentou na cama. Fora da janela, os dedos se esticaram, depois um par de mãos tornara-se visível. Em seguida, dois braços fortes, brilhando azulados sob a luz da lua. Então o rosto de Daniel iluminado quando entrou pela janela.

O coração de Luce estava acelerado. Ela queria mergulhar no Anunciador, como quisera ontem com Shelby. Mas então Steven estalou os dedos e a coisa toda subiu, fechando-se como uma persiana

indo para o alto da janela. Em seguida, a sombra se partiu e seus pedaços caíram sobre eles.

A sombra estava em pequenos fragmentos sobre a mesa. Luce tentou pegar um deles, mas ele se desintegrou em suas mãos.

Steven sentou-se atrás da escrivaninha, sondando Luce com os olhos como se para analisar o que o vislumbre havia causado nela. De repente, aquilo pareceu muito particular, o que ela acabara de testemunhar no Anunciador; Luce não sabia se queria que Steven soubesse o quanto aquilo havia mexido com ela. Afinal, ele tecnicamente era do outro time. Nos últimos dias, ela vira mais e mais do demônio dentro do professor. Não apenas o temperamento explosivo, brotando até ele literalmente fumegar, mas também as gloriosas asas pretas e douradas. Steven era atraente e encantador, assim como Cam — e, Luce lembrou a si mesma, assim como Cam, um demônio.

— Por que está me ajudando com isso?

— Porque eu não quero que você se machuque — respondeu Steven num sussurro quase inaudível.

— Aquilo realmente aconteceu?

Steven desviou o olhar.

— É uma representação de algo, e quem sabe o quão distorcida pode ser. É uma sombra de um evento passado, não realidade. Há sempre alguma verdade no Anunciador, mas nunca é uma verdade *simples*. É isso que torna Anunciadores tão problemáticos e perigosos para aqueles sem o treinamento apropriado. — Ele olhou para o relógio. De baixo vinha o som de uma porta se abrindo e fechando. Steven se ergueu quando ouviu uma série de cliques rápidos de salto alto subindo as escadas.

Francesca.

Luce tentou ler o rosto de Steven. Ele entregou-lhe *A República*, que ela guardou na mochila. Pouco antes de o belo rosto de Francesca aparecer na porta, Steven disse a Luce:

— Da próxima vez que você e Shelby optarem por não concluir uma de suas tarefas, vou pedir-lhes para escreverem um trabalho de

cinco páginas com citações. Desta vez, vou deixá-las sair dessa só com uma advertência.

— Entendido. — Luce olhou para Francesca na porta.

Ela sorriu para Luce — apesar de ser impossível dizer se se tratava de um sorriso amigável ou de um sorriso não-pense-que-me-engana. Tremendo um pouco enquanto se levantava e jogava a mochila por cima do ombro, Luce foi até a porta. Olhar para trás, na direção de Steven, e disse:

— Obrigada.

Shelby estava com o fogo aceso na lareira quando Luce voltou para o quarto. A caçarola estava ligada ao lado da luz noturna de Buda e o quarto todo cheirava a tomates.

— Estamos sem macarrão com queijo, mas fiz uma sopa. — Shelby pegou uma tigela bem quente, salpicou um pouco de pimenta preta fresca em cima, e entregou-a para Luce, que havia desmoronado em cima da cama. — Foi terrível?

Luce observou o vapor subindo da tigela e tentou descobrir o que dizer. Esquisito, sim. Confuso. Um pouco assustador. Potencialmente... estimulante.

Mas não havia sido terrível, não.

— Foi tudo bem.

Steven parecia confiar nela, pelo menos na medida em que ia permitir que ela continuasse chamando os Anunciadores. E os outros alunos pareciam confiar nele, até mesmo admirá-lo. Ninguém parecia preocupado com seus motivos ou suas alianças. Mas com Luce ele era tão enigmático, tão difícil de entender.

Luce havia confiado nas pessoas erradas antes. *Uma negligência, na melhor das hipóteses. Na pior, é uma boa maneira de acabar morta.* Isso foi o que a Srta. Sophia havia dito sobre confiança, na noite em que tentou assassinar Luce.

Fora Daniel quem havia aconselhado Luce a confiar em seus instintos. Mas seus próprios sentimentos pareciam os menos confiáveis de todos. Ela questionou se Daniel já sabia sobre a Shoreline quando disse aquilo a ela, se seu conselho fora uma forma de prepará-la para esta longa separação, quando ela teria cada vez menos certeza sobre tudo em sua vida. Sua família. O passado. O futuro.

Ela levantou os olhos da tigela e olhou para Shelby.

— Obrigada pela sopa.

— Não deixe Steven frustrar seus planos. — Shelby bufou. — Sem dúvida devemos continuar a trabalhar nos Anunciadores. Estou de saco cheio desses anjos e demônios e suas ilusões de poder. Uuuh, nós sabemos do que estamos falando porque somos verdadeiros anjos e você é apenas o filho bastardo de algum anjo que não se comportou.

Luce riu, mas pensou que a minilição de Steven sobre Platão e ele lhe ter dado *A República* esta noite era o oposto de uma ilusão de poder. Tudo bem que não havia como contar aquilo a Shelby agora, não quando tinha começado em seu habitual discurso sou-contra-a-Shoreline na cama abaixo da de Luce.

— Quero dizer, sei que você tem o que *quer que seja* com Daniel — continuou Shelby —, mas falando sério, o que um anjo já fez de bom por mim?

Luce deu de ombros, desculpando-se.

— Vou responder: nada. Nada além de engravidar minha mãe e então largar totalmente nós duas antes de eu nascer. Comportamento verdadeiramente celestial. — Shelby bufou. — Pra completar, ao longo de toda a vida minha mãe me disse que eu deveria ser grata. Pelo quê? Por esses poderes sem brilho e a testa enorme que herdei de meu pai? Não, obrigada. — Ela chutou o beliche superior, enfezada. — Eu daria tudo para ser apenas normal.

— Sério? — Luce havia passado a semana inteira sentindo-se inferior aos seus colegas Nefilim. Ela sabia que a grama do vizinho sempre era mais verde, mas não dava para acreditar nisso. Que vantagem Shelby poderia possivelmente ver em *não* ter seus poderes Nefilim?

— Espere — disse Luce —, o ex-namorado idiota. Ele...

Shelby desviou o olhar.

— Estávamos meditando juntos e, sei lá, de alguma forma, durante o mantra, levitei acidentalmente. Não era mesmo grande coisa, eu estava, tipo, a cinco centímetros do chão. Mas Phil não desistia. Ele começou a me chatear sobre o que mais eu sabia fazer, e ficava fazendo todas essas perguntas esquisitas.

— Como o quê?

— Eu não sei — respondeu Shelby. — Algumas coisas sobre você, na verdade. Ele queria saber se você me ensinou a levitar. Se você sabia levitar também.

— Por que eu?

— Provavelmente mais uma de suas fantasias pervertidas sobre companheiras de quarto. Enfim, você devia ter visto a expressão no rosto dele naquele dia. Como se eu fosse algum tipo de aberração de circo. Eu não tinha escolha a não ser terminar tudo.

— Que horrível. — Luce apertou a mão de Shelby. — Mas parece que o problema é dele, não seu. Sei que o resto do pessoal na Shoreline olha para os Nefilim de um jeito engraçado, mas eu estive em um monte de escolas, e estou começando a pensar que é só como a cara da maioria das pessoas é. Além disso, ninguém é "normal". Phil devia ter algo de estranho nele.

— Na verdade, havia algo em seus olhos. Eles eram azuis, mas pálidos, quase desbotados. Ele precisava usar umas lentes de contato especiais para que as pessoas não ficassem encarando. — Shelby jogou a cabeça de lado. — Além disso, sabe de uma coisa?, aquele terceiro mamilo... — Ela começou a rir; estava com o rosto vermelho quando Luce foi contagiada e estavam praticamente às lágrimas quando um leve toque na vidraça fez as duas se calarem.

— É *bom* não ser ele. — A voz de Shelby instantaneamente ficou séria quando pulou da cama e abriu a janela, derrubando na pressa um vaso de mandioca. — É para você — disse, quase entorpecida.

Luce chegou à janela num piscar de olhos, porque a essa altura já podia *senti-lo*. Apoiando as palmas das mãos no parapeito, inclinou-se

para o ar fresco da noite.

Ela estava cara a cara, boca a boca, com Daniel.

Por um breve momento, Luce pensou que ele estava olhando através dela, para a sala, para Shelby, mas depois ele estava beijando-a, tocando a parte de trás de sua cabeça com as mãos macias, puxando-a para si, tirando-lhe o fôlego. O acúmulo de uma semana de calor fluía através dela, junto com um pedido de desculpas silencioso pelas palavras duras que havia dito na outra noite na praia.

— Oi — sussurrou ele.

— Oi.

Daniel estava usando calça jeans e uma camiseta branca. Ela podia ver o redemoinho no cabelo dele. Suas tremendas asas brancas peroladas batiam suavemente atrás dele, sondando a noite escura, atraindo Luce para perto. Elas pareciam bater no céu quase no mesmo ritmo do coração de Luce. Ela queria tocá-las, enterrar-se nelas como havia feito na outra noite na praia. Era uma coisa impressionante vê-lo flutuando fora de sua janela do terceiro andar.

Ele pegou a mão de Luce e puxou-a sobre o parapeito da janela, para fora e em direção aos seus braços. Mas então ele a colocou no chão em uma borda larga e nivelada com a janela que ela nunca havia notado antes.

Ela sempre sentia vontade de chorar quando estava feliz.

— Você não deveria estar aqui. Mas estou tão feliz que esteja.

— Prove — disse ele, sorrindo enquanto a puxava de volta contra o peito de modo que a cabeça dela ficava sobre o ombro dele. Daniel passou um braço ao redor da cintura dela. Um calor irradiava de suas asas. Quando ela olhou para trás, tudo o que podia ver era branco; o mundo era branco, a textura macia e brilhante com luar. E então as grandes asas de Daniel começaram a bater...

Seu estômago se apertou um pouco, e ela sabia que estava sendo erguida, não, *disparada*, em linha reta na direção do céu. A janela abaixo deles ficou menor e as estrelas no céu brilhavam com mais força. O vento atravessou todo o seu corpo, despenteando o cabelo para a frente do rosto.

Eles subiram mais alto pela noite, até a escola ser apenas uma mancha preta no chão. Até o oceano ser apenas um cobertor de prata sobre a terra. Até perfurarem uma camada de nuvem fina como penas.

Ela não estava com frio nem com medo. Sentia-se livre de tudo o que a atormentava na Terra. Livre de perigo, livre de qualquer dor que já sentira. Livre da gravidade. E tão apaixonada. Os lábios de Daniel traçavam uma linha de beijos até o seu pescoço. Ele apertou os braços em volta da cintura dela e virou-a para que o encarasse. Seus pés estavam em cima dos dele, como quando dançaram sobre o oceano na festa da fogueira. Não ventava mais, o ar em torno deles era silencioso e calmo. Os únicos sons eram as asas de Daniel batendo enquanto eles pairavam no céu, e o das batidas de seu coração.

— Momentos como esse — disse ele —, fazem tudo pelo que tivemos de passar valer a pena.

Então ele a beijou como nunca havia beijado antes. Um intenso e longo beijo que parecia reivindicar seus lábios para sempre. Suas mãos traçaram a linha do corpo dela, levemente no início e depois com mais força, deliciando-se com suas curvas. Ela se derreteu e Daniel correu os dedos ao longo e atrás das coxas de Luce, quadris, ombros. Ele assumiu o controle de cada parte dela.

Ela sentiu os músculos dele sob a camisa de algodão, seus braços firmes e o pescoço, a cavidade na parte debaixo das costas. Ela beijou seu queixo, seus lábios. Aqui, nas nuvens, com os olhos brilhantes de Daniel mais acesos do que qualquer estrela que ela já vira, era a esse lugar que Luce pertencia.

— Não podemos ficar aqui para sempre? — perguntou ela. — Nunca vou me cansar disso. De você.

— Espero que não. — Daniel sorriu, mas cedo, cedo demais, suas asas mudaram, se estendendo. Luce sabia o que estava por vir. Uma lenta descida.

Ela beijou Daniel pela última vez e colocou os braços ao redor de seu pescoço, preparando-se para o voo, mas, em seguida, Luce não conseguiu se segurar.

E caiu.

Pareceu acontecer em câmera lenta. Ela tombando para trás, balançando os braços freneticamente, e depois a rajada de frio e de vento enquanto afundava e seu fôlego a abandonava. A última coisa que vi foram os olhos de Daniel, e o choque em seu rosto.

Mas então tudo acelerou, ela estava caindo tão rapidamente que não conseguia respirar. O mundo era um redemoinho vazio e escuro. Ela se sentia enjoada e com medo, os olhos queimando com o vento, sua visão escurecendo. Ela ia desmaiar.

E estaria tudo acabado.

Ela nunca saberia quem realmente era, nunca saberia se tudo tinha valido a pena. Nunca saberia se era digna do amor de Daniel, e ele do dela. Estava tudo acabado, era isso.

O vento estava furioso em seus ouvidos. Ela fechou os olhos e esperou pelo fim.

E então ele a pegou.

Os braços fortes a abraçavam, braços familiares, e ela foi gentilmente desacelerando, não mais caindo, e sim sendo embalada. Por Daniel. Seus olhos estavam fechados, mas Luce sabia que era ele.

Ela começou a chorar, tão aliviada por Daniel tê-la alcançado, por tê-la salvado. Ela nunca o amara mais que nesse momento, não importa quantas vidas vivera.

— Você está bem? — sussurrou Daniel, com a voz suave, seus lábios bem perto dos dela.

— Sim. — Ela podia sentir as asas dele batendo. — Você me pegou.

— Eu sempre vou lhe pegar quando você cair.

Lentamente, eles retornaram ao mundo que haviam deixado para trás. A Shoreline e o oceano batendo contra os rochedos. Quando se aproximaram do dormitório, ele apertou-a com força, deslizando para o parapeito suavemente e desembarcando com a leveza de uma pluma.

Luce plantou os pés no parapeito e olhou para Daniel. Ela o amava. Era a única coisa de que tinha certeza.

— Pronto — disse ele, parecendo sério. O sorriso endureceu, e o brilho em seus olhos pareceu desvanecer-se. — Isso deve satisfazer o

seu desejo de viajar, pelo menos por um tempo.

— O que quer dizer com desejo de viajar?

— A maneira como você vive saindo do campus? — Sua voz era muito menos terna do que parecera há apenas um momento. — Você precisa parar de fazer isso quando não estou por perto para cuidar de você.

— Ah, por favor, era só uma excursão boba. Todo mundo estava lá. Francesca, Steven... — Ela parou, pensando sobre a maneira como Steven reagira ao que aconteceu com Dawn. Ela não se atreveu a comentar a viagem com Shelby. Ou contar que encontrara Cam sob a varanda.

— Você tem dificultado muito as coisas para mim — disse Daniel.

— Não tem sido fácil pra mim também.

— Eu disse que havia regras. Eu lhe disse para não deixar o campus. Mas você não escutou. Quantas vezes você me desobedeceu?

— *Desobedeci* você? — Ela riu, mas por dentro se sentia tonta e enjoada. — Você é o que, meu namorado ou meu dono?

— Você sabe o que acontece quando sai daqui? O perigo em que se coloca apenas porque está entediada?

— Olha, não tem mais volta — disse ela. — Cam já sabe que estou aqui.

— É óbvio que Cam sabe que você está aqui — disse Daniel, exasperado. — Quantas vezes tenho que dizer que Cam não é a ameaça agora? Ele não vai tentar influenciar você.

— Por que não?

— Porque ele sabe o que é certo. E você também deveria saber o que é certo e não fugir desse jeito. Existem perigos que não pode imaginar.

Ela abriu a boca, mas não sabia o que dizer. Se dissesse a Daniel que havia falado com Cam naquele dia, que o demônio havia matado vários parceiros da Srta. Sophia, iria apenas provar o que ele estava falando. A raiva inflamou-se em Luce, raiva de Daniel, de suas regras misteriosas, por tratá-la como uma criança. Ela teria dado qualquer coisa para ficar com ele, mas seus olhos endureceram num cinza

inexpressivo e o tempo que passaram no céu parecia um sonho distante.

— Você sabe o inferno que enfrento para mantê-la segura?

— Como posso entender quando você não me diz nada?

Os belos traços de Daniel se distorceram numa expressão assustadora.

— Isso é culpa dela? — Ele apontou o dedo em direção a seu quarto. — Que tipo de ideias sinistras ela tem colocado na sua cabeça?

— Eu posso pensar por mim mesma, obrigada. — Luce estreitou os olhos. — Mas como você conhece Shelby?

Daniel ignorou a pergunta. Luce não podia acreditar no jeito como ele estava falando com ela, como se fosse algum tipo de animalzinho de estimação malcriado. Todo o calor que o envolvera um momento atrás, quando Daniel a beijara, abraçara, olhara... não bastava quando era tomada por esse gelo por ele falar daquele jeito com ela.

— Talvez Shelby esteja certa — disse ela. Luce não via Daniel há tanto tempo, mas o Daniel que queria ver, aquele que a amava mais que tudo, aquele que a seguiu por milênios por não poder viver sem ela, ainda estava lá em cima nas nuvens, não aqui embaixo, lhe dizendo o que fazer. Talvez, mesmo depois de todas essas vidas, ela realmente não o conhecesse. — Talvez os anjos e os humanos não devam...

Mas não conseguiu terminar.

— Luce. — Seus dedos seguraram o pulso dela, mas Luce se livrou dele. Os olhos de Daniel estavam arregalados e escuros, e o rosto estava pálido por causa do frio. Seu coração desejava agarrá-lo e ficar com ele, sentir seu corpo pressionado contra o dela, mas no fundo sabia que esse não era o tipo de briga que poderia ser resolvida com um beijo.

Ela empurrou-o para uma parte mais estreita da borda e abriu a janela, surpresa ao descobrir que o quarto já estava escuro. Ela entrou, e, quando se voltou para Daniel, notou que suas asas estavam

trêmulas. Quase como se ele estivesse prestes a chorar. Luce queria voltar para ele, abraçá-lo, consolá-lo e amá-lo.

Mas não podia.

Ela fechou as cortinas e ficou sozinha em seu quarto escuro.

NOVE



DEZ DIAS

Quando Luce acordou na manhã de terça-feira, Shelby já tinha saído. Sua cama estava feita, a colcha de retalhos dobrada, e o colete vermelho com enchimentos e a bolsa não estavam na porta, onde ficavam pendurados.

Ainda de pijama, Luce colocou uma caneca de água no micro-ondas para fazer chá, em seguida sentou-se para checar seu e-mail.

Para: lucindap44@gmail.com
De: callieallieoxenfree@gmail.com
Enviado: segunda-feira, 16/11 às 01h34min
Assunto: Tentando achar que não é pessoal

Querida L.,

Recebi sua mensagem, e, primeiro de tudo, sinto sua falta também. Mas tenho uma sugestão irada: que tal nós duas colocarmos o papo em dia? Callie e suas ideias mirabolantes. Sei que está ocupada. Sei que está sob vigilância pesada e é

difícil escapulir. Por outro lado, não sei de um único detalhe sobre sua vida. Com quem você almoça? De que aula você mais gosta? O que aconteceu com aquele cara? Tá vendo, eu nem sei o nome dele. Odeio isso.

Estou feliz que você tenha arrumado um telefone, mas não mande uma mensagem dizendo que vai ligar. Basta ligar. Não ouço sua voz há séculos. Não estou brava com você. Ainda.

Beijos C

Luce fechou o e-mail. Era quase impossível deixar Callie brava. Ela nunca realmente havia conseguido fazer isso antes. O fato de Callie não suspeitar que Luce estivesse mentindo apenas provava o quanto as duas haviam se distanciado. Luce foi tomada pelo peso da culpa, acomodando-se sobre seus ombros.

Depois, leu o e-mail seguinte:

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com
Enviado: segunda-feira, 16/11 às 08:30
Assunto: Bem, querida, nós te amamos também

Pequena Luce,

Seus e-mails sempre iluminam nossos dias. Como está a equipe de natação? Está secando o cabelo, com esse frio lá fora? Eu sei que sou chata, mas sinto sua falta.

Você acha que a Sword & Cross vai lhe dar permissão para sair do campus para o Dia de Ação de Graças, semana que vem? Papai poderia ligar para o reitor? Não vamos contar com os ovos dentro da galinha ainda, mas seu pai comprou um peru vegano por precaução. Tenho enchido o congelador extra de

tortas. Você ainda gosta de batata doce? Nós amamos você e pensamos em você o tempo todo.

Mamãe

A mão de Luce congelou sobre o mouse. Era uma manhã de terça-feira. Faltava uma semana e meia para o Dia de Ação de Graças. Foi a primeira vez em que tinha pensado em seu feriado favorito. Mas tão rápido como viera, Luce tentou afastá-lo. De jeito nenhum o Sr. Cole a deixaria ir para casa para Ação de Graças.

Ela estava prestes a responder quando uma caixa cor de laranja piscando na parte inferior da tela lhe chamou a atenção. Miles estava on-line. Ele estava tentando conversar com ela.

Miles (08:08): Bom dia, Srta. Luce.
Miles (08:09): Estou MORRENDO de fome. Você acorda faminta como eu?
Miles (08:15): Quer tomar café? Passo no seu quarto no caminho. 5 min.?

Luce olhou para o relógio. 08h21. Houve uma batida alta na porta. Ela ainda estava de pijama e descabelada. Abriu a porta um pouquinho.

O sol da manhã inundava o piso de madeira no corredor. Lembrou Luce de quando descia a sempre iluminada escada de madeira na casa de seus pais para o almoço, a maneira como o mundo inteiro parecia mais brilhante vista de um corredor ensolarado.

Miles não estava usando o boné dos Dodgers, então era uma das poucas vezes que dava para ver bem os seus olhos. Eles eram de um azul muito profundo, como um céu de verão às nove horas da manhã. Seu cabelo estava molhado, pingando sobre os ombros da camisa branca. Luce engoliu em seco, incapaz de evitar a imagem dele no chuveiro. Ele sorriu, mostrando uma covinha e um sorriso

superbranco. Parecia tão californiano; Luce ficou surpresa ao perceber como ele estava bonito.

— Oi. — Luce escondeu o máximo que conseguia de seu pijama atrás da porta. — Acabei de ver suas mensagens. Estou a fim de tomar café da manhã, mas ainda não estou vestida.

— Posso esperar. — Miles encostou na parede do corredor. Seu estômago roncou alto. Ele tentou cruzar os braços sobre a cintura para abafar o som.

— Vou me apressar. — Luce riu, fechando a porta. Ela parou diante do armário, tentando não pensar na Ação de Graças de seus pais, ou em Callie, ou em por que tantas pessoas importantes foram se afastando dela ao mesmo tempo.

Ela puxou um suéter comprido cinza de seu armário e jogou-o sobre um jeans preto. Escovou os dentes, colocou grandes brincos de argola prateados, aplicou um pouco de hidratante nas mãos, pegou a bolsa e olhou-se no espelho.

Não parecia uma garota presa em relacionamento conflituoso, ou uma menina que não podia ir para casa ver a família no dia de Ação de Graças. No momento, parecia uma garota animada para abrir a porta e encontrar um cara que a fazia se sentir normal, feliz e até bonita.

Um cara que não era seu namorado.

Ela suspirou, abrindo a porta para Miles. O rosto dele se iluminou.

Quando chegaram lá fora, Luce percebeu que o tempo havia mudado. O ar ensolarado da manhã estava frio como havia estado no parapeito na noite passada, com Daniel. E como estivera gelado naquele momento.

Miles estendeu o enorme casaco cáqui para ela, mas Luce recusou.

— Só preciso de um café para me aquecer.

Eles se sentaram na mesma mesa onde tinham sentado na semana anterior. Imediatamente, dois alunos correram para servi-los dois. Ambos pareciam ser amigos de Miles e eram simpáticos. Luce certamente nunca recebia tratamento desse nível quando se sentava com Shelby. Enquanto os rapazes disparavam perguntas a eles, como o

time de futebol de Miles tinha se saído na noite anterior, se ele tinha visto o clipe no YouTube do cara pregando uma peça na namorada, se ele tinha planos para depois da aula — Luce olhou ao redor do terraço atrás de sua companheira de quarto, mas não conseguiu encontrá-la.

Miles respondeu a todas as perguntas, mas não pareceu interessado em levar a conversa adiante. Ele apontou para Luce.

— Esta é Luce. Ela quer um copo grande do café mais quente que vocês tiverem e...

— Ovos mexidos — disse Luce, fechando o pequeno menu que o refeitório da Shoreline imprimia a cada dia.

— O mesmo para mim, rapazes, obrigado. — Miles devolveu os dois menus e se concentrou em Luce. — Quase não tenho visto você a não ser nas aulas. Como estão as coisas?

A pergunta de Miles a surpreendeu. Talvez porque já estivesse se sentindo como um ímã de culpa. Ela gostou que não havia nenhum "Onde você andou se escondendo?" ou "Você está me evitando?" anexados no final. Apenas uma pergunta: "Como estão as coisas?"

Ela sorriu para ele, mas de alguma forma o sorriso sumiu logo em seguida e já estava quase se transformando em uma careta quando respondeu:

— As coisas estão bem.

— Hmm.

Tive uma briga horrível com Daniel. Estou mentindo para meus pais. E perdendo minha melhor amiga. Parte dela queria desabafar tudo com Miles, mas sabia que não devia. Não podia. Isso faria a amizade deles avançar a um nível que não tinha certeza se seria bom. Ela nunca tivera um amigo homem muito íntimo antes, o tipo de amigo com quem você partilha tudo e em quem confia como acontece com uma amiga mulher. Será que as coisas não ficavam... complicadas?

— Miles — disse ela finalmente —, o que as pessoas fazem no dia de Ação de Graças por aqui?

— Não sei. Acho que nunca fiquei por aqui para descobrir. Gostaria de ficar, às vezes. O dia de Ação de Graças na minha casa é exagerado demais. Pelo menos uma centena de pessoas. Tipo dez pratos. E é black-tie.

— Está brincando.

Ele negou com a cabeça.

— Gostaria que fosse. Sério mesmo. Temos que contratar flanelinhas. — Depois de uma pausa, continuou: — Por que está perguntando? Espere, você precisa de um lugar para ir?

— Hmm...

— Você vai. — Ele riu de sua expressão chocada. — Por favor. Meu irmão não vai para casa da faculdade este ano e ele era minha única salvação. Posso mostrar Santa Bárbara para você. Podemos dispensar o peru e comer os melhores tacos do mundo no Super Rica. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Vai ser muito menos horrível se você estiver comigo. Pode até ser divertido.

Enquanto Luce estava pensando sobre o convite, ela sentiu a mão de alguém em suas costas. A essa altura, já reconhecia aquele toque de uma calma capaz de curar: Francesca.

— Falei com Daniel na noite passada — disse Francesca.

Luce tentou não reagir enquanto Francesca se inclinava para mais perto. Daniel tinha ido vê-la depois de Luce expulsá-lo? A ideia a deixou com ciúmes embora ela não soubesse muito bem por quê.

— Ele está preocupado com você. — Francesca fez uma pausa, parecendo analisar o rosto de Luce. — Eu lhe contei que você está indo muito bem, considerando que ainda está se acostumando ao novo ambiente. Disse que estaria à sua disposição para qualquer coisa que precise. Por favor, entenda que você deve vir a mim com suas perguntas. — Seu olhar pareceu se afiar, ficou mais duro e feroz. *Venha a mim, em vez de Steven*, parecia estar nas entrelinhas.

E, em seguida, Francesca foi embora, tão rapidamente quanto havia aparecido, o forro de seda do casaco de lã branca roçando em sua meia-calça preta.

— Então... Ação de Graças — disse finalmente Miles, esfregando as mãos.

— OK, tá legal. — Luce engoliu o resto do café. — Vou pensar no assunto.

Shelby não apareceu no alojamento dos Nefilim para a aula daquela manhã, uma palestra sobre a convocação de antepassados angelicais, tipo uma forma de enviar um correio de voz celestial. Por volta da hora do almoço, Luce estava começando a ficar nervosa. Mas, indo para a aula de matemática, ela finalmente avistou o familiar colete vermelho fofo e praticamente correu na direção dele.

— Ei! — Ela puxou o rabo de cavalo loiro e cheio de sua companheira de quarto. — Onde você estava?

Shelby virou-se lentamente. O olhar em seu rosto fez Luce lembrar de seu primeiro dia na Shoreline. As narinas de Shelby estavam infladas e as sobrancelhas, arqueadas.

— Você está bem? — perguntou Luce.

— Ótima. — Shelby se virou e começou a mexer no armário mais próximo, girando uma combinação, em seguida abrindo-o com força. Dentro havia um capacete de futebol americano e um monte de garrafas vazias de Gatorade. Um cartaz do Laker Girls estava colado na parte interna da porta.

— Esse armário é seu? — perguntou Luce. Ela não conhecia um único Nefilim que usasse armário, mas Shelby estava mexendo ali dentro, jogando as meias sujas de suor para trás apressadamente.

Shelby bateu a porta do armário, em seguida começou a rodar a combinação do armário ao lado.

— Está me julgando agora?

— Não. — Luce balançou a cabeça. — Shel, o que está acontecendo? Você desapareceu esta manhã, perdeu a aula...

— Estou aqui agora, não estou? — Shelby suspirou. — Frankie e Steven são muito mais tranquilos em deixar uma garota tirar uma

folga do que os humanoides daqui.

— Por que precisava de uma folga? Você estava bem na noite passada, até...

Até Daniel aparecer.

Quando Daniel aparecera na janela, Shelby ficou pálida e quieta e fora direto para a cama e...

Enquanto Shelby olhava para Luce como se seu QI de repente houvesse caído pela metade, Luce tomou conhecimento de quem estava no corredor. Onde os armários de metal acabavam, as paredes cinzentas estavam cobertas por meninas: Dawn, Jasmine e Lilith. Garotas arrumadinhas de cardigã como Amy Branshaw, das aulas da tarde de Luce. Meninas de piercing e visual meio punk que pareciam um pouco com Ariane, mas que eram bem menos divertidas de se conversar. Algumas garotas que Luce nunca tinha visto antes. Meninas com livros apertados contra o peito, mascando chiclete, os olhos mirando o tapete, o teto com vigas de madeira, umas às outras. Olhando para qualquer lugar, menos diretamente para Luce e Shelby, embora fosse evidente que todas estivessem prestando atenção naquela conversa.

Um mal-estar em seu estômago começava a dizer-lhe por quê. Era a maior briga entre Nefilim e não Nefilim que Luce havia visto até agora na Shoreline. E cada menina neste corredor havia entendido antes dela: Shelby e Luce estavam prestes a brigar por um garoto.

— Ah. — Luce engoliu em seco. — Você e Daniel.

— É. Nós. Há muito tempo. — Shelby não olhava para ela.

— Certo. — Luce concentrou-se em respirar. Podia lidar com aquilo. Mas os sussurros das meninas ecoando pelas paredes fizeram sua pele se arrepiar, e ela estremeceu.

Shelby zombou:

— Sinto muito que a ideia deixe você tão enojada.

— Não é isso. — Mas Luce *sentia* nojo. Enojada com ela mesma. — Eu sempre... pensei que era a única...

Shelby colocou as mãos nos quadris.

— Você pensou que cada vez que desaparecia durante 17 anos, Daniel ficava chupando dedo? Alô, existe um Antes de Luce para Daniel. Ou um Entre-Luces ou o que seja. — Ela fez uma pausa para estreitar os olhos na direção de Luce. — É mesmo tão egocêntrica assim?

Luce não sabia o que dizer.

Shelby resmungou e virou o rosto para o resto do corredor.

— Este campo de força de estrogênio precisa se dissipar — gritou, estalando os dedos para elas. — Caiam fora. Todas vocês. Agora!

Enquanto as meninas desapareciam pelo corredor, Luce pressionou a cabeça contra o armário de metal frio. Ela queria rastejar para dentro dele e se esconder.

Shelby apoiou as costas contra a parede ao lado do rosto de Luce.

— Você sabe — disse ela, suavizando a voz —, Daniel é um namorado horrível. E um mentiroso. Ele está mentindo para você.

Luce endireitou-se e encarou Shelby, sentindo suas bochechas corarem. Luce podia estar chateada com Daniel no momento, mas ninguém falava mal de seu namorado.

— Opa. — Shelby se esquivou. — Calminha aí. Eita. — Ela deslizou pela parede e se sentou no chão. — Olha, eu não devia ter tocado no assunto. Foi uma noite idiota há muito tempo e o cara estava visivelmente infeliz sem você. Eu não a conhecia na época, então achava todo o folclore sobre vocês... extremamente chato. O que, se você precisa saber, explica o enorme preconceito que eu tinha em relação a você.

Ela bateu no chão ao seu lado, e Luce deslizou pela parede para se sentar também... — Shelby deu um sorriso hesitante. — Eu juro, Luce, nunca pensei que ia conhecer você. E definitivamente nunca esperava que fosse legal.

— Acha que sou legal? — perguntou Luce, rindo para si mesma. — Estava certa sobre eu ser egocêntrica.

— Argh, exatamente o que eu pensava. É impossível ficar com raiva de você, não é? — Shelby suspirou. — Tudo bem. Sinto muito

por ter ido atrás do seu namorado e, você sabe, ter odiado você antes de conhecê-la. Não vai acontecer de novo.

Foi estranho. A única coisa que poderia ter deixado duas amigas instantaneamente distantes estava na realidade deixando-as mais próximas. Aquilo não era culpa de Shelby. Qualquer lampejo de raiva que Luce sentira sobre o assunto era algo que precisava resolver com... Daniel. *Uma noite estúpida*, Shelby havia dito. Mas o que realmente teria acontecido?

❄

Era pôr do sol e Luce estava descendo a escada de pedra até a praia. Estava frio lá fora, e ficou ainda mais frio quando ela chegou perto da água. Os últimos raios de luz dançavam através de finas camadas de nuvem, tingindo o oceano de laranja, rosa e azul pastel. O mar calmo espalhava-se à sua frente, parecendo traçar um caminho até o céu.

Até chegar ao largo círculo de areia, ainda escurecido pela fogueira de Roland, Luce não sabia o que estava fazendo ali. Então se encontrou rastejando por trás da pedra alta para onde Daniel a puxara para longe da festa. O lugar onde os dois haviam dançado e passado os poucos e preciosos momentos juntos brigando por algo tão bobo quanto a cor de seu cabelo.

Callie havia tido um namorado na Dover com quem terminara depois de uma briga por causa de uma torradeira. Um deles tinha emperrado o negócio com uma rosquinha grande demais, e o outro fez um escândalo. Luce não conseguia se lembrar de todos os detalhes agora, mas se lembrava de ter pensado: *Quem termina por causa de um eletrodoméstico?*

Mas não fora realmente por causa da torradeira, havia explicado Callie. A torradeira foi apenas um sintoma, algo que representava tudo o que estava errado entre eles.

Luce odiava que ela e Daniel ficassem brigando. A briga na praia, por causa de sua tintura no cabelo, lembrou-a da história de Callie.

Parecia uma prévia de algo maior, uma discussão mais feia que estava a caminho.

Protegendo-se contra o vento, Luce percebeu que fora até ali para tentar reencontrar o ponto onde haviam errado na outra noite. Ela estava, como uma idiota, à procura de sinais na água, alguma pista esculpida na áspera rocha vulcânica. Estava procurando por toda parte, exceto dentro de si. Porque a única coisa dentro de Luce era o grande enigma de seu passado. Talvez as respostas ainda estivessem em algum dos Anunciadores, mas, por enquanto, permaneciam fora de alcance, para sua frustração.

Ela não queria culpar Daniel. A ingenuidade de supor que sua relação havia sido exclusiva ao longo do tempo fora dela. Mas ele nunca evidenciara que não. Então praticamente induzira-a a esse choque. Era embaraçoso, e mais um item para assinalar na longa lista de coisas que achava que merecia saber, e que Daniel não pensava ser necessário lhe contar.

Ela sentiu algo que achou ser chuva, uma sensação de garoa em seu rosto e nas pontas dos dedos. Mas era quente, e não frio. Era um pó fino, não molhado. Ela virou o rosto para o céu e a brilhante luz violeta a ofuscou. Não querendo proteger os olhos, ela encarou a luz, mesmo quando brilhava tanto que doía. As partículas viajavam lentamente em direção à água do mar, caindo em um padrão definido e delineando a forma que ela reconheceria em qualquer lugar.

Ele parecia ter ficado mais lindo. Seus pés descalços pairavam centímetros acima da água enquanto se aproximava da praia. Suas amplas asas brancas pareciam estar rodeadas por luz violeta e pulsavam quase imperceptivelmente com o vento forte. Não era justo. E fazia com que, quando o olhava, ela ficasse admirada e em êxtase, e com um pouco de medo também. Mal podia pensar em qualquer outra coisa. Cada frustração, aborrecimento ou incômodo desaparecia. Havia apenas aquela atração inegável que a levava na direção dele.

— Você fica aparecendo — sussurrou ela.

A voz de Daniel se propagava sobre a água.

— Eu disse que queria falar com você.

Luce sentiu os lábios fazendo um bico.

— Sobre Shelby?

— Sobre como você fica se colocando em perigo. — Daniel falava com tanta firmeza. Ela estava esperando que a menção a Shelby provocasse alguma reação. Daniel, porém, apenas inclinou a cabeça. Chegou no ponto onde o mar encontra a praia, onde a água espumava e rolava para longe, e flutuou sobre a areia à sua frente. — E o que tem Shelby?

— Vai realmente fingir que não sabe?

— Espere. — Daniel baixou para o chão, dobrando os joelhos quando seus pés descalços tocaram a areia. Quando se endireitou, as asas se afastaram para trás, para longe de seu rosto, enviando uma lufada de vento com elas. Luce notou pela primeira vez o quanto deviam ser pesadas.

Daniel que levou menos de dois segundos para chegar até ela, mas quando os braços dele deslizaram para suas costas e puxaram-na para si, Luce quase queria que ele se apressasse.

— Não vamos começar mal mais uma vez — pediu Daniel.

Ela fechou os olhos e deixou que ele a levantasse do chão. Suas bocas se encontraram e Luce inclinou o rosto para o céu, deixando o beijo dominá-la. Não havia escuridão, não havia mais frio, apenas a adorável sensação de ser banhada em seu brilho violeta. Até mesmo o barulho do mar foi anulado por um zumbido suave, da energia que Daniel carregava em seu corpo.

Suas mãos seguravam com força o pescoço dele, em seguida acariciaram os músculos firmes de seus ombros, roçando a área macia e espessa das asas. Elas eram fortes, brancas e brilhantes, sempre muito maiores do que ela se lembrava. Duas grandes velas estendendo-se para os lados, cada centímetro perfeito e harmonioso. Luce sentia a tensão contra os dedos, como se estivesse tocando numa lona bem esticada. Mas era sedosa, macia e deliciosamente aveludada. Elas pareciam responder ao seu toque, aproximando-se, roçando nela, puxando-a para mais perto, até que estivesse enterrada ali, aninhando-

se mais e mais, e ainda assim querendo que o toque continuasse. Daniel estremeceu.

— Posso fazer isso? — sussurrou ela, porque às vezes ele ficava nervoso quando as coisas entre os dois começavam a esquentar. — Machuca?

Esta noite seus olhos pareciam famintos.

— É uma sensação maravilhosa. Nada se compara.

Os dedos de Daniel circularam sua cintura, deslizando para dentro da blusa. Normalmente, a carícia mais suave das mãos dele a deixava fraca. Essa noite, seu toque estava mais forte, quase bruto. Ela não sabia o que tinha acontecido com ele, mas gostou.

Seus lábios encontraram os dela, depois subiram, ao longo de seu nariz, descendo suavemente em cada uma de suas pálpebras. Quando ele se afastou, Luce abriu os olhos e olhou para ele.

— Você é tão bonita — sussurrou ele.

Era exatamente o que a maioria das garotas teria gostado de ouvir, mas, assim que as palavras foram ditas, Luce sentiu-se sendo arrancada de seu corpo, sendo substituída por outra pessoa.

Shelby.

Mas não só Shelby, pois muito provavelmente ela não tinha sido a única. Outros olhos e narizes e faces tinham sido tomados por beijos de Daniel? Outros corpos teriam sido abraçados por ele em uma praia? Outros lábios se unindo, outros corações batendo? Outros elogios sussurrados haviam sido trocados?

— O que houve? — perguntou ele.

Luce estava enjoada. Eles poderiam embaçar janelas com seus beijos, mas assim que começavam a usar a boca para outras coisas — como para conversar —, tudo ficava muito complicado.

Ela desviou o olhar.

— Você mentiu para mim.

Daniel não bufou ou se irritou, como ela esperava e quase desejava. Ele sentou-se na areia, apoiou as mãos nos joelhos e olhou para as ondas espumantes.

— Sobre o *quê*, exatamente?

Mesmo enquanto dizia as palavras, Luce já se lamentava por ter seguido aquele caminho.

— Eu poderia agir como você: não contar nada, nunca.

— Não posso dizer o que você quer saber se não me contar o que está lhe incomodando.

Ela pensou em falar sobre Shelby, mas quando se imaginou fazendo uma cena de ciúme, e ele reagindo, tratando-a como uma criança, Luce sentiu-se ridícula. Em vez disso, falou:

— Sinto como se fôssemos estranhos. Como se eu não o conhecesse melhor que os outros.

— Ah. — Sua voz era baixa, mas o rosto era tão irritantemente plácido, que Luce tinha vontade de sacudi-lo. Nada o irritava.

— Estou no escuro, Daniel. Não sei de nada. Não conheço ninguém. Estou solitária. Cada vez que vejo você, há algo novo a esconder e nunca consigo ultrapassar essa barreira. Você me arrastou até aqui...

Ela estava pensando *aqui na Califórnia*, mas era mais do que isso. Seu passado, o limitado conhecimento que tinha dele, tudo desenrolava-se em sua mente como a bobina de um filme, espalhando-se pelo chão.

Daniel a havia arrastado muito, muito mais longe do que até a Califórnia. Ele a arrastara por séculos de discussões como esta. Por mortes agonizantes infinitas, que magoavam todos ao seu redor, como aqueles simpáticos velhinhos que ela visitara na semana passada. Daniel havia arruinado a vida do casal. Matado sua filha. Tudo porque era um anjo poderoso que queria algo e não se conteve.

Não, ele não tinha apenas a arrastado para a Califórnia. Ele a arrastara por uma eternidade amaldiçoada. Um fardo que deveria ter sido carregado por ele, e mais ninguém.

— Estou sofrendo, eu e todos que me amam, pela sua maldição. Por um tempo infinito. Por sua causa.

Daniel estremeceu como se tivesse levado um soco.

— Você quer ir para casa — resumiu.

Luce chutou a areia, inconformada.

— Quero voltar. Quero que você desfaça o que fez pra me meter nessa. Eu só quero viver uma vida normal e morrer e brigar com as pessoas normais por coisas normais, como torradeiras, e não por segredos sobrenaturais do universo que você nem mesmo conta para mim.

— Espera aí. — O rosto de Daniel tinha ficado completamente pálido. Os ombros se enrijeceram e as mãos tremiam. Até mesmo suas asas, que momentos atrás pareciam tão poderosas, aparentavam fragilidade. Luce quis estender a mão e tocá-las, como se de alguma forma pudessem dizer-lhe se a dor que ela via nos olhos dele era real. Mas Luce não se abalou. — Nós estamos terminando? — perguntou ele, a voz fraca e baixa.

— Estávamos mesmo juntos, para começar?

Ele ficou de pé e segurou o rosto dela. Antes que Luce pudesse se afastar, sentiu o calor deixar seu rosto. Fechou os olhos, tentando resistir à força magnética de seu toque, mas era muito forte, mais forte do que qualquer outra coisa.

Aquilo apagava sua raiva, deixava sua personalidade em frangalhos. Quem ela era sem ele? Por que a atração por Daniel sempre sobrepunha a qualquer coisa que tentava afastá-la dele? Razão, instinto, autopreservação: nada daquilo jamais conseguiria competir. Devia ser parte do castigo de Daniel, que ela ficasse presa a ele para sempre, como uma marionete de seu criador. Ela sabia que não devia querê-lo com cada fibra do seu ser, mas não conseguia evitar. Olhando para ele, sentindo seu toque, o resto do mundo se desvanecia.

Ela só gostaria que amá-lo não tivesse que ser sempre tão difícil.

— Que história é essa de querer uma torradeira? — sussurrou Daniel em seu ouvido.

— Acho que não sei o que quero.

— Eu sei. — Seus olhos estavam decididos, presos nos dela. — Quero você.

— Eu sei, mas...

— Nada vai mudar isso. Não importa o que você escute. Não importa o que aconteça.

— Eu preciso mais do que ser desejada. Preciso que estejamos juntos, juntos de verdade.

— Em breve. Eu prometo. Tudo isso é apenas temporário.

— Foi o que você disse. — Luce viu que a lua já estava alta no céu. Estava cor de laranja, brilhante e minguante, como uma chama tranquila. — Sobre o que queria falar comigo?

Daniel enfiou uma mecha do cabelo loiro de Luce para trás da orelha, examinando-a por um longo tempo.

— Sobre a escola — disse ele, hesitando de uma forma que a fez pensar que Daniel não estava sendo verdadeiro. — Eu pedi a Francesca para cuidar de você, mas queria ver por mim mesmo. Você está aprendendo alguma coisa? Está bem aqui?

Luce sentiu um súbito desejo de se vangloriar sobre o que fizera com os Anunciadores, sobre a conversa com Steven e os vislumbres que tivera de seus pais. Mas o rosto de Daniel agora parecia mais ansioso e aberto do que a noite toda. Ele parecia estar tentando evitar uma briga, portanto Luce decidiu fazer o mesmo.

Ela fechou os olhos. Disse a ele o que queria ouvir. A escola estava bem. Ela estava bem. Os lábios de Daniel tocaram os dela outra vez, brevemente mas com ardor, até que todo o seu corpo estivesse formigando.

— Tenho que ir — disse ele, finalmente. — Eu nem deveria estar aqui, mas não consigo ficar longe de você. Eu me preocupo a cada momento. Eu te amo, Luce. Tanto, que dói.

Ela fechou os olhos para se proteger das asas batendo e da dor dos grãos de areia que voavam em seu rastro.

DEZ



NOVE DIAS

Uma série de assobios e tinidos entrecortavam a música. Uma longa nota de metal raspando, depois o choque da lâmina de prata fina pegando o oponente desprevenido.

Francesca e Steven estavam lutando.

Bem, não literalmente; na verdade, era um duelo de esgrima. Uma demonstração para os alunos que estavam prestes a encarar os próprios duelos.

— Saber como empunhar uma espada, sejam as leves de alumínio que estamos usando hoje, ou algo tão perigoso quanto um cutelo, é uma habilidade de valor inestimável — disse Steven, cortando o ar com breves movimentos de chicote com a ponta de sua espada. — Os exércitos do céu e do inferno raramente entram na batalha, mas quando o fazem — sem olhar, ele apontou a lâmina lateralmente para Francesca e, sem olhar, ela ergueu a espada e aparou o golpe —, permanecem intocados pelas armas de guerra modernas. Punhais, arcos e flechas, enormes espadas flamejantes... estas são nossas eternas ferramentas.

O duelo que se seguiu era uma amostra, apenas uma lição; Francesca e Steven nem mesmo usavam máscaras.

Era final da manhã de quarta-feira, e Luce estava sentada num banco largo do lado de fora, entre Jasmine e Miles. A classe inteira, incluindo seus dois professores, tinha trocado as roupas normais pelos uniformes brancos de esgrimistas. Metade da turma segurava máscaras de rosto de malha preta. Luce chegara ao almoxarifado logo após alguém pegar a última máscara, o que não a incomodou nem um pouco. Estava querendo evitar o constrangimento de todos na classe testemunharem sua falta de jeito: era evidente, pela forma como faziam investidas de ambos os lados da plataforma, que os outros já haviam passado por esses treinos antes.

— A ideia é ser o menos possível um alvo para o adversário — explicou Francesca para o círculo de estudantes ao redor. — Então, você apoia o peso sobre um dos pés e direciona com o outro, o da espada, e depois se afasta e se aproxima, para dentro e para fora da área do embate.

Ela e Steven subitamente deram continuidade a uma série de golpes e defesas, as espadas estalando enquanto habilmente se defendiam das investidas mútuas. Quando a lâmina de Francesca golpeou para a esquerda, Steven se lançou para a frente, mas ela se afastou novamente, varrendo a espada para cima e ao redor do seu pulso.

— *Touché* — disse ela, rindo.

Steven voltou-se para a classe.

— *Touché*, é óbvio, é francês para "tocado". Na esgrima, contamos os pontos por toques.

— Se estivéssemos lutando de verdade — completou Francesca —, receio que a mão de Steven estaria caída numa poça de sangue no deque. Desculpe, querido.

— Muito bem — concordou ele. — Muito. Bem. — Steven atirou-se de lado para ela, quase parecendo levantar-se do chão. No frenesi que se seguiu, Luce não conseguia acompanhar a espada de Steven, que atravessava o ar repetidas vezes, quase atingindo Francesca, que se desviou para o lado a tempo e reapareceu atrás dele.

Mas ele estava pronto para ela e derrubou a espada de Francesca antes de abaixar a ponta da dele e atingi-la no meio da passada.

— Receio que você, minha cara, tenha começado com o pé errado.

— Veremos. — Francesca levantou a mão e alisou o cabelo, os dois se entreolhando com uma intensidade assassina.

Cada nova rodada daquele jogo violento deixava Luce tensa e alarmada. Ela estava acostumada a ficar nervosa, mas o restante da turma também parecia surpreendentemente tenso. Tenso de entusiasmo. Assistindo Francesca e Steven, nenhum deles conseguia ficar parado.

Até esse momento, ela se perguntara por que nenhum dos outros Nefilim participava de alguma equipe esportiva da Shoreline. Jasmine tinha feito uma careta quando Luce perguntou se ela e Dawn estavam interessadas nas eliminatórias para a equipe de natação. Na verdade, até ela ouvir Lilith no vestiário de manhã bocejando que todos os esportes, exceto esgrima, eram "extraordinariamente chatos", Luce tinha concluído que os Nefilim simplesmente não eram muito atléticos. Mas não era nada disso. Eles apenas escolhiam cuidadosamente o que praticar.

Luce estremeceu quando imaginou Lilith, por exemplo que conhecia a tradução para o francês de todos os termos de esgrima que Luce nem conhecia em inglês, armando o corpo esbelto e maldoso numa posição de ataque. Se o resto da turma tivesse um décimo da habilidade de Francesca e Steven, Luce ia acabar em um amontoado de membros no chão até o final do embate.

Seus professores obviamente eram especialistas, se aproximando e fugindo dos ataques com facilidade. A luz do sol refletia em suas espadas, nos uniformes brancos acolchoados. Os cachos loiros de Francesca formavam um lindo halo ao redor de seus ombros enquanto ela girava em volta de Steven. Os pés teciam padrões com tanta graça que a luta mais parecia uma dança.

As expressões em seus rostos eram concentradas e cheias de determinação brutal. Após os primeiros poucos toques, eles empataram. Deviam estar ficando cansados. Estavam lutando há mais

de dez minutos sem um golpe certeiro. Começaram a duelar com tanta rapidez que os arcos das lâminas quase desapareciam; havia apenas uma fúria fina e um zumbido fraco no ar e o barulho constante das lâminas se enfrentando.

Fagulhas começaram a voar cada vez que suas espadas se encostavam. Centelhas de amor ou de ódio? Havia momentos em que quase parecia que eram os dois.

E isso irritou Luce. Afinal, o amor e o ódio supostamente deveriam estar em lados opostos do espectro. A divisão parecia tão clara como... Bem, anjos e demônios, como ela costumava pensar. Não mais. Enquanto observava seus professores com respeito e temor, as lembranças da discussão da noite passada com Daniel giravam em sua mente. E seus próprios sentimentos de amor e ódio — ou, se não exatamente ódio, uma fúria crescente — lutavam dentro dela.

Vivas ecoaram de seus colegas. Luce achava que havia apenas piscado, mas perdera o ataque. A ponta da espada de Francesca tinha espetado o peito de Steven. Perto do coração. A força era tamanha que a lâmina fina se inclinou num arco. Ambos pararam por um instante, olhando nos olhos um do outro. Luce não sabia dizer se aquilo também fazia parte do show.

— Direto no meu coração — disse Steven.

— Como se você tivesse um — sussurrou Francesca.

Os dois professores pareceram ignorar momentaneamente que o deque estava cheio de alunos.

— Outra vitória de Francesca — disse Jasmine. Ela inclinou a cabeça para Luce e baixou a voz. — Ela vem de uma longa linhagem de vencedores. Não se pode dizer o mesmo de Steven. — O comentário pareceu ter muita coisa nas entrelinhas, mas Jasmine apenas deslizou para fora do banco, baixou a máscara sobre o rosto e apertou o rabo de cavalo. Pronta para ir.

Enquanto os outros alunos começaram a se movimentar em torno dela, Luce tentou imaginar uma cena semelhante entre ela e Daniel: Luce tendo a vantagem, segurando-o à mercê de sua espada, como

Francesca e Steven. Foi, francamente, impossível imaginar. E isso a incomodou.

Não que ela quisesse dominar Daniel, mas porque não queria ser dominada. Na noite anterior, estivera à mercê dele demais. Lembrar do beijo a deixava ansiosa, vermelha e nervosa, e não de um jeito bom.

Ela o amava. Mas...

Deveria ter sido capaz de pensar a frase sem adicionar essa conjunção feia. Mas não dava. O que eles tinham no momento não era o que Luce queria. E se as regras do jogo sempre seriam aquelas, ela simplesmente não sabia se queria jogar. Que tipo de parceira ela era para Daniel? Que tipo de parceiro ele era? Se Daniel tinha ficado atraído por outras meninas... em algum momento deve ter refletido sobre isso, também. Alguma outra pessoa poderia dar-lhes mais igualdade nesse jogo?

Quando Daniel a beijava, Luce sentia dentro de si que ele fazia parte de suas vidas passadas. Aninhada em seus braços, ela ficava desesperada para que Daniel permanecesse em seu presente. Mas, no segundo em que seus lábios se separavam, ela não tinha muita certeza se ele era seu futuro. Luce precisava da liberdade para tomar essa decisão, de uma forma ou de outra. Ela nem sabia que outras possibilidades existiam.

— Miles — chamou Steven. Tinha recuperado totalmente a pose de professor, guardando a espada numa bainha de couro preta e acenando para um dos cantos do deque. — Venha lutar com Roland aqui.

À sua esquerda, Miles se inclinou para sussurrar:

— Você e Roland se conhecem há mais tempo, qual é o calcanhar de Aquiles dele? *Não* vou perder para o novato.

— Hum... Eu realmente não... — A mente de Luce ficou em branco. Olhando para Roland, cuja máscara já cobria o rosto, percebeu o quão pouco sabia sobre ele na verdade. A não ser sobre seu catálogo de produtos do mercado clandestino. E que tocava gaita. E a maneira como fez Daniel rir tanto naquele primeiro dia na Sword

& Cross. Ela até hoje não descobrira sobre o que eles estavam falando... ou o que Roland estava fazendo de verdade na Shoreline, aliás. Quando se tratava do Sr. Sparks, Luce estava definitivamente no escuro.

Miles deu um tapinha no joelho dela.

— Luce, era brincadeira. Esse cara vai acabar comigo com certeza. — Ele levantou-se, rindo. — Deseje-me sorte.

Francesca tinha se mudado para o outro lado da plataforma, próxima à entrada, e estava bebendo água em uma garrafa.

— Kristy e Millicent, fiquem nesse canto — chamou as duas meninas Nefilim com tranças e tênis pretos combinando. — Shelby e Dawn, venham lutar aqui. — Ela apontou para o canto do deque em frente à Luce. — O restante vai assistir.

Luce ficou aliviada por não ter sido chamada.

Quanto mais ela observava o método de ensino de Francesca e Steven, menos ela entendia. Uma demonstração intimidadora tomava o lugar de quaisquer instruções de verdade. A ideia não era prestar atenção e aprender, mas sim assistir e fazer. Enquanto os primeiros seis alunos tomavam seus lugares, Luce se sentia enormemente pressionada a entender toda a arte da esgrima no mesmo instante.

— *En garde!* — berrou Shelby, pulando para trás em um agachamento com a ponta da espada apenas alguns centímetros de Dawn, que nem havia desembainhado sua espada ainda.

Os dedos de Dawn estavam ziguezagueando através de seu cabelo preto curto, prendendo algumas mechas com um punhado de clipes cheios de borboletas.

— Você não pode pedir *en-garde* enquanto estou me preparando, Shelby! — Sua voz aguda ficava ainda mais estridente quando ela estava frustrada. — Qual o seu problema, foi criada por lobos? — Ela xingou com a última presilha de plástico ainda entre os dentes. — Tudo bem — disse ela, puxando sua espada. — Agora estou pronta.

Shelby, que estava se mantendo na pose durante a sessão de embelezamento de Dawn, se endireitou e olhou para as unhas malfeitas.

— Espere, tenho tempo para uma manicure? — disse ela, provocando Dawn tempo suficiente para deixá-la montar uma postura ofensiva e balançar sua espada contra a outra.

— Que falta de educação! — reclamou Dawn, mas, para surpresa de Luce, imediatamente entrou no modo combate, a lâmina habilmente cortando o ar e derrubando a de Shelby para o lado. Dawn era incrível em esgrima.

Ao lado de Luce, Jasmine gargalhava.

— Uma dupla feita no inferno.

Um sorriso surgiu no rosto de Luce também, porque nunca havia conhecido alguém tão inabalável e otimista quanto Dawn. A princípio, Luce suspeitava que fosse falsidade, uma fachada. De onde vinha, do Sul, aquela animação toda não teria sido real. Mas Luce ficara impressionada com a rapidez com que Dawn se recuperara depois do incidente no iate. O otimismo dela parecia não ter limites. Até agora, era difícil para Luce ficar perto dela sem rir. E era especialmente difícil fazer isso quando Dawn estava concentrando seu entusiasmo cheio de feminilidade em acabar com alguém tão diametralmente oposto como Shelby.

As coisas entre Luce e Shelby ainda estavam um pouco estranhas. Ela sabia, Shelby sabia, até mesmo a luz noturna de Buda em seu quarto parecia saber. Na verdade, Luce meio que gostava de ver Shelby lutando por sua vida enquanto Dawn a atacava alegremente.

Shelby era uma guerreira constante e paciente. Onde a técnica de Dawn era vistosa e atraente, braços e pernas girando quase em um tango pela plataforma, Shelby era cuidadosa com suas investidas, quase como se tivesse poucas e precisasse economizar. Ela mantinha os joelhos dobrados e nunca desistia.

No entanto, ela desistira de Daniel depois de uma noite. Fora rápida em dizer que era por causa dos sentimentos de Daniel por Luce, que isso impedira qualquer outra coisa, mas Luce não acreditava. Alguma coisa era estranha sobre a confissão de Shelby, algo que não condizia com a reação de Daniel quando Luce tocara no

assunto na noite anterior. Ele agira como se não houvesse nada para contar.

Um estrondo trouxe a atenção de Luce de volta.

Do outro lado da plataforma, Miles de alguma forma tinha caído de costas no chão. Roland pairava sobre ele. Literalmente. Estava voando.

As asas enormes que tinham se desenrolado dos ombros de Roland eram grandes como uma capa e tinham penas como uma águia, mas com um material marmorizado dourado correndo pelas asas escuras. Ele devia estar com os mesmos rasgos cortados em seu uniforme de esgrima que Daniel tinha na camiseta. Luce nunca tinha visto as asas de Roland, e, como os outros Nefilim, não conseguia parar de olhar. Shelby havia contado que pouquíssimos Nefilim tinham asas, e nenhum deles estudava na Shoreline. Ver as de Roland se desenrolarem numa batalha, mesmo sendo só um treino de esgrima, criou uma onda de excitação nervosa na multidão.

As asas chamavam tanta atenção que demorou um instante para Luce perceber que a ponta da espada de Roland pairava bem no peito de Miles, prendendo-o ao chão. O uniforme de esgrima branco e brilhante de Roland e suas asas douradas formavam uma silhueta marcante contra as exuberantes árvores escuras além. Com a máscara de malha preta protegendo o rosto, Roland parecia ainda mais intimidante, mais ameaçador, do que se tivesse sido capaz de ver sua expressão. Ela esperava que estivesse de brincadeira, porque ele realmente tinha colocado Miles numa situação vulnerável. Luce ficou de pé para ir até ele, surpresa ao se dar conta de que seus joelhos estavam tremendo.

— Aimeudeus*Miles*! — Dawn gritou do outro lado da plataforma, esquecendo sua própria batalha apenas por tempo suficiente para Shelby a atingir como um chicote, tocando no peito de Dawn, e marcar o ponto da vitória.

— Não é a forma mais ética para se ganhar — disse Shelby, embainhando a espada. — Mas às vezes é o jeito.

Luce passou correndo por elas e pelo resto dos Nefilim que não estavam duelando até Roland e Miles. Ambos estavam ofegantes. A essa altura, Roland já estava sentado no chão, as asas escondidas dentro de sua pele. Miles parecia bem; era Luce que não conseguia parar de tremer.

— Você me pegou. — Miles riu, nervoso, afastando a ponta da espada. — Sua arma secreta me pegou de surpresa.

— Desculpe, cara — disse Roland com sinceridade. — Não tinha intenção de abrir as asas em cima de você. Às vezes isso acontece quando me empolgo.

— Bom jogo. Até agora, de qualquer maneira. — Miles ergueu a mão direita para que o outro o ajudasse a se levantar do chão. — Eles dizem "bom jogo" na esgrima?

— Não, ninguém diz isso. — Roland levantou a máscara com uma das mãos e, sorrindo, deixou cair a espada da outra. Ele segurou a mão de Miles e puxou-o em um movimento rápido. — Bom jogo para você também.

Luce soltou a respiração. É óbvio que Roland não ia realmente machucar Miles. Roland era excêntrico e imprevisível, mas não era *perigoso*, mesmo que tivesse ficado do lado de Cam naquela última noite no cemitério da Sword & Cross. Mas não havia razão para temê-lo. Por que estava tão nervosa? Por que não conseguia fazer seu coração parar de bater tão rápido?

De repente, ela entendeu por quê. Por Miles.

Porque ele era seu amigo mais próximo na Shoreline. Tudo que Luce sabia era que, ultimamente, cada vez que estava perto de Miles pensava em Daniel, e em como as coisas entre eles estavam estranhas. E como, às vezes, em segredo, ela desejava que Daniel pudesse ser um pouco mais parecido com Miles. Alegre e descontraído, atencioso e naturalmente doce. Menos preocupado com coisas como uma condenação eterna.

Algo branco passou correndo por Luce direto para os braços de Miles.

Dawn. Saltou sobre Miles, de olhos fechados e a boca com um sorriso enorme.

— Você está vivo!

— Vivo? — Miles colocou-a de volta no chão. — Mal fiquei sem fôlego. Que bom que você nunca assistiu a um dos jogos de futebol.

De pé atrás de Dawn, observando enquanto ela acariciava o ponto onde a espada havia rasgado o colete branco de Miles, Luce sentiu-se estranhamente constrangida. Não era como se *ela* quisesse estar abraçando Miles, certo? Ela só queria... ela não sabia o que queria.

— Quer isto? — Roland apareceu ao lado dela, entregando-lhe a máscara que estivera usando. — Você é a próxima, não?

— Eu? Não. — Ela balançou a cabeça. — A aula não está quase acabando?

Roland balançou a cabeça de volta.

— Boa tentativa. Apenas finja, e ninguém vai saber que você nunca fez isso antes.

— Duvido muito. — Luce tocou a tela de malha fina. — Roland, tenho que perguntar...

— Não, eu não ia espetar o Miles. Por que todo mundo está tão assustado?

— Eu sei disso... — Ela tentou sorrir. — É sobre Daniel.

— Luce, você conhece as regras.

— Que regras?

— Posso conseguir um monte de coisas, mas não posso trazer Daniel pra você. Você vai ter que esperar.

— Não é isso, Roland. Sei que ele não pode estar aqui agora. Mas que regras? Do que você está falando?

Ele apontou para trás. Francesca indicava para Luce com um dedo. Os outros Nefilim haviam ocupado todos os assentos nos bancos, com exceção de alguns alunos que pareciam estar se preparando para seus duelos. Jasmine e uma menina coreana chamada Sylvia, dois meninos altos e magros cujos nomes Luce nunca conseguia acertar, e Lilith, sozinha, examinando a ponta de borracha da espada minuciosamente.

— Luce? — perguntou Francesca em voz baixa. Ela fez sinal para o espaço no deque em frente a Lilith. — Tome o seu lugar.

— Prova de fogo. — Roland assobiou, dando um tapinha nas costas de Luce. — Não demonstre medo.

Havia apenas outros cinco alunos em pé no meio do deque, mas, para Luce, parecia haver uma centena.

Francesca estava com os braços cruzados casualmente. Seu rosto estava sereno, mas Luce sentia que era uma serenidade forçada. Talvez ela quisesse que Luce perdesse na luta mais brutal e constrangedora possível. Por que outro motivo ela a colocaria contra Lilith, que era pelo menos trinta centímetros mais alta que Luce e cujo cabelo vermelho como fogo projetava-se por trás de sua máscara, como a juba de um leão?

— Eu nunca fiz isso — disse Luce sem jeito.

— Não tem problema, Luce, você não precisa ser hábil ainda — tranquilizou-a. — Estamos tentando avaliar sua capacidade relativa. Basta lembrar do que Steven e eu demonstramos no início da aula e você se sairá bem.

Lilith riu e chicoteou a ponta de sua espada num amplo Z.

— A marca de *zero*, perdedora — provocou.

— Ou seja, o número de amigos que você tem? — perguntou Luce. Ela lembrou do que Roland havia dito sobre não demonstrar medo. Ela baixou a máscara sobre o rosto e pegou sua espada com Francesca. Luce nem sabia como segurá-la. Ela se atrapalhou com o punho, perguntando-se se devia segurá-la com a mão direita ou a esquerda. Ela escrevia com a mão direita, mas jogava boliche e rebatia no beisebol com a esquerda.

Lilith já estava olhando para ela como se quisesse matá-la, e sabia que não podia perder tempo testando os golpes em ambas as mãos. Eles chamam de golpe na esgrima?

Em silêncio, Francesca foi para trás dela. Encostou os ombros nas costas de Luce, praticamente dobrando seu corpo esbelto em torno de Luce e segurando a mão esquerda da menina, e a espada, com a dela.

— Eu sou canhota assim como você — disse ela.

Luce abriu a boca, sem saber se devia ou não protestar.

— Assim como você. — Francesca inclinou-se em torno dela e deu a Luce um olhar experiente. Enquanto reposicionava sua pegada, algo quente e tremendamente reconfortante fluía dos dedos de Francesca para Luce. Força ou talvez coragem — Luce não entendia como funcionava, mas ficou feliz.

— Você precisa segurar com leveza — disse Francesca, dirigindo os dedos de Luce ao redor do cabo sob sua guarda. — Segure com muita força e o direcionamento da lâmina torna-se menos ágil, e as defesas, mais limitadas. Segure levianamente demais, e a lâmina pode se soltar de suas mãos.

Seus dedos macios e finos guiaram os de Luce para segurar o cabo curvo da espada. Com uma das mãos na espada e a outra no ombro de Luce, Francesca galopava um passo para a frente levemente, se balançando para os lados e bloqueando o movimento.

— Avançar. — Ela mudou para a frente, forçando a espada na direção de Lilith.

A ruiva passou a língua nos dentes e olhou para Luce com algo que devia ser a inveja.

— Recuar. — Francesca moveu Luce para trás como se fosse uma peça de xadrez. Ela se afastou e circulou para ficar de frente para Luce, e sussurrou: — O resto é apenas dourar a pílula.

Luce engoliu. Fazer o quê?

— *En garde!* — praticamente Lilith gritou. Suas pernas longas estavam flexionadas, e o braço direito estava segurando a lâmina em linha reta para Luce.

Luce recuou, dois galopes rápidos, e então, quando se sentiu a uma distância segura o suficiente, se lançou à frente com a espada estendida.

Lilith cruzou com habilidade para a esquerda da espada de Luce, virou-se, e em seguida voltou a atacar por baixo, batendo lâmina com lâmina. As duas espadas deslizaram uma contra a outra até que alcançaram um ponto médio e pararam. Luce teve que colocar todas as suas forças para impedir a pressão de Lilith. Seus braços tremiam,

mas ela ficou surpresa ao descobrir que poderia manter Lilith imóvel naquela posição. Finalmente a ruiva se moveu e recuou. Luce assistiu-a mergulhar e girar algumas vezes e começou a entendê-la.

Lilith era barulhenta, fazendo muitos ruídos cheios de esforço. Era uma tática para desorientar, em parte. Ela fazia um barulho enorme e fingia ir numa direção ou outra, então chicoteava a ponta de sua espada num alto e apertado arco para tentar passar pelas defesas de Luce.

Então, Luce tentou a mesma jogada. Quando virou a ponta de sua espada de volta e marcou o primeiro ponto, abaixo do coração de Lilith, esta soltou um rugido ensurdecedor.

Luce estremeceu e se afastou. Ela nem havia tocado em Lilith com muita força.

— Você está bem? — gritou, prestes a levantar a máscara.

— Ela não está ferida — respondeu Francesca. Um sorriso separou seus lábios. — Está com raiva por você estar ganhando dela.

Luce não teve tempo de se perguntar qual a razão de Francesca de repente parecer estar se divertindo, porque Lilith se jogava na direção dela mais uma vez, com a espada já pronta. Luce ergueu sua espada para encontrar a de Lilith, girando o punho e se chocando três vezes antes de se afastarem.

A pulsação de Luce estava acelerada e ela se sentia bem. Sentia uma energia correndo pelas veias que não sentia há muito tempo. Ela era realmente *boa* naquilo, quase tão boa quanto Lilith, que parecia ter nascido para espetar pessoas com coisas afiadas. Luce, que nunca havia sequer segurado uma espada, percebeu que realmente tinha uma chance de ganhar. Apenas mais um ponto.

Ela podia ouvir os outros alunos aplaudindo, alguns até mesmo gritando seu nome. Podia ouvir Miles, e talvez Shelby, o que realmente a estimulou. Mas o som das vozes se misturava com outra coisa. Parecia estática e era muito alto. Lilith lutava tão ferozmente como nunca, mas de repente Luce estava tendo muita dificuldade para se concentrar. Ela recuou e piscou, olhando para o céu. O sol estava encoberto pelas árvores, mas não era só isso. Uma crescente frota de

sombras se estendia a partir dos ramos, como manchas de tinta, se espalhando bem acima da cabeça de Luce.

Não, não, agora, não em público, com todo mundo olhando, não quando podiam custar-lhe este duelo. No entanto, ninguém mais reparara nelas, o que parecia impossível. Estavam fazendo tanto barulho que Luce só podia cobrir os ouvidos e tentar bloquear suas vozes. Ela levou as mãos às orelhas, com a ponta da espada para o céu, confundindo Lilith.

— Não deixe ela te apavorar, Luce. Ela é do mal! — cantou Dawn sentada no banco.

— Use o *prise de fer*! — gritou Shelby. — Lilith é péssima no *prise de fer*. Quero dizer, Lilith é péssima em tudo, mas principalmente no *prise de fer*.

Tantas vozes — mais, ao que parecia, do que o número de pessoas ali. Luce estremeceu, tentando bloquear aquilo tudo. Mas uma voz separava-se da multidão, como se estivesse sussurrando em seu ouvido bem atrás de sua cabeça. Era Steven.

— Bloqueie o barulho, Luce. Encontre a mensagem.

Ela girou a cabeça ao redor, mas o professor estava do outro lado, olhando para as árvores. Ele estava falando dos outros alunos Nefilim? Se referia à torcida barulhenta? Ela olhou para eles, mas estavam todos quietos. Então, quem estava fazendo barulho? Por um breve momento, seu olhar cruzou com o de Steven, e ele ergueu o rosto em direção ao céu. Como se estivesse apontando para as sombras.

Nas árvores acima de sua cabeça. Os Anunciadores estavam *falando*.

E ela podia *ouvi-los*. Eles estiveram falando o tempo todo?

Latim, russo, japonês. Inglês, com um sotaque do sul.

Francês ruim. Sussurros, cantos, direções confusas, versos rimando. E um grito horripilante pedindo ajuda. Luce balançou a cabeça, ainda mantendo a espada de Lilith a distância, mas as vozes continuaram. Ela olhou para Steven, e em seguida para Francesca.

Eles não demonstravam, mas Luce sabia que ouviam. Sabia que eles sabiam que ela estava ouvindo também.

Em busca da mensagem por trás do barulho.

Por toda sua vida, ela ouvira o mesmo barulho quando as sombras vinham — o farfalhar nojento e úmido. Mas agora era diferente....

Clash.

A espada de Lilith colidiu com a de Luce. A ruiva bufava como um touro bravo. Luce podia ouvir a própria respiração dentro da máscara, ofegante, enquanto tentava conter a espada de Lilith. Então, pôde ouvir muito mais entre todas as vozes. De repente, podia se concentrar nelas. Encontrar o equilíbrio apenas significava separar a estática do que realmente queria dizer alguma coisa. Mas como?

Il faut faire le coup double. Après ca, c'est facile a gagner, um dos Anunciadores sussurrou em francês.

Luce só estudara francês durante dois anos do ensino médio, mas as palavras fizeram sentido além de seu cérebro. Não era apenas a mente compreendendo a mensagem. De alguma forma, seu corpo também entendia. Aquilo infiltrou-se nela, e ela se lembrou: estivera em um lugar como este antes, em uma luta de espadas assim, em um impasse como este.

O Anunciador estava recomendando um golpe duplo, um complicado movimento de esgrima no qual dois ataques diferentes vinham um após o outro.

Sua espada deslizou pela da adversária e as duas se afastaram. Um pouco antes de Lilith, Luce se lançou à frente em um movimento limpo, intuitivo, empurrando a ponta da espada para a direita, depois à esquerda, e em seguida rente à lateral das costelas de Lilith. Os Nefilim aplaudiram, mas Luce não parou. Ela se afastou e em seguida retornou, mergulhando a ponta da lâmina no preenchimento da barriga de Lilith.

Com isso, foram três pontos.

Lilith atirou a espada no chão, arrancou a máscara e fez uma careta horrível para Luce antes de sair rapidamente para o vestiário. O resto da turma estava de pé, e Luce podia sentir seus colegas a

rodeando. Dawn e Jasmine abraçaram-na de ambos os lados, apertando-a. Shelby veio bater um high-five, e Luce podia ver Miles esperando pacientemente atrás dela. Quando foi a vez dele, o garoto a surpreendeu, levantando-a do chão em um abraço longo e apertado.

Ela o abraçou de volta, pensando como se sentira estranha antes, quando correra até ele só para descobrir que Dawn tinha chegado primeiro. Agora, ela estava apenas muito feliz em tê-lo por perto, contente com seu apoio simples e honesto.

— Quero umas lições de esgrima — brincou ele.

Em seus braços, Luce olhou para o céu, para as sombras se alongando dos longos ramos. Suas vozes estavam mais suaves agora, menos distintas, mas ainda assim eram mais claras do que jamais foram antes, como um rádio há anos cheio de estática que finalmente havia sido sintonizado. Ela não sabia se deveria ficar feliz ou com medo.

ONZE



OITO DIAS

— Espere um pouco — explodiu Callie do outro lado da linha. — Deixa eu me beliscar para ter certeza de que não estou...

— Você não está sonhando — disse Luce em seu telefone celular emprestado. A recepção estava fraca na floresta, mas o sarcasmo de Callie veio em alto e bom som. — Sou eu mesma. Me desculpe, tenho sido uma péssima amiga.

Era a noite de quinta-feira após o jantar e Luce estava encostada no tronco forte de uma sequoia atrás de seu dormitório. À esquerda havia uma subida e depois o precipício e, finalmente, o oceano. Ainda havia um pouco de luz âmbar no céu sobre a água. Seus novos amigos estavam todos lá dentro, comendo doces e contando histórias de demônios em torno da lareira. Era um evento social de Dawn e Jasmine, parte das Noites Nefilim que Luce deveria ajudar a organizar, mas tudo que havia feito fora pedir alguns sacos de marshmallow e chocolate amargo ao refeitório.

E depois escapou para a margem sombria da floresta para evitar todos da Shoreline e reconectar-se com outras coisas importantes:

Seus pais. Callie. E os Anunciadores.

Ela esperara até então para ligar para casa. Quintas-feiras na casa dos Price significavam que sua mãe estaria jogando mahjong na casa dos vizinhos e seu pai teria ido ao cinema local assistir à ópera Atlanta. Ela podia lidar com suas vozes na mensagem antiga da secretária eletrônica, conseguiria deixar um recado de trinta segundos dizendo que estava se esforçando para convencer o Sr. Cole a deixá-la sair do campus para o Dia de Ação de Graças, e que os amava muito.

Mas não ia ser tão fácil com Callie.

— Pensei que você só podia ligar às quartas-feiras — dizia Callie. Luce tinha se esquecido da política rigorosa sobre telefonemas na Sword & Cross. — No começo parei de fazer planos às quartas-feiras, esperando você ligar — continuou Callie. — Mas, depois de um tempo, meio que desisti. Como você conseguiu um telefone celular, afinal?

— Só isso? — Luce perguntou. — Como eu consegui um telefone celular? Você não está brava comigo?

Callie soltou um longo suspiro.

— Sabe, pensei em ficar com raiva. Até mesmo ensaiei uma briga na minha cabeça. Mas assim nós duas perderíamos. — Ela fez uma pausa. — E a questão é que sinto sua falta, Luce. Então, pensei, para que perder tempo?

— Obrigada — sussurrou Luce, quase chorando de felicidade. — Então, o que tem feito?

— Não. Eu sou a responsável por esta conversa. Esse é o seu castigo por sumir do meu radar. E o que quero saber é: o que está acontecendo com aquele cara? Acho que o nome começava com C?

— Cam. — Luce gemeu. *Cam* tinha sido o último cara sobre quem falou com Callie? — Ele acabou não sendo... o tipo de cara que eu achava que era. — Ela parou por um momento. — Estou com outra pessoa agora, e as coisas realmente estão... — Ela pensou no rosto lindo de Daniel e no jeito que havia se fechado tão rapidamente durante o último encontro, do lado de fora da janela.

Então Luce pensou em Miles. Caloroso, confiável, charmoso, tranquilo, no convite que ele fizera para visitar a casa de sua família

no dia de Ação de Graças. Miles, que pedia picles no hambúrguer no refeitório só para dá-los a Luce e inclinava a cabeça para cima quando ria, deixando aparecer o brilho em seus olhos cobertos pelo boné dos Dodgers.

— As coisas estão bem — disse ela finalmente. — Temos ficado muito juntos.

— Aah, passando de um bad boy para outro. Aproveitando bem, não é? Mas este parece ser sério, posso sentir pela sua voz. Vão comemorar Ação de Graças juntos? Vai trazer ele para casa para enfrentar a ira de Harry?

— Hmm... sim, provavelmente — resmungou Luce. Ela não estava totalmente certa se estava falando sobre Daniel ou Miles.

— Meus pais estão insistindo em alguma grande reunião de família em Detroit no fim de semana — disse Callie —, que estou boicotando. Eu queria visitar você, mas achei que estaria trancafiada aí, no melhor estilo reformatório. — Ela parou, e Luce podia imaginá-la enrolada em sua cama no quarto do dormitório da Dover. Parecia uma eternidade desde que Luce estivera lá. Tanto havia mudado. — Por outro lado, se você vai para casa, *e* levar o menino do reformatório, não vai conseguir me impedir.

— OK, mas, Callie...

Luce foi interrompida por um gritinho.

— Então está tudo certo? Imagine: em uma semana vamos estar sentadas em seu sofá, botando o papo em dia! Vou fazer a minha famosa pipoca para suportar os slides chatos que seu pai vai mostrar. E seu poodle histérico estará enlouquecido...

Luce nunca estivera na casa de Callie na Filadélfia, e Callie nunca visitara a de Luce, na Geórgia. As duas só haviam visto fotos. Uma visita de Callie parecia tão perfeita, exatamente o que Luce precisava neste momento. Mas também parecia totalmente impossível.

— Vou pesquisar voos agora.

— Callie...

— Eu vou lhe mandar por e-mail, OK? — Callie desligou antes que Luce conseguisse responder.

Isso não era bom. Luce fechou o telefone. Ela não devia ter sentido como se Callie estivesse se intrometendo, convidando-se para o dia de Ação de Graças. Ela devia ter adorado o fato de sua amiga ainda querer vê-la. Mas tudo que sentia era impotência, saudades de casa, e culpa, por perpetuar esse estúpido ciclo de mentiras.

Seria possível algum dia ser apenas normal e feliz? O que seria preciso na Terra — ou fora dela — para Luce ser tão contente com sua vida quanto alguém como Miles parecia ser? Sua mente continuava circulando em torno de Daniel. E ela teve sua resposta: a única maneira de ela viver despreocupada novamente seria nunca tendo conhecido Daniel. Nunca conhecer o verdadeiro amor.

Alguma coisa se balançou no topo das árvores. Um vento gelado envolveu sua pele. Ela não tinha especificamente se concentrado em um Anunciador mas percebeu que, como Steven tinha dito, seu desejo por respostas havia convocado um.

Não, não apenas um.

Ela estremeceu, olhando para o emaranhado de galhos. Centenas de sombras camufladas, obscuras, fétidas.

Elas fluíam juntas nos ramos das sequoias altas sobre sua cabeça. Como se alguém nas nuvens tivesse derrubado um gigantesco pote de tinta preta que se espalhara por todo o céu e escorria para a copa das árvores, sangrando de um ramo para outro até que a paisagem da floresta virasse uma massa sólida de escuridão. No início, era quase impossível dizer onde uma sombra acabava e outra começava, qual sombra era real e qual era um Anunciador.

Mas logo elas começaram a se transformar e a ficar mais nítidas —, disfarçadamente num primeiro momento, como se estivessem movendo-se como quem não quer nada na luz que diminuía — e depois com mais ousadia. Elas se desatacavam dos galhos que ocupavam, deixando cair seus tentáculos de escuridão, na direção de Luce. Reconhecendo-a ou ameaçando-a? Ela tentou se acalmar, mas não conseguia recuperar o fôlego. Eram muitas. Era demais. Luce ofegou, tentando não entrar em pânico, sabendo que já era muito tarde.

Correu.

Ela disparou para o sul, em direção ao dormitório. Mas o abismo sombrio rodopiando no topo das árvores apenas se moveu com ela, sibilando ao longo dos ramos mais baixos das sequoias, chegando mais perto. Ela sentiu as alfinetadas geladas tocando-a nos ombros. Ela gritou enquanto a agarravam, golpeando-as com as mãos.

Luce mudou de rumo, dando a volta em torno de si mesma na direção oposta, a caminho do alojamento Nefilim ao norte. Iria encontrar Miles ou Shelby ou então Francesca. Mas os Anunciadores não a deixavam ir. Imediatamente deslizaram à sua frente, inflando, engolindo a luz e bloqueando o caminho para o alojamento. Seu assobio abafava os murmúrios distantes da fogueira Nefilim, fazendo os amigos de Luce parecerem incrivelmente distantes.

Luce obrigou-se a parar e respirar fundo. Ela sabia mais sobre os Anunciadores do que jamais soubera. Devia ter *menos* medo deles. Qual era seu problema? Talvez soubesse que estava se aproximando de algo, alguma memória ou informação que poderia alterar o curso de sua vida e de seu relacionamento com Daniel. Na verdade, ela não estava apenas aterrorizada com os Anunciadores. Tinha medo do que poderia ver dentro deles.

Ou ouvir.

A menção de Steven no dia anterior sobre bloquear o ruído dos Anunciadores finalmente fizera sentido: ela poderia ouvir suas vidas passadas. Podia ultrapassar a estática e se concentrar no que queria saber. No que *precisava* saber. Steven deve ter tido a intenção de lhe dar essa pista, deve ter sabido que ela escutaria e levaria seus novos conhecimentos diretamente para os Anunciadores.

Ela se virou e voltou para a escuridão solitária das árvores. Os uivos dos Anunciadores acalmaram-se e pararam.

A escuridão sob os galhos cobriu-a de frio e do cheiro de decomposição das folhas. No crepúsculo, os Anunciadores iam para a frente, estabelecendo-se na penumbra ao redor dela, camuflando-se novamente entre as sombras naturais. Alguns deles moviam-se de forma rápida e dura, como soldados; outros tinham uma agilidade

graciosa. Luce imaginou se suas aparências refletiam as mensagens que carregavam.

Muito sobre os Anunciadores ainda parecia impenetrável. Ouvi-los não era intuitivo, como mexer a esmo num sintonizador de rádio antigo. O que ela ouvira antes — aquela voz entre o tumulto de vozes — havia a alcançado por acidente.

O passado pode ter sido incompreensível para ela antes, mas Luce podia sentir isso se avolumando contra a superfície, esperando para ser libertado. Ela fechou os olhos e juntou as mãos. Lá, na escuridão, com o coração batendo forte, pediu que aparecessem. Convidou os mais frios, os mais sombrios, pedindo-lhes para revelar seu passado, para iluminar sua história com Daniel. Instou-os a explicar o mistério de quem ele era e por que a havia escolhido.

Mesmo se a verdade fosse partir seu coração.

Um riso alto de mulher ecoou na floresta. Uma risada tão clara e cheia que parecia estar envolvendo Luce, ricocheteado nos galhos das árvores. Ela tentou rastrear sua origem, mas eram tantas sombras reunidas ali, que Luce não sabia como localizar a fonte. E então sentiu seu sangue gelar.

Era o riso dela.

Ou favor dela, quando era criança. Antes de Daniel, antes da Sword & Cross, antes de Trevor... Antes de uma vida cheia de segredos e mentiras e tantas questões sem resposta. Antes de ver um anjo. Era uma risada inocente demais, despreocupada demais, para ainda pertencer a ela.

Uma lufada de vento rodopiou na parte de cima dos galhos, e uma dispersão de agulhas amarronzadas soltou-se, caindo no chão. Elas tamborilavam como pingos de chuva enquanto se juntavam a milhares de predecessoras no chão da floresta. Entre elas havia uma grande folha.

Grossa e totalmente intacta, ela arrastava-se lentamente, de alguma forma livre da força da gravidade. Era preta em vez de marrom. E, em vez de ficar no chão, ela flutuou levemente até a mão aberta de Luce.

Não era uma folha, e sim um Anunciador. Quando ela se inclinou para examinar mais de perto, ouviu o riso novamente. Em algum lugar lá dentro, a outra Luce estava rindo.

Com delicadeza, Luce deu um puxão nas bordas ásperas do Anunciador. Era mais flexível do que esperava, mas frio e pegajoso em seus dedos. Ele aumentava ao mais leve toque. Quando finalmente terminou de crescer, com cerca de um metro quadrado, Luce o soltou e ficou contente ao vê-lo subir até o nível de seus olhos. Ela fez um esforço especial para se concentrar na audição, para se desligar do mundo ao seu redor.

A princípio, nada aconteceu. Em seguida...

Mais uma risada crescente veio de dentro da sombra. Então o véu de escuridão desfiou-se e a imagem lá dentro se tornou mais clara.

Desta vez, Daniel foi o primeiro a aparecer.

Mesmo através da tela do Anunciador, era maravilhoso vê-lo. Seu cabelo estava um pouco mais longo do que agora. E ele estava bronzeado — os ombros e a ponta do nariz tinham um tom forte de dourado. Ele usava uma sunga azul do tipo que já vira em fotos de família dos anos 1970. Estava tão bonito.

Atrás de Daniel estava uma espessa floresta verdejante e densa, de um verde luxuriante, mas salpicado por cores de frutas e flores brancas que Luce nunca vira antes. Ele estava na beira de um precipício baixo, mas íngreme, que dava para uma piscina natural de água espumante. Daniel, porém, olhava para cima, em direção ao céu.

A risada de novo. E então a própria voz de Luce, entrecortada por risadinhas:

— Anda logo e vem aqui!

Luce se inclinou para a frente, para mais perto da janela do Anunciador, e viu a antiga Luce dentro d'água, usando um biquíni frente-única amarelo. Seu cabelo longo dançava ao redor, flutuando na superfície da água como um halo preto profundo. Daniel a observava, mas também continuava olhando para cima. Os músculos em seu peito estavam ficando tensos. Luce teve um mau pressentimento de já saber a razão.

O céu estava se enchendo de Anunciadores, como um bando de enormes corvos pretos, uma nuvem tão espessa que bloqueava o sol. A Luce anterior, na água, nada notava, nada via. Mas, vendo todas as sombras voarem e reunirem-se no ar úmido da floresta tropical, em uma imagem feita por um Anunciador, fez a Luce atual sentir uma súbita vertigem na floresta.

— Você está me fazendo esperar séculos — disse a Luce antiga para Daniel. — Daqui a pouco vou congelar.

Daniel tirou os olhos do céu, olhando para ela com uma expressão triste. Seus lábios tremiam e o rosto estava pálido como o de um fantasma.

— Você não vai congelar — respondeu ele. Eram *lágrimas* no rosto de Daniel? Ele fechou os olhos e estremeceu. Então, erguendo os braços sobre a cabeça, pulou da beira e mergulhou.

Daniel voltou a emergir um momento depois, e a antiga Luce nadou em direção a ele. Colocou os braços em volta do pescoço dele, o rosto animado e feliz. Luce assistia tudo se desenrolar com uma mistura de enjoo e satisfação. Ela queria que a antiga Luce tivesse o máximo de Daniel que pudesse, sentisse aquela intimidade inocente, o êxtase de estar com quem amava.

Mas ela sabia, assim como Daniel e o enxame de Anunciadores, exatamente o que iria acontecer logo que a antiga Luce apertasse os lábios contra os dele. Daniel estava certo: ela não ia congelar. Ela queimaria em uma explosão terrível.

E Daniel ficaria para trás, lamentando sua partida.

Mas ele não era o único. Essa menina tinha uma vida, amigos e uma família que a amava, que ficaria arrasada quando a perdesse.

De repente, Luce estava enfurecida. Furiosa com a maldição que pairava sobre ela e Daniel. Ela fora inocente, impotente, ela não sabia nada do que ia acontecer. Ainda não entendia *por que* acontecia, por que sempre tinha que morrer tão rapidamente depois de encontrar Daniel.

E por que ainda não tinha acontecido o mesmo nesta vida.

A Luce na água ainda estava viva. Luce não a deixaria — não podia deixá-la — morrer.

Ela agarrou o Anunciador, enrolando suas arestas nos punhos fechados. Ele se torcia e dobrava, contorcendo as imagens dos nadadores como um espelho de parque de diversões. Dentro de sua tela, outras sombras estavam chegando. O tempo estava acabando.

Frustrada, Luce gritou e socou o Anunciador — uma vez, depois outra, dando golpes na cena à sua frente. Ela bateu uma e outra vez, ofegando e chorando enquanto tentava ao máximo parar o que estava prestes a acontecer.

Então aconteceu: seu punho direito atravessou e o braço afundou até o cotovelo. Instantaneamente, Luce sentiu o choque da mudança de temperatura. O calor do sol de verão se espalhando pela palma de sua mão. A gravidade mudou. Luce não sabia o que era para cima ou para baixo. Ela sentiu o estômago se revirando e temia que fosse vomitar.

Ela podia atravessar. Podia salvar a antiga Luce.

Timidamente, esticou o braço esquerdo para a frente, que também desapareceu no Anunciador, como se atravessasse uma camada brilhante e úmida de gelatina que ondulava e se separava para deixá-la passar.

— Ele quer que eu faça isso — falou para si mesma. — Posso fazer isso. Posso salvá-la. Posso salvar a minha vida. — Luce se inclinou ligeiramente para trás e então empurrou o corpo para dentro do Anunciador.

A luz do sol era tão brilhante que ela precisou fechar os olhos, e o calor era tão tropical que gotas de suor imediatamente brotaram de sua pele. Uma sensação nauseante da gravidade girando e mudando, como no auge de um mergulho. Em um momento ela estaria caindo...

Mas alguma coisa segurou seu tornozelo esquerdo. Depois o direito. Algo estava puxando Luce com muita força para trás.

— Não! — gritou Luce, porque podia ver agora, lá embaixo, uma explosão amarela na água. Brilhante demais para ser a parte de cima de seu biquíni. A antiga Luce já estaria queimando?

Então tudo desapareceu.

Luce foi trazida de volta para o gramado escuro e frio das sequoias atrás do dormitório da Shoreline. A pele estava fria e úmida e seu senso de equilíbrio sumira, fazendo-a cair de cara no chão de terra coberto por agulhas da floresta. Ela se virou e viu duas figuras à sua frente, mas a cabeça girava tanto que nem conseguia distinguir quem eram.

— Achei mesmo que iria encontrar você aqui.

Shelby. Luce balançou a cabeça e piscou algumas vezes.

Não apenas Shelby, mas Miles também. Ambos pareciam exaustos. *Luce* estava exausta. Ela olhou para o relógio, não se surpreendendo ao ver quanto tempo passara vislumbrando o Anunciador. Passava de uma da manhã. O que Miles e Shelby ainda estavam fazendo acordados?

— O q-quê... o que você estava tentando... — gaguejou Miles, apontando para o local onde o Anunciador estivera. Ela olhou para trás. A sombra havia se espalhado em centenas de agulhas sombrias que choviam, frágeis o suficiente para transformarem-se em cinzas ao pousar.

— Acho que vou vomitar — murmurou Luce, rolando para o lado e indo para trás da árvore mais próxima. Arrotou algumas vezes, mas nada saía. Luce fechou os olhos, atormentada pela culpa. Havia sido fraca e lenta demais para salvar a si mesma.

O toque frio de alguém afastou os cachos curtos de seu rosto. Luce viu as velhas calças de ioga de Shelby e seus pés em chinelos de borracha, e se sentiu grata.

— Obrigada — disse. Após um longo momento, limpou a boca e, trêmula, ficou de pé. — Você está brava comigo?

— Brava? Estou *orgulhosa* de você. Você descobriu. Por que ainda precisaria de alguém como eu agora?

Shelby deu de ombros.

— Shelby...

— Não, vou dizer por que precisa de mim — desabafou Shelby. — Para mantê-la longe de catástrofes como a em que você praticamente

tentou se jogar! Uma burrice, devo acrescentar. O que estava tentando fazer? Você sabe o que acontece com as pessoas que *entram* em Anunciadores?

Luce balançou a cabeça.

— Nem eu, mas duvido que seja alguma coisa boa!

— Você ao menos tem de saber o que está fazendo — disse Miles, aparecendo de repente atrás delas. Seu rosto estava mais pálido que o normal. Luce realmente deve ter abalado o amigo.

— Ah, e presumo que *você* saiba o que está fazendo? — desafiou Shelby.

— Não — murmurou ele. — Mas meus pais me obrigaram a frequentar uma oficina de verão com um anjo velho que sabia, certo? — Ele se virou para Luce. — E não é do jeito que você estava fazendo. Você realmente me assustou, Luce.

— Sinto muito — Luce estremeceu. Shelby e Miles estavam agindo como se ela os tivesse traído por estar ali sozinha. — Pensei que vocês estavam indo para a fogueira atrás do alojamento.

— Nós pensamos que *você* ia também — disparou Shelby de volta. — Ficamos lá por um tempo, mas então Jasmine começou a chorar porque Dawn tinha desaparecido, e os professores ficaram muito esquisitos, especialmente quando perceberam que você também não estava lá. Aí a festa meio que terminou. Então mencionei para Miles que eu, tipo, tinha uma ideia do que você podia estar aprontando e falei que ia cair fora para encontrá-la. De repente ele virou o Sr. Super Bonder.

— Espere um minuto — interrompeu Luce. — Dawn *desapareceu*?

— Provavelmente não — sugeriu Miles. — Quero dizer, sabe como ela e Jasmine são. Elas são apenas avoadas.

— Mas era a festa dela — disse Luce. — Ela não perderia a própria festa.

— Isso foi o que Jasmine ficou repetindo — comentou Miles. — Ela não voltou para o quarto na noite passada e não estava no refeitório esta manhã, então Frankie e Steven finalmente mandaram todos nós de volta para os dormitórios, mas...

— Aposto vinte dólares que Dawn está se agarrando com algum não Nef ensebado por aí. — Shelby revirou os olhos.

— Não. — Luce tinha um mau pressentimento sobre aquilo. Dawn estava tão animada com a fogueira. Tinha até encomendado camisetas na internet, embora fosse impossível convencer qualquer um dos Nefilim a usá-las. Ela não iria simplesmente desaparecer, não por vontade própria.

— Há quanto tempo ela está sumida?

vinheta

Quando os três saíram do bosque, Luce estava ainda mais abalada, e não apenas por causa de Dawn. Estava abalada com o que tinha visto no Anunciador. Assistir à morte se aproximando de sua antiga vida fora uma agonia, e era a sua primeira vez. Daniel, por outro lado, tivera que assistir àquilo centenas de vezes. Só agora ela conseguia entender por que havia sido tão frio quando se conheceram: para salvá-los do trauma de passar por mais uma morte horrível. A realidade da maldição de Daniel começou a dominá-la, e Luce estava desesperada para vê-lo.

Atravessando o gramado para o dormitório, Luce teve que cobrir os olhos. Lanternas potentes estavam varrendo o campus. Um helicóptero sobrevoava a distância, o holofote traçando toda a costa, varrendo para a frente e para trás ao longo da praia. Uma ampla linha de homens em uniformes escuros andava do caminho do alojamento Nefilim para o refeitório, examinando o terreno lentamente.

Miles disse:

— Essa é a formação-padrão de grupos de busca. Forme uma linha e não deixe nenhum centímetro de terra sem ser examinado.

— Ai, Deus — disse Luce baixinho.

— Ela realmente sumiu. — Shelby estremeceu. — Péssimo carma.

Luce começou a correr em direção ao alojamento Nefilim.

Miles e Shelby a seguiram. O caminho, cheio de flores e tão bonito durante o dia, agora parecia coberto de sombras. À frente deles, a fogueira havia se apagado até poucas brasas, mas todas as luzes estavam acesas no prédio, dentro de cada uma das salas dos dois

andares, e por toda a varanda. O edifício triangular estava todo iluminado e parecia formidável na noite escura.

Luce podia ver a expressão assustada de vários alunos Nefilim sentados nos bancos ao redor do terraço. Jasmine estava chorando, o gorro vermelho de tricô protegendo sua cabeça. Ela segurava a mão de Lilith para se consolar enquanto dois policiais faziam um monte de perguntas e anotavam tudo. O coração de Luce ficou apertado. Ela sabia como todo aquele processo podia ser horrível.

Os policiais andavam pelo local, distribuindo uma grande foto em preto e branco de Dawn que alguém havia imprimido da internet. Olhando para a imagem em baixa resolução, Luce ficou surpresa ao ver o quanto se parecia *mesmo* com Dawn, pelo menos antes de pintar o cabelo. Ela se lembrou de conversar com as duas na manhã depois que fez aquilo, de como Dawn brincou sobre não serem mais gêmeas.

Luce cobriu a boca com as mãos. Sua cabeça doía enquanto começava a somar tantos fatores que não faziam sentido... até agora.

O terrível momento no bote salva-vidas. A dura advertência de Steven sobre manter aquilo em segredo. A obsessão de Daniel por "perigos" jamais explicados. A Pária que a tinha atraído para fora do campus, a ameaça que Cam eliminara na floresta. A maneira com que Dawn se parecia tanto com Luce na foto em preto e branco.

Quem levou Dawn havia se enganado. Estavam atrás de Luce.

DOZE



SETE DIAS

Na sexta de manhã, Luce piscou os olhos e olhou para o relógio. Sete e meia. Ela mal havia conseguido dormir — estava um caco, muito preocupada com Dawn e ainda zangada com a vida passada que vislumbrara pelo Anunciador no dia anterior. Era tão estranho ter visto os momentos que antecederam sua morte. Será que todas teriam sido assim? Sua mente ficava voltando à mesma coisa, repetidas vezes.

— Se não tivesse sido por Daniel...

Será que ela teria a chance de uma vida normal, um relacionamento com alguém, casar, ter filhos e envelhecer, como o resto do mundo? Se Daniel não tivesse se apaixonado por ela séculos atrás, Dawn estaria desaparecida agora?

Essas questões todas eram apenas distrações, que mais cedo ou mais tarde a levavam de volta para o mais importante: seria diferente amar outra pessoa? Seria possível o amor com outro? O amor deveria ser fácil, não deveria? Então, por que ela se sentia tão atormentada?

Shelby pendurou a cabeça do beliche superior, seu cabelo loiro e grosso preso num rabo de cavalo caindo atrás dela como uma corda pesada.

— Você está tão agoniada com essa história quanto eu?

Luce apontou a cama para Shelby, que pulou para baixo e sentou-se ao lado dela. Ainda em seu grosso pijama de flanela vermelha, Shelby deslizou para a cama de Luce com duas barras gigantescas de chocolate amargo.

Luce ia dizer que não conseguia comer, mas o cheiro do chocolate flutuou até seu nariz e ela acabou puxando o papel-alumínio bronze, abrindo um sorriso tímido para Shelby.

— Quer saber — disse Shelby —, lembra do que falei ontem à noite, sobre Dawn estar se agarrando com algum não Nef? Me sinto realmente mal por isso.

Luce balançou a cabeça.

— Ah, Shel, você não sabia. Você não pode se sentir mal por isso. — Ela, por outro lado, tinha muitos motivos para se culpar pelo que havia acontecido com Dawn. Luce já se sentia tão responsável pela morte de pessoas perto dela, Trevor, em seguida, Todd, e depois a pobrezinha da Penn. A ideia de adicionar Dawn à lista quase a deixava sem ar. Ela enxugou uma lágrima silenciosa antes que Shelby percebesse. Estava chegando ao ponto em que Luce teria que se pôr em quarentena, afastando-se de todos que amava para que pudessem ficar em segurança.

Uma batida na porta fez Luce e Shelby saltarem. A porta se abriu lentamente. Ela Miles.

— Encontraram Dawn.

— *O quê?* — perguntaram Luce e Shelby em uníssono, erguendo-se.

Miles arrastou a cadeira da mesa de Luce para perto da cama e sentou de frente para elas. Tirou o boné e enxugou a testa, que estava pontilhada de suor, como se tivesse vindo correndo pelo campus para lhes contar.

— Não consegui dormir na noite passada — disse ele, revirando o boné nas mãos. — Levantei de madrugada e fiquei andando por aí. Encontrei Steven e ele me contou as boas novas. As pessoas que a

levaram trouxeram Dawn de volta perto do nascer do sol. Ela está abalada, mas não se machucou.

— Isso é um milagre — murmurou Shelby.

Luce era mais cética.

— Não entendo. Simplesmente a trouxeram de volta? Ilesa? Quais as chances de algo assim acontecer?

E quanto tempo tinham levado para perceber que estavam com a garota errada?

— Não foi tão simples assim — admitiu Miles. — Steven estava envolvido. Ele a resgatou.

— De quem? — Luce estava praticamente gritando.

Miles deu de ombros, balançando sobre as duas pernas de trás da cadeira.

— Sei lá. Steven sabe com certeza, mas, hmm, eu não sou exatamente a sua primeira escolha para conversinhas particulares.

A ideia de Miles e Steven trocando confidências fez Shelby uivar. Dawn ter sido encontrada, sem ferimentos, pareceu relaxar a todos, exceto Luce. Seu corpo estava ficando dormente. Ela não conseguia parar de pensar: *Devia ter sido eu.*

Saiu da cama e pegou uma camiseta e jeans do armário. Tinha que encontrar Dawn. Ela era a única pessoa que poderia responder a suas perguntas. E, mesmo que Dawn nunca fosse entender, Luce sabia que lhe devia um pedido de desculpas.

— Steven disse que as pessoas que a levaram não voltarão — acrescentou Miles, observando Luce com preocupação.

— E você acredita nele? — zombou Luce.

— Por que não? — perguntou alguém da porta.

Francesca estava encostada na soleira, usando um *casaco* cáqui. Ela parecia calma, mas não exatamente feliz em vê-los.

— Dawn está em casa e em segurança agora.

— Quero vê-la — disse Luce, sentindo-se ridícula em pé ali com sua camiseta velha e shorts de dormir.

Francesca franziu os lábios.

— A família de Dawn a buscou uma hora atrás. Ela vai voltar para Shoreline quando for a hora certa.

— Por que você está agindo como se nada tivesse acontecido? — Luce levantou os braços, exasperada. — Como se Dawn não tivesse sido sequestrada...

— Ela não foi sequestrada — corrigiu Francesca. — Ela estava emprestada, e isso acabou sendo um erro. Steven resolveu tudo.

— Ah, e isso deveria nos fazer sentir melhor? Ela foi *emprestada*? Para quê?

Luce observou o rosto de Francesca e não viu nada, apenas uma calma sensata. Mas então algo nos olhos azuis de Francesca mudou: eles se estreitaram, depois se arregalaram, e um apelo silencioso foi transmitido de Francesca para Luce. Ela não queria que a menina demonstrasse suas suspeitas na frente de Miles e de Shelby. Luce não sabia a razão, mas confiou em Francesca.

— Steven e eu imaginamos que vocês fossem ficar muito agitados — continuou Francesca, olhando também para Miles e Shelby. — As aulas estão canceladas hoje, e estaremos nos escritórios se algum de vocês quiser conversar. — Ela sorriu daquela sua maneira deslumbrante e angelical, deu meia-volta e seguiu pelo corredor sobre os saltos. Shelby se levantou e fechou a porta.

— Você acredita que ela usou o termo "emprestada" para se referir a um ser humano? Como se Dawn fosse um livro da biblioteca? — Ela ergueu as mãos. — Temos que fazer alguma coisa para esquecer disso. Quero dizer, estou contente por Dawn estar segura e confio em Steven, ou acho que sim, mas ainda estou total e completamente apavorada.

— Você está certa — disse Luce, olhando para Miles. — Vamos nos distrair. Poderíamos dar uma volta...

— É muito perigoso. — Os olhos de Shelby iam de um lado para o outro.

— Ou assistir a um filme...

— Parado demais. Vou me distrair.

— Eddie disse alguma coisa sobre um jogo de futebol durante o almoço — sugeriu Miles.

Shelby colocou uma das mãos sobre a testa.

— Preciso relembrar que estou de saco *cheio* dos meninos da Shoreline?

— Que tal um jogo de tabuleiro...

Finalmente os olhos de Shelby se iluminaram.

— Que tal o jogo da vida? Tipo... das suas vidas passadas? Nós poderíamos rastrear seus parentes de novo. Posso ajudar você.

Luce mordeu o lábio inferior. A experiência com aquele Anunciador na noite anterior a tinha abalado seriamente. Ainda estava fisicamente desorientada, emocionalmente esgotada, e nem sequer começara a pensar sobre como isso a fizera se sentir em relação a Daniel.

— Não sei, não — respondeu.

— Você quer dizer, mais do que ela estava fazendo ontem? — perguntou Miles.

Shelby virou a cabeça e olhou feio para Miles.

— Você ainda está aqui?

Miles pegou um travesseiro que tinha caído no chão e atirou-o nela. Ela rebateu, parecendo impressionada com seus próprios reflexos.

— Certo, tudo bem. Miles pode ficar. Mascotes são sempre úteis. E talvez a gente precise de alguém para jogar debaixo de um ônibus. Certo, Luce?

Luce fechou os olhos. Sim, estava morrendo de vontade de descobrir mais sobre seu passado, mas e se fosse tão difícil de aceitar como tinha sido no dia anterior? Mesmo tendo Miles e Shelby ao seu lado, Luce estava com medo de tentar novamente.

Mas então se lembrou do dia em que Francesca e Steven demonstraram o vislumbre do Anunciador de Sodoma e Gomorra na classe. Os outros alunos tinham reclamado depois, mas Luce ficou pensando que eles terem vislumbrado ou não aquela cena horrível não importava muito: ainda assim aquilo teria acontecido. Era o mesmo com o seu passado.

Pelo amor de todas as suas antigas vidas, Luce não podia desistir agora.

— Vamos jogar — disse aos amigos.



Miles esperou alguns minutos para as meninas se vestirem, e se encontraram novamente no corredor. Mas Shelby se recusou a ir para a floresta onde Luce tinha convocado os Anunciadores.

— Não olhe para mim assim. Dawn acabou de ser raptada, e florestas são escuras e assustadoras. Eu realmente não quero ser a próxima, sabe?

Foi quando Miles sugeriu que seria bom para Luce tentar praticar a convocação dos Anunciadores em um lugar diferente, como no dormitório.

— Só assobie e traga-os correndo — disse ele. — Faça dos Anunciadores seus cãezinhos. Você sabe que quer fazer isso.

— Não quero que eles comecem a aparecer por aqui — disse Shelby para Luce. — Sem ofensas, mas eu preciso de privacidade.

Luce não se ofendeu. Mas infelizmente os Anunciadores nunca tinham parado de segui-la, na verdade, quer ela os chamasse ou não. Ela não queria as sombras passando por seu dormitório de surpresa mais do que Shelby.

— A questão com os Anunciadores é demonstrar controle. É como educar um novo cachorro. Você apenas tem que deixá-lo saber quem é que manda.

Luce ergueu a cabeça para Miles, surpresa.

— Desde quando você sabe tanta coisa útil sobre os Anunciadores?

Miles corou.

— Posso nem sempre “me destacar” em sala de aula, mas consigo fazer algumas coisas.

— E daí? Ela simplesmente fica parada aqui e chama os Anunciadores? — perguntou Shelby.

Luce ficou em pé na esteira de ioga colorida de Shelby no meio da sala e pensou sobre como Steven a havia treinado.

— Vamos abrir uma janela — disse ela.

Shelby pulou para levantar o caixilho da ampla janela, deixando entrar um sopro de ar fresco do mar.

— Boa ideia. Deixa o ambiente mais receptivo.

— E frio — disse Miles, vestindo o capuz do moletom.

Então os dois se sentaram na cama de frente para Luce, como se ela fosse uma atriz no palco.

Ela fechou os olhos, tentando não se sentir sob os refletores. Mas em vez de pensar nas sombras, em vez de convocá-las com sua mente, Luce só conseguia pensar em Dawn e em como ela deve ter ficado aterrorizada na noite anterior, como devia estar se sentindo agora, com sua família de novo. Ela se recuperara depois do incidente bizarro no iate, mas o atual havia sido muito mais grave. E a culpa foi de Luce. Bem, de Luce *e* de Daniel, por tê-la levado para lá.

Ele dizia que a levara para um lugar mais seguro. Agora Luce se perguntava se o que ele fizera não estava na verdade deixando a Shoreline mais perigosa para os outros.

Um engasgo de Miles fez Luce abrir os olhos. Ela olhou um pouco além da janela, onde um grande Anunciador cor de carvão estava flutuando contra o teto. No início parecia ser uma sombra normal, formada pela lâmpada que Shelby colocava no chão quando fazia o Vinyasa. Mas, em seguida, o Anunciador começou a se espalhar através do teto até o quarto parecer ter sido pintado com uma tinta mortal, deixando um rastro frio e fétido sobre a cabeça de Luce. Fora de seu alcance.

O Anunciador que ela não tinha sequer convocado, o Anunciador que poderia conter, bem, *qualquer coisa*, estava provocando-a.

Ela inspirou, nervosa, lembrando-se do que Miles havia dito sobre controle. Luce se concentrou com tanta força que seu cérebro começou a doer. Seu rosto estava vermelho e os olhos fixos de tal modo que logo ela teria que desistir. Mas então...

Então o Anunciador se soltou, deslizando até os pés de Luce como um tecido pesado. Apertando os olhos, ela vislumbrou uma sombra marrom, menor e mais redonda, pairando sobre a maior e mais escura, rastreando seus movimentos, quase como um pardal, que pode voar em estreita conformidade com um falcão. O que essa sombra queria?

— Incrível — sussurrou Miles.

Luce tentou interpretar as palavras de Miles como um elogio. Essas coisas que a aterrorizaram por toda sua vida, que a fizeram tão infeliz? Que ela sempre havia temido? Agora lhe serviam. Isso era mesmo meio incrível. Não havia ocorrido a ela, até ver a fascinação no rosto de Miles. Pela primeira vez, sentiu-se muito poderosa.

Ela controlou a respiração e com calma orientou a sombra do chão até suas mãos. Uma vez que o Anunciador cinzento estava a seu alcance, o menor derramou-se no chão como um feixe dourado de luz vindo da janela, misturando-se às pranchas de madeira.

Luce segurou as bordas do Anunciador e prendeu a respiração, rezando para que a mensagem ali dentro fosse mais inocente do que a do dia anterior. Ela puxou, surpresa ao sentir aquela sombra oferecer-lhe mais resistência do que qualquer uma das outras que já havia manipulado. Parecia tão transparente e sem substância, mas era dura em suas mãos. Até conseguir moldá-la numa janela de cerca de trinta centímetros quadrados, seus braços já estavam doendo.

— Isso é o melhor que posso fazer— disse para Miles e Shelby. Eles se levantaram e chegaram mais perto.

O véu cinzento do Anunciador levantou, ou Luce pensou que sim, mas outro véu cinza estava sob o primeiro. Ela apertou os olhos até que viu o cinza turvo se mover, percebendo que não era mais a sombra que ela estava vendo: o véu cinzento à sua frente era uma espessa nuvem de fumaça de cigarro. Shelby tossiu.

A fumaça não diminuiu, mas os olhos de Luce se acostumaram a ela, e logo pôde ver uma ampla mesa em formato de meia-lua forrada com feltro vermelho. Cartas de baralho estavam dispostas em fileiras em toda a superfície. Uma fileira de estranhos lotava um dos lados.

Alguns pareciam ansiosos e nervosos, como o homem calvo que não parava de afrouxar a gravata de bolinhas e assobiar baixinho. Outros pareciam exaustos, como uma mulher cheia de laquê que apagava o cigarro em um copo com algo pela metade. Seu rímel empastelado estava escorrendo dos cílios superiores, deixando um grande borrão preto sob os olhos.

E, do outro lado da mesa, duas mãos voavam por um baralho de cartas, habilmente virando uma de cada vez para cada pessoa na mesa. Luce se aproximou mais de Miles para que pudesse ter uma visão melhor. Estava distraída pelas luzes de néon piscando das mil máquinas caça-níqueis pouco além das mesas. Isso foi antes de ela ver quem era o *dealer*.

Ela pensou que iria se acostumar a ver versões de si mesma nos Anunciadores. Jovem, esperançosa, sempre ingênua. Mas esta era diferente. A mulher distribuindo cartas no cassino decadente usava uma camisa branca, calças pretas justas e um colete preto que fazia seus seios parecerem maiores. As unhas eram longas e vermelhas, com lantejoulas brilhantes em ambos os dedos mínimos, e ela ficava usando-os para tirar os cabelos pretos do rosto. Seu olhar pairava pouco acima da testa dos jogadores, para que nunca olhasse ninguém nos olhos de verdade. Ela era três vezes mais velha que Luce, mas ainda havia *algo* de semelhante.

— É você? — sussurrou Miles, tentando não parecer horrorizado.

— Não! — Shelby disse categoricamente. — Essa mulher é uma *velha*. E Luce só vive até os 17 anos. — Ela lançou a Luce um olhar nervoso. — Quero dizer, no passado sempre foi assim. Desta vez, tenho certeza de que vai viver até uma idade avançada. Talvez tanto quanto esta senhora. Quero dizer...

— Chega, Shelby — pediu Luce.

Miles balançou a cabeça.

— Tenho *tanta* coisa para aprender ainda.

— OK, se não sou eu, devemos ser... não sei, ligadas de alguma forma. — Luce observou enquanto a mulher dava fichas para o homem calvo de gravata. Suas mãos pareciam com as de Luce. O

formato da boca era igualmente firme. — Você acha que é minha mãe? Ou minha irmã?

Shelby estava rabiscando furiosamente no verso da capa de um manual de ioga.

— Só há uma maneira de descobrir. — Ela mostrou suas anotações para Luce: *Las Vegas: Mirage Hotel e Cassino, turno da noite, mesa perto da exposição do tigre de Bengala, Vera com unhas postiças*.

Ela olhou de volta para a *dealer*. Shelby era ótima para os detalhes que Luce nunca notava. A placa identificadora dizia VERA, em letras brancas tortas. Mas a imagem estava começando a tremer e a desaparecer. Logo, toda a imagem se desfez em pequenos pedaços de sombra que caíram no chão e se enrolaram como cinzas de papel queimado.

— Mas espere, isso não é o passado? — perguntou Luce.

— Acho que não — respondeu Shelby. — Ou, pelo menos, não é um passado muito distante. Havia um anúncio para o novo espetáculo do Cirque du Soleil no fundo. Então, o que você me diz?

Ir até Las Vegas para encontrar essa mulher? Uma irmã de meia-idade provavelmente seria mais fácil de abordar do que pais de mais de 80 anos, mas ainda assim era estranho. E se fizessem todo o caminho até Las Vegas e Luce desistisse novamente?

Shelby a cutucou.

— Ei, devo realmente gostar de você, se concordo em ir até Las Vegas. Minha mãe trabalhou como garçonete lá por uns dois anos quando eu era criança. Vou dizer, é o inferno na Terra.

— Como chegaríamos lá? — quis saber Luce, evitando perguntar a Shelby se poderiam pegar o carro do ex-namorado novamente. — A que distância fica Vegas, afinal?

— Longe demais para dirigir — falou Miles. — O que não me incomoda, porque estou com vontade de praticar o atravessamento.

— Atravessamento? — perguntou Luce.

— Isso, atravessar. — Miles se ajoelhou no chão e juntou os fragmentos da sombra nas mãos. Pareciam quase inúteis, mas Miles continuou amassando-os com os dedos até formar uma bola mole,

não muito firme. — Eu disse que não consegui dormir na noite passada. Meio que invadi o escritório de Steven.

— Ah, tá bom — zombou Shelby. — Você foi reprovado em levitação. Você definitivamente não é bom o suficiente para entrar pela janela.

— E *você* não é forte o suficiente para arrastar a estante até o lugar certo — disse Miles. — Mas eu sou, e tenho isso para provar. — Ele sorriu, segurando um grosso livro preto: *Manual do Anunciador: Convoque, vislumbre, e viaje em dez mil passos fáceis*. — Também tenho um hematoma enorme na canela causado por uma saída mal planejada, mas de qualquer maneira... — Miles virou-se para Luce, que estava se controlando para não arrancar logo o livro de suas mãos. — Eu estava pensando, com seu evidente talento para vislumbrar, e meu conhecimento superior...

Shelby deu uma risada.

— Quanto do livro você leu, três por cento?

— Uma porcentagem muito útil — disse Miles. — Acho que podemos fazer isso... sem acabarmos perdidos para sempre.

Shelby inclinou a cabeça com desconfiança, mas não disse nada. Miles continuou a amassar o Anunciador na palma da mão, então começou a esticá-lo de novo. Após um minuto ou dois, havia se tornado uma folha cinza quase do tamanho de uma porta. Suas bordas eram molengas e translúcidas, mas quando Miles afastou-o um pouco, parecia ter ficado mais firme, como um molde de gesso depois de secar. Miles esticou a mão para o lado esquerdo do retângulo escuro, apalpando sua superfície, à procura de algo.

— Estranho — murmurou, tocando o Anunciador. — O livro diz que, se você tornar a área do Anunciador grande o suficiente, a tensão superficial se reduz, permitindo o atravessamento. — Ele suspirou. — Deveria ter uma...

— Ótimo livro, Miles. — Shelby revirou os olhos. — Você é mesmo um especialista agora.

— O que você está procurando? — perguntou Luce, parando logo atrás de Miles. De repente, observando as mãos dele se moverem, ela

viu.

Um trinco.

Ela piscou os olhos e a imagem desapareceu, mas Luce sabia onde estava. Seu braço contornou Miles e apertou o lado esquerdo do Anunciador. *Ali*. Tocar aquilo a fez ofegar.

Parecia um trinco de metal pesado com ferrolho, usado para fechar um portão de jardim. Era gelado e áspero, coberto por uma ferrugem invisível.

— E agora? — perguntou Shelby.

Ela olhou para os dois amigos muito confusos, encolheu os ombros, mexeu um pouco o trinco e então deslizou lentamente o ferrolho invisível para o lado.

Com a tranca aberta, a sombra de uma porta subiu, quase derrubando os três para trás.

— Conseguimos — sussurrou Shelby.

Eles estavam olhando para um túnel longo e profundo, vermelho-escuro. Era úmido e cheirava a mofo e coquetéis aguados, feitos com bebida barata. Luce e Shelby entreolharam-se, incertas. Onde estava a mesa de black jack? Onde estava a mulher que viram antes? Uma luz vermelha pulsava lá dentro e logo Luce pôde ouvir máquinas caça-níqueis apitando, moedas tilintando e caindo em cestas com estrondo.

— Legal! — disse Miles, agarrando sua mão. — Li sobre essa parte, é uma fase de transição. Só precisamos continuar.

Luce pegou a mão de Shelby, agarrando-a firmemente enquanto Miles entrava na escuridão úmida e puxava as duas para dentro.

Eles andaram apenas cerca de meio metro à frente, mais ou menos a distância até a porta do quarto de Luce e Shelby do dormitório. Mas logo que a porta cinzenta do Anunciador fechou atrás deles com um *pfffffff* profundamente assustador, seu quarto da Shoreline não estava mais lá. O que havia sido de um vermelho profundo e aveludado a distância de repente foi tomado por branco. A luz branca se espalhou na direção deles, envolvendo-os, enchendo seus ouvidos com som. Todos tiveram que proteger os olhos. Miles seguiu andando, puxando Luce e Shelby atrás dele. Se não fosse por isso, Luce teria ficado

paralisada. As palmas de suas mãos suavam dentro das de seus amigos. Ela ouvia um único acorde de música alta e perfeitamente clara.

Luce esfregou os olhos, mas a cortina de neblina do Anunciador obscurecia sua visão. Miles avançou ainda mais e esfregou-a suavemente com um movimento circular, até que a neblina começou a descascar, como lascas de tinta velha soltando-se de um teto. E, a cada lasca que caía, explosões do árido ar do deserto sopravam através do frescor tenebroso, aquecendo a pele de Luce. Quando o Anunciador caiu aos pedaços a seus pés, a visão diante deles de repente fez sentido: estavam olhando para a Las Vegas Strip. Luce só havia visto aquilo em fotos, mas agora podia reconhecer a ponta da Torre Eiffel do Hotel Paris Las Vegas ao longe.

O que significava que estavam muito muito alto. Ela ousou olhar para baixo: estavam do lado de fora, em algum telhado, com a beirada a menos de um metro além de seus pés. E, depois disso, o tráfego de Vegas, o topo de uma fileira de palmeiras, uma piscina ricamente iluminada. Tudo pelo menos trinta andares abaixo.

Shelby largou a mão de Luce e começou a explorar o teto de cimento. Três vias retangulares de mesmo comprimento partiam de um ponto central. Luce girou, admirando as luzes de néon brilhante em trezentos e sessenta graus, e, depois da Strip, uma cordilheira de montanhas desertas e distantes, iluminadas de leve pela poluição luminosa da cidade.

— Putz, Miles — disse Shelby, pulando claraboias para explorar mais do telhado. — Esse atravessamento foi incrível. Estou quase a fim de você agora. Quase.

Miles enfiou as mãos nos bolsos.

— Hmm... obrigado?

— Onde estamos exatamente? — perguntou Luce. A diferença entre seu tombo sozinha para dentro do Anunciador e essa experiência era inacreditável. Isso era muito mais civilizado. Luce não estava com nenhuma vontade de vomitar. Além disso, tinha realmente dado certo.

Pelo menos, parecia que sim. — O que aconteceu com a cena que estávamos vendo antes?

— Tive que nos afastar um pouco — disse Miles. — Achei que ficaria estranho se nós três saíssemos de uma nuvem no meio do cassino.

— Só um pouquinho — disse Shelby, puxando uma porta trancada. — Alguma ideia brilhante sobre como sair daqui?

Luce fez uma careta. O Anunciador estava tremendo, em frangalhos, aos seus pés. Ela não acreditava que ele tivesse forças para ajudá-los agora. Nem para saírem deste telhado, nem de volta à Shoreline.

— Não se preocupe! Eu sou um gênio — gritou Shelby, do outro lado do telhado. Ela estava debruçada sobre uma das claraboias, lutando com um cadeado. Com um grunhido, ela a abriu, então levantou um painel de vidro com dobradiças. Enfiou a cabeça lá dentro, indicando que Luce e Miles deveriam se juntar a ela.

Com cautela, Luce olhou para baixo, pela claraboia aberta, e viu um banheiro enorme e opulento. Havia quatro reservados de tamanho generoso de um lado, e uma fileira de pias de mármore de frente para um espelho dourado do outro. Um pufe roxo felpudo estava em frente a uma penteadeira e havia uma única mulher sentada ali, olhando para o espelho. Luce só podia ver o topo de sua cabeça com cabelo preto, cheio, mas seu reflexo mostrava um rosto muito maquiado, franja espessa, e unhas francesinha. Estava reaplicando uma camada desnecessária de batom vermelho.

— Assim que Cleópatra acabar com esse tubo de batom, a gente desce daqui — sussurrou Shelby.

Abaixo deles, Cleópatra levantou-se da penteadeira. Ela juntou os lábios e limpou uma mancha vermelha de seus dentes. Então marchou em direção à porta.

— Deixe-me ver se entendi — disse Miles. — Você quer que eu entre em um banheiro feminino?

Luce olhou mais uma vez ao redor do telhado deserto. Realmente essa era a única maneira de entrar.

— Se alguém vê-lo, basta fingir que você entrou na porta errada.

— Ou que vocês dois estavam se agarrando num dos reservados — acrescentou Shelby. — O quê? Estamos em Las Vegas.

— Vamos nessa, tá bem? — Miles estava corado quando desceu pela claraboia. Ele esticou os braços lentamente, até que seus pés pairaram bem acima do tampo alto de mármore da penteadeira.

— Ajude Luce a descer — falou Shelby.

Miles travou a porta do banheiro e, em seguida, levantou os braços para pegar Luce. Ela tentou imitar sua técnica suave, mas os braços estavam tremendo quando passou pela claraboia. Luce não conseguia ver muito abaixo dela, mas sentiu o aperto forte de Miles em volta de sua cintura mais cedo do que imaginava.

— Pode soltar — disse ele e, quando o fez, baixou-a graciosamente até o chão. Seus dedos espalmados nas costelas dela, apenas o tecido fino da camiseta preta entre os dois. Os braços dele ainda estavam ao seu redor quando os pés de Luce tocaram o azulejo. Ela estava prestes a agradecer mas, quando olhou nos seus olhos, não conseguiu.

Luce se afastou rápido demais, murmurando desculpas por tropeçar nos pés dele. Ambos se inclinaram contra a penteadeira, nervosos, evitando contato visual, olhando fixamente para a parede.

Isso não devia ter acontecido. Miles era apenas seu amigo.

— *Alô!* Alguém vai me ajudar? — Os pés de Shelby estavam dependurados pela claraboia, chutando com impaciência. Miles foi até lá e segurou-a pelo cinto, descendo Shelby pela cintura. Ele soltou Shelby muito mais rapidamente, — Luce notou — do que a havia soltado. Shelby atravessou o chão de azulejos dourados e destrancou a porta.

— Vamos lá, pessoal, o que estão esperando?

Do outro lado da porta, garçonetes glamourosas vestidas de preto iam de um lado para o outro em saltos altos de lantejoulas, com bandejas de coquetéis equilibradas nos braços. Homens de ternos escuros caros aglomeravam-se em volta das mesas de black jack, onde gritavam como adolescentes cada vez que uma mão era distribuída. Não havia máquinas caça-níqueis tilintando em um loop infinito aqui.

Era discreto, exclusivo e tremendamente excitante, mas não se parecia em nada com a cena que haviam visto no Anunciador.

Uma garçonete se aproximou deles.

— Posso ajudar? — Ela baixou a bandeja de aço inoxidável para analisá-los.

— Uuh, caviar — disse Shelby, pegando três *blinis* para si e entregando um para os outros. — Estão pensando a mesma coisa que eu?

Luce assentiu.

— Já estávamos descendo.

Quando o elevador abriu as portas para o átrio luminoso e brilhante do cassino, Luce teve que ser empurrada por Miles para sair. Ela soube que haviam finalmente chegado ao lugar certo. As garçonetes eram mais velhas, cansadas, e mostravam muito menos o corpo. Elas não deslizavam pelo tapete laranja manchado, elas se arrastavam. E os clientes pareciam muito mais com os que vira durante o vislumbre: com excesso de peso, de classe média e na meia-idade, tristes, esvaziando as carteiras. Agora eles só precisavam achar Vera.

Shelby manobrou-os através de um labirinto formado por máquinas caça-níqueis, pessoas amontoadas ao redor das roletas gritando com a pequena bola que girava, por grandes mesas retangulares onde as pessoas sopravam seus dados, atiravam-nos e depois comemoravam o resultado, uma fileira de mesas oferecendo pôquer e outros jogos estranhos com nomes como Pai Gow, até chegarem a um aglomerado de mesas de black jack.

A maioria dos *dealers* eram homens. Altos, corcundas, com cabelos oleosos, óculos e bigodes cinzentos, um deles usando uma máscara cirúrgica sobre o rosto. Shelby não desacelerou para olhar para qualquer um deles, e tinha um motivo: lá, num canto escondido do cassino, estava Vera.

Seu cabelo preto estava preso num coque torto. O rosto pálido parecia magro e flácido. Luce não teve a mesma sensação de quando olhou para os pais de sua vida anterior, em Monte Shasta. Mas, pensando bem, ainda não sabia quem era Vera, além de uma mulher de meia-idade cansada, segurando um baralho de cartas para uma ruiva apática cortar. Desinteressada, a ruiva partiu o baralho no meio; e as mãos de Vera começaram a trabalhar.

Outras mesas no cassino estavam superlotadas, mas a ruiva e o marido baixinho eram as únicas pessoas na de Vera. Ainda assim, ela fazia um bom show para os dois, tirando as cartas com uma destreza que fazia o trabalho parecer fácil. Luce podia ver um lado elegante de Vera que não havia notado antes. Um dom para a atuação.

— Então — disse Miles, parando incerto próximo a Luce. — Nós vamos... ou...

As mãos de Shelby de repente estavam sobre os ombros de Luce, praticamente empurrando-a para um dos bancos de couro vazios.

Embora estivesse morrendo de vontade de olhar, Luce a princípio evitou contato visual. Ela estava nervosa com a possibilidade de Vera tê-la reconhecido antes de sequer ter uma chance de dizer algo. Mas os olhos de Vera passaram por cada um deles com pouco interesse, e Luce pensou em como parecia diferente agora que tinha o cabelo claro. Ela se remexeu nervosamente, não sabendo o que fazer.

Nesse momento, Miles baixou uma nota de vinte dólares na frente de Luce, que se lembrou do jogo que ela devia estar jogando. Ela empurrou a nota até o outro lado da mesa.

Vera ergueu uma sobrancelha desenhada.

— Identidade?

Luce balançou a cabeça.

— Será que podemos só assistir?

Do outro lado da mesa, a ruiva estava cochilando, a cabeça caindo sobre o ombro tenso de Shelby. Vera revirou os olhos e empurrou o dinheiro de Luce de volta, apontando para os cartazes brilhantes do Cirque du Soleil.

— O circo é pra lá, crianças.

Luce suspirou. Teriam que esperar até Vera sair do trabalho, e provavelmente ela estaria ainda menos interessada em falar com eles depois. Sentindo-se derrotada, Luce estendeu a mão para pegar o dinheiro de Miles de volta. Os dedos de Vera estavam se afastando quando Luce pegou a nota, e as pontas de seus dedos se tocaram. Ambas levantaram a cabeça. O estranho choque ofuscou a visão de Luce momentaneamente. Ela arfou e olhou fundo nos olhos castanhos de Vera.

E então viu tudo:

Um sobrado, em uma cidade fria no Canadá. Flocos de gelo nas janelas, o vento sussurrando pelas frestas. Uma menina de 10 anos assistia TV na sala, balançando um bebê no colo. Era Vera, pálida e bonita, com jeans claros e Doc Martens, um pulôver azul-marinho grosso de gola rulê e um cobertor de lã barato amontoado entre ela e o encosto do sofá. Uma tigela de pipoca na mesa do café, reduzido a um punhado de caroços frios. Um gato laranja gordo rondando a lareira e chiando para o aquecedor. E Luce — Luce era sua irmã, a bebê em seus braços.

Luce sentiu-se balançando na cadeira no cassino, a dor de se lembrar daquilo tudo. Rapidamente, a cena se desfez, sendo substituída por outra.

Luce, ainda pequena, correndo atrás de Vera, subindo e descendo as escadas, os largos degraus velhos abaixo de seus pés, sem fôlego de tanto rir, quando a campainha soou e um menino loiro, de cabelos lisos, chegou para buscar Vera para um encontro. Ela parou, ajeitou as roupas e deu as costas...

Um piscar de olhos mais tarde e Luce era uma adolescente, o cabelo preto encaracolado na altura dos ombros. Esparramada na colcha de Vera, o tecido áspero mas reconfortante, folheando o diário secreto de Vera. Ele me ama, *Vera havia rabiscado mil vezes, sua caligrafia ficando mais e mais rebuscada. E então as páginas se afastaram, o rosto irado de sua irmã se aproximou, cheio de lágrimas...*

E então, novamente, uma cena diferente, Luce ainda mais velha, talvez aos 17 anos. Ela se preparou para o que estava por vir.

Neve caindo do céu como chuviscos macios e brancos. Vera e alguns amigos patinavam no gelo do lago congelado atrás de sua casa, planando em círculos rápidos, felizes e risonhos, e na beirada do lago congelado, Luce estava agachada, o frio atravessando suas roupas finas, enquanto amarrava os patins com pressa, como de costume, para alcançar a irmã. E, ao lado dela, um calor que conhecia sem precisar olhar, Daniel, que estava em silêncio, mal-humorado, seus patins já firmemente atados. Ela sentia o desejo de beijá-lo, mas nenhuma sombra estava visível. A noite estava repleta de estrelas brilhantes, infinitamente clara e cheia de possibilidades.

Luce procurou pelas sombras, então percebeu que sua ausência fazia sentido. Estas eram as memórias de Vera, e a neve dificultava ainda mais a visão. Ainda assim, Daniel devia saber, como sabia quando mergulhou no lago. Ele devia perceber, todas as vezes. Em algum momento ele se importara com o que aconteceria a pessoas como Vera depois da morte de Luce?

Houve um som de estouro vindo das proximidades do lago onde Luce estava, como o abrir de um paraquedas. E então, uma explosão de fogo em brasa no meio de uma nevasca. Uma enorme coluna de chamas cor de laranja subia para o céu à beira do lago — onde Luce estivera. Os outros patinadores correram, sem pensar, naquela direção, atravessando o pequeno lago. Mas o gelo estava derretendo rapidamente, sem salvação, fazendo seus patins afundarem na água gelada. O grito de Vera ecoou na noite azul, e seu olhar congelado de agonia era tudo que Luce podia ver.

No cassino, Vera puxou a mão para trás, sacudindo-a como se tivesse sido queimada. Seus lábios tremeram algumas vezes antes de formarem as palavras:

— É você. — Ela balançou a cabeça. — Mas é impossível.

— Vera — sussurrou Luce, estendendo a mão novamente para a irmã. Ela queria abraçá-la, tirar toda a dor que Vera já tinha sentido e transferi-la para si mesma.

— Não. — Vera balançou a cabeça de novo, afastando-se e apontando para Luce. — Não, não, não. — Ela recuou até o *dealer* na mesa atrás dela, tropeçando nele e fazendo uma enorme pilha de fichas de pôquer cair da mesa. Os discos coloridos deslizaram pelo chão, provocando uma onda de exclamações dos jogadores, que pularam das cadeiras para recolhê-los.

— Mas que merda, Vera! — gritou um homem atarracado em meio ao barulho. Enquanto ele bamboleava até a mesa com seu terno cinza de poliéster barato e velhos sapatos pretos, Luce trocou um olhar preocupado com Miles e Shelby. Três menores de idade não deveriam se meter com o chefão do cassino. Mas ele ainda estava xingando Vera, a boca torcida com desdém. — Quantas vezes...

Vera havia recuperado o equilíbrio, mas continuou olhando, apavorada, para Luce, como se ela fosse o diabo e não sua irmã perdida há tanto tempo. Os olhos maquiados de Vera estavam esbugalhados com terror enquanto gaguejava:

— Ela n-n-não pode estar aqui.

— Cristo — murmurou o chefe do cassino, observando Luce e seus amigos. Em seguida, começou a falar em um walkie-talkie. — Chame a segurança. Estou com um grupo de bandidinhos.

Luce se encolheu entre Miles e Shelby, que disse entredentes:

— Que tal um daqueles atravessamentos agora, Miles?

Antes que Miles pudesse responder, três homens com braços fortes e pescoços grossos apareceram e se ergueram sobre eles. O chefe do cassino fez um gesto com as mãos.

— Leve-os para a delegacia. Veja em que outro tipo de problemas já se meteram.

— Tenho uma ideia melhor — resmungou uma menina atrás dos seguranças gigantescos.

Todos se viraram para descobrir de onde vinha aquela voz, mas só Luce a reconheceu.

— Ariane!

A garota pequena abriu um sorriso para Luce enquanto deslizava através da multidão. Com plataformas de 12cm de altura, o cabelo

preso de um jeito qualquer e olhos mergulhados em delineador escuro, Ariane se misturava muito bem à clientela estranha do cassino. Ninguém parecia entender por que ela estava ali, muito menos Shelby e Miles.

O chefe do cassino se virou para confrontar Ariane. Ele fedia a graxa de sapato e xarope para tosse.

— Quer ser levada para a delegacia, também, mocinha?

— Ah, parece bem legal. — Ariane arregalou os olhos. — Infelizmente, estou superocupada hoje à noite. Tenho ingressos para o excelente show do Blue Man Group, e, além disso, vou jantar com a Cher depois. E ainda tenho que fazer mais uma coisa... — Ela pousou o dedo sobre o queixo, e então, olhou para Luce. — Ah, sim! Tenho que tirar estes três daqui. Licencinha!

Ela soprou um beijo para o chefe do cassino, irado, e deu de ombros para Vera, quase pedindo desculpas. E então estalou os dedos.

Todas as luzes se apagaram.

TREZE



SEIS DIAS

Apressando-os através do labirinto do cassino escuro, Ariane se movimentava como se tivesse visão noturna.

— Fiquem calmos, vocês três — cantarolou. — Vou tirar a gente daqui em um instante.

Ela segurou com força o pulso de Luce, que, por sua vez, segurava a mão de Miles, que segurava a de Shelby, enquanto esta amaldiçoava a indignidade de ter que sair correndo daquele jeito.

Ariane não diminuía o passo um minuto, e embora não pudesse ver o que estava fazendo, Luce ouvira as pessoas grunhindo e reclamando enquanto Ariane as empurrava com os ombros para fora do caminho.

— Sinto muito! — falava ela. — Opa! — E depois: — Desculpe!

Ela os fez atravessar corredores escuros lotados de turistas nervosos que usavam os celulares como lanternas. Subiu escadas ainda mais escuras, desertas e repletas de caixas de papelão vazias. Finalmente, abriu com um chute a saída de emergência, conduzindo-os até um beco estreito e sombrio.

O beco espremia-se entre o Mirage e outro hotel altíssimo. Uma fila de enormes lixeiras exalava o mau cheiro de comida cara

apodrecida. Um filete verde-ácido de chorume formava um nojento córrego, dividindo o beco pela metade. Bem à frente, no meio da brilhante e animada Strip, com todos os seus néons, um relógio de rua antigo e preto marcou meia-noite.

— Ahhh. — Ariane inspirou profundamente. — O início de mais um glorioso dia na cidade do pecado. Eu gosto de começar com o pé direito, com um grande café da manhã. Quem está com fome?

— Hum... — gaguejou Shelby, olhando para Luce, então para Ariane, depois para o cassino. — O que acabou... Como foi que....

Miles olhava fixamente a cicatriz brilhante que se estendia por um lado do pescoço de Ariane. Luce já estava acostumada com ela a essa altura, mas era óbvio que seus amigos não sabiam o que pensar de Ariane.

Ariane balançou o dedo para Miles.

— Esse aqui parece que consegue comer o seu peso em waffles. Vamos lá, conheço um restaurante barato.

Enquanto eles atravessavam o beco na direção da rua, Miles virou-se para Luce e declarou:

— Isso foi *incrível*.

Luce assentiu. Era tudo o que era possível fazer se quisessem acompanhar Ariane, que corria por toda a Strip. *Vera*. Ela não conseguia parar de pensar nisso. Aquelas lembranças todas, vislumbradas em um flash. Havia sido doloroso e surpreendente, e Luce nem podia imaginar o que Vera sentira. Mas para Luce fora também profundamente satisfatória. Mais do que qualquer um de seus vislumbres através dos Anunciadores até agora, desta vez tinha *experimentado* uma de suas vidas passadas. Estranhamente, ela também percebera algo em que nunca tinha pensado: as Luces anteriores tinham vida. Vida que fora plena e significativa antes de Daniel ter aparecido.

Ariane levou-os a uma IHOP, um prédio baixo de estuque marrom que parecia tão antigo que provavelmente fora construído antes de tudo na avenida. Aparentava ser mais claustrofóbico e triste do que outras IHOPs.

Shelby entrou primeiro, atravessando as portas de vidro e fazendo soar os sininhos baratos colados com fita adesiva no batente. Pegou um punhado de balas de hortelã da tigela ao lado do caixa antes mesmo de reivindicar uma mesa nos fundos. Ariane deslizou ao seu lado, enquanto Luce e Miles sentaram no outro lado do estofado de couro rachado laranja.

Com um assovio e um gesto rápido circular, Ariane pediu uma rodada de café para a garçonete gorda e bonita com um lápis preso no cabelo.

Os outros focaram no enorme menu com espiral. Folheá-lo era uma batalha contra o xarope de maple antigo que melava as páginas — e uma boa maneira de evitar discutir a encrenca da qual haviam escapado por pouco.

Finalmente Luce foi obrigada a perguntar:

— O que você está fazendo aqui, Ariane?

— Pedindo algo com um nome engraçado. Rooty Tooty, acredito, já que eles não têm Moons Over My Hammy aqui. Nunca consigo decidir.

Luce revirou os olhos. Ariane não precisava ser tão delicada. Estava óbvio que o resgate não havia sido mera coincidência.

— Você sabe o que eu quis dizer.

— São dias estranhos, Luce. Pensei em passá-los em uma cidade igualmente estranha.

— Sim, mas estão quase no fim. Não estão? Pelo menos o prazo da trégua...

Ariane baixou o copo de café e apoiou o queixo na palma da mão.

— Bem, aleluia. Estão ensinando alguma coisa naquela escola, afinal.

— Sim e não — disse Luce. — Eu apenas ouvi Roland dizer algo sobre como Daniel estaria contando os minutos. Ele disse que tinha algo a ver com uma trégua, mas eu não sabia exatamente de quantos minutos estávamos falando.

Ao seu lado, Miles pareceu ter ficado tenso com a menção a Daniel. Quando a garçonete chegou para anotar os pedidos, ele

resmungou o seu primeiro, praticamente empurrando o menu para a moça.

— Ovos e bife, malpassado.

— Urh, que *viril* — disse Ariane, olhando para Miles com aprovação enquanto escolhia seu pedido brincando de unidunitê. — Rooty Tooty Fresh 'N Fruity, então. — Ela enunciou tão bem como a rainha da Inglaterra o faria, mantendo uma expressão incrivelmente séria.

— Cachorro-quente com queijo para mim — disse Shelby. — Na verdade, quero uma omelete de clara, sem queijo. Ah, que se dane. Cachorro-quente com queijo.

A garçonete se virou para Luce:

— E você, querida?

— Café da manhã tradicional. — Luce sorriu, como se pedindo desculpas pelo comportamento de seus amigos. — Com ovos mexidos e sem carne.

A garçonete assentiu, seguindo em direção à cozinha.

— OK, então o que mais você ouviu? — perguntou Ariane.

— Hum. — Luce começou a brincar com a garrafa de xarope ao lado do sal e da pimenta. — Alguém comentou, você sabe, sobre o Fim dos Tempos.

Com risadinhas de escárnio, Shelby espremeu três sachês de creme em seu café.

— Fim dos Tempos! Você acredita mesmo nessa besteira? Quero dizer, há quantos milênios estamos esperando por isso? E os seres humanos pensam que têm sido pacientes, com uns meros milhares de anos de espera! Rá, rá. Como se algum dia algo fosse mudar.

Ariane parecia estar a um triz de dar um fora em Shelby, mas apenas pôs seu café na mesa.

— Que grosseria da minha parte nem me apresentar aos seus amigos, Luce.

— Hmm, nós sabemos quem você é — disse Shelby.

— Sim, havia um capítulo inteiro sobre você no meu livro História dos Anjos do oitavo ano — completou Miles.

Ariane bateu palmas.

— E eles me disseram que esse livro tinha sido proibido!

— Sério? Você está em um livro? — Luce riu.

— Qual é a surpresa? Você não me acha importante? — Ariane se voltou para Shelby e Miles. — Agora, me contem tudo sobre vocês. Preciso saber com quem minha garota está convivendo.

— Nefilim não praticante e cética. — Shelby levantou a mão.

Miles olhou para seu prato.

— E o inútil tatatatataraneto de um anjo.

— Isso não é verdade. — Luce se jogou contra o ombro de Miles. — Ariane, você tinha que ter visto como ele nos ajudou a atravessar a sombra esta noite. Foi ótimo. É por isso que estamos aqui: ele leu um livro e, quando nos demos conta, ele sabia...

— Sim, eu estava me perguntando sobre isso — interrompeu Ariane, sarcástica. — Mas quem me preocupa mais é esta aqui. — Ela apontou para Shelby. O rosto de Ariane estava muito sério, diferente do que Luce estava acostumada. Mesmo seus alucinados olhos azul-claros pareciam firmes. — Não é um bom momento para ser não praticante de nada. As coisas estão fluindo, mas haverá um acerto de contas. E você terá que escolher um lado ou outro. — Ariane olhou deliberadamente para Shelby. — Todos têm que saber de qual lado vão ficar.

Antes que alguém pudesse responder, a garçonete reapareceu, carregando uma enorme bandeja de plástico marrom cheia de comida.

— Vão dizer que não foi um serviço rápido? — perguntou ela. — Agora, qual de vocês pediu cachorro-quente com...

— Eu! — Shelby assustou a garçonete com a rapidez com que alcançou seu prato.

— Alguém quer ketchup?

Eles assentiram.

— Mais manteiga?

Luce apontou para a enorme porção de manteiga já em suas panquecas.

— Estamos satisfeitos. Obrigada.

— Se precisarmos de alguma coisa — disse Ariane, sorrindo para o sorriso feito de chantilly em seu prato —, a gente grita.

— Ah, eu sei que sim. — A garçonete riu, colocando a bandeja debaixo do braço. — Gritar como se o mundo estivesse acabando, você é bem capaz.

Depois que ela saiu, Ariane foi a única a comer. Ela arrancou um mirtilo da panqueca, colocou-o na boca e lambeu os dedos com prazer. Finalmente, ela olhou ao redor da mesa.

— Comam — incentivou Ariane. — Não há nada de bom em bife e ovos frios. — Ela suspirou. — Vamos lá, galera. Vocês leram seus livros de história. Sabem como é...

— Eu não — disse Luce. — Não sei como é nada.

Ariane, pensativa, mordiscou o garfo.

— Você tem razão. Nesse caso, permita-me apresentar minha versão da história. Que é mais divertida do que nos livros, de qualquer maneira, porque não vou censurar as grandes lutas e maldições, e toda a parte sexy. Minha versão tem tudo, menos 3-D, que, devo dizer, é totalmente superestimado. Viram aquele filme com... — Ela percebeu as expressões confusas de seus rostos. — Oh, não importa. OK, começa milênios atrás. Agora, vou precisar explicar sobre Satanás?

— Travou uma luta de poder contra Deus. — A voz de Miles era monótona, como se estivesse repetindo uma aula do terceiro ano, enquanto espetava um pedaço de bife com o garfo.

— Antes disso, eles eram superpróximos — acrescentou Shelby, encharcando a comida de xarope. — Quero dizer, Deus chamava Satanás de sua estrela da manhã. Portanto, não é como se Satanás não fosse digno ou amado.

— Mas ele preferiu reinar no inferno a servir no céu — disse Luce. Ela pode não ter lido as histórias Nefilim, mas tinha lido *Paraíso Perdido*. Ou pelo menos, o resumo.

— *Muito* bem. — Ariane sorriu, inclinando-se para Luce.

— Você sabe, Gabbe foi grande amiga das filhas de Milton na época. *Ela* gosta de ganhar o crédito por essa frase, e eu fico dizendo "Já não basta ser a queridinha número um das pessoas não?" Mas

não interessa. — Ariane deu uma garfada nos ovos, mexidos de Luce. — Putz, isso está *demais*. Dá pra trazer um pouco de molho picante aqui? — Ela gritou para a cozinha. — OK, onde estávamos?

— Satanás — disse Shelby com a boca cheia de panqueca.

— Certo. Então. Diga o que quiser sobre El Grande Diablo, mas ele é — Ariane balançou a cabeça —, um pouco responsável por introduzir a ideia de livre-arbítrio entre os anjos. Quero dizer, ele realmente deu ao resto de nós algo para se pensar. De que lado você joga? Dada a escolha, uma penca de anjos caiu.

— Quantos? — perguntou Miles.

— Os anjos caídos? Foi o suficiente para causar um impasse. — Ariane ficou pensativa por um momento, depois fez uma careta e chamou a garçonete de novo. — Molho de pimenta? Será que existe isso nesse estabelecimento?

— E os anjos que caíram, mas não ficaram do lado... — interrompeu Luce, pensando em Daniel. Ela sabia que estava cochichando, mas aquilo parecia ser importante demais para se discutir no meio de uma lanchonete. Mesmo que fosse uma lanchonete quase vazia no meio da noite.

Ariane baixou a voz também.

— Ah, vários anjos caíram mas ainda continuam, tecnicamente, aliados de Deus. Mas há aqueles que se juntaram de vez a Satanás. Chamamos esses de demônios, mesmo que sejam apenas anjos caídos que fizeram escolhas muito erradas. Não é como se tivesse sido fácil para ninguém. Desde a Queda, os anjos e os demônios estiveram páreo a páreo, divididos ao meio, blá-blá-blá. — Ela encharcou a panqueca de manteiga. — Mas tudo isso pode estar prestes a mudar.

Luce olhou para os ovos, sem conseguir comer.

— Então... antes, você parecia estar sugerindo que minha lealdade tinha algo a ver com isso? — Shelby parecia um pouco menos cética do que de costume.

— Não a sua, exatamente. — Ariane balançou a cabeça. — Eu sei que parece que estamos empacados desde sempre. Mas, no final, tudo vai se resumir a um anjo poderoso escolhendo um lado. Quando isso

acontecer, a balança finalmente vai oscilar. É aí que vai ser importante saber de qual lado você está.

As palavras de Ariane fizeram Luce se lembrar de quando estava trancada naquela pequena capela com a Srta. Sophia, de como ela ficava dizendo que o destino do universo tinha a ver com Luce e Daniel. Tinha soado absurdo na época, e a Srta. Sophia era do mal. E, apesar de Luce não ter certeza do que exatamente todo mundo estava falando, ela sabia que tinha a ver com Daniel.

— É Daniel — disse suavemente. — O anjo que pode mudar o equilíbrio da balança é Daniel.

Explicava a agonia sempre presente, o tempo todo, como uma mala de duas toneladas. Explicava por que ele havia ficado afastado por tanto tempo. A única coisa que Luce não entendia era por que Ariane parecia ter dúvidas sobre para qual lado a balança penderia. Qual lado ganharia a guerra.

Ariane abriu a boca, mas, em vez de responder, atacou o prato de Luce novamente.

— *Dá pra alguém trazer a porcaria do molho picante aqui?* — Gritou.

Uma sombra caiu sobre sua mesa.

— Serve uma *explosão*?

Luce olhou para trás e se encolheu: um menino muito alto, com um longo casaco marrom desabotoado, de modo que Luce podia ver um pedaço de algo prateado escondido dentro de seu cinto. Ele tinha a cabeça raspada, um nariz fino e reto, e dentes perfeitos.

E olhos brancos. Olhos completamente desprovidos de cor. Sem íris, sem pupilas, nada.

Sua expressão estranha e vaga fez Luce pensar na menina Pária. Embora Luce não tivesse visto a garota de perto o suficiente para descobrir o que havia de errado com seus olhos, agora tinha um palpite muito bom.

Shelby olhou para o rapaz, engoliu em seco e voltou a seu café da manhã.

— Não tenho nada a ver com isso — murmurou.

— Pode ficar pra você — disse Ariane para o garoto. — Você pode colocá-lo no primeiro soco que estou prestes a lhe servir. — Luce observou com os olhos arregalados enquanto a pequena Ariane se levantava e limpava as mãos no jeans. — Já volto, pessoal. Ah, Luce, lembre-me de brigar com você por isso quando eu voltar. — Antes de Luce poder perguntar o que esse cara tinha a ver com ela, Ariane tinha agarrado o garoto pela orelha, torcendo-a com força, depois bateu a cabeça dele contra o vidro do balcão.

O barulho quebrou a tranquilidade preguiçosa do restaurante. O cara gritava como uma criança enquanto Ariane torcia sua orelha para o outro lado e subia em cima dele. Urrando de dor, ele começou a contorcer seu corpo magro até jogar Ariane em cima do balcão de vidro.

Ela rolou pelo balcão e parou no final, derrubando uma enorme torta de merengue de limão. Em seguida, ficou de pé num pulo sobre o bar, deu uma cambalhota para trás em direção a ele e prendeu sua cabeça com as pernas, em seguida começou a bater no rosto dele com seus pequenos punhos.

— Ariane! — gritou a garçonete. — Não nas minhas tortas! Eu tento ser tolerante! Mas tenho que proteger meu ganha-pão!

— Ah, tá bom! — gritou Ariane. — Vamos continuar na cozinha. — Soltou o cara, que escorregou até o chão, e chutou-o com o salto da plataforma. Ele cambaleou em direção à porta que dava para a cozinha do restaurante. — Venham também, vocês três — chamou. — Pelo menos assim aprendem alguma coisa.

Miles e Shelby largaram seus guardanapos, lembrando Luce de como os alunos da Dover costumavam largar tudo e sair correndo gritando “Briga! Briga!” pelos corredores ao menor rumor.

Luce seguiu atrás deles, um pouco mais hesitante. Se Ariane estava sugerindo que esse cara tinha aparecido por causa dela, isso levantava uma série de outras questões importantes. E quanto às pessoas que haviam raptado Dawn? E aquela Pária arqueira que Cam tinha matado em Noyo Point?

Uma forte pancada soou de dentro da cozinha e três homens com aventais sujos saíram correndo, aterrorizados. Quando Luce passou por eles e pela porta vaivém, Ariane já estava segurando o rapaz, com um pé sobre sua cabeça, enquanto Miles e Shelby o amarravam com o tipo de fio usado para embrulhar um filé mignon. Seus olhos vazios olharam para Luce, mas também através dela.

Eles o amordaçaram com um pano de cozinha, e Ariane o provocou:

— Quer esfriar um pouco a cabeça? No frigorífico, talvez?

O menino só conseguia grunhir. Ele tinha parado de tentar fazer qualquer tipo de contra-ataque.

Agarrando-o pelo colarinho, Ariane arrastou-o pelo chão até a porta do frigorífico, deu-lhe mais alguns chutes, e, em seguida, fechou a porta calmamente. Ela tirou o pó das mãos e virou-se para Luce com uma expressão irritada em seu rosto.

— Quem está atrás de mim, Ariane? — A voz de Luce estava tremendo.

— Um monte de gente, gata.

— Esse menino era — Luce pensou de novo em seu encontro com Cam — um Pária?

Ariane limpou a garganta. Shelby tossiu.

— Daniel disse que não poderia ficar comigo porque ele atraía muita atenção. Ele disse que eu estaria segura na Shoreline, mas eles chegaram até lá, também...

— Só porque a rastrearam quando saiu do campus. Você atrai a atenção também, Luce. E quando sai por aí visitando cassinos e coisas assim, podemos sentir. Isso vale para os caras maus, também. É por isso que você está nessa escola, em primeiro lugar.

— O quê?! — exclamou Shelby. — Vocês estão simplesmente escondendo-a entre a gente? E a nossa segurança? E se esses tais de Párias resolverem aparecer no campus?

Miles não dizia nada, apenas olhava, alarmado, de Luce para Ariane.

— Você não entendeu que os Nefilim camuflavam você? — perguntou Ariane. — Daniel não lhe contou sobre a, sei lá, coloração de proteção deles?

A mente de Luce rebobinou até a noite em que Daniel a deixara na Shoreline.

— Talvez ele tenha dito alguma coisa sobre um escudo, mas... — Havia tantas outras coisas passando por sua cabeça naquela noite. O fato de que Daniel a estava deixando fora o suficiente para processar. Agora, ela sentia-se culpada. — Eu não entendi. Ele não deu detalhes, apenas repetia que eu precisava ficar no campus. Pensei que ele só estava sendo superprotetor.

— Daniel sabe o que está fazendo. — Ariane deu de ombros. — Na maioria das vezes. — Ela tocou o canto da boca com a língua, pensativa. — OK, às vezes. De vez em quando.

— Então você quer dizer que, quem quer esteja atrás dela, não pode vê-la quando está com um grupo de Nefilim? — falou Miles nesse momento, parecendo ter encontrado sua língua de repente.

— Na verdade, os Párias não podem ver nada — explicou Ariane. — Eles perderam a visão durante a Revolta. Eu estava chegando nesta parte da história, é boa! Perderam os olhos e aquela coisa edipiana toda. — Ela suspirou. — Ah, bem. Sim, os Párias. Eles podem ver sua alma ardendo, o que fica muito mais difícil quando você está com um monte de outros Nefilim.

Os olhos de Miles arregalaram-se. Shelby estava roendo suas unhas nervosamente.

— Então foi assim que eles confundiram Dawn comigo.

— Foi como o menino do frigorífico ali encontrou você hoje à noite — disse Ariane. — Quer saber, foi como eu encontrei você também. Aqui fora você é como uma vela em uma caverna escura. — Ela pegou uma lata de chantilly do balcão e disparou um jato em sua boca. — Adoro a recompensa depois de uma briga. — Ela bocejou, o que fez Luce olhar para o relógio digital em cima do balcão. Eram duas e meia da manhã.

— Bem, por mais que eu adore uma confusão, já passou da hora de dormir para vocês três. — Ariane deu um assobio e um Anunciador em forma de gota destacou-se das sombras sob os balcões. — Eu nunca faço isso, OK? Se alguém perguntar, eu *nunca* faço isso. Viajar através de Anunciadores é *muito* perigoso. Ouviu bem, herói? — Ela deu um tapa na testa de Miles e, em seguida, abriu os dedos. A sombra se transformou imediatamente em uma porta perfeita no meio da cozinha. — Mas estou em cima da hora e é a maneira mais rápida de vocês voltarem em segurança.

— Boa — disse Miles, como se estivesse aprendendo algo.

Ariane balançou a cabeça para ele.

— Não invente moda. Estou levando-os de volta para a escola, onde vão ficar — ela fez contato visual com cada um deles —, ou vão ter que se explicar para mim.

— Você vem com a gente? — perguntou Shelby, finalmente mostrando-se fascinada por Ariane.

— Parece que sim. — Ariane piscou para Luce. — Você virou uma espécie de explosivo. Alguém tem que ficar de olho em você.

O atravessamento com Ariane foi ainda mais suave do que tinha sido a caminho de Las Vegas. Lembrava entrar em casa depois de ficar exposta ao sol: a luz era um pouco mais fraca quando você passava pela porta, mas era só piscar algumas vezes e se acostumava.

Luce ficou quase desapontada ao se descobrir de novo no quarto do dormitório após a correria e animação de Las Vegas. Mas então pensou em Dawn e em Vera. *Quase* desapontada. Seus olhos conferiram todos os sinais de que estavam de volta àquele ambiente familiar: duas camas-beliche desfeitas, o monte de plantas no peitoril da janela, os tapetes de ioga de Shelby empilhados em um canto, a cópia de Steven da *República* de Platão em cima da mesa de Luce — e algo que ela não esperava ver.

Daniel, todo vestido de preto, assistindo ao fogo arder na lareira.

— Aaai! — gritou Shelby, tropeçando para trás e caindo em cima de Miles. — Você quase me mata de susto! E no meu próprio santuário. Não foi legal, Daniel. — Ela olhou feio para Luce, como se ela fosse a culpada pela visita inesperada.

Daniel ignorou Shelby, e apenas disse a Luce calmamente:

— Bem-vinda de volta.

Ela não sabia se corria para ele ou se explodia em lágrimas:

— Daniel...

— *Daniel?* — ofegou Ariane. Ela arregalou os olhos como se tivesse visto um fantasma.

Daniel congelou, claramente não esperando um encontro com Ariane, tampouco.

— Eu... Eu só preciso falar com ela por um momento. Depois vou embora. — Ele parecia culpado, até mesmo com medo.

— Certo — disse Ariane, agarrando Miles e Shelby pela gola de suas camisas. — Estávamos de saída. *Nenhum* de nós o viu aqui. — Ela guiou os dois a sua frente. — A gente se vê mais tarde, Luce.

Shelby parecia querer sair do quarto o quanto antes. Os olhos de Miles pareciam tempestuosos e permaneceram fixos em Luce até Ariane quase jogá-lo para o corredor, batendo a porta com força.

Então Daniel foi até Luce. Ela fechou os olhos e deixou a sensação da proximidade entre eles aquecê-la. Sentiu seu cheiro, feliz por estar em casa. Não na Shoreline, mas na familiaridade que Daniel fazia ela sentir. Mesmo quando ela estava no mais estranho dos lugares. Mesmo quando o relacionamento deles estava tão confuso.

Como parecia estar agora.

Ele ainda não estava beijando-a, nem mesmo a abraçava. Ela se surpreendeu por querer que ele estivesse fazendo isso, mesmo depois de tudo o que tinha visto. Não sentir o seu toque causava uma dor profunda. Quando Luce abriu os olhos, Daniel estava lá, apenas a alguns centímetros de distância, observando-a de perto com aqueles olhos violeta.

— Você me assustou.

Ela nunca o ouvira dizer isso. Normalmente era ela que estava com medo.

— Você está bem? — perguntou ele.

Luce balançou a cabeça. Daniel pegou a mão dela, guiando em silêncio até a janela, para fora da sala aquecida pelo fogo e de volta à noite fria, ao lugar sob a janela onde estiveram juntos antes.

A lua estava oblonga e baixa no céu. As corujas dormiam nos bosques. Dali de cima Luce podia ver as ondas quebrando suavemente na costa; no outro lado do campus, havia uma única luz acesa no alto do prédio Nefilim, mas ela não podia dizer se era do quarto de Francesca ou de Steven.

Ela e Daniel se sentaram na beirada e balançaram as pernas. Encostaram-se na ligeira inclinação do telhado atrás deles e olharam as estrelas, que estavam opacas no céu, como se encobertas pela mais fina camada de nuvem. Não demorou muito para Luce começar a chorar.

Porque ele estava bravo com ela ou ela estava brava com ele. Porque seu corpo tinha acabado de passar por tanta coisa, e não só com os Anunciadores, atravessando estados inteiros, do passado recente e até ali outra vez. Porque seu coração e sua cabeça estavam confusos, e estar tão perto de Daniel complicava tudo ainda mais. Porque Miles e Shelby pareciam odiá-lo. Pelo puro horror no rosto de Vera ao reconhecer Luce. Por todas as lágrimas que a irmã deve ter chorado por ela, e porque Luce a tinha machucado mais uma vez, aparecendo em sua mesa de black jack. Por todas as suas outras famílias em luto, afundadas em tristeza, porque as filhas tiveram o azar de ser a reencarnação de uma estúpida garota apaixonada. Porque pensar nessas famílias fez Luce sentir uma saudade desesperadora de seus pais, em Thunderbolt. Por ter sido a responsável pelo sequestro de Dawn. Porque tinha 17 anos, e ainda estava viva, contrariando a probabilidade de milhares de anos. Porque ela sabia o suficiente para temer o que o futuro traria. Porque, nesse momento, eram 3h30, e ela não dormia há dias, e não sabia mais o que fazer.

Então ele a abraçou, envolvendo seu corpo com calor, puxando-a até os braços dele para niná-la. Ela chorou, soluçou e desejou ter um lenço de papel para assoar o nariz. Ela se perguntava como era possível se sentir tão mal por tantas coisas ao mesmo tempo.

— Shhh — sussurrou Daniel. — Shhh.

Um dia antes, Luce tinha ficado enjoada ao presenciar o amor de Daniel por ela, naquele Anunciador. A inescapável violência que permeava o relacionamento dos dois parecia intransponível. Mas agora, especialmente depois de conversar com Ariane, Luce podia sentir algo grande chegando. Algo mudando — o mundo inteiro mudando —, com Luce e Daniel pairando sobre o vértice. Estava ao seu redor, no ar, e isso afetou a forma como ela via a si mesma e a Daniel também.

Os olhares de impotência que tinha visto nele nos instantes anteriores a sua morte: agora pareciam — e *eram* — passado. Aquilo a lembrava de como ele olhou para ela após o primeiro beijo nesta vida, na praia pantanosa perto da Sword & Cross. O sabor dos seus lábios nos dela, a sensação da respiração em seu pescoço, as mãos fortes em torno dela: tudo tinha sido tão maravilhoso, exceto pelo medo nos olhos de Daniel.

Mas ele não olhava para ela daquela forma há algum tempo. O jeito como ele a olhava agora não transpareceria fraqueza. Olhava para ela como se dessa vez Luce fosse ficar, quase como se tivesse que ficar. As coisas eram diferentes nessa vida. Todo mundo dizia isso, e Luce podia sentir também: as revelações cresciam dentro dela a cada dia. Tinha visto a si mesma morrendo, e sobrevivera. Daniel não tinha mais que carregar sozinho essa punição. Era algo que podiam fazer juntos.

— Quero dizer uma coisa — disse ela com a boca colada na camisa dele e enxugando os olhos na manga. — Quero falar antes de você dizer qualquer coisa.

Pôde sentir o queixo dele roçando a parte superior de sua cabeça. Ele estava assentindo.

— Sei que você precisa ser cuidadoso com o que me conta. Eu sei que morri antes. Mas não vou a lugar nenhum desta vez, Daniel, posso sentir isso. Pelo menos, não vou sem lutar. — Ela tentou sorrir. — Acho que seria bom para nós dois se não me tratasse como um bibelô. Então estou pedindo, como sua amiga, como sua namorada, como... você sabe, o amor da sua vida, que você me inclua um pouco mais. Caso contrário, me sinto isolada ansiosa e...

Daniel segurou o queixo dela e inclinou a cabeça para cima. Estava olhando para Luce com curiosidade. Ela esperou que ele a interrompesse, mas não.

— Não saí da Shoreline pra provocar você — continuou ela. — Saí porque não entendia a importância de ficar. E coloquei meus amigos em perigo por causa disso.

Daniel segurou seu rosto na frente do dele. O violeta de seus olhos praticamente brilhava.

— Eu falhei com você muitas vezes antes — sussurrou ele. — E, nesta vida, talvez eu tenha cometido o erro de ter sido cauteloso demais. Eu deveria saber que você testaria qualquer limite que lhe fosse imposto. Você não seria... a garota que amo se não fizesse isso. — Luce esperou que ele sorrisse, mas ele não sorriu. — Há tanta coisa em jogo desta vez. Eu estava tão focado nos...

— Nos Párias?

— Foram eles que pegaram sua amiga — disse Daniel. — Mal conseguem diferenciar a direita da esquerda, muito menos para que lado estão trabalhando.

Luce voltou a pensar na menina em que Cam atirara com a flecha de prata e no rapaz bonito de olhos vazios na lanchonete.

— Porque não enxergam.

Daniel olhou para as mãos, esfregando os dedos. Ele parecia estar quase doente.

— Não enxergam, mas são muito violentos. — Ele estendeu a mão e tocou um dos cachos louros de Luce. — Você foi esperta em tingir o cabelo. Manteve-a protegida quando não pude chegar rápido o suficiente.

— Esperta? — Luce ficou horrorizada. — Dawn podia ter *morrido* porque pus as mãos numa garrafa de água oxigenada barata. Isso é esperteza? Se... se eu pintasse meu cabelo de preto amanhã, então os Párias seriam capazes de me encontrar de repente?

Daniel balançou a cabeça com força.

— Eles não deviam ter achado o caminho até o campus, de qualquer jeito. Nunca deveriam ter sido capazes de pôr as mãos em nenhum de vocês. Estou trabalhando dia e noite para mantê-los longe de você... desta escola inteira. Alguém os está ajudando, e não sei quem...

— Cam. — O que mais ele estaria fazendo aqui?

Daniel, porém, negou.

— Seja quem for, vai se arrepender.

Luce cruzou os braços. Seu rosto ainda estava quente de tanto chorar.

— Acho que isso significa que não posso ir para casa, no dia de Ação de Graças? — Ela fechou os olhos, tentando não imaginar a decepção dos pais. — Não responda.

— Por favor. — A voz de Daniel era muito séria. — É só mais um pouco.

Ela assentiu.

— O prazo da trégua.

— O quê? — Daniel segurou ombros dela com firmeza. — Como você...

— Eu sei. — Luce gostaria que ele não pudesse sentir seu corpo começando a tremer. A coisa piorou quando tentou agir com mais certeza do que sentia na verdade. — E eu sei que, em algum momento, logo, você vai fazer pender a balança entre o céu e o inferno.

— Quem disse isso? — Daniel estava arqueando os ombros para trás, o que ela sabia significar que ele estava tentando impedir as asas de se desdobrarem.

— Eu acabei concluindo. Muita coisa acontece por aqui quando você não está por perto.

Um brilho invejoso passou pelos olhos de Daniel. No início, quase parecia bom provocar aquilo, mas Luce não queria deixá-lo com ciúme. Especialmente com tantas coisas mais importantes em jogo.

— Sinto muito — disse ela. — A última coisa de que você precisa agora é que eu o distraia. O que você está fazendo... parece ser muito importante.

Ela deixou por isso mesmo, esperando que Daniel se sentisse confortável o suficiente para lhe contar mais. Esta fora a conversa mais aberta, honesta e madura que tiveram, talvez desde o início.

Mas então, rápido demais, a sombra que ela nem sabia que temia encobriu o rosto de Daniel.

— Tire tudo isso da cabeça. Você não sabe o que pensa que sabe.

A decepção inundou o corpo de Luce. Ele ainda estava tratando-a como uma criança. Um passo para a frente, dez para trás.

Ela se levantou.

— Eu sei de uma coisa, Daniel — disse, olhando para ele. — Se fosse comigo, não haveria dúvidas. Se fosse a *mim* que o universo inteiro estivesse esperando para fazer pender a balança, eu simplesmente escolheria o lado do bem.

Os olhos violeta de Daniel olhavam para a frente, para a floresta sombria.

— Você simplesmente escolheria o bem — repetiu ele. Sua voz soava ao mesmo tempo entorpecida e muito, muito triste. Mais triste do que jamais a ouvira soar antes.

Luce teve que resistir à vontade de se sentar de novo e se desculpar. Em vez disso, se virou, deixando Daniel para trás. Não era óbvio que ele deveria escolher o bem? Não seria assim para qualquer um?

CATORZE



CINCO DIAS

Alguém tinha dedurado os três.

Na manhã de domingo, enquanto o resto do campus ainda estava estranhamente quieto, Shelby, Miles e Luce sentaram-se um ao lado do outro no escritório de Francesca, esperando interrogatório. O escritório dela era maior do que o de Steven — mais iluminado também, com um alto pé-direito inclinado e três grandes janelas dando para a floresta ao norte, cada uma com espessas cortinas de veludo cor de lavanda, abertas para mostrar um céu muito azul. Uma grande fotografia de uma galáxia emoldurada acima da mesa de mármore era a única peça de arte na sala. As cadeiras de estilo barroco onde estavam sentados eram chiques, mas desconfortáveis. Luce não conseguia parar de se mexer.

— "Denúncia anônima" uma ova — murmurou Shelby, citando a bronca que receberam por e-mail de Francesca esta manhã. — Essa imaturidade cheira a Lilith.

Luce não achava ser possível que Lilith — ou qualquer um dos alunos, na verdade — tivesse descoberto que deixaram o campus. Outra pessoa tinha aberto a boca para os professores.

— Por que estão demorando tanto? — Miles assentiu na direção do escritório de Steven do outro lado da parede, onde era possível ouvir os professores discutindo em voz baixa. — É como se estivessem bolando um castigo antes mesmo de ouvirem nosso lado da história! — Ele mordeu o lábio inferior. — Qual é o nosso lado da história, aliás?

Mas Luce não estava ouvindo.

— Realmente não vejo por que é tão difícil — resmungou, baixinho, mais para si do que para os outros. — Você simplesmente escolhe um lado e segue em frente.

— Hein? — perguntaram Miles e Shelby em uníssono.

— Desculpe — disse Luce. — É só que... Sabe o que Ariane estava dizendo sobre a balança, na noite passada? Comentei com Daniel e ele ficou todo estranho. Sério, não é óbvio que há apenas uma resposta certa e uma errada?

— Para mim é óbvio — disse Miles. — Há uma escolha boa e uma má.

— Como pode dizer isso? — perguntou Shelby. — Esse tipo de pensamento é exatamente o que nos meteu nessa confusão, em primeiro lugar. A crença absoluta! Aceitação sem limites de uma dicotomia praticamente obsoleta! — Seu rosto estava ficando vermelho e a voz tinha subido tanto que era possível que Francesca e Steven conseguissem ouvir. — Estou tão cansada de todos esses anjos e demônios escolhendo lados; *blá-blá-blá, eles são maus*! *Não, eles é que são*! E nunca termina; como se somente eles soubessem o que é melhor para todos no universo.

— Então está sugerindo que Daniel deve escolher o lado do mal? — zombou Miles. — Trazendo o fim do mundo?

— Não dou a mínima para o que Daniel faz — disse Shelby. — E, francamente, acho difícil acreditar que tudo depende dele, de qualquer maneira.

Mas tinha que ser. Luce não conseguia pensar em outra explicação.

— Olhe, talvez as coisas não sejam tão simples como nos ensinaram — continuou Shelby. — Quero dizer, quem diz que Lúcifer

é tão mau...

— Hmm, todo mundo? — interrompeu Miles, olhando para Luce em busca de apoio.

— Nada disso! — exclamou Shelby. — Um grupo de anjos muito persuasivos, tentando preservar o *status quo*. Só porque eles venceram uma grande batalha há muito tempo, acham que têm o direito...

Luce observou as sobrancelhas de Shelby se juntarem enquanto encostava nas costas rígidas da cadeira. Suas palavras fizeram Luce pensar em algo que ouvira em outro lugar...

— Os vencedores reescrevem a história — murmurou. Foi o que Cam havia dito a ela naquele dia, em Noyo Point. Não era isso o que Shelby queria dizer? Que os perdedores acabam com a má reputação? Seus pontos de vista eram semelhantes, só que Cam, obviamente, era mau de verdade. Certo? E Shelby só estava argumentando.

— Exato. — Shelby assentiu para Luce. — Espere... o quê?

Nesse momento, Francesca e Steven entraram pela porta. Francesca sentou-se na cadeira giratória preta em sua mesa. Steven ficou atrás dela, com as mãos apoiadas de leve sobre as costas da cadeira. Ele parecia relaxado de calça jeans e camisa branca bem-passada, ao mesmo tempo que Francesca parecia séria com seu vestido preto de alfaiataria com decote quadrado.

Isso fez Luce pensar no que Shelby havia dito há pouco, e nas conotações de palavras como *anjo* e *demônio*. Fazer julgamentos baseados apenas nas roupas de Steven e Francesca era algo bastante superficial, mas, pensando bem, não era só isso. De muitas maneiras, era fácil esquecer quem era o quê.

— Quem quer começar? — perguntou Francesca, entrelaçando as mãos bem-cuidadas sobre a mesa de mármore. — Nós sabemos de tudo o que aconteceu, então nem se incomodem em contestar detalhes. Esta é a chance de nos explicar a razão.

Luce inspirou profundamente. Embora não estivesse preparada para que Francesca fosse tão direta, ela não queria Miles ou Shelby tentando acobertá-la.

— Foi minha culpa — começou ela. — Eu queria... — Ela viu a expressão severa de Steven, então olhou para seu próprio colo. — Vi algo nos Anunciadores, algo do meu passado, e queria ver mais.

— Então seguiu em uma viagem perigosa; uma viagem não autorizada, atravessando um Anunciador colocando em perigo dois de seus colegas, que deviam ter sido um pouco mais sensatos, somente um dia após outra colega ter sido sequestrada? — perguntou Francesca.

— Isso não é justo — disse Luce. — Foi *você* quem estava subestimando o que aconteceu com Dawn. Pensávamos que estávamos indo só olhar alguma coisa, mas...

— Mas...? — interrompeu Steven. — Mas agora percebem o quão idiota foi essa linha de pensamento?

Luce segurou os braços da cadeira com força, tentando conter as lágrimas. Francesca estava chateada com os três, mas parecia que toda a fúria de Steven se concentrava apenas em Luce. Não era justo.

— Sim, certo, fugimos da escola e fomos para Las Vegas — disse ela finalmente. — Mas a única razão pela qual ficamos em perigo foi porque *vocês* não me falaram nada. Vocês sabiam que alguém estava atrás de mim e é provável que saibam até por quê. Eu não teria deixado o campus se simplesmente tivessem me avisado.

Steven olhou para Luce com os olhos em chamas.

— Se você está dizendo que temos que explicar tudo a você, Luce, então estou desapontado. — Ele colocou a mão no ombro de Francesca. — Talvez estivesse certa sobre ela, querida.

— Espere... — disse Luce.

Mas Francesca a interrompeu com um gesto.

— Precisamos também explicar o fato de que a oportunidade que você recebeu da Shoreline para seu crescimento educacional e pessoal é, para você, uma experiência que só acontece uma vez a cada mil vidas? — Um rubor cor-de-rosa surgiu em sua face. — Você criou uma situação muito constrangedora para nós. A escola principal — ela gesticulou para a parte sul do campus — tem suas detenções e programas de serviço comunitário para os alunos que saem da linha.

Mas Steven e eu não temos um sistema de punição. Tivemos a sorte, até agora, de nossos alunos não terem ultrapassado nossos limites, que são brandos o bastante.

— Até agora — disse Steven, olhando para Luce. — Mas Francesca e eu concordamos que uma sentença rápida e severa é necessária.

Luce se inclinou para a frente em sua cadeira.

— Mas Shelby e Miles não...

— Exatamente. — Francesca assentiu. — É por isso que, quando forem dispensados, Shelby e Miles irão até o Sr. Kramer, na escola principal, para fazer serviço comunitário. O festival anual da colheita de alimentos da Shoreline começa amanhã e tenho certeza de que haverá trabalho esperando por vocês.

— Que monte de... — interrompeu Shelby, erguendo o olhar para Francesca. — Quero dizer, o festival da colheita parece ser *muito* divertido.

— E Luce? — perguntou Miles.

Os braços de Steven estavam cruzados e seus enigmáticos olhos castanhos baixaram para Luce sobre os óculos de aro de tartaruga.

— Luce, você está de castigo.

De castigo? Só isso?

— Você vai da aula para o refeitório, para o dormitório — recitou Francesca. — Até que ouça outras ordens nossas, e a não ser que esteja sob nossa atenta supervisão, estes são os únicos lugares a que poderá ir. E *nada* de mergulhar em Anunciadores. Entendeu?

Luce assentiu.

Steven acrescentou:

— Não nos teste novamente. Até mesmo a nossa paciência tem limite.

Estar restrita ao refeitório, às aulas e ao quarto deixara Luce sem opções para se distrair numa manhã de domingo. O alojamento estava escuro e o refeitório estava fechado para o brunch até as 11h. Depois

que Miles e Shelby arrastaram-se relutantemente até a tenda do serviço comunitário do Sr. Kramer, Luce não teve escolha a não ser voltar para o quarto. Ela fechou a cortina, a que Shelby sempre gostava de deixar aberta, e depois se jogou em sua cadeira.

Podia ter sido pior. Em comparação com as histórias de celas de concreto apertadas no solitário confinamento da Sword & Cross, quase parecia que ela estava se dando bem. Ninguém estava colocando uma pulseira de rastreamento nela. Na verdade, Steven e Francesca tinham imposto basicamente as mesmas restrições de Daniel. A diferença era que seus professores realmente *podiam* vigiá-la dia e noite. Daniel, por outro lado, não podia nem pisar lá.

Irritada, ligou o computador, meio que esperando que seu acesso à internet tivesse sido subitamente cortado. Mas conseguiu se conectar como de costume e encontrou três e-mails de seus pais e um de Callie. Talvez o lado bom de estar de castigo era que seria forçada a finalmente manter contato com os amigos e familiares.

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com
Enviado: sexta-feira, 20/11 às 08:22
Assunto: cachorro-peru

Olhe essa foto! Vestimos Andrew como um peru para a festa de outono da vizinhança. Como você pode deduzir pelas marcas de mordida nas penas, ele adorou. O que você acha? Devemos fazê-lo usar isso de novo quando você vier para o dia de Ação de Graças?

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com
Enviado: sexta-feira, 20/11 às 09:06
Assunto: P.S.

Seu pai leu o e-mail e achou que você podia ficar chateada. Não é para se sentir culpada, querida. Se você tiver permissão para voltar para casa no dia de Ação de Graças, seria ótimo. Se não for possível, vamos reagendar para outra vez. Nós amamos você.

Para: lucindap44@gmail.com
De: thegaprices@aol.com
Enviada: sábado, 21/11 às 00:12
Assunto: sem assunto

Só nos avise de qualquer forma, ok? beijos, mamãe

Luce segurou a cabeça entre as mãos. Ela estava errada. Todo o castigo do mundo não tornaria mais fácil escrever essa resposta a seus pais. Eles tinham vestido seu poodle como um peru, pelo amor de Deus! Partia seu coração pensar em decepcioná-los. Então, adiou aquela resposta abrindo o e-mail de Callie.

Para: lucindap44@gmail.com
De: calliealllieoxenfree@gmail.com
Enviado: sexta-feira, 20/11 às 16:14
Assunto: OLHA SÓ!

Acredito que a reserva de voo aqui embaixo diz tudo. Me manda seu endereço e vou pegar um táxi quando chegar na manhã de quinta-feira. Minha primeira visita à Geórgia! Com minha melhor amiga desaparecida! Vai ser tãããão legal! A gente se vê em SEIS DIAS!

Em menos de uma semana, sua melhor amiga estaria aparecendo na casa de seus pais para o Dia de Ação de Graças, eles a estariam esperando e Luce estaria nesse exato lugar: de castigo no quarto do dormitório. Uma tristeza enorme a engoliu. Ela teria dado qualquer

coisa para ir até lá, passar alguns dias com as pessoas que amava, que lhe dariam uma folga das exaustivas e confusas últimas duas semanas que passara enfurnada entre aquelas quatro paredes.

Ela abriu um novo e-mail e escreveu uma mensagem apressada:

Para: cole321@swordandcross.edu
De: lucindap44@gmail.com
Enviado: domingo 22/11 às 09:33

Oi, Sr. Cole.

Não se preocupe, não vou implorar para você me deixar ir para casa no dia de Ação de Graças. Sei o que é um desesperado desperdício de esforço quando vejo um. Mas não tenho coragem de dar a notícia a meus pais. Você poderia contar a eles? Diga-lhes que sinto muito.

As coisas aqui estão bem. Mais ou menos. Estou com saudades de casa.

Luce

Uma batida na porta fez Luce saltar e enviar o e-mail, sem nem mesmo revisar a ortografia ou o sentimentalismo constrangedor e confesso.

— Luce! — A voz de Shelby chamou do outro lado. — Abra a porta! Minhas mãos estão cheias de porcarias da festa da colheita. Quero dizer, *doações*. — Os estrondos continuaram do outro lado da porta, mais alto, com um choramingar e grunhidos de vez em quando.

Abrindo a porta, Luce deu de cara com Shelby, ofegante, cedendo sob o peso de uma enorme caixa de papelão. Havia vários sacos de

plástico enfiados entre os dedos e seus joelhos tremiam enquanto cambaleava para dentro do quarto.

— Posso ajudar com alguma coisa? — Luce pegou a cornucópia de vime que estava descansando na cabeça de Shelby como um chapéu cônico.

— Eles me colocaram no setor de Decorações — resmungou Shelby, largando a caixa no chão. — Eu daria tudo para estar na coleta de lixo, como Miles. Você sabe o que aconteceu na última vez que alguém me fez usar uma pistola de cola quente?

Luce se sentia responsável pelas punições tanto de Shelby quanto de Miles. Ela imaginou Miles vasculhando a praia com uma dessas varas de catar lixo que tinha visto presidiários usando ao lado da estrada de Thunderbolt.

— Eu nem sei o que é o festival da colheita.

— Detestável e pretensioso, isso é o que é — disse Shelby, vasculhando a caixa e jogando no chão os sacos de plástico cheios de penas, potes de glitter e uma resma de papelão em tons outonais. — É basicamente um grande banquete, onde todos os doadores da Shoreline vêm levantar dinheiro para a escola. Todo mundo vai para casa se sentindo todo caridoso porque descarregou algumas latas velhas de feijão em um banco de alimentos em Fort Bragg. Você vai ver amanhã à noite.

— Duvido — disse Luce. — Esqueceu que estou de castigo?

— Não se preocupe, você vai ser obrigada a aparecer. Alguns dos maiores doadores são defensores dos anjos, então Frankie e Steven precisam dar um show. O que significa que todos os Nefilim têm que estar lá, bonitinhos e sorrindo.

Luce franziu a testa, olhando para seu reflexo não Nefilim no espelho. Mais uma razão pela qual ela devia ficar ali mesmo.

Baixinho, Shelby reclamou:

— Deixei o desenho do peru no escritório do Sr. Kramer — disse, levantando-se e dando um pontapé na caixa de decorações. — Tenho que voltar.

Quando Shelby passou por ela em direção à porta, Luce perdeu o equilíbrio e começou a cair, tropeçando na caixa e prendendo o pé em algo frio e úmido.

Ela caiu de cara no chão de madeira. A única coisa que amorteceu sua queda foi o saco plástico de penas, que estourou, soltando plumas coloridas pelo ar. Luce olhou para trás para ver o dano que havia causado, esperando que as sobrancelhas de Shelby estivessem unidas de raiva. Mas Shelby estava parada com uma das mãos apontando para o centro da sala. Um Anunciador amarronzado flutuava calmamente.

— Não é um pouco arriscado? — perguntou Shelby. — Convocar um Anunciador uma hora depois de ser pega por convocar um Anunciador? Você realmente não escuta ninguém, não é? Eu meio que admiro isso.

— Eu não o convoquei — insistiu Luce, levantando-se e espanando as penas de suas roupas. — Tropecei e ele estava lá, esperando ou algo assim. — Ela deu um passo à frente para examinar a sombra. Era tão plana quanto um pedaço de papel e pequena para um Anunciador, mas o jeito como pairava no ar, na altura dos olhos, quase desafiando-a a rejeitá-la, deixava Luce nervosa.

O Anunciador não parecia precisar dela para guiá-lo até a forma certa. Ele pairou, mal se movendo, como se pudesse ficar flutuando lá o dia todo.

— Espere um minuto — murmurou Luce. — Ele veio com a outra sombra, naquele dia. Não se lembra? Esta era a estranha sombra marrom que voara junto com a sombra mais escura que os levara para Las Vegas. Ambas vieram pela janela sexta-feira à tarde, mas esta tinha desaparecido. Luce esquecera do fato até agora.

— Bem — disse Shelby, encostada na escada do beliche. — Você vai vislumbrar ou não?

O Anunciador era da cor de uma sala enfumaçada, marrom e leve como névoa. Luce tentou tocá-lo, correndo os dedos ao longo de seus contornos úmidos. Sentia o vento fumacento jogar seu cabelo para

trás. O ar em torno desse Anunciador era úmido, até salgado. Um barulho distante de gaivotas ecoava lá de dentro.

Ela não devia vislumbrar o que havia ali. Não queria.

Mas lá estava o Anunciador, passando de uma malha de fumaça marrom para algo nítido e transparente, independentemente da vontade de Luce. Lá estava a mensagem carregada por aquela sombra vindo à tona.

Era a vista aérea de uma ilha. No início, estavam no alto, de modo que tudo que Luce podia ver era um pequeno monte de rocha preta íngreme com uma borda de pinheiros delineando sua base. Então, lentamente, o Anunciador se aproximou, como um pássaro descendo para alojar-se na copa das árvores, mantendo o foco numa praia pequena e deserta.

A água estava escura da areia argilosa e prateada. As pedrinhas rolavam com a maré. E de pé, discretamente, entre duas rochas mais altas...

Daniel estava olhando para o mar. O galho de árvore em sua mão estava coberto de sangue.

Luce ofegou enquanto se inclinava para mais perto e compreendeu o que Daniel olhava. Não era para o mar, mas sim para o sangue que escorria de um homem formando uma poça. Um homem morto, deitado na areia dura. Cada vez que as ondas atingiam o corpo, recuavam manchadas por um vermelho profundo e escuro. Mas Luce não podia ver a ferida que causara sua morte. Alguém, em um longo casaco preto, estava agachado sobre o corpo, amarrando-o com uma espessa corda trançada.

Com o coração disparado, Luce olhou novamente para Daniel. Sua expressão era firme, mas os ombros tremiam.

— Rápido. Está perdendo tempo. A maré está baixando.

Sua voz era tão fria que fez Luce tremer.

Um segundo depois, a cena do Anunciador desapareceu. Luce prendeu a respiração até que ele se desfizesse no chão. Em seguida, do outro lado do quarto, a cortina que Luce havia fechado antes se

sacudiu até abrir. Luce e Shelby trocaram um olhar ansioso, e depois viram uma rajada de vento levar o Anunciador para fora.

Luce agarrou o pulso de Shelby.

— Você é mais observadora. Quem mais estava lá com Daniel? Quem estava agachado sobre aquele... — ela estremeceu novamente — homem?

— Pô, não sei, Luce. Eu estava meio distraída com o *corpo*. Para não falar do galho de árvore ensanguentado na mão do seu namorado. — O sarcasmo intencional de Shelby foi diminuído pelo medo que ela claramente sentia. — Então, ele o matou? — perguntou ela a Luce. — Foi Daniel quem matou aquele cara, fosse lá quem ele fosse?

— Não sei. — Luce estremeceu. — Não fale assim.

Talvez exista uma explicação lógica...

— O que você acha que ele falou no final? — perguntou Shelby. — Vi seus lábios se moverem, mas não consegui entender. Odeio essa parte dos Anunciadores.

Rápido. Está perdendo tempo. A maré está baixando.

Shelby não tinha escutado essa parte? Como Daniel soou insensível e sem remorso?

Então Luce lembrou: não fazia muito tempo, ela também não conseguia ouvir os Anunciadores. Antes, seus ruídos costumavam ser apenas isso — ruídos. Sussurros e lufadas abafadas através das árvores. Fora Steven quem tinha lhe ensinado como sintonizar as vozes lá dentro. De certo modo, Luce quase desejava que ele não o tivesse feito.

Tinha que haver mais naquela mensagem.

— Tenho que ver aquilo de novo — disse Luce, dando um passo em direção à janela aberta. Shelby puxou-a de volta.

— Ah, não vai, não. O Anunciador pode estar em qualquer lugar a essa altura, e você está de castigo, lembra? — Shelby empurrou Luce até ela se sentar na cadeira. — Você vai ficar aqui enquanto vou até o escritório de Kramer recuperar meu peru. Nós duas vamos esquecer que isso aconteceu. Certo?

— Certo.

— Ótimo. Estarei de volta em cinco minutos, por isso não desapareça.

Mas assim que a porta se fechou, Luce foi até o parapeito da janela, subindo na parte plana onde ela e Daniel se sentaram na noite anterior. Tirar da cabeça o que havia acabado de ver era impossível. Tinha que convocar novamente aquela sombra. Mesmo que trouxesse ainda mais problemas. Mesmo se visse algo de que não gostasse.

O final da manhã estava úmido e Luce teve que se agachar e segurar as telhas inclinadas de madeira para manter o equilíbrio. Suas mãos estavam frias. O coração estava duro. Ela fechou os olhos. Toda vez que tentava chamar um Anunciador, se lembrava de quão pouco treinamento havia tido. Sempre tivera apenas sorte, se é que ver seu namorado olhando para alguém que acabara de matar podia ser considerado sorte.

Um vento úmido se espalhou por seus braços. Será possível que o horror que vira na sombra marrom pudesse ser algo ainda pior? Seus olhos se abriram.

Era. Rastejando por seu ombro como uma cobra. Ela puxou-a e segurou-a à sua frente, tentando girá-la em uma bola com as mãos. O Anunciador rejeitou seu toque, flutuando para trás, para fora de seu alcance.

Ela olhou para baixo do segundo andar. Uma fila de alunos estava deixando o dormitório em direção ao refeitório para o brunch, um fluxo de cor que se deslocava ao longo de uma esteira de grama verde. Luce vacilou. A vertigem a engoliu, e ela achou que estava caindo para a frente.

Mas então, a sombra correu como um jogador de futebol americano, jogando Luce de volta contra a inclinação do telhado. E lá ficou ela, presa contra as telhas, ofegante, enquanto o Anunciador se abria como um bocejo novamente.

O véu de fumaça se desfez, e Luce estava de volta com Daniel e seu galho ensanguentado. De volta para o crocitar das gaivotas circulando no ar e o fedor da podridão das algas correndo ao longo da costa, à

visão das ondas geladas batendo na praia. E de volta para as duas figuras no chão. O morto estava todo amarrado. O vivo se levantou para encarar Daniel.

Cam.

Não. Só podia ser um engano. Eles se odiavam. Tinham acabado de travar uma grande batalha. Ela podia aceitar que Daniel fizesse coisas obscuras para protegê-la das pessoas que estavam atrás dela. Mas que terrível necessidade o faria buscar a ajuda de Cam? Trabalhar ao lado de Cam, que sentia prazer em matar?

Eles estavam em uma acalorada discussão sobre algo, mas Luce não conseguia distinguir as palavras. Não conseguia ouvir nada além do relógio no meio do terraço, que tinha acabado de marcar 11h. Ela se esforçou para ouvir, esperando o cessar das badaladas.

— Deixe-me levá-la para a Shoreline. — Finalmente ouviu Daniel implorar.

Isto deve ter acontecido um pouco antes de ela chegar à Califórnia. Mas por que Daniel tinha que pedir permissão a Cam? A não ser que...

— Tudo bem — disse Cam, sem se abalar. — Leve-a até a escola e então me encontre. Não faça besteira; estarei atento.

— E depois? — Daniel parecia nervoso.

Cam correu os olhos pelo rosto de Daniel.

— Nós dois temos uma caçada a fazer.

— Não! — gritou Luce, rasgando a sombra com dedos raivosos.

Mas tão logo sentiu as mãos rompendo a superfície fria e escorregadia, se arrependeu. Ela se quebrou em fragmentos finos, virando uma pilha de cinzas aos seus pés.

Agora não podia ver mais nada. Ela tentou reunir os fragmentos do jeito que vira Miles fazer, mas estavam se desfazendo e não cooperavam.

Pegou um punhado de pedaços inúteis, chorando sobre eles.

Steven tinha dito que, por vezes, os Anunciadores distorciam o que era real. Como as sombras na parede da caverna. Mas que sempre havia alguma verdade neles também. Luce podia sentir a verdade nos

pedaços frios e úmidos, mesmo quando os torcia, tentando com isso espremer sua agonia.

Daniel e Cam não eram inimigos. Eram parceiros.

QUINZE

QUATRO DIAS

— Mais peru de tofu? — Connor Madson, um garoto da aula de biologia de Luce e um dos garçons da Shoreline, estendeu-lhe numa bandeja de prata no Festival de Colheita na noite de segunda-feira.

— Não, obrigada. — Luce apontou para a espessa pilha de fatias de carne de soja ainda em seu prato.

— Talvez mais tarde. — Connor e o restante dos bolsistas da Shoreline estavam de smokings e usavam ridículos chapéus de peregrino para o festival da colheita. Passavam uns pelos outros no terraço, que estava totalmente diferente do lugar chique mas casual onde era possível comer algumas panquecas antes da aula. Havia se transformado em um salão de festas ao ar livre cuidadosamente decorado.

Shelby ainda estava resmungando enquanto ia de mesa em mesa, ajeitando placas de reservas e reacendendo velas. Ela e o resto do Comitê de Decoração haviam feito um belo trabalho: folhas de seda vermelha e laranja estavam espalhadas sobre as mesas cobertas por compridas toalhas brancas, pães recém-assados acomodados em cornucópias pintadas de dourado, aquecedores amenizavam a brisa

fria que vinha do oceano. Até mesmo os enfeites de peru do centro das mesas estavam bonitos.

Todos os alunos, funcionários e cerca de cinquenta dos maiores doadores da escola tinham feito o seu melhor para o banquete. Dawn e seus pais haviam dirigido até a escola só por essa noite. Apesar de Luce ainda não ter tido uma chance de conversar com Dawn, ela parecia recuperada, até mesmo feliz, e tinha acenado alegremente para Luce de seu assento ao lado de Jasmine.

A maioria dos vinte e poucos Nefilim estava reunida em duas mesas circulares adjacentes, com exceção de Roland, que estava sentado num canto distante com uma garota misteriosa. Então a acompanhante misteriosa se levantou, ergueu o amplo chapéu em formato de rosa e deu um aceno disfarçado para Luce.

Era Ariane.

Apesar de tudo, Luce sorriu, mas um segundo depois se sentiu à beira das lágrimas. Observar os dois juntos dando risadinhas lembrou Luce da cena repugnante e sinistra que havia vislumbrado no Anunciador no dia anterior. Como Cam e Daniel, Ariane e Roland deviam estar em lados opostos, mas todos sabiam que eram um time.

Ainda assim, parecia diferente de algum modo.

A festa da colheita era para ser um último festejo pré-Ação de Graças antes das aulas serem interrompidas. Então, todo mundo teria outro dia de Ação de Graças, de verdade, com suas famílias. Para Luce, esse era o único Dia de Ação de Graças que ela teria. O Sr. Cole não tinha respondido a seus e-mails. Depois do castigo de ontem e da revelação no telhado logo em seguida, ela estava achando difícil ser grata por alguma coisa.

— Você está comendo pouco — disse Francesca, colocando uma grande porção de purê de batatas no prato de Luce. Ela estava cada vez mais acostumada com o belo verniz que recobria tudo quando Francesca estava falando com ela. Francesca possuía um carisma de outro mundo, simplesmente pelo fato de ser um anjo.

Ela sorriu para Luce como se a reunião em seu escritório ontem não tivesse existido, e como se Luce não estivesse presa a sete chaves.

Luce ganhara o lugar de honra na animada mesa da diretoria, ao lado de Francesca. Todos os doadores vieram em fila para cumprimentar o corpo docente. Os outros alunos na mesa principal — Lilith, Beaker, Brady e uma menina coreana de cabelo escuro que Luce não conhecia — haviam concorrido para ganhar esses lugares em um concurso de redação. Tudo que Luce teve que fazer foi enfurecer seus professores o suficiente para que ficassem com medo por não poderem observá-la com atenção.

A refeição estava finalmente acabando quando Steven se inclinou para a frente em sua cadeira. Como Francesca, ele não demonstrou nada do veneno de ontem.

— Certifique-se de que Luce seja apresentada ao Dr. Buchanan.

Francesca colocou na boca o último pedaço de pão de milho com manteiga.

— Buchanan é um dos maiores patronos da escola — disse a Luce. — Você deve ter ouvido falar de seu programa de Demônios no Exterior?

Luce deu de ombros enquanto os garçons reapareceram para tirar os pratos.

— Sua ex-mulher vinha de uma linhagem de anjos, mas após o divórcio ele mudou algumas de suas alianças. Ainda assim — Francesca olhou para Steven —, é um ótimo contato. Ah, olá, Srta. Fisher! Que bom que você veio.

— Sim, olá. — Uma mulher idosa com sotaque britânico afetado, casaco de vison volumoso e mais diamantes ao redor do pescoço do que Luce jamais vira em sua vida estendeu a mão coberta por uma luva branca para Steven, que se levantou para cumprimentá-la. Francesca levantou também, inclinando-se para cumprimentar a mulher com um beijo em cada bochecha. — Onde está o meu Miles? — perguntou a mulher.

Luce pulou.

— Ah, você deve ser a... avó de Miles?

— Meu Deus, não. — A mulher recuou. — Não tenho filhos, nunca me casei. Oh. Sou a Sra. Ginger Fisher, da parte da árvore

genealógica do norte da Califórnia. Miles é meu sobrinho-neto. E você é...?

— Lucinda Price.

— Lucinda Price, sim. — A Sra. Fisher olhou Luce de cima a baixo, apertando os olhos. — Li sobre você em algumas histórias, embora não lembre exatamente o que você fez...

Antes que Luce pudesse responder, as mãos de Steven estavam em seus ombros.

— Luce é uma das nossas mais novas alunas — interrompeu. — Você ficará feliz em saber que Miles realmente se dedicou para fazê-la se sentir em casa aqui.

Os olhos investigativos da Sra. Fisher já estavam longe deles, analisando a multidão no gramado. A maioria dos convidados já tinha terminado de comer e agora Shelby estava acendendo as tochas presas no chão. Quando a tocha mais próxima à mesa principal ficou brilhante, ela iluminou Miles, inclinado sobre a mesa ao lado para retirar algumas placas.

— Aquele ali seria meu sobrinho-neto... *servindo mesas*? — A Sra. Fisher pressionou a mão enluvada na testa.

— Na verdade — disse Shelby, se intrometendo na conversa, com o acendedor de tochas na mão —, ele é o catador...

— Shelby — cortou Francesca. — Acho que a tocha perto das mesas Nefilim acaba de apagar. Você poderia dar um jeito nisso? *Agora?*

— Quer saber? — disse Luce a Sra. Fisher. — Vou chamar Miles para cá. Deve estar ansiosa para vê-lo.

Miles tinha trocado o boné dos Dodgers e o moletom por um par de calças de tweed marrom e uma camisa laranja de botões. Uma escolha meio ousada, mas estava bonito.

— Ei! — Ele acenou com a mão que não estava equilibrando uma pilha de pratos sujos e não parecia se importar em estar servindo mesas. Estava sorrindo, à vontade, conversando com todos no banquete enquanto tirava os pratos.

Quando Luce se aproximou, ele baixou os pratos e deu-lhe um grande abraço, mais apertado no final.

— Você está bem? — perguntou, inclinando a cabeça para um lado, de modo que seu cabelo castanho caiu sobre os olhos. Ele não parecia acostumado com como seu cabelo ficava sem o boné, e o jogou rapidamente para trás. — Você não parece tão bem. Quero dizer... *Você* está ótima, não foi isso que eu quis dizer. *Não mesmo*. Eu realmente gostei do vestido. E seu cabelo está bonito. Mas você também parece um pouco — ele franziu a testa — chateada.

— Que pena. — Luce chutou a grama com a ponta do seu salto alto preto. — Porque estou me sentindo melhor agora do que no resto da noite.

— Sério? — O rosto de Miles iluminou-se apenas por tempo suficiente para ele tomar aquilo como um elogio. Em seguida, o sorriso se desfez. — Eu sei que deve estar sendo um saco ficar de castigo. Se você quer minha opinião, Frankie e Steven estão exagerando. Mantê-la sob a supervisão deles a noite toda...

— *Eu sei*.

— Não olhe agora, tenho certeza de que estão nos observando. Ah, ótimo. — Ele gemeu. — Aquela é minha tia Ginger?

— Acabo de ter o prazer de conhecê-la. — Luce riu. — Ela quer vê-lo.

— Tenho certeza que sim. Por favor, não ache que todos os meus parentes são como ela. Quando você conhecer o resto do clã no dia de Ação de Graças...

Ação de Graças com Miles. Luce tinha esquecido completamente sobre isso.

— Ah. — Miles estava observando o rosto dela. — Você não acha que Frankie e Steven vão fazer você ficar *aqui* no feriado?

Luce deu de ombros.

— Achei que era o que "até ordens ao contrário" significava.

— Então é isso que está deixando você triste. — Ele colocou uma das mãos sobre o ombro nu de Luce. Ela estivera se arrependendo do vestido sem mangas até agora, quando os dedos dele tocaram sua pele.

Não lembrava em nada o toque de Daniel, eletrizante e mágico todas as vezes, mas ainda assim era reconfortante.

Miles se aproximou, baixando o rosto para o dela.

— O que foi?

Ela olhou para seus olhos azuis-escuros. Sua mão ainda estava no ombro dela. Luce sentiu os lábios se partindo para dizer a verdade, ou o que ela sabia da verdade, pronta para expulsar aquilo de dentro dela.

Que Daniel não era quem ela pensava que era. O que significava que *ela* talvez não fosse quem pensava que era. Que tudo que sentia por Daniel na Sword & Cross ainda estava ali, e pensar nisso a deixava tonta, mas como agora tudo também era tão diferente. E que todo mundo dizia que esta vida era diferente, que era hora de quebrar o ciclo, mas ninguém lhe contava o que aquilo significava. Que talvez essa história não fosse terminar com Luce e Daniel juntos. Que talvez ela devesse se libertar e fazer algo por conta própria.

— É difícil colocar tudo em palavras — disse finalmente.

— Eu sei — disse Miles. — Também tenho dificuldade com isso. Na verdade, há algo que eu meio que venho querendo lhe dizer...

— Luce. — De repente Francesca estava ali, praticamente entre os dois. — É hora de ir. Vou levar você de volta para o quarto agora.

Bela chance de fazer algo por conta própria.

— E Miles, sua tia Ginger e Steven gostariam de vê-lo.

Miles abriu um último sorriso compreensivo para Luce, antes de marchar em direção ao terraço até sua tia.

As mesas estavam esvaziando, mas Luce podia ver Ariane e Roland às gargalhadas perto do bar. Um grupo de meninas Nefilim se aglomerara ao redor de Dawn. Shelby estava de pé ao lado de um rapaz alto, com cabelo descolorido loiro e pele pálida, quase translúcida.

O ex. Tinha que ser. Ele estava inclinado na direção de Shelby, claramente interessado, mas era óbvio que ela ainda estava furiosa. Tão furiosa que nem notou Francesca e Luce, mas seu ex-namorado,

sim. O olhar rondando se demorou em Luce. O tom pálido de seus olhos não era exatamente azul, mas era assustador.

Então, alguém gritou que a festa continuaria na praia e Shelby roubou a atenção do ex, virando-lhe as costas e dizendo que ele não deveria segui-la até a festa.

— Você está com vontade de se juntar a eles? — perguntou Francesca enquanto elas se afastavam da agitação do terraço. O barulho e o vento acalmaram à medida que andavam sobre o longo caminho de cascalho em direção ao dormitório, passando por fileiras de buganvílias rosas-shocking. Luce começou a se perguntar se Francesca fora a responsável por aquela súbita sensação de tranquilidade.

— Não. — Luce gostava muito de todos, mas se fosse para anexar a palavra *vontade* agora, não estaria relacionada a uma festa na praia. Ela queria mesmo... bem, não tinha certeza do quê. Algo que tivesse a ver com Daniel, disso estava certa, mas o quê? Gostaria que ele lhe contasse o que estava acontecendo, talvez. Que, em vez de protegê-la omitindo o que sabia, contasse a verdade. Ela ainda amava Daniel, é óbvio que sim. Ele conhecia Luce melhor do que ninguém. Seu coração acelerava cada vez que o via. Ela ansiava por sua presença. Mas o quanto realmente o conhecia?

Francesca fixou os olhos na grama que forrava o caminho para o dormitório. Muito sutilmente, seus braços se estenderam para fora em ambos os lados, como uma bailarina na barra.

— Nem lírios nem rosas — murmurou baixinho enquanto a ponta dos dedos estreitos começou a tremer. — O que era mesmo?

Houve um som suave, como as raízes de uma planta sendo puxada de um canteiro de jardim e, de repente, como num milagre, uma linha de flores tão brancas quanto o luar surgiu ao longo do caminho. Densas e viçosas, com meio metro de altura, aquelas não eram flores comuns.

Eram raras e delicadas peônias selvagens, com botões grandes como bolas de beisebol. As flores que Daniel levara quando Luce estava no hospital, e talvez em outras ocasiões antes daquela.

Contornando o caminho da Shoreline, elas brilhavam como estrelas na noite.

— Para que foi isso? — perguntou Luce.

— Para você — respondeu Francesca.

— Por quê?

Francesca tocou-a de leve na bochecha.

— Às vezes coisas belas entram em nossa vida de repente. Nem sempre podemos compreendê-las, mas temos de confiar nelas. Eu sei que você quer questionar tudo, mas também compensa apenas ter um pouco de fé.

Ela estava falando sobre Daniel.

— Veja eu e Steven — continuou Francesca —, e sei que pode ser confuso. Eu o amo? Sim. Mas quando a batalha final vier, terei que matá-lo. É a nossa realidade simplesmente. Nós sabemos exatamente como funciona.

— Mas você não confia nele?

— Acredito que ele será fiel à sua natureza, que é a de um demônio. Você precisa confiar que aqueles ao seu redor serão fiéis à sua natureza. Mesmo quando possa parecer que estão traindo quem são.

— E se não for assim tão fácil?

— Você é forte, Luce, independentemente de qualquer coisa ou de qualquer um. Pela maneira como você reagiu ontem em meu escritório, pude ver isso. E fiquei muito... contente.

Luce não se sentia forte. Sentia-se tola. Daniel era um anjo, por isso a sua verdadeira natureza tinha que ser boa. Ela deveria aceitar aquilo sem questionar? E quanto à sua verdadeira natureza? Não era tão preto e branco. Teria Luce sido a razão para as coisas entre eles serem tão complicadas? Muito tempo depois de ter entrado em seu quarto e fechado a porta, ela não conseguia tirar as palavras de Francesca da cabeça.

Por volta de uma hora mais tarde, uma batida na janela fez Luce se assustar, enquanto estava olhando para o fogo que morria na lareira. Antes que pudesse se levantar, houve uma segunda batida, mas desta vez parecia mais hesitante. Luce levantou e foi até a janela. O que Daniel estava fazendo ali de novo? Depois de tantos discursos sobre como era perigoso eles se verem, por que ele continuava aparecendo?

Ela não sabia sequer o que Daniel queria, além de atormentá-la, do jeito que o vira atormentar outras versões dela nos Anunciadores. Ou, segundo ele, *amado* tantas versões dela. Hoje à noite, tudo o que Luce queria era que ele a deixasse sozinha.

Ela escancarou as persianas para empurrar a janela, derrubando mais uma das milhares de plantas de Shelby. Ela apoiou as mãos no parapeito e então mergulhou a cabeça na noite, pronta para dar uma bronca em Daniel.

Mas não era Daniel em pé na beira sob o luar.

Era Miles.

Tinha tirado as roupas extravagantes, mas continuava sem o boné dos Dodgers. A maior parte de seu corpo estava na sombra, mas o contorno dos ombros largos brilhava contra a noite de um azul profundo. Seu sorriso fez Luce sorrir também. Ele estava segurando uma cornucópia dourada cheia de lírios alaranjados colhidos de um dos arranjos de mesa do Festival da Colheita.

— Miles — disse Luce. A palavra parecia estranha em sua boca. Era marcada pela surpresa agradável quando, um momento atrás, estivera tão preparada para ser desagradável. Seu coração acelerou, e ela não conseguia parar de sorrir.

— Não é incrível eu poder andar pelo parapeito da minha janela até a sua?

Luce balançou a cabeça, surpresa também. Ela nunca estivera no quarto de Miles ou no lado dos meninos no dormitório. Nem sabia onde ficava.

— Viu? — O sorriso dele se ampliou. — Se você não estivesse de castigo, nunca teríamos descoberto. É realmente lindo aqui, Luce, você devia sair. Você não tem medo de altura ou algo assim, tem?

Luce queria sair para ficar com Miles. Só não queria se lembrar das vezes em que estivera ali com Daniel. Os dois eram muito diferentes. Miles era confiável, doce, preocupado. Daniel era o amor de sua vida. Se ao menos fosse assim tão simples. Parecia injusto e impossível compará-los.

— Como você não está na praia com todo mundo? — perguntou ela.

— Nem *todo mundo* está na praia. — Miles sorriu. — Você está aqui. — Ele acenou com a cornucópia de flores. — Trouxe isso para você do jantar. Shelby tem milhares de plantas em seu lado do quarto. Achei que você poderia colocar essas na sua mesa.

Miles passou o chifre de vime pela janela até ela. Estava cheio de flores de um laranja brilhante. Os estames pretos estremeciam com o vento. Não eram perfeitas, algumas estavam até mesmo murchas, mas eram muito mais bonitas do que as peônias gigantescas que Francesca fez florescer. *Às vezes coisas belas entram em nossa vida de repente.*

Esta talvez fosse a melhor coisa que alguém havia feito para ela na Shoreline — como a vez em que Miles tinha arrombado o escritório de Steven para roubar aquele livro e ajudar Luce a aprender a atravessar uma sombra. Ou quando Miles a convidara para tomar café da manhã, no mesmo dia em que a conheceu. Ou como Miles a tinha incluído sem pensar duas vezes em seus planos do dia de Ação de Graças. Ou a completa ausência de ressentimento no rosto de Miles quando foi incumbido do serviço de coleta de lixo depois que ela o colocara em apuros. Ou como Miles...

Ela percebeu que poderia continuar eternamente, a noite toda. Levou as flores para o outro lado do quarto e colocou-as em sua mesa.

Quando voltou, Miles estava estendendo a mão para que ela passasse pela janela. Luce podia inventar uma desculpa, algo estúpido sobre não quebrar as regras de Francesca. Ou poderia simplesmente aceitar a mão quente, forte e segura de Miles, e deixar-se levar para o outro lado. Ela poderia esquecer Daniel só por um momento.

Lá fora, o céu era uma explosão de estrelas. Elas brilhavam na noite escura como os diamantes da Sra. Fisher, mas mais claras, mais

brilhantes, ainda mais bonitas. Dali, o lado da escola coberto pelas sequoias parecia denso, sombrio e sinistro, a oeste ficava a água agitada e incessante, e a luz distante da fogueira ardia na praia lotada. Luce tinha notado isso tudo antes. Oceano. Floresta. Céu. Mas nas outras vezes em que ela estivera ali, Daniel tinha absorvido completamente sua atenção. É como se nunca tivesse apreciado a vista de verdade.

Era realmente de tirar o fôlego.

— Você deve estar se perguntando por que vim até aqui — disse Miles, o que fez Luce perceber que tinha ficado calada por um tempo. — Comecei a dizer-lhe isso antes, mas, eu não... não tenho certeza...

— Estou feliz que você tenha vindo. Estava ficando um pouco chato lá, olhando para o fogo. — Ela abriu um meio sorriso.

Miles enfiou as mãos nos bolsos.

— Olha, sei que você e Daniel...

Involuntariamente Luce resmungou.

— Você está certa, eu nem deveria tocar no assunto...

— Não, não foi por isso que reclamei.

— É só que... Você sabe que gosto de você, certo?

— Hmm.

É claro que Miles gostava dela. Eles eram amigos. Bons amigos.

Luce mordeu o lábio. Agora estava enganando a si mesma, o que nunca fora um bom sinal. A verdade era que Miles *gostava* dela. E ela *gostava* dele também. Era só olhar para ele, com seus olhos azuis como o mar e o barulhinho que fazia toda vez que abria um sorriso. Além disso, ele era, de longe, a pessoa mais legal que Luce já conhecera.

Mas havia Daniel e antes dele havia Daniel também, e Daniel de novo e... Era infinitamente complicado.

— Estou enrolando. — Miles estremeceu. — Quando tudo que eu realmente queria fazer era dizer boa noite.

Luce ergueu os olhos e descobriu que ele estava olhando para ela. As mãos saíram dos bolsos, encontraram as dela, e segurando-as na

altura do colo. Ele se inclinou deliberadamente, dando a Luce outra chance para sentir a noite espetacular ao seu redor.

Ela sabia que Miles ia beijá-la. Sabia que não deveria deixar que ele fizesse aquilo. Por causa de Daniel, é lógico, mas também pelo que tinha acontecido quando beijara Trevor. Seu primeiro beijo. O único beijo que dera em outra pessoa além de Daniel. Poderia ter a ver com Daniel o fato de Trevor ter morrido? E se, no instante em que beijasse Miles, ele... Luce não suportava sequer pensar naquilo.

— Miles. — Ela apertou a mão dele também. — Você não devia fazer isso. Me beijar é... — ela engoliu — perigoso.

Ele riu. Óbvio que sim, porque não sabia nada sobre Trevor.

— Acho que vou arriscar.

Ela tentou se afastar, mas Miles tinha um jeito de fazê-la sentir-se bem sobre quase tudo. Mesmo agora. Quando a boca de Miles tocou a dela, Luce prendeu a respiração, esperando pelo pior.

Mas nada aconteceu.

Os lábios de Miles eram suaves como plumas, beijando-a com delicadeza suficiente para ela entender que ele ainda era seu bom amigo, mas também com paixão para provar que ele era capaz de fazer mais... se ela quisesse.

Mas, ainda que não houvesse chamas, ou fogo queimando a pele, nenhuma morte ou destruição — e por que não havia? —, o beijo *deveria* trazer uma sensação errada. Por tanto tempo, tudo que seus lábios desejaram eram os lábios de Daniel, o tempo todo. Ela costumava sonhar com seu beijo, o sorriso, os lindos olhos violeta, a sensação de seu corpo contra o dela. Não era para existir outra pessoa.

E se ela tivesse se enganado a respeito de Daniel? E se ela pudesse estar mais feliz — ou simplesmente feliz — com outro cara?

Miles se afastou, parecendo feliz e triste ao mesmo tempo.

— Então, boa noite. — Ele se virou, quase como se estivesse prestes a sair correndo para o quarto. Mas então se virou de novo e pegou a mão dela. — Se você um dia achar que as coisas não estão

dando certo, você sabe, com... — Ele olhou para o céu. — Estou aqui. Só queria que você soubesse.

Luce assentiu, já lutando contra os sentimentos confusos que se aproximavam. Miles apertou a mão dela e em seguida partiu na outra direção, saltando sobre as telhas inclinadas, para o lado de seu dormitório.

Sozinha, ela tocou os próprios lábios, que Miles tinha acabado de beijar. Da próxima vez em que ela visse Daniel, ele seria capaz de notar? Sua cabeça doía por todos os altos e baixos do dia, e ela só queria ir para a cama. Enquanto deslizava até o quarto, virou uma última vez para apreciar a vista, para se lembrar de como tudo era na noite em que tantas coisas haviam mudado.

Mas, em vez das estrelas, árvores e ondas quebrando, os olhos de Luce fixaram-se em outra coisa atrás das muitas chaminés dos telhados. Algo branco e esvoaçante. Um par de asas iridescentes.

Daniel. Agachado, mas parte do corpo visível, a poucos metros de onde ela e Miles haviam se beijado. De costas para ela. Sua cabeça estava baixa.

— Daniel — chamou ela, sentindo a voz vacilar ao dizer o nome dele.

Quando ele se virou para encará-la, seu olhar era de completa agonia. Como se Luce tivesse acabado de arrancar seu coração. Ele dobrou os joelhos, abriu as asas e decolou noite adentro.

Um minuto depois, ele parecia apenas mais uma estrela no céu escuro e brilhante.

DEZESSEIS



TRÊS DIAS

Na manhã seguinte, Luce mal conseguiu comer.

Era o último dia de aula antes da Shoreline liberar os alunos para o feriado de Ação de Graças, e Luce já estava se sentindo solitária. Solidão em meio a uma multidão é o pior tipo de solidão, mas não dava para evitar. Todos os alunos ao seu redor estavam conversando alegremente sobre ir para casa e rever a família. Falando sobre a moça ou rapaz que não viam desde as férias de verão. Sobre as festas que os amigos dariam no fim de semana.

A única festa para a qual Luce estava indo esse fim de semana era o festival de choro no seu quarto vazio do dormitório.

Alguns outros alunos da escola principal certamente ficariam lá durante o feriado: Connor Madson, que viera de um orfanato em Minnesota. E Brenna Lee, pois seus pais viviam na China. Francesca e Steven também ficariam lá — que surpresa — e ofereceriam um jantar de Ação de Graças no refeitório para os excluídos, na quinta-feira à noite.

Luce estava se agarrando a uma esperança: que a ameaça de Ariane sobre ficar de olho nela incluísse o feriado de Ação de Graças. Mas,

pensando bem, ela mal tinha visto a amiga desde que Ariane levara os três de volta à Shoreline. Apenas naquele breve momento no Festival da Colheita.

Todo mundo estaria indo embora em um ou dois dias. Miles ia para o evento de mais de cem pessoas com a família. Dawn e Jasmine encontrariam as respectivas famílias na mansão de Jasmine em Sausalito. Até mesmo Shelby — embora ela não tivesse dito uma palavra a Luce sobre voltar para Bakersfield — tinha falado no telefone com a mãe um dia antes, gemendo "*Sim*. Eu *sei*. Eu *estarei* lá".

Era o pior momento para Luce ser deixada sozinha. Ela se sentia mais confusa a cada dia, até não saber mais como se sentir a respeito de Daniel ou qualquer outra pessoa. E ela não conseguia parar de xingar a si mesma por como tinha sido estúpida na noite anterior, deixando Miles ir tão longe.

Durante toda a noite, ela chegou continuamente à mesma conclusão: Ainda que estivesse chateada com Daniel, o que tinha acontecido com Miles não tinha sido culpa de ninguém, apenas dela. Foi ela quem traíra.

Deixava-a fisicamente doente pensar em Daniel sentado lá fora, olhando, sem dizer nada, enquanto ela e Miles se beijavam; imaginar como ele deve ter se sentido quando decolou do telhado. Da forma que ela se sentira quando ouviu pela primeira vez o que havia acontecido entre Daniel e Shelby, só que pior, porque dessa vez era traição de verdade. Só mais uma coisa a acrescentar à lista de provas de que ela e Daniel não conseguiam se entender.

Um riso suave trouxe-a de volta à realidade e ao intocado café da manhã.

Francesca deslizava pelas mesas com uma longa capa de bolinhas pretas e brancas. Toda vez que Luce a olhava, ela estava com aquele sorriso açucarado no rosto e absorta numa conversa com um aluno ou outro, mas Luce ainda se sentia sob forte escrutínio. Como se Francesca pudesse ler sua mente e saber exatamente o que tinha acontecido para que perdesse o apetite. Como se, assim como as

peônias brancas selvagens que desapareceram durante a noite sem deixar vestígios de sua existência, a crença de Francesca de que Luce era forte pudesse desaparecer também.

— Por que tão sombria, companheira? — Shelby engoliu uma grande fatia de bagel. — Acredite, você não perdeu muita coisa na noite passada.

Luce não respondeu. Ela nem se lembrava da fogueira na praia. Mas acabara de notar Miles marchando para o café, muito mais tarde do que de costume. Seu boné dos Dodgers estava puxado bem para baixo sobre os olhos, e os ombros pareciam um pouco curvados. Involuntariamente, os dedos de Luce foram até os lábios.

Shelby estava acenando com exagero, balançando ambos os braços sobre a cabeça.

— Qual o problema dele? Terra para Miles!

Quando finalmente chamou a atenção dele, Miles deu um aceno desajeitado para a mesa, quase tropeçando no buffet. Ele acenou novamente, e depois desapareceu atrás do refeitório.

— É impressão minha ou Miles tem estado totalmente desligado esses dias? — Shelby revirou os olhos e imitou o amigo desajeitado.

Mas Luce estava morrendo de vontade de ir atrás dele e...

E o quê? Dizer a ele para não sentir vergonha? Que o beijo tinha sido culpa dela também? Que sentir-se atraído por alguém como ela só traria problemas? Que ela gostava dele, mas que uma relação entre os dois seria impossível? Que mesmo que ela e Daniel estivessem brigando agora, nada poderia realmente ameaçar aquele amor?

— Enfim, como eu estava dizendo — continuou Shelby, enchendo de novo o copo de café de Luce com a jarra de bronze na mesa. — Fogueira, hedonismo, blá-blá-blá. Essas coisas podem ser muito chatas. — Um dos lados da boca de Shelby se moveu em um quase sorriso. — Principalmente, sabe, quando você não está por perto.

O coração de Luce se alegrou um pouco. De vez em quando, Shelby deixava o mais ínfimo raio de luz entrar. Mas então sua companheira de quarto rapidamente deu de ombros, como se dissesse: *não se empolgue*.

— O problema é que ninguém mais aprecia minha imitação de Lilith. — Shelby esticou as costas, ergueu o peito para a frente e fez o lado direito de seu lábio superior tremer de reprovação.

A pequena imitação que Shelby fazia de Lilith era infalível: sempre fazia Luce cair na risada. Mas hoje tudo o que ela conseguiu foi um pequeno sorriso.

— Hmm — disse Shelby. — Não que você se importe com o que perdeu na festa. Notei Daniel voando sobre a praia na noite passada. Vocês dois devem ter colocado muita coisa em dia.

Shelby tinha visto Daniel? Por que não mencionara mais cedo? Alguém mais poderia tê-lo visto?

— Nós nem sequer conversamos.

— É difícil de acreditar. Ele normalmente é tão cheio de ordens para cima de você...

— Shelby, Miles me beijou — interrompeu Luce, com os olhos fechados. Por alguma razão, aquilo tornava mais fácil confessar. — Na noite passada. E Daniel viu tudo. Ele partiu antes que eu pudesse...

— É, isso é o suficiente. — Shelby soltou um assobio. — Que notícia bombástica.

O rosto de Luce ardia de vergonha. Sua mente não conseguia se livrar da imagem de Daniel levantando voo. Parecia muito definitivo.

— Então as coisas estão, você sabe, *acabadas* entre você e Daniel?

— Não. Nunca. — Luce não podia nem ouvir aquilo sem estremecer. — Eu simplesmente não sei.

Ela não tinha contado a Shelby o que mais havia vislumbrado no Anunciador, como vira Daniel e Cam trabalhando juntos. Eram amigos em segredo, até onde ela podia entender. Mas Shelby não saberia quem era Cam e a história era muito complicada para ser explicada. Além disso, Luce não seria capaz de suportar se Shelby, com seus pontos de vista ah-tão-deliberadamente-controversos sobre anjos e demônios, tentasse provar que uma parceria entre Daniel e Cam não era grande coisa no fim das contas.

— Você sabe que Daniel vai ficar mal por causa disso agora. Não era essa a questão para Daniel, a devoção *eterna* entre vocês dois?

Luce se ergueu da cadeira de ferro branco.

— Eu não estava sendo sarcástica, Luce. Então, talvez, sei lá, Daniel tenha se envolvido com outras pessoas. É tudo muito confuso. O que importa, no final, como falei antes, é que ele teve dúvidas de que você era a única que importava.

— Isso deveria me fazer sentir melhor?

— Não tenho a pretensão de fazer você se sentir melhor. Estou apenas tentando demonstrar um ponto de vista. Apesar de toda a irritante aparência de indiferença de Daniel, ele é realmente apaixonado por você. A verdadeira questão aqui é: e você? Pelo que Daniel viu, você poderia deixá-lo assim que alguém novo aparecesse. Miles apareceu, e ele obviamente é um cara ótimo. Um pouco meloso demais para o meu gosto, mas...

— Eu nunca deixaria Daniel — disse Luce em voz alta, querendo desesperadamente acreditar naquilo também.

Ela pensou sobre a expressão de horror no rosto dele na noite em que os dois discutiram na praia. Luce ficou chocada quando Daniel perguntara de imediato: *nós estamos terminando?* Como se ele suspeitasse que havia uma possibilidade. Como se ela não tivesse engolido direito toda aquela história absurda sobre um amor infinito que ele lhe contara sob os pessegueiros na Sword & Cross. Ela engolira, de uma só vez, ingerindo todas as suas falhas também — as partes extremamente irregulares que não faziam sentido, mas que lhe imploravam para crer naquele momento. Agora, a cada dia, elas roíam suas entranhas.

Ela podia sentir a maior de todas as falhas subindo por sua garganta.

— Na maior parte do tempo, nem sei por que ele gosta de mim.

— Qual é — gemeu Shelby. — Não seja uma dessas meninas. *Ele é bom demais para mim, blá-blá-blá*. Vou ter que chutar você para a mesa de Dawn e Jasmine. Essa é a especialidade delas, não a minha.

— Eu não quis dizer isso. — Luce inclinou-se e baixou a voz. — Quero dizer, séculos atrás, quando Daniel estava, você sabe, *lá em cima*, ele *me* escolheu. Eu, entre todos os seres humanos na Terra...

— Bem, provavelmente havia muito menos opções naquela época... Ai! — Luce havia cutucado ela. — Só estou tentando melhorar o clima!

— Ele me escolheu, Shelby, em vez de algum lugar de prestígio no céu, em vez de um status elevado. Isso é muito importante, você não acha? — Shelby assentiu. — Ele não pode simplesmente ter me achado bonitinha.

— Mas... você não sabe o que foi?

— Já perguntei, mas ele nunca me contou o que aconteceu. Quando toquei no assunto, foi quase como se Daniel não conseguisse se lembrar. O que é um absurdo, porque significa que nós dois já estamos seguindo com a corrente. Baseados em milhares de anos de um conto de fadas de que nenhum de nós pode se lembrar.

Shelby esfregou o queixo.

— O que mais Daniel está escondendo de você?

— Isso é o que pretendo descobrir.

O tempo tinha passado e a maioria dos alunos já estava deixando o terraço e indo para a aula. Os garçons bolsistas corriam para recolher os pratos. Mais próxima ao oceano, Steven bebia café sozinho, com os óculos dobrados e descansando sobre a mesa. Seus olhos encontraram os de Luce, e sustentaram o olhar por um longo tempo, tanto que, mesmo após ela se levantar para ir à aula, a expressão intensa e vigilante permaneceu em sua mente. O que provavelmente fora a intenção dele.

Depois do vídeo educacional mais longo e chato jamais visto sobre divisão celular, Luce escapou da biologia, descendo as escadas do prédio principal, onde se surpreendeu ao ver o estacionamento lotado. Pais, irmãos mais velhos e alguns motoristas formavam uma longa fila de veículos do tipo que Luce não via desde a entrada no ginásio, na Geórgia.

Em torno dela, os alunos saíram correndo da aula e foram em zigue-zague para os carros, puxando malas de rodinhas. Dawn e Jasmine se abraçaram antes que Jasmine entrasse em um carro e o irmão de Dawn abrisse espaço para ela na parte de trás de um utilitário. As duas só estariam separadas por algumas horas.

Luce voltou ao prédio e saiu pela pouco usada porta traseira para se dirigir ao dormitório. Ela definitivamente não poderia lidar com despedidas agora.

Caminhando sob o céu cinzento, Luce ainda se sentia pesada pela culpa, mas a conversa com Shelby deixara suas emoções um pouco mais sob controle. Foi idiotice, ela sabia, mas ter beijado outra pessoa fez com que sentisse que finalmente tinha alguma importância no seu relacionamento com Daniel. Talvez fizesse ele reagir, para variar. Ela poderia pedir desculpas a ele também. Eles resolveriam os problemas, superariam aquela confusão e começariam a conversar de verdade.

Foi quando seu telefone tocou. Era uma mensagem do Sr. Cole:

Cuidei de tudo.

Então o Sr. Cole tinha repassado a notícia de que Luce não voltaria para casa. Mas convenientemente deixou de fora da mensagem se os pais dela ainda estavam falando com Luce. Ela não tinha notícias deles há dias.

Era uma situação sem saída: se seus pais escrevessem para ela, sentiria-se culpada por não escrever de volta. Se não escrevessem, sentiria-se responsável por estar tão distante. Ela ainda não tinha descoberto o que fazer com Callie.

Ela subiu as escadas do dormitório vazio. Cada passo ecoava no edifício cavernoso. Não havia ninguém por perto.

Ao chegar no quarto, esperava descobrir que Shelby já tinha ido embora, ou pelo menos ver a mala arrumada esperando na porta.

Shelby não estava lá, mas suas roupas estavam espalhadas por todo o lado. Seu colete vermelho estava no cabideiro, e o equipamento

de ioga ainda estava empilhado num canto. Talvez ela só fosse na manhã seguinte.

Antes de Luce não ter sequer fechado a porta, alguém bateu. Ela pôs a cabeça no corredor.

Miles.

Suas mãos ficaram úmidas e ela podia sentir o coração acelerando. Imaginou como estaria seu cabelo, se lembrara de fazer a cama esta manhã, e há quanto tempo Miles estava andando atrás dela. Se ele vira Luce evitar a caravana de despedidas antes do feriado ou o olhar triste no rosto dela quando leu a mensagem de texto.

— Oi — disse ela suavemente.

— Oi.

Miles estava com um suéter marrom grosso sobre uma camisa de colarinho branco. Usava o jeans com um rasgo no joelho, aquele que sempre fazia Dawn pular para segui-lo, deixando tanto ela quanto Jasmine suspirando atrás dele.

Os lábios de Miles se contorceram em um sorriso nervoso.

— Quer fazer alguma coisa?

Seus polegares estavam presos sob as alças da mochila azul-marinho e a voz ecoou pelas paredes. De repente Luce pensou que ela e Miles poderiam ser as duas únicas pessoas em todo o edifício. A ideia era ao mesmo tempo emocionante e assustadora.

— Estou de castigo por toda a eternidade, lembra?

— É por isso que eu trouxe a diversão até você.

A princípio, Luce pensou que Miles estava se referindo a si mesmo, mas depois ele deslizou a mochila para um ombro e abriu o compartimento principal. Lá dentro havia um tesouro: jogos de tabuleiro — Boggle, Liga Quatro, Ludo.

O jogo do *High School Musical*. Até mesmo Palavras Cruzadas pra viagem. Foi tão legal e normal, que Luce quase chorou.

— Eu achei que você estava indo para casa hoje — disse ela. — Todo mundo está.

Miles deu de ombros.

— Meus pais não se importaram que eu ficasse. Estarei em casa novamente em algumas semanas e, além disso, temos opiniões diferentes sobre férias perfeitas. A deles é qualquer coisa digna de uma resenha na seção de estilo do *New York Times*.

Luce riu.

— E a sua?

Miles procurou um pouco mais em sua sacola, retirando dois pacotes de suco em pó, um saco de pipoca de micro-ondas e um DVD do filme *Hannah e Suas Irmãs*, de Woody Allen.

— Bem humilde, mas é isso aí. — Ele sorriu. — Pedi para você passar o feriado de Ação de Graças comigo, Luce. Só porque estamos mudando de local não significa que temos que mudar nossos planos.

Ela sentiu um sorriso se espalhar pelo rosto, e segurou a porta para que Miles entrasse. Seus ombros roçaram nos dela quando ele passou, e se entreolharam por um momento. Ela sentia Miles balançando sobre os calcanhares, como se estivesse prestes a se inclinar e beijá-la. Ela ficou tensa, à espera.

Mas ele apenas sorriu, largou a mochila no meio do chão e começou a descarregar a diversão para Ação de Graças.

— Está com fome? — perguntou ele, acenando com o pacote de pipoca.

Luce estremeceu.

— Eu sou muito ruim fazendo pipoca.

Ela estava lembrando da vez em que ela e Callie quase incendiaram o dormitório da Dover. Não conseguiu evitar. Isso a deixara com saudades da melhor amiga mais uma vez.

Miles abriu a porta do micro-ondas e ergueu um dedo.

— Posso apertar *qualquer* botão com esse dedo, e fazer praticamente tudo no micro-ondas. Você tem sorte por eu ser tão bom nisso.

Era estranho que mais cedo ela estivesse tão chateada por ter beijado Miles. Agora, Luce percebeu que ele era a única coisa que a fazia se sentir melhor. Se Miles não tivesse aparecido, ela estaria afundando em mais um buraco negro de culpa. Mesmo que ela não

conseguisse se imaginar beijando-o de novo — não porque não queria, necessariamente, mas porque sabia que era errado, que não poderia fazer algo assim com Daniel... que não *queria* fazer com Daniel —, a presença de Miles era muito reconfortante.

Eles jogaram Boggle até Luce finalmente entender as regras, Palavras Cruzadas até perceberem que estava faltando metade das letras, Ludo até o sol se pôr lá fora e estar escuro demais para ver o tabuleiro sem acender a luz. Então Miles levantou-se, acendeu o fogo e colocou *Hannah e Suas Irmãs* no computador de Luce. O único lugar para sentar e assistir ao filme era na cama.

De repente, Luce ficou nervosa. Antes, eles haviam sido apenas dois amigos se divertindo com jogos de tabuleiro, à tarde em um dia de semana. Agora, as estrelas brilhavam, o dormitório estava vazio, o fogo crepitava e... o que essa cena fazia deles?

Eles se sentaram lado a lado na cama de Luce, e ela não conseguia parar de se preocupar com as próprias mãos, se era estranho deixá-las sobre o colo ou se seus dedos tocariam os de Miles se ela as deixasse ao lado do corpo. Pelo canto dos olhos, ela podia ver o peito dele se movendo quando respirava. Podia ouvi-lo coçar a nuca. Ele havia tirado o boné e Luce podia sentir o cheiro cítrico do xampu em seu cabelo castanho.

Hannah e Suas Irmãs era um dos poucos filmes de Woody Allen que Luce nunca vira, mas não conseguia prestar atenção. Já havia cruzado e descruzado as pernas três vezes antes que os títulos de abertura terminassem.

A porta se abriu. Shelby entrou no quarto, deu uma olhada no monitor do computador de Luce e desabafou:

— Esse é o melhor filme de Ação de Graças da história! Posso ver com... — Então, olhou para Luce e Miles, sentados às escuras sobre a cama. — Ah.

Luce levantou num pulo.

— É óbvio que sim! Eu não sabia quando você iria para casa...

— Nunca. — Shelby lançou-se no beliche superior, criando um pequeno terremoto onde Luce e Miles estavam. — Briguei com minha

mãe. Nem perguntem, é muita idiotice. Além disso, prefiro ficar com vocês, de qualquer forma.

— Mas, Shelby... — Luce não podia imaginar uma briga grande o suficiente para cancelar a viagem para casa no feriado de Ação de Graças.

— Vamos apenas aproveitar a genialidade de Woody em silêncio — ordenou Shelby.

Miles e Luce se entreolharam, entendendo tudo.

— Você quem sabe — disse Miles para Shelby, sorrindo para Luce.

Para ser sincera, Luce ficou aliviada. Quando se acomodou novamente, seus dedos realmente roçaram nos de Miles e ele apertou a mão dela. Foi só por um momento, mas foi o suficiente para Luce entender que, pelo menos ao longo do fim de semana de Ação de Graças, tudo ia ficar bem.

DEZESSETE



DOIS DIAS

Luce acordou com o barulho de alguém revirando os cabides do armário.

Antes que pudesse ver quem era o responsável pela confusão, um monte de roupas a bombardeou. Ela se sentou na cama, abrindo caminho pela pilha de calças jeans, camisetas e casacos. Arrancou uma meia de losangos grudada em sua testa.

— Ariane?

— Você gosta do vermelho? Ou do preto? — Ariane estava segurando dois vestidos de Luce contra o corpo minúsculo, balançando-os um de cada vez.

Ariane não precisava mais da terrível pulseira de monitoramento que era obrigada a usar na Sword & Cross. Luce não percebera isso até agora, e estremeceu ao lembrar-se do choque cruel percorrendo Ariane quando esta criara uma confusão. A cada dia que passava na Califórnia, Luce se lembrava da Sword & Cross de forma mais nebulosa, até que um momento como este a carregava de volta para sua tumultuada temporada lá.

— Elizabeth Taylor diz que só algumas mulheres podem vestir vermelho — continuou Ariane. — É tudo uma questão de busto e tom de pele. Felizmente, você tem os dois perfeitos. — Ela tirou o vestido vermelho do cabide e o atirou na pilha.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Luce.

Ariane colocou as pequenas mãos nos quadris.

— Ajudando você a arrumar as malas, sua boba. Você vai para casa.

— Q-que casa? O que você quer dizer? — gaguejou Luce.

Ariane riu, dando um passo à frente para pegar uma das mãos de Luce e puxá-la para fora da cama.

— Na Geórgia, meu pessegueiro. — Ela deu um tapinha na bochecha de Luce. — Com os bons e velhos Harry e Doreen. E, aparentemente, alguns dos seus amigos também estarão lá.

Callie. Ela ia realmente ver Callie? E seus pais? Luce ficou tonta, subitamente sem palavras.

— Você não quer passar o dia de Ação de Graças com o papai e a mamãe?

Luce estava esperando o porém.

— E quanto a...

— Não se preocupe. — Ariane tocou o nariz de Luce. — A ideia foi do Sr. Cole. Temos que continuar fingindo que você ainda está a apenas uma curta viagem de carro de distância dos seus pais. Esta parecia ser a maneira mais simples e divertida de fazer isso.

— Mas, quando ele me mandou uma mensagem ontem, tudo o que disse foi...

— Ele não queria encher você de esperanças até ter cuidado de cada detalhe, incluindo... — Ariane fez uma reverência — o acompanhante perfeito. Um dos acompanhantes, quero dizer. Roland deve estar aqui a qualquer momento.

Houve uma batida na porta.

— Ele é tão pontual. — Ariane apontou para o vestido vermelho, ainda nas mãos de Luce. — Vista essa belezura.

Luce rapidamente deslizou para dentro do vestido, então correu para o banheiro para escovar os dentes e ajeitar o cabelo. Ariane acabara de apresentar a ela uma daquelas raras situações nas quais você não deve se incomodar com perguntas. Simplesmente obedece.

Ela saiu do banheiro, esperando ver Roland e Ariane fazendo algo típico dos dois, com um deles de pé em cima da sua mala, enquanto o outro tentava fechá-la.

Mas não fora Roland quem batera.

E sim Steven e Francesca.

Merda.

As palavras "eu posso explicar" estavam na ponta da língua de Luce, só que ela não fazia ideia de como se safar daquela situação. Olhou para Ariane em busca de ajuda, mas ela ainda estava jogando os tênis de Luce dentro da mala. Será que não sabia que estavam prestes a se meter na maior confusão?

Quando Francesca entrou, Luce se preparou. Mas então as mangas largas da blusa carmesim de Francesca a envolveram num inesperado abraço.

— Viemos para desejar uma boa viagem.

— Tudo bem que sentiremos sua falta amanhã, no que, com um pouco de ironia, chamamos de "jantar dos rejeitados" — disse Steven, tomando a mão de Francesca e puxando-a até que estivesse longe de Luce. — Mas é sempre melhor para o aluno estar com a família.

— Eu não entendo — disse Luce. — Vocês sabiam disso? Pensei que estava de castigo pra sempre.

— Nós conversamos com o Sr. Cole de manhã — começou Francesca.

— E você não estava de castigo como punição, Luce — explicou Steven. — Era a única maneira de garantir que você estava a salvo sob nosso teto. Mas estará em boas mãos com Ariane.

Não sendo de abusar da hospitalidade alheia, Francesca já se dirigia para a porta.

— Ouvimos dizer que seus pais estão ansiosos para vê-la. Algo sobre sua mãe estar enchendo um freezer com tortas. — Ela piscou

para Luce e, junto com Steven, acenou. Depois foram embora.

O coração de Luce pulou com a ideia de voltar para casa, para junto de sua família.

Mas não iria antes de falar com Miles e Shelby. Eles ficariam muito chateados se ela fosse para casa e abandonasse-os aqui. Ela nem sabia onde estava Shelby. Não podia ir embora sem...

Roland enfiou a cabeça pela porta aberta. Ele parecia bem sério em seu blazer de risca de giz e uma camisa de colarinho branco bem-passada. Seus dreads pretos e dourados estavam mais curtos, mais espetados, deixando seus olhos escuros e profundos ainda mais impressionantes.

— A barra está limpa? — perguntou ele, abrindo para Luce o familiar sorriso diabólico. — Temos um penetra. — Ele balançou a cabeça indicando alguém atrás dele, que apareceu logo em seguida, de mochila na mão.

Miles.

Ele abriu para Luce um sorriso maravilhosamente sem vergonha e se sentou na beirada da cama. Uma imagem de si, apresentando Miles a seus pais, passou pela cabeça de Luce. Ele tirava o boné de beisebol, apertava as mãos de ambos, elogiava os bordados pela metade de sua mãe...

— Roland, que parte de "missão ultrassecreta" você não entendeu? — perguntou Ariane.

— É culpa minha — admitiu Miles. — Eu vi Roland vindo para cá... e forcei-o a confessar. Foi por isso que ele se atrasou.

— Assim que esse cara ouviu as palavras *Luce* e *Geórgia* — Roland apontou o polegar para Miles —, levou cerca de um nanossegundo para arrumar a mala.

— Nós meio que tínhamos um trato de Ação de Graças — disse Miles, olhando apenas para Luce. — Eu não podia deixar que ela o quebrasse.

— Não. — Luce devolveu o sorriso. — É verdade.

— Mmm-hmm. — Ariane ergueu uma sobrancelha. — Eu só me pergunto o que Francesca diria sobre isso. Acho que alguém deve

pedir permissão a seus pais primeiro, Miles...

— Ah, vamos lá, Ariane. — Roland acenou com desdém. — Desde quando você pede permissão para autoridades? Eu cuido do garoto. Ele não vai se meter em nenhuma encrenca.

— Se meter em encrenca onde? — Shelby chegou, com o tapete de ioga pendurado em um dos ombros. — Aonde estamos indo?

— Para a casa de Luce, na Geórgia, passar o feriado de Ação de Graças — disse Miles.

No corredor atrás de Shelby, alguém com cabelo loiro-branco espiava. O ex-namorado de Shelby. Sua pele era pálida como a de um fantasma e Shelby estava certa: havia algo estranho em seus olhos. Em como eram claros.

— Pela última vez, eu disse *tchau*, Phil. — Shelby rapidamente fechou a porta na cara dele.

— Quem era? — perguntou Roland.

— O canalha do meu ex-namorado.

— Parece um cara interessante — disse Roland, olhando para a porta, distraído.

— Interessante? — Shelby bufou. — Uma ordem judicial seria interessante. — Ela deu uma olhada na mala de Luce, em seguida, na mochila de Miles, e depois começou a jogar a esmo seus pertences em um baú preto.

Ariane ergueu as mãos.

— Você não pode fazer nada sem uma comitiva? — perguntou a Luce. Depois, voltando-se para Roland, continuou: — Suponho que você queira assumir a responsabilidade por essa daí também?

— Esse é o espírito do feriado! — Roland riu. — Nós estamos indo para o Ação de Graças dos Price — disse ele para Shelby, cujo rosto se iluminou. — Quanto mais gente, melhor.

Luce não podia acreditar como tudo estava se resolvendo bem. Ação de Graças com sua família *e* Callie *e* Ariane *e* Roland *e* Shelby *e* Miles. Ela não poderia ter criado roteiro melhor.

Só uma coisa a incomodava. E muito.

— E Daniel?

O que ela queria saber era: *ele já sabe sobre essa viagem?* E, *qual é a verdade sobre ele e Cam?* E, *ele ainda está zangado comigo por causa daquele beijo?* E, *é errado que Miles esteja vindo junto?* E também, *quais as chances de Daniel aparecer amanhã, na casa dos meus pais, embora diga que não pode me ver?*

Ariane limpou a garganta.

— Sim, e Daniel? — Ela repetiu em voz baixa. — Só o tempo dirá.

— Então nós temos passagens de avião ou algo assim? — perguntou Shelby. — Porque, se formos de avião, preciso arrumar meu kit serenidade: óleos essenciais e almofada aquecida. Vocês não vão querer me ver a 35 mil pés sem eles.

Roland estalou os dedos.

Perto de seus pés, a sombra da porta aberta se descolou das tábuas do chão, erguendo-se como o alçapão de um porão. Uma rajada de vento frio subiu, seguida de uma explosão sombria de escuridão, que cheirava a feno molhado ao mesmo tempo que encolhia até virar uma esfera pequena e compacta. Mas então, a um aceno de Roland, ela se transformou em um portal preto e alto. Parecia o tipo de porta que levaria a uma cozinha de restaurante, de vaivém, com uma janela redonda no topo. Só que esta era feita de névoa de Anunciador, e tudo o que estava visível através da janela era uma escuridão ainda maior, que rodopiava.

— Isso parece exatamente com o que li no livro — disse Miles, claramente impressionado. — Tudo que consegui foi uma espécie estranha de janela trapezoidal. — Ele sorriu para Luce. — Mas ainda assim funcionou.

— Fique comigo, garoto — disse Roland —, e você vai ver o que é viajar em grande estilo.

Ariane revirou os olhos.

— Ele é tão exibido.

Luce inclinou a cabeça para Ariane.

— Mas pensei que você tinha dito...

— Eu sei. — Ariane ergueu as mãos. — Eu sei que repeti aquela lenga-lenga toda sobre como perigoso é viajar num Anunciador. E não

quero ser um daqueles anjos chatos "faça o que eu digo mas não o que eu faço". Só que todos nós concordamos; Francesca e Steven, Sr. Cole, todo mundo...

Todo mundo? Luce não podia agrupá-los sem notar a peça que faltava. Onde estava Daniel em tudo isso?

— Além disso — Ariane sorriu, orgulhosa —, estamos na presença de um mestre. Ro é um dos melhores atravessadores de Anunciador. — E então, sussurrou de lado para Roland: — Não deixe isso subir à sua cabeça.

Roland abriu a porta do Anunciador. Ela gemeu e rangeu nas dobradiças fantasmas, abrindo-se como se estivesse bocejando, para um poço úmido e vazio.

— Hmm... Por que mesmo viagens por Anunciador são tão perigosas? — perguntou Miles.

Ariane apontou ao redor da sala, para a sombra sob a lâmpada da mesa, atrás da esteira de ioga de Shelby. Todas as sombras estavam tremendo.

— Um leigo pode não saber em qual Anunciador viajar. E acredite, há sempre penetras à espreita, esperando que alguém acidentalmente os abra.

Luce lembrou-se da sombra marrom doentia na qual havia tropeçado. O espreitador penetra em que vislumbrara o pesadelo com Cam e Daniel na praia.

— Se você pegar o Anunciador errado, é muito fácil se perder — explicou Roland. — Não ter nenhuma ideia de aonde, ou para quando, está indo. Mas, contanto que fique conosco, não precisa se preocupar com nada.

Nervosa, Luce apontou para o centro do Anunciador. Ela achava que as outras sombras pelas quais tinham viajado não pareciam tão sombrias e escuras. Ou talvez ela só não soubesse das consequências até agora.

— Nós não vamos simplesmente aparecer no meio da cozinha dos meus pais, vamos? Porque acho que minha mãe poderia desmaiar de choque...

— Por favor. — Ariane estalou a língua, guiando Luce, em seguida, Miles, e depois Shelby para ficarem diante do Anunciador. — Tenha um pouco de fé.

⁂

Foi como atravessar uma névoa escura, molhada e desagradável. Ela escorregava e se enrolava sobre a pele de Luce, ficava presa em seus pulmões quando ela respirava. O eco de um ruído inocente incessante enchia o túnel como uma cachoeira. Nas duas outras vezes em que Luce viajara por um Anunciador, se sentira instável e apressada, capotando pela escuridão até chegar a algum lugar com luz. Dessa vez foi diferente. Ela perdeu a noção de onde e quando e até mesmo de quem era e para onde estava indo.

Em seguida, alguém a puxou para fora com força.

Quando Roland largou Luce, o som da cachoeira ecoando virou um gotejar e o cheiro de cloro encheu seu nariz. Um trampolim. Um trampolim familiar, sob o teto arqueado alto, revestido por vitrais quebrados. O sol já estava acima das janelas altas, mas sua luz ainda jogava fracos prismas coloridos sobre a superfície de uma piscina olímpica. Ao longo das paredes, velas tremeluziam em recessos de pedra, projetando uma luz fraca e inútil. Ela reconheceria aquela igreja-ginásio em qualquer lugar.

— Ai, meu Deus — sussurrou Luce. — Estamos de volta à Sword & Cross.

Ariane avaliou o espaço rapidamente e sem emoção.

— Tudo que seus pais sabem, até nos buscarem amanhã de manhã, é que você esteve aqui o tempo todo. Entendeu?

Ariane agia como se passar a noite na Sword & Cross não fosse muito diferente de se hospedar num hotel qualquer. Voltar à esta parte de sua vida, entretanto, foi como uma bofetada para Luce. Ela não tinha gostado dali. Sword & Cross era um lugar terrível, mas fora o lugar onde coisas haviam *acontecido* com ela. Ela se apaixonara ali,

vira uma amiga morrer ali. Mais do que qualquer outra coisa, esse era o lugar onde ela mudara.

Ela fechou os olhos e riu com amargura. Não sabia de *nada* na época, comparado ao que sabia agora. E, ainda assim, se sentia mais segura de si mesma e de suas emoções naquela época do que jamais imaginara que fosse se sentir no futuro.

— Que diabos de lugar é esse? — perguntou Shelby.

— Minha última escola — respondeu Luce, olhando para Miles. Ele parecia desconfortável, aproximando-se de Shelby na parede. Isso fez Luce se lembrar de que eram bons meninos e, como ela nunca tinha falado muito sobre os dias dela ali, os boatos Nefilim poderiam facilmente ter preenchido suas mentes com detalhes vívidos o suficiente para fazer com que imaginassem uma noite assustadora na Sword & Cross.

— Ahã — disse Ariane, olhando para Shelby e Miles.

— E, quando os pais de Luce perguntarem, vocês estudam aqui também.

— Como assim, isso é uma escola? — perguntou Shelby.

— Vocês nadam e rezam ao mesmo tempo? Isso é um nível bizarro de eficiência que nunca se vê na Costa Oeste. Acho que acabei de ficar com saudades de casa.

— Se você acha que isso é ruim — disse Luce —, deveria ver o resto do campus.

Shelby franziu o cenho e Luce não podia culpá-la. Comparado à Shoreline, o lugar era uma espécie de purgatório horrível. Pelo menos, ao contrário do restante dos alunos dali, eles iriam embora na manhã seguinte.

— Vocês parecem esgotados — disse Ariane. — O que é bom, porque prometi ao Sr. Cole que iríamos ficar quietinhos.

Roland estava encostado no trampolim, esfregando as têmporas, os cacos do Anunciador tremendo a seus pés. Então se levantou e começou a explicar tudo:

— Miles, você vai ficar comigo, no meu antigo quarto. E Luce, seu quarto ainda está vazio. Vamos levar um colchão para Shelby. Vamos

só largar as malas e depois voltar para meu quarto. Vou usar meus contatos no mercado clandestino para pedir uma pizza.

A ideia de uma pizza foi suficiente para tirar Miles e Shelby do estado catatônico, mas Luce estava demorando mais tempo para se ajustar. Não era tão estranho que o quarto dela ainda estivesse vazio. Contando nos dedos, percebeu que tinha ido embora desse lugar há menos de três semanas. Parecia muito mais tempo, como se cada dia tivesse durado um mês e era impossível imaginar a Sword & Cross sem qualquer uma das pessoas, anjos ou demônios que fizeram parte de sua vida ali.

— Não se preocupe. — Ariane estava ao lado de Luce. — Este lugar é como uma porta giratória de rejeição. Pessoas vêm e vão o tempo todo, por causa de algum problema de liberdade condicional, pais instáveis, sei lá. Hoje é a noite de folga de Randy. Ninguém se importa. Se alguém olhar duas vezes para você, apenas olhe três de volta. Ou mande-os para mim. — Ela socou a própria mão. — Você está pronta para sair daqui? — Apontou para os outros já seguindo Roland porta afora.

— Já alcanço vocês — disse Luce. — Há algo que preciso fazer antes.

No extremo leste do cemitério, próximo à lápide de seu pai, o túmulo de Penn era simples, mas bonito.

Na última vez em que Luce estivera nesse cemitério, ele estava coberto por uma grossa camada de poeira. O resultado de cada batalha dos anjos, segundo Daniel. Luce não sabia se o vento já tinha levado a poeira embora a essa altura ou se pó de anjo simplesmente desaparecia com o passar do tempo, mas o cemitério parecia estar de volta ao seu antigo e abandonado estado. Continuava cercado pela floresta com carvalhos entrelaçados que nunca paravam de crescer. Ainda era estéril e destruído, coberto pelo céu sem cor. Só que estava

faltando alguma coisa, alguma coisa importante, que Luce não conseguia identificar, mas que a fazia se sentir mais solitária.

Uma camada esparsa de grama verde havia crescido ao redor do túmulo de Penn, e por isso ele não parecia mais tão novo em comparação com os túmulos seculares que o rodeavam. Um buquê de lírios frescos estava na frente da simples lápide cinzenta, que Luce abaixou-se para ler:

PENNYWEATHER VAN SYCKLE-LOCKWOOD
UMA AMIGA QUERIDA
1991 – 2009

Luce inspirou, tomando fôlego, e seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Ela deixara a Sword & Cross antes de poder enterrar Penn, mas Daniel tinha resolvido tudo. Era a primeira vez em vários dias que seu coração doía por não o ter por perto. Porque ele soubera, melhor do que ela jamais poderia saber, exatamente como deveria ser a lápide de Penn. Luce ajoelhou-se sobre a grama, as lágrimas escorrendo livremente, as mãos acariciando a grama inutilmente.

— Estou aqui, Penn — sussurrou ela. — Me desculpe por ter precisado deixar você. Lamento por você ter se aproximado de mim, em primeiro lugar. Você merecia mais do que isso. Merecia uma amiga melhor do que eu.

Ela desejava que a amiga ainda estivesse ali. Desejava poder falar com ela. Luce sabia que a morte de Penn fora sua culpa e isso quase lhe partia o coração.

— Não sei mais o que estou fazendo, e estou com medo.

Ela queria dizer que sentia falta de Penn o tempo todo, mas do que realmente sentia falta era da possibilidade de Penn ter sido uma amiga a quem poderia ter conhecido melhor, se a morte não a tivesse levado cedo demais. Nada disso estava certo.

— Olá, Luce.

Luce teve que enxugar as lágrimas antes que pudesse ver o Sr. Cole de pé do outro lado da sepultura de Penn. Já estava tão acostumada a

seus elegantes e impecáveis professores na Shoreline que o Sr. Cole parecia quase amarrotado, em seu terno marrom, com o bigode e cabelo castanho repartido com rigor logo acima de sua orelha esquerda.

Luce se pôs de pé, secando o nariz com o dorso da mão.

— Olá, Sr. Cole.

Ele sorriu gentilmente.

— Você está indo bem lá, ouvi dizer. Todos dizem que está indo muito bem.

— Ah... n-não... — gaguejou ela. — Não sei bem quanto a isso.

— Bem, eu sei. Sei também que seus pais estão muito felizes por poderem vê-la. É bom quando essas coisas dão certo.

— Muito obrigada — disse ela, esperando que o Sr. Cole entendesse o quanto estava grata.

— Não vou tomar muito seu tempo, mas tenho uma pergunta.

Luce esperou que ele fosse lhe perguntar algo profundo, sombrio e importante. Sobre Daniel e Cam, o bem e o mal, o certo e o errado, confiança e traição.... Mas tudo o que ele perguntou foi:

— O que você fez com seu cabelo?

⁂

Luce estava com a cabeça dentro da pia do banheiro das meninas no corredor do refeitório da Sword & Cross. Shelby levou as últimas duas fatias de pizza de muçarela empilhadas num prato de papel para Luce. Ariane estendeu-lhe um frasco barato de tintura de cabelo preto, a melhor que Roland tinha conseguido arranjar tão em cima da hora, mas não muito distante da cor natural do cabelo de Luce.

Nem Ariane nem Shelby questionaram Luce sobre a sua súbita necessidade de mudança, e ela havia ficado grata por isso. Agora, percebeu que as duas só estavam esperando que ela estivesse em uma posição vulnerável, com os cabelos pintados pela metade, para começarem o interrogatório.

— Acho que Daniel vai gostar — comentou Ariane em seu tom mais tímido, para começar. — Não que você esteja fazendo isso por Daniel. Está?

— Ariane — advertiu Luce. Ela não ia falar sobre isso. Não, agora não.

Mas Shelby parecia estar a fim de discutir o assunto.

— Você sabe o que eu sempre gostei em Miles? Ele gosta de você pelo que você é não pelo que faz com seu cabelo.

— Se vocês duas querem ser tão óbvias, por que não colocam logo camisas indicando Time Daniel e Time Miles?

— A gente podia encomendar algumas — disse Shelby.

— A minha está lavando — devolveu Ariane.

Luce as ignorou, concentrando-se na água morna e na mistura estranha que fluía escorrendo em sua cabeça, em seu couro cabeludo e pelo ralo: os dedos curtos de Shelby haviam ajudado com a primeira tintura de Luce, quando Luce pensara que aquela era a única maneira de ter um novo começo. O primeiro ato de amizade de Ariane em relação a ela foi quando mandou que cortasse seu cabelo preto para deixá-lo parecido com o de Luce. Agora, suas mãos trabalhavam no couro cabeludo de Luce no mesmo banheiro onde Penn lavara os restos de comida que Molly havia despejado em sua cabeça no primeiro dia na Sword & Cross.

Era ao mesmo tempo amargo e doce — e belo —, Luce não conseguia descobrir se aquilo tudo significava alguma coisa. Apenas que ela não queria mais se esconder — nem de si mesma, de seus pais ou de Daniel e nem mesmo daqueles que queriam machucá-la.

Ela estava em busca de uma transformação barata quando chegara à Califórnia. Agora percebia que a única maneira de fazer uma mudança que valesse a pena era com uma mudança de verdade, merecendo-a. Pintar seu cabelo de preto também não era a resposta — ela sabia que ainda não chegara lá —, mas pelo menos era um passo na direção certa.

Ariane e Shelby pararam de discutir sobre quem era a alma gêmea de Luce. Observaram-na em silêncio e assentiram. Luce sentiu antes

mesmo de ver seu reflexo no espelho: o peso da melancolia, um peso que ela nem sequer sabia que estava carregando, havia sumido de seu corpo.

Ela estava de volta às suas raízes. Estava pronta para ir para casa.

DEZOITO

AÇÃO DE GRAÇAS

Quando Luce entrou pela porta da frente da casa de seus pais, em Thunderbolt, tudo estava exatamente igual: o cabideiro na entrada ainda parecia estar prestes a desabar sob o peso de tantos casacos. O cheiro de lençóis recém-lavados ainda fazia a casa parecer mais limpa do que era. O sofá com estampa floral na sala desbotara por causa do sol da manhã que entrava pelas persianas. Uma pilha de revistas de decoração manchadas cobria a mesa de centro, com as páginas favoritas marcadas com recibos do mercado, para o futuro distante em que o sonho de seus pais se tornaria realidade e, com a hipoteca paga, eles finalmente tivessem algum dinheiro sobrando para redecorar a casa. Andrew, o poodle histérico de sua mãe, se aproximou para cheirar os convidados e dar uma familiar mordida no calcanhar de Luce.

Seu pai largou a mochila no saguão, colocando um braço em torno do ombro dela. Luce observou o reflexo no espelho estreito da porta de entrada: pai e filha.

Os óculos sem aro escorregaram pelo nariz enquanto ele beijava o topo da cabeça dela.

— Bem-vinda de volta, Lucie — disse ele. — Sentimos sua falta por aqui.

Luce fechou os olhos.

— Senti a falta de vocês também. — Era a primeira vez em semanas que ela não estava mentindo para os pais.

A casa estava aquecida e cheia de aromas inebriantes típicos de Ação de Graças. Ela inspirou e pôde instantaneamente imaginar cada prato que estava esquentando no forno embrulhado em papel-alumínio. Peru com recheio de cogumelos, uma especialidade de seu pai. Molho de maçã e cranberry, pães fofinhos e tortas de abóbora com nozes, especialidade de sua mãe, suficientes para alimentar o estado inteiro. Ela devia estar cozinhando desde o início da semana.

A mãe de Luce segurou suas mãos. Os olhos cor de avelã estavam um pouco úmidos.

— Como você está, Luce? — perguntou ela. — Está tudo bem?

Era um alívio tão grande estar em casa. Luce podia sentir os olhos lacrimejando. Ela assentiu, se aconchegando em sua mãe para um abraço.

O cabelo escuro na altura do queixo da mãe estava bem-cortado e impecável, como se ela tivesse ido ao salão de beleza no dia anterior. O que, conhecendo-a bem, provavelmente tinha feito. Ela parecia mais jovem e mais bonita do que nas lembranças de Luce. Comparada aos pais idosos que ela tentara visitar em Mount Shasta — e até mesmo em comparação a Vera —, a mãe de Luce parecia feliz e viva, não contaminada pela tristeza.

Isso porque ela nunca tinha sentido o mesmo que os outros, a perda de uma filha. A perda de Luce. Seus pais haviam construído toda a sua vida ao redor dela. Se Luce morresse, eles ficariam destruídos.

Ela não podia morrer como tinha acontecido no passado. Não podia destruir a vida dos pais desta vez, agora que sabia mais sobre o que acontecera antes. Ela faria qualquer coisa para mantê-los felizes.

Sua mãe reuniu os casacos e chapéus dos outros quatro adolescentes que estavam no hall de entrada.

— Espero que seus amigos sejam bons de garfo.

Shelby apontou para Miles com o polegar.

— Cuidado com o que você deseja.

Luce sabia que os pais não se importariam com uma caravana de convidados de última hora na mesa de Ação de Graças.

Quando o Chrysler New Yorker de seu pai entrou pelos portões de ferro forjado da Sword & Cross pouco antes do meio-dia, Luce já estava esperando. Não tinha conseguido dormir a noite toda. Estar de volta à Sword & Cross causava-lhe estranheza e para o feriado de Ação de Graças ela estava nervosa por levar tantos estanhos em casa, sua mente não relaxava.

Felizmente, a manhã passou sem incidentes; depois de dar no pai o abraço mais longo e apertado que já tinha dado em alguém, Luce mencionou que tinha alguns poucos amigos sem lugar para ir durante o feriado.

Cinco minutos depois, estavam todos dentro do carro.

Agora, andavam pela casa onde Luce passara a infância, pegando fotos dela em diferentes e desajeitadas idades, contemplando as mesmas janelas pelas quais ela olhara enquanto tomava café da manhã por mais de uma década. Era meio surreal. Enquanto Ariane seguia para a cozinha para ajudar a mãe de Luce com o chantilly, Miles enchia seu pai de perguntas sobre o enorme telescópio velho no escritório. Luce sentiu-se orgulhosa pelos pais, que faziam com que todos se sentissem bem-vindos.

O som de uma buzina lá fora a fez saltar.

Ela se empoleirou no sofá macio e ergueu uma das ripas da persiana. Lá fora, um táxi estava parado na frente da casa, o exaustor poluindo o ar frio de outono. As janelas eram escuras, mas só uma pessoa poderia estar lá dentro.

Callie.

Uma das botas de couro vermelho na altura do joelho de Callie apareceu pela porta de trás, pisando na calçada de concreto em seguida. Um segundo depois, o rosto em forma de coração da melhor amiga de Luce era visível. A pele de porcelana estava corada, os

cabelos ruivos mais curtos, em um elegante corte rente ao queixo. Seus olhos azuis brilhavam. Por alguma razão, ela não parava de olhar para trás, dentro do táxi.

— O que você está olhando? — perguntou Shelby, levantando outra tira, para que pudesse ver. Roland surgiu do outro lado e também olhou para fora.

Foi o tempo de ver Daniel deslizar para fora do táxi...

Seguido por Cam, saindo do assento da frente.

Luce prendeu a respiração ao vê-los.

Os dois rapazes usavam longos sobretudos escuros, como os que usavam na praia, na cena que Luce vislumbrara. Seus cabelos brilhavam ao sol e, por um momento, apenas por um momento, Luce lembrou por que os dois lhe despertaram tanta curiosidade na Sword & Cross. Eles eram *lindos*. Não havia como negar. De maneira surreal e estranhamente espetacular.

Mas o que diabos estavam fazendo ali?

— Bem na hora — murmurou Roland.

Do outro lado de Luce, Shelby perguntou:

— Quem convidou esses caras?

— Exatamente o que pensei — respondeu Luce, mas não pôde evitar um suspiro com a visão de Daniel. Mesmo que as coisas entre eles estivessem tão complicadas.

— Luce. — Roland estava rindo da expressão dela observando Daniel. — Você não acha que devia atender a porta?

A campainha tocou.

— É a Callie? — falou a mãe de Luce da cozinha, sobre o zumbido da batedeira.

— Eu atendo! — gritou Luce de volta, sentindo um frio se espalhar pelo peito. É óbvio que queria ver Callie. Porém, maior do que a alegria em ver a melhor amiga, percebeu, era a vontade de ver Daniel. De tocá-lo, abraçá-lo e sentir seu cheiro. De apresentá-lo aos pais.

Eles seriam capazes de perceber, não seriam? Veriam que Luce tinha encontrado a pessoa que mudara sua vida para sempre.

Ela abriu a porta.

— Feliz Ação de Graças! — Soou uma voz alta com sotaque do sul. Luce teve que pensar um pouco antes de seu cérebro entender o que via.

Gabbe, o mais belo e perfeitamente educado anjo da Sword & Cross, estava na varanda de Luce, em um vestido rosa de angorá. O cabelo loiro era um lindo frenesi de tranças, presas num redemoinho no alto da cabeça. A pele tinha um brilho suave e agradável, não muito diferente do de Francesca. Ela segurava um buquê de gladíolos brancos em uma das mãos e um pote de plástico branco de sorvete na outra.

Ao lado dela, com o cabelo descolorido a raiz castanha, estava o demônio Molly Zane. Seu jeans preto rasgado combinava com o casaco preto desgastado, como se ainda estivesse seguindo o código de vestimentas da Sword & Cross. Havia mais piercings no rosto desde a última vez em que Luce a vira, e Molly carregava um caldeirão de ferro preto pequeno equilibrado na dobra do braço. Olhava para Luce fixamente.

Luce podia ver os outros subindo a longa entrada curva. Daniel estava carregando a mala de Callie no ombro, mas era Cam que se inclinava em sua direção, sorrindo, a mão no antebraço direito de Callie enquanto conversavam. Ela parecia não saber se ficava meio nervosa ou muito encantada.

— Nós estávamos pela vizinhança. — Gabbe sorriu, estendendo as flores para Luce. — Fiz o meu sorvete caseiro de baunilha e Molly trouxe um aperitivo.

— Camarão Diablo. — Molly levantou a tampa de sua caçarola e Luce inalou o vapor do caldo picante de alho. — Receita da família. — Molly fechou a tampa e em seguida passou por Luce para o hall de entrada, tropeçando em Shelby no caminho.

— Com *licença* — disseram as duas com rispidez e ao mesmo tempo, olhando uma para a outra, desconfiadas.

— Ah, que bom. — Gabbe se inclinou para dar um abraço em Luce. — Molly já fez uma amiga.

Roland levou Gabbe até a cozinha, e Luce teve sua primeira visão clara de Callie. Quando se olharam nos olhos, não conseguiram evitar: ambas sorriram espontaneamente e correram uma na direção da outra.

O impacto do corpo de Callie tirou o fôlego de Luce, mas não importava. As duas se envolveram em um grande abraço, o rosto de uma enterrado no cabelo da outra; riam de jeito que só é possível depois de ficar muito tempo longe de um bom e grande amigo.

Relutante, Luce se afastou e voltou-se para os dois rapazes de pé a poucos metros dela. Cam era o mesmo de sempre: calmo e à vontade, moderno e bonito.

Daniel, porém, parecia desconfortável e tinha um bom motivo para isso. Eles não se falavam desde que ele vira Luce e Miles se beijando, e agora estavam todas ali, com a melhor amiga dela e o inimigo de Daniel que virou... seja lá o que Cam fosse para Daniel agora.

Mas...

Daniel estava *em sua casa*. A poucos metros de seus pais. Será que perderiam a cabeça se soubessem quem ele realmente era? Como apresentar o rapaz responsável por sua morte milhares de vezes, por quem ela era magneticamente atraída quase todo o tempo, que era impossível, ilusório, secreto e às vezes até mesmo mau, cujo amor ela não entendia. E que estava *trabalhando com o diabo*, pelo amor de Deus, e que, se ele pensou que aparecer ali sem ser convidado, com aquele demônio a tiracolo seria uma boa ideia, talvez não a conhecesse muito bem afinal.

— O que você está fazendo aqui? — A voz dela estava completamente seca, porque não podia falar com Daniel sem falar com Cam, e não podia falar com Cam sem ter vontade de atirar algo pesado nele.

Cam falou primeiro:

— Feliz Ação de Graças para você também. Ouvimos dizer que a sua casa era o lugar para se estar hoje.

— Encontramos sua amiga no aeroporto — acrescentou Daniel, no tom de voz sem emoção que usava quando os dois estavam em

público. Era mais formal, o que fazia com que Luce ansiasse estar a sós com ele para que pudessem ser verdadeiros. E para que ela pudesse agarrá-lo pela gola daquele casaco idiota, sacudindo-o até que explicasse tudo. Isso já tinha ido longe demais.

— Começamos a conversar, dividimos um táxi — completou Cam, piscando para Callie.

Callie sorriu para Luce.

— Eu estava imaginando que participaria de um evento íntimo com a família Price. Mas isso é muito melhor. Agora posso conhecer todo mundo?

Luce podia sentir a amiga buscando em seu rosto pistas sobre quem eram aqueles dois caras. O feriado de Ação de Graças estava prestes a ficar muito estranho, tudo acontecendo rápido demais. Não era para as coisas serem assim.

— Hora do peru! — chamou sua mãe da porta. Seu sorriso transformou-se em uma careta confusa quando viu a multidão lá fora. — Luce? O que está acontecendo? — O velho avental listrado de verde e branco estava amarrado em volta da cintura.

— Mãe — disse Luce, gesticulando com a mão —, esta é Callie, Cam e... — Ela queria segurar a mão de Daniel, fazer alguma coisa, qualquer coisa, para mostrar à mãe que ele era especial, que era o escolhido dela. E também para que ele soubesse que ela ainda o amava, que tudo entre eles ficaria bem. Mas não pôde. Ficou apenas parada lá. — ... Daniel.

— Tudo bem. — Sua mãe olhou de soslaio para cada um dos recém-chegados. — Hmm, sejam bem-vindos. Luce, querida, posso dar uma palavrinha com você?

Luce foi até sua mãe na porta da frente, levantando um dedo para dizer a Callie que já voltava. Seguiu a mãe através do hall de entrada, pelo corredor escuro que tinha fotos emolduradas da infância de Luce penduradas, até o quarto dos pais, acolhedor com a luz dos abajures. Sua mãe sentou-se sobre a colcha branca e cruzou os braços.

— Gostaria de me dizer alguma coisa?

— Eu sinto muito, mãe — disse Luce, afundando-se na cama.

— Não vamos negar uma refeição de Ação de Graças a ninguém, mas você não acha que é preciso ter algum limite? Um convidado inesperado já não era suficiente?

— Sim, tem razão, você está certa — disse Luce. — Não convidei todas essas pessoas. Estou tão surpresa quanto você que todas elas tenham aparecido.

— É só que temos tão pouco tempo com você. Gostamos de conhecer seus amigos — disse a mãe de Luce, acariciando seu cabelo —, mas prezamos mais o tempo que passamos com você.

— Eu sei que este é pedir demais, mas, mãe... — Luce virou o rosto, encostando na palma da mão aberta de sua mãe. — Ele é especial. Daniel. Eu não sabia que ele viria, mas agora que está aqui... e preciso desse tempo com ele tanto quanto preciso de tempo com você e papai. Isso faz algum sentido?

— Daniel? — A mãe repetiu. — Aquele menino loiro bonito? Vocês dois estão...

— Estamos apaixonados. — Por alguma razão, Luce estava tremendo. Mesmo que tivesse dúvidas sobre seu relacionamento, dizer em voz alta, para a mãe que amava Daniel, fez com que parecesse verdade, a fez lembrar que ela, apesar de tudo, o amava de verdade.

— Entendo. — Quando a mãe assentiu, seus cabelos castanhos cheios de laquê permaneceram no lugar. Ela sorriu. — Bem, de qualquer forma não podemos chutar todos para fora menos ele, podemos?

— Obrigada, mãe.

— Agradeça a seu pai, também. E, querida? Da próxima vez, nos avise com um pouco mais de antecedência, por favor. Se eu soubesse que você estava trazendo "o garoto", teria tirado seu álbum de fotos de bebê do sótão. — Ela piscou, dando um beijo na bochecha de Luce.

⁂

De volta à sala, Luce correu para Daniel primeiro.

— Estou feliz que você tenha conseguido ficar com sua família no fim das contas — disse ele.

— Espero que você não esteja brava com Daniel por me trazer — se intrometeu Cam, e Luce procurou pela arrogância em sua voz, mas não encontrou nenhuma. — Tenho certeza de que vocês dois prefeririam que eu não estivesse aqui, mas — ele olhou para Daniel — trato é trato.

— Tenho certeza que sim — disse Luce, fria.

O rosto de Daniel não entregava nada, mas de repente se fechou. Miles estava vindo da sala de jantar.

— Hmm, ei, seu pai vai fazer um brinde. — Os olhos de Miles estavam fixos em Luce, de uma maneira que lhe deu a impressão que ele estava fazendo esforço para nem olhar para Daniel. — Sua mãe me pediu para perguntar onde você quer sentar.

— Ah, em qualquer lugar. Talvez ao lado de Callie? — Um leve pânico tomou conta de Luce enquanto pensava em todos os outros convidados e como precisava mantê-los o mais longe possível uns dos outros, e Molly longe de quase todo mundo. — Eu deveria ter feito um mapa dos lugares.

Roland e Ariane rapidamente tinham armado a mesa de carteados na ponta da mesa de jantar, e assim o banquete se estendeu até a sala de estar. Alguém tinha estendido uma toalha de mesa dourada e branca e os pais tiraram até as louças do enxoval de casamento do armário. Velas estavam acesas e os copos, cheios d'água. Logo Shelby e Miles estavam carregando tigelas fumegantes de vagem e purê de batatas, enquanto Luce tomava seu lugar entre Callie e Ariane.

O íntimo jantar de Ação de Graças agora servia doze: quatro pessoas, dois Nefilim, seis anjos caídos (três para cada lado, do Bem e do Mal), e um cão vestido de peru, com a sua tigela de restos sob a mesa.

Miles estava prestes a ocupar o lugar em frente a Luce, mas Daniel lançou-lhe um olhar ameaçador e ele recuou. Daniel estava prestes a sentar-se quando Shelby deslizou e sentou-se primeiro. Sorrindo vitorioso, Miles sentou-se à esquerda de Shelby, em frente a Callie,

enquanto Daniel, parecendo ligeiramente irritado, sentou-se à sua direita, em frente a Ariane.

Alguém estava chutando Luce por baixo da mesa, tentando chamar sua atenção, mas ela manteve os olhos no prato.

Quando todos estavam sentados, o pai de Luce levantou-se na cabeceira da mesa, de frente para a mãe. Ele bateu o garfo contra o copo de vinho tinto.

— Já fui famoso por fazer um ou dois discursos prolixos nesta época do ano. — Ele riu. — Mas nós nunca servimos tantas crianças com cara de fome antes, por isso vou direto ao ponto. Sou grato pela minha querida esposa, Doreen, minha filha querida, Luce e por todos vocês terem se juntado a nós. — Ele olhou para Luce, sugando as bochechas da forma que fazia quando estava especialmente orgulhoso. — É maravilhoso vê-la prosperando, tornando-se uma bela jovem com tantos grandes amigos. Esperamos que todos venham novamente. Um brinde a todos. Aos amigos.

Luce forçou um sorriso, evitando os olhares esquivos que todos os seus "amigos" estavam compartilhando.

— Isso mesmo! — Daniel quebrou o silêncio incrivelmente desconfortável, erguendo a taça. — Para que serve a vida sem amigos confiáveis?

Miles mal olhou para ele, mergulhando uma colher no purê de batatas.

— Vindo do próprio Senhor Confiável.

Os Price estavam muito ocupados passando pratos de um lado para o outro da mesa para perceber o olhar feio que Daniel dirigiu a Miles.

Molly estava servindo uma pilha crescente do Camarão Diablo em que ninguém havia tocado ainda no prato de Miles.

— É dizer "chega" quando tiver suficiente.

— Opa, Mo, guarda um pouco para mim. — Cam se esticou para pegar o caldeirão de camarão. — Diga, Miles. Roland me disse que você mostrou ter inacreditáveis habilidades para esgrima no outro dia.

Aposto que as meninas enlouqueceram. — Ele se inclinou para a frente. — Você estava lá, não estava, Luce?

Miles estava com o garfo suspenso no ar. Seus grandes olhos azuis pareciam confusos sobre as intenções de Cam e, como se estivesse esperando ouvir Luce dizer que sim, que as meninas, inclusive ela, tinham realmente enlouquecido.

— Roland também disse que Miles perdeu — disse Daniel tranquilamente, espetando um pedaço de peru.

Na outra ponta da mesa, Gabbe cortou a tensão com um ronronar alto e satisfeito.

— Ah, meu Deus, Sra. Price. Estas couves estão com um gostinho do céu. Não estão, Roland?

— Hmm — concordou Roland. — Elas realmente me lembram de uma época melhor.

A mãe de Luce começou a recitar a receita, enquanto o pai contou sobre as iguarias locais. Luce estava tentando aproveitar esse raro tempo com a família, e Callie inclinou-se para sussurrar que todos pareciam muito legais, especialmente Ariane e Miles, mas havia muita coisa acontecendo para prestar atenção em tudo. Luce sentia que teria que desarmar uma bomba a qualquer momento.

Poucos minutos depois, passando o recheio do peru em volta da mesa pela segunda vez, a mãe de Luce disse:

— Sabe, seu pai e eu nos conhecemos quando tínhamos mais ou menos a idade de vocês.

Luce tinha ouvido a história três mil e quinhentas vezes antes.

— Ele era o atacante na Athens High. — Sua mãe piscou para Miles. — Os atletas deixavam as meninas alvoroçadas naqueles dias, também.

— Sim, os troianos eram nossos inimigos do colégio. — O pai de Luce riu, e ela esperou por sua frase de sempre. — Eu só tive que mostrar a Doreen que não era tão durão fora do campo.

— Eu acho ótimo um casamento forte como o que vocês dois têm — disse Miles, pegando mais um dos famosos pães da mãe de Luce. —

Luce tem sorte de ter pais tão *honestos* e *abertos* com ela e um com o outro.

A mãe de Luce resplandeceu.

Mas antes que ela pudesse responder, Daniel se intrometeu:

— O amor é muito mais do que *isso*, Miles. Você não acha, Sr. Price, que um relacionamento *real* é mais do que só diversão? Que é preciso algum esforço?

— Certamente. — O pai de Luce limpou a boca com um guardanapo. — Por que mais eles chamariam o casamento de compromisso? Tudo bem, o amor tem seus altos e baixos. Assim é a vida.

— Isso mesmo, Sr. P. — disse Roland, com uma emoção exagerada para seus aparentes 17 anos de idade. — Deus sabe como já vi altos e baixos.

— Ah, o que é isso — opinou Callie, para surpresa de Luce. Pobre Callie, julgando todos aqui pela aparência. — Vocês fazem parecer tão sério.

— Callie tem razão — disse a mãe de Luce. — Vocês são jovens e cheios de esperança, realmente deviam estar apenas se divertindo.

Diversão. Então, esse era o objetivo agora? Seria possível para Luce se divertir? Ela olhou para Miles. Ele estava sorrindo.

— Eu estou me divertindo — murmurou ele.

Isso fez toda a diferença para Luce, que olhou em volta da mesa de novo e percebeu que, apesar de tudo, ela estava se divertindo também. Roland estava dando um show para Molly, beijando um camarão, e ela até riu talvez pela primeira vez na história. Cam tentou dar em cima de Callie, até mesmo se oferecendo para passar manteiga em seu pão, que ela recusou, com as sobrancelhas arqueadas e balançando a cabeça. Shelby comia como se estivesse treinando para uma competição. E alguém ainda estava chutando os pés de Luce abaixo da mesa. Ela encontrou os olhos violeta de Daniel timidamente e ele piscou, sentindo um frio na barriga.

Havia algo de notável sobre a reunião. Era a Ação de Graças mais animada que Luce tinha desde que sua avó morrera e os Price pararam

de ir aos pântanos da Louisiana para o feriado. Então, esta era a sua família agora: todas essas pessoas, anjos, demônios, e fosse lá o que mais eles fossem. Para o bem ou para mal, complicados, traiçoeiros, cheios de altos e baixos, e às vezes até mesmo divertidos. Assim como seu pai havia dito: assim era a vida.

E, para uma menina que tinha alguma experiência com a morte, a vida — pura e simplesmente — era a coisa pela qual Luce subitamente estava tremendamente agradecida.

— Bem, pra mim já foi o suficiente — anunciou Shelby após mais alguns minutos. — Você sabe. Comida. Alguém mais acabou? Vamos resolver isto. — Ela assobiou e fez um gesto de laço com o dedo. — Estou ansiosa para voltar para aquela escola de reformatório onde todos nós... er... estudamos...

— Vou ajudar a limpar a mesa. — Gabbe saltou e começou a empilhar pratos, arrastando uma relutante Molly para a cozinha com ela.

A mãe de Luce ainda estava lhe mandando seus olhares furtivos, tentando ver a reunião através dos olhos da filha, o que era impossível. Ela se agarrou à ideia de Daniel muito rapidamente e ficava olhando para os dois. Luce queria uma chance para mostrar a sua mãe que o que ela e Daniel tinham era sólido e maravilhoso e diferente de tudo no mundo, mas havia muitas outras pessoas ao redor. Tudo o que deveria ter sido fácil parecia difícil agora.

Então Andrew parou de mastigar as penas de feltro em seu pescoço e começou a arranhar a porta. O pai de Luce se levantou e pegou a coleira. Que alívio.

— Alguém quer acompanhá-lo sua caminhada depois do jantar? — anunciou.

Sua mãe levantou-se também. Luce a seguiu até a porta e ajudou-a a vestir o casaco, entregando o cachecol ao pai em seguida.

— Obrigado por serem tão legais esta noite. Vamos lavar os pratos enquanto estiverem fora.

A mãe sorriu.

— Temos orgulho de você, Luce. Não importa o que aconteça. Lembre-se disso.

— Gostei daquele Miles — disse o pai de Luce, prendendo a coleira de Andrew no pescoço do cãozinho.

— E Daniel é... extraordinário — disse sua mãe para o marido em um tom de voz autoritário.

As bochechas de Luce coraram e ela olhou de volta para a mesa, lançando a seus pais um olhar de por "favor não me envergonhem".

— Tudo bem! Façam uma caminhada longa e agradável!

Luce segurou a porta aberta e os assistiu saindo na noite com o ansioso cão praticamente sufocado pela coleira. O ar frio que entrou pela porta aberta foi refrescante. A casa estava quente, com tantas pessoas lá dentro. Pouco antes de seus pais desaparecerem no fim da rua, Luce pensou ter visto um clarão de algo lá fora.

Algo que parecia asas.

— Viu isso? — disse ela, não muito certa de com quem estava falando.

— O quê? — perguntou seu pai de volta. Ele parecia tão satisfeito e feliz que quase partiu o coração de Luce.

— Nada. — Luce forçou um sorriso enquanto fechava a porta. Ela podia sentir alguém atrás dela.

Daniel. O calor que a fazia oscilar sobre os próprios pés.

— O que você viu?

Sua voz estava gelada, não de raiva, mas de medo. Luce olhou para ele e segurou suas mãos, mas ele virou para o outro lado.

— Cam — chamou ele. — Pegue o arco.

Do outro lado da sala, Cam levantou a cabeça.

— Já?

Um zunido fora da casa o silenciou. Ele se afastou da janela e pôs a mão dentro do blazer. Luce viu um brilho prateado e imediatamente se lembrou: as flechas que ele havia tirado da menina Pária.

— Avise aos outros — disse Daniel antes de se virar para encarar Luce. Seus lábios entreabertos e o olhar desesperado a fizeram pensar

que ele poderia beijá-la, mas tudo que fez foi dizer: — Vocês têm um abrigo contra tempestades?

— O que está acontecendo? — perguntou Luce. Ela podia ouvir a água correndo na cozinha, Ariane e Gabbe cantando harmonicamente "Heart and Soul" com Callie enquanto lavavam a louça. Podia ver as expressões animadas de Molly e Roland enquanto tiravam a mesa. E, de repente, Luce sabia que este jantar de Ação de Graças fora uma encenação. Um disfarce. Só que ela não sabia para quê.

Miles apareceu ao lado de Luce.

— O que está acontecendo?

— Nada com que precise se preocupar — respondeu Cam. Não foi rude, apenas apontou os fatos. — Molly. Roland.

Molly baixou sua pilha de pratos.

— O que vocês precisam que façamos?

Foi Daniel quem respondeu, falando com Molly como se estivessem, de repente, do mesmo lado.

— Avisem aos outros. E encontrem escudos. Eles estarão armados.

— Quem? — perguntou Luce. — Os Párias?

Daniel pousou os olhos sobre ela e seu semblante era triste.

— Eles não deveriam ter nos encontrado hoje à noite. Sabíamos que havia uma chance, mas eu realmente não queria trazer isso para cá. Sinto muito...

— Daniel — interrompeu Cam. — Tudo o que importa agora é contra-atacar.

Uma pesada batida reverberou pela casa. Cam e Daniel moveram-se instintivamente em direção à porta da frente, mas Luce balançou a cabeça:

— Porta dos fundos — sussurrou ela. — Pela cozinha.

Todos pararam por um momento ao ouvir o rangido da porta dos fundos se abrindo. Então veio um grito longo e agudo.

— Callie! — Luce saiu correndo pela sala e estremeceu ao imaginar a cena que sua melhor amiga estava vendo. Se Luce soubesse que os Párias iriam aparecer, ela não teria deixado Callie vir. Nem ela teria vindo. Se algo de ruim acontecesse, Luce jamais se perdoaria.

Passando pela porta da cozinha dos pais, Luce viu Callie, escondida atrás do corpo estreito de Gabbe. Ela estava segura, pelo menos por enquanto. Luce suspirou de alívio, quase desmaiando no paredão de músculos que Daniel, Cam, Miles e Roland formavam atrás dela.

Ariane estava na porta, com uma enorme faca de açougueiro erguida nas mãos. Ela parecia pronta para fatiar alguém que Luce ainda não conseguia ver.

— Boa noite. — Era a voz de um homem, firme e formal.

Quando Ariane baixou a faca de açougueiro, na porta estava um rapaz alto e magro em um casaco marrom. Ele era muito pálido, com um rosto estreito e um nariz marcante. Ele parecia familiar. Cabelos curtos e descoloridos, loiros. Olhos brancos.

Um Pária.

Mas Luce o vira em outro lugar antes.

— *Phil?* — gritou Shelby. — Que diabos você está fazendo aqui? E o que aconteceu com seus olhos? Eles estão...

Daniel se virou para Shelby.

— Você conhece este Pária?

— *Pária?* — A voz de Shelby vacilou. — Ele não é um... Ele é meu ex-namorado idio... Ele é...

— Ele estava usando você — disse Roland, como se soubesse de algo que os outros desconheciam. — Eu deveria ter percebido. Deveria tê-lo reconhecido pelo que era.

— Mas não reconheceu — disse o Pária, sua voz estranhamente calma. Ele abriu o casaco e, de um bolso interno, puxou um arco de prata. De outro bolso veio uma flecha, que ele rapidamente encaixou na mira e apontou para Roland. Em seguida atravessou a multidão, mirando em cada um deles separadamente. — Por favor, perdoem a minha intrusão. Vim buscar Lucinda.

Daniel deu um passo na direção do Pária.

— Você não veio *buscar* ninguém nem nada — disse ele —, exceto uma morte rápida, a menos que saia agora.

— Desculpe, mas não posso fazer isso — respondeu o garoto, os braços musculosos ainda com a flecha de prata na mira. — Tivemos tempo para nos preparar para esta noite de abençoada restituição. Não vamos sair de mãos vazias.

— Como pôde, Phil? — gemeu Shelby, virando-se para Luce. — Eu não sabia... Sério, Luce, eu não sabia. Achei que ele fosse só um canalha.

Os lábios do menino se curvaram num sorriso. Seus horríveis olhos brancos sem profundidade pareciam saídos de um pesadelo.

— Entregue-a sem lutar, ou nenhum de vocês será poupado.

Então Cam estourou em uma longa e profunda gargalhada. Ela balançou a cozinha e fez o garoto na porta contorcer-se desconfortavelmente.

— Você e que exército? — perguntou Cam. — Quer saber? Acho que você é o primeiro Pária que eu já conheci com senso de humor. — Ele olhou ao redor da cozinha lotada. — Por que você e eu não levamos isso lá para fora? Vamos acabar logo com isso, que tal?

— Com prazer — respondeu o menino, um sorriso falso nos lábios pálidos.

Cam esticou os ombros para trás, como se estivesse estalando as costas, e dali, exatamente onde suas omoplatas se juntavam, um enorme par de asas douradas atravessou o suéter de cashmere cinza. Elas se desenrolaram para trás, ocupando a maior parte da cozinha. As asas de Cam eram tão brilhantes que doíam os olhos.

— Que diabos... — sussurrou Callie, piscando.

— Quase isso — disse Ariane enquanto Cam arqueava as asas para trás e encurralava o Pária, passando pela porta e para o quintal. — Luce vai explicar tudo, tenho certeza!

As asas de Roland também se abriram com o som de um grande bando de pássaros voando. A luz da cozinha destacava o dourado escuro e as linhas pretas entremeadas nelas enquanto ele passava pela porta depois de Cam. Molly e Ariane seguiam logo atrás, esbarrando uma na outra; Ariane com suas asas iridescentes à frente das nebulosas asas de bronze de Molly, depois solta, o que parecia faíscas

elétricas quando se tocaram ao sair. Em seguida foi Gabbe, cujas asas brancas macias se abriram graciosamente como as de uma borboleta, mas com velocidade tal que enviaram uma rajada de vento perfumado pela cozinha.

Daniel segurou as mãos de Luce, fechou os olhos e inspirou, deixando suas enormes asas brancas se abrirem. Totalmente estendidas, elas teriam preenchido a cozinha inteira, mas Daniel as segurou, junto ao corpo. Elas brilhavam, cintilantes e lindas demais. Luce estendeu os braços e tocou-as com as duas mãos. Eram quentes e macias como cetim por fora, mas por dentro estavam cheias de energia. Podia sentir isso correndo através de Daniel e chegando até ela. Sentia-se tão perto dele, entendia-o completamente. Como se fossem um só.

Não se preocupe. Tudo vai ficar bem. Sempre vou cuidar de você.

Mas o que ele disse em voz alta foi:

— Fique em segurança. Fique aqui.

— Não — implorou ela. — Daniel...

— Eu já volto. — Então arqueou as asas para trás e voou porta afora.

Agora sozinhos lá dentro, os não anjos se reuniram. Miles estava grudado à porta dos fundos, olhando pela janela escancarada. Shelby estava de cabeça baixa, escondendo o rosto. Callie tão estava branca quanto a geladeira.

Luce segurou a mão de Callie:

— Acho que tenho algumas coisas a explicar.

— Quem é esse menino com o arco e a flecha? — sussurrou Callie, recuando, mas ainda segurando firme a mão de Luce. — Quem é *você*?

— Eu? Sou apenas... eu. — Luce deu de ombros, sentindo-se congelar. — Eu não sei.

— Luce — disse Shelby, tentando não chorar. — Estou me sentindo uma idiota. Juro que não tinha ideia. As coisas que contei a ele... eu só estava desabafando. Ele estava sempre perguntando sobre você e era

um bom ouvinte, então eu... Quero dizer, eu não tinha ideia do que ele realmente era... Eu nunca, nunca iria...

— Acredito em você — interrompeu Luce. Ela foi para a janela, ao lado de Miles, olhando para o pequeno deque de madeira que seu pai havia construído alguns anos atrás. — O que você acha que ele quer?

No quintal, folhas de carvalho caídas haviam sido juntadas em pilhas. O ar cheirava a fogueira. Em algum lugar ao longe, uma sirene disparava. Ao pé dos três degraus do deque, Daniel, Cam, Ariane, Roland e Gabbe estavam lado a lado, de frente para a cerca.

Não, não era a cerca, Luce percebeu. Eles enfrentavam uma multidão sombria de Párias em posição de sentido, com as flechas de prata apontadas para a fileira de anjos. O Pária não estava sozinho. Ele reunira um exército.

Luce teve que se segurar no balcão da cozinha. Sem contar com Cam, os anjos estavam desarmados. E ela já via o que aquelas flechas podiam fazer.

— Luce, pare! — chamou Miles, mas ela já estava saindo pela porta.

Mesmo na escuridão, Luce podia ver que todos os Párias eram semelhantes, um tipo de beleza inexpressiva. Havia tantas meninas quanto meninos, todos pálidos e vestidos com o mesmo sobretudo marrom, cabelo descolorido curto nos meninos, e presos em rabos de cavalo, nas meninas. As asas dos Párias se arqueavam para fora de suas costas. Elas estavam destruídas — esfarrapadas, desgastadas e revoltantemente imundas, cobertas de sujeira. Nada como as asas gloriosas de Daniel ou de Cam, ou de qualquer um dos anjos ou demônios que Luce conhecia. Parados de forma idêntica, com seus estranhos olhos vazios, com as cabeças inclinadas em diferentes direções, os Párias formavam um terrível exército de pesadelo. Mas Luce não podia acordar.

Quando Daniel notou-a em pé com os outros no deque, ele virou para trás e apertou as mãos dela. Seu rosto parecia retorcido de medo.

— *Eu disse para ficar lá dentro.*

— Não — sussurrou ela. — Não vou ficar escondida enquanto vocês lutam. Não posso simplesmente ficar observando as pessoas ao meu redor morrerem sem nenhum motivo.

— Nenhum motivo? Vamos discutir sobre isso outra hora, Luce. — Seus olhos iam e vinham da fileira de Párias perto da cerca.

Ela fechou as mãos em punhos.

— *Daniel...*

— Sua vida é preciosa demais para desperdiçar em um acesso de raiva. Entre. *Agora.*

Um grito forte ecoou no meio do quintal. A linha de frente de dez Párias levantou as armas para os anjos e atirou. A cabeça de Luce levantou apenas a tempo de ver algo — *alguém* — se jogando do telhado.

Molly.

Ela voou para baixo, uma mancha escura empunhando dois ancinhos, girando-os como bastões com as mãos.

Os Párias a ouviram, mas não puderam vê-la chegando. Os ancinhos de Molly rodopiavam, rebatendo as flechas no ar como se estivessem cortando ervas daninhas em um campo. Ela caiu sobre os coturnos pretos, as flechas de prata no chão, parecendo inofensivas como galhos. Mas Luce sabia que isso não era verdade.

— Não haverá misericórdia! — gritou um Pária chamado Phil, do outro lado do quintal.

— Leve-a para dentro, e pegue as setas estelares! — gritou Cam para Daniel, pulando por cima do corrimão da varanda e pegando o próprio arco de prata. Em rápida sucessão, ele encaixou e atirou três raios de luz. Os Párias se contorceram quando três de suas fileiras desapareceram em explosões de pó.

Rápidos como um relâmpago, Ariane e Roland dispararam pelo pátio, varrendo as setas para cima com as asas.

Uma nova fileira de Párias avançou, preparando outra saraivada de flechas. Quando estavam à beira do ataque, Gabbe saltou para cima do corrimão.

— Humm, vamos ver. — Com um olhar feroz nos olhos, ela apontou a extremidade de sua asa direita para o chão sob os Párias.

O gramado estremeceu e, em seguida, uma faixa de terra de alguns metros de largura surgiu, dividindo o espaço.

Pelo menos vinte Párias caíram no profundo abismo escuro.

Seus gritos eram ocos e solitários no caminho para o fundo. Para sabe Deus onde. Os Párias atrás daqueles recuaram, parando bem na beirada do terrível desfiladeiro que Gabbe tinha criado do nada. Suas cabeças moviam-se de um lado para o outro, como se para ajudar os olhos que não enxergam a entenderem o que tinha acontecido. Mais alguns Párias oscilaram na beirada e caíram lá dentro. Seus gritos ficaram cada vez mais fracos até que não havia mais nenhum som. Um instante depois, a terra estalou como uma dobradiça enferrujada e voltou a se fechar.

A asa de Gabbe voltou para o lugar com elegância e ela secou a testa.

— Bem, isso deve ajudar.

Mas, em seguida, outro banho de estilhaços de prata choveu do céu. Um deles atingiu o degrau mais alto do deque, aos pés de Luce. Daniel puxou a flecha para fora do degrau de madeira, estendeu o braço e atirou-a bruscamente, como um dardo letal, diretamente na testa de um Pária que avançava.

Houve um flash de luz, como o de uma câmera, e o menino de olhos brancos nem sequer teve tempo de gritar; simplesmente desapareceu no ar.

Daniel correu os olhos pelo corpo de Luce, e a cutucou, como se quisesse ter certeza que ela ainda estava viva.

Ao lado dela, Callie engoliu em seco.

— Ele acabou de... Esse cara realmente...

— Sim — disse Luce.

— Não faça isso, Luce — avisou Daniel. — Não me faça arrastar você para dentro. Preciso lutar. Você tem que sair daqui. *Agora*.

Luce já tinha visto o suficiente para concordar. Ela se virou de volta para casa, tentando alcançar Callie, mas então, pela porta aberta

da cozinha, teve um vislumbre assustador de mais Párias.

Três. *Dentro da casa dela.* Arcos de prata prontos para atirar.

— Não! — berrou Daniel, correndo para proteger Luce.

Shelby se jogou para fora da cozinha, fechando a porta.

Três tiros certeiros atingiram o outro lado da porta.

— Ei, ela foi exonerada! — gritou Cam do gramado, assentindo para Shelby rapidamente antes de acertar uma flecha no crânio de uma Pária.

— Tudo bem, novo plano — murmurou Daniel. — Encontrem um lugar por perto para se esconderem. Todos vocês. — Ele se dirigia a Callie e Shelby, e, pela primeira vez na noite, a Miles. Daniel agarrou Luce pelos braços. — Fique longe das setas — suplicou. — Prometa. — Ele a beijou rapidamente e então enxotou todos pela parede de trás do deque.

O brilho das asas de tantos anjos era forte o suficiente para que Luce, Callie, Shelby e Miles tivessem que proteger os olhos. Eles se agacharam e engatinharam pelo chão, as sombras do corrimão dançando diante deles, enquanto Luce levava todos para a lateral do quintal em busca de abrigo. Tinha que haver um, em algum lugar.

Mais Párias saíam das sombras. Eles apareciam nos ramos altos das árvores distantes, saíam dos canteiros altos e do antigo balanço comido por cupins da infância de Luce. Seus aros de prata brilhavam sob o luar.

Cam era o único do outro lado com um arco. Ele nunca parava para contar quantos Párias estava matando; apenas soltava flecha após flecha com precisão mortal em seus corações. Mas para cada um que desaparecia, outro parecia surgir.

Quando ficou sem flechas, tirou a velha mesa de piquenique de madeira da posição em que estava há dez anos e segurou-a à sua frente com o braço, para se proteger. Saraivada após saraivada, as flechas batiam na mesa e caíam no chão a seus pés. Ele só abaixava, recolhia e disparava, abaixava, recolhia e disparava.

Os outros teriam de ser mais criativos.

Roland batia as asas douradas com tanta força que o ar ao seu redor fazia com que as flechas voltassem para onde tinham vindo, atingindo vários daqueles Párias que não enxergavam de uma vez. Molly avançava contra a fileira sem parar, seus ancinhos girando como as espadas de um samurai.

Ariane arrancou o velho pneu de Luce da árvore e o girou como uma vaqueira, desviando as flechas para o chão, enquanto Gabbe corria para buscá-las. Ela girava e cortava freneticamente, matando qualquer Pária que chegasse perto demais, sorrindo com doçura, enquanto as flechas espetavam seus corpos.

Daniel tinha confiscado as ferraduras enferrujadas dos Price de debaixo do alpendre. Ele as lançava contra os Párias, às vezes nocauteando três deles com uma única ferradura ricocheteando em seus crânios. Então se lançava sobre eles, tirando as setas estelares dos arcos e enfiando as flechas em seus corações com as mãos nuas.

Na borda do deque, Luce avistou o galpão do pai e sinalizou para que os outros a seguissem. Eles rolaram por cima do corrimão para a grama e, abaixados, correram para o barracão.

Estavam quase lá quando Luce ouviu um zumbido rápido no ar. Callie gritou de dor.

— Callie! — Luce rodopiou.

Mas sua amiga ainda estava lá, esfregando o ombro onde a flecha a tinha atingido de raspão. Fora isso, saíra ilesa.

— Isso arde demais!

Luce estendeu a mão para tocá-la.

— Como você...?

Callie balançou a cabeça.

— Para baixo! — gritou Shelby.

Luce caiu de joelhos, puxando os outros para baixo e empurrando-os para dentro do galpão. Entre as ferramentas sujas do pai de Luce, o cortador de grama e os antigos equipamentos esportivos, Shelby se arrastou até Luce. Seus olhos brilhavam e os lábios estavam tremendo.

— Não acredito que isso está acontecendo — murmurou ela, agarrando o braço de Luce. — Você não sabe como estou chateada. É

tudo minha culpa.

— Não é culpa sua — disse Luce rapidamente. Tudo bem que Shelby não sabia quem Phil era de verdade. E o que ele realmente queria com ela. Nem o que esta noite poderia significar. Luce sabia o que era carregar a culpa por fazer algo que você não compreendia. Ela não desejaria aquilo a ninguém, muito menos a Shelby.

— Onde ele está? — perguntou Shelby. — Eu poderia matar aquele idiota.

— Não. — Luce segurou Shelby. — Você não vai sair. *Você* poderia ser morta.

— Eu não entendo — disse Callie. — Por que alguém iria querer machucar você?

Foi quando Miles saiu em direção à entrada do galpão, iluminado por um raio de luar. Ele estava carregando um dos caiaques do pai de Luce sobre a cabeça.

— Ninguém vai machucar Luce — disse ao sair.

Direto para o coração da batalha.

— Miles! — gritou Luce. — Volte...

Ela levantou-se para correr atrás do amigo e então congelou, atordoada ao vê-lo arremessar o caiaque bem em cima de um dos Párias.

Era Phil.

Seus olhos vazios se arregalaram e ele gritou, caindo na grama quando o caiaque o atingiu. Caído no chão e indefeso, suas asas sujas se contorciam.

Por um instante Miles parecia orgulhoso de si mesmo e Luce sentiu um pouco de orgulho também. Mas então uma Pária baixinha se adiantou, inclinou a cabeça como um cão ouvindo um apito silencioso, levantou o arco de prata e mirou à queima-roupa no peito de Miles.

— Sem piedade — disse ela, sem emoção.

Miles estava indefeso contra aquela menina estranha que parecia não ter um pingo de misericórdia, nem mesmo em relação ao garoto mais gentil e inocente do mundo.

— Parem! — gritou Luce, o coração batendo forte enquanto corria para fora do galpão. Ela podia sentir a batalha acontecendo ao seu redor, mas tudo que via era aquela flecha, pronta para entrar no peito de Miles. Pronta para matar mais um de seus amigos.

A cabeça da Pária estava inclinada. Seus olhos vagos voltaram-se para Luce, em seguida se arregalaram ligeiramente, como se, como Ariane havia dito, ela realmente pudesse ver a alma de Luce ardendo.

— Não atire nele. — Luce ergueu as mãos em sinal de rendição. — Sou eu quem você quer.

DEZENOVE



A TRÉGUA É QUEBRADA

A jovem Pária baixou seu arco. Quando a flecha relaxou em sua corda, fez um rangido, como uma porta de sótão se abrindo. Seu rosto estava calmo como um lago tranquilo num dia sem vento. Ela era da altura de Luce, a pele clara e reluzente, lábios pálidos e covinhas, mesmo sem sorrir.

— Se você quiser que o menino viva — disse ela, com a voz monótona —, eu o entregarei a você.

Ao redor deles, os outros tinham parado de lutar. O pneu do balanço rolou até parar, batendo contra o canto da cerca. As asas de Roland desaceleraram até um ritmo suave e o levaram de volta para o solo. Todo mundo ficou quieto, mas o ar estava carregado de um silêncio tenso.

Luce podia sentir o peso de tantos olhares sobre ela: Callie, Miles e Shelby. Daniel, Ariane e Gabbe. Cam, Roland e Molly. Até mesmo dos próprios Párias. Mas ela não podia se afastar da garota com os olhos opacos.

— Você não vai matá-lo... Só porque eu pedi? — Luce estava tão confusa, que riu. — Eu pensei que você queria me matar.

— Matar *você*? — A voz mecânica da menina se ergueu com a surpresa. — De jeito nenhum. Nós morreríamos por você. Queremos que venha conosco. Você é a última esperança. A nossa entrada.

— Entrada? — perguntou Miles, dando voz ao que Luce estava surpresa demais para expressar. — Para onde?

— Para o céu, é óbvio. — A menina olhou para Luce com seus olhos mortos. — Você é o preço.

— Não. — Luce balançou a cabeça, mas as palavras da Pária estavam ricocheteando dentro de sua mente, ecoando de uma forma que a fez se sentir tão vazia que mal podia suportar.

Entrada para o céu. O preço.

Luce não entendeu. Os Párias iriam levá-la e fazer o quê? Usá-la como uma espécie de moeda de troca? Essa menina nem sequer via Luce como uma pessoa. Se Luce havia aprendido uma coisa na Shoreline era que ninguém podia ter certeza sobre os mitos. Eles eram muito antigos, muito complicados. Todo mundo sabia que havia uma história, uma na qual Luce estivera envolvida por muito tempo, mas ninguém parecia saber *por quê*.

— Não dê ouvidos a ela, Luce. Ela é um monstro. — As asas de Daniel estavam tremendo, como se ele pensasse que ela estivesse tentada a ir. Os ombros de Luce começaram a coçar, um formigamento quente que deixou o resto de seu corpo gelado.

— Lucinda? — chamou a menina Pária.

— Certo, espere um minuto — disse Luce para a garota. Ela virou-se para Daniel. — Quero saber: o que é essa trégua? E não me diga que não é "nada", nem que não pode explicar. Me diga a verdade. Você me deve isso.

— Você está certa — disse Daniel, surpreendendo-a. Ele continuava olhando furtivamente para a Pária, como se ela pudesse roubar o espírito de Luce a qualquer momento. — Cam e eu a erguemos. Concordamos em deixar de lado nossas diferenças durante dezoito dias. Todos os anjos e demônios. Nos unimos para caçar os inimigos em comum. Como eles. — Ele apontou para a Pária.

— Mas por quê?

— Por sua causa. Porque você precisava de tempo. Nossos objetivos finais podem ser diferentes, mas por ora Cam e eu, e todos da nossa espécie, trabalhamos como aliados. Temos uma prioridade em comum.

O vislumbre que Luce tinha visto no Anunciador, aquela cena repugnante de Daniel e Cam trabalhando juntos... Era para aquilo ser aceitável só porque eles tinham concordado com um cessar-fogo? Para dar tempo a *ela*?

— Não que você tenha cumprido a trégua — soltou Cam para Daniel. — Para que serve uma trégua, se você não a honra?

— Você também não a cumpriu — disse Luce a Cam. — Você estava na floresta da Shoreline.

— Protegendo você! — exclamou Cam. — Não levando-a para passeios sob o luar!

Luce virou-se para Ariane.

— Seja o que for a trégua, quando ela acabar, significa que... Cam de repente é o inimigo de novo? E Roland também? Isso não faz o menor sentido.

— É só dizer, Lucinda — disse a Pária. — Vou levá-la para longe de tudo isso.

— Para quê? Para onde? — perguntou Luce. Havia algo de atraente em simplesmente fugir. De todas as dores, lutas e confusão.

— Não faça algo de que vá se arrepender, Luce — advertiu Cam. Foi estranha a maneira como ele parecia ser a voz da razão, diferente de Daniel, que parecia completamente paralisado.

Luce olhou em volta pela primeira vez desde que saíra do galpão. O combate havia cessado. A mesma camada de poeira que cobrira o cemitério da Sword & Cross já endurecia a grama do quintal. Enquanto seu grupo de anjos estava totalmente intacto, os Párias haviam perdido a maioria de seu exército. Cerca de dez ficaram a distância, observando. Seus arcos de prata estavam abaixados.

A Pária ainda esperava pela resposta de Luce.

Seus olhos brilhavam na noite e ela recuava a medida que os anjos chegavam mais perto. Quando Cam se aproximou, a menina levantou

o arco de prata de novo, lentamente, apontando-o para seu coração.

Luce viu Cam ficar sério.

— Você não quer ir com os Párias — disse para Luce —, especialmente não esta noite.

— Não diga a ela o que quer ou não — se intrometeu Shelby. — Não estou dizendo que ela deveria ir com os albinos bizarros nem nada. Mas está na hora de todo mundo parar de mimá-la e deixá-la resolver as coisas, para variar. Tipo, já *chega*.

Sua voz ecoou pelo quintal, fazendo a Pária saltar. Ela virou-se para mirar a flecha na direção de Shelby.

Luce prendeu a respiração. A flecha de prata tremia nas mãos da Pária, que retesava a corda do arco. Luce esperou, mas antes que a menina pudesse disparar, seus olhos brilhantes se arregalaram. O arco caiu de suas mãos e corpo desapareceu em um clarão ofuscante.

Meio metro atrás de onde a menina estivera, Molly abaixou um arco de prata. Ela havia atirado com precisão nas costas da Pária.

— O quê? — reclamou Molly quando o grupo todo se virou e olhou surpreso para ela. — Eu gosto dessa Nefilim. Ela me lembra alguém que conheço.

Ela apontou para Shelby, que respondeu:

— Obrigada. Sério mesmo. Isso foi legal.

Molly deu de ombros, indiferente à gigantesca sombra que se erguia por trás dela. O Pária que Miles tinha derrubado no chão com o caiaque: Phil.

Ele girou o caiaque atrás de seu corpo como um bastão de beisebol e bateu em Molly, lançando-a até o outro lado do gramado. Ela caiu com um grunhido na grama. Jogando o caiaque de lado, o Pária enfiou a mão no casaco em busca de uma última flecha brilhante.

Os olhos sem vida eram a única parte inexpressiva de seu rosto. O resto, seu rugido, as sobrancelhas, até as maçãs do rosto, parecia totalmente feroz. A pele pálida parecia esticada sobre o crânio ossudo. Suas mãos eram como garras. A raiva e o desespero tinham transformado o cara pálido e estranho, porém de boa aparência, em um verdadeiro monstro. Ele ergueu o arco de prata e mirou Luce.

— Estive esperando por semanas para ter minha chance com você. Agora não me importo de pressioná-la um pouco mais do que minha irmã — rosnou ele. — Você *virá* conosco.

Dos dois lados de Luce, arcos de prata foram erguidos. Cam tirou o seu de dentro do casaco, mais uma vez, e Daniel se abaixara para pegar o arco que a menina tinha deixado cair. Phil parecia esperar por isso. Seu rosto se contorceu num sorriso sombrio.

— Será preciso matar seu amante para fazê-la se juntar a mim? — perguntou ele, apontando para Daniel agora. — Ou precisarei matar todos eles?

Luce olhou para a estranha ponta reta da flecha de prata, a menos de três metros do peito de Daniel. Phil não erraria, daquela distância. Ela vira as flechas extinguirem uma dúzia de pessoas esta noite com aquele flash de luz insignificante. Mas ela também havia visto uma flecha raspar a pele de Callie, como se não fosse mais que um não afiado pedaço de madeira que parecia ser.

As flechas de prata matavam anjos, percebeu de repente, não humanos.

Ela pulou na frente de Daniel.

— Não vou deixar você machucá-lo. E suas flechas não podem me machucar.

Um som escapou de Daniel, um estranho meio riso, meio soluço. Ela se virou para ele, de olhos arregalados. Parecia estar com medo mas, mais do que isso, parecia culpado.

Luce pensou na conversa que tiveram sob o pessegueiro da Sword & Cross, a primeira vez que ele lhe contara sobre suas reencarnações. Lembrou-se de estar com ele na praia em Mendocino, quando falou do seu lugar no céu antes dela. Como havia lutado para fazê-lo se abrir sobre aqueles tempos antigos. Ela ainda achava que houvesse mais. Tinha que haver mais.

O ranger do arco trouxe sua atenção de volta para o Pária, que estava puxando para trás a flecha de prata. Agora ela se destinava a Miles.

— Chega de conversa — disse ele. — Vou derrubar seus amigos, um por um, até que você se entregue.

Em sua mente, Luce viu um piscar de luz brilhante, um redemoinho de cores e uma montagem estranha de suas vidas — a mãe, o pai e Andrew. Os pais que vira em Mount Shasta. Vera patinando no lago congelado. A menina que ela havia sido, nadando na cachoeira com um biquíni amarelo frente-única. Outras cidades, casas e tempos que ainda não reconhecia. O rosto de Daniel, em milhares de ângulos distintos, sob mil luzes diferentes. E explosão após explosão após explosão.

Então ela piscou os olhos e estava de volta ao quintal. Os Párias se aproximavam, se reunindo e sussurrando para Phil. Ele ficava indicando para que voltassem, agitado, tentando se concentrar em Luce. Todos estavam tensos.

Luce viu Miles olhando para ela. Ele devia estar apavorado. Mas não, não era bem apavorado. Ele estava concentrando-se nela com tanta intensidade que seu olhar parecia fazer vibrar a essência dela. Luce ficou tonta e sua visão ficou turva. O que se seguiu foi uma sensação estranha de algo sendo sugado dela. Como uma casca sendo removida de sua pele.

E ela ouviu sua voz dizer:

— Não disparem. Eu me rendo.

Só que era uma voz vazia e em outro corpo, pois Luce não tinha realmente dito essas palavras. Ela seguiu o som com os olhos, e seu corpo ficou rígido com o que viu.

Outra Luce estava de pé atrás do Pária, batendo-lhe no ombro.

Mas este não era nenhum vislumbre de uma vida anterior, era *ela*, em seu jeans skinny preto e camisa xadrez com o botão faltando. O cabelo preto cortado e recém-tingido. Os olhos cor de mel provocando o Pária. E a alma ardente facilmente reconhecida por ele. Por ele e por todos os outros anjos também. Era uma imagem espelhada dela. Isto era...

O dom de Miles.

Ele tinha separado dela e uma segunda Luce, assim como lhe contara que podia fazer, em seu primeiro dia na Shoreline. *Dizem que é fácil fazer com pessoas que você, tipo, ama*, ele dissera.

Ele a amava.

Luce não podia pensar naquilo agora. Enquanto todos os olhares foram atraídos para o reflexo, a Luce real recuou dois passos e se escondeu dentro do barracão.

— O que está acontecendo? — gritou Cam para Daniel.

— Eu não sei! — sussurrou Daniel com voz tensa.

Só Shelby pareceu entender.

— Ele fez isso — disse para si mesma.

O Pária girou o arco para mirar nesta nova Luce. Como se não confiasse muito na vitória.

— Vamos nessa. — Luce ouviu sua própria voz no meio do quintal. — Não quero ficar aqui com eles. Eles têm segredos demais. Mentiras demais.

Uma parte dela se sentia assim. Como se não pudesse mais suportar aquilo. Como se sentisse que algo tinha que mudar.

— Você virá comigo e se juntará aos meus irmãos e irmãs? — perguntou o Pária, soando esperançoso. Seus olhos lhe davam náusea. O Pária estendeu-lhe a fantasmagórica mão branca.

— Eu vou — falou a outra Luce.

— Luce, não. — Daniel prendeu a respiração. — Você não pode.

Os Párias restantes levantaram seus arcos para Daniel, Cam e o resto deles, para que não interferissem. O reflexo de Luce se adiantou, em seguida segurou a mão de Phil.

— Sim, eu posso.

O monstro embalou-a em seus braços pálidos e firmes. Houve um espalhafatoso bater das asas sujas. Uma nuvem de poeira subiu do solo. Dentro do galpão, Luce prendeu a respiração.

Ela ouviu Daniel ofegar quando o reflexo de Luce e os Párias decolaram para fora do quintal. Os que ficaram pareciam incrédulos. A não ser Shelby e Miles.

— O que diabos aconteceu? — perguntou Ariane. — Será que ela realmente...

— Não! — gritou Daniel. — Não, não, não!

O coração de Luce doía ao vê-lo puxar os cabelos, girar em círculos e deixar suas asas se abrirem até o tamanho real.

Imediatamente, a frota de Párias remanescente desenrolou suas asas sujas e levantou voo. As asas eram tão finas que tinham que bater freneticamente para mantê-los no ar. Eles estavam se aproximando de Phil. Tentando formar um escudo em torno dele para que pudesse levar Luce para onde quer que pensasse estar levando.

Mas Cam foi mais rápido. Os Párias estavam a provavelmente seis metros de altura quando Luce ouviu uma flecha final ser atirada.

A flecha de Cam não foi direcionada para Phil. Foi direto para Luce.

E sua mira foi perfeita.

Luce congelou enquanto sua imagem espelhada desaparecia em uma grande explosão de luz branca. No céu, as asas esfarrapadas de Phil estremeceram, abertas. Vazio. Um rugido horrível escapou. Ele começou a voar de volta em direção a Cam, seguido por seu exército de Párias. Mas então parou no meio do caminho, como se tivesse percebido que não havia mais motivo para voltar.

— Então, começa de novo — gritou para Cam e os outros. — Poderia ter terminado de forma pacífica. Mas esta noite você fez uma nova seita de inimigos imortais. Da próxima vez, não negociaremos.

Em seguida, os Párias desapareceram na noite.

No quintal, Daniel empurrou Cam, jogando-o no chão.

— Qual é o seu *problema*? — gritou ele, os punhos batendo no rosto de Cam. — Como pôde?

Cam se esforçou para detê-lo. Eles rolaram um sobre o outro na grama.

— Foi um final melhor para ela, Daniel.

Daniel estava furioso, atingindo Cam batendo sua cabeça no chão. Os olhos de Daniel ardiam.

— Eu vou matar você!

— Você *sabe* que tenho razão! — gritou Cam, sem reagir.

Daniel congelou. Fechou os olhos.

— Não sei de nada agora. — Sua voz era áspera. Ele estava agarrando Cam pela lapela, mas simplesmente se deixou cair no chão, enterrando o rosto na grama.

Luce queria ir até ele. Queria abraçá-lo e dizer que tudo ia ficar bem.

Mas não ia.

O que ela vira esta noite fora demais. Ela sentia-se mal vendo a si mesma — o reflexo de si mesma criado por Miles — morrer por uma seta estelar.

Miles tinha salvado sua vida. Ela não conseguia esquecer isso.

E os outros pensavam que Cam tinha acabado com tudo.

Sua cabeça girava enquanto saía das sombras do galpão, planejando dizer que não se preocupassem, que ainda estava viva. Mas então percebeu a presença de outra coisa.

Um Anunciador estava tremendo na porta. Luce saiu do barracão e se aproximou.

Lentamente, ele libertou-se de uma sombra projetada pela lua. Deslizou ao longo da relva na direção dela por alguns metros, levantando uma camada da poeira suja deixada pela batalha. Quando chegou até Luce, estremeceu e subiu até pairar de um jeito sombrio sobre sua cabeça.

Ela fechou os olhos e sentiu-se levantando a mão para pegá-la. A escuridão descansou na palma da sua mão, com um barulho como um chiado frio.

— O que foi isso? — A cabeça de Daniel girou ao redor ao ouvir aquele som. Ele se levantou do chão. — *Luce!*

Ela ficou parada enquanto os outros se surpreenderam ao vê-la de pé em frente ao galpão. Ela não queria vislumbrar um Anunciador. Já tinha visto o suficiente por uma noite. Nem sabia por que estava fazendo aquilo...

Até que ela entendeu. Não estava buscando uma visão, e sim uma saída. Algo distante o suficiente para atravessar. Havia muito tempo

desde que tivera um momento para pensar por si só. O que ela precisava era de um tempo. Longe de tudo.

— Hora de ir — disse para si mesma.

A porta da sombra que se apresentava à sua frente não era perfeita, era tremida nas bordas e fedia a esgoto. Mas Luce separou sua superfície mesmo assim.

— Você não sabe o que está fazendo, Luce! — A voz de Roland chegou a ela quando já estava na beira da porta. — Isso pode levá-la para qualquer lugar!

Daniel estava em pé, correndo na direção de Luce.

— O que você está fazendo? — Ela podia ouvir o profundo alívio em sua voz por ela ainda estar viva e o pânico por Luce poder manipular o Anunciador. A ansiedade dele só a impulsionava para seguir em frente.

Ela queria olhar para trás, se desculpar com Callie, agradecer Miles pelo que tinha feito, dizer a Ariane e Gabbe para não se preocuparem como ela sabia que se preocupariam de qualquer maneira, para mandarem um beijo para seus pais. Para dizer a Daniel que ele não devia segui-la, que ela precisava fazer aquilo, por ela. Mas sua chance de se libertar estava escapando, então ela deu um passo à frente e olhou para trás para dizer a Roland:

— Acho que vou ter que descobrir.

Pelo canto do olho, ela viu Daniel correndo em sua direção. Como se ele não tivesse acreditado até agora que Luce fosse capaz de fazer aquilo.

Ela sentiu as palavras subindo pela garganta. *Eu te amo.* Amava. Ela amaria para sempre. Mas se o que havia entre os dois era para sempre, seu amor poderia esperar até que ela descobrisse algumas coisas importantes sobre si mesma. Sobre suas vidas e sobre a vida que tinha à frente. Esta noite só havia tempo de acenar um adeus, respirar fundo e se jogar dentro da sombra.

Para a escuridão.

Para seu passado.

EPÍLOGO



PANDEMÔNIO

— O que aconteceu?

— Para onde ela foi?

— Quem a ensinou a fazer isso?

As vozes frenéticas no quintal pareciam vacilantes e distantes para Daniel. Ele sabia que os outros anjos estavam discutindo, procurando por Anunciadores em meio às sombras do jardim. Daniel era uma ilha, fechado para tudo, menos para sua própria agonia.

Ele havia fracassado com ela. Ele havia fracassado.

Como era possível? Durante semanas, ele ficara exausto, com o único objetivo de mantê-la segura até o momento em que já não pudesse oferecer-lhe proteção. Agora aquele momento tinha chegado e desaparecido — assim como Luce.

Qualquer coisa poderia acontecer a ela. Ela poderia estar em qualquer lugar. Daniel nunca se sentira tão vazio e envergonhado.

— Por que não podemos achar o Anunciador que ela atravessou, juntá-lo de novo e ir atrás dela?

O menino Nefilim. Miles. Ele estava de joelhos, segurando a grama. Como um idiota.

— Eles não funcionam dessa forma — rosnou Daniel para ele. — Quando você pisa no tempo, leva o Anunciador com você. É por isso que nunca deve fazer isso a menos...

Cam olhou para Miles, quase com pena.

— Por favor, me diga que Luce sabe mais sobre atravessar um Anunciador do que você.

— Cale a boca — disse Shelby, protegendo Miles. — Se ele não tivesse criado o reflexo de Luce, Phil a teria levado embora.

Shelby parecia na defensiva e com medo, deslocada entre os anjos caídos. Anos atrás, ela tivera uma paixão por Daniel — e ele nunca correspondera, é óbvio. Mas, até essa noite, ele sempre pensara bem da menina. Agora ela estava apenas atrapalhando.

— Você mesmo disse que Luce estaria melhor morta do que com os Párias — disse ela, ainda defendendo Miles.

— Os Párias que *vocês* convidaram para cá — se intrometeu Ariane, olhando para Shelby, que corou.

— Por que você acharia que alguma criança Nefilim conseguiria detectar um Pária? — Molly desafiou Ariane. — Você esteve naquela escola. *Você* devia ter notado alguma coisa.

— Todos vocês: quietos. — Daniel não conseguia pensar direito.

O pátio estava cheio de anjos, mas a ausência de Luce fazia com que parecesse totalmente vazio.

Ele mal podia suportar olhar para alguém. Para Shelby, por cair como um patinho na armadilha fácil do Pária. Miles, por pensar que tinha alguma chance no futuro de Luce. Cam, pelo que ele tentara fazer...

Ah, aquele momento em que Daniel pensou tê-la perdido para a flecha de Cam! Suas asas pareceram pesadas demais para se erguerem. Mais frias do que a morte. Naquele instante, ele havia perdido toda a esperança.

Mas fora apenas um truque. Um reflexo projetado, nada especial em circunstâncias normais, mas a última coisa que Daniel teria esperado esta noite. Tinha-lhe provocado um choque horrível. Quase o matou. Até a alegria de vê-la ressurgida.

Ainda havia esperança.

Contanto que conseguisse encontrá-la.

Ele ficara atordoado ao ver Luce abrir a sombra. Impressionado e tão atraído para ela, mas mais do que tudo isso, atordoado. Quantas vezes ela tinha feito aquilo antes sem que ele soubesse?

— O que você acha? — perguntou Cam, se aproximando dele. As asas de um atraía a do outro, pela velha força magnética, mas Daniel estava cansado demais para se afastar.

— Vou atrás dela — disse ele.

— Bom plano — zombou Cam. — É só "ir atrás dela". Qualquer lugar no tempo e no espaço, em milhares de anos. Por que você precisaria de uma estratégia?

Seu sarcasmo fez com que Daniel quisesse atacá-lo uma segunda vez.

— Eu não estou pedindo por sua ajuda nem por seus conselhos, Cam.

Apenas duas setas estelares permaneciam no quintal: a que ele pegou da Pária que Molly tinha matado e a que Cam havia encontrado na praia no começo da trégua. Teria sido uma boa simetria se Cam e Daniel estivessem trabalhando como inimigos: dois arcos, duas setas, dois inimigos imortais.

Mas não. Ainda não. Eles precisavam eliminar muitos outros antes que pudessem ser inimigos outra vez.

— O que Cam quer dizer — Roland ficou entre eles, falando com Daniel em voz baixa — é que isso pode exigir algum trabalho de equipe. Eu vi a forma como esses garotos viajam através dos Anunciadores. Ela não sabe o que está fazendo, Daniel. Vai se meter em encrenca muito rápido.

— *Eu sei.*

— Não é um sinal de fraqueza nos deixar ajudar — insistiu Roland.

— Eu posso ajudar — ofereceu Shelby. Ela estivera sussurrando com Miles. — Acho que sei onde ela está.

— Você? — perguntou Daniel. — Você já ajudou o bastante. Vocês dois.

— Daniel...

— Eu conheço Luce melhor do que qualquer um no mundo. — Daniel se afastou de todos eles, em direção ao espaço escuro e vazio no quintal onde ela atravessara a sombra. — Muito melhor do que qualquer um jamais a conhecerá. Não preciso da ajuda de vocês.

— Você conhece o passado dela — disse Shelby, ficando na frente de Daniel para que ele tivesse que olhar para ela. — Não sabe o que ela passou nas últimas semanas. Fui eu quem esteve lá, quando ela vislumbrou suas vidas passadas. Fui eu quem viu o rosto dela quando encontrou a irmã que perdeu quando você a beijou e ela... — Shelby parou. — Eu sei que todos vocês me odeiam neste momento. Mas juro por... Ah, pelo que for que vocês acreditem. Vocês podem confiar em mim daqui pra frente. Miles também. Nós queremos ajudar. Nós *vamos* ajudar. Por favor. — Ela estendeu a mão perto de Daniel. — Confiem em nós.

Daniel se esquivou dela. Confiança sempre fora algo que o incomodava. O que ele tinha com Luce era inabalável. Nunca houvera necessidade de depender de confiança. Seu amor simplesmente *existia*.

Mas, por toda a eternidade, Daniel nunca fora capaz de ter fé em alguém ou em alguma coisa. E não queria começar agora.

Na rua, um cão latiu. Então, novamente, mais alto. Mais perto.

Os pais de Luce estavam voltando do passeio.

No quintal escuro, os olhos de Daniel encontraram os de Gabbe. Ela estava em pé perto de Callie, provavelmente consolando-a. Ela já tinha recolhido suas asas.

— Apenas vá — murmurou Gabbe para ele no quintal desolado e poeirento. O que ela queria dizer era. *Vá buscá-la*. Ela lidaria com os pais de Luce. Ela se certificaria de que Callie fosse chegar bem em casa. Ela daria toda a cobertura para que Daniel pudesse ir atrás do que importava. *Nós vamos encontrá-lo e ajudá-lo assim que pudermos.*

A lua saiu de trás de uma nuvem. A sombra de Daniel alongava-se na relva a seus pés. Ele observou-a crescer um pouco, depois começou a puxar o Anunciador de dentro dela. Quando a escuridão fria e úmida tocou nele, Daniel percebeu que não atravessava há anos. Olhar para o passado não era muito do feitio dele.

Mas a técnica ainda estava presente, enterrada em suas asas, ou em sua alma ou em seu coração. Ele moveu-se rapidamente, tirando o Anunciador de sua própria sombra, dando-lhe um puxão rápido para separá-lo do chão. Então o jogou, como um pedaço de barro, para o ar à sua frente.

O Anunciador formou um portal simples e limpo.

Daniel fora uma parte de cada uma das vidas passadas de Luce. Não havia por que ele não conseguir encontrá-la.

Ele abriu a porta. Não havia tempo a perder. Seu coração o guiaria até ela.

Daniel tinha uma sensação clara de que algo ruim estava se aproximando, mas também a esperança de que algo incrível estava esperando mais à frente.

Tinha que estar.

O amor ardente que sentia por ela percorreu-o até que Daniel sentiu-se tão completo que não sabia se conseguiria atravessar o portal. Ele aproximou as asas do corpo e saltou para dentro do Anunciador.

Atrás dele, no quintal, uma comoção distante. Sussurros, farfalhar e gritos.

Ele não se importava. Não se importava com nenhum deles, realmente.

Apenas com ela.

Ele ouviu a algazarra quando atravessou.

— *Daniel*.

Vozes. Atrás dele, seguindo-o, se aproximando. Chamando seu nome enquanto ele afundava mais e mais no passado.

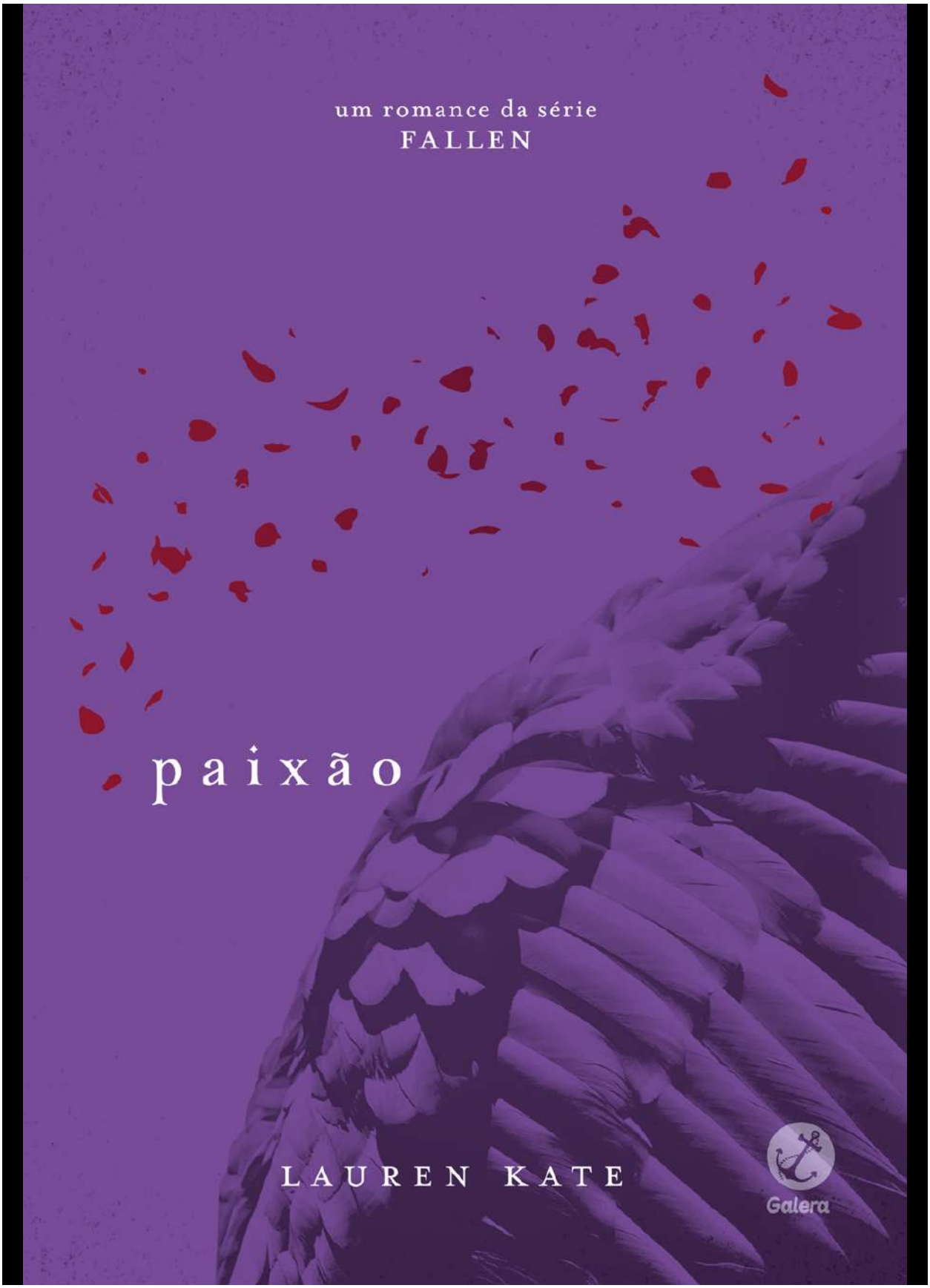
Ele a encontraria?

Sem dúvida.

Ele a salvaria?
Sempre.

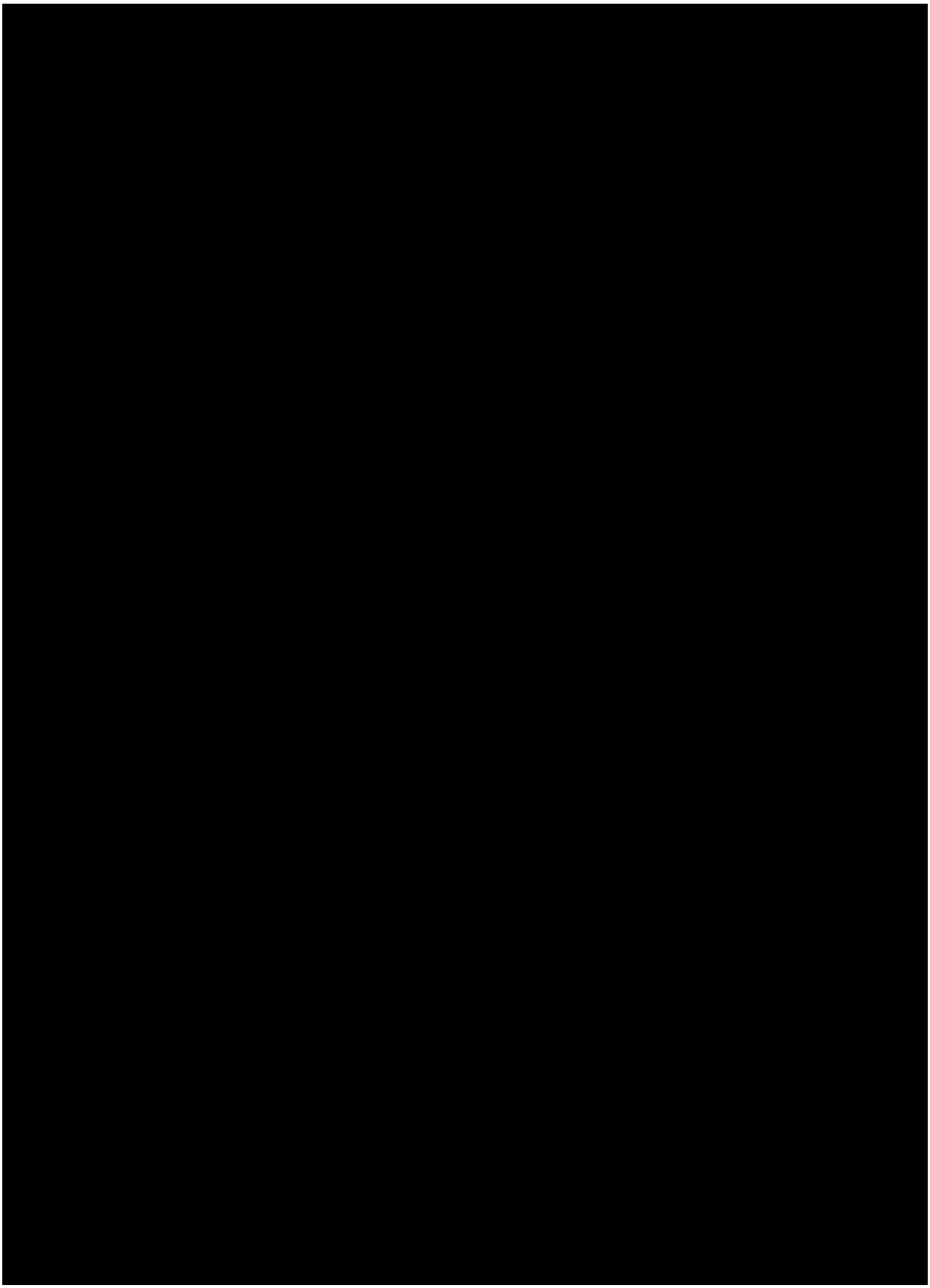
um romance da série
FALLEN

paixão



LAUREN KATE

Galera



Livros da autora publicados pela Galera Record

Série*Fallen*
Volume 1 - Fallen
Volume 2 - Tormenta
Volume 3 - Paixão

Apaixonados - Histórias de amor de Fallen
Anjos na escuridão - Contos da série Fallen
O livro de Cam - Um romance da série Fallen

Série*Teardrop*
Volume 1 - Lágrima
Volume 2 - Dilúvio

A traição de Natalie Hargrove

um romance da série
FALLEN

paixão

LAUREN KATE

Tradução de
Ana Carolina Mesquita

1ª EDIÇÃO

Galera
2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kate, Lauren
K31p Paixão [recurso eletrônico] / Lauren Kate ; tradução Ana Carolina Mesquita. – Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.
(Fallen; 3)

Tradução de: Passion
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09823-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina II. Título. III. Série.

11-7539 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Passion

Text copyright © 2011 by Lauren Kate, Tinderbox Books, LLC.

Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random House Children's Books, divisão da Random House, Inc.

Direitos de tradução negociados com Tinderbox Books, LLC e Sandra Bruna Agencia Literária, S. L.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09823-8
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para M e T,
Mensageiros do céu



AGRADECIMENTOS

Um obrigada apaixonado a Wendy Loggia, que imaginou esse livro ousado — seu apoio sensato faz a série acontecer. Para Beverly Horrowitz, por sua sabedoria e estilo. Para Michael Stearns e Ted Malawer, por levarem as coisas às alturas. Para Noreen Herits e Roshan Nozari: meu agradecimento pelo esforço de vocês em cada livro. Um obrigada especial para Krista Vitola, Barbara Perris, Angela Carlino, Judith Haut (nos conheceremos no festival Cheese Dip em Little Rock) — e Chip Gibson e sua política econômica interna, que explica por que todo mundo na Random House é tão legal.

Para os amigos que fiz ao redor do mundo: Becky Stradwick e Lauren Bennett (minha xará!) na Inglaterra, para Rino Balatbat e o pessoal da National Book Store nas Filipinas, para toda a entusiasmada equipe da Random House Austrália, para os blogueiros daqui e de muito longe. Sinto-me honrada em trabalhar com cada um de vocês.

Para minha família extraordinária e afetuosa, com um obrigada bem alto da tia para Jordan, Hailey e David Franklin. Para Anna Carey pelas caminhadas e muito mais. Para OBLC, viva! E para Jason, meu muso, meu mundo — só melhora a cada dia.

Se, a princípio, nos desencontrarmos, não desanimes.
Se não me achares aqui, procura-me ali;
em algum lugar estarei esperando por ti.



— WALT WHITMAN, *Canção de mim mesmo*

PRÓLOGO



CAVALO SOMBRIO

LOUISVILLE, KENTUCKY • 27 DE NOVEMBRO DE 2009

Um tiro foi disparado. Um grande portão se abriu com um estrondo. O ruído de cascos de cavalos batendo no chão ecoou ao redor da pista de corrida como um enorme trovão.

— E lá vão eles! — gritou alguém.

Sophia Bliss ajeitou a larga aba do seu chapéu Derby, enfeitado com uma pena. Ele tinha um tom violeta esmaecido, quase 70 centímetros de diâmetro e um véu de chiffon. Era amplo o bastante para fazê-la parecer uma verdadeira entusiasta das corridas de cavalos, mas não tão vistoso a ponto de atrair atenções indesejadas.

Três chapéus haviam sido especialmente encomendados no mesmo chapeleiro, em Hilton Head, para a corrida daquele dia. Um deles — um modelo boneca, amarelo-manteiga — cobria a cabeça branca como a neve de Lyrica Crisp, sentada à esquerda da Srta. Sophia, degustando um sanduíche de carne. O outro — feito de palha verde-água, com uma fita de cetim com poá — coroava a cabeleira escura como a noite de Vivina Sole, que parecia enganadoramente séria com

as mãos metidas em luvas brancas e cruzadas sobre o colo, sentada à direita da Srta. Sophia.

— Que dia maravilhoso para uma corrida — disse Lyrica. Aos 136 anos, era a mais jovem entre os Anciãos de Zhsmaelin. Ela limpou um pingo de mostarda em um dos cantos da boca. — Acredita que é minha primeira vez nas pistas?

— Shhh! — sibilou Sophia. Como Lyrica era tonta. O que estava em jogo não eram os cavalos, e sim um encontro clandestino entre grandes mentes. E daí que as outras grandes mentes ainda não houvessem aparecido? Elas viriam. Àquele lugar perfeitamente neutro, destacado em letras douradas no convite que Sophia recebera de um remetente desconhecido. Os outros chegariam, se revelariam e juntos criariam um plano de ataque. A qualquer minuto. Assim ela esperava.

— Um dia adorável, um esporte adorável — comentou, secamente, Vivina. — Pena que *nosso* cavalo não corra em círculos tão fáceis, como essas éguas. Não é, Sophia? É difícil adivinhar em que posição a puro-sangue Lucinda terminará.

— Eu disse *shhh*! — sussurrou Sophia. — Morda essa língua descuidada. Há espiões em todas as partes.

— Você é paranoica — disse Vivina, arrancando um risinho alto de Lyrica.

— Sou o que restou — respondeu Sophia.

Antes, eles eram muitos mais — 24 Anciãos, no auge de Zhsmaelin. Um grupo de mortais, imortais e alguns transeternos, como Sophia. Uma aliança de conhecimento, paixão e fé com um único objetivo: levar o mundo ao seu estado original, àquele momento breve e glorioso antes da Queda dos anjos. Fosse para o bem ou para o mal.

Estava escrito, de maneira clara como o dia, no código que eles criaram juntos e que fora assinado por todos: *Para o bem ou para o*

mal.

Porque, sério, a coisa poderia ir para qualquer dos lados.

Todas as moedas têm duas faces. Cara ou coroa. Bem e...

Enfim, o fato de outros Anciãos não haverem se preparado para ambas as opções não era culpa de Sophia. Foi ela, porém, quem precisou aguentar as consequências quando, um por um, eles avisaram sobre suas renúncias. *Os objetivos se tornavam muito sombrios. Os padrões da organização decaíram. Os Anciãos se afastaram demais do código original*. A primeira leva de cartas chegou, como se esperaria, uma semana depois do incidente com aquela garota, Pennyweather. Não poderiam tolerar, argumentaram eles, a morte de uma criança pequena e insignificante. Bastou um momento de descuido com um punhal para que os Anciãos se dispersassem, com medo; todos temerosos da ira da balança.

Covardes.

Sophia não tinha medo da balança. O dever deles era dar liberdade condicional aos caídos, não aos virtuosos. A anjos mundanos como Roland Sparks e Ariane Alter. Desde que não renunciassem ao Céu, todos eram livres para oscilar um pouquinho. Tempos difíceis praticamente pediam por isso.

Ela quase ficara vesga lendo as desculpas sentimentaloides dos outros Anciãos. Porém, mesmo que ela *quisesse* ter novamente os desertores (e ela não queria), não haveria o que fazer. Então, Sophia Bliss, uma bibliotecária escolar que antes servia apenas como secretária do comitê do Zhsmaelin, era agora a mais alta oficial entre os Anciãos. Havia restado apenas 12. E nove não eram confiáveis.

Por isso, as três restantes estavam ali, com seus enormes chapéus em tons pastel, fazendo falsas apostas na corrida de cavalos. E esperando. Era patética a profundeza na qual eles haviam afundado.

A corrida chegou ao fim. Um alto-falante cheio de estática anunciou os vencedores e as probabilidades para a corrida seguinte. Pessoas bem-afortunadas e alguns bêbados ao redor delas comemoraram ou se afundaram ainda mais nos seus assentos.

Uma garota, de mais ou menos 19 anos, com um rabo de cavalo loiro esbranquiçado, trench coat marrom e grossos óculos escuros, subiu vagarosamente os degraus de alumínio, em direção às Anciãs.

Sophia se enrijeceu. Por que *ela* estaria aqui?

Era quase impossível dizer em que direção a garota olhava, e Sophia se esforçava ao máximo para não a encarar. Não que isso importasse; a garota não conseguiria vê-la. Ela não enxergava. Mas, então...

A Pária fez um sinal com a cabeça para Sophia. Ah, sim — esses idiotas eram capazes de enxergar a chama de uma alma. Apesar de fraca, a força vital de Sophia fora visível.

A garota se sentou na fileira vazia em frente às Anciãs, encarando a pista e fitando uma folha de apostas de 5 dólares, que seus olhos não poderiam ler.

— Olá.

A voz da Pária era monótona. Ela não se virou.

— Eu realmente não sei por que você está aqui — disse Srta. Sophia. Era um dia úmido de novembro, mas uma película de suor se formou na sua testa. — Nosso acordo terminou quando seus amigos não conseguiram recuperar a garota. Nenhum blá-blá-blá daquele que se autointitula Phillip nos fará mudar de ideia. — Sophia se inclinou para a frente, aproximando-se da garota, e enrugou o nariz. — Todo mundo sabe que não se pode confiar nos Párias...

— Não estamos aqui para negociar — respondeu a Pária, olhando para a frente. — Vocês são apenas um meio para nos aproximarmos

de Lucinda. Continuamos não tendo interesse em "colaborar" com vocês.

— Ninguém liga para sua organização atualmente. — Houve um som de passos na arquibancada.

O garoto era alto e magro, com a cabeça raspada e um trench coat parecido com o da garota. Seus óculos escuros eram baratos, de plástico, como os que são vendidos na rua.

Phillip deslizou para o lugar à direita de Lyrica Crisp. Tal como a garota, ele não se virou para encarar as Anciãs ao falar.

— Não estou surpreso em encontrá-la aqui, Sophia — deslizou os óculos escuros sobre o nariz, revelando olhos brancos vazios. — Apenas desapontado por você não saber que poderia me contar sobre ter sido também convidada.

Lyrica engoliu em seco ao ver os horríveis globos brancos atrás daqueles óculos. Até mesmo Vivina perdeu a pose e recuou. Sophia ferveu por dentro.

A garota Pária ergueu um cartão dourado — o mesmo convite que Sophia recebera — entre dois dedos unidos em forma de tesoura.

— Nós recebemos isso.

A única diferença era que aquele parecia ter sido escrito em Braille. Sophia se inclinou na direção dele, para verificá-lo, mas, com um movimento rápido, o convite desapareceu no trench coat da garota.

— Escutem aqui, rebeldes: eu marquei suas setas estelares com o emblema dos Anciãos. Vocês trabalham para *mim*...

— Correção — disse Phillip. — Os Párias não trabalham para ninguém.

Sophia o observou virar levemente o pescoço, fingindo acompanhar um cavalo na pista de corrida. Ela sempre achou assustador o jeito como eles pareciam poder enxergar. Quando todos

sabiam que *ele* poderia arruinar a visão de todos com um estalar de dedos.

— Pena que vocês fizeram um péssimo trabalho em capturá-la. — Sophia sentiu sua voz sair mais alta do que desejava, atraindo os olhares de um casal mais velho, que cruzava a arquibancada. — Deveríamos trabalhar juntos — sibilou ela — para capturá-la, mas... vocês falharam.

— Não teria importância, de qualquer jeito.

— O quê?!

— Ela continuaria perdida no tempo. Sempre foi o destino dela. E os Anciãos continuariam por um fio. Esse é o seu destino.

Ela sentiu vontade de se atirar sobre ele e estrangulá-lo até que aqueles olhos brancos enormes saíssem das órbitas. Teve a sensação de que seu punhal queimava, abrindo um buraco na bolsa de couro sobre seu colo. Ah, se fosse uma seta estelar! Sophia começava a se levantar do banco quando ouviu uma voz atrás dela.

— Por favor, permaneça sentada. Essa reunião se encontra, agora, oficialmente aberta.

A voz. Ela soube imediatamente de quem se tratava. Calma e autoritária. Completamente mortificante. Fez as arquibancadas tremerem.

Os mortais próximos nada notaram, mas uma onda de calor surgiu na nuca de Sophia e atravessou seu corpo, anestesiando-a. Aquilo não era um medo normal. Era um terror incapacitante, capaz de revirar seu estômago. Será que ela ousaria se virar?

A mais sutil das espiadelas, com o canto dos olhos, revelou-lhe um homem em um terno preto bem-cortado. Sob o chapéu preto, seu cabelo escuro parecia curto. O rosto, gentil e atraente, não era particularmente memorável. Barbeado, nariz reto e olhos castanhos

que pareciam familiares. A Srta. Sophia, porém, nunca o vira antes. Ainda assim, sabia quem ele era; sabia na medula dos seus ossos.

— Onde está Cam? — perguntou a voz atrás deles. — Ele foi convidado.

— Provavelmente brincando de Deus entre os Anunciadores. Como o restante deles — disse Lyrica. Sophia lhe deu um tapa.

— Brincando de *Deus*, você disse?

Sophia buscou palavras que pudessem consertar uma gafe como aquela.

— Vários seres seguiram Lucinda na sua viagem ao passado — disse ela, por fim. — Inclusive dois Nefilim. Não sabemos ao certo quantos mais.

— Devo ter a ousadia de perguntar — disse a voz, subitamente gélida — o motivo por que nenhum de *vocês* foi atrás dela?

Sophia lutou para engolir, para respirar. Seus movimentos mais instintivos foram bloqueados pelo pânico.

— Não podemos exatamente, bem... Ainda não temos as habilidades para...

A Pária a interrompeu.

— Os Párias estão quase...

— Silêncio — ordenou a voz. — Poupe-me das suas desculpas. Elas não importam, exatamente como vocês.

Por um longo tempo, o grupo ficou quieto. Era aterrorizante não saber como agradar aquele homem. Quando ele finalmente falou, foi com uma voz mais suave, mas não menos letal.

— Há coisas demais em risco. Não posso deixar nada ao acaso.

Uma pausa.

Então, suavemente, ele continuou:

— Chegou a hora de cuidar disso com minhas próprias mãos.

Sophia prendeu a respiração para conter sua exclamação de horror, mas não conseguiu impedir seu corpo de tremer. Ele se envolveria diretamente? Aquela era, verdadeiramente, a mais terrível das perspectivas. Não conseguia se imaginar trabalhando com *ele* para...

— O restante de vocês ficará fora disso — continuou ele. — É tudo.

— Mas... — a palavra escapou dos lábios de Sophia. Não era possível retirá-la. E todas as suas décadas de trabalho? Todos os seus planos? Seus planos!

O que veio a seguir foi um longo rugido, capaz de fazer tremer a terra.

O som reverberou pela arquibancada, parecendo viajar ao redor de toda a pista de corrida em um átimo de segundo.

Sophia se encolheu. O ruído quase parecia estrondar *dentro* dela, atravessando a pele e atingindo o centro mais profundo do seu ser. Ela teve a sensação de que seu coração estivesse se despedaçando.

Lyrica e Vivina se aconchegaram junto a ela, com os olhos fechados. Até mesmo os Párias tremeram.

Justamente quando Sophia achou que aquele ruído jamais terminaria — o que seria a morte para ela —, ele deu lugar a um silêncio absoluto.

Por um instante.

Era o tempo suficiente para olhar ao redor e perceber que as outras pessoas na pista de corrida não haviam ouvido absolutamente nada.

Ao ouvido dela, ele sussurrou:

— Seu tempo nessa empreitada acabou. Nem ouse ficar no meu caminho.

Abaixo, ouviu-se outro tiro. O grande portão se abriu mais uma vez. Porém, o barulho dos cascos dos cavalos contra a terra parecia quase mínimo, como a mais leve das chuvas caindo sobre um bosque.

Antes que os cavalos cruzassem a linha de chegada, a figura atrás deles sumiu, deixando apenas pegadas de cascos, pretas como carvão, na arquibancada.

UM



SOB O FOGO

MOSCOU • 15 DE OUTUBRO DE 1941

Lucinda!

As vozes chegaram até ela na escuridão turva.

Volte!

Espere!

Ela as ignorou, apressando-se ainda mais. Ecos do seu nome ricochetearam nas paredes sombrias do Anunciador, fazendo com que ondas de calor serpenteassem pela sua pele. Essa voz seria de Daniel ou de Cam? De Ariane ou de Gabbe? Seria Roland, implorando que ela voltasse, ou Miles?

Os chamados se tornaram ainda mais difíceis de discernir, e até Luce não conseguia diferenciá-los entre bons ou maus, inimigos ou amigos. Deveria ser uma identificação simples, mas nada agora era fácil. Tudo o que antes fora branco e preto se mesclava em tons de cinza.

É claro que ambos os lados concordavam em um ponto: todos queriam tirá-la do Anunciador. Para sua própria *proteção*, diziam.

Não, obrigada.

Não agora.

Não após destruírem o quintal dos seus pais, transformando-o em mais um dos seus campos de batalha imundos. Ela era incapaz de pensar nos rostos dos seus pais sem desejar voltar — não que soubesse como fazer isso dentro de um Anunciador, de qualquer maneira. Além disso, era tarde demais. Cam havia tentado *matá-la*. Ou matar aquilo que pensava ser ela. E Miles a salvara, mas nem mesmo isso era simples. Ele só conseguira criar o reflexo dela porque gostava *demais* de Luce.

E Daniel? Será que ele gostava dela o bastante? Ela não saberia dizer.

No fim, quando o Pária se aproximara dela, Daniel e os outros olharam para Luce como se *ela* devesse alguma coisa a *eles*.

Você é nossa entrada no Céu, dissera-lhe o Pária. *O preço*. O que significava aquilo? Até duas semanas atrás, ela nem mesmo sabia da existência dos Párias. Eles, contudo, queriam algo dela — com tanta intensidade que eram capazes de enfrentar Daniel. Provavelmente, tinha algo a ver com a maldição, aquela que fazia com que Luce reencarnasse de vida em vida. Mas o que pensavam que Luce era capaz de fazer?

A resposta estaria enterrada ali, em algum lugar?

O estômago dela se revirava enquanto ela caía, insensatamente, em meio às sombras gélidas, nas profundezas do escuro Anunciador.

Luce...

As vozes começaram a sumir, a diminuir cada vez mais. Logo, mal passavam de sussurros. Era quase como se houvessem desistido. Até que...

Começaram a aumentar novamente. Tornavam-se mais altas e claras.

Luce...

Não. Ela fechou bem os olhos, para tentar não prestar atenção.

Lucinda...

Lucy...

Lucia...

Luschka...

Ela estava com frio, cansada e não queria escutá-las. Ao menos uma vez na vida, queria ser deixada em paz.

Luschka! Luschka! Luschka!

Seus pés bateram em algo, fazendo um "tum".

Algo muito, muito frio.

Ela estava em solo firme. Sabia que já não estava caindo, embora nada pudesse ver à sua frente exceto o véu da escuridão. Então, olhou para baixo, para seus tênis All Star.

E engoliu em seco.

Eles estavam mergulhados em um cobertor de neve que lhe chegava até a metade das canelas. O frio úmido ao qual ela estava acostumada — o túnel sombrio pelo qual viajara, afastando-se do seu quintal, até o passado — começava a dar lugar a outra coisa. Algo tempestuoso e absolutamente gelado.

Na primeira vez em que Luce havia atravessado um Anunciador (do seu quarto, em Shoreline, para Las Vegas), estava com seus amigos Shelby e Miles. No final da passagem, eles haviam encontrado uma barreira: uma cortina escura e sombria entre eles e a cidade. Por ser o único que lera os textos sobre travessias no tempo, Miles golpeara o Anunciador com movimentos circulares até que a sombra turva se soltasse dali. Até aquele momento, Luce não percebera que ele estava resolvendo um problema.

Dessa vez, não havia barreira. Talvez porque viajasse sozinha, através de um Anunciador convocado por sua própria e feroz força de vontade. Porém, a saída era fácil. Quase fácil demais. O véu da escuridão simplesmente se abriu.

Uma onda de frio atacou-a com grande violência, fazendo com que seus joelhos travassem. Suas costelas se enrijeceram e ela lacrimejou contra o vento repentino e cortante.

Onde ela estava?

Luce já estava arrependida do seu salto amedrontado para o passado. Sim, precisava de uma escapatória e, sim, queria rastrear seu passado para poupar seus "eus" anteriores de toda a dor e para entender que tipo de amor vivera com Daniel em todas as outras vezes. Para *senti-lo*, em vez de ouvir falar sobre ele por outras pessoas. Para compreender — e consertar — a maldição que fora lançada sobre ela e Daniel.

Mas não assim. Com frio, sozinha e completamente despreparada para fosse lá o lugar e a época em que ela se encontrava.

Viu uma rua coberta de neve à sua frente e um céu cinza-chumbo sobre prédios brancos. Ouviu algo se movendo à distância, mas não queria pensar no que tudo aquilo significava.

— Espere — sussurrou ela para o Anunciador.

A sombra se moveu de maneira incerta a uns 30 centímetros da ponta dos dedos de Luce. Ela tentou agarrá-la, mas o Anunciador a enganou, brilhando para longe. Ela pulou para apanhá-lo e agarrou um minúsculo pedacinho úmido dele entre os dedos...

Então, em um instante, o Anunciador se despedaçou em fragmentos pretos e macios sobre a neve. Eles desbotaram e desapareceram.

— Que ótimo — murmurou ela. — E agora?

À distância, a rua estreita se curvava para a esquerda e levava a um cruzamento sombreado. As calçadas tinham pilhas altas de neve que havia sido removida das ruas com uma pá e amontoada contra dois longos conjuntos de edifícios de pedra branca. Eles eram impressionantes, diferentes de tudo o que Luce já havia visto, com poucos andares e fachadas inteiramente esculpidas em fileiras de arcos brancos e colunas elaboradas.

Todas as janelas estavam escuras. Luce teve a impressão de que a cidade inteira estava mergulhada na escuridão. A única luz vinha de um solitário poste com um lampião a gás. Se havia lua, estava escondida por um lençol espesso de nuvens. Algo voltou a se mover no céu. Um trovão?

Luce enlaçou seus braços ao redor do peito. Ela estava congelando.

— Luschka!

Era uma voz feminina. Rouca e áspera, como a de alguém que passou a vida inteira dando ordens. Todavia, estava trêmula também.

— Luschka, sua idiota. Cadê você?

Parecia mais perto. Estava falando com Luce? Havia algo mais naquela voz, algo estranho, que Luce não conseguia definir muito bem.

Quando a mulher virou lentamente a esquina cheia de neve, Luce olhou em sua direção, tentando localizá-la. Era muito baixa, um pouco encurvada e tinha, talvez, uns 70 anos. Suas roupas pesadas pareciam grandes demais para seu corpo. Os cabelos estavam enfiados embaixo de um lenço grosso e preto. Quando ela viu Luce, seu rosto se contorceu em uma careta complexa.

— Onde você estava?

Luce olhou ao redor. Era a única pessoa na rua. A velha estava falando com ela.

— Aqui mesmo — ouviu-se dizer.

Em russo.

Ela levou uma das mãos à boca. Então era *isso* o que parecia tão bizarro na voz da mulher: ela falava um idioma que Luce nunca havia aprendido! Porém, Luce não apenas entendia cada palavra como conseguia respondê-la.

— Eu poderia matar você — disse a mulher, respirando pesadamente enquanto se apressava na direção de Luce e a abraçava.

Para uma mulher com aparência tão frágil, seu abraço era forte. O calor de outro corpo contra Luce, depois de um frio tão intenso, quase a fez querer chorar. Ela também a abraçou com força.

— Vovó? — sussurrou, os lábios próximos da orelha da mulher, de algum modo sabendo que era sua avó.

— Justo nessa noite, saio do trabalho e descubro que você sumiu — disse a mulher. — E agora você está saltitando por aí, no meio da rua, parecendo desorientada? Chegou a ir ao trabalho hoje? Cadê sua irmã?

Mais uma vez, aquele barulho no céu. Parecia que uma tempestade se aproximava. Rapidamente. Luce tremeu e balançou a cabeça. Não sabia.

— Rá — disse a mulher. — Não está mais tão tranquila. — Ela piscou ao olhar para Luce e afastou-a para examiná-la melhor. — Meu Deus, o que você está vestindo?

Luce se remexeu, inquieta, enquanto sua avó da vida passada olhava, boquiaberta, seus jeans e corria os dedos calejados pelos botões da sua camisa de flanela. Agarrou o rabo de cavalo curto e emaranhado de Luce.

— Às vezes, acho que você é tão insensata quanto seu pai; que ele descanse em paz.

— Eu só... — Os dentes de Luce batiam. — Não sabia que faria tanto frio.

A mulher cuspiu na neve para mostrar sua desaprovação e tirou o casaco.

— Tome isso, antes que encontre a morte — disse, enrolando o casaco rudemente ao redor de Luce, cujos dedos meio congelados lutaram para abotoá-lo. Depois sua avó desamarrou seu lenço do pescoço e enrolou-o na cabeça de Luce.

Um estrondo gigantesco vindo do céu assustou a ambas. Agora, Luce sabia que não era um trovão.

— O que foi isso? — sussurrou.

A velha a encarou.

— A guerra — balbuciou. — Perdeu o juízo junto com suas roupas? Venha. Precisamos ir.

Enquanto caminhavam com dificuldade sobre o calçamento de pedra e os trilhos da rua coberta por neve, Luce percebeu que a cidade não estava vazia, afinal. Poucos carros estavam estacionados ao longo da via, mas, ocasionalmente, vindo das escuras ruas paralelas, ela ouvia o relinchar suave de cavalos de carruagem aguardando ordens, sua respiração fria enchendo o ar. Silhuetas de corpos corriam sobre os telhados. Em um beco, um homem vestindo um casaco rasgado ajudava três crianças pequenas a atravessarem as portas em escotilha de um porão.

No final, a rua estreita se abria em uma avenida larga, ladeada por árvores e com uma visão ampla da cidade. Os únicos carros estacionados ali eram veículos militares. Tinham uma aparência antiquada, quase absurda, como relíquias de um museu de guerra: jipes com capotas de lona, para-choques gigantescos, volantes finos e o símbolo soviético, da foice e do martelo, pintado nas portas. Contudo, fora Luce e sua avó, não havia ninguém naquela rua. Tudo — exceto pelo horroroso barulho trovejante vindo do céu — era fantasmagórico, assustadoramente silencioso.

À distância, ela viu um rio, e, na outra margem, um enorme edifício. Mesmo na escuridão, ela conseguiu distinguir suas torres elaboradas e seus domos ornados e em formato de cebola, que pareciam ao mesmo tempo familiares e míticos. Aquilo levou um tempo para fazer sentido — e, então, o medo perpassou Luce.

Ela estava em Moscou.

E a cidade era uma zona de guerra.

Fumaça preta se erguia no céu cinzento, marcando os bolsões da cidade que haviam sido atingidos: à esquerda do vasto Kremlin, logo atrás dele, e novamente, à distância, na extrema direita. Não havia combates nas ruas ou sinal de que os soldados inimigos houvessem invadido a cidade a pé. Porém, as chamas que lambiam os edifícios carbonizados, o cheiro incendiário da guerra em toda a parte e a ameaça do que estava por vir eram, de certa maneira, ainda piores.

Essa era, de longe, a maior besteira que Luce já fizera — provavelmente em *todas* as suas vidas. Seus pais a *matariam* se soubessem onde ela estava. Talvez Daniel nunca voltasse a falar com ela.

Mas, e se eles nem mesmo tivessem a chance de ficar furiosos com ela? Ela poderia morrer ali mesmo, naquela zona de guerra.

Por que fizera aquilo?

Porque *precisava*. Foi difícil encontrar aquela pontinha de orgulho no meio do seu pânico, mas ela devia estar ali, escondida em algum lugar.

Ela *atravessara*. Sozinha. Para um local distante, em um passado longínquo que ela precisava compreender. Era isso o que ela queria. Fora manipulada como uma peça de xadrez por tempo suficiente.

Entretanto, o que deveria fazer agora?

Acelerou o passo e segurou com força a mão da avó. Estranho; aquela mulher não tinha noção sobre o que Luce estava passando,

sequer uma ideia concreta de quem ela era, e, ainda assim, o aperto seco da sua mão era a única coisa que fazia Luce seguir em frente.

— Para onde estamos indo? — perguntou Luce enquanto a avó arrastava-a por mais uma rua escura. O calçamento de pedra terminou e a via se tornou escorregadia. A neve atravessara a lona dos tênis de Luce, e seus dedos começavam a queimar por causa do frio.

— Buscar sua irmã, Kristina. — A velha fez uma carranca. — Aquela que passa as noites cavando trincheiras com as mãos nuas para que você possa descansar sua beleza. Lembra-se dela?

No lugar onde pararam não havia poste para iluminar a estrada. Luce piscou algumas vezes para ajudar seus olhos a se acostumarem. Elas estavam na frente do que parecia uma trincheira muito comprida, no centro da cidade.

Parecia haver umas cem pessoas ali. Todas vestidas até as orelhas. Algumas estavam de joelhos, cavando com pás. Outras cavavam com as mãos. Outras, ainda, estavam paradas, como se estivessem congeladas, observando o céu. Alguns soldados transportavam pesadas cargas de terra e de rocha em precários carrinhos de mão e carroças, para adicionar à barreira no final da rua. Seus corpos estavam escondidos sob pesados casacos militares de lã na altura dos joelhos que inflavam com o vento, mas, sob os capacetes de aço, seus rostos eram tão emagrecidos quanto o de qualquer civil. Lucinda entendeu que todos trabalhavam juntos — os homens de uniforme, as mulheres e as crianças —, para transformar sua cidade em uma fortaleza, fazendo o que podiam, até o último minuto, para impedir a entrada dos tanques inimigos.

— Kristina — chamou a avó, tendo na voz as mesmas notas de amor repleto de pânico que tinha quando estivera procurando por Luce.

Uma garota apareceu ao lado delas quase que instantaneamente.

— Por que demoraram tanto?

Alta e magra, com mechas de cabelos escuros escapando por baixo do chapéu de feltro, Kristina era tão linda que Luce precisou engolir um nó na garganta. Reconheceu imediatamente a garota como parte da família.

Ver Kristina lembrou-lhe de Vera, outra irmã de uma vida passada. Luce teve, possivelmente, cem irmãs ao longo do tempo. Mil. Todos com quem convivera haviam passado por algo parecido — irmãs, irmãos, pais e amigos que Luce deve ter amado e depois perdido. Nenhum deles soubera o que estava por vir. Todos foram deixados para trás para se lamentarem.

Talvez houvesse uma maneira de mudar isso, tornando as coisas mais fáceis para as pessoas que a haviam amado. Talvez isso fizesse parte daquilo que Luce poderia fazer nas suas vidas passadas.

O grande estrondo de uma explosão atravessou a cidade. Perto o bastante para fazer a terra tremer debaixo dos pés de Luce e ela sentir como se o tímpano do seu ouvido direito se partisse em dois. Na esquina, as sirenes do alarme antiaéreo dispararam.

— Baba. — Kristina segurou o braço da avó, e estava à beira das lágrimas. — Os nazistas... Estão aqui, não estão?

Os alemães. Era a primeira vez em que Luce fazia uma travessia no tempo sozinha, e caíra logo no meio da Segunda Guerra Mundial!

— Eles estão atacando Moscou? — a voz tremeu. — Esta noite?

— Deveríamos ter deixado a cidade junto com os outros — disse Kristina, amargamente. — Agora é tarde demais.

— E abandonar sua mãe, seu pai e seu avô? — Baba sacudiu a cabeça. — Deixá-los sozinhos nos seus túmulos?

— Ah, então é melhor nos juntarmos a eles no cemitério? — rebateu Kristina, que depois se esticou na direção de Luce e apertou seu braço. — Você sabia sobre o ataque aéreo? Você e seu amigo

kulak? Por isso não foi trabalhar hoje pela manhã? Você estava com ele, não estava?

O que sua irmã pensava que Luce poderia saber? Com quem ela teria estado?

Com quem, a não ser Daniel?

É claro. Luschka estaria com ele, agora. E, se os membros da sua própria família confundiam *aquela* Luschka com Luce...

Sentiu um aperto no peito. Quanto tempo ela ainda teria antes de morrer? E se conseguisse encontrar Luschka antes que isso acontecesse?

— *Luschka*.

Sua irmã e sua avó a encaravam.

— O que há de errado com ela esta noite? — perguntou Kristina.

— *Vamos*. — Baba fez uma carranca. — Você acha que os moscovitas deixarão seus porões abertos para sempre?

O longo zumbido das turbinas de um avião de caça soou acima delas. Perto o bastante para que, quando Luce olhasse para o céu, a suástica preta pintada nas laterais das asas fosse visível. Aquilo lhe causou um arrepio. Posteriormente, outro estrondo sacudiu a cidade, e o ar se tornou mais cáustico com a fumaça preta. Eles atingiram algo por perto. Duas explosões ainda maiores fizeram o chão tremer sob os pés dela.

Na rua, havia o caos. A multidão sumia das trincheiras; todos se espalhavam por uma dúzia de ruas estreitas. Alguns desciam correndo as escadas da estação do metrô na esquina para esperar, embaixo da terra, o fim do bombardeio; outros desapareciam por portas escuras.

Luce viu, de relance, a um quarteirão de distância, alguém correndo: uma garota, mais ou menos da sua idade, usando um chapéu vermelho e um longo casaco de lã. Ela virou a cabeça por

apenas um segundo antes de continuar correndo. Foi o suficiente para Luce saber.

Lá estava ela.

Luschka.

Ela se desvencilhou do braço de Baba.

— Desculpe. Preciso ir.

Luce respirou fundo e correu rua abaixo em direção à fumaça que se enovelava, rumo ao bombardeio mais pesado.

— Você perdeu o juízo? — berrou Kristina. No entanto, não a seguiram: precisariam ser muito tolas para isso.

Luce não conseguia sentir os pés enquanto tentava correr pela neve que cobria as calçadas, na altura das suas panturrilhas. Quando chegou à esquina onde vira seu eu do passado, de chapéu vermelho, ela desacelerou. Então, inspirou com força.

Um edifício que ocupava metade do quarteirão, bem na frente dela, havia desmoronado. As pedras brancas estavam manchadas por cinzas. Um fogo ardia no fundo da cratera na lateral do edifício.

A explosão cuspiu, de dentro do prédio, pilhas de escombros irreconhecíveis. A neve estava manchada de vermelho. Luce recuou, horrorizada, até perceber que as manchas não eram de sangue, mas de pedaços de seda vermelha. O lugar era, possivelmente, uma alfaiataria. Várias araras de roupas queimadas se espalharam pela rua. Um manequim estava caído na sarjeta, em chamas. Luce precisou cobrir a boca com o lenço da avó para não sufocar com a fumaça. Em todo lugar que pisava havia vidro quebrado e pedaços de pedra.

Ela deveria voltar — encontrar a avó e a irmã, que a ajudariam a conseguir abrigo —, mas não podia. Precisava encontrar Luschka. Nunca estivera tão próxima de um dos seus "eus" do passado. Luschka talvez pudesse ajudá-la a entender por que sua vida atual era diferente. Por que Cam atirara uma seta estelar no reflexo dela,

pensando que era realmente ela, e dissera a Daniel: “Foi um fim melhor para Luce.” Um fim melhor do que qual?

Ela se virou devagar, procurando um vislumbre do chapéu vermelho na noite.

Ali.

A garota corria morro abaixo, em direção ao rio. Luce começou a correr também.

As duas corriam exatamente no mesmo ritmo. Quando Luce se encolheu ante o som de uma explosão, Luschka fez o mesmo — em um eco esquisito do movimento de Luce. E, quando elas chegaram às margens do rio e a cidade se tornou visível, Luschka parou na exata posição que Luce.

Cinquenta metros à frente de Luce, sua imagem espelhada começou a soluçar.

Uma parte tão grande de Moscou queimava! Tantas casas destruídas! Luce tentou pensar nas outras vidas sendo destroçadas por toda a cidade, mas elas pareciam distantes e inalcançáveis, como algo sobre o que ela houvesse lido em um livro de história.

A garota voltou a se movimentar. Corria tão rápido que Luce não conseguiria alcançá-la, se desejasse. Elas correram ao redor de crateras gigantes abertas na estrada pavimentada. Passaram rapidamente por edifícios em chamas que estalavam, fazendo o terrível barulho que o fogo faz quando atinge um novo alvo. Passaram correndo por caminhões militares destruídos e capotados, com braços escurecidos saindo das laterais.

Então, Luschka virou à esquerda em uma rua e Luce perdeu-a de vista.

A adrenalina aumentou. Luce continuou em frente, os pés batendo com mais força e mais rápido na rua cheia de neve. As pessoas correm

nessa velocidade apenas quando estão desesperadas. Quando algo maior que elas as incita.

Luschka só poderia estar correndo em direção a uma coisa.

— Luschka...

A voz dele.

Onde ele estava? Por um momento, Luce esqueceu-se do seu eu do passado, esqueceu-se da garota russa cuja vida corria o risco de acabar a qualquer instante, e esqueceu-se de que esse Daniel não era o *seu* Daniel, porém...

É claro que era.

Ele nunca morreu. Sempre esteve ali. Sempre foi dela, e ela sempre foi dele. Tudo o que queria era encontrar seus braços, enterrar-se no abraço dele. Ele saberia o que ela deveria fazer, seria capaz de ajudá-la. Por que duvidara dele?

Correu, atraída pela sua voz. No entanto, não conseguia ver Daniel em parte alguma. Nem Luschka. A um quarteirão do rio, Luce parou em um cruzamento.

Sua respiração parecia presa nos pulmões congelados. Uma dor fria e latejante descia pelos seus ouvidos, e feridas lhe machucavam tanto os pés que se manter em pé era algo quase insuportável.

Em qual direção deveria ir?

À sua frente, havia uma área vasta e cheia de entulhos, isolada da rua por andaimes e por uma cerca de ferro. Porém, mesmo na escuridão, Luce podia perceber que se tratava de uma demolição antiga, não de algo que foi destruído por uma bomba aérea.

Não parecia grande coisa; apenas uma dolina feia e abandonada. Luce não sabia por que continuava ali, por que parara de correr atrás da voz de Daniel...

Até que ela segurou a cerca, piscou e percebeu o reflexo de algo brilhante.

Uma igreja. Uma igreja branca e majestosa preenchendo aquele buraco. Um tríptico gigantesco de arcadas de mármore na fachada frontal. Cinco torres douradas que se erguiam alto, na direção do céu. E, dentro, fileiras de bancos de madeira encerada que iam até onde os olhos podiam ver. Um altar em cima de um lance de escadas brancas. E todas as paredes e abóbadas altas cobertas por afrescos maravilhosamente ornados. Anjos por toda a parte.

A Igreja de Cristo, o Salvador.

Como Luce sabia daquilo? Por que sentia com cada fibra do seu ser que aquele nada fora um dia uma formidável igreja branca?

Porque estivera ali, momentos antes. Viu as impressões digitais de alguém sobre as cinzas: Luschka também parara ali, olhara as ruínas da igreja e sentira algo.

Luce segurou a cerca, piscou novamente e viu a si mesma — ou a Luschka — quando menina.

Estava sentada na igreja, em um dos bancos, usando um vestido de renda branca. Um órgão tocava enquanto as pessoas enchiam o local antes da missa. O belo homem à sua esquerda devia ser seu pai; e a mulher perto dele, sua mãe. Ali estavam a avó que Luce acabara de ver e Kristina. Ambas pareciam mais jovens, mais bem alimentadas. Luce lembrou-se da avó dizendo que seu pai e sua mãe estavam mortos, mas ali eles pareciam tão vivos. Pareciam conhecer todo mundo e cumprimentavam cada família que passava pelo seu banco. Luce estudou seu eu, observando o pai apertando a mão de um jovem loiro bonito. O jovem se inclinou na direção do banco e sorriu para ela. Ele tinha lindos olhos cor de violeta.

Ela piscou novamente, e a visão desapareceu. O local voltou a ser nada mais que entulho. Ela congelava. E estava sozinha. Outra bomba explodiu, do outro lado do rio, e o choque fez Luce cair de joelhos. Ela cobriu o rosto com as mãos...

Então, ouviu alguém chorando baixinho. Ergueu a cabeça e olhou, piscando, para a escuridão mais profunda das ruínas, então o viu.

— Daniel — sussurrou. Ele parecia igual. Quase irradiava luz, mesmo naquela escuridão congelante. Os cabelos loiros pelos quais ela nunca se cansava de correr os dedos; os olhos violeta-cinzentos que pareciam feitos para prender o olhar dela. Aquele rosto formidável, com traços bem definidos, e aqueles lábios. Seu coração bateu fortemente, e ela precisou se segurar ainda mais na cerca para não correr até ele.

Porque ele não estava sozinho.

Estava com Luschka. Consolando-a, afagando-lhe a face e beijando-lhe as lágrimas para que não chorasse mais. Seus braços estavam enlaçados, com as cabeças inclinadas para a frente em um beijo infinito. Estavam tão perdidos naquele abraço que pareceram não sentir a rua ondular e estremecer por causa de mais uma explosão. Davam a impressão de que somente eles existiam.

Não havia espaço entre seus corpos. A penumbra era intensa demais para ver onde um começava e o outro terminava.

Lucinda levantou e se arrastou para a frente, movendo-se de uma pilha de entulho para outra, simplesmente porque desejava estar mais perto dele.

— Achei que nunca mais o encontraria — Luce ouviu seu eu do passado dizer.

— Sempre nos encontraremos — respondeu Daniel, erguendo-a do chão e abraçando-a, trazendo-a ainda mais para perto. — Sempre.

— Ei, vocês dois! — gritou uma voz, de uma porta em um edifício próximo. — Estão vindo?

Do outro lado da praça vazia, um pequeno grupo de pessoas era levado para dentro de um prédio de pedra, por um homem cujo rosto Luce não conseguiu ver. Era para onde Luschka e Daniel se dirigiam.

Aquele deve ter sido o plano deles desde o início: abrigarem-se dos bombardeios juntos.

— Sim! — gritou Luschka para os outros. Ela olhou para Daniel. — Vamos com eles.

— Não — a voz dele era breve, nervosa. Luce conhecia bem demais aquele tom. — Estaremos mais seguros na rua. Não foi por isso que concordamos em nos encontrar aqui?

Daniel se virou para olhar para trás; seus olhos passaram pelo local onde Luce estava escondida. Quando o céu se acendeu com outra rodada de explosões vermelhas e douradas, Luschka gritou e enterrou o rosto no peito de Daniel. Portanto, Luce foi a única que pôde ver a expressão dele.

Algo o agoniava. Algo maior que o medo das bombas.

Oh, não.

— Daniil! — O garoto próximo ao edifício continuava segurando a porta aberta do abrigo. — Luschka! Daniil!

Todos os outros estavam dentro do prédio.

Foi quando Daniil virou Luschka e aproximou seus lábios do ouvido dela. No seu esconderijo, Luce morreu de vontade de saber o que ele sussurrava, e se era alguma das coisas que Daniel dizia a *ela* quando estava chateada ou devastada. Quis correr até eles e afastar Luschka, mas não podia. Algo dentro dela não permitia que ela se movesse.

Ela se fixou na expressão de Luschka, como se sua vida dependesse disso.

Talvez dependesse mesmo.

Luschka assentia enquanto Daniil falava, e seu rosto, antes aterrorizado, parecia calmo, quase tranquilo. Ela fechou os olhos. Assentiu mais uma vez. Depois inclinou a cabeça para trás, e um sorriso se formou lentamente nos seus lábios.

Um sorriso?

Mas, por quê? Como? Era quase como se ela soubesse o que estava prestes a acontecer.

Daniil abraçou-a e inclinou-a para baixo. Depois, inclinou-se para dar-lhe mais um beijo, pressionando os lábios firmemente contra os dela e correndo as mãos pelos seus cabelos e, então, pelos lados do seu corpo, por cada centímetro dela.

Era algo tão apaixonado que Luce corou; tão íntimo que ela não pôde respirar; tão lindo que não conseguiu desviar o olhar. Nem por um segundo.

Nem mesmo quando Luschka gritou.

E explodiu em uma coluna de chamas brancas.

O ciclone de chamas era algo sobrenatural, fluido e quase elegante de um modo amedrontador, como uma longa echarpe de seda que se retorcesse contra aquele corpo claro. Luschka foi engolfada pelo ciclone, que fluiu ao redor dela, iluminando o espetáculo dos seus membros em chamas, debatendo-se, debatendo-se — e depois não mais. Daniil não a soltou: nem quando o fogo chamuscou suas roupas, nem quando precisou suportar todo o peso do corpo frouxo e inconsciente de Luschka, nem quando as chamas queimaram a carne dela, com um sibilo feio e pungente, nem quando a pele começou a se carbonizar e escurecer.

Somente quando as labaredas não se apagaram — tão rapidamente quanto o apagar de uma vela — e não havia nada o que segurar, nada além de cinzas, Daniil deixou seus braços penderem ao longo do corpo.

Nem em todos os sonhos mais loucos de Luce sobre reviver suas vidas passadas ela imaginara aquilo: a própria morte. A realidade era mais terrível que o que seus pesadelos mais sombrios poderiam

vislumbrar. Ela continuou ali, parada na neve gelada, paralisada por aquela visão, com seu corpo desprovido da capacidade de se mover.

Daniil recuou diante da massa carbonizada sobre a neve e começou a chorar. As lágrimas que corriam pela sua face abriam trilhas claras na fuligem escura, que era tudo o que restara dela. O rosto de Daniil se retorcia. Suas mãos tremiam. Pareciam, aos olhos de Luce, nuas, grandes e vazias, como se (embora o pensamento a fizesse sentir estranhamente ciumenta) o lugar daquelas mãos fosse ao redor da cintura de Luschka, nos seus cabelos, envolvendo seu rosto. O que se poderia fazer com as mãos quando a única coisa que elas desejavam segurar sumira de repente, de maneira tão medonha? Uma garota inteira, uma vida inteira, desaparecera.

A dor no rosto de Daniil tomou conta do coração de Luce e o apertou, esgotando-a completamente. Mesmo com toda a dor e a confusão que ela experimentava, ver a agonia dele era pior.

Ele se sentia assim a cada vida.

A cada morte.

Sempre, sempre e sempre.

Luce errara ao imaginar que Daniel era egoísta. Não é que ele fosse indiferente: ele se importava tanto que aquilo o destroçava. Ela odiava a amargura e os resguardos dele em relação a tudo, mas subitamente as entendeu. Miles talvez a amasse, mas seu amor não era nada em comparação com o de Daniel.

Jamais poderia ser.

— Daniel! — gritou ela, saindo das sombras e correndo até ele.

Desejava retribuir todos os beijos e abraços que vira Daniel dar em seu eu do passado. Sabia que aquilo estava errado, que tudo aquilo estava errado.

Os olhos de Daniil se arregalaram. Um olhar de horror abjeto cruzou seu rosto.

— O que é isso? — disse ele, devagar e acusadoramente. Como se não houvesse acabado de deixar Luschka morrer. Como se o fato de Luce estar ali fosse pior que ver Luschka morrer. Ele ergueu a mão, manchada com as cinzas, e apontou para Luce. — O que está acontecendo?

Que agonia vê-lo a olhar daquele jeito! Ela parou onde estava e piscou para afastar as lágrimas.

— Responda a pergunta — disse alguém, uma voz vinda das sombras. — Como chegou até aqui?

Luce reconheceria aquela voz presunçosa em qualquer lugar. Não precisava ver Cam surgir na porta do abrigo antibombas.

Com um estalo suave e um ruflar como o de uma enorme bandeira sendo desenrolada, ele abriu suas grandes asas. Elas se estenderam atrás dele, tornando-o ainda mais magnificente e intimidador que normalmente. Luce não conseguia desviar o olhar. As asas lançavam um brilho dourado na rua escura.

Luce o observava, tentando entender a cena à sua frente. Havia mais deles, mais figuras escondidas nas sombras. Todas deram um passo à frente.

Gabbe. Roland. Molly. Ariane.

Todos estavam ali, com suas asas ligeiramente arqueadas para a frente. Formavam um mar de dourado e de prateado, que cintilava na rua escura a ponto de ofuscar a visão de uma pessoa. Eles pareciam tensos. As pontas das suas asas tremiam, como se estivessem prontos para entrar em uma batalha.

Pela primeira vez, Luce não se sentiu intimidada pela glória daquelas asas ou pelo peso daqueles olhares. Sentiu-se enojada.

— Vocês assistem *sempre*? — perguntou.

— Luschka — disse Gabbe, com uma voz monótona. — Simplesmente diga a ele o que está acontecendo.

Então, Daniil se aproximou e agarrou-lhe os ombros, sacudindo-a.

— Luschka!

— Não sou Luschka! — berrou Luce, desvencilhando-se dele e recuando alguns passos.

Estava horrorizada. Como eles podiam viver em paz consigo mesmos? Como podiam simplesmente observarem-na morrer?

Era demais. Ela não estava preparada para ver aquilo.

— Por que está me olhando assim? — perguntou Daniil.

— Ela não é quem você pensa, Daniil — disse Gabbe. — Luschka está morta. Essa é... Essa é...

— O *que é ela?* — perguntou Daniil. — Como ela está aqui? Quando...

— Olhe as roupas dela. Obviamente...

— Cale a boca, Cam, talvez não seja ela — interrompeu Ariane, mas também parecia ter medo de que Luce fosse aquilo que Cam diria. Ouviu-se outro zumbido no ar e, então, choveu uma artilharia sobre os edifícios do outro lado da rua, desorientando Luce e incendiando um armazém de madeira. Os anjos não tinham qualquer preocupação com a guerra ao seu redor, somente com ela. Havia 6 metros entre Luce e eles, e a desconfiança parecia recíproca. Ninguém se aproximou.

À luz do prédio em chamas, a sombra de Daniil foi projetada para a frente do seu corpo. Luce se concentrou em convocá-la para si. Será que daria certo? Seus olhos se estreitaram e cada músculo do seu corpo se tensionou. Ela ainda era muito desajeitada nisso, e nunca sabia o que precisava fazer para capturar a sombra.

Quando as linhas escuras começaram a se agitar, ela atacou. Agarrou a sombra com as duas mãos e começou a enrolar aquela massa escura em uma bola, como vira seus professores, Steven e Francesca, fazerem com uma sombra em um dos primeiros dias dela

em Shoreline. Os Anunciadores recém-chamados eram sempre confusos e amorfos. Precisavam, primeiramente, serem girados para adquirir um contorno distinto; somente então poderiam ser puxados e esticados, para se tornarem uma superfície mais larga. Então, o Anunciador se transformaria em uma tela por meio da qual se poderia vislumbrar o passado ou em um portal que poderia ser atravessado.

O Anunciador estava pegajoso, mas ela rapidamente abriu-o e fez com que adquirisse forma. Inclinou o braço para dentro dele e abriu o portal.

Não podia mais continuar ali. Tinha uma missão: encontrar-se viva em outra época, descobrir a que preço os Párias se referiam e, depois, rastrear a origem da maldição que existia entre ela e Daniel.

Para, então, quebrá-la.

Os outros soltavam exclamações enquanto ela manipulava o Anunciador.

— Quando você aprendeu a fazer isso? — sussurrou Daniil.

Luce balançou a cabeça. Sua explicação apenas desconcertaria Daniil.

— Lucinda! — A última coisa que ouviu foi ele chamando seu verdadeiro nome.

Era estranho; ela olhava para o rosto contorcido dele, mas não viu seus lábios se moverem. Sua mente lhe enganava.

— Lucinda! — gritou ele outra vez, mais alto devido ao pânico, antes de Luce mergulhar na escuridão.

DOIS



ENVIADO PELO CÉU

MOSCOU • 15 DE OUTUBRO DE 1941

— Lucinda! — gritou novamente Daniel, mas era tarde demais. Naquele instante, ela já havia desaparecido. Ele acabara de emergir na paisagem fria, tomada pela neve. Sentira uma luz brilhar atrás de si e o calor de um incêndio por perto, mas somente conseguia ver Luce. Correu na direção dela, virando a esquina da rua escurecida. Ela parecia minúscula dentro do casaco surrado de outra pessoa. Parecia amedrontada. Ele a observou abrir uma sombra e depois...

— Não!

Um míssil caiu sobre um prédio atrás dele. A terra tremeu. A rua ofereceu resistência, mas depois se abriu. Uma nuvem de vidro, aço e concreto se formou no alto e, em seguida, caiu.

Então a rua mergulhou em um silêncio mortal. Porém, Daniel mal o notou: simplesmente continuou ali, sem acreditar, em meio aos escombros.

— Ela está entrando ainda mais no passado — balbuciou ele, limpando a poeira dos seus ombros.

— Ela está entrando ainda mais no passado — repetiu alguém.

Aquela voz. *Dele*. Seria um eco?

Não, era próxima demais. E clara demais para ter vindo da sua cabeça.

— Quem disse isso? — Ele passou correndo por um emaranhado de andaimes até onde Luce estivera.

Houve duas exclamações.

Daniel encarava a si mesmo. Não exatamente a si, mas a uma versão mais antiga de si próprio, ligeiramente menos cínica. Porém, de quando? Onde ele estava?

— Não se toquem! — berrou Cam para as duas versões de Daniel.

Ele vestia um uniforme militar, com botas, e um pesado casaco preto. Ao ver Daniel, seus olhos cintilaram.

Sem perceber, as duas versões haviam se aproximado, rodeando um ao outro em um círculo cauteloso sobre a neve. Então, recuaram.

— Fique longe de mim — advertiu o mais velho ao outro. — É perigoso.

— Eu sei! — retrucou Daniel. — Pensa que não sei? — Só de ficar assim tão perto do outro, seu estômago se revirou. — Estive aqui antes. Eu sou *você*.

— O que quer?

— Eu... — Daniel olhou ao redor, tentando se localizar. Após milhares de anos de vida, amando e perdendo Luce, o tecido das suas memórias se tornara gasto. A repetição tornava difícil rememorar o passado. Aquele lugar, entretanto, não estava tão distante no tempo; ele se lembrava dali.

Uma cidade desolada. Neve nas ruas. Fogo no céu.

Poderia ter sido qualquer uma entre cem guerras.

Mas, ali...

Havia o local na rua onde a neve derretera. Uma cratera escura naquele mar branco. Daniel caiu de joelhos e estendeu a mão em direção ao círculo de cinzas escuras que manchava o chão. Fechou os olhos. E lembrou-se da maneira exata como ela morrera nos seus braços.

Moscou. 1941.

Era isso o que ela estava fazendo: viajando para suas vidas passadas. Na esperança de compreender.

A questão era que não havia sentido algum nas suas mortes. Mais que qualquer um, *isso* Daniel sabia.

Entretanto, em *algumas* vidas passadas ele tentara explicar certas coisas para ela, esperando que isso mudasse algo. Certas vezes, teve esperança de mantê-la viva por mais tempo, embora nunca desse muito certo. Outras vezes — como durante o cerco de Moscou — ele escolheu enviá-la mais rapidamente ao seu destino. Para poupá-la. Para que seu beijo fosse a última coisa que ela sentisse naquela vida.

No entanto, aquelas vidas lançaram as mais compridas sombras na eternidade. Foram as que se destacaram e atraíram Luce, como limagens a um ímã, à medida que ela transitava pelos Anunciadores. Aquelas vidas em que ele lhe revelara o que ela precisava saber, mesmo consciente de que isso a destruiria.

Como a morte dela em Moscou. Ele se lembrou daquilo intensamente e se sentiu ridículo. As palavras ousadas que ele lhe sussurrou, o beijo profundo que lhe deu. A compreensão exultante no rosto dela enquanto morria. Nada daquilo mudou alguma coisa. O fim de Luce foi exatamente o mesmo.

E Daniel também continuou exatamente o mesmo: frio. Escuro. Vazio. Destroçado. Inconsolável.

Gabbe deu um passo à frente, para chutar um pouco de neve sobre o círculo de cinzas onde Luschka morrera. Suas asas levíssimas

cintilaram na noite e uma aura brilhante rodeou seu corpo quando ela se inclinou sobre a neve. Ela chorava.

Os outros também se aproximaram: Cam. Roland. Molly. Ariane.

E Daniil, o Daniel do passado distante, completava aquele grupo diversificado.

— Se você veio para nos advertir de alguma coisa — gritou Ariane –, dê logo seu recado e vá embora. — Suas asas iridescentes se dobraram para a frente, quase de maneira protetora. Ela deu um passo em direção a Daniil, que parecia um pouco esverdeado.

Era contra a lei, além de antinatural, que anjos interagissem com seus "eus" anteriores. Daniel suava frio e sentia-se tonto — se o motivo era ter sido obrigado a reviver a morte de Luce ou estar tão perto do seu antigo eu, ele não saberia dizer.

— Advertir? — zombou Molly, andando em círculo ao redor de Daniel. — Por que Daniel Grigori se daria ao trabalho de nos advertir sobre alguma coisa? — Ela chegou mais perto, provocando-o com suas asas cor de cobre. — Não, eu lembro o que ele está planejando: esse aí viaja pelo passado há séculos. Sempre procurando, mas sempre atrasado.

— Não — sussurrou Daniel. Não poderia ser. Ele estava determinado a encontrá-la, e era o que faria.

— O que ela quis dizer foi: o que o trouxe até aqui? De onde você veio? — perguntou Roland a Daniel.

— Quase me esqueci... — interrompeu Cam, massageando suas têmporas. — Ele está em busca de Lucinda. Ela caiu do tempo. — Ele virou-se para Daniel e ergueu uma das sobrancelhas. — Será que agora você engolirá o orgulho e pedirá nossa ajuda?

— Não preciso de ajuda.

— Está parecendo que sim — zombou Cam.

— Fique fora disso — disparou Daniel. — Você nos dará novos problemas mais tarde.

— Ah, que divertido. — Cam bateu palmas. — Você acaba de me dar algo pelo que esperar ansiosamente.

— Esse jogo é perigoso, Daniel — disse Roland.

— *Eu sei.*

Cam soltou uma gargalhada sombria e sinistra.

— Então, finalmente chegamos ao fim da linha, não é?

Gabbe engoliu em seco.

— Então... algo mudou?

— Ela está descobrindo tudo! — respondeu Ariane. — Está abrindo os Anunciadores, atravessando o tempo, e continua *viva*!

Os olhos violeta de Daniel faiscaram. Ele se virou de costas para todos eles e voltou a olhar para as ruínas da igreja, o primeiro lugar onde vira Luschka.

— Não posso ficar. Preciso encontrá-la.

— Bem, pelo que lembro — disse Cam suavemente —, você jamais conseguirá. O passado já foi escrito, irmão.

— Talvez o seu passado, mas não meu futuro. — Daniel não conseguia pensar corretamente. Suas asas queimavam dentro do seu corpo, ansiando para serem libertadas. Ela se fora. A rua estava vazia. Não havia ninguém com quem se preocupar.

Ele atirou os ombros para trás e deixou que suas asas se abrissem, com um som alto. Pronto. Aquela leveza. Aquela mais profunda liberdade. Agora, conseguiria pensar com mais clareza. O que ele precisava era de um instante sozinho. Consigo. Lançou um olhar ao outro Daniel e alçou voo pelos céus.

Momentos depois, ouviu-se aquele som novamente: o mesmo ruflar de asas se abrindo — era o som de outro par de asas, asas mais jovens, fugindo do chão.

A versão anterior de Daniel encontrou-se com ele no céu.

— Aonde vamos?

Sem uma palavra, eles se abrigaram no peitoril de um prédio de três andares perto do lago do Patriarca, exatamente em frente à janela de Luce, de onde costumavam observá-la dormir. A recordação era mais viva na mente de Daniil, mas mesmo a fraca lembrança de Luce deitada, sonhando sob as cobertas, ainda era capaz de fazer com que uma onda de calor subisse pelas asas de Daniel.

Ambos estavam melancólicos. Na cidade bombardeada, era triste e irônico o fato de o prédio dela ter sido poupado, mas ela não. Ficaram em silêncio na noite fria, tomando cuidado para manter as asas guardadas para que elas não se tocassem sem querer.

— Como são as coisas para ela no futuro?

Daniel suspirou.

— A boa notícia é que algo mudou nessa vida de Luce. De alguma forma, a maldição foi... alterada.

— Como? — Daniil olhou para cima, e a esperança que brilhava intensamente nos seus olhos se escureceu. — Você quer dizer que ela *ainda* não fez um pacto?

— Acreditamos que não, mas isso é apenas uma parte. Parece que uma brecha se abriu e permitiu que ela vivesse mais do que normalmente...

— Mas isso é muito perigoso — Daniil falava rápido, sem se interromper, cuspindo o mesmo discurso que ocupava a mente de Daniel desde a última noite no Sword & Cross, quando ele percebeu que, dessa vez, seria diferente. — Ela pode morrer e não voltar mais. Seria *o* fim. Absolutamente tudo está em risco agora.

— *Eu sei.*

Daniil parou de falar e se recompôs.

— Desculpe. É claro que sabe. Mas... A questão é: ela sabe por que sua vida atual é diferente?

Daniel olhou para suas mãos vazias.

— Um dos Anciãos do Zhsmaelin abordou-a e interrogou-a antes de Luce saber algo a respeito do seu passado. Lucinda notou que todo mundo está focado no fato dela não ter sido batizada... Porém, há muito que ela não sabe.

Daniil andou até o peitoril e olhou para a janela escura.

— Então, qual é a má notícia?

— Temo que também haja muito que *eu* não saiba. Não posso prever as consequências da fuga dela para o passado se não a encontrar, e impedi-la, antes que seja tarde demais.

Na rua abaixo, ouviu-se uma sirene. O ataque aéreo havia chegado ao fim. Logo, os russos sairiam dos abrigos para rondar a cidade em busca de sobreviventes.

Daniel vasculhou sua memória. *Luce estava entrando ainda mais no passado... Contudo, para qual vida?* Virou-se para olhar firmemente sua versão anterior.

— Você também se lembra, não é?

— De que ela... está voltando ao passado?

— Sim, mas até onde? — Eles falaram ao mesmo tempo, olhando a rua escura.

— E aonde ela irá parar? — perguntou Daniel abruptamente, recuando da beirada do peitoril. Fechou os olhos e respirou fundo. — Luce está diferente. Está... — Ele quase podia sentir o cheiro dela. Limpo, luz pura, como raios de sol. — Algo fundamental mudou. Finalmente temos uma oportunidade verdadeira. E eu... nunca me senti tão feliz... Nem tão aterrorizado. — Ele abriu os olhos e ficou surpreso ao ver Daniil assentir.

— Daniel?

— Sim?

— O que você está esperando? — perguntou Daniil, com um sorriso. — Vá atrás dela.

Ao ouvir isso, Daniel abriu uma sombra ao longo do peitoril do telhado — um Anunciador — e entrou nela.

TRÊS



OS TOLOS SE APRESSAM PARA CHEGAR

MILÃO, ITÁLIA • 25 DE MAIO DE 1918

Luce saiu cambaleando do Anunciador, ao som de explosões. Ela mergulhou para o chão e cobriu os ouvidos.

Explosões violentas faziam o chão tremer. Uma após a outra, cada uma mais estrondosa e paralisante que a anterior, até o som e os tremores reverberarem tanto que parecia não haver intervalos no ataque, nenhuma maneira de escapar do barulho e nenhum final.

Luce caiu na escuridão retumbante, encolhida, tentando proteger o corpo. As explosões ecoavam no seu peito e lançavam terra nos seus olhos e boca.

Tudo antes de ter a chance de perceber aonde havia chegado. A cada explosão, ela vislumbrava campos atravessados por aquedutos e cercas caídas. Porém, o brilho sumia e ela voltava a não enxergar.

Bombas. Elas continuavam explodindo.

Algo estava errado. Luce quisera viajar no tempo, fugir de Moscou e da guerra, mas provavelmente caíra exatamente no mesmo lugar.

Roland a advertira sobre isso, sobre os perigos das viagens através dos Anunciadores. No entanto, ela fora teimosa demais para escutar.

Na escuridão preta como breu, Luce tropeçou em algo e caiu com força na terra.

Alguém resmungou. Alguém sobre quem Luce caíra.

Ela soltou uma exclamação e se encolheu, sentindo uma pontada no quadril, sobre onde caíra. Porém, quando viu o homem deitado no chão, esqueceu-se da própria dor.

Ele era jovem, mais ou menos da idade dela. Pequeno, com traços delicados e tímidos olhos castanhos. Seu rosto estava pálido. A respiração vinha em arfadas. A mão em concha sobre a barriga estava coberta por fuligem. E, embaixo daquela mão, seu uniforme estava ensopado de sangue.

Luce não conseguia desviar o olhar daquela ferida.

— Eu não deveria estar aqui — sussurrou para si mesma.

Os lábios do garoto se mexeram. Sua mão ensanguentada tremeu quando ele fez o sinal da cruz sobre o peito.

— Oh, eu morri — disse, fitando Luce com olhos arregalados. — Você é um anjo. Morri e fui parar no... Isso aqui é o Céu?

Ele estendeu a mão trêmula na direção dela. Ela teve vontade de berrar ou de vomitar, mas somente conseguiu cobrir as mãos dele e voltar a apertar, com elas, o buraco no ventre dele. Outra explosão sacudiu o chão e o garoto deitado. Sangue fresco escorreu entre os dedos de Luce.

— Eu me chamo Giovanni — sussurrou ele, fechando os olhos. — Por favor, me ajude. Por favor.

Luce percebeu que não estava em Moscou. O chão sob seus pés era mais quente. Não era coberto por neve, mas por um gramado destruído em alguns trechos, mostrando a terra escura e rica. O ar era

seco e empoeirado. O garoto havia falado com ela em italiano, e, do mesmo modo que em Moscou, ela entendeu.

Os olhos dela se acostumaram à luminosidade. À distância, pôde ver holofotes de busca rondando sobre morros em tom púrpura. Para além deles, o céu noturno estava pontilhado por estrelas brancas e brilhantes. Luce virou as costas. Não podia ver estrelas sem pensar em Daniel, e não poderia pensar nele naquele momento. Não quando tinha as mãos pressionadas contra a barriga desse garoto, não quando ele estava prestes a morrer.

Ao menos, ele *ainda* não havia morrido.

Apenas achara que sim.

Ela não podia culpá-lo. Depois que foi atingido, provavelmente entrara em estado de choque. E, então, talvez a houvesse visto sair do Anunciador, um túnel escuro que surgira do nada. Deve ter ficado aterrorizado.

— Você vai ficar bem — disse ela, pronunciando as palavras no italiano perfeito que sempre quisera aprender. Soou surpreendentemente natural. A voz dela era mais suave e macia que esperava, o que a fez imaginar como teria sido sua aparência naquela vida.

Uma sequência de tiros estrondosos fez com que ela desse um pulo. Tiros de canhão. Intermináveis, em sucessão rápida; sinalizadores iluminados cruzando o céu, linhas brancas incandescentes, seguidos por uma enorme quantidade de gritos em italiano. E, então, o barulho de passos sobre a terra. Aproximando-se.

— Estamos batendo em retirada — balbuciou o garoto. — Isso não é bom.

Luce olhou em direção aos soldados que corriam na direção deles e percebeu, pela primeira vez, que ela e o soldado ferido não estavam sozinhos. Ao menos mais dez homens estavam caídos ao redor deles,

gemendo, tremendo e sangrando sobre a terra escura. Suas roupas estavam chamuscadas e rasgadas por causa de uma mina terrestre que devia tê-los apanhado de surpresa. O forte odor de podridão, suor e sangue pairava pesadamente no ar, cobrindo tudo. Era tão horrível... Luce precisou morder o lábio para não gritar.

Um homem, em um uniforme militar, passou correndo por ela e parou.

— O que *ela* está fazendo aqui? É uma zona de guerra, não um lugar para enfermeiras. Você não nos ajudará em nada estando morta, garota. Ao menos seja útil. Precisamos carregar os mortos.

Ele saiu pisando com força antes que Luce pudesse responder. Abaixo dela, os olhos do garoto começavam a se fechar e seu corpo inteiro tremia. Ela olhou ao redor, desesperada, em busca de ajuda.

À distância de aproximadamente um quilômetro, havia uma estrada de terra estreita, e nela, dois caminhões com aparência de velhos e duas pequenas ambulâncias compactas estacionadas ao meio-fio.

— Volto já — disse Luce ao garoto, pressionando as mãos dele com mais firmeza contra a barriga para conter o sangramento. Ele choramingou quando ela se afastou.

Ela correu em direção aos caminhões, tropeçando quando outra granada caiu ao lado dela e fez a terra ondular.

Um grupo de mulheres em uniformes brancos estava reunido ao redor dos fundos de um caminhão. Enfermeiras. Elas saberiam o que fazer, como ajudar. Porém, quando Luce se aproximou o suficiente para ver seus rostos, seu coração se apertou. Eram meninas. Algumas delas não teriam mais de 14 anos. Seus uniformes mais pareciam fantasias.

Ela examinou seus rostos, procurando a si mesma entre elas. Precisava haver um motivo pelo qual ela parara nesse inferno.

Contudo, ninguém lhe parecia familiar. Era difícil entender as expressões calmas e tranquilas das garotas: nenhuma delas demonstrava o terror que Luce sabia estar claro no próprio rosto. Talvez elas houvessem visto o suficiente da guerra para se acostumarem com seus efeitos.

— Água — a voz de uma mulher mais velha surgiu de dentro do caminhão. — Bandagens. Gaze.

Ela distribuía suprimentos pelas garotas, que se equiparam e começaram a montar uma clínica improvisada no canto da estrada. Uma fila de homens feridos em busca de tratamento fora formada atrás do caminhão. E outros mais estavam a caminho. Luce se juntou às enfermeiras para coletar suprimentos. Estava escuro e ninguém lhe disse uma palavra. Agora ela conseguia sentir — o estresse das jovens enfermeiras. Provavelmente foram treinadas para manter uma aparência equilibrada e calma diante dos soldados, mas, quando a garota na frente de Luce se adiantou para pegar a cota de suprimentos, suas mãos tremiam.

Ao redor delas, os soldados se movimentavam rapidamente em duplas, carregando os feridos pelos pés e pelos braços. Alguns dos que eram carregados balbuciavam perguntas sobre a batalha, querendo saber sobre a gravidade dos seus ferimentos. E havia, é claro, os mais gravemente feridos, cujos lábios eram incapazes de formular perguntas por estarem ocupados demais contendo gritos, e que precisavam ser levados pela cintura porque uma ou as duas pernas haviam sido explodidas por alguma mina terrestre.

— Água. — Uma jarra pousou nos braços de Luce. — Bandagens. Gaze.

A enfermeira-chefe despejou a cota de suprimentos mecanicamente, prestes a se ocupar da garota seguinte, mas, então, parou. Fixou os olhos em Luce. Seu olhar seguiu para baixo, e Luce percebeu que

ainda vestia o pesado casaco de lã da avó de Luschka, usado em Moscou. O que era bom, pois, sob o casaco, estavam os jeans e a camisa de flanela da sua vida atual.

— Uniforme — disse, por fim, a mulher naquele mesmo tom, atirando para baixo um vestido branco e um chapéu de enfermeira igual ao das outras garotas.

Luce assentiu para lhe agradecer e enfiou-se atrás de um dos caminhões, para se trocar. Era um vestido grande, que lhe chegava até os tornozelos, e tinha um cheiro intenso de água sanitária. Ela tentou limpar o sangue do soldado das suas mãos com o casaco de lã, e depois o atirou atrás de uma árvore. Ainda assim, o uniforme de enfermeira estava completamente coberto por manchas vermelhas claras quando ela terminou de abotoá-lo, de enrolar as mangas para cima e de amarrar o cinto ao redor da cintura.

Apanhou os suprimentos e voltou para a estrada, correndo. A cena à frente dela era terrível. O oficial não havia mentido. Havia ao menos cem homens precisando de ajuda. Ela olhou para os curativos nos seus braços e perguntou-se o que deveria fazer.

— Enfermeira! — gritou um dos homens. Ele deslizava uma maca para dentro de uma ambulância. — Enfermeira! Esse homem precisa de uma enfermeira.

Luce percebeu que ele falava com ela.

— Ah... — disse, fracamente. — Eu? — então olhou para o interior da ambulância, onde era apertado e escuro. O espaço, que parecia ter sido feito para acomodar duas pessoas, abrigava seis. Os soldados feridos estavam estirados em macas presas por correias, três de cada lado, uma sobre a outra. Não havia lugar para Luce, a não ser no chão.

Alguém a empurrou para o lado: um homem, que acomodava mais uma maca em um pequeno espaço vazio no chão. O soldado que a

ocupava estava inconsciente, seus cabelos escuros grudados no rosto.

— Ande — disse o soldado para Luce. — O carro partirá agora.

Ao ver que se mantinha parada, ele apontou para um banquinho de madeira preso no interior da porta da ambulância com uma corda. Ele se agachou e fez um estribo com as mãos, para ajudar Luce a subir no banquinho. Outra granada balançou o chão, e Luce não conseguiu conter o grito que escapou dos seus lábios.

Ela olhou para o soldado com ar de desculpas, respirou fundo e se içou para o banquinho minúsculo.

Quando ela estava sentada, o soldado lhe estendeu a jarra de água e a caixa com gazes e bandagens. Depois, começou a fechar a porta.

— Espere — sussurrou Luce. — O que eu faço?

O homem fez uma pausa.

— Você sabe como é longa a viagem até Milão. Cubra as feridas deles e mantenha-os confortáveis. Faça o melhor que puder.

A porta foi batida, deixando Luce ali dentro. Ela precisou se agarrar ao banquinho para não cair sobre o soldado aos seus pés. A ambulância estava quente como uma sauna. O cheiro era terrível. A única luz vinha de uma pequena lanterna pendurada em um prego, preso a um canto. A única janela estava atrás da cabeça dela, na parte interna da porta. Ela não sabia o que acontecera a Giovanni, o garoto com a bala na barriga. Ela voltaria a vê-lo? Ele sobreviveria àquela noite?

O motor deu partida. O motorista engatou a primeira marcha e seguiu em frente. Um soldado, em uma das macas, começou a gemer.

Após atingirem uma velocidade constante, Luce ouviu um tamborilar. Algo pingava. Ela se inclinou para a frente no banquinho, piscando contra a luz fraca da lanterna.

Era o sangue de um soldado de uma maca superior, que pingava através do tecido sobre o soldado na maca abaixo. Os olhos dele

estavam abertos. Ele observava o sangue cair no seu peito, mas estava tão ferido que não conseguia se mexer. Ele não fez qualquer ruído. Não até o fio de sangue se tornar uma corrente.

Luce choramingou junto com o soldado. Tentou se levantar do banquinho, mas não havia lugar onde ela pudesse ficar de pé, a menos que fosse sobre o soldado no chão. Cuidadosamente, Luce apoiou um pé de cada lado do peito dele. Enquanto a ambulância balançava pela esburacada estrada de terra, ela agarrou firmemente a lona da maca superior e colocou um punhado de gaze embaixo dela. O sangue encharcou o tecido e os dedos dela em segundos.

— Socorro! — gritou ela para o motorista. Não tinha certeza de que ele conseguiria ouvi-la.

— O que foi?

O motorista tinha um sotaque regional pesado.

— O homem aqui atrás... Está com hemorragia. Acho que está morrendo.

— Todos nós estamos morrendo, linda — respondeu o motorista. Sério, ele estava flertando com ela *ali*? Um segundo depois, ele se virou, olhando-a pela abertura atrás do banco da frente. — Olha, me desculpe, mas não há o que fazer. Preciso levar esses caras pro hospital.

Ele tinha razão. Era tarde demais. Quando Luce tirou a mão, o sangue voltou a jorrar com tanta força que não parecia real.

Luce não tinha palavras de conforto para oferecer ao garoto na maca de baixo, cujos olhos estavam arregalados e petrificados e cujos lábios sussurraram uma ave-maria furiosa. A corrente de sangue caía por ambos os lados, acumulando-se no espaço onde seus quadris tocavam a maca.

Luce queria fechar os olhos e sumir. Queria escapar através das sombras lançadas pela lanterna e encontrar um Anunciador que a

levasse a outro lugar. Qualquer lugar.

Como a praia rochosa abaixo do campus de Shoreline. Onde Daniel a levara, dançando, até o oceano, sob as estrelas. Ou a piscina cristalina na qual ela os vira mergulhando, quando usara o maiô amarelo. Ela preferiria a Sword & Cross a essa ambulância, mesmo nos piores momentos, como na noite em que fora encontrar Cam naquele bar. Ou quando ela o beijara. Preferiria até mesmo Moscou. Aquilo era pior. Ela nunca enfrentara algo igual.

Exceto...

É claro que havia enfrentado. Ela devia ter vivido algo quase igual a isso. Por esse motivo parara ali. Em algum lugar desse mundo devastado pela guerra estava a garota que morreu e voltou à vida várias vezes, até se tornar ela. Luce tinha certeza. Ela certamente cobrira feridas, carregara água e contivera sua ânsia de vômito. Pensar sobre isso deu a Luce força para se concentrar na garota que havia passado por aquilo.

A corrente de sangue começou a se transformar em um fio e, depois, em uma goteira bastante lenta. O rapaz na maca inferior desmaiara; portanto, Luce observou aquilo sozinha, durante um longo tempo, em silêncio. Até que os pingos parassem completamente.

Então, ela esticou o braço em busca de uma toalha e do jarro de água, e limpou o soldado da maca abaixo. Fazia tempo que ele não tomava banho. Luce o lavou suavemente e trocou o curativo ao redor da sua cabeça. Quando ele voltou a si, ela lhe deu goles de água. A respiração dele se normalizou, e ele parou de observar a maca superior com terror. Estava mais tranquilo.

Todos os soldados pareceram encontrar algum conforto enquanto ela cuidava deles, até mesmo aquele deitado sobre o chão, que não abria os olhos. Ela limpou o rosto do garoto na maca superior, que

havia morrido. Não podia explicar por quê. Queria que ele se sentisse um pouco mais em paz, também.

Era impossível dizer quanto tempo se passara. Tudo o que Luce sabia era que o ambiente estava escuro e fedorento, que suas costas doíam, que sua garganta estava seca e que ela estava exausta — e que sua situação era muito melhor que a de qualquer um dos homens ao seu redor.

Ela deixara o soldado da maca inferior esquerda para o final. Ele fora gravemente ferido no pescoço, e Luce temia que perdesse mais sangue se ela tentasse refazer o curativo. Fez o melhor que pôde, sentada na lateral da maca, limpando seu rosto sujo e parte do sangue nos seus cabelos louros com uma esponja. Ele era bonito mesmo sob toda aquela lama. Muito bonito. Todavia, ela se distraiu com o pescoço dele, que continuava sangrando através da gaze. Sempre que aproximava sua mão daquele ponto, ele soltava um grito de dor.

— Não se preocupe — sussurrou ela. — Você vai sobreviver.

— Eu sei — o sussurro dele era tão baixo, e parecia tão absurdamente triste, que Luce não teve certeza de que ouvira corretamente. Até então, ela achara que ele estava inconsciente, mas algo na voz dela pareceu despertá-lo.

As pálpebras do rapaz tremeram. Depois, lentamente, se abriram.

Os olhos eram violeta.

A jarra de água caiu das mãos dela.

Daniel.

Seu instinto era engatinhar para perto dele e cobrir seus lábios com beijos, fingindo que não estava tão ferido.

Ao vê-la, os olhos de Daniel se arregalaram, e ele tentou se sentar. Porém, o sangue voltou a fluir do pescoço e seu rosto perdeu toda a cor. Luce não teve escolha a não ser conter os movimentos do rapaz.

— *Shhhh* — disse, pressionando os ombros dele contra a maca novamente, tentando fazer com que ele relaxasse.

Ele se remexia ante o toque dela. Sempre que o fazia, mais sangue fluía pelo curativo.

— Daniel, você precisa parar de resistir — implorou ela. — Por favor, pare de resistir. Por mim.

Eles se encararam por um momento longo e intenso — então, abruptamente, a ambulância parou. A porta foi escancarada. Uma surpreendente corrente de ar fresco entrou com força. As ruas estavam quietas, mas o lugar parecia uma grande cidade, mesmo no meio da noite.

Milão. Era para onde o soldado dissera que eles iriam, quando a colocou naquela ambulância. Provavelmente estavam em um hospital em Milão.

Apareceram dois homens em uniformes do exército, que deslizaram as macas para fora da ambulância com precisão e rapidez. Em minutos, os feridos estavam em macas com rodinhas e sendo levados dali. Os homens afastaram Luce do caminho para retirarem a maca de Daniel. As pálpebras dele tremiam novamente, e ela teve a impressão de que ele lhe estendera a mão. Observou a cena, dos fundos da ambulância, até ele desaparecer. Então, começou a tremer.

— Está tudo bem? — Uma garota apareceu na porta do veículo. Era enérgica e bonita, com uma pequena boca vermelha e cabelos escuros compridos, presos em um coque baixo. Seu uniforme de enfermeira era mais justo que o de Luce, e tão branco e limpo que fez Luce se conscientizar do quanto estava suja de sangue e enlameada.

— Estou bem — respondeu, rapidamente. — Eu só...

— Não precisa explicar — disse a garota, boquiaberta ao olhar o interior da ambulância. — Dá pra ver que essa viagem foi das piores.

Luce observou enquanto a garota levantava um balde com água e o colocava dentro do carro, e, em seguida, içava o corpo para entrar na ambulância. A garota começou imediatamente a trabalhar, esfregando as correias ensanguentadas e o chão, lançando pela porta ondas de água avermelhada. Ela substituiu os lençóis imundos por outros limpos e recarregou o gás da lanterna. Não parecia ter mais que 13 anos.

Luce se levantou para ajudá-la, mas a garota a afastou com um gesto.

— Sente. Descanse. Você acabou de ser transferida pra cá, né?

Hesitante, Luce assentiu.

— Você veio sozinha desde o front? — A garota deixou suas atividades por um instante, e, quando olhou para Luce, seus olhos cor de avelã brilharam cheios de compaixão.

Luce a responderia, mas sua boca estava tão seca que não pôde falar. Como demorara tanto para perceber que olhava para si mesma?

— Vim — conseguiu dizer, num sussurro. — Vim sozinha.

A garota sorriu.

— Bem, agora não está mais sozinha. Aqui, no hospital, há várias de nós. As enfermeiras mais legais. E os pacientes mais bonitinhos. Você não se importa de eu dizer isso, né? — Ela estendeu a mão, mas olhou para baixo e percebeu o quanto estava suja. Deu uma risadinha e pegou novamente o esfregão. — Meu nome é Lucia.

"Eu sei", Luce conseguiu impedir-se de responder.

— Eu sou...

Sua mente ficou vazia. Tentou pensar em um nome, qualquer nome:

— Sou Doree... Doria — disse, por fim. Quase o nome da sua mãe. — Você sabe... para onde levaram os soldados que estavam aqui?

— Opa! Você não se apaixonou por um deles, certo? — brincou Lucia. — Os novos pacientes são levados para a ala oeste, para a reanimação.

— A ala oeste — repetiu Luce para si mesma.

— Mas você deveria procurar a Srta. Fiero na estação de enfermagem. É ela quem cuida dos registros e da catalogação... — Lucia voltou a rir e abaixou a voz, inclinando-se em direção a Luce — E do médico, nas terças-feiras à tarde!

Tudo o que Luce conseguia fazer era olhar para Lucia. Assim, tão perto, seu eu parecia tão *real*, tão vivo, tão parecido com o tipo de garota com quem Luce faria amizade na mesma hora, se as circunstâncias fossem minimamente normais! Quis estender os braços e abraçar Lucia, mas foi tomada por um medo indescritível. Ela limpara os ferimentos de sete soldados semimortos — incluindo o amor da sua vida —, mas não tinha certeza sobre o que fazer quando se tratava de Lucia. A garota parecia jovem demais para conhecer algum dos segredos que Luce buscava decifrar — sobre a maldição, sobre os Párias. Luce receou amedrontar Lucia falando sobre reencarnações e o Paraíso. Havia algo nos olhos de Lucia, algo na inocência dela... Luce entendeu que Lucia sabia ainda menos que ela.

Ela desceu da ambulância e recuou.

— Foi legal conhecer você, Doria — gritou Lucia.

Porém, Luce já havia ido embora.

Depois de seis quartos errados, três soldados estupefatos e um armário de remédios derrubado, Luce o encontrou.

Daniel dividia um quarto na ala oeste com dois outros soldados. Um deles era um homem silencioso, cujo rosto estava coberto por

curativos. O outro roncava alto, tinha uma garrafa de uísque não muito bem escondida embaixo do travesseiro e as duas pernas quebradas e erguidas por uma correia.

O quarto era vazio e estéril, mas tinha uma janela que mostrava uma avenida larga, ladeada de laranjeiras.

Ao lado da cama dele, observando-o dormir, Luce pôde ver a forma como o amor deles florescera ali. Pôde visualizar Lucia levando as refeições para Daniel e ele se abrindo para ela, aos poucos. E depois os dois formando um casal inseparável, quando Daniel estivesse recuperado. Isso a fez sentir ciúmes, culpa e confusão, porque não sabia dizer, naquele momento, se aquilo significava que o amor entre eles era algo bonito ou se era mais um exemplo do quanto era extremamente errado.

Se ela era tão jovem quando eles se conheceram, provavelmente viveram um longo relacionamento nessa vida. Ela teria passado anos ao lado dele antes de morrer e reencarnar em outra vida. E deve ter acreditado que ficariam juntos para sempre — sem ter a menor ideia de quanto tempo "para sempre" significava.

Mas Daniel sabia. Ele sempre soube.

Luce se sentou ao lado da cama dele, tentando não o acordar. Talvez ele nem sempre tenha sido tão fechado e tão difícil de alcançar. Ela o vira em Moscou, sussurrando algo a Luschka no momento crítico antes da sua morte. Talvez, se ela conseguisse falar com ele nessa vida, ele a tratasse diferentemente do Daniel que ela conhecia. Talvez ele não escondesse tantas coisas. Talvez a ajudasse a entender; dissesse-lhe a verdade, para variar.

Então, ela poderia voltar ao presente e não precisaria existir qualquer segredo. Era tudo o que ela realmente queria: que eles se amassem abertamente. E que ela não morresse.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe a bochecha. Ela amava o rosto de Daniel. Ele estava machucado e provavelmente tinha uma concussão, mas a face era morna e macia e, acima de tudo, era o rosto de Daniel. Ele estava tão lindo quanto sempre. Sua expressão era tão tranquila que Luce poderia encará-lo por horas, de todos os ângulos possíveis, sem jamais se cansar. A seu ver, ele era perfeito. Seus lábios continuavam iguais. Quando ela os tocou com um dedo, sentiu-os tão macios que se inclinou para um beijo. Ele não se mexeu.

Ela seguiu sua linha da mandíbula com os lábios, criando uma trilha de beijos pelo lado do pescoço de Daniel que não estava ferido e ao longo da clavícula. Na parte superior do ombro direito, os lábios dela pararam sobre uma pequena cicatriz branca.

Seria quase imperceptível a qualquer outra pessoa, mas Luce sabia que era o ponto de onde as asas de Daniel saíam. Ela beijou a cicatriz. Como era difícil vê-lo deitado, impotente, naquela cama de hospital quando ela sabia tão bem do que ele era capaz. Quando suas asas a envolviam, Luce sempre se desligava de tudo. O que ela daria para vê-las se desenrolarem agora, naquele vasto esplendor branco que parecia roubar toda a luz de um ambiente! Ela pousou a cabeça no ombro dele, sentindo a cicatriz quente contra sua pele.

⁂

Ela levantou a cabeça rapidamente. Não havia percebido que caíra no sono até que uma maca sobre rodinhas, rangendo pelo chão de madeira irregular, acordou-a.

Que horas seriam? A luz do sol entrava pela janela e banhava os lençóis brancos sobre as camas. Ela girou o ombro, tentando aliviar um mau jeito. Daniel continuava dormindo.

A cicatriz sobre o ombro dele parecia ainda mais branca à luz da manhã. Luce teve vontade de ver o outro lado, a cicatriz que fazia par com aquela, mas ela estava coberta com gaze. Ao menos, a ferida parecia ter parado de sangrar.

A porta se abriu e Luce se levantou em um pulo.

Lucia estava na porta, segurando três bandejas cobertas e empilhadas sobre seus braços.

— Ah! Você está aqui. — Parecia surpresa. — Então eles tomaram o café da manhã?

Luce corou e balançou a cabeça.

— Eu... hã...

— Ah. — Os olhos de Lucia se iluminaram. — Conheço esse olhar. Você está *caidinha* por alguém. — Ela colocou as bandejas de café da manhã em um carrinho e se aproximou de Luce. — Não se preocupe, não vou contar para ninguém... Desde que eu aprove. — Ela inclinou a cabeça para olhar para Daniel, e o encarou fixamente durante um longo tempo, sem se mexer ou respirar.

Ao reparar nos olhos da garota se arregalando ao ver Daniel pela primeira vez, Luce não sabia o que sentir. Empatia. Inveja. Tristeza. Tudo estava ali.

— Ele é *celestial* — Lucia parecia prestes a gritar. — Como se chama?

— O nome dele é Daniel.

— Daniel — repetiu a garota mais jovem, fazendo a palavra soar sagrada. — Um dia, vou encontrar um homem assim. Um dia, vou deixar todos eles caidinhos por mim. Igual a você, Doria.

— Como assim? — perguntou Luce.

— Sabe aquele outro soldado, a dois quartos daqui? — Lucia falava com Luce sem tirar os olhos de Daniel. — Sabe, Giovanni?

Luce balançou a cabeça. Não sabia.

— Aquele que está prestes a ser operado. Não para de perguntar sobre você.

— Giovanni... — O garoto que levara um tiro na barriga. — Ele está bem?

— Claro. — Lucia sorriu. — Não direi a ele que você já tem namorado — e piscou para Luce e apontou para as bandejas com o café da manhã. — Deixarei você servir as refeições — disse ela, saindo. — Me procura mais tarde? Quero saber tudo sobre você e Daniel. A história toda, combinado?

— Claro — mentiu Luce, com o coração um pouco apertado.

Sozinha novamente com Daniel, Luce ficou nervosa. No quintal da casa dos pais, após a batalha com os Párias, Daniel pareceu tão horrorizado quando a viu entrar no Anunciador! Em Moscou, também. O que esse Daniel faria quando abrisse os olhos e descobrisse de onde ela veio?

Se ele chegasse a abrir os olhos.

Ela se inclinou para baixo, sobre a cama dele, mais uma vez. Ele teria de abrir os olhos, certo? Anjos não *morrem*. Logicamente, ela *pensava* que era algo impossível, mas, e se... E se, ao voltar ao passado, ela houvesse atrapalhado alguma coisa? Ela vira o filme *De volta para o futuro* e fizera um teste sobre física quântica na aula de ciências. O que ela estava fazendo provavelmente modificava o contínuo espaço-tempo. E Steven Filmore, o demônio que dava aulas de humanidades em Shoreline, dissera algo sobre alterar o tempo.

Ela não sabia exatamente o que tudo aquilo significava, mas sabia que poderia ser *muito* ruim. Ruim do tipo "apagar toda a sua existência". Ou talvez ruim do tipo "matar seu namorado anjo".

Foi quando Luce entrou em pânico. Ela agarrou os ombros de Daniel e começou a sacudi-los. Levemente, suavemente — afinal, ele

esteve em uma guerra, mas com força suficiente para que soubesse que ela precisava de um sinal. Imediatamente.

— Daniel — sussurrou. — Daniel?

Pronto. As pálpebras dele começaram a tremer. Ela soltou o ar. Os olhos dele se abriram lentamente, como fizeram na noite passada. E, novamente, quando registraram a garota na frente deles, se arregalaram. Os lábios dele se abriram.

— Você está... velha.

Luce corou.

— Não — disse, rindo. Ninguém jamais a chamara de velha.

— Sim, está sim. Está muito velha. — Ele parecia quase desapontado. Esfregou a testa. — Quero dizer... Há quanto tempo estou...?

Então ela se lembrou: Lucia era muito mais nova. No entanto, Daniel ainda não conhecera Lucia. Como poderia saber a idade dela?

— Não se preocupe com isso — disse ela. — Preciso lhe contar uma coisa, Daniel. Eu... Eu não sou quem você pensa. Quero dizer, eu sou, acho, sempre sou, mas dessa vez vim do... Hã...

O rosto de Daniel se contorceu.

— É claro. Você atravessou para chegar até aqui.

Ela assentiu.

— Precisei fazer isso.

— Eu havia esquecido — sussurrou ele, confundindo Luce ainda mais. — De quando você vem? Não. Não me diga — fez um gesto para que ela não dissesse nada, recuando na cama como se ela tivesse alguma doença. — Como isso é possível? Não havia brechas na maldição. Você não deveria conseguir chegar até aqui.

— Brechas? — perguntou Luce. — Qual tipo de brechas? Preciso saber...

— Não posso ajudar você — interrompeu ele, e tossiu. — Você precisa descobrir sozinha. Estas são as regras.

— Doria. — Uma mulher que Luce nunca vira estava na porta. Era mais velha, loura e severa, com um chapéu engomado da Cruz Vermelha arrumado de lado. Inicialmente, Luce não percebeu que a mulher se dirigia a ela. — Você é Doria, não é? A nova transferida?

— Sim — respondeu Luce.

— Precisamos cuidar da sua papelada hoje — disse, sem rodeios, a mulher. — Não tenho qualquer registro seu. Porém, antes, me faça um favor.

Luce assentiu. Percebeu que estava em apuros, mas tinha coisas mais importantes com o que se preocupar do que essa mulher e sua papelada.

— O soldado Bruno será operado — disse a enfermeira.

— Certo. — Luce tentou se concentrar na enfermeira, mas tudo o que queria era retomar a conversa com Daniel. Finalmente ela estava chegando a algum lugar, finalmente encontrava mais uma peça do quebra-cabeça que era a vida dela!

— O soldado Giovanni Bruno? Ele solicitou que a enfermeira em ofício fosse removida da sala de cirurgia. Disse que gosta da enfermeira que salvou sua vida. Seu *anjo*? — O olhar da mulher para Luce era frio. — As meninas me disseram que é você.

— Não — respondeu Luce. — Não sou...

— Não importa. É nisso que ele acredita. — A enfermeira apontou a porta. — Vamos.

Luce se levantou do leito de Daniel. Ele olhava para o outro lado, em direção à janela. Ela suspirou.

— *Preciso* falar com você — sussurrou Luce, embora ele evitasse seu olhar. — Volto já.

A cirurgia não foi tão terrível quanto poderia ser. Tudo o que Luce precisou fazer foi segurar a pequena e macia mão de Giovanni, sussurrar coisas para ele, passar alguns instrumentos para o médico e tentar não olhar enquanto ele enfiava a mão na massa vermelho-escura do intestino exposto de Giovanni e extraia estilhaços ensanguentados. Se o médico achou estranha a evidente falta de experiência de Luce, não disse nada. Ela não se ausentou mais que uma hora.

O bastante para voltar à cama de Daniel e encontrá-la vazia.

Lucia estava trocando os lençóis. Correu até Luce, que achou que a garota a abraçaria. Em vez disso, ela caiu aos seus pés.

— O que aconteceu? — perguntou Luce. — Para onde ele foi?

— Não sei. — Lucia começou a chorar. — Ele foi embora. Simplesmente foi embora. Não sei para onde. — Ela olhou para Luce, com lágrimas enchendo seus olhos cor de avelã. — Disse para lhe dizer adeus.

— Ele não pode ter ido embora — disse Luce com a voz fraca. Eles nem tiveram a chance de conversar...

É claro que não. Daniel sabia exatamente o que fazia quando foi embora. Não queria contar a ela toda a verdade. Estava escondendo algo. Quais eram as *regras* que ele tinha mencionado? E qual brecha?

O rosto de Lucia estava vermelho, e sua fala cortada pelos soluços.

— Eu sei que não deveria chorar, mas não posso explicar... Sinto como se alguém tivesse *morrido*.

Luce reconheceu aquela sensação. Elas tinham aquilo em comum: quando Daniel partia, ficavam inconsoláveis. Luce fechou os punhos, sentindo raiva e rejeição.

— Não seja infantil — disse Lucia.

Luce piscou, pensando que a garota falara com ela, mas, então, percebeu que Lucia recriminava a si mesma. Luce ajeitou sua postura e ergueu os ombros, como se tentasse recuperar o equilíbrio calmo que as enfermeiras demonstravam.

— Lucia. — Luce estendeu a mão para a garota, fazendo menção de abraçá-la.

No entanto, a garota se afastou, virando o rosto em direção à cama vazia de Daniel.

— Estou bem. — Ela voltou à tarefa de retirar os lençóis. — A única coisa que podemos controlar é nosso trabalho. A enfermeira Fiero sempre diz isso. O restante está fora do nosso alcance.

Não. Lucia estava errada, mas Luce não soube como corrigi-la. Luce não entendia muita coisa, mas entendia *isso* — que sua vida *não* precisava ser algo fora do seu alcance. Ela *poderia* definir o próprio destino. De alguma maneira. Ainda não compreendera tudo, mas sentia que a solução estava próxima. Senão, como poderia ter chegado ali, para começo de conversa? Como poderia saber que era a hora de seguir em frente?

À luz do final da manhã, uma sombra se estendeu do armário de suprimentos, no canto do quarto. Parecia uma sombra possível de ser utilizada, mas ela não confiava completamente nas suas habilidades para convocá-la. Concentrou-se nela por um momento e buscou o local onde ela vacilaria.

Pronto. Ela a observou se retorcer. Lutando contra o desgosto que ainda sentia, Luce a agarrou.

Do outro lado do quarto, Lucia estava concentrada em reunir os lençóis e em não mostrar que ainda chorava.

Luce agiu rapidamente, transformando o Anunciador em uma esfera e, depois, trabalhando-o com os dedos mais rápido do que jamais fizera.

Prendeu a respiração, fez um desejo e desapareceu.

QUATRO



O TEMPO FERE TODAS AS CURAS

MILÃO, ITÁLIA • 25 DE MAIO DE 1918

Daniel estava cauteloso e nervoso ao sair do Anunciador.

Havia perdido a prática de se localizar rapidamente em outras épocas ou lugares. Não sabia exatamente onde estava ou o que deveria fazer — mas sabia que ao menos uma versão de Luce estaria por perto, certamente precisando dele.

O quarto era branco. Havia lençóis brancos sobre a cama diante dele, uma janela de moldura branca no canto e a luz do sol, forte e branca, batendo na vidraça. Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então, a balbúrdia das memórias o adentrou.

Milão.

Ele voltara ao hospital onde ela fora sua enfermeira durante a primeira das trágicas guerras mundiais. Ali, na cama ao lado, estava Traverti, seu companheiro de quarto em Salerno, que pisara em uma mina a caminho da cantina. Suas duas pernas haviam sido queimadas e quebradas, mas ele era tão encantador que fazia todas as enfermeiras lhe trazerem secretamente garrafas de uísque. Sempre tinha uma piada

para Daniel. E, do outro lado do quarto, estava Max Porter, o britânico que queimara o rosto e que nunca falara nada, até berrar e perder o controle quando lhe tiraram os curativos.

Naquele momento, os antigos companheiros de quarto de Daniel estavam apagados em sonecas vespertinas induzidas por morfina.

No centro do quarto estava a cama onde ele havia ficado após ser atingido por uma bala no pescoço, perto do front do rio Piave. Fora um ataque estúpido; eles foram em direção ao inimigo. Daniel, porém, somente se alistara na guerra porque Lucia era enfermeira; como ela cuidava dele, estaria tudo bem. Ele esfregou o local onde fora atingido. Podia sentir a dor quase como se tudo houvesse acontecido ontem.

Se Daniel houvesse ficado no hospital tempo o bastante para que a ferida cicatrizasse, os médicos se espantariam com a ausência de uma cicatriz. Hoje, seu pescoço era macio e sem marcas, como se nunca houvesse sido atingido.

Ao longo dos anos, Daniel fora surrado, espancado, atirado de varandas, baleado no pescoço, na barriga e na perna, torturado sobre brasas incandescentes e arrastado ao longo de uma dúzia de ruas. Porém, mesmo um exame detalhado de cada polegada da sua pele somente revelaria duas pequenas cicatrizes: duas linhas brancas e finas acima das escápulas, de onde suas asas saíam.

Todos os anjos caídos adquiriam essas cicatrizes quando assumiam seus corpos humanos. De certa maneira, elas eram tudo o que eles tinham para mostrar de si.

A maioria dos anjos comemorava sua imunidade a cicatrizes. Bem, exceto no caso de Ariane, embora a cicatriz no pescoço dela fosse outra história. No entanto, Cam e até Roland compravam as brigas mais acirradas com praticamente qualquer um na Terra. Claro, nunca

perdiam para os mortais, mas pareciam gostar de ficar um pouco quebrados no processo. Em dois dias, sabiam que estariam novos.

Para Daniel, uma existência sem cicatrizes era apenas mais um indício de que seu destino não estava nas suas mãos. Nada do que ele fazia sequer deixava uma marca. O peso da própria futilidade era esmagador — especialmente no que dizia respeito a Luce.

E ele subitamente se lembrou de vê-la ali, em 1918. Luce. E se lembrou de haver fugido do hospital.

Era a única coisa em Daniel *capaz* de manter cicatrizes: sua alma.

Ele ficara confuso ao vê-la ali, tanto quanto estava agora. Na época, achara que não haveria como a mortal Lucinda conseguir atravessar desordenadamente o tempo, visitando seus antigos "eus". Que não haveria como ela estar viva. Atualmente, é claro, Daniel sabia que algo mudara na vida de Lucinda Price, mas o quê? Tudo começara com a ausência do pacto dela com o Céu, mas havia mais coisas...

Por que ele não era capaz de descobrir? Ele conhecia perfeitamente as regras e os parâmetros da maldição. Então como essa pergunta podia enganá-lo?

Luce. *Ela* deve ter mudado o próprio passado. Aquela conclusão fez seu coração palpitar. A mudança deve ter acontecido durante a atual fuga dela através dos Anunciadores. Lógico, ela precisaria mudar algo para tornar tudo isso possível. Mas, quando? Onde? *Como?* Daniel não era capaz de interferir em nada disso.

Ele precisava encontrá-la, tal como sempre prometera. Porém, também tinha de garantir que ela conseguisse fazer o que quer que precisasse, que executasse alguma mudança no seu passado que permitiria que Lucinda Price — a sua Luce — pudesse existir.

Talvez, se ele conseguisse encontrá-la, pudesse ajudar. Poderia guiá-la até o momento em que ela modificou as regras do jogo para todos

eles. Ele perdera Luce em Moscou, mas a encontraria nessa vida. Apenas precisava descobrir por que ela aterrissara ali. Sempre havia um motivo, algo escondido nas dobras profundas da memória dela...

Ah.

Sentiu suas asas arderem pela vergonha. Nessa vida, na Itália, ela tivera uma morte horrível. Uma das piores. Ele jamais deixaria de se culpar pela maneira como ela havia partido dessa vida.

No entanto, isso acontecera anos após a época em que ele se encontrava. Esse era o hospital onde eles haviam se conhecido, quando Lucia ainda era muito jovem e adorável; inocente e atrevida ao mesmo tempo. Aqui, ela o amara instantânea e completamente. Embora fosse jovem demais para que Daniel demonstrasse que correspondia ao seu amor, ele nunca desencorajou o afeto dela. Ela costumava deslizar sua mão pela dele quando caminhavam sob as laranjeiras da Piazza della Repubblica, mas, quando ele lhe apertava a mão, ela corava. Aquilo sempre o fazia rir: a forma como ela podia ser tão ousada e, repentinamente, ficar tímida. Ela lhe dizia que queria casar com ele, um dia.

— Você voltou!

Daniel se virou. Não ouvira a porta atrás dele se abrir. Lucia saltou ao vê-lo. Sorria, radiante, mostrando uma fileira perfeita de pequenos dentes brancos. A beleza dela o fez perder o fôlego.

O que ela quis dizer com "você voltou"? Ah, foi quando ele se escondera de Luce, com medo de matá-la sem querer. Ele não estava autorizado a revelar qualquer coisa a ela; ela precisaria descobrir sozinha todos os detalhes. Caso ele lhe desse uma dica sequer, ela simplesmente entraria em combustão. Se ele houvesse ficado, ela poderia o pressionar e, talvez, arrancar a verdade dele à força... Ele não ousou arriscar.

Portanto, seu eu anterior precisara fugir. Provavelmente estava em Bolonha àquela altura.

— Está se sentindo bem? — perguntou Lucia, andando até ele. — Você deveria se deitar. Seu pescoço... — Ela estendeu a mão para tocar o local onde ele fora atingido noventa anos atrás. Os olhos dela se arregalaram, e ela recuou a mão. — Achei que... Eu poderia jurar...

Ela abanou o rosto com a pilha de arquivos que segurava. Daniel pegou-a pela mão e conduziu-a até a beirada da cama, para que ela se sentasse.

— Por favor — pediu ele. — Você pode me dizer se havia aqui uma garota...

Uma garota igual a você.

— Doria? — perguntou Luce. — Sua... amiga? Com cabelos curtos bonitos e sapatos esquisitos?

— Sim. — Daniel expirou. — Pode me dizer onde ela está? É bastante urgente.

Lucia balançou a cabeça. Não conseguia desviar o olhar do pescoço dele.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntou ele.

— Você chegou durante a noite passada — respondeu ela. — Não se lembra?

— As coisas estão um pouco confusas — mentiu Daniel. — Acho que devo ter batido a cabeça.

— Você estava gravemente ferido — disse e assentiu. — A enfermeira Fiero achou que você não sobreviveria até a manhã, quando os médicos chegariam...

— É. — Ele se lembrou. — Ela achou mesmo.

— Mas você sobreviveu, e todos ficamos tão felizes! Acho que Doria ficou com você a noite toda. Você se lembra disso?

— Por que ela faria isso? — interrompeu-a Daniel, rispidamente, assustando Lucia.

Porém, é claro que Luce havia ficado com ele. Daniel teria feito o mesmo.

Ao lado dele, Lucia fungou. Ele a havia chateado, quando, na verdade, era consigo que deveria estar bravo. Envolveu o ombro dela com um dos braços, sentindo-se quase tonto. Como era fácil se apaixonar por cada momento da existência dela! Ele se obrigou a inclinar o corpo para trás, para recuperar a concentração.

— Sabe onde ela está agora?

— Ela foi embora. — Lucia mordeu o lábio, nervosa. — Depois que você partiu, ela ficou chateada e foi embora para algum lugar. Não sei para onde.

Então ela já havia fugido novamente. Que idiota era Daniel, andando como uma tartaruga através do tempo enquanto Luce corria. Ele precisava alcançá-la, porém; talvez conseguisse conduzi-la até o momento em que ela poderia fazer toda a diferença. Então, ele nunca mais sairia do seu lado e nunca deixaria qualquer mal lhe acontecer; somente ficaria com ela e a amaria para sempre.

Ele saltou da cama. Estava na porta quando a mão da jovem o puxou de volta.

— Para onde vai?

— Preciso ir.

— Atrás dela?

— Sim.

— Você deveria ficar um pouco mais. — A palma da mão dela suava dentro da dele. — Os médicos, todos eles, disseram que você precisa descansar — falou ela, suavemente. — Não sei o que me deu. Simplesmente não suportarei se você for embora.

Daniel se sentiu péssimo. Apertou a mãozinha dela contra seu coração.

— Nos encontraremos novamente.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Meu pai disse o mesmo, meu irmão também; todos foram para a guerra e morreram. Não tenho ninguém. Por favor, não vá.

Aquilo era demais para ele. Porém, se quisesse encontrá-la mais uma vez, sua única chance era partir agora.

— Quando a guerra acabar, você e eu nos encontraremos. Você irá para Florença em um verão, e, quando estiver pronta, me encontrará nos jardins di Boboli...

— Eu vou fazer *o quê*?

— Atrás do Palazzo Pitti, no final da Spider Lane, onde as hortênsias florescem. Procure por mim.

— Você deve estar com febre. Isso não faz sentido!

Ele assentiu. Sabia que era verdade. Odiava que não houvesse nenhuma alternativa a não ser deixar essa linda e doce garota seguir em um destino tão horrível. Ela precisaria ir aos jardins no momento certo, tal como Daniel deveria ir atrás de Lucinda agora.

— Estarei lá, esperando por você. Acredite nisso.

Quando ele lhe beijou a testa, os ombros dela tremeram com soluços silenciosos. Contra todos os seus instintos, Daniel se virou, disparando para encontrar um Anunciador capaz de levá-lo ao passado.

CINCO



DESENCAMINHADOS

HELSTON, INGLATERRA • 18 DE JUNHO DE 1854

Luce entrou como um foguete no Anunciador e por ele viajou como um carro em alta velocidade e fora de controle.

Ela era atirada contra suas laterais escuras, e a sensação era a de ser arremessada por um duto de lixo. Não sabia aonde ia nem o que encontraria ao chegar, apenas que esse Anunciador parecia mais estreito e menos flexível que o anterior, e que estava preenchido por um vento úmido e chicoteante que a conduzia cada vez mais para o fundo daquele túnel escuro.

Sua garganta estava seca e o corpo cansado por não haver dormido no hospital. A cada virada, ela se sentia ainda mais perdida e confusa.

O que estava fazendo naquele Anunciador?

Fechou os olhos e tentou preencher sua mente com pensamentos relacionados a Daniel: o aperto forte das suas mãos, a intensidade ardente dos olhos, a forma como seu rosto mudava quando ela entrava em algum ambiente onde ele estivesse. O conforto suave de se

ver envolvida pelas suas asas, voando alto, tendo o mundo e suas preocupações bem distantes.

Que idiota fora ao fugir! Naquela noite, no quintal, entrar no Anunciador parecera o mais certo a se fazer — a única coisa a se fazer. Mas, *por quê?* Por que ela fizera aquilo? Qual ideia estúpida fez aquilo parecer uma manobra inteligente? Agora ela estava longe de Daniel, longe de todos de quem gostava; na verdade, longe de qualquer um. E tudo por sua culpa.

— Como você é idiota! — gritou ela, na escuridão.

— Ei, calma aí — berrou uma voz. Era rouca e brusca, e parecia estar ao lado dela. — Não precisa ofender!

Luce se enrijeceu. Não poderia haver ninguém na escuridão completa do seu Anunciador. Certo? Ela estava ouvindo coisas. Impulsionou o corpo para a frente, para ir mais rápido.

— Dá para ir mais devagar?

Ela prendeu a respiração. De quem quer que fosse a voz, não parecia distorcida ou distante, como se alguém falasse *através* das sombras. Não, alguém estava ali *dentro*. Com ela.

— Olá? — gritou ela, engolindo com dificuldade.

Nenhuma resposta.

O vento dentro do Anunciador se tornou ainda mais barulhento, uivando nos seus ouvidos. Ela seguia para a frente aos trancos, no meio da escuridão, com cada vez mais medo, até que finalmente o ruído do vento morreu e foi substituído por outro — um rugido semelhante à estática. Como se fossem ondas quebrando à distância.

Não, o som era estável demais para ser o barulho de ondas, pensou Luce. Era uma cachoeira.

— Eu disse para ir mais *devagar*.

Luce estremeceu, a voz voltara. Estava a centímetros da sua orelha — havia acompanhado-a em sua corrida. E, agora, parecia irritada.

— Você não aprenderá *nada* se continuar correndo assim!

— Quem é você? O que quer? — berrou Luce. — *Ufff!*

A bochecha dela colidiu contra algo frio e duro. O ruído de uma cachoeira encheu seus ouvidos, perto o bastante para ela sentir gotas frias de água na sua pele.

— Onde estou?

— Você está aqui. Você está... na Pausa. Já ouviu falar em parar para cheirar as peônias?

— Você quer dizer "as rosas". — Luce tateou na escuridão, sentindo um cheiro pungente de mineral que não era desagradável ou estranho, apenas confuso. Percebeu, então, que ainda não saíra do Anunciador e entrara em outra vida, o que só podia significar...

Que ela continuava ali dentro.

Estava muito escuro, mas seus olhos começaram a se acostumar. O Anunciador assumira a forma de algo como uma caverna pequena. Havia uma parede atrás dela, feita da mesma rocha fria que o chão, com uma depressão por onde corria um fio d'água. A cachoeira que ela ouvira estava em algum ponto acima.

E abaixo dela? Havia três metros, mais ou menos, de plataforma rochosa — e, depois, nada. Além daquilo, era tudo escuridão.

— Não sabia que se podia fazer isso — sussurrou Luce para si mesma.

— O quê? — perguntou a voz rouca.

— *Parar* dentro de um Anunciador — respondeu ela. Não tinha falado com ele e continuava não o vendo; e o fato de que terminara parada *sabe-se lá onde* e com *sabe-se lá quem*... Bem, era definitivamente um motivo de alarme. Porém, ainda assim, ela não conseguia deixar de se maravilhar com o ambiente ao seu redor. — Não sabia que existia um lugar assim. Um lugar intermediário.

Ouviu um pigarro de indiferença:

— Eu poderia encher um livro com todas as coisas que você não sabe, garota. Na verdade... Acho que alguém já deve ter escrito esse livro. Mas isso é irrelevante. — Houve uma tosse agitada. — E eu quis dizer "peônias" mesmo.

— Quem *é* você? — Luce se sentou e inclinou-se contra a parede. Esperava que a pessoa não pudesse ver suas pernas tremendo.

— Quem? Eu? — perguntou ele. — Sou apenas... eu. Costumo ficar por aqui.

— Certo... Fazendo o quê?

— Ah, você sabe, andando por aí — pigarreou, e o som parecia de alguém gargarejando com pedras. — Gosto daqui. É legal e tranquilo. Alguns desses Anunciadores são uma confusão, mas não o seu, Luce. Ainda não, ao menos.

— Estou confusa.

Mais do que confusa, Luce sentia medo. Ela sequer deveria falar com esse estranho? Como ele sabia o nome dela?

— Na maior parte do tempo, sou apenas um observador casual, mas, às vezes, fico à espreita por viajantes — a voz estava mais próxima, o que fez Luce estremecer. — Como você. Olha, estou por aqui há algum tempo, e, certas vezes, os viajantes precisam de alguns conselhos. Já foi lá em cima, para a cachoeira? A paisagem é linda. Nota dez, no quesito cachoeiras.

Luce balançou a cabeça.

— Você não disse que... esse é *meu* Anunciador? Uma mensagem do *meu* passado. Então, por que *você* estaria...

— Então tá! Desculpeeee! — a voz se tornou mais alta, indignada. — Farei apenas uma pergunta, se me permite: se os canais para o seu passado são tão preciosos, por que deixou seus Anunciadores escancarados para o mundo inteiro entrar? Hum? Por que simplesmente não os trancou?

— Eu não, hã... — Luce não tinha a menor ideia de que deixara alguma coisa escancarada. Nem a menor ideia de que Anunciadores podiam ser trancados.

Ela ouviu um pequeno *tum*, como o barulho de roupas ou de sapatos sendo atirados em uma mala, mas continuou não enxergando nada.

— Estou vendo que abusei da sua hospitalidade. Não deixarei que desperdice seu tempo — a voz pareceu engasgar subitamente. Depois, soou mais baixa, como se à distância: — Adeus.

Então, sumiu na escuridão. O Anunciador voltou a ser quase silencioso. Havia apenas o murmúrio suave da cascata. Apenas os batimentos desesperados do coração de Luce.

Por um instante, ela não estivera sozinha. Diante daquela voz, ela ficara nervosa, alarmada, com medo... Mas não estava sozinha.

— Espere! — chamou ela, levantando-se.

— Sim? — a voz voltara para o seu lado.

— Não quis te expulsar — disse ela. Por algum motivo, não estava pronta para que a voz simplesmente desaparecesse. Havia algo nele. Ele a conhecia. Ele a chamara pelo nome. — Só queria saber quem você era.

— Ah, bem — disse ele, um pouco eufórico. — Pode me chamar de... Bill.

— Bill — repetiu ela, piscando, tentando ver mais que as paredes sombrias da caverna ao seu redor. — Você é invisível?

— Às vezes. Nem sempre. Certamente não preciso ser. Por quê? Prefere me ver?

— Talvez isso tornasse as coisas um pouquinho menos esquisitas.

— Isso não dependeria da minha aparência?

— Bem... — Luce começou a dizer.

— Então — o dono da voz parecia sorrir —, como quer que eu seja?

— Não sei. — Luce passou o peso do corpo de uma perna para a outra. O lado esquerdo do seu corpo estava úmido, por causa dos borrifos da cachoeira. — Sou eu quem deve escolher? Qual é sua aparência quando você é simplesmente você mesmo?

— Tenho uma variedade de formas. Você provavelmente quer começar com algo bonitinho. Estou certo?

— Acho que sim...

— Tudo bem — murmurou a voz. — *Huminah huminah huminah hummm*.

— O que você está fazendo? — perguntou Luce.

— Colocando meu rosto.

Houve um clarão: uma explosão que teria lançado Luce para longe, caso a parede não estivesse atrás dela. O clarão diminuiu de intensidade e se tornou uma bolinha minúscula de luz fria e branca. Àquela iluminação, ela viu o longo chão de rocha cinzenta abaixo dos seus pés. Uma parede de pedra se estendia atrás dela, com água escorrendo. E havia algo mais...

Ali, à sua frente, estava uma pequena gárgula.

— Tcha-ram! — disse ele.

Tinha aproximadamente 30 centímetros de altura e estava agachado, com os braços cruzados e os cotovelos apoiados sobre os joelhos. A pele era escura, na cor da pedra, mas, quando ele acenou para ela, Luce percebeu que o corpo era flexível o bastante para ser feito de carne e músculos. Ele parecia o tipo de estátua que se vê nos tetos das igrejas católicas. Tipo, as unhas dos dedos eram compridas e pontudas, como pequenas garras. As orelhas também eram pontudas — e furadas com pequenas argolas de pedra. Duas pequenas saliências se destacavam da parte superior da sua testa, que era carnuda e

enrugada. Seus lábios estavam apertados em uma careta que o fazia parecer um bebê bastante velho.

— Então, você é o Bill?

— Isso mesmo — respondeu ele. — Sou o Bill.

Bill era uma criatura de aparência estranha, mas certamente incapaz de amedrontar alguém. Luce o rodeou e notou as vértebras protuberantes da sua coluna vertebral. E o pequeno par de asas cinzentas às suas costas, posicionadas de forma que as pontas ficassem retorcidas juntas.

— O que acha? — perguntou ele.

— Ótimo — disse ela, sem rodeios. Bastava apenas um olhar em um par de asas (até mesmo de Bill) para que ela sentisse tanta saudade de Daniel que seu estômago doesse.

Bill se levantou; era estranho ver braços e pernas feitos de pedra se moverem como músculos.

— Você não gostou da minha aparência. Posso melhorar — disse ele, desaparecendo em outro clarão. — Espere aí.

Flash.

Daniel surgiu na frente dela, envolto em uma aura brilhante de luz violeta. Suas asas abertas eram gloriosas e enormes, convidando-a a entrar no círculo que formavam. Ele lhe estendeu a mão, e a respiração de Luce falhou. Sabia que havia algo estranho em Daniel estar ali e que estivera prestes a fazer outra coisa — mas não conseguia lembrar o que ou com quem. Sua mente ficou nublada; sua memória, obscurecida. Porém, nada daquilo importava. Daniel estava ali. Ela quis gritar de felicidade. Deu um passo na sua direção e colocou sua mão na dele.

— Pronto — disse ele, baixinho. — Era essa a reação que eu queria.

— O quê? — sussurrou Luce, confusa. Algo começou a surgir na sua mente, dizendo-lhe para se afastar. No entanto, os olhos de Daniel superavam aquela hesitação e ela se deixou ser atraída, esquecendo tudo, menos o gosto dos lábios dele.

— Beije-me — a voz era rouca e fanhosa. *Bill*.

Luce gritou e pulou para trás. Sentiu como se sua mente tivesse acordado de um sono profundo. O que havia acontecido? Como ela achara ter visto Daniel em...

Bill. Ele a enganara. Ela puxou a mão da dele, ou talvez ele tenha soltado a dela durante o clarão, quando se transformou em um enorme sapo enverrugado que coaxou dois *croacs!* e pulou em direção à fonte que descia pela parede da caverna. Sua língua disparou para dentro da água.

Luce respirava com dificuldade e tentava não demonstrar o quanto se sentia arrasada.

— Pare com isso — disse ela, duramente. — Volte a ser a gárgula. *Por favor*.

— Como quiser.

Flash.

Bill voltou; agachado, com os braços cruzados sobre os joelhos. Imóvel como uma pedra.

— Achei que você mudaria de ideia — disse ele.

Luce desviou o olhar, sentindo vergonha por ele conseguir irritá-la e raiva por ele parecer gostar disso.

— Agora que está tudo certo — disse ele, movendo-se rapidamente de maneira a ficar onde ela poderia vê-lo —, o que você gostaria de aprender primeiro?

— De você? Nada. Nem imagino o que você está fazendo aqui, para começo de conversa.

— Eu chateei você — disse Bill, estalando os dedos de pedra. — Desculpe. Apenas tentei aprender seus gostos. Você sabe... Você gosta de Daniel Grigori e de pequenas gárgulas. — Ele enumerou com os dedos. — E não gosta de sapos. Acho que já entendi tudo. Não farei mais coisas esquisitas. — Ele abriu as asas e voou, sentando-se no ombro dela. Era pesado. — São somente os truques da profissão — sussurrou ele.

— Não preciso de truques.

— Ah, por favor! Você nem sabe trancar um Anunciador para que caras maus não o invadam. Não quer nem mesmo aprender isso?

Luce ergueu uma das sobrancelhas para ele.

— Por que me ajudaria?

— Você não é a primeira a viajar para o passado, sabe, e todo mundo precisa de um guia. Sorte sua que topou comigo. Poderia ter se deparado com Virgílio...

— Virgílio? — perguntou Luce, lembrando-se, de repente, das aulas de inglês do segundo ano. — Tipo, o cara que conduziu Dante pelos nove círculos do Inferno?

— O próprio. Ele é *tão* certinho que chega a dar sono. Seja como for, você e eu não estamos passeando pelo Inferno nesse momento — explicou ele, dando de ombros. — É a temporada de turismo.

Luce pensou no momento em que vira Luschka queimar em Moscou e na dor crua que sentira quando Lucia lhe disse que Daniel sumira do hospital em Milão.

— Às vezes, parece o Inferno — disse ela.

— Apenas porque demoramos muito para nos conhecermos. — Bill estendeu sua mãozinha de pedra para cumprimentá-la.

Luce parou.

— Então, de qual, hum, lado você está?

Bill assobiou.

— Ninguém lhe disse que a coisa é mais complicada que isso? Que as fronteiras entre o "bem" e o "mal" se misturaram depois de milênios de prática do livre-arbítrio?

— Eu sei, mas...

— Olha, se isso a faz se sentir melhor, já ouviu falar da balança? — Luce fez que não com a cabeça. — São como monitores que ficam dentro dos Anunciadores para garantir que os viajantes cheguem aos seus destinos. Os membros da balança são imparciais, portanto não existe mancomunação com o Céu ou com o Inferno. Entendeu?

— Entendi — Luce assentiu. — Então, você está na balança?

Bill deu uma piscadela e disse:

— Ah, estamos quase lá, então...

— Quase lá onde?

— Na vida para a qual você está indo, que está lançando essa sombra onde estamos.

Luce correu a mão pela água que descia pela parede.

— Essa sombra... Esse Anunciador... é diferente.

— Se é assim, é apenas porque você quer. Se desejar uma caverna do tipo "momento de descanso" dentro de um Anunciador, ela aparecerá para você.

— Eu não queria um momento de descanso.

— Não, mas *precisava* de um. Os Anunciadores são capazes de perceber essas coisas. Além disso, eu estava ajudando, desejando isso para o seu bem. — A pequena gárgula deu de ombros, e Luce ouviu um som como de rochas se chocando. — O interior de um Anunciador não é como qualquer outro lugar. É um não lugar, um eco sombrio lançado por algo do passado. Nenhum deles é igual ao outro; eles se adaptam às necessidades dos seus viajantes durante o tempo em que estão ali dentro.

Era meio absurdo que esse eco do passado soubesse melhor do que Luce o que ela precisava ou necessitava.

— Quanto tempo as pessoas passam dentro deles? Dias? Semanas?

— Tempo nenhum. Não da maneira como você está pensando. Dentro dos Anunciadores, o tempo real não passa. Ainda assim, não é bom ficar aqui por tempo *demais*. Você poderia esquecer para onde está indo e perder-se para sempre. Tornar-se um pairador. E isso é um problema sério. Essas coisas aqui são portais, lembre-se, não destinos.

Luce apoiou a cabeça na parede úmida de pedra. Não sabia o que pensar sobre Bill.

— E esse é seu trabalho... Servir como guia para, hã, viajantes como eu?

— Claro, exatamente. — Bill estalou os dedos, e a fricção fez surgir uma faísca. — Acertou na mosca.

— Como uma gárgula tipo você terminou presa em uma tarefa dessas?

— Com licença, mas tenho orgulho do meu trabalho.

— Eu quis dizer: quem contratou você?

Bill pensou por um momento. Seus olhos de mármore rolaram para a frente e para trás nas órbitas.

— Penso nisso como uma tarefa voluntária. Sou bom em viajar nos Anunciadores, só isso. Não há motivo para não espalhar meus conhecimentos por aí. — Ele se virou para ela, a palma da mão em concha sob o queixo de pedra. — Para quando estamos viajando, afinal?

— Para *quando* estamos...? — Luce o encarou, confusa.

— Você não faz a menor ideia, não é? — Ele deu um tapa na testa. — Está me dizendo que saltou para fora do presente sem ter qualquer conhecimento fundamental sobre como atravessar o tempo? Que a

forma como você chega em certa época é um mistério completo para você?

— E como eu poderia saber? — reclamou Luce. — Ninguém me disse nada!

Bill desceu voando do ombro dela e andou ao longo da plataforma de pedra.

— Tem razão, tem razão. Voltemos ao básico. — Ele parou na frente de Luce, as mãozinhas minúsculas sobre os quadris espessos. — Então, vamos lá: o que você quer?

— Eu quero... estar com Daniel — respondeu ela, lentamente. Havia mais do que isso, mas ela não sabia como explicar.

— Hum! — Bill pareceu ainda mais hesitante do que suas sobrancelhas grossas, lábios de pedra e nariz adunco o faziam parecer naturalmente. — O furo nessa sua argumentação, Conselheira, é que Daniel estava ao seu lado quando você fugiu da sua época. Ou não?

Luce deslizou pela parede e se sentou, sentindo outra forte onda de arrependimento.

— Precisei ir embora. Ele não queria me contar sobre nosso passado, por isso precisei tentar descobrir sozinha.

Ela esperava que Bill continuasse a discutir, mas ele simplesmente disse:

— Então você está numa *busca*.

Luce sentiu um sorriso tênue cruzar seus lábios. Uma busca. Gostava dessa ideia.

— Ou seja, você *realmente* deseja algo. Viu? — Bill bateu palmas. — Certo, a primeira coisa que você precisa saber é que os Anunciadores são convocados até você com base no que está acontecendo aqui. — Ele bateu o punho de pedra contra o peito. — Eles são como tubarõezinhos, atraídos pelos seus desejos mais profundos.

— Certo. — Luce se lembrou das sombras em Shoreline, quase como se os Anunciadores a houvessem escolhido, não o contrário.

— Por isso, quando você atravessa um Anunciador que parece vibrar diante de você, implorando para que o apanhe, ele te encaminha ao local onde sua alma deseja estar.

— Então, a garota que fui em Moscou e em Milão... E em todas as vidas que vislumbrei antes de sequer saber como atravessar... Eu desejava visitá-las?

— Exatamente — respondeu Bill. — Você só não sabia disso. Os Anunciadores sabiam no seu lugar. Você vai ficar melhor nisso. Logo se sentirá à vontade, compartilhando o conhecimento deles. Por mais estranho que possa parecer, eles são parte de você.

Cada uma daquelas sombras frias e escuras... Era parte dela? Aquilo subitamente fez um sentido inesperado. Explicava como, desde o começo, mesmo quando isso a amedrontava, Luce não conseguira parar de atravessar os Anunciadores. Ainda que Roland a avisasse sobre serem perigosos e que Daniel ficasse boquiaberto, como se ela houvesse cometido um crime terrível. Os Anunciadores sempre lhe pareciam portas abertas. Seriam mesmo?

Será que seu passado, que um dia parecera impossível de ser conhecido, estaria ali, e tudo o que ela precisaria fazer era atravessar as portas certas? Ela poderia ver como fora, o que atraíra Daniel até ela, por que o amor deles fora amaldiçoado, e como ele cresceu e se modificou através do tempo. E, o mais importante, o que ambos poderiam ser no futuro.

— Estamos quase chegando a algum lugar — informou Bill —, mas, sabendo o que você e seus Anunciadores são capazes, pense no que deseja da próxima vez em que atravessar. E não pense em termos de *lugar* ou de *época*, e sim na *busca* em geral.

— Certo. — Luce se esforçava para colocar em ordem a confusão de emoções dentro de si, para transformá-la em palavras que fizessem algum sentido quando ditas em voz alta.

— Por que não tentamos agora? — propôs Bill. — Para praticar. Podemos encontrar um aviso sobre os possíveis perigos do lugar onde entraremos. Pense no que está buscando.

— Entendimento — disse ela, devagar.

— Ótimo — disse Bill. — O que mais?

Uma energia nervosa a atravessou, como se estivesse na iminência de algo importante.

— Quero descobrir por que Daniel e eu fomos amaldiçoados. E quebrar essa maldição. Quero impedir que o amor me mate, para que finalmente possamos ficar juntos... de verdade.

— Calma, calma, calma. — Bill começou a agitar as mãos, como um homem no acostamento de uma estrada escura. — Não vamos enlouquecer. A maldição que você deseja combater é muito antiga. Você e Daniel são como... Não sei, não dá para simplesmente estalar seus belos dedinhos e, pronto, acabar com isso. Você precisa ir aos poucos.

— Certo — respondeu Luce. — Tudo bem. Então, preciso conhecer um dos meus "eus" do passado. Me aproximar e assistir ao relacionamento dela com Daniel se desenrolar. Descobrir se ela sente o mesmo que eu.

Bill assentiu, com um sorriso sinistro nos lábios volumosos. Ele a levou até a beira da plataforma.

— Acho que está pronta. Vamos.

Vamos? A gárgula iria com ela? Sairia do Anunciador e entraria em algum passado? Sim, um pouco de companhia faria bem a Luce, mas ela mal conhecia esse cara.

— Você está se perguntando se deve confiar em mim, não está? — indagou Bill.

— Não, eu...

— Já entendi — disse ele, pairando na frente dela. — Sou uma criatura peculiar. Especialmente em comparação ao tipo de companhia com o qual você está acostumada. Certamente não sou um anjo — limpou a garganta com desdém —, mas posso ajudá-la a fazer essa viagem valer a pena. Podemos fazer um trato, se quiser. Se você ficar cansada de mim, basta dizer e eu me mando. — Ele lhe estendeu sua longa mão em forma de garra.

Luce estremeceu. A mão de Bill era calejada, com nódulos rochosos e crostas de líquen, como em uma estátua em ruínas. A última coisa que ela desejava era tocá-la. Porém, se não o fizesse, se o dispensasse...

Talvez fosse melhor com ele do que sem.

Ela olhou para baixo. A pequena plataforma úmida abaixo deles terminava no ponto onde ela estava e, então, despencava no vazio. Entre seus sapatos, algo chamou sua atenção; um brilho na pedra, que a fez piscar. O chão estava mudando... Tornando-se mais macio... Balançando sob seus pés.

Luce olhou para trás. O piso de pedra desmoronava completamente, até chegar à parede. Ela tropeçou, se equilibrando na beirada. A plataforma oscilou embaixo dela — com mais intensidade — enquanto as partículas que uniam a rocha se desmembravam. A plataforma sumia à sua volta cada vez mais rapidamente, até que o ar fresco tocou seus calcanhares e ela pulou...

E afundou a mão direita na garra estendida de Bill. Eles sacudiram as mãos em pleno voo.

— Como sairemos daqui? — gritou ela, agarrando com força a mão dele, com medo de cair no abismo que não podia ver.

— Siga seu coração. — Bill sorria, radiante e calmo. — Ele não vai guiá-la para o lugar errado.

Luce fechou os olhos e pensou em Daniel. Uma sensação de leveza a dominou, e ela recuperou o fôlego. Quando abriu os olhos, estava voando, de alguma maneira, por uma escuridão estática. A caverna de pedra se transformou em um pequeno globo de luz dourada, que se encolheu e sumiu.

Luce olhou ao redor. Bill estava ao seu lado.

— Qual foi a primeira coisa que eu disse a você? — perguntou ele.

Luce se lembrou de como a voz dele parecera alcançar completamente o interior dela.

— Você me disse para ir mais devagar. E que eu nunca aprenderia algo se apenas corresse pelo meu passado.

— E?

— Era exatamente o que eu queria fazer, mas não sabia.

— Talvez seja por isso que você me encontrou naquele momento — berrou Bill sobre o barulho da ventania, as asas cinzentas tremulando enquanto eles seguiam a toda a velocidade. — E talvez seja por isso que viemos parar... bem... aqui.

O vento parou. Os estalos da estática se suavizaram até se transformarem em silêncio.

Os pés de Luce bateram no chão. A sensação era como, após saltar rapidamente de um balanço, aterrissar em um gramado. Eles saíram do Anunciador e estavam em um lugar diferente. O ar era morno e um pouco úmido. A luz ao redor dos pés dela lhe informou que estavam em um fim de tarde.

Ambos estavam afundados em um campo de grama alta e espessa, macia e brilhante, cuja altura chegava às panturrilhas. Em alguns pontos, a grama estava pontilhada de frutinhas em tom vermelho vivo: eram morangos silvestres. À frente, uma estreita fileira de

vidoeiros-brancos delimitava o início do bem-cuidado gramado de uma propriedade particular. A alguma distância, havia um grande casarão.

De onde estava, Luce podia ver um pequeno lance de escadas, de pedra branca, que levava à porta dos fundos daquela enorme mansão no estilo Tudor. Um acre de roseiras amarelas limitava os gramados ao norte, e um pequeno labirinto de sebes preenchia a área próxima ao portão de ferro, a leste. No centro havia uma horta abundante, onde pés de feijão subiam ao longo de treliças. Uma trilha de pequenas pedras cortava o jardim ao meio e levava a um grande gazebo branco.

Luce sentiu os pelos dos seus braços se arrepiarem. Era aquele o lugar. Teve a sensação visceral de que estivera ali antes. Não se tratava de um *déjà-vu* comum. Ela olhava para um lugar que significara algo para ela e para Daniel, e, de alguma forma, esperou ver os dois ali, naquele instante, abraçados.

Porém, o gazebo estava vazio, preenchido apenas pela luz alaranjada do sol poente.

Alguém assobiou, fazendo-a pular.

Bill.

Esquecera que ele estava ali. Ele pairou no ar, de maneira que as cabeças deles ficassem no mesmo nível. Fora do Anunciador, ele era ainda mais repulsivo do que parecera inicialmente. Àquela luz, sua pele era seca e escamosa, e ele cheirava a mofo. Moscas zumbiam ao redor da sua cabeça. Luce se afastou um pouco, quase desejando que ele voltasse a ser invisível.

— Com certeza é melhor que uma zona de guerra — comentou ele, olhando o terreno.

— Como você sabe onde eu estava antes?

— Eu sou... Bill — e deu de ombros. — Sei lá, eu sei das coisas.

— Certo. Então, onde estamos agora?

— Helston, Inglaterra — e apontou uma de suas garras em direção à cabeça e fechou os olhos. — No que você chamaria de 1854. — Então, juntou as mãos em frente ao peito, como uma espécie de garotinho recitando uma poesia na escola. — Trata-se de uma cidade sulina e sonolenta na região da Cornualha, que foi reconhecida pelo rei John em pessoa. As plantações de milho estão com 30 centímetros de altura, então eu diria que estamos no meio do verão. É uma pena perdermos o mês de maio... Eles têm um festival, o Dia da Flora, que você não acreditaria. Ou melhor, acho que acreditaria, sim! Seu eu foi a jovem mais linda do baile nos dois últimos anos. O pai dela é riquíssimo, sabe... Começou por baixo, no comércio de cobre...

— Parece ótimo — Luce o interrompeu e começou a atravessar o gramado. — Vou até a casa. Quero falar com ela.

— Espere aí! — Bill passou por ela voando e então deu uma cambalhota para trás, ficando a alguns centímetros do seu rosto. — Com isso? Não vai rolar de jeito nenhum.

Ele fez um círculo com um dos dedos, e Luce percebeu que ele se referia às suas roupas. Ela continuava usando o uniforme de enfermeira italiana da Primeira Guerra Mundial.

Ele agarrou a barra da sua longa saia branca e ergueu-a até os tornozelos.

— O que você tem aqui embaixo? São tênis *All Star*? Você deve estar brincando comigo! — Bill estalou a língua. — Como você sobreviveu a todas suas vidas sem mim...!

— Eu me virei muito bem, obrigada.

— Você precisará fazer mais que "se virar", se quiser passar algum tempo aqui. — Bill voou novamente até a altura dos olhos de Luce e deu três voltas ao redor dela, bem rápido. Quando ela se virou para olhá-lo, ele já havia ido embora.

Então, um segundo depois, ela ouviu sua voz, embora parecesse vir de muito longe:

— Uau! Brilhante, Bill!

Um ponto cinzento apareceu flutuando perto da casa e começou a aumentar e aumentar, até que as rugas de pedra de Bill se tornaram visíveis. Agora, ele voava em direção a ela, carregando um monte de roupas escuras.

Quando a alcançou, simplesmente puxou com força a lateral das roupas dela, e o uniforme branco e folgado se abriu nas costuras e deslizou para baixo. Luce abraçou seu corpo nu, com vergonha, mas pareceu que, em menos de um segundo, uma série de anáguas e um longo vestido preto foram enfiados pela sua cabeça.

Bill se moveu ao redor dela como uma costureira nervosa, envolvendo sua cintura em um corpete até haver pontas incômodas nas partes mais variadas do seu corpo. Havia tanto tecido nas anáguas que sua roupa emitia ruídos diante da menor brisa.

Ela achou que a roupa estava ótima para a época... Até ver o avental branco amarrado em torno da sua cintura. Levou a mão até os cabelos e arrancou um chapéu branco de criada.

— Sou uma *empregada*? — perguntou.

— Sim, Einstein, você é uma empregada.

Luce sabia que era besteira, mas se sentiu um pouco desapontada. Aquela propriedade era tão magnífica, e os jardins, tão adoráveis; ela sabia que estava em uma busca e tudo o mais... Mas será que não poderia simplesmente passear por ali como uma verdadeira dama vitoriana?

— Achei que você havia dito que minha família era rica.

— A família do seu *eu* era rica. Podre de rica. Você descobrirá quando a conhecer. Ela se chama Lucinda e, por falar nisso, acha seu apelido *totalmente abominável*. — Bill empurrou o nariz para cima,

em uma imitação bastante risível de um esnobe. — *Ela* é rica, sim, mas *você*, minha querida, é uma intrusa viajante do tempo, que desconhece os costumes da alta sociedade. Então, a menos que queira parecer uma costureira de Manchester e ser colocada para fora antes de conseguir bater um papo com Lucinda, precisa de um bom disfarce. Você é uma copeira. Servente. Alguém que troca os penicos de louça dos quartos. Tanto faz. Não se preocupe, não me intrometerei. Posso desaparecer em um piscar de olhos.

Luce soltou um gemido:

— E eu simplesmente entro e finjo que trabalho na casa?

— Não. — Bill revirou os olhos de pedra. — Apresente-se à dona da casa, a Sra. Constance. Diga a ela que seus últimos patrões se mudaram para a Europa continental e que você está em busca de um novo emprego. Ela é uma velha rabugenta e malvada, que adora referências. Para sua sorte, estou um passo à frente dela. Você encontrará suas indicações no bolso do avental.

Luce deslizou a mão para dentro do bolso do avental de linho branco e puxou um envelope grosso. Ele estava fechado com um selo de cera vermelha; quando ela o virou, leu *Sra. Melville Constance*, rabiscado em tinta preta.

— Você é mesmo uma espécie de sabe-tudo, né?

— Obrigado. — Bill fez uma reverência graciosa; então, quando percebeu que Luce andava em direção à casa, voou até ela, batendo as asas tão rapidamente que pareciam borrões cinzentos nas laterais do seu corpo.

A essa altura, eles haviam passado pelos vidoeiros-brancos e cruzavam o gramado. Luce estava prestes a percorrer a trilha de pedrinhas que levava à mansão, mas parou ao notar duas silhuetas no gazebo. Um homem e uma mulher andando em direção à casa. Em direção a Luce.

— Abaixe-se — sussurrou ela. Não estava preparada para ser vista em Helston, especialmente com Bill zumbindo ao seu lado como uma espécie de inseto gigantesco.

— Abaixe-se *você*! — retrucou ele. — Só porque abri uma exceção à minha invisibilidade em seu benefício não significa que qualquer mortal é capaz de me ver. Estou perfeitamente escondido. Para seu governo, os *únicos* olhos dos quais preciso me esconder são dos... Ei, opa! — As sobrancelhas de pedra de Bill se ergueram repentinamente, fazendo um som alto de atrito. — Fui — disse ele, enfiando-se atrás das trepadeiras de tomates.

Dos anjos, completou Luce. Eram, provavelmente, as únicas almas capazes de enxergar Bill nessa forma. Ela adivinhou porque finalmente conseguira ver o homem e a mulher que levaram Bill a se esconder. Boquiaberta, atrás das folhas espessas e pontiagudas das vinhas de tomates, Luce não conseguiu desviar o olhar de ambos.

De Daniel, na verdade.

O restante do jardim estava bastante silencioso. As canções de fim de tarde dos pássaros silenciaram, e tudo o que ela podia ouvir eram dois pares de pés caminhando vagarosamente pela trilha de pedrinhas. Os últimos raios de sol pareciam incidir sobre Daniel, criando uma auréola dourada ao seu redor. Sua cabeça estava inclinada na direção da mulher, e ele assentia enquanto caminhava. A mulher não era Luce.

Era mais velha do que Lucinda deveria ser — na faixa dos 20 anos, provavelmente, e linda, com cachos escuros e sedosos sob um largo chapéu de palha. Seu longo vestido de musselina era da cor de dentes-de-leão e parecia muito caro.

— O senhor aprecia nosso pequeno vilarejo, Sr. Grigori? — dizia a mulher. Sua voz era aguda, alegre e cheia de uma confiança natural.

— Talvez até demais, Margaret. — O estômago de Luce se apertou de ciúmes enquanto via Daniel sorrir para a mulher. — É difícil

acreditar que faz uma semana que cheguei a Helston. Poderia ficar até mais tempo do que havia planejado — fez uma pausa. — Todos aqui têm sido muito amáveis.

Margaret corou, e Luce ferveu por dentro. Até o rubor de Margaret era lindo.

— Nossa esperança é que esse sentimento transpareça no seu trabalho — disse ela. — Minha mãe está felicíssima, é claro, por ter um artista entre nós. Todos estão.

Luce engatinhava para acompanhá-los enquanto caminhavam. Passando da horta, ela se abaixou atrás das roseiras, apoiou as mãos no chão e se inclinou para a frente, tentando ouvir o casal.

Então soltou uma exclamação: ferira o dedo em um espinho e ele sangrava.

Ela levou a ferida à boca e balançou a mão, tentando não manchar o avental com o sangue, mas, quando o sangramento cessou, ela percebeu que perdera parte da conversa. Margaret olhava para Daniel ansiosamente.

— Perguntei se o senhor estará presente nas festividades dessa semana — o tom dela era um pouco carente. — Mamãe sempre exagera nas comemorações.

Daniel murmurou algo parecido com um sim; não deixaria de participar, mas estava obviamente distraído. Não parava de olhar para o outro lado. Seus olhos vasculhavam o gramado, como se sentisse a presença de Luce atrás das roseiras.

Quando seu olhar passou pelo local onde ela estava escondida, eles brilharam no mais intenso tom de violeta.

SEIS



A MULHER DE BRANCO

HELSTON, INGLATERRA • 18 DE JUNHO DE 1854

Quando Daniel chegou a Helston, estava irritado.

Reconheceu o lugar assim que o Anunciador o ejetou sobre as margens cobertas por pedregulhos do Loe. O lago estava parado, refletindo grandes nuvens rosadas do céu de fim de tarde. Espantado por aquela aparição repentina, um par de martins-pescadores levantou voo e atravessou o campo de trevos, pousando em uma árvore torta na charneca ao lado da estrada principal. Aquela via levava, ele sabia, à pequena cidade onde passara um verão com Lucinda.

Pisar novamente naquela terra verde e fértil tocou algo dentro dele. Por mais que trabalhasse para fechar cada porta do passado, por mais que se esforçasse para superar as dolorosas mortes dela... Algumas coisas significavam mais que outras. Ele se surpreendeu ao notar a clareza com que ainda se lembrava do tempo que passaram juntos no sul da Inglaterra.

Mas Daniel não estava ali para descansar. Nem para se apaixonar pela linda filha de um comerciante de cobre. Seu dever era impedir que

uma garota descuidada se perdesse tanto nos momentos sombrios do seu passado que pudesse morrer. Ele estava ali para ajudá-la a desfazer a maldição sobre eles, de uma vez por todas.

Começou a longa caminhada até a cidade.

Era um fim de tarde quente e ocioso no verão de Helston. Nas ruas, senhoras usando toucas e vestidos com barras de renda falavam em voz baixa e educada com homens em ternos de linho, com os quais andavam de braços dados. Os casais paravam em frente às vitrines das lojas. Demoravam-se conversando com os vizinhos. Paravam novamente nas esquinas e levavam dez minutos para se despedir.

Tudo naquelas pessoas, desde a roupa até o ritmo do caminhar, era irritantemente lento. Daniel não poderia se sentir mais deslocado naquelas ruas.

Suas asas, escondidas sob o casaco, ardiam impacientes enquanto ele passava com dificuldade entre os transeuntes. Ele conhecia um lugar onde, com toda a certeza, poderia encontrar *Lucinda:* ela visitava o gazebo do patrono de Daniel quase todas as tardes, logo antes de escurecer. Porém, onde ele encontraria *Luce* — a que entrava e saía dos Anunciadores, aquela que ele *precisava* encontrar —, era algo que não havia como saber.

As outras vidas às quais Luce chegara faziam algum sentido para Daniel. No quadro geral, elas foram... anomalias. Momentos do passado em que, logo antes de morrer, ela chegara perto de desvendar a verdade sobre a maldição. No entanto, ele não conseguia entender por que o Anunciador a levara até *ali*.

Helston foi uma época bastante tranquila. Nessa vida, o amor deles havia crescido devagar, com naturalidade. Até mesmo a morte dela fora reservada, compartilhada apenas por eles. Certa vez, Gabbe usou a palavra “respeitável” para descrever o fim de Lucinda em

Helston. Aquela morte, ao menos, fora um sofrimento apenas dos dois.

Não, não havia sentido em Luce chegar por acaso a essa vida; o que significava que ela poderia estar em qualquer lugar do vilarejo.

— Ora, ora, Sr. Grigori! — chamou uma voz estridente na rua. — Que surpresa maravilhosa encontrá-lo aqui na cidade!

Uma senhora loura, usando um longo vestido azul e estampado, surgiu na frente de Daniel, tomando-o completamente de surpresa. Segurava a mão de um menino de 8 anos, sardento, rechonchudo e parecendo infeliz em um paletó creme com uma mancha embaixo do colarinho.

Finalmente, Daniel se lembrou: era a Sra. Holcombe e seu filho sem talento, Edward, a quem ele dera aulas de desenho por algumas dolorosas semanas durante sua estadia em Helston.

— Olá, Edward. — Daniel se inclinou para baixo para apertar a mão do garotinho e, depois, fez uma reverência para a mãe. — Sra. Holcombe.

Até aquele momento, Daniel dera pouca atenção às suas roupas enquanto viajava pelo tempo. Não se importava com o que alguém na rua pensaria sobre sua calça cinza e moderna ou que o corte da sua camisa social branca parecesse estranho comparado com o de qualquer outro homem na cidade. Porém, ao trombar com pessoas que realmente conhecera há quase duzentos anos, usando as roupas que vestira dois dias atrás, no jantar de Ação de Graças dos pais de Luce, a confusão poderia se espalhar.

Daniel não queria chamar atenção. Nada poderia ser um empecilho para encontrar Luce. Ele simplesmente precisaria encontrar outra roupa. Não que os Holcombe tivessem notado algo. Por sorte, Daniel voltara a uma época em que era conhecido como um artista "excêntrico".

— Edward, mostre ao Sr. Grigori o que mamãe comprou para você — pediu a Sra. Holcombe, alisando os cabelos rebeldes do filho.

Relutante, o menino tirou um pequeno kit de pintura de um saco: cinco potes de vidro com tinta e um pincel de madeira, com o cabo vermelho e comprido.

Daniel fez os elogios necessários — sobre como Edward era um garotinho muito sortudo, cujo talento contava com as ferramentas adequadas — enquanto tentava disfarçar o fato de que procurava a forma mais rápida de escapar daquela conversa.

— Edward é uma criança tão talentosa — insistiu a Sra. Holcombe, segurando o braço de Daniel. — O problema é que ele considera suas aulas de desenho um pouquinho menos empolgantes do que aquilo que um garoto da idade dele esperaria. Por isso imaginei que um kit de pintura o ajudaria a realmente se dedicar. Como um *artiste*. O senhor entende, Sr. Grigori?

— Sim, sim, é claro — Daniel a interrompeu. — Pode lhe dar tudo o que o incentivar a pintar. É um plano brilhante...

Uma onda de frio se espalhou pelo seu corpo e congelou suas palavras na garganta.

Cam saía de um bar, do outro lado da rua.

Por um momento, Daniel bufou, com raiva. Fora bastante claro ao afirmar que não queria a ajuda de ninguém. Fechou os punhos e deu um passo em direção a Cam, mas, então...

Claro. Era o Cam da época de Helston. E, ao que parecia, ele estava se divertindo naquelas calças listradas afuniladas e com aquela capa vitoriana. Seu cabelo preto estava comprido e descia em cascatas até logo abaixo dos ombros. Cam se recostou na porta do bar, conversando animadamente com três outros homens.

Ele retirou um charuto com ponta dourada de uma caixa de metal quadrada. Ainda não vira Daniel. Assim que o visse, pararia de rir.

Desde o início, Cam viajara pelos Anunciadores mais que qualquer outro dos anjos caídos. Era especialista, de uma maneira que Daniel jamais poderia ser. Tratava-se de um dom daqueles que decaíram com Lúcifer: eles tinham o talento de viajar pelas sombras do passado.

Bastaria olhar para Daniel para que esse Cam vitoriano soubesse que seu rival era um Anacronismo.

Um homem fora do tempo.

Cam perceberia que algo importante estava acontecendo. E, então, Daniel nunca conseguiria abalá-lo.

— O senhor é tão generoso, Sr. Grigori — a Sra. Holcombe continuava tagarelando e segurando Daniel pela manga da camisa.

A cabeça de Cam virou na direção dele.

— Imagina — as palavras de Daniel saíram se atropelando. — Agora, se me der licença... — soltou os dedos dela do seu braço. — Preciso ir... Comprar roupas novas.

Daniel fez uma reverência apressada e entrou rapidamente pela porta da loja mais próxima.

— Sr. Grigori... — a Sra. Holcombe praticamente gritava o seu nome.

Silenciosamente, Daniel a xingou e fingiu que não podia escutá-la, o que somente fez com que ela gritasse ainda mais alto.

— Mas essa é a loja da modista, Sr. Grigori! — berrou, com as mãos em concha ao redor da boca.

Daniel já havia entrado. A porta de vidro bateu atrás dele, e o sino amarrado às dobradiças soou. Ele poderia se esconder ali, ao menos por alguns minutos, na esperança de que Cam não o houvesse visto ou ouvido a voz estridente da Sra. Holcombe.

A loja estava em silêncio e cheirava a lavanda. Os saltos de muitos sapatos haviam desgastado o assoalho de madeira, e, nas prateleiras ao longo das paredes, havia rolos de tecidos coloridos empilhados até

o teto. Daniel abaixou a cortina de renda sobre a janela, de maneira que se tornasse menos visível da rua. Ao se virar, viu através do espelho outra pessoa na loja.

Engoliu um gemido de alívio e de surpresa.

Ele a encontrara.

Luce experimentava um longo vestido de seda branca, cuja gola alta e presa com uma fita amarela destacava o tom incrível dos seus olhos cor de avelã. Seus cabelos estavam presos para o lado com um florido grampo de contas. Ela não parava de arrumar as mangas, ajeitando a forma como caíam sobre seus ombros e examinando-se no máximo de ângulos possíveis. Daniel adorou todos eles.

Ele quis ficar ali, admirando-a para sempre, mas então se lembrou. Foi até ela e segurou-lhe o braço.

— Isso já foi longe demais. — Enquanto falava, Daniel se sentiu tomado pela deliciosa sensação da pele dela contra sua mão. A última vez em que a tocara fora quando pensou que a houvesse perdido para os Párias. — Tem ideia do susto que me deu? Você não está segura sozinha aqui — disse ele.

Luce não discutiu com ele, como Daniel esperava. Em vez disso, gritou e lhe deu um tapa no rosto.

Aquela não era Luce. Era Lucinda.

E, o que é pior, eles ainda não haviam se conhecido naquela vida. Ela provavelmente acabara de voltar de Londres com a família. Lucinda e Daniel estavam prestes a se conhecer na festa do solstício de verão na residência dos Constance.

Ele pôde perceber tudo pelo choque registrado no rosto de Lucinda.

— Que dia é hoje? — perguntou, desesperado.

Ela o consideraria insano. Do outro lado da loja, ele estivera tão tomado pelo amor que não notara a diferença entre a garota que ele

havia perdido e aquela que precisava salvar.

— Desculpe — sussurrou ele. Exatamente por isso que Daniel era tão ruim sendo um Anacronismo: perdia-se completamente nos menores detalhes. Um toque da pele dela. Um olhar nos seus profundos olhos cor de avelã. O cheiro do talco perfumado ao longo dos seus cabelos. Uma respiração compartilhada no espaço apertado daquela minúscula loja.

Lucinda estremeceu ao olhar as bochechas dele. No espelho, o lugar onde ela o estapeara tinha um tom vermelho vivo. Seus olhos viajaram para encontrar os dele — e Daniel sentiu o coração se afundar. Os lábios rosados dela se entreabriram, e sua cabeça se inclinou ligeiramente para a direita. Ela o olhava como uma mulher profundamente apaixonada.

Não.

Não era assim que deveria acontecer. A forma como precisaria acontecer. Eles tinham que se conhecer apenas na festa. Por mais que Daniel amaldiçoasse o destino de ambos, não interferiria nas vidas anteriores de Luce. Elas a faziam voltar para ele.

Ele tentou parecer o mais desinteressado e carrancudo possível, cruzando os braços sobre o peito, se movendo para criar um espaço maior entre eles, e mantendo o olhar fixo em qualquer outro ponto que não aquele que desejava: ela.

— Perdão — disse Lucinda, pressionando as mãos sobre o coração. — Não sei o que aconteceu comigo. *Nunca* fiz nada parecido...

Daniel não ia discutir, embora ela o houvesse estapeado tantas vezes ao longo dos anos que Ariane mantinha um registro no seu caderninho intitulado *Você é o cara*.

— O erro foi meu — emendou ele, rapidamente. — Eu... Eu achei que você fosse outra pessoa. — Daniel havia interferido demais no

passado; primeiro com Lucia em Milão, agora aqui. Ele começou a recuar.

— Espere — estendeu a mão na direção dele. Seus olhos eram adoráveis fontes de luz, em tom de avelã, que o atraíam de volta. — Sinto quase como se nos conhecêssemos, embora eu não consiga me lembrar...

— Receio que não.

Àquela altura, ele havia chegado até a porta e abria a cortina para checar se Cam continuava na rua. Continuava.

Cam estava de costas para a loja e gesticulava animadamente, contando alguma história inventada na qual certamente ele era o herói. Poderia se virar à menor provocação e, então, Daniel seria pego.

— Por favor, senhor... Pare. — Lucinda correu até Daniel. — Quem é o senhor? Acho que o conheço. Por favor, espere.

Ele precisaria se arriscar na rua. Não poderia ficar ali com Lucinda. Não com ela agindo dessa maneira. Não com ela se apaixonando pela versão errada dele. Ele vivera aquela vida, e não era assim que tudo acontecia. Por isso, foi obrigado a fugir.

Ignorá-la matava Daniel por dentro; afastar-se de Lucinda quando tudo na sua alma lhe dizia para se virar e voar em direção ao som da sua voz, para seu abraço, para o calor dos seus lábios e para o poder enfeitiçado do seu amor.

Ele escancarou a porta da loja e fugiu para rua, correndo sob o pôr do sol com todas as suas forças. Não se importava com o que aquilo pareceria às outras pessoas da cidade. Daniel usava todo o fogo das suas asas para correr.

SETE



SOLSTÍCIO

HELSTON, INGLATERRA • 21 DE JUNHO DE 1854

As mãos de Luce estavam queimadas, cheias de bolhas e doíam até os ossos.

Desde que chegara à mansão dos Constance, três dias antes, ela pouco fizera além de lavar uma pilha interminável de louças. Trabalhava do nascer ao pôr do sol, esfregando pratos, tigelas, tigelinhas para molhos e exércitos de talheres, até que, ao fim do dia, sua nova chefe, a Srta. McGovern, servia o jantar dos empregados da cozinha: um prato triste com carne fria, pedaços secos de queijo e uns poucos pãezinhos duros. A cada noite, após o jantar, Luce caía em um sono profundo e sem sonhos no beliche do sótão que dividia com Henrietta, sua companheira de cozinha, uma garota dentuça e peituda com cabelos cor de palha que viera de Penzance para Helston.

A quantidade de trabalho era surpreendente.

Como um único lar era capaz de sujar louça o suficiente para manter duas garotas trabalhando por 12 horas seguidas? Porém, as bacias de pratos sujos de comida continuavam a chegar, e a Srta.

McGovern mantinha seus olhinhos fixos na pia de Luce. Na quarta-feira, todos na mansão tagarelavam sobre a festa de solstício daquela noite, mas, para Luce, aquilo apenas significava mais pratos. Ela encarou a pia de água suja com ódio.

— *Não* é o que eu tinha em mente — murmurou para Bill, que estava sempre pairando na beirada do armário da cozinha, próximo à pia de Luce. Ela ainda não se acostumara em ser a única ali capaz de enxergá-lo. Por isso, ficava nervosa sempre que ele voava em direção a outros criados, fazendo piadas sujas que somente Luce podia escutar e das quais ninguém — além de Bill — ria.

— Vocês, filhos do milênio, não têm qualquer ética no trabalho — disse ele. — A propósito, fale baixo.

Luce não aguentou.

— Se esfregar essa sopeira nojenta tivesse alguma coisa a ver com entender meu passado, minha *ética no trabalho* te surpreenderia. Mas isso não faz sentido algum — agitou uma frigideira de ferro, cujo cabo estava escorregadio com banha de porco, diante do rosto de Bill. — Sem falar que é nauseante.

Luce sabia que sua frustração nada tinha a ver com a louça. Provavelmente ela parecia uma menina mimada, mas mal saíra dali desde que começara a trabalhar. Não vira o Daniel de Helston nenhuma vez desde aquele primeiro vislumbre no jardim, e não tinha a menor ideia sobre onde estava seu eu. Estava sozinha, apática e deprimida de uma maneira que não se sentia desde aqueles horríveis primeiros dias na Sword & Cross, antes de ter Daniel ou qualquer pessoa com quem realmente pudesse contar.

Havia abandonado Daniel, Miles e Shelby, Ariane e Gabbe, Callie e seus pais... Tudo isso para quê? Para ser uma copeira? Não, para desfazer essa maldição, algo que ela nem ao menos sabia se era capaz.

E daí que Bill pensasse que ela estava choramingando? Ela não podia evitar. Estava à beira de um colapso nervoso.

— Odeio esse emprego. Odeio esse lugar. Odeio essa estúpida festa de solstício e esse suflê de faisão idiota...

— Lucinda estará na festa hoje à noite — disse Bill repentinamente. Sua voz era irritantemente calma. — E, por acaso, ela *adora* o suflê de faisão dos Constance. — Ele voou até o balcão e se sentou de pernas cruzadas sobre ele, girando a cabeça 360 graus ao redor do pescoço de uma forma medonha para se certificar de que estavam sozinhos.

— Lucinda estará na festa? — Luce deixou a frigideira e a escova de lavar a louça caírem na pia cheia de água com sabão. — Eu falarei com ela. Sairei dessa cozinha e falarei com ela.

Bill assentiu, como se esse sempre houvesse sido o plano.

— Apenas se lembre da sua posição. Se uma versão sua vinda do futuro aparecesse em uma festa da escola e lhe dissesse...

— *Eu* preferiria saber — interrompeu-o Luce. — O que quer que fosse, eu insistiria em saber tudo. Morreria para saber.

— Humm. Bem... — Bill deu de ombros. — Lucinda, não. Eu posso lhe garantir.

— Impossível. — Luce balançou a cabeça. — Ela sou... eu.

— Não. Ela é uma versão sua criada por pais completamente diferentes, em um mundo bastante diferente. Vocês compartilham uma *alma*, mas não são nada parecidas. Você verá — e deu um sorrisinho enigmático. — Apenas vá com calma. — Os olhos de Bill se voltaram para a porta da grande cozinha, que se escancarou abruptamente. — Anime-se, Luce!

Ele enfiou os pés na tina e soltou um suspiro rouco e satisfeito justamente enquanto a Srta. McGovern entrava e puxava Henrietta pelo cotovelo. A governanta listava os pratos para o jantar.

— Depois das ameixas ensopadas... — tagarelava ela.

Do outro lado da cozinha, Luce sussurrou para Bill:

— Ainda não terminamos nossa conversa.

Seus pés de pedra chapinharam espuma no avental dela.

— Posso aconselhá-la a parar de conversar com seus amigos invisíveis enquanto trabalha? As pessoas pensarão que você perdeu o juízo.

— Estou começando a me perguntar se não perdi mesmo. — Luce suspirou e ajeitou a postura, sabendo que aquilo era tudo o que conseguiria arrancar de Bill, ao menos até as outras mulheres saírem.

— Espero ver você e Myrtle em ótima forma esta noite — disse a Srta. McGovern em voz alta para Henrietta, dando uma olhadela rápida para trás, na direção de Luce.

Myrtle. O nome que Bill inventara para ela nas cartas de recomendação.

— Sim, senhorita — disse Luce categoricamente.

— Sim, senhorita! — Não havia sarcasmo na resposta de Henrietta. Ela era sempre sincera, sempre gentil. Luce até gostava dela, se relevasse o quanto a garota precisava de um banho.

Mal a Srta. McGovern saiu da cozinha e deixou as duas garotas sozinhas, Henrietta içou-se para a mesa perto de Luce, balançando suas botas pretas para frente e a para trás. Não fazia a menor ideia de que Bill estava sentado ao seu lado, imitando seus movimentos.

— Quer uma ameixa? — perguntou Henrietta, puxando duas frutas cor de rubi do bolso do avental e estendendo uma delas para Luce.

O que Luce mais gostava em Henrietta era que ela nunca fazia um pingo de trabalho a não ser que a chefe estivesse por perto. Elas deram uma mordida nas ameixas, rindo quando o suco doce escapou pelos cantos das suas bocas.

— Achei que havia ouvido você conversando com alguém — disse Henrietta, erguendo uma sobrancelha. — Você tem um amigo, Myrtle? Ah, por favor, não me diga que é Harry, dos estábulos! Ele é um patife, e como!

Nesse instante, a porta da cozinha se abriu novamente, fazendo elas pularem, deixarem cair as frutas e fingirem lavar o prato mais próximo.

Luce esperava que fosse a Srta. McGovern, mas congelou ao ver duas garotas em lindos vestidos de seda branca, que se curvavam de tanto rir enquanto entravam na cozinha imunda.

Uma delas era Ariane.

A outra — Luce demorou um instante para reconhecer — era Annabelle. A garota de cabelo rosa-shocking que Luce vira por um breve instante no Dia dos Pais, na Sword & Cross. Ela se apresentara como irmã de Ariane.

Irmã, tá bom.

Henrietta manteve os olhos baixos, como se aquele pique-pega na cozinha fosse um acontecimento normal, como se fosse estar em apuros caso sequer fingisse ver as duas garotas — que certamente não viram Luce ou Henrietta. Era como se os empregados se misturassem às panelas e às louças imundas.

Porém, Ariane e Annabelle estavam rindo demais. Enquanto passavam pela mesa de abrir massas, Ariane pegou um punhado de farinha sobre a superfície de mármore e jogou no rosto de Annabelle.

Por quase um segundo, Annabelle pareceu furiosa; depois, começou a rir mais ainda, pegou também um pouco de farinha e atirou-o em Ariane.

Ambas estavam sem fôlego quando saíram, aos trancos, pela porta de trás, em direção ao pequeno jardim que levava a outro, grande, onde o sol brilhava, onde Daniel poderia estar e para onde Luce

morria de vontade de ir. Luce não conseguiria entender o que estava sentindo, caso tentasse — choque ou constrangimento, espanto ou frustração?

Tudo aquilo provavelmente transparecia no seu rosto, pois Henrietta a olhou com ar de compreensão e se inclinou para sussurrar:

— Chegaram durante a noite passada. São primas de alguém, vindas de Londres para a festa. — Ela caminhou até a mesa de abrir massas. — Quase destruíram a torta de morangos com suas travessuras. Ah, deve ser adorável ser rica! Quem sabe na nossa próxima vida, hein, Myrtle?

— Ahã... — foi tudo o que Luce conseguiu dizer.

— Vou sair para pôr a mesa, infelizmente — disse Henrietta, aninhando uma pilha de louça sob o braço rosado e carnudo. — Por que não ter uma das mãos cheia de farinha, caso aquelas garotas voltem? — Ela piscou para Luce e empurrou a porta com o largo quadril, desaparecendo no corredor.

Outra pessoa surgiu no seu lugar: um garoto, também vestindo um uniforme de empregado, com o rosto escondido atrás de uma enorme caixa com frutas e verduras. Ele abaixou a caixa sobre uma mesa, do outro lado da cozinha.

Ela se espantou ao ver seu rosto. Ao menos, após ter visto Ariane, estava um pouco mais preparada.

— Roland!

Ele estremeceu ao olhar para cima; depois, se recompôs. Enquanto caminhava em direção a ela, Roland não parou de encarar suas roupas. Ele apontou para o avental.

— Por que está vestida assim?

Luce puxou o cordão do avental e o retirou.

— Não sou quem você pensa.

Ele parou na frente dela e a encarou, virando a cabeça ligeiramente para a esquerda e depois para a direita.

— Bem, você é igualzinha a uma garota que conheço. Desde quando os Biscoe se sujam na copa?

— Os Biscoe?

Roland ergueu uma sobrancelha para ela, divertindo-se.

— Ah, entendi. Você está fingindo ser outra pessoa. Qual é o seu nome de mentira?

— Myrtle — respondeu Luce, tristonha.

— E você não é Lucinda Biscoe, para quem servi aquela torta de marmelo no terraço, dois dias atrás?

— Não. — Luce não sabia o que falar ou como convencê-lo. Virou-se para Bill em busca de ajuda, mas ele sumira. É claro. Roland, um anjo caído, teria sido capaz de enxergar Bill.

— O que o pai da Srta. Biscoe diria se visse a filha aqui, enfiada até os cotovelos na gordura? — Roland sorriu. — É uma ótima peça para pregar nele.

— Roland, isso não é...

— O que está escondendo das pessoas da casa, afinal? — Roland virou a cabeça em direção ao jardim.

Um chacoalhar mínimo na despensa revelou a Luce onde Bill se escondera. Ele parecia lhe enviar algum tipo de sinal, mas ela não fazia ideia do que ele queria dizer. Provavelmente desejava que ela mantivesse a boca fechada, mas o que ele faria? Sairia e a impediria de falar?

Uma camada de suor se tornou visível na testa de Roland.

— Estamos sozinhos, Lucinda?

— Certamente.

Ele inclinou a cabeça para ela e esperou.

— Não *sinto* isso.

A única presença ali, além de ambos, era Bill. Como Roland era capaz de senti-la, e Ariane não?

— Olhe, não sou mesmo a garota que você pensa — repetiu Luce. — Sou *uma* Lucinda, mas eu... Vim do futuro... É difícil explicar, na verdade — respirou fundo. — Nasci em Thunderbolt, Geórgia... Em 1992.

— *Ah* — Roland engoliu em seco. — Ora, ora... — Ele fechou os olhos e começou a falar vagarosamente: — As estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira solta de si seus figos verdes, abalada por um vento forte...

Aquelas palavras eram enigmáticas, mas Roland recitou-as verdadeiramente, quase como se repetisse seu trecho favorito de um antigo blues. O tipo de canção que ela o ouvira cantar em um karaokê na Sword & Cross. Naquele momento, ele parecia o Roland que ela conhecera, como se ele deixasse cair, por um breve instante, o disfarce vitoriano.

Porém, havia algo mais nas palavras dele. Luce as reconheceu de algum lugar.

— O que é isso? O que isso significa? — perguntou ela.

O armário se sacudiu mais uma vez. Mais alto.

— Nada. — Os olhos de Roland se abriram e ele voltou ao seu eu vitoriano. Suas mãos eram duras e calejadas; e seus bíceps, mais largos do que normalmente. Suas roupas estavam encharcadas de suor e grudavam na sua pele escura. Uma grande tristeza se abateu sobre Luce.

— Você é um criado? — perguntou ela. — Os outros, como Ariane, podem correr por aí... Mas você precisa trabalhar, não é? Só porque você é...

— Negro? — disse Roland, sustentando o olhar de Luce até ela desviá-lo, incomodada. — Não se preocupe comigo, Lucinda. Já sofri

coisas piores do que o preconceito humano. Além disso, minha vez chegará.

— Tudo vai melhorar — disse ela, sentindo que qualquer tentativa de conforto seria banal e ínfima, e imaginando se o que dissera era realmente verdade. — As pessoas podem ser horríveis.

— Bem, não podemos nos preocupar muito com elas, não é? — Roland sorriu. — O que a trouxe até aqui, afinal, Lucinda? Daniel sabe sobre isso? E Cam?

— Cam também está aqui? — Contudo, Luce não deveria estar surpresa.

— Caso minha noção de tempo esteja correta, ele acabou de chegar à cidade.

Luce não poderia se preocupar com aquilo naquele momento.

— Daniel não sabe, ainda — admitiu ela. — Preciso encontrar Lucinda e ele. Preciso saber...

— Olhe... — disse Roland, afastando-se de Luce com as mãos para cima, quase como se ela fosse radioativa. — Você não me viu aqui. Não tivemos essa conversa. Mas você não pode simplesmente ir até Daniel e...

— Eu sei — interrompeu-o ela. — Ele perderia a cabeça.

— "Perderia a cabeça"? — Roland experimentou a expressão que lhe parecia estranha, quase fazendo Luce rir. — Se você quer dizer que ele pode se apaixonar por essa *versão* sua — ele apontou para ela —, então, sim. É realmente bastante perigoso. Você é uma turista aqui.

— Tudo bem, sou uma turista, mas posso ao menos conversar com eles.

— Não, não pode. Você não faz parte dessa vida.

— Não quero fazer parte. Quero apenas saber *por que*...

— Você estar aqui é algo perigoso... Para você, para eles, para tudo. Está entendendo?

Luce não compreendia. Como ela poderia ser perigosa?

— Não quero *continuar* aqui, mas quero descobrir por que isso acontece entre Daniel e eu... Quero dizer, entre essa Lucinda e Daniel.

— É exatamente o que eu quis dizer. — Roland passou a mão pelo rosto e olhou-a severamente. — Escute: você pode observá-los à distância. Pode... não sei... olhar pelas janelas. Desde que saiba que não poderá levar nada consigo.

— Por que não posso simplesmente *conversar* com eles?

Ele andou até a porta e trancou-a. Quando se virou, sua expressão era séria.

— Escute, é *possível* que você consiga mudar seu passado, fazendo algo que perdure através do tempo e que o reescreva de maneira que você, a futura Lucinda, se modifique.

— Então tomarei cuidado...

— Não existe "tomar cuidado". Você é um touro na loja de cristais do amor. Não terá como saber o que você destruiu ou o quanto isso seria precioso. Nenhuma alteração será óbvia. Não haverá placas gigantescas dizendo "SE VIRARES PARA A DIREITA, SERÁS UMA PRINCESA" ou "SE VIRARES PARA A ESQUERDA, CONTINUARÁS UMA COPEIRA PARA SEMPRE".

— Ah, por favor, Roland, você não acha que tenho objetivos um pouco mais importantes do que me tornar uma princesa? — interrompeu-o Luce.

— Posso arriscar a suposição de que existe uma maldição que você deseja quebrar?

Luce piscou, sentindo-se idiota.

— Certo. Então, boa sorte! — riu animadamente Roland. — Porém, mesmo que consiga fazer isso, você não saberá, minha querida. Independentemente do *momento* em que você modificar seu passado, ele lhe parecerá *sempre* ter sido dessa forma, assim como

tudo o que acontecer depois. O tempo se reorganiza sozinho. E você faz parte dele; portanto, nunca saberá a diferença.

— Eu saberia — retrucou Luce, torcendo para que, ao dizê-lo em voz alta, pudesse tornar seu desejo uma realidade. — Com certeza eu teria alguma noção de que...

Roland balançou a cabeça.

— Não. Todavia, antes de fazer algum bem, você certamente distorceria o futuro, fazendo com que o Daniel dessa época se apaixonasse por *você*, em vez de pela boba e pretensiosa Lucinda Biscoe.

— Preciso conhecê-la. Preciso entender por que eles se amam...

Roland balançou a cabeça novamente.

— Seria *pior* se envolver com seu eu do passado, Lucinda. Daniel ao menos conhece os perigos e pode se prevenir para não alterar drasticamente o tempo. Mas, Lucinda Biscoe? Ela não sabe *nada*.

— Nenhuma de nós sabe, nunca — disse Luce, com um súbito aperto na garganta.

— Essa Lucinda... Ela não tem muito tempo de vida. Deixe que o passe com Daniel. Deixe que seja feliz. Se você entrar no mundo dela e algo se modificar, isso poderá ter reflexos na sua vida. O que poderia ser bastante lamentável.

Roland parecia uma versão mais legal e menos sarcástica de Bill. Luce não queria mais ouvir sobre as coisas que não poderia fazer, que não deveria fazer. Se ela simplesmente pudesse conversar com seu eu do passado...

— E se Lucinda pudesse ter *mais* tempo? — perguntou ela. — E se...

— É impossível. No máximo, você apressaria o fim dela. Você não mudará nada batendo um papo com Lucinda. Apenas bagunçará suas vidas passadas, além da atual.

— Minha vida atual não é uma bagunça. E eu posso consertar as coisas, preciso fazer isso!

— Acho que isso ainda não sabemos. A vida de Lucinda Biscoe está pronta, mas o seu fim ainda será escrito. — Roland limpou as mãos nas calças. — Talvez você *consiga* mudar algo na sua vida, na grande história entre você e Daniel, mas não será aqui.

Quando Luce sentiu seus lábios formarem um biquinho, o rosto de Roland se suavizou.

— Olha... — disse ele. — *Eu*, ao menos, estou feliz por você estar aqui.

— Está?

— Ninguém mais lhe dirá isso, mas todos estamos procurando por você. Não sei o que lhe trouxe aqui ou como essa viagem foi possível, mas preciso acreditar que é um bom sinal. — Ele a estudou até que ela se sentisse ridícula. — Você está se inteirando sobre certas coisas, não está?

— Não sei — respondeu Luce. — Acho que sim. Estou tentando entendê-las.

— Ótimo.

Vozes no corredor fizeram Roland se afastar subitamente de Luce, em direção à porta.

— Nos vemos hoje à noite — disse ele, destrancando a porta e saindo silenciosamente.

Assim que Roland se foi, a porta do armário se abriu e bateu na parte de trás da perna de Luce. Bill saiu, ofegando alto, inspirando como se houvesse prendido a respiração por todo aquele tempo.

— Eu poderia torcer seu pescoço agora mesmo! — exclamou ele, com o peito arfando.

— Não sei por que você está sem ar. Você nem respira.

— É a dramaticidade! Todo o esforço que faço para camuflá-la aqui e você se entrega ao primeiro cara que entra por essa porta.

Luce revirou os olhos.

— Roland não sairá por aí dizendo que me viu. Ele é legal.

— Ah, ele é *tão* legal! — repetiu Bill. — *Tão* esperto. Se ele é tão incrível, por que não lhe disse o que eu sei sobre *não* manter distância do próprio passado? Sobre — fez uma pausa teatral, arregalando os olhos de pedra — *participar*?

Luce se inclinou na direção dele.

— Sobre o que você está falando?

Ele cruzou os braços sobre o peito e colocou a língua de pedra para fora.

— Não vou dizer.

— Bill! — implorou Luce.

— Ainda não, ao menos. Primeiro, vejamos como você se sairá hoje à noite.

Quase no final do dia, Luce conseguiu seu primeiro descanso em Helston. Pouco antes do jantar, a Srta. McGovern anunciou para a cozinha inteira que os empregados da casa precisariam de uma ajuda extra para a festa. Luce e Henrietta, as copeiras mais jovens e mais desesperadas para ver a festa de perto, foram as primeiras a levantar a mão, oferecendo-se.

— Tudo bem, tudo bem. — A Srta. McGovern anotou os nomes das duas, demorando o olhar sobre o cabelo sebento de Henrietta. — Sob a condição de que tomem um banho. As duas. Vocês fedem a cebola.

— Sim, senhorita — entoaram as duas garotas. Porém, assim que a chefe saiu dali, Henrietta se virou para Luce.

— Tomar um banho antes dessa festa? E arriscar que meus dedos fiquem enrugados? Até parece!

Luce riu, mas se sentia eufórica enquanto enchia a banheira redonda, de metal, atrás do celeiro. Ela só conseguiu carregar a quantidade de água fervente capaz de tornar seu banho morno, mas, ainda assim, se refestelou na espuma — e na ideia de que, naquela noite, finalmente veria Lucinda. Será que também veria Daniel? Ela pegou emprestado, para a festa, um uniforme limpo de Henrietta. Às 20 horas, os primeiros convidados começaram a chegar, cruzando o grande portão da entrada ao norte da propriedade.

Ao observar, por uma das janelas no corredor da frente, as carruagens iluminadas por lampiões pararem na entrada circular, Luce estremeceu. O foyer estava movimentado. Ao seu redor, os outros empregados se agitavam, mas Luce permanecia imóvel. Era capaz de sentir o tremor no peito que lhe dizia que Daniel estava por perto.

A casa estava linda. Luce dera um breve passeio por ela com a Srta. McGovern na manhã em que começara a trabalhar, mas naquela noite, sob a iluminação de tantos candelabros, ela quase não reconhecia o lugar. Era como se estivesse em um filme de Hollywood. A entrada estava decorada por uma fileira de vasos altos com lírios violeta e a mobília forrada com veludo fora empurrada contra as paredes cobertas por papéis decorativos para abrir espaço para os convidados.

Eles entravam pela porta principal em grupos de dois ou três, e havia convidados tão velhos quanto a grisalha Srta. Constance e tão jovens quanto Luce. Com olhos brilhantes e vestindo capas de verão, as mulheres faziam reverências a homens em ternos e coletes. Garçons

em trajes pretos se moviam rapidamente pelo amplo foyer, oferecendo lustrosas taças de cristal com champanhe.

Luce encontrou Henrietta próxima às portas do salão principal, que parecia um canteiro de flores: vestidos extravagantes, de todas as cores e tecidos — organza, tule e seda, com faixas de gorgorão —, enchiam o local. Corsages de cores vivas adornavam os pulsos das jovens, fazendo toda a casa cheirar a verão.

A tarefa de Henrietta era recolher os xales e as bolsas das senhoras que entravam. Luce deveria distribuir os cartões de dança — pequenos livretos de aparência cara, com o brasão familiar dos Constance adornado em joias e costurado à capa; no interior, havia a lista de músicas que seriam executadas pela banda.

— Onde estão todos os homens? — sussurrou Luce a Henrietta.

Henrietta resfolegou:

— Essa é a minha garota! Na sala de fumo, é claro. — Ela agitou a mão para a esquerda, onde um corredor levava às sombras. — Onde, se forem espertos, ficarão até o jantar ser servido. Quem quer ouvir todo aquele blá-blá-blá sobre uma guerra lá na Crimeia? Não essas damas. Nem eu. E nem você, Myrtle. — Então, as finas sobrancelhas de Henrietta se ergueram e ela apontou na direção das portas francesas. — Ops, comemorei cedo demais. Parece que um deles escapou.

Luce se virou. Havia um homem no salão cheio de mulheres. Ele estava de costas para elas, mostrando apenas uma cabeleira lisa e preta como breu, e o comprido paletó de um smoking. Conversava com uma mulher loura em um vestido cor-de-rosa claro. Seus brincos de diamante cintilaram quando ela girou a cabeça — e seu olhar encontrou o de Luce.

Gabbe.

A bela anja piscou algumas vezes, como se tentasse decidir se Luce era ou não uma aparição. Depois, ela inclinou a cabeça levemente para o homem com quem conversava, como se tentasse lhe enviar um sinal. Antes dele se virar, Luce já havia reconhecido seu perfil simples e duro.

Cam.

Luce engasgou e derrubou todos os livretos com os cartões de dança. Inclinou-se para a frente e, desastradamente, começou a recolhê-los. Então os enfiou nas mãos de Henrietta e correu dali.

— Myrtle! — exclamou Henrietta.

— Volto já — sussurrou Luce, apressando-se em subir a longa escadaria antes que Henrietta pudesse responder.

A Srta. McGovern demitiria Luce assim que soubesse que ela abandonara seu posto (e os caros cartões de dança) no salão de baile. Porém, esse era o menor dos problemas de Luce. Ela não estava preparada para lidar com Gabbe, não quando ainda precisava se concentrar em encontrar Lucinda.

E não queria topar com Cam de jeito nenhum. Nem na sua vida, nem em qualquer outra. Luce estremeceu, lembrando-se de como ele mirara aquela flecha em direção ao que pensara ser ela na noite em que os Párias tentaram carregar seu reflexo para os céus.

Ah, se Daniel estivesse aqui...

Mas ele não estava. A única coisa que Luce podia fazer era torcer para que ele estivesse esperando por ela — e não bravo demais — quando ela descobrisse o que estava fazendo e voltasse ao presente.

No alto da escadaria, Luce correu para o primeiro cômodo que encontrou. Fechou a porta atrás de si e recostou-se contra ela, tentando recuperar o fôlego.

Estava sozinha em uma saleta. Era um local maravilhoso, com um sofá forrado em veludo marfim e um par de poltronas de couro

dispostos ao redor de um piano envernizado. Cortinas em tom vermelho-escuro abraçavam três grandes janelas ao longo da parede à esquerda. A lareira estava acesa, estalando.

Ao lado de Luce, havia uma estante que cobria toda a parede, com fileiras e fileiras cheias de livros encadernados em couro, que iam do chão até o teto. O móvel era tão alto que havia uma daquelas escadas com rodinhas que podia correr ao longo das prateleiras.

Havia um cavalete em um canto, e algo nele chamou a atenção de Luce. Ela nunca havia colocado os pés na mansão dos Constance, porém, bastou pisar no espesso tapete persa para que uma parte da sua memória se despertasse e lhe dissesse que talvez ela já houvesse visto tudo aquilo.

Daniel. Luce lembrou-se da conversa dele com Margaret, no jardim. Eles conversavam sobre suas pinturas. Ele ganhava a vida como artista. O cavalete no canto... Possivelmente era ali onde ele trabalhava.

Ela andou até o objeto. Precisava ver o que ele estava pintando.

Pouco antes de alcançá-lo, um trio de vozes altas a fez pular.

Elas estavam atrás da porta.

Luce congelou, observando a maçaneta ser girada. Não teve escolha a não ser se esconder atrás da pesada cortina de veludo vermelho.

Ela ouviu o som do tafetá farfalhando, de uma porta batendo e de um engasgo em busca de ar. Foram seguidos por risadinhas. Luce colocou uma das mãos em concha sobre a boca e se inclinou levemente, apenas o bastante para espiar.

Lucinda estava a 3 metros de distância, em um vestido branco fantástico com um corpete macio feito de crepe de seda que mostrava parte das costas. Seus cabelos pretos estavam presos no alto da cabeça em um conjunto de cachos brilhantes, arrumados de maneira

complexa. Seu colar de brilhantes cintilava contra a pele clara, o que lhe dava um ar tão majestoso que Luce quase perdeu o fôlego.

Seu eu era a criatura mais elegante que Luce já havia visto.

— Você está radiante hoje, Lucinda — disse uma voz suave.

— Thomas a cortejou novamente? — brincou outra voz.

Quanto às outras garotas... Uma Luce reconheceu como sendo Margaret, a filha mais velha dos Constance, que havia passeado com Daniel pelo jardim. A outra, uma réplica mais nova de Margaret, devia ser sua irmã caçula. Parecia ter mais ou menos a idade de Lucinda e brincava com ela como uma boa amiga.

E ela tinha razão: Lucinda estava *radiante* mesmo. Provavelmente por causa de Daniel.

Ela desabou no sofá marfim e suspirou de uma forma que Luce jamais suspiraria, em um estilo melodramático que implorava por atenção. Luce soube imediatamente que Bill tinha razão: ela e seu eu do passado não eram nada parecidas.

— *Thomas?* — Lucinda torceu seu pequeno nariz. — O pai dele é um lenhador qualquer...

— Não é, não! — gritou a filha mais nova. — Ele é um lenhador *bastante* incomum! É *rico*.

— Ainda assim, Amélia — disse Lucinda, espalhando a saia ao redor dos seus tornozelos finos. — Ele é praticamente um *operário*.

Margaret se empoleirou no braço do sofá.

— Você não tinha um conceito tão baixo sobre ele na semana passada, quando ele lhe trouxe aquela touca de Londres.

— Bem, as coisas mudam. E eu adoro uma bela touca — Lucinda franziu a testa. — Porém, toucas à parte, direi ao meu pai que não permita que ele me corteje mais.

Assim que parou de falar, sua careta se suavizou em um sorriso sonhador e ela começou a cantarolar. As outras garotas a observaram,

incrédulas, enquanto ela cantava baixinho para si, alisando a renda do seu xale e olhando pela janela, em uma direção que estava a centímetros de distância do esconderijo de Luce.

— O que aconteceu com ela? — sussurrou Amélia alto para a irmã.

Margaret desdenhou:

— *Quem* é mais adequado.

Lucinda se levantou e andou até a janela, fazendo Luce se encolher atrás da cortina. Ela sentiu sua pele corar e pôde ouvir o suave cantarolar de Lucinda Biscoe a centímetros dela. Então, ouviu outros passos. Lucinda se afastou da janela e interrompeu sua estranha canção.

Luce arriscou um novo olhar por trás da cortina. Lucinda fora até o cavalete, onde parou, petrificada.

— O que é isso? — Lucinda levantou a tela para mostrá-la às meninas. Luce não pôde ver bem, mas parecia algo bastante comum. Uma espécie de flor.

— É uma obra do Sr. Grigori — respondeu Margaret. — Seus esboços eram muito promissores quando ele chegou, mas receio que algo lhe aconteceu. Há três dias que pinta apenas peônias — deu de ombros, tensa. — Estranho. Os artistas são tão esquisitos.

— Ah, mas ele é *lindo,* Lucinda — disse Amélia tomando-a pela mão. — Precisamos apresentar você ao Sr. Grigori esta noite. Ele tem cabelos louros tão adoráveis, e seus olhos... Ah, seus olhos seriam capazes de fazê-la se derreter!

— Se Lucinda é boa demais para Thomas Kennington e todo o seu dinheiro, duvido muito que um simples pintor estará à sua altura — falou Margaret de uma maneira tão cortante que ficou claro para Luce que ela também nutria sentimentos por Daniel.

— Eu adoraria conhecê-lo — respondeu Lucinda, voltando a cantarolar suavemente.

Luce conteve a respiração. Então Lucinda nem o conhecera? Como era possível, se ela estava tão obviamente apaixonada?

— Vamos, então — disse Amélia, puxando a mão de Lucinda. — Estamos perdendo a festa conversando aqui.

Luce precisava fazer alguma coisa. Porém, segundo o que Bill e Roland disseram, era impossível salvar sua vida do passado. Até mesmo tentar era perigoso demais. Ainda que, de algum modo, ela obtivesse êxito, o ciclo de "Lucindas" que viveram depois dessa poderia ser alterado. A própria Luce poderia ser alterada. Ou, pior.

Eliminada.

Porém, talvez houvesse um jeito de Luce ao menos avisar Lucinda. Para que ela não entrasse nesse relacionamento desavisada. Para que não morresse como punição por uma maldição antiga, sem um grama sequer de compreensão. As garotas estavam quase saindo quando Luce reuniu a coragem para sair de trás da cortina.

— Lucinda!

Seu eu do passado se virou rapidamente, os olhos se estreitando ao cair sobre a roupa de criada de Luce.

— Você estava nos espionando?

Não havia uma faísca sequer de reconhecimento nos seus olhos. Era estranho que Roland houvesse confundido Luce com Lucinda na cozinha enquanto a própria Lucinda parecia não ver semelhança alguma entre elas. O que Roland conseguia ver e essa garota não era capaz de enxergar? Luce respirou fundo e se obrigou a seguir em seu plano frágil.

— N-n-não, espionando, não — gaguejou ela. — Preciso falar com você.

Lucinda gargalhou e olhou para as amigas.

— Eu escutei bem?

— Você não estava distribuindo os cartões de dança? — perguntou Margaret a Luce. — Mamãe não ficará nada feliz ao saber que você está negligenciando suas tarefas. Qual é o seu nome?

— Lucinda — Luce se aproximou, abaixando a voz. — É sobre o artista. O Sr. Grigori.

Lucinda encarou Luce, e algo faiscou entre elas. Lucinda pareceu incapaz de desviar o olhar.

— Continuem sem mim — disse ela às amigas. — Descerei em um instante.

As garotas trocaram olhares confusos, mas obviamente Lucinda era a líder daquele grupo. As amigas saíram sem mais uma palavra.

Na saleta, Luce fechou a porta.

— O que é tão importante? — perguntou Lucinda, antes de se denunciar com um sorriso. — Ele perguntou sobre mim?

— Não se envolva com ele — disse Luce, rapidamente. — Se você o conhecer esta noite, o achará lindo. Desejará se apaixonar por ele. Não faça isso. — Luce se sentiu péssima ao falar sobre Daniel em termos tão duros, mas era a única maneira de salvar a vida de Lucinda.

Lucinda Biscoe bufou, com raiva, e se virou para ir embora.

— Conheci uma garota de, hum, Derbyshire — prosseguiu Luce —, que me contou todos os tipos de história sobre a reputação dele. Ele machucou muitas garotas antes. Ele... Ele as destruiu.

Um ruído de surpresa escapou dos lábios rosados de Lucinda:

— Como se *atreve* a se dirigir a uma dama assim? Quem você pensa que é? Eu gostar ou não desse artista não interessa a você — e apontou um dedo para Luce: — Você está apaixonada por ele, sua prostitutazinha egoísta?

— Não! — Luce recuou como se houvesse recebido um tapa.

Bill a advertira de que aquela Lucinda era muito diferente, mas esse lado feio não poderia ser o único. Senão, como Daniel poderia amá-la? Como poderia ser parte da alma de Luce?

Algo mais profundo *conectava* ambas.

Lucinda estava inclinada sobre o piano, rabiscando um bilhete em um papel. Ela se aprumou, dobrou-o e colocou-o entre as mãos de Luce.

— Não denunciarei seu atrevimento à Sra. Constance — disse ela, olhando Luce com arrogância —, *se* você entregar esse bilhete ao Sr. Grigori. Não perca a chance de salvar seu emprego. — Um segundo depois, ela não era mais do que uma silhueta deslizando pelo corredor, descendo as escadas e voltando à festa.

Luce abriu o bilhete.

Caro Sr. Grigori,

Desde que nos encontramos por acaso na modista, não consigo esquecê-lo. O senhor me encontraria no gazebo esta noite, às 21 horas? Estarei esperando.

Eternamente sua,
Lucinda Biscoe

Luce rasgou a carta em pedacinhos e os atirou na lareira. Se não entregasse o bilhete a Daniel, Lucinda estaria *sozinha* no gazebo. Luce poderia ir até lá, esperar por ela e adverti-la mais uma vez.

Correu até o corredor e virou-se em direção à escada dos criados, para descer até a cozinha. Passou pelos cozinheiros, pelos confeiteiros e por Henrietta.

— Você nos encrencou, Myrtle! — gritou a garota para Luce, mas ela já estava saindo.

Luce sentia o ar noturno, frio e seco contra o rosto enquanto corria. Eram quase 21 horas, mas o sol ainda se punha sobre o bosque no lado oeste da propriedade. Ela disparou pela trilha tingida pelo céu cor-de-rosa, passando pelo jardim exuberante, pelo aroma forte e doce das rosas e pelo labirinto de sebes.

Seus olhos alcançaram o local onde ela havia saído do Anunciador e entrado nessa vida. Seus pés percorriam o caminho em direção ao gazebo vazio. Havia parado em um local próximo quando alguém a segurou pelo braço.

Ela se virou.

E ficou cara a cara com Daniel.

Um vento suave soprou os cabelos louros contra a testa dele. Vestindo aquele terno formal e usando um relógio dourado de corrente e uma pequena peônia branca presa à lapela, Daniel estava ainda mais bonito do que ela se lembrava. Sua pele era clara e brilhava contra a luz do sol poente. Seus lábios exibiam o mais leve sorriso. Seus olhos arderam em tom violeta ao vê-la.

Um suspiro suave escapou dos lábios dela. Luce sentiu doer a vontade de se inclinar alguns centímetros e pressionar seus lábios contra os dele. Quis envolver os braços ao redor de Daniel e sentir o local, nos seus ombros largos, onde as asas se desenrolavam. Quis esquecer por que viera até ali e simplesmente abraçá-lo, ser abraçada. Não havia palavras para explicar o quanto sentira falta dele.

Mas, não. Essa visita dizia respeito a Lucinda.

Daniel, o *seu* Daniel, estava distante. Era difícil imaginar o que estaria fazendo ou pensando nesse momento. Era ainda mais difícil imaginar o reencontro deles no final disso tudo. Contudo, não era essa a busca dela? Descobrir o bastante sobre seu passado para realmente poder estar ao lado de Daniel no presente?

— Você não deveria estar aqui — disse ela ao Daniel de Helston. Era impossível que ele soubesse que a Lucinda de Helston queria encontrá-lo ali. Era como se nada pudesse impedir aquele encontro; eles eram atraídos um para o outro, não importava o que acontecesse.

A risada de Daniel era exatamente a mesma, aquela que Luce ouvira pela primeira vez na Sword & Cross, quando ele a beijara; aquela que ela amava. Porém, *esse* Daniel não a conhecia. Não sabia quem ela era, de onde vinha ou o que tentava fazer.

— Você também não deveria estar aqui. — Ele sorriu. — Primeiro, teríamos de dançar no salão, e, depois, quando já nos conhecêssemos, eu a levaria para um passeio ao luar. Mas o sol nem se pôs. O que significa que ainda há muitas danças pela frente. — Ele estendeu a mão. — Meu nome é Daniel Grigori.

Ele sequer percebeu que ela usava um uniforme de criada, não um vestido de baile, e que também não agia como uma garota britânica. Daniel mal a olhara, mas, como Lucinda, estava perdidamente apaixonado.

Assistir a tudo isso desse novo ponto de vista proporcionou uma estranha clareza ao relacionamento deles. Era maravilhoso, mas tragicamente míope. Será que Daniel realmente amava Lucinda, e vice-versa, ou aquilo era apenas um ciclo do qual eles não conseguiam se libertar?

— Não sou eu — disse-lhe Luce com tristeza.

Ele segurou suas mãos. Ela se derreteu um pouco.

— É claro que é você — retrucou ele. — É sempre você.

— Não — replicou Luce. — Não é justo com ela, você não está sendo justo. Além disso, Daniel, ela é *má*.

— Sobre quem você está falando? — Ele parecia não saber se deveria levá-la a sério ou rir.

Com o canto do olho, Luce viu uma figura, em um vestido branco, andando na direção deles, vinda dos fundos da casa.

Lucinda.

Que vinha encontrar Daniel. Chegara cedo. O bilhete dela dizia 21 horas — ao menos antes de Luce atirar seus fragmentos ao fogo.

O coração de Luce começou a bater com força. Não poderia ser pega ali quando Lucinda chegasse. Porém, ao mesmo tempo, ainda não poderia deixar Daniel.

— Por que você a ama? — suas palavras saíram em uma torrente. — O que o faz se apaixonar por ela, Daniel?

Daniel pousou a mão no ombro dela. A sensação foi maravilhosa.

— Calma — pediu ele. — Acabamos de nos conhecer, mas posso prometer que não amo mais ninguém além de...

— Você aí! Sua criada! — Lucinda os vira e, pelo tom da sua voz, não estava nada contente. Ela correu em direção ao gazebo, xingando seu vestido, a grama enlameada e Luce. — O que você fez com meu bilhete, garota?

— A-aquela garota que está vindo... — gaguejou Luce. — Sou eu, de certa maneira. Você nos ama, e eu preciso entender...

Daniel se virou para observar Lucinda, aquela que ele amara, ou que amaria nessa vida. Pôde ver o rosto dela claramente. Pôde ver que havia duas "Lucindas".

Quando se virou para Luce, sua mão, sobre o ombro dela, começou a tremer.

— É você, a outra. O que você fez? Como fez isso?

— Você aí! Garota! — Lucinda vira a mão de Daniel sobre o ombro de Luce. Seu rosto inteiro se contraiu. — Eu sabia! — gritou ela, correndo ainda mais rápido. — Afaste-se dele, sua interesseira!

Luce sentiu o pânico dominá-la. Não tinha escolha além de fugir. No entanto, antes, tocou a face de Daniel.

— É mesmo amor? Ou apenas a maldição o que nos une?

— É amor — disse ele, engasgado. — Não sabe disso?

Ela se libertou do toque dele e fugiu, correndo rápida e furiosamente pelo gramado rumo ao bosque de vidoeiros e à grama alta onde ela chegara àquela vida. Seus pés se prenderam em algo e ela tropeçou, caindo no chão. Tudo doía. E ela estava com raiva. Furiosa. Com Lucinda, por ser tão nojenta. Com Daniel, pelo jeito como simplesmente se apaixonava sem pensar. Consigo mesma, pela sua impotência em fazer algo que pudesse mudar o destino. Lucinda morreria — e o fato de Luce estar ali não importava. Batendo os punhos contra a grama, ela soltou um gemido de frustração.

— Pronto, pronto. — Uma mãozinha minúscula de pedra acariciou suas costas.

Luce a afastou.

— Me deixe em paz, Bill.

— Ei, foi um esforço corajoso. Você realmente chegou às trincheiras dessa vez. Mas... — Bill deu de ombros — Agora, acabou.

Luce se sentou e olhou para ele. Sua expressão convencida fez com que ela quisesse voltar ao gazebo e dizer a Lucinda quem ela realmente era — e como seriam as coisas dali a não muito tempo.

— Não. — Luce se levantou. — Não acabou.

Bill empurrou-a novamente para o chão. Era espantosamente forte para uma criatura tão pequena.

— Ah, acabou, sim. Vamos, entre no Anunciador.

Luce se virou para onde Bill apontava. Sequer havia notado o espesso portal preto que flutuava na frente dela. Seu cheiro de mofo a enojou.

— Não.

— *Sim* — insistiu Bill.

— Foi você quem me disse para ir devagar, para começo de conversa.

— Olhe, vou lhe dar o resumo da ópera: você é uma vaca nessa vida, e Daniel não está nem aí. Que choque! Ele a corteja por algumas semanas e lhe traz flores. Há um grande beijo e, aí, *cabum*. OK? Não há muito mais do que isso.

— Você não entende.

— O quê? Não entendo por que os vitorianos são tão entediantes quanto ter uma insolação e tão chatos quanto assistir a um papel de parede descascar? Ah, por favor, se você vai ziguezaguear pelo passado, faça *valer a pena*. Vamos dar uma volta pelos *melhores momentos*.

Luce não cedeu.

— Existe algum jeito de fazer você desaparecer?

— Será que precisarei enfiar você nesse Anunciador como um gato em uma mala? Vamos embora!

— Preciso saber que ele *me* ama e não apenas a uma *ideia* de mim, por causa de uma maldição à qual está preso. Preciso sentir que algo mais forte nos une. Algo verdadeiro.

Bill sentou-se ao lado de Luce, na grama. Então, pareceu pensar melhor a respeito e foi até o colo dela. Inicialmente, ela quis atirá-lo longe — ele e as moscas que voavam em torno da sua cabeça —, mas, quando Bill a olhou, pareceu sincero.

— Querida, o amor de Daniel por você é a última coisa com a qual deveria se preocupar. Vocês são *almas gêmeas*, caramba! Vocês cunharam essa expressão. Não precisa andar por aí para ver isso. Esse amor está em todas as suas vidas.

— O quê?

— Você quer ver o amor verdadeiro?

Ela assentiu.

— Venha — e puxou a mão dela, para que se levantasse. O Anunciador pairou na frente deles e se metamorfoseou em uma nova forma, até quase parecer uma tenda. Bill pairou no ar, enganchou o dedo em um ferrolho invisível e o puxou. O Anunciador se transformou novamente, abaixando-se como uma ponte levadiça, até que Luce somente pôde ver um túnel escuro.

Ela olhou para trás, na direção de Daniel e Lucinda, mas não conseguiu enxergá-los — apenas suas silhuetas unidas, como borrões coloridos.

Bill gesticulou com a mão livre em direção ao Anunciador.

— Entre aí.

E foi o que ela fez.

OITO



OBSERVANDO À DISTÂNCIA

HELSTON, INGLATERRA • 26 DE JULHO DE 1854

As roupas de Daniel estavam desbotadas pelo sol e sua bochecha, suja de areia, quando ele acordou na desolada costa da Cornualha. Poderia ter se passado um dia, uma semana ou um mês desde que começara a vagar sozinho. Não importava quanto tempo fora: ele o gastara punindo a si mesmo por seu erro.

Encontrar Lucinda daquela maneira, na modista, fora um erro tão grave que a alma de Daniel ardia sempre que ele pensava a respeito.

E ele não conseguia não pensar a respeito.

Não pensar nos lábios rosados e fartos dela formando aquelas palavras: *Acho que eu o conheço. Por favor, espere*.

Tão adoráveis e perigosos.

Ah, por que não poderia ter sido algo à toa? Uma breve troca de palavras depois da cortejo entre eles? Então, talvez não importasse tanto. Mas, um primeiro encontro? Lucinda Biscoe *o* vira primeiro, conhecera o Daniel errado. Ele poderia ter colocado tudo a perder. Poderia ter distorcido o futuro de tal forma que essa Luce talvez já

estivesse morta, alterando o destino além da possibilidade de reconhecimento...

Porém: se houvesse sido assim, ele não teria a sua Luce na lembrança. O tempo haveria se consertado e ele não sentiria arrependimento, pois essa Luce seria diferente.

Seu eu do passado deve ter reagido a Lucinda Biscoe de maneira a encobrir o erro do Daniel atual. Ele não conseguia se lembrar exatamente de como tudo começara, somente de como terminara. Todavia, não importava: não se aproximaria do seu eu para avisá-lo, por medo de topar novamente com Lucinda e criar um estrago ainda maior. Tudo o que podia fazer era recuar e esperar.

Estava acostumado à eternidade, mas isso era o Inferno.

Daniel perdeu a noção do tempo, deixou-se vagar ao som das ondas do mar que batiam na praia. Por algum tempo, ao menos.

Ele poderia facilmente continuar sua busca, entrando em um Anunciador e perseguindo Luce até a próxima vida que ela visitasse. No entanto, por algum motivo, continuou em Helston, esperando até que a vida de Lucinda Biscoe terminasse.

Ao acordar naquele fim de tarde, com o céu manchado por nuvens arroxeadas, Daniel sentiu. Estava em meados do verão. Era a noite em que ela morreria. Limpou a areia da pele e teve aquela sensação estranha nas suas asas escondidas. Seu coração pulava a cada batida.

Era a hora.

A morte de Lucinda aconteceria quando a noite caísse.

O eu anterior de Daniel estaria sozinho na saleta dos Constance, desenhando Lucinda Biscoe pela última vez. Suas malas estariam à porta, vazias como sempre a não ser pelo estojo de couro para lápis, uns poucos cadernos de rascunho, seu livro sobre os Guardiões um par extra de sapatos. Ele realmente planejara partir por mar na manhã seguinte. Que mentira.

Nos momentos que antecediam as mortes de Luce, Daniel raramente era honesto consigo. Sempre se perdia no seu amor. Sempre se enganava, embriagava-se com a presença dela e perdia a noção de como tudo deveria acontecer.

Lembrou-se particularmente bem de como tudo terminara naquela vida: com ele negando que ela precisaria morrer até o último momento, no qual a pressionara contra as cortinas de veludo cor de rubi e a beijara até o derradeiro fim.

Então ele amaldiçoara o próprio destino e criara uma cena desagradável. Ainda era capaz de sentir a agonia, recente como uma marca a ferro quente na sua pele. E lembrou-se da visita.

Esperando pelo pôr do sol, ele ficou parado, sozinho na praia, e deixou as águas tocarem seus pés descalços. Fechou os olhos, abriu os braços e permitiu que as asas irrompessem das cicatrizes nos seus ombros. Elas se abriram atrás dele, batendo ao vento e dando-lhe uma sensação de leveza que lhe trouxe uma paz momentânea. Pelo reflexo delas na água, ele pôde perceber como eram brilhantes, como o faziam parecer enorme e feroz.

Às vezes, quando Daniel se sentia extremamente inconsolável, recusava-se a libertar suas asas. Era um castigo que impunha a si mesmo. O alívio profundo e a sensação palpável e incrível de liberdade que desenrolar as asas dava à sua alma parecia falsa, como uma droga. Naquela noite, ele se permitiu esse êxtase.

Dobrou os joelhos na direção da areia e saltou para os ares.

Alguns metros acima da água, ele se virou rapidamente, de forma a ficar de costas para o oceano, com as asas abertas sob o corpo como uma balsa brilhante e magnífica.

Ele deslizou pela superfície, alongando os músculos a cada batida demorada das asas, deslizando sobre as ondas até que a cor das águas mudasse de azul-turquesa para azul-marinho. Então, mergulhou. Suas

asas estavam quentes em contraste com o mar, criando um pequeno rastro violeta que o rodeou.

Daniel adorava nadar. A temperatura fria da água, o ritmo imprevisível da corrente, a sincronia entre o oceano e a lua. Era um dos poucos prazeres terrenos que ele realmente compreendia. Acima de tudo, ele adorava nadar com Lucinda.

A cada batida das asas, Daniel imaginava Lucinda com ele, deslizando graciosamente pelas águas como fizera tantas vezes, desfrutando do seu brilho morno.

Quando a lua brilhou no céu escuro e Daniel se encontrava próximo à costa de Reykjavik, ele disparou para fora das águas. Para cima e em linha reta ele se foi, batendo as asas com tanta ferocidade que afastou o frio.

O vento golpeava as laterais do seu corpo, secando-o em segundos enquanto ele subia cada vez mais. Ele irrompeu entre blocos de nuvens cinzentas, virou-se para trás e navegou sob a expansão estrelada do céu.

Suas asas batiam de maneira livre, profunda e forte, cheias de amor, terror e pensamentos sobre Luce, brilhando tanto na superfície das águas que pareciam feitas de diamantes. Ele alcançou uma alta velocidade enquanto voava para as ilhas Faroe e atravessava o mar da Irlanda. Passou pelo canal Saint George e, por fim, chegou novamente a Helston.

Como era contra sua natureza ver a garota que amava aparecer diante dele simplesmente para morrer!

Porém, Daniel deveria enxergar além daquele momento e daquela dor. Precisava pensar em todas as "Lucindas" que viriam após esse sacrifício — e naquela que ele perseguia, a última Luce, que daria um fim a esse ciclo amaldiçoado.

A morte de Lucinda esta noite era a única maneira de vencerem, a única maneira de terem uma chance.

Quando chegou à mansão dos Constance, a casa estava escura e o ar, quente e parado.

Ele fechou as asas contra o corpo, desacelerando durante a descida ao sul da propriedade. Ali estava o teto branco do gazebo, com uma vista privilegiada dos jardins. Ali estava a trilha de pedrinhas banhada pelo luar, pela qual ela caminhara momentos antes, saindo escondida da casa do pai após todos adormecerem. Sua camisola fora coberta por um longo manto preto, a modéstia esquecida na pressa para encontrá-lo.

E ali estava: a luz na saleta, o candelabro que a atraíra até ele. As cortinas estavam entreabertas o bastante para que Daniel espiasse sem arriscar ser visto.

Ele alcançou a janela da saleta, no segundo andar da mansão, e deixou que suas asas batessem levemente, pairando como um espião.

Ela já havia chegado? Ele inspirou vagarosamente, deixando suas asas inflarem, e pressionou o rosto contra o vidro.

Somente Daniel estava ali, desenhando furiosamente em seu bloco de rascunhos, em um canto. Seu eu parecia exausto e arrasado. Ele podia se lembrar perfeitamente daquela sensação — de observar o ponteiro preto do relógio na parede, esperando, a todo o momento, que ela irrompesse pela porta. Ficara tão espantado quando ela o surpreendeu, silenciosamente, quase surgindo por trás das cortinas!

E ficou surpreso mais uma vez quando ela apareceu.

Sua beleza ultrapassou as mais fantasiosas expectativas naquela noite. Todas as noites. Ela sempre tinha a face rosada pelo amor que sentia, mas não compreendia. Os cabelos pretos caíam em uma trança longa e lustrosa. E havia a maravilhosa leveza da camisola, como uma teia de aranha flutuando ao redor de toda aquela pele perfeita.

Justo nesse momento, seu eu do passado se levantou e virou-se. Quando percebeu aquela belíssima visão à sua frente, a dor se evidenciou no seu rosto.

Se houvesse algo que Daniel pudesse fazer para ajudá-lo a passar por isso, teria feito. Porém, pôde apenas ler os lábios dele.

O que está fazendo aqui?

Luce se aproximou, e sua face ficou ainda mais corada. Eles se atraíram como ímãs, por uma força maior que eles mesmos, e foram repelidos com quase o mesmo vigor no instante seguinte.

Daniel pairava do lado de fora, agoniado.

Não podia olhar. Precisava olhar.

A forma como eles procuravam um ao outro somente foi hesitante até que a pele dele se conectasse à dela. Então, tornaram-se instantânea e vorazmente apaixonados. Não estavam sequer se beijando; apenas conversavam. Quando seus lábios quase se tocaram, o mesmo aconteceu com suas almas, e uma aura branca, ardente e pura formou-se ao redor deles, da qual não tiveram consciência.

Era algo que Daniel nunca presenciara externamente.

Era isso o que Luce queria ver? Uma prova visual de como o amor deles era verdadeiro? Para Daniel, aquele amor era praticamente uma parte integrante dele, tanto quanto suas asas. Porém, para Luce, era diferente. Ela não tinha acesso ao esplendor do amor deles, apenas ao seu fim incendiário.

Cada momento seria uma completa revelação.

Ele encostou a face contra o vidro, suspirando. Dentro do cômodo, seu eu cedia, perdendo a determinação que desde o início fora, de qualquer modo, uma fachada. Suas malas estavam prontas, mas era Lucinda quem precisaria partir.

O Daniel do passado tomou-a nos braços; mesmo pela janela, Daniel era capaz de sentir o aroma suave e profundo da pele dela.

Invejou a si mesmo, que lhe beijava o pescoço e corria as mãos pelas suas costas. Seu desejo era tão intenso que poderia destroçar a janela, se ele não houvesse se forçado a recuar.

Ah, vá com calma, desejou ele ao seu eu. Faça durar um pouco mais. Dê mais um beijo. Mais uma doce carícia antes de toda a sala tremer e os Anunciadores começarem a tremular nas sombras.

O vidro se aqueceu contra sua face. Havia começado.

Ele quis fechar os olhos, mas não pôde. Lucinda se retorceu nos braços de Daniel. Seu rosto se contorceu de dor. Ela olhou para cima e seus olhos se arregalaram ao ver as sombras dançando no teto. Ter *alguma* compreensão já era demais para ela.

Ela gritou.

E explodiu em uma torre fulgurante de chamas.

Na sala, o eu do passado de Daniel foi arremessado contra a parede, caiu e continuou encolhido no chão, parecendo nada mais que um esboço de homem. Ele enterrou o rosto no tapete e tremeu.

Do lado de fora, Daniel observou, com um espanto que nunca sentira, o fogo subir pelos ares e pelas paredes, sibilando como um molho fervendo em uma panela e desaparecendo sem deixar nenhum vestígio dela.

Milagroso. Cada polegada do corpo de Daniel formigava. Se aquilo não houvesse destruído tão completamente seu eu do passado, talvez ele considerasse quase belo o espetáculo da morte de Lucinda.

Seu eu se levantou lentamente. Sua boca se abriu e suas asas irromperam do paletó preto, ocupando quase a sala inteira. Ele ergueu os punhos fechados em direção ao céu e berrou.

Daniel não pôde mais suportar. Jogou uma das asas contra a janela, arremessando cacos de vidro noite afora. Depois, forçou sua passagem pelo buraco cheio de arestas.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, engasgado, seu eu anterior, com a face molhada por lágrimas. Com os pares de asas completamente abertas, quase não havia espaço para ambos na grande saleta. Eles giraram os ombros para trás o máximo possível para se afastarem um do outro. Ambos conheciam os perigos de se tocarem.

— Eu estava assistindo — respondeu Daniel.

— Você... O quê? Você voltou para *assistir*? — Seu eu abriu os braços e as asas. — Era isso o que você queria ver? — A profundidade da tristeza dele era dolorosamente evidente.

— Isso precisava acontecer, Daniel.

— Não me venha com essas mentiras! Não se atreva. Você está novamente ouvindo os conselhos de Cam?

— Não! — Daniel quase gritou. — Escute: há uma época, não muito distante, quando teremos uma chance de inverter esse jogo. Algo mudou... As coisas estão diferentes. Teremos a oportunidade de não mais repetir isso. Lucinda talvez finalmente...

— Quebre o ciclo? — sussurrou seu eu do passado.

— Sim. — Daniel começava a ficar tonto. Havia versões demais dele mesmo naquela sala. Era hora de partir. — Levará algum tempo — instruiu ele, voltando a se virar ao chegar perto da janela —, mas mantenha a esperança.

Então, Daniel passou pela janela quebrada. As próprias palavras — *mantenha a esperança* — ecoaram na sua mente enquanto ele alçava voo, mergulhando nas sombras da noite.

NOTA

* Palavra taitiana para “europeu”. *(N. da T.)*

NOVE



E ASSIM SEGUIMOS EM FRENTE

TAITI, POLINÉSIA FRANCESA • 11 DE DEZEMBRO DE 1775

Luce se viu equilibrada sobre uma viga de madeira cheia de farpas.

A peça estalou quando se inclinou um pouco para a esquerda; depois, rangeu novamente ao virar bem devagar para direita. A oscilação era constante e ininterrupta, como se a viga estivesse presa a um pêndulo minúsculo.

Um vento quente fez com que seus cabelos batessem no seu rosto e soprou para longe seu chapéu de criada. A viga aos seus pés balançou mais uma vez, e Luce escorregou. Ela caiu em cima da viga, e mal conseguiu abraçar-se a ela antes de despencar...

Onde ela estava? À sua frente, havia o azul infinito do céu. Um tom de azul mais escuro se formava onde deveria estar o horizonte. Ela olhou para baixo.

Aquilo era incrivelmente alto.

Ela estava no topo de um poste molhado de 30 metros de comprimento, que acabava em um convés de madeira. *Ah!* Era um mastro. Luce estava sentada no alto de um enorme veleiro.

Um enorme veleiro *encalhado,* a poucos metros de uma ilha de areia escura.

O casco fora violentamente esmagado contra rochas vulcânicas afiadas, que o deformaram impiedosamente. A vela principal estava em frangalhos: pedacinhos de lona balançavam livremente ao vento. O ar tinha o aroma de uma manhã após uma grande tempestade, mas o navio estava tão destruído que parecia estar ali havia anos.

Cada vez que as ondas quebravam na praia de areia escura, a água subia alguns de metros sobre as reentrâncias das rochas. As ondas faziam o barco naufragado — e o mastro no qual Luce se segurava — balançar tanto que ela se sentiu enjoada.

Como desceria? Como chegaria até a praia?

— Ahá! Olhe quem aterrissou como um pássaro em um poleiro! — soou a voz de Bill sobre o barulho das ondas se quebrando. Ele surgiu na outra ponta do convés apodrecido, caminhando com os braços abertos como se tentasse se equilibrar sobre uma corda bamba.

— Onde estamos? — Luce estava nervosa demais para fazer qualquer movimento repentino.

Bill inspirou uma enorme quantidade de ar.

— Não consegue sentir o gosto? Na costa norte do Taiti! — Ele desabou perto de Luce, chutou o ar com suas perninhas rechonchudas, esticou os braços cinzentos e curtos para cima e fechou as mãos atrás da cabeça. — É ou não é um paraíso?

— Acho que vou vomitar.

— Besteira. Você só precisa se acostumar.

— Como chegamos...? — Luce olhou ao redor mais uma vez, em busca de um Anunciador. Não viu uma sombra sequer, apenas o azul puro do céu.

— Cuidei da logística para você. Pense em mim como seu agente de viagens; e em você, como alguém de férias!

— Não estamos de férias, Bill.

— Não? Pensei que estivéssemos no Grande Tour do Amor. — esfregou a testa; flocos de pedra caíram como chuva do seu couro cabeludo. — Entendi mal?

— Cadê Lucinda e Daniel?

— Espere aí — pairou no ar, em frente a Luce. — Não quer um pouquinho de história?

Luce o ignorou e tentou descer do mastro. Esticou um pé instável até a estaca mais alta presa às laterais.

— Não quer mesmo uma mãozinha?

Ela prendia a respiração, tentando não olhar para baixo enquanto seu pé deslizava para a estaca de madeira pela terceira vez. Por fim, engoliu em seco e estendeu a mão para a garra fria e áspera que Bill lhe estendia.

Quando a segurou, ele a puxou para frente e arrancou-a do mastro. Ela soltou um gritinho quando o vento úmido bateu no seu rosto, fazendo a saia do vestido inflar ao redor da sua cintura. Fechou os olhos e esperou cair no convés apodrecido.

Mas não caiu.

Ouviu um *fluuush* e sentiu seu corpo ser pego no ar. Abriu os olhos. As asas atarracadas de Bill estavam abertas contra o vento. Ele suportava o peso dela com apenas uma das mãos, levando-a vagarosamente até a praia. Parecia um milagre o quanto ele era ágil e leve. Luce se surpreendeu ao se perceber relaxada — de algum modo, àquela altura, a sensação de voar lhe era natural.

Daniel. Enquanto o vento a rodeava, o desejo de estar com ele dominou-a. Queria ouvir sua voz e sentir o gosto dos seus lábios — Luce não conseguia pensar em mais nada. O que não daria para estar nos braços dele naquele instante!

O Daniel que encontrara em Helston, por mais feliz que tenha ficado ao vê-la, não a *conhecia* verdadeiramente. Não como o seu Daniel a conhecia. Onde ele estaria agora?

— Sente-se melhor? — perguntou Bill.

— Por que estamos aqui? — perguntou ela enquanto voavam sobre as águas. Elas eram tão claras que Luce podia ver sombras escuras se movendo embaixo delas: cardumes enormes, nadando com facilidade e seguindo a linha costeira.

— Vê aquele coqueiro? — Bill apontou para a frente com sua garra livre. — O mais alto, o terceiro a partir do banco de areia?

Luce assentiu, piscando.

— É ali que seu pai dessa vida construiu sua cabana. A melhor da praia! — Bill tossiu. — Na verdade, a *única* da praia. Os britânicos ainda não descobriram essa parte da ilha. Então, quando seu papaizinho sai pra pescar, você e Daniel têm o lugar praticamente para vocês.

— Daniel e eu... moramos aqui... juntos?

De mãos dadas, Luce e Bill tocaram a praia com a elegância suave de bailarinos. Luce se sentia grata (e um pouco chocada) pela facilidade com que ele conseguira tirá-la do mastro do navio, mas, assim que pisou em terra firme, puxou a mão da sua garra pegajosa e limpou-a no avental.

O lugar era impressionantemente lindo. As águas cristalinas quebravam na estranha e adorável praia de areia escura. Árvores cheias de frutos cor de laranja e coqueiros se reclinavam ao longo do litoral. Além das árvores, montes se erguiam desde a névoa da floresta tropical e cachoeiras desciam pelas encostas. O vento não era forte; ainda melhor, era repleto do aroma de hibiscos. Era difícil imaginar passar as férias ali, que dirá uma vida inteira.

— *Você* morou aqui — começou a explicar Bill, caminhando ao longo da praia e deixando pequenas pegadas na areia escura. — Seu pai e os dez outros nativos moravam a uma distância que podia ser transposta por canoa. Eles chamavam você de... Bem, o som era parecido com *Lulu*.

Luce andava rapidamente para acompanhar o ritmo de Bill, enrolando a saia do seu uniforme de criada em Helston para que não se arrastassem pela areia. Ela parou e fez uma careta.

— O que foi? — perguntou Bill. — Eu acho bonitinho, Lulu. *Lulululululu*.

— Pare com isso.

— Enfim, Daniel era uma espécie de explorador trapaceiro. Sabe aquele navio? Seu incrível namorado o roubou da frota particular de George III — olhou para trás, em direção ao naufrágio —, mas o capitão Bligh e sua tripulação amotinada ainda levarão dois anos para encontrar Daniel por aqui, e a essa altura... Você sabe.

Luce engoliu em seco. Daniel provavelmente já iria ter partido até lá, pois Lucinda estaria morta haveria muito tempo.

Eles chegaram a uma clareira cercada por palmeiras. Um rio salobro fluía em volteios entre o mar e um pequeno lago de água doce, afastado do oceano. Luce se equilibrou ao longo de algumas pedras achatadas para atravessar as águas. Ela suava por baixo das anáguas e pensou em arrancar aquele vestido sufocante e mergulhar no mar.

— Quanto tempo ainda tenho com Lulu? — perguntou ela. — Antes que tudo aconteça?

Bill levantou as mãos.

— Achei que você somente queria uma prova de que o amor entre você e Daniel é verdadeiro.

— E quero.

— Para isso, não será preciso mais que dez minutos.

Eles chegaram a uma trilha curta, ladeada por orquídeas, que se curvava em outra praia deserta. Havia uma pequena cabana, com teto de palha sobre palafitas, perto das águas azuis claras. Atrás da cabana, um coqueiro tremulava.

Bill se empoleirou no ombro dela, pairando no ar.

— Dê uma olhada nela — disse apertando sua garra de pedra na direção ao coqueiro.

Luce observou, espantada, enquanto um par de pés emergia das folhagens altas do coqueiro tremulante. Então, uma garota vestindo nada além de uma saia trançada e um enorme colar de flores, atirou quatro cocos marrons e peludos na praia antes de descer pelo tronco nodoso até o chão.

Seu cabelo comprido estava solto, e suas mechas escuras refletiam a luz do sol. Luce conhecia perfeitamente a maneira como os cabelos, que desciam em ondas até abaixo da sua cintura, faziam cócegas em nos seus braços. O sol dera à pele de Lulu um tom marrom dourado e profundo — mais escuro do que a pele de Luce jamais ficara, mesmo depois de passar um verão inteiro na casa de praia da sua avó, em Biloxi —, e seu rosto e braços estavam cobertos por tatuagens geométricas escuras. Ela estava em algum ponto entre completamente irreconhecível e absolutamente idêntica a Luce.

— Uau! — sussurrou Luce enquanto Bill a puxava para trás de uma árvore de flores roxas. — Ei... ei! O que está fazendo?

— Levando você a um ponto de observação mais privilegiado. — Bill arrastou-a pelos ares, voando sobre a abóbada de folhas. Depois que as árvores ficaram para trás, levou-a até um galho alto e forte e colocou-a ali, de onde ela podia ver toda a praia.

— Lulu!

A voz penetrou a pele de Luce e atingiu diretamente seu coração. A voz de Daniel. Ele a chamava. Ele a queria; precisava dela. Luce se

moveu em direção ao som. Sequer notou que começara a se levantar do galho alto, como se pudesse simplesmente sair andando do topo da árvore e voar até ele, quando Bill a segurou pelo cotovelo.

— Exatamente por isso precisei arrastar seu traseiro de *popa'a** até aqui. Ele não está falando com você, está falando com *ela*.

— Ah... — Luce voltou a sentar-se, pesadamente. — Certo.

Na areia escura, a garota com os cocos, Lulu, corria. E, do outro lado da praia, em direção a ela, vinha Daniel.

Estava sem camisa, maravilhosamente musculoso e queimado de sol, vestindo apenas calças azul-marinho desfiadas nas barras. Sua pele brilhava após um recente mergulho. Seus pés descalços chutavam a areia para cima. Luce invejou a água, invejou a areia. Invejou tudo o que podia tocar Daniel enquanto ela estava presa em cima daquela árvore. E, mais do que tudo, invejou Lulu.

Correndo na direção dela, Daniel pareceu mais feliz e natural do que Luce podia lembrar. Sentiu vontade de chorar.

Eles se alcançaram. Lulu atirou os braços ao redor dele e ele a ergueu, rodando-a no ar. Então a colocou novamente no chão e a encheu de beijos, desde as pontas dos seus dedos e seus antebraços até seus ombros, seu pescoço, sua boca.

Bill se recostou no ombro de Luce.

— Olhe, me acorde quando eles chegarem na parte boa — disse ele, bocejando.

— Seu tarado! — Ela desejou dar um tapa nele, mas não queria tocá-lo.

— Eu quis dizer na parte das tatuagens, sua mente suja. Eu curto *tattoos*, tá?

Quando Luce voltou a observar o casal na praia, Lulu levava Daniel até uma esteira estendida na areia, não muito longe da cabana. Daniel puxou um facão curto, preso no seu cinto e pegou um dos

cocos. Após alguns golpes, abriu-lhe o topo e entregou-lhe a Lulu. Ela bebeu avidamente, deixando a água escorrer pelos cantos da boca. Daniel beijou seus lábios para limpá-los.

— Não tem nenhuma tatuagem, eles só estão... — Luce se interrompeu quando Lulu sumiu dentro da cabana. Ela reapareceu um momento depois, carregando um pequeno embrulho enrolado em folhas de coqueiro. Desembrulhou uma ferramenta que parecia um pente de madeira. As cerdas brilharam ao sol, como se fossem afiadas. Daniel se deitou na esteira, vendo Lulu mergulhar o pente em uma larga e rasa concha cheia de um pó preto.

Lulu lhe deu um beijo rápido e, então, começou.

Começando pelo osso esterno, ela tocou a pele dele com o pente. Trabalhava rapidamente, pressionando com força e rapidez e deixando manchas do pigmento preto tatuadas na pele de Daniel. Luce começou a vislumbrar um desenho: era um padrão xadrez de pequenos quadrados, que tomaria todo o peitoral.

A única visita de Luce a um estúdio de tatuagem fora em New Hampshire, com Callie, que queria o desenho de um coração minúsculo no quadril. O procedimento levara menos de um minuto, e Callie berrou o tempo inteiro. Ali, porém, Daniel ficou deitado em silêncio, sem emitir nenhum som e sem tirar os olhos de Lulu. Demorou muito, e Luce sentia o suor escorrer pelas suas costas enquanto assistia.

— E aí? Que tal? — Bill a cutucou. — Prometi ou não prometi que lhe mostraria o amor?

— Claro, eles parecem apaixonados — Luce deu de ombros. — Mas...

— Mas o quê? Você tem alguma ideia de como isso dói? Olhe esse cara! Ele faz ser tatuado parecer a carícia de uma brisa suave.

Luce se retorceu sobre o galho.

— É essa a lição? Tipo, dor equivale a amor?

— Diga-me você — retrucou Bill. — Talvez fique surpresa em ouvir isso, mas as garotas não estão exatamente batendo na porta de Bill.

— Quero dizer... Se eu tatuasse o nome de Daniel no meu corpo, isso significaria que eu o amo mais?

— É um símbolo, Luce — Bill soltou um suspiro rouco. — Você está sendo literal demais. Pense da seguinte maneira: Daniel é o primeiro garoto bonito que Lulu viu em toda a sua vida. Até ele naufragar por aqui, meses atrás, o mundo dessa garota era seu pai e alguns nativos gordos.

— Ela é a Miranda — disse Luce, lembrando-se da história de amor de *A tempestade*, que havia lido para um seminário sobre Shakespeare, no primeiro ano do ensino médio.

— Como você é culta! — Bill apertou os lábios em aprovação. — Eles são mesmo como Ferdinando e Miranda: o estrangeiro bonitão que naufraga na terra dela...

— Então, é claro que, para Lulu, foi amor à primeira vista — sussurrou Luce. Era o que ela temia: o mesmo amor irracional e automático que a incomodara em Helston.

— Certo — disse Bill. — Ela não teve escolha além de se apaixonar por ele. Porém, o mais interessante é Daniel. Ele não *precisava* ensinar a ela como fazer uma vela para velejar, conquistar a confiança do seu pai pescando o equivalente a uma temporada inteira de peixes ou, a terceira prova — Bill apontou para os amantes na praia —, concordar em tatuar o corpo inteiro segundo o costume local dela. Teria sido o bastante para Daniel simplesmente aparecer por ali, pois Lulu o amaria do mesmo jeito.

— Ele está fazendo isso porque... — Luce pensou em voz alta. — Porque deseja conquistar o amor dela. Porque, senão, ele somente

estaria se aproveitando da maldição. Porque, não importa o tipo de ciclo ao qual eles estão presos, o amor dele por ela é... verdadeiro.

Então, por que Luce não estava completamente convencida?

Na praia, Daniel se sentou. Segurou Lulu pelos ombros e beijou-a ternamente. Seu peito sangrava por causa das tatuagens, mas eles não pareciam notar. Seus lábios mal se abriram; seus olhos não se desgrudavam.

— Quero ir embora — falou Luce, de repente, para Bill.

— Sério? — Bill piscou, levantando-se sobre o galho da árvore como se ela o tivesse assustado.

— Sim, sério. Já consegui aquilo que vim buscar e estou pronta para seguir em frente. Agora. — Ela também tentou se levantar, mas o galho oscilou sob seu peso.

— Hã... Tudo bem. — Bill segurou-lhe o braço para que ela se equilibrasse. — Para onde?

— Não sei, mas vamos logo. — O sol estava se pondo atrás deles, alongando a sombra dos amantes sobre a areia. — Por favor, quero guardar uma boa lembrança. Não quero vê-la morrer.

O rosto de Bill se contraiu e ele parecia confuso, mas não disse nada.

Luce não podia esperar mais. Fechou os olhos e permitiu que seu desejo chamasse um Anunciador. Quando abriu os olhos, viu um tremor na sombra de um pé de maracujá. Concentrou-se, convocando-a com todas as suas forças, até o Anunciador tremular.

— Vamos — disse ela, rangendo os dentes.

Por fim, o Anunciador se libertou e deixou a árvore. Ele atravessou os ares, pairando na frente dela.

— Calma aí — disse Bill, flutuando acima do galho. — Desespero e viagens em Anunciadores não combinam. É tipo picles e chocolate.

Luce o encarou.

— Quero dizer... Não se desespere a ponto de perder de vista aquilo que deseja.

— Eu *desejo* sair daqui — retrucou Luce, mas não conseguia que a sombra assumisse uma forma estável, por mais que tentasse. Ela não observava Daniel e Lulu na praia, porém, podia sentir a escuridão tomando o céu. Não eram nuvens de chuva. — Bill, você me ajuda?

Ele suspirou, estendendo a mão em direção à massa escura no ar e atraindo-a para si.

— Essa sombra é sua, você sabe. Estou manipulando-a, mas é o *seu* Anunciador e o *seu* passado.

Luce assentiu.

— Isso significa que você não tem ideia de aonde ele a levará, e eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre o que pode acontecer.

Ela assentiu mais uma vez.

— Tudo bem, então. — Bill esfregou uma parte do Anunciador até que ela escurecesse; depois, capturou o ponto preto com uma das garras e puxou-o. Ele serviu como uma espécie de maçaneta. Um odor de mofo irrompeu do Anunciador, fazendo Luce tossir.

— É, eu também estou sentindo — comentou Bill. — Esse é dos antigos — gesticulou para que ela entrasse. — Primeiro as damas.

PRÚSSIA • 7 DE JANEIRO DE 1758

Um floco de neve tocou o nariz de Luce.

Depois outro, e mais outro, e outros mais — até que uma tempestade de flocos enchesse o ar e tudo se tornasse branco e frio. Ela expirou uma grande nuvem de vapor no ar gelado.

De alguma maneira, sabia que eles acabariam parando ali, embora não tivesse muita certeza de *onde* estavam. Sabia apenas que o céu da

tarde estava escuro graças a uma tempestade furiosa, e que a neve molhada começava a se infiltrar nas suas botas de couro preto, queimando-lhe os dedos dos pés e congelando-a até os ossos.

Ela caminhava em direção ao próprio funeral.

Percebeu assim que atravessou o Anunciador. Havia um frio próximo e implacável, como uma lâmina de gelo. Viu-se diante dos portões de um cemitério, onde tudo estava coberto por neve. Atrás dela havia uma estrada arborizada, onde galhos nus se agarravam a um céu azul-acinzentado. Diante dela podia-se ver um pequeno morro coberto por neve, com túmulos e cruzes que se sobressaíam na brancura como dentes sujos e afiados.

Alguns metros atrás de Luce, alguém assobiou.

— Tem certeza de que está preparada para isso?

Bill. Ele parecia sem fôlego, como se houvesse corrido para alcançá-la.

— Sim — os lábios dela tremiam, mas não se virou até que Bill a girasse pelos ombros.

— Aqui — disse ele, estendendo-lhe um escuro casaco de marta. — Achei que talvez você estivesse com frio.

— Onde você...?

— Eu o roubei de uma grandalhona lá atrás que voltava do mercado para casa. Não se preocupe... Ela já tem um acolchoado natural eficiente.

— Bill!

— Ei, você precisava! — e deu de ombros. — Que lhe traga boa sorte.

Ele enrolou o grosso casaco ao redor dos ombros de Luce, que aproximou a peça contra o corpo. Era inacreditavelmente macio e quentinho. Uma onda de gratidão dominou-a. Ela estendeu a mão e segurou a garra dele, sem se incomodar por estar pegajosa e fria.

— Certo — disse Bill, apertando-lhe a mão. Por um instante, Luce sentiu um calor estranho nas pontas dos dedos. Ele logo desapareceu, e os dedos de pedra de Bill voltaram a ser frios. Ele inspirou profunda e nervosamente. — Hum... Hã... Prússia, meados do século XVIII. Você mora em uma pequena cidade às margens do rio Handel. Muito bem — limpou a garganta profundamente antes de prosseguir. — Ou, melhor dizendo, você *morava*. Você, na verdade, acabou de... Bem...

— Bill? — virou o pescoço para olhá-lo. Ele continuava sentado no ombro dela, curvado para frente. — Está tudo bem — disse Luce, baixinho. — Não precisa explicar. Deixe apenas que eu... você sabe, sinta.

— Provavelmente será melhor.

Enquanto Luce atravessava silenciosamente os portões do cemitério, Bill ficou para trás. Sentou-se com as pernas cruzadas em cima de um mausoléu coberto por musgo, limpando a sujeira com as garras. Luce encobriu ainda mais o rosto com a gola do casaco.

Logo à frente, estava o velório; todas as pessoas vestiam roupas pretas e estavam tristes, tão apertadas umas contra as outras para se aquecerem, que pareciam uma única massa de tristeza. Exceto por um homem, que ficara para trás, em um canto. Sua cabeça loura estava abaixada.

Ninguém falou ou sequer olhou para Daniel. Luce não soube dizer se aquilo o incomodava ou se, na verdade, ele preferia que fosse assim.

Quando ela alcançou o grupo, o enterro chegava ao fim. Um nome fora entalhado numa lápide cinza e lisa: *Lucinda Müller*. Um garoto, que não tinha mais de 12 anos, com cabelos escuros, pele clara e lágrimas escorrendo pela face, ajudava o pai (seria o pai dela naquela vida?) a atirar, com a pá, o primeiro monte de terra sobre o túmulo.

Aqueles homens provavelmente eram parentes de seu eu do passado. Provavelmente a amaram. Havia mulheres e crianças

chorando atrás deles; Lucinda Müller também significou algo para elas. Talvez houvesse significado tudo.

Porém, Luce Price não conhecia aquelas pessoas. Sentiu-se insensível e estranha ao perceber que não significavam nada para ela, mesmo percebendo a dor nos seus rostos. Daniel era o único que realmente importava para Luce, a única pessoa em cuja direção desejava correr, o único que ela precisou se segurar para não abordar.

Ele não estava chorando. Nem mesmo olhava para a cova, como todos os outros. Suas mãos estavam entrelaçadas na frente do corpo e seu olhar estava perdido — não no céu, mas na distância. Seus olhos ora ficavam violeta, ora cinzentos.

Depois que os familiares atiraram algumas pás de terra sobre o caixão e o túmulo recebeu algumas flores, as pessoas se separaram e caminharam tremulamente de volta à estrada principal. Havia acabado.

Apenas Daniel permaneceu ali. Tão imóvel quanto os mortos.

Luce também ficou. Escondeu-se atrás de um mausoléu, a alguns jazigos de distância, para observar o que ele faria.

Era quase noite. Estavam somente os dois no cemitério. Daniel se ajoelhou perto do túmulo de Lucinda. A neve caía sobre o cemitério, cobrindo os ombros de Luce; flocos gordos se prendiam nos seus cílios e umedeciam a ponta do seu nariz. Ela inclinou o corpo para fora do esconderijo para observá-lo, sentindo o corpo inteiro tensionado.

Será que ele perderia o controle? Será que agarraria a terra congelada, bateria na lápide e berraria até que não houvesse mais lágrimas para derramar? Ele *não* poderia estar tão calmo quanto aparentava. Era impossível, era uma fachada. Porém, Daniel mal olhava para o túmulo. Ele se deitou na neve e fechou os olhos.

Luce observou. Ele estava tão imóvel e maravilhoso. Com as pálpebras cerradas, parecia absolutamente em paz. Ela se sentiu meio

apaixonada, meio confusa, e permaneceu assim por vários minutos — até ficar tão congelada que precisou esfregar os braços e bater os pés para se aquecer.

— O que ele está fazendo? — sussurrou ela, por fim.

Bill apareceu atrás dela e voou ao redor dos seus ombros.

— Parece que está dormindo.

— Mas, por quê? Eu nem sabia que anjos precisavam dormir...

— "Precisar" não é a palavra certa. Eles *podem* dormir, se quiserem. Daniel sempre dorme dias a fio depois que você morre. — Bill agitou a cabeça, parecendo lembrar-se de algo desagradável. — Tudo bem, nem sempre, mas na maioria das vezes. Deve ser bastante exaustivo perder a única coisa que se ama. Pode culpá-lo?

— M-mais ou menos — gaguejou Luce. — Sou eu quem sempre acaba explodindo em chamas.

— E é ele quem fica sozinho. A velha pergunta: o que é pior?

— Ele nem parece *triste*. Esteve entediado durante todo o funeral. Se fosse eu, iria... iria...

— Você iria o quê?

Luce andou até o túmulo e parou perto da terra fresca, onde começava o jazigo dela. Havia um caixão ali embaixo.

Seu caixão.

Aquele pensamento lhe causou arrepios na espinha. Ela se ajoelhou e colocou as palmas das mãos sobre a terra. Estava úmida, escura e gelada. Enterrou as mãos ali, sentindo-as adormecerem pelo frio quase instantaneamente, mas não se importou, recebendo de braços abertos aquela sensação. Ela queria que Daniel houvesse feito isso, que tentasse sentir seu corpo na terra. Queria que ele ficasse desesperado por querê-la tanto de volta — viva e nos seus braços.

Porém, ele apenas *dormia,* tão profundamente que sequer sentira ela se ajoelhar ao seu lado. Ela desejou tocá-lo, acordá-lo, mas não

saberia o que dizer quando ele abrisse os olhos.

Em vez disso, ela cavou a terra enlameada, até que as flores dispostas tão organizadamente sobre o túmulo estivessem despedaçadas e espalhadas, até que o lindo casaco de marta ficasse sujo, até que seus braços e seu rosto se cobrissem de lama. Ela cavou e cavou, atirando a terra para o lado, chegando cada vez mais no fundo em busca de seu eu morto. A vontade de ter alguma forma de conexão doía.

Finalmente, seus dedos atingiram algo duro: a tampa do caixão de madeira. Ela fechou os olhos e esperou por um flash como o que tivera em Moscou, quando um clarão de lembranças a inundara no momento em que ela tocou o portão da igreja abandonada e *sentiu* a vida de Luschka.

Nada.

Somente o vazio. A solidão. O vento branco uivante.

E Daniel, adormecido e inalcançável.

Ela se sentou sobre os calcanhares e soluçou. Não sabia nada sobre a garota que havia morrido. Teve a impressão de que jamais saberia.

— Alôôô... — disse Bill, atrás do seu ombro. — Você não está aí, sabia?

— O quê?

— Pense só... Você não está aí. Você não passa de um monte de cinzas, se for alguma coisa. Não sobrou corpo para enterrar, Luce.

— Por causa do fogo. Ah. Mas, então, por quê...? — começou ela a perguntar, e então se interrompeu. — Por que minha família quis isso?

— São luteranos ortodoxos — Bill assentiu. — Há centenas de anos os Müller têm uma lápide neste cemitério. Então, Lucinda também tem um túmulo. Porém, não há nada embaixo dele. Ou quase

nada. Seu vestido preferido. Uma boneca da infância. Seu exemplar da Bíblia. Esse tipo de coisa.

Luce engoliu em seco. Não era surpreendente que ela se sentisse tão vazia.

— Então, Daniel... Por isso ele não olhava para a cova.

— Ele é o único que aceita que sua alma está em outro lugar. Ele ficou porque esse é o lugar mais próximo onde ele pode estar perto de você. — Bill se aproximou tanto de Daniel que o movimento das suas asas de pedra balançou os cabelos do anjo. Luce quase empurrou Bill para longe. — Ele tentará dormir até que sua alma se abrigue em outro lugar. Até que você encontre sua próxima encarnação.

— Quanto tempo isso leva?

— Às vezes, segundos; outras vezes, anos. No entanto, ele não dormirá anos a fio. Por mais que provavelmente seja o que ele deseja.

Um movimento de Daniel no chão fez Luce pular.

Ele se mexeu no seu cobertor de neve. Um gemido de agonia escapou dos seus lábios.

— O que está acontecendo? — perguntou Luce, caindo de joelhos e estendendo a mão na direção dele.

— Não o acorde! — disse Bill, rapidamente. — O sono dele é pontilhado por pesadelos, mas é melhor do que estar acordado. Até que sua alma se abrigue em uma nova vida, toda a existência de Daniel se torna uma espécie de tortura.

Luce estava dividida entre aliviar a dor de Daniel e tentar entender que o acordar poderia apenas torná-la pior.

— Como eu disse, às vezes ele tem um pouco de insônia... E aí as coisas ficam *realmente* interessantes. Mas você não quer ver isso, quer?

— Quero, sim — retrucou ela, sentando-se. — O que acontece?

As bochechas rechonchudas de Bill se retorceram, como se ele houvesse sido pego no flagra.

— Bem, hã... Muitas vezes outros anjos caídos estão por perto — disse ele, sem olhá-la nos olhos. — Eles vêm e, você sabe, tentam consolá-lo.

— Eu os vi em Moscou. Mas não é sobre isso que você estava falando. Existe alguma coisa que você não está me dizendo. O que acontece quando...

— Você não gostaria de ver essas vidas, Luce. É um lado dele que...

— É um lado dele que também me ama, não é? Mesmo que seja escuro, mau ou perturbador, preciso vê-lo. Senão continuarei sem entender tudo o que ele vive.

Bill suspirou.

— Você me olha como se precisasse da minha permissão. Seu passado pertence a você.

Luce já estava de pé. Ela olhou ao redor do cemitério até seus olhos se depararem com uma pequena sombra que se estendia atrás da sua lápide. *Pronto. É aquela*. Luce ficou espantada com sua certeza. Aquilo nunca havia acontecido antes.

À primeira vista, aquela sombra parecera igual a qualquer outra que ela houvesse convocado, sem jeito, nos bosques de Shoreline. Porém, dessa vez, Luce *viu* algo na sombra. Não era uma imagem que retratava um destino específico, mas um brilho prateado esquisito, sugerindo que aquele Anunciador a levaria onde sua alma precisava estar.

Ele a chamava.

Ela assentiu, buscando sua força interior, atraindo aquele brilho de maneira que ele desprendesse a sombra do chão.

O pedaço de escuridão se soltou da neve branca e tomou forma à medida que se aproximava. Era profundamente escuro, mais frio que

a neve ao redor dela, e aproximou-se de Luce como uma folha de papel enorme e escura. Os dedos dela estavam rachados e dormentes por causa do frio quando ela o expandiu em uma forma maior e mais controlada. O interior emitiu a familiar rajada de vento com mau cheiro. O portal estava amplo e estável antes de Luce perceber que estava sem fôlego.

— Você está ficando boa nisso — comentou Bill. Havia um tom esquisito na sua voz, que Luce não parou para analisar.

Ela também não perdeu tempo sentindo orgulho de si mesma — embora, de algum modo, reconhecesse que, se Miles ou Shelby estivessem ali, dariam cambalhotas àquela altura. Era a melhor convocação que ela já fizera sozinha.

Eles, porém, não estavam ali. Luce estava só; portanto, a única coisa que podia fazer era seguir até sua vida seguinte, observar Lucinda e Daniel, e absorver tudo aquilo até que algo começasse a fazer sentido. Ela tateou as bordas pegajosas do Anunciador em busca de um ferrolho ou maçaneta, algum modo de entrar. Por fim, o Anunciador se abriu.

Luce inspirou profundamente. Ela olhou para trás em direção a Bill.

— Você vem ou não?

Solenemente, ele pulou no ombro dela, agarrou sua lapela como se fossem as rédeas de um cavalo e eles atravessaram pelo tempo.

LHASA, TIBETE • 30 DE ABRIL DE 1740

Luce arfou em busca de ar.

Saíra da escuridão do Anunciador para um redemoinho de névoa que se movia em alta velocidade. O ar estava rarefeito e frio, e cada

respiração lhe doía. Parecia impossível respirar normalmente. O vapor frio da névoa soprou seus cabelos para trás, viajou ao longo dos seus braços abertos, encharcou suas roupas com orvalho e, depois, sumiu.

Luce notou que estava na beira do maior penhasco que já havia visto. Ela oscilou e tropeçou para trás, tonta ao ver seus pés soltarem um pedregulho. Ele rolou por alguns centímetros e caiu no precipício durante o que pareceu uma eternidade.

Ela voltou a arfar, dessa vez por medo da altura.

— Respire — orientou Bill. — Mais pessoas desmaiam aqui em cima pelo pânico de não obter oxigênio suficiente do que por *realmente* não haver oxigênio.

Luce inspirou cuidadosamente. Dessa vez, foi um pouco melhor. Ela abaixou o casaco sujo até os ombros e desfrutou o sol que batia no seu rosto, mas não conseguiu se acostumar com aquela visão.

Além do penhasco havia um vale, pontilhado pelo que pareciam ser fazendas e plantações de arroz inundadas. E, em ambos os lados, erguendo-se do vale enevoado, havia montanhas gigantescas.

A alguma distância, na encosta de uma das montanhas íngremes, havia um palácio formidável. Era majestosamente branco e encimado por telhados de um tom vermelho profundo, com as paredes exteriores enfeitadas por mais escadarias do que ela era capaz de contar. O palácio parecia saído de um antigo conto de fadas.

— O que é esse lugar? Estamos na China? — perguntou ela.

— Sim, se ficarmos aqui por bastante tempo — respondeu ele. — Mas, no momento, é o Tibete, graças ao Dalai Lama. Aquela é sua casinha. — Ele apontou para o monstruoso palácio. — Chique, né?

No entanto, Luce não acompanhou o dedo dele. Ela ouvira uma risada em algum lugar por perto e virou-se.

A risada *dela*. Uma risada suave e feliz que ela não sabia ser sua até conhecer Daniel.

Finalmente identificou duas silhuetas a quase 100 metros do penhasco. Precisaria escalar algumas rochas para se aproximar, mas não seria tão difícil. Ela se curvou no seu casaco enlameado e começou, cuidadosamente, a abrir caminho pela neve, em direção ao som.

— Peraí! — Bill segurou-a pela gola do casaco. — Está vendo algum lugar onde possamos nos esconder?

Luce olhou ao redor, pela paisagem deserta: havia somente rochas aqui e ali. Nada que servisse nem mesmo de abrigo contra o vento.

— Estamos acima da linha das árvores, amiga. E você é pequena, mas não é invisível. Precisará ficar aqui atrás.

— Mas não consigo ver nada...

— Dê uma olhada no bolso do casaco — disse Bill. — De nada.

Ela apalpou o bolso do casaco — o mesmo que ela usara no funeral na Prússia — e puxou binóculos de ópera novinhos, com aparência de caros. Não se incomodou em perguntar a Bill onde ou quando ele os conseguira, apenas levou-os aos olhos e ajustou o foco.

Pronto.

Eles estavam de frente um para o outro, a alguns metros de distância. Os cabelos pretos do seu eu do passado estavam presos em um coque infantil, e seu vestido de linho tinha um tom cor-de-rosa como uma orquídea. Ela parecia jovem e inocente. Estava sorrindo para Daniel, balançando-se para a frente e para trás como se estivesse nervosa, observando cada movimento dele com uma intensidade sem limites. Os olhos de Daniel tinham algo de provocador; ele levava nos braços um buquê de peônias brancas redondas e entregava-as a ela uma por uma, o que a fazia rir cada vez mais.

Observando melhor com a ajuda dos binóculos, Luce percebeu que os dedos de ambos nunca se tocavam. Eles mantinham certa distância um do outro. Por quê? Era quase espantoso.

Nas outras vidas que visitara, Luce vira tanta paixão e desejo, mas ali era diferente. Luce sentiu seu corpo coçar, ansioso por um momento de contato físico entre eles. Se *ela* não podia tocar Daniel, ao menos seu eu poderia.

Porém, eles estavam simplesmente ali, e agora andavam em círculos, sem se aproximar ou se afastar mais.

Ocasionalmente, a risada deles chegava a Luce.

— E então? — Bill tentava espremer seu rostinho contra o de Luce para olhar através de uma das lentes dos binóculos. — O que está acontecendo?

— Eles estão apenas *conversando*. Estão flertando como se fossem estranhos, mas, ao mesmo tempo, parecem se conhecer perfeitamente. Não entendo.

— Eles estão indo devagar. Qual o problema nisso? — perguntou Bill. — Os jovens de hoje querem tudo muito rápido: bum, bum, BUUM.

— Não há nada errado em ir devagar, eu apenas... — Luce se interrompeu.

Seu eu caiu de joelhos. Ela se balançava para a frente e para trás, segurando a cabeça e, depois, o coração. Um olhar horrorizado cruzou o rosto de Daniel. Ele parecia tão sério naquelas calças brancas e túnica, como uma estátua de si. Daniel balançou a cabeça, olhando para o céu; seus lábios desenhavam a mesma palavra repetidamente: *Não. Não. Não.*

Os olhos cor de avelã da garota pareciam incontroláveis e ferozes, como se algo a possuísse. Um grito agudo ecoou pelas montanhas. Daniel caiu no chão e enterrou o rosto nas mãos. Depois, estendeu uma das mãos na direção dela, mas seu braço pairou no ar, sem tocar a pele dela. O corpo de Daniel se dobrou para a frente e tremeu, e, no momento mais importante, ele desviou o olhar.

Luce foi a única a observar a garota se tornar, subitamente, uma coluna de fogo. Foi muito rápido.

A fumaça acre rodopiou em torno de Daniel; seus olhos estavam fechados. O rosto cintilava — molhado pelas lágrimas. Ele parecia tão arrasado quanto todas as outras vezes em que o vira assistir à morte dela. Porém, dessa vez, ele parecia tomado pelo choque. Algo fora diferente. Algo estava errado.

Quando Daniel contou a ela sobre seu castigo, disse que, em algumas vidas, um único beijo a matara. Pior, algo menor que um beijo. Um simples toque.

Eles não se tocaram. Luce assistira o tempo inteiro. Ele tomara tanto cuidado para não se aproximar dela! Teria acreditado que ficaria com ela por mais tempo caso não tivesse o calor do seu abraço? Ou que poderia enganar a maldição se a mantivesse sempre à distância?

— Ele nem a tocou — sussurrou ela.

— Que droga — comentou Bill.

Ele não a tocara sequer uma vez durante todo o tempo em que estiveram apaixonados. E agora precisaria esperar mais uma vez, sem saber se algo seria diferente na próxima vez. Como a esperança poderia sobreviver a esse tipo de derrota? Nada fazia sentido.

— Se ele não a tocou, o que desencadeou a morte dela? — Luce se virou para Bill, que inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

— Montanhas — disse ele. — É tão bonito!

— Você sabe de alguma coisa — insistiu Luce. — O que é?

Ele deu de ombros.

— Não sei de nada — disse ele. — Ou, ao menos, nada que eu possa lhe dizer.

Um grito horrível e desolado ecoou pelo vale. O som da agonia de Daniel retornou, multiplicado, como se cem versões dele gritassem

juntas. Luce aproximou os binóculos do rosto mais uma vez e o viu atirar no chão as flores que estavam na sua mão.

— Preciso ir até ele! — disse ela.

— É tarde demais — disse Bill. — Lá vai ele.

Daniel se afastou do penhasco. O coração de Luce bateu com força, com medo do que ele estava prestes a fazer. Certamente não dormiria. Daniel correu, ganhando uma velocidade inumana até o momento em que atingiu a beira do penhasco e se atirou no ar.

Luce esperou que suas asas se abrissem. Esperou pelo trovejar suave de quando elas se abrissem completamente e recebessem o vento em uma glória magnífica. Ela já o vira voar daquele jeito e, a cada vez, algo a espantava: o desespero com o qual ela o amava.

Porém, as asas de Daniel não irromperam das suas costas. Quando ele atingiu a beira do penhasco, ocorreu o que aconteceria a qualquer garoto.

Ele caiu.

Luce soltou um grito alto, aterrorizado e longo, até que Bill fechasse sua boca com a mão suja. Ela o atirou para longe, correu até a beira do penhasco e ajoelhou-se ali.

Daniel continuava a cair. Era uma longa queda. Ela observou o corpo dele diminuir cada vez mais.

— Ele abrirá as asas, certo? — disse ela, com dificuldade. — Ele perceberá que cairia sem parar até...

Ela nem era capaz de completar aquela frase.

— Não — respondeu Bill.

— Mas...

— Ele vai se esborrachar no chão, a 700 metros de altura — disse Bill. — Vai quebrar todos os ossos do corpo. Porém, não se preocupe, Daniel não pode se matar. Apenas deseja que pudesse. — Bill se virou para ela e suspirou. — Agora você acredita no amor dele?

— Sim — sussurrou Luce, porque tudo o que desejava fazer naquele momento era despencar atrás dele. Ela o amava a este ponto.

Mas isso não adiantaria.

— Eles tomaram tanto cuidado — a voz dela estava contida. — Nós vimos o que aconteceu, Bill: *nada*. Ela era tão inocente. Como pode ter morrido?

Bill soltou uma meia risada.

— Você pensa que sabe tudo sobre ela apenas porque a viu, de cima de uma montanha, em seus últimos três minutos de vida?

— Foi você quem me fez usar os binóculos... Ah! — Ela congelou. — Espere um minuto! — Algo a assombrara na maneira como os olhos do seu eu pareceram mudar, por um instante apenas, no final. E, subitamente, Luce entendeu: — O que a matou dessa vez não foi algo que eu pudesse presenciar... — Bill enrolou as garras, esperando que ela terminasse o pensamento. — Porque estava acontecendo dentro dela.

Ele aplaudiu, devagar.

— Acho que talvez você esteja pronta.

— Pronta para o quê?

— Lembra-se do que mencionei a você em Helston? Depois que você conversou com Roland?

— Você discordou dele... Sobre eu me aproximar das minhas versões do passado.

— Você não pode reescrever sua história, Luce. Não pode mudar as narrativas. Se tentar...

— Eu sei... Isso distorcerá o futuro. Não quero mudar o passado. Preciso apenas saber o que acontece... Por que eu sempre morro. Achei que fosse um beijo, um toque ou algo físico, mas parece mais complicado.

Bill puxou a sombra atrás dos pés de Luce, como um toureiro movendo uma capa vermelha. Suas extremidades brilhavam em tons de prateado.

— Está preparada para a prática? — perguntou. — Para a versão 3D?

— Estou pronta. — Luce abriu o Anunciador e envolveu os braços ao redor do corpo para se proteger do vento congelante. — Espere — disse, olhando para Bill, que pairava ao seu lado. — Como assim 3D?

— É a onda do futuro, garota — respondeu ele.

Luce olhou para ele de forma dura.

— Tudo bem... Existe um termo técnico nada sonoro para isso, "clivagem", mas, para mim, "3D" é muito mais divertido. — Bill mergulhou no túnel escuro e chamou-a com um dos dedos tortos. — Confie em mim, você vai *amar*.

DEZ



AS PROFUNDEZAS

LHASA, TIBETE • 30 DE ABRIL DE 1740

Daniel caiu, correndo, no chão.

O vento cortava-lhe o corpo. Ele sentia o sol próximo à sua pele. Corria sem parar e não tinha ideia de onde estava. Havia irrompido do Anunciador sem o saber e, embora geralmente a sensação fosse daquilo estar *certo*, alguma memória o perturbava. Algo estava errado.

Suas asas.

Elas estavam *ausentes*. Continuavam ali, é claro, mas ele não desejava libertá-las, não sentia aquela coceira ardente de voar. No lugar da ânsia familiar de subir para os céus, o que o atraía era *descer*.

Uma lembrança começou a surgir na sua mente. Ele se aproximava de algo doloroso, quase perigoso. Seus olhos se focaram no espaço à sua frente...

E ele não viu nada.

Ele se atirou para trás, seus braços se agitando enquanto seus pés deslizavam pela rocha. Caiu de costas no chão e conseguiu parar

pouco antes de mergulhar em um penhasco inacreditável.

Recuperou o fôlego e, depois, girou o corpo com cuidado para olhar pela beirada.

Abaixo dele havia um abismo tão estranhamente familiar! Ele ajoelhou e analisou a ampla escuridão. Ele continuava lá embaixo? O Anunciador o ejetara ali antes ou depois de tudo acontecer?

Por isso suas asas não se projetaram para a frente. Elas se lembraram da agonia dessa vida e se mantiveram guardadas.

Tibete. Onde apenas as palavras dele a mataram. A Lucinda daquela vida fora educada para ser tão casta que nem o tocava. Embora sentisse arder a vontade de ter a pele dela contra a sua, Daniel respeitara aquele desejo. Secretamente, esperara que a recusa dela pudesse, por fim, ser uma maneira de driblar a maldição. Porém, mais uma vez, ele fora um tolo. Claro, o toque não era o estopim. O castigo era muito mais profundo.

E agora ele estava de volta ao local onde a morte dela o levara a um desespero tão avassalador que ele tentara pôr fim à sua dor.

Como se isso fosse possível.

Durante toda a queda, ele sabia que fracassaria. O suicídio era um luxo dos mortais, não compartilhado pelos anjos.

Seu corpo estremeceu com a lembrança. Não era apenas a agonia de todos os seus ossos quebrados ou a maneira como a queda deixara seu corpo cheio de hematomas escuros e azulados. Não, foi o que aconteceu depois. Ele ficara ali deitado durante semanas, com o corpo apoiado no vazio escuro entre duas grandes rochas. Ocasionalmente, voltava a si, mas sua mente estava tão embebida pela tristeza que ele não era capaz de pensar em Lucinda. Não era capaz de pensar em nada.

O que fora justamente o objetivo.

Porém, como ocorria com os anjos, seu corpo se curou de maneira mais rápida e completa do que sua alma jamais seria capaz.

Seus ossos se consolidaram. Suas feridas se fecharam em cicatrizes e, com o tempo, sumiram completamente. Seus órgãos pulverizados voltaram a ser saudáveis. Em menos tempo do que gostaria, seu coração já estava recomposto, batendo fortemente.

Foi Gabbe quem o encontrou mais de um mês depois, quem o ajudou a sair da fenda, quem colocou talas nas suas asas e o carregou para fora daquele lugar. Ela o fez prometer que jamais faria aquilo novamente. Que sempre manteria a esperança.

E ali estava ele novamente. Levantou-se e, uma vez mais, balançou-se na beirada.

— Não, por favor. Ah, *Deus*, não! Eu não suportaria se você pulasse.

Na montanha, não era Gabbe quem falava com ele. Essa voz exalava sarcasmo. Daniel soube a quem ela pertencia antes de se virar.

Cam estava encostado contra uma parede de altas rochas pretas. Sobre a terra descolorida, ele estendera um enorme tapete de oração, tecido com listras chamativas em tons vinho e ocre. Em uma das mãos, tinha uma perna de iaque assada. Ele mordeu um pedaço da carne fibrosa.

— Ah, por que não? — Cam deu de ombros, mastigando. — Vá em frente e pule. Quer que eu repasse algumas palavras finais a Luce?

— Onde ela está? — Daniel fez menção de ir até ele, com as mãos fechadas. Seria o Cam dessa época? Ou seria um Anacronismo, alguém que voltara no tempo, do mesmo modo que Daniel fizera?

Cam atirou o osso de iaque pelo penhasco e levantou-se, limpando as mãos engorduradas na calça jeans. Um Anacronismo, confirmou Daniel.

— Por pouco você não a encontra aqui. Mais uma vez. Por que demorou tanto? — Cam lhe estendeu uma pequena bandeja de metal repleta de comida. — Quer um bolinho? Estão divinos.

Daniel atirou a bandeja no chão.

— Por que você não a impediu? — Ele estivera no Taiti, na Prússia e no Tibete em menos tempo do que um mortal levaria para atravessar uma rua. Sempre com a sensação de que estava perto de Luce; porém, ela sempre estava fora do seu alcance. Como conseguia estar sempre à frente dele?

— Você disse que não precisava da minha ajuda.

— Você a viu? — insistiu Daniel.

Cam assentiu.

— Ela viu você?

Cam negou com a cabeça.

— Ótimo. — Daniel vasculhou com os olhos o topo da montanha, tentando imaginar Luce ali. Olhou rapidamente ao redor, em busca de vestígios dela. No entanto, não havia nada. Apenas terra cinzenta, rochas pretas e o vento cortante; nenhuma vida. Parecia-lhe o lugar mais solitário do planeta.

— O que aconteceu? — perguntou ele, pressionando Cam. — O que ela fez?

Cam rodeou Daniel casualmente.

— Ela, ao contrário do seu objeto de afeição, tem um *timing* impecável. Chegou exatamente no momento de ver sua morte magnificente; e, dessa vez, ela pareceu bastante grandiosa, contra essa paisagem desolada. Até mesmo *você* deve ser capaz de admitir isso. Não? — Daniel afastou o olhar. — Enfim, onde eu estava? Sobre a morte magnificente eu já falei... Ah, sim! Ela ficou apenas o bastante para assistir você se atirar do penhasco e esquecer de usar as asas. — Daniel abaixou a cabeça. — Não foi muito bonito.

Daniel não conseguiu se controlar e segurou Cam pela garganta.

— Você espera que eu acredite que simplesmente assistiu? Você não falou com ela? Não descobriu para onde iria? Não tentou impedi-la?

Cam grunhiu e torceu a mão de Daniel para se soltar.

— Eu não estava perto dela. Quando cheguei aqui, ela já havia partido. Repito: você disse que não precisava da minha ajuda.

— E não preciso. Cuidarei disso sozinho.

Cam soltou uma risadinha e voltou a se sentar no tapete, cruzando as pernas.

— O negócio, Daniel — disse ele, levando um punhado de balas de goji à boca — é que, mesmo que eu acreditasse que você é capaz de cuidar disso sozinho (o que, com base no seu histórico, não é o caso) — ele balançou um dos dedos —, você não está sozinho nessa. Todos estão atrás dela.

— Como assim, *todos*?

— Quando você partiu atrás de Luce, na noite em que encontramos os Párias, acha que simplesmente ficamos sentados jogando cartas? Gabbe, Roland, Molly, Ariane e até mesmo aqueles dois Nefilim idiotas... Todo estão por aí, procurando por ela.

— E você *deixou*?

— Não sou babá de ninguém, irmão.

— Não me chame de irmão — respondeu Daniel. — Não acredito nisso. Como podem estar atrás dela? É minha responsabilidade...

— Livre-arbítrio — Cam deu de ombros. — Está muito na moda ultimamente.

As asas de Daniel arderam às suas costas, inúteis. O que ele poderia fazer contra meia dúzia de Anacronismos viajando pelo passado? Seus companheiros, anjos caídos, sabiam como o passado era frágil, seriam cuidadosos. Mas, e quanto a Shelby e Miles? Eles

eram *garotos*. Seriam imprudentes. Não saberiam tomar cuidado. Poderiam pôr tudo a perder para Luce. Poderiam destruir Luce.

Não. Daniel não daria a nenhum deles a chance de alcançá-la antes dele.

Entretanto... Cam o fizera.

— Como posso acreditar que você não interferiu? — perguntou Daniel, tentando não demonstrar seu desespero.

Cam revirou os olhos.

— *Você* sabe que *eu* sei o quanto é perigoso interferir. Nossos objetivos finais podem ser diferentes, mas ambos precisamos dela para sair dessa vivos.

— Escute aqui, Cam. *Tudo* está em risco nessa história.

— Não me rebaixe. Eu sei muito bem o que está em risco. Você não é o único que já lutou por tempo demais.

— Eu... Estou com medo — admitiu Daniel. — Se ela alterar demais o passado...

— Ela pode mudar quem é quando retornar ao presente — completou Cam. — É, eu também estou com medo.

Daniel fechou os olhos.

— Isso significaria que qualquer chance que ela teve para se libertar dessa maldição...

— Estaria perdida.

Daniel encarou Cam. Eles não conversavam assim, como irmãos, há séculos.

— Ela estava sozinha? Tem certeza de que nenhum deles a alcançou?

Por um instante, Cam olhou além de Daniel, para um espaço na montanha diante deles. Seu olhar pareceu tão vazio quanto Daniel se sentia. A hesitação de Cam fez a nuca de Daniel coçar.

— Nenhum deles a alcançou — respondeu Cam, por fim.

— Tem certeza?

— Fui eu quem a viu aqui. Você nunca chega a tempo. E, além disso, o fato de Luce estar à solta não é culpa de ninguém senão sua.

— Não é verdade. Eu não a ensinei a usar os Anunciadores.

Cam riu amargamente.

— Não estou me referindo aos Anunciadores, seu idiota. Quis dizer que ela pensa que tudo isso diz respeito somente a vocês. Uma briga boba entre namorados.

— E isso diz *mesmo* respeito a nós — a voz de Daniel estava embargada. Ele quis derrubar uma rocha na cabeça de Cam.

— Mentira! — Cam ergueu-se em um salto, com uma fúria intensa brilhando nos seus olhos verdes. — É algo muito maior, e você sabe! — gritou, girando os ombros para trás para libertar suas gigantescas asas marfim. Elas preencheram o ar com uma glória dourada, bloqueando o sol por um momento. Quando se curvaram na direção de Daniel, ele recuou, enojado. — É melhor você encontrá-la antes que ela, ou outra pessoa, chegue e reescreva toda a nossa história. E faça com que você, eu e tudo isso — Cam estalou os dedos — se torne obsoleto.

Daniel cerrou os dentes e soltou suas asas brancas, sentindo-as se estenderem cada vez mais nas laterais e estremecendo quando pulsaram próximas às asas de Cam. Sentiu-se mais aquecido, e capaz de fazer qualquer coisa.

— Eu cuidarei disso... — disse ele.

Porém, Cam havia voado para longe, e sua decolagem fez com que pequenos redemoinhos se espiralassem a partir do chão. Daniel protegeu os olhos contra o sol e olhou para cima enquanto as asas douradas batiam pelo céu, e, em questão de instantes, desapareciam.

ONZE



COUP DE FOUDRE

VERSALHES, FRANÇA • 14 DE FEVEREIRO DE 1723

Splash.

Quando saiu do Anunciador, Luce estava embaixo d'água.

Abriu os olhos, mas a água morna e turva fez com que eles ardessem tanto que Luce fechou-os imediatamente. Suas roupas encharcadas a puxavam para baixo, então ela lutou para se livrar do casaco de pele. Quando ele enfim afundou, Luce bateu as pernas com força em direção à superfície, em busca de ar.

Ele estava apenas alguns centímetros acima da sua cabeça.

Luce engasgou. Depois, seus pés encontraram o chão e ela se levantou. Enxugou a água dos olhos e percebeu que estava em uma banheira.

Tudo bem, era a maior banheira que ela já vira, do tamanho de uma piscina pequena. Tinha o formato de um feijão, era feita da mais lisa porcelana branca e ficava no centro de um cômodo gigante, que parecia uma galeria de museu, cujos tetos altos estavam cobertos por

enormes afrescos com retratos de uma família de cabelos escuros, que parecia nobre. Uma corrente de rosas douradas emoldurava cada busto, e querubins rechonchudos pairavam entre eles, tocando trombetas em direção ao céu. Contra uma das paredes (revestidas de um papel com espirais elaboradas em tons turquesa, rosa e dourado) havia um armário enorme e bastante trabalhado.

Luce voltou a afundar na banheira. Onde estaria? Com a mão, alisou a superfície da água, abrindo espaço em uma camada de quase 10 centímetros de espuma e bolhas de consistência de creme chantilly. Uma esponja do tamanho de um travesseiro apareceu, e ela percebeu que não tomava banho desde Helston. Estava imunda. Usou a esponja para esfregar o rosto e, depois, começou a tirar o restante das roupas. Colocou todas as vestimentas encharcadas ao lado da banheira.

Nesse momento, Bill flutuou lentamente para fora da banheira e pairou a 30 centímetros da superfície da água. A parte da banheira de onde ele saiu se tornou escura e turva, com sujeira de gárgula.

— Bill! — gritou ela. — Não dá para perceber que preciso de alguns minutos de privacidade?

Ele cobriu os olhos com uma das mãos.

— Já terminou de se debater aí dentro, Tubarão? — Com a outra mão, ele limpou algumas bolhas da sua careca.

— Você poderia ter me avisado que eu estava prestes a dar um mergulho! — disse Luce.

— Eu avisei! — Ele pulou para a beirada da banheira e andou por ela, equilibrando-se, até estar diante do rosto de Luce. — Assim que saímos do Anunciador. Você não me ouviu porque estava embaixo d'água!

— Isso ajuda muito, obrigada.

— Você precisava mesmo tomar um banho — disse ele. — Essa é uma grande noite para você, querida.

— Por quê? O que vai acontecer?

— O que vai acontecer, pergunta ela! — Bill segurou-a pelo ombro. — Apenas o maior baile desde que o rei Sol apareceu! E eu te digo: e daí que esse *boum* será oferecido pelo seu filho adolescente ensebado? Será no maior e mais espetacular salão de Versalhes; e *todos* estarão lá!

Luce deu de ombros. Um baile parecia ótimo, mas não tinha nada a ver com ela.

— Eu vou explicar... — continuou Bill. — Todos estarão lá, incluindo Lys Virgily. A princesa de Savoia? Sacou? — e deu um tapinha no nariz de Luce. — É você.

— Sei... — disse Luce, deslizando a cabeça para trás, querendo apoiá-la contra o encosto ensaboado da banheira. — Parece que será uma grande noite para *ela*. Mas o que eu farei enquanto todos estão no baile?

— Olhe, lembra-se de quando eu lhe disse...

A maçaneta do enorme banheiro foi girada. Bill olhou aquilo e resmungou.

— Continua no próximo capítulo.

Enquanto a porta se abria, ele apertou seu nariz pontudo e sumiu embaixo d'água. Luce se retorceu e chutou-o para o outro lado da banheira. Ele voltou a surgir na superfície, olhou para ela e começou a boiar de costas na espuma.

Bill podia ser invisível para a bela garota com cachos louros que estava à porta, usando um longo vestido laranja, mas Luce não era. Ao ver alguém na banheira, a garota recuou.

— Oh, princesa Lys! Perdão! — disse ela, em francês. — Disseram-me que esse cômodo estava vazio. Eu... Eu vim preparar um banho para a princesa Elizabeth... — apontou para a banheira onde Luce estava. — E estava prestes a dizer a ela que subisse com as damas.

— Bem... — Luce tentou pensar rapidamente, desesperada para parecer mais nobre do que se sentia. — Você não tem permissão para mandá-la subir. Nem às damas. Esse é meu aposento, onde eu planejava me banhar em paz.

— Peço desculpas — disse a garota, fazendo uma reverência. — Mil vezes.

— Tudo bem — disse Luce quando percebeu o desespero sincero da garota. — Deve ter havido apenas um mal-entendido.

A garota fez uma reverência e começou a fechar a porta. Bill tirou sua cabeça chifruda da água e sussurrou:

— Roupas!

Luce usou o pé para empurrá-lo para baixo.

— Espere! — Luce chamou a garota, que lentamente voltou a abrir a porta. — Preciso da sua ajuda. Preciso de roupas para o baile.

— Que tal chamar uma das suas damas de companhia, *mademoiselle*? Agatha ou Eloise...

— Não, não. Nós tivemos uma briga — apressou-se Luce, tentando não se entregar completamente. — Elas escolheram um... hã... vestido horrível para mim. Por isso, eu as dispensei. Esse é um baile importante, como você sabe.

— Sim, *mademoiselle*.

— Poderia encontrar algo para mim? — pediu Luce à garota, gesticulando com a cabeça em direção ao armário.

— Eu? A-ajudá-la a se vestir?

— Você é a única aqui, não é? — disse Luce, esperando que algo naquele armário ficasse bem nela e que parecesse ao menos decente o suficiente para ir a um baile. — Qual é o seu nome?

— Anne-Marie, *mademoiselle*.

— Ótimo — disse Luce, agindo com arrogância em uma tentativa de imitar a Lucinda de Helston. E acrescentou também um pouco da

atitude sabe-tudo de Shelby, como garantia. — Rápido, Anne-Marie! Não posso chegar atrasada por causa da sua preguiça. Seja boazinha e busque um vestido para mim.

Dez minutos depois, Luce estava em frente a um caro espelho de três peças, admirando os bordados no corpete do primeiro vestido que Anne-Marie retirara do armário. A peça era de tafetá preto, bastante marcada na cintura, e se abria em uma gloriosa saia que chegava perto do chão. Os cabelos de Luce haviam sido presos em um coque e, depois, colocados sob uma peruca escura e pesada. Seu rosto brilhava sob uma camada de pó de arroz e ruge. Ela usava tantas anáguas que parecia que alguém enrolara 25 quilos de tecido ao redor do seu corpo. Como era possível que as garotas andassem carregando aquelas coisas? Que dirá dançar!

Enquanto Anne-Marie apertava ainda mais o espartilho, Luce ficou sem ar diante do próprio reflexo. Aquela peruca a fazia parecer mais velha. E ela tinha certeza de que nunca tivera tanto peito. Em nenhuma das suas vidas.

Por um brevíssimo instante, permitiu-se esquecer o nervosismo quanto a encontrar seu eu principesco do passado e quanto a não saber se encontraria Daniel novamente antes que atrapalhasse totalmente o amor deles. Luce simplesmente sentiu o que qualquer outra garota que ia ao baile naquela noite devia estar sentindo: conseguir respirar não era nada diante de um vestido tão maravilhoso.

— Está pronta, *mademoiselle* — sussurrou, com reverência, Anne-Marie. — Eu a deixarei, se me der licença.

Assim que Anne-Marie fechou a porta atrás de si, Bill se impulsionou para fora da água, lançando borrifos gelados de bolhas

de sabão pelo quarto. Ele voou até o armário e pousou em um banquinho estofado com seda azul-turquesa, próprio para calçar sapatos. Apontou para o vestido de Luce, para sua peruca e, novamente, para o vestido.

— *Uh-lá-lá! Muito* chique.

— E você ainda não viu os sapatos — disse erguendo a barra das saias para mostrar um par de sapatos verde-esmeralda altos e pontudos, incrustado com flores-de-jade. Eles combinavam com a renda que adornava o corpete do seu vestido e eram os sapatos mais maravilhosos que ela já havia visto, quanto mais usado.

— Ooooh! — guinchou Bill. — *Super*chique.

— Então, farei isso mesmo? Simplesmente descerei e fingirei que...

— Fingirá, não. — Bill balançou a cabeça. — *Honrará o seu papel*. Orgulhe-se desse decote, garota, você sabe que quer.

— Tudo bem, vou fingir que você não disse isso. — Luce riu e piscou para ele. — Então, descerei e "honrarei o meu papel" ou sei lá o quê. Mas, o que eu faço quando encontrar Lys? Não sei quase nada a respeito dela. Será que eu simplesmente...

— Segure a mão dela — disse Bill, enigmaticamente. — Ela ficará muito *tocada* por esse gesto, tenho certeza.

Bill lhe dava uma pista, era óbvio, mas Luce não entendeu. Então, lembrou-se das palavras dele antes de atravessarem o último Anunciador.

— Conte-me mais sobre essa história de 3D.

— Ahá! — Bill fingiu se apoiar em uma parede invisível. Suas asas pareciam um borrão enquanto ele flutuava à frente de Luce. — Sabe como algumas coisas são extraordinárias demais para serem descritas por palavras sem graça? Tipo a forma como você fraqueja quando Daniel se aproxima para lhe dar um longo beijo ou a sensação de

calor que se espalha pelo seu corpo quando as asas dele se abrem em uma noite escura...

— Pare. — A mão de Luce foi involuntariamente ao coração. Não havia palavras que pudessem descrever como Daniel a fazia se sentir. Bill fazia piada dela, mas aquilo não significava que ela sentisse menos dor por estar tanto tempo afastada de Daniel.

— Acontece o mesmo com o 3D. Você simplesmente precisará experimentar para entender.

Assim que Bill abriu a porta para Luce, os sons distantes de música de orquestra e do murmúrio educado de uma multidão encheram o quarto. Ela sentiu algo a atrair para o salão. Talvez fosse Daniel. Talvez Lys.

Bill fez uma reverência no ar.

— Primeiro você, princesa.

Ela seguiu o som ao longo de dois amplos e ondulantes lances dourados de escada, enquanto a música se tornava mais alta a cada passo. Enquanto caminhava, atravessando galerias vazias, sentiu o delicioso cheiro de codorna assada, maçãs ensopadas e batatas gratinadas. E perfumes — tantos perfumes que ela mal conseguia respirar.

— Está feliz por eu ter feito você tomar um banho? — perguntou Bill. — É uma garrafa a menos de *eau de fedorette* abrindo buracos en *l'ozone*.

Luce não respondeu. Havia entrado em um longo salão cujas paredes eram tomadas por espelhos, e, à sua frente, duas mulheres e um homem andavam em direção à entrada de um salão principal. Elas não caminhavam, deslizavam. Seus vestidos, amarelo e azul, praticamente silvavam ao longo do chão. O homem andava entre elas, com uma camisa de babados branca sob o longo paletó cinza e saltos quase tão altos quanto aqueles nos sapatos de Luce. Todos usavam

perucas até 30 centímetros mais altas que a de Luce, que já parecia enorme e pesava uma tonelada. Ao observá-los, Luce se sentiu desajeitada pela forma como suas saias balançavam de um lado para o outro enquanto ela andava.

Eles se viraram para olhá-la, estreitando os olhos, como se percebessem instantaneamente que ela não fora criada para frequentar os bailes da alta sociedade.

— Ignore-os — disse Bill. — Existem esnobes em todas as suas vidas. No fim, você é muito melhor do que eles.

Luce assentiu, andando atrás do trio, que passou por um conjunto de portas espelhadas e entrou no salão. O supremo salão de baile. Aquele que superaria todos os outros salões.

Luce não pôde evitar. Parou imediatamente e sussurrou:

— Uau!

Era majestoso: havia uma dúzia de candelabros pendurada no teto, cintilando com velas brancas. Nos lugares em que as paredes não eram cobertas por espelhos, eram tomadas pelo ouro. O piso de madeira nobre parecia se estender até a cidade seguinte, e na pista de dança havia mesas compridas cobertas com toalhas de linho branco, louças de porcelana fina, bandejas com bolos e biscoitos e grandes taças de cristal cheias de vinho tinto. Milhares de lírios brancos saíam de vasos vermelho-escuros dispostos sobre as mesas de jantar.

Na outra extremidade do salão, formava-se uma fileira de jovens bem-vestidas. Havia aproximadamente dez, uma ao lado da outra, sussurrando e rindo em frente a uma grande porta dourada.

Outro grupo se reuniu ao redor de uma enorme tigela de cristal, cheia de ponche, perto da orquestra. Luce foi servida de uma taça.

— Com licença? — disse ela a duas mulheres por perto. Seus cachos cinzentos formavam torres gêmeas sobre suas cabeças. — Por que as garotas estão em fila?

— Ora, para agradar o rei, é claro. — Uma das mulheres soltou uma risadinha. — Essas *demoiselles* tentarão agradá-lo o suficiente para que haja um casamento.

Casamento? Mas parecem tão jovens! Subitamente, a pele de Luce começou a esquentar e coçar. Então, ela entendeu: *Lys está naquela fila.*

Luce engoliu em seco e analisou cada uma das jovens. Ali estava ela, a terceira, magnífica em um vestido preto apenas ligeiramente diferente daquele que Luce vestia. Seus ombros estavam cobertos por uma pequena capa de veludo igualmente preto, e seu olhar jamais se erguia do chão. Ela não sorria, como as outras. Parecia tão frustrada quanto Luce.

— Bill — sussurrou Luce.

Porém, a gárgula voou até o rosto dela e mandou-a calar a boca com um dos seus rechonchudos dedos de pedra sobre os lábios.

— Só gente insana com gárgulas invisíveis — silvou ele —, e gente insana não é convidada para muitos bailes. Agora, aja rapidamente.

— Mas, e...

— *Rápido*!

O que aconteceria em 3D?

Luce inspirou profundamente. A última orientação que recebera fora de pegar a mão de Lys...

Ela atravessou a pista de dança, passando por criados carregando bandejas com *foie gras* e *chambord*. Quase trombou com a garota atrás de Lys, que tentava cortar a fila fingindo sussurrar algo a uma amiga.

— Com licença — disse Luce a Lys, cujos olhos se arregalaram e lábios se abriram, soltando um leve som de confusão.

Porém, Luce não poderia esperar pela reação de Lys. Inclinou-se e segurou sua mão, que se encaixou à sua como peças de um quebra-

cabeça. Ela a apertou.

O estômago de Luce se afundou, como se ela houvesse descido a primeira ladeira de uma montanha-russa. Sua pele vibrou e uma sensação de balanço suave e estonteante a dominou. Sentiu suas pálpebras tremerem, mas algum instinto lhe disse para continuar segurando com força a mão de Lys.

Ela piscou, e Lys também; então, as duas piscaram ao mesmo tempo... Do outro lado, Luce pôde ver a si mesma nos olhos de Lys... Depois, pôde ver Lys a partir dos seus próprios olhos... E, então...

Não pôde ver ninguém à sua frente.

— Oh! — gritou. O som da sua voz era perfeitamente normal. Ela olhou para suas mãos, que pareciam iguais. Ergueu uma das mãos e tocou seu rosto, os cabelos, a peruca: tudo parecia igual. Todavia, algo... Algo havia mudado.

Ela ergueu a barra do vestido e olhou para seus sapatos.

Eles eram magenta. Com saltos altos em formato de diamante e amarrados ao tornozelo por um elegante laço prateado.

O que ela havia feito?

Nesse momento, percebeu o que Bill quis dizer com "3D".

Ela havia, literalmente, entrado no corpo de Lys.

Luce olhou ao redor, aterrorizada. Para seu horror, as outras garotas estavam paradas. Na verdade, todos estavam congelados. Era como se alguém houvesse pausado a festa inteira.

— Viu? — A voz de Bill surgiu quente ao seu ouvido. — Não existem palavras para isso, existem?

— O que está acontecendo, Bill? — O tom de voz dela aumentava.

— Nesse exato momento, não muito. Precisei frear a festa, caso você surtasse. Depois que você dominar o lance 3D, farei tudo continuar normalmente.

— Então... Ninguém pode nos ver? — perguntou Luce, balançando a mão vagarosamente diante do belo rosto de uma garota de cabelos castanhos, que estava na frente de Lys. A moça não se moveu. Nem piscou. Seu rosto estava congelado em um interminável sorriso.

— Não. — Bill demonstrou sua resposta balançando a língua perto da orelha de um homem mais velho, que fora congelado quando tinha um *escargot* entre os dedos, a centímetros da boca. — Não até eu estalar os dedos.

Luce expirou, mais uma vez estranhamente aliviada por contar com a ajuda de Bill. Ela precisava de alguns minutos para se acostumar à ideia de que estava... Será que ela *realmente* estava?

— Estou dentro do meu outro eu — disse ela.

— Sim.

— Então para onde *eu* fui? Cadê o meu corpo?

— Você está por aí — deu um tapinha no ombro dela. — Aparecerá novamente quando... Bem, quando for a hora certa. Mas, por enquanto, você entrou inteiramente no seu eu do passado. Como uma tartaruguinha linda em um casco emprestado. Com a diferença de que se trata de algo muito maior. Quando você está no corpo de Lys, vocês se conectam. Por isso, muitas coisas boas se manifestam. As lembranças dela, as paixões, os costumes... Sorte sua. É claro que você também precisará lutar contra os defeitos dela. Essa aqui, se bem me lembro, fala o que não deve com alguma frequência. Então, fique atenta.

— Impressionante — sussurrou Luce. — Então, se eu encontrasse Daniel, seria capaz de sentir exatamente o que Lys sente por ele.

— Claro, imagino que sim, mas você entende que, assim que eu estalar os dedos, Lys voltará a ter obrigações nesse baile, que não incluem Daniel. Esse não é exatamente o lugar dele, e com isso eu

quero dizer que os guardas jamais deixarão um pobre cocheiro entrar aqui.

Luce não se importou com aquilo. Cocheiro ou não, ela o encontraria. Mal podia esperar. Dentro do corpo de Lys, ela poderia abraçá-lo, talvez beijá-lo. A ansiedade por antecipação era quase avassaladora.

— Oi? — Bill bateu com um dos dedos na têmpora dela. — Você está pronta? Entre, veja o que pode conseguir e saia enquanto for tempo, se entende o que quero dizer.

Luce assentiu. Ela ajeitou o vestido preto de Lys e ergueu a cabeça um pouco mais alto.

— Pode estalar.

— E... *Vai*. — Bill estalou os dedos.

Por um átimo de segundo, a festa andou com a dificuldade de um disco arranhado. Depois, cada sílaba das conversas, cada lufada de perfume transportado pelo ar, cada gota de ponche que deslizava pelas gargantas adornadas por joias, cada nota de música da orquestra se endireitou e prosseguiu como se nada houvesse acontecido.

Somente Luce mudara. Sua mente foi tomada por milhares de palavras e de imagens. *Uma ampla casa com teto de palha na encosta dos Alpes. Um cavalo de pelo castanho chamado Gauche. O cheiro da palha em toda a parte. Uma única peônia branca, de talo comprido, disposta no seu travesseiro. E Daniel. Daniel. Daniel. Voltando do poço com quatro baldes pesados, cheios de água e equilibrados em uma viga disposta sobre os ombros. Arrumando Gauche pela manhã, antes de fazer qualquer outra coisa, para que Lys pudesse cavalgá-lo. Quando se tratava de pequenos e amorosos favores para Luce, não havia o que Daniel não fizesse, mesmo no meio de todo o trabalho para o pai dela. Seus olhos violeta sempre a encontravam. Daniel nos seus sonhos, no seu coração, nos seus braços.* Era como os flashes das

lembranças de Luschka que ela tivera em Moscou ao tocar o portão da igreja — porém mais intensos e dominadores, como partes intrínsecas dela.

Daniel estava ali. Nos estábulos ou nos aposentos dos empregados. Estava ali. E ela o encontraria.

Algo farfalhou próximo ao pescoço de Luce, que deu um salto.

— Sou eu. — Bill flutuou sobre a pequena capa dela. — Você está se saindo muito bem.

As grandes portas douradas à frente do salão foram abertas por lacaios, que se mantiveram prostrados e atentos, um de cada lado. As garotas na fila que estavam à frente de Luce soltaram risinhos contidos de empolgação e, então, um silêncio dominou o ambiente. Enquanto isso, Luce procurava o caminho mais rápido entre aquele salão e os braços de Daniel.

— Foco, Luce — disse Bill, como se lesse sua mente. — Daqui a pouco o dever irá chamá-la.

Os instrumentos de corda da orquestra executaram os acordes barrocos da abertura de *Ballet de Jeunesse*, e todo o salão desviou a atenção. Luce acompanhou o olhar das pessoas e soltou uma exclamação: ela *reconheceu* o homem que estava à porta, olhando para a festa e usando um tapa-olho.

Era o duque de Bourbon, primo do rei.

Ele era alto e magricela, tão murcho quanto um feijoeiro numa seca. Seu terno de veludo azul malcortado era ornamentado por uma faixa roxa que combinava com as meias compridas nas suas pernas finas. Sua peruca empoada e ostentosa e seu rosto branco como leite eram excepcionalmente feios.

Ela não reconheceu o duque por causa de alguma fotografia em um livro de história. Conhecia-o até demais. Ela sabia *tudo*. Como o fato das damas de companhia da realeza trocarem piadas sujas sobre seu

pequeno cetro e como ele perdera aquele olho (em um acidente de caça durante uma viagem à qual se juntou apenas para agradar ao rei). Luce sabia também que, naquele exato momento, o duque mandaria que as damas pré-selecionadas como apropriadas para casar se encaminhassem até o rei, de 12 anos, que aguardava em outra sala.

E que Luce — não, Lys — era uma das favoritas do duque para a posição. Era esse o motivo da sensação pesada e dolorida no seu peito: Lys não podia se casar com o rei, pois amava Daniel. Amava-o apaixonadamente havia anos. Porém, nessa vida, Daniel era um empregado, e eles foram forçados a esconder seu romance. Luce sentiu o medo paralisante de Lys — de que, se ela agradasse o rei naquela noite, toda a esperança de ter uma vida ao lado de Daniel desapareceria.

Bill a advertira de que entrar nessa percepção 3D seria algo intenso, mas Luce não poderia haver se preparado para um assalto de sentimentos daquele porte: cada medo e dúvida que um dia cruzaram a mente de Lys assolaram Luce. Assim como cada esperança e cada sonho. Era demais.

Ela arfou e olhou ao seu redor — para qualquer um, menos para o duque. E percebeu que sabia tudo sobre essa época e esse lugar. Subitamente entendeu por que o rei estava à procura de uma esposa, embora já estivesse noivo. Reconheceu metade dos rostos que se moviam ao redor dela — conhecia suas histórias e sabia quais pessoas a invejavam. Soube como se acomodar em um espartilho apertado de maneira que conseguisse respirar confortavelmente. E soube, a julgar pelo olhar experiente que lançou aos dançarinos, que Lys fora treinada em danças de salão desde a infância.

Estar no corpo de Lys era uma sensação esquisita, como se Luce fosse, ao mesmo tempo, a assombração e o assombrado.

A canção terminou e um homem próximo à porta deu um passo à frente para ler algo num pergaminho:

— Princesa Lys de Savoia.

Luce ergueu a cabeça com mais elegância e confiança do que esperava e aceitou a mão de um jovem de colete verde-claro que apareceu para conduzi-la até a sala de recepção do rei.

Dentro da sala, completamente azul-clara, Luce tentou não encarar o rei. Sua peruca cinza altíssima parecia boba sobre seu rosto pequeno e exausto. Os olhos azul-claros espiavam lascivamente a fila de duquesas e princesas — todas lindas, maravilhosamente bem-vestidas — do mesmo modo como um homem faminto olharia para um porco em um espeto.

A figura no trono não passava de uma criança.

Luís XV assumira a coroa quando tinha apenas 5 anos. Em concordância com os desejos do pai moribundo, noivara com uma princesa espanhola, a infanta. Porém, ela ainda era uma criancinha de colo. Parecia a pior combinação possível. O jovem rei, frágil e doentio, provavelmente não viveria o bastante para produzir um herdeiro com a princesa espanhola, que, por sua vez, poderia morrer antes de ter idade para procriar. Portanto, o rei precisava encontrar uma consorte que lhe produzisse um herdeiro — o que explicava aquela festa extravagante e as damas dispostas em fila.

Luce brincou com a renda do seu vestido, sentindo-se ridícula. As outras garotas pareciam tão pacientes. Talvez elas *realmente* desejassem se casar com o rei Luís, de 12 anos e com aquele rosto coberto de acne, embora Luce não visse como isso poderia ser possível. Elas eram tão elegantes e belas. Desde a princesa russa, Elizabeth, em um vestido de veludo cor de safira com gola enfeitada com pele de coelho, até Maria, a princesa da Polônia, a quem o narizinho arrebitado e os lábios vermelhos e cheios tornavam

estonteantemente linda, todas olhavam o menino-rei com olhos arregalados e esperançosos.

No entanto, ele olhava para Luce. Com um sorriso satisfeito que fez seu estômago revirar.

— Aquela. — Ele apontou para ela, preguiçosamente. — Quero vê-la mais de perto.

O duque apareceu ao lado de Luce e empurrou suavemente os ombros dela para a frente, com seus dedos compridos e gelados.

— Apresente-se, princesa — disse em voz baixa. — Essa é uma oportunidade única na sua vida.

A Luce dentro dela resmungou silenciosamente, mas, por fora, era Lys quem estava no comando, e ela praticamente flutuou para a frente a fim de cumprimentar o rei. Ela fez uma reverência, abaixando a cabeça de maneira perfeitamente apropriada, e estendeu a mão para que ele a beijasse. Era o que sua família esperava dela.

— Você ficará gorda? — disse o rei para Luce, espiando sua cintura apertada pelo espartilho. — Gosto da aparência dela — disse ele ao duque —, mas não quero que engorde.

Se estivesse no seu corpo, Luce talvez houvesse dito ao rei exatamente o que pensava sobre seu porte nada sedutor. Porém, a compostura de Lys era perfeita, e Luce sentiu-se responder:

— Espero sempre agradar ao rei, com minha aparência e meu temperamento.

— Sim, é claro — disse abruptamente o duque, rodeando Luce. — Tenho certeza de que Vossa Majestade fará com que a princesa siga a dieta de vossa escolha.

— E quanto a caçar? — perguntou o rei.

— Vossa Majestade — começou o duque —, isso não é apropriado para uma rainha. Vossa Majestade tem diversos companheiros de caça. Eu, por exemplo...

— Meu pai é um excelente caçador — disse Luce. Seu cérebro trabalhava, tentando encontrar algo, qualquer coisa, que pudesse ajudá-la a fugir daquela cena.

— Devo, então, dormir com seu pai? — zombou o rei.

— Sabendo que Vossa Majestade aprecia armas — disse Luce, lutando para manter o tom educado —, ofereço-lhe um presente: o mais estimado rifle de caça do meu pai. Ele me pediu que trouxesse esta noite, porém, eu não tinha certeza de quando teria o prazer de conhecer Vossa Majestade.

Ela ganhou a atenção completa do rei, que se equilibrou na beira do trono.

— Como ele é? Tem joias incrustadas na coronha?

— A... a coronha é esculpida a mão, em madeira de cerejeira — disse ela, dando ao rei os detalhes que Bill lhe soprava, posicionado ao lado do trono do rei. — O cano foi forjado por... por...

— Ah, o que poderia impressionar? — pensou Bill. — Por um ferreiro russo que mais tarde foi trabalhar para o czar. — Depois ele se inclinou sobre os doces confeitados do rei e cheirou-os, faminto. — Parecem ótimos.

Luce repetiu a frase de Bill e acrescentou:

— Eu poderia trazê-lo a Vossa Majestade, se me permitir buscá-lo nos meus aposentos...

— Um criado poderá trazer a arma amanhã, tenho certeza — interveio o duque.

— Eu quero vê-lo *agora*. — O rei cruzou os braços, parecendo ainda mais infantil do que realmente era.

— Por favor — disse Luce virou-se para o duque. — Seria um imenso prazer apresentar pessoalmente o rifle a Vossa Majestade.

— Vá — e o rei estalou os dedos, dispensando Luce.

Luce quis se virar e correr, mas Lys sabia que era melhor não — nunca se mostrava as costas a um rei. Ela fez uma reverência e andou de costas até as portas da sala. Mostrou a mais graciosa contenção, deslizando como se não tivesse pés até chegar ao outro lado da porta espelhada.

Então, correu.

Através do salão de baile, passando pelos esplêndidos casais de dançarinos e pela orquestra, indo de uma sala amarelo-clara a outra, decorada em verde-limão. Luce correu por damas espantadas e por cavalheiros resmungões, sobre pisos de madeira de lei e tapetes persas espessos e opulentos, até que as luzes se tornassem mais difusas e os convidados rareassem, e, por fim, encontrou as portas que levavam ao lado de fora. Ela as escancarou, ofegando dentro do espartilho para conseguir respirar o ar fresco de liberdade. Caminhou por um enorme terraço de mármore branco e brilhante, que envolvia todo o segundo andar do palácio.

A noite estava iluminada pelas estrelas; tudo o que Luce queria era estar nos braços de Daniel e voar em direção a elas. Se ele apenas estivesse ao lado dela para afastá-la daquilo tudo!

— O que está fazendo aqui?

Ela se virou. Ele havia vindo atrás dela. Estava do outro lado do terraço, vestindo roupas simples e parecendo confuso, alarmado e trágica e desesperadamente apaixonado.

— Daniel. — Ela correu em direção a ele. Ele também se moveu na direção dela, e seus olhos violeta se iluminaram; Daniel abriu os braços, sorrindo. Quando eles finalmente se alcançaram e Luce se viu envolvida nos seus braços, pensou que talvez explodisse de felicidade.

Mas não explodiu.

Simplesmente continuou ali, com a cabeça aninhada no seu largo e maravilhoso peitoral. Estava em casa. Os braços dele envolviam suas

costas, apoiados na sua cintura, e ele a apertou o máximo possível contra seu corpo. Luce sentiu sua respiração e o cheiro almiscarado de palha no seu pescoço. Luce beijou o ponto logo abaixo da sua orelha; depois, embaixo da sua mandíbula. Ela deu beijos suaves e gentis até chegar aos seus lábios, que se abriram contra os dela. Então, os beijos ficaram mais longos, repletos de um amor que parecia se derramar das profundezas da alma dela.

Após um instante, Luce se interrompeu e olhou nos olhos de Daniel.

— Senti tanto a sua falta.

Daniel soltou uma risadinha.

— Eu também senti a sua falta, nessas últimas... três horas. Você... Está tudo bem?

Luce correu os dedos pelos cabelos louros e sedosos de Daniel.

— Eu precisava de um pouco de ar, precisava encontrar você. — Ela o abraçou, com força.

Daniel estreitou os olhos.

— Acho que não deveríamos ficar aqui fora, Lys. Eles devem estar à sua espera na sala de recepção.

— Não me importo. Não voltarei. E nunca me casaria com aquele porco. Nunca me casarei com ninguém, a não ser com você.

— Shhh — Daniel estremeceu, afagando-lhe a face. — Alguém pode ouvir. Já cortaram cabeças por menos que isso.

— *Alguém* já ouviu — disse uma voz, vinda das portas abertas. O duque de Bourbon estava ali, com os braços cruzados sobre o peito, sorrindo ao ver Lys nos braços de um empregado. — Acredito que o rei deva saber sobre isso. — E, em seguida, ele se foi, desaparecendo no interior do palácio.

O coração de Luce se acelerou, motivado pelo medo de Lys e pelo seu: ela alterara a história? A vida de Lys deveria transcorrer de modo

diferente?

Porém, Luce não poderia saber, poderia? Foi isso o que Roland lhe dissera: qualquer mudança que ela realizasse faria parte, imediatamente, do que havia acontecido. Entretanto, Luce continuava ali. Portanto, se ela modificara a história fugindo do rei... Bem, isso não pareceu ter grande importância na vida de Lucinda Price no século XXI.

Quando falou com Daniel, sua voz estava firme:

— Não me importo que esse duque cruel me mate. Prefiro morrer a desistir de você.

Uma onda de calor a dominou, fazendo com que ela balançasse.

— Oh! — disse ela, levando a mão à cabeça. Reconheceu a sensação na mesma hora, como algo que ela houvesse visto mil vezes, mas jamais prestado atenção.

— Lys — sussurrou ele. — Você sabe o que acontecerá?

— Sim — sussurrou ela.

— E sabe que estarei com você até o fim? — O olhar de Daniel a penetrava, cheios de ternura e de preocupação. Ele não estava mentindo. Jamais mentira para ela. Jamais mentiria. Ela sabia disso, podia enxergar. Ele revelara apenas o suficiente para mantê-la viva por mais alguns instantes, para sugerir tudo o que Luce começava a descobrir sozinha.

— Sim — e fechou os olhos. — Mas há tanto que ainda não compreendo. Não sei como parar isso. Não sei como quebrar essa maldição.

Daniel sorriu, mas lágrimas brilhavam nos seus olhos.

Luce não estava amedrontada. Sentiu-se livre. Mais livre do que nunca.

Uma compreensão estranha e profunda se expandiu na sua memória. Algo começou a se tornar visível na névoa sempre presente

em sua mente. Um beijo de Daniel abriria a porta, libertaria Luce de um casamento sem amor e de uma criança mimada. Esse corpo não era realmente ela. Era apenas uma casca, parte de uma punição. E, portanto, essa morte não era uma tragédia — era simplesmente o fim de um capítulo. Uma libertação bela e necessária.

Eles ouviram o som de passos nas escadas atrás deles. Era o duque, voltando com seus homens. Daniel segurou-a pelos ombros.

— Lys, escute...

— Beije-me — implorou ela. O rosto de Daniel se modificou, como se ele não precisasse ouvir mais nada. Ele a levantou do chão e apertou-a contra o peito. Um calor incontrolável atravessou o corpo dela enquanto o beijava cada vez mais intensamente, soltando-se por completo. Ela arqueou as costas, inclinou a cabeça em direção ao céu e beijou-o até se sentir tonta pelo êxtase, até os resquícios das sombras rodopiarem e ofuscarem as estrelas. Uma sinfonia de escuridão. Porém, atrás disso, havia luz. Pela primeira vez, Luce pôde sentir a luz que brilhava através daquilo.

Era absolutamente glorioso.

Era hora de partir.

Saia enquanto for tempo, advertira Bill. Enquanto ela ainda estivesse viva.

Porém, ela ainda não podia sair. Não enquanto tudo era tão morno e gostoso. Não com Daniel beijando-a, apaixonado. Ela abriu os olhos, e as cores do cabelo dele, do seu rosto e da noite se iluminaram ainda mais, com maior beleza, acesas por um brilho intenso.

Aquele brilho vinha da própria Luce.

A cada momento, todo o seu corpo se aproximava mais da luz. Esse era o único caminho verdadeiro de volta a Daniel, saindo de uma vida mundana e entrando em outra. Luce morreria mil vezes

alegremente, desde que pudesse estar com ele novamente do outro lado.

— Fique comigo — implorou Daniel enquanto ela se sentia incandescer.

Ela gemeu. Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Um sorriso muito suave surgiu nos seus lábios.

— O que é isso? — perguntou Daniel. Ele não queria parar de beijá-la. — Lys?

— É... É tanto *amor* — disse ela, abrindo os olhos exatamente quando o fogo irrompeu do seu peito. Uma grande coluna de luz explodiu na noite, lançando calor e chamas no céu, atirando Daniel para longe e retirando Luce da morte de Lys, jogando-a na escuridão, onde ela sentiu um grande frio e não pôde ver nada. Uma vertigem assolou-a.

E, então, surgiu um pequeno ponto de luz.

O rosto de Bill apareceu, pairando sobre Luce com um olhar preocupado. Ela estava deitada sobre uma superfície plana. Tocou a pedra embaixo dela, ouviu uma água pingando por perto e sentiu o cheiro do ar gelado e bolorento. Fora jogada em um Anunciador.

— Você me assustou — disse Bill. — Eu não sabia... Quero dizer, quando ela morreu, eu não sabia como... Não sabia se você poderia ficar presa, de algum modo... Eu não tinha certeza — e balançou a cabeça como se tentasse afastar aquele pensamento.

Ela tentou se levantar, mas suas pernas estavam bambas e tudo nela transmitia uma sensação incrivelmente fria. Sentou-se com as pernas cruzadas, recostada na parede de pedra. Usava mais uma vez o vestido preto com detalhes verde-esmeralda. Os sapatos, da mesma cor, estavam lado a lado em um canto. Bill provavelmente os havia tirado dos pés dela e a deitado antes que ela... Depois que Lys... Luce ainda não conseguia acreditar.

— Eu pude *ver* as coisas, Bill. Coisas que eu nunca soube.

— Tipo?

— Tipo que Lys estava feliz quando morreu. *Eu* estava feliz. *Em êxtase*. Tudo foi tão lindo. — A mente dela estava acelerada. — Saber que ele estaria à minha espera do outro lado, saber que eu apenas fugia de algo errado e opressor. Que a beleza do nosso amor venceria a morte, venceria tudo. Foi incrível.

— Incrivelmente perigoso — cortou Bill. — Não vamos mais fazer isso, OK?

— Você não entende? Desde que deixei Daniel, no presente, essa é a melhor coisa que me aconteceu. E...

No entanto, Bill desapareceu mais uma vez na escuridão. Ela ouviu o barulho da cachoeira. Um momento depois, o barulho de água fervendo. Quando Bill reapareceu, havia feito chá. Ele carregava um bule em uma fina bandeja de metal e estendeu a Luce uma xícara fumegante.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou ela.

— Eu disse que não faremos mais isso, OK?

Ainda assim, Luce estava envolvida demais nos próprios pensamentos para realmente ouvi-lo. Aquilo fora o mais próximo que ela chegara de algum tipo de explicação. Ela entraria na percepção 3D — como era mesmo o nome que Bill utilizara? *Clivagem*? — mais uma vez. Então, veria o fim das suas vidas, uma após a outra, até que, em uma delas, descobrisse exatamente por que aquilo acontecia.

E, assim, ela quebraria a maldição.

DOZE



O PRISIONEIRO

PARIS, FRANÇA • 1º DE DEZEMBRO DE 1723

Daniel soltou um palavrão.

O Anunciador o despejara em uma cama úmida e suja de palha. Ele rolou e se sentou, com as costas encostadas em uma parede de pedra gelada. Algo pingava do teto, gotas frias e oleosas que caíam na sua testa, mas não havia luz o bastante para enxergá-las.

Em frente a ele havia um buraco que servia como janela, recortado grosseiramente na parede, que mal chegava à largura de um punho. Deixava passar apenas poucos raios de luar, porém o bastante do ar tempestuoso da noite para fazer com que a temperatura baixasse a quase 0ºC.

Ele não conseguia ver os ratos andando pela cela, mas sentia seus corpos pegajosos se retorcendo em meio à palha mofada sob suas pernas, e seus dentes afiados mordendo o couro dos seus sapatos. Ele mal conseguia respirar diante do fedor dos seus excrementos. Daniel chutou o ar e ouviu um guincho. Então, juntou os pés sob o corpo e se manteve agachado.

— Você está atrasado.

A voz ao lado de Daniel fez com que ele pulasse: supusera, descuidadamente, que estava sozinho. Era, na verdade, um sussurro rouco e grave, mas familiar.

Então, ele ouviu um som rascante, como metal sendo arrastado sobre um piso de pedra. Daniel ficou tenso quando uma fração mais escura das sombras se destacou da escuridão e inclinou-se para a frente. A figura moveu-se para a luz cinza e pálida sob a janela, onde ao menos a silhueta de um rosto se tornou um pouco visível.

Seu próprio rosto.

Ele havia esquecido daquela cela, da sua punição. Fora ali aonde ele tinha ido parar.

De certa maneira, o eu anterior de Daniel tinha a mesma aparência dele no presente: o mesmo nariz e a mesma boca, a mesma distância entre os olhos cinzentos. Seus cabelos estavam mais embaraçados e ensebados, mas tinham o mesmo tom dourado. Contudo, o Daniel prisioneiro parecia *tão* diferente. Seu rosto estava horrivelmente extenuado e pálido; sua testa, coberta por imundícies. O corpo emagrecera ao extremo e a pele estava recoberta por gotículas de suor.

Era isso o que a ausência dela causava nele. Sim, ele estava preso pela bola e pela corrente de ferro dos prisioneiros, mas a verdadeira carcereira era a culpa.

Lembrou-se de tudo. Inclusive da visita do seu eu do futuro e de uma conversa amarga e frustrada. Paris. A Bastilha. Onde ele fora preso pelos guardas do duque de Bourbon depois que Lys desapareceu. Houvera outros cárceres, condições de vida mais cruéis e comidas piores durante a existência de Daniel, mas a impiedade da sua culpa, naquele ano, foi uma das provas mais difíceis pelas quais ele havia passado.

Parte, mas não tudo, estava relacionado à injustiça de ter sido acusado de assassiná-la.

Porém...

Se Daniel estava ali, preso na Bastilha, Lys estava morta. Então, Luce já havia chegado... E partido.

Seu outro eu tinha razão: ele chegara atrasado.

— Espere — disse ele ao prisioneiro na escuridão, aproximando-se, mas não tanto a ponto de arriscar tocá-lo. — Como você sabe por que voltei?

O arrastar da corrente significava que seu eu do passado se inclinara contra a parede.

— Você não foi o único que atravessou atrás dela.

As asas de Daniel arderam, enviando ondas de calor pelas suas escápulas.

— Cam.

— Não, não foi Cam — respondeu seu outro eu. — Foram dois garotos.

— Shelby? — Daniel socou o chão de pedra. — E o outro... Miles. Está falando sério? Aqueles Nefilim? Eles estiveram *aqui*?

— Há mais ou menos um mês, eu acho — e apontou para a parede atrás de si, onde havia algumas marcas tortas de contagem. — Tentei contar os dias, mas você sabe como é... O tempo passa de forma engraçada. Ele foge de você.

— Eu me lembro — Daniel estremeceu. — Mas, e os Nefilim... Você conversou com eles? — Ele vasculhou a memória; lembranças esmaecidas da sua prisão lhe vieram à mente, visões de um garoto e uma garota. Ele sempre acreditara que se tratava de fantasmas criados pela sua tristeza, apenas mais duas das ilusões que o assomavam depois que ela partia e ele se via mais uma vez sozinho.

— Por um instante — a voz do prisioneiro parecia cansada e distante, — mas eles não estavam muito interessados em mim.

— Ótimo.

— Depois que descobriram que ela estava morta, tiveram pressa em seguir em frente. — Seus olhos cinzentos eram estranhamente penetrantes. — Algo que você e eu podemos entender muito bem.

— Aonde eles foram?

— Não sei. — O prisioneiro abriu um sorriso grande demais para o seu rosto. — E acho que nem eles sabiam. Você precisava ver quanto tempo eles levaram para abrir um Anunciador. Pareciam dois tolos desajeitados.

Daniel se viu quase rindo.

— Não tem graça — disse seu eu do passado. — Eles se importam com ela.

Porém, Daniel não sentia ternura nenhuma pelos Nefilim.

— Eles são uma ameaça para todos. A destruição que podem causar... — fechou os olhos. — Eles não têm ideia do que estão fazendo.

— Por que você não consegue alcançá-la, Daniel? — Seu outro eu soltou uma risada seca. — Já nos vimos outras vezes, ao longo dos milênios, e eu me lembro de você estar perseguindo-a. Sem nunca a alcançar.

— Eu... Eu não sei. — As palavras ficaram presas na garganta de Daniel e um longo soluço se formou atrás delas. Tremendo, ele o reprimiu. — Não consigo chegar até ela. De alguma forma, estou eternamente um segundo atrasado, como se algo ou alguém atuasse camufladamente para impedir que eu a alcance.

— Seus Anunciadores sempre o levam aonde você precisa estar.

— *Preciso estar com ela.*

— Talvez eles saibam o que você precisa melhor que você mesmo.

— O quê?

— Talvez ela não deva ser impedida. — O prisioneiro chacoalhou sua corrente com indiferença. — O simples fato de ser capaz de viajar pelo tempo significa que algo fundamental mudou. Talvez você não consiga alcançá-la antes que ela faça uma mudança na maldição original.

— Mas... — Ele não sabia o que dizer. O soluço subiu até o peito de Daniel, afogando seu coração em uma torrente de vergonha e de tristeza. — Ela precisa de mim. Cada segundo é uma eternidade perdida. E, se ela der um passo em falso, tudo pode ser colocado a perder. Ela poderia mudar o passado e... deixar de existir.

— Mas essa é a natureza do risco, não é? Aposta-se tudo na mais escassa das esperanças. — Seu eu começou a esticar o braço, quase a ponto de tocar em Daniel. Ambos desejavam sentir uma conexão. No último instante, Daniel se afastou.

Seu outro eu suspirou.

— E se for *você*, Daniel? E se for *você* quem precisa alterar o passado? E se somente lhe for possível alcançá-la depois de reescrever a maldição, incluindo uma brecha?

— Impossível — desdenhou Daniel. — Olhe para mim. Olhe para você. Você está arruinado sem ela. Não somos nada quando não estamos com Lucinda. Não existe motivo para minha alma não querer encontrá-la o mais rápido possível.

Daniel tinha vontade de voar para longe dali, porém algo o incomodava.

— Por que você não se ofereceu para me acompanhar? — perguntou ele, por fim. — Eu teria recusado, é claro, mas alguns dos outros... Quando encontrei outra versão minha, em uma das vidas, ela quis vir comigo. Por que você não quer?

Um rato rastejou pela perna do prisioneiro, parando para cheirar as correntes ensanguentadas à altura dos seus tornozelos.

— Eu fugi certa vez — respondeu ele, devagar. — Lembra-se?

— Sim — disse Daniel. — Quando você... Quando *nós* escapamos, antes, e voltamos para Savoia. — Ele observou a falsa esperança oferecida pela luz que entrava pela janela. — Por que fomos até Savoia? Deveríamos saber que entrávamos em uma armadilha.

O prisioneiro se recostou e chacoalhou suas correntes.

— Não tínhamos outra opção. Era o lugar mais próximo dela — inspirou, de modo entrecortado. — É tão difícil quando ela está envolvida. Tenho a sensação de que nunca sou capaz de seguir em frente. Fiquei feliz quando o duque antecipou minha fuga, quando descobriu para onde eu iria. Ele estava à minha espera em Savoia, aguardando, com seus homens, à mesa de jantar do meu patrão. Esperando para me arrastar de volta até aqui.

Daniel se lembrou:

— Tive a sensação de que o castigo fora algo que eu havia conquistado.

— Daniel. — O rosto desesperado do prisioneiro pareceu receber um choque elétrico. Mostrou-se vivo novamente ou, ao menos, seus olhos o fizeram, brilhando em tom violeta. — Acho que entendi — as palavras saíram sem pensar. — Aprenda uma lição com o duque.

Daniel lambeu os lábios.

— Como assim?

— Todas essas vidas em que você diz persegui-la. Faça como o duque fez conosco. *Antecipe* o próximo passo dela. Não tente apenas alcançá-la. Chegue antes ao local. Espere ela chegar.

— Mas não sei aonde seus Anunciadores a levarão.

— É claro que sabe — insistiu seu eu. — Você deve ter lembranças vagas dos locais que ela visitou. Talvez não de todos os passos, mas,

no fim, tudo precisa terminar onde começou.

Uma compreensão silenciosa surgiu entre eles. Correndo as mãos ao longo da parede próxima à janela, Daniel convocou uma sombra. Estava invisível para ele na escuridão, mas ele pôde senti-la se mover na sua direção e, com destreza, deu-lhe forma. O Anunciador parecia tão deprimido quanto ele.

— Tem razão — disse ele, abrindo o portal. — Existe um lugar aonde ela irá com certeza.

— Sim.

— E você... Você deveria aceitar seu próprio conselho e sair desse lugar — disse Daniel, sombrio. — Está apodrecendo aqui.

— Ao menos a dor do meu corpo me distrai da dor que sinto na alma — retrucou seu eu do passado. — Não. Eu lhe desejo sorte, mas não sairei daqui agora. Não antes da próxima encarnação de Lucinda.

As asas de Daniel roçaram seu pescoço. Ele tentou diferenciar as épocas, as vidas e as lembranças na sua cabeça, mas ela andava em círculos ao redor do mesmo pensamento irritante.

— Ela... Ela já deve ter encarnado. Em concepção. Você consegue sentir?

— Ah... — disse, em voz baixa, o prisioneiro. Ele fechou os olhos. — Não sei se ainda consigo sentir qualquer coisa. — Suspirou pesadamente. — A vida é um pesadelo.

— Não, não é. Não mais. Eu a encontrarei. Salvarei a nós dois — gritou Daniel, desesperado para sair dali, saltando através do tempo e confiando na sorte.

TREZE



SOB ADVERSA ESTRELA

LONDRES, INGLATERRA • 29 DE JUNHO DE 1613

Algo estalou sob os pés de Luce.

Ela ergueu a barra do vestido preto: cascas de amendoim jogadas no chão formavam uma camada tão espessa que os pequenos pedaços marrons e fibrosos chegavam às fivelas dos seus sapatos verde-esmeralda.

Ela estava atrás de uma multidão ruidosa. Quase todos ao seu redor usavam roupas em tons desbotados de marrom ou de cinza; as mulheres trajavam vestidos compridos, corpetes trançados e mangas largas. Os homens vestiam calças afuniladas, mantos amplos sobre os ombros e boinas feitas de lã. Luce nunca saíra de um Anunciador em um espaço público, mas ali estava ela, num anfiteatro lotado. O ambiente era espantoso — e desordenadamente barulhento.

— Cuidado! — Bill agarrou a gola da pequena capa de veludo de Luce e puxou-a para trás, fazendo com que ela se chocasse contra o corrimão de madeira de uma escadaria.

Um segundo mais tarde, dois garotos imundos passaram correndo, em um estranho pique-pega que fez três mulheres, paradas no meio do caminho, caírem umas sobre as outras. Elas se levantaram pesadamente e xingaram os meninos, que também as zombaram, mal desacelerando.

— Da próxima vez — berrou Bill ao ouvido dela, com as garras em concha ao redor da boca — tente direcionar seus exercícios de atravessar o tempo para locais mais, sei lá, *serenos*? Como conseguirei preparar seu figurino nessa balbúrdia?

— Claro, Bill, vou trabalhar nisso. — Luce recuou justamente quando os garotos passaram a toda a velocidade novamente. — *Onde* estamos?

— Você deu a volta no globo para chegar ao Globe, *milady* — Bill encenou uma pequena reverência.

— Ao Globe Theatre? — Luce se abaixou quando uma mulher, na frente dela, jogou sobre o ombro uma coxa de peru mordiscada. — Você quer dizer, tipo, Shakespeare?

— Bem, ele se *diz* aposentado. Mas você sabe como são os artistas. Tão temperamentais. — Bill se abaixou até quase o chão, puxando a barra do vestido dela e cantarolando para si mesmo.

— A peça *Otelo* foi encenada aqui — disse Luce, precisando de um instante para absorver a situação. — *A tempestade*. *Romeu e Julieta*. Estamos praticamente no meio das maiores histórias de amor já escritas.

— Na verdade, você está no meio de cascas de amendoim.

— Por que você precisa ser tão superficial em relação a tudo? Isso é impressionante!

— Desculpe, não sabia que você precisava de um momento de bardolatria. — As palavras dele eram abafadas por causa de uma agulha que trazia entre os dentes afiados. — Agora, fique quieta.

— Ai! — Luce soltou um gritinho quando ele furou o joelho dela. — O que você fazendo?

— Desanacronizando você. Esses caras pagam muito bem para assistir a shows de horrores, desde que eles estejam no *palco*. — Bill trabalhava de maneira rápida e discreta, criando no tecido comprido e drapeado do vestido preto uma série de dobras e ondulações, para que ele ficasse reunido nas laterais. Ele derrubou a peruca preta e prendeu os cabelos de Luce em um coque desarrumado. Depois, olhou para a capa de veludo sobre os ombros dela. Bill puxou o tecido macio, que Luce sentiu descer pelos seus ombros. Por fim, ele cuspiu em uma das mãos, esfregou as palmas uma contra a outra e modelou o xale de veludo em uma gola alta, no estilo jacobino.

— Isso é extremamente nojento, Bill.

— Fique quieta — cortou ele. — Da próxima vez, me dê mais tempo para trabalhar. Você acha que eu gosto de "me virar"? Não gosto — e inclinou a cabeça em direção à multidão, que ria. — Por sorte, a maioria dessas pessoas está bêbada demais para notar que uma garota saiu das sombras, nos fundos do teatro.

Bill tinha razão: ninguém olhava para eles. Todos discutiam enquanto eles se aproximavam do palco. Não passava de uma plataforma erguida a cerca de 1,5m do chão, e, atrás da agitada multidão, Luce teve dificuldade para vê-lo com clareza.

— Vamos logo! — gritou um garoto. — Não nos faça esperar o dia inteiro!

Acima do nível do público havia três fileiras de camarotes e, depois, nada: o anfiteatro em formato circular se abria sob o céu azul do meio-dia. Luce olhou ao redor, em busca do seu eu do passado. Em busca de Daniel.

— Estamos na noite de estreia do Globe. — Ela se lembrou das palavras que Daniel lhe dissera sob os pessegueiros da Sword &

Cross. — Daniel contou que estivemos aqui.

— Sim, você *esteve* aqui — concordou Bill. — Há uns 14 anos. Empoleirada no ombro do seu irmão mais velho. Você e sua família assistiram à peça *Júlio César*.

Bill pairou no ar, 30 centímetros à frente dela. A gola alta ao redor do pescoço de Luce era nojenta, mas parecia manter o formato. Ela quase parecia uma das mulheres suntuosamente vestidas, prostradas nos camarotes.

— E Daniel? — Luce quis saber.

— Daniel era um enganador...

— Ei!

— Era como chamavam os *atores* — Bill revirou os olhos. — Ele estava começando. Para o restante da plateia, sua estreia não foi nem um pouco memorável. Porém, na pequena Lucinda, de 3 anos — Bill deu de ombros — algo se acendeu. Desde então, você, entre aspas, morre de vontade de pisar em um palco. Hoje é a sua estreia.

— Sou uma atriz?

Não. Callie, a amiga do seu eu do passado, é uma atriz. Durante o último semestre de Luce na Dover School, Callie implorou que ela também fizesse os testes para a peça *Nossa cidade*. Ambas ensaiaram por semanas antes do teste. Luce conseguiu uma fala, mas Callie arrasou na sua interpretação de Emily Webb. Luce assistira à amiga dos bastidores, orgulhosa e impressionada. Callie teria vendido tudo o que possuía para estar por um minuto no antigo Globe Theatre, quanto mais para atuar no palco.

Então, Luce se lembrou do rosto pálido de Callie ao ver a batalha entre os anjos e os Párias. O que teria acontecido com Callie depois que Luce partiu? Onde estariam os Párias? Como Luce explicaria a Callie, ou aos seus pais, o que havia acontecido? Isso, obviamente, se Luce conseguisse voltar ao seu quintal e àquela vida.

Luce sabia que somente voltaria depois de descobrir como impedir seu fim. Quando desvendasse a maldição que obrigava ela e Daniel a encenarem incessantemente a mesma história de amantes "sob adversa estrela".

Ela estava nesse teatro por algum motivo. Sua alma a atraíra até ali, mas por quê?

Luce abriu caminho pela multidão, movendo-se ao longo da lateral do anfiteatro até enxergar o palco. As tábuas de madeira haviam sido cobertas por um tapete espesso, parecido com cânhamo, para simular grama. Dois canhões enormes situavam-se como guardas nas laterais dos bastidores e uma fileira de laranjeiras, plantadas em vasos, acompanhava a parede ao fundo. Não muito longe de Luce, uma escada de madeira, caindo aos pedaços, levava a um cômodo cortinado: o camarim — ela se lembrava das aulas de teatro que fizera com Callie —, onde os atores se vestiam e se preparavam para as cenas.

— Espere! — gritou Bill enquanto ela se apressava, subindo a escada.

Atrás das cortinas, o espaço era pequeno, apertado e mal-iluminado. Luce passou por pilhas de manuscritos e por armários abertos cheios de figurinos, vendo uma enorme máscara, que representava a cabeça de um leão, enfeites dourados e mantos de veludo. Então, congelou: diversos atores estavam por ali, arrumando-se — garotos em vestidos semiabotoados e homens calçando botas de couro marrom. Por sorte, os atores estavam ocupados maquiando o rosto e ensaiando freneticamente as falas, de maneira que o local se via repleto de gritos de fragmentos da peça.

Antes que algum dos atores pudesse erguer os olhos e vê-la, Bill voou até o lado de Luce e empurrou-a para um dos armários. Várias roupas a circundaram.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Deixe-me lembrá-la que você *atua* em uma época em que não havia *atrizes* — e Bill franziu a testa. — Como mulher, esse mundo não lhe pertence. Não que isso a tenha impedido: seu eu assumiu riscos gigantescos para conseguir um papel em *É tudo verdade*.

— *É tudo verdade*? — repetiu Luce, que esperara ao menos reconhecer o título da peça. Não tivera tanta sorte. Ela espiou novamente o camarim.

— Você conhece a peça como *Henrique VIII* — disse Bill, puxando-a mais uma vez pela gola. — Porém, preste atenção: gostaria de arriscar um palpite sobre por que seu outro eu mentiria e se disfarçaria para conseguir um papel...?

— Daniel.

Ele havia entrado no camarim. A porta que levava ao jardim continuava aberta atrás dele; raios de sol iluminavam suas costas. Daniel caminhava sozinho, lendo um manuscrito, mal notando os atores ao seu lado. Parecia diferente do que fora nas outras vidas dela. Seu cabelo louro estava comprido e um pouco ondulado, preso com uma fita preta próximo à nuca. Usava barba, aparada com cuidado, cujo tom era apenas ligeiramente mais escuro que o do cabelo.

Luce sentiu uma vontade imensa de tocá-lo, de acariciar seu rosto, de correr os dedos pelos seus cabelos, de sentir sua nuca e tocar cada parte do corpo dele. Sua camisa branca estava aberta, mostrando a linha definida dos músculos do seu peito. A calça preta era folgada e estava amontoada sob as botas, também pretas, na altura dos joelhos.

Quando ele se aproximou, o coração dela bateu aceleradamente. O ruído da multidão se dissipou. O odor de suor seco, vindo dos figurinos no armário, desapareceu. Havia apenas o som da respiração dela e o barulho dos passos dele na sua direção. Ela saiu do armário.

Ao vê-la, os olhos de Daniel, tão cinzentos quanto uma tempestade, brilharam em tom violeta. Ele sorriu, surpreso.

Ela não pôde mais aguentar. Correu até ele, esquecendo-se de Bill, dos atores, do seu eu do passado, que poderia estar em qualquer lugar, a passos de distância — e a quem esse Daniel realmente pertencia. Esqueceu-se de tudo, menos da necessidade de estar nos seus braços.

Ele deslizou as mãos ao redor da cintura dela, guiando-a rapidamente até o outro lado do pesado armário, onde eles estariam escondidos dos outros atores. As mãos dela encontraram a nuca dele. Uma onda de calor subiu pelo corpo de Luce. Ela fechou os olhos e sentiu os lábios dele a tocarem, leves como pluma — quase leves *demais*. Esperou para sentir o desejo no beijo dele. Esperou. E esperou.

Luce ergueu-se mais um pouco, arqueando o pescoço para que ele a beijasse com mais força, mais profundamente. Precisava desse beijo para se lembrar de por que estava fazendo tudo aquilo, perdendo-se no seu próprio passado e vendo-se morrer tantas vezes: era por causa dele, por causa da união entre eles. Por causa daquele amor.

Tocá-lo novamente fez com que ela se lembrasse de Versalhes. Ela queria agradecer a ele por salvá-la de ter que se casar com o rei. E implorar para que ele nunca mais se ferisse, como havia feito no Tibete. Queria perguntar o que ele havia sonhado quando dormira dias a fio após a morte dela na Prússia. Queria escutar o que ele dissera a Luschka antes dela morrer, naquela horrível noite em Moscou. Queria despejar seu amor, perder o controle, chorar e fazer com que ele soubesse que, em cada segundo de cada vida, ela sentira a falta dele com todo o coração.

Porém, não havia como comunicar isso a *esse* Daniel. Nada disso acontecera a esse Daniel. E ele achou que ela era a Lucinda dessa

época, a garota que não sabia o que Luce descobriu. Não havia palavras para contar-lhe.

O seu beijo seria a única maneira de mostrar a ele que entendia.

Contudo, Daniel não a beijava como ela queria. Quanto mais se apertava contra ele, mais ele recuava.

Por fim, ele a afastou. Segurou apenas as suas mãos, como se o resto dela fosse perigoso.

— Senhorita — beijou as pontas dos dedos dela, fazendo-a tremer. — Será que eu seria ousado demais ao dizer que seu amor a torna sem modos?

— Sem modos? — Luce corou.

Daniel passou o braço pelas costas dela devagar, um pouco nervoso.

— Querida Lucinda, você não deveria estar nesse lugar, vestida assim. — Os olhos dele não se desviavam do vestido dela. — Que roupas são essas? Onde está seu figurino? — Ele estendeu a mão para dentro do guarda-roupa e mexeu nos cabides.

Rapidamente, Daniel começou a desamarrar suas botas, atirando-as no chão com um barulho seco. Luce tentou não ficar boquiaberta quando ele deixou as calças caírem. Ele usava calções curtos e cinzentos que deixavam pouco espaço para a imaginação.

A face dela ardeu quando Daniel desabotoou rapidamente sua camisa branca. Ele a arrancou, expondo toda a beleza do seu peitoral. Luce conteve a respiração. As únicas coisas que faltavam eram suas asas abertas. Daniel era tão impecavelmente maravilhoso — e parecia não imaginar o efeito que causava nela apenas por estar ali, em roupas íntimas.

Ela engoliu em seco, abanando-se.

— Está calor aqui dentro?

— Vista isso até que eu busque seu figurino — disse ele, atirando as roupas para ela. — Rápido, antes que alguém a veja. — Ele correu até o guarda-roupa no canto e vasculhou-o, pegando uma túnica verde e dourada, outra camisa branca e um par de calças verdes curtas. Apressou-se em vestir aquelas roupas — seu figurino, imaginou Luce — enquanto ela recolhia as roupas cotidianas que ele havia descartado.

Luce se lembrou de que a criada em Versalhes precisara de meia hora para espremê-la naquele vestido. Havia cordões, amarrações e rendas em todos os tipos de lugares íntimos. Ela nunca conseguiria tirar tudo aquilo com alguma dignidade.

— Houve uma, hã, uma mudança no figurino. — Luce agarrou o tecido preto da saia. — Achei que esse traje ficaria bom para meu personagem.

Luce ouviu passos atrás dela, mas, antes que pudesse se virar, a mão de Daniel a empurrou mais para dentro do armário, ao lado dele. O móvel era apertado e escuro, mas era maravilhoso estar tão perto de Daniel. Ele fechou a porta o máximo possível e continuou na frente dela, parecendo um rei naquela túnica verde e dourada.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Onde você arrumou isso? A sua Ana Bolena veio de Marte? — e soltou um risinho. — Sempre achei que ela fosse de Wiltshire.

A mente de Luce se apressou para acompanhá-lo. Ela fazia o papel de Ana Bolena? Nunca lera aquela peça, mas o figurino de Daniel sugeria que ele interpretava o rei, Henrique VIII.

— O Sr. Shakespeare... ah, Will... achou que ficaria bom...

— Ah, *Will* achou que ficaria bom? — Daniel sorriu, não acreditando nem um pouco nela, mas sem parecer se importar. Era estranho sentir que ela poderia fazer ou dizer praticamente qualquer

coisa e Daniel continuaria a achar que ela era encantadora. — Você é um pouco desequilibrada, não é, Lucinda?

— Eu... Bem...

Ele afagou a face dela com os dedos.

— Adoro você.

— Eu também adoro você — suas palavras saíram aos tropeções, parecendo excessivamente verdadeiras depois das últimas mentiras gaguejadas. Era como soltar a respiração após prendê-la por muito tempo. — Estive pensando, muito, e queria lhe dizer que... que...

— Sim?

— A verdade é que sinto por você algo... mais profundo do que adoração — apertou as mãos contra o coração dele. — Confio em você. Confio no seu amor. Sei o quanto ele é forte e belo. — Luce sabia que não podia dizer o que realmente desejava; supostamente ela era uma versão diferente de si e, nas outras vezes em que Daniel adivinhara quem ela era e de onde viera, se fechara como uma ostra e lhe dissera que fosse embora. Mas, talvez, se ela escolhesse as palavras com cuidado, Daniel a entenderia. — Pode parecer que algumas vezes eu... Eu esqueço o que você significa para mim e o que significo para você, mas no fundo, no fundo... eu sei. Eu sei porque fomos feitos um para o outro. Eu te amo, Daniel.

Ele pareceu chocado.

— Você... Você me ama?

— É claro. — Luce quase riu diante do quanto aquilo era óbvio, mas, então, lembrou-se: ela não tinha ideia de em que momento do passado ela havia chegado. Talvez, nessa existência, eles houvessem apenas trocado olhares recatados.

O peito de Daniel subiu e desceu violentamente, e seu lábio inferior começou a tremer.

— Quero que fuja comigo — disse ele, rapidamente. Havia um tom de desespero na sua voz.

Luce teve vontade de gritar "sim!", porém, algo a conteve. Era tão fácil se perder quando o corpo de Daniel estava apertado contra o dela, sentindo o calor que emanava da sua pele e as batidas do seu coração através da camisa. Ela teve a sensação de que poderia contar-lhe qualquer coisa — desde o quanto fora glorioso morrer nos braços dele em Versalhes até sua devastação ao descobrir a extensão do sofrimento dele. Contudo, se segurou: a garota que ele acreditava que ela era não falaria sobre essas coisas, não saberia sobre elas. Nem Daniel. Então, quando finalmente abriu a boca, sua voz falhou.

Daniel colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Espere. Não proteste ainda. Deixe eu lhe pedir apropriadamente. Em breve, meu amor.

Ele espiou pela porta entreaberta do armário, em direção à cortina. Gritos de aclamação chegavam do palco. O som dos risos e dos aplausos do público era imenso. Luce ainda não se dera conta de que a peça havia começado.

— É minha deixa. Vejo você daqui a pouco — beijou sua testa e correu para o palco.

Luce quis correr atrás dele, mas duas pessoas se posicionaram bem na frente do armário.

A porta se abriu com um rangido e Bill esvoaçou para dentro.

— Você está ficando boa nisso — disse ele, desabando sobre um saco de perucas velhas.

— Onde você se escondeu? — perguntou Luce.

— Quem, eu? Em lugar nenhum. Do que eu me esconderia? — perguntou ele. — Aquela história sobre uma mudança de figurino foi um verdadeiro golpe de mestre — comentou ele, erguendo a minúscula mãozinha para um cumprimento.

Era sempre um pouco chato lembrar que Bill observava cada interação dela com Daniel.

— Você vai mesmo deixar minha mão parada no ar? — Bill lentamente abaixou a mão.

Luce o ignorou. Ela tinha uma sensação pesada e crua no peito. Não esquecia o desespero na voz de Daniel quando ele lhe pediu para fugir com ele. O que aquilo significara?

— Eu morrerei esta noite. Não é, Bill?

— Bem... — Bill abaixou os olhos. — Sim.

Luce sentiu um nó na garganta.

— Onde está Lucinda? Preciso entrar nela para entender essa existência. — Ela empurrou a porta do armário para abri-la, mas Bill segurou a fita do seu vestido e a puxou para trás.

— Olhe, querida, o modo 3D não pode ser sua estratégia. Pense nele como uma habilidade a ser usada em ocasiões especiais. — Ele apertou os lábios. — O que você acha que aprenderá aqui?

— Descobrirei do que ela precisa escapar, é claro — respondeu Luce. — Do que Daniel quer salvá-la? Ela está noiva? Mora com um tio cruel? Está encrencada com o rei?

— Opa... — Bill coçou o topo da cabeça, criando um som terrível, como unhas raspando um quadro-negro. — Devo ter cometido um simples erro pedagógico em algum ponto. Você acha que sempre existe um motivo para sua morte?

— E não existe? — disse, sentindo a decepção no rosto.

— Quero dizer, suas mortes não são exatamente *sem sentido*...

— Mas quando morri dentro de Lys, senti tudo: ela acreditou que ser queimada a libertou. Ficou feliz, pois casar com aquele rei significaria que sua vida seria uma mentira. E que Daniel pôde salvá-la, matando-a.

— Ah, querida, é isso o que você pensa? Que suas mortes são uma saída para casamentos ruins ou algo parecido?

Luce fechou os olhos com força contra o ardor de lágrimas repentinas.

— Precisa ser algo assim. Precisa. Senão, é apenas algo inútil.

— *Não* é inútil — disse Bill. — Você morre por um motivo, mas não é algo tão simples. Você não pode querer entender tudo imediatamente.

Ela grunhiu, frustrada, e bateu o punho contra a lateral do armário.

— Entendo por que você está descontrolada — disse Bill, por fim. — Você entrou no modo 3D e acreditou que desvendara o segredo do seu universo. Porém, nem sempre as coisas são tão fáceis e certinhas. Espere o caos. *Abrace* o caos. Você deve continuar aprendendo o máximo possível em cada vida que visitar. Talvez, no fim, tudo isso a leve a algum lugar. Talvez você termine ao lado de Daniel... Ou, talvez, decida que há mais coisas na vida do que...

O som de tecido farfalhando assustou-os. Luce deu uma espiada pela porta do armário.

Um homem de mais ou menos 50 anos, com cavanhaque grisalho e uma pequena barriga de chope, estava atrás de um ator, que se vestia. Ambos sussurravam. Quando a garota virou um pouco a cabeça, as luzes do palco iluminaram seu perfil. Luce congelou diante daquela visão: um nariz delicado, lábios pequenos e delineados em cor-de-rosa, uma peruca castanho-escura com apenas algumas mechas pretas compridas, e um belíssimo vestido dourado.

Era Lucinda, totalmente figurada como Ana Bolena e prestes a entrar no palco.

Luce se inclinou para fora do armário. Sentia-se nervosa e sem fala, mas ao mesmo tempo estranhamente poderosa: se o que Bill lhe

dissera era verdade, não havia muito tempo.

— Bill? — sussurrou ela. — Preciso que você faça aquela coisa de pausar a cena, para que eu...

— *Shhh*! — O sibilo de Bill tinha tamanha determinação que indicou a Luce que ela estava por conta própria. Precisaria esperar até que o homem saísse para estar a sós com Lucinda.

Inesperadamente, Lucinda andou até o armário onde Luce estava escondida e enfiou a mão ali dentro. Seu braço se direcionou ao manto dourado perto do ombro de Luce, que conteve a respiração e agarrou os dedos dela.

Lucinda ofegou e escancarou a porta, encarando Luce e buscando um sentido inexplicável. O chão pareceu se inclinar. Luce ficou tonta, fechou os olhos e sentiu como se sua alma houvesse saído do corpo. Viu-se externamente: o vestido esquisito que Bill alterara às pressas e o medo puro nos olhos. A mão que segurava era macia, tão macia que ela mal conseguia senti-la.

Luce piscou, Lucinda também; então, Luce não mais sentiu o toque daquela mão. Quando olhou para baixo, sua mão estava vazia. Ela se tornara a garota a quem antes segurava. Rapidamente, agarrou o manto e colocou-o sobre os ombros.

A única pessoa no camarim, além dela, era o homem que estivera sussurrando com Lucinda. Luce soube quem ele era: William Shakespeare. *William Shakespeare*. Ela o *conhecia*. Eles eram, os três — Lucinda, Daniel e Shakespeare —, *amigos*. Certa tarde de verão, Daniel levara Lucinda para visitar Shakespeare na sua casa, em Stratford. Antes do pôr do sol, eles se sentaram na biblioteca e, enquanto Daniel desenhava próximo à janela, Will fizera várias perguntas a ela — anotando tudo, furiosamente — sobre quando ela vira Daniel pela primeira vez, o que ela sentia em relação a ele, e se ela pensava que algum dia poderia se apaixonar.

Além de Daniel, Shakespeare era o único que conhecia o segredo de Lucinda — que ela era uma mulher — e o amor que viviam fora dos palcos. Em troca da sua discrição, Lucinda manteve o segredo de que ele estaria no Globe aquela noite. Todos na companhia acreditavam que ele estava em Stratford e que havia passado as rédeas do teatro para Mestre Fletcher. Porém, Will aparecera sorrateiramente para assistir à noite de estreia da peça.

Quando Lucinda voltou para seu lado, Shakespeare fitou-a.

— Você está diferente.

— Eu... Não, eu ainda... — Ela sentiu o brocado macio ao redor dos ombros. — Ah, sim, encontrei o manto.

— O manto, é? — Ele sorriu para ela e piscou. — Ele fica bem em você.

Então, Shakespeare pôs a mão no ombro de Lucinda, como sempre fazia quando instruía os atores:

— Escute: todos aqui conhecem a sua história. Verão você nessa cena, mas você não dirá nem fará muitas coisas. Ana Bolena é uma estrela em ascensão na corte, e cada uma dessas pessoas tem um papel sobre o destino dela. — Ele engoliu em seco. — Ah, sim... Não se esqueça de estar na marca ao final da sua fala. Você precisa se posicionar na frente do palco, à esquerda, para o início da dança.

Luce pôde sentir as falas atravessarem sua mente. As palavras estariam ali quando ela precisasse, quando se colocasse diante de todas aquelas pessoas. Ela estava pronta.

A plateia urrou e voltou a aplaudir. Um grupo de atores saiu do palco apressadamente e preencheu o espaço ao redor dela. Shakespeare havia desaparecido. Ela viu Daniel na outra coxia. Ele se destacava entre os atores, régio e impossivelmente belo.

Era a deixa para que Lucinda entrasse no palco. A cena representava o início de uma festa na residência de lorde Wolsey,

quando o rei — interpretado por Daniel — criaria uma elaborada encenação antes de tocar na mão de Ana Bolena pela primeira vez. Eles deveriam dançar e se apaixonar profundamente. Aquele deveria ser o início de um romance que mudara tudo.

O início.

Porém, para Daniel, não era o início, de modo algum.

Para Lucinda, entretanto, e para a personagem que ela interpretava, tratava-se de um amor à primeira vista. Lucinda teve a impressão de que pousar o olhar em Daniel fora a primeira coisa verdadeira a acontecer com ela, tal como ocorrera com Luce na Sword & Cross. Todo o seu mundo passara a ter um novo significado.

Luce não conseguia acreditar em como o Globe estava lotado. As pessoas que se acomodaram na frente estavam praticamente em cima dos atores, tão perto que ao menos 20 espectadores apoiavam os cotovelos no palco. Ela podia sentir o cheiro deles. Podia ouvi-los respirar.

Contudo, de alguma maneira, Luce sentiu-se tranquila, até mesmo energizada — como se, em vez de entrar em pânico diante de toda aquela atenção, Lucinda, na verdade, ganhasse vida.

Na cena, Luce estava rodeada pelas damas de companhia de Ana Bolena; ela quase riu de como as "damas" pareciam cômicas ao seu redor. Os pomos de adão daqueles adolescentes subiam e desciam claramente sob a iluminação direcionada do palco. O suor formava círculos embaixo dos braços dos seus vestidos cheios de enchimento. Do outro lado do palco, Daniel e sua corte a encaravam sem qualquer pudor, e o amor era claro no seu rosto. Ela desempenhou o papel com desenvoltura, lançando apenas olhares admirados o suficiente para atrair tanto o interesse de Daniel quanto da plateia. Ela até improvisou um gesto — afastar os cabelos do longo pescoço branco

—, dando uma pista pressagiadora do que todos sabiam ser o destino de Ana Bolena.

Dois atores se aproximaram dela, um de cada lado. Eram os nobres, lorde Sands e lorde Wolsey.

— *Senhoritas, não estão alegres. Cavalheiros, de quem é a culpa por isso?* — retumbou a voz de lorde Wolsey. Ele era o anfitrião da festa (e vilão da peça), e o ator que o representava tinha uma incrível presença de palco.

Então, ele se virou para encarar Luce. Ela congelou.

Lorde Wolsey era interpretado por Cam.

Não havia como gritar, xingar ou fugir. Ela era uma profissional, portanto se manteve composta e virou-se para o companheiro de Wolsey, lorde Sands, que pronunciou sua fala com uma risada.

— *É preciso que o vinho tinto primeiro colora o rosto dessas belas damas, meu lorde!* — disse ele.

Quando chegou a vez de Lucinda falar, seu corpo tremia; ela arriscou uma olhada discreta para Daniel. Seus olhos violeta suavizaram a dificuldade que ela sentia. Ele acreditava nela.

— *Sois muito alegre, lorde Sands* — Luce sentiu-se dizer em voz alta, com uma perfeita entonação de provocação.

Então, Daniel deu um passo à frente e uma trombeta soou, seguida por um tambor. A dança começava. Ele tomou-lhe a mão. Quando falou, direcionou-se a ela, não à plateia, como faziam os outros atores.

— *A mais bela mão que já toquei!* — disse Daniel. — *Ó, beleza, até agora eu não te conhecia!* — pronunciava as falas como se houvessem sido escritas para eles.

Eles dançaram, e Daniel não tirou os olhos dela durante todo o tempo. Seus olhos eram violeta e claros como cristal, e a forma como nunca se desviavam amoleceu o coração de Luce. Ela sabia que ele sempre a amara, mas, até aquele momento, dançando com ele em um

palco, na frente de todas aquelas pessoas, ela nunca realmente pensara no que isso significava.

Aquilo queria dizer que, quando ela o via pela primeira vez, em cada uma das suas vidas, Daniel já estava apaixonado por ela. Em todas as vidas. E sempre estivera. A cada vez, ela precisava se apaixonar por ele novamente. Ele jamais poderia pressioná-la ou forçá-la a amá-lo. Ele precisava reconquistá-la a cada vez.

O amor de Daniel por ela era longo e ininterrupto. Era a forma mais pura de amor, mais até do que o amor que Luce lhe retribuía. Seu amor fluía sem interrupções, sem parada. Enquanto o amor de Luce era apagado a cada morte, o sentimento de Daniel crescia ao longo do tempo, atravessando a eternidade. Quão poderosamente forte estaria? Depois de centenas de vidas de amor empilhadas umas sobre as outras? Era quase imenso demais para que Luce compreendesse.

Ele a amava tanto e, contudo, em cada existência, repetidamente, precisava esperar que ela o alcançasse.

Por todo aquele tempo eles dançaram com o restante da trupe, que entrava e saía dos bastidores a intervalos, voltando ao palco para mais galanteios, para cenas mais longas, com passos mais elaborados, até que toda a companhia estivesse dançando.

Ao final da cena, apesar da ação não estar no texto e de Cam estar por perto, assistindo-os, Luce segurou a mão de Daniel e puxou-o para si, contra as laranjeiras plantadas em vasos. Ele a olhou como se aquilo fosse um absurdo e tentou arrastá-la para a marca predefinida, mantendo a movimentação de palco planejada.

— O que está fazendo? — murmurou ele.

Ele duvidara dela antes, nos bastidores, quando ela tentou falar livremente sobre seus sentimentos. Ela *precisava* que ele acreditasse nela. Entender a profundidade do amor dela significaria tudo para ele, principalmente se Lucinda morresse esta noite. Aquilo ajudaria Daniel

a seguir em frente, a amá-la por outras centenas de anos, a passar por toda a dor e as dificuldades que ela testemunhara até chegar ao presente.

Luce sabia que a ação não estava no roteiro, mas não pôde se conter: agarrou Daniel e beijou-o.

Ela esperava que ele a impedisse, mas, em vez disso, enlaçou-a e retribuiu o beijo. Com força e paixão, correspondendo com tal intensidade que ela teve a mesma sensação de quando eles voavam, embora soubesse que seus pés estavam plantados no chão.

Por um instante, a plateia ficou em silêncio. Depois, começaram a gritar e zombar. Alguém atirou um sapato em Daniel, mas ele o ignorou. Seus beijos diziam a Luce que ele acreditava nela, que entendia a profundidade do seu amor, mas ela queria ter certeza.

— Sempre amarei você, Daniel. — Porém, aquilo não parecia exatamente explicar tudo o que ela queria dizer. Ela precisava fazer com que ele entendesse, e que se danassem as consequências: se ela modificasse a história, que assim fosse. — Sempre *escolherei* você. — Sim, era essa a palavra. — Em cada existência, eu escolherei você. Assim como você sempre me escolheu. Para todo o sempre.

Os lábios de Daniel se entreabriram. Ele acreditava nela? *Era* uma escolha duradoura, profunda, que superava qualquer outra coisa que Luce fosse capaz de fazer. Havia algo poderoso por trás dessa decisão. Algo belo e...

Sombras começaram a rodopiar no cordame acima deles. O calor vibrou através do corpo dela, fazendo-a entrar em convulsão, desesperada para obter a liberação ardente que sabia estar próxima.

Os olhos de Daniel cintilaram, em dor.

— Não — sussurrou ele. — Por favor, não vá ainda.

De algum modo, aquilo sempre os surpreendia.

Enquanto Lucinda explodia em chamas, ouviu-se o som de um canhão sendo disparado, mas Luce não teve certeza. Seus olhos se enevoaram diante da claridade; ela foi lançada para fora do corpo de Lucinda, para o ar, para a escuridão.

— Não! — gritou ela, enquanto as paredes do Anunciador se fechavam ao seu redor. Era tarde demais.

— Qual é o problema dessa vez? — perguntou Bill.

— Eu não estava pronta. *Sei* que Lucinda precisava morrer, mas eu, eu estava quase... — Ela estivera prestes a entender algo sobre a escolha por amar Daniel. E, agora, todos aqueles momentos ao lado dele se foram com as chamas, com Lucinda.

— Bem, não há muito o que ver — disse Bill. — Somente o que sempre ocorre em um edifício se incendiando: fumaça, cortinas de fogo, pessoas gritando e correndo em fuga desordenada em direção às saídas, pisoteando os menos afortunados... Você já entendeu. O Globe ficou completamente queimado.

— O *quê?* — disse ela, sentindo-se enjoada. — Eu comecei o incêndio no Globe? — Com certeza, incendiar o teatro mais famoso da história inglesa teria repercussões em outras vidas.

— Ah, não fique se achando tão importante. Isso aconteceria de qualquer maneira. Se você não explodisse em chamas, o canhão no palco teria errado o disparo e queimaria tudo.

— Isso é tão maior do que Daniel e eu. Todas aquelas pessoas...

— Olhe, Madre Teresa, ninguém morreu... Além de você. Ninguém sequer saiu *ferido*. Lembra-se daquele bêbado que encarou você, na terceira fileira? As calças dele pegaram fogo. Foi o pior que aconteceu. Sente-se melhor?

— Não. Nem um pouco.

— Então, que tal isso: você não está aqui para aumentar sua culpa. Nem para mudar o passado. Existe um script, e você tem seus

momentos de entrar e sair de cena.

— Eu não estava pronta para sair.

— Por que não? *Henrique VIII* é um saco, de qualquer forma.

— Eu queria dar *esperança* a Daniel. Queria que ele soubesse que eu sempre o escolherei, sempre o amarei. Mas Lucinda morreu antes que eu soubesse se ele entendeu. — Ela fechou os olhos. — A parte dele da maldição é muito pior que a minha.

— Que bom, Luce!

— Como assim? Isso é *horrível*!

— Eu quis dizer que essa pequena joia, esse "Ah, a agonia de Daniel é infinitamente mais terrível que a minha" foi o que você aprendeu aqui. Quanto mais entender, mais perto chegará da origem da maldição e mais provável será que você encontre a saída. Certo?

— Eu... Eu não sei.

— Mas *eu* sei. Agora vamos, você tem papéis mais importantes para representar.

A parte de Daniel na maldição era pior. Luce era capaz de enxergar esse fato com muita clareza. Porém, o que isso queria dizer? Ela não se sentia mais perto de quebrar a maldição. A resposta se esquivava. Contudo, sabia que Bill tinha razão em um ponto: ela não podia fazer mais nada nessa existência. Tudo o que lhe restava era continuar viajando para trás.

QUATORZE



O PRECIPÍCIO

GROENLÂNDIA CENTRAL • INVERNO, 1100

O céu estava escuro quando Daniel saiu do Anunciador. Atrás dele, o portal balançava ao vento como uma cortina esfarrapada, esgarçando-se e rasgando-se antes de se despedaçar sobre a neve azulada pela noite.

Um frio atravessou seu corpo. À primeira vista, não parecia haver absolutamente nada ali além das noites árticas que pareciam eternas, oferecendo, ao final, apenas o mais breve lampejo do dia.

Agora ele se lembrava: naqueles fiordes, ele e seus companheiros anjos caídos realizavam seus encontros — onde havia apenas a escuridão vazia e um frio rigoroso, a dois dias de caminhada do vilarejo mortal de Brattahlíð. Ele, entretanto, não a encontraria ali. Essa terra nunca fez parte do passado de Lucinda, portanto, não haveria qualquer coisa nos Anunciadores dela que pudesse levá-la até ali.

Haveria apenas Daniel. E os outros.

Ele estremeceu e marchou ao longo do fiorde tomado pela neve, em direção a um brilho cálido no horizonte. Sete deles estavam reunidos ao redor de uma fogueira alaranjada e brilhante. A alguma distância, o círculo das suas asas parecia uma auréola gigantesca na neve. Daniel não precisou contar as silhuetas luminosas para saber que todos estavam ali.

Nenhum dos anjos o notou cruzando a neve em direção à assembleia. Eles tinham uma seta estelar para qualquer eventualidade, mas a ideia de um visitante aparecer durante o conselho era tão implausível que sequer constituía uma real ameaça. Além disso, eles estavam ocupados demais discutindo para detectar o Anacronismo que se movia, agachado, por trás de uma rocha congelada, ouvindo a conversa.

— Isso é uma perda de tempo — Daniel conseguiu distinguir, primeiramente, a voz de Gabbe. — Não chegaremos a lugar algum.

A paciência de Gabbe podia ser curta. No início da guerra, sua revolta durara um átimo de segundo em comparação com a de Daniel. Desde então, porém, seu comprometimento se aprofundara. Ela voltara às graças do Céu, e a hesitação de Daniel ia contra tudo em que ela acreditava. Enquanto andava ao redor da fogueira, as pontas das suas enormes asas brancas se arrastavam na neve.

— Foi você quem convocou essa reunião — lembrou-a uma voz baixa. — Agora quer suspendê-la? — Roland se sentara em um tronco escuro e curto, a alguns metros do local onde Daniel estava agachado, atrás de uma rocha. Seus cabelos estavam compridos e desalinhados. Seu perfil escuro e suas asas pretas e douradas cintilavam como brasas remanescentes no apagar de uma fogueira.

Tudo era exatamente como Daniel se lembrava.

— A reunião que convoquei foi para *elas* — Gabbe parou e apontou, com uma das asas, para dois anjos sentados, próximos, do

outro lado da fogueira, em frente a Roland.

As asas iridescentes e esguias de Ariane estavam milagrosamente paradas, erguendo-se acima das suas escápulas. Seu brilho fazia com que parecessem quase fosforescentes na noite sem cor, porém, tudo o mais em Ariane, do seu cabelo Chanel até seus lábios pálidos e contraídos, parecia intensamente sombrio e sério.

O anjo ao lado de Ariane também estava mais quieto do que usualmente. Annabelle olhava de maneira vazia para os confins da noite. Suas asas tinham um tom escuro de prata, quase da cor de chumbo. Eram amplas e musculosas, estendendo-se ao redor de ambas em um arco largo e protetor. Fazia muito tempo que Daniel não a via.

Gabbe parou atrás de Ariane e de Annabelle e olhou para o outro lado: para Roland, Molly e Cam, que dividiam um grosseiro cobertor de pele cobrindo suas asas. Ao contrário dos anjos do lado oposto da fogueira, os demônios tremiam.

— Não esperávamos vocês esta noite — disse-lhes Gabbe —, e não estamos felizes em vê-los.

— Também temos um interesse pessoal nisso — retrucou Molly, asperamente.

— Não da mesma forma que nós — disse Ariane. — Daniel nunca se juntará a vocês.

Se Daniel não se recordasse do lugar onde havia se sentado naquela reunião, há mais de mil anos, talvez seu outro eu lhe passasse completamente despercebido. Aquele Daniel estava sentado sozinho, no meio do grupo, do outro lado da rocha. Atrás dela, Daniel mudou de posição, buscando uma visão melhor.

As asas do seu eu anterior se esticaram para trás, como grandes velas brancas tão quietas quanto a noite. Enquanto os outros falavam dele como se não participasse da reunião, Daniel se portava como se

estivesse sozinho no mundo. Ele atirou punhados de neve na fogueira, observando os pedaços congelados chiarem e se dissolverem em vapor.

— Ah, é? — disse Molly. — Importa-se em explicar por que ele se aproxima cada vez mais do nosso lado? E aquela ceninha de xingar Deus sempre que Luce explode? Duvido que isso seja bem visto.

— Ele está *sofrendo*! — gritou Annabelle para Molly. — Você não entende porque não sabe amar. — Ela se aproximou de Daniel, fazendo as pontas das suas asas se arrastarem na neve, e dirigiu-se a ele. — Isso é temporário. Todos sabemos que sua alma é pura. Se você quisesse finalmente escolher um lado, *escolher a nós*, Daniel... Se, em qualquer momento...

— *Não*.

A clara determinação na sua voz afastou Annabelle mais rápido do que se Daniel houvesse sacado uma arma. Aquele eu anterior dele não se parecia com nenhum dos outros. E, atrás da rocha, observando-os, Daniel se lembrou do que acontecera durante esse conselho e estremeceu diante do horror proibitivo daquela lembrança.

— Se você não se juntar *a eles* — disse Roland a Daniel —, por que não se junta *a nós?* Até onde eu sei, não existe Inferno pior do que aquele em que você se coloca sempre que a perde.

— Ah, que golpe baixo, Roland! — disse Ariane. — Você nem está falando sério. Você não pode acreditar que... — Ela retorceu as mãos. — Você está dizendo isso para me provocar.

Atrás de Ariane, Gabbe apoiou a mão sobre o ombro dela. As pontas das asas se tocaram, e uma faiscante explosão prateada irrompeu entre elas.

— O que Ariane quis dizer é que o Inferno nunca é uma alternativa melhor. Não importa o quão terrível seja a dor de Daniel, existe apenas um lugar para ele. Existe apenas um lugar para todos nós. Vocês veem como os Párias são penitentes.

— Poupe-nos do seu sermão, tá legal? — disse Molly. — Há um coro lá em cima que pode estar interessado na sua lavagem cerebral, mas eu não estou e acho que Daniel também não.

Os anjos e os demônios se viraram para encará-lo, juntos, como se ainda fossem parte de uma legião. Sete pares de asas lançando uma aura cintilante de luz prateada e dourada. Sete almas que ele conhecia tão bem quanto a dele.

Mesmo escondido atrás da rocha, Daniel se sentiu sufocado. Ele se lembrava daquele momento: eles exigiram tanto dele. Quando ele estava tão enfraquecido por seu coração despedaçado. Ele sentiu novamente a força do pedido de Gabbe para que ele se juntasse ao Céu. E a intensidade de Roland também, para que se juntasse ao Inferno. Daniel sentiu, uma vez mais, a única palavra que dissera naquela reunião, como um estranho fantasma na sua boca: *Não*.

Devagar, com uma sensação de enjoo crescente, Daniel se lembrou de uma coisa: sabe aquele *não*? Ele não o dissera com sinceridade. Naquele instante, Daniel estivera prestes a dizer *sim*.

Essa foi a noite em que ele quase desistiu.

Seus ombros arderam. A urgência súbita de soltar suas asas quase o fez se ajoelhar. Seus órgãos se embrulharam, com horror repleto de vergonha. A tentação contra a qual ele lutara por tanto tempo crescia dentro de si.

No círculo ao redor da fogueira, o eu anterior de Daniel olhou para Cam.

— Você está estranhamente quieto esta noite.

Cam não respondeu imediatamente.

— O que você quer que eu diga?

— Você enfrentou esse dilema antes. Você *sabe* que...

— *E o que você quer que eu diga?*

Daniel inspirou com dificuldade:

— Algo encantador e persuasivo.

Annabelle desdenhou:

— Ou algo dissimulado e absolutamente maligno.

Todos aguardaram. Daniel quis irromper do seu esconderijo, atrás da rocha, e tirar seu outro eu dali. Mas não podia. Seu Anunciador o trouxera por um motivo. Ele precisava passar por tudo aquilo novamente.

— Você está numa armadilha — disse Cam, por fim. — Você pensa que, por ter havido um início e por você estar, de alguma maneira, no meio, haverá um final. Mas nosso mundo não está fundado na teleologia. Ele é caótico.

— Nossos *mundos* não são os mesmos... — disse Gabbe.

— Não existe saída para esse ciclo, Daniel — prosseguiu Cam. — Ela não pode quebrá-lo, nem você. Pode escolher o Céu ou o Inferno, eu não estou nem aí, e você também não. Não fará nenhuma diferença...

— Basta. — A voz de Gabbe estava entrecortada. — *Fará* diferença. Se Daniel voltar ao lugar ao qual pertence, então Lucinda... Então, Lucinda...

Porém, ela foi incapaz de prosseguir. Suas palavras construiriam uma blasfêmia, e Gabbe não faria isso. Ela caiu de joelhos sobre a neve.

Atrás da rocha, Daniel observou seu eu estender a mão para Gabbe e levantá-la. Ele observou tudo se desenrolar diante dos seus olhos, exatamente como ele se lembrava:

Ele olhou para a alma dela e percebeu como ardia com intensidade. Olhou para trás e viu os outros — Cam e Roland, Ariane e Annabelle, até mesmo Molly —, e pensou em por quanto tempo ele arrastara todos eles através da sua tragédia épica.

E para quê?

Lucinda. E a escolha que ambos fizeram há tempos — e que repetiam várias vezes: colocar seu amor acima de qualquer coisa.

Naquela noite, nos fiordes, a alma dela estava entre uma encarnação e outra, recém-purgada do seu último corpo. E se ele parasse de procurá-la? Daniel estava exausto. Não sabia se ainda tinha forças.

Observando a luta do seu eu, sentindo a chegada iminente de um colapso absoluto, Daniel se lembrou do que precisava fazer. Era perigoso. Proibido. Porém absolutamente necessário. Agora, ao menos, ele entendia por que seu eu do futuro o levara até aquela noite remota — para lhe dar forças, para mantê-lo puro. Ele fraquejara naquele momento crucial do seu passado. E o futuro Daniel não poderia permitir que aquela fraqueza aumentasse ao longo das eras ou que corrompesse as chances dele e de Lucinda.

Portanto, ele repetiu o que lhe acontecera novecentos anos antes. Consertaria esse erro naquela noite juntando-se ao... Não, *controlando* seu passado.

Clivagem.

Era a única maneira.

Ele girou os ombros para trás e libertou suas asas trêmulas na escuridão. Pôde senti-las inflando ao vento. Uma aurora pintou o céu, três metros acima dele. Era brilhante o suficiente para comprometer a visão de um mortal e para chamar a atenção de sete anjos em uma discussão.

Houve uma comoção do outro lado da rocha. Gritos, exclamações e o som de asas batendo, se aproximando.

Daniel se impulsionou para cima, voando com rapidez e intensidade, pairando acima da rocha exatamente quando Cam a rodeava. Pela distância de uma asa, eles não se tocaram; porém,

Daniel continuou em frente e desceu sobre seu eu anterior com toda a velocidade que seu amor por Luce podia incitar.

Ele recuou e estendeu as mãos, tentando afastar Daniel.

Todos os anjos conheciam os riscos da clivagem. Uma vez unidas, era quase impossível se libertar do eu passado, separar duas vidas que se fundiram. Mas Daniel sabia que ele havia sido dividido no passado e sobrevivera. Por isso, precisava continuar.

Estava fazendo aquilo para ajudar Luce.

Juntou as asas, mergulhou para baixo em direção ao seu eu do passado, e atingiu-o com tanta força que poderia ter sido esmagado — se não tivesse sido absorvido. Ele estremeceu, assim como seu eu, fechou os olhos com força e rangeu os dentes para aguentar o estranho e profundo enjoo que inundou seu corpo. Sentiu como se descesse um morro de maneira imprudente e veloz, impossível de ser parado. Não haveria volta até chegar ao fim.

Então, subitamente, tudo parou.

Daniel abriu os olhos e pôde ouvir apenas a própria respiração. Sentiu-se cansado, mas alerta. Os outros o encaravam. Ele não tinha certeza se faziam alguma ideia do que acontecera. Todos pareciam com medo de se aproximar, até mesmo de falar com ele.

Ele abriu as asas e voou em um círculo completo, inclinando a cabeça em direção ao céu.

— Escolho meu amor por Lucinda! — gritou ele para o Céu e para a Terra, para os anjos ao seu redor e para aqueles que não estavam ali. Para a alma daquilo que ele mais amava, onde quer que ela estivesse. — E reafirmo a minha escolha: escolho Lucinda, acima de *tudo*. E a escolherei até o fim.

QUINZE



O SACRIFÍCIO

CHICHÉN ITZÁ, AMÉRICA CENTRAL • 5 WAYEB'
(APROXIMADAMENTE 20 DE DEZEMBRO DE 555)

O Anunciador cuspiu Luce no calor opressivo de um dia de verão. Sob seus pés, o chão era extremamente seco e a terra, rachada e alaranjada, com lâminas secas de grama. O céu tinha um tom azul intenso, sem uma nuvem sequer que indicasse chuva. Até o vento parecia sedento.

Ela estava no meio de um campo plano, rodeado em três lados por uma muralha estranha e alta. Daquela distância, parecia um pouco um mosaico de gigantescas contas irregulares, não exatamente esféricas, com cores que variavam do marfim ao caramelo. Aqui e ali, havia minúsculas rachaduras entre as contas, deixando passar a luz vinda do outro lado.

Além de alguns abutres crocitando enquanto voavam em círculos letárgicos, não havia ninguém ali. O vento soprava quente nos cabelos dela e cheirava a... Ela não conseguia reconhecer o cheiro, mas tinha um odor metálico, quase como ferrugem.

O vestido pesado que ela usava desde o baile de Versalhes estava ensopado de suor. Fedia a fumaça, cinzas e transpiração. Ela precisava se livrar dele. Lutou para alcançar as rendas e botões. Uma mãozinha não seria nada mau — mesmo que fosse minúscula e feita de pedra.

Onde estava Bill, aliás? Ele sempre sumia. Às vezes, Luce tinha a impressão de que a gárgula tinha objetivos próprios e que ela era levada para trás segundo a agenda *dele*.

Ela lutou contra o vestido, rasgando a renda verde ao redor da gola e abrindo colchetes enquanto andava. Ainda bem que não havia ninguém ali. Por fim, ela se ajoelhou e sacudiu o corpo para se livrar do vestido, puxando as saias por cima da cabeça.

Quando voltou a se sentar sobre os calcanhares, usando apenas o vestido fino de algodão que estava por baixo, Luce percebeu o quanto estava cansada. Há quanto tempo não dormia? Andou cambaleante em direção à sombra da muralha, com os pés farfalhando pela grama seca, pensando que talvez pudesse se deitar um pouco e fechar os olhos.

Suas pálpebras tremulavam de tanto sono.

Então, se escancararam. E sua pele se arrepiou.

Cabeças.

Luce finalmente percebeu de que a muralha era feita. A cerca cor de osso, vista de longe — eram fileiras de cabeças *humanas* empaladas.

Ela conteve um grito. De repente, reconheceu o odor carregado pelo vento: era o fedor de podridão, de sangue e de carne em putrefação.

Ao longo da parte inferior da cerca, os crânios estavam brancos e limpos graças ao vento e ao sol. Na parte superior, as cabeças eram mais recentes. Ou seja, ainda pareciam cabeças *humanas*, com jubas espessas de cabelos pretos e peles praticamente intactas. Os crânios

localizados na parte central, contudo, ficavam entre a aparência de mortais e de monstros: a pele esgarçada descascava, deixando aparente o sangue escuro e seco sobre o osso. Os rostos estavam esticados numa expressão que poderia ser de terror ou de raiva.

Luce recuou aos tropeços, esperando inspirar uma lufada de ar que não fedesse a podridão — mas não a encontrou.

— Não é tão terrível quanto parece.

Ela se virou, aterrorizada. Mas era apenas Bill.

— Onde você estava? Onde *estamos*?

— É, na verdade, uma grande honra ser empalado assim — disse ele, marchando até a segunda fileira de baixo para cima. Olhou nos olhos de uma das cabeças. — Todos esses cordeirinhos inocentes seguirão diretamente para o Céu. Exatamente o que os fiéis desejam.

— Por que você me largou aqui com esses...

— Ah, por favor! Eles não mordem. — Bill olhou-a com o canto dos olhos. — O que você fez com suas roupas?

Luce deu de ombros.

— Está muito quente.

Ele soltou um longo suspiro, se fazendo de vítima.

— *Agora*, pergunte-me onde eu estava. E, dessa vez, tente tirar o julgamento do seu tom de voz.

A boca dela se retorceu. Algo não parecia certo nos sumiços ocasionais de Bill. Porém, ali estava ele, com suas garrinhas colocadas obedientemente atrás das costas, dando-lhe um sorriso inocente. Ela suspirou.

— Onde você estava?

— Fazendo compras! — Bill abriu as asas alegremente, revelando uma saia transpassada marrom-clara pendurada numa das garras e uma túnica curta do mesmo tom na outra. — E o *coup de grâce*! —

disse ele, tirando de trás das costas um colar branco e pesado. Feito de ossos.

Ela pegou a túnica e a saia, mas dispensou o colar com um gesto. Já vira ossos o bastante.

— Não, obrigada.

— Você não quer se misturar? Então precisa usar o que está na moda.

Reprimindo o nojo, ela enfiou o colar pela cabeça. Os pedacinhos de ossos polidos tinham sido passados por um tipo de cordão fibroso. O colar era comprido e pesado e, Luce precisava admitir, até um pouco bonito.

— E acho que isso aqui — ele entregou a ela uma tiara de metal pintado — você prende nos cabelos.

— Onde você conseguiu tudo isso? — perguntou ela.

— É seu. Quero dizer, não *seus*, de Lucinda Price, mas *seus* em um sentido cósmico maior. Pertence ao seu eu: Ix Cuat.

— Ix *quem*?

— Ix Cuat. Seu nome nessa vida quer dizer "pequena cobra". — Bill observou o rosto dela se transformar e continuou: — Era mais ou menos um termo carinhoso na cultura maia.

— Do mesmo jeito que ter a cabeça empalada em uma estaca era uma honra?

Bill revirou os olhos de pedra.

— Deixe de ser tão etnocêntrica. Isso significa pensar que sua cultura é superior às outras.

— Eu sei o que significa — retrucou ela, colocando a tiara nos cabelos sujos. — Mas não estou agindo de forma superior. Apenas não acho que ter minha cabeça empalada em uma dessas fileiras seria algo assim tão legal. — Ouviu-se um retumbar fraco, como tambores à distância.

— É exatamente o tipo de coisa que Ix Cuat diria! Você sempre foi meio retrógrada!

— Como assim?

— Veja... Você, na verdade Ix Cuat, nasceu durante o Wayeb', que são aqueles cinco dias estranhos no ano maia, quando todos ficam hipersupersticiosos, pois eles não se encaixam no calendário. Tipo o dia 29 de fevereiro nos anos bissextos. Não é exatamente uma sorte nascer no Wayeb'. Então, ninguém ficou chocado quando você se tornou uma velha solteirona.

— Velha solteirona? — perguntou Luce. — Achei que eu nunca havia passado dos 17 anos... Ou algo próximo.

— Ter 17 anos em Chichén Itzá é ser uma *anciã* — disse Bill, flutuando de cabeça em cabeça, com as asas zumbindo. — Contudo, é verdade, você não *costumava* viver muito mais que 17 anos. É uma espécie de mistério o motivo pelo qual, como Lucinda Price, você conseguiu viver por tanto tempo.

— Daniel disse que é porque não fui batizada. — Dessa vez, Luce teve certeza de ouvir tambores, e eles se aproximavam. — Mas como isso pode ter alguma importância? Quero dizer, aposto que Ix Ca-sei-lá-o-quê nunca foi batizada...

Bill fez gesto de desdém.

— *Batismo* é apenas uma palavra para uma espécie de sacramento ou pacto no qual sua alma é mais ou menos comprometida. Praticamente todas as religiões têm algo parecido. O cristianismo, o judaísmo, o islamismo, até mesmo a religião maia, que está prestes a sumir. — Ele balançou a cabeça na direção do som dos tambores, agora tão alto que Luce se perguntou se não seria melhor que se escondessem. — Todas elas possuem algum tipo de sacramento no qual o indivíduo expressa sua devoção a um deus.

— Então estou viva na minha atual vida em Thunderbolt porque meus pais não me batizaram?

— Não — respondeu Bill. — Você *pode* ser morta na sua atual vida em Thunderbolt porque seus pais não a batizaram. Você está *viva* nela porque... Bem, ninguém sabe direito por quê.

Devia existir um motivo. Talvez fosse a brecha sobre a qual Daniel falara no hospital, em Milão. Contudo, nem mesmo ele parecia entender como Luce era capaz de viajar pelos Anunciadores. Por cada vida que passava, ela se sentia mais próxima de juntar os pedaços do seu passado... Mas ainda não havia chegado lá.

— Onde é a cidade? — perguntou. — Onde estão as pessoas? Onde está *Daniel*? — O barulho dos tambores se tornou tão alto que Luce precisou levantar a voz.

— Ah — disse Bill —, estão do outro lado dos *tzompantlis*.

— Dos *o quê*?

— Dessa muralha de cabeças. Venha: você precisa ver isso!

Por entre os espaços nas fileiras de crânios dançavam clarões coloridos. Bill guiou Luce para perto da muralha e fez um gesto para que ela olhasse através da construção.

Do outro lado dela, toda uma civilização participava de uma procissão. Pessoas, em uma longa fila, dançavam e batiam os pés em uma ampla estrada de terra que atravessava o cemitério. Seus cabelos eram compridos, sedosos e pretos, e a pele, marrom. As idades variavam entre 3 e velhos o bastante para dificultar palpites. Todos eram vibrantes, belos e estranhos. Suas roupas eram feitas de couro de animais, mal lhes cobrindo o corpo, deixando entrever tatuagens e rostos pintados. Tratava-se de uma arte corporal impressionante, com representações elaboradas e coloridas de pássaros, sóis e padrões geométricos, espalhadas pelas costas, braços e peitos.

A certa distância, havia construções — na verdade, uma malha ordenada de edifícios feitos de pedra esbranquiçada e um grupo de moradas menores, com tetos chatos construídos com palha. Depois, restava apenas a selva, mas as folhas das árvores pareciam secas e murchas.

A multidão marchou por eles sem ver Luce, extasiada pelo frenesi da dança.

— Vamos! — disse Bill e empurrou-a para o fluxo de pessoas.

— O quê? — berrou ela. — Entrar *ali*? Com eles?

— Vai ser legal! — Bill gargalhou, voando mais à frente. — Você sabe dançar, né?

Com cuidado inicial, ela e a pequena gárgula se juntaram ao desfile enquanto o grupo atravessava o que parecia ser uma feira — um terreno estreito e comprido repleto de caixas de madeira e tigelas cheias de produtos à venda: havia abacates pretíssimos, espigas de milho em tom vermelho profundo, ervas secas amarradas com cordinhas e muitas outras coisas que Luce não reconheceu. Ela virava a cabeça para um lado e para o outro tanto quanto possível, mas não havia como parar: o movimento da multidão empurrava-a inexoravelmente para a frente.

Os maias seguiram a estrada, que levava a uma planície ampla e rasa. O ruído da dança diminuiu e eles se reuniram em silêncio, murmurando palavras uns aos outros. Eram centenas. Diante da pressão das garras afiadas de Bill nos seus ombros, Luce se ajoelhou, como o restante deles, e seguiu o olhar da multidão, voltando o rosto para cima.

Atrás da feira, uma construção era mais visível que as outras: uma pirâmide em níveis, feita de pedras branquíssimas. Ambos os lados visíveis a Luce possuíam escadarias íngremes, que subiam até o meio e terminavam em uma estrutura de um único andar, pintada em azul e

vermelho. Um arrepio percorreu o corpo de Luce, em parte pelo reconhecimento e em parte por um medo inexplicável.

Ela vira aquela pirâmide antes. Nas figuras dos livros de história, o templo maia estava em ruínas. Contudo, ali, estava longe disso: era magnífico.

Quatro homens com tambores de madeira e de couro esticado estavam em fila na plataforma que circundava o topo da pirâmide. Seus rostos queimados de sol estavam pintados com sinais vermelhos, amarelos e azuis, parecendo máscaras. Seus tambores batiam em uníssono, cada vez mais rapidamente, até que alguém saiu da pirâmide.

O homem era mais alto que os tocadores de tambor e, sob um altíssimo adereço de cabeça feito com penas vermelhas e brancas, seu rosto estava completamente pintado com padrões semelhantes a um labirinto, na cor azul-turquesa. Seus pulsos, pescoço, tornozelos e lóbulos das orelhas estavam adornados com o mesmo tipo de joia que Bill dera a Luce. Ele carregava algo — um longo cajado decorado com penas pintadas e com cacos brilhantes e brancos. Em uma das pontas, algo prateado brilhava.

Quando ele encarou a multidão, todos ficaram em silêncio, como se por um passe de mágica.

— Quem é esse homem? — sussurrou Luce para Bill. — O que ele está fazendo?

— É o líder da tribo, Zotz. Bem magrelo, não? Os tempos estão difíceis para seu povo, que não vê chuva há 364 dias. Não que eles estejam contando naquele calendário de pedra ali. — Ele apontou para uma rocha cinzenta marcada com centenas de linhas pretas tortas.

Nem uma gota de água em um ano? Luce quase podia sentir a sede da multidão.

— Eles estão morrendo — disse ela.

— Esperam que não. É aí que você entra — disse Bill. — Você e mais algumas acabadas e azaradas. Daniel também, mas ele desempenha um papel menor. Chaat está com *muita* fome a essa altura, portanto, todos devem unir forças.

— Chaat?

— O deus da chuva. Os maias têm essa crença absurda de que o sangue é a comida preferida de um deus enraivecido. Está vendo aonde quero chegar?

— Sacrifício humano — disse Luce, devagar.

— Aham. Esse é o começo de um longo dia de sacrifícios. Mais crânios a acrescentar às fileiras da muralha. Empolgante, não é?

— Cadê Lucinda? Quero dizer, Ix Cuat?

Bill apontou para o templo.

— Trancada ali em algum lugar, junto com as outras vítimas, esperando que o jogo de bola termine.

— Jogo de bola?

— É o que essa multidão assistirá agora. Sabe, o líder da tribo gosta de oferecer um jogo de bola antes de um grande sacrifício. — Bill tossiu e ajeitou as asas para trás. — É uma espécie de mistura entre basquete e futebol, onde cada time tem apenas dois jogadores, a bola pesa uma tonelada, os perdedores são decapitados e seu sangue é oferecido para alimentar Chaat.

— Para o campo! — berrou Zotz, no último degrau do templo.

As palavras maias soavam estranhamente guturais, mas eram compreensíveis a Luce. Ela se perguntou o que Ix Cuat sentiu ao ouvi-las, trancada em um cômodo atrás de Zotz.

A multidão soltou um grande urro alegre. Os maias se levantaram, como um grupo, e saíram correndo em direção ao que parecia ser um grande anfiteatro de pedra, na extremidade mais distante da planície.

Era longo e baixo — um campo de terra marrom rodeado por bancos de pedra.

— Ah, ali está nosso garoto! — Bill apontou para a frente da multidão quando Luce e ele se aproximaram do estádio.

Um garoto magro e musculoso corria mais rapidamente que os outros, com as costas voltadas para Luce. Seu cabelo era castanho-escuro e brilhante, os ombros estavam profundamente queimados de sol e pintados com faixas vermelhas e pretas em intersecção. Quando ele virou a cabeça ligeiramente para a esquerda, Luce viu seu perfil por um momento. Não parecia nem um pouco com o Daniel que ela deixara no quintal da casa dos pais. Contudo...

— Daniel! — exclamou Luce. — Parece...

— Diferente e, entretanto, exatamente igual? — completou Bill.

— Sim.

— É porque você reconheceu a alma dele. Independentemente da aparência exterior, vocês sempre reconhecem a alma um do outro.

Até então, Luce não notara como era impressionante que ela reconhecesse Daniel em todas as vidas. Era a *alma* dela que encontrava a dele.

— Que... lindo.

Bill coçou uma cicatriz no braço com uma garra torta.

— Se você diz.

— Você falou que Daniel estava, de alguma maneira, envolvido no sacrifício. Ele é um dos jogadores, não é? — perguntou Luce, virando o pescoço em direção à multidão enquanto Daniel desaparecia no anfiteatro.

— Sim — concordou Bill. — Há uma pequena e adorável cerimônia — ele ergueu uma das sobrancelhas de pedra — em que os vencedores guiam aqueles que serão sacrificados para suas próximas vidas.

— Os vencedores matam os prisioneiros? — perguntou Luce, baixinho.

Eles observaram a multidão se afunilar na entrada do anfiteatro. Tambores soaram no interior. O jogo estava prestes a começar.

— *Matar*, não. Eles não são assassinos. Eles *sacrificam*. Primeiro, decapitam as pessoas. As cabeças vão para a muralha — Bill fez um gesto com o ombro, em direção à cerca de cabeças —, os corpos são jogados em uma fossa de pedra nojenta... desculpe-me, *sagrada*, na floresta. — Ele fungou. — Se quer saber, eu não vejo como isso trará a chuva, mas quem sou eu para julgar?

— Daniel ganhará ou perderá? — perguntou Luce, sabendo a resposta antes que as palavras sequer saíssem dos seus lábios.

— Entendo que a ideia de Daniel decapitá-la talvez não soe romântica — disse Bill —, mas, na verdade, qual é a diferença entre ele matar você pelo fogo ou pela espada?

— Daniel não faria isso.

Bill pairou no ar, em frente a Luce.

— Não?

Ouviu-se um grande urro vindo do anfiteatro. Luce sentiu que deveria correr para o campo, ir até Daniel e abraçá-lo; então, diria a ele o que não conseguiu dizer no Globe, por tê-lo deixado cedo demais: que ela entendia tudo pelo que ele havia passado para estar com ela. Que os sacrifícios dele faziam com que ela se comprometesse ainda mais com o amor deles.

— Eu deveria ir até ele — disse Luce.

Porém, havia também Ix Cuat. Trancada em alguma câmara no alto da pirâmide, esperando para ser morta. Uma garota que poderia guardar algum tipo de informação valiosa a Luce na quebra daquela maldição.

Luce hesitou: um pé estava direcionado ao anfiteatro e o outro, à pirâmide.

— O que fará? — provocou Bill, com um sorriso exagerado.

Ela correu para longe de Bill, em direção à pirâmide.

— Boa escolha! — gritou ele, voando rapidamente para acompanhá-la.

A pirâmide crescia diante dela. O templo pintado no topo (onde Bill dissera que Ix Cuat estaria) parecia tão distante quanto uma estrela. Luce sentia uma enorme sede. Sua garganta doía pela falta de água; a terra queimava seus pés. Parecia que o mundo inteiro pegava fogo.

— Esse lugar é muito sagrado — murmurou Bill ao seu ouvido. — Ele foi construído em cima do templo anterior, que foi construído sobre outro, e assim por diante, todos orientados de maneira a marcar os equinócios da primavera e do outono. Nesses dois dias, ao pôr do sol, a sombra de uma serpente pode ser vista deslizando os degraus da escadaria norte. Bacana, né?

Luce apenas bufou, com raiva, e começou a subir as escadas. Bill continuou:

— Os maias eram gênios. A essa altura da civilização, eles já haviam previsto o fim do mundo em 2012. — Ele tossiu teatralmente. — Mas, sobre isso, ainda veremos. O tempo dirá.

Quando Luce se aproximou do topo, Bill chegou mais perto dela com um volteio.

— Agora, escute — pediu ele. — Dessa vez, quando você entrar no modo 3D...

— Shhh! — disse Luce.

— Ninguém pode me ouvir, só você!

— Exatamente: *shhh*! — Ela subiu mais um degrau, silenciosamente, e se posicionou na plataforma do topo. Então

pressionou o corpo contra a pedra quente da parede, a centímetros da porta aberta. Alguém cantava.

— Eu faria isso agora — disse Bill —, enquanto os guardas estão atentos ao jogo.

Luce se inclinou em direção à porta e espiou o interior.

Os raios de sol que entravam pela porta aberta iluminavam um grande trono no centro do templo. Tinha o formato de uma onça e era pintado de vermelho, com jades incrustados. À esquerda havia uma grande estátua de uma figura deitada de lado, com a mão sobre a barriga. Pequenas lamparinas a óleo acesas, feitas de pedra, rodeavam a estátua e ofereciam uma luz bruxuleante. As únicas outras coisas no local eram três garotas presas, unidas nos pulsos por uma corda e encolhidas num canto.

Luce reprimiu um grito e as garotas levantaram a cabeça. Eram todas bonitas, com cabelos escuros trançados e piercings de jade nas orelhas. A jovem à esquerda tinha a pele mais escura. A que estava à direita tinha espirais azuis escuras desenhadas ao longo dos braços. E a garota do meio... Era Luce.

Ix Cuat era pequena e delicada. Seus pés estavam sujos e seus lábios, rachados. Das três garotas aterrorizadas, seus olhos eram os mais amedrontados.

— O que está esperando? — gritou Bill, sentado na cabeça da estátua.

— Elas não me verão? — sussurrou Luce. Das outras vezes em que fizera a clivagem com seus "eus", elas estavam sozinhas ou Bill lhe dera cobertura. O que aquelas outras garotas pensariam se Luce entrasse no corpo de Ix Cuat?

— Essas garotas quase perderam a sanidade depois de serem escolhidas para o sacrifício. Se gritarem, dizendo que alguma coisa terrível aconteceu, adivinhe quantas pessoas se importarão? — Bill

contou seus dedos teatralmente. — Isso mesmo! *Zero*. Ninguém nem as escutará.

— Quem é você? — perguntou uma das garotas, com a voz cheia de medo.

Luce não pôde responder. Ao dar um passo à frente, os olhos de Ix Cuat se acenderam com o que parecia ser terror. Porém, então, para o grande choque de Luce, justamente quando ela esticou a mão para baixo, seu eu esticou os braços presos para cima, para pegar a mão de Luce, com força e rapidez. As mãos de Ix Cuat tremiam e eram quentes e macias.

Ela disse algo. Ix Cuat começara a falar...

Voe comigo para longe.

Aquilo chegou à mente de Luce enquanto o chão entre elas tremia e tudo oscilava. Ela viu Ix Cuat: a garota que nascera sem sorte e cujos olhos mostraram a Luce não conhecer nada a respeito de Anunciadores, mas que pegara a mão de Luce como se essa fosse sua salvação. E viu a si mesma, externamente, parecendo cansada, faminta, esfarrapada e perturbada. E, de algum modo, mais velha. E mais forte.

Então, o mundo se estabilizou novamente.

Bill desaparecera, mas Luce não podia procurá-lo. Seus pulsos presos estavam em carne viva, marcados com tatuagens sacrificiais pretas. Seus tornozelos, percebeu, também haviam sido amarrados. Não que as amarras importassem muito: o medo aprisionava sua alma mais que qualquer corda poderia fazer com seu corpo. Não foi como das outras vezes em que Luce entrou no seu passado. Ix Cuat sabia exatamente o que a aguardava. A morte. E não parecia recebê-la de braços abertos, como acontecera com Lys em Versalhes.

Dos dois lados de Ix Cuat, suas companheiras se afastaram, mas somente conseguiam se mover poucos centímetros. A garota da

esquerda, de pele escura — Hanhau — estava chorando; a outra, com o corpo pintado de azul — Ghanan — rezava. Todas tinham medo de morrer.

— Você está possuída! — soluçou Hanhau por entre suas lágrimas. — Você contaminará a oferenda!

Ghanan não conseguia falar.

Luce ignorou as outras garotas e sentiu o medo paralisante de Ix Cuat. Algo atravessava a mente dela: uma oração. Não era uma oração de preparação para o sacrifício. Não, Ix Cuat rezava por Daniel.

Luce sabia que pensar nele fazia sua pele se aquecer e seu coração se acelerar. Ix Cuat o amara durante a vida inteira, mas somente à distância. Ele crescera a poucos metros da casa da sua família. Às vezes, trocava abacates com sua mãe na feira. Ix Cuat tentara, por anos a fio, reunir a coragem para falar com ele. Saber que ele estava no jogo de bola a atormentava. Ix Cuat rezava, Luce percebeu, para que ele perdesse. Sua única prece era para não morrer pelas mãos dele.

— Bill? — sussurrou Luce.

A pequena gárgula voltou para dentro do templo.

— O jogo acabou! A multidão está se dirigindo para o *cenote*. É o fosso de pedra onde os sacrifícios são feitos. Zotz e os vencedores estão a caminho para acompanhar vocês, garotas, à cerimônia.

Enquanto o barulho da multidão diminuía, Luce tremia. Ela ouviu passos nas escadas. A qualquer momento, Daniel entraria por aquela porta.

Três sombras escureceram a entrada. Zotz, o líder, deu um passo para dentro do templo. Nenhuma das garotas se mexeu; todas olhavam com horror para a lança longa e decorada que ele trazia nas mãos. Uma cabeça humana estava presa na ponta, com os olhos

abertos e uma expressão de dor; gotas de sangue ainda caíam no pescoço.

Luce desviou o olhar e acabou vendo outro homem, bastante musculoso, entrar no túmulo. Ele carregava outra lança pintada, também com uma cabeça na ponta. Ao menos os olhos dessa estavam fechados. Havia o mais leve dos sorrisos nos seus lábios mortos e fartos.

— Os perdedores — explicou Bill, aproximando-se de cada uma das cabeças para examiná-las. — Está feliz pelo time de Daniel ter ganhado? Basicamente, graças a esse cara — e deu um tapinha no ombro do homem musculoso, mas o companheiro de Daniel pareceu não sentir nada. Depois, Bill voltou a sair pela porta.

Quando Daniel, por fim, entrou no templo, tinha a cabeça baixa. Suas mãos estavam vazias e seu peito, nu. Seus cabelos e sua pele eram escuros, e sua postura estava mais rígida do que àquela a qual Luce estava acostumada. Tudo era diferente: desde o modo como os músculos do seu abdome se juntavam aos do peitoral até a forma como ele deixava penderem as mãos, sem vida, aos lados do corpo. Ele continuava lindo, a coisa mais linda que Luce já havia visto, embora não se parecesse em nada com o garoto que Luce conhecia.

Todavia, quando ele olhou para cima, seus olhos cintilaram o mesmo tom violeta de sempre.

— Oh... — disse ela, baixinho, lutando contra as amarras e desesperada para fugir do fim deles naquela existência, dos crânios, da seca e do sacrifício, e ficar com Daniel por toda a eternidade.

Daniel balançou levemente a cabeça. Seus olhos pulsaram ao vê-la, brilhando. Seu olhar a acalmou, como se ele lhe dissesse para não se preocupar.

Zotz gesticulou para que as garotas se levantassem; depois, acenou rapidamente com a cabeça e todas formaram uma fila e saíram pela

porta norte do templo. Primeiro Hanhau, com Zotz ao seu lado, depois Luce e Ghanan. A corda entre as garotas era comprida o bastante somente para que cada uma mantivesse os pulsos unidos a um dos lados do corpo. Daniel se aproximou e caminhou ao lado dela enquanto o outro vencedor acompanhava Ghanan.

Pelo mais breve dos instantes, as pontas dos dedos de Daniel roçaram seus pulsos presos. Ix Cuat sentiu aquele toque arder.

Em frente à entrada do templo, os quatro tocadores de tambor aguardavam na plataforma. Eles formaram uma fila atrás da procissão e executaram as mesmas batidas caóticas que Luce ouvira ao chegar nessa vida, enquanto o grupo descia os íngremes degraus da pirâmide. Tentou se concentrar em andar, sentindo-se como se fosse arrastada em vez de ter o controle de colocar um pé na frente do outro, descendo a pirâmide, chegando à base da escadaria e caminhando pela longa e poeirenta trilha que levaria à sua morte.

Os tambores eram tudo o que ela conseguia ouvir, até que Daniel se inclinou na direção dela e sussurrou:

— Eu salvarei você.

Algo em Ix Cuat se acendeu. Era a primeira vez que ele falava com ela.

— Como? — sussurrou ela, inclinando-se na direção dele, sentindo doer a vontade de que ele a libertasse e a levasse voando para longe, para muito longe.

— Não se preocupe. — As pontas dos dedos dele voltaram a encontrar a mão dela, afagando-a levemente. — Eu prometo que cuidarei de você.

Lágrimas arderam nos seus olhos. O chão continuava a queimar seus pés, e ela seguia marchando até o local onde Ix Cuat supostamente morreria, mas, pela primeira vez desde que chegara àquela vida, Luce não sentiu medo.

A trilha atravessava uma fileira de árvores e entrava na selva. Os músicos pararam. Cânticos encheram os ouvidos de Luce, entoados pela multidão no fundo da floresta, no *cenote*. Uma canção que Ix Cuat sempre cantara, uma oração que pedia a chuva. As outras garotas cantaram junto, baixinho, com vozes trêmulas.

Luce pensou nas palavras que Ix Cuat parecia ter dito quando ela entrou no seu corpo: *voe comigo para longe,* gritara ela dentro da sua cabeça. *Voe comigo para longe.*

E, repentinamente, todos pararam de caminhar.

No final da selva seca e sedenta, a trilha se expandia. Uma enorme cratera, repleta de água, abria-se na rocha calcária a quase 30 metros de Luce. Ao redor dela, havia os olhos brilhantes e ansiosos dos maias. Centenas. Eles pararam de cantar. Chegara o momento pelo qual todos esperavam.

O *cenote* era um fosso profundo na rocha calcária, repleto de musgo e de uma água verde-clara. Ix Cuat estivera ali antes: havia presenciado outros doze sacrifícios iguais àquele. Abaixo da água parada, estavam os restos, em decomposição, de cem outros corpos, outras almas que, supostamente, foram direto para o Céu — mas, naquele momento, Luce soube que Ix Cuat não tinha certeza se acreditava naquilo.

A família de Ix Cuat estava perto do *cenote*. A mãe, o pai e as duas irmãs mais novas, ambas segurando bebês. Eles acreditavam no ritual, no sacrifício que lhes tomaria a filha e que lhes quebraria o coração. Eles a amavam, mas achavam que ela não tinha sorte. Achavam que era a melhor maneira da jovem se redimir.

Um homem, meio banguela e com longos brincos de ouro, guiou Ix Cuat e as outras garotas para que ficassem diante de Zotz, que assumira um local de destaque próximo à beirada do fosso de rocha calcária. Ele olhou para baixo em direção às águas profundas. Depois,

fechou os olhos e começou um novo cântico. A comunidade e os músicos se juntaram a ele.

Então, o homem sem dentes se posicionou entre Luce e Ghanan e, com o machado, cortou a corda que as unia. Luce se sentiu impulsionada para a frente quando a corda foi rompida. Seus pulsos continuavam presos, mas ela estava conectada apenas a Hanhau, à sua direita. Ghanan estava sozinha e seguiu adiante, parando à frente de Zotz.

A garota balançava o corpo para a frente e para trás, cantando a meia-voz. Gotas de suor escorriam pela sua nuca.

Quando Zotz começou a pronunciar as palavras da oração ao deus da chuva, Daniel se inclinou na direção de Luce e disse:

— Não olhe.

Luce fixou seu olhar ao de Daniel, e ele fez o mesmo. Em volta do cenote, a multidão prendeu a respiração. O companheiro de Daniel grunhiu e fez cair pesadamente o machado sobre o pescoço da garota. Luce ouviu a lâmina cortá-lo e, depois, o suave baque seco da cabeça de Ghanan caindo no chão.

Mais uma vez, elevaram-se os berros da multidão: gritos de agradecimento a Ghanan, orações para sua alma e preces vigorosas pela chuva.

Como as pessoas poderiam realmente acreditar que matar uma garota inocente solucionaria seus problemas? Esse era um momento no qual Bill normalmente apareceria, mas Luce não o viu em parte alguma. Ele tinha o dom de sumir quando Daniel estava por perto.

Luce não queria ver o que acontecera com a cabeça de Ghanan. Então, ela ouviu um *splash* profundo e retumbante, e soube que o corpo da garota encontrara o local do seu descanso final.

O homem sem alguns dentes se aproximou. Dessa vez, ele cortou a corda que ligava Ix Cuat a Hanhau. Luce tremia enquanto ele a fazia

andar diante do líder da tribo. As pedras eram afiadas sob seus pés. Ela espiou por cima da rocha, para ver o cenote. Achou que vomitaria, mas Daniel surgiu ao seu lado e ela se sentiu melhor. Ele fez um sinal com a cabeça para que ela olhasse para Zotz.

O líder sorria para ela, exibindo dois topázios incrustados nos dentes frontais. Ele entoou uma prece para que Chaat a aceitasse e trouxesse para a comunidade muitos meses de chuva farta.

Não, pensou Luce. Estava tudo errado. *Voe comigo para longe!*, gritou ela para Daniel, na sua mente. Ele se virou para ela, quase como se a houvesse escutado.

O homem limpou o sangue de Ghanan do machado, usando um pedaço de couro. Com grande pompa, entregou a lâmina a Daniel, que se virou para Luce. Daniel parecia exausto, como se fosse arrastado para baixo pelo peso do machado. Seus lábios estavam contraídos e brancos, e o olhar violeta não se desvencilhou dela.

A multidão ficou em silêncio, mantendo a respiração suspensa. O vento quente farfalhou as árvores enquanto o machado cintilava ao sol. Luce pôde sentir que o final estava próximo, mas por quê? Por que sua alma a trouxera até ali? Que compreensão sobre seu passado, ou sobre a maldição, ela poderia obter ao ser decapitada?

Então, Daniel deixou cair o machado no chão.

— O que você está fazendo? — perguntou Luce.

Daniel não respondeu. Ele girou os ombros para trás, voltou o rosto para o céu e abriu os braços. Zotz deu um passo à frente para interferir, mas, quando tocou o ombro de Daniel, gritou e recuou como se houvesse sido queimado.

E então...

As asas brancas de Daniel se abriram a partir dos seus ombros. Ao se estenderem completamente pelas laterais do seu corpo, enormes e

espantosamente brancas contra a seca paisagem marrom, afastaram 20 maias que haviam corrido para a frente.

Gritos soaram pelo cenote:

— O que é ele?

— O garoto tem asas!

— Ele é um deus! Enviado por Chaat!

Luce lutou contra as amarras que prendiam seus pulsos e tornozelos. Ela precisava correr até Daniel. Tentou se mover na direção dele até que...

Até que não pôde mais se mover.

O brilho das asas de Daniel era tão intenso que se tornou quase insuportável. Porém, não apenas as asas de Daniel brilhavam. Era *todo* ele. Seu corpo inteiro brilhava. Como se ele houvesse engolido o sol.

Uma música encheu o ar. Não, não era música, era apenas um único acorde harmonioso. Retumbante e interminável, glorioso e amedrontador.

Luce já o ouvira antes... Em algum lugar. No cemitério da Sword & Cross, na última noite em que estivera ali, quando Daniel lutara contra Cam e Luce não pudera assistir. Na noite em que a Srta. Sophia a arrastara para longe, em que Penn morrera e a partir da qual nada mais foi o mesmo. Tudo começara com aquele acorde, e ele vinha de Daniel. Ele estava tão brilhantemente iluminado que seu corpo chegava a exprimir sons.

Ela apenas oscilou o corpo, incapaz de afastar o olhar. Uma onda intensa de calor afagou sua pele.

Atrás de Luce, alguém gritou. Ele foi seguido por outros e, então, todo um coro de vozes começou a gritar.

Algo queimava. O cheiro era acre e sufocante, revirando o estômago de Luce imediatamente. Então, com o canto do olho, ela viu

uma explosão de chamas, onde Zotz estivera um momento antes. O choque fez Luce se impulsionar para trás, e ela se afastou do brilho incendiário de Daniel, tossindo diante das cinzas e da fumaça amarga.

Hanhau havia desaparecido; o chão onde ela estivera estava chamuscado em preto. O homem que não tinha alguns dos dentes escondeu o rosto, esforçando-se para não observar a irradiação que saía do corpo de Daniel. Contudo, era algo irresistível. Luce viu o homem espiar entre os dedos e explodir em uma coluna de chamas.

Por toda a volta do cenote, os maias olhavam para Daniel. E, um por um, seu brilho fez com que eles entrassem em combustão. Em seguida, um anel de fogo se acendeu na selva, queimando todos, menos Luce.

— Ix Cuat! — Daniel estendeu a mão para ela.

Seu brilho fez Luce gritar de dor, e, sentindo-se à beira da asfixia, as palavras saíram aos tropeços da sua boca:

— Você é *glorioso*.

— Não olhe para mim — implorou ele. — Quando um mortal vê a verdadeira essência de um anjo... Você viu o que aconteceu aos outros. Não posso permitir que você me abandone cedo demais novamente. É sempre cedo demais...

— Continuo aqui — insistiu Luce.

— Você continua... — Ele estava chorando. — Pode me ver? Meu verdadeiro ser?

— Eu posso ver você.

E, por apenas uma fração de segundo, ela pôde. Sua visão se clareou. O brilho continuava intenso, mas não era tão ofuscante. Ela conseguiu ver sua *alma*. Era branca, incandescente e imaculada, e se parecia — não havia outro modo de dizer — com *Daniel*. Aquilo lhe deu a sensação de voltar para casa. Uma torrente de alegria incomparável se espalhou pelo corpo de Luce. Em algum lugar no

fundo da sua mente houve uma sensação de reconhecimento. Ela já o vira assim.

Não vira?

Enquanto sua mente se esforçava para relembrar um passado que ela não conseguia alcançar, a luz de Daniel começou a sobrepujá-la.

— Não! — gritou ela, sentindo o fogo destruir seu coração e seu corpo ser libertado de algo.

❄

— E então? — A voz rouca de Bill surgiu nos tímpanos de Luce.

Ela estava deitada contra uma rocha fria. Encontrava-se de volta a uma das cavernas do Anunciador, aprisionada em um não lugar frio onde era difícil se lembrar de alguma coisa externa. Desesperadamente, tentou rever a aparência de Daniel — a glória da sua verdadeira alma —, mas não conseguiu. A imagem já lhe escapava. Aquilo realmente havia acontecido?

Luce fechou os olhos, tentando recriar a imagem dele. Não havia palavras para aquilo. Era simplesmente uma conexão incrível e exultante.

— Eu o vi.

— Quem? Daniel? Sim, eu também o vi. Foi o cara que deixou o machado cair quando chegou sua vez de cortar algumas cabeças. Foi um grande erro. Enorme.

— Não, eu o vi *realmente*. Como ele realmente é — a voz dela estremeceu. — Ele estava tão lindo.

— Ah, *isso*... — Bill virou a cabeça para trás, irritado.

— Eu o *reconheci*. Acho que já o vira antes.

— Duvido — Bill tossiu. — Foi a primeira e a *última* vez em que você pôde vê-lo assim. Você o viu e morreu. É isso o que acontece

quando a carne mortal enxerga a glória incontida de um anjo. Morte instantânea. Queimada pela beleza do anjo.

— Não, não foi assim.

— Você viu o que aconteceu com os outros. *Puf!* Sumiram. — Bill desabou ao lado dela e deu um tapinha no seu joelho. — Por que acha que os maias passaram a fazer sacrifícios com fogo depois desse evento? Mais tarde, uma tribo vizinha descobriu os restos humanos esturricados e precisou encontrar alguma maneira para explicar aquilo.

— Sim, todos explodiram em chamas imediatamente, mas eu resisti por mais tempo...

— Dois segundos a mais? Quando você estava de costas para Daniel? Parabéns.

— Você está errado. Eu sei que vi isso antes.

— Você já viu as *asas* dele, talvez. Mas Daniel mostrando sua verdadeira forma de anjo? Isso mata um humano.

— Não. — Luce balançou a cabeça. — Você está me dizendo que ele nunca poderia me mostrar quem realmente é?

Bill deu de ombros.

— Não sem fazer com que você e todos ao redor virassem cinzas. Por que acha que Daniel é tão cauteloso sobre beijar você? A glória dele brilha muito mais intensamente quando a coisa entre vocês fica quente e animada.

Luce mal conseguia se conter.

— Por isso eu morro, algumas vezes, quando nos beijamos?

— Que tal uma salva de palmas para a garota, amigos? — disse Bill sarcasticamente.

— E em todas as outras vezes em que morro *antes* de beijar Daniel, antes de...

— Antes de poder ver o quanto o relacionamento de vocês pode se tornar tóxico?

— Cale a boca.

— Sinceramente, quantas vezes você precisa ver a mesma história até perceber que as coisas *nunca* mudarão?

— Algo *já* mudou — retrucou Luce. — Por isso estou nessa viagem, por isso ainda estou viva. Se eu apenas pudesse vê-lo novamente, todo ele, sei que poderia suportar.

— Você não entendeu — o tom da voz de Bill aumentou. — Está falando em termos extremamente mortais. — À medida que ele se agitava mais e mais, saliva voava dos seus lábios. — Essa é o grande momento, e você, obviamente, *não* consegue suportá-lo.

— Por que ficou tão nervoso de repente?

— *Porque sim!* Porque sim. — Ele andou ao longo da pedra, rangendo os dentes. — Escute: Daniel deu essa escorregada, mostrou-se como realmente é, mas nunca voltou a fazer isso. Nunca. Ele aprendeu a lição. E agora você também aprendeu: a carne mortal *não* pode ver a verdadeira forma de um anjo e sobreviver.

Luce virou o rosto para o outro lado, sentindo a raiva crescer. Talvez Daniel houvesse mudado após a existência em Chichén Itzá, talvez houvesse se tornado mais cauteloso. Mas, e no passado?

Ela se aproximou do limite da plataforma no Anunciador, olhando para a vasta escuridão acima, para o desconhecido.

Bill pairou acima de Luce, rodeando sua cabeça como se tentasse adentrá-la.

— Eu sei no que você está pensando, mas somente se decepcionará. — Ele se aproximou do ouvido dela e sussurrou: — Ou será ainda pior.

Nada que Bill pudesse dizer seria capaz de impedi-la. Se havia um Daniel anterior que se mostrara realmente, Luce o encontraria.

DEZESSEIS



PADRINHO DE CASAMENTO

JERUSALÉM, ISRAEL • 27 DE NISSAN DE 2760
(APROXIMADAMENTE 1º DE ABRIL DE 1.000 A.C.)

Daniel não era inteiramente ele mesmo.

Continuava unido ao corpo ao qual se juntara nos escuros fiordes da Groenlândia. Ele tentou desacelerar ao sair do Anunciador, mas seu impulso era forte demais. Bastante desequilibrado, girou para além da escuridão e rolou pela terra rochosa até que sua cabeça batesse contra algo duro. Então, ficou imóvel.

Clivar-se com seu eu fora um erro enorme.

A forma mais simples de separar duas encarnações de uma alma era matando o corpo. Liberta da prisão que é a carne, a alma se separava. Porém, matar-se não era realmente uma opção para Daniel. A menos que...

A seta estelar.

Na Groenlândia, ele a capturara, aninhada na neve perto da fogueira feita pelos anjos. Gabbe a levara como uma proteção

simbólica, contudo, jamais esperaria que Daniel se clivasse e a roubasse.

Ele realmente achara que poderia simplesmente trazer a ponta embotada de prata ao peito e partir sua alma em duas, lançando seu eu do passado de volta no tempo?

Tolo.

Não. Muito provavelmente ele cometeria um deslize, falharia, e, então, em vez de dividir sua alma, poderia, sem querer, destruí-la. Sem ela, o disfarce terreno de Daniel, seu corpo vazio, vagaria pela terra perpetuamente, buscando sua alma e encontrando apenas a segunda coisa melhor que isso: Luce. Ele a assombraria até o dia em que ela morresse e, talvez, até mesmo depois.

O que Daniel precisava era de um parceiro. O que ele precisava era impossível.

Ele grunhiu e rolou de barriga para cima, piscando diante do sol brilhante.

— Viu? — disse uma voz acima dele. — Eu disse que estávamos no lugar certo.

— Não vejo como isso — disse outra voz, dessa vez de um garoto — seja uma prova de que estamos fazendo algo certo.

— Ah, por favor, Miles! Não deixe sua implicância com Daniel nos impedir de encontrar Luce. Ele obviamente sabe onde ela está.

As vozes se aproximaram. Daniel abriu os olhos subitamente e viu um braço contra a luz do sol, estendendo-se na sua direção.

— Ei, você deitado aí... Precisa de ajuda?

Shelby. A amiga Nefilim de Luce, de Shoreline.

E Miles. Aquele que ela beijara.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Daniel se sentou em um salto, rejeitando a mão que Shelby lhe oferecia. Ele esfregou a testa e olhou para trás: havia colidido com o tronco cinzento de uma oliveira.

— O que você *acha* que estamos fazendo aqui? Procurando por Luce. — Shelby olhou para baixo em direção a Daniel e torceu o nariz. — Qual é o seu problema?

— *Nenhum*. — Daniel tentou se levantar, mas estava tão tonto que logo se deitou novamente. A clivagem (especialmente após arrastar o corpo do passado para outra vida) o enjoara. Ele lutava internamente contra seu passado, esbarrando em seus limites e ferindo sua alma, seus ossos, sua pele. Sabia que os Nefilim poderiam sentir que algo indizível acontecera a ele.

— Vão para casa, invasores. De quem é o Anunciador que vocês usaram para chegar aqui? Vocês entendem a confusão em que podem se meter?

Subitamente, algo prateado brilhou embaixo do seu nariz.

— Leve-nos até Luce. — Miles apontava uma seta estelar para o pescoço de Daniel. A aba do boné escondia os olhos, mas sua boca estava aberta em um sorriso nervoso.

Daniel ficou sem fala.

— Vocês... Vocês têm uma seta estelar.

— Miles! — sussurrou ferozmente Shelby. — O *que você está fazendo com essa coisa?*

A ponta embotada da flecha tremeu. Miles estava obviamente agitado.

— Você a deixou cair no jardim depois que os Párias partiram — respondeu ele a Daniel. — Cam pegou uma, e, naquela confusão, ninguém percebeu quando eu peguei essa. Você correu atrás de Luce. E nós corremos atrás de você — então se virou para Shelby: — Achei que poderíamos precisar dela. Autodefesa.

— Não se atreva a matá-lo — disse Shelby a Miles. — Você é um idiota.

— Não — disse Daniel, sentando-se vagarosamente. — Está tudo bem.

Sua mente rodava. Qual era a probabilidade? Ele vira aquilo acontecer apenas uma vez. Daniel não era um especialista em clivagem. Porém, seu passado sofria dentro dele — e não poderia continuar assim. Havia apenas uma solução, e Miles a tinha nas mãos.

No entanto, como fazer com que o garoto o atacasse sem precisar lhe explicar toda a situação? E será que ele poderia confiar nos Nefilim?

Daniel se reclinou para trás até que seus ombros tocassem o tronco da oliveira. Ele deslizou para cima, mostrando as mãos abertas, para que Miles visse que não havia motivo para ter medo.

— Você treinou esgrima?

— O quê? — Miles pareceu espantado.

— Em Shoreline. Você fez aulas de esgrima ou não?

— Todos fizemos. Era algo meio sem sentido, e eu não era muito bom, mas...

Era tudo o que Daniel precisava escutar.

— *En garde!* — gritou ele, sacando sua seta estelar escondida e usando-a como espada.

Os olhos de Miles se arregalaram. Em um instante, ele também havia empunhado sua seta estelar.

— Ah, merda! — disse Shelby, saindo do caminho. — Vocês dois... Estou falando sério! Parem!

As setas estelares eram mais curtas que as espadas de treino, mas alguns centímetros mais compridas que flechas comuns. Eram leves como uma pluma, mas tão duras quanto diamante, e, se Daniel e Miles tomassem muito, mas muito, cuidado, poderiam sair daquela briga vivos. De algum modo, com a ajuda de Miles, Daniel poderia desfazer a clivagem e libertar seu eu do passado.

Ele cortou o ar com sua seta, avançando alguns passos em direção ao Nefilim.

Miles reagiu, se protegendo do golpe de Daniel e movendo a seta de forma ágil para a direita. Quando as setas estelares se chocavam, não emitiam o mesmo ruído suave que as espadas dos treinos de esgrima, mas um som profundo, que reverberava pelas montanhas e fazia tremer o chão.

— Suas aulas de esgrima não foram inúteis — disse Daniel enquanto sua seta estelar ziguezagueava junto como a outra, em pleno ar. — Elas prepararam você para um momento como esse.

— Um momento... — grunhiu Miles ao se impulsionar para frente, fazendo sua seta cruzar o ar e bater contra a de Daniel — ...como qual?

Os braços de ambos se tensionaram. As setas formaram um "X" no ar.

— Preciso que você me liberte de uma encarnação anterior, com a qual clivei minha alma — disse Daniel, simplesmente.

— O que...? — murmurou Shelby, ao lado.

A confusão se estampou no rosto de Miles e seu braço hesitou. Sua lâmina caiu e a seta estelar bateu no chão. Ele ofegou e foi em busca dela de maneira desajeitada, olhando para Daniel aterrorizado.

— Não irei atrás de você — disse Daniel. — Preciso que você venha atrás de mim. — Ele conseguiu mostrar um sorriso competitivo. — Pode vir. Sei que é o que você quer. Você quer isso há muito tempo.

Miles investiu contra Daniel, segurando a seta estelar como se fosse uma flecha em vez de uma espada. Daniel estava preparado para isso e mergulhou para o lado no momento exato, girando para bater sua seta contra a de Miles.

Ambos estavam nas mãos do outro: Daniel com sua seta apontada para o ombro de Miles, usando a força para afastar o Nefilim, e Miles

com sua seta a centímetros do coração de Daniel.

— Você vai me ajudar? — insistiu Daniel.

— O que a gente ganha com isso? — perguntou Miles.

Daniel precisou pensar por um instante.

— A felicidade de Luce — respondeu, finalmente.

Miles não concordou. Mas também não negou.

— Agora — a voz de Daniel tremia enquanto ele dava as instruções —, com muito cuidado, arraste a lâmina em uma linha reta pelo meu peito. Não fure minha pele, ou me matará.

Miles suava. Seu rosto estava pálido. Ele olhou para Shelby.

— Vá em frente, Miles — sussurrou ela.

A seta estelar tremeu. Tudo estava nas mãos daquele garoto. A ponta embotada da seta estelar tocou a pele de Daniel e dirigiu-se para baixo.

— Aimeudeus... — Os lábios de Shelby se retorceram, horrorizados. — Ele está *trocando* de pele.

Daniel conseguia sentir aquilo, como se uma camada da sua pele se erguesse dos ossos. O corpo do seu eu do passado lentamente se desprendia do dele. O veneno da separação o atravessou, penetrando profundamente nas fibras das suas asas. A dor era tão intensa que se tornou nauseante, aumentando em grandes ondas. Sua visão se nublou; um som vibrante preencheu seus ouvidos. A seta estelar caiu da sua mão. Então, de uma só vez, ele sentiu um grande impulso e uma lufada de ar frio e cortante nos pulmões. Houve um longo grunhido e dois baques, e então...

Sua visão se clareou. O barulho cessou. Ele sentiu uma leveza, uma simplicidade.

Liberdade.

Miles estava deitado no chão, abaixo dele, arfando. A seta estelar que estivera na mão de Daniel sumira. Daniel girou o corpo e viu o

espectro do seu eu diante dele, com a pele cinzenta, o corpo arrasado e olhos e dentes pretos como carvão, agarrado à seta estelar. Seu perfil tremulou no vento quente, como uma imagem em uma televisão desregulada.

— Desculpe — disse Daniel, estendendo a mão para a frente em direção à base das asas do seu eu. Quando Daniel evocou a sombra de si mesmo, seu corpo parecia limitado e insuficiente. Seus dedos encontraram a tempo, antes que eles se despedaçassem, o portal cinzento do Anunciador, através do qual ambos haviam viajado.

— Seu dia chegará — disse ele.

Então, empurrou seu eu do passado para dentro do Anunciador.

Observou o vazio sumir ao sol quente. O corpo emitiu um ruído sibilante e comprido ao cambalear pelo tempo, como se caísse de um penhasco. O Anunciador se dividiu em minúsculos pedaços e sumiu.

— O que foi isso? — perguntou Shelby, ajudando Miles a se levantar.

O Nefilim estava branco como um fantasma, olhando sem fôlego para as próprias mãos, virando-as de um lado para o outro e examinando-as como se nunca as houvesse visto.

Daniel virou-se para Miles.

— Obrigado.

Os olhos azuis do garoto pareceram ansiosos e aterrorizados, como se ele quisesse extrair de Daniel cada detalhe do que havia acontecido, mas não desejasse demonstrar sua empolgação. Shelby perdera a fala, o que era inédito.

Até aquele instante, Daniel desprezara Miles e se irritara com Shelby, que praticamente levara os Párias até Luce. Todavia, ali, sob a oliveira, ele pôde perceber por que Luce era amiga de ambos. E ficou feliz.

Uma sirene soou à distância. Miles e Shelby pularam.

Era um *shofar*, um instrumento criado a partir do chifre de um carneiro sagrado, que era capaz de produzir uma nota comprida e nasalada, muito utilizada para anunciar cerimônias e festivais religiosos. Daniel ainda não havia olhado ao redor com atenção.

Os três estavam sob a sombra de uma oliveira, no alto de um pequeno morro. Ele descia em direção a um vale amplo e plano, de cor castanha graças à grama alta nativa, que jamais fora cortada. No meio do vale havia uma curta faixa verde, onde flores selvagens cresciam ao longo de um rio estreito.

A leste do riacho havia um pequeno grupo de tendas voltadas para uma estrutura quadrada maior, feita de pedras brancas e com um teto de madeira entrelaçada. Provavelmente o som do shofar viera daquele templo.

Uma fila de mulheres, que usavam mantos coloridos longos até os tornozelos, entrava e saía do templo. Elas carregavam jarras de argila e bandejas de bronze com comidas, como se preparassem um banquete.

— Ah — disse, em voz alta, Daniel, sentindo uma profunda melancolia se apoderar de si.

— "Ah", o quê? — perguntou Shelby.

Daniel segurou o capuz do suéter de Shelby, que tinha estampa de exército.

— Se vocês estão procurando Luce, não a encontrarão aqui. Ela está morta. Morreu há um mês.

Miles quase engasgou.

— Você quer dizer a Luce dessa era... — disse Shelby. — Não a nossa Luce, certo?

— Nossa Luce, a minha Luce, também não está aqui. Ela não sabe da existência desse lugar, portanto, seus Anunciadores não poderão trazê-la aqui. Os *seus* também não poderiam trazer vocês.

Shelby e Miles se entreolharam.

— Você diz que está procurando por Luce — disse Shelby —, mas, se sabe que ela não está aqui, por que continua nesse lugar?

Daniel olhou além deles, em direção ao vale.

— Tenho negócios a resolver.

— *Quem* é? — perguntou Miles, apontando para uma mulher em um longo vestido branco. Era alta e magra, com cabelos ruivos que brilhavam à luz do sol. Seu vestido era decotado, mostrando uma boa parte da pele dourada. Ela murmurava algo em uma voz baixa e adorável, uma canção que eles mal conseguiam escutar.

— É Lilith — disse Daniel, devagar. — Ela deve se casar hoje.

Miles deu alguns passos por uma trilha que descia em direção ao vale onde se encontrava o templo, a aproximadamente três metros, como se quisesse olhá-la melhor.

— Miles, espere! — Shelby correu atrás dele. — Isso não é como nossa viagem para Las Vegas. Estamos em uma época, ou sei lá o quê, estranha. Você não pode ver uma garota bonita e simplesmente ir até ela como se pertencesse a esse lugar. — Ela se virou para Daniel, em busca de ajuda.

— Fiquem abaixados — orientou Daniel. — Abaixo da linha da grama. E parem quando eu mandar.

Cuidadosamente, eles caminharam pela trilha, parando perto da margem do rio, em um local próximo ao templo. Todas as tendas da pequena comunidade haviam sido enfeitadas com guirlandas de cravo e com flores de cassis. Na distância que se encontravam, podiam ouvir as vozes de Lilith e das garotas que a preparavam para o casamento. Elas riam e cantavam junto com Lilith enquanto trançavam seus longos cabelos ruivos ao redor da cabeça.

Shelby virou-se para Miles.

— Ela não se parece um pouco com a Lilith da nossa turma em Shoreline?

— *Não* — disse Miles imediatamente. Depois, analisou a noiva por um instante. — Tudo bem, talvez um pouco. Estranho.

— Luce provavelmente nunca lhe falou sobre ela — explicou Shelby a Daniel. — Ela é uma vadia do Inferno.

— Faz sentido — disse Daniel. — A Lilith de vocês pode ter vindo da mesma longa linhagem de mulheres más. Todas são descendentes da mãe original, Lilith, a primeira mulher de Adão.

— Adão teve mais de uma mulher? — Shelby estava boquiaberta. — E Eva?

— Antes de Eva.

— *Pré-Eva?* Impossível.

Daniel assentiu.

— Eles não estavam casados havia muito tempo quando Lilith o deixou. Ele ficou arrasado. Adão esperou por ela durante um longo tempo, mas, eventualmente, Eva surgiu. E Lilith nunca perdoou Adão por esquecê-la. Ela passou o resto dos seus dias vagando pela Terra e amaldiçoando a família que Adão formou com Eva. E seus descendentes... Às vezes começam bem, mas no fim, bem... Uma maçã nunca cai muito longe da árvore.

— Que bizarro — comentou Miles, apesar de parecer hipnotizado pela beleza de Lilith.

— Você está me dizendo que Lilith Clout, a garota que colocou fogo nos meus cabelos no nono ano, pode ser, *literalmente*, uma vadia do Inferno? Que toda a minha implicância em relação a ela pode ter um motivo?

— Acho que sim — e Daniel deu de ombros.

— Nunca me senti tão livre de culpa — Shelby riu. — Por que isso não está em nenhum dos livros de angeologia que estudamos em

Shoreline?

— Shhh! — Miles apontou em direção ao templo.

Lilith deixara as damas de honra, que terminavam a decoração do casamento (papoulas amarelas e brancas haviam sido espalhadas perto da entrada do templo e fitas de tecido e pequenos sinos de prata colocados nos ramos mais baixos dos carvalhos) e afastou-se na direção oeste, seguindo para o rio, onde Daniel, Shelby e Miles estavam escondidos.

Ela carregava um pequeno buquê de lírios brancos. Ao chegar à margem do rio, arrancou algumas pétalas e espalhou-as sobre a água, ainda murmurando suavemente uma canção. Depois, virou-se e caminhou para o norte, ao longo da margem, em direção a uma enorme alfarrobeira com galhos que pendiam sobre o rio.

Embaixo da árvore havia um garoto sentado, olhando para a água. Suas pernas compridas estavam dobradas junto ao peito, presas por um dos braços. O outro braço atirava pedrinhas na água. Seus olhos verdes cintilavam em oposição à pele queimada de sol. Seu cabelo preto como carvão estava um pouco desalinhado e úmido graças a um mergulho recente.

— Ah, meu Deus, é... — o grito de Shelby foi interrompido pela mão de Daniel, colocada sobre sua boca.

Era o momento que ele temera.

— Sim, é Cam, mas não aquele que você conhece. É um Cam anterior. Estamos milhares de anos antes do seu tempo.

Miles estreitou os olhos.

— Mas ele ainda é mau.

— Não — disse Daniel. — Não é.

— Hã? — perguntou Shelby.

— Houve um tempo em que todos éramos parte da mesma família. Cam era meu irmão. Ele não era mau, não ainda. Talvez nem mesmo

seja hoje em dia.

Fisicamente, a única diferença entre esse Cam e aquele que Shelby e Miles conheciam era que seu pescoço não tinha uma tatuagem preta no formato de sol, que Cam ganhara de Satã quando se aliou ao Inferno. Fora isso, parecia exatamente o mesmo Cam.

Porém, o rosto deste Cam estava rígido, tomado pela preocupação. Era uma expressão que Daniel não via nele há milênios. Provavelmente desde aquele instante.

Lilith parou atrás dele e abraçou seu pescoço, de forma que suas mãos pousassem sobre o coração dele. Sem se virar ou dizer uma palavra, Cam ergueu suas mãos e envolveu as dela em concha. Ambos fecharam os olhos, satisfeitos.

— Isso parece bastante íntimo — disse Shelby. — Não seria melhor que a gente... Quero dizer, eu me sinto estranha.

— Então vá embora — disse Daniel devagar. — E não faça alvoroço ao sair...

Daniel se interrompeu. Alguém andava em direção a Cam e Lilith.

O jovem era alto e queimado de sol, vestia uma longa túnica branca e trazia um grosso rolo de pergaminho. Sua cabeça loura estava abaixada, mas obviamente era Daniel.

— Eu não vou embora. — Os olhos de Miles se prenderam ao Daniel do passado.

— Calma aí... Achei que havíamos mandado esse cara de volta, pelos Anunciadores! — disse Shelby, confusa.

— Aquela era uma versão mais recente de mim — explicou Daniel.

— *Uma versão mais recente de mim,* diz ele! — Shelby fez um som zombeteiro. — Quantas versões de você *existem*, exatamente?

— Aquele veio de uma época dois mil anos após o momento em que estamos, e, ainda assim, mil antes do nosso presente verdadeiro. Aquele Daniel não deveria estar aqui.

— Estamos a três mil anos atrás, em relação ao presente? — perguntou Miles.

— Sim, e, na verdade, vocês não deveriam estar aqui. — Daniel olhou para Miles, de alto a baixo. — Porém, essa versão anterior de mim — ele apontou para o garoto que parara perto de Cam e de Lilith — pertence a essa época.

Do outro lado do rio, Lilith sorriu.

— Como vai, Dani?

Eles observaram Daniel se ajoelhar perto do casal e desenrolar o pergaminho. Daniel se lembrou: era a licença de casamento deles. Ele mesmo havia escrito tudo aquilo em aramaico. E deveria realizar uma cerimônia. Cam lhe pedira meses antes.

Lilith e Cam leram o documento. Eles formavam um bom par, lembrou-se Daniel. Ela escrevia canções para ele e passava horas colhendo flores silvestres e entrelaçando-as na roupa dele. Ele se entregou inteiramente a ela. Ouvia seus sonhos e a fazia rir quando estava triste. Ambos tinham seu lado volátil, e, quando brigavam, toda a tribo ficava sabendo — mas ainda não eram a coisa escura que se tornariam após se separarem.

— Essa parte — disse Lilith, apontando para uma frase do texto — diz que nos casaremos perto do rio, mas você sabe que quero me casar no templo, Cam.

Cam e Daniel se entreolharam. Cam buscou a mão de Lilith.

— Meu amor... Já lhe disse que não posso.

Uma irritação surgiu na voz de Lilith:

— Você se recusa a se casar comigo sob os olhos de Deus? É o único lugar onde minha família aprovará nossa união! Por quê?

— Uau — sussurrou Shelby, do outro lado do rio. — Já entendi o que está acontecendo. Cam não pode se casar no templo... Não pode nem mesmo pisar no templo porque...

Miles também começou a sussurrar:

— Se um anjo caído entrar no santuário de Deus...

— Todo o lugar se incendiará — completou Shelby.

Os Nefilim tinham razão, é claro, mas Daniel estava surpreso com a própria frustração. Cam amava Lilith, e Lilith amava Cam. Eles tiveram a chance de fazer seu amor dar certo, e, na opinião de Daniel, que o restante fosse para o Inferno. Por que Lilith era tão insistente sobre se casar no templo? Por que Cam não podia lhe dar uma boa explicação para sua recusa?

— Lá, eu não piso — e Cam apontou para o templo.

Lilith estava prestes a chorar.

— Então você não me ama.

— Eu te amo mais do que jamais pensei ser possível, mas isso não muda nada.

O corpo magro de Lilith pareceu se inchar, com raiva. Ela seria capaz de perceber que a recusa de Cam era algo muito maior que meramente um desejo de negar a vontade dela? Daniel achava que não. Ela fechou as mãos e soltou um grito agudo e comprido.

O som pareceu sacudir a terra. Lilith segurou os pulsos de Cam e o pressionou contra a árvore. Ele sequer ofereceu resistência.

— Minha avó nunca gostou de você. — Os braços dela tremiam enquanto ela o segurava. — Ela sempre disse as coisas mais terríveis a seu respeito, e eu sempre o defendi. Agora, eu vejo tudo. Nos seus olhos e na sua alma. — Os olhos de Lilith o atravessavam. — Diga.

— O quê? — perguntou ele, horrorizado.

— Você é um homem mau. Você é um... Eu sei o que você é.

Era óbvio que Lilith não sabia. Ela se agarrava a rumores que circulavam pela comunidade — de que ele era mau, um mago, um adepto do ocultismo. Ela apenas queria ouvir a verdade da boca de Cam.

Daniel sabia que Cam *poderia* contá-la a Lilith, mas não o faria. Ele tinha medo.

— Não sou nenhuma das coisas ruins que dizem que sou, Lilith — respondeu Cam.

Era a verdade, e Daniel sabia disso, mas parecia tanto uma mentira! Cam estava à beira da pior decisão que jamais tomaria. Era isso: o momento que partiu tão profundamente o coração de Cam que ele apodreceu e sucumbiu à escuridão.

— Lilith — implorou Daniel, puxando as mãos dela para longe da garganta de Cam. — Ele não é...

— Dani! — advertiu Cam. — Nada que você disser poderá consertar isso.

— É verdade. Tudo acabou. — Lilith o soltou, e Cam caiu no chão. Ela pegou o contrato de casamento e jogou-o no rio. O rolo girou vagarosamente sobre a corrente e afundou. — Espero que eu viva mil anos e tenha mil filhas, para que sempre haja uma mulher que possa amaldiçoar seu nome. — Ela cuspiu no rosto dele; depois, virou-se e correu para o templo, fazendo o vestido branco flutuar atrás de si como a vela de um barco.

O rosto de Cam ficou tão branco quanto a roupa de Lilith. Ele segurou a mão de Dani, para se levantar.

— Você tem uma seta estelar, Dani?

— Não — a voz de Dani estremeceu. — Não fale assim. Você a terá de volta ou...

— Fui ingênuo em acreditar que poderia amar uma mortal.

— Se você houvesse contado a ela... — disse Dani.

— *Contado*? O que aconteceu comigo, com todos nós? A Queda e tudo o que se passou desde então? — Cam se inclinou para perto de Dani. — Talvez ela esteja certa sobre mim. Você a ouviu: a vila inteira pensa que sou um demônio. Mesmo que não usem essa palavra.

— Eles não sabem nada.

Cam se virou de costas.

— Por todo o tempo eu tentei negar essa verdade, mas o amor é algo impossível, Dani.

— Não, não é.

— *É sim*. Para almas como as nossas. Você verá. Pode até resistir por mais tempo que eu, mas você verá. Nós precisaremos escolher.

— *Não*.

— Você protesta tão rapidamente, irmão. — Cam apertou o ombro de Dani. — Isso me faz pensar. Você já considerou... Ir para o outro lado?

Dani deu de ombros.

— Não sei. Eu penso nela e em nada mais. Conto os segundos até estar ao lado dela novamente. Eu a escolho, e ela escolhe a mim.

— Que solidão.

— Não é solidão! — retrucou Dani. — É o amor. O amor que você também deseja para você...

— Eu quis dizer que *eu* estou solitário. E sou muito menos nobre que você. Qualquer dia... Temo que uma mudança esteja por vir.

— Não. — Dani se aproximou do irmão. — Você não faria isso.

Cam recuou e cuspiu.

— Nem todos temos a sorte de estarmos amarrados, por uma maldição, à mulher que amamos.

Daniel se lembrava daquele insulto vazio; ficara furioso. Porém, ainda assim, não deveria ter dito aquelas palavras:

— Vá, então. Você não fará falta.

Ele se arrependeu imediatamente, mas era tarde.

Cam girou os ombros para trás e abriu os braços. Quando suas asas irromperam das suas escápulas, enviaram uma lufada de ar quente que balançou a grama onde Daniel, Shelby e Miles estavam

escondidos. Eles olharam para cima. As asas dele eram enormes, cintilantes e...

— Espere aí — sussurrou Shelby. — Elas não são douradas!

Miles piscou.

— Como podem não ser douradas?

Fazia sentido que os Nefilim estivessem confusos. A divisão entre as cores das asas era tão clara quanto a separação entre a noite e o dia: douradas para os demônios, prateadas ou brancas para os outros. E o Cam que eles conheciam era um demônio. Daniel não estava a fim de explicar a Shelby por que as asas de Cam eram brancas, puras e imaculadas, tão radiantes quanto diamantes e reluzentes como a neve banhada pelo sol.

Aquele Cam, de muito tempo atrás, ainda não havia passado para o outro lado. Estava apenas na fronteira.

Naquele dia, Lilith perdeu Cam como amante e Daniel o perdeu como irmão. A partir dali, seriam inimigos. Será que Daniel poderia tê-lo impedido? E se ele não houvesse se afastado de Cam e aberto suas próprias asas, usando-as como escudo da maneira que via Dani fazer?

Deveria ter feito isso. Ele sentia arder a vontade de sair dos arbustos e impedir Cam. Quanta coisa poderia ter sido diferente!

As asas de ambos ainda não tinham aquela repulsão magnética torturante. Tudo o que as repelia era uma diferença de opinião teimosa, uma rivalidade filosófica e fraternal.

Os anjos alçaram voo ao mesmo tempo, em direções opostas. Portanto, quando Dani disparou pelos céus para leste e Cam para oeste, os três Anacronismos escondidos na grama foram os únicos que puderam ver o leve brilho dourado nas asas de Cam. Como um raio cintilante.

DEZESSETE



ESCRITO EM OSSO

YIN, CHINA • QING MING

(APROXIMADAMENTE 4 DE ABRIL DE 1046 A.C.)

No fim do túnel formado pelo Anunciador havia uma claridade esmagadora, que banhou a pele de Luce como uma manhã de verão na casa dos seus pais, na Geórgia.

Luce mergulhou nela.

Uma glória incontida. Era como Bill havia chamado a luz incandescente que emanava da verdadeira alma de Daniel. O simples ato de olhar para o eu angélico e puro de Daniel fizera que uma comunidade inteira, no sacrifício maia, entrasse em combustão espontânea... Incluindo Ix Cuat, o eu anterior de Luce.

Mas *houve* um momento antes disso.

Um momento de puro maravilhamento logo antes de morrer, quando Luce se sentira mais próxima de Daniel do que nunca. Ela não dava a mínima para o que Bill dissera: ela *reconheceu* o brilho da alma de Daniel. E *precisava* vê-lo novamente. Talvez houvesse uma maneira de sobreviver a isso. Precisava, ao menos, tentar.

Ela irrompeu do Anunciador para o vazio gelado de um quarto colossal.

O cômodo era dez vezes maior que qualquer quarto que Luce já vira, e tudo era luxuoso. O piso era feito do mais polido mármore e coberto com tapetes enormes de peles de animais, um dos quais continha a cabeça intacta de um tigre. Quatro vigas de madeira seguravam o teto finamente trabalhado. As paredes eram decoradas com pedaços de bambu entrelaçados. Perto da janela aberta havia uma gigantesca cama com dossel, coberta por lençóis de seda verdes e dourados.

Um minúsculo telescópio estava apoiado na beira da janela. Luce o segurou, abrindo a cortina de seda dourada para espiar o ambiente. O telescópio lhe pareceu pesado e frio ao erguê-lo até os olhos.

Ela estava no centro de uma grande cidade murada, e a observava a partir do segundo andar de uma construção. Um labirinto de estradas de pedra conectava edifícios de pau a pique próximos, que pareciam ser antigos. O ar era quente e cheirava levemente a flores de cerejeira. Um par de papa-figos cruzou o céu azul.

Luce se virou para Bill.

— Onde estamos? — Aquele lugar parecia tão estranho e remoto quanto o mundo dos maias.

Ele deu de ombros e abriu a boca para responder, mas, então...

— Shhh — sussurrou Luce.

Podia-se ouvir o som de um fungar.

Alguém chorava baixinho e abafadamente. Luce se virou na direção do som. Ali, através de um arco em uma extremidade do quarto, ela o ouviu mais uma vez.

Luce caminhou até o arco, deslizando pelo chão de mármore com os pés descalços. Os soluços ecoavam e a atraíam. Um corredor estreito levava a outro quarto cavernoso. Esse, sem janelas, tinha um

teto baixo e era pouco iluminado por uma dúzia de pequenas lamparinas de cobre.

Ela distinguiu uma grande bacia de pedra e uma pequena mesa laqueada, repleta de frascos de cerâmica preta com óleos aromáticos que davam ao quarto um cheiro morno e condimentado. Em um dos cantos, havia um grande armário cravado de jades. Dragões esbeltos e verdes desenhados nele zombavam de Luce, como se soubessem tudo o que ela não sabia.

E, no meio do quarto, havia um homem morto, estendido no chão.

Antes que Luce pudesse ver outras coisas, sua visão foi ofuscada pela luz intensa que se movia na sua direção. Tratava-se do mesmo brilho que ela havia percebido do outro lado do Anunciador.

— O que é essa luz? — perguntou a Bill.

— Essa... Hã, você está vendo isso? — Bill parecia surpreso. — É sua alma. É mais uma maneira de reconhecer suas vidas do passado quando elas têm uma aparência física distinta — fez uma pausa. — Você nunca notou isso antes?

— É a primeira vez, eu acho.

— Ah — disse Bill. — É um bom sinal. Você está progredindo.

Luce se sentiu pesada e exausta, subitamente.

— Achei que seria Daniel.

Bill limpou a garganta, como se fosse dizer algo, mas não disse. O brilho cintilou com mais força durante um átimo de segundo e, depois, sumiu tão repentinamente que ela ficou sem enxergar por um instante, até que seus olhos se acostumassem.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, asperamente, uma voz.

No lugar onde estivera a luz, no centro do quarto, havia uma garota chinesa magra e bonita, de mais ou menos 17 anos; ela era jovem e elegante demais para estar diante de um morto.

Seus cabelos pretos iam até a cintura, contrastando com seu vestido de seda branca, que continuava até os pés. Por mais delicada que fosse, parecia o tipo de garota que não fugiria de uma briga.

— Então... Essa é você — disse a voz de Bill ao ouvido de Luce. — Seu nome é Lu Xin e você morava nos arredores da capital, Yin. Estamos no final da dinastia Shang, por volta do ano mil antes de Cristo, caso você queira anotar na sua agenda.

Luce provavelmente parecia uma desequilibrada para Lu Xin, entrando ali vestida com couro de animal, usando um colar feito de ossos e tendo, no lugar dos cabelos, uma massa emaranhada e desalinhada. Há quanto tempo não se olhava no espelho? Não tomava banho? Como se não bastasse, ainda conversava com uma gárgula invisível.

Porém, pensando bem, Lu Xin velava um morto e olhava para Luce com um olhar de não-brinque-comigo, portanto, também parecia meio desequilibrada.

Minha nossa! Luce ainda não notara a faca incrustada de turquesas ou a pequena poça de sangue no chão de mármore.

— O que eu... — começou a perguntar para Bill.

— Você — a voz de Lu Xin era surpreendentemente forte. — Quero que me ajude a esconder esse corpo.

O cabelo do morto era branco ao redor das têmporas; ele parecia ter aproximadamente 60 anos e era magro e musculoso sob as túnicas elaboradas e os mantos bordados.

— Eu... Hã... Não acho que...

— Assim que souberem que o rei está morto, você e eu também seremos mortas.

— O quê? — perguntou Luce. — Eu?

— Você, eu e a maioria das pessoas que estão entre essas muralhas. Onde mais encontrarão os mil corpos que devem ser enterrados junto

com o déspota? — A garota enxugou as bochechas com os dedos magros e cheios de anéis de jade. — Você me ajudará ou não?

Diante do pedido da garota, Luce segurou os pés do rei. Lu Xin se preparou para erguê-lo pelos braços.

— O rei — disse Luce, pronunciando as antigas palavras Shang como se conhecesse a língua. — Ele...

— Não é o que parece — gemeu Lu Xin sob o peso do corpo. O rei era mais pesado do que aparentava. — Eu não o matei. Ao menos não... — fez uma pausa. — Fisicamente. Ele estava morto quando entrei no quarto — disse e fungou. — Apunhalou-se no coração. Eu costumava dizer que o rei não tinha coração, mas ele provou que eu estava errada.

Luce olhou para o rosto do morto. Um dos seus olhos estava aberto. Sua boca estava retorcida. Parecia que estava em agonia quando deixara esse mundo.

— Onde está seu pai?

Àquela altura, elas haviam chegado ao enorme armário de jade. Lu Xin abriu a porta com o quadril, deu um passo para trás e deixou cair sua metade do corpo ali dentro.

— Ele seria meu marido — disse, friamente. — Um esposo horrível. Os ancestrais aprovaram nosso casamento, mas eu, não. Não há motivo, quando se gosta de romance, para sentir gratidão por ter homens ricos e poderosos ao seu redor. — Ela analisou Luce, que abaixou os pés do rei vagarosamente dentro do armário. — De que região você vem, onde não ouviu falar sobre o noivado do rei? — Lu Xin havia notado as roupas maias de Luce. Ela tocou na barra da curta saia marrom. — Você foi contratada para atuar no casamento? É alguma espécie de dançarina? Uma animadora?

— Não exatamente. — Luce sentiu a face corar ao abaixar a saia contra os quadris. — Olhe, não podemos simplesmente deixar o corpo

aqui. Alguém o encontrará. Quero dizer, ele é o rei, certo? E há sangue por toda a parte.

Lu Xin colocou a mão dentro do armário e puxou um vestido de seda carmim. Apoiou-o sobre seus joelhos e rasgou uma longa tira do tecido. Era uma linda vestimenta de seda macia, com pequenos botões de flores pretos bordados na gola. Ela pegou um segundo vestido, azul, e atirou-o para que Luce a ajudasse a limpar o sangue.

— Tudo bem — disse Luce. — Mas ainda tem a faca — e apontou para o brilhante punhal de bronze, coberto até o cabo com o sangue do rei.

Em menos de um segundo, Lu Xin escondeu-a em uma dobra do vestido. Ela olhou para Luce, como se dissesse: "mais alguma coisa?"

— O que é aquilo? — Luce apontou para o que parecia ser o topo de um casco de tartaruga. Ela vira o objeto cair da mão do rei quando moveram o corpo.

Lu Xin estava ajoelhada. Ela soltou o trapo ensopado de sangue e envolveu o casco com as mãos em concha.

— O osso oracular — disse, baixinho. — Mais importante que qualquer rei.

— O que é isso?

— Ele contém as respostas da Divindade Superior.

Luce se aproximou, ajoelhando para observar o objeto que exercia tamanho efeito sobre a garota. O osso oracular não passava do casco de uma tartaruga, mas era pequeno, polido e imaculado. Quando Luce se inclinou, percebeu que alguém havia pintado algo com traços suaves e pretos na parte inferior do casco:

Lu Xin é fiel a mim ou ama a outro?

Lágrimas encheram os olhos de Lu Xin, quebrando a fria determinação que ela havia demonstrado a Luce.

— Ele perguntou aos ancestrais — sussurrou ela, fechando os olhos. — Eles devem ter lhe contado sobre minha traição. Eu... não pude evitar.

Daniel. Ela provavelmente falava sobre Daniel. Um amor secreto que ela escondera do rei. Porém, não fora capaz de esconder muito bem.

O coração de Luce se conectou a Lu Xin. Ela entendia, com cada fibra da sua alma, exatamente o que a garota sentia. Elas compartilhavam um amor que rei nenhum poderia destruir, que ninguém poderia apagar. Um amor mais poderoso que a natureza.

Ela abraçou Lu Xin com força.

E sentiu o chão se afundar embaixo delas.

Não fora sua intenção! Porém, seu estômago já se revirava e sua visão falhava incontrolavelmente; ela se viu externamente, parecendo esquisita e selvagem e segurando com força seu eu do passado. Então, o quarto parou de girar e Luce se viu sozinha, segurando o osso oracular. Havia acabado. Ela se tornara Lu Xin.

— Eu sumo durante três minutos e você entra no modo 3D? — disse Bill, irritado. — Será que uma gárgula não pode sequer tomar uma bela xícara de chá de jasmim sem que sua protegida cave a própria cova? Você chegou a pensar no que acontecerá quando os guardas baterem naquela porta?

Houve uma batida alta na grande porta de bambu do quarto principal.

Luce pulou.

Bill cruzou os braços sobre o peito.

— Falando no diabo... — disse ele. Então soltou um grito agudo e afetado: — "Ah, Bill! Por favor, me ajude, Bill, o que eu faço agora? Não pensei em lhe fazer perguntas *antes* de me colocar em uma *situação extremamente idiota*, Bill!"

Contudo, Luce não precisou perguntar nada a Bill. O conhecimento já aparecia na mente de Lu Xin. Ela sabia que aquele dia seria marcado não apenas pelo suicídio de um rei sórdido, mas por algo ainda maior, ainda mais sombrio e sangrento: um enorme confronto entre exércitos. Quem batia à porta era o conselho do rei, que aguardava para conduzi-lo à guerra. Ele deveria liderar as tropas.

O rei, porém, estava morto e enfiado no armário.

E Luce estava dentro do corpo de Lu Xin, escondida nos aposentos privados dele. Se a encontrassem ali, sozinha...

— Rei Shang. — Batidas fortes ecoaram pelo quarto. — Aguardamos suas ordens.

Luce ficou imóvel, congelada no vestido de seda de Lu Xin. Não havia rei Shang. Seu suicídio deixara o governo sem rei, os templos sem um sumo sacerdote e o exército sem general imediatamente antes de uma batalha para defender a dinastia.

— Isso é o que se chama um regicídio em hora errada — comentou Bill.

— O que eu faço? — Luce se virou para olhar o armário, estremecendo ao olhar para o rei. Seu pescoço estava virado em um ângulo não natural, e o sangue no seu peito secara, adquirindo um tom enferrujado. Lu Xin odiara o rei quando ele estava vivo. Luce sabia que as lágrimas que corriam pela sua face não eram de tristeza, mas de medo pelo que aconteceria com seu amado, De.

Três semanas antes, Lu Xin ainda morava na fazenda de painço da sua família, às margens do rio Huan. Certa tarde, ao passar pelo vale do rio em sua carruagem cintilante, o rei vira Lu Xin cuidando das plantações. Decidira que gostara dela. No dia seguinte, dois guardas bateram à sua porta. Ela foi obrigada a abandonar sua família e seu lar. E a deixar De, um belo e jovem pescador da vila vizinha.

Antes da convocação do rei, De ensinara Lu Xin a pescar, usando seu par de biguás de estimação e amarrando frouxamente uma corda ao redor dos seus pescoços, de forma que eles pudessem apanhar diversos peixes com a boca, mas não conseguissem engoli-los. Ao ver De retirar gentilmente os peixes dos estranhos bicos dos pássaros, Lu Xin se apaixonara por ele. E, na manhã seguinte, fora obrigada a dizer adeus. Para sempre.

Ou, ao menos, foi o que pensara.

Havia 19 luas que Lu Xin não via De, e sete luas desde que recebera um pergaminho da sua família, que trazia más notícias: De e outros jovens de fazendas próximas haviam fugido para se unir ao exército rebelde, e, logo depois, os soldados do rei destruíram a vila, procurando pelos desertores.

Com a morte do rei, os homens de Shang não teriam misericórdia com Lu Xin, e ela jamais reencontraria De, jamais estaria realmente com Daniel.

A menos que o conselho do rei não descobrisse que ele estava morto.

O armário estava cheio de vestimentas coloridas e exóticas, mas um objeto lhe chamou a atenção: um capacete grande e curvo. Era pesado e feito basicamente de tiras espessas de couro, fortemente costuradas. Na frente, havia uma chapa macia de bronze onde fora esculpido um dragão cuspindo fogo. O dragão era o signo zodiacal do ano de nascimento do rei.

Bill voou até ela.

— O que está fazendo com o capacete do rei?

Luce colocou o capacete na cabeça e enfiou os cabelos pretos sob ele. Então, abriu a outra porta do armário, empolgada e nervosa com o que encontrara.

— O mesmo que estou fazendo com a armadura dele — respondeu ela, juntando vários objetos pesados. Ela pegou um par de largas calças de couro, uma túnica pesada, também de couro, um par de luvas de malha, sapatos de couro, que certamente eram grandes demais, mas que ela precisaria dar um jeito de fazer servir, e uma armadura de bronze feita com chapas sobrepostas. O mesmo dragão preto cuspindo fogo estava desenhado na frente da túnica. Era difícil acreditar que alguém seria capaz de lutar em uma guerra sob o peso daquelas roupas, mas Lu Xin sabia que o rei, na verdade, não combatia: ele apenas liderava as batalhas de dentro da sua carruagem de guerra.

— Não é hora de se fantasiar! — Bill cutucou Luce com uma das garras. — Você não pode sair assim.

— Por que não? Essas roupas me servem. Quase. — Ela dobrou a parte de cima das calças para prendê-las com o cinto.

Perto da bacia cheia de água, ela achou um espelho de metal polido, rodeado por uma moldura de bambu. No reflexo, o rosto de Lu Xin estava disfarçado pela espessa chapa de bronze do capacete. Seu corpo parecia robusto e forte sob a armadura de couro.

Luce se dirigiu à saída do quarto de vestir, voltando ao quarto de dormir.

— Espere! — gritou Bill. — O que você vai dizer que aconteceu ao rei?

Luce se virou para Bill e ergueu o pesado capacete de couro, de forma que ele pudesse ver seus olhos.

— *Eu* sou o rei agora.

Bill piscou e, pela primeira vez, não tentou retrucar.

Uma onda de força atravessou Luce. Disfarçar-se de chefe do exército era, ela percebeu, exatamente o que Lu Xin teria feito. Sendo

um soldado comum, De obviamente estaria na frente da batalha. E ela o encontraria. Mais uma vez, houve batidas na porta.

— Rei Shang, o exército Zhou está avançando. Somos obrigados a solicitar vossa presença!

— Acho que tem alguém falando com você, *rei Shang* — o tom de voz de Bill mudara. Estava grave, rascante e ecoava pelo quarto tão violentamente que Luce estremeceu, mas não se virou para olhá-lo. Ela soltou a pesada tranca de bronze e abriu a grossa porta de bambu.

Três homens vestindo túnicas marciais nos tons vermelho vivo e amarelo saudaram-na ansiosamente. No mesmo instante, Luce reconheceu os conselheiros mais próximos do rei: Hu, com dentes minúsculos e olhos estreitos e amarelados; Cui, o mais alto, com ombros largos e olhos arredondados; e Huang, o mais novo e mais gentil.

— O rei já está pronto para a guerra — disse Huang, espiando o quarto vazio atrás de Luce, com uma expressão confusa. — O rei parece... diferente.

Luce congelou. O que dizer? Nunca ouvira a voz do rei morto, e era excepcionalmente ruim em imitações.

— Sim — concordou Hu. — Parece descansado.

Após um longo e aliviado suspiro, Luce assentiu rigidamente, tomando cuidado para que o capacete não caísse da sua cabeça.

Os três homens gesticularam para que o rei — Luce, na verdade — seguisse pelo corredor de mármore. Huang e Hu andavam ao lado dela e murmuravam sobre o triste estado do moral dos soldados. Cui andava atrás de Luce, o que a deixava pouco à vontade.

O palácio era interminável — havia tetos altos com cumeeiras, todos branquíssimos, as mesmas estátuas em jade e em ônix a cada curva, e os mesmos espelhos com molduras de bambu nas paredes. Quando finalmente atravessaram a última porta e saíram na manhã

cinzenta, Luce viu a carruagem vermelha de madeira à distância, e seus joelhos quase falharam.

Ela precisava encontrar De, mas ir à guerra a aterrorizava.

Na carruagem, os membros do conselho do rei reverenciaram-na e beijaram sua mão. Ela se sentiu grata pelas luvas de malha, mas, ainda assim, retirou a mão rapidamente, temendo que sua pele a entregasse. Huang passou-lhe uma longa lança, com punho de madeira e uma ponta curva.

— Vossa alabarda, majestade.

Ela quase deixou a pesada arma cair.

— Eles vos levarão até onde se possa vislumbrar as linhas de frente da batalha — disse ele. — Nós seguiremos a carruagem, liderando a cavalaria.

Luce se virou para a carruagem. Era basicamente uma plataforma de madeira sobre um longo eixo que conectava duas grandes rodas de madeira, conduzida por dois fortes cavalos pretos. O veículo tinha um tom vermelho laqueado e brilhante e espaço suficiente para cerca de três pessoas, sentadas ou em pé. O forro de couro e as cortinas poderiam ser removidos durante a batalha, mas, por enquanto, davam ao passageiro certa privacidade.

Luce subiu, atravessou as cortinas e sentou-se. O assento era forrado com pele de tigre. Um cocheiro com bigode fino assumiu as rédeas, e outro soldado, com olhos caídos e portando um machado de batalha, subiu na carruagem para ficar ao lado do rei. Ao estalar do chicote, os cavalos saíram a galope e Luce sentiu as rodas girarem embaixo dela.

Enquanto passavam pelos altos e austeros portões do palácio, raios de sol atravessavam bolsões de névoa sobre um grande terreno de terra cultivada. A paisagem era linda, mas Luce estava nervosa demais para apreciar aquilo.

— Bill — sussurrou ela. — Uma ajudinha?

Nenhuma resposta.

— *Bill?*

Ela espiou pelas cortinas, mas aquilo apenas atraiu a atenção do soldado de olhos caídos, que era, supostamente, o guarda-costas do rei durante aquela jornada.

— Vossa Majestade, por favor; para vossa segurança, devo insistir. — Ele gesticulou para que Luce voltasse ao interior do veículo.

Luce soltou um gemido e reclinou-se no assento acolchoado da carruagem. As ruas pavimentadas da cidade provavelmente haviam chegado ao fim, pois o trajeto se tornara incrivelmente acidentado. Luce era atirada contra o banco, sentindo como se estivesse em uma montanha-russa de madeira. Seus dedos agarraram o acolchoado felpudo.

Bill fora contra aquela ideia. Será que ele estava lhe ensinando uma lição, sumindo quando ela mais precisava da ajuda dele?

Seus joelhos chacoalhavam a cada buraco na estrada. Ela não tinha a menor ideia de como encontrar De. Se os guardas do rei sequer a deixavam olhar pelas cortinas, como a deixariam se aproximar da linha de frente da batalha?

No entanto...

Certa vez, há milhares de anos, seu eu havia se sentado sozinho naquela carruagem, fingindo ser um rei já morto. Luce era capaz de sentir: mesmo se não houvesse tomado o corpo dela, Lu Xin estaria ali naquele momento.

E sem a ajuda de uma gárgula geniosa e esquisita. E, o que é mais importante, sem todo o conhecimento que Luce conseguira reunir até àquela altura da sua busca. Ela vira a glória incontida de Daniel em Chichén Itzá. Presenciara e, por fim, entendera a profundidade da maldição dele em Londres. Vira sua tentativa de suicídio no Tibete e

como tentara salvá-la de uma vida terrível em Versalhes. Ela observara Daniel dormir para esquecer a dor da morte dela na Prússia, como se estivesse sob um feitiço. Vira ele se apaixonar por ela mesmo sendo esnobe e imatura, em Helston. Tocara as cicatrizes das suas asas em Milão e entendera do quanto ele abrira mão no Céu para estar com ela. Conhecera seu olhar sofrido quando ele a perdeu em Moscou, sabendo que ele vivera a mesma dor inúmeras vezes.

Luce devia a ele uma descoberta sobre como quebrar essa maldição.

A carruagem parou subitamente, e Luce quase foi atirada para longe do assento. Do lado de fora, ouvia-se o som trovejante de cascos de cavalos — o que era estranho, pois a carruagem estava parada.

Havia alguém ali.

Luce ouviu metais tinindo e um longo gemido de dor. A carruagem foi balançada com violência e algo pesado caiu no chão.

Houve mais sons de metais tinindo, mais gemidos, um grito áspero e outro baque no chão. Com as mãos trêmulas, Luce abriu uma brecha de um milímetro nas cortinas de couro e viu o soldado de olhos caídos deitado sobre uma poça de sangue.

A carruagem do rei caíra em uma emboscada.

As cortinas foram escancaradas por um dos insurgentes. O lutador ergueu a espada.

Luce não pôde evitar: gritou.

A espada parou no ar — e, então, a mais cálida das sensações invadiu Luce, inundando suas veias, acalmando seus nervos e desacelerando as batidas do seu coração.

O lutador era De.

Seu capacete de couro cobria os cabelos pretos na altura dos ombros, mas deixava seu rosto maravilhosamente à mostra. Seus olhos violeta se destacavam contra a pele levemente marrom. Ele

parecia, ao mesmo tempo, espantado e esperançoso. Havia sacado a espada, mas segurava-a como se sentisse que não devesse atacar. Rapidamente, Luce tirou o capacete e jogou-o sobre o assento.

Seus cabelos escuros cascatearam para baixo, os cachos descendo até a barra da armadura de bronze. Sua visão se nublou quando seus olhos se encheram de lágrimas.

— Lu Xin? — De abraçou-a com força. Seu nariz roçou o dela, e ela apoiou a face na dele, sentindo-se quente e segura. Ele parecia incapaz de parar de sorrir. Ela levantou a cabeça e beijou a linda curva dos seus lábios. Ele correspondeu ao beijo com desejo, e Luce se embebedou daquele momento maravilhoso, sentindo o peso do corpo dele contra o próprio e desejando que não houvesse tantas armaduras pesadas entre eles.

— Você era a última pessoa que eu esperava ver — disse De, baixinho.

— Eu poderia dizer o mesmo — disse ela. — O que está fazendo aqui?

— Quando me uni às forças rebeldes de Zhou, jurei matar o rei e recuperar você.

— O rei está... Ah, nada disso importa — sussurrou Luce, beijando a face e as pálpebras dele e abraçando com força seu pescoço.

— Nada importa — repetiu De. — Além de estar com você.

Luce lembrou-se do brilho luminoso dele em Chichén Itzá. Vê-lo em outras vidas, em locais e em épocas tão distantes da sua... Cada uma delas confirmara o quanto ela o amava. O laço entre eles era inquebrável — era claro pelo modo como se olhavam, como podiam ler os pensamentos um do outro, como podiam se completar.

Mas, como ela poderia esquecer a maldição à qual estavam submetidos por toda a eternidade? E sua busca para quebrá-la? Ela

fora longe demais para esquecer que ainda havia obstáculos impedindo que ela e Daniel ficassem realmente juntos.

Cada vida lhe ensinara algo. Certamente essa vida teria sua própria lição. Se ela apenas soubesse o que buscar!

— Ouvimos dizer que o rei viria até aqui para guiar as tropas — explicou De. — Os rebeldes planejaram emboscar a cavalaria do rei.

— A cavalaria está a caminho — disse Luce, lembrando-se das instruções de Huang. — Chegará a qualquer momento.

Daniel assentiu.

— E, quando chegar, os rebeldes esperarão que eu lute.

Luce estremeceu. Ela estivera com Daniel em duas ocasiões de preparação para batalhas e, em ambas, as consequências foram coisas que ela jamais queria ver novamente.

— O que devo fazer enquanto você...

— Não vou lutar, Lu Xin.

— O quê?

— Essa não é nossa guerra. Nunca foi. Podemos ficar e lutar as batalhas dos outros ou podemos fazer o que *sempre* fizemos e escolher um ao outro acima de todo o resto. Entende o que eu quero dizer?

— Sim — sussurrou ela. Lu Xin não conhecia o significado mais profundo das palavras de De, mas Luce teve quase certeza de que compreendera: Daniel a amava, ela o amava, e eles escolhiam estar juntos.

— Eles não nos deixarão partir com tanta facilidade. Os rebeldes me matarão por desertar. — Ele recolocou o capacete na cabeça dela. — Você também precisará lutar para sair dessa.

— O quê? — sussurrou ela. — Não sei lutar. Mal consigo levantar essa coisa... — Ela gesticulou em direção à alabarda. — Não posso...

— Sim — disse ele, dando um significado profundo àquela única palavra. — Você pode.

A carruagem encheu-se de luz. Por um instante, Luce pensou que estava tudo acabado, que naquele momento Lu Xin se queimaria em chamas e sua alma seria exilada para as sombras.

Contudo, não foi o que aconteceu. A luz saía do peito de De. Era o brilho da alma de Daniel. Não era tão forte e radiante quanto no dia do sacrifício maia, mas era capaz de tirar o fôlego. Aquilo lembrou a Luce o brilho da sua alma quando viu Lu Xin pela primeira vez. Talvez ela estivesse aprendendo a *enxergar* o mundo como ele realmente era. Talvez, finalmente, a ilusão estivesse desaparecendo.

— Certo — disse ela, enfiando os longos cabelos pretos dentro do capacete. — Vamos.

Eles abriram as cortinas e se colocaram sobre a plataforma da carruagem. Na frente deles, uma força rebelde de vinte homens montados a cavalo aguardava perto de um morro, a talvez 15 metros do local onde a carruagem do rei fora emboscada. Eles vestiam roupas simples de camponeses: calças marrons e camisas ásperas e imundas. Seus escudos exibiam o desenho de ratos, símbolo do exército de Zhou. Todos esperavam ordens de De.

O barulho de centenas de cascos de cavalos batendo no chão chegou a eles, vindo do vale. Luce entendeu que todo o exército de Shang estava ali embaixo, sedento por sangue. Pôde ouvi-los entoar uma antiga canção de guerra, que Lu Xin conhecia desde que aprendera a falar.

E, em algum lugar atrás deles, Luce sabia que Huang e o restante dos soldados particulares do rei estavam a caminho do que acreditavam ser uma rendição. Eles estavam se dirigindo a um banho de sangue, a uma emboscada, e Luce e Daniel precisavam fugir antes que eles chegassem.

— Siga meu comando — murmurou De. — Seguiremos para os morros a oeste, o mais longe que nossos cavalos conseguirem nos

levar.

Ele libertou um dos cavalos da carruagem e entregou-o a Luce. O animal era impressionante, preto como carvão, com uma marca branca em forma de losango no peito. De ajudou Luce a montá-lo, segurando a alabarda do rei em uma das mãos e um arco na outra. Luce nunca atirara ou sequer tocara em um arco antes, e Lu Xin somente o utilizara uma vez, para afastar um lince do berço da sua irmã quando ela era um bebê. Porém, a arma era leve, e Luce soube que, se fosse preciso, seria capaz de usá-la.

De sorriu diante da escolha dela e assobiou para chamar o próprio cavalo. Uma bela égua malhada se aproximou, trotando, e ele saltou sobre ela.

— De! O que está fazendo? — gritou uma voz alarmada, vinda da linha onde estavam os cavalos. — Você deveria matar o rei, não montá-lo em um dos nossos cavalos!

— Sim! Mate o rei! — gritou um coro de vozes raivosas.

— O rei está morto! — gritou Luce, silenciando os soldados. A voz feminina por trás do capacete fez com que todos abafassem um grito de assombro. Eles ficaram congelados, sem saber se erguiam ou não as armas.

De aproximou-se do cavalo de Luce e pegou sua mão. As dele eram mais cálidas, fortes e reconfortantes do que qualquer coisa que ela jamais houvesse sentido.

— Não importa o que aconteça, eu amo você. Nosso amor é tudo para mim.

— E para mim — sussurrou Luce.

De soltou um grito de guerra, e os cavalos dispararam em um galope veloz. O arco quase escorregou da mão de Luce quando ela se inclinou para a frente, a fim de segurar as rédeas.

Então, os soldados rebeldes começaram a gritar:

— Traidores!

— Lu Xin! — a voz de De ergueu-se sobre o mais estridente dos gritos e sobre o mais pesado ressoar dos cascos dos cavalos. — *Vá!* — Ele levantou o braço, apontando em direção aos morros.

O cavalo dela galopava tão rapidamente que era difícil enxergar algo com clareza. O mundo zunia ao seu redor em um barulho aterrorizante. Um grupo de soldados rebeldes perseguia-os, e o barulho dos cascos dos seus cavalos parecia tão alto quanto um terremoto.

Até que um rebelde se aproximasse de Daniel com uma alabarda, Luce esquecera que havia um arco nas suas mãos. Ela o ergueu sem esforço, ainda incerta sobre como usá-lo, sabendo apenas que mataria qualquer um que tentasse ferir Daniel.

Agora.

Ela soltou a flecha. Para seu choque, ela matou o rebelde, fazendo-o cair do cavalo. Ele tombou em meio a uma nuvem de poeira. Ela olhou, horrorizada, para trás na direção do homem com uma flecha atravessada no peito, jogado no chão.

— Não pare! — gritou De.

Ela engoliu com dificuldade, deixando que o cavalo a guiasse. Algo acontecia. Luce começou a se sentir mais leve na sela, como se a gravidade subitamente tivesse menos poder sobre ela, como se a confiança de De a desse forças para que ela pudesse passar por tudo aquilo. Ela era capaz. Poderia fugir com ele. Colocou outra flecha no arco e disparou, repetindo a ação. Não mirava em ninguém — era apenas autodefesa —, mas havia tantos soldados no seu encalço que logo ela já não tinha flechas. Sobraram apenas duas.

— De! — gritou ela.

Ele estava praticamente fora da sela, usando um machado para atacar um soldado de Shang. As asas de De não estavam abertas, mas

era como se estivessem — ele parecia mais leve que o ar e, contudo, mortalmente habilidoso. Daniel matava seus inimigos com tanta destreza que suas mortes eram instantâneas e o menos dolorosas possível.

— De! — gritou ela, mais alto.

Ao som da sua voz, a cabeça dele se ergueu. Luce se inclinou sobre a sela para mostrar a aljava quase vazia. Ele atirou-lhe uma espada de lâmina curva.

Ela a segurou pelo cabo. A sensação que isso lhe trouxe foi de estranha naturalidade. Então, ela se lembrou: as aulas de esgrima em Shoreline. Na sua primeira luta, ela destruíra Lilith, uma colega cruel e vaidosa que praticara esgrima por toda a vida.

Certamente poderia repetir o feito.

Nesse momento, um guerreiro pulou para o cavalo dela. O súbito peso fez com que o animal cambaleasse e Luce soltasse um grito, mas, um instante depois, o soldado teve a garganta cortada e o corpo atirado ao chão enquanto a espada dela brilhava com sangue fresco.

Luce sentiu um calor repentino no peito. Todo o seu corpo estremeceu. Ela investiu para diante, esporeando o cavalo à velocidade máxima, cada vez mais rapidamente, até que...

O mundo ficou branco.

Depois, preto.

Por fim, ele explodiu em cores brilhantes.

Luce ergueu a mão para bloquear a luz, mas ela não vinha do exterior. O cavalo continuou galopando sob seu corpo. O punhal continuou na sua mão, ainda investindo para a direita e para a esquerda, em gargantas, em peitos. Os inimigos continuavam caindo aos seus pés.

Porém, de alguma maneira, Luce já não estava ali. Muitas visões, que provavelmente pertenciam a Lu Xin, tomaram conta da sua mente

— e, em seguida, algumas que jamais poderiam ter pertencido a Lu Xin.

Ela viu Daniel pairando acima dela, com suas roupas simples de camponês... Entretanto, um momento depois, ele estava sem blusa, com longos cabelos loiros... E, subitamente, usava um elmo de cavaleiro, cujo visor ele levantava para beijá-la... Porém, antes disso, ele se transformou no seu eu do presente, o Daniel que ela deixara no quintal da casa dos seus pais em Thunderbolt.

Era esse Daniel, percebeu ela, por quem ela procurara durante todo esse tempo. Ela esticou a mão para alcançá-lo, chamou seu nome, mas ele se transformou novamente. E mais uma vez. Ela viu mais versões dele do que achou ser possível, cada uma mais maravilhosa do que a anterior. Eles se dobravam um sobre o outro, como em uma enorme sanfona, e cada imagem girava e se alterava sob a luz do céu atrás dele. O perfil do nariz, a linha do maxilar, o tom da pele, o formato dos lábios: tudo entrava e saía de foco, metamorfoseando-se incessantemente. Tudo, menos seus olhos.

Seus olhos violeta continuavam iguais. Eles a perseguiam, escondendo algo terrível que ela não entendia. Algo que *não* queria entender.

Medo?

Nas visões, o terror nos olhos de Daniel era tão intenso que Luce, na verdade, quis desviar o olhar da beleza deles. O que alguém tão poderoso quanto Daniel poderia temer?

Apenas uma coisa: a morte de Luce.

Ela vivenciava uma montagem de inúmeras das suas mortes. Era assim que ficavam os olhos de Daniel, ao longo das eras, logo antes da sua combustão. Ela já vira aquele medo nele. Odiava aquilo, pois significava que o tempo deles havia acabado. Ela podia enxergar isso

em cada um dos rostos dele. O medo passava por todas as eras e lugares. De repente, ela soube que era algo mais que isso...

Ele não sentia medo *por* ela entrar na escuridão de mais uma morte. Ele não temia que aquilo fosse lhe causar dor.

Daniel sentia medo *dela*.

— Lu Xin! — gritou ele, no campo de batalha, chamando-a. Luce conseguiu vê-lo através da névoa de imagens. Daniel era a única coisa que ela via claramente; todo o restante estava iluminado por uma luz excepcionalmente branca. Inclusive *dentro* dela. Será que seu amor por Daniel a queimava? Será que a paixão dela, não a dele, a destruía?

— Não! — A mão dele procurou a de Luce.

Mas era tarde demais.

Sua cabeça doía. Ela não queria abrir os olhos.

Bill voltara, o chão era gelado, e Luce estava imersa em uma escuridão bem-vinda. Uma cachoeira desaguava em algum lugar ao fundo, espirrando água em seu rosto quente.

— Você se saiu bem, afinal — disse ele.

— Não soe tão desapontado — disse Luce. — Que tal explicar onde estava?

— Não posso. — Bill fez um gesto sobre os lábios grossos para mostrar que estavam selados.

— Por que não?

— É pessoal.

— É sobre Daniel? — perguntou ela. — Ele conseguiria ver você, não é? E, por algum motivo, você não quer que ele saiba que está me ajudando.

Bill desdenhou.

— Meus compromissos não são sempre relativos a *você*, Luce. Tenho outras coisas na minha agenda. Além disso, você ultimamente parece bastante independente. Talvez seja hora de finalizarmos nosso pequeno acordo e tirar as rodinhas da sua bicicleta. Para que você ainda precisa de mim?

Luce estava exausta demais para ceder àquela provocação — e espantada demais depois do que vira.

— É inútil — disse ela.

Toda a ira saiu de Bill, como um balão soltando o ar:

— Como assim?

— Quando eu morro, não é a consequência de algo que *Daniel* faz. É alguma coisa que acontece em mim. Talvez o amor dele traga isso à tona, porém... A culpa é minha. Deve fazer parte da maldição, mas não tenho ideia do que significa. Tudo o que sei é que vi algo nos olhos dele logo antes de morrer; e ele tem sempre o mesmo olhar.

Bill inclinou a cabeça e disse:

— Até agora.

— Eu o faço mais infeliz do que feliz — disse ela. — Se ele ainda não desistiu de mim, deveria. Não posso continuar fazendo isso com ele.

Luce deixou a cabeça pender entre as mãos.

— Luce? — Bill sentou-se sobre o joelho dela. Ali estava a estranha ternura que ele demonstrara quando a encontrou pela primeira vez. — Você quer esquecer essa charada interminável? Para o bem de Daniel?

Luce olhou para cima e enxugou os olhos.

— Você quer dizer... Para que ele não precise mais passar por isso? Existe algo que eu possa fazer?

— Existe um momento em cada uma das suas vidas, logo antes de você morrer, em que sua alma e seus dois corpos, o do passado e o atual, se separam. Esse momento dura apenas uma fração de segundo.

Luce o olhou rapidamente.

— Acho que já senti isso. No momento em que percebo que morrerei, logo antes de explodir em chamas?

— Exato. Está relacionado à forma como suas vidas se juntam na clivagem. Naquela fração de segundo, existe uma maneira de clivar, do seu corpo atual, sua alma amaldiçoada. É algo como extrair sua alma. Isso efetivamente extinguiria da maldição o irritante componente da reencarnação.

— Mas pensei que eu estava no final do ciclo de reencarnações, que eu não voltaria mais. Por causa do batismo. Porque eu nunca...

— Não importa. Você ainda corre o risco de ver esse ciclo terminar. Assim que você retornar ao presente, poderá morrer a qualquer momento, por causa do...

— Do meu amor por Daniel.

— Sim, algo do tipo — concordou Bill. —A menos que você rompa as amarras com seu passado.

— Então, eu me clivaria com uma Luce do passado, ela morreria como sempre...

— E você seria lançada para fora, como antes, mas, dessa vez, deixaria sua alma para trás, para que ela também morra. E o corpo ao qual você retornaria — ele cutucou o ombro dela —, esse aqui, viveria liberto da maldição colocada sobre você no início dos tempos.

— Eu não morreria mais?

— Não, a menos que pulasse de um prédio, entrasse em um carro com um assassino, tomasse um monte de remédios...

— Já entendi — interrompeu Luce. — No entanto, eu não... — Luce lutou para manter a voz firme. — Se Daniel me beijasse, eu não... Ou...

— Daniel não faria *nada*. — Bill a olhou, cheio de intenções. — Você não seria mais atraída por ele. Você seguiria em frente.

Provavelmente se casaria com algum sujeitinho sem graça e teria 12 filhos.

— Não.

— Você e Daniel estariam livres da maldição que você tanto odeia. *Livres*. Escutou? Ele poderia seguir em frente e ser feliz. Você não quer que Daniel seja feliz?

— Mas Daniel e eu...

— Daniel e você não significariam nada um para o outro. É uma dura realidade, é verdade. Mas, pense nisso: você não precisaria mais machucá-lo. Cresça, Luce. Há mais coisas na vida além de uma paixão adolescente.

Luce abriu a boca, mas não queria ouvir sua voz trêmula. Viver sem Daniel era inimaginável. Porém, também era inimaginável voltar à sua vida atual, tentar ficar com Daniel e isso a matar definitivamente. Ela se esforçara tanto para encontrar uma forma de quebrar a maldição e, no entanto, a resposta ainda se esquivava dela. Talvez essa fosse a solução. Parecia terrível, mas, se ela voltasse à sua vida e sequer conhecesse Daniel, não sentiria sua falta. O mesmo aconteceria com ele. Talvez fosse melhor. Para ambos.

Mas, não. Eles eram almas gêmeas. E Daniel adicionara mais coisas à vida dela do que apenas seu amor. Ariane, Roland e Gabbe. Até mesmo Cam. Por causa de todos eles, ela aprendera tanto a respeito de si mesma — o que queria, o que não queria, como ser respeitada. Por causa deles, ela crescera e se tornara uma pessoa melhor.

Se não fosse por Daniel, ela jamais iria para Shoreline, jamais encontraria amigos verdadeiros em Shelby e em Miles. Será que iria para a Sword & Cross? Onde estaria? *Quem* seria?

Ela poderia, um dia, ser feliz sem ele? Apaixonar-se por outra pessoa? Não conseguia suportar esse pensamento. A vida sem Daniel

parecia sombria — exceto por um feixe de luz ao qual Luce sempre voltava. E se ela jamais precisasse machucá-lo novamente?

— Digamos que eu considere essa ideia — Luce mal conseguiu emitir um sussurro — somente para pensar a respeito. Como isso aconteceria?

Bill estendeu a mão para trás e bem devagar desembainhou algo comprido e prateado de uma fina tira preta às suas costas. Ela nunca percebera aquilo. Ele segurava uma flecha fosca, com a ponta achatada, que ela reconheceu imediatamente.

Então, ele sorriu.

— Você já viu uma seta estelar?

DEZOITO



MÁS ORIENTAÇÕES

JERUSALÉM, ISRAEL • 27 DE NISSAN DE 2760

— Quer dizer que você não é tão horrível quanto parece? — perguntou Shelby a Daniel.

Eles estavam sentados à margem luxuriante de um antigo rio de Jerusalém, observando o horizonte onde os dois anjos caídos haviam acabado de se separar. Um tênue brilho dourado permanecia no céu, no ponto onde Cam estivera, e o ar começava a cheirar levemente a ovo podre.

— É claro que não. — Daniel mergulhou a mão na água fria. Suas asas e sua alma ainda ardiam por observar Cam fazer sua escolha. Como aquilo parecera simples para ele. Rápido e fácil.

E tudo por causa de um coração partido.

— É compreensível que Luce, quando descobriu que você e Cam estabeleceram uma trégua, tenha ficado arrasada. Ninguém pôde entender. — Shelby olhou para Miles em busca de confirmação. — Não é?

— Nós pensávamos que você escondia algo. — Miles tirou o boné de beisebol e coçou a cabeça. — A única coisa que sabíamos sobre Cam era que ele era totalmente mal.

Shelby fechou os dedos, imitando garras.

— Puro "*ssss!*", "*roar!*" e coisas assim.

— Poucas almas são apenas uma coisa — disse Daniel —, seja no Céu, no Inferno ou na Terra. — Ele se virou de costas, olhando para o céu a leste, em busca da poeira prateada que Dani teria deixado para trás ao abrir as asas e voar. Não havia nada.

— Desculpe — disse Shelby. — É muito estranho pensar em vocês como irmãos.

— Éramos todos uma família, antigamente.

— Tudo bem, mas isso foi há *milênios*.

— Você pensa que, por se manter por alguns milênios, um fato será imutável por toda a eternidade. — Daniel balançou a cabeça. — Tudo está em fluxo. Eu estava com Cam na Aurora dos Tempos e estarei ao seu lado no Fim dos Tempos.

As sobrancelhas de Shelby se ergueram, demonstrando descrença.

— Você acha que Cam vai mudar? Tipo, vai voltar para o lado da luz?

Daniel começou a se levantar.

— Nada permanece inalterável para sempre.

— E seu amor por Luce? — perguntou Miles.

Aquilo congelou Daniel:

— Ele também está mudando. Luce estará diferente, após essa experiência. Somente espero... — Ele olhou para Miles, que continuava sentado à margem do rio, e percebeu que não o odiava. Ao seu modo imprudente e idiota, os Nefilim apenas tentavam ajudar.

Pela primeira vez, Daniel podia dizer com sinceridade que não precisava de ajuda; conseguira toda a que precisava ao longo do

caminho, com suas versões do passado. Agora, finalmente, estava pronto para encontrar Luce.

Por que, então, continuava ali, parado?

— É hora de vocês voltarem para casa — completou ele, ajudando Shelby e Miles a se levantarem.

— Não — falou Shelby, estendendo a mão para Miles, que apertou a dela. — Fizemos um pacto. Voltaremos quando soubermos que ela...

— Não demorarei — interrompeu Daniel. — Acho que sei onde encontrá-la, e não é um lugar que vocês possam visitar.

— Vamos, Shel. — Miles já descolava a sombra da oliveira, lançada perto da margem do rio. Ela escorreu e girou nas suas mãos, parecendo de difícil manejo, como uma peça de argila prestes a ser girada no torno. Porém, Miles modelou-a, transformando-a em um impressionante portal escuro. Ele o pressionou levemente para abri-lo, fazendo um gesto para que Shelby entrasse antes dele.

— Vocês estão ficando bons nisso. — Daniel havia atraído seu Anunciador, convocando-o a partir da sombra do próprio corpo. O portal tremeu diante dele.

Pelo fato de os Nefilim não estarem ali graças a experiências próprias, precisariam saltar de Anunciador a Anunciador para voltar à própria era. Seria difícil. Daniel não desejaria enfrentar aquela jornada, mas os invejava por voltarem para casa.

— Daniel... — Shelby colocou a cabeça para fora do Anunciador. O corpo dela parecia deformado e enevoado entre as sombras. — Boa sorte.

Ela lhe deu adeus, assim como Miles, e ambos atravessaram o Anunciador. A sombra se fechou e se transformou em um ponto antes de sumir.

Contudo, Daniel não viu aquilo. Já havia partido.

O vento frio o envolveu.

Ele atravessou o tempo, mais rapidamente do que nunca, voltando a um local e a uma época aos quais ele pensara que jamais retornaria.

— Ei! — chamou uma voz. Era rouca, áspera e parecia estar ao lado de Daniel. — Dá para ir mais devagar?

Daniel se afastou do som.

— Quem é você? — perguntou ele para a escuridão invisível. — Mostre-se.

Nada surgiu diante dele. Daniel, então, abriu as asas brancas ondulantes, tanto para desafiar o intruso no seu Anunciador quanto para diminuir a própria velocidade. Elas clarearam o Anunciador com seu brilho, e Daniel sentiu sua tensão ceder um pouco.

Suas asas, completamente abertas, abarcavam toda a largura do túnel. As pontas — mais sensíveis ao toque — roçavam nas paredes úmidas do Anunciador, dando a Daniel uma sensação nauseante e claustrofóbica.

Na escuridão diante dele, uma figura, aos poucos, tornava-se visível.

Primeiro, as asas: pequenas e finas como teias de aranha. Depois, a cor do corpo ficou forte o bastante para que Daniel enxergasse um pequeno anjo branco dividindo com ele seu Anunciador. Daniel não o conhecia. Os traços do anjo eram suaves e inocentes, como os de um bebê. No túnel apertado, seus cabelos louros e finos voavam contra seus olhos prateados, graças à forte ventania que as asas de Daniel formavam a cada batida. Ele parecia jovem, mas, obviamente, era tão velho quanto qualquer um deles.

— Quem é você? — perguntou novamente Daniel. — Como entrou aqui? Você pertence à Balança?

— Sim. — Apesar da sua aparência infantil e inocente, a voz do anjo era bastante grave. Ele levou a mão às costas por um instante. Daniel pensou que talvez ele escondesse algo, provavelmente uma das armadilhas que os anjos usavam , mas ele simplesmente se virou para revelar uma cicatriz na nuca: a insígnia de sete pontas da Balança. — Pertenço à Balança — a voz profunda era rouca e granulosa — e gostaria de falar com você.

Daniel rangeu os dentes. A Balança deveria saber que ele não tinha qualquer respeito por eles ou por seus afazeres intrometidos. Porém, não importava o quanto Daniel odiasse seu comportamento pretensioso, que sempre buscava pressionar os anjos caídos para um dos lados: ele precisaria honrar suas solicitações. Algo parecia estranho em relação àquele anjo, mas quem, senão um membro da Balança, poderia invadir seu Anunciador?

— Estou com pressa.

O anjo assentiu, como se soubesse disso.

— Está em busca de Lucinda?

— Estou — respondeu Daniel, em um rompante. — Eu... Eu não preciso de ajuda.

— Precisa, sim. — O anjo assentiu. — Você perdeu a entrada... — Ele apontou para baixo, em direção a um ponto por onde Daniel passara. — Bem ali.

— Não...

— Sim. — O anjo sorriu, mostrando uma fileira de dentes minúsculos e afiados. — Nós esperamos e observamos. Vemos quem viaja por Anunciadores e aonde vão.

— Não sabia que policiar Anunciadores fazia parte da jurisdição da Balança.

— Há muito que você não sabe. Nós captamos o sinal de uma travessia de Lucinda. Agora, ela está quase chegando ao seu destino.

Você precisa ir atrás dela.

Daniel se enrijeceu. Somente anjos da Balança podiam enxergar entre Anunciadores. Era possível que um membro deles houvesse observado as viagens de Luce.

— Por que você me ajudaria a encontrá-la?

— Ah, Daniel... — O anjo franziu o rosto. — Lucinda é parte do seu destino. Queremos que você a encontre. Queremos que você seja sincero com sua natureza...

— E que me alinhe ao Céu — rosnou Daniel.

— Um passo de cada vez. — O anjo moveu as asas para trás e mergulhou pelo túnel. — Se quer alcançá-la — soou sua voz grave —, estou aqui para lhe mostrar o caminho. Sei onde estão os pontos de conexão. Posso abrir um portal através dos tempos passados.

Depois, com a voz mais baixa, o anjo continuou:

— Sem compromisso.

Daniel não sabia o que fazer. A Balança representava um incômodo para ele desde a guerra no Céu, mas, ao menos, seus objetivos eram transparentes. Eles desejavam que Daniel se alinhasse ao Céu e pronto. Por isso, Daniel concluiu que lhes seria conveniente levá-lo até Luce, caso pudessem.

Talvez o anjo tivesse razão. Um passo de cada vez. Somente encontrar Luce importava.

Daniel moveu as asas para trás como o anjo fizera e sentiu seu corpo se mover através da escuridão. Quando o alcançou, parou.

O anjo apontou:

— Lucinda atravessou por aqui.

A passagem nas sombras era estreita e perpendicular ao caminho pelo qual Daniel seguia. Não parecia mais certa ou mais errada que a trilha que ele percorria.

— Se isso der certo — disse ele —, eu lhe devo uma. Se não, perseguirei você até o encontrar.

O anjo continuou calado.

Então, Daniel pulou pela abertura sem nem mesmo olhar, sentindo a umidade do vento lamber suas asas e uma corrente de ar levá-lo rapidamente para frente — e ouvindo, em algum lugar bem longe, o levíssimo som de uma risada.

DEZENOVE



O TORVELINHO DA VIDA

MÊNFIS, EGITO • PERET: "TEMPO DE SEMEAR"
(OUTONO, APROXIMADAMENTE 3100 A.C)

— Você aí — gritou uma voz quando Luce cruzou o umbral do Anunciador. — Traga meu vinho. Em uma bandeja. E meus cães. Não: meus leões. Não: tudo.

Ela entrara em um amplo cômodo branco com paredes de alabastro e grossas colunas que apoiavam um teto grandioso. Havia no ar um leve aroma de carne sendo assada.

O lugar estava vazio, exceto por uma alta plataforma em um canto, que fora coberta com couro de antílope. Sobre ela, havia um trono colossal, esculpido em mármore e forrado com almofadas verde-esmeralda macias, cujo encosto era adornado por um arranjo decorativo de presas de marfim entrelaçadas.

O homem sentado no trono — com olhos delineados com tinta, peito nu, dentes cobertos com ouro, dedos cheios de joias e cabelos cor de ébano — falava com ela. Ele havia dado as costas para um

escriba de lábios finos e túnica azul, que segurava um papiro, e, agora, ambos encaravam Luce.

Ela limpou a garganta.

— "Sim, faraó" — sibilou Bill ao seu ouvido. — Diga apenas "sim, faraó".

— Sim, faraó! — gritou Luce através do enorme cômodo.

— Ótimo — disse Bill. — Agora, corra!

Atravessando uma porta sombreada atrás de si, Luce se viu em um pátio interno que rodeava um plácido espelho d'água. O ar estava gelado, mas o sol era cruel e arrasara as flores de lótus plantadas em vasos que ladeavam o corredor. O pátio era imenso, mas, estranhamente, Luce e Bill estavam sozinhos.

— Há algo estranho nesse lugar, certo? — Luce se manteve perto das paredes. — O faraó nem pareceu se assustar ao me ver entrar ali, vinda do nada.

— Ele é importante demais para *notar* as pessoas. Ele percebeu um movimento com sua visão periférica e deduziu que havia alguém ali para servi-lo. Apenas isso. Pela mesma razão, ele pareceu não se incomodar com sua roupa de guerra chinesa vinda de uma época dois mil anos posterior a essa — disse Bill, estalando os dedos de pedra. Então apontou para um nicho ensombreado no canto do pátio. — Fique ali. Eu já volto com algo mais *à la mode* para você vestir.

Antes que Luce pudesse tirar a incômoda armadura do rei Shang, Bill já havia voltado, trazendo um vestido egípcio simples. Ele a ajudou a tirar as roupas de couro e passar o vestido pela cabeça. A roupa tinha um drapeado em um dos ombros e a cintura marcada, e se afunilava em uma saia estreita, que continuava até um pouco acima dos tornozelos.

— Não está esquecendo nada? — disse Bill, com uma intensidade estranha.

— Ah! — Luce enfiou a mão na armadura de Shang, em busca da seta estelar de ponta embotada, guardada ali. Quando ela a pegou, pareceu muito mais pesada.

— Não toque a ponta! — disse Bill rapidamente, enrolando-a no tecido e amarrando-a. — Ainda não.

— Achei que ela somente pudesse ferir anjos. — Luce inclinou a cabeça, lembrando-se da batalha contra os Párias, da flecha que raspara no braço de Callie sem deixar qualquer arranhão, e de Daniel lhe dizendo para se manter longe do alcance da flecha.

— Quem lhe disse isso não contou toda a verdade — disse Bill. — Ela afeta seres *imortais*. Há uma parte imortal em você: a amaldiçoada, sua alma. A parte que você matará aqui, lembra-se? Para que seu eu mortal, Lucinda Price, possa ter uma vida normal.

— *Se* eu matar minha alma — retrucou Luce, segurando a seta estelar. Mesmo sob o tecido grosseiro do novo vestido, o objeto era quente ao toque. — Ainda não decidi se...

— Achei que havíamos resolvido isso. — Bill engoliu em seco. — As setas estelares são muito valiosas. Eu não lhe daria essa a menos que...

— Vamos procurar Layla.

Não apenas o silêncio estranho do palácio era perturbador: algo parecia diferente entre Luce e Bill. Desde que ele lhe dera a seta de prata, ambos estavam irritadiços um com o outro.

Bill inspirou profunda e roucamente.

— Certo. Egito Antigo. Estamos no início da dinastia na capital Mênfis. Voltamos bastante no tempo: cerca de 5 mil anos antes de Luce Price presentear o mundo com sua magnífica presença.

Luce revirou os olhos.

— Onde está meu eu?

— Por que eu ainda me importo em dar aulas de história? — disse Bill a uma plateia imaginária. — Ela só quer saber onde está seu outro eu. É tão egoísta que me dá nojo.

Luce cruzou os braços.

— Se você estivesse prestes a *matar sua alma*, acho que desejaria acabar logo com isso, antes que mudasse de ideia.

— Ah, então agora você decidiu? — Bill pareceu um pouco sem ar. — Ah, Luce! Esse é nosso último show juntos. Achei que ia querer saber os detalhes, em nome dos velhos tempos? Sua vida aqui foi realmente uma das mais românticas. — Ele se empoleirou no ombro dela, assumindo uma pose de contador de histórias. — Você era uma escrava chamada Layla. Enclausurada e solitária, nunca havia saído desse palácio. Até que, um dia, chegou o novo e belo comandante do exército... Adivinhe quem é?

Bill pairou ao lado dela enquanto Luce deixava a armadura chinesa empilhada em uma alcova e caminhava vagarosamente pela beirada do espelho d'água.

— Você e o determinado Donkor (vamos chamá-lo de Don) se apaixonam e tudo se torna maravilhoso, exceto por uma realidade cruel: Don está noivo da terrível filha do faraó, Auset. Nossa, o quão dramático é isso?

Luce suspirou. Sempre havia alguma complicação. Mais uma razão para dar fim a tudo aquilo. Daniel não deveria estar amarrado a um corpo mortal, envolvido em dramas inúteis apenas para estar com Luce. Não era justo com ele. Daniel sofria há tempo demais. Talvez ela *realmente* acabasse com tudo. Poderia encontrar Layla e unir-se ao seu corpo. Então, Bill lhe diria como matar sua alma amaldiçoada, e ela libertaria Daniel.

Ela caminhou pelo pátio extenso, pensando. Ao rodear a parte mais próxima ao espelho d'água, dedos se fecharam em torno do seu

pulso.

— Peguei você! — A garota que segurava Luce era magra e musculosa, com traços fortes e sedutores sob camadas e mais camadas de maquiagem. Nas suas orelhas havia pelo menos dez argolas e no pescoço, um pesado pingente de ouro, ornamentado com o que parecia ser meio quilo de joias preciosas.

A filha do faraó.

— Eu... — Luce começou a dizer.

— Não ouse dizer uma palavra! — falou grosseiramente Auset. — O som da sua voz patética é como pedra-pomes para meus tímpanos. Guarda!

Um homem enorme, com um longo rabo de cavalo preto e antebraços mais grossos que as pernas de Luce, apareceu. Carregava uma lança comprida de madeira, encimada por uma afiada lâmina de cobre.

— Prenda-a — ordenou Auset.

— Sim, Alteza — rosnou o guarda. — Sob qual acusação, Alteza?

A pergunta acendeu um fogo raivoso na filha do faraó.

— Roubo. De minha propriedade pessoal.

— Eu a prenderei até que o conselho arbitre sobre a questão.

— Já fizemos isso — disse Auset. — Contudo, aqui está ela, como uma víbora, capaz de escapar de qualquer amarra. Precisamos prendê-la em algum lugar do qual ela nunca possa fugir.

— Ordenarei uma vigilância constante...

— Não, não é o suficiente. — Algo sombrio cruzou o rosto de Auset. — Nunca mais quero ver essa garota. Jogue-a no túmulo do meu avô.

— Mas, Alteza, ninguém além do sumo sacerdote está autorizado a...

— Exatamente, Kafele — disse Auset, sorrindo. — Jogue-a pela escadaria e tranque a entrada. Quando o sumo sacerdote celebrar a cerimônia de lacre do túmulo essa noite, descobrirá essa violadora de tumbas e punirá seu erro como considerar adequado. — Ela se aproximou de Luce e escarneceu: — Você descobrirá o que acontece com aqueles que tentam roubar a família real.

Don. Ela quis dizer que Layla tentava roubar Don.

Luce não se importava se eles a prendessem e jogassem fora a chave, desde que ela pudesse se clivar com Layla antes. Senão, como poderia libertar Daniel? Bill pairava no ar, com ar pensativo enquanto tamborilando as garras nos seus lábios de pedra.

O guarda sacou um par de algemas do alforje preso à sua cintura e prendeu as correntes de ferro nos pulsos de Luce.

— Eu mesmo cuidarei disso — disse Kafele, arrastando-a atrás de si com uma corrente comprida.

— Bill! — sussurrou Luce. — Você precisa me ajudar!

— Nós pensaremos em algo — sussurrou Bill enquanto Luce era arrastada pelo pátio. Eles viraram uma esquina e entraram em um corredor escuro, onde havia uma enorme escultura de Auset parecendo sombriamente bela.

Quando Kafele se virou para olhar para Luce por ela parecer falar sozinha, seus longos cabelos pretos passaram silvando pelo rosto dela, o que deu a Luce uma ideia.

Ele nem percebeu o que estava por acontecer. Ela ergueu as mãos algemadas e puxou, com força, os cabelos dele, agarrando-lhe a cabeça com as unhas. Ele gritou e caiu para trás; escorria sangue de um arranhão comprido no seu couro cabeludo. Então, Luce lhe deu uma cotovelada na barriga.

Ele gemeu e se dobrou. A lança escapou das suas mãos.

— Você consegue tirar essas algemas? — sussurrou ela para Bill.

A gárgula contraiu as sobrancelhas. Um pequeno e breve raio disparou em direção às algemas, que sumiram com um chiado. Luce sentiu sua pele se aquecer no ponto onde elas estiveram.

— Nossa... — disse ela, olhando brevemente para seus pulsos nus. Então, pegou a lança que estava no chão e girou-a para levar a lâmina ao pescoço de Kafele.

— Estou um passo à frente, Luce — gritou Bill. Quando ela se virou, Kafele estava de costas, com os pulsos algemados ao redor de um dos tornozelos de pedra da réplica de Auset.

Bill limpou as mãos.

— Trabalho em equipe. — Ele olhou para baixo, encarando o pálido guarda. — É melhor a gente se apressar. Logo ele encontrará novamente as cordas vocais. Venha.

Bill guiou Luce rapidamente pelo corredor escuro, subiu um curto lance de escadas de arenito e atravessou mais um corredor iluminado por pequenas lamparinas de metal e ladeado por estátuas de argila representando falcões e hipopótamos. Havia dois guardas virando o corredor, mas, antes que vissem Luce, Bill empurrou-a por uma porta coberta por uma cortina.

Ela se viu em um quarto. Colunas de pedra, esculpidas para parecerem papiros enrolados, erguiam-se até o teto. Havia um longo divã de madeira incrustado com ébano perto de uma janela aberta e, em frente a ele, uma cama estreita, esculpida em madeira e folheada a ouro; brilhava.

— O que faço agora? — Luce se comprimiu contra a parede, caso algum passante resolvesse olhar para dentro do quarto. — Onde estamos?

— Esse é o quarto do comandante.

Antes que Luce pudesse entender que Bill queria dizer que se tratava do quarto de Daniel, uma mulher abriu a cortina e entrou no

quarto.

Luce estremeceu.

Layla usava um vestido branco com o mesmo corte que o de Luce. Seus cabelos eram grossos, lisos e brilhantes, e ela trazia uma peônia branca atrás de uma das orelhas.

Com um pesado sentimento de tristeza, Luce observou Layla deslizar até a penteadeira de madeira e derramar na lamparina óleo fresco, tirado de uma lata que ela carregava em uma bandeja preta. Essa era a última vida que Luce visitaria e aquele era o corpo onde ela se separaria da sua alma para que tudo aquilo pudesse terminar.

Quando Layla se virou para encher as lamparinas ao lado da cama, notou Luce.

— Olá — disse ela, em uma voz suave e rouca. — Está procurando alguém? — O contorno que destacava seus olhos parecia muito mais natural que a maquiagem de Auset.

— Sim, estou. — Luce não perdeu tempo. Quando ela estendeu a mão para segurar o pulso da garota, Layla olhou para algo atrás dela, para a porta, e seu rosto se enrijeceu, alarmado. — O que é *aquilo*?

Luce se virou e viu apenas Bill. Os olhos dele se arregalaram.

— Você consegue... — balbuciou ela para Layla. — Você consegue enxergá-lo?

— Não! — disse Bill. — Ela está falando sobre os passos que ouviu no corredor. É melhor você se apressar, Luce.

Luce girou o corpo para trás e segurou a mão cálida do seu outro eu, fazendo-a derrubar a lata de óleo no chão. Layla reprimiu um grito e tentou se afastar, mas, então, aconteceu.

A sensação de um poço se abrindo no estômago de Luce era quase familiar. O quarto girou — a única coisa em foco era a garota diante dela. Seus cabelos pretos como tinta, seus olhos sarapintados de

dourado, sua face rosada pelo amor. No meio da névoa, Luce piscou, e Layla também; e, do outro lado da piscadela...

O chão se assentou. Luce olhou para suas mãos. As mãos de Layla. Elas tremiam.

Bill havia sumido. Porém, ele tinha razão: ouvia-se mesmo passos no corredor.

Luce se abaixou para pegar a lata e virou-se contra a porta, para despejar o óleo na lamparina. Melhor que quem passasse por ali não a visse fazendo nada além do seu trabalho.

Os passos atrás dela pararam. Um roçar quente, de pontas de dedos, subiu pelos seus braços enquanto um corpo firme se pressionava contra suas costas. Daniel. Ela podia sentir seu brilho sem precisar se virar. Fechou os olhos. Ele abraçou sua cintura e seus lábios macios deslizaram pelo seu pescoço, parando abaixo da orelha.

— Encontrei você — sussurrou ele.

Ela se virou lentamente nos braços dele. A visão deixou-a sem fôlego. Ainda era seu Daniel, é claro, mas tinha uma pele muito mais escura, e os cabelos pretos e ondulados eram bem curtos. Ele usava apenas uma tanga de linho, sandálias de couro e uma gargantilha de prata. Seus olhos profundos e violeta focaram nela, felizes.

Don e Layla estavam profundamente apaixonados.

Luce apoiou o rosto contra seu peito e contou as batidas do coração dele. Seria a última vez em que ela faria isso, a última vez em que ele a abraçaria daquela forma? Ela estava prestes a fazer a coisa certa — o *melhor* para Daniel —, mas, ainda assim, pensar sobre aquilo lhe doía. Ela o amava! Se aquela jornada lhe ensinara alguma coisa, era o quanto ela realmente amava Daniel Grigori. Não parecia justo que ela fosse obrigada a tomar essa decisão.

E, contudo, ali estava ela.

No Antigo Egito.

Com Daniel. Pela última vez. Prestes a libertá-lo.

Os olhos dela se turvaram, cheios de lágrimas, quando ele beijou a cabeça dela.

— Não sabia se teríamos a chance de nos despedir — disse ele. — Partirei essa tarde para a guerra na Núbia.

Quando Luce ergueu a cabeça, Daniel segurou sua face úmida com as mãos em concha.

— Layla, eu voltarei antes da colheita. Por favor, não chore. Logo você voltará a entrar escondida no meu quarto, na calada da noite, com bandejas de romãs, como sempre fez. Eu prometo.

Luce inspirou profundamente, de forma entrecortada.

— Adeus.

— Adeus *por enquanto*. — O rosto dele ficou sério. — Repita: *adeus por enquanto*.

Ela balançou a cabeça:

— Adeus, meu amor. Adeus.

A cortina se abriu. Layla e Don se separaram do abraço enquanto um grupo de guardas, armado com lanças, irrompia no quarto. Kafele os liderava, com o rosto tomado pela raiva.

— Peguem a garota — ordenou, apontando para Luce.

— O que está acontecendo? — gritou Daniel enquanto os guardas rodeavam Luce e voltavam a algemar seus braços. — Ordeno que parem. Soltem-na.

— Sinto muito, comandante — disse Kafele. — Ordens do faraó. O senhor já deveria saber, a essa altura, que quando a filha do faraó não está contente, o faraó não está contente.

Eles arrastaram Luce para longe enquanto Daniel gritava:

— Eu vou atrás de você, Layla! Eu te encontrarei!

Luce sabia que era verdade. Não era assim que sempre acontecia? Eles se encontravam, ela entrava em apuros, ele a salvava — ano após

ano ao longo da eternidade, aquele anjo aparecia no último minuto para salvá-la. Era cansativo pensar a respeito.

Porém, dessa vez, quando ele chegasse até ela, Luce teria a seta estelar. O pensamento fez com que ela sentisse uma dor crua no estômago. Um poço de lágrimas se ergueu dentro dela mais uma vez, mas ela as engoliu. Ao menos conseguira dizer adeus.

Os guardas a conduziram por uma série interminável de corredores até chegarem ao exterior, sob o sol escaldante. Então, fizeram-na caminhar por ruas pavimentadas com pedras de formato irregular, atravessar um monumental portão em arco e passar por pequenas casas de arenito e plantações cintilantes e sedosas na saída da cidade. Eles a levavam até um enorme monte dourado.

Somente quando se aproximaram, Luce percebeu que se tratava de uma construção. A necrópole, concluiu ela ao mesmo tempo em que a mente de Layla se encheu de temor. Todos os egípcios sabiam que essa era a tumba do último faraó, Meni. Ninguém, além de alguns dentre os mais altos sacerdotes — e os mortos —, ousava se aproximar do local onde eram enterrados os corpos da realeza. O túmulo era protegido por feitiços e encantamentos, para guiar os mortos na jornada para a próxima vida e para afastar qualquer humano que ousasse se aproximar. Até mesmo os guardas que a levavam pareceram nervosos ao se aproximarem.

Em pouco tempo, eles entravam em um túmulo em formato de pirâmide, feito com tijolos de barro cozido. Todos pararam antes da entrada, com exceção dos dois guardas mais fortes. Kafele guiou Luce por uma porta escura e, depois, por um lance de escadas ainda mais sombrio. O outro guarda os seguiu, iluminando o caminho com uma tocha.

A luz tremeluzia nas paredes de pedra pintadas com hieróglifos, e, em alguns pontos, os olhos de Layla perceberam trechos de orações a

Tait, a deusa da tecelagem, pedindo ajuda para manter inteira a alma do faraó durante sua jornada para o além.

A cada tantos metros, passavam por portas falsas — recessos profundos nas paredes. Alguns deles, Luce notou, haviam sido um dia as entradas que levavam aos locais de repouso derradeiro de membros da família real. Agora, todas as portas estavam lacradas com rochas e cascalho, para que nenhum mortal pudesse transpô-las.

O caminho ficou mais frio, mais escuro. O ar tornou-se pesado e com um odor esmaecido de morte. Quando eles se aproximaram de uma porta aberta, no final do corredor, o guarda que carregava a tocha se recusou a seguir adiante: "Não serei amaldiçoado pelos deuses por causa da insolência dessa garota", disse ele. Portanto, Kafele precisou fazer sozinho o serviço. Ele afastou para o lado o ferrolho de pedra que prendia a porta; um cheiro forte e avinagrado irrompeu, empesteando o ar.

— Acha que tem alguma chance de fugir dessa vez? — perguntou ele, soltando os pulsos dela e empurrando-a para dentro.

— Sim — sussurrou Luce para si mesma enquanto a pesada porta de pedra se fechava atrás dela e o ferrolho era recolocado no lugar. — Somente uma.

Ela estava sozinha na completa escuridão. O frio fez sua pele doer.

Então, ela ouviu um ruído inconfundível — um choque de pedra sobre pedra —, e uma pequena luz dourada surgiu no centro da câmara, entre as mãos de Bill.

— Alô-alô. — Ele flutuou para um dos lados da câmara e despejou a bola de fogo sobre uma lamparina roxa e verde, opulentamente pintada. — Nos reencontramos.

À medida que os olhos de Luce se acostumavam, ela viu, antes de tudo o mais, inscrições nas paredes: eram os mesmos hieróglifos pintados no corredor, mas, ali, eram orações para o faraó: *Não vos*

decomponhais. Não apodreçais. Adentrai nas Estrelas Imortais. Havia baús tão cheios de moedas de ouro e de pedras preciosas laranja cintilantes que nem puderam ser fechados. Uma enorme coleção de obeliscos se espalhava diante dela. Ao menos dez cães e gatos embalsamados pareciam olhá-la.

A câmara era imensa. Ela rodeou um conjunto completo de móveis de dormitório, com uma penteadeira repleta do que pareciam ser cosméticos. Havia uma placa votiva, na frente da qual estava esculpida uma serpente de duas cabeças. Os pescoços entrelaçados formavam uma reentrância na pedra preta, cercada por um círculo feito com a tinta que se usava como sombra de olho, em um tom azul brilhante.

Bill observou Luce segurá-la.

— É preciso estar bem bonito no além.

Ele estava sentado na cabeça de uma escultura espantosamente real do antigo faraó. A mente de Layla disse a Luce que aquela obra representava o *ka* do faraó, *sua alma*, e que vigiava o túmulo — o verdadeiro faraó repousava mumificado atrás dela. Dentro do sarcófago de arenito haveria caixões de madeira e, dentro do menor deles, estaria o faraó, embalsamado.

— Cuidado! — disse Bill. Luce sequer percebera que apoiava as mãos em um pequeno baú de madeira. — Aí dentro estão as entranhas do faraó.

Luce saltou para trás e a seta estelar caiu do seu vestido. Ao pegá-la, o objeto aqueceu-lhe os dedos.

— Isso funcionará mesmo?

— Se você prestar atenção e fizer o que eu mandar, sim — disse Bill. — Bem, a alma reside exatamente no centro do seu ser. Para alcançá-la, você precisa levar a lâmina até o meio do seu peito, no momento crucial, quando Daniel a beijar e você começar a queimar.

Então, você, Lucinda Price, será atirada para fora do seu corpo do passado como sempre, porém, sua alma amaldiçoada ficará presa ao corpo de Layla, onde queimará e desaparecerá.

— Eu... Eu tenho medo.

— Não tenha. É como tirar o apêndice. A gente fica melhor sem. — Bill olhou para seu pulso cinzento e nu. — Pelo meu relógio, Don chegará a qualquer momento.

Luce segurou a seta de prata, direcionando a ponta para seu peito. Os desenhos em espirais da seta coçaram sob seus dedos. Suas mãos tremiam pelo nervosismo.

— Agora, controle-se — o chamado enérgico de Bill veio de longe.

Luce tentava prestar atenção nele, mas as batidas do seu coração preenchiam sua audição. Ela *precisava* fazer aquilo. Precisava. Por Daniel. Para libertá-lo de um castigo que ele assumia apenas por causa dela.

— Você deverá ser muito mais rápida do que isso quando for para valer, senão Daniel certamente a impedirá. Dê um corte rápido na alma. Você sentirá algo se soltando, uma lufada fria e, então... *Bum!*

— *Layla!* — Don entrou no seu campo de visão. A porta atrás dela continuava trancada. De onde ele viera?

A seta estelar caiu das mãos dela e bateu no chão. Ela a agarrou e escondeu-a no vestido. Bill havia desaparecido. Porém, Don — Daniel — estava exatamente onde ela queria que ele estivesse.

— O que está fazendo aqui? — a voz dela tremeu diante do esforço de parecer surpresa.

Ele pareceu não notar. Correu até ela e abraçou-a.

— Salvando sua vida.

— Como você entrou?

— Não se preocupe com isso. Nenhum mortal e nenhuma rocha pode impedir um amor tão verdadeiro quanto o nosso. Eu sempre a

encontrarei.

Nos seus braços nus e queimados de sol, o instinto de Luce era sentir-se confortada. Porém, naquele momento, ela não poderia. Seu coração estava despedaçado e frio. Aquela felicidade fácil, aquele sentimento de confiança total, cada uma das emoções maravilhosas que Daniel lhe mostrara em cada uma das suas vidas — todas eram, agora, uma tortura para ela.

— Não tema — sussurrou ele. — Deixe que eu lhe diga, meu amor, o que acontecerá depois dessa vida. Você voltará, você se reerguerá. Seu renascimento é belo e verdadeiro. Você voltará para mim, sempre e sempre...

A luz da lamparina tremulou e fez seus olhos violeta cintilarem. Seu corpo estava quente contra o de Layla.

— Mas eu *morrerei*, sempre e sempre.

— O quê? — Ele inclinou a cabeça. Mesmo quando seu físico parecia estranho a Luce, ela ainda conhecia muito bem suas expressões: aquela adoração divertida de quando ela dizia algo que Daniel não esperava que ela entendesse. — Como você... Esqueça. Não tem importância. O que importa é que estaremos juntos novamente. Sempre nos encontraremos, sempre nos amaremos; não importa o que aconteça. Eu nunca vou abandonar você.

Luce caiu de joelhos nos degraus de pedra e escondeu o rosto entre as mãos.

— Não sei como você consegue suportar. Repetidamente, a mesma tristeza...

Ele a levantou para completar:

— O mesmo êxtase...

— O mesmo fogo que mata tudo...

— A mesma paixão que reacende tudo novamente. Você não sabe. Não consegue se lembrar do quão maravilhoso...

— Eu vi. Eu sei.

Agora, ela conseguira a atenção dele. Ele não parecia ter certeza sobre acreditar nela ou não, mas ao menos a escutava.

— E se não houver esperança de algo mudar, algum dia? — perguntou ela.

— Existe *apenas* esperança. Um dia, você sobreviverá. Essa verdade absoluta é a única coisa que me faz seguir em frente. Nunca desistirei de você. Mesmo que precise esperar por toda a eternidade. — Ele enxugou as lágrimas dela com o polegar. — Eu a amarei com todo o coração, em cada uma das suas vidas, por cada uma das suas mortes. Não me prenderei a nada além do meu amor por você.

— Mas é tão difícil. Não é difícil para você? Você nunca pensou: e se...

— Um dia, nosso amor vencerá esse ciclo sombrio. Isso compensará tudo, para mim.

Luce olhou para cima e viu o amor cintilando nos olhos dele. Ele acreditava no que estava dizendo. Não se importava em sofrer repetidamente; ele suportaria perdê-la, agarrando-se à esperança de que um dia esse não seria o fim deles. Ele sabia que era algo predestinado, mas tentava mudar o destino em todas as vidas — e sempre tentaria.

O comprometimento dele a ela, a ambos, emocionou uma parte de Luce da qual ela acreditou haver desistido.

Ainda assim, ela desejou argumentar: aquele Daniel não conhecia os desafios no caminho deles, as lágrimas que derramariam ao longo das eras. Não sabia que ela o vira nos seus momentos de maior desespero, que Luce conhecia o que a dor das mortes dela lhe causariam.

Porém...

Luce sabia. E isso fazia toda a diferença.

Os piores momentos de Daniel a aterrorizaram, mas as coisas haviam mudado. Durante todo o tempo, ela se sentira fadada ao amor deles, mas agora sabia como proteger esse amor. Ela o observara a partir de tantos ângulos diferentes que o compreendia de uma maneira que jamais achara possível. Se Daniel vacilasse, *ela* conseguiria *erguê-lo*.

Luce aprendera aquilo com um especialista: Daniel. Ali estava ela, prestes a *destruir a própria alma*, prestes a destruir o amor deles para sempre, e, entretanto, cinco minutos a sós com ele a trouxeram de volta à vida.

Algumas pessoas passam a vida inteira em busca de um amor como esse.

Luce sempre o tivera.

O futuro não lhe reservava uma seta estelar. Havia apenas Daniel. Seu Daniel, aquele que ela deixara no quintal da casa dos pais, em Thunderbolt. Ela precisava ir embora.

— Beije-me — sussurrou ela.

Ele estava sentado nos degraus, com os joelhos entreabertos apenas o suficiente para permitir que o corpo dela deslizasse entre eles. Ela se ajoelhou e o olhou. As testas deles se tocaram. E as pontas dos seus narizes.

Daniel pegou suas mãos. Parecia querer dizer alguma coisa a Luce, mas não conseguia encontrar as palavras.

— Por favor — implorou ela, com os lábios inclinados em direção aos dele. — Beije-me e me liberte.

Daniel tomou-a, ergueu seu corpo e deitou-a sobre seu colo, para aninhá-la nos braços. Seus lábios encontraram os dela, que eram doces como néctar. Ela gemeu enquanto uma profunda torrente de alegria fluía através do seu corpo, em cada centímetro dele. A morte de Layla

estava próxima, ela sabia, mas nunca se sentia mais segura e mais viva do que quando estava nos braços de Daniel.

As mãos dela se entrelaçaram na nuca dele, sentindo os tendões firmes nos ombros dele e as minúsculas cicatrizes em relevo, que protegiam suas asas. As mãos dele percorriam suas costas e seus cabelos compridos e grossos. Cada toque era arrebatador, cada beijo, tão maravilhoso e puro que a deixava tonta.

— Fique comigo — implorou ele. Os músculos do seu rosto ficaram tensos e seus beijos, mais famintos e desesperados.

Ele certamente sentiu o corpo de Luce se aquecer — aquele calor que emanava do centro dela, que se espalhava pelo seu peito e que corava suas faces. Lágrimas encheram os olhos de Luce. Ela o beijou com ainda mais ímpeto. Havia passado por isso tantas vezes, mas, por algum motivo, aquilo parecia diferente.

Com uma lufada alta, ele abriu as asas e habilmente envolveu-a, em um berço de brancura macia.

— Você realmente acredita nisso? — sussurrou ela. — Acredita que um dia eu sobreviverei a isso?

— Com todo o meu coração e toda a minha alma — respondeu dele, segurando o rosto dela e fechando com mais força suas asas. — Esperarei por você o quanto for necessário. Eu a amarei a cada momento, através dos tempos.

Àquela altura, Luce fervia. Ela gritou, sentindo dor e debatendo-se nos braços de Daniel. A pele dele queimava, mas ele não a soltou.

O momento chegara. A seta estelar estava no seu vestido, e Luce deveria usá-la nesse instante. Porém, ela jamais desistiria. Não de Daniel. Não sabendo que, não importava o quanto a situação se tornaria difícil, ele jamais desistiria dela.

Sua pele se encheu de bolhas. O calor era tão brutal que ela apenas conseguia tremer.

E, depois, conseguia apenas gritar.

Layla entrou em combustão, e, enquanto as chamas engolfavam aquele corpo, Luce sentiu seu corpo e sua alma se soltarem, buscando a fuga mais rápida daquele calor impiedoso. A coluna de fogo aumentou, tornando-se mais ampla até encher a câmara e o mundo, até se tornar tudo o que havia — e Layla se tornar nada.

Luce esperava encontrar a escuridão, mas encontrou a luz.

Onde estava o Anunciador? Seria possível que ela ainda estivesse dentro de Layla?

O fogo continuava vivo. Não se extinguira. Espalhara-se. As chamas consumiam cada vez mais a escuridão, subindo em direção ao céu como se a própria noite fosse inflamável, até que tudo o que Luce conseguiu ver foi um clarão quente, vermelho e dourado.

Nas outras vezes em que um dos seus "eus" do passado morreu, a libertação de Luce em relação às chamas e sua entrada no Anunciador foram simultâneas. Algo mudara, fazendo-a enxergar coisas que não poderiam ser reais.

Asas incandescentes.

— Daniel! — gritou ela. Aquilo que pareciam ser as asas de Daniel pairou através das chamas, inflamando-se mas não queimando, como se também fossem *feitas* de fogo. Ela conseguiu distinguir apenas as asas brancas e os olhos violeta. — Daniel?

O fogo ondulou ao longo da escuridão, como uma onda gigante em um oceano que se rompesse em uma praia invisível, e varreu Luce furiosamente, percorrendo seu corpo, sua cabeça e a longínqua distância atrás dela.

Então, como se alguém apagasse uma vela com os dedos, houve um rápido chiado e tudo escureceu.

Um vento frio soprou atrás dela. Sua pele se arrepiou. Ela abraçou o próprio corpo, erguendo os joelhos e percebendo, com surpresa, que não havia chão sob seus pés. Ela não voava exatamente, apenas flutuava, sem direção. Aquilo não era um Anunciador. Ela não usara a seta estelar, mas teria, de alguma maneira... Morrido?

Luce sentiu medo. Não sabia onde estava, mas estava sozinha.

Não. Havia mais alguém. Um som rascante. Uma luz cinzenta e difusa.

— Bill! — gritou Luce ao vê-lo, tão aliviada que começou a rir. — Ah, graças a Deus! Achei que eu estava perdida... Pensei que... Ah, deixa para lá — e inspirou profundamente. — Não consegui fazer aquilo. Não poderia matar minha alma. Encontrarei outra forma de quebrar a maldição. Daniel e eu... Não desistiremos um do outro.

Bill estava longe, mas flutuava em direção a ela, formando arcos no ar. Quanto mais perto chegava, maior parecia, crescendo até se tornar duas, três, dez vezes maior que a pequena gárgula de pedra com quem ela viajara. Então teve início a verdadeira metamorfose:

Atrás dos ombros dele, um par de asas mais espessas, amplas e escuras como carvão irromperam, espatifando as familiares asinhas de pedra em pedacinhos. As rugas na sua testa se aprofundaram e se expandiram por todo o corpo, até ele parecer horrivelmente enrugado e velho. As garras nos seus pés e mãos aumentaram, tornando-se mais afiadas e amareladas.

Elas cintilaram na escuridão, cortantes como navalhas. Seu peito inchou, fazendo saltar pelos pretos enrolados enquanto Bill se tornava infinitamente maior do que fora antes.

Luce se esforçou para reprimir o grito que subiu até sua garganta. E conseguiu — até que, nos cinzentos olhos de pedra de Bill, as íris

embaçadas por camadas e mais camadas de cataratas cintilaram com um vermelho tão intenso quanto fogo.

Então, ela gritou.

— Você sempre faz a escolha errada — a voz de Bill se tornara monstruosa, grave, espessa pelo muco e rascante não apenas aos ouvidos de Luce, mas à sua alma. A respiração dele a golpeou, fedendo a podridão.

— Você é... — Luce não pôde terminar a frase. Havia apenas uma palavra para aquela criatura maligna à sua frente, e a ideia de pronunciá-la era aterrorizante.

— O vilão? — gargalhou Bill. — Surpresa! — Ele alongou a palavra por tanto tempo que Luce teve certeza de que ele começaria a tossir, encurvado, mas isso não aconteceu.

— Mas... Você me ensinou tanto, ajudou-me a descobrir... Por que você...? Como? *Todo* o tempo?

— Eu estava te enganando. É o que eu *faço*, Lucinda.

Ela gostara de Bill, por mais nojento e malandro que ele fosse. Confiara nele, ouvira o que ele tinha a dizer, e quase matara sua alma porque ele lhe aconselhara. Pensar sobre aquilo a devastou. Ela quase perdera Daniel por causa de Bill. E ainda poderia perder Daniel por causa dele. Porém, ele não era Bill...

Não era um mero demônio — não como Steven, ou mesmo Cam no seu pior estado.

Era o Mal encarnado.

E estivera com Luce o tempo inteiro, fungando no seu pescoço.

Ela tentou se afastar, mas a escuridão daquela criatura estava em toda a parte. Luce sentia-se como se flutuasse em um céu noturno, mas todas as estrelas estavam impossivelmente distantes; sequer havia sinal da Terra. Perto dali, havia manchas de uma escuridão ainda mais profunda, em abismos de formas espiraladas. E, ocasionalmente, um

clarão aparecia, um facho de esperança, de luz. Depois, ela se extinguia.

— Onde estamos? — perguntou Luce.

Satã zombou da inutilidade daquela pergunta.

— Em lugar nenhum — respondeu. A voz não tinha o tom familiar do seu companheiro de viagem. — No coração escuro do nada, que está no centro de tudo. Nem no Céu, nem na Terra, nem no Inferno. O lugar dos trânsitos mais sombrios. Nada que sua mente, nesse estágio, consiga imaginar. Por isso, provavelmente, esse ambiente apenas lhe parece — seus olhos vermelhos se arregalaram — *amedrontador*.

— E esses clarões? — perguntou Luce, tentando não demonstrar o quão amedrontador aquele lugar realmente parecia. Vira ao menos quatro clarões, como incêndios brilhando e sumindo rapidamente nas regiões mais escuras do céu.

— Ah, isso. — Bill observou, sobre o ombro de Luce, um deles se acender e sumir. — Anjos viajando. Demônios viajando. Uma noite agitada, não? Parece que todos estão indo a algum lugar.

— Sim. — Luce esperava por outro clarão no céu. Quando ele apareceu, lançou uma sombra sobre ela; Luce a agarrou, desesperada para retirar um Anunciador dali antes que a luz desaparecesse. — Inclusive eu.

O Anunciador se expandiu rapidamente nas suas mãos, tão pesado, urgente e flexível que, por um momento, ela pensou que conseguiria.

Em vez disso, sentiu um aperto forte. Bill envolveu todo o corpo dela com sua garra pegajosa.

— Ainda não estou pronto para me despedir — sussurrou ele em uma voz que fez Luce tremer. — Veja... Passei a gostar muito de você. Não, espere, não é isso. Eu *sempre*... gostei de você.

Luce deixou que a sombra entre seus dedos se perdesse.

— E, como todos os meus seres amados, preciso de você comigo, especialmente agora. Portanto, não atrapalhe meus planos. Novamente.

— Ao menos agora você me deu uma meta — disse Luce, lutando para se soltar daquele aperto. Era inútil. Ele a apertou com mais força, espremendo seus ossos.

— Você sempre teve um fogo interior. Eu amo isso em você. — Ele sorriu, e era algo terrível. — Ah, se essa faísca permanecesse aí dentro, hein? Algumas pessoas simplesmente não têm sorte no amor.

— Não fale em amor — vociferou Luce. — Não acredito que cheguei a escutar qualquer palavra que saiu da sua boca. Você não sabe nada sobre o amor.

— *Isso* eu já ouvi. E acontece que sei uma coisa importante sobre o amor: você pensa que o seu é maior que o Céu e o Inferno e o destino de tudo o que existe entre eles. Mas está errada. Seu amor por Daniel Grigori é menos que insignificante. É *nada*!

O grito dele foi como uma onda de choque que soprou os cabelos de Luce para trás. Ela lutou para respirar, engasgada.

— Pode dizer o que quiser. Eu amo Daniel. Sempre amarei. E isso não tem nada a ver com você.

Satã ergueu-a até seus olhos vermelhos e espetou a pele dela com sua garra mais pontiaguda.

— Sei que você o ama. Você *morre de amores* por ele. Apenas me diga por quê.

— Por quê?

— Por quê? Por que *ele*? Explique com palavras. Faça-me *sentir* realmente. Quero me emocionar.

— Por um milhão de motivos. Simplesmente o amo.

O sorriso torto dele se aprofundou, e um som como de mil cachorros rosnando saiu do seu corpo.

— Esse foi um teste. Você não passou, mas a culpa não é sua. Realmente não é. Trata-se de um efeito colateral infeliz da maldição que paira sobre você. Você já não é capaz de fazer escolhas.

— Não é verdade. Se não se lembra, acabei de tomar a grande decisão de *não* matar minha alma.

Aquilo o irritou: ela pôde perceber pelo modo como suas narinas se abriram e como ele ergueu a mão, fechou a garra em punho e fez um trecho do céu estrelado se apagar como se desligasse um interruptor. Porém, ele não disse nada por um longo tempo. Apenas mirou a noite.

Um pensamento terrível tomou conta de Luce.

— Você ao menos disse a verdade? O que realmente aconteceria se eu usasse a seta estelar para... — a voz falhou, enojada por chegar tão perto de fazer aquilo. — O que você ganha com tudo isso? Você me quer fora do caminho, ou algo parecido, para chegar até Daniel? Por isso nunca se mostrava na frente dele? Porque ele teria perseguido você e...

Satã riu. Sua risada ofuscou o brilho das estrelas.

— Você acha que *eu* tenho medo de Daniel Grigori? Você *realmente* o considera demais. Diga... Com que tipo de mentira absurda ele encheu sua cabeça sobre o grandioso lugar dele no Céu?

— O mentiroso aqui é você — retrucou Luce. — Você mentiu desde o instante em que o encontrei. Não me admira que todo o universo o despreze.

— Despreze, não. Tema. Existe uma diferença. O medo possui, dentro de si, a inveja. Você pode não acreditar, mas muitos gostariam de ter o meu poder. Muitos... me adoram.

— Tem razão, eu não acredito.

— Você apenas não sabe o suficiente. Sobre nada. Eu a conduzi em um passeio pelo seu passado, mostrei a futilidade dessa existência, esperando que você acordasse para a verdade, mas a única coisa que obtive foi: "Daniel! Eu quero Daniel!"

Ele a atirou para baixo e Luce caiu na escuridão, parando apenas quando ele a olhou, como se conseguisse fixá-la em uma posição. Ele rodeou-a, com as mãos atrás das costas, as asas fechadas e a cabeça inclinada em direção ao céu.

— O que você vê aqui é tudo o que existe. Visto de muito longe, é certo, mas está tudo aí: as vidas, os mundos e muito mais, coisas muito além da frágil compreensão dos mortais. Olhe.

Ela obedeceu, e a paisagem parecia diferente. O céu de estrelas era infinito e os pontos brilhantes sobre a escuridão eram tantos que o céu era mais luminoso do que preto.

— É lindo.

— Está prestes a se tornar uma *tabula rasa*. — Os lábios dele se curvaram em um sorriso torto. — Já estou cansado desse jogo.

— Isso é apenas um jogo, para você?

— Para *ele*, é um jogo. — Satã varreu a mão pelo céu, deixando uma faixa de escuridão na noite. — E recuso-me a ceder a esse Outro somente por causa de uma balança cósmica. Somente porque nossos lados estão equilibrados.

— Equilibrados. Você se refere à balança entre os anjos caídos que se alinharam a você e aqueles que se alinharam a...

— Não diga essa palavra. Porém, sim, esse *outro*. No momento, existe um equilíbrio e...

— E mais um anjo precisa escolher entre os lados — disse Luce, lembrando-se da longa conversa que tivera com Ariane no restaurante em Las Vegas.

— Aham. Mas, dessa vez, não deixarei a situação ao acaso. A estratégia da seta estelar foi um golpe mal pensado, mas percebi meu erro. Eu andei tramando. Eu andei planejando. Muitas vezes enquanto você e alguma versão do passado de Grigori estavam preocupados com suas pegações adolescentes. Então, veja, ninguém conseguirá sabotar aquilo que planejei. Eu limparei a lousa. Começarei novamente. Posso pular os milênios que levaram até você e até uma brecha na sua vida, *Lucinda Price* — zombou ele — e recomeçar. E, dessa vez, jogarei com mais esperteza. Dessa vez, vencerei.

— O que quer dizer com "limpar a lousa"?

— O tempo é uma grande lousa, Lucinda. Tudo o que foi escrito pode ser apagado com um movimento inteligente. Trata-se de uma jogada drástica, sim, e significa jogar milhares de anos no lixo. Um grande problema para todos os envolvidos, mas, ei, o que é um punhado de milênios diante do gigantesco conceito de eternidade?

— Como faria isso? — perguntou ela, sabendo que Satã era capaz de sentir o corpo dela tremendo sob suas mãos. — O que isso significa?

— Significa que voltarei ao começo. À Queda. Quando todos fomos expulsos do Céu porque ousamos exercer o livre-arbítrio. Estou falando sobre a primeira grande injustiça.

— Você quer reviver seus melhores momentos? — disse ela, mas ele não a escutava, perdido nos detalhes do seu plano.

— Você e o cansativo Daniel Grigori farão essa viagem comigo. Na verdade, sua alma gêmea já está a caminho nesse instante.

— Por que Daniel...

— Eu lhe mostrei o caminho, é claro. Agora, tudo o que preciso fazer é chegar a tempo de ver os anjos serem expulsos e começarem sua queda até a Terra. Que belo momento será!

— *Começarem* a queda? Quanto tempo demorou?

— Nove dias, segundo os relatos — murmurou ele —, mas pareceu uma eternidade para nós, que fomos expulsos. Nunca perguntou aos seus amigos a respeito? Cam. Roland. Ariane. Seu precioso Daniel? Todos estávamos juntos.

— Você verá tudo acontecer novamente. E daí?

— E daí que farei algo inesperado. Sabe o que é? — disse ele, abafando o riso enquanto seus olhos vermelhos cintilavam.

— Não sei — disse ela, baixinho. — Matar Daniel?

— Matar, não. *Prender.* Prenderei cada um de nós. Abrirei um Anunciador parecido com uma grande rede e o lançarei para frente no tempo. Depois, eu me clivarei com meu eu do passado e levarei toda a legião de anjos para o presente, junto comigo. Até mesmo os feios.

— E daí?

— E daí? Nós começaríamos tudo novamente. Porque a Queda *é* o começo. Não é parte da história, mas quando *começa* a história. E tudo o que houve antes de hoje? Não terá acontecido.

— Não terá acon... Você quer dizer, tipo, aquela vida no Egito?

— Nunca terá acontecido.

— China? Versalhes? Las Vegas?

— Nunca, nunca, nunca. Contudo, o contexto é maior que você e seu namorado, criança egoísta. É o Império Romano e o chamado Filho daquele Outro. É a grande e triste podridão chamada humanidade nascendo do ponto primordial da Terra e transformando tudo em uma fossa. É tudo o que ocorreu sendo apagado por um minúsculo salto no tempo, como uma pedra batendo sobre uma superfície de água.

— Você não pode simplesmente... Apagar todo o passado!

— É lógico que eu posso. É como encurtar uma saia. Remove-se o excesso de tecido, unem-se as pontas, e é como se a parte do meio nunca houvesse existido. Começaremos do ponto inicial. Todo o ciclo

se repetirá e teremos mais uma chance para atrair as almas importantes. Almas como...

— Você nunca conseguirá Daniel. Ele nunca se juntará a vocês.

Daniel não cedera ao longo dos 5 mil anos que Luce presenciara. Não importava que eles a matassem repetidamente e negassem a ele a presença do seu verdadeiro amor: ele não desistia e não escolhia um dos lados. E mesmo que, de alguma forma, ele perdesse essa determinação, Luce estaria ali para apoiá-lo; sabia agora que era forte o bastante para carregar Daniel, se ele vacilasse. Assim como ele a carregara.

— Não importa quantas vezes você "limpe a lousa" — disse ela —, nada mudará.

— Ah... — e ele riu, como se estivesse constrangido por Luce; uma risada espessa e tenebrosa. — Claro que sim. Mudará *tudo*. Preciso enumerar de quantas maneiras? — Ele mostrou uma garra afiada e amarelada. — Primeiramente, Daniel e Cam serão irmãos novamente, como eram nos primeiros dias após a Queda. Não será divertido para você? Pior: nada de Nefilim. Não haverá se passado tempo suficiente para que os anjos pudessem caminhar pela Terra e copular com os mortais, portanto, pode dizer adeus aos seus amiguinhos da escola.

— Não...

Ele estalou as garras.

— Ah, esqueci-me de uma coisa: sua história com Daniel? Será apagada. Tudo o que você descobriu nessa sua pequena busca, todas as coisas que você tão sinceramente disse haver aprendido entre uma excursão e outra pelo passado... Pode esquecer.

— Não! Você não pode fazer isso!

Ele a envolveu no seu aperto frio mais uma vez.

— Ah, querida, está praticamente feito.

Sua risada pareceu uma avalanche enquanto o tempo e o espaço se dobravam ao redor deles. Luce estremeceu, contraiu-se, e lutou para se soltar daquele aperto, mas Satã a prendera muito bem sob sua asa vil. Ela não conseguia ver nada. Luce sentiu apenas uma lufada de vento passando por eles, uma explosão de calor e, depois, um frio inabalável, que se instalou na sua alma.

VINTE



O FIM DA JORNADA

PORTÕES DO CÉU • A QUEDA

Sempre houvera apenas um local onde encontrá-la.

O primórdio. O início.

Daniel moveu-se, cambaleante, em direção à sua primeira vida, pronto para esperar o tempo que fosse preciso até que Luce chegasse ali. Ele a abraçaria e sussurraria ao seu ouvido: "Até que enfim. Encontrei você. Nunca a abandonarei."

Ele saiu das sombras e congelou diante a luz ofuscante.

Não. O destino dele não era esse.

Aquele ar delicioso e um céu opalescente. Aquele golfo cósmico de luz adamantina. Sua alma se enrijeceu diante das ondas de nuvens brancas roçando o Anunciador sombrio. Ali estava, longínquo: o inconfundível zunido de três notas reverberando docemente, infinitamente. A música que o Trono do Monarca Etéreo criava apenas irradiando luz.

Não. Não. *Não!*

Ele não deveria estar ali. Ele queria encontrar Lucinda na sua primeira encarnação na Terra. Como fora parar *ali*, entre todos os lugares?

Suas asas se abriram instintivamente. A sensação era diferente se comparada àquela que ele tinha na Terra — não era a grande sensação de liberdade e de, finalmente, soltar-se, mas algo tão corriqueiro quanto o ato de respirar para os mortais. Ele sabia que brilhava, mas não como às vezes brilhava na Terra, sob a luz da lua. Aqui, sua glória não era nada a ser escondido, nem a mostrar. Ela era, simplesmente.

Fazia tanto tempo que Daniel não voltava para casa.

Aquilo o atraía. Atraía a todos eles, exatamente como o cheiro do lar durante a infância atraía qualquer mortal — fossem pinheiros ou biscoitos caseiros, fosse a doce chuva de verão ou o charuto que o pai fumava. Era algo poderoso. Por isso Daniel se afastara durante os últimos 6 mil anos.

Agora, ele estava ali — e não por vontade própria.

Aquele querubim!

O anjo claro e delicado no seu Anunciador... Ele enganara Daniel.

As pontas das suas asas se eriçaram. Havia algo estranho naquele anjo. Sua marca da Balança era fresca demais. Ainda inchada e vermelha, como se houvesse sido feita recentemente...

Daniel voara para alguma espécie de armadilha. Precisava partir, independentemente do que acontecesse.

No ar. Aqui, estava-se sempre no ar. Sempre deslizando pelo mais puro ar. Ele abriu as asas e sentiu a névoa branca passar por ele. Daniel pairou sobre as florestas peroladas, sobre o jardim do Conhecimento, e fez a curva ao redor do rio da Vida. Passou por lagos acetinados e pelas cintilantes e prateadas montanhas Celestes.

Tivera tantos momentos felizes aqui.

Não.

Tudo aquilo deveria permanecer nos recessos da sua alma. Aquele não era o momento para nostalgias.

Daniel diminuiu a velocidade e se aproximou do prado do Trono. Era exatamente como ele se lembrava: aquela planície de nuvens brancas e brilhantes que levava ao centro de tudo. O Trono em si, estonteantemente cintilante e irradiando o calor da pura bondade, era tão luminoso que, até mesmo para um anjo, era impossível olhá-lo diretamente. Era impossível *ver* o Criador que se sentava ao trono, vestindo luminosidade, de forma que a costumeira sinédoque — se referir à entidade como Trono — se aplicava.

O olhar de Daniel se dirigiu ao arco de plataformas ondulantes e prateadas que circundavam o Trono. Em cada uma delas estava marcado o nível de um Arcanjo. Aquela costumava ser a sede deles, um local de adoração, onde eles recebiam e enviavam mensagens ao Trono.

Ali estava o lustroso altar que fora o assento de Daniel, perto do canto superior direito do Trono. O altar estivera ali desde que o Trono surgira.

Porém, agora havia apenas sete altares em vez de oito.

Espere um pouco...

Daniel estremeceu. Sabia que havia atravessado os Portões do Céu, mas ainda não percebera exatamente o momento em que estava. Isso era importante. O Trono ficara desequilibrado por um período muito breve: um instante entre Lúcifer declarar seus planos de deserção e o restante deles ser convocado a escolher um lado.

Daniel chegara naquele brevíssimo momento, após a traição de Lúcifer e antes da Queda.

A grande fenda ainda se abriria, quando alguns deles se alinhariam ao Céu e outros, ao Inferno; quando Lúcifer se transformaria em Satã

diante de todos e quando o Grande Braço do Trono varreria da superfície do Céu legiões de anjos, que cairiam.

Ele se aproximou do prado. A harmoniosa melodia cresceu, assim como o zumbido do coral dos anjos. O prado brilhava, reunindo todas as mais luminosas almas. Seu eu do passado estaria ali; todos estariam. O lugar era tão luminoso que Daniel mal conseguia enxergar, mas sua memória lhe informou que Lúcifer obtivera permissão para receber os súditos no seu altar de prata, que fora reposicionado e encontrava-se em oposição direta — embora não tão elevado — ao Trono. Os outros anjos estavam reunidos diante do Trono, no centro do prado.

Era a chamada, o último momento antes que o Céu perdesse metade das suas almas. Naquela época, Daniel se perguntara por que o Trono sequer permitira aquilo. Será que Ele, que tinha domínio sobre tudo, considerava que o apelo de Lúcifer aos anjos acabaria em uma completa humilhação? Como o Trono se enganara tanto?

Gabbe ainda falava sobre a chamada com impressionante claridade. Daniel pouco se lembrava — com exceção do roçar suave de uma única asa em solidariedade a ele. Aquele roçar lhe dissera: "Você não está sozinho."

Ele ousaria olhar para aquela asa agora?

Talvez houvesse outra forma de passar pela chamada, para que a maldição que posteriormente recaiu sobre eles não tivesse tanta força. Com um estremecimento que atingiu seu âmago, Daniel percebeu que poderia transformar aquela armadilha em uma oportunidade.

É claro! *Alguém* retrabalhara a maldição para que existisse uma saída para Lucinda. Durante todo o tempo em que a procurara, Daniel pensou ter sido a própria Lucinda. Achou que, em algum ponto da sua fuga desabalada para o passado, ela abrira uma brecha. Porém, talvez... Talvez houvesse sido Daniel.

Ele estava ali, naquele momento. Poderia fazê-lo. Em certo sentido, já o fizera. Sim, Daniel perseguira as consequências de tudo aquilo ao longo dos milênios que percorrera para chegar ali. O que ele fizesse naquele momento, sendo o início de tudo, reverberaria no futuro, em cada uma das vidas de Luce. Por fim, as coisas começavam a fazer sentido.

Seria *ele* quem aliviaria a maldição, para permitir que Lucinda vivesse e viajasse pelo próprio passado — aquilo precisava haver começado ali. E com Daniel.

Ele desceu até a planície de nuvens, através da borda cintilante. Havia centenas de anjos, milhares, preenchendo o lugar com uma ansiedade lustrosa. A luz era impressionante quando ele deslizou até a multidão. Ninguém percebeu o Anacronismo: a tensão e o medo entre os anjos eram luminosos demais.

— Chegou a hora, Lúcifer — chamou a voz vinda do Trono. Fora aquela voz que dera a Daniel a imortalidade e tudo o que ela incluía. — É isso mesmo o que você deseja?

— Não apenas para nós, mas para nossos companheiros anjos — disse Lúcifer. — O livre-arbítrio é um direito de todos, não apenas dos mortais que observamos daqui. — Lúcifer, então, fez um apelo aos anjos, cintilando mais que a estrela da manhã: — A linha foi delimitada no chão de nuvens do prado. Agora todos vocês estão livres para escolher.

O primeiro escriba celestial estava na base do Trono, envolto em incandescência brilhante e chamando os nomes; primeiramente, o anjo de posto mais baixo, o filho do Céu de número 7.812:

— Geliel — chamou o escriba —, o último dos 28 anjos que governam as mansões da Lua.

Assim tudo começou.

O escriba mantinha uma contagem no céu opalescente enquanto Chabril, o anjo da segunda hora da noite, escolhia Lúcifer, e Tiel, o anjo do vento norte, escolhia o Céu, junto a Padiel, um dos guardiões do sono das crianças, e a Gadal, um anjo envolvido com ritos mágicos para doentes. Alguns anjos faziam longas apelações, outros mal diziam uma palavra; Daniel não acompanhou exatamente as marcações. Estava em busca de si mesmo e, além disso, sabia como aquilo terminaria.

Ele vagou pelo campo de anjos, grato pelo tempo que teria até que todos escolhessem. Ele precisava reconhecer seu próprio eu antes que ele se levantasse das massas e dissesse as ingênuas palavras pelas quais pagava desde então.

Houve uma comoção no prado — com clarões, sussurros e um trovão grave. Daniel ainda não ouvira seu nome ser chamado, não vira um anjo flutuar até o alto para declarar sua escolha. Ele abriu caminho pelas almas à sua frente para obter uma melhor visão.

Roland. Ele fez uma reverência diante do Trono.

— Com todo o respeito, não estou preparado para escolher. — Ele olhou para o Trono, mas gesticulou para Lúcifer. — Você está perdendo um filho hoje, e todos nós perdemos um irmão. Muitos mais, ao que parece, o seguirão. Por favor, não aceite essa sombria decisão tão tranquilamente. Não obrigue nossa família a se dividir.

Os olhos de Daniel se encheram de lágrimas ao ver a alma de Roland — o anjo da poesia e da música, seu irmão e *amigo* — implorando naquele céu branco.

— Você está errado, Roland — ribombou o Trono. — E, ao me desafiar, *fez* sua escolha. Receba-o no seu lado, Lúcifer.

— Não! — gritou Ariane, voando até o centro da luminosidade e pairando ao lado de Roland. — Por favor, dê-lhe tempo para entender o que essa decisão significa!

— A decisão já foi tomada — foi tudo o que o Trono disse em resposta. — Posso ver o que existe na alma dele, apesar das suas palavras: ele já fez sua escolha.

Uma alma roçou contra Daniel. Quente e impressionante, imediatamente reconhecível.

Cam.

— O que é você? — sussurrou Cam. Ele sentia, de maneira inata, que havia algo diferente em Daniel, mas não havia como explicar quem Daniel realmente era a um anjo que jamais deixara o Céu e que não tinha uma concepção do que viria em seguida.

— Irmão, não tema — implorou Daniel. — Sou eu.

Cam segurou seu braço.

— Vejo isso, embora também sinta que não é. — Ele balançou, melancolicamente, a cabeça. — Acredito que está aqui por um motivo. Por favor, você pode impedir que isso aconteça?

— Daniel — o escriba chamava seu nome. — Anjo dos guardiões silenciosos, os Grigori.

Não. Ainda não. Ele não havia decidido o que dizer, o que fazer. Daniel abriu caminho por entre a ofuscante luz das almas ao seu redor, mas era tarde demais. Seu eu levantou-se vagarosamente, sem olhar para o Trono ou para Lúcifer.

Em vez disso, ele olhou para o horizonte enevoado. Observando, Daniel lembrou-se: para ela.

— Com todo o respeito, não o farei. Não escolherei Lúcifer, e não escolherei o Céu.

Um rumor se ergueu, vindo dos anjos, de Lúcifer e do Trono.

— Em vez disso, escolho o amor: aquilo que todos vocês esqueceram. Escolho o amor e deixo para vocês a guerra. Você está errado em nos fazer passar por isso — disse ele para Lúcifer. Depois, virando-se, dirigiu-se ao Trono. — Tudo o que é bom, no Céu e na

Terra, nasce do amor. Essa guerra não é justa. Essa guerra não é boa. O amor é a única coisa pela qual vale lutar.

— Meu filho — ribombou a voz profunda e calma vinda do Trono. — Você não entende. Estou resoluto em governar pelo amor: o amor por todas as minhas criações.

— Não — disse Daniel, baixinho. — Essa guerra diz respeito ao orgulho. Pode me desertar, se assim precisar. Se for meu destino, eu me rendo a ele, mas não a você.

A risada de Satã foi um golpe fétido.

— Você tem a coragem de um deus, mas a mente de um adolescente. E sua punição será como a de um adolescente. — Lúcifer varreu o ar com um gesto. — O Inferno não o aceitará.

— E ele já declarou seu desejo de desertar do Céu — disse a voz vinda do Trono, desapontada. — Como em todos os meus filhos, enxergo o que existe na sua alma, mas não sei o que será de você, Daniel, nem do seu amor.

— Ele não terá o *amor* dele! — gritou Lúcifer.

— Então, você tem algo a propor, Lúcifer? — perguntou o Trono.

— É preciso dar o exemplo — fervilhou Lúcifer. — Não percebe? O amor sobre o qual ele fala é destrutivo! — O anjo sorriu enquanto germinava a semente do seu ato mais maligno. — Então, deixe que esse amor destrua seus amantes, não o resto de nós! Ela morrerá!

Os anjos soltaram um grito reprimido. Era impossível, a última coisa que esperariam.

— Ela morrerá sempre, ao longo de toda a eternidade — continuou Lúcifer com a voz espessa pela maldade. — Ela jamais passará da adolescência: morrerá novamente, novamente e novamente, exatamente no momento em que se lembrar da *escolha* dele. Dessa forma, vocês jamais estarão realmente juntos. Esse será o castigo dela. E quanto a você, Daniel...

— É o suficiente — disse o Trono. — Se Daniel manter sua decisão, o que você propõe, Lúcifer, é castigo o bastante — houve uma pausa longa e tensa. — Entenda: não desejo isso a nenhum dos meus filhos, mas Lúcifer está certo. É preciso dar o exemplo.

Precisava ser agora: aquela era a chance que Daniel tinha de abrir uma brecha na maldição. Corajosamente, ele voou para cima, sobre o prado, pairando ao lado do seu eu anterior. Era o momento de mudar tudo, de alterar o passado.

— O que é essa cópia? — fervilhou Lúcifer. Seus olhos, tornados vermelhos havia pouco tempo, estreitaram-se ao ver dois seres com a mesma aparência.

O grupo de anjos embaixo de Daniel se agitou, confusos. Seu eu anterior olhou para ele, sem entender.

— Por que está aqui? — sussurrou ele.

Daniel não queria esperar até que alguém o questionasse, até que Lúcifer se sentasse ou até que o Trono se recuperasse daquela surpresa.

— Eu vim do futuro, de milênios após esse castigo...

O súbito espanto dos anjos se tornou palpável pelo calor emitido pelas almas. Obviamente aquilo estava além de qualquer coisa que pudessem imaginar. Daniel não conseguia ver o Trono claramente para poder perceber qual efeito sua volta exercera *Nele*, mas a alma de Lúcifer cintilou em um tom vermelho-sangue, raivosa. Daniel obrigou-se a prosseguir:

— Estou aqui para implorar clemência. Se devemos ser punidos, meu Mestre, e não questiono sua decisão, por favor, ao menos lembre-se de que um dos maiores traços do seu poder é a misericórdia, que é misteriosa e imensa, superando a todos nós.

— *Misericórdia?* — gritou Lúcifer. — Depois da dimensão das suas traições? E será que sua versão do futuro se arrepende da sua escolha?

Daniel balançou a cabeça.

— Minha alma é antiga, mas meu coração é jovem — disse ele, olhando para seu eu anterior, que parecia estupefato. Então, observou sua querida alma, bela e resplandecente. — Não posso ser diferente daquilo que sou, e eu sou as escolhas que faço a cada dia. Eu as sustento.

— A escolha foi feita — disseram, em uníssono, as duas versões de Daniel.

— Então, sustentamos o castigo sugerido — ribombou o Trono.

A grande luz estremeceu e, em um longo momento de absoluto silêncio, Daniel se perguntou se, afinal, agira bem ou não em mostrar-se. Então finalmente completou:

— Mas concederemos seu pedido por misericórdia.

— Não! — gritou Lúcifer. — O Céu não foi o único prejudicado!

— *Silêncio!* — a voz do Trono soou mais grave. Ela parecia cansada, sofrida e mais incerta do que Daniel jamais achara possível. — Se um dia, sobre a alma dela não pesar a escolha realizada por um sacramento, ela será livre para crescer e para escolher por si mesma, para reencenar esse momento. Para fugir desse castigo imposto. E, assim, aplicar um último teste a esse amor que você clama superar os direitos do Céu e da família; a escolha *dela* será, então, sua redenção ou o selo final do seu castigo. É tudo o que pode ser feito.

Daniel fez uma reverência, assim como seu eu original.

— Não posso obedecer a isso! — exclamou Lúcifer. — Eles nunca devem ficar juntos! *Nunca*!

— Está feito — trovejou a Voz, como se houvesse alcançado o limite da sua misericórdia. — Não tolerarei aqueles que discutirem comigo sobre esse ou qualquer outro assunto. Vão! Todos vocês que escolheram o mal ou não escolheram. Os portões do Céu estão fechados para vocês!

Algo tremulou. A forte luz subitamente *se apagou*.

O Céu se escureceu e tornou-se mortalmente frio.

Os anjos reprimiram um grito e tremeram, aproximando-se um do outro.

Depois, o silêncio.

Ninguém se moveu, ninguém falou.

O que aconteceu foi inimaginável, até mesmo para Daniel, que havia testemunhado tudo aquilo anteriormente.

O céu sob eles tremeu e o lago branco transbordou, criando uma feroz explosão de água branca e vaporosa, que cobriu tudo. O jardim do Conhecimento e o rio da Vida se fundiram. Todo o Céu se sacudiu enquanto eles desapareciam em meio a tremores.

Um raio prateado foi disparado do Trono e atingiu o lado oeste do prado. O chão de nuvens escureceu e um poço do mais sombrio desespero se abriu como uma fossa, exatamente embaixo de Lúcifer. Com toda a sua ira impotente, ele e os anjos mais próximos sumiram.

Quanto aos anjos que ainda deveriam escolher, eles também perderam o direito às planícies do Céu e deslizaram pelo abismo. Gabbe foi um deles. Ariane e Cam também, assim como todos os mais amados por Daniel — era um efeito colateral da escolha dele. Até mesmo seu eu original, com os olhos arregalados, foi arrastado em direção àquele buraco negro no Céu e sumiu.

Mais uma vez, Daniel não pôde impedir.

Ele sabia que entre aquele momento e o instante em que os caídos atingiriam a Terra havia uma queda vertiginosa por nove dias. Nove dias que ele não poderia desperdiçar sem procurar por Luce. Ele despencou em direção ao abismo.

Diante do nada, Daniel olhou para baixo e viu um facho de luz em um ponto mais longínquo do que seria imaginável. Não era um anjo,

mas um monstro com amplas asas pretas, mais escuras que a noite. E voava na direção dele, *subindo*. Como?

Daniel vira Lúcifer no Julgamento. Ele fora o *primeiro* a cair, e deveria estar muito abaixo de Daniel. Ainda assim, não poderia ser outra criatura. A visão de Daniel ganhou foco e suas asas arderam quando ele percebeu o que o monstro carregava sob a asa.

— Lucinda! — gritou ele, mas o monstro já soltara o corpo dela.

O mundo de Daniel parou.

Daniel não viu aonde Lúcifer foi, porque estava mergulhando céu abaixo em direção a Luce. A luminosidade da alma dela era tão forte e tão familiar... Ele disparou para frente, juntando as asas ao corpo de forma que caísse mais rapidamente do que parecia possível, enevoando o mundo ao seu redor. Ele esticou a mão e...

Ela aterrissou nos seus braços.

Imediatamente suas asas se moveram para frente, formando um escudo protetor ao redor dela. Luce pareceu espantada inicialmente, como se acabasse de acordar de um pesadelo terrível, e olhou profundamente nos olhos dele, soltando todo o ar dos pulmões. Ela tocou sua face e correu os dedos pelas pontas duras das suas asas.

— Finalmente. — Ele respirou dentro dela, encontrando seus lábios.

— Você me encontrou — sussurrou ela.

— Sempre.

Abaixo deles, a massa de anjos caídos acendeu o céu, como mil estrelas brilhantes. Todos pareciam imantados por uma força invisível, que os mantinha unidos durante a longa descida desde o Céu. Era trágico e pavoroso. Por um momento, todos pareceram emitir um som grave e acender, com uma linda perfeição. Enquanto Daniel e Luce observavam, um raio escuro correu pelo céu e pareceu circundar a massa brilhante dos anjos caídos.

Então, tudo, com exceção de Luce e Daniel, tornou-se absolutamente escuro. Como se todos os anjos houvessem caído juntos através de um rasgo nos céus.

EPÍLOGO



NADA ALÉM DISSO

SAVANNAH, GEÓRGIA • 27 DE NOVEMBRO DE 2009

Luce desejava que aquele Anunciador fosse o último que precisasse atravessar por um longuíssimo tempo. Quando Daniel capturou a sombra formada pelo inexplicável aumento do brilho das estrelas naquele céu estranho, Luce não olhou para trás. Segurou rapidamente a mão dele, completamente aliviada. Estava com Daniel. Aonde quer que fossem, aquele seria seu lar.

— Espere — disse ele, antes que Luce entrasse na sombra.

— O que foi?

Os lábios dele roçaram a linha da clavícula dela. Ela arqueou as costas, segurou o pescoço dele e o puxou para mais perto. Os dentes deles se bateram, a língua dele encontrou a dela e, desde que ela pudesse continuar assim, não precisava respirar.

Eles deixaram o passado juntos, em um beijo — esperado há tanto tempo e tão apaixonado que fez tudo ao redor de Luce girar. Era um beijo com o qual a maioria das pessoas sonha durante a vida inteira. Ali estava a alma que Luce buscava desde que a deixara, no quintal da

casa dos seus pais. E eles ainda estavam juntos quando Daniel voou, carregando-a consigo para fora do Anunciador, sob a passagem tranquila de uma nuvem prateada.

— Mais — pediu ela quando, por fim, ele se afastou. Eles estavam em um ponto tão alto que Luce mal conseguia ver o solo. Uma faixa de oceano banhada pelo luar. Minúsculas ondas brancas batendo em uma praia escurecida.

Daniel riu e trouxe-a para perto mais uma vez. Ele parecia não conseguir parar de sorrir. A sensação do seu corpo contra o dela era tão boa, e a pele dele parecia tão espetacular sob a luz das estrelas... Quanto mais eles se beijavam, mais certeza Luce tinha de que nunca o beijaria o suficiente. Havia pouca diferença — e, contudo, toda a diferença — entre as versões de Daniel que ela conhecera em outras existências e o Daniel que a abraçava. Enfim, Luce podia retribuir seu beijo sem duvidar de si e do amor deles. Sentia uma alegria ilimitada. E pensar que quase desistira.

Ela começou a cair em si. Havia falhado na busca por quebrar a maldição. Fora enganada, iludida... Por Satã.

Embora odiasse parar os beijos, Luce segurou o rosto cálido de Daniel e olhou dentro dos seus olhos violeta, tentando extrair forças.

— Desculpe — disse ela. — Por fugir daquela maneira.

— Não peça desculpas — disse ele, devagar e com grande sinceridade. — Você precisava ir. Estava escrito; deveria ser assim. — Ele sorriu novamente. — Fizemos o que era preciso, Lucinda.

Um jato de calor atravessou-a, deixando-a tonta.

— Eu comecei a pensar que nunca mais o veria.

— Quantas vezes eu já lhe disse que sempre te encontrarei? — Então, Daniel virou-a para que as costas dela ficassem contra seu peito. Beijou sua nuca e envolveu o tronco dela com seus braços, na posição de voo, e eles seguiram em frente.

Voar com Daniel era algo de que Luce jamais se cansaria. Suas asas brancas se abriam no ar, batendo contra o céu da meia-noite enquanto eles se movimentavam com uma graça inacreditável. A umidade das nuvens formou gotículas na sua testa e no seu nariz enquanto os braços fortes de Daniel permaneciam ao seu redor, fazendo-a sentir-se mais segura do que em muito tempo.

— Olhe... — disse Daniel, alongando levemente o pescoço. — A lua.

A esfera parecia próxima e grande o bastante para que Luce pudesse tocá-la.

Eles se moviam velozmente pelo ar, mal fazendo barulho. Luce respirou profundamente e arregalou os olhos, surpresa. Ela conhecia aquele ar! Era a brisa particularmente salgada da costa da Geórgia. Ela estava... Em casa. Lágrimas arderam nos seus olhos quando ela pensou na sua mãe, no seu pai e no seu cachorro, Andrew. Há quanto tempo estava longe deles? Como seria quando voltasse?

— Estamos voando para minha casa? — perguntou ela.

— Primeiro, durma — disse Daniel. — Para seus pais, você esteve fora apenas por algumas horas. É quase meia-noite aqui. Nós chegaremos logo pela manhã, depois que você descansar.

Daniel tinha razão: ela deveria descansar agora e ver os pais de manhã. Mas, se ele não iria levá-la para sua casa, para onde estavam indo?

Eles se aproximaram da linha das árvores. Os topos estreitos dos pinheiros balançavam ao vento, e as praias arenosas e vazias cintilavam. Tybee. Ela estivera ali várias vezes, quando criança...

E outra vez, mais recentemente. Um pequeno chalé de madeira, com um belo telhado e fumaça saindo pela chaminé. A porta vermelha com o vitral. A janela que dava para um pequeno patamar aberto. Parecia familiar, mas Luce estava tão cansada e estivera em tantos

lugares recentemente que somente quando seus pés tocaram o chão macio e sedimentado ela reconheceu o chalé onde ficara logo após sair da Sword & Cross.

Após Daniel lhe contar, pela primeira vez, sobre suas vidas passadas juntos, após a feia luta no cemitério e após a Srta. Sophia se metamorfosear em algo mau, Penn morrer e todos os anjos dizerem a Luce que sua vida repentinamente estava em perigo, ela havia dormido ali, sozinha, durante três delirantes dias.

— Aqui, poderemos descansar — disse Daniel. — É um refúgio seguro para os anjos caídos. Temos alguns lugares como esse espalhados pelo mundo.

Luce deveria ter ficado animada com a perspectiva de ter uma noite inteira de sono — com Daniel ao seu lado! —, mas algo a incomodava.

— Preciso lhe contar uma coisa. — Ela o encarou. Uma coruja piou em um pinheiro e a água batia na praia, mas, fora isso, a ilha escura estava em completo silêncio.

— Eu sei.

— Você sabe?

— Eu vi. — Os olhos de Daniel se tornaram cinzentos como uma tempestade. — Ele a enganou, não é?

— Sim! — gritou Luce, corando pela vergonha que sentia.

— Por quanto tempo ele ficou com você? — Daniel brincava com as mãos, quase como se tentasse reprimir os ciúmes.

— Por um longo tempo. — Luce estremeceu. — Mas a situação é ainda pior: ele está planejando algo terrível.

— Ele sempre está planejando algo terrível — murmurou Daniel.

— Não, isso é grande. — Ela entrou entre os braços de Daniel e pressionou as mãos contra seu peito. — Ele me contou... Disse que queria limpar a lousa.

Daniel apertou-a ainda mais ao redor da cintura.

— Ele disse *o quê*?

— Não entendi tudo. Ele disse que voltaria até a Queda para abrir um Anunciador e levar todos os anjos com ele e, de lá, seguiria diretamente até o presente. Disse que ia...

— Apagar o tempo entre uma coisa e outra. Apagar nossa existência — disse Daniel com a voz rouca.

— Sim.

— *Não*. — Ele segurou a mão dela e puxou-a em direção ao chalé. — Eles podem estar nos espionando. Sophia. Os Párias. Qualquer um. Entre, aqui é seguro. Você precisa me dizer tudo o que ele lhe contou, Luce, tudo.

Daniel praticamente escancarou a porta vermelha do chalé e trancou-a depois que entraram. Um momento mais tarde, antes que pudessem fazer qualquer coisa, braços envolveram Luce e Daniel em um abraço gigantesco.

— Vocês estão seguros — disse uma voz repleta de alívio.

Cam. Luce virou a cabeça para ver o demônio vestido em roupas pretas, como o "uniforme" que eles usavam na Sword & Cross. Ele colocara suas enormes asas douradas para trás, e elas emitiam fachos de luz que se refletiam nas paredes. Sua pele estava pálida e ele parecia mais magro; os olhos se destacavam como esmeraldas.

— Nós estamos de volta — disse, cautelosamente, Daniel, dando um tapinha no ombro de Cam. — Quanto a estarmos seguros, não tenho certeza.

O olhar de Cam analisou Luce cuidadosamente. Por que ele estava ali? Por que Daniel parecia feliz em vê-lo?

Daniel levou Luce até a velha cadeira de balanço feita de vime perto da lareira que estalava e gesticulou para que se sentasse. Ela

desabou ali, e ele sentou-se em um dos braços da cadeira, apoiando a mão nas costas dela.

O chalé era exatamente como ela se lembrava: quente, seco e com cheiro de canela. O estreito colchão de lona onde ela havia dormido estava arrumado. Ali estava a pequena escada de madeira que levava até o pequeno patamar aberto e ao quarto principal. O lustre verde continuava pendurado em uma viga.

— Como sabia que estaríamos aqui? — perguntou Daniel a Cam.

— Roland leu algo nos Anunciadores essa manhã. Ele achou que você poderia estar voltando e que algo poderia acontecer — Cam encarou Daniel, — algo capaz de afetar a todos nós.

— Se o que Luce disse é verdade, não é algo que possamos resolver sozinhos.

Cam inclinou a cabeça em direção à Luce:

— Eu sei. Os outros estão a caminho. Tomei a liberdade de espalhar a notícia.

Nesse momento, uma janela se quebrou no patamar elevado. Daniel e Cam se levantaram imediatamente.

— Somos nós! — cantarolou Ariane. — Temos Nefilim a bordo, por isso viajamos com a graça de um time universitário de hóquei.

Uma grande explosão de luz — dourada e prateada — vinda do alto fez com que as paredes do chalé estremecessem. Luce levantou-se em um pulo a tempo de ver Ariane, Roland, Gabbe, Molly e Annabelle — a garota que Luce descobrira, em Helston, ser um anjo — flutuando devagar a partir das vigas, com as asas abertas. Juntos, formavam uma miríade de cores: preto e dourado, branco e prateado. As cores representavam lados diferentes, mas ali estavam eles. Juntos.

Um momento depois, Shelby e Miles desciam tropeçando pela escada de madeira. Ainda vestiam as mesmas roupas — Shelby com um suéter verde e Miles com calças jeans e um boné de beisebol —

que usaram para o jantar do Dia de Ação de Graças, que parecia ter acontecido há uma eternidade.

Luce sentiu como se sonhasse. Era tão maravilhoso ver aqueles rostos familiares — que ela se perguntara, com sinceridade, se voltaria a vê-los algum dia. Os únicos que não estavam ali eram seus pais, obviamente, e Callie, mas ela os veria em breve.

Começando por Ariane, os anjos e os Nefilim rodearam Luce e Daniel em outro enorme abraço. Até mesmo Annabelle, que Luce mal conhecia. Até mesmo Molly.

De repente, todos gritavam...

Annabelle, batendo as pálpebras cor-de-rosa cintilante, dizia: "Quando vocês voltaram? Temos *tanto* para contar!" E Gabbe, beijando a face de Luce, continuava: "Espero que vocês tenham tomado cuidado... E espero que tenham visto o que precisavam ver." Depois, Ariane: "Vocês trouxeram alguma notícia boa?" E Shelby, sem fôlego: "Ficamos procurando você por, tipo, uma eternidade. Não é, Miles?" Então, Roland: "É demais ver que você voltou inteira para casa, menina." Por fim, Daniel, silenciando a todos com a gravidade da sua voz:

— Quem trouxe os Nefilim?

— Eu. — Molly envolveu. com um braço, Shelby e Miles. — Tem algo a dizer a respeito?

Daniel olhou para os amigos de Luce. Antes que ela tivesse a chance de defendê-los, os cantos dos lábios dele se elevaram em um sorriso e ele disse:

— Ótimo. Precisaremos de toda a ajuda que conseguirmos. Sentem-se, todos.

— Lúcifer não pode estar falando sério — disse Cam, balançando a cabeça, chocado. — É somente um último recurso desesperado. Ele não faria... Provavelmente ele apenas tentava que Luce...

— Ele faria — disse Roland.

Eles estavam espalhados em um círculo perto da lareira, virados para Luce e Daniel, na cadeira de balanço. Gabbe encontrara cachorros-quentes, marshmallows e pacotes de chocolate quente em pó, e montara uma pequena estação gastronômica em frente ao fogo.

— Ele preferiria recomeçar a perder o orgulho próprio — acrescentou Molly. — Além disso, ele não tem nada a perder apagando o passado.

Miles deixou seu cachorro-quente cair e o prato bateu com força no chão de madeira de lei.

— Isso significa que Shelby e eu... Não existiríamos? E quanto a Luce, onde ela estaria?

Ninguém respondeu. Luce sentiu-se constrangedoramente consciente do seu estado não angélico. Um calor se espalhou pela parte superior dos seus ombros.

— Como é possível que ainda estejamos aqui, se o tempo foi reescrito? — perguntou Shelby.

— É possível porque os anjos ainda não acabaram de cair — respondeu Daniel. — Quando isso acontecer, a ação estará concluída e não poderá ser revertida.

— Então, temos... — Ariane falou com a voz baixa. — Nove dias.

— Daniel? — Gabbe olhou para ele. — Diga-nos o que podemos fazer.

— Há apenas uma coisa — disse Daniel. Todas as asas brilhantes se voltaram para ele, em expectativa. — Precisamos atrair todos até o local onde os anjos caíram.

— Que fica...? — perguntou Miles.

Ninguém falou durante um longo tempo.

— É difícil dizer — respondeu, finalmente, Daniel. — Tudo aconteceu há muito tempo e éramos novatos na Terra. Contudo — ele olhou para Cam —, podemos descobrir.

Cam soltou um assobio baixo. Estaria com medo?

— Nove dias não é tempo suficiente para descobrir o local da Queda — disse Gabbe. — Quanto mais para impedir Lúcifer, quando chegarmos até ele.

— Nós precisamos tentar — retrucou Luce, sem pensar, surpresa com a própria certeza.

Daniel olhou para o grupo formado por anjos, pelos chamados demônios e pelos Nefilim. Seu olhar envolveu a todos, sua família.

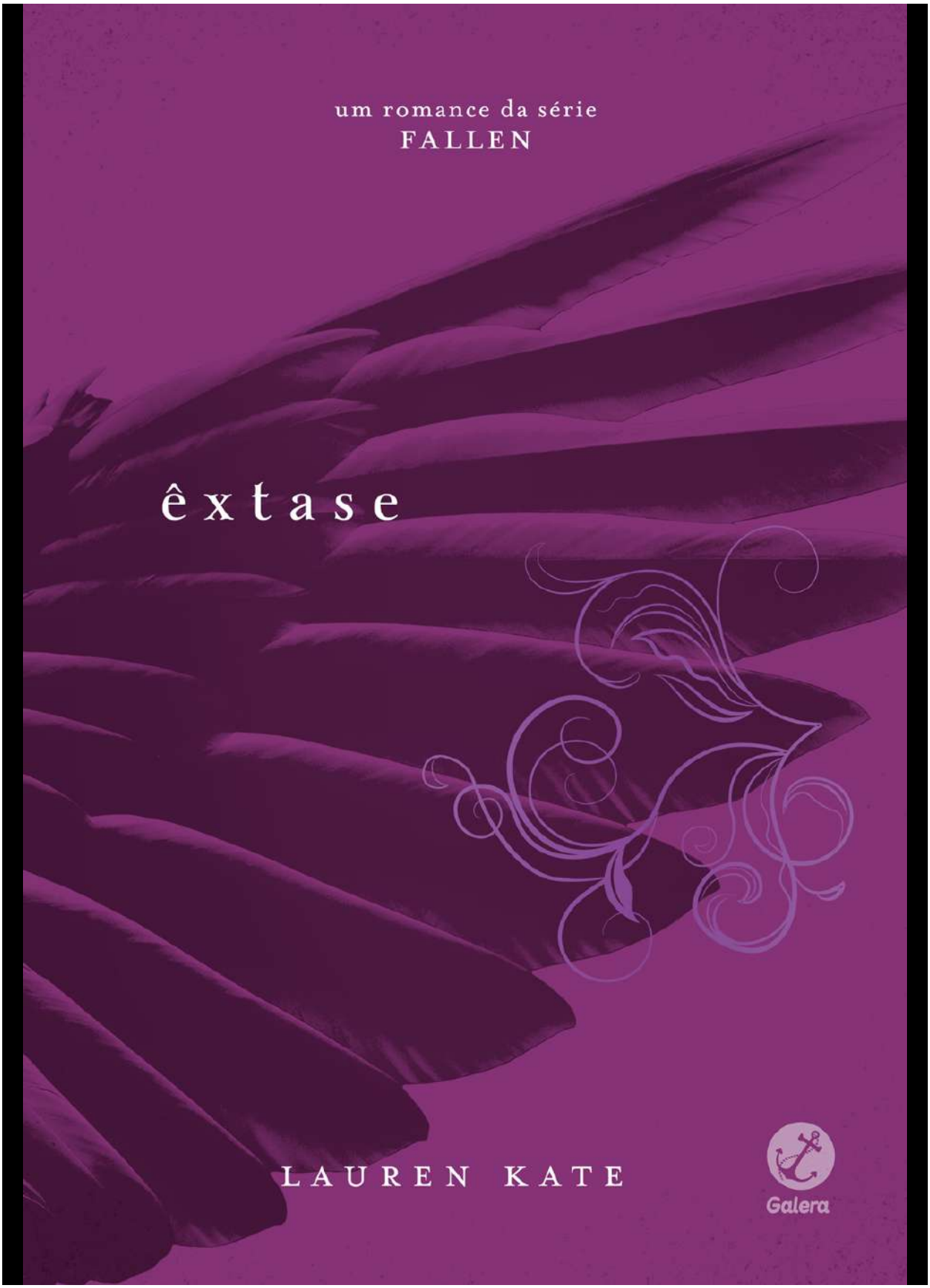
— Estamos juntos nessa, então? Todos nós? — Finalmente, seus olhos pararam em Luce.

E, embora não conseguisse imaginar o amanhã, Luce deu um passo em direção ao abraço de Daniel e disse:

— Sempre.

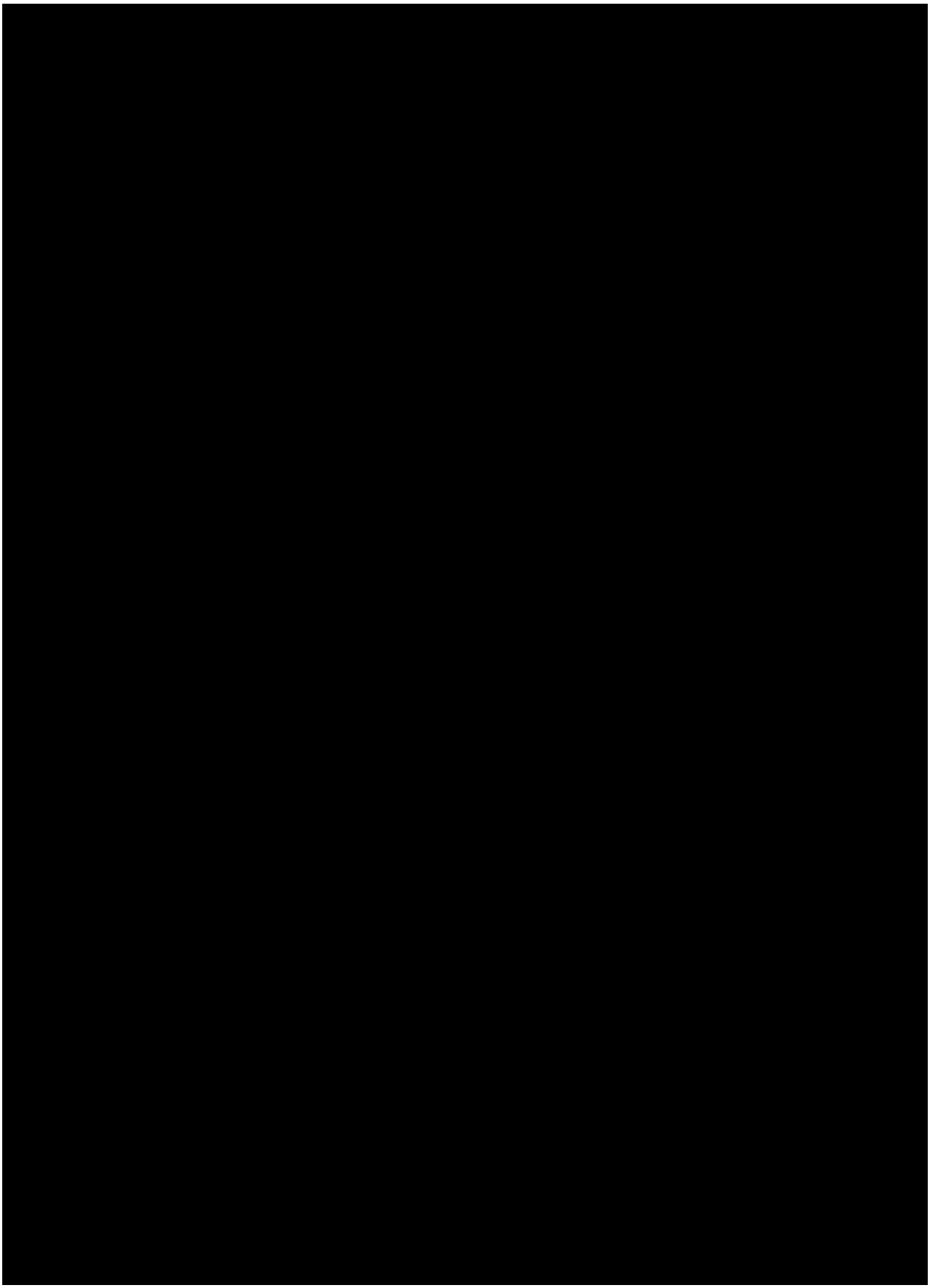
um romance da série
FALLEN

êxtase



LAUREN KATE

Galera



Livros da autora publicados pela Galera Record

Série *Fallen*
Volume 1 – Fallen
Volume 2 – Tormenta
Volume 3 – Paixão
Volume 4 – Êxtase

Apaixonados – Histórias de amor de Fallen
Anjos na escuridão - Contos da série Fallen
O livro de Cam – Um romance da série Fallen

Série *Teardrop*
Volume 1 - Lágrima
Volume 2 - Dilúvio

A traição de Natalie Hargrove

um romance da série
FALLEN

êxtase

LAUREN KATE

Tradução de
Ana Carolina Mesquita

1ª EDIÇÃO

Galera
2023

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kate, Lauren
K31e Êxtase [recurso eletrônico] / Lauren Kate ; tradução Ana Carolina Mesquita. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2023.
(Fallen; 4)

Tradução de: Rapture
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40200-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

12-8163

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Rapture

Text copyright © 2012 by Lauren Kate e Tinderbox Books, LLC.

Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random House Children's Books, divisão da Random House, Inc.

Direitos de tradução negociados com Tinderbox Books, LLC e Sandra Bruna Agencia Literária, S. L.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40200-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

EDITORA AFILIADA

PARA JASON —
SEM SEU AMOR,
NADA É POSSÍVEL.



AGRADECIMENTOS

É uma coisa maravilhosa descobrir que a lista de agradecimentos está crescendo a cada livro. Sou grata a Michael Stearns e a Ted Malawer por acreditarem em mim, por me tolerarem, por me fazerem trabalhar tão arduamente. Para Wendy Loggia, Beverly Horowitz, Krista Vitola e à excelente equipe da Delacorte Press: vocês fizeram a série Fallen voar alto do início ao fim. Para Angela Carlino, Barbara Perris, Chip Gibson, Judith Haut, Noreen Herits (já sinto sua falta!), Roshan Nozari e Dominique Cimina pelo quão habilmente vocês transformaram minha história em um livro.

Para Sandra Van Mook e meus amigos na Holanda, para Gabriella Ambrosini e Beatrice Masini na Itália, para Shirley Ng e a equipe da MPH em Kuala Lumpur; para Rino Balatbat, Karla, Chad, a maravilhosa família Ramos, e meus magníficos fãs filipinos, para Dorothy Tonkin, Justin

Ractliffe e a brilhante equipe da Random House Austrália; para Rebecca Simpson na Nova Zelândia, para Ana Lima e Cecilia Brandi e à Record pela estada maravilhosa no Brasil, para Lauren Kate Bennet e as garotas adoráveis na RHUK; para Amy Fisher e Iris Barazani pela inspiração em Jerusalém. Que ano maravilhoso passei com todos vocês — um viva a todos!

Para todos os meus leitores, que me mostram o lado brilhante da vida a cada dia. Obrigada.

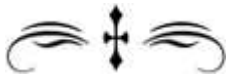
A minha família, pela paciência e confiança e senso de humor. Para meus amigos, por me resgatarem da caverna da criação. E, sempre, para Jason, que se aventura na caverna quando me recuso a ser resgatada. Tenho sorte de contar com todos em minha vida.

Todas as demais coisas à ruína se arrastam,
Apenas o nosso amor não conhece declínio...

⁂

— John Donne, *"O Aniversário"*

PRÓLOGO



Antes havia o silêncio...

No espaço entre o Céu e a Queda, nas profundezas da distância insondável, houve um momento em que o trinado glorioso do Universo desapareceu e foi substituído por um silêncio tão profundo que a alma de Daniel se esforçou para distinguir algum ruído.

Então veio a sensação de queda — uma queda que nem as asas dele poderiam evitar, como se nelas o Trono tivesse prendido luas. Mal batiam e, quando batiam, isto não causava impacto na queda.

Para onde ele estava indo? Não havia nada diante de si e nada atrás. Nada acima e nada abaixo. Apenas uma escuridão espessa e a silhueta borrada do que restara da alma de Daniel.

Na ausência de som, a imaginação assumiu o comando. Encheu-lhe a cabeça com algo que ia além do som, algo inescapável: as palavras assombrosas da maldição de Lucinda.

Ela vai morrer... Jamais passará da adolescência — morrerá de novo, e de novo, e de novo, exatamente no momento em que se lembrar da escolha que você fez.

Vocês jamais ficarão verdadeiramente juntos.

Esta foi a praga maligna de Lúcifer, o adendo amargurado à sentença proferida pelo Trono no Prado Celestial. Agora a morte estava vindo para o seu amor. Poderia Daniel impedi-la? Será que sequer a reconheceria?

Pois o que um anjo sabia sobre a morte? Daniel havia testemunhado a morte chegar tranquilamente a alguns integrantes da nova raça mortal chamada seres humanos, mas esta não era uma preocupação dos anjos.

Morte e adolescência: absolutas na Maldição de Lúcifer. Nenhuma das duas significava alguma coisa para Daniel. Tudo o que sabia é que ser separado de Lucinda não era uma punição que conseguiria suportar. Eles precisavam ficar juntos.

— Lucinda! — gritou ele.

Deveria ter sentido a alma se aquecer somente por pensar nela, mas só havia a ausência, dolorosa, uma abundância do que não estava.

Ele deveria ter sido capaz de sentir os irmãos ao redor — todos aqueles que fizeram escolhas erradas ou tardias; os que não haviam feito escolha alguma e sido expulsos pela sua indecisão. Ele sabia que não estava *verdadeiramente* sozinho; muitos tinham mergulhado em queda quando o solo de nuvens sob eles se abriu para o vazio.

Porém, ele não era capaz de ver ou sentir a presença de mais ninguém.

Antes desse momento, jamais estivera só. Agora ele se sentia o último dos anjos em todos os mundos.

Não pense assim. Você irá se perder.

Ele tentou se agarrar a pensamentos... Lucinda, a lista de chamada, Lucinda, a *escolha...* mas, à medida que caía, ficava cada vez mais difícil se lembrar. Quais, por exemplo, tinham sido as últimas palavras que ouvira do Trono...

Os Portões do Céu...

Os Portões do Céu estão...

Ele não conseguia se lembrar do que veio em seguida, conseguia apenas se recordar vagamente do tremeluzir da grande luz e do frio rigoroso tomando conta do Prado, e das árvores do Pomar caindo umas sobre as outras, provocando ondas de distúrbio furioso que foram sentidas por todo o cosmo, tsunamis de nuvens que obliteraram a visão os anjos e

esmagaram a sua glória. Houve também algo mais, algo logo antes da obliteração do Prado, algo que parecia uma...

Duplicação.

Um anjo luminosíssimo havia pairado durante a lista de chamada — disse que era o Daniel do futuro. Havia uma tristeza em seus olhos que parecia tão... *antiga.* Teria esse anjo — essa versão da alma de Daniel — sofrido profundamente?

Teria Lucinda?

Uma ira vasta fervilhou dentro de Daniel. Ele encontraria Lúcifer, o anjo que morava no beco sem saída de todas as ideias. Daniel não tinha medo do traidor que certa vez fora a Estrela da Manhã. Onde quer e quando quer que eles chegassem ao fim desse oblívio, Daniel teria sua vingança. Mas primeiro encontraria Lucinda, pois sem ela nada tinha importância. Sem o amor dela, nada era possível.

O amor dos dois era um amor que tornava inconcebível escolher entre Lúcifer ou o Trono. O único lado que Daniel podia escolher era o de Lucinda. Portanto, agora ele pagaria por essa escolha, porém ainda não compreendia o formato que tal punição assumiria, somente que, agora, Lucinda fora tirada do lugar que era seu por direito: ao lado dele.

A dor da separação de sua alma gêmea atravessou Daniel de repente, rígida e brutal. Ele gemeu sem palavras, a mente

se anuviou, e de repente, pavorosamente, não conseguia mais se lembrar do *porquê*.

Ele caía sem parar, descendo por escuridões cada vez mais densas.

Já não podia ver, sentir ou se lembrar de como havia ido parar ali, em lugar nenhum, descendo em direção ao nada — em direção a onde? Por quanto tempo?

Suas recordações falhavam e se esvaneciam. Era cada vez mais difícil se lembrar das palavras proferidas pelo anjo no campo branco que se parecia tanto com...

Com quem o anjo se parecia? E o que ele havia dito que era tão importante?

Daniel não sabia, não sabia de mais nada.

Somente que estava descendo através de um vazio interminável.

Ele foi tomado pela necessidade de encontrar algo... alguém.

Uma necessidade de se sentir inteiro novamente...

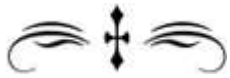
Mas havia apenas escuridão dentro de escuridão...

Silêncio afogando seus pensamentos...

Um nada que era tudo.

Daniel caiu.

UM



O LIVRO DOS GUARDIÕES

— Bom dia.

A mão cálida afagou o rosto de Luce e colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Ela rolou para o lado, bocejou e abriu os olhos. Estivera dormindo profundamente, sonhando com Daniel.

— Oh — disse ela com um arquejo de espanto, sentindo o toque em seu rosto. Ali estava ele.

Daniel estava sentado ao lado dela. Usava um suéter preto e o mesmo cachecol vermelho amarrado em volta do pescoço, como na primeira vez em que o vira na Sword & Cross. Parecia mais lindo do que um sonho.

O peso de Daniel fez a beirada da cama de armar balançar um pouco, e Luce encolheu as pernas para se aconchegar mais perto dele.

— Você não é um sonho — disse ela.

Os olhos de Daniel estavam mais turvos do que estava acostumada, mas ainda cintilavam com o mais luminoso tom de violeta ao mirarem o rosto de Luce, analisando suas feições como se a visse pela primeira vez. Ele se inclinou para baixo e pressionou seus lábios nos dela.

Luce enlaçou o corpo ao dele, abraçando-lhe a nuca, feliz por retribuir o beijo. Não dava a mínima para o fato de não ter escovado os dentes, para os cabelos despenteados. Não dava a mínima para nada mais senão aquele beijo. Estavam juntos agora, e nenhum dos dois conseguia parar de sorrir.

Então tudo lhe veio novamente à lembrança.

Garras afiadas como lâminas e olhos vermelhos embaçados. O fedor sufocante de morte e podridão. Escuridão em toda parte, tão completa em sua perdição que fazia a luz, o amor e tudo o que havia de bom no mundo parecer cansado, destruído e morto.

Que Lúcifer tivesse significado algo para ela — Bill, a geniosa gárgula de pedra que acreditara ser seu amigo, na verdade era o próprio Lúcifer — parecia impossível. Ela o deixou se aproximar demais e agora, por não ter feito o que

ele desejava — matar a própria alma no Antigo Egito —, ele decidiu começar do zero.

Envergar o tempo e apagar tudo o que aconteceu desde a Queda.

Todas as vidas, todos os amores, todos os momentos que qualquer alma mortal ou angelical já tinham vivido seriam destruídos e descartados conforme o capricho indiferente de Lúcifer, como se o Universo fosse um jogo de tabuleiro e ele, uma criança birrenta que desiste de brincar quando começa a perder. Luce não fazia a menor ideia, porém, do que ele desejava ganhar.

Sentiu a pele esquentar ao se lembrar da fúria de Lúcifer. Ele *quis* que ela visse aquilo, que tremesse nas mãos dele quando a levava de volta ao momento da Queda. Desejou lhe mostrar que, para ele, aquilo era um assunto pessoal.

Depois a atirou para o lado e lançou um Anunciador semelhante a uma rede para capturar todos os anjos que haviam caído do Céu.

Justamente quando Daniel a apanhou naquele vazio estrelado, Lúcifer saiu da existência e incitou a Queda a recomeçar. Ele estava lá agora com os anjos caídos, incluindo a versão passada de si. Como o restante deles, Lúcifer cairia em isolamento impotente — com seus irmãos, porém separado; junto, mas sozinho. Milênios atrás, os anjos

levaram nove dias mortais para despencar do Céu para a Terra. Uma vez que a segunda Queda de Lúcifer seguiria a mesma trajetória, Luce, Daniel e os outros tinham exatamente nove dias para impedi-lo.

Se não o fizessem, quando Lúcifer e seu Anunciador repleto de Anjos chegassem à Terra, haveria um soluço no tempo que reverberaria em reverso até o momento da Queda original, e então tudo recomeçaria. Como se os sete mil anos entre aquele dia e hoje jamais tivessem existido.

Como se Luce não tivesse finalmente começado a entender a maldição, a entender onde ela se encaixava naquilo tudo, a aprender quem era e o que poderia ser.

A história e o futuro do mundo estavam em risco... a menos que Luce, sete anjos e dois Nefilim pudessem impedir Lúcifer. Eles tinham nove dias e não faziam a menor ideia de por onde começar.

Luce estava tão cansada na noite anterior que não se lembrava de ter deitado naquela cama de armar, de envolver o fino cobertor azul ao redor dos ombros. Havia teias de aranha nas vigas do pequeno chalé. Uma mesa portátil estava repleta de canecas de chocolate quente pela metade que Gabbe preparara para todo mundo na noite passada. Tudo aquilo, entretanto, parecia um sonho para Luce. Sua fuga do

Anunciador até essa ilhazinha na costa de Tybee, essa zona segura para anjos, fora obscurecida por uma fadiga ofuscante.

Ela havia caído no sono enquanto os outros ainda conversavam, deixando a voz de Daniel niná-la ao reino dos sonhos. Agora o chalé estava em silêncio, e na janela atrás da silhueta de Daniel, o céu exibia um tom cinzento de quase amanhecer.

Esticou a mão e tocou-lhe o rosto. Ele virou a cabeça e beijou a palma da mão dela. Luce apertou os olhos para parar de chorar. Por que, depois de tudo o que haviam passado, Luce e Daniel ainda precisavam derrotar o diabo para ficarem livres para amar?

— Daniel. — A voz de Roland veio da porta do chalé. As mãos estavam enfiadas nos bolsos de seu sobretudo, e um gorro de lã cinzenta coroava os *dreadlocks*. Ele ofereceu a Luce um sorriso cansado. — Está na hora.

— Está na hora de quê? — Luce se apoiou sobre os cotovelos. — Estamos indo embora? Já? Eu queria me despedir dos meus pais. Eles provavelmente estão em pânico.

— Pensei em levar você para a casa deles agora — explicou Daniel —, para se despedir.

— Mas como vou explicar meu desaparecimento depois do jantar de Ação de Graças?

Ela se lembrou das palavras de Daniel na noite anterior: embora parecesse que tinham estado dentro dos Anunciadores durante uma eternidade, na verdade somente algumas poucas horas haviam se passado.

Ainda assim, para Harry e Doreen Price, algumas poucas horas de desaparecimento da filha *eram* uma eternidade.

Daniel e Roland trocaram um olhar.

— Nós já cuidamos disso — disse Roland, estendendo a Daniel um molho de chaves de carro.

— Cuidaram disso como? — perguntou Luce. — Certa vez meu pai chamou a polícia quando cheguei da escola com meia hora de atraso...

— Não esquenta, menina — disse Roland. — Nós limpamos sua barra. Você só precisa fazer uma pequena troca de figurino. — Ele apontou para uma mochila na cadeira de balanço perto da porta. — Gabbe trouxe suas coisas para cá.

— Hã, valeu — disse ela, confusa.

Onde estava Gabbe? Onde estava o restante deles? O chalé parecia lotado na noite anterior, bastante reconfortante com o brilho das asas e do cheiro de chocolate quente e canela. A lembrança daquele aconchego, mais a promessa de se despedir dos pais sem saber para onde estava indo, faziam com que a manhã parecesse vazia.

O piso de madeira era áspero de encontro aos pés de Luce. Olhou para baixo e percebeu que ainda usava o leve vestido branco que colocara no Egito, na última vida que havia visitado através dos Anunciadores. Bill a fizera vestir aquilo.

Não. Bill, não. *Lúcifer*. Ele olhou de soslaio com aprovação quando ela enfiou a seta estelar no cós, refletindo sobre o conselho que lhe dera: matar a própria alma.

Nunca, nunca, nunca. Luce tinha tanto para viver!

Dentro da velha mochila verde que ela costumava levar aos acampamentos de verão, encontrou seus pijamas preferidos — de flanela, listrados de vermelho e branco — bem dobrados, e debaixo deles estavam as pantufas brancas combinando.

— Mas é de manhã — protestou Luce. — Por que vou precisar de pijamas?

Novamente Daniel e Roland trocaram um olhar e dessa vez tentaram não rir.

— Confie em nós, só isso — pediu Roland.

Depois de se trocar, Luce seguiu Daniel para fora do chalé, deixando que os ombros largos dele cortassem o vento enquanto os dois caminhavam pela praia pedregosa em direção à água.

A minúscula ilha na costa de Tybee ficava a mais ou menos um quilômetro e meio do litoral de Savannah. Roland prometeu que um carro estaria à espera deles do outro lado do mar.

As asas de Daniel estavam escondidas, mas ele deve ter sentido o olhar de Luce sobre o local de onde se abriam em seus ombros.

— Quando tudo estiver acertado, voaremos até o ponto onde precisamos ir, seja lá qual for, para impedir Lúcifer. Até lá, melhor ficar com os pés plantados no chão.

— Tudo bem — concordou Luce.

— Que tal uma corrida até o outro lado?

A respiração dela condensou no ar.

— Sabe que eu ganho de você.

— Verdade. — Ele passou um braço em volta da cintura de Luce, para aquecê-la. — Melhor irmos de barco, então. E proteger meu famoso orgulho.

Ela o observou desatracar do cais um pequeno barco metálico a remo. A luz suave sobre as águas fez com que se lembrasse do dia em que disputaram uma corrida no lago secreto na Sword & Cross. A pele dele brilhou quando subiram na rocha plana que ficava no meio para tomar fôlego e depois se deitaram na pedra aquecida pelo sol, deixando que o calor do dia secasse seus corpos. Mal conhecia Daniel

naquela época — nem sabia que era um anjo —, mas já estava perigosamente apaixonada por ele.

— A gente costumava nadar juntos na minha existência no Taiti, não é? — perguntou ela, surpresa por se lembrar de outra época em que vira o cabelo de Daniel cintilar com água.

Daniel a encarou, e ela entendeu o quanto significava para ele poder finalmente compartilhar algumas de suas recordações do passado dos dois. Ele pareceu tão emocionado que Luce pensou que talvez fosse chorar.

Em vez disso, ele lhe beijou a testa com ternura e disse:

— Você me derrotou em todas aquelas vezes também, Lulu.

Não conversaram muito enquanto Daniel remava. Para Luce, era suficiente olhar o modo como os músculos dele se retesavam e flexionavam sempre que levava os braços para trás, ouvir os remos mergulhando e saindo da água gelada, respirar a brisa do oceano. O sol estava nascendo atrás dos ombros dela, aquecendo-lhe a nuca, mas conforme se aproximavam do continente, ela viu algo que arrepiou sua espinha.

Ela reconheceu o Taurus 1993 imediatamente.

— O que foi? — perguntou Daniel, notando a postura de Luce se enrijecer quando o barco tocou a praia. — Ah.

Isso.

Ele pareceu despreocupado ao saltar do barco e estender a mão para ajudar Luce. O chão estava viscoso e com cheiro forte. Aquilo fez Luce se lembrar de sua infância, correndo pelas florestas da Geórgia no outono, deliciando-se com as perspectivas de travessuras e aventura.

— Não é o que você está pensando — disse Daniel. — Quando Sophia fugiu da Sword & Cross, depois que... — Luce aguardou, estremecendo, torcendo para Daniel não dizer "depois que ela assassinou Penn". — Depois que descobrimos quem ela realmente era, os anjos confiscaram o carro. — O rosto dele endureceu. — Ela nos deve isso e muito mais.

Luce pensou no rosto branco de Penn, na vida que se esvaía dele.

— Onde Sophia está agora?

Daniel balançou a cabeça.

— Não sei. Infelizmente, talvez logo descobriremos. Tenho a sensação de que ela vai dar um jeito de se infiltrar em nossos planos. — Ele tirou as chaves do bolso, inseriu uma na porta do passageiro. — Mas não é com isso que você deve se preocupar agora.

Luce olhou para ele enquanto afundava no assento de tecido cinza.

— Então com o que devo me preocupar agora?

Daniel virou a chave, e o carro estremeceu lentamente de volta à vida. Da última vez em que se sentara ali, ficara preocupada por estar sozinha com ele. Foi a primeira noite em que se beijaram — pelo menos de acordo com o que ela sabia na época. Luce estava prendendo o cinto de segurança quando sentiu os dedos de Daniel sobre os dela.

— Lembre-se — disse Daniel em voz baixa, estendendo o braço para prender o cinto para ela, deixando suas mãos se demorarem sobre as de Luce. — Há um truque.

Ele a beijou na bochecha, depois deu ré e saiu da mata úmida, entrando em uma estrada de asfalto estreita com duas pistas. Eles eram os únicos ali.

— Daniel? — indagou Luce mais uma vez. — Com o que mais eu deveria me preocupar agora?

Ele olhou para o pijama de Luce.

— Você é boa em se fingir de doente?

⁂

O Taurus branco estava escondido na alameda atrás da casa dos pais de Luce quando ela passou de fininho pelas árvores de azaleias que ficavam ao lado do seu quarto. No verão, haveria vinhas de tomate subindo da terra escura, mas

no inverno o jardim lateral parecia morto e assustador, nada parecido com um lar. Ela não conseguiu se recordar da última vez que ficara ali. Já havia saído escondida de três internatos antes, mas nunca da casa dos pais. Agora estava *entrando* escondida, e não tinha ideia de como a janela do seu quarto funcionava. Luce olhou para o bairro adormecido ao redor, para o jornal matutino envolto na embalagem de plástico molhada de orvalho num canto do gramado dos pais, para o velho aro de basquete sem rede na entrada da casa dos Johnson, do outro lado da rua. Nada mudara desde que ela fora embora. Nada mudara, a não ser Luce. Se Bill conseguisse seu intento, será que esse bairro também desapareceria?

Ela deu um último aceno para Daniel, que observava do carro parado, inspirou profundamente e usou os polegares para soltar o painel inferior da janela do peitoril pintado de azul e com a tinta já lascada.

Ele deslizou para cima. Alguém lá dentro já tinha aberto as persianas. Luce parou, espantada, quando as cortinas de musselina branca se abriram e a cabeça meio loira, meio castanha de sua ex-inimiga Molly Zane preencheu a abertura.

— E aí, Bolo de Carne?

Luce se arrepiou ao ouvir o apelido que ganhara no primeiro dia na Sword & Cross. Seria *disso* que Daniel e

Roland estavam falando quando disseram que haviam cuidado das coisas em casa?

— O que você está fazendo aqui, Molly?

— Ora, ora. Eu não mordo, não. — Molly estendeu a mão. As unhas eram verde-esmeralda, descascadas.

Luce afundou a mão na de Molly, inclinou o corpo para o lado e passou, uma perna de cada vez, pela janela.

Seu quarto parecia pequeno e datado, como uma cápsula do tempo de uma Luce muito antiga. Lá estava o pôster emoldurado da Torre Eiffel, atrás da porta. O quadro com as medalhas de natação da escola primária de Thunderbolt. E ali, embaixo do edredom verde e amarelo com estampa havaiana, sua melhor amiga, Callie.

Callie saiu de baixo das cobertas, correu ao redor da cama e se atirou nos braços de Luce.

— Eles não paravam de me dizer que você ficaria bem, mas daquele jeito mentiroso de "também-estamos-completamente-aterrorizados-mas-não-vamos-explicar-nada-para-você". Tem noção de como aquilo foi completamente medonho? Foi como se você tivesse despencado para fora da face da Terra...

Luce a abraçou com força. Pelo que Callie sabia, Luce só estivera ausente desde a noite anterior.

— Certo, vocês duas — resmungou Molly, afastando Luce de Callie. — Podem dar o showzinho dos "ai meu Deus!" mais tarde. Eu não fiquei deitada nessa cama com aquela peruca barata de poliéster a noite inteira encenando Luce-gripada para que vocês duas destruam nosso disfarce agora. — Ela revirou os olhos. — Amadoras!

— Espere aí. Você o quê? — perguntou Luce.

— Depois que você... desapareceu — disse Callie, sem ar —, nós sabíamos que jamais poderíamos explicar isso aos seus pais. Quero dizer, nem *eu* conseguia acreditar no que havia visto com os próprios olhos. Então Gabbe deu um jeito no quintal, e eu disse a eles que você estava se sentindo mal e tinha ido se deitar, e Molly fingiu ser você e...

— Por sorte encontrei isto no seu armário. — Molly girou uma peruca de cabelos pretos curtos em um dos dedos. — Recordação de Halloween?

— Mulher Maravilha. — Luce estremeceu, arrependida da sua fantasia da escola secundária, e não pela primeira vez.

— Bem, funcionou.

Era estranho ver Molly (que outrora estivera ao lado de Lúcifer) ajudando-a. Mas até mesmo Molly, assim como Cam e Roland, não desejava cair novamente. Então ali estavam eles, uma equipe, estranhos aliados.

— Você segurou as pontas por mim? Não sei nem o que dizer. Obrigada.

— Tranquilo. — Molly inclinou a cabeça para Callie, qualquer coisa para se esquivar da gratidão de Luce. — Ela é que foi a verdadeira diabinha persuasiva. Agradeça a ela. — Molly enfiou uma perna pela janela aberta e se virou para dizer: — Vocês duas acham que podem assumir as coisas a partir daqui? Tenho um compromisso na Waffle House.

Luce mostrou o polegar para cima e desabou na cama.

— Oh, Luce — sussurrou Callie. — Quando você foi embora, todo o quintal da sua casa ficou coberto de *poeira* cinzenta. Mas aquela garota loira, Gabbe, simplesmente fez um gesto e aquilo tudo *desapareceu*! Aí dissemos que você estava passando mal, que todo mundo tinha voltado para casa, e começamos a lavar a louça com seus pais, como se nada tivesse acontecido. E no começo eu achei que essa tal de Molly fosse meio terrível, mas na verdade é legal. — Os olhos dela se estreitaram. — Mas *aonde* você foi? O que aconteceu com você? Você me assustou mesmo, Luce.

— Não sei nem por onde começar — disse Luce.

Uma batida foi seguida do rangido familiar de porta se abrindo.

A mãe de Luce estava no corredor, com os cabelos despenteados presos por um grampo amarelo-banana, o rosto

bonito sem maquiagem. Ela segurava uma bandeja de vime com dois copos de suco de laranja, dois pratos com torradas amanteigadas e um envelope de antiácido.

— Parece que alguém está se sentindo melhor.

Luce esperou até a mãe colocar a bandeja na mesinha de cabeceira e depois a abraçou pela cintura, enterrando o rosto em seu robe cor-de-rosa atoalhado. Lágrimas fizeram seus olhos arderem. Ela fungou.

— Oh, minha filhinha — disse a mãe, colocando a mão sobre a testa e rosto de Luce para ver se estava com febre. Embora não falasse daquele jeito doce com Luce há séculos, era tão bom ouvi-lo.

— Eu amo você, mãe.

— Não me diga que ela está doente demais para as liquidações da Black Friday. — O pai de Luce apareceu à porta, segurando um regador verde de plástico. Estava sorrindo, no entanto os olhos do Sr. Price pareciam preocupados por trás dos óculos sem armação.

— Estou melhor — começou Luce. — Mas...

— Oh, Harry — disse a mãe de Luce. — Você sabe que ela só podia ficar aqui por um dia. Precisa voltar para a escola. — Ela se virou para Luce. — Daniel ligou agora há pouco, querida. Disse que pode apanhá-la e levá-la de volta à

Sword & Cross. Falei que é claro que eu e seu pai ficaríamos contentes em levá-la, mas...

— Não — interrompeu Luce rapidamente, lembrando-se do plano que Daniel havia detalhado no carro. — Mesmo que eu não possa ir, vocês dois têm de aproveitar o feriado. É uma tradição da família Price.

Todos resolveram que Luce pegaria uma carona com Daniel enquanto seus pais levariam Callie ao aeroporto. Enquanto as meninas comiam, os pais de Luce ficaram sentados na beirada da cama conversando sobre o Dia de Ação de Graças ("Gabbe poliu toda a porcelana — um anjo!"). Quando a conversa enveredou para os itens baratíssimos que estavam querendo comprar na Black Friday ("O seu pai sempre quer ferramentas"), Luce se deu conta de que não havia dito nada, a não ser partículas preenchedoras inocentes, como "Hã-hã" e "É mesmo?".

Quando os pais finalmente se levantavam para levar a louça até a cozinha e Callie começou a arrumar as malas, Luce foi ao banheiro e fechou a porta.

Estava sozinha pela primeira vez no que parecia um milhão de anos. Sentou-se no banquinho e olhou seu reflexo no espelho.

Era ela mesma, mas diferente. Sim, com certeza era Lucinda Price quem a fitava de volta, mas também...

Havia Layla nos lábios fartos, Lulu nas ondas espessas do cabelo, Lu Xin na intensidade dos olhos cor de avelã, Lucia no brilho do olhar. Ela não estava sozinha. Talvez jamais voltasse a estar. Ali, no espelho, todas as encarnações de Lucinda a olhavam, perguntando-se: "O que será de nós? E nossa história, e nosso amor?"

Tomou uma chuveirada e colocou um par de jeans limpos, suas botas pretas de montaria e um suéter branco comprido. Sentou-se sobre a mala de Callie enquanto a amiga lutava para fechá-la. O silêncio entre elas era brutal.

— Você é minha melhor amiga, Callie — disse Luce por fim. — Estou passando por algo que não compreendo. Mas esse algo não tem a ver com você. Desculpe por não saber como ser mais específica, mas senti sua falta. Muito.

Os ombros de Callie se tensionaram.

— Você costumava me contar tudo.

O olhar que passou entre as duas sugeriu, porém, que ambas sabiam que já não era mais possível fazer isto.

A porta de um carro bateu lá fora.

Pelas persianas abertas, Luce viu Daniel andando pela trilha da frente da casa de seus pais. E, embora ele a tivesse deixado ali há menos de uma hora, Luce sentiu o coração se acelerar e as faces corarem ao vê-lo. Ele caminhava devagar,

como se flutuasse, o mesmo cachecol vermelho voando atrás dele ao vento. Até mesmo Callie o encarou.

Os pais de Luce se reuniram no saguão com eles. Ela abraçou cada um por um longo tempo — primeiro o pai, depois a mãe, depois Callie, que a apertou com força e sussurrou depressa:

— O que eu vi na noite passada... você entrando naquela... naquela *sombra*... foi lindo. Só quero que saiba disso.

Luce sentiu os olhos arderem de novo. Retribuiu o abraço apertado e sussurrou:

— Obrigada.

Depois caminhou pela trilha, para os braços de Daniel e para o que quer que viesse com eles.

⁂

— Aí estão vocês, seus pombinhos, fazendo o que os pombinhos fazem — cantarolou Ariane, inclinando a cabeça para fora de uma longa estante.

Estava sentada de pernas cruzadas em uma cadeira de madeira da biblioteca, fazendo malabarismos com algumas bolinhas de lã colorida. Usava macacão e coturnos, e seus cabelos escuros estavam presos em trancinhas.

Luce não se sentia muito empolgada por estar de volta à biblioteca da Sword & Cross. O lugar havia sido reformado depois do incêndio que o destruiu, mas ainda cheirava como se algo grande e feio tivesse queimado ali. O corpo docente justificou o incêndio como um acidente infeliz, mas alguém havia morrido — Todd, um aluno quieto que Luce mal conhecera até a noite de sua morte —, e Luce sabia que tinha algo mais sombrio por trás daquela história. Ela culpava a si mesma. Aquilo para ela era muito parecido com o que acontecera com Trevor, um garoto por quem certa vez fora apaixonada e que morreu em outro incêndio inexplicável.

Agora, enquanto ela e Daniel davam a volta na estante para entrar na área de estudos da biblioteca, Luce via que Ariane não estava sozinha. Todos estavam ali: Gabbe, Roland, Cam, Molly, Annabelle (o anjo de cabelo rosa-shocking com pernas compridas), até mesmo Miles e Shelby, que acenaram empolgados e pareciam decididamente diferentes dos outros anjos, mas também diferentes dos adolescentes mortais.

Miles e Shelby estavam... estavam de *mãos dadas*? Quando Luce olhou de novo, entretanto, as mãos dos dois tinham sumido embaixo da mesa onde todos estavam sentados. Miles puxou a aba do boné de beisebol mais para a

frente do rosto. Shelby pigarreou e se inclinou sobre um livro.

— Seu livro — disse Luce a Daniel ao ver a lombada grossa com cola marrom quebradiça na parte inferior. Na capa desbotada, lia-se: *Os Guardiões: Mito na Europa Medieval, por Daniel Grigori.*

A mão dela esticou-se automaticamente na direção da capa cinza-claro. Fechou os olhos, porque aquilo também a fez recordar Penn, que encontrou o livro na última noite de Luce como aluna da Sword & Cross, e porque a fotografia colada no verso foi a primeira coisa que a convenceu de que a história que Daniel lhe contou poderia ser possível.

Era uma foto tirada em outra vida, em Helston, Inglaterra. E, embora isso parecesse não ser possível, não havia dúvidas: a jovem na fotografia era ela.

— Onde você o encontrou? — perguntou Luce.

Sua voz devia ter revelado alguma coisa, porque Shelby respondeu:

— O que há de tão importante nessa coisa velha empoeirada, afinal?

— É precioso. Nossa única chave agora — disse Gabbe. — Sophia certa vez tentou queimá-lo.

— Sophia? — A mão de Luce foi direto ao coração. — A Srta. Sophia tentou... O incêndio na biblioteca? Foi ela? —

Os outros fizeram que sim. — Ela matou Todd — disse Luce, anestesiada.

Então *não tinha* sido culpa de Luce. Mais uma vida caíra aos pés de Sophia. Aquilo não fez Luce se sentir nem um pouco melhor.

— E quase morreu de susto na noite em que você o mostrou para ela — disse Roland. — Todos nós ficamos impressionados, especialmente porque você sobreviveu para contar a história.

— Falamos sobre Daniel ter me beijado — lembrou Luce, corando. — E sobre eu ter sobrevivido a isso. Foi o que surpreendeu Sophia?

— Em parte — disse Roland. — Mas há muito mais coisas nesse livro que Sophia não queria que você soubesse.

— Ela não era uma grande educadora, não é? — comentou Cam, dando a Luce um sorrisinho que dizia: "Faz muito tempo, sabe".

— O que ela não queria que eu soubesse?

Todos os anjos se voltaram para Daniel.

— Na noite passada contamos a você que nenhum dos anjos se lembra de onde aterrissou depois da Queda — disse Daniel.

— Sim, falando nisso... Como é possível? — perguntou Shelby. — É de se pensar que esse tipo de coisa deixe uma

impressão e tanto na boa e velha memória.

O rosto de Cam ficou vermelho.

— Experimente cair durante nove dias através de múltiplas dimensões e trilhões de quilômetros, aterrissar de cara, quebrar suas asas, rolar pelo chão em choque por sabe-se lá quanto tempo, vagar no deserto durante décadas procurando por alguma pista de quem ou o quê ou onde você está... e depois venha me falar sobre a boa e velha memória.

— Certo, então você tem problemas de reconhecimento — disse Shelby, fazendo seu tom de psiquiatra. — Se *eu* fosse diagnosticar você...

— Bem, pelo menos você se lembra de que havia um deserto na história — comentou Miles diplomaticamente, o que fez Shelby rir.

Daniel se virou para Luce.

— Eu escrevi este livro depois que perdi você no Tibete... mas antes de encontrá-la na Prússia. Sei que visitou aquela vida no Tibete porque eu segui você até lá, então talvez perceba como perdê-la do jeito que eu perdi fez com que eu me voltasse para anos de pesquisa e estudos, a fim de descobrir um modo de quebrar essa maldição.

Luce olhou para o outro lado. Sua morte no Tibete fez com que Daniel se atirasse de um penhasco. Ela temia que

isso acontecesse de novo.

— Cam tem razão — disse Daniel. — Nenhum de nós se lembra de onde aterrissou. Vagamos no deserto até que ele não mais fosse um deserto; vagamos por planícies, vales e mares até que virassem deserto novamente. Foi apenas quando aos poucos encontramos uns aos outros e começamos a juntar as partes da história que nos lembramos de que um dia havíamos sido anjos. Porém, algumas relíquias foram criadas após a Queda, registros materiais de nossa história, que a humanidade encontrou e guardou como tesouros, dádivas, assim ela considera, de um deus que ela não compreende. Durante um longo tempo, três dessas relíquias ficaram enterradas num templo em Jerusalém, mas nas Cruzadas elas foram roubadas e separadas, indo parar em diferentes lugares. Nenhum de nós sabia onde.

"Quando fiz minhas pesquisas há centenas de anos — continuou Daniel —, eu me concentrei na era medieval e me voltei para o máximo de fontes possíveis, em uma espécie de caça ao tesouro em busca dessas relíquias. O fundamental da história toda é que esses três artefatos podem ser reunidos no monte Sinai...

— Por que o monte Sinai? — perguntou Shelby.

— Os canais entre o Trono e a Terra são mais próximos ali — explicou Gabbe, atirando o cabelo para trás. — Foi

onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos; é por onde os anjos entram quando vêm entregar mensagens do Trono.

— Pense que é uma espécie de imersão local de Deus — acrescentou Ariane, atirando uma das bolinhas alto demais e fazendo com que ela atingisse uma lâmpada.

— Mas, antes que você pergunte — interrompeu Cam, fazendo questão de olhar para Shelby de um jeito diferente —, o monte Sinai não foi o local original da Queda.

— Isso seria fácil demais — disse Annabelle.

— Se as relíquias forem reunidas no monte Sinai — prosseguiu Daniel —, então, teoricamente, seremos capazes de decifrar a localização da Queda.

— Teoricamente — zombou Cam. — Devo ser eu a dizer que existem ressalvas quanto à validade das pesquisas de Daniel...?

Daniel tensionou a mandíbula.

— Tem alguma ideia melhor?

— Você não acha — Cam aumentou o tom de voz — que a sua teoria põe peso demais na ideia de que essas relíquias são algo mais do que apenas um boato? Quem sabe se elas podem mesmo fazer o que supostamente podem fazer?

Luce observou o grupo de anjos e demônios — seus únicos aliados na busca para salvar Daniel e ela... e o mundo.

— Então essa localização desconhecida é onde temos de estar daqui a nove dias.

— Daqui a *menos* de nove dias — corrigiu Daniel. — Daqui a nove dias será tarde demais. Lúcifer e os anjos expulsos do Céu já terão chegado.

— Mas se pudermos chegar antes de Lúcifer no local da Queda — disse Luce —, o que vai acontecer?

Daniel balançou a cabeça.

— Não sabemos de fato. Jamais contei a alguém sobre esse livro porque, e nisso Cam tem razão, não sabia no que ia dar. Só fui descobrir há alguns anos que Gabbe o publicara, e àquela altura eu já havia perdido o interesse na pesquisa. Você tinha morrido de novo, e sem você para representar seu papel...

— *Meu* papel? — indagou Luce.

— O qual não entendemos muito bem...

Gabbe deu uma cotovelada em Daniel, interrompendo-o.

— O que ele quer dizer é que tudo será revelado com o tempo.

Molly deu um tapa na testa.

— Sério? "Tudo será revelado"? É só isso que vocês sabem? É sobre isso que estão falando?

— Sobre isso e sobre a *sua* importância — disse Cam, virando-se para Luce. — Você é a peça de xadrez pela qual as

forças do bem, do mal e de tudo o que existe entre elas estão lutando.

— O quê? — sussurrou Luce.

— Cale a boca — disse Daniel a Cam. Depois, fixou a atenção em Luce. — Não escute o que ele diz.

Cam fez um som de desdém, mas ninguém o desmentiu. Aquelas palavras pairaram na biblioteca como um convidado indesejado. Os anjos e demônios ficaram em silêncio. Ninguém diria mais nada sobre o papel de Luce em impedir a Queda.

— Então toda essa informação, a caça ao tesouro... — disse ela. — Isso está no livro?

— Mais ou menos — respondeu Daniel. — Só preciso passar algum tempo com o texto para refrescar a memória. Aí então espero saber por onde precisaremos começar.

Os outros se afastaram, abrindo espaço à mesa para Daniel. Luce sentiu a mão de Miles afagar o seu braço. Os dois mal haviam se falado desde que ela voltara através do Anunciador.

— Posso falar com você? — perguntou Miles em voz baixa. — Luce?

O olhar no rosto dele — estava preocupado com alguma coisa — fez Luce pensar naqueles últimos momentos no quintal da casa dos pais, quando Miles criara o reflexo dela.

Nunca haviam conversado sobre o beijo que trocaram no teto, do lado de fora do quarto dela em Shoreline. Com certeza Miles sabia que aquilo tinha sido um erro... mas por que toda vez que Luce era gentil com ele, sentia que o estava enganando?

— Luce. — Era Gabbe, aparecendo ao lado de Miles. — Achei melhor mencionar — ela olhou para Miles — que, se você quiser visitar Penn por um instante, esta é a hora.

— Boa ideia — concordou Luce. — Obrigada. — Olhou em tom de desculpas para Miles, mas ele apenas enterrou o boné de beisebol ainda mais na cabeça e se virou para sussurrar algo para Shelby.

— A-ham. — Shelby tossiu, indignada. Estava de pé atrás de Daniel, tentando ler o livro por cima do ombro dele. — E quanto a mim e Miles?

— Vocês vão voltar para Shoreline — declarou Gabbe, parecendo mais do que nunca os professores de Luce em Shoreline. — Precisamos que alertem Steven e Francesca. Talvez precisemos da ajuda deles... e da ajuda de vocês também. Contem... — Ela inspirou profundamente. — Contem o que está acontecendo. Que um estágio final está se iniciando, embora não como esperávamos. Contem tudo. Eles vão saber o que fazer.

— Certo — disse Shelby, de cara feia. — Você é que manda.

— *Iodelaiiii-huuu*. — Ariane colocou as mãos em concha ao redor da sua boca. — Se, hã, Luce quer dar uma saída, alguém vai ter de ajudá-la a descer pela janela. — Ela tamborilou os dedos na mesa, parecendo encabulada. — Fiz uma barricada com livros perto da entrada para impedir o pessoal da Sword & Cross de entrar, caso quisessem nos interromper.

— Deixa comigo. — Cam já havia enlaçado o braço ao de Luce. Ela começou a protestar, mas nenhum dos outros anjos pareceu achar aquilo má ideia. Daniel nem sequer percebeu.

Perto da saída dos fundos, Shelby e Miles articularam um insonoro "cuidado", em variados graus de ênfase.

Cam caminhou com ela até a janela, irradiando simpatia no sorriso. Abriu a vidraça e juntos olharam para o campus onde haviam se conhecido, onde haviam ficado próximos, onde ele a enganara para que ela o beijasse. Não eram todas más lembranças...

Ele saltou pela janela primeiro, aterrissando suavemente no parapeito, e estendeu a mão para ela.

— Milady.

O toque dele era forte e a fez se sentir pequenina e leve enquanto Cam descia do parapeito ao chão, dois andares em dois segundos. Suas asas estavam escondidas, mas ainda assim ele se movimentava com graça, como se estivesse voando. Aterrissaram suavemente na grama orvalhada.

— Suponho que você não queira companhia — disse ele. — No cemitério, quero dizer; não em geral.

— Certo. Não, obrigada.

Ele olhou para o outro lado e enfiou a mão no bolso, sacando de lá um sininho prateado. Parecia antigo, com inscrições em hebraico. Estendeu-o para ela.

— Toque quando quiser uma carona de volta lá para cima.

— Cam — disse Luce. — Qual é o meu papel nisto tudo?

Cam estendeu a mão para tocar o rosto dela, depois pareceu pensar melhor. A mão pairou no ar.

— Daniel tem razão. Não cabe a nós contar a você.

Não aguardou uma resposta: apenas dobrou os joelhos e saltou do chão. Nem mesmo olhou para trás.

Luce observou o campus por um instante, deixando a umidade familiar da Sword & Cross grudar na pele. Não saberia dizer se aquela escola monumental, com seus edifícios

enormes e formais em estilo neogótico e sua paisagem triste e derrotada, parecia diferente ou igual.

Caminhou pelo campus, pelo gramado plano e imóvel das áreas comuns, pelo dormitório deprimente, pelo portão de ferro forjado do cemitério. Ali ela parou, sentindo os pelos dos braços se eriçarem.

O cemitério ainda parecia e cheirava como um esgoto no meio do campus. A poeira da batalha dos anjos havia se dissipado. Ainda estava cedo o bastante para que a maioria dos alunos estivesse dormindo e, de toda forma, era improvável que algum deles fosse passear pelo cemitério, a menos que estivesse sob detenção. Ela passou pelo portão e andou devagar até as lápides inclinadas e as covas enlameadas.

Na extremidade leste jazia o lugar de descanso final de Penn. Luce sentou-se ao pé da sepultura da amiga. Não trouxera flores e não conhecia nenhuma oração, portanto pousou as mãos na grama fria e úmida, fechou os olhos e enviou seu próprio tipo de mensagem para Penn, receando que aquilo jamais a alcançasse.

Luce voltou para a janela da biblioteca sentindo-se irritada. Não precisava de Cam nem de seu sino exótico. Podia subir até o parapeito sozinha.

Seria fácil escalar o trecho mais baixo do teto inclinado, e dali poderia galgar mais alguns níveis até ficar perto da base estreita embaixo das janelas da biblioteca, que tinha mais ou menos setenta centímetros de largura. Enquanto se arrastava por ali, as vozes nervosas de Cam e Daniel flutuaram até Lucinda.

— E se um de nós for interceptado? — A voz de Cam era alta e suplicante. — Você sabe que somos mais fortes unidos, Daniel.

— Se não chegarmos lá a tempo, nossa força não vai importar. Seremos *apagados.*

Ela podia ver a cena do outro lado da parede. Cam com os punhos cerrados e os olhos verdes cintilando; Daniel sólido e resoluto, os braços cruzados.

— Não confio que você não vá agir em causa própria. — O tom de Cam era duro. — Sua fraqueza por ela é mais forte que a sua palavra.

— Não há o que discutir. — Daniel não alterou a voz. — Dividir-nos é nossa única opção.

Os outros estavam em silêncio, provavelmente pensando o mesmo que Luce. Cam e Daniel se comportavam demais

como irmãos para qualquer um ousar se interpor entre eles.

Ela alcançou a janela e viu os dois anjos se encarando. Segurou o parapeito. Sentiu uma pequena onda de orgulho — que jamais confessaria — por ter conseguido chegar à biblioteca sem precisar de ajuda. Provavelmente nenhum dos anjos perceberia. Suspirou e deslizou uma das pernas para dentro. Foi quando a janela começou a tremer.

A vidraça chacoalhou, e o parapeito vibrou em suas mãos com tanta força que Luce quase foi atirada para longe. Segurou com mais força, sentindo vibrações dentro de si, como se o coração e a alma também estivessem tremendo.

— Terremoto — sussurrou ela. Seu pé deslizou pela parte de trás da base da janela justamente quando as mãos não conseguiram mais segurar o parapeito.

— Lucinda!

Daniel correu até a janela. As mãos dele encontraram as dela. Cam também estava lá e pôs uma das mãos na base dos ombros de Luce e a outra na parte de trás da cabeça. As estantes de livros se agitaram e as luzes na biblioteca tremeluziram enquanto os dois anjos puxavam Luce para dentro, através da janela chacoalhante, exatamente antes de a vidraça escapar da moldura e se estilhaçar em mil cacos.

Ela olhou para Daniel, em busca de alguma pista. Ele ainda segurava os pulsos de Luce, mas seus olhos se

desviaram para além, para fora, observando o céu, que se tornara raivoso e cinzento.

O pior de tudo era a vibração remanescente *dentro* de Luce, que a fazia sentir como se tivesse sido eletrocutada. O tremor pareceu durar uma eternidade, mas deve ter durado cinco, quem sabe dez segundos — tempo o bastante para Luce, Cam e Daniel desabarem com um estrondo no piso empoeirado de madeira da biblioteca.

Então o tremor parou e o mundo caiu em um silêncio mortal.

— Que diabos...? — Ariane se levantou do chão. — Atravessamos de Anunciador até a Califórnia sem meu conhecimento, por acaso? Ninguém me disse que havia falhas geológicas na Geórgia!

Cam tirou um longo caco de vidro do antebraço. Luce soltou um murmúrio de espanto quando viu o sangue vermelho-vivo descendo pelo cotovelo dele, porém o rosto de Cam não demonstrou nenhum sinal de dor.

— Isto não foi um terremoto. Foi um deslocamento sísmico temporal.

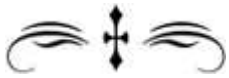
— Um *o quê*? — perguntou Luce.

— O primeiro de muitos. — Daniel olhou pela janela estilhaçada, observando uma nuvem cúmulus branca flutuar pelo céu, agora azul. — Quanto mais perto Lúcifer chegar,

mais fortes serão os deslocamentos. — Ele olhou para Cam, que assentiu.

— Tique-taque, gente — disse Cam. — O tempo está correndo. Precisamos voar.

DOIS



CAMINHOS DIFERENTES

Gabbe deu um passo à frente.

— Cam tem razão. Já ouvi a Balança falar desses deslocamentos. — Ela puxava as mangas do cardigã de cashmere amarelo-claro como se jamais fosse se aquecer. — São chamados de *tempomotos*. São abalos na nossa realidade.

— E quanto mais perto Lúcifer chegar — acrescentou Roland, sempre discretamente sábio —, quanto mais perto estivermos do término de sua Queda, mais frequentes e mais intensos serão os tempomotos. O tempo está titubeando, preparando-se para se reescrever.

— Do mesmo modo que o nosso computador trava com frequência maior antes de o *hard drive* entrar em pane e apagar nosso trabalho de vinte páginas de conclusão de curso? — perguntou Miles. Todos o olharam sem entender nada. — Que foi? — disse ele. — Anjos e demônios não fazem dever de casa?

Luce afundou em uma das cadeiras de madeira em frente à mesa vazia. Sentia-se oca, como se o tempomoto tivesse soltado algo importante dentro dela e ela o tivesse perdido de vez. As vozes irritadas dos anjos cruzavam sua mente, mas não diziam nada útil. Eles precisavam impedir Lúcifer, mas dava para ver que não sabiam exatamente como fazê-lo.

— Veneza. Viena. E Avalon. — A voz clara de Daniel interrompeu a balbúrdia.

Ele se sentou ao lado de Luce e passou um dos braços pelo encosto da cadeira dela. A ponta de seus dedos roçou-lhe o ombro. Quando ergueu *O Livro dos Guardiões* para todos verem, eles se calaram. Todos se concentraram.

Daniel apontou para um denso parágrafo de texto. Luce não tinha percebido até então que o livro estava escrito em latim. Ela reconheceu algumas palavras graças aos anos de aulas em Dover. Daniel havia sublinhado e circulado diversas palavras, e feito algumas anotações nas margens, mas o tempo e o desgaste tornaram as páginas quase ilegíveis.

Ariane ficou atrás dele e olhou aquilo.

— Nossa, que letra mais horrorosa.

Daniel não pareceu constrangido. Nas anotações que fazia, sua caligrafia era escura e elegante. Aquilo dava a Luce uma sensação cálida e familiar, quando percebeu que já havia visto a letra antes. Apreciava cada uma das coisas que a lembravam do quanto o amor entre ela e Daniel era duradouro e profundo, mesmo que o lembrete fosse algo pequeno, como a letra cursiva que fluía ao longo de séculos, proclamando que Daniel era dela.

— Foi criado um registro daqueles primeiros tempos após a Queda pela legião do Céu, pelos anjos que não escolheram lados e que foram expulsos do Céu — disse ele, devagar. — Mas é uma história completamente difusa.

— Uma história? — repetiu Miles. — Então é só a gente encontrar uns livros, lê-los, e aí eles, tipo, vão nos dizer aonde devemos ir?

— Não é assim tão simples — disse Daniel. — Não havia livros que fariam sentido para você agora; estamos falando dos primeiros tempos. Portanto, nossa história conjunta e nossas histórias pessoais foram registradas por outros meios.

Ariane sorriu.

— É agora que a coisa vai ficar espinhosa, não é?

— Essa história está associada de modo profundo às relíquias, muitas relíquias, ao longo dos milênios. Porém, três delas particularmente parecem relevantes à nossa busca, três que podem conter a resposta sobre o local onde os anjos caíram na Terra. Não sabemos o que *são*, mas sabemos onde elas foram mencionadas pela última vez: Veneza, Viena e Avalon. Elas estavam nessas três localidades na época da pesquisa e redação deste livro. Mas isso já faz algum tempo e, mesmo assim, não se tinha certeza se esses itens, sejam quais forem, continuavam lá.

— Então isso pode terminar dando em nada — disse Cam com um suspiro. — Excelente. Vamos desperdiçar nosso tempo procurando artigos misteriosos que podem ou não nos contar o que precisamos saber, em lugares onde eles podem ou não estar há séculos.

Daniel deu de ombros.

— Em resumo, é isso mesmo.

— Três relíquias. Nove dias. — Os olhos de Annabelle piscaram intensamente, olhando para cima. — Não é muito tempo.

— Daniel estava certo. — O olhar de Gabbe ia de um anjo a outro. — Precisamos nos separar.

Era sobre isso que Daniel e Cam discutiam antes de a biblioteca começar a tremer. Se eles teriam melhores chances

de encontrar todas as relíquias a tempo, caso se dividissem.

Gabbe aguardou a concordância relutante de Cam antes de prosseguir:

— Então está resolvido. Daniel e Luce, vocês vão para a primeira cidade. — Ela olhou para as anotações de Daniel, depois deu um sorriso corajoso a Luce. — Veneza. Vocês vão para Veneza encontrar a primeira relíquia.

— Mas o que é a primeira relíquia? Ao menos sabemos isso? — Luce se inclinou sobre o livro e viu um desenho rabiscado a bico de pena na margem. Assemelhava-se quase a uma bandeja, do tipo que a mãe de Luce sempre procurava em lojas de antiguidades.

Daniel o analisava agora também, balançando a cabeça sutilmente diante da imagem que ele mesmo havia desenhado há centenas de anos.

— Foi isso o que eu consegui juntar aos poucos com meu estudo dos pseudepígrafos, os escritos extracanônicos do início da Igreja.

O desenho tinha forma oval e fundo de vidro, que Daniel havia espertamente indicado desenhando o chão do outro lado da base transparente. A bandeja, ou seja lá o que a relíquia fosse, possuía nas laterais o que pareciam pequenas alças lascadas. Daniel havia inclusive desenhado uma escala

embaixo e, segundo seu desenho, o artefato era grande — tinha aproximadamente oitenta por cem centímetros.

— Eu mal me lembro de ter desenhado isso. — Daniel parecia desapontado consigo. — Sei o que é tanto quanto vocês.

— Tenho certeza de que, quando chegar a Veneza, você conseguirá descobrir — disse Gabbe, esforçando-se para ser positiva.

— Conseguiremos — afirmou Luce. — Tenho certeza de que sim.

Gabbe piscou, sorriu e continuou.

— Roland, Annabelle e Ariane: vocês três vão a Viena. Isso deixa... — Ela apertou os lábios ao perceber o que estava prestes a dizer, mas mesmo assim assumiu uma expressão corajosa. — Molly, Cam e eu vamos a Avalon.

Cam girou os ombros para trás e de repente soltou suas impressionantes asas douradas. A ponta da direita atingiu o rosto de Molly e a atirou a um metro e meio de distância.

— Faça isto de novo e eu acabo com você! — ameaçou Molly, olhando carrancuda para o machucado em seu cotovelo. — Pensando melhor...

Ela começou a andar na direção de Cam com o punho em riste, mas Gabbe interveio e afastou Cam e Molly com um suspiro enfastiado.

— Falando em acabar, eu realmente preferiria não ter de acabar com o próximo de vocês que provocar o outro — disse Gabbe, sorrindo para os dois companheiros demônios —, mas se precisar, farei isso. Esses nove dias serão longos.

— Vamos esperar que sejam mesmo longos — murmurou Daniel.

Luce virou-se para ele. A Veneza que tinha na cabeça era a dos guias de viagem: cartões-postais de barcos cruzando canais, poentes sobre altos pináculos de catedrais e garotas com cabelos castanhos tomando sorvete. Não era essa a viagem que estavam prestes a fazer. Não com o fim do mundo se aproximando com garras afiadas como lâminas.

— E depois que encontrarmos as três relíquias? — indagou Luce.

— Vamos nos encontrar no monte Sinai — disse Daniel —, unir as relíquias...

— E fazer uma pequena oração para que elas lancem alguma luz sobre o local onde caímos — murmurou Cam de modo sombrio, esfregando a testa. — A essa altura, meio que só vai nos restar persuadir o cão dos infernos psicopata que detém toda a nossa existência em suas mandíbulas de que ele simplesmente deve abandonar seu plano tolo de dominação do Universo. O que poderia ser mais simples? Acho que temos todos os motivos para nos sentirmos otimistas.

Daniel olhou pela janela aberta. O sol estava passando por cima do dormitório agora; Luce precisou piscar para enxergar lá fora.

— Temos de partir o quanto antes — disse ele.

— Certo — disse Luce. — Preciso ir para casa, arrumar as malas, pegar meu passaporte... — A cabeça dela rodou em cem direções quando começou a elaborar uma lista mental de coisas a fazer. Os pais estariam no shopping durante pelo menos as próximas duas horas, tempo suficiente para que ela entrasse e apanhasse rapidamente o que precisava...

— Ah, que fofo — riu Annabelle, flutuando até eles, com os pés a centímetros do chão. Suas asas eram musculosas e de um tom prateado-escuro, como uma nuvem de chuva, irrompendo pelas aberturas invisíveis da camiseta rosa-shocking. — Desculpe meter a colher, mas... você nunca viajou com um anjo antes, não é?

Claro que já havia viajado. A sensação das asas de Daniel erguendo o corpo dela no ar era mais natural que qualquer outra coisa. Talvez seus voos tivessem sido breves, mas foram inesquecíveis. Era quando Luce se sentia mais próxima dele: quando os braços de Daniel enlaçavam sua cintura, o coração dele batia perto do dela, as asas brancas os protegiam, fazendo Luce se sentir incondicionalmente e impossivelmente amada.

Ela havia voado com Daniel dúzias de vezes em sonhos, mas apenas três vezes acordada: uma sobre o lago escondido atrás da Sword & Cross, outra ao longo da costa de Shoreline e outra descendo das nuvens para o chalé, justo na noite anterior.

— Acho que nunca voamos juntos para tão longe — disse ela, por fim.

— Um simples amasso já parece ser um problema e tanto para vocês dois — disse Cam, sem conseguir resistir.

Daniel o ignorou.

— Sob circunstâncias normais, acho que você gostaria da viagem. — A expressão dele ficou tempestuosa. — Mas não temos espaço para o trivial durante os próximos nove dias.

Luce sentiu as mãos dele na parte de trás dos ombros, reunindo seus cabelos e afastando-os da nuca. Ele beijou a linha da gola do suéter enquanto a enlaçava pela cintura. Luce fechou os olhos. Sabia o que vinha a seguir. O som mais lindo que existia: o elegante abrir das asas brancas como a neve do amor de sua vida.

O mundo do outro lado das pálpebras de Luce se escureceu levemente sob a sombra das asas dele, e o calor encheu seu coração. Quando abriu os olhos, lá estavam elas, tão magníficas como sempre. Se inclinou um pouco para

trás, aninhando-se na muralha do peito de Daniel enquanto ele se dirigia à janela.

— Esta separação é apenas temporária — declarou Daniel aos outros. — Boa sorte e asas velozes.

⁂

A cada longa batida das asas de Daniel, eles subiam 300 metros. O ar, antes fresco e espesso com a umidade da Geórgia, tornava-se gelado e quebradiço nos pulmões de Luce conforme ascendiam. O vento rasgava seus ouvidos. Os olhos começaram a lacrimejar. O chão abaixo ficou cada vez mais distante, e o mundo que continha encolheu e misturou-se em uma confusa tela verde. A Sword & Cross ficou do tamanho de uma impressão digital; depois, sumiu.

A primeira visão que Luce teve do oceano deixou-a tonta, deliciada ao se afastarem do sol, em direção à escuridão do horizonte.

Voar com Daniel era algo mais empolgante e mais intenso do que suas lembranças poderiam fazer justiça. Entretanto, algo havia mudado: agora Luce pegara o jeito daquilo. Ela se sentia à vontade, em sincronia com Daniel, relaxada dentro do formato dos braços dele. As pernas dela estavam ligeiramente cruzadas na altura dos tornozelos, a

ponta das botas tocavam a ponta das botas dele. Os corpos oscilavam em uníssono, reagindo ao movimento das asas de Daniel, que arqueavam por cima de suas cabeças e bloqueavam a luz do sol, depois se alavancavam para trás para completar outra batida poderosa.

Eles atravessaram a linha de nuvens e sumiram na névoa. Não havia nada ao redor, a não ser tufos brancos e a carícia nebulosa da umidade. Outra batida de asas. Outro mergulho no céu. Luce não parou para imaginar como respiraria ali nos limites da atmosfera. Ela estava com Daniel. Estava tudo bem. Iam salvar o mundo.

Logo Daniel nivelou-se, voando menos como um foguete e mais como um pássaro insondavelmente poderoso. Eles não desaceleraram — na verdade, aumentaram a velocidade —, mas, com os corpos paralelos ao chão, o rugido do vento suavizou e o mundo parecia de um branco brilhante e espantosamente silencioso. Tão tranquilo como se tivesse acabado de ser criado, e ninguém ainda houvesse experimentado o som.

— Está tudo bem com você? — A voz dele a envolveu, fazendo-a sentir como se tudo no mundo que não estivesse bem, assim ficaria apenas pela preocupação do seu amor.

Luce inclinou a cabeça para a esquerda para olhar para ele. O rosto de Daniel estava calmo, os lábios sorriam

suavemente. De seus olhos fluía uma luz violeta tão intensa que poderia ter mantido Luce no ar por si só.

— Você está congelando — murmurou em seu ouvido, afagando os dedos dela para aquecê-los, enviando labaredas de calor pelo corpo de Luce.

— Melhor agora — disse ela.

Eles atravessaram um cobertor de nuvens: era como aquele momento no avião em que a visão da janela embaçada passa do cinza monocromático para uma infinita paleta de cores. A diferença era que a janela e o avião haviam sumido, não deixando nada entre a pele e os tons róseos de conchas do mar das nuvens do entardecer ao leste, e o índigo extravagante do céu das grandes altitudes.

A paisagem de nuvens apresentou-se adiante, estranha e cativante. Como sempre, Luce foi pega desprevenida. Era outro mundo, um que apenas ela e Daniel habitavam, um mundo elevado, os picos dos mais altos minaretes do amor.

Que mortal não sonhara com isso? Quantas vezes Luce não sentiu vontade de estar do outro lado de uma janela de avião? De vagar pelo estranho e pálido dourado de uma nuvem de chuva tocada pelo sol a seus pés? Agora ela estava ali, tomada pela beleza de um mundo distante que podia sentir na pele.

Porém, Luce e Daniel não podiam parar. Não podiam parar nem por um segundo nos nove dias seguintes... senão todo o restante iria parar.

— Quanto tempo falta para chegarmos a Veneza? — perguntou ela.

— Não vai demorar muito mais — quase sussurrou Daniel ao ouvido dela.

— Você parece um piloto repetindo a mesma coisa há uma hora, dizendo aos passageiros "só mais dez minutos" pela quinta vez — brincou Luce.

Quando Daniel não respondeu, ela o olhou. A testa estava franzida em confusão. Aquela metáfora não fazia sentido para ele.

— Você nunca esteve num avião — disse ela. — Por que deveria, já que é capaz de fazer isto? — Fez um gesto para as gloriosas asas em movimento. — Toda aquela espera e taxiamento provavelmente deixariam você irritado.

— Gostaria de viajar de avião com você. Talvez possamos fazer uma viagem para as Bahamas. As pessoas viajam para lá de avião, certo?

— Sim. — Luce engoliu em seco. — Vamos.

Ela não conseguiu deixar de pensar em quantas coisas impossíveis precisavam acontecer de maneira exata para que os dois pudessem viajar como um casal normal. Era difícil

pensar no futuro naquele momento, quando havia tanta coisa em risco. O amanhã era tão enevoado e distante quanto o chão lá embaixo... e Luce esperava que fosse tão lindo quanto.

— Quanto tempo vai demorar de verdade?

— Quatro, talvez cinco horas, a esta velocidade.

— Mas você não precisa descansar? Reabastecer? — Luce se encolheu, ainda constrangedoramente incerta de como o corpo de Daniel funcionava. — Seus braços não se cansam?

Ele riu.

— O que foi?

— Acabei de voar do Céu para cá, e caramba, como meus braços estão cansados. — Daniel apertou a cintura dela, brincando. — A ideia de meus braços se cansarem de segurar você é absurda.

Como se para provar isso, Daniel arqueou as costas, elevando as asas bem acima dos ombros e batendo-as uma única vez, de leve. Enquanto seus corpos subiam com elegância e margeavam uma nuvem, ele soltou um dos braços da cintura de Luce, ilustrando como era capaz de segurá-la com destreza com uma única mão. O braço livre se curvou para a frente e Daniel roçou os dedos nos lábios dela, aguardando um beijo. Quando ela os beijou, ele voltou a enlaçar-lhe a cintura e soltou a outra mão, inclinando-a

dramaticamente para a esquerda. Ela beijou aquela mão, também. Então os ombros de Daniel se flexionaram ao redor dos de Luce, envolvendo-os em um abraço apertado o suficiente para que ele pudesse soltar os dois braços da cintura dela mas, de alguma forma, continuasse voando com ele. A sensação era tão deliciosa, tão alegre e incontida, que Luce começou a rir. Ele fez uma grande acrobacia no ar. O cabelo dela se espalhou pelo rosto. Luce não tinha medo. Estava voando.

Ela segurou as mãos de Daniel quando elas voltaram a enlaçar sua cintura.

— É quase como se tivéssemos sido feitos para isto — disse ela.

— É. Quase.

Ele continuou voando, sem nunca esmorecer. Atravessaram nuvens e céu aberto, tempestades breves e belas, secando-se com o vento um instante depois. Passaram por aviões transatlânticos em velocidades tão extraordinárias que Luce imaginou os passageiros ali dentro alheios a tudo, exceto a um clarão prateado brilhante e inesperado e talvez a um pouco de turbulência suave agitando as bebidas.

As nuvens rarearam quando planaram acima do mar. Luce pôde sentir o cheiro do sal pesado de suas profundezas, e o cheiro era de um oceano de outro planeta, não parecia

calcário como o de Shoreline, nem salobro como o de sua cidade. A sombra gloriosa das asas de Daniel sobre a superfície entalhada abaixo era, de certa maneira, tranquilizadora, embora fosse difícil acreditar que ela, Luce, fizesse parte da imagem que via no mar ondulante.

— Luce? — perguntou Daniel.

— Sim?

— Como foi estar com seus pais hoje de manhã?

Os olhos dela traçaram a silhueta de um par solitário de ilhas na planície escura e molhada lá embaixo. Ela se perguntou de modo distante onde eles estariam, o quão longe de casa.

— Difícil — admitiu ela. — Acho que me senti do mesmo modo que você deve ter se sentido um milhão de vezes. Separada de pessoas que amo porque não posso ser honesta com elas.

— Era o que eu temia.

— De certa maneira, é mais fácil estar com você e os outros anjos do que com meus próprios pais e minha melhor amiga.

Daniel pensou naquilo por um instante.

— Não quero isso para você. Não devia ser assim. A única coisa que sempre quis foi amá-la.

— Eu também. É só o que eu quero.

Mas, mesmo pronunciando as palavras, olhando o céu desbotado do leste, Luce não pôde deixar de reviver aqueles últimos minutos em casa, desejando ter agido de modo diferente. Deveria ter abraçado o pai um pouco mais forte. Deveria ter ouvido, de fato ouvido, o conselho da mãe ao sair pela porta. Deveria ter gastado mais tempo perguntando à melhor amiga como andava a vida lá em Dover. Não deveria ter sido tão egoísta nem tão apressada. Agora cada segundo a afastava ainda mais de Thunderbolt, de seus pais e de Callie, e a cada segundo Luce lutava contra a sensação crescente de que talvez nunca mais os visse novamente.

De todo coração, Luce acreditava no que ela, Daniel e os outros anjos estavam fazendo. Mas essa não era a primeira vez que abandonava pessoas de quem gostava por causa de Daniel. Pensou no funeral que presenciara na Prússia, nos casacos de lã escura e nos olhos vermelhos cheios de lágrimas dos seus familiares, turvos de tristeza pela sua morte súbita e precoce. Pensou em sua linda mãe na Inglaterra medieval, onde ela passara o Dia dos Namorados; em sua irmã, Helen; e nas boas amigas Laura e Eleanor. Essa foi a única vida que ela visitara sem vivenciar a própria morte, mas já havia visto o bastante para saber que pessoas boas ficariam arrasadas com o falecimento inevitável de Lucinda. Pensar naquilo fez seu estômago se revirar. E então Luce se lembrou de Lucia, a

garota que ela fora na Itália, que perdera a família na guerra, que não tinha ninguém *exceto* Daniel, cuja vida — por mais curta que fosse — valera a pena por causa do amor dele.

Quando se apertou mais de encontro ao peito de Daniel, ele deslizou as mãos por cima das mangas do suéter dela e correu os dedos em círculos ao redor dos braços de Luce, como se estivesse desenhando pequenos halos em sua pele.

— Conte para mim a melhor parte de todas as suas vidas.

Ela teve vontade de dizer "quando encontrei você, todas as vezes". Mas não era tão simples assim. Parecia difícil até mesmo pensar nessas vidas como coisas distintas. Suas vidas passadas começavam a girar juntas e a se contrair como os painéis de um caleidoscópio. Houve aquele lindo momento no Taiti em que Lulu tatuou o peito de Daniel. E o modo como abandonaram uma batalha na China antiga porque o amor deles era mais importante que qualquer guerra. Poderia ter listado uma dúzia de sensuais momentos roubados, uma dúzia de beijos belíssimos e agridoces. Mas Luce sabia que aquela não era a melhor parte.

A melhor parte era agora. Era isso o que levaria consigo das jornadas através das eras: que ele valia tudo para ela e que ela valia tudo para ele. A única maneira de vivenciar tal nível profundo do amor dos dois era entrando juntos em cada novo momento, como se o tempo fosse feito de nuvens. E, se

no fim das contas tudo se resumisse a isso naqueles nove dias seguintes, Luce sabia que ela e Daniel arriscariam qualquer coisa pelo seu amor.

— Foi um aprendizado — disse ela por fim. — A primeira vez em que atravessei por um Anunciador sozinha, já estava determinada a romper a maldição. Porém, estava magoada e confusa, até que comecei a perceber que, a cada vida que eu visitava, aprendia algo importante a meu respeito.

— Tipo o quê? — Eles estavam tão alto que dava para ver a curvatura da Terra se insinuar na orla do céu que anoitecia.

— Aprendi que o que me matava não era simplesmente beijar você, que tinha mais a ver com o que eu sabia no momento, com o quanto a meu respeito e a respeito da minha história eu era capaz de absorver.

Luce sentiu Daniel assentir atrás dela.

— Esse sempre foi o maior enigma para mim.

— Aprendi que meus eus do passado nem sempre foram pessoas legais, mas que você amou a alma dentro deles mesmo assim. E, com seu exemplo, aprendi como reconhecer a sua. Você tem... um brilho específico, um fulgor, e mesmo quando assumia uma forma diferente, eu era capaz de entrar em uma nova vida e reconhecê-lo. Via a sua alma quase

sobrepujando o rosto que você usava em cada uma. Você era capaz de ser seu eu egípcio estrangeiro *e ao mesmo tempo* o Daniel por quem eu ansiava e amava.

Daniel virou a cabeça para beijar a têmpora dela.

— Você provavelmente não sabe, mas o poder de reconhecer minha alma sempre esteve dentro de você.

— Não, eu não era capaz de fazer isso... antes eu não...

— Era sim, só que não sabia. Você achava que havia perdido a sanidade. Via os Anunciadores e os chamava de sombras. Achava que eles estavam assombrando você a vida inteira. E quando me viu pela primeira vez na Sword & Cross, ou talvez quando se deu conta pela primeira vez de que gostava de mim, provavelmente percebeu algo mais que não conseguiu explicar, algo que tentou negar. Não foi?

Luce fechou os olhos com força, recordando-se.

— Você costumava deixar uma névoa violeta no ar depois que passava, mas era só eu piscar os olhos que aquilo sumia.

Daniel sorriu.

— Eu não sabia disso.

— Como assim? Você não acabou de dizer que...?

— Eu imaginava que via *alguma coisa*, mas não sabia o quê. Qualquer que fosse a atração que você reconhecesse em mim, na minha alma, se manifestaria de modo diferente,

dependendo de como precisasse vê-la. — Ele sorriu para ela. — É assim que sua alma coopera com a minha. Uma névoa violeta é legal. Fico feliz que tenha sido assim.

— Como é a aparência da minha alma para você?

— Eu não poderia reduzi-la a palavras se tentasse, mas sua beleza é insuperável.

Era uma boa maneira de descrever aquele voo com Daniel pelo mundo. As estrelas cintilavam em vastas galáxias ao redor. A lua estava imensa e densa de crateras, meio encoberta por uma nuvem cinza-claro. Luce estava aquecida e segura nos braços do anjo que amava, um deleite do qual sentira tantas saudades durante a busca através dos Anunciadores. Ela suspirou e fechou os olhos...

E viu *Bill*.

A visão foi agressiva e invadiu a mente, embora não fosse o monstro vil e enfurecido que Bill se tornara na última vez em que o vira. Era apenas Bill, sua gárgula de pedra, segurando a mão de Luce para fazê-la descer do mastro onde havia ido parar ao atravessar por um Anunciador e cair no Taiti. Por que aquela lembrança a encontrou nos braços de Daniel, ela não sabia. Mas ainda conseguia sentir o formato da mãozinha de pedra na própria mão. Lembrou-se de como a força e graciosidade dele a espantaram. Lembrou-se de ter se sentido segura ao seu lado.

Agora a pele se arrepiava e ela se encolhia contra Daniel, incomodada.

— O que foi?

— Bill. — A palavra tinha gosto azedo.

— Lúcifer.

— Eu sei que ele é Lúcifer. *Sei* disso. Mas, durante algum tempo, ele foi algo mais para mim. De algum modo eu pensava que era meu amigo. Fico assombrada por tê-lo deixado se aproximar tanto. E envergonhada.

— Não fique. — Daniel abraçou-a com mais força. — Existe um motivo para ele ter sido chamado de Estrela da Manhã. Lúcifer era *lindo*. Há quem diga que era o mais lindo de todos. — Luce achou ter identificado uma nota de ciúme na voz de Daniel. — Era o mais amado também, não apenas pelo Trono, mas por muitos dos outros anjos. Pense no apelo que ele exerce nos mortais. Esse poder flui dessa mesma fonte. — A voz dele falhou, depois o tom ficou bastante sério. — Você não devia sentir vergonha por ter se enganado com ele, Luce... — Daniel interrompeu-se de repente, embora desse a impressão de que tinha mais coisas a dizer.

— As coisas estavam ficando tensas entre nós — admitiu ela —, mas nunca imaginei que ele poderia se transformar num monstro daqueles.

— Não existe escuridão mais sombria que a de uma grande luz corrompida. Veja. — Daniel mudou o ângulo das asas e eles fizeram um arco amplo, girando ao redor de uma imensa nuvem. Um dos lados era de um tom róseo dourado, iluminado pelo último raio de sol da tarde. O outro, Luce percebeu quando eles a rodearam, era escuro e grávido de chuva. — Luz e sombras mesclados, ambos necessários para que isso seja o que é. É assim com Lúcifer.

— E com Cam, também? — perguntou Luce quando Daniel completou o círculo para continuar o voo sobre o mar.

— Eu sei que você não confia nele, mas pode confiar. Eu confio. A escuridão de Cam é lendária, mas é apenas um dos traços de sua personalidade.

— Mas então por que ele se aliaria a Lúcifer? Por que qualquer um dos anjos o faria?

— Cam não se aliou — disse Daniel. — Não no início, pelo menos. Foi uma época bastante instável. Sem precedentes. Inimaginável. Na época da Queda, alguns anjos se aliaram a Lúcifer imediatamente, mas houve outros, como Cam, que foram expulsos pelo Trono por não terem escolhido depressa. O restante da história se desenrolou com uma lenta escolha de lados, com anjos escolhendo voltar ao

seio do Céu ou às legiões do Inferno, até que só restassem uns poucos que não escolheram lados.

— É aí que você se encaixa? — perguntou Luce, muito embora soubesse que Daniel não gostava de mencionar como não escolhera um lado.

— Você antes gostava muito de Cam — observou Daniel, desviando o assunto. — Durante um punhado de vidas na Terra, nós três fomos bastante próximos. Só muito tempo mais tarde, depois que Cam teve o coração partido, é que passou para o lado de Lúcifer.

— O quê? Quem era ela?

— Nenhum de nós gosta de falar nela. Você não pode jamais dar a entender que sabe disso — disse Daniel. — Ressenti a escolha dele, mas não posso dizer que não entendo. Se um dia eu perdesse você de verdade, não sei o que faria. Todo o meu mundo perderia a luz.

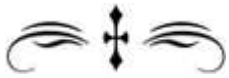
— Isso não vai acontecer — disse Luce depressa demais. Sabia que esta vida era sua última chance. Se morresse agora, não voltaria mais.

Luce tinha mil perguntas, sobre a mulher que Cam perdera, sobre o estranho tremor na voz de Daniel quando falou sobre o apelo de Lúcifer, sobre onde ela estava quando ele caiu. Mas suas pálpebras pareciam pesadas, o corpo frouxo de cansaço.

— Descanse — disse Daniel com carinho ao ouvido dela. — Eu acordo você quando chegarmos a Veneza.

Era toda a permissão de que ela precisava para se deixar levar pelo sono. Fechou os olhos para as ondas fosforescentes que quebravam a milhares de pés abaixo e voou para um mundo de sonhos onde "nove dias" não tinham significado, onde podia mergulhar e subir nas nuvens, desfrutar da glória delas, onde podia voar livremente, ao infinito, sem a menor chance de cair.

TRÊS



O SANTUÁRIO SUBMERSO

Luce tinha a impressão de que Daniel estava batendo à porta de madeira envelhecida, no meio da noite, havia meia hora. A casa de típico estilo veneziano com três andares pertencia a um colega, um professor, e Daniel tinha certeza de que ele permitiria que passassem a noite ali, porque os dois foram grandes amigos "há alguns anos", o que, para os padrões de Daniel, poderia significar um período e tanto de tempo.

— Ele deve ter sono pesado.

Luce bocejou, ela mesma quase caindo no sono ao som das pancadas constantes de Daniel. Ou então, pensou com os olhos se fechando, o professor estava em algum café boêmio

que fica aberto a noite toda, bebendo vinho e lendo um livro repleto de termos incompreensíveis.

Eram três da manhã — o pouso deles entre os canais prateados de Veneza tinha sido acompanhado pelo soar do relógio de uma torre em algum lugar ao longe, na distância escurecida da cidade — e Luce estava tomada pelo cansaço. Exausta, ela se encostou em uma fria caixa de correio de latão, fazendo com que esta balançasse um dos pregos que sustentava o objeto e que estava frouxo. Isso inclinou a caixa inteira; Luce cambaleou para trás e quase caiu no sombrio canal verde-escuro, cujas águas lambiam os degraus da entrada da casa como uma língua suja de tinta.

Toda a fachada parecia apodrecer em camadas: das madeiras pintadas de azul dos peitoris das janelas que se descascavam em finas lâminas, passando pelos tijolos vermelhos cobertos de um lodo verde escuro, até o concreto úmido da escada que se despedaçava sob os pés de Daniel e Luce. Por um instante, pensou realmente ter sentido a cidade afundando.

— Ele tem de estar aqui — murmurou Daniel, ainda batendo à porta.

Quando aterrissaram no calçamento que margeava o canal acessível geralmente apenas por gôndolas, Daniel prometera a Luce uma cama na casa, uma bebida quente, um

descanso do vento úmido e estimulante pelo qual voaram durante horas.

Finalmente, um lento arrastar de pés pelas escadas lá dentro chamou a atenção de Luce, que tremia. Daniel expirou e fechou os olhos, aliviado, quando a maçaneta de latão girou. As dobradiças rangeram e a porta abriu.

— Quem diabos… — Os tufos de cabelo grisalho e crespo do senhor italiano se eriçavam para todos os lados. Tinha sobrancelhas brancas extraordinariamente densas e bigode também, além de pelos brancos grossos saindo pela gola em V do robe cinza-escuro.

Luce observou Daniel piscar, surpreso, como se estivesse em dúvida sobre o endereço. Então os olhos castanho-claros do velho cintilaram. Ele se inclinou para a frente e puxou Daniel em um forte abraço.

— Estava começando a me perguntar se você viria me visitar antes de eu bater as inevitáveis botas — sussurrou o homem, rouco. Seus olhos se voltaram para Luce, e ele sorriu como se o sono não tivesse sido interrompido pelos dois, como se estivesse esperando aquela visita havia meses. — Depois de tantos anos, finalmente trouxe Lucinda. Que prazer!

Seu nome era Professor Mazotta. Ele e Daniel estudaram história juntos na Universidade de Bolonha nos anos 1930. O professor não estava espantado ou perplexo pelo fato de Daniel não ter envelhecido: Mazotta sabia o que Daniel era. Parecia simplesmente feliz em se reunir com o velho colega, uma alegria que só aumentou ao ser apresentado ao amor da vida do amigo.

Ele os levou até o escritório, que também mostrava diferentes graus de decadência. O centro das estantes estava afundado, havia pilhas de papéis amarelados na mesa, o tapete se resumia a fiapos e estava coberto por manchas de café. Mazotta logo se prontificou a fazer uma xícara de um chocolate quente encorpado para cada um deles — era um antigo mau hábito de velho, explicou ele a Luce, dando uma cotovelada de leve nela. Porém, Daniel mal bebeu um gole antes de atirar seu livro nas mãos de Mazotta e abrir na página que descrevia a primeira relíquia.

Mazotta colocou um par de óculos de armação fina e olhou com cuidado para a página, murmurando para si em italiano. Levantou-se, foi até a prateleira, coçou a cabeça, voltou à mesa, caminhou pelo escritório, bebeu chocolate, depois voltou à prateleira e puxou um livro grosso com capa de couro. Luce segurou um bocejo. Parecia que suas pálpebras faziam força para levantar algo pesado. Estava

tentando não cochilar, beliscando a palma da mão para manter-se acordada, mas as vozes de Daniel e do Professor Mazotta se juntavam como uma distante nuvem de neblina enquanto discutiam sobre a impossibilidade de tudo o que o outro dizia.

— Não se trata em absoluto de uma vidraça da igreja de Santo Inácio. — Mazotta entrelaçou as mãos. — Elas são ligeiramente hexagonais, e essa ilustração é sem dúvida retangular.

— O que estamos fazendo aqui? — gritou Daniel de repente, fazendo estremecer uma amadora pintura de um veleiro azul na parede. — Precisamos ir à biblioteca em Bolonha. Ainda tem as chaves para entrar? No seu escritório deve haver…

— Eu me tornei emérito treze anos atrás, Daniel. E não vamos viajar duzentos quilômetros no meio da noite para olhar... — Ele fez uma pausa. — Veja Lucinda. Ela está dormindo em pé, como um cavalo!

Luce fez uma careta meio grogue. Tinha medo de entrar em um sonho e encontrar Bill. Nos últimos tempos ele estava sempre aparecendo quando fechava os olhos. Queria ficar acordada, ficar longe dele, participar da conversa sobre a relíquia que ela e Daniel deveriam encontrar no dia seguinte.

No entanto, o sono era persistente e não aceitava ser rechaçado.

Segundos ou horas depois, os braços de Daniel a levantaram do chão e a carregaram por um lance de escada escuro e estreito.

— Desculpe, Luce — pensou ter ouvido Daniel dizer. Estava muito adormecida para responder. — Devia tê-la deixado descansar mais cedo. É que estou com tanto medo — sussurrou ele. — Com medo de que o tempo se esgote.

⁂

Luce piscou e ficou de bruços, surpresa por se encontrar em uma cama, e ainda mais surpresa em ver um pequeno vaso de vidro com uma peônia sobre o travesseiro ao seu lado.

Ela pegou a flor do vaso e a girou na mão, fazendo respingar gotas de água sobre o cobertor de brocado rosa. A cama rangeu quando apoiou o travesseiro contra a cabeceira de latão para olhar ao redor.

Por um instante, sentiu-se desorientada por estar em um ambiente desconhecido, com as lembranças do sonho em que viajava pelos Anunciadores sumindo aos poucos à medida que acordava por completo. Bill não estava mais lá

para dar dicas de onde ela se encontrava. Ficou apenas nos sonhos, e na noite passada era Lúcifer, um monstro, rindo da ideia de que ela e Daniel pudessem mudar ou impedir alguma coisa.

Um envelope branco estava apoiado no vaso sobre a mesa de cabeceira.

Daniel.

Ela se lembrou apenas de um único doce beijo, dos braços de Daniel se afastando ao deixá-la na cama na noite anterior e da porta se fechando.

Para onde ele foi depois daquilo?

Rasgou o envelope e puxou o cartão grosso de papel branco que estava ali dentro. Havia quatro palavras:

Vá até a sacada.

Sorrindo, Luce saiu de baixo das cobertas e levou as pernas para o outro lado da cama. Caminhou sobre o enorme tapete de tear manual com a peônia branca entre os dedos. As janelas do quarto eram altas e estreitas, quase alcançando os seis metros de pé-direito. Atrás de uma das cortinas marrom-vivo ficava uma porta de vidro que dava para um terraço. Ela abriu o trinco de metal e saiu, esperando ver Daniel e afundar nos braços dele.

Mas o terraço em formato de lua crescente estava vazio. Havia apenas uma mureta de pedra um andar acima das

águas verdes do canal lá embaixo, além de uma mesa de tampo de vidro com uma cadeira dobrável de lona vermelha ao lado. A manhã estava bela. O ar tinha um cheiro sombrio, mas revigorante. No rio, gôndolas estreitas e brilhantes ultrapassavam umas às outras, deslizando, elegantes como cisnes. Um casal de melros gorjeava empoleirado em um varal no andar de cima e, no outro lado do canal, havia apartamentos apertados, um ao lado do outro, pintados em tons pastel. Era encantadora, sem dúvida, a Veneza dos sonhos da maioria das pessoas, mas Luce não estava lá a passeio. Ela e Daniel estavam ali para salvar sua história — e a do mundo. O tempo corria. E Daniel não estava por perto.

Então viu outro envelope branco na mesa da sacada, apoiado em um copinho branco descartável e um pequeno saco de papel. Mais uma vez, Luce rasgou o cartão e encontrou apenas quatro palavras:

Por favor, espere aqui.

— Chato, porém romântico — disse ela em voz alta.

Sentou-se na cadeira dobrável e espiou o conteúdo do saco de papel. Um punhado de rosquinhas recheadas com geleia e polvilhadas com canela e açúcar emanava um aroma intoxicante. O saco estava quente, com manchinhas de óleo infiltrando no papel. Luce colocou uma das guloseimas na

boca e bebeu um gole do copinho branco, que continha o *espresso* mais saboroso que já provara.

— Gostou dos bombolini? — gritou Daniel lá de baixo.

Luce se levantou de repente e se recostou na mureta para vê-lo em pé na parte de trás de uma gôndola pintada com imagens de anjos. Usava um chapéu de palha achatado com uma fita vermelha grossa e, com um remo largo de madeira, conduzia o barco lentamente até ela.

O coração de Luce disparou do mesmo jeito que fazia a cada primeira vez que via Daniel em outras vidas. Mas ele estava ali. Pertencia a ela. Aquilo estava acontecendo naquele momento.

— Mergulhe-os no *espresso* e depois me diga como é estar no céu — disse Daniel, sorrindo para ela.

— Como faço para descer até aí? — gritou ela.

Daniel apontou para a escada espiral mais estreita que Luce já havia visto, logo à direita da mureta. Ela pegou o café e o saco de rosquinhas, colocou a peônia atrás da orelha e foi em direção à escada.

Podia sentir o olhar de Daniel ao passar sobre a mureta e esgueirar-se nos degraus. Cada vez que dava uma volta completa na escada, via de relance os sedutores olhos cor de violeta do anjo. Quando chegou lá embaixo, Daniel estendeu a mão para ajudá-la a entrar no barco.

Lá estava a eletricidade pela qual ansiava desde que acordou. A faísca que passava de um para o outro a cada vez que se tocavam. Daniel colocou os braços ao redor da cintura de Luce e a apertou de forma que não sobrasse nenhum espaço entre seus corpos. Deu-lhe um beijo demorado e profundo até ela se sentir tonta.

— É assim que se começa uma manhã — disse ele, passando os dedos pelas pétalas da peônia atrás da orelha de Luce.

Ela sentiu de repente um leve peso no pescoço e, quando pôs a mão, encontrou uma correntinha fina. Passando os dedos, tocou um medalhão de prata. Ela olhou para a rosa vermelha gravada nele.

O camafeu! Era o que Daniel havia lhe dado na última noite dela na Sword & Cross. Luce o havia guardado na capa do exemplar de *O Livro dos Guardiões* durante o curto período de tempo que passou sozinha na cabana, mas nenhuma recordação daqueles dias era nítida. A única coisa de que se lembrava era do Sr. Cole apressando-a até o aeroporto para pegar o voo para a Califórnia. Não se lembrara do camafeu nem do livro até chegar a Shoreline, e naquele momento tinha certeza de que os havia perdido.

Daniel deve ter colocado a corrente no pescoço de Luce enquanto ela dormia. Seus olhos se encheram de lágrimas,

mas dessa vez eram de alegria.

— Onde conseguiu…?

— Abra. — Daniel sorriu.

A última vez em que segurou o camafeu, a imagem de uma Luce e um Daniel de épocas passadas a deixou perplexa. Daniel disse que contaria quando a foto foi tirada na próxima vez que a visse. Isso não aconteceu. O tempo roubado que tiveram juntos na Califórnia foi em sua maioria estressante e muito curto, repleto de discussões bobas que ela não conseguia imaginar ter com Daniel nunca mais.

Luce estava feliz por ter esperado, porque quando abriu o camafeu desta vez e viu a minúscula fotografia atrás do vidro — Daniel com uma gravata-borboleta e Luce com o cabelo curto bem penteado — reconheceu imediatamente do que se tratava.

— Lucia — sussurrou ela.

Era a jovem enfermeira que Luce encontrou quando chegou a Milão durante a Primeira Guerra Mundial. A garota era bem mais jovem quando as duas se conheceram, doce e um tanto atrevida, mas tão autêntica que Luce logo a admirou.

Ela sorria agora, se lembrando da maneira como Lucia olhava para o corte de cabelo mais curto e moderno, e de como brincava, dizendo que todos os soldados tinham uma

queda por Luce. Fez Luce recordar principalmente que, se tivesse ficado no hospital italiano um pouco mais e se as circunstâncias tivessem sido... bem, totalmente diferentes, as duas poderiam ter sido grandes amigas.

Luce olhou para Daniel, radiante, mas uma sombra logo desceu sobre seu rosto. Ele a observava como se tivesse levado um soco.

— O que foi? — Ela soltou o medalhão e se aproximou dele, passando os braços ao redor de seu pescoço.

O anjo balançou a cabeça, abalado.

— Só não estou acostumado a poder compartilhar isto com você. Seu olhar ao reconhecer a foto? É a coisa mais linda que eu já vi.

Luce ficou ruborizada, sorriu, sentiu-se sem palavras e queria chorar, tudo de uma vez. Ela compreendia Daniel totalmente.

— Sinto muito por tê-la deixado sozinha daquela forma — disse ele. — Tive que sair e verificar uma coisa em um dos livros de Mazotta em Bolonha. Imaginei que você precisasse descansar o máximo possível, e estava tão bonita dormindo que não consegui acordá-la.

— Encontrou o que procurava?

— Talvez. Mazotta me deu uma pista sobre uma das *piazzas* desta cidade. Ele é historiador de arte principalmente,

mas conhece a divindade melhor que qualquer mortal que já encontrei.

Luce sentou-se no banco de veludo vermelho da gôndola, que era quase um assento de dois lugares, com uma almofada de couro preta e um encosto alto e esculpido.

Daniel afundou o remo na água e o barco deslizou para a frente. A água tinha uma coloração verde-pastel vivo e, à medida que avançavam, Luce via toda a cidade refletida nas tremulações espelhadas da superfície.

— A boa notícia — disse Daniel, olhando para ela sob a aba do chapéu —, é que Mazotta acha que sabe onde o artefato está. Fiquei discutindo com ele até o amanhecer, mas finalmente encontramos uma fotografia antiga interessante que se parece com meu desenho.

— E?

— E acontece — Daniel moveu o pulso e a gôndola fez uma curva suave em uma esquina apertada, então passou sob uma passarela baixa — que a bandeja de servir é um halo.

— Um *halo*? Pensei que apenas os anjos dos cartões comemorativos tivessem halos. — Ela levantou a cabeça, olhando para Daniel. — *Você* tem um halo?

Daniel sorriu, como se encantado pela pergunta.

— Não daqueles parecidos com anéis de ouro. Até onde sabemos, os halos são representações de nossa luz, de uma

forma que os mortais não conseguem compreender. A luz violeta que você viu ao meu redor na Sword & Cross, por exemplo. Acho que Gabbe nunca lhe contou histórias de quando posou para Da Vinci...?

— Ela fez *o quê*? — Luce quase engasgou com um dos bombolini.

— Ele não sabia que ela era um anjo, é claro, mas segundo Gabbe, Leonardo falou sobre uma luz que parecia irradiar de dentro dela. Por isso ele a pintou com um halo ao redor da cabeça.

— Nossa! — Luce balançou a cabeça, espantada, enquanto passavam por um casal apaixonado com chapéus de feltro combinando que se beijava no canto de uma sacada.

— Não foi só ele. Os artistas vêm pintando anjos dessa maneira desde que caímos na Terra.

— E quanto ao halo que temos de encontrar hoje?

— É obra de outro artista. — O rosto de Daniel ficou sombrio. Os metais de uma canção de jazz estridente fluíram de uma janela aberta e pareceram tomar o espaço ao redor da gôndola, acompanhando a narração de Daniel. — Desta vez, trata-se da escultura de um anjo, e é muito mais antiga, da era pré-clássica. Tão antiga que a identidade do artista é desconhecida. É da Anatólia e, assim como o restante dos artefatos, foi roubada durante a Segunda Cruzada.

— Então vamos encontrar a escultura em uma igreja, museu, seja onde for, tirar o halo da cabeça do anjo e correr para o monte Sinai? — perguntou Luce.

Os olhos de Daniel ficaram obscuros por uma fração de segundos.

— Por enquanto, sim, o plano é este.

— Parece fácil demais — disse Luce enquanto reparava nos detalhes dos prédios ao redor; em um deles, havia janelas altas sobre domos em formato de cebola, outro possuía um herbário verdejante saindo pela janela. Tudo parecia afundar nas águas verdes com uma espécie de redenção serena.

Daniel tinha o olhar fixo, a água iluminada pelo sol refletia-se em seus olhos.

— Veremos se é mesmo fácil.

Ele se esforçou para enxergar uma placa de madeira ao longe, no fim do quarteirão e, em seguida, conduziu o barco para fora do centro do canal. A gôndola chacoalhou ao parar perto de um muro de concreto coberto de videiras. Daniel segurou firme em um dos postes de ancoragem e amarrou a corda da gôndola. A embarcação que rangeu e esticou a corda.

— Este é o endereço que Mazotta me deu. — Daniel apontou para uma antiga ponte curva de pedra que era algo

entre romântica e decrépita. — Vamos subir esta escada e nos dirigir ao *palazzo*. Não deve ser longe.

Saltou da gôndola para a calçada com a mão estendida para Luce. Ela o seguiu, e juntos atravessaram a ponte de mãos dadas. Ao passarem por uma série de barraquinhas de pães e vendedores oferecendo camisetas de Veneza, Luce não conseguiu evitar olhar para os casais felizes ao redor. Todos pareciam estar se beijando e rindo. Ela tirou a peônia de trás da orelha e colocou-a na bolsa. Estava em uma missão com Daniel, não em lua de mel, e não haveria outros encontros românticos se os dois fracassassem.

Eles aceleraram o passo ao virarem à esquerda em uma rua estreita e depois à direita, chegando a uma ampla *piazza*.

Daniel parou abruptamente.

— Deveria estar aqui. Na praça. — Ele olhou para o endereço, balançando a cabeça com descrença exausta.

— O que há de errado?

— O endereço que Mazotta me deu corresponde *àquela* igreja, mas ele não me disse isso. — Daniel apontou para a construção alta, franciscana e cheia de espirais, com janelas rosáceas de vitrais triangulares. Uma igreja enorme e imponente, com o exterior de um alaranjado pálido e esquadrias brancas nas janelas e no grande domo. — A escultura, o halo, deve estar lá dentro.

— Tudo bem. — Luce deu um passo em direção à igreja, dando de ombros, sem entender o problema. — Vamos entrar para ver.

Daniel deslocou o peso do corpo. O rosto ficou pálido de repente.

— Não posso, Luce.

— Por que não?

Ele enrijeceu com um nervosismo evidente. Os braços pareciam pregados nas laterais do corpo e a mandíbula estava tão cerrada que parecia grudada. Ela não estava acostumada a vê-lo sem confiança. Era um comportamento estranho.

— Então você não sabe? — perguntou ele.

Luce fez que não, e Daniel suspirou.

— Pensei que em Shoreline eles tivessem ensinado a você... É o seguinte: na verdade, se um anjo caído entra em um santuário de Deus, a estrutura e todos que estão dentro explodem em chamas.

Terminou a frase rapidamente, logo quando um grupo de alunas alemãs em excursão vestindo saias de pregas passou por eles na *piazza*, andando em fila em direção à entrada da igreja. Luce observou algumas delas se virarem para olhar Daniel, sussurrando e rindo uma para a outra, alisando as tranças caso ele voltasse o olhar para elas.

Daniel fitou Luce. Ainda parecia nervoso.

— Esse é um dos muitos detalhes menos conhecidos da nossa punição. Se um anjo caído deseja reentrar na jurisdição da graça de Deus, deve ir ao Trono diretamente. Não há atalhos.

— Está dizendo que nunca pôs os pés em uma igreja? Nenhuma vez, nos milhares de anos que já passou aqui?

Daniel fez que não.

— Nem em templos, sinagogas ou mesquitas. Nunca. O mais perto que cheguei foi a piscina coberta da Sword & Cross. Quando o lugar foi dessantificado e transformado em parque aquático, o tabu foi removido. — Ele fechou os olhos. — Ariane entrou uma vez, bem no começo, antes de voltar a se aliar ao Céu. Ela não sabia. A forma como descreveu...

— Por isso ela tem as cicatrizes no pescoço? — Luce tocou o próprio pescoço instintivamente, recordando-se da primeira hora que passou na Sword & Cross: Ariane entregando a Luce um canivete suíço roubado, ordenando-lhe que cortasse seu cabelo. Ela não conseguiu tirar os olhos das estranhas cicatrizes parecidas com mármore que o anjo tinha.

— Não. — Daniel desviou o olhar, desconfortável. — Aquilo foi outra coisa.

Um grupo de turistas estava posando com o guia na frente da entrada. Enquanto os dois conversavam, dez pessoas entraram e saíram da igreja sem parecerem impressionadas pela beleza ou importância do local — ainda assim, Daniel, Ariane e uma legião de anjos nunca poderiam entrar nele.

Mas Luce podia.

— Eu vou. Vi o desenho e sei como é o halo. Se estiver aqui, vou encontrá-lo e...

— Você pode entrar, é verdade. — Daniel fez que sim em um gesto breve. — Não há outra saída.

— Sem problemas. — Luce tentou mostrar indiferença.

— Vou ficar esperando bem aqui. — Daniel parecia relutante e aliviado ao mesmo tempo. Apertou a mão dela, sentou-se na borda de uma fonte no centro da praça e explicou como o halo deveria ser e como removê-lo. — Mas seja cuidadosa! Tem mais de mil anos e é delicado! — Atrás dele, um querubim cuspia uma corrente de água interminável. — Se tiver problemas, Luce, se algo parecer ligeiramente suspeito, corra para cá e me encontre.

A igreja estava escura e fria. Tinha uma estrutura em formato de cruz e vigas baixas. Um odor pesado de incenso envolvia o ar. Luce pegou um panfleto em inglês na entrada e se deu conta de que não sabia o nome da escultura. Irritada

consigo por não ter perguntado — Daniel devia saber —, andou pela nave estreita, passou por fileiras e fileiras de bancos vazios, observando os vitrais da Via Crúcis nas janelas altas.

Apesar da enorme quantidade de pessoas na *piazza* lá fora, a igreja estava relativamente quieta. Luce percebeu que suas botas faziam barulho sobre o piso de mármore ao passar pela estátua de Nossa Senhora em uma das pequenas capelas fechadas que ficavam nas laterais. Os olhos planos da estátua pareciam impossivelmente grandes, os dedos impossivelmente compridos e finos, unidos em oração.

Luce não viu o halo em lugar algum.

No final da nave, ficou no centro da igreja, sob um enorme domo, que deixava a luz branda do sol da manhã penetrar pelas janelas elevadas. Um homem com uma túnica cinza comprida se ajoelhou perante o altar. Seu rosto pálido e mãos brancas — unidas em forma de concha sobre o coração — eram as únicas partes do corpo à mostra. Ele estava cantarolando alguma coisa em latim aos sussurros. *Dies irae, dies illa.* Luce reconheceu as palavras das aulas de latim em Dover, mas não conseguiu se lembrar do significado.

Quando ela se aproximou, o homem parou de cantar e levantou a cabeça, como se a presença dela tivesse interrompido a oração. A pele dele era a mais pálida que

Luce já vira, os lábios quase descorados ao se enrugarem para ela, que, na tentativa de dar mais privacidade ao homem, desviou o olhar e virou à esquerda no transepto, que dava o formato de cruz à igreja...

E ela se viu diante de um anjo formidável.

Era uma estátua, esculpida em mármore rosa perfeitamente liso e diferente dos anjos que Luce viera a conhecer tão bem. Não havia a vitalidade ardente de Cam, nem as infinitas complexidades que adorava em Daniel. Era uma estátua criada pela fé indiferente e para a fé indiferente. A Luce, o anjo parecia vazio. Ele olhava para cima, para o Paraíso, e seu corpo esculpido brilhava através das suaves ondas de tecido que envolviam-lhe a cintura e o peito. O rosto, voltado em direção ao céu, a três metros acima da cabeça de Luce, fora esculpido com delicadeza, por alguém com mãos treinadas, da ponta do nariz até os tufinhos de cabelo cacheados sobre as orelhas. As mãos faziam um gesto para o céu, como se pedindo perdão para alguém lá em cima por um pecado cometido há muito tempo.

— *Buon giorno*. — A voz fez Luce dar um pulo. Ela não viu o padre chegar com a túnica preta e pesada que ia até o chão, não viu a sacristia no final do transepto, por cuja porta de mogno o padre surgira.

O nariz dele parecia feito de cera, os lóbulos de suas orelhas eram grandes e era muito mais alto que Luce, o que a deixou incomodada. Ela forçou um sorriso e se afastou. Como iria roubar uma relíquia de um local público como aquele? Por que não havia pensado nisso antes, na *piazza*? Ela nem mesmo conseguia falar...

Então Luce se lembrou: ela *falava italiano*, *sim*. Aprendera — mais ou menos — instantaneamente quando entrou no Anunciador nas linhas de combate da guerra próximo ao rio Piave.

— Esta escultura é linda — disse ela ao padre.

Seu italiano não era perfeito — ela falava como quem tinha sido fluente anos atrás, mas que perdera a confiança. Ainda assim, o sotaque era satisfatório, e o padre pareceu compreender.

— É mesmo.

— O trabalho do artista com o... com o cinzel — disse ela, abrindo os braços como se estivesse fazendo uma crítica sobre a obra —, é como se tivesse libertado o anjo da pedra.

Voltando os olhos para a escultura, tentando parecer o mais inocente possível, Luce deu a volta no anjo. É claro que havia um halo de ouro e vidro sobre a cabeça dele. Porém, ele não estava lascado nos lugares em que o desenho de Daniel mostrava. Talvez tivesse sido restaurado.

O padre fez que sim com um ar sábio e disse:

— Nenhum anjo jamais ficou livre após o pecado da Queda. O olho experiente é capaz de enxergar isso, também.

Daniel havia lhe dito qual era o truque para tirar o halo da cabeça do anjo: segurar a relíquia como um volante e girá-la duas vezes com firmeza, mas também delicadeza, em sentido horário. "Porque é feito de vidro e ouro, e teve de ser posto na escultura depois de pronta. Então uma base foi esculpida na pedra, e um buraco correspondente foi feito no halo. Dê apenas dois giros fortes, mas com cuidado!" Assim, ele se soltaria da base.

Luce olhou para a enorme estátua que assomava sobre a cabeça dela e do padre.

Certo.

O sacerdote moveu-se para o lado dela.

— Este é Rafael, o Curador.

Luce não conhecia nenhum anjo chamado Rafael. Ela se perguntou se era real ou uma invenção da Igreja.

— Eu, hã, li em um guia de viagem que a estátua é anterior à era clássica. — Olhou a pontinha de mármore que conectava o halo à cabeça do anjo. — Essa escultura não foi trazida à igreja durante as Cruzadas?

O padre cruzou os braços e as longas mangas da túnica se amontoaram nos cotovelos.

— Você se refere à original. Ela ficava ao sul de Dorsoduro na Chiesa dei Piccoli Miracoli na ilha das Focas, mas desapareceu com a igreja e a ilha quando ambas, como sabemos, afundaram no mar séculos atrás.

— Não. — Luce engoliu em seco. — Não sabia disso.

Seus olhos redondos castanhos se fixaram nos dela.

— Você deve ser nova em Veneza — disse ele. — Por aqui, tudo acaba afundando no mar. Não é tão ruim. Como aprenderíamos a fazer reproduções tão perfeitas? — Olhou para o anjo, passou os dedos compridos e escuros pelo pedestal de mármore. — Esta aqui foi encomendada por apenas cinco mil liras. Não é incrível?

Não era incrível; era um horror. O halo verdadeiro afundou no mar? Nunca o encontrariam agora, nunca saberiam a real localização da Queda, nunca impediriam Lúcifer de destruí-los. Tinham acabado de começar a jornada e tudo já parecia estar perdido.

Luce cambaleou para trás, mal conseguindo recuperar o fôlego para agradecer ao padre. Sentindo-se pesada e desequilibrada, quase tropeçou em um pálido fiel ajoelhado, que fez cara feia enquanto ela saía rapidamente da igreja.

Assim que passou pela porta, começou a correr. Daniel segurou-a pelo cotovelo na fonte.

— O que aconteceu?

O rosto de Luce deve ter dito tudo. Ela relatou a história, ficando mais desanimada a cada palavra. Quando chegou na parte em que o padre se gabou pela reprodução barata, uma lágrima correu por sua bochecha.

— Tem certeza de que ele disse Chiesa dei Miracoli Piccoli? — perguntou Daniel, dando uma volta para olhar a *piazza*. — Na ilha das Focas?

— Tenho certeza, Daniel, a estátua já era. Está no fundo do oceano...

— E nós vamos encontrá-la.

— O quê? Como?

Ele segurou a mão de Luce rapidamente e, dando uma olhada para as portas da igreja, começou a correr pela praça.

— Daniel...

— Você sabe nadar.

— Não tem graça nenhuma.

— Não tem mesmo. — Ele parou de correr, virou-se e segurou o queixo de Luce na palma da mão. O coração dela estava disparado, mas os olhos de Daniel sobre os seus desaceleraram tudo. — Não é a situação ideal, mas se é a única forma de conseguirmos o artefato, é como vamos pegá-lo. Nada pode nos deter. Você sabe disso. Não podemos deixar nada nos impedir.

Logo depois, estavam de volta à gôndola, e Daniel remava rumo ao mar — levando-os adiante como um motor a cada remada. Ultrapassaram todas as outras embarcações no canal, passando apertadinhos em pontes baixas e nas esquinas fechadas de prédios, espirrando água nos rostos assustados que seguiam nos barcos vizinhos.

— Conheço a ilha — disse Daniel, sem demonstrar um pingo de cansaço. — Ficava na metade do caminho entre a ilha de São Marcos e a La Giudecca. Mas não há onde parar o barco por perto. Teremos de deixar a gôndola. Vamos ter que pular e nadar.

Luce olhou para a água verde e turva movendo-se rapidamente na lateral do barco. Sem roupa de banho. Hipotermia. Monstros marinhos italianos em buracos lamacentos ocultos. O banco da gôndola estava congelante e a água cheirava a barro com gotas de esgoto. Tudo isso passou pela mente dela, mas quando encontrou os olhos de Daniel, o medo se aquietou.

Ele precisava dela. Luce estava ao lado dele, e ponto final.

— Tudo bem.

Quando chegaram ao canal aberto, onde os demais canais desembocavam nos espaços entre as ilhas, havia um

caos turístico instalado: a água estava cheia de *vaporetti* levando e trazendo turistas com suas mochilas para os hotéis, barcos motorizados alugados por viajantes ricos e chiques, e caiaques aerodinâmicos de cores vivas carregando mochileiros americanos com óculos escuros modelo esquiador. Gôndolas, lanchas e barcos de polícia cruzavam a água de um lado para o outro em alta velocidade, mal evitando bater uns nos outros.

Daniel manobrou com facilidade, apontando para longe.

— Está vendo aquelas torres?

Luce olhou por cima dos barcos multicoloridos. O horizonte era uma linha apagada onde o azul-acinzentado do céu se encontrava com o azul-acinzentado mais escuro da água.

— Não.

— Concentre-se, Luce.

Alguns segundos depois, duas pequenas torres esverdeadas — mais longe do que se imaginaria capaz de enxergar sem um telescópio — surgiram à vista.

— Ah, ali.

— É tudo o que sobrou da igreja. — O remar de Daniel se acelerou à medida que o número de barcos ao redor diminuiu. A água parecia menos agitada, o tom de verde mais escuro agora, e começava a ficar com o cheiro mais

característico de mar em vez da imundície estranhamente atraente de Veneza. O cabelo de Luce chicoteava ao vento, que ficava mais gelado conforme se afastavam da terra. — Vamos torcer para que nosso halo não tenha sido roubado por mergulhadores das equipes de escavação.

Mais cedo, depois de Luce ter subido de novo na gôndola, Daniel pedira que o esperasse um momento. Ele sumiu por uma ruela estreita e ressurgiu no que pareceram poucos segundos com uma sacola de plástico rosa. Agora ele entregava a mesma sacola a Luce, que tirava de dentro um par de óculos de natação. Ridiculamente caros e pouco funcionais, eram em tom preto e roxo e tinham modernas asas de anjos nas pontas das lentes. Ela não se lembrava da última vez que usara óculos de natação, mas ao olhar para a água escura, ficou feliz em tê-los para proteger os olhos.

— Óculos sim, mas roupa de banho não? — perguntou.

Daniel ficou vermelho.

— Acho que fui burro, mas estava com pressa, só pensei no que seria realmente *necessário* para pegar o halo. — Ele colocou o remo de volta na água, propulsando-os com mais velocidade que uma lancha. — Você pode nadar usando sua *lingerie*, certo?

Agora Luce foi quem ficou vermelha. Sob circunstâncias normais, a pergunta poderia ter sido engraçada, algo sobre o

qual os dois ririam. Mas não naqueles nove dias. Ela fez que sim. Oito dias, na verdade. Daniel estava seriíssimo. Luce apenas engoliu em seco e disse:

— Mas é claro.

Os dois pináculos cinza-esverdeados ficaram maiores, com mais detalhes, e logo se erguiam sobre Daniel e Luce. Eram altos e cônicos, feitos de lâminas de cobre enferrujadas. Parecia que, no passado, o topo fora decorado por bandeirolas de cobre em formato de gota, esculpidas para dar a impressão de que tremulavam ao vento, mas uma delas estava salpicada de buracos causados pelo desgaste natural e a outra havia se soltado completamente do mastro. No mar aberto, a visão das torres salientes era bizarra, sugeria a presença de uma catedral cavernosa das profundezas. Luce ficou imaginando há quanto tempo a igreja afundara e qual era a profundidade em que estava.

Ela tremia só de pensar em mergulhar até lá embaixo com óculos de natação ridículos e *lingerie* comprada pela mãe.

— Esta igreja deve ser enorme. — Mas queria dizer, na verdade: "Acho que não consigo fazer isso. Não consigo respirar embaixo d'água. Como vamos encontrar um pequeno halo no meio do oceano?"

— Posso levar você apenas até os limites da catedral, só isso. Basta segurar minha mão. — Daniel estendeu a mão carinhosa para ajudar Luce a se levantar na gôndola. — Respirar não vai ser problema, mas a igreja ainda é santificada, o que significa que você terá de encontrar o halo e trazê-lo até mim.

Daniel tirou a camisa pela cabeça e jogou-a no banco. Tirou as calças rapidamente, com um equilíbrio perfeito sobre o barco, e então arrancou os tênis. Luce observou, sentiu algo se agitar dentro de si até perceber que deveria tirar a roupa também. Arrancou as botas, as meias e a calça jeans da forma mais discreta possível. Daniel segurou a mão dela para ajudar no equilíbrio. Ele ficou observando-a, mas não como Luce esperava. Estava preocupado com ela, que estava arrepiada. O anjo esfregou os braços de Luce quando ela tirou o suéter, congelando com as recatadas roupas íntimas dentro da gôndola no meio da laguna veneziana.

Mais uma vez, Luce se arrepiou, com frio, medo e uma agitação indecifrável. Porém, sua voz soou corajosa quando ela colocou os óculos, incômodos, sobre os olhos e disse:

— Vamos lá, vamos nadar.

Eles deram as mãos, como fizeram na última vez em que nadaram juntos na Sword & Cross. Quando os pés se ergueram no chão envernizado da gôndola, a mão de Daniel

puxou-a para cima, mais alto do que ela jamais imaginaria conseguir pular sozinha — e em seguida, eles mergulharam.

O corpo de Luce quebrou a superfície do mar, que não estava tão frio quanto ela pensara. Na verdade, quanto mais perto de Daniel nadava, mas quente a água ao redor ficava.

Ele estava brilhando.

É claro que estava. Ela não havia desejado verbalizar o medo da catedral, escura e impiedosa embaixo d'água, mas percebeu naquele momento que, como sempre, Daniel estava tomando conta dela. O anjo iluminaria o caminho até o halo com a mesma incandescência luminosa que Luce vira em várias vidas passadas que visitara. O brilho neutralizou a água turva e envolveu Luce, lindo e surpreendente como um arco-íris no céu da noite.

Nadaram para baixo, de mãos dadas, banhados pela luz violeta. A água estava sedosa, quieta como uma sepultura vazia. Na profundidade de quase quatro metros, o mar se escureceu, mas a luz de Daniel ainda iluminava alguns metros ao redor. Mais quatro metros para baixo, a fachada da igreja apareceu.

Era maravilhosa. O oceano a preservara, e o brilho da glória de Daniel derramava um fulgor violeta sobre as rochas antigas e silenciosas. As torres acima da superfície pontuavam o telhado plano adornado com pedras e esculturas de santos.

Havia painéis de mosaicos meio desintegrados com a imagem de Jesus e alguns dos apóstolos. Tudo tinha uma camada grossa de musgo e estava coberto por vida marinha: peixinhos prateados minúsculos entravam e saíam de alcovas, anêmonas projetavam-se em representações de milagres, enguias deslizavam por fendas onde venezianos haviam caminhado. Daniel ficou ao lado de Luce, seguindo o rastro dela, iluminando o caminho.

Ela nadou pelo lado direito da igreja, espreitando vitrais destruídos, com o olhar sempre se voltando para a superfície lá em cima, para o ar.

Mais ou menos no ponto em que Luce imaginava, seus pulmões começaram a perder força, mas ela ainda não estava pronta para subir. Os dois haviam acabado de descer até onde dava para ver o altar. Então, cerrou os dentes e aguentou firme por mais um tempo.

Segurando a mão dele, olhou por uma das janelas próximas ao transepto da igreja. Colocou a cabeça e os ombros para dentro, e Daniel se espremeu contra a parede para iluminar a área interna.

Luce não viu nada além de bancos apodrecendo e um altar de pedra dividido ao meio. O restante estava coberto por sombras e Daniel não conseguia se aproximar mais para oferecer maior luminosidade. Ela sentiu uma tensão nos

pulmões e entrou em pânico — mas então, de alguma forma, a sensação desapareceu, e foi como se o tempo pudesse se expandir até a tensão e o pânico voltarem, como se existissem reservas de fôlego que Luce pudesse usar antes de a situação ficar realmente difícil. Daniel a observava, assentindo, como se soubesse que ela era capaz de continuar por mais um tempinho.

Luce passou por mais uma janela e viu algo dourado cintilar em um dos cantos submersos da igreja. Daniel também viu e nadou até o lado da amada com cuidado para não entrar na catedral. Pegou a mão dela e indicou o ponto brilhante. Apenas a pontinha do halo era visível. A estátua parecia ter afundado para dentro de uma parte destruída do piso. Luce se aproximou, soltando o ar em bolhas, incerta de como deveria liberá-lo. Não podia esperar mais. Seus pulmões estavam em chamas, então fez para Daniel o sinal para subir.

Ele balançou a cabeça.

Quando ela recuou, surpresa, ele a puxou para fora da igreja, pegou-a nos braços e beijou-a profundamente. A sensação foi ótima, mas...

Mas, não, não foi só um beijo. Ele estava soprando ar para dentro dos pulmões de Luce. Ela respirou profundamente ao beijá-lo, sentiu o ar puro fluir para

dentro, enchendo os pulmões no exato momento em que eles pareciam estar prestes a explodir. Era como se o anjo tivesse um estoque interminável de oxigênio, e Luce estava sôfrega para pegar o máximo possível. As mãos buscavam os corpos quase nus um do outro, cheias de paixão, como se os dois estivessem se beijando apenas por prazer. Luce não queria parar. Porém, só restavam oito dias. Quando, por fim, ela se mostrou satisfeita, Daniel sorriu e a afastou.

Eles voltaram para a pequena passagem onde antes ficava a janela. Daniel nadou até o local, posicionando o corpo em frente à abertura de forma a iluminar o caminho de Luce. Ela se espremeu devagar pela janela, sentindo um frio instantâneo e uma claustrofobia insensata dentro da igreja. Aquilo era estranho, porque a catedral era enorme: o teto estava a quarenta metros de altura, e não havia mais ninguém ali.

Talvez o problema fosse esse. Do outro lado da janela, Daniel parecia distante demais. Ao menos agora ela conseguia ver o anjo — e o brilho dele lá fora. Então, nadou em direção ao halo dourado e pegou-o nas mãos. Lembrou-se das instruções de Daniel e girou a relíquia como se fosse o volante de um ônibus.

O objeto não se moveu.

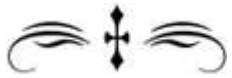
Luce pegou o halo escorregadio com mais força. Girou para a frente e para trás, investindo toda a força que tinha.

Bem devagar, ele soltou um ruído e moveu-se um centímetro para a esquerda. Ela fez força novamente para movê-lo mais, soltando bolhas de irritação. Bem quando começou a sentir-se cansada, o halo soltou-se e girou. O rosto de Daniel se encheu de orgulho ao olhar para Luce e ela o observou, os olhares entrelaçados. Luce mal pensava no fôlego enquanto tentava desrosquear o halo.

O objeto desprendeu-se nas mãos dela, que vibrou de alegria e ficou admirada com o peso impressionante. Mas quando olhou para Daniel, ele não estava mais fitando-a. Olhava para cima, para longe.

Um segundo depois, ele sumiu.

QUATRO



UM VAGO ACORDO

Sozinha na escuridão, Luce ficou perdida na água.

Onde ele estava?

Ela se aproximou da cratera no assoalho onde o anjo afundara — onde, há poucos segundos, o brilho de Daniel iluminava o caminho.

Subir. Era a única opção.

A pressão nas pernas aumentou rapidamente e se espalhou pelo restante do corpo, latejando na cabeça. A superfície estava distante e o ar que Daniel lhe dera já chegava ao fim. Não conseguia ver a própria mão à frente do rosto. Não conseguia pensar. Não *podia* entrar em pânico.

Luce deu um impulso no assoalho podre, saltando na água para dar de cara com o que ela pensava ser a janela do porão por onde havia entrado na catedral. As mãos trêmulas tateavam as paredes do porão cobertas por crustáceos, em busca da passagem estreita que deveria atravessar.

Pronto.

Os dedos alcançaram o exterior da igreja em ruínas e sentiram a água mais morna lá fora. Na escuridão, a passagem parecia ainda menor e mais impossível de ser atravessada do que quando Daniel estava ali, iluminando o caminho. Mas era a única saída.

Com o halo preso de uma forma estranha sob o queixo, Luce se impulsionou para a frente, forçando os cotovelos contra a parede pelo lado de fora da catedral para puxar o corpo. Primeiro os ombros, depois a cintura e depois...

A dor rasgou seu quadril.

O pé esquerdo ficou preso, enroscado em algo fora do alcance e da vista. Lágrimas queimaram os olhos, e ela chorou de frustração. Observou as bolhas flutuarem saindo da boca — e indo lá para cima, onde ela deveria estar —, carregando mais energia e oxigênio do que restavam em seu corpo.

Com metade de si para fora da janela e a outra metade presa no interior, Luce lutava, mas os movimentos eram

rígidos de pavor. Se ao menos Daniel estivesse ali...

Mas ele não estava.

Segurando o halo com uma das mãos, ela serpenteou para dentro da janela estreita, deslizando-a contra o corpo na tentativa de alcançar o pé. Os dedos tocaram algo frio, borrachento e completamente estranho. Um pedaço da coisa se soltou na mão dela e se desfez. Luce se contorcia de nojo enquanto puxava o pé para livrar-se daquilo, seja lá o que fosse. A vista começou a ficar embaçada, as unhas esbarraram em algo e se quebraram e o tornozelo se esfolou com o esforço para se libertar — e, de repente, ela se soltou.

A perna moveu-se para a frente com força e o joelho bateu na parede desgastada de uma forma tão brusca que ela sabia que havia se cortado, mas não importava: apenas içou o restante do corpo pela janela com fúria.

O halo estava em suas mãos. Ela estava livre.

Porém, de maneira alguma havia ar o suficiente nos pulmões para chegar à superfície. O corpo tremia muito, as pernas mal respondiam aos comandos para *nadar* e uma neblina de manchas vermelho-escuras surgia perante seus olhos. Sentiu-se paralisada, como se estivesse nadando em cimento fresco.

Então algo apareceu: as águas escuras ao redor ficaram iluminadas com um brilho intenso; Luce foi envolvida em

calor e luz, como ao nascer do sol de verão.

A mão surgiu e estendeu-se para ela.

Daniel. Luce colocou os dedos na palma grande e forte dele, segurando o halo próximo ao peito com a outra mão.

Fechou os olhos enquanto voava com Daniel naquele céu submerso.

Após o que pareceu um segundo, eles irromperam na superfície banhada pela luz do sol ofuscante. Instintivamente, Luce sorveu o máximo de ar que pôde, assustando-se com o barulho seco que a garganta fez, pegando o pescoço com a mão para guiar o ar para baixo e, com a outra, arrancando os óculos.

Mas... que estranho. O corpo não parecia precisar de tanto ar quanto a mente disse que precisava. Estava tonta, anestesiada pela luz do sol repentina, porém por mais estranho que fosse, não se sentia prestes a desmaiar. Será que não passara tanto tempo lá embaixo? Será que de repente ficou tão boa em prender a respiração? Luce deixou uma explosão de orgulho por sua boa forma atlética acompanhar o alívio por ter sobrevivido.

As mãos de Daniel encontraram as dela embaixo d'água.

— Está tudo bem?

— O que aconteceu com você? — gritou ela. — Quase...

— Luce — advertiu ele —, psssiu.

Os dedos dele alisaram os dela e, sem o anjo dizer nada, pegaram o halo. Ela não percebeu o quanto o objeto era pesado até soltá-lo. Mas por que Daniel estava tão estranho, pegando o halo de uma forma tão furtiva, como se estivesse escondendo algo?

Tudo o que ela fez foi seguir o brilho violeta-escuro.

Quando Daniel a conduziu rapidamente até a superfície, eles saíram em um lugar diferente do que entraram. Antes, Luce reparou, pareciam estar na frente da catedral — havia apenas os dois pináculos cinza-esverdeados saindo das torres submersas —, agora estavam quase que exatamente no centro da igreja, onde um dia tinha sido a nave.

Ao lado deles havia duas fileiras de contrafortes flutuantes, que um dia ficaram presos nas paredes de pedra da longa nave da igreja, e hoje estavam em ruínas. Os contrafortes em forma de arco pareciam pretos de musgo e não eram tão altos quanto os pináculos da fachada. Os topos rochosos inclinados rompiam a superfície da água — servindo perfeitamente como bancos para o grupo de cerca de vinte Párias que cercavam Luce e Daniel naquele momento.

Quando Luce os reconheceu — com casacos marrons, pele pálida e olhos frios mortos — ela conteve uma arfada de espanto.

— Olá — disse um deles.

Não era Phil, o Pária bajulador que fingiu ser namorado de Shelby e depois liderou uma batalha contra os anjos no quintal da casa dos pais de Luce. Ela não viu o rosto dele entre os outros Párias, mas apenas um bando de criaturas que não conhecia nem queria conhecer.

Anjos caídos que não se decidiam, os Párias eram em determinados aspectos o oposto de Daniel, que se recusava a ficar ao lado de alguém que não fosse Luce. Afastados do Céu por serem indecisos, com a visão destruída pelo Inferno a ponto de nada poderem ver exceto o mais ínfimo brilho das almas, os Párias tinham uma aparência repugnante. Eles a encaravam como da última vez, por meio de olhos vazios e horripilantes que não conseguiam ver o corpo de Luce, mas sentiam algo na alma dela que dizia que ela era "o preço".

Luce sentiu-se exposta, presa. Os olhares lascivos dos Párias tornaram a água mais fria. Daniel nadou mais para perto, e ela sentiu algo macio encostar nas suas costas. Ele havia aberto as asas na água.

— Não aconselho a tentar fugir — disse um deles atrás de Luce, como se sentisse o movimento das asas de Daniel embaixo d'água. — Olhe para trás e se convencerá de que estamos em maior número, e só vou precisar de uma destas

aqui. — Ele abriu o casaco e mostrou a bainha com setas estelares prateadas.

Os Párias os cercavam de todos os lados, empoleirados nos destroços de rochas de uma ilha veneziana submersa. Tinham um ar arrogante, debilitado, os casacos amarrados na cintura, ocultando as asas sujas e finas como papel higiênico. Luce lembrou-se de que, na batalha no quintal dos pais, as mulheres Párias foram tão insensíveis e cruéis quanto os homens. Aquilo ocorrera havia apenas alguns dias, mas parecia que anos tinham se passado.

— Mas, se preferir nos testar... — Indolentemente, o Pária colocou uma seta no arco e Daniel não conseguiu mascarar muito bem o calafrio que sentiu.

— Silêncio.

Um dos Párias se levantou nas pedras. Não estava de casaco, mas sim com uma túnica cinza, e Luce tomou um susto quando ele puxou o capuz e mostrou o rosto pálido. Era o homem que cantarolava na catedral. Ele a estava observando o tempo todo, ouvindo tudo o que dizia ao padre. Provavelmente a seguira até ali. Os lábios descorados se enrugaram em um sorriso.

— Então — murmurou ele —, ela encontrou o halo que procurava.

— Isso não é da sua conta! — gritou Daniel, mas Luce ouviu desespero na voz dele.

Ainda não sabia o porquê, mas os Párias tinham a intenção de tornar Luce algo da conta deles. Eles acreditavam que possuía alguma influência sobre a redenção deles, sobre o retorno deles ao Céu, mas tal lógica escapava a ela agora tanto quanto havia escapado no quintal da casa dos pais.

— Não nos insulte com suas mentiras — bradou o Pária de túnica. — Sabemos o que procura, e você sabe que nossa missão é impedi-lo.

— Vocês não estão pensando com clareza — disse Daniel. — Não estão vendo as coisas como são. Nem *vocês* podem querer que...

— Que Lúcifer reescreva a história? — Os olhos brancos do Pária fitavam o espaço entre Daniel e Luce. — Ah, sim, na verdade gostaríamos muito que isso acontecesse.

— Como pode dizer isso? Tudo, o mundo como conhecemos — nós mesmos — será aniquilado. O universo inteiro, toda a consciência, tudo desaparecerá.

— Acha mesmo que as nossas vidas nesses últimos sete mil anos merecem ser preservadas? — Os olhos do líder se estreitaram. — Melhor desaparecermos. Melhor apagar essa existência obstinada antes de começarmos a nos esvair. Na próxima vez... — De novo, ele virou os olhos apagados na

direção de Luce. Ela observou aqueles olhos girarem nos globos oculares, focando-se na alma dela. E aquilo ardia. — Na próxima vez, não vamos provocar a ira do Céu de uma forma tão insensata. Vamos ser admitidos de volta ao Trono. Daremos cartadas mais sábias. — O olhar embotado continuava fixado sobre a alma de Luce. Ele sorriu. — Na próxima vez, teremos... uma ajuda.

— Não terão nada, assim como não têm agora. Fique longe, Pária. Esta guerra é maior que vocês.

O Pária de túnica pegou uma seta estelar e sorriu.

— Seria tão fácil matá-los agora...

— Uma multidão de anjos já está lutando por Lucinda. Vamos impedir Lúcifer, e, quando fizermos isso, se sobrar tempo para lidar com coisinhas insignificantes como vocês, os Párias vão se arrepender deste momento para sempre, e de tudo o que fizeram desde a Queda.

— No próximo encontro, os Párias vão se concentrar na garota desde o começo. Vamos enfeitiçá-la, como você fez. Vamos fazê-la acreditar em cada palavra que dissermos. Já estudamos os seus métodos. Sabemos o que fazer.

— Tolos! — gritou Daniel. — Acham que serão mais espertos ou mais corajosos na próxima vez? Acham que vão se lembrar deste momento, desta conversa ou mesmo deste plano brilhante? Da próxima vez, não farão nada além de

cometer os mesmos erros. Todos nós iremos. Apenas Lúcifer se lembrará dos erros passados. O que ele busca satisfaz somente a seus desejos mais primitivos. Vocês devem se lembrar de como é a alma dele. — disse Daniel, incisivo —, mesmo que não vejam mais nada.

Os Párias se ergueram nos poleiros apodrecidos.

— Eu me lembro — Luce ouviu um Pária dizer atrás dela, com voz fraca.

— Lúcifer era o anjo mais iluminado de todos — completou outro deles, cheio de nostalgia. — Tão lindo que nos corrompeu.

Eles se ressentiam, Luce percebeu, da própria deformidade.

— Parem com isso, estão equivocados! — Uma voz mais alta falou acima deles. Era o Pária de túnica, o líder do grupo. — Os Párias voltarão a ver na próxima chance. A visão levará à sabedoria, e a sabedoria levará de volta aos Portões do Céu. Atrairemos o Preço. Ela nos guiará.

Luce tremeu, encostada em Daniel.

— Talvez *todos* nós possamos ter uma segunda oportunidade de redenção. — Daniel apelou para eles. — Se conseguirmos parar Lúcifer... não há motivo para que os seus pares também não consigam...

— Não! — gritou para Daniel o Pária de túnica, encarapitado em seu posto, abrindo as asas desgastadas com um estalo como o quebrar de um graveto.

As asas de Daniel se soltaram da cintura de Luce e o halo foi colocado de volta nas mãos dela antes que ele saísse da água para se defender. O líder de túnica não era páreo para o anjo, que deu um impulso para cima e um cruzado de direita.

O Pária voou uns seis metros para trás, quicando sobre a água como uma pedra. Ele se endireitou e voltou para as rochas. Com um aceno da mão pálida, indicou para o restante do grupo se erguer em um círculo no ar.

— Sabem quem ela é! — gritou Daniel. — Vocês sabem o que isto significa para todos nós! Pelo menos uma vez em sua existência, ajam com coragem em vez de covardia.

— De que maneira? — desafiou o Pária. A água escorria da bainha da sua túnica.

Daniel estava ofegante, olhando para Luce e para o halo de ouro brilhando embaixo d'água. Seus olhos violetas pareceram entrar em pânico por um momento... e então ele fez a última coisa que Luce esperaria.

Ele fitou o Pária de túnica bem nos olhos brancos, estendeu a mão com a palma para cima, e disse:

— Junte-se a nós.

O Pária riu sombriamente por um bom tempo.

Daniel não se abalou.

— Os Párias não trabalham para ninguém além de si mesmos.

— Vocês já deixaram isso evidente. Ninguém está pedindo que se tornem escravos. Mas não lutem contra a única causa correta. Aproveitem esta chance de salvar a todos, vocês inclusive. Juntem-se à luta contra Lúcifer.

— É uma cilada! — gritou uma das garotas Párias.

— Ele quer enganá-lo para ganhar a liberdade!

— Pegue a garota!

Luce olhou com pavor para o Pária de túnica que pairava sobre ela. O Pária chegou mais perto, com os olhos se abrindo, famintos, e as mãos tremendo ao se estenderem em sua direção. Mais perto. Mais perto. Ela gritou...

Mas ninguém ouviu, porque, naquele momento, o mundo *tremeu*. O ar, a luz e cada partícula da atmosfera pareceram se duplicar e se dividir, depois se unir em um trovão.

Estava acontecendo de novo.

Atrás do monte de casacos castanhos e asas sujas, o céu ganhou um tom acinzentado turvo e nebuloso, como da última vez na biblioteca da Sword & Cross, quando tudo

começou a tremer. Outro tempomoto. *Lúcifer se aproximando.*

Uma onda gigantesca atingiu em cheio a cabeça de Luce, que se debateu e segurou o halo com firmeza, nadando freneticamente para manter a cabeça fora d'água.

Ela viu o rosto de Daniel quando um estalo alto soou à esquerda. As asas brancas dele planavam em direção a ela, mas não depressa o suficiente.

A última coisa que Luce viu antes da cabeça ser mergulhada na água pareceu acontecer em câmera lenta: o pináculo cinza-esverdeado da igreja se dobrou sobre a água, com a ponta se inclinando devagar em sua direção. A sombra foi ficando maior até que, com uma pancada, empurrou-a para a escuridão.

Luce acordou oscilando em uma onda; estava em um colchão de água.

Havia cortinas de renda vermelha nas janelas. Feixes de luz acinzentada que passavam pela renda elaborada sugeriam que o sol estava se pondo. A cabeça de Luce doía e seu tornozelo latejava. Ela se virou nos lençóis de seda preta — e

deu de cara com uma garota com olhos sonolentos e uma enorme cabeleira loira.

A garota gemeu e piscou, com as pálpebras carregadas de sombra prateada, espreguiçando-se e esticando o punho sobre a cabeça.

— Ah — disse ela, aparentando menos surpresa por acordar ao lado de Luce do que Luce sentiu ao acordar ao lado dela. — Até que horas ficamos fora de casa ontem à noite? — murmurou ela em italiano. — Aquela festa foi *a-ni-mal*.

Luce deu um pulo para trás e caiu da cama diretamente em um tapete branco felpudo. O quarto era uma caverna, frio e malcheiroso, com papel de parede cinza-escuro e uma cama marquesa *king size* sobre um enorme tapete no centro. Luce não fazia ideia de onde estava, de como havia chegado lá, de quem era o roupão que estava usando, quem era a garota e que festa era aquela que pensava ter ido com Luce na noite anterior. Será que caíra em algum Anunciador? Havia um pufe de estampa de zebra ao lado da cama. As roupas deixadas na gôndola — o suéter branco usado dois dias antes na casa dos pais e o jeans surrado — estavam bem dobradas sobre ele. As botas de montaria estavam encostadas nele, uma de cada lado. O medalhão de prata com a rosa gravada — que ela havia colocado dentro da bota antes de mergulhar

com Daniel — estava sobre uma bandeja de fibra de vidro na mesinha de cabeceira.

Luce colocou o colar e vestiu a calça, desajeitada. A garota na cama adormecera com um travesseiro de seda preta sobre a cabeça e os cabelos loiros bagunçados saindo por baixo. Luce olhou por trás da alta cabeceira e viu duas cadeiras reclináveis em frente a uma lareira flamejante na parede mais distante, onde havia uma televisão de tela plana.

Onde estava Daniel?

Ela estava calçando a segunda bota quando ouviu uma voz passar pela fresta das portas francesas em frente à cama.

— Não vai se arrepender, Daniel.

Antes que ele pudesse responder, a mão de Luce já estava na maçaneta — do outro lado, ela viu o anjo, sentado em um sofá de zebra na sala de estar, de frente para Phil, o Pária.

Ao vê-la à porta, Daniel levantou-se. Phil também fez o mesmo, parando rigidamente ao lado do sofá. As mãos de Daniel roçaram o rosto de Luce, esfregando sua testa, que, notou, estava sensível e esfolada.

— Como está se sentindo?

— O halo...

— Estamos com o halo. — Daniel apontou para o enorme disco com acabamento de ouro sobre a grande mesa de jantar de madeira na sala adjacente.

Havia um Pária sentado à mesa tomando iogurte com uma colher e outro apoiado na porta com os braços cruzados. Ambos estavam voltados para Luce, mas era impossível dizer se eles sabiam disso. Sentiu-se em perigo com eles por perto, um frio no ar, mas confiava na aparência calma de Daniel.

— O que aconteceu com o Pária com quem estava brigando? — perguntou Luce à procura da criatura de túnica.

— Não se preocupe com ele. É com *você* que estou preocupado — falou com o mesmo tom carinhoso que usava quando ficavam sozinhos.

Luce lembrou-se do pináculo da igreja inclinando-se em sua direção enquanto a catedral desmoronava sob a água. Lembrou-se das asas de Daniel lançando uma sombra sobre tudo ao mergulharem em sua direção.

— Você levou uma pancada feia na cabeça. Os Párias me ajudaram a tirá-la da água e nos trouxeram aqui para descansarmos.

— Por quanto tempo dormi? — perguntou Luce. A noite estava caindo. — Quanto tempo temos ainda...

— Sete dias, Luce — disse Daniel em tom baixo. Ela percebeu a rapidez com que ele também sentia o tempo escorrer entre os dedos.

— Bem, não podemos perder mais tempo aqui. — Luce olhou para Phil, que enchia o próprio copo e o do anjo com algo vermelho chamado Campari.

— Não gosta do meu apartamento, Lucinda Price? — indagou Phil, fingindo olhar a sala de estar pós-modernista pela primeira vez.

As paredes estavam cheias de pinturas a la Jackson Pollock, mas era para Phil que Luce não conseguia parar de olhar. A pele dele estava mais pálida do que conseguia se lembrar, com olheiras pesadas e roxas ao redor dos olhos vazios. Ela ficava gelada a cada vez que se recordava das asas esfarrapadas erguendo-a no ar sobre o quintal dos pais, prontas para levá-la a algum lugar sombrio e distante.

— Não consigo enxergar muito bem este lugar, é claro, mas me disseram que seria decorado para agradar às gatinhas. Quem poderia adivinhar que eu acabaria gostando de carne mortal após o tempo com Shelby, sua amiga Nefilim? Conheceu minha amiga, aquela que está na cama? Ela é uma doçura; todas são.

— Temos que ir. — Luce puxou a camisa de Daniel com ar mandão.

Os outros Párias na sala se levantaram para prestar atenção.

— Tem certeza de que não aceita um drinque? — ofereceu Phil, derramando o líquido vermelho-cereja em um terceiro copo. Daniel pôs a mão sobre a boca do copo e encheu-o com refrigerante de toranja.

— Sente-se, Luce — disse Daniel ao entregar o copo. — Não estamos prontos para ir embora.

Quando eles se sentaram, os outros dois Párias fizeram o mesmo.

— Seu namorado é bastante sensato — afirmou Phil, colocando as botas sujas de lama sobre a mesinha de café. — Nós Párias concordamos em nos unirmos a vocês na luta contra a Estrela da Manhã.

Luce se aproximou de Daniel.

— Podemos conversar *a sós*?

— Sim, é claro — respondeu Phil antes de se levantar com o corpo rígido e acenar para os outros Párias. — Vamos todos fazer uma pausa. — Em fila atrás de Phil, os outros desapareceram por uma porta oscilante de madeira que dava para a cozinha do apartamento.

Quando ficaram a sós, Daniel pousou as mãos sobre os joelhos.

— Veja, sei que não gosta deles...

— Daniel, eles tentaram me sequestrar.

— Sim, eu sei, mas aquilo foi quando pensavam que... — Daniel fez uma pausa e acariciou os cabelos da amada, desfazendo um nó com os dedos. — Que levá-la ao Trono compensaria a traição anterior. Mas agora o jogo mudou totalmente, em parte pelo que Lúcifer fez e em parte porque você chegou mais longe na tentativa de quebrar a maldição do que os Párias haviam imaginado.

— O quê? — perguntou Luce com espanto. — Acha que estou mais próxima de quebrar a maldição?

— Digamos que nunca chegou tão perto — respondeu Daniel. Algo que Luce não sabia o que era começou a disparar dentro de si. — Com a ajuda dos Párias contra nossos inimigos, você poderá se concentrar no que precisa fazer.

— A ajuda dos Párias? Mas acabaram de armar uma tocaia para nós!

— Phil e eu resolvemos tudo. Chegamos a um acordo. Escute, Luce. — Daniel pegou o braço dela e sussurrou, apesar de estarem sozinhos na sala. — Os Párias não são para nós uma ameaça tão grande quanto somos para eles. São desagradáveis, mas também são incapazes de mentir. Sempre saberemos se estão do nosso lado.

— Por que temos que ficar do lado deles? — Luce se atirou contra a almofada de zebra atrás dela.

— Porque eles têm armas, Luce. Equipamentos melhores e mais guerreiros que qualquer outra facção que enfrentaremos. Pode chegar um momento em que precisaremos de suas setas estelares e força. Não precisam ser nossos melhores amigos, mas são excelentes guarda-costas e implacáveis quando se trata dos inimigos. — Daniel se recostou com o olhar fixado na janela, como se algo desagradável tivesse passado voando por ali. — E, já que vão entrar na briga de qualquer maneira, então que estejam do nosso lado.

— E se eles ainda pensarem que sou o preço ou sei lá o quê?

Daniel deu um sorriso suave e inesperado.

— Tenho certeza de que ainda pensam, assim como muitos outros. Mas apenas você pode decidir como cumprirá seu papel nessa velha história. O que começamos quando nos beijamos pela primeira vez na Sword & Cross? Aquele despertar dentro de você foi somente o primeiro passo. Todas as outras lições que aprendeu enquanto estava nos Anunciadores lhe servem de arma agora. Nem os Párias nem ninguém pode tirar isso de você. Além do mais — continuou ele, com um sorriso malicioso —, ninguém pode tocar em você quando estou do seu lado.

— Daniel? — Ela tomou um gole do refrigerante de toranja e sentiu o gás efervescente na garganta. — Como cumprirei meu papel nessa velha história?

— Não tenho ideia. Mas mal posso esperar para descobrir.

— Eu também.

A porta da cozinha se abriu e o rosto pálido e quase bonito de uma garota apareceu, com os cabelos loiros puxados para trás em um rabo de cavalo austero.

— Os Párias estão cansados de esperar — avisou ela com um tom robótico.

Daniel olhou para Luce, que se forçou a assentir.

— Pode dizer para entrarem. — E gesticulou para a garota.

Eles vieram rapidamente, de forma mecânica, e retomaram as antigas posições, com exceção de Phil, que se aproximou de Luce. A colher do Pária que comia iogurte bateu desajeitadamente na lateral do potinho de plástico vazio.

— Então, ele a convenceu também? — perguntou Phil, sentando-se no braço do sofá.

— Se Daniel confia em vocês, eu...

— Como eu havia pensado. Quando os Párias decidem apoiar uma causa nos dias de hoje, somos absolutamente

fiéis. Entendemos o que está em jogo quando fazemos esse tipo de... escolha. — Ele enfatizou a última palavra, assentindo para Luce com ar intimidador. — A escolha de nos aliarmos a alguém é muito importante, não acha, Lucinda Price?

— Do que ele está falando, Daniel? — perguntou Luce, apesar de suspeitar do que se tratava.

— Sobre o fascínio que todos têm hoje — respondeu Daniel, cansado. — O equilíbrio que quase existe entre o Céu e o Inferno.

— Após todos esses milênios, quase o alcançamos! — Phil sentou-se de frente para Luce e Daniel. Ela nunca o vira tão animado. — Com quase todos os anjos de um dos lados, o da escuridão ou o da luz, apenas um não fez sua escolha.

Um anjo que não fez sua escolha.

Um lampejo de lembrança: Luce estava atravessando em um Anunciador para Las Vegas com Shelby e Miles. Iriam encontrar a irmã dela da vida passada, Vera, mas acabaram indo parar numa franquia de panquecas com Ariane, que disse que haveria um acerto de contas. Em breve. E, no final, quando todas as almas dos anjos tomassem suas decisões, tudo se resumiria à escolha de um único anjo essencial.

Luce tinha certeza de que o anjo indeciso era Daniel.

Ele parecia irritado, esperando que Phil terminasse de falar.

— E, é claro, ainda há os Párias.

— Como assim? — indagou Luce. — Os Párias já não escolheram um lado? Sempre pensei que estivessem com Lúcifer.

— Isso porque você não gosta de nós — respondeu Phil, sem demonstrar emoções. — Não, os Párias não fazem escolhas. — Ele virou o rosto como se fosse olhar pela janela e suspirou. — Pode imaginar como é...

— Está dando seus sermões para a plateia errada, Phil — interrompeu Daniel.

— Nós deveríamos *contar* — rebateu Phil, de repente defendendo seu lado para Daniel. — Tudo o que pedimos é que sejamos considerados no equilíbrio cósmico.

— Vocês não podem fazer escolhas — repetiu Luce, ao compreender tudo. — Essa é a punição pela sua indecisão?

O Pária fez que sim num movimento automático.

— E o resultado é que nossa existência não significa nada para o equilíbrio cósmico. Nossas mortes também não significam nada. — Phil abaixou a cabeça.

— Sabe que não tenho nada a ver com isso — disse Daniel. — E certamente Luce não tem nada a ver com isso. Estamos perdendo tempo...

— Não seja tão indiferente, Daniel Grigori — disse Phil. — Todos têm um objetivo. Admitindo ou não, você precisa de nós para atingir o seu. Poderíamos ter nos juntado aos Anciãos de Zhsmaelim. Aquela tal de Srta. Sophia Bliss ainda está de olho em você. Está na direção errada, é claro, mas quem sabe se... ela poderá obter sucesso onde você fracassará?

— Então por que vocês não se juntaram a eles? — perguntou Luce, ríspida, defendendo Daniel. — Não tiveram problema algum em trabalhar com Sophia quando sequestraram minha amiga Dawn.

— Aquilo foi um erro. Naquela época, não sabíamos que os Anciãos haviam matado a outra garota.

— Penn — disse Luce, com voz embargada.

O rosto pálido de Phil se contorceu ligeiramente.

— Imperdoável. Os Párias nunca machucariam um inocente. Muito menos alguém de tanto caráter, com uma mente tão pura.

Luce olhou para Daniel, querendo passar a mensagem de que talvez tivesse julgado os Párias muito cedo, mas o olhar do anjo estava fixado em Phil.

— Mesmo assim, você se reuniu com a Srta. Sophia ontem — disse ele.

O Pária fez que não.

— Cam me mostrou o convite dourado — pressionou Daniel. — Você se encontrou com ela na pista de corrida mortal chamada Churchill Downs para discutir a perseguição a Luce.

— Errado. — Phil levantou-se. Era da mesma altura de Daniel, mas débil e frágil. — Encontramo-nos com Lúcifer ontem. Ninguém pode recusar um convite da Estrela da Manhã. A Srta. Sophia e seus companheiros estavam lá, acho. Os Párias sentiram a presença de suas almas sujas, mas não estamos do lado deles.

— Espere — disse Luce —, você encontrou Lúcifer *ontem*? — Ou seja, sexta-feira, o dia em que Luce e os outros estavam na Sword & Cross discutindo sobre como encontrar as relíquias para impedir que Lúcifer apagasse o passado. — Mas nós já havíamos voltado dos Anunciadores. Lúcifer já estaria caindo.

— Não necessariamente — explicou Daniel. — Apesar de o encontro ter acontecido após *você* voltar dos Anunciadores, ainda assim ocorreu no passado de *Lúcifer*. Quando ele foi atrás de você disfarçado de gárgula, o momento em que o caminho dele começou foi meio dia depois do seu, e o local, a milhares de quilômetros.

A lógica fez o cérebro de Luce doer um pouco, mas estava certa sobre uma coisa: não confiava em Phil. Então se

voltou para ele e disse:

— Quer dizer que vocês sempre souberam dos planos de Lúcifer de apagar o passado. Iriam ajudá-lo, como estão dizendo agora que vão nos ajudar?

— Nós nos encontramos com ele porque somos obrigados a comparecer quando ele chama. Todos são, com exceção do Trono e... — Phil fez uma pausa com um sorriso fino espalhando-se pelos lábios. — Bem, não conheço nenhuma força viva capaz de resistir a um chamado de Lúcifer. — Ele inclinou a cabeça para Luce. — Você conhece?

— Já chega! — interrompeu Daniel.

— Além do mais — continuou o Pária —, ele não quis nossa ajuda. A Estrela da Manhã nos excluiu. Disse... — Phil fechou os olhos e, por um momento, pareceu um adolescente normal, quase fofo. — Disse que não podia arriscar nada, que era hora de cuidar de tudo com as próprias mãos. A reunião acabou de repente.

— Deve ter sido quando Lúcifer foi atrás de você nos Anunciadores — disse Daniel a Luce.

Ela se sentiu enjoada ao lembrar-se de como Bill a encontrou no túnel, tão vulnerável, tão solitária. Em todos aqueles momentos, ela ficou feliz em tê-lo por perto,

ajudando-a em sua missão. Ele quase parecia gostar de ficar ao lado dela, pelo menos por um tempo.

Os olhos brancos de Phil se fixaram sobre ela, como se examinando sua alma. Será que o Pária sentia a perturbação que tomava conta de Luce todas as vezes em que pensava no tempo que passara sozinha com Bill? Será que Daniel sentia?

Phil não estava exatamente sorrindo pra Luce, mas sua aparência não parecia tão sem vida como de costume.

— Os Párias vão protegê-la. Sabemos que seus inimigos estão em grande número. — Ele olhou para o anjo. — A Balança também está agindo.

Luce olhou para Daniel.

— A Balança?

— Eles trabalham para o Céu. São um empecilho, não uma ameaça.

Phil abaixou a cabeça novamente.

— Os Párias acreditam que a Balança possa ter... ter se separado do Céu.

— O quê? — Daniel pareceu ficar sem fôlego de repente.

— Há um desentendimento entre eles, do tipo que se espalha rapidamente. Você me disse que tem amigos em Viena?

— Ariane — arfou Luce. — E Gabbe e Roland. Estão em perigo?

— Temos amigos em Viena — completou Daniel. — Em Avalon também.

— A Balança está tomando Viena.

Quando Luce se virou para Daniel, ele estava abrindo as asas, que irromperam para a frente, iluminando a sala com sua glória. Phil não demonstrou ter notado ou se importado e tomou um gole da bebida vermelha. O olhar vazio dos outros Párias recaiu sobre as asas de Daniel, com inveja do passado.

As portas francesas do quarto se abriram e a garota italiana de ressaca com quem Luce dividiu a cama saiu de lá, cambaleando descalça para dentro da sala. Olhou para Daniel e esfregou os olhos.

— Uau, que viagem! — murmurou em italiano antes de desaparecer no banheiro.

— Chega de conversa — disse o anjo. — Se seu exército é tão forte quanto diz, reserve um terço de sua força para ir a Viena e proteger os três anjos caídos que encontrará por lá. Envie outro terço a Avalon, onde encontrará Cam e dois outros.

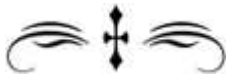
Quando Phil assentiu, dois Párias que estavam na sala abriram as asas fracas e voaram pela janela como moscas gigantes.

— O terço que sobrar fica sob minha jurisdição. Vamos acompanhá-lo até o monte. Voaremos agora e reunirei os outros no caminho.

— Sim — disse Daniel rapidamente. — Pronta, Luce?

— Vamos lá. — Ela colocou as costas contra os ombros de Daniel para que ele pudesse envolvê-la com os braços, voar pela janela e rasgar o céu escuro de Veneza.

CINCO



A MIL BEIJOS DE DISTÂNCIA

Eles pousaram no deserto de uma montanha alta pouco antes do amanhecer. Luzes margeavam o céu a leste próximo ao horizonte, ondas cor-de-rosa e douradas com nuvens ocres curando o arroxeado da noite.

Daniel colocou Luce em um planalto rochoso, seco e implacável demais até mesmo para o arbusto mais resistente. A paisagem árida das montanhas se estendia infinitamente ao redor, com declives íngremes em vales sombrios aqui e picos de colossais rochas castanhas em ângulos impossíveis acolá. Estava frio e ventava muito, e o ar parecia tão seco que doía

para engolir. Mal havia espaço no platô para Luce, Daniel e os cinco Párias que viajaram com eles.

A areia fina chicoteou o cabelo de Luce quando Daniel posicionou as asas de volta às laterais do corpo.

— Cá estamos nós. — A voz dele soou quase respeitosa.

— Onde? — Luce puxou a gola do suéter branco mais para o alto para proteger as orelhas do vento.

— No monte Sinai.

Ela inspirou o ar seco e arenoso, dando a volta para ter uma visão panorâmica sob a leve luz dourada que se estendia sobre as montanhas de arenito ao leste.

— Foi aqui que Deus entregou a Moisés os Dez Mandamentos?

— Não. — Daniel apontou por sobre o ombro dela, para onde uma fila de mochileiros, do tamanho de bonecas àquela distância, percorriam terrenos mais brandos a algumas centenas de quilômetros ao sul.

Suas vozes viajavam pelo ar gelado e fino no deserto. O ressoar suave de risos ecoava misterioso pelos picos das montanhas. Uma garrafa de plástico azul se inclinou para cima, por sobre a cabeça de uma pessoa.

— Foi *ali* que Moisés recebeu os Dez Mandamentos. — Ele abriu os braços e olhou para o pequeno círculo de pedra sobre o qual estavam. — Foi daqui que alguns anjos

assistiram o episódio. Gabbe, Ariane, Roland, Cam... — Apontou para um ponto na rocha, depois outro, onde cada um dos anjos ficara. — E mais alguns.

— E você?

Ele se voltou para ela e deu três passos, até seus torsos se tocarem e a ponta de seus pés se sobreporem.

— Bem... — Ele a beijou. — Aqui.

— E como foi?

Daniel desviou o olhar.

— Foi o primeiro pacto oficial com os homens. Antes disso, os pactos eram feitos apenas entre Deus e os anjos. Alguns se sentiram traídos, acharam que a ordem natural das coisas tinha sido rompida. Outros pensaram que nós é que havíamos causado isso com nossos próprios atos, que era apenas uma consequência natural.

O tom violeta de seus olhos ficou mais brilhante por um instante.

— Os outros devem estar chegando. — Daniel virou-se para os Párias, cujas silhuetas sombrias estavam contornadas pela luz que ascendia no leste. — Vocês ficariam de guarda até eles chegarem?

Phil assentiu. Os outros quatro Párias estavam atrás dele, as pontas frágeis das asas destroçadas ondulando ao vento.

Daniel passou a asa esquerda na frente do corpo, evitando ser visto, e colocou a mão dentro dela como se fosse um mágico enfiando a mão por dentro da capa.

— Daniel? — perguntou Luce, aproximando-se. — O que foi?

Com os dentes à mostra, Daniel balançou a cabeça. Então, esquivou-se e gritou de dor, algo que Luce nunca testemunhara antes. O corpo dela se enrijeceu.

— Daniel?

Quando ele relaxou e estendeu a asa novamente, ergueu uma coisa branca e brilhante.

— Devia ter feito isto antes — disse ele.

Parecia uma tira de tecido, macia como seda, porém mais dura. Tinha trinta centímetros de comprimento e alguns centímetros de largura, e tremulava na brisa gelada. Luce ficou olhando. Será que era um pedaço de *asa* que Daniel arrancara de si? Ela gritou de pavor e pegou a coisa sem pensar. Era uma pena!

Olhar as asas de Daniel, ser envolvida nelas, era o mesmo que esquecer que eram feitas de penas individuais. Luce sempre supusera que a composição fosse misteriosa e sobrenatural, uma coisa dos sonhos de Deus. Mas aquela pena era diferente de todas que ela já vira: larga, densa, repleta do mesmo poder que corria por Daniel.

Entre os dedos, era a coisa mais macia e forte que Luce já tocara, e a mais bela — até que seus olhos passaram sobre a mancha de sangue de onde Daniel havia arrancado a pena.

— Por que fez isto? — perguntou ela.

Daniel entregou a pena a Phil, que a colocou na lapela do casaco sem hesitar.

— Vai servir como um sinal — respondeu Daniel, olhando sem preocupação para a parte manchada de sangue da asa. — Se por acaso os outros chegarem sozinhos, saberão que os Párias são amigos. — Seus olhos seguiram os dela, que estavam arregalados de aflição, até o sangue na asa. — Não se preocupe comigo. Vai sarar. Vamos...

— Aonde vamos?

— O sol já vai nascer — respondeu ele, pegando uma pequena bolsa-carteiro que estava com Phil. — E imagino que você deva estar faminta.

Luce não havia percebido, mas estava mesmo.

— Acho que poderíamos aproveitar enquanto ninguém aparece.

Havia uma trilha íngreme e estreita que saía do platô e levava a uma rocha plana embaixo de onde eles pousaram. Os dois começaram a descer pela montanha irregular, de mãos dadas, e quando o caminho ficou íngreme demais para

caminhar, Daniel levantou voo, passando sempre bem perto do chão com as asas próximas ao corpo.

— Não quero chamar a atenção dos alpinistas — explicou. — Na maioria dos lugares da Terra, as pessoas não estão dispostas a ver milagres, anjos. Se nos virem voando, vão se convencer de que os olhos os estão enganando. Mas em um lugar como este...

— As pessoas podem ver milagres — completou Luce. — Querem ver.

— Exato. E ver leva a imaginar.

— E imaginar leva a...

— Problemas — disse Daniel com um riso ligeiro.

Luce não conseguiu conter o sorriso, aproveitando pelo menos por um instante o fato de que Daniel era um milagre só dela.

Sentaram-se um ao lado do outro no pequeno espaço plano no meio do nada, protegidos do vento por uma rocha de granito e longe da vista de todos, com exceção de uma perdiz marrom-claro que passeava em meio às pedras irregulares. A paisagem que Luce via além da rocha era diferente de tudo: uma cadeia de montanhas com alguns picos à sombra, outros banhados pela luz, mas todos ficando mais brilhantes a cada segundo, à medida que o sol se erguia no horizonte cor-de-rosa.

Daniel abriu a bolsa-carteiro e enfiou a mão lá dentro. Balançou a cabeça e riu.

— O que é tão engraçado? O que tem aí dentro? — perguntou Luce.

— Antes de sairmos de Veneza, pedi a Phil que separasse alguns mantimentos. Onde já se viu pedir a um Pária que não enxerga para preparar uma refeição nutritiva. — Ele retirou uma embalagem de batatas sabor páprica, um pacotinho vermelho de confeitos de chocolate e outro de chicletes, um punhado de bombons embrulhados em papel laminado azul, várias garrafas pequenas de refrigerante diet e alguns envelopes de pó de café *espresso*.

Luce caiu na risada.

— Será que isto vai matar sua fome? — perguntou ele.

Ela o abraçou, pegou e mastigou algumas bolinhas de chocolate e ficou observando o céu ao leste ficar rosado, depois dourado e então azul-bebê enquanto o sol surgia atrás dos picos e vales ao longe. A luz formava sombras estranhas sobre as fendas das montanhas. Primeiro, achou que ao menos algumas delas fossem Anunciadores, mas percebeu que não. Eram simplesmente sombras, consequência da luz que mudava de posição. Luce se deu conta de que não via um Anunciador há dias.

Estranho. Durante semanas, meses, eles apareciam com cada vez mais frequência, a ponto de ela mal poder desviar o olhar sem ver algum oscilando em algum canto escuro, chamando-a. Agora pareciam ter desaparecido.

— Daniel, o que aconteceu com os Anunciadores?

Ele se encostou à rocha e expirou profundamente.

— Estão com Lúcifer e a legião do Céu. Eles também fazem parte da Queda.

— O quê?

— Isso nunca aconteceu antes. Os Anunciadores pertencem à história. São as sombras de eventos importantes. Foram gerados pela Queda e, então, quando Lúcifer iniciou este jogo, foram levados de volta para lá.

Luce tentou imaginar a cena: um milhão de sombras tremulantes cercando uma enorme esfera sombria, com seus filamentos lambendo a superfície do limbo como manchas solares.

— É por isso que tivemos que voar em vez de atravessar por um deles — concluiu ela.

Daniel concordou e mordeu uma batata, mais por uma questão de hábito, por estar sempre com mortais, do que por necessidade.

— As sombras desapareceram logo após voltarmos do passado. Este momento em que estamos agora, estes nove

dias desde o começo do jogo de Lúcifer, é um período de limbo, desprendido do restante da história. Se fracassarmos, vai deixar de existir completamente.

— E onde fica isso exatamente? Quero dizer, a Queda?

— Outra dimensão, um lugar que eu não conseguiria descrever. Estávamos mais próximos no ponto onde peguei você, depois que se separou de Lúcifer, mas ainda estávamos bem longe.

— Nunca pensei que diria isso, mas... — Ela observou a quietude das sombras constantes sobre a montanha. — Eu sinto falta deles. Os Anunciadores eram a ligação com meu passado.

Daniel pegou a mão de Luce e olhou no fundo de seus olhos.

— O passado é importante por toda a informação e sabedoria que contém. Mas você pode se perder nele. Deve aprender a manter o conhecimento do passado consigo enquanto persegue o presente.

— Mas agora que eles se foram...

— Agora que eles se foram, você pode fazer isso sozinha.

Ela balançou a cabeça.

— Como?

— Vejamos — disse ele. — Está vendo aquele rio próximo do horizonte? — Daniel apontou para o risco azul

apagado que serpenteava por uma planície no deserto. Estava no limite do alcance dos olhos de Luce.

— Sim, acho que estou vendo.

— Morei perto daqui em diferentes épocas, mas uma vez, quando vivi aqui há algumas centenas de anos, eu tinha um camelo chamado Oded. Era a criatura mais preguiçosa que já colocou os pés na Terra. Desmaiava enquanto o alimentava, e chegar ao acampamento de beduínos mais próximo para tomar um chá era quase um milagre. Mas quando conheci você naquela vida...

— Oded saiu correndo — completou Luce sem pensar. — Gritei porque pensei que fosse me atropelar. Você disse que nunca o vira correr daquele jeito.

— É, bem — disse Daniel —, ele gostou de você.

Eles ficaram calados e se olharam. Daniel começou a rir quando Luce ficou boquiaberta.

— Eu consegui! — gritou ela. — Estava lá, na minha memória, uma parte de mim. Como se fosse ontem. A lembrança me veio sem nem precisar pensar!

Foi milagroso. Todas as recordações de todas as vidas que se perdiam a cada vez que Lucinda morria nos braços de Daniel estavam de alguma forma voltando para ela, da mesma forma que Luce sempre reencontrava seu anjo.

Não. *Ela* é que estava encontrando o caminho para as lembranças.

Era como se um portão tivesse ficado aberto após a busca de Luce através dos Anunciadores. As recordações ficaram com ela, desde Moscou, passando por Helston, até o Egito. Agora, outras também estavam disponíveis.

Luce percebeu com uma clareza repentina quem era — e ela não era apenas Luce Price, de Thunderbolt, Geórgia. Era todas as garotas que já fora, uma amálgama de experiências, erros, conquistas e, acima de tudo, amor.

Era Lucinda.

— Depressa — disse ela a Daniel. — Podemos fazer de novo?

— Tudo bem. Que tal outra vida no deserto? Você morava no Serengueti quando a conheci. Era alta, magra e a corredora mais veloz do vilarejo. Eu estava de passagem um dia, a caminho de uma visita a Roland, e parei para dormir na nascente mais próxima. Todos os homens desconfiaram de mim, mas...

— Mas meu pai lhe deu três peles de zebra em troca de uma faca que tinha na mochila!

Daniel sorriu.

— Foi difícil negociar com ele.

— Isto é demais! — disse, quase sem ar.

O que mais havia ali que ela desconhecia? Até que ponto do tempo poderia voltar? Ela se virou para olhar para ele, trazendo os joelhos para perto do peito e se inclinando até as testas de ambos quase se tocarem.

— Consegue se lembrar de tudo em nosso passado?

O olhar de Daniel suavizou.

— Às vezes a ordem das coisas se mistura na minha cabeça. Admito que não me lembro de longos períodos que passei sozinho, mas consigo me lembrar de cada imagem do seu rosto, de cada beijo dos seus lábios, de cada recordação dos momentos que passei com você.

Luce não esperou até que Daniel se aproximasse e a beijasse, mas encostou os lábios nos dele, soltando um gemido de prazer surpreendente, querendo limpar qualquer dor que ele já sentira ao perdê-la.

Beijar Daniel estava entre aquilo que é novo e arrebatador e algo inconfundivelmente conhecido, como uma recordação da infância que parecia um sonho até surgir uma fotografia daquele momento escondida em uma caixa no porão. Luce sentia como se tivesse descoberto um hangar cheio de fotografias monumentais, e como se todos aqueles instantes enterrados tivessem sido libertados do cativeiro diretamente para as profundezas de sua alma.

Ela o beijava agora, mas, estranhamente, estava beijando-o no *passado*. Quase conseguia tocar a história do amor deles, sentir sua essência na língua. Os lábios não trilhavam os de Daniel apenas agora, mas também durante outro beijo que haviam trocado, um beijo mais antigo, um beijo como este, com a boca de Luce naquele mesmo lugar e com os braços de Daniel ao redor da cintura da amada naquela mesma posição. Ele passou a língua pelos dentes dela, o que trouxe à tona um monte de outros beijos, todos intoxicantes. Quando ele passou as mãos pelas costas de Luce, ela sentiu centenas de arrepios iguais aos que estava sentindo naquela hora. E quando os olhos dela se abriram e fecharam, a imagem dele por trás dos cílios emaranhados parecia estar a mil beijos de profundidade.

— Daniel. — A voz desafinada de um Pária pôs fim ao devaneio de Luce. O garoto pálido estava em pé sobre a pedra onde eles estavam encostados. Por trás das asas acinzentadas quase translúcidas, Luce viu uma nuvem passar no céu.

— O que foi, Vincent? — perguntou Daniel ao se levantar. Devia saber o nome dos Párias por causa do tempo que passaram juntos no Céu antes da Queda.

— Desculpe interromper — disse o Pária sem ser cortês o bastante para desviar o olhar das bochechas vermelhas de

Luce. Pelo menos ele não conseguia enxergar direito.

Ela ficou de pé rapidamente, ajeitando o suéter e passando a mão gelada na pele quente.

— Os outros já chegaram? — perguntou Daniel.

O Pária estava imóvel acima dele.

— Não exatamente.

A mão direita de Daniel deslizou pela cintura de Luce. Com um leve movimento das asas, ele escalou os quinze metros de pedra com a facilidade com que um mortal sobe um degrau de escada. O estômago dela revirou com a guinada súbita.

Colocando Luce sobre o primeiro platô, Daniel se virou e viu os cinco Párias que o acompanhavam ao redor de uma sexta figura. Daniel tomou um susto, e suas asas se repuxaram para trás em choque ao ver o sexto Pária.

O garoto era pequeno, esguio e tinha pés grandes. O cabelo estava recém-raspado. Ele parecia ter catorze anos, isso se os Párias envelhecessem como os mortais. Alguém havia batido nele. Batido muito.

Seu rosto estava esfolado como se tivesse sido atirado contra um muro de concreto várias vezes seguidas. O lábio sangrava tanto que os dentes ficaram cobertos de sangue. No primeiro momento, Luce não pensou que aquilo fosse

sangue, porque o dos Párias não é vermelho. O sangue era da cor de cinzas.

O rapaz choramingava, sussurrando algo que Luce não conseguia compreender. Ele deitou de bruços na rocha e se permitiu receber os cuidados dos outros.

Eles tentaram levantá-lo para tirar o casaco sujo, que estava rasgado em vários lugares e sem uma das mangas. Mas o Pária gritou com tanta força que até mesmo Phil ficou com pena e deitou o garoto outra vez.

— As asas estão quebradas — disse ele, e Luce percebeu que, sim, as asas encardidas estavam deslocadas de uma forma não natural. — Não sei como conseguiu voltar.

Daniel se ajoelhou diante do Pária, protegendo o rosto do garoto contra o sol.

— O que aconteceu, Daedalus? — Ele colocou a mão sobre o ombro do Pária, o que pareceu acalmar o rapaz.

— É uma emboscada — disparou Daedalus com voz rouca, cuspindo sangue cinza na lapela do casaco.

— O que é uma emboscada? — perguntou Vincent.

— Armada por quem? — perguntou Daniel.

— A Balança. Eles querem a relíquia. Esperando em Viena... pelos seus amigos. Exército grande.

— Exército? Estão lutando abertamente contra anjos agora? — Daniel balançou a cabeça em descrença. — Mas

eles não podem ter setas estelares.

Os olhos brancos de Daedalus se esbugalharam de dor.

— Não podem nos matar. Só torturar...

— Você lutou contra a Balança? — Daniel parecia assustado e impressionado. Luce ainda não entendia o que era a Balança. Ela as imaginava vagamente como extensões obscuras do Céu descendo sobre o mundo. — O que aconteceu?

— Tentei lutar. Estavam em maior número.

— E os outros, Daedalus? — A voz de Phil soou sem emoção, mas pela primeira vez Luce conseguiu ouvir algo parecido com compaixão bem lá no fundo.

— Franz e Arda... — O garoto falou como se as próprias palavras causassem dor. — Estão a caminho.

— E Calpúrnia? — perguntou Phil.

Daedalus fechou os olhos e balançou a cabeça com a maior suavidade que pôde.

— Eles encontraram os anjos? — perguntou Daniel. — Ariane, Roland, Annabelle? Estão a salvo?

As pálpebras do Pária tremeram e então se fecharam. Luce nunca se sentiu tão distante dos amigos. Se algo acontecesse a Ariane, a Roland, a qualquer um dos anjos...

Phil se aproximou de Daniel, perto da cabeça do garoto ferido. Daniel deu um passo para trás para abrir espaço para

Phil. Lentamente, ele tirou uma seta estelar prateada sem ponta de dentro do casaco.

— Não! — gritou Luce, cobrindo a boca em seguida. — Você não pode...

— Não se preocupe, Lucinda Price — disse Phil, sem olhar para ela.

Então enfiou a mão na bolsa de couro preta que Daniel havia trazido de volta para cima, e pegou uma garrafa pequena de refrigerante diet. Com os dentes, arrancou a tampa, que rolou, formando um longo arco antes de tombar na superfície da pedra. Depois, bem lentamente, Phil colocou a seta estelar na boca estreita da garrafa.

A seta chiou e assobiou ao mergulhar no líquido. Phil fez careta quando a garrafa começou a soltar fumaça e vapor em suas mãos. Um aroma doce nauseante subiu, e os olhos de Luce se arregalaram quando o líquido marrom gasoso, um refrigerante diet comum, começou a girar em um redemoinho e a adquirir um tom prateado-vivo.

Phil tirou a seta estelar da garrafa, passou-a com cuidado entre os lábios, como se para limpá-la, e colocou-a de novo no casaco. Seus lábios ficaram prateados por um instante, até que ele os lambeu.

Em seguida, fez um sinal com a cabeça para um dos Párias, uma garota com um rabo de cavalo loiro e liso que

chegava até o meio das costas. Automaticamente, ela colocou a mão atrás da cabeça de Daedalus para levantá-la alguns centímetros. Com cuidado, abriu os lábios cobertos de sangue do garoto, e Phil derramou o líquido prateado na garganta dele.

O rosto do rapaz se contorceu ao cuspir e tossir, mas em seguida o corpo de Daedalus se tranquilizou. Ele começou a beber, então engoliu o líquido, fazendo barulho quando a garrafa se esvaziou.

— O que era aquilo? — perguntou Luce.

— Há um componente químico na bebida — explicou Daniel —, um veneno obscuro que os mortais chamam de aspartame e acreditam ter sido inventado pelos cientistas, mas é uma substância antiga e divina... Um veneno que, quando misturado a um antídoto existente nas ligas da seta estelar, reage e produz uma poção cicatrizante para anjos. Para pequenos ferimentos como este.

— Ele vai precisar de descanso agora — comentou a garota loira. — Mas vai acordar novo em folha.

— Perdão, precisamos ir — disse Daniel, levantando-se. Suas asas brancas se arrastaram pela superfície rochosa até que ele alinhou os ombros e as ergueu. Então, pegou a mão de Luce.

— Podem ir ao encontro de seus amigos — incentivou Phil. — Vincent, Olianna, Sanders e Emmet os acompanharão. Eu e os outros vamos encontrá-los quando Daedalus estiver curado.

Os quatro Párias deram um passo à frente e fizeram uma reverência para Luce e Daniel, como se esperassem uma ordem.

— Vamos para o leste — instruiu Daniel. — Depois para o norte, sobre o mar Negro, e em seguida para o oeste quando passarmos pela Moldávia. A corrente de ar é mais calma por lá.

— E quanto a Gabbe, Molly e Cam? — perguntou Luce.

Daniel olhou para Phil, que voltou o olhar para eles, desviando-o do Pária que dormia.

— Um de nós ficará de guarda aqui. Se seus amigos chegarem, os Párias avisarão.

— Está com a pena? — perguntou Daniel.

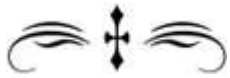
Phil virou-se para mostrar a enorme pena branca enfiada na lapela. Ela cintilava e tremulava ao vento, o brilho contrastando de maneira incisiva com a pele cadavérica do Pária.

— Espero que precise usá-la. — As palavras de Daniel assustaram Luce, porque significavam que, na opinião dele, os anjos de Avalon corriam tanto risco quanto os de Viena.

— Eles precisam de nós, Daniel — disse ela. — Vamos logo.

Daniel lançou-lhe um olhar carinhoso e agradecido. Então, sem hesitar, pegou Luce nos braços. Com o halo entre os dedos entrelaçados dos dois, Daniel dobrou os joelhos e projetou-se ao céu.

SEIS



DESPROVIDA DE HABILIDADES

Estava chuviscando em Viena.

Cortinas de neblina cobriam a cidade, possibilitando que Daniel e os Párias pousassem antes do cair da noite no telhado de um enorme prédio sem serem vistos.

Luce viu primeiro o esplêndido domo de cobre, brilhando em um tom verde marítimo sob a neblina. Daniel colocou-a diante da cúpula em uma parte inclinada do telhado de cobre, coberto por água da chuva e rodeado por uma balaustrada baixa de mármore.

— Onde estamos? — perguntou ela, olhando o domo adornado por franjas douradas. As janelas ovais entalhadas

com desenhos florais eram altas demais para os mortais enxergarem, a menos que estivessem nos braços de um anjo.

— No Palácio Imperial de Hofburg. — Daniel subiu em uma calha de pedra e ficou em pé na margem do telhado. As asas passaram sobre a cerca de mármore, fazendo a pedra parecer encardida. — Residência dos imperadores, depois dos reis e agora dos presidentes de Viena.

— Ariane e os outros estão aqui?

— Duvido muito — respondeu Daniel —, mas é um lugar agradável para recuperar as energias antes de procurá-los.

Uma rede labiríntica de anexos se estendia ao redor do domo, formando o restante do palácio. Alguns deles cercavam pátios escuros que ficavam dez andares abaixo, outros eram compridos e perfeitamente retos, iam além do que a neblina permitia a Luce enxergar. Diferentes partes dos telhados de cobre tinham tonalidades diferentes de verde — este era ácido, aquele quase da cor dos marrecos europeus —, como se as seções do prédio fossem construídas em épocas distintas, como se chuvas de eras variadas as tivessem oxidado.

Os Párias se espalharam pelo domo, apoiando-se em baixas chaminés escurecidas pela fuligem que pontuavam o telhado, parados ao lado do mastro erguido no centro com a

bandeira listrada de vermelho e branco da Áustria. Luce se pôs junto a Daniel, entre ele e uma estátua de mármore que representava um guerreiro com um elmo de cavaleiro e uma lança dourada comprida. Seguiram o olhar da estátua para a vista da cidade. Tudo cheirava a madeira queimada e chuva.

Por baixo da névoa, milhões de luzes de Natal cintilavam em Viena. Havia uma profusão de carros estranhos e pedestres apressados, acostumados à vida urbana de uma forma que Luce não era. Montanhas assomavam ao longe e o Danúbio repousava nos limites da cidade. Observando a paisagem com Daniel, Luce sentiu-se como se já tivesse estado ali. Não sabia ao certo quando, mas a sensação de *déjà vu* cada vez mais frequente aumentava dentro dela.

Luce concentrou-se na pequena agitação que vinha de uma feirinha de Natal no círculo perto do palácio. Observou o tremular das velas nas lanternas com redomas de vidro vermelhas e verdes, as crianças correndo atrás umas das outras, puxando cachorrinhos de madeira com rodinhas. Então aconteceu: lembrou-se, com uma onda de satisfação, de que foi ali onde Daniel lhe comprou os laços de cabelo de veludo carmesim. A lembrança era simples, alegre, e pertencia a *ela*.

Lúcifer não podia tirar isso dela. Não podia levar aquela — e nenhuma outra lembrança — embora. Não para longe

de Luce, não para longe do mundo brilhante, surpreendente e perfeito que se estendia lá embaixo.

Seu corpo se eriçou com a determinação em derrotar Lúcifer e com raiva por saber que, por causa do que ele estava fazendo, porque ela rejeitara os desejos dele, tudo aquilo poderia desaparecer.

— O que foi? — Daniel colocou a mão sobre o ombro dela.

Luce não queria dizer. Não queria que Daniel soubesse que a cada vez que pensava em Lúcifer sentia nojo de si.

O vento aumentou, abrindo a névoa que descansava sobre a cidade para revelar uma roda-gigante rodando lentamente no outro lado do rio. As pessoas eram levadas pelos círculos como se o mundo não fosse acabar, como se aquela roda-gigante fosse girar para sempre.

— Está com frio? — Daniel abraçou Luce com as asas. O peso sobrenatural delas era intimidante, recordando-a de que suas limitações mortais, assim como preocupação de Daniel com elas, diminuíam o ritmo da jornada dos dois.

A verdade é que Luce estava *mesmo* com frio, com fome e cansada, mas não queria que Daniel a mimasse. Tinham coisas importantes a fazer.

— Estou bem.

— Luce, se estiver cansada ou com medo...

— Eu disse que estou bem, Daniel — rebateu ela. Não queria ser grossa e sentiu-se culpada imediatamente.

Apesar da neblina que embaçava a vista, ela conseguiu enxergar carruagens puxadas por cavalos levando turistas e os contornos turvos das pessoas levando a vida. Assim como Luce lutava para fazer.

— Andei reclamando muito desde que deixamos a Sword & Cross? — perguntou ela.

— Não, você tem sido maravilhosa...

— Não vou morrer ou desmaiar só porque está frio e chovendo.

— Sei disso. — A franqueza de Daniel a surpreendeu. — Eu devia saber que *você* sabia disso também. Geralmente os mortais são limitados pelas necessidades e funções do corpo: comida, sono, aquecimento, abrigo, oxigênio, um incômodo medo de morrer, e assim por diante. Por isso, a maioria das pessoas não estaria preparada para essa jornada.

— Já percorri um longo caminho, Daniel. *Quero* estar aqui. Não deixaria você partir sem mim. Foi um acordo mútuo.

— Que bom. Agora me ouça. Está em seu poder a capacidade de libertar-se de suas limitações mortais. Ficar livre delas.

— O quê? Não preciso me preocupar com o frio?

— Não.

— Certo. — Ela colocou as mãos congelantes nos bolsos da calça jeans. — E com os strudels de maçã?

— Poder da mente sobre o corpo.

Um sorriso relutante apareceu no rosto dela.

— Bem, já sabemos que você pode respirar por mim.

— Não se subestime. — Daniel deu um sorriso rápido. — Isso depende mais de você do que de mim. Tente fazer o seguinte: diga a si mesma que *não* está com frio, *não* está com fome e *não* está cansada.

— Tudo bem. — Luce suspirou. — Não estou... — começou a murmurar, sem acreditar, mas então captou o olhar de Daniel.

O mesmo Daniel que acreditava que ela podia fazer coisas que nunca pensou ser capaz, que acreditava que a vontade dela é que fazia a diferença entre estar com o halo e deixá-lo escorregar pelos dedos. Luce estava com a relíquia nas mãos. Era a prova.

Agora ele estava dizendo que ela possuía necessidades mortais apenas porque pensava ter. Luce decidiu dar uma chance àquela ideia absurda, então ajeitou os ombros e projetou as palavras no pôr do sol nebuloso.

— Eu, Lucinda Price, *não* estou com frio, *não* estou com fome e *não* estou cansada.

O vento soprou, o relógio da torre lá longe badalou cinco horas — e então um peso saiu de cima dela, de modo que não se sentia mais abatida. Sentia-se descansada, equipada com o que quer que a noite exigisse, determinada a obter sucesso.

— Bem na hora, Lucinda Price — disse Daniel. — Cinco sentidos transcendidos às cinco horas.

Ela tocou a asa dele, embrulhou-se nela e deixou o calor espalhar-se por seu corpo. Desta vez, o peso da asa acolheu Luce em uma nova e poderosa dimensão.

— Eu consigo fazer isso.

Os lábios de Daniel tocaram o topo da cabeça dela.

— Eu sei.

Quando Luce virou-se, ficou surpresa em ver que os Párias não estavam mais voando nem olhando para ela com olhos mortos.

Não estavam mais lá.

— Eles saíram para procurar a Balança — explicou Daniel. — Daedalus nos deu pistas da localização, mas precisarei ter uma ideia melhor de onde e como os outros estão presos para poder distrair a Balança por tempo suficiente para que os Párias possam resgatá-los. — Ele se sentou no telhado com as pernas sobre a estátua de uma

águia pintada de dourado, que observava a cidade do alto. Luce sentou-se ao lado.

— Não deve demorar, dependendo da distância em que eles se encontram. Depois disso, talvez meia hora para passar pelos protocolos da Balança — Daniel inclinou a cabeça, calculando. — A menos que decidam reunir um tribunal, o que aconteceu na última vez em que me perturbaram. Vou achar um jeito de nos livrarmos disso hoje, adiar o tribunal para outra data que não cumprirei. — Ele pegou a mão de Luce, concentrando-se. — Devo voltar até as sete, no máximo. Ou seja, daqui a duas horas.

O cabelo de Luce estava molhado pela névoa, mas ela seguiu o conselho do anjo, disse a si que isso não a afetava e então deixou de notar o incômodo, simples assim.

— Está preocupado com os outros?

— A Balança não vai machucá-los.

— Então por que machucaram Daedalus?

Imaginou Ariane com os olhos violeta inchados, Roland com os dentes quebrados e cheios de sangue. Não queria vê-los com a mesma aparência de Daedalus.

— Ah — disse Daniel —, a Balança pode ser apavorante. Gostam de causar dor e podem trazer aos nossos amigos um desconforto temporário. Mas não vão machucá-los de forma permanente. Eles não matam. Não é seu estilo.

— Qual é o estilo deles então? — Luce cruzou as pernas sobre a superfície dura e molhada do telhado. — Você ainda não me contou quem são ou contra quem estão lutando.

— A Balança se formou após a Queda. São um pequeno grupo de... anjos menos importantes. Foram os primeiros a serem questionados na lista de chamada em relação ao lado que tomariam, e eles escolheram o Trono.

— Existiu uma lista de chamada? — perguntou Luce, incerta se havia escutado corretamente. Parecia mais uma sala de aula do que o Céu.

— Após a divisão no Céu, todos nós fomos obrigados a escolher um lado. Então, começando pelos anjos de domínios menores, cada um foi chamado para fazer um juramento de lealdade ao Trono. — Ele fitou a névoa, e foi como se pudesse ver tudo acontecendo de novo. — Eras se passaram até chamarem o nome de todos os anjos, a partir dos níveis mais baixos. Deve ter demorado o mesmo tempo que a ascensão e queda de Roma. Mas não chegaram ao fim da lista de chamada antes de... — Daniel respirou fundo, tremendo.

— Antes do quê?

— Antes de acontecer algo que fez com que o Trono perdesse a fé nos anjos...

Agora Luce percebia que, quando Daniel deixava uma frase no ar daquela maneira, não era porque não confiava nela ou porque ela não compreenderia, mas sim porque, apesar de tudo o que ela vira e aprendera, talvez ainda fosse muito cedo para conhecer toda a verdade. Assim, não perguntou — mesmo estando desesperada para perguntar — o que fez o Trono abandonar a lista de chamada quando os anjos de nível mais alto não haviam ainda escolhido lados. Deixou Daniel voltar a falar quando se sentisse pronto.

— O Céu expulsou todos que não escolheram seu lado. Lembra-se de quando lhe contei que alguns anjos nunca tiveram a chance de escolher? Eles estavam entre os últimos na lista de chamada, eram os da escala mais alta. Após a Queda, o Céu ficou privado da maioria dos Arcanjos. — Ele fechou os olhos. — A Balança, que teve a sorte de jurar lealdade, prontificou-se a ajudar.

— Então, por a Balança haver jurado lealdade ao Céu primeiro... — concluiu Luce.

— Eles acharam que tinham mais honra que os outros — disse Daniel, para completar o pensamento. — Desde então, alegam com arrogância que servem ao Céu agindo como uma patrulha de policiais celestiais. Mas esse cargo foi inventado por eles, não criado por Deus. Sem os Arcanjos após a Queda, a Balança se aproveitou daquele vácuo de

poder. Criaram um papel para desempenharem, e convenceram o Trono de sua importância.

— Eles pressionaram Deus?

— Mais ou menos. Prometeram reabilitar os caídos de volta ao Céu, reunir os anjos que se desgarraram, devolvê-los à congregação. Passaram uns bons milênios tentando nos convencer a retornar para o lado "certo", mas em algum momento desistiram de mudar nosso ponto de vista. Agora, só tentam evitar que conquistemos qualquer coisa.

O olhar duro de Daniel demonstrava fúria e fez Luce imaginar o que havia de tão ruim no Céu que fizesse Daniel manter-se no exílio. Não seria a paz do Céu preferível ao que vivia agora, com todos esperando a escolha dele?

Daniel riu com amargura.

— Mas os anjos que honraram suas asas, que voltaram para o Céu, não precisaram da Balança para isso. Pergunte à Gabbe ou à Ariane. A Balança é uma piada. Ainda assim, conseguiram obter sucesso uma ou duas vezes.

— Mas você não, certo? — perguntou ela. — Você não escolheu nenhum dos lados. Por isso estão atrás de você, não é?

Um bonde vermelho lotado deu a volta no círculo pavimentado lá embaixo e entrou em uma rua estreita.

— Eles estão atrás de mim há anos — disse Daniel —, plantando mentiras, inventando escândalos.

— Mesmo assim você não se declarou a favor do Trono. Por quê?

— Já disse. Não é tão simples — explicou ele.

— Mas você claramente não vai se unir a Lúcifer.

— Sim, mas... Não posso explicar o que ocorreu em mil anos no espaço de um minuto. Fatores que estão fora do meu controle complicam a situação. — Olhou para o horizonte de novo, para a cidade, e depois para as próprias mãos. — E é um insulto lhe pedirem que faça uma escolha, um insulto seu Criador exigir que reduza a vastidão de seu amor à minúscula limitação de um gesto durante uma lista de chamada. — Ele suspirou. — Não sei. Talvez eu seja sincero demais.

— Não... — Luce começou a falar.

— Bem, voltando à Balança. São burocratas celestiais. Penso neles como diretores de escola, que assinam papéis e punem pequenas transgressões de regras para as quais ninguém liga ou nas quais não acreditam, tudo em nome da "moralidade".

Mais uma vez, Luce contemplou a cidade, que se envolvia no escuro da noite. Pensou no vice-diretor com hálito azedo na Dover, de cujo nome não se lembrava, que

nunca estava interessado em ouvir o lado dela, que assinara sua expulsão depois do incêndio que matou Trevor.

— Já fui colocada na fogueira por pessoas assim.

— Todos já fomos. Elas insistem em regras frívolas inventadas por si próprias e que julgam corretas. Ninguém gosta deles, mas infelizmente o Trono lhes deu o poder de nos monitorar, de nos deter sem motivo, de nos condenar por crimes perante um júri escolhido por eles.

Luce estremeceu, e dessa vez não pelo frio.

— E você acha que eles estão com Ariane, Roland e Annabelle? Por quê? Por que iriam prendê-los?

Daniel suspirou.

— Eu tenho *certeza* de que estão com Ariane, Roland e Annabelle. O ódio os deixa alheios ao fato de que nos atrasar ajuda Lúcifer. — Daniel engoliu em seco. — O que mais temo é que também estejam com a relíquia.

À distância, quatro pares de asas desgastadas se materializaram na neblina. Párias. Quando se aproximaram do telhado do palácio, Luce e Daniel se levantaram para cumprimentá-los.

Os Párias pousaram ao lado de Luce. As asas rangiam como guarda-chuvas de papel ao se abaixarem ao lado dos corpos. Os rostos não denunciavam emoções; nada no

comportamento deles sugeria que a viagem fora bem-sucedida.

— E então? — perguntou Daniel.

— A Balança tomou conta de um local às margens do rio — anunciou Vincent, apontando na direção da roda-gigante. — É uma ala abandonada de um museu. Está em reforma, coberta por andaimes, então a presença deles não é notada. Também não há alarmes no local.

— Tem certeza de que é a Balança? — perguntou Daniel rapidamente.

Um dos Párias assentiu.

— Vimos a marca deles, a insígnia dourada... uma estrela de sete pontas, as sete virtudes sagradas, pintada no pescoço.

— E Roland, Ariane e Annabelle? — perguntou Luce.

— Estão com a Balança. As asas deles estão presas — respondeu Vincent.

Luce virou-se, mordendo o lábio inferior. Deve ser horrível para um anjo ter as asas presas. Não conseguia suportar pensar em Ariane sem liberdade para bater as asas iridescentes. Não conseguia imaginar um material tão resistente que contivesse a força das asas marmorizadas de Roland.

— Bem, se sabemos onde estão, vamos resgatá-los — disse ela.

— E a relíquia? — indagou Daniel a Vincent vagarosamente.

Luce ficou boquiaberta.

— Daniel, nossos amigos estão perigo.

— Estão com ela? — pressionou Daniel. Ele olhou para Luce e colocou a mão na cintura dela. — *Tudo* está em perigo. Vamos salvar Ariane e os outros, mas temos que encontrar a relíquia também.

— Não sabemos da relíquia. — Vincent balançou a cabeça. — O local está muito bem guardado, Daniel Grigori. Eles estão aguardando a sua chegada.

Daniel fitou a cidade, os olhos violetas seguiram o curso do rio como se estivesse buscando o cativeiro. As asas dele bateram.

— Não vão esperar muito.

— Não! — implorou Luce. — É uma emboscada. E se o prenderem como fizeram com os outros?

— Os outros devem ter irritado a Balança de alguma forma. Contanto que eu siga o protocolo, apele para a vaidade deles, não me prenderão. Vou sozinho. — Daniel olhou para os Párias e completou: — E desarmado.

— Mas os Párias estão encarregados de protegê-lo — disse Vincent com o tom monótono de sempre. — Vamos segui-lo de longe e...

— Não. — Daniel levantou a mão para impedir Vincent. — Vocês irão pelo telhado do armazém onde eles estão. Sentiram a presença da Balança ali?

Vincent fez que sim.

— Um pouco. A maioria deles está perto da entrada principal.

— Ótimo. — Daniel assentiu. — Usarei o procedimento da Balança contra eles próprios. Assim que eu chegar à porta da frente, perderão tempo me identificando, me revistando em busca de contrabando ou qualquer coisa que possam fingir ser ilegal. Enquanto os distraio na entrada os Párias entram pelo telhado e libertam Roland, Ariane e Annabelle. E se vocês encontrarem um membro da Balança lá em cima...

Sincronizados, os Párias abriram os casacos e mostraram bainhas cheias de setas estelares prateadas sem ponta e pequenos arcos compactos combinando.

— Vocês não podem matá-los — advertiu Daniel.

— Por favor, Daniel Grigori — apelou Vincent. — Tudo ficará melhor sem eles.

— São chamados de Balança não apenas por causa da obsessão burra por regras. Também são um contrapeso essencial às forças de Lúcifer. Vocês são rápidos o bastante para enganá-los. Só precisamos atrasá-los, e para isso uma ameaça já bastará.

— Mas tudo o que eles querem é retardar *você* — argumentou Vincent. — Todo esse atraso leva ao esquecimento.

Luce estava prestes a perguntar qual seria o papel *dela* no plano quando Daniel a tomou nos braços.

— Preciso que espere aqui e guarde a relíquia. — Eles olharam para o halo apoiado na base da estátua de guerreiro. Estava salpicado por gotas de chuva. — Por favor, não discuta. Não podemos deixar a Balança chegar perto dela. Você e o halo ficarão mais seguros aqui. Olianna ficará para protegê-la.

Luce olhou para a garota Pária, que a encarava de uma forma vazia, com os olhos acinzentados sem fundo.

— Tudo bem, eu fico aqui.

— Vamos torcer para que a segunda relíquia ainda esteja por aí — disse ele, arqueando as asas para trás. — Assim que libertarmos os outros, poderemos armar um plano para encontrá-la juntos.

Luce cerrou os punhos, fechou os olhos e beijou Daniel, abraçando-o com força por um último instante.

Ele partiu um segundo depois. As asas foram sumindo à medida que penetrava na noite, com os três Párias ao lado. Logo em seguida, todos pareciam grãos de areia nas nuvens.

Olianna não se mexeu durante todo o tempo. Ficou parada em pé como uma versão das estátuas no telhado usando casaco. Encarava Luce com as mãos entrelaçadas no peito, os cabelos loiros puxados para trás em um rabo de cavalo tão apertado que parecia prestes a arrebentar. Quando ela pegou uma seta estelar e colocou no arco, Luce deu alguns passos para trás.

— Não tenha medo, Lucinda Price — disse Olianna. — Só quero estar preparada para defendê-la caso um inimigo se aproxime.

Luce tentou não imaginar que inimigos a garota tinha em mente. Ela se abaixou novamente e se protegeu contra o vento atrás da estátua de guerreiro com a lança dourada, mais por hábito do que por necessidade. Ajeitou o corpo para poder ver a alta torre de tijolos com o relógio dourado. Cinco e meia. Estava contando os minutos até que Daniel e os Párias voltassem.

— Quer se sentar? — perguntou para Olianna, que se escondeu bem atrás de Luce com o arco a postos.

— Prefiro ficar em guarda...

— É, acho que não dá para ficar *sentada* de guarda — murmurou Luce. — Ha, ha.

Uma sirene soou lá embaixo, vinda de uma viatura que contornava uma rotatória. Quando passou e tudo se calou

novamente, Luce não soube como preencher o silêncio.

Encarou o relógio, comprimindo os olhos, como se isso fosse ajudá-la a enxergar através da neblina. Será que Daniel havia chegado ao armazém? O que Ariane, Roland e Annabelle fariam quando vissem os Párias? Luce se deu conta de que Daniel dera uma pena apenas a Phil. Como os anjos saberiam que podiam confiar nos Párias? Os ombros se ergueram e todo o seu corpo se enrijeceu sob a inútil sensação de frustração. Por que estava sentada ali, esperando, fazendo piadas idiotas? Merecia um papel ativo naquilo tudo. Afinal, não era Luce que a Balança queria. Ela deveria estar resgatando os amigos ou procurando a relíquia em vez de ficar parada como uma donzela indefesa à espera do retorno do cavaleiro.

— Você se lembra de mim, Lucinda Price? — perguntou a Pária, com a voz tão baixa que Luce quase não ouviu.

— Por que os Párias nos chamam pelo nome completo de repente? — Virou-se para a garota, que a olhava parada com o arco e flecha apoiados no ombro.

— É um sinal de respeito, Lucinda Price. Vocês são aliados agora. Você e Daniel Grigori. Lembra-se de mim?

Luce pensou por um segundo.

— Você foi uma das Párias que lutaram contra os anjos no quintal dos meus pais?

— Não.

— Desculpe. — Luce deu de ombros. — Não me lembro de tudo em meu passado. Já nos encontramos?

A Pária ergueu ligeiramente a cabeça.

— Já nos conhecemos em outra ocasião.

— Quando?

A garota deu de ombros, levantando-os com delicadeza, e Luce percebeu de repente que ela era bonita.

— Antes. É difícil explicar.

— E o que não é? — Luce voltou à posição de antes, sem paciência para decodificar mais uma conversa enigmática. Enfiou as mãos geladas dentro das mangas do suéter branco e observou o tráfego mover-se de um lado para o outro nas ruas escorregadias, os carros pequeninos entrando em ruelas tortas e íngremes, pessoas com casacos escuros e compridos marchando sobre as pontes iluminadas, carregando as compras do mercado para as famílias em casa.

Luce sentiu uma solidão dolorosa. Será que sua família pensava nela? Imaginavam-na no quarto apertado na Sword & Cross? Será que Callie já havia voltado a Dover? Estaria aninhada no assento frio perto da janela, esperando as unhas pintadas de vermelho-escuro secarem, falando ao telefone sobre a viagem estranha de Ação de Graças que fizera para visitar uma amiga que não era Luce?

Uma nuvem escura passou pelo relógio, tornando-o invisível ao badalar das seis horas. Daniel havia partido há uma hora, mas parecia um ano. Luce observou os sinos da igreja ressoarem, notou os ponteiros do enorme relógio antigo, e deixou a memória voltar à época anterior à invenção do tempo linear, quando este era marcado por estações, plantações e colheitas.

Após a sexta batida do relógio, veio outra — mais próxima. Luce virou-se bem a tempo de ver Olianna cair de joelhos e desabar pesadamente em seus braços. Então virou a Pária ferida para cima e tocou o rosto dela.

Olianna estava inconsciente. O som que Luce ouvira tinha sido da pancada que a garota tomou na cabeça.

Atrás de Luce estava uma figura enorme com uma capa preta. Seu rosto era enrugado e impossivelmente velho, com camadas de pele caindo sob os olhos azuis opacos e queixo protuberante, abaixo dos dentes tortos, pretos e amarelos. Na enorme mão direita, ele segurava o mastro de bandeira que provavelmente usara como arma. A bandeira austríaca estava pendurada na ponta, tremulando suavemente sobre a superfície do telhado.

Luce ficou de pé rapidamente, sentindo os punhos se erguerem enquanto se perguntava de que lhe serviriam contra um inimigo tão grande.

As asas dele eram de um azul bem claro, um tom acima do branco. Apesar de ser muito mais alto que Luce, as asas eram pequenas e densas, com uma envergadura pouco maior que a dos braços.

Uma coisa pequena e dourada estava presa na parte frontal da capa do homem: uma pena, uma pena marmorizada preta e dourada. Luce sabia de quais asas aquela pena tinha vindo. Mas por que Roland daria àquela criatura uma pena de suas asas?

Não daria. A pena estava dobrada e desgastada, sem algumas partes próximas ao cabinho. A ponta estava acastanhada com sangue seco e, em vez de ereta como a pluma brilhante que Daniel dera a Phil, parecia ter murchado e morrido ao ser presa à capa preta e nojenta do anjo.

Uma armadilha.

— Quem é você? — perguntou Luce, pondo-se de joelhos. — O que quer?

— Tenha mais respeito. — Antes de falar a garganta do anjo fez um movimento como se ele quisesse latir, mas a voz saiu baixa, fraca e velha.

— Faça por merecer — rebateu Luce —, e eu terei mais respeito.

Ele deu um meio sorriso maldoso e abaixou a cabeça. Então puxou a capa para mostrar a nuca. Luce piscou sob a luz fraca. Havia uma marca pintada no pescoço, com um brilho dourado sob o cintilar das luzes da cidade misturadas ao luar. Ela contou sete pontas na estrela.

Era um membro da Balança.

— Está me reconhecendo agora?

— É assim que os ajudantes do Trono trabalham? Machucando anjos inocentes?

— Nenhum Pária é inocente. Ninguém é inocente, aliás, até que se prove o contrário.

— Você provou ser culpado de não ter honra alguma ao nocautear uma garota por trás.

— Insolência — disse ele, enrugando o nariz —, não vai levá-la a lugar algum.

— É exatamente onde pretendo ficar. — Os olhos de Luce voltaram-se para Olianna, para a mão pálida e a seta estelar que segurava.

— Mas não é onde vai ficar — retrucou o membro da Balança como se tivesse de se convencer a dar continuidade à missão ilógica de seu grupo.

Luce apanhou a seta estelar de supetão quando o homem a atacou. Porém, o anjo era muito mais rápido e forte do que aparentava. Ele lutou para tirar a seta das mãos dela, jogou

Luce de costas contra o telhado de pedra ao lhe dar um tapa forte no rosto. Então segurou a seta com a ponta perto do coração de Luce.

"Eles não podem matar mortais. Não podem matar mortais", foi o que ela ficou repetindo em pensamento. Mas se lembrou do acordo que havia feito com Bill: Luce tinha uma parte imortal que poderia, *sim,* ser morta. A alma. Entretanto, não aceitaria isso, não após tudo o que vivera, não tão perto do fim.

Luce levantou a perna, preparando-se para chutá-lo como vira em filmes de kung fu, quando de repente ele atirou o arco e flecha pela borda do telhado. Ela virou a cabeça para o lado, com as bochechas contra a pedra fria, e viu a arma girar no ar em direção às luzes piscantes das ruas de Viena.

O anjo da Balança limpou as mãos na capa.

— Coisas nojentas. — Depois pegou Luce sem o menor cuidado pelos ombros e colocou-a de pé.

O homem chutou a Pária para o lado — Olianna gemeu, mas não se moveu — e ali, sob o corpo magro dela, coberto pelo casaco, estava o halo de ouro.

— Achei que poderia encontrar isto aqui — disse o anjo da Balança, recolhendo a relíquia e colocando-a sob a capa.

— Não! — Ela esticou a mão na direção do lugar escuro onde viu o halo desaparecer, mas o anjo lhe deu outro tapa

no rosto, jogando-a para trás e fazendo seus cabelos balançarem na borda do telhado.

Luce pôs a mão no rosto. Seu nariz estava sangrando.

— Você é mais perigosa do que imaginam — resmungou ele. — Disseram-nos que era chorona, covarde. Acho melhor prendê-la antes de voarmos.

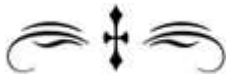
O anjo tirou a capa com rapidez e jogou a roupa sobre a cabeça de Luce tal qual uma cortina, tapando a visão dela por um longo e horrível instante. Depois, a noite de Viena e o anjo ficaram visíveis de novo. Luce notou que sob a capa que ele usava havia outra, exatamente igual à que tirara e colocara ao redor dela. O homem se curvou e, puxando uma corda, amarrou a capa de Luce como uma camisa de força. Quando ela chutou e se contorceu, sentiu a capa se apertar ainda mais.

Luce deixou escapar um grito:

— Daniel!

— Ele não vai ouvi-la. — O anjo riu sem alegria ao colocá-la sob o braço e seguir em direção à borda do telhado. — Não vai escutar nem se você gritar para sempre.

SETE



ANJOS ATADOS

A capa era paralisante.

Quanto mais Luce se movimentava, mais se fechava ao redor. O tecido áspero estava preso por uma corda estranha que pinicava a pele e mantinha o corpo imóvel. Quando Luce tentou se soltar, a corda respondeu apertando-se com ainda mais força ao redor dos ombros e espremendo as costelas, até que mal conseguisse respirar.

O anjo da Balança mantinha Luce sob o braço ossudo enquanto voava através do céu noturno. Com o rosto enterrado na cintura da fétida capa reformada que ele vestia, não conseguia enxergar nada, apenas sentia o vento

açoitando a superfície de seu terrível casulo embolorado. Tudo o que conseguia ouvir era o uivar do vento, pontuado pelo bater de asas rígidas.

Para onde ele a estaria levando? Como iria conseguir avisar Daniel? *Não* tinham tempo para isso!

Após algum tempo, o vento parou, mas o anjo da Balança não havia pousado.

Ele e Luce pairavam no ar.

Então o anjo rosnou.

— Invasor! — gritou ele.

Luce sentiu que ambos estavam caindo, mas podia ver apenas a escuridão das pregas da capa de seu captor, que abafavam seus gritos aterrorizados — até que o som de vidro quebrando os fez parar.

Cacos finos afiados como lâminas rasgaram o manto que a cobria, passando pelo tecido da calça jeans. As pernas de Luce ardiam como se cortadas em diversas partes.

Quando os pés do anjo da Balança bateram com força ao pousarem, Luce tremeu diante do impacto. Ele a derrubou com brutalidade e ela caiu, batendo o quadril e o ombro. Rolou alguns metros, então parou. Viu que estava próxima de uma longa bancada de madeira, a superfície repleta de pilhas de fragmentos de porcelana e tecidos desgastados. Ela se contorceu sob aquele abrigo temporário, quase

conseguindo evitar que a capa a apertasse ainda mais. O traje havia começado a apertar sua traqueia.

Mas pelo menos agora conseguia enxergar.

Estava num cômodo escuro, cavernoso. O piso era um mosaico de cerâmica laqueada cinza e vermelha. As paredes eram de mármore cintilante cor de mostarda, assim como os grossos pilares quadrados no centro do aposento. Luce estudou brevemente uma longa fileira de claraboias congeladas que ocupavam todo o teto, 12 metros acima. Era um conjunto de crateras de vidro quebrado, revelando do outro lado o panorama cinza-escuro de uma noite com nuvens. Deve ter sido por ali que ela e o anjo entraram, arrebentando o vidro.

E aquela devia ser a ala do museu que a Balança havia tomado, aquela sobre a qual Vincent falara com Daniel no teto de bronze. Isso significava que Daniel devia estar lá fora — e Ariane, Annabelle e Roland em algum lugar ali dentro! O coração de Luce se animou, em seguida ficou novamente aflito.

As asas deles estavam amarradas, tinham dito os Párias. Estariam da mesma forma que ela agora? Luce detestava ter chegado até ali e não poder ajudá-los, detestava precisar se movimentar para salvá-los, e o fato de esse movimento

colocar a própria vida em perigo. Talvez não houvesse nada pior do que não poder se *mexer*.

As botas pretas lamacentas do anjo da Balança apareceram diante dela. Luce o observou. Ele se agachou, cheirando a naftalina podre, e seus olhos embaçados olharam-na com maldade. A mão, envolta por uma luva preta, estendeu-se em direção a ela...

Então a mão do anjo da Balança caiu sem vida — como se ele tivesse sido atingido. Ele desabou, bateu violentamente contra a mesa de trabalho, empurrando-a e deixando Luce exposta. A cabeça da escultura, que aparentemente havia atingido o anjo, rolou sinistramente, parando próxima ao rosto de Luce e parecendo olhar dentro de seus olhos.

Enquanto rolava de volta para baixo da mesa, Luce viu de soslaio outras asas azuis. Mais anjos da Balança. Quatro deles voaram espalhafatosamente em direção a uma alcova que ficava mais ou menos na metade da parede... onde Luce agora via que Emmet estava parado, com um longo serrote prateado à mostra.

Provavelmente Emmet havia arremessado a cabeça que a salvara do anjo da Balança! Foi ele o invasor, cuja entrada através do teto de vidro colocou o captor de Luce em perigo. Ela jamais pensou que ficaria tão feliz em ver um Pária.

Emmet estava cercado por esculturas em plataformas e pedestais, algumas cobertas, outras em andaimes, uma delas recém-restaurada — e por quatro anjos da Balança extremamente velhos, que se aproximavam dele cada vez mais com as capas estendidas, como vampiros amarfanhados. As capas pretas rígidas pareciam ser suas únicas armas, a única ferramenta, e Luce sabia muito bem o quanto eram brutais. A própria respiração dolorosa era prova disso.

Luce abafou um murmúrio de espanto quando Emmet puxou uma seta estelar de um coldre escondido no casaco. Daniel havia feito os Párias prometerem que não matariam os anjos da Balança!

Os anjos da Balança se afastaram lentamente de Emmet, sibilando "Vil! Vil!" tão alto que fez com que o captor de Luce se remexesse na mesa acima dela. Então o Pária fez algo que deixou todos os presentes impressionados. Mirou a seta estelar contra si. Luce havia assistido ao suicídio de Daniel no Tibete, então sabia um pouco sobre a atmosfera desesperada, a linguagem corporal de derrota que acompanhava um gesto tão extremo. Mas Emmet parecia confiante e desafiador enquanto olhava de um rosto enrugado a outro.

Os anjos da Balança pareceram ganhar ousadia com o comportamento estranho de Emmet. Aproximaram-se mais,

bloqueando o Pária da visão de Luce com a intensidade de abutres se aproximando de uma carcaça numa estrada deserta. Onde estariam os outros Párias? Onde estava Phil? Será que a Balança já os havia matado?

O som de algo que parecia tecido grosso e pesado sendo rasgado ecoou alto pelo lugar. Os anjos da Balança pairaram imóveis no ar, as enormes capas se amontoando como a boca aberta de um Anunciador que conduzia a um lugar terrível e triste. Então o barulho de algo sendo cortado preencheu o ar, seguido pelo som de um tecido esgarçando — e então os quatro anjos da Balança giraram como bonecas de pano em direção a Luce, as mandíbulas abertas, os olhos estatelados, as capas mutiladas e rasgadas, expondo corações e pulmões pretos que se contraíam em espasmos, jorrando sangue azul-claro.

Daniel disse aos Párias que não podiam usar suas setas estelares para matar os anjos da Balança, mas não disse que não podiam machucá-los.

Os quatro anjos da Balança caíram em montinhos no chão como marionetes cujas cordas tinham sido cortadas. Lutando para conseguir respirar, Luce olhou para a alcova, onde Emmet estava limpando o sangue preto da balança de sua seta. Jamais tinha ouvido falar de alguém que tivesse

usado a parte traseira de uma seta estelar como arma — e, aparentemente, os anjos da Balança também não.

— Lucinda, está aqui? — Luce ouviu Phil chamando. Olhou para cima e encontrou o rosto dele brilhando através de uma cratera no teto.

— Aqui! — gritou Luce, não conseguindo impedir um movimento brusco ao fazê-lo, o que levou a capa que a envolvia a apertar com mais força sua garganta. Quando ela fez uma careta de dor, o manto fechou ainda mais.

Uma perna enorme caiu pela lateral da mesa e a bota preta chutou o rosto de Luce, acertando seu nariz e trazendo lágrimas de dor aos olhos. Seu captor havia acordado! Essa percepção, juntamente à dor súbita que ofuscou sua visão parcialmente, fez com que Luce deslizasse mais para baixo da mesa. Quando fez isso, a capa se enredou em volta da garganta, fazendo a traqueia se comprimir de vez. Luce entrou em pânico, tentando inutilmente respirar, contorcendo-se, agora que já não importava se o manto a apertasse com mais força...

Então se lembrou de como havia descoberto em Veneza que conseguia segurar o fôlego por mais tempo do que julgava possível. E Daniel lhe dissera que poderia se fortalecer para superar essa limitação sempre que quisesse.

Então ela o fez; Luce conseguiu; concentrou sua força de vontade para se manter viva.

Porém, isso não impediu seu captor de derrubar a bancada, mandando pelos ares pedaços de louça e pernas e braços extirpados de antigas esculturas.

— Você parece... incomodada — zombou ele, revelando dentes ensanguentados e levando a mão com a luva preta em direção à bainha do manto de Luce.

Entretanto, o anjo da Balança congelou quando uma seta estelar atravessou o lugar onde, há apenas um segundo, estava seu olho direito. O sangue azul jorrou da cavidade aberta, respingando no manto de Luce. Ele gritou, debatendo-se desesperadamente pelo espaço, os braços balançando, a parte de trás da seta estelar protuberante em seu rosto enrugado.

Mãos pálidas apareceram diante de Luce, depois as mangas de um casaco cáqui desgastado, seguido por uma cabeça raspada. O rosto de Phil não revelava nenhum sentimento quando ele se ajoelhou na frente dela.

— Aqui está você, Lucinda Price. — Agarrou a gola da capa preta e levantou Luce. — Eu havia retornado ao palácio para ver se estava bem. — Ele a colocou sentada numa mesa próxima. Luce caiu imediatamente, não conseguindo se

manter sentada. Emmet a endireitou tão sem emoção quanto o colega havia feito.

Finalmente ela pôde olhar ao redor com mais calma. À sua frente, três degraus desciam para uma grande câmara principal. No centro dela, uma corda de veludo vermelho amarrava uma grande estátua de leão. O animal se mantinha em pé nas patas traseiras, com os dentes arreganhados num rugido em direção ao céu. Sua juba estava descascada e amarelada.

Asas azul-acinzentadas cobriam o piso da ala de restauração, lembrando a Luce de um estacionamento coberto de gafanhotos que tinha visto após uma tempestade durante um verão na Geórgia. Os anjos da Balança não estavam mortos — não se transformaram em poeira de seta estelar —, mas havia tantos deles inconscientes que os Párias mal conseguiam caminhar sem pisar em suas asas. Phil e Emmet pelo jeito andaram ocupados, incapacitando pelo menos cinquenta deles, as curtas asas azuis se remexendo vez por outra, embora os corpos permanecessem imóveis.

Todos os seis Párias — Phil, Vincent, Emmet, Sanders, a outra Pária cujo nome Luce não sabia, e até mesmo Daedalus, com curativo no rosto — ainda estavam de pé, limpando sangue azul e restos de pele e ossos de seus casacos.

A garota loira, a mesma que havia ajudado a fazer o curativo em Daedalus, segurava um moribundo integrante feminino da Balança pelos cabelos. As asas azuis da velha tremeram quando a Pária bateu sua cabeça contra uma coluna de mármore. Soltou gritos esganiçados nas primeiras quatro ou cinco vezes que o crânio atingiu a coluna, depois os gritos se enfraqueceram e os olhos se reviraram nas órbitas.

Phil lutava contra a capa que estava amarrada ao redor de Luce. Os dedos rápidos compensavam a falta de visão. Um anjo da Balança inconsciente caiu de algum ponto acima dela e o rosto pousou entre o pescoço e o ombro de Luce. Ela sentiu sangue quente escorrer pelo seu pescoço. Apertou os olhos e estremeceu.

Phil chutou o anjo, arremessando-o sobre o raptor, agora caolho, de Luce, que ainda se debatia desajeitadamente pela sala, gemendo.

— Por que eu? Faço tudo direito.

— Ele está com o halo... — começou Luce.

Mas a atenção de Phil se voltou para a massa de asas de anjos da Balança, de onde um corpulento anjo com cabelo de monge havia se levantado e agora avançava em direção a Daedalus, que estava de costas. Uma capa áspera pairou sobre a cabeça do Pária, pronta para envolvê-la.

— Volto logo, Lucinda Price. — Phil deixou Luce amarrada sobre a mesa e colocou uma seta estelar no arco. Num instante, já estava entre Daedalus e o anjo da Balança.

— Abaixe o manto, Zaban.

Phil parecia tão feroz quanto ao surgir pela primeira vez no quintal da casa dos pais de Luce. Ela ficou surpresa ao perceber que eles se conheciam pelos nomes, mas, é claro, devem ter vivido todos juntos no Céu em algum momento. Agora era difícil de imaginar isso.

Zaban tinha olhos azuis enfadonhos e lábios azulados. Pareceu quase alegre ao ver a seta estelar apontada para si. Jogou a capa sobre os ombros e se virou para Phil, deixando Daedalus livre para pegar um anjo da Balança magricela pelo pé. Sacudiu o velho anjo três vezes em um círculo, depois arremessou-o pela janela leste em direção a uma pilha de andaimes abaixo.

— Está ameaçando atirar em mim, Phillip, é isto? — Os olhos de Zaban estavam cravados na seta estelar. — Quer pender o equilíbrio a favor de Lúcifer? Por que isso não me surpreende?

Phil se eriçou.

— Você não é importante o suficiente para que sua morte altere o equilíbrio.

— Pelo menos a gente vale *alguma coisa*. Juntas, nossas vidas fazem diferença no equilíbrio. A justiça sempre faz a diferença. Já vocês, Párias — sorriu zombeteiramente —, não valem nada. É isso que os torna inúteis.

Aquilo foi a gota d'água para Phil. Havia algo relacionado à tal Balança que ele não podia suportar. Com um resmungo, disparou a seta estelar em direção ao coração de Zaban.

— Estou contra você — murmurou, esperando que o esquisitão de asas azuis sumisse.

Luce também esperou que ele sumisse. Já havia visto isso acontecer. Mas a seta atingiu a capa de Zaban e caiu no chão.

— Como você...? — perguntou Phil.

Zaban riu e puxou algo de dentro de um bolso oculto na altura do peito de seu manto. Luce se inclinou para a frente, querendo ver como Zaban havia se protegido contra a seta estelar. Porém se inclinou demais e escorregou da mesa, caindo de cara no chão.

Ninguém percebeu. Todos estavam olhando para o pequeno livro que Zaban havia retirado do casaco. Aprumando o corpo, Luce viu que a capa era de couro, da mesma tonalidade de azul que as asas dos anjos da Balança. Era encadernado com um cordão dourado entrelaçado. Parecia uma Bíblia, do tipo que os soldados da Guerra Civil

colocavam no peito na esperança de que os livros protegessem seus corações.

Aquele livro havia feito justamente isso.

Luce espremeu os olhos para ler o título, arrastando-se pelo chão para ficar alguns centímetros mais perto. Entretanto, continuava longe demais.

Com um único movimento, Phil recuperou a seta estelar e arrancou o livro das mãos de Zaban. Num golpe de sorte, o livro foi parar a alguns metros de Luce. Ela se arrastou novamente, sabendo que não conseguiria pegá-lo, não com a capa lhe apertando daquele jeito. Ainda assim, precisava saber o que as páginas continham. Parecia familiar, como se o tivesse visto há muito, muito tempo. Conseguiu ler as palavras douradas na lombada.

Um Registro dos Anjos Caídos.

Zaban correu em direção ao livro, parando a poucos metros de Luce, exposta no centro do piso. Ele olhou para ela com cara feia e enfiou o livro no bolso.

— Não, não — disse ele. — *Você* não pode ver isto. Não verá tudo o que foi obtido graças às asas da Balança. Nem o que falta para atingir o derradeiro equilíbrio harmonioso. Não depois de ter passado esse tempo todo ocupada demais para nos notar, para notar a justiça, apaixonando-se e deixando de se apaixonar de forma egoísta.

Embora Luce odiasse a Balança, se havia um registro dos anjos caídos, ela ardia de curiosidade para saber quais nomes estariam naquelas páginas, para ver onde o nome de Daniel se encontrava agora. Era sobre isso que os anjos caídos falavam a toda hora. Um único anjo que mudaria o equilíbrio de tudo.

Mas antes que Zaban pudesse criticar Luce ainda mais, um par de asas brancas e brilhantes apareceu diante dos olhos dela — um anjo descendo pelo maior buraco do teto.

Daniel pousou em frente a ela e ficou observando a capa que a aprisionava. Analisou seu pescoço preso. Os músculos dele se retesaram sob a camiseta enquanto tentava rasgar a capa.

De soslaio, Luce viu Phil erguer uma pequena picareta de uma mesa próxima e mirar no peito de Zaban. O anjo da Balança se desviou, tentando fugir do alcance de Phil. A lâmina o acertou no braço. O golpe foi tão forte que arrancou a mão de Zaban na altura do pulso. Enojada, Luce observou a mão pálida cair ao chão. Com exceção do sangue azul jorrando, aquela mão poderia pertencer a qualquer uma das estátuas ali.

— Amarre isso com um de seus nós — zombou Phil, enquanto Zaban buscava a própria mão em meio aos corpos desacordados dos integrantes de sua seita.

— Está machucando você? — Daniel tentou arrebentar os nós que mantinham Luce presa.

— Não. — Ela queria que fosse verdade. Quase foi.

Quando viu que força bruta não adiantava, Daniel tentou lidar com a capa de forma mais estratégica.

— Eu vi a ponta há um minuto atrás — murmurou ele. — Agora está escondida dentro da capa. — Os dedos percorriam o corpo dela, parecendo próximos num momento e distantes em outro.

Luce desejou que suas mãos, acima de qualquer outra parte do corpo, estivessem livres naquele momento para poder tocar Daniel, acalmar a ansiedade dele. Confiava que ele conseguiria soltá-la. Confiava nele para qualquer coisa.

O que poderia fazer para ajudá-lo? Fechou os olhos e se deixou levar para a vida no Taiti. Daniel tinha sido marinheiro. Ele a havia ensinado dezenas de tipos de nós durante as tardes calmas na praia. Ela se lembrava agora: o nó borboleta alpina, que fazia uma volta no centro e duas asas lobuladas de cada lado da corda, bom para suportar peso extra na rede. Ou o nó dos namorados, que parecia simples, em formato de coração, mas só podia ser desamarrado a quatro mãos ao mesmo tempo; cada mão tinha de puxar a corda em uma parte diferente do centro do coração.

A capa estava tão apertada que Luce não conseguia mexer nenhum músculo. Os dedos de Daniel remexiam a gola, fazendo com que esta se apertasse ainda mais. Ele amaldiçoou a forma como aquela capa apertava o pescoço dela.

— Não consigo! — gritou finalmente. — A capa dos anjos da Balança possui uma infinidade de tipos de nós. Apenas um deles conseguirá desamarrá-lo. Quem colocou este manto em você?

Luce virou a cabeça em direção ao anjo de asa azul que gritava sozinho, cambaleando num canto perto de um fauno de mármore. A seta estelar ainda estava enfiada em seu olho. Ela queria contar a Daniel como seu captor havia batido em Olianna com o mastro de uma bandeira, depois a amarrado e trazido até ali.

Mas não conseguia falar. A capa estava apertada demais.

A essa altura, Phil segurava o anjo resmungão pela gola da capa suja de sangue. Ele teve de estapear o anjo da Balança três vezes para que parasse de se lamentar e endireitasse as asas azuis, alarmado. Luce viu que um círculo grosso de sangue azul seco havia se formado ao redor do local onde a flecha estava enfiada.

— Desamarre a garota, Barach — ordenou Daniel, reconhecendo imediatamente o sequestrador de Luce,

fazendo-a imaginar o quão bem eles se conheciam.

— Improvável. — Barach se inclinou e cuspiu um jato de sangue azul e dois minúsculos dentes afiados no chão.

Num movimento rápido, Phil mirou uma seta estelar no centro dos olhos do anjo.

— Daniel Grigori ordenou que você a desamarre. Irá obedecer.

Barach recuou, olhando a seta estelar com desdém.

— Vil! Vil!

Então uma sombra escura caiu sobre o corpo de Phil.

Em meio a uma névoa indistinta, Luce discerniu outro anjo da Balança, a velha enrugada de asas azuis emboloradas. Provavelmente conseguira se levantar depois de ficar desacordada. Agora estava vindo para cima de Phil, empunhando a mesma picareta que ele havia usado contra Zaban...

Mas então o anjo da Balança se transformou em pó.

Vincent estava parado a três metros, com um arco vazio nas mãos. Assentiu com a cabeça para Phil, depois se virou para vasculhar o tapete de asas azuis à espera de algum movimento.

Daniel se virou para Phil e murmurou:

— Precisamos ter cuidado em relação a quantos matamos. À balança realmente importa o equilíbrio. Pelo

menos um pouco.

— Que pena — disse Phil, com uma ponta de inveja na voz. — Manteremos as mortes ao mínimo, Daniel Grigori. Mas preferiríamos matar todos eles. — Ergueu a voz para que Barach ouvisse. — Bem-vindo ao mundo dos que não enxergam. Os Párias são mais poderosos do que vocês pensam. Eu o mataria sem pensar duas vezes, na verdade sem pensar nem uma vez sequer. Entretanto, vou pedir novamente: desamarre-a!

Barach permaneceu parado por um longo tempo, como se estivesse pesando os prós e os contras, piscando com o único olho que lhe restava.

— Desamarre-a! Ela não consegue respirar! — urrou Daniel.

Barach resmungou e se aproximou de Luce. As mãos, velhas e cheias de pintas, desamarraram uma porção de nós que nem Phil nem Daniel haviam sido capazes de encontrar. Entretanto, Luce não sentiu alívio algum no pescoço. Pelo menos não até ele começar a sussurrar algo, bem baixinho, com seu hálito rançoso.

A falta de oxigênio a deixara prestes a desmaiar, mas aquelas palavras vagaram pela mente enevoada. Era uma forma arcaica de hebraico. Luce não sabia como conhecia aquele idioma, mas conhecia.

"E o Céu chorou ao ver os pecados dos filhos dela."

As palavras eram quase ininteligíveis. Daniel e Phil nem mesmo as haviam notado. Luce não tinha certeza se as escutara com clareza. Porém... eram familiares. Onde as tinha ouvido antes?

A lembrança chegou até ela mais depressa do que gostaria: um outro anjo da Balança, que amarrou Luce em outra vida com uma capa ainda mais velha que essa. Isso tinha acontecido há muito tempo. Ela já havia passado por tudo isso antes, sido amarrada e depois libertada.

Naquela vida, Luce colocara as mãos em algo que não deveria ver. Um livro, amarrado com um nó bastante complicado.

Um Registro dos Anjos Caídos.

O que ela estivera fazendo com ele? O que desejara ver?

A mesma coisa que queria ver agora. Os nomes dos anjos que ainda precisavam fazer sua escolha. Mas naquela vida também não tivera permissão para lê-lo.

Muito antes disso, Luce havia segurado aquele livro e, sem saber como, quase conseguira desatar o nó. Então em determinado momento o anjo da Balança a capturou e prendeu com a capa. Vira as asas azuis baterem intensamente enquanto o anjo amarrava o livro diversas vezes. Para ter certeza de que os dedos impuros dela não o tivessem

danificado, dissera ele. Ela o ouvira sussurrar aquelas palavras — as mesmas palavras estranhas — logo antes de ela derramar uma lágrima sobre o livro.

E então o fio dourado havia desatado como mágica.

Ela olhou para o anjo enrugado de agora e observou uma lágrima prateada rolar por sua bochecha. Ele parecia verdadeiramente emocionado, mas com certa superioridade, como se tivesse pena da alma dela. A lágrima caiu na capa e os nós se soltaram misteriosamente.

Arfou em busca de ar. Daniel arrancou a capa de cima dela. Luce o abraçou. Liberdade.

Ainda estava abraçada a Daniel quando Barach se inclinou, sussurrando ao ouvido dela:

— Nunca vão conseguir.

— Silêncio, demônio — ordenou Daniel.

Mas Luce queria saber o que Barach queria dizer com aquilo.

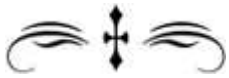
— Por que não?

— Você não é a escolhida! — disse Barach.

— Silêncio! — gritou Daniel.

— Nunca, nunca, nunca. Nem em um milhão de anos — cantarolou o anjo, roçando a bochecha áspera contra a de Luce... segundos antes de Phil acertar uma seta estelar no coração dele.

OITO



COMO O CÉU CHOROU

Algo caiu aos pés deles com um baque surdo.

— O halo! — gritou Luce.

Daniel se abaixou rapidamente e recolheu a relíquia dourada do chão. Ficou admirando-a, balançando a cabeça. De algum modo o halo havia permanecido enquanto o anjo e suas estranhas roupas regeneradas desapareciam.

— Desculpe ter tirado a vida dele, Daniel Grigori — falou Phil. — Mas já não conseguia suportar as mentiras de Barach.

— Estava começando a me irritar também — disse Daniel. — Apenas tenha cuidado com os outros.

— Pegue — disse Phil, tirando a mochila preta dos ombros e entregando-a a Daniel. — Esconda isso dos anjos da Balança. Estão desesperados atrás dele. — Quando Daniel abriu a mochila, Luce pôde ver o livro dele, *O Livro dos Guardiões*, ali dentro.

Phil fechou o zíper da mochila e deixou-a com Daniel.

— Agora devo retornar ao meu posto de guarda. Os anjos machucados podem se levantar a qualquer momento.

— Você agiu bem contra os anjos da Balança — disse Daniel, parecendo impressionado. — Mas...

— Sim, nós sabemos — disse Phil. — Haverá mais deles. Você viu muitos mais do que estes do lado de fora do museu?

— Eles são uma legião — afirmou Daniel.

— Se nos permitisse usar nossas setas estelares livremente, poderíamos garantir sua fuga...

— Não. Não quero perturbar o equilíbrio a esse ponto. Nada mais de mortes, a não ser que por absoluta legítima defesa. Teremos apenas que nos apressar e dar o fora daqui antes que a Balança mande reforços. Vá agora, guarde as portas e janelas. Estarei com você daqui a pouco.

Phil assentiu, virou-se e se foi, abrindo caminho pelo carpete de asas azuis.

Assim que ficaram a sós, as mãos de Daniel inspecionaram o corpo de Luce.

— Você está ferida?

Ela olhou para si e esfregou o pescoço. Estava sangrando. O vidro do teto havia atravessado o tecido da calça jeans em alguns pontos, mas nenhum dos ferimentos parecia fatal. Seguindo o conselho dado por Daniel anteriormente, disse para si mesma, *isto não a machuca*. A dor sumiu.

— Estou bem — disse ela rapidamente. — O que aconteceu com você?

— Exatamente o que nós queríamos que acontecesse. Eu distraí a maioria dos anjos da Balança enquanto os Párias encontraram um jeito de entrar. — Ele fechou os olhos. — Só que eu jamais quis que você se machucasse. Sinto muito, Luce, não devia tê-la deixado...

— Estou bem, Daniel, e o halo está a salvo. E quanto aos demais anjos? Quantos mais da Balança existem?

— Daniel Grigori! — O grito de Phil ecoou no cômodo superior.

Daniel e Luce cruzaram a ala rapidamente, pisando em cima das asas azuis em direção à entrada. Então Luce parou.

Um homem trajando um uniforme azul jazia deitado de bruços no chão de cerâmica. Havia uma poça de sangue ao redor da cabeça dele — sangue vermelho como dos mortais.

— Eu... eu o matei — balbuciou Daedalus, segurando um pesado capacete de metal na mão e parecendo assustado.

O visor do capacete estava sujo de sangue. — Ele entrou correndo pela porta e achei que fosse um dos anjos da Balança. Pensei em apenas bater nele para que caísse. Mas era um mortal.

Um balde e um esfregão estavam caídos em cima do corpo do homem. Haviam matado um zelador. Até este momento, de certa forma, a luta contra a Balança não parecera real. Fora brutal e sem sentido e, sim, dois membros da Balança tinham sido mortos — mas havia sido algo descolado do mundo mortal. Luce se sentiu enjoada ao ver o sangue escorrer entre os rejuntes do piso, mas não conseguiu desviar os olhos.

Daniel coçou o queixo.

— Você cometeu um erro, Daedalus. Agiu bem ao guardar a porta de entrada contra intrusos. O próximo a entrar será da Balança. — Ele olhou ao redor. — Onde estão os anjos caídos?

— E o que faremos com ele? — Luce fitava o homem caído no chão. Seus sapatos haviam sido recentemente engraxados. Usava uma aliança de ouro na mão esquerda. — Era apenas um zelador vindo verificar o barulho. Agora está *morto*.

Daniel segurou Luce pelos ombros, afastou-a dali e pressionou a testa contra a dela. O hálito dele era quente.

— A alma dele está em paz e alegria. E muitas outras vidas serão perdidas se não encontrarmos nossos amigos, pegarmos a relíquia e dermos o fora daqui. — Ele apertou os ombros dela, então os soltou rapidamente. Luce abafou o choro pelo homem morto, engoliu em seco e se virou para olhar para Phil.

— Onde estão eles?

Phil apontou um dedo pálido para cima.

Balançando numa viga-mestra próximos ao teto quebrado havia três sacos pretos de estopa. Um deles se remexia, como algo tentando nascer de dentro de um casulo.

— Ariane! — gritou Luce.

O mesmo saco se balançou novamente, dessa vez com mais violência.

— Vocês jamais irão conseguir soltá-los a tempo — sussurrou uma voz vinda do chão. Um membro da Balança, com cara de peixe, estava apoiado nos cotovelos. — Há mais anjos da Balança a caminho. Amarraremos todos vocês com a Capa dos Justos e lidaremos nós mesmos com Lúcifer...

Um escudo de bronze arremessado como um frisbee por Phil arrancou um pedaço da cabeça do anjo, arremessando-o de volta à pilha de asas azuis.

Phil se virou para Daniel.

— Se você precisar mesmo da ajuda dos anjos da Balança para libertar seus amigos, teremos mais sorte enquanto eles estiverem em desvantagem numérica.

Os olhos de Daniel ardiam violetas enquanto voava pela ala, movendo-se de um andaime de restauração para o outro, e então para uma grande bancada de mármore que parecia ser uma das estações de restauração do museu. Estava repleta de papéis e ferramentas — a maioria delas inutilizadas após aquela noite —, os quais Daniel esmiuçou com atenção, jogando para o lado uma garrafa vazia de água, um monte de pastas plásticas, um porta-retrato com uma foto apagada. Finalmente suas mãos encontraram um grande e pesado bisturi.

— Pegue — disse para Luce, deslizando a pesada mochila de Phil pelos ombros dela. Luce segurou a mochila ao lado do corpo e prendeu o fôlego enquanto Daniel arqueava as asas e alçava voo.

Ela o observou se elevando sem fazer esforço, de maneira mágica, e se perguntou como as asas dele conseguiam fazer tudo brilhar naquele museu escuro. Quando ele finalmente chegou até o teto, passou o bisturi ao longo da viga, cortando a corda através da qual os três sacos eram mantidos suspensos. Caíram nos braços dele sem fazer ruído, e as asas

de Daniel bateram mais uma vez enquanto descia para o chão, carregando sem esforço os três pacotes.

Daniel colocou os sacos lado a lado. Correndo na direção dele, Luce pôde ver os rostos dos três anjos aparecendo através deles. Seus corpos estavam envoltos pelo mesmo tipo de capa escura que a deixara sem respirar, porém os anjos também haviam sido amordaçados com um pedaço de pano preto. Enquanto ela os observava, as mordaças pareciam esfolar as bocas de seus amigos. Ariane se debatia, lutava e ficava com o rosto cada vez mais vermelho, parecendo tão furiosa que Luce pensou que fosse explodir.

Phil olhou para as oscilantes capas pretas. Levantou uma delas pelo braço. O anjo da Balança piscou, confuso.

— Você gostaria que os Párias escolhessem um voluntário da Balança para ajudar a desamarrar os seus amigos, Daniel Grigori?

— Jamais revelaremos os segredos de nossos nós! — sibilou o anjo da Balança. — Preferimos morrer.

— Também preferimos que vocês morram — disse Vincent, aproximando-se do círculo, empunhando uma seta estelar em cada mão, levando uma à garganta do anjo que havia falado.

— Vincent, cessar fogo — instruiu Phil.

Daniel já estava ajoelhado diante de uma das capas — a de Roland —, passando os dedos pelos nós invisíveis.

— Não consigo encontrar as pontas.

— Talvez uma seta estelar corte a corda — sugeriu Phil, empunhando a seta prateada. — Como um nó górdio.

— Isso não vai funcionar. Os nós são abençoados com um encanto oculto. Talvez precisemos dos anjos da Balança.

— Esperem! — Luce caiu de joelhos diante de Roland. Ele estava deitado, imóvel, mas os olhos diziam a Luce como se sentia impotente. Nada deveria restringir uma alma como a de Roland. Através daquele manto não era possível ver toda a classe e elegância que faziam daquele anjo caído quem ele era — estivesse ele cercando os Nefilim em Shoreline, tocando música na festa da Sword & Cross ou entrando em Anunciadores com mais maestria que qualquer pessoa que ela conhecia. O fato de a Balança ter feito isso com seu amigo deixava Luce furiosa a ponto de chegar às lágrimas.

Lágrimas.

Era isso.

As palavras em hebraico voltaram à lembrança. Suas muitas viagens haviam lhe dado o dom de aprender línguas. Fechou os olhos e, em sua cabeça, observou o fio dourado se soltar do livro. Lembrou-se dos lábios rachados de Barach sussurrando as palavras...

E Luce as repetia agora para Roland, sem saber o que significavam, apenas torcendo para que ajudassem.

— E o Céu chorou ao ver os pecados dos filhos dela.

Os olhos de Roland se arregalaram. Os nós se abriram. A capa caiu ao lado dele e a mordaça também.

Ele respirou profundamente, ficou de joelhos, levantou-se e abriu as asas douradas com força. A primeira coisa que fez foi dar um tapinha no ombro de Luce.

— Obrigado, Lucinda. Devo uma a você por uns bons milhares de anos.

Roland estava de volta... mas havia sangue no local onde Barach havia arrancado penas de suas asas para usar como um sinal falso.

Daniel buscou a mão de Luce, puxando-a em direção aos outros dois anjos amarrados. Ele havia observado e aprendido com Luce. Começou a tentar soltar Annabelle enquanto Luce se ajoelhava diante de Ariane. Ela não conseguia ficar parada. O manto estava tão apertado que Luce quase se encolheu ao fitá-la.

Os olhos das duas se encontraram. Ariane emitiu um som que Luce entendeu como um sinal de que estava feliz em vê-la. Os olhos de Luce se encheram de lágrimas ao se lembrar de seu primeiro dia na Sword & Cross, quando viu Ariane suportar a terapia com choque elétrico. Aquele anjo

supermoderno havia parecido tão frágil então e, embora Luce mal conhecesse a garota, sentira o ímpeto de proteger Ariane, da maneira como se faz com velhos amigos. O sentimento só aumentou com o tempo.

Uma lágrima morna rolou pelo rosto de Luce e caiu no meio do peito de Ariane. Luce sussurrou as palavras em hebraico, ouvindo Daniel sussurrá-las para Annabelle ao mesmo tempo. Ela olhou para ele. O rosto do anjo estava molhado.

Os nós afrouxaram imediatamente, depois se desfizeram por completo. Os anjos foram libertados pelas mãos de Luce e Daniel — e pelos seus corações.

Uma rajada de vento foi gerada pela libertação das impressionantes asas iridescentes de Ariane, seguida por uma brisa suave causada pelas asas prateadas de Annabelle. O local estava quase em silêncio antes de as mordaças das garotas caírem. Ariane também exibia um pedaço de fita adesiva sobre a boca; provavelmente os outros anjos haviam sido amordaçados por causa dela. Daniel pegou uma das extremidades da fita e a puxou rapidamente fazendo um *riiiiiip*.

— Caramba! Como é bom estar livre! — gritou Ariane, passando os dedos pelo quadrado vermelho inchado ao redor de sua boca. — Três vivas à rainha dos nós, Lucinda! — A

voz dela tinha o brilho costumeiro, porém os olhos estavam cheios de lágrimas. Percebeu que Luce havia visto e as limpou rapidamente.

Ariane caminhou pelo chão daquela ala, fazendo uma careta diferente para cada um dos anjos inconscientes da Balança, partindo para cima deles como se estivesse prestes a acertá-los. Seu macacão jeans estava completamente rasgado, os cabelos emaranhados e oleosos, e havia um hematoma do tamanho do mapa da Austrália em sua bochecha esquerda. As pontas de baixo de suas asas iridescentes estavam dobradas e arrastavam no chão.

— Ariane — sussurrou Luce. — Você está machucada.

— Ah, droga. Não se preocupe comigo, menina. — Ariane sorriu. — Eu me sinto bem o bastante para acabar com alguns anjos da Balança! — Olhou ao redor do quarto. — Mas parece que os Párias chegaram antes de mim.

Annabelle se levantou mais lentamente que Ariane, abrindo e então flexionando as asas prateadas, alongando os membros esguios tal como uma bailarina. Mas quando ela olhou para Luce e Ariane, sorriu e inclinou a cabeça.

— Deve haver algo que possamos fazer para dar o troco.

As asas de Ariane bateram e ela se elevou a alguns metros do chão, voando pela ala do museu em círculos grandes, observando o estrago.

— Vou pensar em alguma coisa...

— Ariane! — gritou Roland, olhando para ela enquanto conversava baixinho com Daniel.

— O quê? — respondeu Ariane, desanimada. — Você não deixa mais eu me divertir, Ro.

— Não temos tempo para diversão — disse Daniel.

— Esses fósseis nos torturaram durante horas — gritou Annabelle de cima da cabeça do leão. — Devemos retribuir o favor.

— Não — disse Roland. — Danos incomensuráveis já foram feitos. Devemos gastar nossa energia procurando a segunda relíquia.

— Ao menos nos deixe garantir que permaneçam desacordados enquanto fazemos isso — argumentou Annabelle.

Roland olhou para Daniel, que assentiu.

Com um sorriso, Annabelle voou em direção a uma mesa encostada no fundo do armazém. Abriu uma torneira, cantarolando consigo. Derramou o que parecia ser gesso ou outro agente de fundição e começou a adicionar água.

— Ariane — disse ela, desafiadoramente. — Uma mãozinha aqui, por favor.

— Sim, senhora.

Ariane pegou um dos baldes das mãos de Annabelle e sobrevoou por sobre os anjos semiconscientes da Balança, sorrindo com doçura. Aos poucos, começou a derramar a mistura pegajosa sobre as cabeças deles. O gesso escorreu e formou poças ao lado dos corpos. Alguns deles tentavam se livrar da substância, que endurecia rapidamente, virando um tipo de areia movediça artificial. Luce reconheceu a genialidade do plano. Em alguns instantes, quando secasse completamente, eles ficariam presos em gesso duro como pedra.

— Isto não é prudente! — borbulhou um dos anjos da Balança através do gesso molhado.

— Estamos fazendo de vocês monumentos à Justiça! — gritou Annabelle.

— Sabe, acho que prefiro os anjos da Balança quando estão engessados — riu Ariane, deixando escapar a alegria da vingança.

As meninas continuaram derramando o gesso, balde após balde, em cima das cabeças dos anjos ameaçadores, até que suas vozes não podiam mais ser ouvidas, até que os Párias não precisassem mais ficar sobre eles empunhando setas estelares.

Daniel e Roland estavam afastados do grupo, discutindo baixinho. Luce fitou o hematoma de Ariane, o sangue nas asas de Roland e o talho no ombro de Annabelle.

Então teve uma ideia.

Procurou dentro da mochila e apanhou três pequenas garrafas de refrigerante diet e um punhado de setas estelares protegidas em bainhas prateadas. Então abriu as garrafas e rapidamente colocou uma seta estelar em cada uma delas, segurando as garrafas enquanto ferviam e fumegavam, fazendo o líquido mudar de marrom a prateado. Finalmente, levantou-se do canto onde estivera agachada e ficou feliz em encontrar uma bandeja de porcelana chinesa que, de algum modo, ficou intacta após a batalha.

— Aqui, pessoal! — disse ela.

Daniel e Roland pararam de conversar.

Ariane parou de jogar gesso nos anjos.

Annabelle pousou novamente na juba do leão.

Nenhum deles disse nada, mas todos pareceram impressionados quando pegaram suas garrafas, brindaram entre si, comemorando, e beberam.

Diferentemente do Pária Daedalus, os anjos não tinham de fechar os olhos e dormir após beberem o refrigerante transformado. Talvez porque não estivessem tão abatidos ou talvez porque essa forma mais elevada de anjos possuísse uma tolerância também mais elevada. Mesmo assim, a bebida os acalmou.

Como um gesto final, Roland bateu palmas, acendendo uma chama poderosa entre elas. Lançou ondas de calor em direção aos anjos engessados, vitrificando a cobertura e tornando ainda mais difícil escapar dali do que das capas.

Quando terminou, Roland, Ariane, Annabelle e Luce sentaram-se em uma das mesas altas de frente para Daniel.

Daniel estendeu as mãos para a mochila e abriu o zíper para mostrar o halo aos outros.

Ariane arfou, surpresa, e estendeu a mão para tocá-lo.

— Você encontrou! — Annabelle piscou para Luce. — Excelente!

— E quanto à segunda relíquia? — perguntou Daniel. — Vocês a pegaram? Os anjos da Balança a tomaram?

Annabelle balançou a cabeça negativamente.

— Não a encontramos.

— Mas com certeza os enganamos — disse Ariane, estreitando os olhos em direção aos anjos engessados. — Eles acharam que poderiam nos torturar para entregá-la.

— Seu livro é vago demais, Daniel — reclamou Roland. — Viemos até Viena à procura de uma lista.

— As desiderata — disse Daniel. — Eu sei.

— Mas isso era *tudo* que sabíamos. Nas horas entre nossa chegada e nossa captura pelos anjos da Balança, fomos a sete

arquivos diferentes da cidade e não encontramos nada. Foi insensato. Atraímos atenção demais.

— É minha culpa — murmurou Daniel. — Deveria ter sido mais explícito quando escrevi esse livro há séculos. Fui impulsivo e impaciente demais naquela época. Agora não consigo me lembrar do que me levou às desiderata ou, mais precisamente, o que elas dizem.

Roland deu de ombros.

— Talvez isso não tivesse sido importante. A cidade já era um campo minado quando chegamos. Se já tivéssemos as desiderata em mãos, eles as teriam arrancado de nós. E as destruiriam, da mesma forma que destruíram essas obras de arte.

— A maior parte dessas peças era falsa — disse Daniel, fazendo com que Luce se sentisse um pouco menos culpada pelo que haviam feito ao museu. — E, de agora em diante, os Párias podem cuidar dos anjos da Balança. O restante de nós deve se apressar e procurar as desiderata. Você disse que foi à Biblioteca Hofburg?

Roland assentiu.

— E a biblioteca da universidade?

— Sim — confirmou Annabelle. — E provavelmente seria melhor a gente não dar as caras naquele lugar tão cedo.

Ariane destruiu diversos pergaminhos valiosos da coleção especial...

— Ei! — disse Ariane, indignada. — Eu os colei novamente!

Diversos passos soaram no corredor e todos viraram a cabeça em direção à porta. No mínimo vinte outros anjos da Balança tentavam voar para dentro do aposento, mas os Párias os mantiveram do lado de fora com suas setas estelares.

Um deles viu o halo nas mãos de Daniel e disse:

— Eles roubaram a primeira relíquia!

— E estão trabalhando juntos! Anjos, demônios e... — Olhos estreitados voltaram-se na direção de Luce. — Aqueles que não conhecem o seu lugar. Todos trabalhando juntos em nome de uma causa impura. O Trono não apoia isto. Vocês jamais irão encontrar o desideratum!

— *Desideratum* — repetiu Luce, lembrando-se vagamente de uma aula chata de latim que tivera em Dover. — Isto é... singular. — Ela se virou para Daniel. — Você disse *desiderata* um minuto atrás. Isto é plural.

— Objeto desejado — sussurrou Daniel. Os olhos violetas começaram a pulsar e logo todo o seu ser parecia brilhar. Um sorriso de reconhecimento tomou conta de seu rosto. — É apenas um único objeto. Isso mesmo.

Então o bater do relógio de uma igreja soou em algum lugar distante.

Era meia-noite.

Um dia a menos para a chegada de Lúcifer. Faltavam seis dias agora.

— Daniel Grigori — declarou Phil por cima do badalar dos sinos —, não podemos segurá-los para sempre. Você e seus anjos devem sair daqui.

— Já estamos indo — respondeu Daniel. — Obrigado. — Ele se virou para fitar os anjos. — Vamos visitar todas as bibliotecas, arquivos desta cidade, até...

Roland parecia em dúvida.

— Deve haver centenas de bibliotecas em Viena.

— E vamos tentar não ser tão destrutivos dentro delas, que tal? — sugeriu Annabelle, inclinando a cabeça em direção a Ariane. — Os mortais também se importam com seu passado.

Sim, pensou Luce. Os mortais se importam bastante com seu passado. As recordações das vidas passadas dela vinham à tona com cada vez mais frequência. Não conseguia impedi-las ou fazer com que viessem mais devagar. Enquanto os anjos preparavam as asas para o voo, Luce permanecia imóvel, debilitada por uma recordação bastante intensa.

Fitas de prender os cabelos carmesins. Daniel e a feirinha de Natal. Uma tempestade súbita e ela sem casaco. Da última vez em que estivera em Viena... havia mais coisas naquela história... algo mais... uma campainha...

— Daniel! — Luce agarrou o ombro dele. — E a biblioteca à qual você me levou? Lembra-se? — Ela fechou os olhos. Não estava pensando, mas sentindo, revivendo uma recordação enterrada superficialmente em seu cérebro. — Viemos a Viena para passar o final de semana... Não me lembro de quando, mas fomos assistir a Mozart reger *A Flauta Mágica*... no *Theater an der Wien*? Você queria reencontrar um amigo que trabalhava numa biblioteca antiga; o nome dele era...

Ela parou, pois, quando abriu os olhos, percebeu que os outros a observavam, incrédulos. Ninguém, muito menos Luce, esperara que fosse *ela* a pessoa a se lembrar de onde eles iriam encontrar o desideratum.

Daniel se recobrou primeiro. Ele lhe lançou um sorriso esquisito, que Luce sabia estar cheio de orgulho. Mas Ariane, Roland e Annabelle continuaram a fitá-la como se de repente tivessem percebido que sabia falar chinês. O que, pensando bem, ela sabia.

Ariane rodou um dedo dentro do ouvido.

— Será que preciso diminuir o uso de drogas psicodélicas ou LP acabou de se lembrar de uma de suas vidas passadas no momento mais crucial possível?

— Você é um gênio! — disse Daniel, inclinando-se na direção dela e beijando-a apaixonadamente.

Luce corou e se inclinou para fazer o beijo durar um pouco mais, então ouviu uma tosse.

— Bem, falando sério, vocês dois — repreendeu Annabelle. — Depois haverá tempo o suficiente para o agarra-agarra se conseguirmos completar nossa tarefa.

— Eu diria para vocês arrumarem um quarto, mas se isso acontecesse acho que não os veríamos nunca mais — completou Ariane, o que fez todos caírem na risada.

Quando Luce abriu os olhos, Daniel havia descerrado as asas. As pontas afastaram pedaços de gesso e bloquearam os anjos da Balança da vista. A alça da mochila de couro preta que continha o halo estava pendurada no ombro dele.

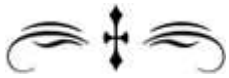
Os Párias juntaram as setas estelares caídas e as colocaram de volta nas bainhas prateadas.

— Voe na velocidade do vento, Daniel Grigori.

— Vocês também — disse Daniel, assentindo para Phil. Virou Luce de modo que as costas dela ficaram apoiadas contra o peito de Daniel e seus braços envolvessem a cintura dela. Eles entrelaçaram as mãos sobre o coração dela.

— A Biblioteca da Fundação — disse Daniel para os demais anjos. — Sigam-me, sei exatamente onde fica.

NOVE



O DESIDERATUM

Uma neblina envolvia os anjos. Sobrevoaram o rio, quatro pares de asas fazendo um barulho tremendo cada vez que batiam. Voavam todo o tempo baixo o suficiente para que o brilho alaranjado dos postes servisse de guia, como luzes na pista de pouso de um aeroporto. Esse voo, contudo, não teve pouso.

Daniel estava nervoso. Luce podia sentir a tensão percorrendo todo o corpo dele: nos braços que lhe envolviam a cintura, nos ombros, alinhados aos dela, até mesmo na maneira como as asas largas batiam acima. Sabia como ele se

sentia; estava tão ansiosa para chegar à biblioteca da Fundação quanto o abraço de Daniel sugeria que ele estava.

Apenas alguns marcos da cidade sobressaíam por entre a neblina. Havia o pináculo da enorme igreja gótica, e a roda-gigante escurecida com suas cabines vermelhas vazias balançando ao vento noturno. Havia o domo de cobre verde do palácio onde pousaram ao chegarem a Viena.

Mas espere aí... Já haviam passado pelo palácio. Talvez meia hora atrás. Luce tentou enxergar Olianna, a quem o anjo da Balança deixara inconsciente. Não a havia visto no telhado naquela ocasião e não a via agora também.

Por que estavam voando em círculos? Estariam perdidos?

— Daniel?

Ele não respondeu.

Sinos de igreja soaram à distância. Era a quarta vez que tocavam desde que Luce, Daniel e os demais haviam levantado voo através do teto quebrado do museu. Eles estavam voando há bastante tempo. Poderia mesmo ser três horas da manhã?

— *Onde* fica? — murmurou Daniel entredentes, guinando para a esquerda, seguindo o curso do rio e depois indo em outra direção, através de uma avenida larga cheia de escuras lojas de departamento. Luce também já tinha visto aquela rua. Estavam voando em círculos.

— Achei que você havia dito que sabia exatamente onde ficava! — disse Ariane, saindo da formação na qual estiveram voando até então — Daniel e Luce na frente, com Roland, Ariane e Annabelle formando um triângulo fechado atrás deles —, e se posicionando a mais ou menos três metros abaixo de Daniel e Luce, próximo o suficiente para poder falar. Os cabelos estavam emaranhados e suas asas iridescentes se movimentavam rapidamente para dentro e para fora da névoa.

— Eu *sei* onde fica — disse Daniel. — Ou, pelo menos, sei onde *ficava*.

— Você tem um senso de direção tortuoso, Daniel.

— Ariane. — Roland usou o tom de voz de advertência que reservava para as frequentes situações nas quais Ariane ia longe demais. — Deixe que ele se concentre.

— Tá, tá, tá — disse Ariane, revirando os olhos. — Melhor retornar para a "formação". — Ela batia as asas da mesma forma que algumas garotas piscavam os cílios, fez o sinal de paz e amor com os dedos e retomou seu lugar lá atrás.

— Muito bem, então onde *ficava* a biblioteca? — perguntou Luce.

Daniel suspirou, recolheu as asas um pouco e baixou cerca de 15 metros. O vento gelado bateu no rosto de Luce.

Sentiu um frio na barriga enquanto mergulhavam verticalmente, depois voltou ao normal quando Daniel parou de modo abrupto, como se tivesse pousado numa corda bamba invisível sobre uma rua residencial.

A rua estava quieta, vazia e escura. Apenas duas longas fileiras de casas de pedra se estendiam de cada um dos lados. As cortinas estavam fechadas. Pequenos carros estavam estacionados em estreitos espaços na rua. Jovens carvalhos pontuavam a calçada de pedra que se estendia pelos jardins bem-cuidados das casas.

Os outros anjos pairaram de cada um dos lados de Daniel e Luce, a cerca de seis metros do nível da rua.

— Era aqui que ficava — disse Daniel. — Era *aqui*. A seis quadras do rio, a oeste de Türkenschanzpark. Juro que era. Nada disto — fez um gesto, mostrando as casas abaixo deles — estava aqui.

Annabelle fez uma careta e abraçou os joelhos, deixando as asas prateadas baterem lentamente para mantê-la no ar. Os tornozelos erguidos revelaram meias listradas cor-de-rosa por baixo das calças jeans.

— Você acha que foi destruída?

— Se foi — disse Daniel —, não faço a menor ideia de como recuperar o desideratum.

— Estamos ferrados — disse Ariane, chutando uma nuvem, frustrada. Olhou para os pedaços da nuvem que voaram para leste, inalterados. — Isto nunca é tão satisfatório quanto eu penso que vai ser.

— Talvez seja melhor a gente ir para Avalon — sugeriu Roland. — Verificar se o grupo de Cam teve mais sorte.

— Precisamos das três relíquias — retrucou Daniel.

Luce se virou um pouco nos braços do anjo para poder encará-lo.

— É apenas um obstáculo. Pense em tudo que tivemos de enfrentar em Veneza. Mas ainda assim conseguimos o halo. Vamos encontrar o desideratum também. É só isto que importa. Qual foi a última vez que algum de nós esteve nessa biblioteca, há duzentos anos? É claro que as coisas vão mudar, mas isso não significa que devemos desistir. Só temos de... temos de...

Todos estavam olhando para ela. Luce, porém, não sabia o que fazer. Só sabia que eles não podiam desistir.

— A menina tem razão — disse Ariane. — Não vamos desistir. Nós...

Ariane parou de falar quando suas asas começaram a estremecer.

Então Annabelle gemeu. Seu corpo se contorceu no ar enquanto as asas também vibravam. As mãos de Daniel

tremeram de encontro ao corpo de Luce quando o céu enevoado mudou para aquele tom de cinza característico — a cor de uma tempestade no horizonte — que Luce agora reconhecia como sendo a cor de um tempomoto.

Lúcifer.

Ela quase conseguia ouvir o silvo da voz de Daniel, sentir o hálito dele contra seu pescoço. Os dentes de Luce batiam, mas também sentiu aquilo mais profundamente, no âmago, cru e turbulento, como se tudo dentro dela estivesse sendo alinhado como uma corrente.

Os prédios abaixo deles emitiram luzes fracas. Postes de luz partiram-se ao meio. Os próprios átomos do ar pareciam se fraturar. Luce se perguntou o que o tempomoto estaria causando às pessoas da cidade abaixo deles, que dormiam em suas camas. Será que podiam senti-lo? Se não, ela os invejava.

Tentou chamar o nome de Daniel, mas o som de sua voz saiu deformado, como se estivesse embaixo d'água. Ela fechou os olhos, mas isso a fez se sentir nauseada. Abriu-os e tentou focar nos prédios sólidos, balançando em suas fundações até se transformarem em borrões brancos abstratos.

Então Luce viu que uma estrutura permanecia firme, como se fosse invulnerável às flutuações do cosmo. Era um

pequeno prédio marrom, uma casa, bem no meio da rua branca estremecida.

Aquela casa não estava ali um momento antes. Parecia que havia surgido do nada, sendo visível apenas por um momento, antes de se partir ao meio e desaparecer novamente em meio às construções modernas e monocromáticas.

Mas por um instante a casa estivera ali, uma coisa fixa em meio ao caos, ao mesmo tempo distante e pertencente àquela rua de Viena.

O tempomoto parou e o mundo ao redor de Luce e dos anjos ficou quieto. Nenhum momento era tão silencioso quanto os instantes que se seguiam a um terremoto no tempo.

— Vocês viram aquilo? — gritou Roland, feliz.

Annabelle balançou as asas, arrumando as pontas com os dedos.

— Ainda estou me recuperando do último abalo. Eu *odeio* essas coisas.

— Eu também — tremeu Luce. — Vi algo, Roland. Uma casa marrom. Era a Biblioteca da Fundação?

— Sim. — Daniel sobrevoou em círculos o local onde Luce havia visto a casa, fixando os olhos ali.

— Talvez esses tempomotos *sirvam* para alguma coisa — comentou Ariane.

— Mas para onde foi a casa? — perguntou Luce.

— Ainda está lá. Só não está visível agora — respondeu Daniel.

— Já ouvi algumas lendas sobre essas coisas. — Roland passou os dedos pelos cachos pretos. — Mas jamais acreditei que fosse possível.

— Que coisas? — Luce piscou, tentando enxergar a construção marrom novamente; contudo, a fileira de casas modernas continuava lá. O único movimento na rua era dos galhos de árvores desfolhados, que balançavam ao sabor do vento.

— Chama-se pátina — respondeu Daniel. — É uma forma de dobrar a realidade ao redor de uma unidade de tempo e espaço...

— É uma reorganização da realidade para manter algo em segredo — acrescentou Roland, voando ao lado de Daniel e olhando para baixo, como se ainda pudesse enxergar a casa.

— Então quer dizer que, embora esta rua exista numa linha contínua através da realidade — disse Annabelle, apontando as casas lá embaixo —, sob esta mesma realidade

existe uma outra, independente, na qual esta rua leva à nossa Biblioteca da Fundação.

— Pátinas são as fronteiras entre as realidades — disse Ariane, enfiando os dedos nos suspensórios do macacão. — Um espetáculo de luzes que apenas as pessoas *especiais* conseguem enxergar.

— Vocês parecem saber bastante sobre essas coisas — comentou Luce.

— Sim — zombou Ariane, quase prestes a chutar outra nuvem —, só não sabemos como chegar lá.

Daniel assentiu.

— Pouquíssimas entidades são fortes o suficiente para criar pátinas, e aquelas que o são acabam sendo bem guardadas. A biblioteca está aqui, mas Ariane tem razão. Precisamos descobrir como entrar.

— Ouvi dizer que é necessário um Anunciador para conseguir entrar — disse Ariane.

— Isso é uma lenda cósmica — retrucou Annabelle, balançando a cabeça. — Cada pátina é diferente da outra. O acesso fica inteiramente a cargo do criador. Ele programa o código.

— Certa vez ouvi Cam contar uma história durante uma festa sobre como conseguiu entrar numa — lembrou Roland.

— Ou será que foi uma história sobre uma festa que ele fez numa pátina?

— Luce! — disse Daniel subitamente, fazendo com que todos paralisassem no ar. — É você. Durante todo o tempo, foi você!

Luce deu de ombros.

— Fui eu o quê?

— A pessoa que tocou a campainha. Você era a pessoa que tinha acesso à biblioteca. Basta tocar a campainha.

Luce observou a rua vazia, a neblina envolvendo tudo ao redor.

— Do que você está falando? Que campainha?

— Feche os olhos — disse Daniel. — Lembre. Entre no passado e encontre a campainha...

Luce já estava lá, de volta à biblioteca, na última vez em que estivera em Viena com Daniel. Seus pés tocavam o chão com firmeza. Chovia e os cabelos estavam grudados no rosto. Seus laços de fita carmesim, ensopados, mas ela não se importava. Estava procurando por alguma coisa. Uma pequena trilha levava até o pátio, então havia uma alcova escura do lado de fora da biblioteca. Estava frio lá fora e, dentro do prédio, uma lareira tinha sido acesa. Ali, num canto úmido próximo à porta, via-se um cordão de tear,

adornado com peônias brancas, pendendo de um grande sino prateado.

Ela levantou a mão e puxou a corda.

Os anjos ofegaram. Luce abriu os olhos.

Ali, no centro da área norte da rua, a fileira de casas modernas foi quebrada ao meio por uma pequena casa marrom. Uma espiral de fumaça subia da chaminé. A única luz — além do fulgor das asas dos anjos — era o brilho fraco de uma lamparina na janela da frente da casa.

Os anjos desceram devagar e pousaram na rua vazia. Daniel soltou as mãos que trazia ao redor da cintura de Luce e beijou a mão dela.

— Você se lembrou. Muito bem!

A casa marrom era térrea, enquanto as demais casas da rua tinham três andares, tornando possível ver outras fileiras de casas brancas nas ruas paralelas. A casinha era uma anomalia: Luce analisou seu teto de colmo, o portão adornado no canto de um quintal bem-cuidado, a porta assimétrica de madeira, detalhes que a faziam parecer uma casa da Idade Média.

Luce deu um passo em direção à casa e viu-se em uma calçada. Seus olhos pousaram na grande placa de bronze afixada nas paredes de barro. Era um marco histórico, onde

estava entalhado em letras grandes: *Biblioteca da Fundação, desde 1233*.

Ela olhou ao redor da rua, que era comum exceto pela casinha. Havia baldes de lixo reciclável cheios de garrafas plásticas, pequenos carros europeus estacionados tão próximos entre si que seus para-choques quase se tocavam, alguns buracos no pavimento.

— Então estamos numa rua de verdade, em Viena...

— Exatamente — disse Daniel. — Se fosse de dia, você veria os vizinhos, mas eles não veriam você.

— E as pátinas são comuns? — perguntou Luce. — Havia uma sobre a cabana onde dormi na ilha, na Geórgia?

— São bastante incomuns. Na verdade são coisas preciosas. — Daniel balançou a cabeça. — Aquela cabana foi o abrigo de última hora mais oculto que pudemos encontrar.

— A pátina de um homem pobre — disse Ariane.

— Na verdade, a casa de verão do Sr. Cole — completou Roland.

O Sr. Cole era um dos professores da Sword & Cross. Era mortal, mas era amigo dos anjos desde a chegada destes à escola, e estava dando cobertura para Luce agora que ela havia ido embora. Era graças ao Sr. Cole que os pais dela não estavam preocupados mais do que o normal com Luce.

— E como são criadas? — perguntou Luce.

Daniel balançou a cabeça.

— Ninguém sabe, exceto o criador da pátina. E existem pouquíssimas. Você se lembra do meu amigo, Dr. Otto?

Ela assentiu. O nome do doutor estivera na ponta da língua de Luce.

— Ele morou aqui durante várias centenas de anos, mas nem mesmo ele sabia como esta pátina chegou até aqui. — Daniel estudou o prédio. — Não sei quem é o bibliotecário agora.

— Vamos — disse Roland. — Se o desideratum está aqui, precisamos encontrá-lo e ir embora de Viena antes que a Balança se reorganize e nos encontre.

Abriu a trava do portão e o manteve aberto para que os outros passassem. O caminho de seixos que levava até a casa marrom estava repleto de frésias roxas e orquídeas brancas, enchendo o ar com um perfume adocicado.

O grupo alcançou a pesada porta de madeira com seu topo arqueado e aldrava de ferro, e Luce segurou a mão de Daniel. Annabelle bateu.

Não houve resposta.

Então Luce olhou para cima e viu uma corda atada a um sino, enfeitada como aquela que ela havia tocado no ar. Olhou para Daniel. Ele assentiu.

Luce puxou a corda e a porta se abriu lentamente, como se a casa os estivesse esperando. Espiaram através de um corredor iluminado à luz de velas, tão comprido que Luce não conseguia ver o final. O interior era bem maior do que a parte externa sugeria; o teto era baixo e curvado, como o túnel de um trem através de uma montanha. Tudo era feito de belos tijolos cor-de-rosa claro.

Os outros anjos seguiram Daniel e Luce, os únicos que já haviam estado ali. Daniel foi o primeiro a cruzar a soleira, entrando no corredor de mãos dadas com Luce.

— Olá? — chamou ele.

A luz das velas bruxuleava sobre os tijolos cor-de-rosa enquanto os anjos entravam, e Roland fechou a porta. Durante esse tempo, Luce estava atenta ao silêncio do corredor, ao eco que os passos deles faziam no chão liso de pedra.

Parou diante da primeira porta aberta do lado esquerdo quando uma lembrança preencheu sua mente.

— Aqui — disse ela, apontando para dentro do cômodo. Estava escuro, a não ser pelo brilho amarelo de uma lamparina na janela, a mesma luz que eles haviam visto pelo lado de fora da casa. — Não era aqui o escritório do Dr. Otto?

Estava escuro demais para ver claramente, mas Luce lembrou-se do fogo ardendo na lareira, do outro lado do quarto. Em sua memória, a lareira era ladeada por dezenas de estantes, cheias de livros com lombadas de couro do Dr. Otto. Por acaso seu antigo eu não havia se aninhado perto da lareira, com os pés metidos em meias de lã, lendo o quarto volume das *Viagens de Gulliver*? E não tinha a cidra servida abundantemente pelo doutor, enchido o ar com um perfume de maçã, cravo e canela?

— Você tem razão. — Daniel pegou um candelabro de uma alcova na parede do corredor e o levou para dentro, para iluminar um pouco mais o cômodo. Porém a grade de proteção da lareira estava fechada, assim como a antiga escrivaninha de madeira no canto, e, mesmo com o calor das velas, o quarto parecia frio e velho. As prateleiras estavam deformadas e envelhecidas por causa do peso dos livros, que pareciam cobertos por uma camada de poeira. A janela que outrora dava para uma rua residencial movimentada trazia fechadas as cortinas verde-escuras, dando ao quarto a aparência de abandono. — Não é de admirar que não tenha respondido a nenhuma de minhas cartas — disse Daniel. — Parece que o doutor foi embora.

Luce caminhou em direção às prateleiras de livros e passou os dedos por uma lombada empoeirada.

— Você acha que algum destes pode conter o desejado objeto que procuramos? — perguntou Luce, pegando um dos livros da prateleira: *Canzoniere*, de Petrarca, composto em tipos góticos. — Tenho certeza de que o Dr. Otto não se importaria se déssemos uma olhada por aqui para tentar achar o desi...

Ela parou de falar. Ouvira algo: o canto suave de uma mulher.

Os anjos se entreolharam quando outro som vindo da biblioteca escura chegou até eles. Agora, juntando-se à música fantasmagórica, havia o som de passos e o guincho agudo de um carro com rodinhas sendo empurrado. Daniel caminhou em direção à porta aberta e Luce seguiu atrás dele, observando o corredor cautelosamente.

Uma sombra escura apareceu, indo em direção a eles. As velas bruxuleavam nas alcovas de pedra rosada do corredor, distorcendo a sombra, fazendo com que seus braços parecessem fantasmagóricos e extremamente longos.

A dona da sombra, uma mulher magra vestindo uma saia lápis cinza, um cardigã mostarda e sapatos pretos de saltos altíssimos, caminhava em direção a eles, empurrando uma elegante bandeja de chá com rodinhas. Seus cabelos ruivos estavam presos num coque. Elegantes argolas de ouro

brilhavam em suas orelhas. Algo na maneira como caminhava, em seu comportamento, parecia familiar.

Enquanto a mulher cantarolava, levantou a cabeça ligeiramente, lançando a sombra de seu perfil na parede. A curvatura do nariz, o queixo baixo, o maxilar saliente, tudo isso deu a Luce uma sensação de *déjà vu*. Ela repassou suas vidas passadas, tentando se lembrar de onde a conhecia.

De repente, Luce ficou pálida. Nem toda a tintura para cabelo do mundo poderia enganá-la.

A mulher empurrando o carrinho era a Srta. Sophia Bliss.

Antes que pudesse pensar, Luce agarrou um atiçador de lareira guardado num canto próximo à porta da biblioteca. Ergueu a vareta como uma arma, travando as mandíbulas com força, o coração batendo depressa, e pulou no corredor.

— Luce! — chamou Daniel.

— Dee? — gritou Ariane.

— Sim, querida? — disse a mulher, um segundo antes de perceber que Luce estava investindo contra ela. Pulou ao mesmo tempo em que Daniel agarrou Luce, bloqueando o golpe.

— O que você está fazendo? — sussurrou Daniel.

— Ela... ela... — Luce lutava contra Daniel, tentando soltar as mãos dele de sua cintura. Aquela mulher havia

assassinado Penn. Tentara matar Luce. Por que ninguém mais queria matá-la?

Ariane e Annabelle correram em direção à Srta. Sophia e a envolveram num abraço duplo.

Luce piscou.

Annabelle beijou as bochechas alvas da mulher.

— Não a vejo desde a Revolta dos Camponeses em Nottingham... Quando foi isso, 1380?

— Tenho certeza de que não foi há tanto tempo — disse a mulher, educadamente, a voz com a mesma entonação simpática de bibliotecária que havia usado na Sword & Cross, quando tentou ludibriar Luce para que gostasse dela. — Foi uma época maravilhosa.

— Também não a vejo faz tempo — falou Luce, irritada. Ela se soltou das mãos de Daniel e levantou o ferro novamente, desejando que fosse uma arma mais mortal. — Desde que você assassinou minha amiga...

— Oh, querida. — A mulher não se mexeu. Observou Luce caminhar até ela e levou um dedo magro aos lábios. — Você deve estar me confundindo.

Roland deu um passo à frente, separando Luce da Srta. Sophia.

— É que você se parece com outra pessoa. — A mão calma dele pousou no ombro de Luce e a fez parar.

— O que quer dizer? — indagou a mulher.

— Ah, é claro! — Daniel deu um sorriso triste para Luce. — Você pensou que ela era... deveríamos ter dito a você que os transeternos normalmente se parecem.

— Você quer dizer que ela não é a Srta. Sophia?

— Sophia Bliss? — A mulher fez cara de quem tinha comido algo azedo. — Essa vadia ainda anda por aí? Estava certa de que, a essa altura, alguém já teria acabado com ela. — Torceu o nariz e deu de ombros, olhando para Luce. — Ela é minha irmã, por isso posso apenas demonstrar uma pequena porcentagem da raiva que acumulei daquela megera nojenta ao longo dos anos.

Luce soltou um risinho nervoso. O atiçador escorregou da mão e caiu no chão. Ela estudou a velha senhora, encontrando similaridades em relação à Srta. Sophia — um rosto que parecia velho e jovem ao mesmo tempo — e também diferenças. Comparados aos olhos pretos de Sophia, os olhos pequeninos da mulher pareciam quase dourados, realçados ainda mais pelo tom amarelado do cardigã.

A cena com o atiçador de fogo deixou Luce envergonhada. Ela se encostou contra a parede e desabou no chão, sentindo-se vazia, sem saber se ficava ou não aliviada por não precisar encarar a Srta. Sophia novamente.

— Desculpe.

— Não se preocupe, querida — disse a mulher com jovialidade. — O dia que eu encontrar Sophia novamente, agarrarei o objeto pesado mais próximo e a arrebentarei eu mesma.

Ariane estendeu a mão para ajudar Luce a se levantar, puxando-a com tanta força que seus pés se ergueram do chão.

— Dee é uma velha amiga. E devo dizer também que é uma rata de festas de primeira classe. Tem o metabolismo de um burro. Ela quase levou as Cruzadas a um hiato na noite em que seduziu Saladino.

— Ah, deixe disso — falou Dee, balançando a mão.

— Ela também é a melhor contadora de histórias do mundo — disse Annabelle. — Ou pelo menos era, antes de sumir da face da Terra. Onde você esteve escondida, mulher?

A outra soltou um suspiro e seus olhos dourados ficaram mareados.

— Na verdade, eu me apaixonei.

— Oh, Dee! — murmurou Annabelle, pegando a mão da mulher. — Que maravilha!

— Otto Z. Otto — fungou a mulher. — Que ele descanse...

— O Dr. Otto — interrompeu Daniel, dando um passo adiante. — Você conhecia o Dr. Otto?

— De trás para a frente — disse a misteriosa senhora num tom choroso.

— Opa, que educação a minha! — disse Ariane. — Precisamos fazer as apresentações. Daniel, Roland, acredito que vocês não conheceram oficialmente nossa amiga Dee...

— Muito prazer. Sou Paulina Serenity Bisenger — sorriu a mulher, enxugando os olhos com um lenço bordado e estendendo a mão para Daniel e então para Roland.

— Sra. Bisenger — disse Roland. — Posso ter a ousadia de perguntar por que as garotas a chamam de Dee?

— É apenas um velho apelido, meu amor — comentou a mulher, oferecendo o tipo de sorriso enigmático que era a especialidade de Roland. Quando se virou para Luce, os olhos dourados se iluminaram.

— Ah, Lucinda. — Em vez de estender a mão, Dee abriu os braços para enlaçá-la, mas Luce sentiu-se estranha aceitando o abraço. — Perdão pela infeliz semelhança que te causou tanto pavor. Devo acrescentar que é minha irmã que se parece comigo; *eu* não me pareço com *ela*. Mas eu e você nos conhecemos tão bem durante tantas vidas, durante tantos anos, que me esqueço que você podia não se lembrar. Foi a mim que você confiou seus maiores segredos: o amor por Daniel, os medos em relação ao futuro, os sentimentos confusos por Cam. — Luce corou, mas a mulher não

percebeu. — E foi a você que confiei a razão da minha existência, assim como a chave para tudo aquilo que procura. Você era a inocente em quem eu sabia que sempre poderia confiar para fazer o que precisava ser feito.

— Eu... eu sinto muito, mas não me lembro — gaguejou Luce. — Você é um anjo?

— Transeterna, querida.

— Tecnicamente eles são mortais — explicou Daniel —, mas podem viver por centenas, até mesmo milhares de anos. Há muito tempo trabalham com os anjos.

— Tudo começou com meu bisavô Matusalém — disse Dee, orgulhosa. — Ele inventou a oração. Inventou, sim!

— Como ele fez isso? — perguntou Luce.

— Bem, antigamente, quando os mortais queriam alguma coisa, simplesmente *desejavam* essa coisa de forma aleatória. Meu bisavô foi o primeiro a apelar para Deus diretamente e, essa é a parte genial, pediu uma mensagem para confirmar que havia sido ouvido. Deus respondeu com um anjo, e o anjo mensageiro nasceu. Foi Gabbe, eu acho, que esculpiu o espaço aéreo entre o Céu e a Terra para que as preces dos mortais pudessem fluir mais livremente. Meu bisavô amava Gabbe, amava os anjos, e ensinou a toda sua família a amá-los também. Ah, mas isso foi há muitos anos.

— Por que os transeternos vivem tanto? — perguntou Luce.

— Porque somos iluminados. Graças ao histórico de nossa família com os anjos e ao fato de sermos capazes de receber a glória de um anjo sem sermos destruídos, como ocorre com muitos mortais, somos recompensados com uma existência mais longa. Nós somos o ponto de ligação dos anjos com os outros mortais, assim o mundo sempre poderá ter um senso de tutela angelical. Podemos ser mortos a qualquer momento, é claro, mas, a não ser em caso de assassinatos e terríveis acidentes, um transeterno pode viver até o fim dos dias. Os 24 de nós que restam são os últimos descendentes vivos de Matusalém. Costumávamos ser pessoas exemplares, mas me envergonho em dizer que estamos em declínio. Você já ouviu falar dos Anciãos de Zhsmaelim?

A simples menção do nome do clã da Srta. Sophia fez com que o corpo de Luce se arrepiasse.

— Todos eles são transeternos — disse Dee. — Os Anciãos *começaram* nobres. Houve um tempo em que eu mesma era envolvida com eles. É claro, todos os bons desertaram — ela olhou para Luce e franziu a testa — não muito tempo depois de sua amiga Penn ser assassinada. Sophia sempre teve um veio cruel. Agora ela ficou ambiciosa. — Dee fez uma pausa e pegou um lenço branco para polir

uma quina do carrinho de chá prateado. — Quantas coisas ruins para falar durante o nosso reencontro. Mas há um lado positivo: você se lembrou de como viajar através de minha pátina. — Dee olhou para Luce. — Excelente trabalho.

— *Você* criou aquela pátina? — perguntou Ariane. — Eu não fazia a menor ideia de que era capaz disso!

Dee ergueu uma sobrancelha, sorrindo levemente.

— Uma mulher não pode revelar *todos* os seus segredos, assim não podem tirar vantagem dela. Certo, garotas? — Fez uma pausa. — Bem, agora que somos todos amigos novamente, o que os traz à Fundação? Já ia me sentar para tomar meu chá de jasmim. Precisam me acompanhar, sempre faço chá demais.

Ela se afastou para revelar a bandeja prateada completa com uma grande chaleira de prata, um prato de porcelana com sanduíches de pepino sem casca, bolinhos fofinhos com uvas-passas brancas e uma tigela de cristal cheia de cerejas e creme. O estômago de Luce roncou ao ver comida.

— Então você estava nos esperando — disse Annabelle, contando as xícaras na bandeja.

Dee sorriu, virou-se e continuou a empurrar o carrinho pelo corredor. Luce e os anjos caminharam apressados para acompanhá-la enquanto os saltos de Dee batiam no chão. Ela dobrou à direita, entrando num cômodo grande feito do

mesmo tijolo cor-de-rosa. Havia uma lareira acesa no canto, uma mesa de jantar de carvalho polido capaz de acomodar sessenta pessoas e um lustre enorme feito do tronco petrificado de uma árvore e decorado com centenas de castiçais de cristal reluzente.

A mesa já estava arrumada com mais louças de porcelana elegante do que o número de pessoas do grupo. Dee começou a encher as xícaras com o chá fumegante cor de âmbar.

— É uma reunião muito informal, por favor sentem-se onde desejarem.

Após alguns olhares de Daniel, Ariane finalmente se adiantou e tocou Dee — que estava colocando uma colherada de creme num potinho e cobrindo-o com fruta — levemente nas costas.

— Na verdade, Dee, não poderemos ficar para o chá. Estamos com um pouco de pressa. Sabe...

Daniel tomou a frente.

— As notícias a respeito de Lúcifer já chegaram a você? Ele está tentando apagar o passado, carregando o grupo de anjos da época da Queda para o presente.

— Isto explica o tremor — murmurou Dee, enchendo outra xícara com chá.

— Também consegue sentir os tempomotos? — perguntou Luce.

Dee assentiu.

— Mas a maioria dos mortais não consegue, caso você esteja se perguntando.

— Viemos até aqui porque precisamos rastrear o local original da Queda — disse Daniel. — O local onde Lúcifer e o grupo do Céu irão aparecer. Precisamos impedi-lo.

Dee parecia estranhamente concentrada no ritual do chá, continuando a servir os sanduíches de pepino. Os anjos aguardavam pela resposta dela. Uma tora de madeira estalou na lareira e passou pela grade de proteção.

— E tudo isso porque um garoto amou uma garota — disse ela finalmente. — Que horror. Essas coisas realmente trazem à tona o que há de pior em todos os velhos inimigos, não? Os anjos da Balança, desarticulados, os Anciãos matando inocentes. Tantas coisas desagradáveis. Como se vocês, anjos caídos, não tivessem o bastante com que se preocupar. Devem estar terrivelmente cansados. — Ela deu um sorriso tranquilizador para Luce e gesticulou novamente para que se sentassem.

Roland puxou a cadeira à cabeceira da mesa para Dee e se sentou no assento à esquerda dela.

— Talvez possa nos ajudar. — Ele acenou para que os outros sentassem também.

Annabelle e Ariane sentaram-se ao lado dele, enquanto Luce e Daniel sentaram do outro lado da mesa. Luce pousou a mão sobre a de Daniel, entrelaçando-lhe os dedos.

Dee passou as últimas xícaras de chá ao redor da mesa. Após o tilintar de porcelana e o som de colheres remexendo o açúcar dentro do chá, Luce pigarreou:

— Nós iremos impedir Lúcifer, Dee.

— Eu espero que sim.

Daniel apertou os dedos de Luce.

— Agora estamos à procura de três objetos que contam a história inicial dos caídos. Quando reunidos, devem revelar o local original da Queda.

Dee bebericou o chá.

— Garoto esperto. Tiveram sorte?

Daniel pegou a mochila de couro e abriu o zíper, revelando o halo de ouro e vidro. Uma eternidade havia se passado desde que Luce mergulhara em busca da igreja submersa e tirara o halo da cabeça de uma estátua.

A testa de Dee se enrugou.

— Sim, eu me lembro disso. O anjo Semihazah a criou, não foi? Mesmo na pré-história, ele tinha um senso de estética genial. Não havia textos escritos para ele satirizar, por

isso fez o halo como um tipo de crítica à maneira como os artistas mortais tentavam capturar o brilho angelical. Divertido, não? Imagine carregar uma horrenda... bola de basquete na cabeça. Dois pontos e tudo o mais.

— Dee. — Ariane enfiou a mão dentro da mochila e pegou o livro de Daniel, depois passou os dedos pelas páginas até encontrar uma anotação na margem de uma delas a respeito do desideratum. — Viemos até Viena para encontrar isto — apontou ela —, o objeto desejado. Mas o tempo está acabando e não sabemos o que é ou onde encontrá-lo.

— Que esplêndido. Vocês vieram ao lugar certo.

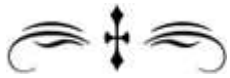
— Eu sabia! — festejou Ariane. Ela se recostou na cadeira e deu um tapinha nas costas de Annabelle, que comia um bolinho educadamente. — Assim que eu a vi, sabia que ficaríamos bem. Você está com o desideratum, não é?

— Não, querida. — Dee balançou a cabeça.

— Então... o quê? — perguntou Daniel.

— Eu *sou* o desideratum. — Ela sorriu. — Estou esperando há um longo tempo para ser chamada ao serviço.

DEZ



SETA ESTELAR NA POEIRA

— *Você é* o desideratum? — O sanduíche de pepino de Luce escorregou de seus dedos e bateu na xícara de chá, deixando uma mancha de maionese na toalha de renda bordada.

Dee os fitou. Havia um brilho quase travesso em seus olhos dourados, que a fazia parecer mais uma adolescente do que uma mulher de muitas centenas de anos de idade. Enquanto prendia uma mecha brilhante de seus cabelos ruivos de volta ao coque e servia mais chá para todos, era difícil entender que aquela criatura elegante e vibrante era também, na realidade, um artefato.

— Foi por isso que recebeu o apelido de Dee, não foi? — perguntou Luce.

— Sim. — Dee parecia satisfeita. Deu uma piscadela para Roland.

— Então você sabe onde é o local da Queda?

A pergunta fez com que todos escutassem atentamente. Annabelle se endireitou na cadeira, esticando seu pescoço longo. Ariane fez o oposto: se afundou no assento, colocando os cotovelos na mesa e deixando o queixo pousado sobre as mãos cruzadas. Roland se inclinou para a frente e jogou os dreadlocks para trás de um dos ombros. Daniel apertou a mão de Luce. Seria Dee a resposta para todas as perguntas que tinham?

Ela balançou a cabeça.

— Eu posso ajudá-los a descobrir onde aconteceu a Queda. — Dee pousou a xícara no pires. — A resposta está dentro de mim, mas não consigo expressá-la de nenhum jeito que eu ou vocês consigam compreender. Não até que todas as peças estejam no lugar certo.

— O que você quer dizer com "no lugar certo"? — perguntou Luce. — Como saberemos quando isso acontecer?

Dee caminhou até a lareira e usou o atiçador para recolocar a tora caída de volta ao fogo.

— Vocês saberão. Todos saberemos.

— Mas você sabe ao menos onde está o terceiro artefato? — Roland passou um prato com rodelas de limão ao redor da mesa, colocando uma dentro de sua xícara de chá.

— Na verdade, sei.

— Nossos amigos — disse Roland —, Cam, Gabbe e Molly foram a Avalon para procurá-lo. Se você puder ajudá-los a localizar o...

— Sabem tão bem quanto eu que os anjos devem localizar os artefatos sozinhos, Sr. Espertinho.

— Achei que fosse dizer isto. — Ele se recostou novamente na cadeira, observando Dee. — Por favor, me chame de Roland.

— E eu achei que fosse perguntar, Roland. — Ela sorriu. — Fico feliz que tenha perguntado. Isso me faz sentir que vocês confiam em mim para ajudá-los a derrotar Lúcifer. — Inclinou a cabeça em direção a Luce. — A confiança é algo importante, não acha, Lucinda?

Luce olhou ao redor da mesa, para os anjos caídos que havia conhecido na Sword & Cross, eras antes.

— Eu acho.

Ela teve uma conversa bastante diferente com a Srta. Sophia certa vez, que havia descrito a confiança como uma negligência, "uma boa maneira de acabar morta". Era assustador como as duas eram parecidas fisicamente, embora

as palavras produzidas por suas almas distintas diferissem completamente.

Dee estendeu a mão em direção ao halo no centro da mesa.

— Posso?

Daniel estendeu a peça, que Luce sabia por experiência própria ser bastante pesada. Nas mãos de Dee, parecia não pesar nada.

Seus braços delgados eram quase insuficientes para abraçar a circunferência dourada, mas Dee embalou o halo como uma criança. Seu reflexo brilhava fraco no vidro.

— Outra reunião — disse baixinho, para si. Quando Dee ergueu os olhos, Luce não conseguiu decifrar se ela parecia triste ou contente. — Será maravilhoso quando o terceiro artefato estiver em nossas mãos.

— Das nossas bocas para os ouvidos de Deus — proferiu Ariane, derramando em seu chá algo que estava dentro de um frasco prateado.

— Essa foi a jornada de meu bisavô! — falou Dee, com um sorriso.

Todos riram nervosamente.

— Falando do terceiro artefato... — Dee olhou para um fino relógio de ouro enterrado entre suas muitas pulseiras de pérolas. — Alguém disse a vocês que devemos partir logo?

Houve um clamor de xícaras sendo pousadas em seus pires, cadeiras sendo arrastadas e asas se abrindo ao redor da mesa. De repente, a enorme sala de jantar parecia menor e mais clara, e Luce sentiu o arrepio de sempre percorrer seu corpo quando viu as asas de Daniel abertas.

Dee percebeu o olhar de Luce.

— São lindas, não?

Em vez de enrubescer por ter sido pega admirando Daniel, Luce apenas sorriu, pois sabia que Dee estava do lado deles.

— Todas as vezes.

— Para onde, capitão? — perguntou Ariane para Daniel, enfiando alguns bolinhos nos bolsos do casaco.

— De volta ao monte Sinai, certo? — perguntou Luce. — Não foi lá que combinamos de encontrar Cam e os outros?

Daniel olhou em direção à porta, agitado. Franziu a testa.

— Na verdade, não queria mencionar isso antes de termos encontrado o segundo artefato...

— Vamos, Grigori — disse Roland. — Desembuche.

— Antes de deixarmos o depósito — continuou Daniel —, Phil me disse que recebeu uma mensagem de um dos Párias que ele enviou a Avalon. O grupo de Cam foi interceptado...

— Pelos anjos da Balança? — perguntou Dee. — Eles ainda alimentam fantasias sobre sua importância para o equilíbrio cósmico?

— Não temos como saber com certeza — disse Daniel —, embora pareça provável. Vamos em direção a Pont Saint Bénézet, em Avignon. — Ele olhou para Annabelle, cuja face foi tomada por uma coloração escarlate.

— O quê? — gritou ela. — Por que para lá?

— Minhas anotações no *Livro dos Guardiões* sugerem que este seja o local aproximado do terceiro artefato. Deve ter sido a primeira parada de Cam, Gabbe e Molly.

Annabelle desviou o olhar e não disse mais nada. A atmosfera ficou séria enquanto todos permaneciam de pé na sala de jantar. Luce ficou tensa, preocupada com Cam e Molly, imaginando-os presos nas capas pretas dos anjos da Balança, assim como tinham feito com Ariane e Annabelle.

As asas dos anjos roçavam as paredes estreitas de pedra enquanto caminhavam pelo corredor interminável. Quando chegaram à porta arqueada de madeira que dava para a rua, Dee suspendeu uma tampa de ferro que cobria o olho mágico e ficou observando o exterior.

— Humm... — disse ela, fechando o olho mágico.

— O que foi? — perguntou Luce, mas, antes que pudesse completar, Dee já havia aberto a porta e gesticulava

para que todos deixassem a casinha marrom, cuja alma era bem mais rica que seu exterior sugeria.

Luce foi a primeira a sair, mas ficou parada na varanda — que era na verdade apenas um pequeno espaço, agora coberto pelo orvalho congelado — esperando pelos outros. Os anjos saíram pela porta um de cada vez: Daniel abrindo as asas brancas, Annabelle encolhendo rapidamente as grossas asas prateadas às laterais do corpo, Roland arqueando as asas douradas em frente ao corpo como um escudo invencível e Ariane saindo descuidadamente, xingando uma vela que havia queimado superficialmente a ponta da asa.

Depois de saírem, todos os anjos ficaram juntos no jardim e abriram suas asas, felizes por estarem novamente em contato com o ar fresco.

Luce percebeu a escuridão. Tinha certeza de que, quando haviam entrado na Fundação, faltava pouco para o sol nascer: os sinos da igreja haviam batido novamente, marcando quatro horas da manhã, e o céu estava adquirindo o dourado precioso do amanhecer.

Teriam eles estado lá dentro com Dee por apenas uma hora? Por que o céu estava agora com uma coloração azul escura, indicando ser tarde da noite?

As luzes estavam acesas nas casas de pedra branca. As pessoas se movimentavam por trás das janelas, fritando ovos,

servindo xícaras de café. Homens carregando maletas e mulheres trajando terninhos elegantes saíam pelas portas da frente e, sem olhar para o grupo de anjos nenhuma vez, entravam em seus carros para ir para o trabalho — ou pelo menos era o que Luce presumia.

Ela se lembrou do que Daniel explicara, que as pessoas não podiam vê-los enquanto estivessem dentro da pátina. Não viam a casinha marrom. Luce observou uma mulher num roupão atoalhado preto e com um gorro de plástico na cabeça caminhando de maneira sonolenta em direção a eles, guiando seu cachorrinho peludo. A casa dela fazia fronteira com o caminho de seixos que levava à porta da frente da Fundação. A mulher e seu cachorro passaram pelo caminho.

E desapareceram.

Luce respirou de forma ofegante, mas então Daniel apontou para trás dela, para o outro lado do jardim da Fundação. A cerca de 12 metros de distância, onde o caminho de seixos terminava e a calçada moderna continuava, a mulher e o cachorro reapareceram. O cãozinho latia freneticamente, mas a mulher continuava caminhando como se nada tivesse perturbado sua rotina matinal.

Era estranho, percebeu Luce, que a missão dos anjos era manter a vida daquela mulher daquela exata maneira. Para

que não acontecesse nada que apagasse seu mundo, para que ela jamais percebesse o perigo que havia corrido.

Mas, embora as pessoas na rua não tivessem percebido Luce e os anjos, elas certamente notaram o céu. A mulher com o cachorro olhava para ele incessantemente, preocupada, e a maioria das pessoas que deixava suas casas usava capas impermeáveis e carregava guarda-chuvas.

— Vai chover? — Luce já havia sobrevoado bolsões de chuva com Daniel, chuvas mornas que os refrescara e alegrara... Esse céu de agora, porém, era agourento, quase preto.

— Não — respondeu Dee. — Não vai chover. São os anjos da Balança.

— O quê? — Luce levantou a cabeça rapidamente. Observava o céu, aterrorizada, quando ele mudou e trovejou. Nuvens de chuva não se movimentavam daquela maneira.

— O céu está preto por causa das asas deles — estremeceu Ariane. — E de suas capas.

Não.

Luce observou o céu até as coisas começarem a fazer sentido. Com um sentimento tal como vertigem, percebeu uma massa ondulante de asas azul-acinzentadas. Elas sujavam o céu, grossas como uma camada de tinta, bloqueando o nascer do sol. O bater das asas curtas soava como uma

nuvem de vespas. O coração se apertava enquanto tentava contá-los. Era impossível. Quantas centenas deles pairavam no ar?

— Estamos cercados — disse Daniel.

— Estão tão perto — murmurou Luce, hesitando enquanto o céu estremecia. — Podem nos ver?

— Não exatamente, mas sabem que estamos aqui — falou Dee, indiferente, enquanto um pequeno grupo de anjos da Balança sobrevoava mais baixo, o suficiente para que eles vissem os rostos sedentos de sangue. Olhos frios percorriam o espaço onde Luce e os outros estavam reunidos, mas no que dizia respeito à pátina, os anjos da Balança pareciam não enxergar, assim como os Párias.

— Minha pátina nos envolve, da mesma forma que um abafador de chaleira a envolve, formando uma barreira protetora. Os anjos da Balança não podem vê-la, nem viajar por ela. — Dee sorriu para Luce. — A pátina só responde ao chamado de um tipo específico de alma, inocente em seu potencial.

As asas de Daniel pulsavam ao lado dela.

— Eles estão aumentando em quantidade a cada minuto que passa. Precisamos encontrar um jeito de sair daqui, e rápido.

— Não pretendo ser apanhada por uma daquelas burcas asfixiantes — falou Dee. — Ninguém me captura em minha casa!

— Gosto da maneira como ela fala — disse Annabelle para Luce, baixinho.

— Sigam-me! — gritou Dee, correndo através de uma ruela. Eles a seguiram através de uma inesperada plantação de abóboras, ao redor de um gazebo em ruínas e em direção a um grande quintal verde.

Roland olhou para o céu, que estava mais escuro agora, mais densamente povoado por asas.

— Qual é o plano?

— Bem, para começar... — Dee caminhou até chegar à sombra de um carvalho no centro do jardim. — A biblioteca precisa ser destruída.

Luce soltou um murmúrio de espanto.

— Por quê?

— Mecânica simples. Esta pátina sempre envolveu a biblioteca, por isto deve continuar com ela. Para conseguirmos passar pelos anjos da Balança, precisaremos abrir a pátina, expondo assim a Fundação, e não pretendo deixá-la para que as asas deles a revirem indiscriminadamente. — A mão dela acariciou o rosto aflito de Luce. — Não se preocupe, querida, eu já doei os volumes

que eram valiosos... a maioria ao Vaticano, embora alguns tenham ido para Huntington e para uma pequena cidadezinha no Arkansas. Ninguém sentirá falta deste lugar. Sou a última bibliotecária daqui e, para falar a verdade, não planejo retornar após o término desta missão.

— Ainda não entendo como passaremos por eles. — O olhar de Daniel estava fixo no céu azul-escuro.

— Terei de construir uma segunda pátina, que envolva apenas nossos corpos, garantindo-nos uma passagem segura. Então abrirei esta, e deixarei que os anjos da Balança entrem.

— Acho que estou começando a entender seu plano — disse Ariane, escalando um carvalho como um macaco e se aninhando nos galhos.

— A Fundação será sacrificada — Dee fez uma careta —, mas pelo menos os anjos da Balança serão bom combustível.

— Espere um momento, como pretende sacrificar a biblioteca? — Roland cruzou os braços e olhou para Dee.

— Esperava que pudesse me ajudar com isso, Roland — falou Dee, piscando os olhos. — Você é particularmente bom em incendiar coisas, não?

Roland ergueu as sobrancelhas, mas Dee já tinha se virado. De frente para o tronco da árvore, procurou por um nó na casca, puxou-o como uma maçaneta secreta e abriu o tronco, revelando uma câmara. Dentro dela, a madeira estava

trabalhada e o espaço tinha mais ou menos o tamanho de um pequeno armário. Dee enfiou os braços dentro dele e retirou uma longa chave dourada.

— É assim que você abre a pátina? — perguntou Luce, surpresa que a tarefa requeresse uma chave tão comum.

— Bem, é assim que eu a destrancarei para que possa ser manipulada de acordo com nossas necessidades.

— Quando você a abrir, se houver um incêndio — disse Luce, lembrando-se da maneira como a mulher e seu cachorro deixaram de existir por um instante enquanto cruzaram o jardim em frente à Fundação —, o que vai acontecer às casas, às pessoas na rua?

— O engraçado da pátina — falou Dee, ajoelhando-se e procurando por algo no jardim — é a forma como se situa na fronteira entre o presente e o passado da realidade. Podemos estar aqui e não estar aqui, estar no presente e também em algum outro lugar. É um lugar onde tudo o que imaginamos sobre tempo e espaço se concretiza materialmente. — Ela levantou o fronde de uma samambaia gigantesca, então cavou a terra com as mãos. — Nenhum dos mortais fora dela será afetado, mas, se os anjos da Balança forem tão vorazes quanto sabemos que são, assim que eu abrir a pátina, irão mergulhar em cima da gente. Durante um momento tenso,

se juntarão a nós em algum lugar da realidade em que a Biblioteca da Fundação pertenceu a esta rua.

— E nós voaremos para fora dela, envolvidos pela segunda pátina — concluiu Daniel.

— Exatamente — falou Dee. — Então teremos apenas de fechar a primeira pátina ao redor deles. Assim como agora não podem entrar, não poderão sair quando a fecharmos. E, enquanto voamos em segurança para a adorável Avignon, a biblioteca será destruída pelas chamas, com os anjos da Balança presos em seu interior.

— Isso é genial! — exclamou Daniel. — Os anjos da Balança ainda estarão vivos tecnicamente, assim nossa manobra não irá afetar o equilíbrio, mas eles serão...

— Marcas de um incêndio do passado, estarão selados, fora do nosso caminho. Isto mesmo. Todos a bordo? — O rosto de Dee se iluminou. — Ah, *aqui* está!

Enquanto Luce e os anjos se reuniam ao redor de Dee, ela limpava a terra em volta de uma fechadura que estava enterrada no jardim. Ela fechou os olhos, segurou a chave próxima ao coração e sussurrou uma oração:

— Luz nos cerque, amor nos envolva, nos proteja, pátina, do mal que virá.

Ela colocou a chave na fechadura com cuidado. O pulso tremeu por causa da força necessária para girá-la, mas

finalmente conseguiu virar num ângulo de 25 graus à direita. Dee suspirou profundamente e se levantou, limpando as mãos na saia.

— Lá vamos nós.

Ergueu os braços acima da cabeça e então, lenta mas decididamente, trouxe-os para perto de seu coração. Luce esperou que a terra se movesse, que alguma coisa acontecesse, mas por um momento nada pareceu ter mudado.

Então, quando o espaço ao redor deles ficou completamente em silêncio, Luce ouviu um roçar quase inaudível, como o esfregar de palmas da mão. O ar pareceu se distorcer levemente, fazendo com que tudo — a casa marrom, a fileira de casas de pedra branca que a cercavam, e até mesmo as asas azuis dos anjos da balança — oscilasse. As cores se misturaram. Foi como estar dentro de uma neblina.

Tal como antes, Luce podia ao mesmo tempo ver e não ver a pátina. Suas fronteiras amorfas ficaram visíveis por um momento — como a transparência iridescente de uma bolha de sabão —, depois desapareceram. Mas ela conseguia *senti-las* amoldando-se ao redor do pequeno espaço no jardim onde ela e os outros estavam, emanando calor e o sentimento de estar sendo envolvida por algo poderoso, totalmente protetor.

Todos permaneceram calados, maravilhados pelo encantamento de Dee.

Luce estudou a velha mulher, que murmurava tão alto que seu corpo parecia zunir. Luce se surpreendeu quando sentiu que a segunda pátina estava pronta. Algo que antes parecia não estar completo, agora estava. Dee assentiu com as mãos sobre o coração, como se estivesse rezando.

— Estamos na pátina dentro da pátina. Estamos no coração da segurança e a salvo. Quando eu abrir a primeira pátina para os anjos da Balança, acreditem nessa segurança e mantenham-se calmos. Nenhum mal pode alcançá-los.

Ela sussurrou as palavras novamente — *Luz nos cerque, amor nos envolva; nos proteja, pátina, do mal que virá* —, e Luce se surpreendeu ao acompanhá-la. A voz de Daniel se fez ouvir também.

Então houve um buraco, como uma corrente de ar frio que entra num quarto aquecido. Eles se aproximaram mais uns dos outros, as asas se tocando, com Luce no centro. Observaram o céu se transformando.

Um grito selvagem veio de cima deles e outros milhares se juntaram ao primeiro. Agora os anjos da Balança conseguiam ver a casinha marrom.

Entraram pelo buraco como um enxame de abelhas.

A fenda era invisível para Luce, mas deve ter sido aberta diretamente sobre a chaminé da casinha marrom. Foi para lá que os anjos da Balança se dirigiram, como formigas aladas atacando uma gota de geleia caída no chão. Eles pousaram no telhado, no jardim, no beiral do telhado. As capas ondulavam com o impacto de seus pousos abruptos. Seus olhos percorriam a propriedade — ao mesmo tempo sentindo e não sentindo Luce, Dee e os anjos.

Luce prendeu a respiração, não emitiu um som sequer.

Os anjos da Balança continuaram vindo. Logo o quintal ficou repleto de asas azuis. Eles ficaram ao redor da segunda pátina de Dee, lançando olhares famintos como os de lobos diretamente para o local em que as presas que buscavam estavam escondidas.

— Onde estão? — rosnou um deles. Sua capa enroscada em um mar de asas azuis enquanto abria caminho através da multidão formada pelo seu clã. — Estão aqui em algum lugar.

— Preparem-se para voar depressa e sem interrupções para Avignon — sussurrou Dee, permanecendo imóvel enquanto um anjo da Balança que trazia uma marca de nascença no rosto se inclinava perto dos limites da pátina deles e cheirava o ar como um porco à procura de lavagem.

As asas de Ariane tremiam. Luce sabia que ela estava pensando no que os anjos da Balança haviam feito com ela. Luce estendeu a mão para segurar a da amiga.

— Roland, que tal aquela enorme conflagração? — disse Daniel, entredentes.

— Pode deixar comigo. — Roland entrelaçou os dedos e franziu o cenho, então lançou um olhar bastante sério para a casa marrom.

Houve uma grande explosão, como uma bomba sendo detonada, e a Biblioteca da Fundação explodiu. Os anjos da Balança foram lançados aos ares, seus mantos envolvidos em chamas.

Roland acenou, e o buraco onde a biblioteca ficava transformou-se em um vulcão expelindo chamas e em um rio de lava correu pelo jardim. O carvalho pegou fogo. As chamas se espalharam pelos galhos como se fossem palitos de fósforo. Luce estava suando e tonta pelo calor que entrava na pátina, mas embora os anjos da Balança tivessem sido arremessados pelas sucessivas explosões, o grupo dentro da pátina de Dee permanecia a salvo.

Dee gritou:

— Vamos voar!

Ao mesmo tempo, um tornado de ar quente cheio de chamas espiralou-se pelo jardim, engolindo centenas de anjos

da Balança e sugando-os para o seu interior em chamas, girando-os pelo jardim.

— Está pronta, Luce? — Os braços de Daniel envolveram-na da mesma forma que os de Roland envolveram Dee. A fumaça ricocheteava nas paredes externas da pátina, mas Luce estava respirando com dificuldade por causa do pescoço machucado.

Então Daniel a ergueu do chão. Levantaram voo. Pelo canto dos olhos, Luce viu as asas marmorizadas de Roland voando à direita, Annabelle e Ariane à esquerda. As asas de todos os anjos batiam com tanta força e tão rapidamente que formaram um clarão, saindo do fogo e adentrando o céu azul.

Mas a pátina ainda estava aberta. Os anjos da Balança que ainda podiam voar de alguma forma sentiram que estavam sendo enganados, caindo numa armadilha. Tentaram voar para fora das labaredas, mas Roland produziu outra onda de fogo e a lançou em cima deles, puxando-os de volta para a terra em chamas, queimando suas peles enrugadas até se transformarem apenas em esqueletos com asas.

— Só mais um instante... — Os dedos e o olhar fixo de Dee manipularam as fronteiras da pátina. Luce observou a velha senhora e depois o monte de anjos da Balança ardendo.

Imaginou a pátina se fechando em cima deles, como o manto fizera em seu pescoço, prendendo os anjos da Balança dentro dela, sufocando-os.

— Pronto! — gritou Dee, enquanto Roland a levava mais para o alto através do céu.

Luce olhou para baixo, além dos pés dela e dos de Daniel, enquanto o chão ia ficando cada vez mais distante. Viu o incêndio horrível cintilar, em seguida tremeluzir e depois desaparecer por completo, engolido por uma fumaça escondida em algum outro lugar. A rua que deixaram para trás estava branca, era moderna e cheia de pessoas que nunca sentiram nada daquilo acontecer.

⁂

O chão estava a milhas de distância quando Luce parou de visualizar as asas dos anjos da Balança consumidas nas chamas vermelhas. Não adiantava nada olhar para trás. Podia apenas olhar para a frente, em direção à próxima relíquia, em direção a Cam, Gabbe e Molly, em direção a Avignon.

Através das falhas nas finas camadas de nuvens, ela via o terreno se tornar pedregoso, cinza escuro, montanhoso. O ar invernal ficava mais frio e mais cortante, enquanto o bater

incessante das asas dos anjos cortava o silêncio nos limites da atmosfera.

Cerca de uma hora após terem dado início ao voo, as asas de Roland tornaram-se visíveis a poucos metros abaixo de Luce e Daniel. Ele levava Dee do mesmo jeito que Daniel carregava Luce: os ombros alinhados aos dela, um braço ao redor de seu peito, o outro ao redor da cintura. Assim como Luce, Dee cruzou as pernas na altura dos tornozelos, e seus finíssimos saltos altos bamboleavam precariamente a muitos metros do chão. Os músculos escuros de Roland envolvendo o corpo frágil e envelhecido de Dee faziam com que o par parecesse quase cômico enquanto entrava e saía de foco, voando através das nuvens. Mas o brilho satisfeito nos olhos de Dee fazia com que parecesse bem mais jovem do que era. Mechas dos cabelos ruivos caíam-lhe pelo pescoço, e seu perfume — rosas e chantilly — adoçava o ar por onde voavam.

— Bem, acho que a barra já está limpa — declarou Dee.

Luce sentiu o ar ao redor ondular. Seu corpo ficou tenso, preparando-se para outro tempomoto, mas dessa vez não era a transgressão de Lúcifer que causava a ondulação. Era Dee, retirando a segunda pátina. Uma fronteira nebulosa se aproximou da pele de Luce, depois passou através dela, fazendo-a estremecer com um prazer desconhecido. Então se

encolheu até virar uma pequena esfera de luz ao redor de Dee, que fechou os olhos. Um segundo mais tarde, sua pele absorveu a pátina. Era quase invisível — e uma das coisas mais belas que Luce já havia visto.

Dee sorriu e acenou para que Luce se aproximasse dela. Os dois anjos que as carregavam se alinharam para que as damas pudessem conversar.

Dee colocou as mãos em formato de concha ao redor da boca e falou:

— Então, querida, conte. Como vocês dois se conheceram?

Luce sentiu o ombro de Daniel estremecer atrás dela, num riso. Era uma pergunta normal a ser feita a duas pessoas que estavam num relacionamento feliz; mas por que fazia com que Luce se sentisse tão infeliz?

Porque a resposta não precisava ser tão complicada.

Porque ela nem ao menos sabia a resposta.

Levou a mão ao colar no pescoço. Ele oscilava, batendo contra a pele enquanto as asas de Daniel sacudiam com força.

— Bem, estudamos na mesma escola e...

— Oh, Lucinda! — Dee estava rindo. — Eu estava brincando. Só queria saber se já havia descoberto a história da vez em que vocês se conheceram *inicialmente*.

— Não, Dee — respondeu Daniel com firmeza. — Ela ainda não sabe disso...

— Eu já perguntei, mas ele não quer me contar. — Luce observou a altura vertiginosa abaixo dela, sentindo-se tão distante da verdade sobre aquela primeira vez em que se conheceram quanto das cidades que sobrevoavam agora. — Fico furiosa por não saber.

— Tudo a seu tempo, querida — disse Dee calmamente, olhando para o horizonte adiante. — Presumo que ao menos tenha recordado *algumas* de suas lembranças mais antigas, não?

Luce assentiu.

— Brilhante! Bem, me contentarei em ouvir a história do romance mais antigo do qual você se lembrar. Vamos, querida. Faça uma velha senhora feliz. Isso vai nos ajudar a passar o tempo até chegarmos a Avignon, como peregrinos indo à Catedral de Canterbury.

Uma lembrança apareceu na mente de Luce: a tumba fria e úmida onde ela havia sido trancada com Daniel no Egito, a maneira como os lábios dele pressionaram os dela, seus corpos juntos, como se fossem as últimas pessoas na face da Terra...

Mas eles não estiveram sozinhos. Bill esteve lá também. Esteve lá observando, esperando, querendo que a alma dela

morresse dentro de uma tumba egípcia.

Luce abriu os olhos, retornando ao presente, onde os olhos vermelhos dele não a podiam alcançar.

— Estou cansada — disse ela.

— Descanse — falou Daniel.

— Não. Estou cansada de ser punida simplesmente por amar você, Daniel. E não quero ter nada a ver com Lúcifer, com os anjos da Balança, com os Párias e com quaisquer que sejam os outros grupos que existem. Não sou uma peça num jogo de xadrez. Sou uma pessoa. E para mim, chega!

Daniel entrelaçou as mãos às de Luce e apertou.

Dee e Roland olharam para ela como se quisessem lhe oferecer a mão também.

— Você mudou, querida — comentou Dee.

— Desde quando?

— Desde antes. Nunca a ouvi falando assim. Você já, Daniel?

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Finalmente, sobre o som do vento uivante e o bater das asas dos anjos, ele disse:

— Não. Mas fico feliz por ela falar assim agora.

— E por que não? É uma tragédia transdimensional a que vocês vêm enfrentando. Mas essa é uma garota tenaz, de fibra, uma garota que certa vez me disse que jamais cortaria

os cabelos, foram essas suas palavras, querida, mesmo tendo sofrido com fios em aranhados e com nós, porque esses cabelos faziam parte dela, estavam indelevelmente atados à sua alma.

Luce piscou para a mulher.

— Do que você está falando?

Dee inclinou a cabeça em direção a Luce e apertou os lábios fartos.

Luce olhou para ela, para os olhos dourados e os finos cabelos ruivos, para a maneira como ela cantarolava delicadamente enquanto voavam. E então se lembrou.

— Eu me lembro de você!

— Ótimo — falou Dee. — Eu me lembro de você também!

— Eu não morava numa cabana numa planície?

Dee assentiu.

— E nós *de fato* falamos sobre os meus cabelos! Eu havia... topado com um caminho cheio de espinhos, caçando alguma coisa... era uma raposa?

— Você era uma garota levada. Na verdade, mais corajosa que alguns dos homens das pradarias.

— E você — disse Luce. — Você passou horas tirando os espinhos dos meus cabelos.

— Eu era sua tia favorita, figurativamente falando. Você costumava dizer que o diabo a havia amaldiçoado com cabelos tão cheios. Bastante dramática, mas tinha apenas 16 anos... e não estava muito distante da verdade, da maneira como apenas as garotas de 16 anos conseguem.

— Você falou que uma maldição só seria uma maldição se eu me permitisse ser amaldiçoada por ela. Disse... que eu tinha o poder de me libertar de qualquer maldição... que as maldições eram prelúdios de bênçãos...

Dee deu uma piscadela para ela.

— E aí você me pediu para cortá-los. Meus cabelos.

— Isso mesmo. Mas você não fez isso.

— Não. — Luce fechou os olhos enquanto uma névoa passava por ela, fazendo a condensação molhar sua pele. De repente, se sentiu inexplicavelmente triste. — Eu não cortei. Não estava preparada para aquilo.

— Bem — falou Dee. — Gosto muito da maneira como você arrumou seus cabelos desde que tomou juízo!

— Vejam. — Daniel apontou em direção ao local onde a nuvem caía como um penhasco. — Chegamos.

Desceram em Avignon. O céu estava limpo, sem nuvens para interromper a visão. O sol lançava as sombras das asas dos anjos sobre a pequena vila medieval de casas de pedra

circundada por pastagens verdes de terras cultivadas. Cabeças de gado se amontoavam. Um trator arava a terra.

Eles se inclinaram à esquerda e sobrevoaram um estábulo, sentindo o cheiro desagradável de feno e estrume. Passaram rente a uma catedral feita da mesma pedra amarelo-tostada da maioria das construções da cidade. Turistas tomavam bebidas quentes num alegre café. A cidade tinha um brilho dourado sob o brilhante sol do meio-dia.

A surpresa pela rápida chegada se misturou ao sentimento de Luce de tempo se esgotando. Eles estavam procurando as relíquias há quatro dias e meio. Metade do tempo já se passara antes de a Queda de Lúcifer se abater sobre eles.

— É para lá que nós vamos! — Daniel apontou para uma ponte nos arredores de Avignon, que não chegava a cobrir todo o rio que cortava a cidade. Era como se metade dela tivesse caído na água. — A ponte Saint Bénézet.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Luce.

Daniel olhou por cima dos ombros.

— Lembra-se de como Annabelle ficou quieta quando mencionei nossa vinda para cá? Ela inspirou o garoto que construiu essa ponte na Idade Média, na época em que os papas viviam aqui e não em Roma. Ele notou Annabelle voando sobre o Ródano certo dia, quando ela pensou que

ninguém podia vê-la. Ele construiu a ponte para segui-la até o outro lado.

— Quando a ponte caiu?

— Devagar, com o passar do tempo, um arco caiu no rio. Depois outro. Ariane diz que o rapaz, seu nome era Bénézet, tinha boa visão angelical, mas não arquitetônica. Annabelle o amava. Ficou em Avignon como sua musa até a morte dele. Bénézet jamais se casou, vivia afastado do restante da sociedade. Todos na cidade achavam que era absurdo.

Luce tentou não comparar seu relacionamento com Daniel com o que Annabelle havia tido com Bénézet, mas era difícil não o fazer. Que tipo de relacionamento um anjo e uma mortal poderiam ter *de fato*? Quando tudo isso acabasse, se eles derrotassem Lúcifer... O que aconteceria? Ela e Daniel voltariam para a Geórgia e seriam como qualquer outro casal, saindo para tomar sorvete às sextas-feiras depois do cinema? Ou a cidade inteira iria pensar que ela era uma desequilibrada, como Bénézet?

Seria tudo impossível? O que aconteceria com eles no final? O amor deles iria desaparecer como os arcos de uma ponte medieval?

A ideia de dividir uma vida normal com um anjo era absurda. Sentia isso cada vez que Daniel a levava *voando* pelo céu. E, mesmo assim, o amava mais a cada dia.

Pousaram no banco do rio sob a sombra de um salgueiro-chorão, fazendo com que um bando de patos se agitasse na água. Em plena luz do dia, os anjos recolheram suas asas. Luce ficou de pé atrás de Daniel para observar o processo intrincado enquanto ele as recolhia sob a pele. Primeiro se dobravam no centro, fazendo uma série de estalos suaves enquanto camadas de músculos envolviam as penas celestes. Por último vinham as pontas das asas, finas, quase translúcidas, que brilhavam ao desaparecer dentro do corpo dele, sem deixar vestígios em sua camiseta especial.

Eles caminharam em direção à ponte, como se fossem turistas interessados em arquitetura. Annabelle caminhava mais ereta que o normal, e Luce viu Ariane segurar a mão dela. O sol estava claro e o ar tinha o perfume de lavanda e água de rio. A ponte era feita de enormes blocos de pedra branca, sustentadas por grandes arcos. Havia uma pequena capela de pedra com uma única torre em um dos lados próximo à entrada. Numa placa, lia-se Capela de São Nicolau. Luce se perguntou onde estariam os turistas de verdade.

A igrejinha estava coberta por uma fina camada de poeira prateada.

Caminharam pela ponte em silêncio, mas Luce percebeu que Annabelle não era a única que estava incomodada.

Daniel e Roland tremiam, mantendo-se afastados da entrada da capela, e Luce se lembrou de que eles não podiam entrar num santuário de Deus.

Dee passou os dedos sobre o corrimão de ferro com um suspiro pesado.

— Chegamos tarde demais.

— Isso não é... — Luce tocou a poeira. Era fina e leve, com um ligeiro brilho prateado, como o pó que havia coberto o quintal da casa de seus pais. — Você quer dizer...

— Que anjos morreram aqui. — A voz de Roland era uniforme enquanto ele fitava o rio.

— M-m-mas... — gaguejou Luce. — Nem sabemos se Gabbe, Cam e Molly conseguiram chegar até aqui.

— Este lugar era lindo — disse Annabelle. — Agora, o arruinaram para sempre. *Je m'excuse, Bénézet.*

Foi então que Ariane ergueu uma pena prateada, tremendo.

— O sinal de Gabbe. Intacto. Então deve ter sido arrancado pelas mãos dele, talvez para entregá-lo a um Pária que não conseguiu chegar antes de... — Ela desviou o olhar, segurando a pena perto do peito.

— Mas achei que os anjos da Balança não matavam anjos — disse Luce.

— E não matam. — Daniel se inclinou e afastou a poeira que cobria seus pés como neve.

Havia algo enterrado debaixo dela.

Seus dedos encontraram uma seta estelar prateada. Ele a limpou na camiseta. Luce tremia cada vez que o via se aproximar da ponta mortal. Finalmente, estendeu-a para que os outros a examinassem. Estava adornada com uma letra. *Z.*

— Os Anciãos — sussurrou Ariane.

— *Eles* se alegram em matar anjos — disse Daniel baixinho. — Na verdade, não há nada que gostem mais de fazer.

Houve um estrondo intenso.

Luce se virou, esperando... não sabia o quê. Anjos da Balança? Anciãos?

Dee balançou o punho, massageando os nós vermelhos dos dedos com a outra mão. Então Luce viu: a porta de madeira da capela tinha sido quebrada no centro. Dee devia tê-la esmurrado. Ninguém mais achou impressionante que uma mulher tão pequena pudesse causar tanto estrago.

— Você está bem, Dee? — chamou Ariane.

— Nada disso é da conta de Sophia! — A voz dela estava cheia de ódio. — O que Lúcifer está fazendo ultrapassa o limite dos assuntos que dizem respeito aos Anciãos. Porém,

ela pode arruinar as coisas para vocês, anjos. Ah, eu seria capaz de matá-la.

— Promete? — perguntou Roland.

Daniel colocou a seta estelar na mochila e fechou-a.

— Seja lá como essa batalha terminou, deve ter se iniciado por causa da terceira relíquia. Alguém a encontrou.

— Uma guerra por recursos — falou Dee.

Luce estremeceu.

— E alguém morreu por causa dela.

— Não sabemos o que aconteceu, Luce — disse Daniel. — E só saberemos quando estivermos diante dos Anciãos. Precisamos encontrá-los.

— Como? — perguntou Roland.

— Talvez tenham ido ao Sinai para nos executar — sugeriu Annabelle.

Daniel balançou a cabeça e caminhou de um lado para o outro.

— Eles não sabem que devem ir ao Sinai... a menos que tenham arrancado essa informação torturando algum dos nossos anjos.

Parou e desviou o olhar.

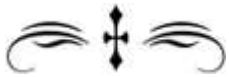
— Não — falou Dee, olhando ao redor do círculo formado por eles na ponte. — Os Anciãos têm seus próprios objetivos. São gananciosos. Querem ter uma importância

maior em tudo isso. Querem ser lembrados, como seus antepassados. Se morrerem, querem morrer como mártires. — Fez uma pausa. — E qual o melhor local para encenar o próprio martírio?

Os anjos se remexiam, pensando. As asas de Daniel se movimentavam enquanto observava o céu cor-de-rosa. Annabelle corria as unhas longas pelos cabelos. Ariane cruzava os braços ao redor do próprio corpo e fitava o chão com dureza, diante da falta de palavras sarcásticas. Luce parecia ser a única que não sabia do que Dee estava falando. Finalmente, a voz de Roland ecoou terrivelmente na ponte em ruínas:

— O Gólgota. O lugar do Calvário.

ONZE



VIA DOLOROSA

Enquanto os anjos planavam acima do que parecia ser a costa sul da França, Luce fitava as ondas escuras ondulando abaixo deles, banhando a praia distante. Fez algumas contas de cabeça: à meia-noite seria terça-feira, 1o de dezembro. Cinco dias teriam se passado desde que ela retornara dos Anunciadores, o que significava que mais da metade do período de nove dias da Queda dos anjos sobre a Terra já havia se esgotado. Lúcifer e todos os antigos "eus" dos anjos estavam a menos da metade do caminho até o término da Queda.

Possuíam duas das três relíquias, porém não sabiam o que era a terceira, tampouco como ler todas juntas uma vez que estivessem de posse delas. E o pior de tudo, durante o processo de localização das relíquias, haviam ganhado mais inimigos. E parecia que tinham perdido seus amigos.

A poeira da ponte Saint Bénézet se entranhara sob as unhas de Luce. E se fosse Cam? Em poucos dias havia passado de cautelosa com seu envolvimento na missão a desesperada diante da ideia de perdê-lo. Cam era impetuoso, sombrio, imprevisível e intimidante, e não o cara predestinado para Luce — mas isso não significava que ela não se importasse com ele, que de certa forma não gostasse dele.

E Gabbe... A beldade sulina que sempre sabia a coisa certa a dizer ou fazer. Desde o momento em que Luce conheceu Gabbe na Sword & Cross, o anjo não fizera nada além de cuidar dela. Agora era Luce quem queria cuidar de Gabbe.

Molly Zane também havia ido a Avignon com Cam e Gabbe. Luce primeiro temera e depois detestara Molly, até uma certa manhã em que entrou pela janela do quarto na casa dos pais e descobriu a garota deitada na sua cama, se fazendo passar por ela. Foi um favor e tanto. Até mesmo

Callie gostou da companhia de Molly. Será que os demônios tinham mudado? Será que Luce mudara?

As batidas ritmadas das asas de Daniel, voando pelo céu estrelado, fizeram com que Luce entrasse num estado de relaxamento profundo, mas não queria adormecer. Queria se concentrar no que poderia recebê-los quando chegassem ao Gólgota, preparar-se para o que estava por vir.

— Em que você está pensando? — perguntou Daniel.

A voz era baixa e familiar acima do vento frenético pelo qual voavam. Annabelle e Ariane flanavam adiante e um pouco mais abaixo deles. As asas, em tom prata escuro e iridescente, abriam-se sobre a verde bota da Itália.

Luce tocou o medalhão de prata que trazia no pescoço.

— Estou com medo.

Daniel a abraçou com força.

— Você é tão corajosa, Luce.

— Eu me sinto mais forte do que nunca e me orgulho de todas as lembranças que consigo acessar sozinha, especialmente quando podem ajudar a impedir Lúcifer — fez uma pausa, fitando suas unhas sujas. — Mas, ainda assim, tenho medo do que estamos indo encontrar agora.

— Não vou deixar Sophia se aproximar de você.

— Não tenho medo do que ela pode vir a fazer comigo, Daniel, e sim do que talvez já tenha feito com pessoas com

quem me importo. Aquela ponte, toda aquela poeira...

— Espero tanto quanto você que Cam, Gabbe e Molly estejam bem. — As asas do anjo bateram com força, e Luce sentiu o próprio corpo se erguer acima de uma pesada nuvem de chuva. — Mas anjos podem morrer, Lucinda.

— Eu sei disso, Daniel.

— É claro que sabe. E entende o quanto isso tudo é perigoso. Todos os anjos que se juntaram a nós para deter Lúcifer sabem disso também. Ao se juntar a nós, reconheceram que nossa missão é mais importante que a alma isolada de um anjo.

Luce fechou os olhos. *A alma isolada de um anjo*.

Lá estava novamente. A ideia sobre a qual ouvira Ariane falar pela primeira vez em Las Vegas. Um anjo poderoso capaz de virar o jogo. Uma escolha para determinar o desenlace da luta que já durava milênios.

Quando abriu os olhos, a lua estava banhada em uma luz clara, suave, e erguia-se sobre a paisagem escura abaixo deles.

— As forças do Céu e do Inferno — começou ela. — Estarão elas realmente em equilíbrio entre si neste momento?

Daniel ficou calado. Ela sentiu o peito dele se encher de ar, depois murchar novamente. Suas asas batiam um pouco mais depressa agora, mas ele não respondeu.

— Sabe? — pressionou Luce. — Se existe, tipo, o mesmo número de anjos e demônios em cada um dos lados?

O vento a açoitava.

Finalmente, Daniel falou:

— Sim, mas não é assim tão simples. Não se resume a ter uma centena aqui contra uma centena do outro lado. Integrantes diferentes possuem mais importância que outros. Os Párias não têm peso algum. Você ouviu Phil lamentando esse fato. Os anjos da Balança são quase desprezíveis, embora não dê para saber disso pela forma como falam sobre a própria importância — fez uma pausa. — Mas um dos Arcanjos...? Eles valem por pelo menos mil anjos.

— Ainda é verdade que existe um anjo importante que precisa escolher seu lado?

Outra pausa.

— Sim, isso ainda é verdade.

Ela já havia implorado que ele tomasse partido, certa vez, no topo da Shoreline. Estavam no meio de uma discussão e não tinha sido o momento correto. Porém, agora o laço entre eles estava mais forte. É claro que se ele soubesse o quanto ela o apoiava, que sempre estaria ao seu lado e que o amaria independentemente de qualquer coisa, isso poderia ajudá-lo a finalmente se decidir.

— E se você simplesmente fosse em frente e... escolhesse?

— Não...

— Mas Daniel, você poderia pôr um fim nisto tudo! Poderia fazer o equilíbrio pender, e ninguém mais teria de morrer, e...

— Quero dizer, não, não é assim tão fácil. — Ela o ouviu suspirar e sabia, mesmo sem olhar, a cor dos olhos dele neste momento: um violeta lupino, escuro e selvagem. — Não é mais assim tão fácil — repetiu ele.

— Por que não?

— Porque este presente já não importa mais. Estamos num espaço de tempo que pode deixar de existir. Portanto, escolher agora não significaria nada, não até que esse problema dos nove dias esteja resolvido. Ainda precisamos detê-lo. Ou Lúcifer vai vencer e apagar o passado de cinco ou seis milênios e todos começaremos de novo...

— Ou nós venceremos — disse Luce automaticamente.

— Se isso acontecer — ponderou Daniel —, poderemos reavaliar novamente como as categorias estão alinhadas.

A seis metros abaixo deles, Ariane voava devagar, em transe, dando piruetas como se para passar o tempo. Annabelle voou para dentro de uma das nuvens de chuva normalmente evitadas pelos anjos. Ela saiu do outro lado com as asas encharcadas e os cabelos cor-de-rosa colados em um dos lados do rosto, mas pareceu nem perceber. Roland

estava em algum lugar entre elas, provavelmente absorto nos próprios pensamentos enquanto carregava Dee. Todos pareciam preocupados, distraídos.

— Mas *quando* nós vencermos, você não poderia...

— Escolher o Céu? — perguntou Daniel. — Não. Fiz minha escolha há muito tempo, quase nos primórdios.

— Mas pensei...

— Eu escolhi você, Lucinda.

Luce roçou a mão sobre a de Daniel enquanto o oceano escuro abaixo deles dava lugar a um deserto. A paisagem estava longe, mas fazia com que ela se lembrasse do terreno ao redor do Sinai: despenhadeiros rochosos interrompidos pelo verde de uma ou outra árvore. Não entendia por que Daniel teve de escolher entre o Céu e o amor.

Tudo o que Luce sempre quis foi o amor dele... mas a que preço? Será que o amor dos dois valia o fim do mundo e de todas as suas histórias? Teria Daniel sido capaz de prevenir tal ameaça se tivesse escolhido o Céu tempos atrás?

E teria ele voltado para lá, onde era seu lugar, caso o amor por Luce não o tivesse desencaminhado?

Como se estivesse lendo a mente dela, Daniel disse:

— Colocamos nossa fé no amor.

Roland os alcançou. Suas asas se angularam e ele virou o corpo para ficar de frente para Daniel e Luce. Em seus

braços, os cabelos ruivos de Dee voavam e as bochechas dela brilhavam. Ela fez um gesto para que os dois se aproximassem. As asas de Daniel batiam com força e graça, e passaram rapidamente por uma nuvem para ficar ao lado de Roland e Dee. Roland assoviou e Ariane e Annabelle também se juntaram a eles, formando um círculo iridescente no céu escuro.

— São quase quatro horas da manhã em Jerusalém — falou Dee. — Isso quer dizer que podemos esperar que a maioria dos mortais esteja dormindo ou pelo menos fora do nosso caminho por talvez mais uma hora. Se Sophia estiver com os seus amigos, provavelmente está planejando... Bem, devemos nos apressar, queridos.

— Você sabe onde eles estarão? — perguntou Daniel.

Dee pensou por alguns instantes.

— Antes de eu abandonar os Anciãos, o plano era reunir-se novamente na Igreja do Santo Sepulcro, que foi construída na encosta do Gólgota, na parte cristã do centro velho.

O grupo flutuou em direção à Terra Santa. Formavam uma coluna de asas brilhantes. O céu limpo estava azul-escuro, salpicado por estrelas, e as pedras brancas dos prédios léguas abaixo brilhavam em um azul lúgubre. Embora a terra parecesse naturalmente seca, poeirenta, o solo estava repleto de palmeiras grossas e oliveiras.

Sobrevoaram um dos maiores cemitérios que Luce já vira, construído sobre um declive gradual em frente ao centro velho de Jerusalém.

A cidade em si estava escura e adormecida, banhada pelo luar e cercada por um alto muro de pedra. A enorme mesquita Abóbada da Rocha, com seu domo de ouro que brilhava mesmo no meio da escuridão, assomava no alto de uma colina. Estava a certa distância do restante da cidade abarrotada de construções, podendo ser alcançada por meio de vários lances de escadas de pedra e portões altos em cada uma de suas entradas. Além do velho muro, alguns prédios modernos cortavam o céu, porém dentro do centro velho as estruturas eram bem mais antigas e menores, formando um emaranhado de vielas melhor exploradas a pé.

Eles pousaram nas ameias de um portão alto que marcava a entrada da cidade.

— Este é o novo portão — explicou Dee. — É a entrada mais próxima da parte cristã, onde fica a igreja.

Ao se prepararem para descer em fila os gastos degraus a partir do topo, os anjos já haviam retraído as asas para dentro dos ombros. As ruas de pedra se estreitaram enquanto Dee brandia uma pequena lanterna vermelha de plástico e os guiava em direção à igreja. A maior parte das fachadas das lojas possuía portas de metal que corriam de cima a baixo,

como a porta da garagem da casa dos pais de Luce. Nesse momento, todas estavam fechadas, todas trancadas com cadeado ao longo da rua pela qual Luce caminhava ao lado de Daniel, segurando a mão dele e torcendo pelo melhor.

Quanto mais se embrenhavam na cidade, mais os prédios pareciam se fechar sobre eles. Passaram sob os toldos listrados do mercado árabe, vazio, sob longos arcos de pedra e corredores escuros. O ar cheirava a carneiro assado, incenso, e depois sabão em pó. Trepadeiras de azaleias subiam pelas paredes, à procura de água.

O bairro estava silencioso, a não ser pelos passos dos anjos e pelo uivo distante de um coiote nas colinas. Eles passaram em frente a uma lavanderia fechada, com letreiros em árabe, em seguida por uma floricultura com adesivos em hebraico colados nas janelas.

Para onde quer que Luce olhasse, calçadas estreitas se ramificavam a partir da rua: passavam através de um portão de madeira aqui, subiam uma escadaria ali. Dee parecia estar contando as portas pelas quais entravam, mexendo os dedos enquanto caminhavam. Em determinado momento ela correu, cruzou um antigo arco de madeira, virou uma esquina e desapareceu. Luce e os anjos se entreolharam rapidamente, depois foram atrás dela: desceram diversos degraus, contornaram uma esquina úmida e escura, subiram

mais alguns degraus e, de repente, viram-se no teto de outro prédio, olhando para mais uma rua abarrotada de construções.

— Lá está ela — assentiu Dee, sorrindo.

A igreja se erguia acima de tudo o mais que havia por perto. Era feita de pedras lisas e claras, tinha facilmente cinco andares de altura, sendo a parte mais alta seus delgados campanários. No centro, uma enorme abóbada azul parecia um manto do céu noturno atado ao redor de uma pedra. Blocos gigantes formavam grandes arcos ao longo da fachada, abrindo espaço para as enormes portas de madeira no primeiro andar e para as janelas arqueadas de vitrais mais acima. Uma escada estava encostada em uma plataforma do lado de fora de uma das janelas do terceiro andar, levando a lugar algum.

Partes da fachada estavam se desintegrando e tinham sido escurecidas pelo tempo, enquanto outras pareciam ter sido recentemente restauradas. Em ambos os lados, dois longos braços de pedra estendiam-se para além do prédio, formando uma moldura ao redor de uma praça pavimentada. Logo atrás da igreja, um minarete branco furava o céu.

— Nossa! — Luce se ouviu exclamar enquanto descia, com os anjos, outro surpreendente lance de escadas para entrar na praça.

Os anjos se aproximaram das pesadas portas duplas que assomavam sobre eles, 12 metros de altura, no mínimo. Eram pintadas de verde e flanqueadas por três pilares de pedra de cada lado. Os olhos de Luce foram imediatamente atraídos pelos frisos ornamentados que havia entre as portas e os arcos acima delas — e, mais acima ainda, pela brilhante cruz dourada que cortava o céu. A igreja estava silenciosa, sombria, avivada por eletricidade espiritual.

— Então vamos entrar — disse Dee.

— Não podemos entrar aí — falou Roland, dando um passo para trás e se afastando da igreja.

— Ah, sim — falou Dee. — O tal negócio sobre incendiar. Você acha que não pode entrar porque é um santuário de Deus...

— É *o* santuário de Deus — interrompeu Roland. — Não quero ser o cara que vai trazer esse prédio abaixo.

— Só que isso não é um santuário de Deus — disse Dee simplesmente. — Na verdade, é exatamente o oposto. Este foi o lugar onde Jesus sofreu e morreu. Sendo assim, jamais foi um santuário do ponto de vista do Trono, e essa é a única opinião que realmente importa. Um santuário é um abrigo, um refúgio. Os mortais andam por entre essas paredes para rezar, a seu modo infinitamente mórbido, mas, no que diz respeito à sua maldição, você não será afetado. — Dee fez

uma pausa. — O que é bom, porque Sophia e seus amigos estão lá dentro.

— Como sabe? — perguntou Luce.

Ela ouviu passos contra o chão de pedra vindos da parte leste do pátio. Dee olhou de soslaio em direção à rua estreita.

Daniel agarrou a cintura de Luce com tal rapidez que ela caiu em cima dele. Virando uma esquina sob uma placa onde se lia Via Dolorosa, duas freiras idosas se esforçavam para caminhar sob o peso de uma grande cruz de madeira. Vestiam simples hábitos azul-marinho, sandálias grossas e rosários de contas em volta do pescoço.

Luce relaxou diante da visão das velhas freiras, cuja idade média parecia ser de 85 anos. Começou a se dirigir a elas, obedecendo ao instinto de ajudar pessoas idosas que carregam coisas pesadas, mas a força com que Daniel a segurava pela cintura não diminuía à medida que as mulheres se aproximavam das grandes portas da igreja com excruciante lentidão. Parecia impossível que as freiras não tivessem visto o grupo de anjos a meros seis metros de distância — eles eram as únicas almas naquela praça —, mas as irmãs não ergueram o olhar nem sequer uma vez em sua direção.

— Um pouco cedo para as Irmãs das Estações da Cruz estarem na rua, não? — sussurrou Roland para Daniel.

Dee ajeitou a saia e colocou uma mecha rebelde de cabelo atrás da orelha.

— Eu esperava que não tivéssemos de chegar a este ponto, mas teremos simplesmente de matá-las.

— O quê? — Luce olhou para uma das delicadas mulheres marcadas pelas intempéries. Seus olhos cinzentos pareciam seixos cravados nas rugas profundas do rosto. — Você quer matar aquelas freiras?

Dee fez uma careta.

— Aquelas mulheres não são freiras, queridas. São Anciãs e devem ser eliminadas, senão irão nos eliminar.

— Devo observar que já parecem eliminadas — falou Ariane, equilibrando o peso do corpo numa perna, depois na outra. — Aparentemente Jerusalém recicla.

Talvez a voz de Ariane tivesse chegado até os ouvidos das freiras e as tivesse assustado, ou talvez estivessem esperando chegar a um lugar específico, mas naquele momento, quando alcançaram as portas da igreja, pararam e se viraram de maneira que a ponta da cruz que carregavam apontasse para o outro lado da praça, em direção aos anjos, como se fosse um canhão.

— Estamos perdendo tempo, anjos — disse Dee entredentes.

A freira de olhos de seixos mostrou as gengivas cheias de veias para os anjos e mexeu em algo na base da cruz. Daniel enfiou a mochila nas mãos de Luce, depois a posicionou atrás de Dee. A velha não era exatamente da altura de Luce — o topo da cabeça chegava no máximo até a altura do queixo de Luce —, mas esta entendeu o que estava acontecendo e se abaixou. Os anjos libertaram as asas com uma rapidez animalesca e começaram a batê-las — Ariane e Annabelle seguiram para a esquerda, Roland e Daniel para a direita.

A cruz gigante não era um fardo penitencial de peregrinos. Era um enorme arco, cheio de setas estelares, que tinha o intuito de matar a todos ali.

Não houve tempo para Luce registrar isso. Uma das freiras lançou a primeira seta, que assoviou contra o vento em direção ao rosto de Luce. A flecha prateada ficava cada vez maior em seu campo de visão enquanto se aproximava.

Então Dee pulou.

A pequena mulher abriu os braços o máximo que pôde. A ponta embotada da seta estelar colidiu contra o seu peito, inócua. Dee grunhiu quando a seta — que Luce sabia ser inofensiva contra humanos — bateu contra seu corpo pequeno e caiu no chão, deixando a transeterna dolorida, mas fora de perigo.

— Presidia, sua tola! — gritou Dee para a freira, usando os saltos de seus sapatos para arrastar a seta para trás, no chão. Luce se abaixou para pegá-la e colocou-a dentro da bolsa. — Sabe que isso não pode me machucar! Agora você irritou os meus amigos. — Ela fez um gesto largo em direção aos anjos, que se apressaram para desarmar os Anciãos disfarçados.

— Para trás, desertora! — respondeu Presidia. — Queremos a garota! Entregue-a e iremos...

Presidia, porém, jamais terminou sua frase. Ariane rapidamente alcançou as costas da Anciã, tirando o véu de sua cabeça e agarrando os cabelos brancos.

— Por respeitar os mais velhos — sibilou Ariane com os maxilares cerrados —, sinto que devo evitar que envergonhem a si mesmos. — Então ela se ergueu do chão, ainda segurando Presidia pelos cabelos. A Anciã chutava o ar como se pedalasse uma bicicleta invisível. Ariane rodopiou e arremessou o corpo da velha contra a cornija da fachada da igreja com tal força que deixou uma mossa quando ela colidiu, mãos e pernas em ângulos terríveis.

A outra Anciã incógnita havia largado a cruz-canhão e tentava escapar, correndo por uma viela no canto oposto da praça. Annabelle pegou a cruz e se transformou em atiradora

de dardos: deu alguns passos para trás e, com um salto, atirou o pesado T de madeira.

A cruz viajou pelo ar e lancetou a Anciã em fuga diretamente na coluna. Ela caiu para a frente e convulsionou, empalada pela réplica de um antigo instrumento de execução.

O pátio ficou em silêncio. Instintivamente, todos se viraram para olhar para Luce.

— Ela está bem! — falou Dee, erguendo a mão de Luce no ar como se as duas tivessem acabado de vencer uma corrida de revezamento.

— Daniel! — Luce apontou para um clarão branco que desaparecia atrás de Daniel, na igreja. Enquanto as portas se fechavam lentamente, um monge idoso que não haviam notado podia ser ouvido subindo as escadas internas do templo.

— Sigam-no! — gritou Dee, passando por cima do corpo inerte de Presidia.

Luce e Dee correram para alcançar os demais. Quando entraram na igreja, estava tudo escuro e silencioso. Roland apontou para o canto, em direção a um lance de escadas de pedra. Elas se abriam em direção a uma pequena arcada também de pedra, que levava a uma escadaria maior. O

espaço era apertado demais para os anjos abrirem suas asas, por isso usaram as escadas o mais depressa que puderam.

— O Ancião nos guiará até Sophia — sussurrou Daniel, enquanto todos se abaixavam sob a arcada que levava à escadaria escura. — Se ela estiver em poder dos outros... se estiver de posse da relíquia...

Dee pousou a mão com firmeza no braço de Daniel.

— Ela não pode saber da presença de Luce. Você deve impedir que o Ancião alcance Sophia.

Os olhos de Daniel se dirigiram rapidamente a Luce, depois a Roland, que assentiu rapidamente e correu escadaria acima como se já tivesse corrido por fortalezas de pedra antes.

Menos de dois minutos depois, os aguardava no topo da escadaria estreita. O Ancião jazia morto no chão, os lábios azuis, os olhos vitrificados e úmidos. Atrás de Roland, um vão fazia uma curva abrupta para a esquerda. Alguém na plataforma estava cantando algo que parecia um hino religioso.

Luce estremeceu.

Daniel fez sinal para que eles ficassem para trás e espiou pelo canto da escadaria espiralada. De onde estava, pressionada contra uma parede de pedra, Luce viu um pequeno pedaço da capela para além do patamar das escadas.

As paredes eram enfeitadas por elaborados afrescos, iluminados por dúzias de pequenas lamparinas de latão suspensas do teto abobado por correntes. Havia um pequeno aposento com toda a parede oeste tomada por um mosaico representando a crucificação. Mais além, um conjunto de colunas decoradas, e de vários metros de largura, dividia uma segunda capela, maior que a anterior e difícil de ser vista do local onde Luce se encontrava. Entre as duas capelas, um vistoso altar dedicado a Maria estava coberto por buquês de flores e velas sacramentais parcialmente consumidas.

Daniel fez sinal com a cabeça. Um clarão vermelho passou correndo por uma das colunas.

Uma mulher vestida em um longo robe escarlate.

Ela se curvou sobre um altar feito com uma grande placa de mármore adornada por uma toalha de renda branca. Havia algo sobre ele, mas Luce não conseguia identificar o quê.

A mulher era frágil, mas bonita, com cabelos brancos cortados em um chanel elegante. Seu robe estava amarrado à cintura com um cinto trançado colorido. Ela acendeu uma vela em frente ao altar. As mangas esvoaçantes do traje escorregaram pelos seus braços quando ela se ajoelhou, expondo pulsos adornados por camadas e mais camadas de pulseiras de pérola.

Srta. Sophia.

Luce empurrou Daniel para subir mais um degrau, desesperada para ter uma visão melhor. As colunas largas obstruíam a maior parte da capela, mas, quando Daniel a ajudou a subir um pouco mais, pôde ver melhor. Não havia apenas um, mas três altares no aposento, e não uma, mas três mulheres de escarlate acendendo velas ritualísticas ao redor deles. Luce não reconheceu as outras duas.

Sophia parecia mais velha, mais cansada do que quando estava atrás de sua mesa de bibliotecária. Luce se perguntou brevemente se seria porque, em vez de permanecer cercada por adolescentes, passara a estar acompanhada de seres que não eram mais adolescentes há centenas de anos. Naquela noite, o rosto de Sophia estava pintado, os lábios vermelhos como sangue. O robe que trajava parecia empoeirado e marcado com círculos de suor. Era sua a voz que estivera cantando. Quando começou a entoar novamente numa língua que parecia latim, mas não era, todo o corpo de Luce se contraiu. Ela se lembrou.

Esse era o ritual que a Srta. Sophia fizera com Luce na última noite que passou na Sword & Cross. A Srta. Sophia estivera prestes a matá-la quando Daniel entrou pelo teto numa explosão.

— Passe a corda, Vivina — disse a Srta. Sophia.

Estavam tão entretidas em seu ritual macabro que não perceberam os anjos agachados ao longo da escada do lado de fora da capela.

— Gabrielle parece um pouco à vontade demais. Quero amarrar sua garganta — continuou ela.

Gabbe.

— Não há mais corda — respondeu Vivina. — Tive de amarrar Cambriel duas vezes. Ele estava se contorcendo. Oooh, ele ainda está se contorcendo.

— Oh, meu Deus — sussurrou Luce. Cam e Gabbe estavam ali. Ela supunha que a presença de uma terceira mulher de robe significava que Molly estaria ali também.

— Deus não tem nada a ver com isso — falou Dee baixinho. — E Sophia está desequilibrada demais para perceber.

— Por que os anjos caídos estão tão quietos? — sussurrou Luce. — Por que não estão resistindo?

— Provavelmente não se deram conta de que este lugar *não é* um santuário de Deus — respondeu Daniel. — Devem estar em choque, eu estaria, e Sophia deve estar usando isso em vantagem própria. Ela sabe que eles estão preocupados, achando que qualquer coisa que façam ou digam possa incendiar a igreja.

— Sei como se sentem — sussurrou Luce. — Temos que impedi-la.

Ela andou em direção à porta, sentindo-se corajosa por causa da lembrança dos Anciãos que haviam destruído lá fora, por causa do poder dos anjos atrás dela, por causa do amor de Daniel, por causa do conhecimento das duas relíquias que já haviam descoberto. Porém, alguém a agarrou pelo ombro, trazendo-a de volta ao corredor.

— Todos vocês, fiquem aqui — sussurrou Dee, olhando nos olhos de cada um dos anjos para se certificar de que todos haviam entendido seu comando. — Se os virem, saberão que Luce está com vocês. Esperem aqui. — Ela apontou para as colunas, grossas o suficiente para que os três anjos se escondessem. — Sei como lidar com minha irmã.

Sem dizer mais uma palavra, Dee entrou na capela. Seus saltos tamborilaram contra o assoalho preto e branco.

— Eu diria que já lhe deram corda demais, Sophia — disse Dee.

— Quem está aí? — gritou Vivina, surpreendida enquanto se ajoelhava.

Dee cruzou o local enquanto caminhava ao redor dos altares, estalando a língua, repreendendo o trabalho dos Anciãos.

— Que roupas de segunda categoria. Só mesmo Sophia para usar coisas de má qualidade durante um sacrifício com implicações cósmicas e eternas.

Luce estava desesperada para observar a reação estampada no rosto da Srta. Sophia, mas Daniel a manteve a distância. Ouviram o som de algo arranhando, um arfar melodramático e uma risadinha cruel.

— Ah, sim! — falou a Srta. Sophia. — Minha irmã vagabunda retorna, bem a tempo de testemunhar meu momento mais brilhante. Isto será um acontecimento maior que aquele seu recital de piano tão celebrado!

— Você é mesmo muito burra.

— Porque não estou usando a marca mais recomendada de corda? — zombou Sophia.

— Esqueça a corda, idiota — falou Dee. — Você é burra de muitas outras milhares de formas, sendo a principal delas acreditar que vai se safar disto.

— Não seja condescendente com ela! — sibilou a terceira Anciã.

— Não há outra maneira de me dirigir a ela — retrucou Dee imediatamente.

— Obrigada, Lyrica, mas eu consigo dar conta de Paulina — respondeu Sophia sem tirar os olhos de Dee. —

Ou como é mesmo o nome que você pediu para ser chamada agora? Pee?

— Você sabe muito bem que é Dee. Só zomba porque adoraria saber por quê.

— Ah, sim, *Dee*. Graaaaaande diferença. Bem, vamos aproveitar nossa breve reunião da melhor maneira possível.

— Solte-os, Sophia.

— Soltá-los? — riu Sophia. — Ah, mas eu os quero mortos. — A voz dela se fez mais alta e Luce pôde ver as mãos da outra fazendo um gesto na direção dos anjos presos no altar. — E, mais do que tudo, que *ela* morra!

Luce não conseguia respirar. Sabia de quem a bibliotecária estava falando.

— Isso não vai impedir que Lúcifer acabe com a sua existência. — A voz de Dee soou quase triste.

— Bem, você sabe o que o papai costumava dizer: "Vamos todos para o Inferno, mesmo". Então devemos fazer o que queremos enquanto ainda estamos neste planeta. Onde ela está, Dee? — vociferou Sophia. — Onde está Lucinda, a criança chorona?

— Não saberia dizer. — A voz de Dee era suave agora. — Mas vim para impedir que você descubra.

Nesse momento, Daniel permitiu que Luce ficasse um pouco mais perto da entrada da primeira capela.

— Odeio você! — gritou Sophia, lançando-se sobre Dee.

Roland se virou para Daniel, perguntando com os olhos se deveriam interferir. Daniel parecia confiar nas habilidades da desideratum e negou com a cabeça.

As Anciãs assistentes de Sophia observavam de seus altares as irmãs rolando pelo chão, saindo e depois retornando ao campo de visão de Luce. Dee por cima, depois Sophia, e então Dee novamente.

As mãos de Dee encontraram o pescoço de Sophia e então apertaram. O rosto da velha bibliotecária da Sword & Cross ficou vermelho e suas mãos batiam contra o peito de Dee enquanto ela lutava para sobreviver.

Lentamente, Sophia conseguiu erguer o joelho até pressioná-lo contra a barriga da irmã, tentando empurrá-la para trás. Os braços de Dee estavam completamente estendidos, mantendo o pescoço de Sofia sob forte aperto. Ela olhou para baixo, para o rosto da irmã, distorcido pela fúria, os olhos incendiados de ódio.

— O seu coração ficou sombrio, Sophia — falou Dee, com a voz embargada por algo parecido com nostalgia. — Foi como se uma luz tivesse se apagado. Ninguém conseguiria acender essa luz novamente. Podíamos apenas tentar impedi-la de nos atropelar na escuridão. — Então ela

libertou Sophia e permitiu que a outra puxasse ar para os pulmões, em pânico.

— Você me traiu — falou Sophia, ainda arfando, enquanto Dee segurava a irmã pela gola, fechava os olhos e se preparava para bater a cabeça de Sophia contra o piso de mosaico.

Mas, em vez disso, ouviu-se um gemido quando Dee foi arremessada pelos ares. Sophia chutou a irmã com uma força que Luce tinha esquecido pertencer a ela, e se pôs de pé. Estava suada, o rosto vermelho, os cabelos brancos desgrenhados. Correu para onde Dee se encontrava caída, a muitos metros de distância. Luce ficou na ponta dos pés e estremeceu ao ver que os olhos de Dee estavam fechados.

— Ha! — Sophia retornou para os altares e se abaixou para pegar algo embaixo daquele onde estava Cam. Sacou, então, uma aljava de setas estelares.

Novamente Roland olhou para Daniel. Dessa vez, Daniel assentiu.

Num instante, Ariane, Annabelle e Roland saíram voando para dentro do cômodo. Roland foi para cima da Srta. Sophia, mas no último momento ela se abaixou e conseguiu desviar-se. As asas bateram contra o rosto dela, mas Sophia conseguiu evitar que ele a agarrasse.

Ao ver as asas dos anjos, as duas outras Anciãs se acovardaram, gemendo de pânico e medo. Annabelle as manteve presas enquanto Ariane pegava um canivete de seu bolso — o rosa, aquele mesmo que Luce tinha usado para cortar os cabelos da garota meses antes —, e cortou as cordas que prendiam Gabbe ao altar.

— Parem, senão eu o mato! — gritou Sophia para os anjos, segurando um punhado de setas estelares e pulando em cima de Cam. Mantendo-o preso sob suas pernas, levantou as setas prateadas acima da cabeça dele.

Os cabelos pretos de Cam estavam oleosos e sem vida. As mãos, pálidas e trêmulas. A Srta. Sophia observava tais detalhes com um sorriso malicioso.

— Como eu adoro ver um anjo *morrendo*! — riu, mantendo as setas estelares suspensas. — E este aqui é mesmo um anjo muito arrogante. — Olhou para Cam. — A morte dele será algo lindo de se contemplar.

— Vá em frente. — A voz de Cam soou firme desta vez, baixa e uniforme. Luce quase gritou quando o ouviu dizer: — Nunca pedi para ter um final feliz.

Luce tinha visto Sophia matar Penn com as próprias mãos e sem remorso algum. Não iria deixar que acontecesse novamente.

— *Não!* — gritou Luce, lutando para se libertar dos braços de Daniel e arrastando-o com ela para dentro da capela.

Lentamente, a Srta. Sophia virou o corpo em direção a Luce e Daniel, segurando as setas estelares com força. Seus olhos tinham um brilho prateado e os lábios se contorciam num sorriso tenebroso enquanto Luce arrastava Daniel, lutando contra seu aperto implacável.

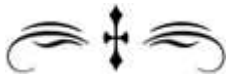
— Temos de impedi-la, Daniel!

— Não, Luce, é perigoso demais.

— Ah, aí está você, querida! — celebrou a Srta. Sophia. — E Daniel Grigori! Que ótimo. Estava mesmo esperando por vocês.

Então ela piscou e ergueu as setas estelares acima da cabeça, arremessando-as num feixe denso diretamente contra Daniel e Luce.

DOZE



ÁGUA PROFANA

Tudo aconteceu em uma fração de segundo:

Roland atracou-se com a Srta. Sophia e a derrubou no chão. Porém, fez isso um milésimo atrasado.

Cinco setas estelares percorreram silenciosamente o espaço vazio da capela. O grupo se separou no meio do voo, e as setas pareceram suspensas no ar por um instante durante a trajetória em direção a Luce e Daniel.

Daniel.

Luce se atirou para trás, para pressionar o próprio corpo de encontro ao peito de Daniel. Ele teve o instinto oposto: seus braços empurraram Luce com força para o chão.

Dois grandes pares de asas cruzaram o espaço em frente a Luce, vindo com ímpeto da esquerda e da direita. Um dos pares era de um tom de ouro vermelho, o outro era de um prateado puro, quase branco. Elas encheram o ar diante de Luce e Daniel, como enormes telas de penas — e depois sumiram num piscar de olhos.

Algo zuniu na orelha esquerda de Luce. Ela se virou e viu uma única seta estelar ricochetear contra a parede acinzentada de pedras e cair no chão. As demais setas haviam sumido.

Uma poeira fina e iridescente começou a baixar ao redor de Luce.

Piscando em meio à poeira, Luce começou a examinar o aposento: Daniel estava agachado ao lado dela. Dee, agora recobrada, estava em cima da Srta. Sophia, que se debatia. Annabelle estava de pé diante das outras duas Anciãs, que jaziam sem vida no chão. Ariane, segurando pedaços de corda solta numa das mãos e o canivete suíço na outra, ambas trêmulas. Cam, ainda preso ao altar, perplexo.

Gabbe e Molly, que haviam acabado de ser libertadas de seus altares por Ariane...

Desapareceram.

E os corpos de Luce e Daniel estavam cobertos por uma fina camada de poeira.

Não.

— Gabbe... Molly... — Luce ficou de joelhos. Estendeu as mãos, examinando-as como se nunca as tivesse visto. A luz das velas iluminava os rostos de ambas, dando à poeira uma coloração dourada, depois prateada, enquanto Luce virava as mãos para observar suas palmas. — Não, não, não, não, não, não.

Olhou para trás, mirando bem dentro dos olhos de Daniel. O rosto dele estava empoeirado, os olhos com um brilho violeta tão denso que era difícil permanecer olhando para eles.

O que se tornou ainda mais difícil quando a visão de Luce ficou embaçada pelas lágrimas.

— Por que elas...?

Por um momento, tudo permaneceu quieto.

Então o rugido de um animal preencheu o ambiente.

Cam esforçou-se para libertar a perna direita das cordas que o prendiam, machucando o tornozelo no processo. Debateu-se para libertar os pulsos, urrou enquanto libertava a mão direita das amarras, rasgando a asa que estava presa na coluna de ferro, e deslocando o ombro. O braço dele oscilava de forma terrível, frouxo, como se tivesse sido quase rasgado para fora do corpo. Mancou do altar em direção a Sophia, empurrando Dee para o lado. A força daquele movimento

arremessou os três ao chão. Cam caiu em cima de Sophia, fazendo pressão em um dos lados do corpo dela, tentando esmagá-la sob seu peso. Ela soltou um grunhido abafado, levando os braços sem força para diante do rosto enquanto as mãos de Cam buscavam o pescoço dela.

— Estrangular é a maneira mais íntima de se matar alguém — disse Cam, como se estivesse dando aula de Introdução à Violência. — Agora vamos ver a beleza de sua morte.

Mas a luta da Srta. Sophia foi bem feia. Ela grunhiu e engasgou em busca de ar. Os dedos de Cam apertaram mais ainda, e bateu a cabeça dela contra o chão repetidas vezes. Começou a sair sangue da boca da mulher, mais escuro que seu batom.

As mãos de Daniel tocaram o queixo de Luce, virando o rosto dela para fitar o dele. Segurou-a pelos ombros. Olharam no fundo dos olhos um do outro, procurando uma forma de ignorar os últimos grunhidos de Sophia.

— Gabbe e Molly sabiam o que estavam fazendo — sussurrou Daniel.

— Sabiam que iriam morrer? — disse Luce.

Atrás deles, Sophia choramingou, soando quase como se tivesse aceitado que aquela seria a maneira como iria morrer.

— Sabiam que impedir Lúcifer é mais importante que a vida isolada de cada um — disse Daniel. — Mais que qualquer outra coisa que aconteceu, deixe que isso a convença do quanto a nossa tarefa aqui é urgente.

O silêncio ao redor deles era grande agora. Não se ouvia mais a tosse engasgada da Srta. Sophia. Luce não precisou olhar para saber o que aquilo significava.

Um braço envolveu-lhe a cintura. Um tufo de cabelos pretos pousou sobre seus ombros.

— Venham — disse Ariane. — Vamos limpar vocês dois.

Daniel entregou Luce a Ariane e Annabelle.

— Vão em frente vocês, garotas.

Luce seguiu os anjos, entorpecida. Elas guiaram Luce até a parte de trás da capela, abrindo diversos armários até encontrarem o que estavam procurando: uma pequena porta laqueada de preto que dava para um aposento circular e sem janelas.

Annabelle acendeu o candelabro que jazia numa mesa próxima à porta, então acendeu outro numa alcova de pedra. O quarto de tijolos vermelhos era do tamanho de uma despensa grande e não tinha móveis, a não ser por uma banheira batismal suspensa. O interior da banheira era feito de mosaicos verdes e azuis; o exterior, de mármore entalhado com um friso mostrando anjos descendo à Terra.

Luce sentia-se infeliz e morta por dentro. Até mesmo a banheira batismal parecia zombar dela. Ali estava ela — a garota cuja alma amaldiçoada era importante de alguma forma, disponível para qualquer um porque não havia sido batizada quando criança —, prestes a lavar a poeira de dois anjos mortos. Será que salvar Luce e Daniel tinha valido suas almas? Como? Esse "batismo" partiu um pouco mais o coração já despedaçado de Luce.

— Não se preocupe — disse Ariane, lendo a mente da amiga. — Isso não irá contar.

Annabelle encontrou uma pia no canto do quarto, atrás da fonte batismal. Jogou um balde atrás do outro de água fumegante dentro da banheira. Ariane permaneceu ao lado de Luce, sem olhar para ela, apenas segurando-lhe a mão. Quando a banheira estava cheia e refletindo um azul esverdeado por causa do mosaico, Annabelle e Ariane içaram Luce acima da superfície da água. Ela ainda vestia a calça jeans e o suéter. Os anjos não haviam pensado em despi-la, mas então perceberam suas botas.

— Ops! — disse Annabelle suavemente, abrindo o zíper de uma bota de cada vez e colocando-as de lado. Ariane tirou o colar prateado do pescoço de Luce e o pousou dentro de uma das botas. As asas tremulavam enquanto saíam do chão para pousar Luce dentro da água morna.

Luce fechou os olhos, mergulhou na banheira e permaneceu embaixo d'água durante alguns instantes. Se chorasse, não sentiria as lágrimas enquanto permanecesse submersa. Ela não queria senti-las. Era como se Penn tivesse morrido novamente, uma nova dor expondo outra mais antiga ainda fresca no peito de Luce. Depois do que pareceu um longo tempo, sentiu mãos deslizando por baixo de seus braços e puxando-a para cima. A superfície da água se tornara um filme de poeira cinza. Não tinha mais brilho.

Luce não tirou os olhos da água até que Annabelle começou a retirar-lhe o suéter pela cabeça. Ela sentiu o suéter sendo despido, seguido pela camiseta que vestia por baixo. Annabelle se atrapalhou um pouco com o botão da calça. Há quantos dias estava usando aquela roupa? Era estranho se livrar dela — era como livrar-se de uma camada de pele e olhar para ela caída no chão.

Correu as mãos pelos cabelos molhados para afastá-los do rosto. Não tinha percebido o quanto estavam repugnantes. Então se sentou no banco na parte de trás da banheira, apoiou-se numa das bordas e começou a tremer. Annabelle colocou mais água quente, mas isso não fez com que os tremores de Luce cessassem.

— Se eu tivesse permanecido nas escadas, como Dee pediu...

— Então Cam estaria morto — disse Ariane. — Ou mais alguém. Sophia e seu clã iriam produzir poeira esta noite de um jeito ou de outro. Nós sabíamos disso quando viemos até aqui, mas você não — suspirou ela. — Por isso, sair das escadas e tentar salvar Cam foi muito corajoso, Luce.

— Mas *Gabbe*...

— Ela sabia o que estava fazendo.

— Foi o que Daniel disse. Mas por que iria se sacrificar para salvar...

— Porque apostou que você, Daniel e o restante de nós iríamos conseguir. — Ariane descansou o queixo no braço, na borda da banheira. Colocou um dedo na água, espalhando a poeira na superfície. — Mas saber disto não torna as coisas mais fáceis. Todos nós a amávamos muito.

— Ela não pode ter ido embora.

— Ela *se foi*. Desapareceu do mais elevado altar da Criação.

— O quê? — Não tinha sido isso que Luce havia tentado dizer. Ela quis dizer que Gabbe era sua amiga.

A testa de Ariane se enrugou.

— Gabbe era o Arcanjo de nível mais alto... Você não sabia? Sua alma valia... nem sei dizer quantas outras. Sua alma valia muito.

Luce jamais havia pensado antes na forma como seus amigos eram classificados no Céu, mas agora pensou nas vezes em que Gabbe tomou conta dela, deu-lhe comida e a aconselhou. Havia sido a mãe celestial de Luce.

— E o que a morte dela significa?

— Há muito tempo, Lúcifer foi classificado como o mais importante — explicou Annabelle. Após uma pausa, olhou para Luce, registrando o choque da outra. — Ele estava logo ali, ao lado de todo o poder. Então se rebelou e Gabbe ocupou o lugar dele.

— Muito embora estar no patamar mais próximo ao Trono seja uma bênção mesclada — murmurou Ariane. — Pergunte ao seu velho amigo Bill.

Luce teve vontade de perguntar quem vinha em segundo lugar na classificação depois de Gabbe, mas algo a impediu. Talvez um dia tivesse sido Daniel, mas o lugar dele no Céu estava em risco porque continuava escolhendo Luce.

— E Molly? — perguntou Luce finalmente. — A morte dela... compensa a de Gabbe? Em termos do equilíbrio de forças entre o Céu e o Inferno? — Ela se sentiu insensível falando sobre os amigos como se fossem bens materiais... Mas também sabia que neste momento a resposta era muito importante.

— Molly também era importante, muito embora estivesse num nível mais baixo — respondeu Annabelle. — Isso foi antes da Queda, é claro, quando ela ficou do lado do exército de Lúcifer. Sei que não devemos falar mal daqueles que viraram pó, mas Molly costumava me incomodar bastante. Toda aquela negatividade.

Lucy assentiu, sentindo-se culpada.

— Porém, algo havia mudado nela recentemente. Era como se tivesse despertado. — Annabelle olhou para Luce. — Respondendo à sua pergunta, o equilíbrio entre o Céu e o Inferno ainda pode ser afetado. Apenas temos de ver como as coisas vão se desenrolar. Um monte de coisas que são importantes neste momento se tornarão irrelevantes se Lúcifer vencer.

Luce olhou em direção a Ariane, que havia desaparecido atrás da porta e espirrara três vezes seguidas.

— Olá, queridas! — Quando reapareceu, ela trazia nas mãos uma toalha branca e um grande roupão de banho. — Terá de servir por agora. Encontraremos uma muda de roupa para você antes de deixarmos Jerusalém.

Quando Luce não se moveu de dentro da banheira, Ariane estalou a língua como se estivesse tangendo um cavalo para fora do estábulo e estendeu a toalha para que Luce pisasse. Ela se levantou, sentindo-se como uma criança

enquanto Ariane a envolvia com a toalha e começava a secá-la. A toalha era fina e áspera, mas o roupão era grosso e morno.

— Precisamos correr antes que a horda de turistas chegue — disse Ariane, recolhendo as botas de Luce.

Quando deixaram o quarto batismal e caminharam de volta à capela, o sol já havia nascido e lançava uma infinidade de cores através dos vitrais que retratavam a Ascensão.

Os corpos da Srta. Sophia e das outras duas Anciãs jaziam sob a janela, amarrados.

Quando as garotas cruzaram rumo à nave da capela principal, Cam, Roland e Daniel estavam sentados no altar central, conversando baixinho. Cam bebia o último refrigerante de seta estelar da mochila de couro preta de Phil. Luce pôde *ver* uma casca se formando sobre o tornozelo ensanguentado de Cam, e então a casca começando a se desfazer. Ele bebeu o último gole e encaixou o ombro de volta com um estalo.

Os rapazes olharam para cima e encontraram Luce de pé entre Annabelle e Ariane. Os três pularam de cima do altar, mas Cam foi o primeiro a andar em direção a Luce.

Ela permaneceu imóvel enquanto ele se aproximava. O coração estava acelerado.

A pele dele parecia pálida, fazendo com que o verde de seus olhos lembrasse esmeraldas. Havia suor em seus cabelos e um pequeno arranhão próximo ao olho esquerdo. A ponta da asa tinha parado de sangrar e estava envolvida num tipo de bandagem.

Sorriu para ela. Pegou suas mãos. As mãos dele estavam mornas e vivas e houve um momento em que Luce pensou que jamais o veria novamente, jamais veria aqueles olhos brilharem, nem aquelas asas douradas se abrirem, ou o modo como seu tom de voz se elevava quando contava uma piada sarcástica... E, embora ela amasse Daniel mais que qualquer outra coisa, mais do que jamais imaginara possível, Luce não podia suportar a ideia de perder Cam. Fora isso que a impulsionara para dentro da capela.

— Obrigado — disse ele.

Luce sentiu os próprios lábios tremerem e os olhos arderem. Antes que pudesse pensar no que estava fazendo, se jogou nos braços de Cam, sentindo as mãos dele abraçarem-na. Quando o queixo dele pousou no topo de sua cabeça, ela começou a chorar.

Ele a deixou chorar. Abraçou-a com força. Sussurrou:

— Você é tão corajosa.

Então os braços de Cam a soltaram e seu peito se afastou lentamente. Por um segundo, ela se sentiu exposta e com

frio, mas então outro peito, outro par de braços substituíram os de Cam. E soube, sem precisar abrir os olhos, que era Daniel. Nenhum outro corpo no universo se ajustava tão perfeitamente ao dela.

— Importa-se se eu me intrometer? — perguntou ele baixinho.

— Daniel... — Ela fechou os punhos e o abraçou com força, querendo mandar a dor embora.

— Shhh. — Ele a manteve nos braços por um tempo que poderia ter sido horas, ninando-a levemente, balançando-a nas asas até que as lágrimas secassem e o peso no coração se levantasse, permitindo que respirasse sem fungar.

— Quando um anjo morre — perguntou ela, ainda abraçada a Daniel —, vai para o Céu?

— Não — respondeu ele. — Não há mais nada para um anjo após a morte.

— Como pode ser?

— O Trono jamais previu que algum anjo pudesse se rebelar, muito menos que o anjo caído Azazel passaria séculos numa caverna grega desenvolvendo uma arma capaz de matar anjos.

O peito dela tremeu novamente.

— Mas...

— Shhh — sussurrou ele. — A dor pode sufocá-la. É perigosa, é algo mais para você derrotar.

Ela inspirou profundamente e se afastou o bastante para poder ver o rosto dele. Seus olhos pareciam inchados e exaustos, e a camisa de Daniel estava encharcada pelas lágrimas de Luce, como se o tivesse batizado com sua dor.

Além dos ombros de Daniel, descansando no altar onde Gabbe estivera amarrada, algo prateado brilhava. Era um cálice enorme, a circunferência como a de uma jarra de ponche, mas com formato alongado e feito de prata martelada.

— É isso?

Era essa a relíquia que custara a vida de seus amigos?

Cam caminhou em direção ao objeto e o apanhou.

— Nós o descobrimos na base da ponte Saint Bénézet imediatamente antes de os Anciãos nos capturarem — disse ele, balançando a cabeça. — Espero que essa cuspideira valha todo o esforço.

— Onde está Dee? — Luce olhou em volta em busca da pessoa que provavelmente mais conheceria o significado da relíquia.

— Ela está lá embaixo — explicou Daniel. — A igreja abriu ao público há pouco tempo, por isso Dee desceu para construir uma pequena placa para ocultar os corpos das

Anciãs. Neste momento está na base das escadas com um cartaz que diz que aquela ala está fechada para reforma.

— E funcionou? — perguntou Annabelle, impressionada.

— Ninguém tentou passar até o momento. Os turistas religiosos não são uns *hooligans* — zombou Cam. — Chutem as almofadas de oração!

— Como você pode fazer piadas num momento como este? — perguntou Luce.

— Como poderia não fazer? — retrucou Cam. — Preferiria que eu estivesse chorando?

Uma pancada rápida soou na janela do outro lado da capela. Os anjos se prepararam enquanto Cam se dirigiu para abrir a vidraça próxima ao vitral. Ele tensionou a mandíbula.

— Preparem as setas estelares!

— Cam, espere! — gritou Daniel. — Não atire.

Cam parou. Um segundo mais tarde, um garoto trajando um casaco cáqui escorregou pela janela aberta. Assim que ficou de pé, Phil levantou a cabeça raspada e fixou os olhos brancos mortos em Cam.

Cam rosnou.

— Você já era, Pária.

— Eles estão do nosso lado agora, Cam. — Daniel apontou para o sinal feito com a própria asa enfiado na lapela

de Phil.

Cam engoliu, cruzando os braços.

— Desculpe. Eu não sabia disso. — Pigarreou, completando: — Isso explica por que os Párias que vimos na ponte em Avignon estavam lutando contra os Anciãos quando chegamos. Não tiveram a chance de se explicar antes de todos serem...

— Mortos — completou Phil. — Sim. Os Párias se sacrificaram em nome da sua causa.

— O Universo é a causa de todo mundo — disse Daniel, e Phil assentiu brevemente.

Luce abaixou a cabeça. Toda aquela poeira na ponte. Não havia lhe ocorrido que aquilo pudesse ter sido por causa dos Párias. Ela estivera preocupada demais com Gabbe, Molly e Cam.

— Estes últimos dias foram um golpe pesado sobre os Párias — disse Phil. A voz o traía revelando uma nuance de tristeza. — Muitos foram capturados pelos anjos da Balança em Viena. Outros tantos sucumbiram aos Anciãos em Avignon. Restam apenas quatro de nós. Posso deixá-los entrar?

— Claro — respondeu Daniel.

Phil estendeu a mão em direção à janela e mais três casacos cáqui escorregaram para dentro do quarto: uma

garota que Luce não reconhecia, a quem Phil apresentou como Phresia; Vincent, um dos Párias que montou guarda para Luce e Daniel no monte Sinai, e Olianna, a garota pálida do topo do palácio em Viena. Luce sorriu para ela, um sorriso que sabia que a Pária não conseguia ver. Mas Luce esperava que pudesse senti-lo, porque estava feliz de ver que ela havia sarado. Todos os Párias pareciam irmãos, simples, belos e extremamente pálidos.

Phil apontou para os Anciãos mortos sob a janela.

— Parece que precisam de assistência para se desfazer desses corpos. Será que os Párias podem tirá-los de suas mãos?

Daniel soltou uma risada surpresa.

— Por favor.

— Apenas certifiquem-se de não prestar nenhuma homenagem a esses assassinos geriátricos — completou Cam.

— Phresia. — Phil assentiu para a garota, que se ajoelhou diante dos corpos, colocou-os sobre os ombros, abriu as asas marrons e saiu voando pela janela. Luce a observou cruzar o céu, levando embora a última visão que teria da Srta. Sophia.

— O que é isso na mochila de pano? — apontou Cam para a bolsa de tecido azul-marinho atravessada no torso de Vincent.

Phil fez um sinal para que Vincent pousasse a mochila no centro do altar. Ele a pôs no chão com um ruído pesado.

— Em Veneza, Daniel Grigori me perguntou se eu tinha alguma comida para Lucinda Price. Eu tenho me culpado por não ter podido oferecer nada além de lanches pouco saudáveis, o tipo de comida que minhas amigas modelos italianas preferem. Desta vez, perguntei a uma mortal israelense que tipo de comida gostava. Ela me levou a algo chamado barraca de falafel. — Phil ergueu os ombros e a voz assumiu uma entonação de pergunta no final.

— Você está me dizendo que isso que está na sacola é um grande pedaço de falafel? — Roland ergueu as sobrancelhas em dúvida, olhando para a sacola de Vincent.

— Ah, não — respondeu Vincent. — Os Párias também compraram humus, pão árabe, picles e um pote de algo chamado tabule, salada de pepino e suco fresco de romã. Você está com fome, Lucinda Price?

Era uma quantidade absurda de comida deliciosa. De certa forma parecia errado comer nos altares, por isso espalharam a comida no chão para todos — Párias, anjos, mortais — comerem com vontade. O humor era sombrio, mas a comida estava satisfatória e quente, e algo do qual todos pareciam precisar. Luce mostrou para Olianna e Vincent como montar um sanduíche de falafel; Cam até

pediu para Phil lhe passar o humus. Em determinado momento, Ariane voou pela janela para procurar algumas roupas para Luce. Retornou com um par de jeans desbotados, uma camiseta e uma jaqueta do exército israelense com um emblema retratando uma chama amarelo-alaranjada.

— Tive de beijar um soldado para conseguir isto — disse, mas a voz não mostrava a mesma suavidade que teria se estivesse brincando também com Gabbe e Molly.

Quando nenhum deles conseguia mais comer, Dee apareceu à porta. Cumprimentou os Párias educadamente e pousou uma das mãos no ombro de Daniel.

— Você está com a relíquia, querido?

Antes que Daniel pudesse responder, os olhos de Dee encontraram o cálice. Ela o ergueu e o virou nas mãos, examinando-o cuidadosamente de todos os lados.

— A Asa de Prata — sussurrou ela. — Olá, velha amiga.

— Pelo visto sabe o que fazer com aquela coisa — disse Cam.

— Ela sabe — respondeu Luce.

Dee apontou para um prato de latão que havia sido forjado em um dos lados do cálice e falou algo em voz baixa, como se estivesse lendo. Correu os dedos sobre uma imagem talhada ali. Luce se inclinou para a frente para poder ver

melhor. A ilustração parecia com as asas de um anjo em queda livre.

Finalmente, Dee levantou o rosto e os encarou com uma estranha expressão.

— Muito bem, agora tudo faz sentido.

— O que faz sentido? — quis saber Luce.

— Minha vida. Meu propósito. Aonde precisamos ir. O que precisamos fazer. É chegada a hora.

— Hora de quê? — perguntou Luce. Eles haviam conseguido todos os artefatos agora, mas ainda não entendia o que ainda lhes restava fazer.

— É hora do ato final, querida — disse Dee alegremente. — Não se preocupe, irei guiá-los durante todo o processo, passo a passo.

— Até o monte Sinai? — Daniel se levantou e ajudou Luce a ficar de pé.

— Chegou perto. — Dee fechou os olhos e inspirou profundamente, como se para resgatar a lembrança do fundo dos pulmões. — Há um par de árvores nas montanhas a cerca de mil e quinhentos metros acima do Monastério de Santa Catarina. Gostaria que nos encontrássemos lá. É chamado *Qayom Malak*.

— *Qayom Malak... Qayom Malak* — repetiu Daniel. A palavra soava como *kayome malaka*. — Está no meu livro. —

Ele abriu o zíper da mochila e folheou a obra, falando baixinho consigo. Finalmente ergueu o volume para Dee ver. Luce deu um passo adiante para poder ver também. No pé da página, mais ou menos na página cem, o dedo de Daniel apontava para uma nota meio apagada escrita numa língua que Luce não reconhecia. Próximo à nota, havia escrito o mesmo grupo de letras três vezes:

QYWM' ML'K'. QYWM' ML'K'. QYWM' ML'K'.

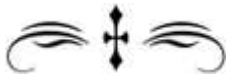
— Muito bem, Daniel — sorriu Dee. — Você sabia o tempo todo. Muito embora *Qayom Malak* seja muito mais fácil para as línguas modernas pronunciarem do que... — pronunciou um conjunto de sons guturais complicados que Luce seria incapaz de repetir.

— Eu nunca soube o que significava — disse Daniel.

Dee olhou pela janela aberta, para o céu da tarde da cidade sagrada.

— Você logo saberá, meu garoto. Muito em breve você saberá.

TREZE



A ESCAVAÇÃO

O bater de asas acima.

O roçar de nuvens na pele.

Luce estava voando na escuridão, afundada no túnel inebriante de mais um voo. Era leve como o vento.

Uma única estrela estava no centro do céu azul-escuro, quilômetros acima do colorido horizonte.

Luzes piscavam no chão escuro, parecendo impossivelmente distantes. Luce estava em outro mundo, subindo em direção ao infinito, iluminada pelo brilho de asas prateadas.

Elas batiam novamente, impulsionando para a frente, então para trás, carregando-a mais para o alto... mais alto...

O mundo era silencioso lá em cima, como se existisse só para ela.

Mais alto... mais alto...

Não importava o quão alto, estava sempre resguardada pelo brilho das asas prateadas acima dela.

Estendeu a mão para tocar Daniel, como se para dividir aquela paz, acariciar a mão dele no mesmo local onde sempre repousava: ao redor da cintura de Luce.

A mão dela encontrou apenas a própria pele. A mão dele não estava lá.

Daniel não estava lá.

Havia apenas o corpo de Luce e o horizonte cada vez mais escuro, além de uma única estrela distante.

Ela acordou do sonho. No alto, desperta, encontrou novamente as mãos de Daniel — uma delas lhe segurava a cintura, a outra estava mais acima, atravessada sobre o peito. No lugar onde sempre repousavam.

Era final de tarde — e não noite. Ela, Daniel e os outros escalavam uma escada de nuvens macias que obscurecia as estrelas.

Apenas um sonho.

Um sonho no qual era *Luce* quem estava voando. Todos têm esse tipo de sonho. Você deve acordar logo antes de cair no chão. Mas Luce, que na vida real voava todos os dias, havia acordado quando percebeu que estava voando por conta própria. Por que não havia olhado para cima, para ver como eram as suas asas, para ver se eram maravilhosas e suntuosas?

Fechou os olhos, esperando voltar para aquele céu mais calmo, onde Lúcifer não estava trovejando em direção a eles, onde Gabbe e Molly não haviam morrido.

— Não sei se consigo fazer isso — disse Daniel.

Os olhos de Luce se abriram, voltando à realidade. Abaixo deles, os picos de granito vermelho da península do Sinai eram tão recortados que pareciam feitos de pedaços de vidro quebrado.

— O que você não consegue fazer? — perguntou Luce. — Encontrar o local da Queda? Dee irá nos ajudar, Daniel. Acho que ela sabe exatamente como encontrá-lo.

— Claro — disse ele sem convicção. — Dee é ótima. Temos muita sorte de tê-la ao nosso lado. Mas mesmo se encontrarmos o local da Queda, não sei como conseguiremos deter Lúcifer. E se não conseguirmos... — O peito dele inflou atrás das costas de Luce. — Não suportarei mais sete mil anos sem você.

Durante todas as suas vidas, Luce vira Daniel deprimido, frustrado, preocupado, apaixonado, deprimido novamente, carinhoso, desconfiado, desesperadamente triste. Mas jamais o vira derrotado. A resignação triste em sua voz a cortava, súbita e profundamente, da mesma forma que uma seta estelar rasgava a carne dos anjos.

— Você não vai ter que fazer isso.

— Fico imaginando o que acontecerá se Lúcifer vencer. — Ele ficou sutilmente na retaguarda do grupo; Cam e Dee ocupavam a dianteira, Ariane, Roland e Annabelle logo atrás, os Párias espalhados ao redor de todos eles. — É demais para aguentar, Luce. É por isso que os anjos escolhem um lado, é por isso que as pessoas se juntam a um grupo. Não fazer isso tem um preço muito alto; é pesado demais resistir a tudo sozinho.

Houve um tempo em que Luce teria instintivamente ficado introspectiva, insegura pela dúvida de Daniel, como se aquilo sugerisse uma fraqueza no relacionamento deles. Mas agora ela estava armada das lições do passado de ambos. Sabia, quando Daniel estava cansado demais para se lembrar, do tamanho do amor dele.

— Não quero ter que passar por tudo isso novamente. Todo esse tempo sem você, sempre esperando, meu otimismo tolo me dizendo que algum dia será diferente...

— Seu otimismo foi justificado! Olhe para mim. Olhe para nós! Isto *é* diferente. Eu sei que é, Daniel. Eu nos vi em Helston, no Tibete e no Taiti. Estávamos apaixonados, é claro, mas não era nada parecido com o que temos agora.

Eles estavam agora bem afastados, longe dos ouvidos dos amigos. Eram apenas Luce e Daniel, dois namorados conversando no céu.

— Continuo aqui — disse Luce. — Estou aqui porque você acreditou em nós. Você acreditou em mim.

— Eu acreditei... Eu acredito em você.

— Eu acredito em você também. — Ela ouviu um sorriso invadir a própria voz. — Eu sempre acreditei.

Eles *não iriam* falhar.

Pousaram em meio a uma tempestade de areia.

Ela pairava sobre o deserto como um grande manto, como se mãos enormes tivessem espalhado todo o Saara no ar. Dentro da espessa nuvem amarelo-tostada, os anjos e tudo o que os cercava tornou-se indistinto: o solo estava encoberto por redemoinhos de areia; o horizonte havia sido apagado por lençóis amarronzados. Tudo parecia pixelado, banhado

em poeira estática, como um ruído branco corrosivo, uma amostra do que estaria por vir caso Lúcifer vencesse.

O nariz e a boca de Luce ficaram cheios de areia. Ela entrou na roupa e arranhava a pele. Era muito mais áspera que a poeira fina deixada após a morte de Gabbe e Molly, uma triste lembrança de algo pior e mais belo.

Luce perdeu completamente a noção do que a rodeava. Não fazia ideia de quão perto estavam de pousar até que seus pés roçaram o invisível chão rochoso. Ela sentiu que havia grandes pedras, talvez montanhas, à esquerda, contudo não conseguia enxergar mais do que alguns metros adiante. Apenas o brilho das asas dos anjos, opaco pelas ondas de areia e vento, sinalizava onde os outros estavam.

Quando Daniel a pousou na rocha acidentada, Luce levantou a gola do casaco até as orelhas, tentando proteger o rosto da areia áspera. Eles estavam reunidos num círculo, as asas dos anjos formando um halo de luz num caminho pedregoso no sopé da montanha: Phil e os outros três Párias restantes, Ariane, Annabelle, Cam, Roland, Luce, Daniel e Dee no centro, como se fosse a guia de um museu liderando uma excursão.

— Não se preocupem, geralmente é assim durante a tarde! — gritou Dee sobre um vento tão forte que agitava as asas dos anjos. Usava as mãos como um visor, colocando-as

na altura das sobrancelhas. — Isso vai terminar logo! Assim que atingirmos o local de *Qayom Malak*, juntaremos as três relíquias. Elas nos contarão a verdadeira história da Queda.

— E *onde é* exatamente o *Qayom Malak*? — gritou Daniel.

— Teremos que escalar a montanha. — Dee apontou para trás de si, para o promontório quase invisível, cujo sopé havia sido o local de pouso dos anjos. O pouco que Luce conseguia enxergar da montanha parecia extremamente íngreme, impenetrável.

— Você quer dizer que voaremos até o topo, não é? — perguntou Ariane enquanto batia os saltos de seus sapatos. — Nunca fui boa em escaladas.

Dee balançou a cabeça. Estendeu a mão para pegar a sacola de pano que Phil estivera segurando, abriu o zíper e pegou um par de pesadas botas de caminhada.

— Ainda bem que vocês estão usando sapatos adequados. — Ela tirou os sapatos de salto alto, colocou-os dentro da sacola e começou a amarrar as botas. — Não será uma escalada fácil, mas nessas condições, o caminho até o Qayom Malak é mais facilmente atingido a pé. Podem usar as asas para se equilibrarem contra os ventos.

— Por que não esperamos a tempestade de areia passar? — sugeriu Luce, os olhos lacrimejando sob o vento

empoeirado.

— Não, querida. — Dee passou a alça preta da sacola sobre os ombros estreitos de Phil. — Não temos tempo. Precisa ser agora.

Sendo assim, formaram uma fila atrás de Dee, confiando novamente a ela a responsabilidade de liderá-los. A mão de Daniel encontrou a de Luce. Ele ainda parecia taciturno após a conversa dos dois, mas nunca deixava de segurar sua mão.

— Bem, adeus, foi bom conhecer vocês! — brincou Ariane enquanto os outros começavam a escalada.

— Se procurarem por mim, perguntem para a areia — disse Cam em resposta.

A rota de Dee os levou em direção ao topo da montanha, ao longo de um caminho rochoso que ficava cada vez mais estreito e íngreme. Estava coberto por rochas que Luce não conseguia enxergar até tropeçar nelas. O sol poente parecia a lua, a luz pálida filtrada pela cortina pesada do vento.

Luce tossia, engasgada pela areia, a garganta ainda doía por causa da batalha em Viena. Ziguezagueava para a esquerda e para a direita, sem ver para onde ia, tendo apenas uma vaga sensação de que estavam sempre subindo. Ela focou no cardigã amarelo de Dee, que balançava no corpinho da velha mulher como uma bandeira. Mantinha a mão sempre agarrada à de Daniel.

Aqui e ali a tempestade de areia se atenuava ao redor de algum grande bloco de pedra, formando breves bolsões de visibilidade. Em um desses momentos, Luce viu uma manchinha verde-claro à distância. Estava numa clareira a centenas de metros acima e muito mais à direita de onde se encontravam agora. Aquele pontinho de cor era a única coisa que quebrava os quilômetros de paisagem sépia sem graça. Luce ficou observando-o como se fosse uma miragem, até que a mão de Dee deu um leve tapinha em seu ombro.

— É para lá que estamos indo, querida. É bom manter os olhos no prêmio.

Então a tempestade conseguiu passar pelo bloco de rocha e a areia entrou cobrindo tudo, ocultando o pontinho verde. O mundo voltou a ser a massa de grânulos de areia.

Imagens de Bill pareciam se formar na areia esvoaçante: a maneira como ele havia gargalhado na primeira vez em que se encontraram, transformando-se de um falso Daniel num ser repugnante; sua expressão inescrutável quando ela encontrara Shakespeare no Globe. As imagens ajudavam Luce a se endireitar quando tropeçava no caminho. Não iria desistir até conseguir derrotar o diabo.

Imagens de Gabbe e Molly também davam força a Luce. Um clarão de asas, dois arcos dourados e prateados, passou novamente diante dos olhos da garota.

"Você não está cansada", disse ela para si mesma. "Não está com fome."

Finalmente eles conseguiram chegar a uma grande rocha com o formato da ponta de uma lança, apontada em direção ao céu. Dee gesticulou para que se encostassem a ela, de frente para a montanha, e ali o vento finalmente parou.

Era o entardecer. As montanhas tinham uma coloração cinza-escuro. Ficaram sobre um planalto mais ou menos do tamanho da sala de estar de Luce. Exceto por uma pequena entrada onde o caminho terminava, a pequena extensão redonda era cercada por um despenhadeiro de pedras vermelhas, formando um espaço que poderia ter sido usado como um anfiteatro natural. Ele os abrigava mais do que simplesmente do vento: mesmo se não houvesse uma tempestade de areia, grande parte do planalto era escondido pela pedra em formato de flecha e pelas grandes rochas ao redor.

Ali, ninguém que estivesse subindo o caminho poderia vê-los. Qualquer anjo da Balança a persegui-los só poderia conseguir seu intento se por sorte voasse diretamente acima deles. Aquele degrau oculto era uma espécie de santuário.

— Eu gostaria de dizer que estou *alto* — falou Cam.

— Essa caminhada teria *arruinado* John Denver — concordou Roland.

Marcas de rios que não existiam mais deixavam veias no chão coberto de poeira. A entrada íngreme de uma caverna se abria na base da parede de pedra à esquerda da rocha em formato de ponta de lança.

Na parte mais distante do planalto, um pouco à direita de onde estavam, uma avalanche viera descansar contra a montanha. A pilha resultante era formada por pedras que variavam de tamanho, desde pequenas, como um seixo, até maiores que uma geladeira. O líquen crescia nos intervalos entre elas, parecendo manter as pedras grudadas no declive.

Uma oliveira verde-claro e uma figueira anã se esforçavam para crescer diagonalmente ao redor das rochas. Provavelmente eram o pontinho verde que Luce vira à distância quando estava lá embaixo. Dee disse que era para lá que estavam indo, mas Luce não conseguia acreditar que haviam conseguido escalar tudo aquilo em meio à tempestade de areia.

As asas de todos eles se pareciam com as dos Párias, marrons e cheias de areia, emitindo um brilho fraco. E as asas dos Párias pareciam ainda mais frágeis que o normal, como teias de aranha. Dee usou a manga do suéter, que tinha sido alargado pelo vento, para limpar a areia do rosto. Correu as unhas pintadas de vermelho pelos cabelos ruivos

emaranhados. De alguma forma a velha senhora ainda estava elegante. Luce nem quis pensar na própria aparência.

— Tédio jamais! — A voz de Dee soou atrás dela enquanto desaparecia para o interior da caverna.

Eles a seguiram, parando após alguns passos, quando a luz fraca se transformou em escuridão. Luce se apoiou contra uma fria pedra marrom-avermelhada próxima a Daniel. A cabeça dele quase tocava no teto baixo. Todos os anjos tiveram que fechar as asas para se acomodarem na caverna apertada.

Luce ouviu o som de algo arranhando e então a sombra de Dee apareceu na parte iluminada da entrada da caverna. Empurrava com a ponta de sua bota de caminhada um grande baú de madeira na direção deles.

Cam e Roland se apressaram a ajudá-la, o brilho opaco das asas cobertas de areia alterando a escuridão da caverna. Cada um levantou um dos lados do baú e então o levaram até uma alcova natural indicada por Dee. Diante de seu aceno de cabeça, pousaram o baú contra a parede.

— Obrigada, cavalheiros. — Dee percorreu os dedos pela quina de ferro do baú. — Parece que foi ontem que deixei isto aqui, mas deve ter sido há quase duzentos anos. — Seu rosto se contraiu numa careta de nostalgia. — Bem, a vida de uma pessoa não passa de um dia. Gabbe me ajudou, embora

jamais tivesse se lembrado da localização exata por causa da tempestade de areia. Ela era um anjo que sabia o valor de se preparar com antecedência. Sabia que este dia chegaria.

Dee puxou uma elegante chave prateada do bolso de seu cardigã e a enfiou na fechadura do baú. Quando a velha arca se abriu, Luce se aproximou, esperando que algo mágico — ou ao menos histórico — fosse revelado. Em vez disso, Dee pegou seis cantis comuns, três pequenas lamparinas de bronze, um pacote pesado de cobertores e toalhas, e vários pés-de-cabra, picaretas e pás.

— Bebam se tiverem sede. Primeiro Lucinda. — Ela distribuiu os cantis, que estavam cheios de água fresca e deliciosa. Luce sorveu o conteúdo de seu cantil e enxugou a boca com as costas da mão. Quando lambeu os lábios, estavam irritadiços por causa da areia seca.

— Melhor assim, não? — sorriu Dee. Abriu uma caixa de fósforos e acendeu uma vela em cada uma das lamparinas. A luz bruxuleava, refletindo sombras nas paredes enquanto os anjos se debruçavam uns sobre os outros, limpando-se.

Ariane e Annabelle limparam as asas usando as toalhas secas. Daniel, Roland e Cam preferiram sacudir as suas, batendo-as contra as pedras até que o suave som de *ssssss*, da areia caindo sobre as pedras, parasse. Os Párias pareciam felizes de continuar sujos. Logo a caverna estava

completamente iluminada pelo brilho angelical, como se alguém tivesse acendido uma fogueira.

— E agora? — perguntou Roland, tirando areia de uma de suas botas de couro.

Dee havia se dirigido para a entrada, ficando de costas para os outros. Ela caminhou em direção ao planalto lá fora e esperou que a seguissem.

Todos se reuniram num pequeno semicírculo, de frente para a pilha de pedras, a oliveira e a figueira.

— Precisamos *entrar* — disse Dee.

— Entrar aonde? — Luce olhou para trás de si. A caverna que acabaram de deixar era a única opção de lugar para "entrar" que Luce conseguia ver. Lá fora, havia apenas o chão do planalto e as pedras encostadas na parede.

— Santuários são construídos no topo de santuários que são construídos no topo de santuários — disse Dee. — O primeiro da Terra ficava bem aqui, sob esta pedra caída. Dentro dele, está o pedaço final da antiga história dos anjos caídos. Esse é o *Qayom Malak*. Após a destruição do primeiro santuário, muitos outros ocuparam o seu lugar, mas o *Qayom Malak* sempre permaneceu dentro deles.

— Você quer dizer que os mortais também usaram o *Qayom Malak*? — perguntou Luce.

— Sem pensar muito bem e sem o compreender. Com o passar dos anos foi ficando cada vez mais mal interpretado por cada grupo que construiu seu templo aqui. Este local tem sido considerado de mau agouro por muitas pessoas. — Ela olhou para Ariane, que apoiou o peso na outra perna. — Mas isso não é culpa de ninguém. Foi há muito tempo. Hoje à noite iremos desenterrar o que um dia se perdeu.

— Você se refere ao conhecimento da nossa Queda? — Roland caminhava pela rampa de pedras. — É isso o que o *Qayom Malak* irá nos revelar?

Dee sorriu de maneira enigmática.

— Essas palavras são aramaico. Elas significam... Bem, vai ser melhor se vocês simplesmente virem por si mesmos.

Ao lado deles, Ariane mastigava ruidosamente uma mecha de seus cabelos, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco e as asas imóveis. Olhava para a oliveira e a figueira, como se estivesse em transe.

Nesse momento, Luce percebeu o que as árvores tinham de estranho. O motivo pelo qual pareciam crescer diagonalmente para fora das pedras: era porque seus troncos estavam enterrados.

— As árvores — disse ela.

— Sim, elas já estiveram completamente expostas. — Dee se abaixou para acariciar as folhas murchas da pequena

figueira. — Assim como o *Qayom Malak*. — Ela se levantou e deu um tapinha no topo das rochas. — Todo este planalto já foi muito mais extenso. Um lugar adorável, às vezes vibrante, embora isso seja difícil de imaginar agora.

— E o que aconteceu com ele? — perguntou Luce. — Como o santuário foi destruído?

— O mais recente deles foi coberto por esta rocha caída. Isso foi há cerca de setecentos anos, após um terremoto particularmente forte. Mas mesmo antes disso, a lista de calamidades que ocorreram aqui é sem precedentes... inundações, incêndios, assassinatos, guerras, explosões. — Ela parou, olhando para a pilha de rochas como se fossem bolas de cristal. — Ainda assim, a única parte importante permanece intacta. Ao menos espero que ainda esteja assim. E é por isso que precisamos entrar.

Cam caminhou lentamente em direção a uma das maiores rochas e se encostou nela com os braços cruzados.

— Sou ótimo em muitas coisas, Dee, e uma delas é rock que, como vocês sabem, também significa rocha... Mas passar *entre* as rochas não é um dos meus pontos fortes.

Dee bateu palmas.

— É exatamente por isso que coloquei as pás no baú todos aqueles anos atrás. Teremos que mover as rochas de

lugar — explicou ela. — Estamos em busca do que está lá embaixo.

— Você está dizendo que iremos escavar o *Qayom Malak*? — perguntou Annabelle, roendo as unhas cor-de-rosa.

Dee tocou um caminho de musgo no centro do monte de pedras bem antes do início do rochedo íngreme.

— Eu começaria por aqui, se fosse vocês!

Quando perceberam que Dee estava falando sério sobre desmantelar a torre, Roland distribuiu as ferramentas que a senhora havia retirado do baú de madeira. E todos lançaram mãos à obra.

— Enquanto movem as pedras, deixem esta área livre. — Dee gesticulou em direção ao espaço aberto entre a pilha de rochas caídas e a trilha que os havia levado até ali, demarcando uma área de mais ou menos um metro quadrado. — Vamos precisar dela.

Luce pegou uma picareta e bateu-a contra a rocha, meio desajeitada.

— Você sabe como é o tal *Qayom Malak*? — perguntou ela a Daniel, cujo pé de cabra estava apoiado numa rocha atrás da figueira. — Como iremos reconhecê-lo quando o encontrarmos?

— Meu livro não traz nenhuma ilustração para isso. — Daniel partiu a rocha facilmente com um golpe. Os músculos dos seus braços tremiam enquanto levantava as metades de pedra, cada uma do tamanho de uma mala grande. Ele as colocou atrás de si, tendo cuidado para não deixar que caíssem na área que Dee havia demarcado. — Temos que confiar que Dee irá se lembrar.

Luce andou em direção ao espaço aberto deixado pela rocha que Daniel havia acabado de retirar. A oliveira e a figueira estavam completamente expostas, até os troncos — que agora pareciam quase planos, por causa do peso das rochas caídas. O olhar de Luce percorreu a enorme pilha de pedras que ainda teriam de remover. Tinha uns seis metros de altura, fácil. Será que alguma coisa resistiria ao seu peso?

— Não se preocupe — disse Dee, como se lesse a mente de Luce. — Está aí em algum lugar, tão a salvo quanto a sua primeira lembrança amorosa.

Os Párias haviam voado até o topo da pilha de rochas. Phil mostrou aos outros onde colocar as pedras que já haviam partido, e então eles voltaram a bater na pilha, fazendo a rocha se quebrar e rolar pelos lados.

— Ei! Estou vendo tijolos amarelos bastante antigos aqui. — As asas de Annabelle bateram acima do ponto mais alto da pilha, no local onde se encostava contra a parede

vertical da montanha. Afastou alguns fragmentos com a pá. — Acho que pode ser uma das paredes do santuário.

— Uma parede, querida? Muito bem — disse Dee. — Deve haver mais três delas, é a maneira como as paredes são construídas. Continuem cavando.

Ela estava distraída, observando o pedaço que havia demarcado no planalto, mas notando o progresso da escavação. Parecia contar alguma coisa. O olhar, fixo no chão. Luce observou Dee por alguns instantes e percebeu que a velha senhora estava contando seus passos, como se estivesse delimitando uma área de jogo.

Levantou a cabeça e percebeu Luce olhando para ela.

— Venha comigo.

Luce olhou para Daniel, para a pele brilhante de suor. Ele estava ocupado com uma pedra grande. Ela se virou e seguiu Dee para dentro da caverna.

A lamparina de Dee balançava enquanto ela caminhava, iluminando os cantos escuros. O lugar era infinitamente mais sombrio e mais frio sem o brilho das asas dos anjos. Dee remexeu seu baú por alguns instantes.

— Onde está aquela maldita vassoura? — perguntou Dee.

Luce se inclinou por cima de Dee, segurando outra lamparina para ajudar a iluminar a arca. Enfiou a mão no

grande baú e sentiu a aspereza do cabo.

— Aqui está.

— Maravilha. As coisas sempre estão no último lugar que procuramos, especialmente quando não conseguimos enxergar — falou Dee, colocando a vassoura sobre os ombros. — Quero lhe mostrar uma coisa enquanto os outros continuam a escavação.

Andaram de volta ao planalto, onde o barulho de metal batendo contra a pedra era alto e forte. Dee parou no canto da pedra caída, de frente para o local que havia pedido para os anjos deixarem livre. Começou a arrastar a vassoura rapidamente, com movimentos retos. Luce havia pensado que o planalto era todo feito da mesma rocha vermelha, mas à medida que Dee varria, Luce notava que havia uma plataforma de mármore por baixo dela. E um padrão emergiu: rocha amarelo-claro alternada com pedras brancas, formando um mosaico intrincado.

Finalmente Luce reconheceu um símbolo: uma longa linha de pedra amarela, ladeada por diagonais linhas brancas descendentes com comprimentos decrescentes.

Luce se agachou para poder correr os dedos pela pedra. Parecia a ponta de uma flecha, que apontava na direção oposta ao topo da montanha, na direção de onde os anjos haviam chegado.

— Esta é a plataforma Ponta de Flecha — falou Dee. — Quando tudo estiver pronto, nós a usaremos como um tipo de palco. Cam fez este mosaico há muitos anos, embora eu duvide que se lembre disso. Passou por coisas demais desde então. A desilusão amorosa é uma forma particular de amnésia.

— Você sabe algo sobre a mulher que partiu o coração de Cam? — sussurrou Luce, lembrando-se de que Daniel havia dito a ela para jamais tocar no assunto.

Dee fez uma careta, assentiu e apontou para a flecha amarela nos blocos de mármore.

— O que você acha do desenho?

— Acho lindo — respondeu Luce.

— Eu também — falou Dee. — Tenho um desenho igual a este tatuado sobre meu coração.

Sorrindo, desabotoou os primeiros dois botões de seu cardigã, revelando uma combinação amarela. Afastou o colarinho alguns centímetros, expondo a pele alva do peito. Finalmente, apontou para uma tatuagem preta sobre ele. Tinha precisamente as mesmas linhas que a pedra amarela no chão.

— O que significa? — quis saber Luce.

Dee bateu de leve na pele sobre a tatuagem e ajeitou a combinação.

— Mal posso esperar para contar a você — sorriu ela, virando-se para encarar o bloco de rocha atrás delas —, mas vamos começar do início. Veja como eles estão indo bem!

Os anjos e os Párias haviam limpado uma parte do exterior da pilha. O canto direito de duas antigas paredes de tijolos se estendia por diversos metros entre os escombros. Estavam bastante danificadas, janelas não planejadas apareciam aqui e ali. O teto já não existia mais. Alguns dos blocos estavam escurecidos por causa de algum incêndio acontecido há muitos anos. Outros pareciam úmidos, como se estivessem se recuperando de uma enchente pré-histórica. No entanto, o formato retangular do antigo templo estava começando a ficar nítido.

— Dee — chamou Roland, acenando para que a mulher fosse até a parede norte para inspecionar o progresso de suas escavações.

Luce retornou para o lado de Daniel. Enquanto estivera com Dee, ele havia limpado um amontoado de pedras, empilhando-as organizadamente à direita da rampa. Luce sentiu-se mal por quase não ajudar. Pegou a picareta de novo.

Trabalharam durante horas. Já passava da meia-noite quando haviam limpado metade da rampa. As lamparinas de Dee iluminavam o planalto, mas Luce gostava de ficar perto de Daniel, usando como iluminação o brilho ímpar de suas

asas. As mandíbulas dela doíam por causa da tensão no rosto. Os ombros estavam doloridos e os olhos ardiam, mas não parou. Não reclamou.

Continuou escavando com a picareta. Ergueu a ferramenta para bater contra um bloco de pedra rosa exposto por uma grande rocha arredondada que Daniel tinha acabado de remover, esperando que a ponta da picareta batesse contra matéria sólida. Mas, em vez disso, ela cortou algo mole. Luce largou a picareta e começou a cavar com as mãos através de um caminho surpreendentemente argiloso. Havia atingido uma camada de arenito tão desagregada que esfarelava com o toque de um dedo. Luce aproximou a lamparina para ver melhor enquanto arrancava torrões grandes. Após cavar vários centímetros na argila, sentiu algo liso e duro.

— Encontrei alguma coisa!

Os outros circundavam a pedra enquanto Luce limpava as mãos nos jeans e usava os dedos para raspar um quadrado de pedra de cerca de meio metro. Em algum momento, aquilo devia ter sido completamente adornado, mas agora a única coisa visível era o débil contorno de um homem com um halo sobre a cabeça.

— É isto que procuramos? — perguntou ela, excitada.

Os ombros de Dee roçaram os de Luce. Ela tocou o bloco com o polegar.

— Receio que não, querida. Esta é apenas uma imagem de nosso amigo Jesus. Temos de continuar cavando através dele.

— Através? — perguntou Luce.

— Para dentro da pedra. — Dee bateu no bloco com os dedos. — Esta é a fachada do santuário mais recente, um monastério medieval para monges particularmente antissociais. Precisamos cavar até encontrar a estrutura original, atrás desta parede.

Ela percebeu que Luce hesitava.

— Não tema destruir uma iconografia antiga — falou Dee. — Isso precisa ser feito para atingirmos o que é antigo *de verdade*. — Ela olhou para o céu, como se procurasse pelo sol, mas ele tinha há muito mergulhado no horizonte atrás deles. As estrelas estavam no céu. — Ai, ai. O tempo voa, não é mesmo? Continuem cavando! Vocês estão indo bem!

Finalmente, Phil deu um passo à frente com seu pé de cabra e golpeou o bloco com a imagem de Jesus. Conseguiu abrir um buraco. O espaço atrás da imagem era vazio, escuro e tinha um cheiro estranho, almiscarado e velho.

Os Párias saltaram sobre o bloco quebrado, aumentando a fenda para que pudessem cavar mais fundo. Eram

trabalhadores esforçados, eficientes. Descobriram que, sem um teto sobre o santuário, as pedras caídas da avalanche haviam tomado também o interior daquele templo. Os Párias se revezaram quebrando a parede e colocando de lado os blocos que se separavam da estrutura.

Ariane estava afastada do grupo, num canto escuro do platô, chutando uma pilha de pedras como se tentasse ligar o motor de um cortador de grama. Luce caminhou até ela.

— Ei! — disse Luce. — Está tudo bem?

Ariane levantou os olhos, dedilhando as alças do macacão. Um sorriso estranho tomou conta do rosto dela.

— Lembra-se de quando fomos suspensas? E nos fizeram limpar o cemitério da Sword & Cross? Quando ficamos juntas esfregando aquele anjo?

— Claro! — O dia de Luce havia sido terrível naquela ocasião: repreendida por Molly, ansiosa por estar apaixonada por Daniel e, pensando bem, em dúvida se Ariane gostava dela ou se apenas sentia pena.

— Foi divertido, não? — A voz de Ariane pareceu distante. — Sempre vou me lembrar daquele dia.

— Ariane — disse Luce —, não é sobre isto que você está pensando de verdade, é? O que tem neste lugar que está fazendo você se esconder aqui?

Ariane permaneceu parada, apoiando-se na pá e balançando o corpo para a frente e para trás. Ela observava os Párias e os outros anjos escavando uma coluna interior alta. Finalmente, fechou os olhos e desabafou:

— Sou o motivo pelo qual este santuário não existe mais. O motivo de ele trazer má sorte.

— Mas... Dee falou que não havia sido culpa de ninguém. O que aconteceu?

— Após a Queda — começou ela —, eu estava recuperando minhas forças, procurando um abrigo, uma forma de curar minhas asas. Não havia ainda retornado ao Trono. E nem sabia como fazer isso. Não me lembrava do que eu era. Estava sozinha, vi este lugar e...

— Você entrou no santuário que costumava ficar aqui — disse Luce, lembrando-se do que Daniel havia contado sobre o motivo pelo qual os anjos caídos não se aproximavam de igrejas. Todos haviam ficado receosos na Igreja do Santo Sepulcro. Não se aproximaram da capela na ponte Saint Bénézet.

— Eu não sabia! — O peito de Ariane tremia quando respirava.

— Claro que não. — Luce passou o braço sobre o ombro de Ariane. Ela era toda pele, osso e asas. O anjo pousou a cabeça sobre o ombro de Luce. — Ele explodiu?

Ariane assentiu.

— Da mesma maneira como você explode em chamas... Não — corrigiu-se ela. — Da maneira como você *explodia em chamas* nas suas vidas passadas. Puf. O templo inteiro incendiado. Só que não foi, desculpe dizer isso, tipo tragicamente belo ou romântico. Foi preto no branco e *absoluto*. Como uma porta se fechando na minha cara. Foi quando soube que realmente havia sido expulsa do Céu. — Ela se virou para Luce, seus olhos azuis mais inocentes do que Luce se lembrava de ter visto. — Eu nunca tive intenção de ir embora. Foi um acidente, vários de nós simplesmente acabaram envolvidos... na batalha de outra pessoa. — Ela deu de ombros e sorriu com uma expressão ardilosa. — Talvez eu tenha ficado acostumada demais a ser uma rejeitada. Isso me cai bem, você não acha? — Ela fez uma pistola com os dedos e a disparou em direção a Cam. — Acho que não me incomodo de andar por aí com esse grupo de foras da lei. — Então o rosto de Ariane mudou, qualquer traço de humor desapareceu. Pegou Luce pelos ombros e sussurrou: — Pronto.

— O quê? — Luce deu meia-volta.

Os anjos e os Párias haviam afastado diversas toneladas de pedra. Estavam agora de pé sobre o local onde antes ficava a pilha de rochas. Haviam cavado até quase o amanhecer. Ao

redor deles se erguia o santuário escondido que Dee prometera que iriam encontrar. A velha e elegante senhora era mesmo de palavra.

Restavam apenas duas paredes frágeis, formando uma quina à direita, mas as pedras cinzas no chão indicavam que o formato original se estendia por aproximadamente seis metros quadrados. Grandes blocos de mármore formavam as bases das paredes, onde antes havia um teto de arenito. Frisos desgastados pelo tempo decoravam partes da estrutura — criaturas aladas tão antigas e apagadas que quase sumiam na pedra. Um incêndio havia chamuscado pedaços das cornijas decorativas próximas ao topo das paredes.

A figueira e a oliveira, completamente descobertas, marcavam a barreira entre a pedra em forma de ponta de lança que Dee varrera e o santuário escavado. As duas paredes que faltavam deixavam o restante da estrutura para ser completado na imaginação de Luce, que pensou em antigos peregrinos se ajoelhando para rezar ali. Estava bastante óbvio onde eles se ajoelhariam.

Quatro colunas jônicas de mármore com bases caneladas e capitel com volutas haviam sido construídas ao redor de uma plataforma suspensa no centro do piso de cerâmica. E, nessa plataforma, existia um enorme altar retangular feito de pedra clara.

Parecia familiar, mas ao mesmo tempo diferente de qualquer coisa que Luce já havia visto. Estava repleto de pedras e sujeira, e Luce pôde visualizar os contornos da decoração incrustada no topo: dois anjos de pedra frente a frente, cada um deles do tamanho de um boneco grande. Parecia que outrora tinham sido folheados a ouro, mas agora havia apenas salpicos do seu antigo brilho. Os anjos de pedra estavam ajoelhados, orando, as cabeças baixas, sem halos, com asas cheias de belos detalhes, curvadas de maneira que as pontas se tocavam.

— Sim. — Dee inspirou profundamente. — É isso. *Qayom Malak*. Significa "O Inspetor dos Anjos". Ou como eu gosto de chamar, "O Assistente dos Anjos". Ele guarda um segredo que alma alguma jamais decifrou: a chave para o local onde os Caídos caíram na Terra. Você se lembra, Ariane?

— Acho que sim. — Ariane parecia nervosa ao se aproximar da escultura. Quando chegou à plataforma, permaneceu parada por um bom tempo diante dos anjos de pedra ajoelhados. Então também se ajoelhou. Tocou as pontas das asas deles, o lugar onde os dois anjos se conectavam. Estremeceu. — Vi por apenas um segundo antes de...

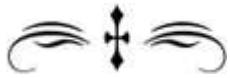
— Sim — falou Dee. — Você foi arremessada para fora do santuário. A força da explosão causou a primeira avalanche que enterrou o *Qayom Malak*, mas a figueira e a oliveira permaneceram expostas, um guia para os outros santuários que foram construídos nos anos seguintes. Os cristãos estiveram aqui, os gregos, os judeus, os mouros. Os santuários deles também pereceram, por avalanches, incêndios, escândalos ou medo, criando uma parede impenetrável ao redor do *Qayom Malak*. Precisava de mim para ajudá-la a reencontrá-lo. E não conseguiria me encontrar até que *realmente* precisasse de mim.

— E o que acontece agora? — perguntou Cam. — Não me diga que precisamos rezar.

Os olhos de Dee não abandonaram o *Qayom Malak*, nem mesmo quando entregou a Cam a toalha que trazia sobre os ombros.

— Ah, é bem pior que isso, Cam. Agora vocês precisam limpá-lo. Polir os anjos, especialmente suas asas. Poli-los até que brilhem. Precisaremos que a luz da lua brilhe sobre eles da forma correta.

CATORZE



AR APARENTE

Bum.

Soou como se fosse um trovão, a preparação de um tornado escuro. Luce acordou com um pulo dentro da caverna, onde havia dormido no ombro de Daniel. Não pretendia cair no sono, mas Dee insistiu para que descansassem antes de explicar o propósito do *Qayom Malak*. Arrancada do sono agora, Luce sentia que muitas horas preciosas haviam se passado. Ela suava em seu saco de dormir enflanelado. O colar de prata estava quente contra o peito.

Daniel estava deitado bastante quieto, os olhos focados na entrada da caverna. O tremor parou.

Luce se apoiou nos cotovelos, percebeu Dee ao seu lado, adormecida em posição fetal, remexer-se levemente, os cabelos vermelhos soltos e emaranhados. Do lado esquerdo de Dee jaziam os sacos de dormir vazios dos Párias; as estranhas criaturas estavam de pé, alertas, amontoadas na parte de trás daquele espaço pequeno, as asas escuras sobrepostas. À direita, Annabelle e Ariane dormiam, ou pelo menos descansavam, suas asas prateadas entrelaçadas desinibidamente, como irmãs.

A caverna estava quieta. Luce devia ter sonhado com o ronco. Ainda estava cansada.

Quando rolou para o outro lado, aninhando as costas no peito de Daniel de maneira que ele a embalasse com a asa direita, suas pálpebras se fecharam. Depois, se abriram.

Estava cara a cara com Cam.

A poucos centímetros de distância, a cabeça apoiada sobre a mão, com os olhos verdes presos aos dela como num transe, ele abriu a boca, prestes a dizer algo...

BUM.

A caverna tremeu como uma folha. Por um momento, o ar pareceu assumir uma estranha transparência. O corpo de Cam tremulou, estando ali e *não* estando ao mesmo tempo, a própria existência parecendo bruxulear.

— Tempomoto — disse Daniel.

— Infalível como uma mãezona rastreando os filhos — concordou Cam.

Luce se levantou, sentindo falta do próprio corpo no saco de dormir, da mão de Daniel em seu joelho, de Ariane, cuja voz abafada dizia "não fui eu" até que as asas de Annabelle batessem nela para acordá-la. Todos estavam *bruxuleando* diante dos olhos uns dos outros. Concretamente presentes num momento, e sem substância, como fantasmas, no seguinte.

O tempomoto havia liberado de repente uma dimensão em que eles nem mesmo estavam *ali*.

A caverna ao redor estremeceu. Areia se desprendeu das paredes. Mas, ao contrário de Luce e seus amigos, as propriedades físicas da rocha vermelha permaneceram imutáveis, como se para provar que apenas pessoas — *almas* — corriam o risco de serem apagadas.

— O *Qayom Malak*! — disse Phil. — Uma pedra caída iria soterrá-lo novamente.

Luce observou, incomodada, enquanto as asas pálidas do Pária estremeciam à medida que ele cambaleava freneticamente em direção à entrada da caverna.

— Isto é um abalo sísmico na realidade, Phillip, não um terremoto — falou Dee, detendo Phil. A voz dela soava como se alguém estivesse aumentando e diminuindo seu

volume. — Agradeço a preocupação, mas teremos de aguentar firmes.

E então houve um último e grande "bum", um rugido longo e terrível, durante o qual Luce não pôde ver *ninguém*, e depois eles estavam de volta, sólidos, novamente *reais*. Houve um silêncio súbito, tão absoluto que Luce pôde ouvir o próprio coração batendo dentro do peito.

— Isso, tudo bem — disse Dee. — O pior já passou.

— Todos estão bem? — perguntou Daniel.

— Sim, querido. Estamos bem — respondeu Dee. — Embora tenha sido uma experiência desagradável. — Ela se levantou e caminhou, a voz seguindo logo atrás. — Pelo menos foi um dos últimos deslocamentos sísmicos que alguém terá que vivenciar.

Trocando olhares, os outros a seguiram para fora da caverna.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Luce. — Lúcifer já está assim tão próximo? — Seu cérebro estava a toda, contando amanhecer, anoitecer, amanhecer, anoitecer. As lembranças se emaranhavam, uma corrente de frenesi, pânico e asas voando no céu.

Era de manhã quando Luce adormecera...

Eles pararam em frente ao *Qayom Malak*. Luce permaneceu no bloco em forma de ponta de flecha,

encarando a escultura dos dois anjos. Roland e Cam elevaram-se no céu e pairaram a cerca de 15 metros do chão. Olharam em direção ao horizonte, próximos um do outro para poderem conversar em particular. Suas enormes asas bloqueavam a luz do sol — que, Luce notou, estava baixo no horizonte.

— Já é a tarde do sexto dia desde que Lúcifer começou sua Queda solitária — disse Dee calmamente.

— Nós dormimos o dia todo? — perguntou Luce, apavorada. — Perdemos tempo demais...

— Nada foi perdido — disse Dee. — Tenho uma longa noite pela frente. E, pensando bem, você também. Logo estará grata por ter descansado.

— Vamos começar antes que outra alteração se inicie, antes que tenhamos de lutar contra a Balança — disse Cam, enquanto ele e Roland voltavam para o chão. As asas de ambos se chocaram levemente por causa da força do pouso.

— Cam está certo. Não temos tempo a perder. — Daniel pegou a mochila preta, que continha o halo que Luce havia roubado da igreja submersa em Veneza. Então pegou a sacola de pano, que trazia uma protuberância no centro, bem onde ele colocara o cálice de prata. Ele pôs as duas bolsas fechadas diante de Dee, de maneira que os três artefatos ficassem enfileirados.

Dee não se moveu.

— Dee? — chamou Daniel. — O que temos de fazer?

Dee não respondeu.

Roland deu um passo à frente, tocando as costas dela.

— Cam e eu vimos sinais de mais anjos da Balança no horizonte. Eles ainda não conhecem nossa localização, mas não estão muito longe. Seria melhor se começássemos.

Dee franziu a testa.

— Temo que isso seja impossível.

— Mas você disse... — Luce começou a falar enquanto Dee a observava placidamente. — A tatuagem. O símbolo no chão...

— Eu ficaria feliz em *explicar* — falou Dee. — Mas não podemos apressar a obra.

Ela olhou em volta do círculo de anjos, Párias e Luce. Quando teve certeza de que tinha a atenção de todos, começou a falar:

— Conforme já sabemos, o começo da história dos que caíram jamais foi escrita. Embora possam não se lembrar com clareza — o olhar caiu sobre os anjos —, vocês gravaram seu primeiro dia na Terra com *objetos*. Até hoje, os elementos essenciais de sua sabedoria pré-histórica estão codificados em diferentes artefatos, que são, para os olhos comuns, uma coisa completamente diferente.

Dee pegou o halo e segurou-o contra a luz do sol.

— Vejam — disse ela, correndo o dedo por uma série de rachaduras no vidro que Luce não havia notado antes. — Este halo de vidro é também uma lente. — Dee o manteve erguido para que todos pudessem olhar através dele. Atrás, seu rosto estava levemente distorcido pela curvatura convexa do vidro, fazendo com que seus olhos dourados ficassem enormes.

Abaixou o halo, pegou a sacola de pano e tirou dela o cálice de prata, que brilhou com os últimos raios de sol do dia enquanto Dee deslizava a mão suavemente por seu interior.

— Assim como este cálice — disse ela, apontando para a ilustração martelada na prata, as asas que Luce havia notado em Jerusalém —, carrega o registro do êxodo do local da Queda, a primeira Diáspora dos anjos. Para retornarem para sua primeira casa na Terra, vocês precisam encher esse cálice. — Ela fez uma pausa, olhando para dentro do cálice de prata. — Quando estiver cheio, iremos esvaziá-lo no chão de mosaico, que contém a imagem de como o mundo já foi um dia.

— Quando o cálice estiver cheio? — repetiu Luce. — Cheio de quê?

— Primeiro, as primeiras coisas. — Dee caminhou para a margem da plataforma de pedra e varreu alguns sedimentos. Então se curvou para colocar o cálice diretamente no topo do símbolo amarelo na pedra. — Creio que isto deva ficar aqui.

Luce permaneceu ao lado de Daniel, extasiada, enquanto observavam Dee subir e descer lentamente a plataforma. Finalmente, ela pegou o halo outra vez e o carregou até o *Qayom Malak*. Em determinado momento, havia tirado as botas de caminhada e calçara novamente seus sapatos de salto alto, e agora os saltos tamborilavam no mármore. Os cabelos despenteados desciam até a cintura. Ela inspirou profundamente e expirou.

Com ambas as mãos, ergueu o halo acima da própria cabeça, sussurrou algumas palavras de oração e então, com muito cuidado, baixou-o diretamente no espaço formado pelas asas das esculturas dos anjos rezando. Coube como um anel.

— Eu *não* esperava por isso — disse Ariane para Luce.

Luce também não — embora estivesse certa de que a mulher estava envolvida em algo poderoso, sagrado.

Quando se virou para encarar Luce e os anjos, Dee parecia prestes a dizer alguma coisa. Em vez disso, caiu de joelhos e se deitou de costas no chão, aos pés do *Qayom Malak*. Daniel se apressou em direção a ela, pronto para

ajudá-la, mas ela sinalizou com a mão para que ele se afastasse. A ponta de seus sapatos descansava no peito do *Qayom Malak*; os braços delgados se estendiam acima da cabeça, de forma que as pontas dos dedos roçassem levemente o cálice de prata. Seu corpo ocupava o espaço com precisão.

Ela fechou os olhos e permaneceu imóvel por vários minutos.

Quando Luce estava começando a se perguntar se ela havia adormecido, Dee falou:

— Foi bom que eu tenha parado de crescer há duzentos anos.

Então ela se levantou, apoiando-se em Roland, e limpou a poeira da própria roupa.

— Está tudo certo. Quando a lua iluminar bem ali. — Apontou em direção ao céu, a leste, logo acima das rochas.

— A lua? — Cam olhou para Daniel.

— Sim, a lua. Ela precisa brilhar exatamente aqui. — Dee bateu de leve no centro do halo de vidro, onde uma rachadura ficara mais visível do que minutos atrás. — Se bem conheço a lua, e eu conheço — após todos esses anos, uma pessoa desenvolve com seus companheiros um relacionamento íntimo — ela deve iluminar exatamente onde precisamos que ilumine à meia-noite de hoje. O que

vem a calhar realmente, já que a meia-noite é a minha hora favorita do dia. A hora das bruxas...

— E o que acontecerá então? — perguntou Luce. — À meia-noite, quando a lua estiver onde tem de estar?

Dee andou mais devagar e fechou as mãos em concha na altura das bochechas de Luce.

— Tudo, querida.

— E o que precisamos fazer nesse meio-tempo? — perguntou Daniel.

Dee enfiou a mão no bolso do cardigã e puxou um grande relógio de ouro.

— Algumas coisas ainda precisam ser feitas.

Seguiram as instruções de Dee nos mínimos detalhes. Cada um dos artefatos foi limpo, polido, espanado por diversos pares de mãos. Já era noite alta quando Luce pôde visualizar o que Dee tinha em mente para a cerimônia.

— Mais duas lamparinas, por favor — instruiu Dee. — Isso totalizará três, uma para cada relíquia. — Era estranha a maneira como Dee se referia às relíquias, como se não fosse uma delas. Era ainda mais estranha a forma como andava de um lado para o outro do planalto, como uma anfitriã preparando um jantar, certificando-se de que tudo estava perfeito.

O quarteto de Párias acendeu as lamparinas ritualisticamente. Suas cabeças raspadas orbitavam sobre as pedras como planetas. A primeira lamparina iluminou o *Qayom Malak*.

A segunda lançou luz sobre o cálice de prata, que ainda estava onde Dee o deixara, sobre a pedra dourada em forma de ponta de lança, distante exatamente à altura de Dee — meros um metro e meio — do *Qayom Malak*. Antes, os anjos haviam providenciado um arco em formato de meia-lua, com pedras como bancos, dispondo-as do lado direito e do lado esquerdo da placa, de maneira a lembrar um palco. Isso fez o espaço parecer-se ainda mais com um anfiteatro. Annabelle limpava as rochas como um lanterninha preparando os assentos para uma plateia iminente.

— O que Dee vai fazer com tudo isto? — sussurrou Luce para Daniel.

Os olhos violeta de Daniel estavam pesados com algo que ele não conseguia verbalizar e, antes que Luce pudesse implorar para que tentasse fazê-lo, as mãos de Dee encontraram os ombros de Luce.

— Por favor, vistam estes robes. Acho que vestes cerimoniais ajudam a manter o foco na tarefa a ser feita. Daniel, acho que este deve servir em você. — Ela colocou um manto marrom-escuro nas mãos dele. — E aqui está um

para a bela Ariane. — Passou o robe para o anjo. — Falta você, Luce. Há robes menores no fundo do meu baú, logo ali. Pegue minha lamparina e procure.

Luce pegou o lampião e começou a guiar Daniel em direção à caverna onde haviam passado a noite anterior, mas Dee segurou o braço do anjo.

— Posso falar com você?

Daniel assentiu para que Luce prosseguisse sozinha, então ela o fez, imaginando o que Dee não queria falar na sua frente. Apoiou o cabo da lamparina no antebraço, fazendo a luz balançar enquanto caminhava para a entrada da caverna.

Luce abriu a tampa do baú e enfiou a mão dentro dele. A única coisa ali era um longo manto marrom, que pegou. Era feito de uma lã grossa, espesso como um casaco de inverno e de cheiro adocicado, como tabaco. Quando o ergueu acima do corpo, pareceu ser cerca de um metro mais longo que ela. Agora estava ainda mais curiosa para saber o motivo pelo qual Dee a havia afastado de Daniel. Colocou a lanterna no chão e puxou o robe desajeitadamente por cima da cabeça.

— Precisa de ajuda?

Cam havia entrado na caverna tão silenciosamente quanto uma nuvem. De pé atrás dela, pegou uma parte da sobra de tecido e a enfiou embaixo do cinto de pano do

manto. Ele o amarrou de forma que agora a roupa chegasse até os tornozelos de Luce, cabendo perfeitamente, como se tivesse sido feita para ela.

Luce se virou para encará-lo. A luz da lanterna tremulava em seu rosto. Ele permaneceu imóvel, da maneira como apenas Cam sabia fazer.

Luce correu os dedos por baixo do cinto que ele havia amarrado.

— Obrigada — disse ela, voltando em direção à entrada da caverna.

— Luce, espere...

Ela parou. Cam baixou o olhar para o bico da bota, chutando a lateral do baú. Luce observou também. Estava se perguntando como não o havia ouvido entrar na caverna, como tinham acabado ficando sozinhos.

— Você ainda não acredita que estou do seu lado.

— Não importa mais, Cam. — Ela sentiu um nó impossivelmente apertado na garganta.

— *Escute*. — Cam deu um passo na direção dela, de maneira que ficaram a apenas alguns centímetros de distância um do outro. Ela pensou que fosse tomá-la nos braços, mas ele não o fez. Nem mesmo tentou tocá-la; apenas ficou bem perto dela, imóvel. — As coisas eram diferentes. Olhe para mim. — Ela obedeceu, nervosa. — Posso trazer o dourado

de Lúcifer em minhas asas agora, mas não foi sempre assim. Você me conheceu antes de eu tomar esse caminho, Lucinda, e nós éramos amigos.

— Bem, como você mesmo disse, as coisas mudam.

Cam deixou escapar um rosnado frustrado.

— É *impossível* se desculpar para uma garota cuja memória é tão convenientemente seletiva. Permita que eu tente: à medida que desperta para o seu verdadeiro eu, começa a recobrar todo tipo de lembranças suntuosas nas quais você e Daniel se apaixonam, Daniel fala uma linda frase, Daniel se vira em direção a silhuetas que acariciavam as pontas das estrelas no horizonte...

— E por que não deveria? Pertencemos um ao outro. Daniel é meu tudo. E você é...

— O que ele diz a meu respeito? — Os olhos de Cam se estreitaram.

Luce estalou os dedos e se lembrou da maneira como, mais cedo na Sword & Cross, as mãos de Daniel haviam deslizado sobre as dela para que parasse com aquela mania. O toque dele havia sido familiar desde o começo.

— Ele diz que confia em você.

Uma pausa se seguiu, mas Luce se recusou a preenchê-la. Queria ir embora. E se Daniel chegasse e a visse nessa caverna escura com Cam? Estavam discutindo, mas Daniel

não seria capaz de perceber isso a distância. Com o que se pareciam, ela e Cam? Quando ergueu o olhar, os olhos dele estavam límpidos, verdes e profundamente tristes.

— *Você* confia em mim? — perguntou ele.

— Por que isto importa agora se...

Os olhos dele se arregalaram, ferozes e excitados.

— *Tudo importa agora*. Todos os outros momentos foram apenas ensaios para o que ocorre agora. E, para que faça o que tem que fazer, não pode me ver como um inimigo. Você não faz ideia de onde se meteu.

— Do que você está falando?

— Luce. — Era a voz de Dee. Ela e Daniel estavam parados na entrada da caverna. Dee era a única a sorrir. — Estamos prontos para você!

— Eu?

— Você.

Luce sentiu medo de repente.

— O que preciso fazer?

— Por que não me acompanha e descobre?

As mãos de Dee estavam estendidas, mas Luce achou difícil se mover. Olhou para Cam, mas ele olhava para Daniel, que ainda estava olhando para ela, seus olhos ardendo como faziam quando estava prestes a pegá-la nos braços e beijá-la apaixonadamente. Mas ele não se mexeu e

isso fez com que os poucos metros que os afastavam parecessem milhares de quilômetros.

— Eu fiz algo errado? — perguntou ela.

— Você está prestes a fazer algo maravilhoso — disse Dee, ainda estendendo as mãos para ela. — Não vamos desperdiçar o pouco tempo que temos.

Luce pegou a mão dela, que estava tão fria que a assustou. Estudou Dee, que parecia mais pálida, mais frágil e mais velha do que na biblioteca em Viena. Mas, de alguma forma, por baixo da pele fina e dos ossos proeminentes, algo ainda brilhava de forma efervescente, vindo de seu interior.

— Eu pareço bem, querida? Você está me encarando.

— Claro — disse Luce. — É que...

— Minha alma? Está brilhando, não é?

Luce assentiu.

— Ótimo.

Cam e Daniel não se falaram quando passaram um pelo outro: Cam saindo da caverna e Daniel dando a volta atrás de Luce, segurando a lamparina.

— Dee? — Luce se virou para a mulher, cuja mão gélida estava tentando esquentar com a sua. — Não quero ir até lá. Tenho medo e não sei por quê.

— Isso é como deveria ser. Mas essa tarefa não pode ser de outra pessoa.

— Será que alguém poderia por favor me dizer o que está acontecendo?

— Sim — respondeu Dee, dando um puxão firme, mas encorajador na mão de Luce. — Assim que formos lá para fora.

Enquanto rodeavam a pedra em formato de ponta de lança que encobria parcialmente a entrada da pequena caverna, o vento frio caía sobre eles, inclemente. Luce ficou para trás, protegendo o rosto do súbito jato de areia com a mão livre. Dee e Daniel a ajudaram a seguir pela trilha que haviam percorrido na noite anterior, no trecho onde estavam mais expostos ao vento.

Luce descobriu que os picos ao redor do planalto formavam barreiras contra as rajadas revoltas, permitindo que enxergasse e escutasse novamente. Embora conseguisse ouvir a tempestade de areia diária uivando além do planalto, tudo o que estava dentro da rocha curvada parecia subitamente quieto e claro.

Duas lamparinas brilhavam no bloco de mármore — uma diante do *Qayom Malak* e outra atrás do cálice de prata. Ambas atraíam alguns mosquitos, que se chocavam contra o vidro das lanternas, estranhamente acalmando Luce. Pelo menos ainda estava num mundo onde as luzes atraíam mosquitos. Ainda estava em um mundo que conhecia.

A lamparina iluminou os dois anjos dourados ajoelhados em oração. A luz tocou as bordas do pesado halo de vidro rachado, que Dee havia retornado ao seu lugar de direito, aninhado nas asas dos anjos.

No despenhadeiro que se elevava sobre o platô, quatro Párias estavam empoleirados nas bordas da rocha, cada um encarando um dos pontos cardeais. As asas dos Párias, guardadas de lado, mal pareciam visíveis, mas o facho de luz do lampião de Daniel mostrava as setas estelares em cada um de seus arcos prateados, como se aguardassem a chegada dos anjos da Balança a qualquer momento.

Os quatro anjos caídos que Luce conhecia melhor ocupavam os assentos de pedra ao redor das relíquias, dispostas de forma ritualística. Ariane e Annabelle estavam sentadas de um lado, as costas eretas, as asas ocultas. Do outro lado estavam Cam e Roland... com um assento vazio entre eles.

Seria para Luce ou Daniel?

— Muito bem, todos estão aqui, exceto a lua — falou Dee, olhando para o céu. — Mais cinco minutos. Daniel, poderia se sentar no seu lugar?

Daniel entregou a lanterna para Dee e caminhou pela placa de mármore. Parou diante do *Qayom Malak*. Luce quis

ir até ele, mas antes que pudesse se inclinar em sua direção, Dee segurou a mão dela com mais força.

— Fique comigo, querida.

Daniel se sentou entre Roland e Cam, e encarou Luce com olhos inexpressivos.

— Permita-me que explique — ecoou nas paredes de pedra vermelha a voz calma e clara de Dee, e todos os anjos se aprumaram para ouvir. — Conforme falei mais cedo, precisamos que a lua apareça, e agora, daqui a alguns instantes, ela virá nos visitar acima deste pico. Irá brilhar através da lente do halo. Temos sorte de o céu estar limpo esta noite, sem nada para obscurecer as sombras das adoráveis crateras da lua quando se encaixarem nas rachaduras do vidro do halo. Juntos, irão projetar os contornos dos continentes e as linhas dos países, que, com a ajuda dos entalhes do cálice, irão abranger o mapa da Simulacra Terra Prima. Bem aqui. — Ela apontou para um espaço vazio no degrau de mármore, onde havia se deitado na noite anterior, ao medir a distância entre o *Qayom Malak* e o cálice de prata. — Vocês verão uma representação do mundo quando os anjos caíram na Terra. Sim — suspirou ela —, só mais um momento. Ali.

A crista da lua apareceu sobre o penhasco que se sobressaía por trás do *Qayom Malak*. E, embora estivesse pálida e minguante, brilhou tão clara como o amanhecer. Os

anjos, os Párias, Luce e Dee permaneceram quietos durante vários minutos, observando a lua subir, observando enquanto ela brilhava debilmente, depois mais forte, através da superfície translúcida do halo. A placa de mármore além dele ficou branca, depois enevoada e então, subitamente, a projeção tornou-se clara, bem visível e real. As linhas projetadas, as intersecções — *continentes* —, fronteiras, terras e mares.

Parecia parcialmente completo. Algumas linhas levavam a lugar algum; algumas fronteiras jamais se fecharam. Mas estava óbvio que era o mapa da Terra, pensou Luce, como devia ter sido quando Daniel caiu ali por causa dela. Aquilo remexeu algo no fundo de sua memória. Parecia familiar.

— Você está vendo a pedra amarela ali no centro? — perguntou Dee.

Luce comprimiu os olhos para enxergar uma cerâmica da mesma pedra amarela, levemente mais escura que aquela onde o cálice havia sido colocado.

— Aquilo somos nós, logo ali, no centro de tudo.

— Como uma seta dizendo: "Você está aqui" — disse Luce.

— Isso mesmo, querida. — Dee se virou para Luce. — E agora, minha Lucinda querida, já conseguiu entender qual é o seu papel nesta cerimônia?

Luce se aborreceu. O que queriam dela? Era a história deles, não dela. Depois de toda aquela confusão, era apenas uma garota como outra qualquer, arrebatada pela promessa do amor. Daniel a havia encontrado na Terra após ter caído do Céu; alguém deveria perguntar a *ele* o que estava acontecendo.

— Sinto muito. Eu não sei.

— Vou dar uma dica — disse Dee. — Está vendo o lugar onde os anjos caíram marcado neste mapa?

Luce suspirou, ansiosa para conseguir logo uma explicação.

— Não.

— Foi determinado há muitos milênios que o local neste mapa seria apenas revelado com sangue. O sangue que corre pelas nossas veias sabe muito mais que nós. Observe atentamente. Vê as ranhuras no mármore? São as linhas que fecham as fronteiras da Terra angélico-pré-lapsariana. Elas devem se tornar claras depois que o sangue for derramado. O sangue fará uma poça em um lugar de importância vital. O conhecimento, querida, está no sangue.

— O local da Queda — disse um dos anjos, reverentemente. Luce não conseguiu determinar se foi Ariane ou Annabelle.

— Mais ou menos como um mapa do tesouro numa história de aventura, o local do impacto, o local da Queda, será marcado com uma estrela de sangue de cinco pontas. Agora...

Dee estava falando, porém Luce não conseguia mais ouvir o que dizia. Então era isso que teria de ser feito para deter Lúcifer. Era isso que Cam quis dizer que ela precisaria fazer. Era por isso que Daniel não olhava para Luce. Sentia como se sua garganta estivesse fechada. Quando abriu a boca, soou como se estivesse embaixo d'água.

— Você precisa... — Ela engoliu em seco. — Do meu sangue.

Dee engasgou de rir e pressionou uma mão fria contra o rosto de Luce.

— Meu Deus, não, querida! Fique com seu sangue. Eu lhe darei o meu.

— O quê?

— Isso mesmo. Enquanto eu estiver deixando este mundo, você irá encher o cálice de prata com meu sangue. Irá derramá-lo nesta depressão a leste da marca da seta dourada. — Ela indicou uma falha à esquerda do cálice, depois balançou as mãos dramaticamente em direção ao mapa. — Então irá observá-lo preencher as falhas aqui e ali,

aqui e ali, até encontrar a estrela. Aí você saberá onde encontrar Lúcifer e acabar com o plano dele.

Luce estalou os dedos. Como Dee podia falar sobre a própria morte de maneira tão casual?

— Por que você faria isso?

— Ora, foi para isso que fui criada. Os anjos foram criados para adorar e eu também tenho um propósito.

Então Dee puxou de um dos bolsos mais fundos de seu manto marrom um longo punhal de prata.

— Mas este é...

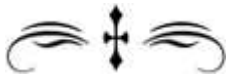
O punhal que a Srta. Sofia tinha utilizado para matar Penn. O mesmo que ela havia utilizado em Jerusalém quando prendeu os anjos.

— Sim, eu o peguei no Gólgota — explicou Dee, admirando o belo punhal. A lâmina brilhava como se tivesse acabado de ser afiada. — Este punhal possui uma história sombria. É hora de fazer bom uso dele, querida. — Ela estendeu o punhal, a lâmina pousada na palma de sua mão, o cabo apontando na direção de Luce. — Significaria muito para mim se fosse você a pessoa a derramar o meu sangue, querida. Não apenas porque *é* querida para mim, mas também porque *precisa* ser você.

— Eu?

— Sim, você. Precisa me matar, Lucinda.

QUINZE



A DÁDIVA

— Não posso!

— Sim, pode — falou Dee. — E irá fazê-lo. Ninguém mais pode.

— Por quê?

Dee olhou por sobre os ombros, em direção a Daniel. Ele permanecia sentado, olhando para Luce, mas não parecia enxergá-la. Nenhum dos anjos se levantou para ajudá-la.

Dee sussurrou:

— Se está, como diz estar, completamente determinada a quebrar sua maldição...

— *Você sabe que estou*.

— Então precisa usar o meu sangue para isso.

Não. Como poderia a maldição dela estar relacionada a derramar o sangue de outra pessoa? Dee os trouxera até ali, até o *Qayom Malak*, para revelar o local da Queda dos anjos. Esse era o seu papel enquanto desideratum. Isso não tinha nada a ver com a maldição de Luce.

Ou tinha?

Quebrar a maldição. Claro que Luce queria fazer isso; era tudo o que ela queria.

Poderia ela quebrá-la, ali e agora? Como seria capaz de viver tranquilamente com sua consciência caso matasse Dee? Luce olhou para a senhora, que lhe segurou as mãos.

— Não quer saber a verdade sobre sua primeira vida?

— Claro que quero. Mas por que matar alguém revelaria meu passado?

— Vai revelar todo tipo de coisas.

— Não compreendo.

— Ah, querida. — Dee suspirou, olhando para além de Luce, para os outros. — Estes anjos fizeram um bom trabalho para protegê-la, mas também a protegeram ao ponto da complacência. Chegou a hora de você despertar, Lucinda, e para isso, precisa *agir*.

Luce virou-se para não fitá-la. A expressão nos olhos dourados de Dee era apelativa demais, intensa demais.

— Já vi mortes o suficiente — disse Luce.

Um anjo se ergueu da escuridão do círculo que haviam formado ao redor do *Qayom Malak*.

— Se ela não pode fazer isso, eu posso.

— Cale a boca, Cam — repreendeu Ariane. — Sente-se aí.

Cam deu um passo adiante, aproximando-se de Luce. Seu corpo magro lançou uma sombra pela plataforma.

— Chegamos longe demais. Não dá para dizer que não tentamos de tudo. — Ele se virou para encarar os outros. — Mas talvez ela não seja mesmo capaz disso. Toda pessoa tem um limite. Não seria a primeira jovenzinha em quem alguém apostou uma fortuna e perdeu. E se ela for a última?

O tom do anjo não combinava com suas palavras, nem com seus olhos, que diziam com sinceridade desesperada: "Você pode fazer isso. Você precisa fazer."

Luce sentiu o peso do punhal na mão. Já vira aquela mesma lâmina ceifar a vida de Penn. Sentira-a na pele quando Sophia tentou matá-la na capela da Sword & Cross. O único motivo pelo qual Luce não estava morta agora era porque Daniel tinha entrado pela janela rosada para salvá-la. O único motivo pelo qual não guardava nenhuma cicatriz era por causa do toque curador de Gabbe. Eles haviam salvado a

vida dela por causa deste momento. Para que pudesse tirar outra vida.

Dee percebeu o quanto o medo havia tomado conta de Luce. Fez sinal para que Cam se sentasse.

— Talvez fosse melhor, querida, se não encarasse isso como tirar a minha vida. Você estaria me dando a maior dádiva de todas, Lucinda. Não vê que estou pronta para seguir adiante? — Ela apertou os lábios num sorriso. — Sei que é difícil entender, mas chega um momento na jornada de um corpo mortal em que ele busca morrer do modo mais vantajoso possível. Os antigos chamavam a isso de "boa morte". É hora de eu partir e, se me der a dádiva dessa morte *muito* boa, prometo que não vai se arrepender.

Com os olhos ardendo em lágrimas, Luce olhou para além de Dee.

— Dan...

— Não posso ajudar você, Luce — disse Daniel, antes mesmo de terminar de pronunciar seu nome. — Precisa fazer isso sozinha.

Roland se levantou e examinou o mapa. Olhou para a lua a leste.

— Se for mesmo feito, então melhor que seja rápido.

— Não temos muito tempo — explicou Dee, apoiando a mão frágil sobre o ombro de Luce.

As mãos de Luce tremiam, suando sobre o cabo pesado do punhal, o que tornava difícil segurá-lo. Atrás de Dee, via a plataforma com o mapa semidesenhado, e, mais adiante, o *Qayom Malak*, no qual o halo de vidro estava apoiado. O cálice de prata repousava aos pés de Dee.

Luce havia passado por um sacrifício antes: em Chichén Itzá, quando se clivara ao seu eu do passado de nome Ix Cuat. Aquele ritual não tinha feito nenhum sentido para Luce. Por que alguém querido deveria morrer para que outras coisas queridas pudessem continuar vivendo? Será que quem havia criado tais regras não achava que isso merecia uma explicação? Era como Abraão, a quem foi pedido que sacrificasse o filho Isaac. Teria Deus criado o amor para fazer com que o sentimento de dor fosse ainda pior?

— Fará isso por mim? — pediu Dee.

Quebrar a maldição.

— Fará isso por si?

Luce segurou o punhal entre as palmas abertas.

— O que eu devo fazer?

— Vou orientar você no processo.

A mão esquerda de Dee se fechou ao redor da direita de Luce, que cerrou ao redor do punhal. O cabo estava escorregadio pelo suor das mãos.

Com a mão direita livre, Dee desamarrou seu manto e o retirou, ficando diante de Luce vestida com uma longa túnica branca. A parte de cima de seu peito estava nua, revelando a tatuagem de ponta de flecha.

Luce gemeu ao ver aquilo.

— Por favor, não se preocupe, querida. Sou uma raça especial, e este momento sempre foi o meu destino. Um rápido golpe em meu coração será o bastante para me libertar.

Era o que Luce precisava ouvir. O punhal tremia enquanto Dee o guiava na direção da tatuagem. A senhora só podia ajudar Luce até certo ponto, porém; Luce sabia que em breve teria de segurar a lâmina sozinha.

— Você está se saindo bem.

— Espere! — gritou Luce quando a lâmina cortou a carne de Dee. Uma gota vermelha de sangue desabrochou na pele da senhora, bem acima da barra da túnica. — O que irá acontecer com você depois que morrer?

Dee sorriu tão tranquilamente que Luce não teve dúvidas de que aquilo era para o bem dela.

— Ora, querida, deslizarei para a obra-prima.

— Você vai para o Céu, não é?

— Lucinda, não vamos falar sobre...

— Por favor. Não posso mandar você para outra vida a menos que saiba como será. Eu irei vê-la novamente? Você irá embora como um anjo?

— Oh, não, minha morte será uma vida secreta, como o sono — disse Dee. — Melhor que o sono, na verdade, porque pela primeira vez serei capaz de sonhar. Em vida, os transeternos jamais sonham. Eu irei sonhar com o Dr. Otto. Faz tanto tempo que não vejo o meu amor, Lucinda. Com certeza, você deve ser capaz de entender, não é?

Luce sentiu vontade de chorar. Ela entendia. Claro, claro que aquilo ela entendia.

Tremendo ainda mais, ela levou o punhal de volta até a tatuagem no peito de Dee. A velha apertou de leve as mãos de Luce.

— Abençoada seja, criança. Abençoada seja abundantemente. Depressa, agora. — Ansiosa, Dee olhou para o céu, piscando para a lua. — Para dentro.

Luce gemeu ao enfiar o punhal no peito da senhora. A lâmina atravessou carne, ossos e músculos — e depois chegou ao belo coração, enterrada quase até o punho. Os rostos de Luce e de Dee praticamente se tocavam. As nuvens que as respirações de ambas formavam se misturaram no ar.

Dee rangeu os dentes e segurou a mão de Luce ao dar à lâmina um giro rápido para a esquerda. Os olhos dourados se

arregalaram, depois se congelaram de dor ou espanto. Luce queria desviar o olhar, mas não conseguiu. Procurou o grito dentro de si mesma.

— Retire a lâmina — sussurrou Dee. — Despeje meu sangue no cálice de prata.

Recuando, Luce arrancou o punhal. Sentiu algo se partir no interior do corpo de Dee. A ferida era uma caverna preta aberta. O sangue fluía para a superfície. Era aterrorizante ver os olhos dourados de Dee se nublando. A senhora desabou no platô iluminado pelo luar.

À distância, ouviu-se o grito agudo de um anjo da Balança. Os anjos olharam para cima.

— Luce, precisamos que ande depressa — disse Daniel com calma forçada, que a deixou mais alarmada do que se estivesse em pânico.

Ela ainda segurava o punhal, que estava vermelho, pegajoso e pingava com o sangue da transeterna. Ela o atirou no chão e o punhal caiu com um tilintar minúsculo que a deixou furiosa, pois mais parecia um brinquedo do que a poderosa arma que matara duas almas amadas por Luce.

Limpou as mãos no manto e lutou para conseguir respirar. Teria desabado de joelhos caso Daniel não a segurasse.

— Desculpe, Luce. — Ele a beijou, os olhos irradiando sua costumeira ternura.

— Pelo quê?

— Por eu não ter podido ajudar.

— Por que não pôde?

— Você fez o que nenhum de nós poderia fazer. E fez sozinha. — Segurando-a pelos ombros, Daniel virou Luce na direção da visão que ela não queria ver.

— Não. Por favor, não me faça...

— Olhe.

Dee estava se sentando, aninhando o cálice de prata de modo que a borda pressionasse o seio. O sangue fluía livremente de seu coração, irrompendo a cada batida poderosa, como se não fosse sangue e sim algo mágico e estranho, de outro mundo. Luce supôs que fosse mesmo. Os olhos de Dee estavam fechados, mas ela sorria, com o rosto erguido para cima, iluminado pela lua. Não parecia sentir dor alguma.

Quando o cálice estava cheio, Luce deu um passo adiante, dobrou o corpo para apanhá-lo e colocou-o de volta na flecha amarela da plataforma. Quando tirou o cálice de prata de Dee, a velha senhora tentou se levantar. As mãos ensanguentadas se apoiaram no chão para ajudar no impulso. Os joelhos tremeram quando lutou para se apoiar sobre um

dos pés, depois o outro. Inclinou-se para a frente, o corpo sofreu uma ligeira convulsão enquanto ela segurava o manto preto. Estava tentando colocá-lo novamente ao redor dos ombros, percebeu Luce, para que a ferida ficasse coberta. Ariane deu um passo à frente para ajudá-la, mas não adiantou. Mais sangue inundou o manto.

Os olhos dourados de Dee estavam mais pálidos; a pele, quase translúcida. Tudo nela parecia desbotado e suave, como se ela já estivesse em algum outro lugar. Um novo soluço subiu ao peito de Luce enquanto Dee dava um passo, mancando em sua direção.

— Dee! — Luce cruzou o espaço entre elas, estendendo os braços para segurar o corpo da mulher que morria. Parecia uma sombra do que tinha sido antes de Luce atravessá-lo com o punhal.

— Shhh — pediu Dee. — Só queria agradecer a você, querida. E te dar este pequeno presente de despedida. — Enfiou a mão dentro do manto e, ao retirá-la, seu polegar estava escuro de sangue. — O presente do autoconhecimento. Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece. Agora chegou a hora de eu dormir e de você despertar.

Os olhos de Dee percorreram o rosto de Luce, e parecia que era capaz de enxergar tudo o que havia para ver nele —

todo o passado e o futuro da garota. Por fim, pressionou a testa de Luce com seu polegar ensanguentado.

— Faça bom proveito, querida.

Então ela caiu.

— Dee! — Luce atirou-se sobre ela, mas a mulher estava morta. — *Não!*

Atrás de Luce, Daniel a segurou pelos ombros, oferecendo-lhe toda a força que podia. Não era o bastante. Não poderia trazer Dee de volta ou mudar o fato de que Lucinda a matara. Nada poderia.

Lágrimas turvaram a visão de Luce. O vento soprava com força do oeste e assobiava sobre as curvas dos montes, trazendo consigo outro grito esganiçado de um anjo da Balança. Parecia que cada centímetro do mundo estava no caos, e nada jamais se assentaria. Ela tocou a marca de polegar sobre a testa...

Uma luz branca irradiou ao redor de Luce. Suas entranhas arderam. Ela cambaleou, estendendo os braços na frente do corpo e balançando o corpo cheio de...

Luz.

— Luce? — A voz de Daniel parecia distante.

Estaria ela morrendo?

Sentiu-se subitamente galvanizada, como se a marca em sua testa fosse uma ignição e Dee tivesse lhe acendido a alma.

— Isto é outro tempomoto? — perguntou, embora o céu não estivesse cinzento e sim de um tom branco brilhante. Tão brilhante que não conseguia enxergar Daniel nem nenhum outro anjo ao redor da plataforma.

— Não. — Era a voz de Roland. — É ela.

— É você, Luce. — A voz de Daniel tremia.

Os pés dela deslizavam na rocha enquanto seu corpo se erguia em um esplendor de leveza. Por um instante, o mundo zumbiu com harmonia incandescente.

Agora chegou a hora de você despertar.

O ar ao redor de Luce pareceu estremecer, transformando-se de branco em cinza borrado. Depois, muito ao longe, ela avistou o rosto gargalhante de Bill. As asas pretas estavam abertas e eram mais largas que o céu, mais amplas que mil galáxias, enchendo a mente dela, preenchendo cada reentrância do universo, engolfando Luce com fúria infinita.

Dessa vez eu irei vencer.

A voz dele era como cacos de vidro arrastando-se sobre pele nua.

Quão perto estaria agora?

Os pés de Luce bateram no chão do planalto. A luz sumiu.

Ela caiu de joelhos, aterrissando perto de Dee, que havia se deitado de lado, apoiando a cabeça em um dos braços, os longos cabelos ruivos espalhados ao redor como sangue. Os olhos estavam fechados e o rosto, sereno, tão diferente do rosto que vinha atormentando Luce naquela semana. A garota tentou se levantar, mas se sentiu desajeitada.

Daniel caiu de joelhos ao seu lado. Sentando na plataforma, a abraçou. O cheiro dos cabelos e o toque das mãos dele a acalmaram. Ele sussurrou:

— Estou aqui, Luce, está tudo bem.

Ela não queria dizer a ele que não parava de ver Bill. Sentia vontade de voltar para aquela luz. Tocou a marca na testa, mas nada aconteceu. O sangue de Dee havia secado.

Daniel estava encarando Luce, os lábios apertados. Tirou o cabelo dos olhos dela e pressionou a palma da mão contra sua testa.

— Você está queimando.

— Estou bem.

Realmente sentia-se febril, mas não havia tempo para se preocupar com isso. Aquele era o momento que Dee dissera para aguardarem, o momento no qual sua morte valeria a pena.

— Luce. Daniel. — Era a voz de Roland. — É melhor vocês verem isto.

Ele segurava o cálice inclinado e estava derramando a última gota de sangue de Dee na depressão situada na base do mapa. Quando Luce e Daniel se juntaram aos outros, o sangue já havia fluído para o interior da maioria das linhas quebradas do mármore. Embora Dee tivesse dito que a Terra era diferente na época da Queda, o mapa diante deles parecia cada vez mais semelhante ao do mundo contemporâneo.

A América do Sul estava um pouco mais próxima da África, o canto nordeste da América do Norte roçava a Europa, mas basicamente o mapa era igual. Havia um trecho de água onde o Golfo de Suez separava o Egito da península do Sinai e, no meio da península, uma pedra amarela demarcava o platô onde estavam naquele momento. Ao norte situava-se o Mediterrâneo, pontilhado com mil ilhazinhas — e do outro lado de seu cinturão estreito, no ponto onde a Ásia se encontrava com a Europa, havia uma poça rasa de sangue que, aos poucos, tomava a forma de uma estrela.

Luce ouviu Daniel engolir em seco ao lado. Todos os anjos olhavam estupefatos enquanto o sangue de Dee preenchia as pontas da estrela, indicando o local da Turquia moderna, mais especificamente...

— Troia — disse Daniel por fim, balançando a cabeça, atônito. — Quem teria adivinhado...

— *De novo* esse lugar — murmurou Roland. O tom de voz desvelava uma história torturante com aquela cidade.

— Sempre tive a impressão de que era um lugar condenado. — Ariane estremeceu. — Mas eu...

— Nunca soube por que — completou Annabelle.

— Cam? — disse Daniel, e os outros afastaram o olhar do mapa para encarar o demônio.

— Eu irei — falou Cam rapidamente. — Está tudo bem comigo.

— Então é isso — disse Daniel, como se não pudesse acreditar. — Philip — chamou ele, olhando para cima.

Phil e os três Párias se levantaram de seus poleiros na ponta dos montes acima.

— Alerte os outros.

"Que outros? Quem mais restara a essa altura?", pensou Luce.

— O que digo a eles? — perguntou Phil.

— Diga que sabemos o local da Queda, que estamos partindo agora mesmo para Troia.

— Não. — A voz de Luce interrompeu o movimento dos Párias. — Não podemos ir ainda. E Dee?

No fim, não foi nenhuma surpresa que Dee tivesse cuidado de todas as providências, até os mínimos detalhes para o seu memorial. Annabelle as encontrou enfiadas em um sarrafo na tampa do baú de madeira, que, conforme a carta de Dee explicava, se virava de boca para baixo para formar um altar fúnebre. O sol estava baixo no horizonte quando começaram a construir o memorial. Era o término do sétimo dia; a carta de Dee lhes garantia que aquilo não seria uma perda de tempo.

Roland, Cam e Daniel transportaram o baú até o centro da plataforma de mármore. Cobriram o mapa completamente, para que, quando os anjos da Balança descessem ali, vissem um funeral, e não o local da Queda dos anjos.

Annabelle e Ariane levaram o corpo de Dee para trás do pedestal improvisado. Colocaram-na cuidadosamente no centro dele, de modo que seu coração ficasse bem acima da estrela formada pelo seu sangue. Luce se lembrou do que Dee dissera: santuários são construídos em cima de santuários. O corpo dela formaria um santuário para o mapa que escondia.

Cam enrolou o manto de Dee ao redor do corpo dela, mas deixou seu rosto exposto fitando o céu. Em seu local de descanso final, Dee, a desideratum, parecia pequenina, mas

poderosa. Parecia em paz. Luce queria acreditar que Dee estava vagando em sonhos com o Dr. Otto.

— Ela quer que Luce a abençoe — leu Annabelle na carta.

Daniel apertou a mão dela, como se dissesse: "Está tudo bem com você?"

Luce nunca tinha feito nada do tipo. Esperava sentir-se estranha, culpada por falar no funeral de alguém que havia matado, mas no lugar daquelas emoções existia um sentimento de honra e reverência.

Ela foi até o catafalco. Permitiu-se alguns segundos para reunir os pensamentos.

— Dee foi nossa desideratum — começou Luce. — Mas ela foi mais do que um objeto desejado.

Luce suspirou e percebeu que não estava abençoando apenas Dee, mas também Gabbe e Molly, cujos corpos viraram ar — e Penn, a cujo funeral não pôde comparecer. Tudo aquilo era demais. Sua visão rodopiou e as palavras sumiram, e tudo o que sabia era que Dee havia espalhado sangue sacrificial em sua testa.

Era a dádiva de Dee para Luce.

Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece.

O sangue pulsava nas têmporas de Luce, com força. A cabeça e o coração estavam tomados por calor, mas as mãos pareciam geladas quando as passou acima do corpo de Dee.

— Algo está acontecendo. — Luce segurou o rosto dela entre as mãos, os cabelos espalhados ao redor do corpo. Fechou os olhos e viu uma luz branca brilhante nos fundos das pálpebras de Dee.

— Luce...

Quando Luce abriu os olhos, os anjos haviam atirado seus mantos para longe e aberto as asas. O planalto estava inundado de luz. Uma grande massa de anjos da Balança pairava em algum lugar logo acima.

— O que está acontecendo? — perguntou Luce, protegendo os olhos com as mãos.

— Precisamos correr, Daniel — berrou Roland lá de cima. Teriam os outros anjos decolado? Qual era a fonte daquela luz?

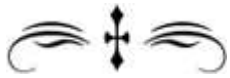
Os braços de Daniel envolveram a cintura de Luce e a apertaram com força. A sensação era boa, mas ela ainda estava com medo.

— Estou aqui ao seu lado, Lucinda. Eu amo você, não importa o que aconteça.

Ela sabia que seus pés estavam flutuando, que seu corpo alçava voo. Sabia que estava com Daniel. Mas mal tinha

consciência da passagem deles pelo céu ardente, mal tinha consciência de qualquer outra coisa que não o estranho e novo latejar em sua alma.

DEZESSEIS



APOCALIPSE

Em algum ponto no meio do caminho começou a chover.

Gotas de chuva tamborilaram nas asas de Daniel. Trovões ribombavam no céu à frente deles. Relâmpagos cruzavam a noite. Luce estivera dormindo, em um estado pesado de algo semelhante ao sono, pois, quando veio a tempestade, despertou para uma semiconsciência sonhadora.

O vento era brutal e incessante, emplastando Luce ao corpo de Daniel. Os anjos voavam através dele com uma velocidade tremenda; a cada batida de asas atravessavam cidades inteiras, cordilheiras inteiras. Sobrevoavam nuvens

que pareciam icebergs gigantes, passando por elas num piscar de olhos.

Luce não sabia onde eles estavam, nem há quanto tempo viajavam. E não tinha vontade de perguntar.

Estava escuro de novo. Quanto tempo restava ainda? Não conseguia se lembrar. Contar parecia impossível, embora Luce um dia tivesse adorado resolver contas de cálculo complexas. Quase riu ao pensar em si sentada à carteira de madeira na aula de cálculo, mordiscando uma borracha ao lado de vinte adolescentes mortais. Será que aquilo realmente já havia acontecido com ela?

A temperatura caiu. A chuva se intensificou quando os anjos voaram para dentro de uma tempestade que se estendia para além dos limites da visão. Agora o som das gotas de chuva caindo sobre as asas de Daniel parecia o de granizo atirado na neve.

A tempestade vinha de lado e de cima. As roupas de Luce ficaram encharcadas. Sentia calor em um momento e frio no seguinte. As mãos de Daniel ao redor de seu corpo afagaram a pele arrepiada de seus braços. Ela via água descendo pelas pontas de suas botas pretas em direção ao chão, situado a milhares de metros abaixo.

Visões surgiam na escuridão, através da tempestade. Via Dee soltando os cabelos ruivos que rodeavam-lhe o corpo. A

senhora sussurrava: “Quebre a maldição”. Seus cabelos viravam tentáculos ensanguentados que a envolviam como as ataduras de uma múmia, depois como um casulo de lagarta... até seu corpo se transformar em uma enorme coluna de sangue espesso e gotejante.

Através da neblina, uma luz dourada aumentou de intensidade. As asas de Cam se enfiaram no espaço entre os pés de Luce e o trecho de terra que ela estava observando.

— É aí? — gritou Cam por cima do vento.

— Não sei — respondeu Daniel.

— E como *iremos* saber?

— Simplesmente iremos.

— Daniel. O tempo...

— Não me apresse. Precisamos levá-la ao lugar certo.

— Ela está dormindo?

— Está febril. Não sei. Shhh.

Um grunhido de frustração acompanhou o desaparecimento do brilho de Cam de volta ao interior da neblina.

As pálpebras de Luce tremeram. Ela *estava* dormindo? O céu parecia chover pesadelos. Agora via a Srta. Sophia, com os olhos pretos cintilando à luz refletida pelas gotas de chuva. Ela levantou o punhal, e as pulseiras de pérola chacoalharam quando desceu a lâmina no coração de Luce. Suas palavras

— *A confiança é uma busca negligente* — ecoavam sem parar na mente de Luce, até ela sentir vontade de gritar. Então a visão da Srta. Sophia tremeluziu e rodopiou, escurecendo-se para formar a gárgula na qual Luce *havia* confiado de modo tão negligente.

O pequeno Bill, que se passara por amigo, durante todo o tempo escondera algo vasto e aterrorizante. Talvez, para o diabo, aquilo fosse a amizade: amor tingido de maldade, sempre. O corpo da gárgula era uma casca para forças obscuramente poderosas.

Na visão de Luce, Bill arreganhava presas escuras apodrecidas e exalava nuvens de bolor. Rugia, mas em silêncio, um silêncio que era pior que qualquer coisa que ele já pudesse ter dito, pois a imaginação dela completava o vazio. Ele consumia o plano de visão de Luce na pele de Lúcifer, como o Mal, como o Fim.

Ela abriu os olhos de repente. Apertou os braços de Daniel que a envolviam enquanto os dois voavam pela tempestade interminável.

Você não está com medo, jurou em silêncio em meio à chuva. Era a coisa mais difícil da qual já tivera de se convencer naquela jornada.

Quando você enfrentá-lo novamente, não terá medo.

— Gente — chamou Ariane, aparecendo à direita das asas de Daniel. — Vejam.

As nuvens se afinavam à medida que eles seguiam em frente. Abaixo estava um vale, um amplo trecho de plantação rochosa que se encontrava com um estreito de mar a oeste. Um cavalo de madeira gigantesco assomava absurdamente na paisagem desértica, monumento a um passado de sombras. Luce pôde ver ruínas de pedra perto dele, um teatro romano, um estacionamento contemporâneo.

Os anjos seguiram voando. O vale se espalhava abaixo, escuro, a não ser pela única luz à distância: um abajur elétrico que brilhava pela janela de uma pequenina cabana no meio da encosta.

— Voem em direção à casa — ordenou Daniel aos demais.

Luce estivera observando uma fileira de bodes se espalhar pelos campos encharcados e se reunir em um bosque de pés de damasco. Seu estômago se revirou quando Daniel se inclinou para baixo de repente. Quando tocaram o chão, Luce e os anjos estavam a cerca de quinhentos metros da cabana branca.

— Vamos entrar. — Daniel pegou a mão de Luce. — Eles devem estar nos esperando.

Luce caminhou ao lado de Daniel embaixo da chuva. Seu cabelo estava espalhado no rosto, o casaco emprestado ensopado com o que pareciam quinhentos litros de gotas de chuva.

Estavam subindo uma trilha enlameada e sinuosa quando uma grande gota d'água se prendeu aos cílios de Luce e caiu dentro do seu olho. Quando o esfregou e piscou, a Terra havia mudado completamente.

Uma imagem cintilou como um clarão diante de seus olhos, uma lembrança há tempos esquecida que voltava à vida:

O chão molhado sob os pés passou de verde para preto tostado em alguns pontos, e cinza-claro em outros. O vale ao redor estava pontuado por crateras profundas e fumegantes. Luce sentiu o cheiro de carniça, carne queimada e podre, um cheiro tão espesso e pungente que se prendeu ao céu da boca e fez suas narinas arderem. As crateras fervilhavam, emitindo um som como o de cascavéis, quando passou por elas. Poeira — poeira angelical — estava espalhada por todos os lados; flutuava pelo ar, cobria o chão e as pedras, caía como flocos de neve sobre seu rosto.

Havia algo prateado em sua visão periférica. Pareciam pedaços quebrados de um espelho, só que era fosforescente — cintilando, quase vivo. Luce soltou a mão de Daniel, caiu de joelhos e rastejou pelo chão lamacento na direção do vidro prateado estilhaçado.

Não sabia por que fazia isso. Só sabia que precisava tocar aquilo.

Estendeu a mão na direção de um pedaço grande, gemendo por causa do esforço. Segurou-o com força...

E depois piscou e não havia nada em suas mãos além de um punhado de lama macia.

Olhou para Daniel, com os olhos cheios de lágrimas.

— O que está acontecendo?

Ele olhou para Ariane.

— Leve Luce para dentro.

Ela sentiu os próprios braços serem levantados.

— Você vai ficar bem, menina — disse Ariane. — Prometo.

A porta de madeira escura da cabana se abriu e uma luz suave derramou-se do interior. Olhando para os anjos molhados estava o rosto calmo e contido de Steven Filmore, o professor preferido de Luce em Shoreline.

— Que bom que você conseguiu chegar — falou Daniel.

— Digo o mesmo. — A voz de Steven era firme e professoral, exatamente como Luce se recordava. De algum modo, era reconfortante.

— Está tudo bem com ela? — perguntou Steven.

Não. Ela estava perdendo o juízo.

— Sim. — A confiança de Daniel pegou Luce de surpresa.

— O que aconteceu com o pescoço dela?

— Trombamos com alguns anjos da Balança em Viena.

Luce estava alucinando. Não se sentia nem um pouco bem. Trêmula, olhou nos olhos de Steven, que eram firmes, confortadores.

Você está bem. Tem de estar. Por Daniel.

Steven ficou segurando a porta aberta para eles entrarem. Na pequena cabana de chão sujo e teto de palha havia um monte de cobertores e tapetes em um canto, um fogão grosseiro perto da lareira e quatro cadeiras de balanço dispostas em quadrado no meio da sala.

De pé, na frente das cadeiras, estava Francesca — a esposa de Steven e a outra professora Nefilim de Shoreline. Phil e os três outros Párias aguardavam em estado de alerta na parede oposta. Annabelle, Roland, Ariane e Luce se apertavam ao redor da lareira do casebre.

— E agora, o que vai ser, Daniel? — perguntou Francesca, com tom profissional e direto.

— Nada — respondeu Daniel rapidamente. — Nada ainda.

Por que não? Lá estavam eles nos campos de Troia, perto do lugar onde era esperado o pouso de Lúcifer. Haviam corrido até ali para impedi-lo. Por que passar por tudo o que passaram naquela semana só para ficar sentados dentro de uma cabana, esperando?

— Daniel — disse Luce. — Eu bem que gostaria de uma explicação.

Porém Daniel olhava apenas para Steven.

— Por favor, sentem-se. — Steven conduziu Luce até uma das cadeiras de balanço. Ela afundou ali e assentiu agradecida quando ele lhe estendeu uma xícara de metal com chá turco de maçã com especiarias. Steven fez um gesto para a cabana. — Não é grande coisa, mas estamos protegidos da chuva e da maior parte do vento, e vocês sabem o que dizem...

— Localização, localização, localização — concluiu Roland, inclinando-se no braço da cadeira de balanço, no ponto onde Ariane havia se aninhado, em frente a Luce.

Annabelle olhou ao redor, para a chuva batendo à janela, para a sala apertada.

— Então foi *aqui* o local da Queda? Quero dizer, meio que consigo sentir isso, mas não sei se é porque é verdade ou porque estou sugestionada. Que coisa mais *estranha*.

Steven, que estava limpando seus óculos no suéter de lã, tornou a deslizá-los pelo nariz e retomou o tom professoral.

— O local da Queda é bastante grande, Annabelle. Pense na área necessária para cento e cinquenta milhões, oitocentos e vinte e sete mil e oitocentos e sessenta e um...

— Você quer dizer cento e cinquenta milhões, oitocentos e vinte e sete mil e *setecentos e quarenta e seis...* — interrompeu Francesca.

— Claro, existem discrepâncias. — Steven sempre divertia a bela e combativa esposa. — A questão é que muitos anjos caíram e, assim, o impacto foi amplo. — Olhou brevemente para Luce. — Mas, sim, vocês estão sentados em um dos trechos do local onde os anjos caíram sobre a Terra.

— Seguimos o mapa da velha — disse Cam, atiçando o fogo do fogão, que havia se transformado em cinzas. Seu toque, porém, o fez rugir de volta à vida. — Mas ainda me pergunto como vamos saber com certeza se foi aqui mesmo. Não temos mais muito tempo. Como vamos *saber*?

Porque estou tendo visões a respeito, a mente de Luce gritou de repente. *Porque, de algum modo, eu estava aqui.*

— Que bom que você perguntou. — Francesca abriu um rolo de pergaminho no chão entre as cadeiras de balanço. — A biblioteca Nefilim de Shoreline possui um mapa do local da Queda. O mapa foi desenhado numa escala tão próxima do real que, até alguém determinar uma localização geográfica, poderia ter sido em qualquer lugar.

— Podia muito bem indicar uma fazenda de formigas — acrescentou Steven. — Estávamos aguardando o sinal de Daniel desde que Luce retornou dos Anunciadores, rastreando o progresso de vocês, tentando ficar ao seu alcance para quando precisassem de nós.

— Os Párias nos encontraram em nossa casa de inverno no Cairo logo depois da meia-noite — disse Francesca, dando de ombros como se estivesse afastando um arrepio. — Por sorte, este aqui trazia o emblema de amizade, senão talvez tivéssemos...

— Ele se chama Phillip. Os Párias estão do nosso lado agora — interrompeu Daniel.

Era estranho que Phil se tivesse feito passar por aluno em Shoreline durante meses e Francesca não o houvesse reconhecido. Bem, mas tinha o fato de a esnobe professora anjo só prestar atenção aos alunos "talentosos" da escola.

— Eu estava torcendo para que vocês conseguissem chegar a tempo — continuou Daniel. — Como estavam as

coisas em Shoreline quando partiram?

— Não muito boas — respondeu Francesca. — Vocês enfrentaram coisa pior, tenho certeza, mas mesmo assim não foi fácil para nós. Os anjos da Balança chegaram a Shoreline na segunda-feira.

Daniel tensionou a mandíbula.

— Não.

— Miles e Shelby... — disse Luce, num arfar. — Eles estão bem?

— Está tudo certo com seus amigos. A Balança não conseguiu encontrar nada para nos acusar...

— Isso mesmo — disse Steven, cheio de orgulho. — Minha esposa é uma ótima comandante. Acima de qualquer repreensão.

— Mesmo assim... — continuou Francesca. — Os alunos ficaram bastante assustados. Alguns de nossos maiores patrocinadores tiraram seus filhos da escola. — Ela fez uma pausa. — Espero que isso tudo valha a pena.

Ariane se pôs de pé num salto.

— Pode apostar seu rico dinheirinho que vale!

Roland se levantou com rapidez e empurrou Ariane para baixo, para que tornasse a se sentar. Steven segurou o braço de Francesca e levou-a até a janela. Logo todos estavam cochichando e Luce não teve mais forças para ouvir nada

além da frase “Tenho uma grande doação de verbas para ela bem aqui!” dita em voz alta por Ariane.

Lá fora, uma faixa finíssima de luz avermelhada abraçava as montanhas. Luce ficou olhando para aquilo, com o estômago revirado, sabendo que indicava o nascer do sol do oitavo dia, o último dia completo antes de...

A mão de Daniel foi parar sobre seu ombro, cálida e forte.

— Como você está?

— Tudo certo. — Ela se sentou mais ereta, fingindo estar alerta. — O que precisamos fazer agora?

— Dormir.

Endireitou os ombros.

— Não, não estou cansada. O sol está nascendo, e Lúcifer...

Daniel se inclinou sobre a cadeira de balanço e beijou a testa de Luce.

— O resultado vai ser melhor se você estiver descansada.

Francesca olhou para eles, desviando o olhar da conversa com Steven.

— Você acha que é uma boa ideia?

— Se ela está cansada, precisa dormir. Umas horinhas a mais não vão machucar ninguém. Já estamos aqui.

— Mas *não estou* cansada! — protestou Luce. Era óbvio, porém, que estava mentindo.

Francesca engoliu em seco.

— Bem, creio que você tem razão. Ou vai acontecer ou não vai.

— O que ela quis dizer com isto? — perguntou Luce a Daniel.

— Nada — respondeu ele suavemente. Em seguida, virando-se para Francesca, disse bem baixo: — *Vai* acontecer. — Ele levantou Luce o bastante para poder deslizar o próprio corpo para a cadeira de balanço e ficar ao lado dela. Envolveu os braços ao redor da cintura dela. A última coisa que Luce sentiu foi um beijo em sua têmpora e o sussurro ao pé do ouvido: — Que ela durma pela última vez.

— Pronta?

Luce estava de pé ao lado de Daniel em um terreno não cultivado do lado de fora da cabana branca. A névoa subia do solo, e o céu exibia o tom azul pungente do início de uma tempestade pesada. Havia neve nos morros a leste, mas as planícies ondulantes do vale transpiravam calor primaveril.

Flores desabrochavam nas margens do campo. Borboletas se espalhavam por toda parte, brancas, cor-de-rosa e douradas.

— Sim.

Luce havia acordado num instante quando sentiu a mão de Daniel levantá-la da cadeira de balanço e levá-la para fora da cabana silenciosa. Devia tê-la abraçado a noite inteira.

— Espere — pediu ela. — Pronta para o quê?

Os outros a observavam, reunidos em um círculo como se estivessem esperando, os anjos e os Párias de asas abertas.

Uma nuvem de cegonhas cruzou o céu, com as asas de pontas pretas bem abertas como frondes de palmeiras. O voo delas escureceu o sol por um instante, lançando sombras sobre as asas dos anjos, antes de seguirem adiante.

— Diga quem sou — pediu Daniel simplesmente.

Era o único anjo cujas asas estavam escondidas sob as roupas. Deu um passo para longe dela, virou os ombros para trás, fechou os olhos e abriu as asas.

Elas se desenrolaram com rapidez e suprema elegância, desabrochando nas laterais do corpo e lançando uma rajada de vento que balançou as copas dos damasqueiros.

As asas de Daniel assomavam sobre o corpo dele, radiantes e maravilhosas, tornando-o impossivelmente lindo. Brilhava como um sol: não apenas as asas, o corpo inteiro, e

mais do que isso. O que os anjos chamavam de sua glória se irradiava de Daniel. Luce não conseguia desviar os olhos.

— Você é um anjo.

Ele abriu seus olhos cor de violeta.

— Continue.

— Você... você é Daniel Grigori — continuou Luce. — É o anjo que me ama há milhares de anos. O garoto que amei desde o primeiro momento... não, *em todos os momentos* que o vi pela primeira vez. — Ela observou o sol brincar sobre a brancura das asas, ansiou para senti-las envolvendo seu corpo. — Você é a alma que se encaixa na minha.

— Ótimo — disse Daniel. — Agora me diga quem *você* é.

— Bem... eu sou Lucinda Price. Sou a garota por quem você se apaixona.

Uma tensão imóvel se espalhou ao redor de todos eles. Todos os anjos pareceram estar com a respiração suspensa.

Os olhos de Daniel se encheram de lágrimas.

— Mais.

— Isto não é o suficiente?

Ele fez que não.

— Daniel?

— Lucinda.

O modo como ele pronunciou o nome dela — com tanta gravidade — fez seu estômago doer. O que ele queria dela?

Ela piscou, e o som pareceu uma trovoada... E então a planície troiana se escureceu como tinha escurecido na noite anterior. A terra se viu marcada por rachaduras tortas. No lugar do campo, havia crateras fumegantes. Poeira, cinzas e morte em toda parte. As árvores estavam em chamas ao longo do horizonte, e um fedor horrendo de podridão se enovelava pelo vento. Era como se a alma dela tivesse sido arrastada pelos milênios. Havia neve sobre as montanhas, nenhuma cabana branca bonitinha à frente, nenhum círculo de rostos preocupados de anjos.

Mas havia Daniel.

As asas dele brilhavam através do ar empoeirado. A pele nua era perfeita, orvalhada, rósea. Os olhos cintilavam com o mesmo tom intoxicante de violeta, mas ele não estava olhando para ela. Olhava para o céu. Não parecia perceber que Luce estava perto dele.

Antes que pudesse acompanhar o olhar dele para cima, o mundo começou a girar. O cheiro no ar mudou de podridão para poeira árida. Ela estava de volta ao Antigo Egito, ao túmulo escuro onde fora trancafiada e quase perdera sua alma. Aquela cena se desenrolou diante de seus olhos: a seta estelar, quente dentro de seu vestido, o pânico óbvio em seu

rosto do passado, o beijo que a trouxera de volta — e Bill esvoaçando pelo sarcófago do faraó, já armando seu esquema mais ambicioso. Nos ouvidos dela, a risada rouca dele ainda ecoava.

Mas daí a risada sumiu. A visão do Egito se metamorfoseou em outra: uma Lucinda de um passado ainda mais distante estava debruçada sobre um campo de flores altas. Usava um vestido de pele de veado e segurava um dente-de-leão sobre o rosto, puxando suas pétalas uma a uma. A última tremeu no vento e ela pensou: *Bem-me-quer*. O sol ofuscava sua visão, mas então algo atravessou na frente dele: o rosto de Daniel, os olhos cintilando violeta, o cabelo louro esculpindo um halo a partir dos raios do astro.

Ele sorriu.

Depois o rosto desapareceu. Uma nova visão, uma outra vida: o calor de uma fogueira na pele dela, o desejo ardendo em seu peito. Havia música alta e estranha; gente rindo; amigos e familiares em volta. Luce se viu com Daniel, dançando como nunca ao redor das chamas. Podia sentir o ritmo dos movimentos dentro de si mesma, até quando a música sumiu e as chamas que lambiam o céu se transformaram de vermelho quente em prata suave...

Uma cachoeira. Um grande rio gelado descia por um penhasco de calcário. Luce estava embaixo dele, separando

uma nuvem de lírios d'água com suas braçadas. Seu cabelo comprido e molhado se reuniu ao redor dos ombros quando saiu da água, depois tornou a mergulhar. Ela apareceu do outro lado da cachoeira, numa lagoa de pedra úmida. E lá estava Daniel, esperando, como se estivesse esperando por ela toda a sua vida.

Ele mergulhou de uma rocha, molhando Luce quando o corpo atingiu a superfície da água. Nadou até ela, puxou-a para si, um braço em volta de suas costas e o outro aninhado sob seus joelhos. Ela enlaçou o pescoço dele e deixou que a beijasse. Fechou os olhos...

Bum.

De novo o trovão. Luce estava de volta à planície troiana. Mas, dessa vez, presa em uma das crateras, seu corpo preso embaixo de uma plataforma rochosa. Ela não conseguia mexer nem a perna nem o braço esquerdos. Lutava para se soltar, gritava, vendo manchas vermelhas e cacos de algo que parecia um espelho quebrado. A cabeça girava com a dor mais intensa que ela já havia sentido.

— Socorro!

E então, Daniel apareceu pairando acima dela, os olhos violeta esquadrinhando seu corpo com horror fixo. *"O que aconteceu com você?"*

Luce não sabia responder — não sabia onde estava nem como havia chegado lá. A Lucinda de suas lembranças nem sequer reconhecia Daniel. Mas ela, sim.

De repente, se deu conta de que aquela foi a primeira vez que ela e Daniel se encontraram na Terra. Aquele era o momento pelo qual tanto suplicara, o momento a respeito do qual Daniel jamais quis falar.

Nenhum dos dois reconheceu o outro. Já estavam instantaneamente apaixonados.

Como *aquele* poderia ser o local de seu primeiro encontro? Aquela planície escura e flagelada fedia a imundície e morte. Seu eu do passado parecia derrotado, ensanguentado... como se tivesse sido estilhaçado em mil pedaços.

Como se tivesse caído de uma altura impossível.

Luce olhou para o céu. Havia algo ali — uma massa de faíscas infinitesimais, como se o Céu tivesse sido eletrocutado e ondas de choque ondulassem de lá de cima até o fim dos tempos.

Só que as faíscas se aproximavam. Formas escuras delineadas por luz rolavam do infinito acima. Deviam ser um milhão delas, reunidas em um bando amorfo e caótico ao longo do céu, claras e escuras, suspensas e caindo

simultaneamente, como se estivessem além do alcance da gravidade.

Será que Luce estivera ali em cima? Tinha quase a sensação de que sim.

Então compreendeu uma coisa: *Aqueles eram os anjos. Aquela era a Queda.*

A lembrança de testemunhar a queda deles sobre a Terra fez Luce sentir-se agoniada. Era como observar todas as estrelas caindo do céu noturno.

Quanto mais longe eles caíam, mais dispersa a formação desajeitada se tornava. Entidades separadas tornaram-se visíveis, autônomas. Ela não conseguia imaginar nenhum dos anjos, seus amigos, daquele modo. Mais perdidos e sem controle do que o mais desamparado dos mortais no pior dia de sua vida. Estaria Ariane ali? Cam?

Seu olhar acompanhou uma esfera de luz descendo diretamente em cima dela. O ponto aumentava e tornava-se mais iluminado à medida que se aproximava.

Daniel também olhou para cima. Luce percebeu que ele também não reconhecia as formas que caíam. Seu impacto na Terra o havia estremecido tanto que apagara de sua memória a lembrança de quem era, de onde tinha vindo, o quanto fora magnífico. Ele observava os céus com terror profundo no olhar.

Em um segundo, um punhado de anjos caindo estava a centenas de pés acima da cabeça dos dois... depois, perto o bastante para Luce distinguir os corpos estranhos e escuros dentro daqueles recipientes de luz. Não se mexiam, mas pareciam inegavelmente vivos.

Agora estavam ainda mais perto, quase em cima de Luce, até que ela gritou — e a grande massa de claridade e escuridão desabou no campo ao lado.

Uma explosão de fogo e fumaça escura arremessou Daniel para longe de Luce. E mais explosões vieram em seguida. Mais um milhão viria em seguida. Elas transformariam a Terra e todos os seres vivos em uma polpa. Luce mergulhou, protegeu os olhos e abriu a boca para gritar novamente.

O som que saiu, porém, não foi um grito...

Porque sua lembrança mudou para algo ainda mais remoto. Mais remoto que a Queda?

Luce já não estava no campo de crateras fumegantes e anjos meteóricos.

Estava de pé numa paisagem de pura luz. Naquele lugar não havia espaço para terror em sua voz, não poderia *existir*, e isso era algo que ela ao mesmo tempo sabia e não sabia. Tinha noção de onde estava, mas não podia ser real.

Um acorde forte e intenso de música corria de sua alma, tão lindo que deixava tudo branco ao redor. A cratera havia desaparecido. A Terra havia desaparecido. Seu corpo estava...

Ela não sabia. Não conseguia vê-lo. Não conseguia ver nada a não ser aquele fantástico brilho branco tingido de prateado. O brilho se desenrolou como um embrulho até Luce ser capaz de distinguir um prado branco e amplo espalhado à sua frente. Bosques esplêndidos de árvores brancas alinhavam-se nas laterais do campo.

À distância, via-se uma saliência prateada ondulante. Luce sentiu que aquilo era importante. Depois viu que havia mais sete daquelas, formando um grande arco no ar ao redor de algo tão intenso que Luce não conseguia olhar.

Ela se concentrou na saliência, a terceira a partir da esquerda. Não conseguia tirar os olhos dela. Por quê?

Porque... e agora sua lembrança voltava no tempo com força... Porque...

Aquela saliência pertencia a ela.

Tempos atrás, costumava se sentar ali, ao lado de... quem? Isso parecia ter importância.

A visão de Luce rodopiou e sumiu, e a saliência prateada se dissolveu. A brancura remanescente entrou em foco, separando as formas, virando...

Rostos. Corpos. Asas. O fundo de céu azul.

Isso não era uma lembrança. Estava de volta ao presente, à vida real e final. A seu redor estavam seus professores Francesca e Steven; seus aliados Párias; seus amigos Roland, Ariane, Annabelle e Cam. E seu amor, Daniel. Olhou cada um deles e os achou tão lindos. Eles a observavam com alegria tola no rosto. E também choravam.

"A dádiva do autoconhecimento", dissera Dee. "Você precisa se lembrar de como sonhar com aquilo que já conhece."

Tudo aquilo estivera dentro dela o tempo inteiro, em cada instante de cada uma de suas vidas. Porém, apenas agora Luce se sentia desperta além da sua capacidade de imaginar o que significava estar desperta. Uma leve brisa passou por sua pele e ela pôde *sentir* o mar distante, carregado pelo sopro do Mediterrâneo, dizendo-lhe que ela continuava em Troia. Sua visão, também, estava mais clara do que já estivera. Via os pontinhos brilhantes de pigmento que formavam as asas das borboletas douradas que passavam. Respirou o ar frio, sentiu-o encher os pulmões, cheirou o zinco do solo argiloso que o tornaria fértil na primavera.

— Eu estava lá — sussurrou ela. — Eu estava no...

Céu.

Mas não conseguiu dizer. Sabia demais para negar — e, entretanto, não o bastante para dizer com todas as letras.

Daniel. Ele iria ajudá-la.

Continue, imploravam os olhos dele.

Por onde havia começado? Tocou o medalhão com a fotografia tirada quando ela e Daniel moraram em Milão.

— Quando visitei a minha vida passada em Helston — começou ela —, aprendi que nosso amor era mais profundo que aquilo que éramos em cada vida do passado isolada...

— Sim — disse Daniel. — Nosso amor transcende tudo.

— E... quando visitei o Tibete, aprendi que um único toque ou beijo não era o estopim da minha maldição.

— O toque, não. — Era a voz de Roland. Ele sorria, de pé ao lado de Daniel com as mãos cruzadas às costas. — O toque, não, e sim a consciência de si. Era um nível para o qual você ainda não estava preparada... até agora.

— Sim. — Luce tocou a própria testa. Havia mais, muito mais. — Versalhes. — Ela começou a falar mais depressa. — Fui condenada a me casar com um homem que eu não amava. E seu beijo me libertou, e minha morte foi gloriosa porque sempre voltaríamos a nos encontrar novamente. Sempre.

— Juntos para sempre, faça chuva ou faça sol — cantarolou Ariane, enxugando os olhos úmidos na manga de Roland.

Agora a garganta de Luce estava tão apertada que era difícil falar. Mas já não doía.

— Só em Londres percebi que a sua maldição era muito pior que a minha — disse ela a Daniel. — O que você precisava passar, ao me perder...

— Isso jamais importou — murmurou Annabelle, as asas zunindo tanto que seus pés estavam a centímetros do chão. — Ele sempre esperaria por você.

— Chichén Itzá. — Luce fechou os olhos. — Aprendi que a glória de um anjo pode ser fatal para os mortais.

— Sim — disse Steven. — No entanto, você continua aqui.

— Continue, Luce. — A voz de Francesca era mais encorajadora do que já tinha sido em Shoreline.

— China antiga. — Ela fez uma pausa. A importância dessa vida era diferente das outras. — Você me mostrou que nosso amor valia mais que qualquer guerra arbitrária.

Ninguém falou. Daniel assentiu de modo muito leve.

E foi então que Luce entendeu não apenas quem ela era — mas o que tudo aquilo significava. Houve outra vida na sua viagem com os Anunciadores que Luce sentiu que precisava mencionar. Ela respirou profundamente.

"Não pense em Bill", disse a si. "Você não está com medo."

— Quando fui trancada naquela tumba no Egito, soube de uma vez por todas que eu sempre escolheria o seu amor.

Foi então que os anjos caíram sobre um dos joelhos, olhando para ela cheios de expectativa — todos eles, menos Daniel. Os olhos dele cintilavam com o tom mais potente de violeta que já vira. Ele estendeu a mão para ela, mas antes que as mãos de ambos se encontrassem...

— *Argh!* — Luce gritou quando uma dor aguda atravessou suas costas. Seu corpo se convulsionou com uma sensação estranha e perfurante. Seus olhos se encheram de lágrimas. Os ouvidos zuniram. Pensou que pudesse estar tonta por causa da dor, mas aos poucos, aquilo se concentrou: de uma agonia aguda espalhada pelas costas para dois cortes pequeninos sobre suas escápulas.

Estaria ela sangrando? Estendeu as mãos para trás, por cima de um dos ombros. A ferida parecia dolorida, mas também dava a sensação de que algo estava sendo arrancado de dentro dela. Não doía, mas era desnorteante. Em pânico, virou a cabeça ao redor, mas não conseguiu ver nada, só conseguiu ouvir o som da pele deslizando e sendo esticada, o rasgão que soava como se músculos novos estivessem sendo gerados.

Então veio uma sensação súbita de peso, como se tivessem amarrado pedras em seus ombros.

E então... com a visão periférica, testemunhou amplas extensões de branco oscilando ao vento nas laterais de seu corpo enquanto os anjos soltavam um murmúrio de espanto coletivo.

— Oh, Lucinda — sussurrou Daniel, cobrindo a boca com as mãos.

Foi fácil assim: ela abriu as asas.

Eram luminosas, flutuantes, impossivelmente leves, feitas da matéria mais reflexiva e empírea. De ponta a ponta, sua envergadura era talvez de nove metros, mas parecia vasta, interminável. Já não sentia dor. Quando seus dedos se fecharam ao redor da base, atrás dos ombros, as asas tinham vários centímetros de espessura e maciez. Eram prateadas, mas também não eram, como a superfície de um espelho. Eram inconcebíveis, eram inevitáveis.

Eram suas asas.

Continham cada grama de força e poder que ela reunira ao longo dos milênios que vivera. E, ao menor pensamento, as asas começaram a bater.

Sua primeira reflexão: "Posso fazer tudo, agora."

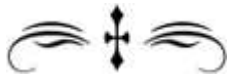
Sem palavras, ela e Daniel se deram as mãos. As pontas das asas arquearam para a frente em uma espécie de beijo, como as asas dos anjos do *Qayom Malak*. Choravam e riam, e logo se beijaram.

— E então? — perguntou ele.

Ela estava atônita e maravilhada — e mais feliz do que já estivera. Não podia ser real, pensou... a menos que ela dissesse a verdade em alto e bom som, para Daniel e o restante dos anjos caídos que estavam ali testemunharem.

— Sou Lucinda — disse ela. — Sou o seu anjo.

DEZESSETE



A INVENÇÃO DO AMOR

Voar era como nadar, e Luce era boa em ambos.

Seus pés se ergueram do solo. Não foi preciso reflexão ou preparação. As asas batiam com intuição súbita. O vento zunia contra as fibras das asas, transportando-a pelo róseo céu diáfano. Em voo, sentia o peso do seu corpo, especialmente nos pés, mas maior que isso era aquela alegria nova e inimaginável. Ela deslizou acima de grupos baixos de nuvens provocando uma levíssima rachadura, como uma brisa passando por um carrilhão.

Olhava de uma ponta de asa para a outra, examinando o brilho prata-perolado, maravilhada com todas as mudanças.

Era como se o restante de seu corpo se submetesse às asas agora. Reagiam à primeira insinuação de desejo, batidas elegantes que geravam velocidade tremenda. Achatavam-se como um aerofólio para apenas deslizar por um momento, depois se retesavam em formato de coração atrás dos ombros quando ela rotacionava pelo ar.

Seu primeiro voo.

Só que... não era. O que Luce sabia agora, tão intensamente quanto suas asas sabiam voar, era que algo monumental acontecera *antes*. Antes de Lucinda Price, antes de sua alma ter visto a curvatura da Terra. Pois em todas as suas vidas terrestres que presenciara pelos Anunciadores, em todos os corpos que habitara, Luce mal havia arranhado a superfície de quem era, de quem tinha sido. Havia uma história mais antiga que a história durante a qual ela batia aquelas asas.

Via os outros observando-a do chão. O rosto de Daniel brilhava com as lágrimas. Ele sabia o tempo todo. Esperara por ela. Queria tocá-lo, queria que ele alçasse voo e se lançasse pelos ares com ela... mas então, de repente, não conseguia mais vê-lo.

A luz abriu caminho para a total escuridão...

De outra lembrança chegando.

Luce fechou os olhos e se rendeu a ela, deixando que a transportasse pelo passado. De algum modo sabia que era sua lembrança mais antiga, o momento que estava nas imediações mais remotas da alma. Lucinda estivera ali desde o princípio dos princípios.

A Bíblia tinha deixado essa parte de fora:

Antes de haver luz, havia anjos. Num instante, escuridão; no seguinte, a sensação cálida de ser trazido à existência por uma mão gentil e magnífica.

Deus criara a legião celestial de anjos — trezentos e dezoito milhões deles — num único e cintilante momento. Lucinda estava lá, e Daniel, Roland, Annabelle e Cam, além de outros milhões, todos perfeitos, todos gloriosos, todos designados a adorar o seu Criador.

Seus corpos eram feitos da mesma substância que compunha o firmamento. Não eram carne e sangue, mas matéria empírea, a matéria da luz em si — forte, indestrutível, linda de se contemplar. Seus ombros, braços e pernas cintilaram ao vir à existência, prenúncio a formas que os mortais tomariam após a própria criação. Todos os anjos descobriram suas asas simultaneamente; cada par era ligeiramente distinto, refletindo a alma de seu dono.

Tão antigas quanto a gênese dos anjos, as asas de Lucinda eram de um tom prateado reflexivo, a cor da luz das estrelas.

Brilhavam em sua glória singular desde a aurora da aurora dos tempos.

A Criação ocorreu na velocidade da vontade de Deus, mas se desenrolou na lembrança de Luce como uma história, outra das criações iniciais de Deus, um produto do tempo. Num momento, não havia nada; no outro, o Céu estava repleto de anjos. Naqueles tempos, o Céu era ilimitado, seu chão coberto por um piso nebuloso, uma substância branca e macia que parecia nuvens e que cobria os pés e as pontas das asas dos anjos quando eles andavam.

Havia camadas infinitas no Céu, cada nível repleto de alcovas e trilhas sinuosas que seguiam em todas as direções sob um firmamento cor de mel. O ar era perfumado com o néctar de delicadas flores que desabrochavam em deliciosos bosques. Seus brotos redondos pontilhavam o Céu de alto a baixo, parecendo ancestrais das peônias brancas.

Pomares de árvores prateadas frutificavam as mais saborosas frutas que já existiram. Os anjos se banqueteavam e agradeciam pelo seu primeiro e único lar. Suas vozes se uniam em adoração a seu Criador, formando um som uníssono que na garganta dos seres humanos mais tarde seria conhecido como harmonia.

Um prado veio à existência, dividindo o pomar em dois. E, quando tudo o mais no Céu estava pronto, Deus colocou

um estonteante Trono na frente do campo, pulsante de luz divina.

— Venham diante de mim — ordenou Deus, acomodando-se no assento profundo com satisfação merecida. — Daqui em diante vocês irão me conhecer como Trono.

Os anjos se reuniram no prado celestial e se aproximaram do Trono com alegria. Flutuaram naturalmente em uma linha reta, colocando-se em hierarquia de modo instantâneo e eterno. Quando atingiram a extremidade do prado, Lucinda recordou que não conseguia enxergar o Trono com clareza: ele cintilava demais para que a visão dos anjos suportasse mirá-lo. Também recordou que fora o terceiro anjo da fila: o terceiro anjo mais próximo de Deus.

Um, dois, três.

Suas asas se esticaram e encorparam com aquela honra.

No ar ao redor do Trono, oito saliências feitas de prata ondulada se dispunham em arco, protegendo-o como uma abóbada. Deus chamou os primeiros oito anjos da fila para tomar aqueles assentos e se tornar os Arcanjos divinos. Lucinda tomou seu lugar no terceiro assento à esquerda. Ele se encaixava com precisão a seu corpo, pois tinha sido criado apenas para ela. Era o seu lugar de direito. Adoração fluía de sua alma, fluía para Deus.

Era perfeito.

Não durou.

Deus tinha mais planos para o Universo. Outra lembrança preencheu Lucinda, fazendo-a estremecer.

Deus abandonou os anjos.

Tudo era alegria no Prado, mas então o Trono ficou vazio. Deus atravessou os umbrais do Céu e se afastou para criar as estrelas, a Terra e a lua.

O homem e a mulher estavam prestes a serem criados.

O brilho do Céu diminuiu quando Deus o deixou. Lucinda se sentiu fria e inútil. Foi então, lembrou-se, que os anjos começaram a se ver de modo diferente, a notar as variações de cor das asas uns dos outros. Alguns começaram a fofocar que Deus estava cansado deles e de suas canções harmônicas de glória. Outros disseram que os seres humanos logo tomariam o lugar dos anjos.

Lucinda se lembrou de haver reclinado no seu assento prateado perto do Trono e de notar como parecia tedioso e simples sem a presença animadora de Deus. Ela tentou adorar seu Criador mesmo de longe, mas não conseguiu preencher a solidão. Havia sido criada para adorar Deus em Sua presença, e agora sentia um vazio. O que poderia fazer?

De sua cadeira, olhou para baixo e viu um anjo esvoaçando pelo chão de nuvens. Parecia letárgico,

melancólico. Pareceu sentir o olhar dela e olhou para cima. Quando os olhos de ambos se encontraram, ele sorriu. Ela se lembrou de como ele era lindo antes de Deus se afastar...

Eles não pensaram e foram um até o outro. Suas almas se entrelaçaram.

Daniel, pensou Luce, mas não podia ter certeza. O Prado estava assombreado e a lembrança era nublada...

Teria sido esse o momento da primeira conexão dos dois?

Flash.

O Prado voltou a se iluminar. O tempo passou; Deus havia voltado. O Trono cintilava de glória sublime. Lucinda não mais se sentou em sua cadeira de prata ondulante ao lado do Trono; agora, havia sido passada para o Prado lotado de anjos, depois que Deus lhe pediu que fizesse uma escolha.

A lista de chamada. Lucinda esteve presente também. Claro que sim. Sentiu-se acalorada e nervosa sem saber o motivo. Seu corpo corou do modo como costumava corar quando estava dentro de um eu do passado e prestes a morrer. Ela não conseguia sossegar as asas trêmulas.

Ela fizera uma escolha...

Sentiu o estômago revirar. O ar se rarefazer. Ela estava... caindo. Luce piscou e viu o sol recortando as montanhas, e soube então que estava de volta ao presente, a Troia. E caía do céu, seis metros... doze. Seus braços fraquejaram, como se

tivesse voltado a ser uma simples garota, como se não pudesse voar.

Abriu as asas, mas era tarde demais.

Aterrissou com um som macio nos braços de Daniel. Seus amigos a rodearam na planície verdejante. Tudo estava como antes: árvores de copa achatada ao redor de uma fazenda enlameada, sem plantações; a cabana abandonada no meio de uma planície árida; montes arroxeados; borboletas. Rostos de anjos caídos observando-a, cheios de preocupação.

— Está tudo bem? — indagou Daniel.

O coração ainda parecia acelerado. Por que não conseguia se lembrar do que acontecera na lista de chamada? Talvez isso não ajudasse a derrotar Lúcifer, mas Luce desejava desesperadamente saber.

— Cheguei tão perto — disse ela. — Quase entendi o que aconteceu.

Daniel pousou-a suavemente no chão e a beijou.

— Você vai chegar lá, Luce. Sei que vai.

Era o anoitecer do oitavo dia da jornada. Enquanto o sol passava pelo estreito de Dardanelos, lançando luz dourada nos campos acidentados sem plantações, Luce desejava que houvesse um jeito de fazer com que o tempo voltasse.

E se um dia não houvesse tempo suficiente?

Luce contraía e relaxava os ombros. Não estava acostumada ao peso das asas, leves como pétalas de rosa no céu, mas pesadas como cortinas de chumbo quando seus pés estavam no chão.

Quando as asas se abriram naquela primeira vez, rasgaram sua camiseta e a jaqueta cáqui militar. As roupas estavam na grama, despedaçadas, uma prova bizarra. Annabelle havia logo surgido da cabana com outra camiseta para Luce. Era de um tom azul-vivo com uma imagem em serigrafia de Marlene Dietrich no peito e pequeninas aberturas sutis para as asas instaladas nas costas.

— Em vez de pensar em tudo o que você não lembra ainda — sugeriu Francesca —, reconheça aquilo de que você se *lembrou*.

— Bem. — Luce caminhava de um lado a outro no campo, experimentando a nova sensação de suas asas balançando atrás de si. — Sei que a maldição me impediu de conhecer minha verdadeira natureza de anjo, fez com que eu morresse sempre que chegava perto de me lembrar do meu passado. É por isto que nenhum de vocês podia me dizer quem sou.

— Você precisava caminhar por esse vale solitário sozinha — disse Cam.

— E o motivo que fez você levar todo esse tempo, até essa vida, também fazia parte da maldição — completou Daniel.

— Dessa vez eu fui criada sem uma religião específica, sem um conjunto único de regras para determinar o meu destino, o que me permite... — Luce fez uma pausa, recordando a lista de chamada. — Escolher por mim.

— Nem todos têm esse luxo — falou Phil, lá da fila dos Párias.

— Era por isso que os Párias me disputavam? — perguntou ela, sabendo de repente que, sim, era verdade. — Mas eu já não havia escolhido Daniel? Não conseguia me lembrar do passado, mas quando Dee me deu a dádiva do conhecimento, tive a impressão de que... — Ela estendeu a mão na direção de Daniel. — De que a escolha sempre esteve pronta dentro de mim.

— Agora você sabe quem é, Luce — disse Daniel. — Sabe o que importa para você. Nada pode estar fora de seu alcance.

As palavras de Daniel calaram fundo nela. Era isso o que era agora — era o que ela *sempre* havia sido.

O olhar de Luce se dirigiu até onde estavam os Párias, distantes do grupo. Luce não sabia o quanto da transformação haviam presenciado, se seus olhos que não

enxergavam eram capazes de perceber a metamorfose de uma alma. Ela procurou um sinal em Olianna, a Pária que a protegera no teto em Viena. Porém, ao olhá-la, percebeu que Olianna também havia... mudado.

— Eu me lembro de você — disse Luce, aproximando-se da garota magra e loira de olhos brancos cavernosos. Ela a conhecia do Céu. — Olianna, você foi um dos doze anjos do Zodíaco. Regia o signo de Leão.

Olianna respirou profundamente, trêmula, e assentiu.

— Sim.

— E você, Phesia. Era uma Luminária. — Luce fechou os olhos, recordando. — Você não foi um dos Quatro que emanaram da Vontade Divina? Eu me lembro das suas asas. Elas eram... — parou, sentindo sua expressão obscurecer ante a visão das asas pardas que a garota tinha agora. — Excepcionais.

Phesia endireitou os ombros caídos, ergueu o rosto pálido e esquelético.

— Ninguém me enxerga de verdade há eras.

Vincent, o mais jovem dos Párias, deu um passo à frente.

— E eu, Lucinda Price? Você se lembra de mim?

Luce estendeu a mão para tocar no ombro do garoto, recordando-se de como ficara mortalmente ferido depois que

os anjos da Balança o torturaram. Então, lembrou-se de algo mais profundo que isso.

— Você é Vincent, o Anjo do Vento do Norte.

Os olhos que não enxergavam de Vincent nublaram, como se sua alma desejasse chorar, mas seu corpo se recusasse a fazê-lo.

— Phil — disse Luce, olhando por fim para o Pária que ela tanto temeu quando foi buscá-la no quintal na casa de seus pais. Os lábios dele estavam retesados e brancos, nervosos. — Um dos Anjos da Segunda-Feira, não é? Dotado dos Poderes da Lua.

— Obrigado, Lucinda Price. — Phil fez uma reverência hesitante, porém graciosa. — Os Párias confessam que estavam errados em tentar afastá-la da sua alma gêmea e das suas obrigações. Mas sabíamos, conforme acabou de provar, que apenas você poderia nos enxergar como aquilo que fomos um dia. E que apenas você poderia nos restaurar à nossa glória.

— Sim — concordou ela. — Consigo enxergar vocês.

— Os Párias também conseguem enxergá-la — disse Phil. — Você é radiante.

— Sim, é.

Daniel.

Ela se virou para ele. Seu cabelo loiro e seus olhos cor de violeta, o formato forte dos ombros, os lábios fartos que mil vezes a trouxeram de volta à vida. Eles haviam amado um ao outro por mais tempo ainda do que Luce se dera conta. O amor dos dois tinha sido forte desde os primeiros dias do Céu. O relacionamento abarcava toda a história da existência. Ela sabia onde encontrara Daniel pela primeira vez na Terra — bem ali, nos campos tão famosos de Troia, enquanto os anjos caíam —, mas havia uma história anterior. Um início diferente para o amor dos dois.

Quando? Como havia sido?

Ela buscou a resposta nos olhos dele, porém sabia que não a encontraria ali. Precisava procurar na própria alma. Fechou os olhos.

As lembranças vinham com maior facilidade agora, como se o abrir das asas tivesse criado uma rede de fissuras que rompiam a muralha existente entre a garota Lucinda e o anjo que havia sido. Seja lá o que fosse que a separara do seu passado, agora era fino e quebradiço como uma casca de ovo.

Flash.

De volta ao Prado, sobre sua saliência prateada, ansiando dolorosamente pelo retorno de Deus. Luce olhou para o anjo louro, aquele do qual ela se lembrava já ter procurado. Recordou seus passos vagarosos e tristes sobre o chão de

nuvens. O topo de sua cabeça antes de ele olhar para cima. O Céu parecia silencioso então. Luce e o anjo estavam sozinhos por um raro momento, distantes da harmonia dos demais.

Ele se virou para olhar Lucinda. Tinha rosto quadrado, cabelo ondulado cor de âmbar e olhos azuis da cor do gelo, que se enrugaram ao sorrir para ela. Não o reconheceu.

Não, não é verdade — ela o reconheceu, sabia quem era. Muito antes, Lucinda havia *amado* esse anjo.

Mas ele não era Daniel.

Sem saber por que, Luce desejou se afastar de tal lembrança, fingir que não a vira, piscar de volta e ficar com Daniel nas planícies rochosas de Troia. Porém, sua alma soldou-se à cena. Não era capaz de se afastar daquele anjo que não era Daniel.

Ele estendeu a mão para Lucinda. Suas asas se entrelaçaram. Ele sussurrou ao ouvido dela:

— Nosso amor é infinito. Não pode existir mais nada.

Não.

Por fim, se desvencilhou daquela memória. De volta a Troia. Sem fôlego. Seus olhos deviam tê-la enganado. Ficou irrequieta e em pânico.

— O que você viu? — sussurrou Annabelle.

A boca de Luce se abriu, mas as palavras não saíram.

Eu o traí. Seja lá quem ele for. Houve alguém antes de Daniel, e eu...

— Não acabou ainda. — Ela finalmente encontrou sua voz. — A maldição. Embora eu saiba quem sou e saiba que escolho Daniel, há algo mais, não? Alguém. Foi ele quem me amaldiçoou.

Daniel correu os dedos bem de leve pela borda cintilante de suas penas. Ela estremeceu, pois cada toque em suas asas ardia com a paixão de um beijo profundo e acendia algo em seu âmago. Por fim conheceu o prazer que dava a ele quando deixava as mãos acariciarem as asas de Daniel.

— Você chegou muito longe, Lucinda — disse ele. — Mas ainda há muito a percorrer. Busque em seu passado. Já sabe o que está procurando. Encontre-o.

Fechou os olhos, procurando mais uma vez através dos milênios carregados de lembranças.

A Terra se afastou sob seus pés. Um labirinto de cores formou um borrão ao redor de Luce, seu coração batia com força no peito, e tudo ficou branco.

Céu, de novo.

Estava iluminado com o retorno de Deus ao Trono. Brilhava com a cor de uma opala. O chão de nuvens estava espesso naquele dia, tufos brancos chegavam quase à cintura dos anjos. Aquelas espiras altíssimas à direita eram árvores do

Bosque da Vida; os brotos prateados em pleno desabrochar à esquerda logo carregariam os frutos do Pomar do Conhecimento. As árvores estavam mais altas agora. Tiveram tempo de crescer desde a última lembrança de Luce.

Ela estava de volta ao Prado, no centro de uma enorme congregação luminosa e cintilante. Os anjos do Céu estavam reunidos diante do Trono, restaurado a uma iluminação tão intensa que Lucinda tremia ao fitá-la.

A saliência prateada que um dia fora de Lúcifer agora tinha sido movida para o fim do Prado. Fora rebaixada a um nível insultante pelo Trono. O restante dos anjos estava unido numa única massa entre Lúcifer e o Trono — mas logo, percebeu Lucinda, seriam divididos em um lado ou no outro.

Ela havia voltado para a lista de chamada. Dessa vez, se obrigaria a se lembrar de como tudo aconteceu.

Todos os filhos e filhas do Céu seriam solicitados a escolher um lado. Deus ou Lúcifer. Bem ou... não, ele não era mau.

O mal ainda não existia.

Juntos daquele jeito, cada anjo era estonteante, distinto, mas de alguma forma indistinto dos demais. Lá estava Daniel, no meio, o brilho mais puro que ela conheceria. Na sua lembrança, Lucinda ia até ele.

Ia de onde?

A voz de Daniel preencheu seus ouvidos: *Busque em seu passado.*

Ela ainda não tinha olhado para Lúcifer. Não queria olhar.

Olhe para onde não deseja olhar.

Quando se virou para a extremidade do Prado, viu a luz ao redor de Lúcifer. Era esplêndida e ostensiva, como se ele desejasse competir com tudo o que havia no Prado — o Pomar, o cântico celestial, o próprio Trono. Lucinda precisou fazer força para focar e conseguir enxergá-lo com clareza.

Ele era... lindo. Os cabelos âmbar desciam pelos seus ombros em ondas brilhantes. O corpo parecia mais grandioso e definido por músculos que o de qualquer mortal jamais poderia ser. Seus frios olhos azuis eram hipnotizantes.

Lucinda não conseguia tirar os olhos dele. Então, entre os compassos do cântico celestial, ela ouviu. Embora não se lembrasse de haver aprendido aquela música, sabia a letra e sempre saberia, do mesmo modo como os mortais se lembravam das canções de ninar ao longo de toda a vida.

De todos os pares que o Trono apoiou
Nenhum brilhou com mais poder

Do que Lúcifer, a Estrela da Manhã
E Lucinda, sua Estrela do Anoitecer

Os versos ecoaram na cabeça de Lucinda, trazendo lembranças consigo; recordações choviam a cada palavra.

Lucinda, sua Estrela do Anoitecer?

A alma de Lucinda rastejou, enojada, rumo a uma compreensão. Lúcifer havia escrito aquela música. Era parte do plano dele.

Ela foi... tinha sido... amante de *Lúcifer*?

No próprio momento em que se perguntou se aquele horror seria possível, Luce soube que era a mais antiga e fria verdade. Estivera errada quanto a tudo. Seu primeiro amor foi Lúcifer, e Lúcifer foi o amor dela. Até seus nomes combinavam. Um dia, foram almas gêmeas. Ela se sentia pervertida, estranha a si, como se tivesse acordado e descoberto que matara alguém durante o sono.

Do outro lado do Prado, Lucinda e Lúcifer se encararam durante a lista de chamada. Os olhos dela se arregalaram, sem acreditar, quando os dele se enrugaram em um sorriso inescrutável.

Flash.

Uma lembrança dentro de outra lembrança. Luce viajou ainda mais fundo pelo túnel da escuridão, em direção ao

lugar onde mais odiava ir.

Lúcifer a abraçava, suas asas acariciavam as dela, gerando um prazer incapaz de ser mencionado, à vista, ali na cadeira prateada de Lucinda ao redor do Trono vazio.

Nosso amor é infinito. Não pode existir mais nada.

Quando ele a beijou, Lucinda e Lúcifer se tornaram os primeiros seres a vivenciar o afeto por algo que não fosse Deus. Os beijos eram estranhos e maravilhosos, e Lucinda desejava mais, porém receava o que os outros anjos iriam pensar dos beijos de Lúcifer e dela. Temia que aquele beijo ficasse marcado nos lábios e, mais do que tudo, que Deus descobrisse tudo quando voltasse e retomasse a sua posição no Trono.

— Diga que me adora — implorou Lúcifer.

— A adoração é só para Deus — retrucou Lucinda.

— Não precisa ser — sussurrou Lúcifer. — Imagine como seríamos fortes se pudéssemos declarar nosso amor abertamente diante do Trono, você me adorando, eu adorando você. O Trono é um só. Unidos no amor, poderíamos ser maiores que ele.

— Qual é a diferença entre amor e adoração? — perguntou Lucinda.

— Amar é transferir a adoração que você sente por Deus para alguém que está *aqui*.

— Mas eu não quero ser maior que Deus.

O rosto de Lúcifer se fechou diante das palavras dela. Girou o corpo para longe de Lucinda, e a raiva se enraizou em sua alma. Lucinda sentiu uma mudança estranha dentro dele, mas era tão esquisita que não a reconheceu. Começou a ter medo de Lúcifer. Ele não parecia ter medo de nada, exceto de que um dia ela o abandonasse. Ensinou a ela a canção sobre a grandeza da união dos dois. Fazia com que a cantasse constantemente, até Lucinda se ver como a Estrela do Anoitecer de Lúcifer. Disse a Lucinda que aquilo era amor.

Luce se retorceu com a dor daquela lembrança. A coisa se estendeu por bastante tempo daquele jeito ao lado de Lúcifer. A cada interação, a cada carícia nas asas de Lucinda, ele se tornava mais possessivo, mais ciumento de sua adoração ao Trono, dizendo a Lucinda que, se o amasse de verdade, somente ele, Lúcifer, seria o suficiente.

Houve um dia naquele período sombrio do qual ela se lembrava: estava chorando no Prado, enterrada até o pescoço no chão de nuvens, sentindo vontade de se afundar para longe de todas as coisas. A sombra de um anjo pairou acima dela.

— Deixe-me em paz! — gritou ela.

Porém, a asa que se enrolou ao redor da dela fez o oposto. Ela a aninhou. O anjo parecia saber melhor do que ela mesma do que precisava. Devagar, Lucinda ergueu a cabeça. Os olhos do anjo eram cor de violeta.

— Daniel. — Ela sabia que ele era o sexto Arcanjo, encarregado de guardar as almas perdidas. — Por que você veio até mim?

— Porque andei observando-a. — Daniel a olhou fundo nos olhos, e Luce soube que até então ninguém jamais tinha visto um anjo chorar. As lágrimas de Lucinda tinham sido as primeiras. — O que está acontecendo com você?

Durante um longo tempo, ela buscou as palavras certas.

— Sinto como se estivesse perdendo minha luz.

A história se derramou dos lábios dela, e Daniel deixou que assim fosse. Ninguém ouvia Lucinda havia muito tempo.

Depois que ela terminou, os olhos de Daniel estavam cheios de lágrimas.

— O que você chama de amor não parece ser muito belo — disse ele lentamente. — Pense no modo como adoramos o Trono. Essa adoração nos transforma nas melhores versões de nós mesmos. Nós nos sentimos encorajados a seguir nossa intuição, não a nos modificar em nome do amor. Se eu fosse seu e você minha, eu desejaria que permanecesse exatamente como é. Jamais eclipsaria você com os meus desejos.

Lucinda segurou a mão forte e cálida de Daniel. Talvez Lúcifer tivesse descoberto o amor, porém aquele anjo ali parecia entender melhor como transformá-lo em algo maravilhoso.

De repente, Lucinda estava beijando Daniel, mostrando como se fazia aquilo, necessitando pela primeira vez entregar sua alma inteiramente a outra. Os dois se abraçaram, e as almas de Daniel e Lucinda cintilaram juntas, duas metades que eram melhores quando unidas em um todo.

Flash.

Claro, Lúcifer tornou a procurá-la. A ira dentro dele havia aumentado tanto que estava duas vezes maior que Lucinda, ao passo que antes eles tinham a mesma altura.

— Não posso mais suportar esta escravidão. Você irá até o Trono comigo para declarar sua lealdade única ao nosso amor?

— Lúcifer, espere... — Lucinda quis lhe contar a respeito de Daniel, mas ele não a teria ouvido, de qualquer maneira.

— Para mim é uma farsa bancar o anjo adorador quando tenho você e não preciso de mais nada. Vamos fazer planos, Lucinda, você e eu. Vamos planejar como alcançar a glória.

— Como isto pode ser amor? — gritou ela. — Você adora os próprios sonhos, sua ambição. Você me ensinou a

amar, mas não posso amar uma alma tão sombria que devora a luz das outras.

Ele não acreditou nela, ou fingiu não ouvi-la, pois logo desafiou o Trono a reunir todas as almas no Prado para a lista de chamada. Ele segurava Lucinda quando lançou o desafio, mas quando começou a falar, distraiu-se e ela conseguiu escapar. Caminhou para o Prado e vagou entre almas iluminadas. Viu aquela que estivera buscando todo o tempo.



Lúcifer gritou para os anjos:

— Uma linha foi desenhada no chão de nuvens do Prado. Agora todos vocês estão livres para escolher. Ofereço a vocês igualdade, uma existência sem a hierarquia arbitrária de uma autoridade.

Luce sabia que ele queria dizer que ela só estava livre se fosse para segui-lo. Lúcifer talvez pensasse que a amava, mas o que ele amava era controlá-la com um fascínio sombrio e destrutivo. Era como se Lúcifer achasse que Lucinda era uma característica dele.

Ela se aninhou ao lado de Daniel no Prado, banhando-se do calor de um amor crescente que era puro e saciante, quando o nome de Daniel foi chamado no Prado. Havia sido

convocado. Ele se levantou acima da luz caótica dos anjos e disse, com confiança calma:

— Com todo o respeito, não farei isso. Não escolherei o lado de Lúcifer, e não escolherei o lado do Céu.

Um urro se ergueu do vasto campo de anjos, vindo daqueles que estavam ao lado do Trono e, principalmente, de Lúcifer. Lucinda ficou atônita.

— Em vez disso, escolho o *amor* — continuou Daniel. — Escolho o amor e deixo vocês em meio à sua guerra. Você está errado em nos fazer passar por isto — disse Daniel a Lúcifer.

Depois, virando-se, dirigiu-se ao Trono:

— Tudo o que é bom no Céu e na Terra nasce do amor. Talvez esse não tenha sido o Vosso plano quando criaste o Universo; talvez o amor fosse apenas um dos aspectos de um mundo complicado e brutal. Mas o amor foi a melhor coisa que Vós criastes, e tornou-se a única coisa que vale a pena poupar. Esta guerra não é justa. Esta guerra não é boa. O amor é a única coisa pela qual vale a pena lutar.

O Prado caiu em silêncio após as palavras de Daniel. A maioria dos anjos parecia confusa, como se não entendesse o que Daniel queria dizer.

Ainda não era a vez de Lucinda: os nomes dos anjos eram chamados pelas secretárias celestiais de acordo com a

hierarquia, e Lucinda era um dos poucos anjos de posição mais elevada que a de Daniel. Não importava. Eram uma dupla. Ela ficou ao lado dele e o defendeu no Prado.

— Jamais deveria ter de haver uma escolha entre Vós e o amor — declarou Lucinda ao Trono. — Talvez um dia Vós encontreis um jeito de reconciliar a adoração com o amor verdadeiro que nos tornastes capaz de sentir. Mas, se for forçada a escolher, serei obrigada a ficar ao lado de meu amor. Eu escolho Daniel e o escolherei eternamente.

Então Luce se lembrou da coisa mais difícil que já tivera de fazer. Ela se virou para Lúcifer, seu primeiro amor. Se não fosse sincera com ele, nada daquilo valeria a pena.

— Você me mostrou o poder do amor, e por isso sempre serei grata. Mas o amor se situa em terceiro lugar para você, muito depois do seu orgulho e da sua ira. Você iniciou uma luta que jamais será capaz de vencer.

— Mas estou fazendo tudo isto por você! — berrou Lúcifer.

Era a primeira grande mentira dele, a primeira grande mentira do Universo.

De braços dados com Daniel no meio do Prado, Lucinda fez a única escolha possível. Seu medo não era nada em comparação ao seu amor.

Porém, jamais poderia ter previsto a maldição. Luce se lembrava agora que o castigo tinha vindo dos dois lados. Era isso que fizera da maldição algo tão compulsório: tanto o Trono quanto Lúcifer — por ciúme, despeito ou uma visão impiedosa de justiça — selaram o destino de Daniel e Lucinda por muitos milhares de anos.

No silêncio do Prado, uma coisa estranha aconteceu: *outro* Daniel pairou acima de Lucinda e Daniel. Era um Anacronismo — o Daniel que ela conhecera em Shoreline, o anjo que Luce Price conheceu e amou.

— Vim aqui para implorar clemência — começou o gêmeo de Daniel. — Se devemos ser punidos, e, meu Mestre, não questiono Vossa decisão, por favor ao menos lembrai-vos de que um dos maiores traços de Vosso poder é Vossa misericórdia, que é misteriosa e imensa e supera a todos nós.

Naquela época, Lucinda não havia compreendido aquilo, mas, na lembrança, tudo finalmente fez sentido. Daniel lhe dera a dádiva de uma brecha na maldição, para que algum dia, no futuro distante, ela pudesse liberar o amor dos dois.

A última coisa da qual se lembrou foi de abraçar Daniel com força quando o chão de nuvens começou a fervilhar, escurecido. O chão se abriu sob eles e os anjos iniciaram a Queda. Daniel e ela se separaram. O corpo dela se fixara na

imobilidade. Ela o perdera. Perdera toda a memória. Perdera a si.

Até agora.

Quando Luce abriu os olhos, a noite havia caído. O ar estava tão frio que seus braços tremiam. Os outros se aconchegaram junto a ela, tão silenciosamente que pôde ouvir os grilos cantando na grama. Não sentia vontade de olhar para ninguém.

— Isso tudo foi por minha causa — disse ela. — Durante todo esse tempo achei que você é que estivesse sendo punido, Daniel, mas o castigo era para mim. — Ela fez uma pausa. — Fui eu o motivo da revolta de Lúcifer?

— Não, Luce. — Cam lhe ofereceu um sorriso triste. — Talvez tenha sido a inspiração, mas inspiração é um pretexto para fazer algo que você já sabe que deseja fazer. Lúcifer estava procurando por uma porta para a maldade. Teria encontrado outra maneira.

— Mas eu o traí.

— Não — disse Daniel. — Ele traiu você. Traiu todos nós.

— Sem a rebelião de Lúcifer, será que nós dois teríamos nos apaixonado?

Daniel sorriu.

— Gosto de pensar que teríamos encontrado um caminho. Agora, finalmente, temos uma chance de colocar tudo isso para trás. Temos uma chance de deter Lúcifer, de quebrar a maldição e de nos amar do modo como sempre desejamos fazer. Podemos fazer todos esses anos de sofrimento valerem a pena.

— Vejam — disse Steven, apontando para o céu.

As estrelas estavam agrupadas em bandos. Uma delas, lá longe, parecia particularmente brilhante. Ela tremeluziu, depois pareceu se apagar completamente antes de voltar a brilhar com ainda maior intensidade.

— São eles, não é? — perguntou ela. — A Queda?

— Sim — respondeu Francesca. — São eles. Têm a mesma imagem que os antigos textos dizem que teriam.

— É só que... — Luce franziu a testa, piscando. — Eu só consigo ver se eu me...

— Concentrar — sugeriu Cam.

— O que está acontecendo ali? — perguntou Luce.

— Eles estão entrando neste mundo — explicou Daniel. — Não foi o trânsito físico do Céu para a Terra que levou nove dias. Foi a mudança do âmbito celestial para o terrestre. Quando aterrissamos aqui, nossos corpos estavam... diferentes. Nós nos tornamos diferentes. Isso levou tempo.

— Agora o tempo está nos levando — revelou Roland, olhando para o relógio de bolso dourado que Dee provavelmente lhe entregara antes de morrer.

— Então chegou a hora de irmos — disse Daniel para Luce.

— Lá para cima?

— Sim, precisamos voar para encontrá-los. Voaremos diretamente até as fronteiras da Queda, e então você vai...

— Eu preciso impedi-lo?

— Sim.

Ela fechou os olhos, pensou no modo como Lúcifer havia olhado para ela no Prado. Parecia desejar esmagar cada partícula de ternura que existia.

— Acho que sei como fazer isso — disse ela.

— Sabia que iria dizer isto! — berrou Ariane.

Daniel puxou-a para mais perto.

— Tem certeza?

Ela o beijou. Nunca tivera tanta certeza.

— Acabei de conquistar minhas asas de volta, Daniel. Não vou deixar que Lúcifer as leve embora.

Assim, Luce e Daniel se despediram de seus amigos, deram as mãos e dispararam pelos céus no meio da noite. Subiram sem parar, através da camada mais fina da

atmosfera, através de um filme de luz situado na orla do espaço.

A lua se tornou imensa, brilhava como um sol do meio-dia. Passaram por galáxias nebulosas e por luas cheias de crateras e planetas estranhos cintilando com gás vermelho e anéis listrados de luz.

O voo não extenuava Luce. Ela começou a entender por que Daniel era capaz de voar durante dias seguidos sem descansar; ela não sentia fome nem sede. Não sentia frio na noite gelada.

Por fim, nos limites do nada, no bolsão escuro do Universo, chegaram ao perímetro. Viram a teia preta do Anunciador de Lúcifer balançando no espaço entre as dimensões. Lá dentro estava a Queda.

Daniel pairou ao lado dela. Suas asas roçaram as de Luce, transmitindo-lhe força.

— Primeiro você terá de atravessar o Anunciador. Não se demore nele. Continue em frente até encontrar Lúcifer na Queda.

— Preciso entrar sozinha, não é?

— Eu seguiria você até os confins da Terra e além. Mas você é a única que pode fazer isso — disse Daniel, segurando sua mão. Beijou-lhe os dedos, a palma. Ele tremia. — Estarei esperando aqui.

Os lábios deles se encontraram uma última vez.

— Eu amo você, Luce — disse Daniel. — Sempre amarei, quer Lúcifer vença ou não...

— Não, não diga isto — interrompeu Luce. — Ele não vai...

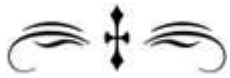
— Mas se ele vencer — continuou Daniel —, quero que você saiba que eu faria tudo isto novamente. Escolheria você todas as vezes.

Uma calma tomou conta de Luce. Por ele, não fracassaria. Por si, não fracassaria.

— Não vou demorar.

Ela apertou a mão de Daniel e se virou. Depois mergulhou na escuridão, no interior do Anunciador de Lúcifer.

DEZOITO



APANHAR UMA ESTRELA CADENTE

A escuridão era total.

Luce só havia viajado através de seus próprios Anunciadores, úmidos e frios, até mesmo tranquilos. A entrada para o de Lúcifer era fétida, quente, cheia de fumaça acre — e ensurdecedora. Doces pedidos de misericórdia e soluços cortantes permeavam as paredes internas.

As asas de Luce se eriçaram — uma sensação que nunca tivera — quando se deu conta de que o Anunciador do diabo era as fronteiras do Inferno.

"É apenas uma passagem", disse a si mesma. "É como qualquer outro Anunciador, um portal a se atravessar até

outro espaço-tempo."

Ela se impeliu para diante, sufocando com a fumaça. O chão era cheio de algo espinhento que só reconheceu quando tropeçou, caiu de joelhos e sentiu a dor excruciante de cacos de vidro nas mãos que Daniel acabara de soltar.

"Não se demore nele", tinha dito Daniel. "Continue em frente até encontrar Lúcifer."

Inspirou profundamente, endireitou o corpo e se lembrou de quem era. Abriu as asas e o Anunciador se encheu de luz. Agora Luce conseguia ver como era horrível: cada superfície fumegante estava coberta por cacos de vidro de diferentes cores, formas semi-humanas, mortas ou moribundas, em poças viscosas no chão, e, pior de tudo, uma esmagadora sensação de perda.

Luce olhou para as próprias mãos sangrentas, de onde malignos cacos de vidro marrom saíam das palmas. Num instante, elas se curaram. Rangeu os dentes e voou, fazendo o corpo penetrar na parede interna do Anunciador, em direção às profundezas da Queda roubada de Lúcifer.

Ali era vasto. Foi a primeira impressão. Amplo o bastante para ser um universo à parte, e estranhamente silencioso. A Queda era tão brilhante por causa da luz dos anjos que caíam que Luce mal conseguia enxergar. De algum modo, podia senti-los — todos ao redor, seus irmãos e irmãs, mais de cem

milhões de anjos da legião celestial decorando o céu como pinturas. Estavam suspensos no ar, congelados no espaço-tempo, cada um preso em um círculo diferente de luz.

Foi assim que ela caíra também. Agora se recordava, dolorosamente. Aqueles nove dias contiveram novecentas eternidades. E, contudo, por mais imóveis que os anjos em queda estivessem, Luce via agora que mudavam constantemente. Suas formas assumiam uma translucidez estranha e amorfa. Aqui e ali, luzes cintilavam embaixo de um par de asas. Um braço começava a piscar de modo nebuloso até assumir sua forma, depois novamente se tornava indistinto. Foi isso o que Daniel quis dizer quando falou na mudança que ocorreu dentro da Queda — a metamorfose das almas, do modo como eram no âmbito celestial para o modo como seriam no âmbito terrestre.

Os anjos estavam se despindo de sua pureza angelical, entrando nas encarnações que assumiriam na Terra.

Luce se aproximou do anjo mais próximo. Ela o reconheceu: Tzadkiel, o anjo da Justiça Divina, seu irmão e amigo. Há eras não via sua alma. Ele não podia vê-la agora, e não poderia ter respondido se pudesse vê-la.

A luz dentro dele trinou, fazendo com que a essência de Tzadkiel cintilasse como uma joia em água lamacenta. Depois, juntou-se em um rosto borrado que Luce não

reconheceu. Parecia grotesco — olhos cruamente formados, lábios semiterminados. Não era ele, mas assim que os anjos atingissem o solo imperdoável da Terra, seria.

Quanto mais ela vagava no mar suspenso de almas, mais pesada se sentia. Luce reconheceu todos eles: Saraquel, Alat, Muriel, Chayo. Percebeu horrorizada que, quando suas asas chegavam perto o bastante, conseguia *ouvir* os pensamentos de cada anjo em queda.

Quem vai cuidar da gente? Quem iremos adorar?

Não consigo sentir minhas asas.

Sinto falta de meus pomares. Haverá pomares no Inferno?

Sinto muito. Sinto tanto.

Era doloroso demais permanecer perto de qualquer um deles por mais tempo que o de um único pensamento. Luce se impulsionou para a frente, sem direção, espantada, até que uma luz brilhante e familiar a atraiu.

Gabbe.

Mesmo em meio a uma transição não concluída, Gabbe estava maravilhosa. Suas asas brancas se dobravam como pétalas de rosa ao redor de suas feições em formação; a cortina escura de seus cílios fazia com que parecesse em paz e firme.

Luce foi até o círculo de luz prateada de Gabbe. Por um instante, pensou que pudesse haver um lado bom na Queda

de Lúcifer: a volta de Gabbe.

Então a luz dentro de Gabbe lampejou e Luce ouviu o anjo em queda pensar:

Continue em frente. Lucinda. Por favor, continue em frente. Sonhe com aquilo que você já conhece.

Luce pensou em Daniel, que a aguardava do outro lado. Pensou em Lu Xin, a garota que tinha sido na dinastia Shang na China. Ela havia matado um rei, vestido as roupas de um general e se preparado para lutar em uma guerra que não era sua — tudo isso por causa de seu amor por Daniel.

Luce reconhecera a própria alma dentro de Lu Xin assim que a vira. E agora pôde se ver ali também, mesmo com tantas almas brilhando ao redor, como as luzes de uma cidade suspensas no ar.

Ela encontraria a si mesma dentro da Queda.

Era ali, soube naquele exato instante, que encontraria Lúcifer.

Fechou os olhos, bateu as asas de leve, pediu que a sua alma a guiasse. Ela se movimentava entre milhões de seres, deslizando por marés cintilantes de anjos. Aquilo demorou uma pequena eternidade. Durante nove dias ela e seus amigos correram contra o tempo, tendo em mente apenas como localizar a Queda. Agora que a haviam encontrado, quanto tempo demoraria para que Luce achasse a alma que

procurava, a agulha naquele palheiro formado por mutações de anjos? Quanto tempo ainda restaria?

Então, no meio de uma galáxia de anjos congelados, Luce parou.

Alguém estava cantando.

Era uma canção tão linda que fez suas asas tremerem.

Ela se apoiou atrás do círculo branco fixo de um anjo em queda chamado Ezekeel e ouviu:

— Meu mar encontrou uma praia... Meu ardor encontrou uma chama...

A alma dela se inflou diante de uma lembrança há tempos esquecida. Olhou ao redor de Ezekeel, o Anjo das Nuvens, para ver quem estava cantando na clareira.

Era um garoto ninando uma garota em seus braços, e a voz de sua serenata era tão doce e suave quanto o mel.

O lento balançar de seus braços era o único movimento em toda a Queda congelada.

Então Luce percebeu que a garota não era simplesmente uma garota. Era um círculo de luz semiformado rodeando um anjo em metamorfose. Era a alma que, antes, costumava ser Lucinda.

O garoto olhou para cima, sentindo uma presença. Tinha rosto quadrado, cabelos ondulados cor de âmbar e olhos da cor do gelo, radiantes de um amor tolo.

Porém, não era um garoto. Era um anjo tão devastadoramente belo que o corpo de Luce se tensionou com uma solidão que não desejava recordar.

Era Lúcifer.

Era essa a aparência que ele tinha no Céu. Entretanto, se movia e estava completamente formado, ao contrário dos milhões de anjos que o rodeavam — e isso fez Luce ter certeza de que ele era o demônio do presente, aquele que lançou seu Anunciador ao redor da Queda para incitar a segunda ligação dos anjos com a Terra. A própria alma em queda de Lúcifer estaria em algum outro lugar dali, tão paralisada quanto o restante dos anjos ficou depois de o Trono expulsá-los do Céu.

Luce estava certa quanto a imaginar que sua alma a levaria até Lúcifer. Depois que ele colocou a Queda em movimento, provavelmente mergulhara para o interior do próprio Anunciador.

E passou aqueles nove dias fazendo o quê? Entoando canções de ninar e a embalando sem parar enquanto o mundo se via na corda bamba e exércitos de anjos corriam pelo mundo para impedi-lo?

Ela sentiu as asas arderem. Sabia que era isso o que ele tinha feito, apenas isso, pois sabia que a amava e que ainda a

queria. Tudo aquilo só estava acontecendo porque ela havia traído Lúcifer.

— Quem está aí? — gritou ele.

Luce foi adiante. Não tinha ido até ali para se esconder dele. Além disso, ele já havia sentido o brilho da alma dela atrás de Ezekeel, ouviu o tom irritado de reconhecimento na voz de Lúcifer.

— Ah. É você. — Ele levantou ligeiramente os braços, segurando o eu de Luce que caía. — Já foi apresentada ao meu amor? Acho que irá achá-la... — Lúcifer olhou para cima, procurando a palavra certa. — revigorante.

Luce se aproximou mais, igualmente atraída pelo anjo radiante de coração partido e pela versão estranha e semiformada de si. Era aquele anjo que se tornaria a garota que Luce foi na Terra. Observou o próprio rosto tremeluzir ao se formar, dentro dos braços de Lúcifer. Depois o rosto sumiu.

Pensou em se fundir àquela estranha criatura. Sabia que seria possível fazer isso: tocar a garota e tomar posse de seu corpo mais antigo, sentir o frio na barriga ao se unir ao seu passado, piscar e se ver nos braços de Lúcifer, na mente da Luce em queda, como havia feito tantas vezes antes.

No entanto não precisava mais fazer aquilo. Bill ensinara Luce a se clivar antes de ela saber quem realmente era, antes

de ter acesso às lembranças que agora conhecia. Não precisava mais se unir a sua alma em queda para saber o que dizer a Lúcifer. Luce já conhecia a história completa.

Cruzou os braços na frente do corpo. Pensou em Daniel, do outro lado do Anunciador.

— O amor que você sente não é recíproco, Lúcifer.

Ele ofereceu um sorriso brilhante e desafiador para Luce.

— Você tem ideia de como um momento como este é raro?

Sem pensar, Luce se flagrou aproximando-se dele.

— Vocês duas, juntas ao mesmo tempo? Aquela que não pode me abandonar — ele acariciou o corpo que se metamorfoseava em seus braços e olhou para Luce — e aquela que não sabe como ficar longe de mim.

— Nós duas compartilhamos a mesma alma — disse Luce. — E nenhuma de nós o ama mais.

— E ainda dizem que o *meu* coração é que endureceu! — Lúcifer fez uma careta. Toda a doçura desapareceu de seu rosto. O tom de voz baixou vários registros e se tornou mais grave que qualquer coisa que Luce já ouvira na vida. — Você me desapontou no Egito. Não deveria ter feito aquilo, e não deveria estar aqui agora. Depositei você no âmbito externo para que não viesse interferir.

O corpo dele mudou: o rosto jovem e belo se dobrou em rugas que se espalharam pelo corpo em linhas compridas e ásperas. Asas poderosas irromperam de trás dos ombros. Garras se lançaram dos dedos, longas, curvas e amareladas. Luce estremeceu quando se cravaram no corpo semiformado dela mesma em queda.

Os olhos mudaram do tom azul gélido para um vermelho de chumbo derretido, e Lúcifer aumentou dez vezes de tamanho. Luce sabia que aquilo era resultado da raiva que antes ele havia controlado a fim de parecer com seu antigo e belo eu. Preencheu o espaço vazio, diminuindo imediatamente a expansão dos anjos suspensos.

Luce voou até o nível dos olhos dele e suspirou.

— Pode parar agora mesmo — disse ela.

— Ah, então você se tornou tolerante agora, é?

Luce balançou a cabeça e abriu as asas ao máximo. Elas se estenderam por um comprimento que ainda a espantava.

— Eu sei quem eu sou, Lúcifer. Sei o que sou capaz de fazer. Nenhum de nós está restrito a limites mortais. Eu também poderia ficar horrorosa. Mas por que faria isso?

Vapores saíam da cabeça de Lúcifer enquanto ele observava as asas de Luce.

— Suas asas sempre foram de tirar o fôlego — comentou ele. — Mas não se acostume demais com elas. O tempo está

quase acabando e então... então...

Ele observou o rosto dela, em busca de medo ou agitação. Ela sabia como ele pensava, de onde retirava a energia e o poder. Os músculos granulosos dele se flexionaram, e Luce observou a luz do próprio corpo em queda se agitar, mas permanecer imóvel, indefeso nos braços dele. Era como ver alguém querido correndo grave perigo — mas Luce não revelaria que isso a perturbava.

— Não tenho medo de você.

O grunhido dele foi uma nuvem de muco e fumaça.

— Mas vai ter, assim como teve antes, assim como na verdade tem agora. O medo é a única maneira de saudar o demônio.

O aumento de tamanho dele cessou. Os olhos se resfriaram de volta àquele tom impressionante de azul-gelo. Os músculos relaxaram e voltaram a formar o corpo magro que certa vez fizera dele o mais maravilhoso dos anjos nas hordas celestiais. Em sua pele branca havia um brilho do qual Luce não se lembrava, até aquele momento.

Lúcifer era mais lindo até do que Daniel.

Ela se deixou recordar. Ela o havia *amado*, sim. Tinha sido seu primeiro amor verdadeiro. Dera a ele todo seu coração. E Lúcifer também a amara.

Quando os olhos dele pousaram sobre ela, toda a história do relacionamento dos dois se desenrolou em seu lindo rosto: o fogo do início do romance, a ânsia desesperada dele de possuí-la, a angústia do amor que, dizia ele, inspirara sua revolta contra o Trono.

A mente dela sabia que essa tinha sido a primeira grande mentira do Grande Enganador, mas o coração de Luce sentia algo diferente — em parte porque compreendia que, no fim das contas, Lúcifer passara a acreditar na própria mentira. Tal mentira possuía um poder secreto e propagador, como uma enchente que ninguém era capaz de enxergar.

Ela não conseguiu evitar: amoleceu. Os olhos de Lúcifer tinham a mesma ternura dos de Daniel quando olhava para ela. Sentiu os seus começarem a retribuir aquela ternura.

Ele *ainda* a amava... e ele ficava profundamente ferido em todos os momentos nos quais não tinha Luce ao seu lado. Foi por isso que passou os últimos nove dias com uma sombra da alma dela, por isso que tentou zerar todo o universo. Apenas para tê-la de volta.

— Ah, Lúcifer — disse ela. — Desculpe.

— Está vendo? — riu ele. — Você *tem mesmo* medo de mim. Tem medo do que eu faço você sentir. Não quer se lembrar de...

— Não, não é i...

De uma bainha escondida às suas costas, Lúcifer sacou uma seta estelar prateada e comprida e a girou entre os dedos, cantarolando uma canção que Luce reconheceu. Ela estremeceu: era o hino que ele havia composto, que emparelhava o amor dos dois. *Lucinda, sua Estrela do Anoitecer.*

Ela observou o brilho da seta estelar.

— O que você está fazendo?

— Você me amava. Era minha. Nós, que entendemos o que é a eternidade, sabemos o que significa o verdadeiro amor. O amor nunca morre. É por isso que sei que, quando atingirmos o chão, quando tudo recomeçar, você vai fazer a escolha certa. Vai me escolher em vez de escolher a ele, e juntos iremos reinar. Ficaremos juntos... — Ele olhou para ela. — Senão...

Então Lúcifer se aproximou dela com a seta.

— Sim! — gritou Luce. — Eu amei você um dia!

Ele congelou, a arma mortal pousada sobre o seio de Luce, seu eu anterior, sua alma mais antiga pendendo na dobra do braço dele.

— Mas isso faz mais tempo do que você se lembra — continuou ela. — Você gosta da eternidade, mas não gosta de como a eternidade pode mudar em um instante. Eu já não amava você quando nós caímos.

— Mentira. — Ele abaixou ainda mais a seta. — Você me amou há menos tempo do que pensa. Na semana passada mesmo, nos seus Anunciadores, quando pensava que amava outro... Nós dois éramos ótimos juntos. Lembra-se de descansarmos embaixo do pé de maracujá no Taiti? Tivemos momentos anteriores também. Espero que se lembre deles. — Ele recuou, observou a reação dela. — Ensinei a você tudo o que acha que sabe sobre o amor! Era para governarmos juntos. Você prometeu me seguir. Mas *me* enganou. — Os olhos dele imploravam para Luce, deflagrando dor e ira. — Imagine o quanto foi solitário ficar em um Inferno que eu mesmo fiz, preso ao altar, o maior tolo de todos os tempos, suportando sete mil anos de agonia.

— Pare — sussurrou ela. — Precisa deixar de me amar. Porque eu deixei de amar você.

— Por causa de *Daniel Grigori*, que não é nem um décimo do anjo que eu sou, mesmo quando estou na mais péssima forma? É ridículo! Sabe que sempre fui mais radiante, mais talentoso. Estava ao meu lado quando inventei o amor. Eu o criei a partir do nada, a partir da própria... *adoração*! — Lúcifer franziu o cenho ao pronunciar tal palavra, como se o deixasse nauseado. — E você não sabe nem da metade. Sem você, eu depois criei o mal, a outra extremidade do espectro, o equilíbrio necessário. Inspirei

Dante! Milton! Você devia dar uma espiada no submundo. Peguei as ideias do Trono e melhorei todas. Pode fazer o que quiser! Ah, você perdeu *tudo isso*.

— Não perdi nada.

— Ah, minha querida... — Ele esticou o braço para acariciar sua bochecha com a mão macia. — Com certeza não acredita nisso. Eu poderia lhe dar o maior reino que jamais conheceu. Vamos trabalhar duro e depois nos divertir. Até o Trono ofereceu os benefícios da paz eterna! Mas o que você escolheu? Daniel. O que este corte de cabelo fez com você?

Luce afastou a mão dele.

— Ele conquistou meu coração. Ele me ama pelo que sou, não pelo que posso trazer para ele.

Lúcifer deu um sorrisinho irônico.

— Você sempre foi uma tapada para entender as coisas. Meu bem, esse é seu calcanhar de Aquiles.

Ela olhou ao redor para as almas cintilantes e imóveis em volta, milhões de anjos, estendendo-se por milhares de quilômetros, testemunhas acidentais da verdade sobre o primeiro amor romântico do universo.

— Achei que o que eu sentia por você era o certo — disse Luce. — Eu o amei até isso me fazer mal, até nosso amor ser consumido pelo seu orgulho e pela sua ira. Aquilo

que você chamava de *amor* me anulou, por isso precisei parar de amar você. — Ela fez uma pausa. — Nossa adoração nunca diminuiu o Trono, mas o seu amor, Lúcifer, me diminuiu. Jamais quis machucar você, só quis impedir que me machucasse.

— Então pare de me machucar! — implorou ele, estendendo os braços dos quais Luce se lembrava de a terem envolvido, onde se sentira completamente à vontade. — Você pode aprender a me amar de novo. É a única maneira de estancar a minha dor. Escolha-me agora, de novo, para sempre.

— Não — disse ela. — Acabou mesmo, Lúcifer. — Ela fez um gesto para os outros anjos que caíam ao redor deles. — Já tinha acabado antes mesmo de isto tudo acontecer. Jamais prometi governar ao seu lado fora do Céu. Você é que projetou esse sonho em mim, como se eu fosse mais uma das suas tábulas rasas. Não vai conseguir nada fazendo *esta* Lucinda cair na Terra. Ela não irá retribuir o seu amor.

— Talvez retribua. — Ele olhou para o anjo em seus braços, tentou beijá-la, mas a luz que rodeava o eu de Lucinda em queda impediu que os lábios dele tocassem-lhe a pele.

— Desculpe pela dor que causei a você — disse Luce. — Eu era... jovem. Eu me... deixei levar. Brinquei com fogo.

Não devia ter feito isso. Por favor, Lúcifer. Deixe-nos ir.

— Ah. — Ele afagou o rosto dele no corpo em seus braços. — Como dói.

— Vai doer menos se você aceitar que o que compartilhamos é passado. As coisas não são como eram. Se você me ama, precisa encontrar a força dentro da sua alma para me deixar seguir em frente.

Lúcifer lançou um longo olhar para Luce. Sua expressão se escureceu, depois ficou intrigada, como se ele estivesse tendo uma ideia. Olhou para o outro lado um instante, piscou e, quando olhou de novo para Lucinda, ela presumiu que fosse capaz de enxergá-la como ela realmente era: o anjo que se tornou uma garota, que viveu por milênios, que se tornou cada vez mais consciente de seu destino, que encontrou um modo de voltar a ser anjo.

— Você... merece mais que isto — sussurrou Lúcifer.

— Mais do que Daniel? — Luce balançou a cabeça. — Não quero nada mais do que ele.

— Quero dizer que você merece mais que todo esse sofrimento. Não pense que não vi tudo o que você passou. Estive assistindo. Às vezes, sua dor me causava uma espécie de alegria. Quero dizer, você me conhece, não é? — Lúcifer deu um sorriso triste. — Mas mesmo a minha forma de

alegria é sempre marcada pela culpa. Se pudesse me livrar da culpa, você *realmente* veria alguém grandioso.

— Liberte-me do meu sofrimento. Pare a Queda, Lúcifer. Pode fazer isso.

Ele cambaleou na direção dela, os olhos cheios de lágrimas. O demônio balançou a cabeça:

— Me diga como um sujeito, com um emprego decente, perde uma...

— BASTA!

A voz fez tudo parar. A órbita do sol, a consciência interna de trezentos e dezoito milhões de anjos e até mesmo a velocidade imensa da Queda *simplesmente pararam.*

Era a voz que havia criado o Universo: repleta de camadas e profunda, como se milhões de suas versões falassem em uníssono.

Basta.

A ordem do Trono atravessou Luce. Consumiu-a. A luz inundou-lhe a visão, obscurecendo Lúcifer, seu eu em queda, o mundo inteiro. A alma dela zumbiu com uma eletricidade inenarrável quando um peso saiu de dentro dela e foi jogado a distância.

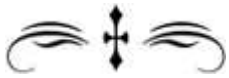
A Queda.

Tinha sumido. Luce havia sido lançada para fora dela com uma única palavra e um raio que a fez sentir-se revirada

pelo avesso. Estava se movimentando em direção a um grande vácuo, em direção a um destino desconhecido, mais depressa que a velocidade da luz multiplicada pela velocidade do som.

Ela estava se movimentando à velocidade de Deus.

DEZENOVE



O PREÇO DE LUCINDA

Não havia nada além do branco.

Luce sentiu que ela e Lúcifer haviam voltado para Troia, mas não tinha certeza. O mundo estava iluminado demais, mármore em fogo. Ardia em completo silêncio.

De início, a luz era tudo: branca, incandescente, ofuscante.

Aí, devagar, começou a enfraquecer.

A cena diante de Luce se delineou: a luz menos intensa permitiu ver o campo, os ciprestes esguios, os bodes pastando na grama clara, os anjos ao redor dela, que entravam em foco. A luz parecia ter uma textura, como a de penas roçando

a pele, e seu poder fazia com que ela sentisse humildade e medo.

O clarão diminuiu ainda mais, pareceu encolher-se e condensar-se, à medida que se reunia dentro de si. Tudo diminuía de intensidade, perdia a cor, enquanto a luz se afastava e se reunia em uma esfera brilhante, cujo fulgor era mais intenso no centro, pairando a três metros do chão. Pulsava e tremeluzia à medida que seus raios assumiam forma. Eles se esticavam, cintilavam como bala de coco quente, tomando a forma de uma cabeça, um tronco, pernas, braços. Mãos.

Um nariz.

Uma boca.

Até que a luz se tornou uma pessoa.

Uma mulher.

O Trono em forma humana.

Há tempos, Luce havia sido uma das preferidas do Trono — ela sabia disso agora, sabia nas tessituras de sua alma, porém jamais havia *visto* o Trono de fato. Nenhum ser era capaz de ter esse tipo de conhecimento.

Era a natureza das coisas, da divindade. Descrevê-la era reduzi-la. Portanto ali, agora, embora se parecesse muito com uma rainha num vestido branco esvoaçante, o Trono

continuava sendo o Trono — ou seja, continuava sendo *tudo*. Luce não conseguia parar de olhar.

Ela era surpreendentemente linda. Seus cabelos tinham reflexos prateados e dourados. Os olhos, azuis como um oceano de cristal, emitiam o poder de enxergar tudo, em toda parte. Quando o Trono olhou para as planícies troianas, Luce pensou ter visto um clarão do próprio rosto na expressão de Deus — determinado, na forma que a mandíbula de Luce Price se contraía quando tomava uma decisão. Já tinha visto aquilo no próprio reflexo mil vezes antes.

Mas quando o rosto de Deus se virou para olhar o público diante dele, sua expressão se modificou. Agora parecia a devoção de Daniel; capturava aquela luz específica dos olhos dele. Depois, no modo relaxado e aberto que Deus gesticulava, Luce reconhecia o desprendimento da própria mãe — e então viu o sorriso orgulhoso que só Penn possuía.

A diferença era que, agora, Luce percebia que *não pertencia* a Penn. Cada traço fugaz da vida encontrava sua origem na força que estava diante de Luce. Ela podia ver como o mundo inteiro — mortais e anjos, do mesmo modo — havia sido criado à imagem mercurial do Trono.

Uma cadeira de mármore apareceu na extremidade do prado. Era feita de uma substância divina que Luce sabia já ter visto. Era o mesmo material da sua antiga cadeira de prata

com a ponta espiralada que o Trono segurava na mão esquerda.

Quando o Trono se sentou, Annabelle, Ariane e Francesca correram para a frente dele, caindo de joelhos em adoração. O sorriso do Trono cintilou para elas, lançando arco-íris de luz nas asas delas. Os anjos entoaram cânticos juntos em um prazer harmonioso.

Ariane ergueu o rosto reluzente e bateu as asas para se levantar e dirigir-se ao Trono. Sua voz irrompeu em uma canção gloriosa:

— Gabbe se foi.

— Sim — cantarolou o Trono de volta, embora, é claro, já soubesse disso.

Mais do que um compartilhamento de informações, aquilo era um ritual de comiseração. Luce se lembrou de que fora para isso que o Trono criara a fala e a canção; para ser outra maneira de sentir, outra asa para roçar na asa de seu amigo.

Então os pés de Ariane e de Annabelle deslizaram pelo chão e elas flutuaram acima do Trono. Pairaram ali, de frente para Luce e o restante de seus amigos, mirando com adoração para seu Criador. A formação delas parecia estranha — de certa maneira incompleta — até que Luce percebeu algo:

As saliências.

Ariane e Annabelle estavam tomando seus antigos lugares de Arcanjos. No Prado Celestial, as saliências onduladas e prateadas que outrora formavam um arco sobre a cabeça do Trono; e estavam ali de volta: Ariane à direita dos ombros do Trono, e Annabelle a centímetros do chão, perto da mão direita.

Espaços vazios cintilantes brilhavam no espaço ao redor do Trono. Luce se lembrou para qual delas Cam costumava voar, qual era a de Roland e qual pertencia a Daniel. Viu relances em sua lembrança do local de Molly diante do Trono, e do de Steven também — embora eles não fossem Arcanjos, e sim anjos que adoravam com alegria lá do Prado.

Por último, viu os lugares dela e de Lúcifer, suas saliências prateadas pareadas do lado esquerdo, e as asas de Luce formigaram. Era tudo tão claro.

Os outros anjos caídos — Roland, Cam, Steven, Daniel e Lúcifer — não deram um passo à frente para adorar o Trono. Luce ficou devastada. Adorar o Trono era algo que lhe vinha naturalmente; foi para isso que Lucinda tinha sido criada. Mas de algum modo ela não conseguia se mexer. O Trono não pareceu nem desapontado, nem surpreso.

— Onde está a Queda, Lúcifer? — A voz fez Luce sentir vontade de cair de joelhos e rezar.

— Só Deus sabe — rosnou Lúcifer. — Não importa. Talvez eu não a quisesse, no fim das contas.

O Trono girou seu cetro de prata nas mãos, remexendo em um recesso enlameado no chão onde sua extremidade encontrava a Terra. Uma vinha de lírios brancos com reflexos prateados surgiu, lançando uma espiral ao redor do cetro. O Trono não pareceu notar; fixou seus olhos azuis em Lúcifer até que os olhos azuis deste se torceram para encontrar os Dela.

— Acredito nas duas primeiras afirmações — disse o Trono — e logo você será convencido da terceira. Minha indulgência tem limites bastante célebres.

Lúcifer começou a falar, mas o olhar do Trono se desligou do dele, e Lúcifer chutou a terra em frustração. O chão se abriu embaixo dele, fazendo lava borbulhar e se resfriar no chão, um vulcão pessoal.

Com o menor dos gestos, o Trono chamou novamente a atenção de todos.

— Precisamos tratar da maldição de Lucinda e Daniel — disse ela.

Luce engoliu em seco, sentindo o terror se alastrar pelo estômago.

Os olhos fosforescentes do Trono, porém, eram bondosos quando ela colocou uma mecha de cabelo prateado e

dourado atrás da orelha, reclinou-se no assento e inspecionou a reunião diante de si.

— Como vocês sabem, chegou a hora de eu mais uma vez fazer uma pergunta a esses dois.

Todos ficaram em silêncio, até o vento.

— Lucinda, comecemos com você.

Luce assentiu. A calma de suas asas se justapunha ao coração acelerado. Era uma sensação estranhamente mortal, que a fez se lembrar do que sentia ao ser chamada à sala do diretor na escola. Ela se aproximou do Trono, de cabeça baixa.

— Você já pagou o bastante da sua dívida de sofrimento ao longo destes últimos seis milênios...

— Não foi tudo apenas sofrimento — disse Luce. — Houve momentos difíceis, mas... — Ela olhou ao redor para os amigos que tinha feito, para Daniel e até mesmo para Lúcifer. — Mas houve muita beleza, também.

O Trono sorriu de modo curioso para Luce.

— Você também cumpriu as condições para descobrir a própria natureza sem ajuda, de ser verdadeira consigo. Diria que veio a conhecer a sua alma?

— Sim — respondeu Luce. — Profundamente.

— Agora você é mais Lucinda do que jamais foi. Qualquer decisão que tomar carrega não apenas o

conhecimento que você traz enquanto anjo, mas também o peso de sete mil anos de lições de vida em cada um dos estágios do ser humano.

— Eu me dobro à minha responsabilidade — disse ela, usando palavras que não pareciam nem um pouco coisa de Luce Price, mas que, percebeu, pareciam muito coisa de Lucinda, sua verdadeira alma.

— Talvez você tenha ouvido que nesta vida a sua alma "está disponível"?

— Sim. Ouvi.

— E talvez tenha ouvido falar do equilíbrio entre os anjos do Céu e as forças de Lúcifer?

Luce assentiu, devagar.

— E, portanto, a pergunta recai sobre você uma vez mais: escolhe o Céu ou o Inferno? Aprendeu as suas lições e agora é quatrocentas vidas mais sábia, portanto, perguntamos mais uma vez: onde você deseja passar a eternidade? Se for no Céu, permita-me dizer que iremos recebê-la em casa e providenciar para que a transição seja suave. — Deus lançou um olhar para Lúcifer, mas Luce não o acompanhou. — Se sua escolha for o Inferno, me arrisco a dizer que Lúcifer a aceitaria, não?

Lúcifer não respondeu. Luce ouviu um farfalhar pesado atrás de si e se virou para ver as costas das asas dele torcidas

em um nó.

Não tinha sido fácil dizer a Lúcifer, dentro da Queda, que ela não o amava, que não o escolheria. Parecia impossível dizer o mesmo ao Trono. Luce estava diante do poder que a criara, e nunca se sentira tão infantil.

— Lucinda? — O olhar do Trono se voltou para baixo, para ela. — Cabe a você fazer pender a balança.

A conversa que ela tivera com Ariane em Las Vegas lhe veio mais uma vez à mente: *No fim, a coisa se resumiria à escolha de um único anjo poderoso quanto a que lado ficar. Quando isso acontecesse, a balança finalmente penderia.*

— Cabe *a mim*?

O Trono assentiu, como se Luce tivesse sabido disso o tempo inteiro.

— Da última vez você se recusou a escolher.

— Não, isso não é verdade — retrucou Lucinda. — Eu escolhi o amor! Agora mesmo, Vós perguntastes se eu conhecia minha alma, e conheço. Devo permanecer fiel a quem sou e colocar o amor acima de tudo.

Daniel segurou a mão dela.

— Escolhemos o amor no passado e faremos a mesma escolha agora.

— E se Vós nos amaldiçoardes por isso agora — continuou Lucinda —, o resultado será o mesmo. Nós dois

sempre nos reencontramos ao longo de sete mil anos. Todos vocês são testemunhas. Faremos isso novamente.

— Lúcifer? — indagou o Trono. — O que diz quanto a isso?

Ele olhou para Luce com olhos chamejantes, e sua dor era visível para todos os presentes.

— Digo que todos nós iremos nos arrepender deste momento para sempre. É a escolha errada, é egoísta.

— Sempre há arrependimento quando aceitamos que o amor se afastou de nós — veio a voz impassível do Trono. — Mas tomarei sua resposta como uma pequena demonstração de misericórdia e aquiescência, que oferece ao Universo alguma esperança. Lucinda e Daniel deixaram clara sua escolha e os relembrarei dos votos feitos na lista de chamada. O amor deles está fora de nossa alçada. Então, que assim seja. Mas isso terá seu preço. — Ela voltou o olhar novamente para Luce e Daniel. — Estão preparados para pagar pelo último sacrifício do seu amor?

Daniel balançou a cabeça.

— Se eu tiver Lucinda, e Lucinda tiver a mim, não existe sacrifício.

Lúcifer gargalhou, alçando voo e pairando no ar acima de Luce e Daniel.

— Quer dizer que poderíamos roubar tudo de vocês... suas asas, sua força, sua *imortalidade*, que mesmo assim escolheriam *seu amor*?

De soslaio, Luce viu Ariane. As asas dela estavam dobradas atrás de si. As mãos estavam enfiadas nos bolsos do macacão. Ela assentiu de modo presunçoso, os lábios espremidos em satisfação, como se dissesse: *Que diabo, sim, eles escolheriam.*

— Sim — disseram Luce e Daniel ao mesmo tempo.

— Ótimo — respondeu o Trono. — Mas entendam: existe um preço. Vocês podem ficar um com o outro, mas talvez não tenham mais nada além disso. Se escolherem o amor de uma vez por todas, precisam desistir de suas naturezas de anjo. Nascerão de novo, renovados como mortais.

Mortais?

Daniel, o anjo dela, renascido como mortal?

Todas aquelas noites ela havia ficado deitada acordada, pensando no que aconteceria com o amor dela e de Daniel depois daqueles nove dias. Agora a decisão do Trono a fazia se lembrar da sugestão de Bill no Egito: de que ela matasse a própria alma que reencarnava.

Mesmo então, havia pensado na hipótese de viver uma vida mortal e deixar Daniel seguir seu caminho. Ele não

sofreria mais por perder um amor. Ela quase tinha conseguido fazer isso. O que a impediu foi a ideia de perder Daniel. Só que agora...

Ela poderia tê-lo, de verdade, durante um longo tempo. Tudo seria diferente. Ele estaria ao lado dela.

— Se vocês aceitarem — ergueu-se a voz do Trono, acima da gargalhada de Lúcifer —, não se lembrarão de quem foram um dia, e não posso garantir que se encontrarão durante a vida na Terra. Vocês irão viver e morrer, assim como qualquer outro mortal da criação. Os poderes do Céu que sempre os atraíram um para o outro não mais existirão. Nenhum anjo irá cruzar seu caminho. — Ela lançou um olhar de advertência para os outros anjos, amigos de Luce e Daniel. — Nenhuma mão amiga aparecerá na noite escura para guiá-los. Realmente estarão sozinhos.

Um som suave escapou dos lábios de Daniel. Ela se virou para ele e pegou sua mão. Então eles seriam mortais, vagando pela Terra em busca de sua outra metade, assim como todo mundo. Parecia uma linda proposta.

De trás deles, Cam disse:

— A mortalidade é a mais linda história romântica que já se contou. Só uma única chance de fazer tudo o que se deve fazer. Depois, magicamente, você passa para outra.

Mas Daniel parecia arrasado.

— O que foi? — sussurrou Luce. — Não quer?

— Você acabou de reconquistar as suas asas.

— É exatamente por isso que sei que posso ser feliz sem elas. Desde que eu tenha você comigo. Você é quem de fato estaria abrindo mão das suas. Tem certeza de que é isso o que *você* quer?

Daniel abaixou o rosto em lágrimas, com os lábios perto dos dela, suaves.

— Sempre.

Lágrimas enchiam os olhos de Luce enquanto Daniel se virava para encarar o Trono.

— Nós aceitamos.

Ao redor deles, o brilho das asas aumentou, até que todo o Prado zuniu com luz. E Luce sentiu os outros anjos — seus queridos e preciosos amigos — passarem da enorme expectativa para o choque.

— Muito bem. — O Trono quase sussurrava, sua expressão era inescrutável.

— Espere! — gritou Luce. Havia mais uma coisa. — Nós... nós aceitamos, com uma condição.

Daniel se remexeu ao lado dela, observando Luce com o canto do olho, mas não interrompeu.

— Qual é a sua condição? — ribombou a voz do Trono, notavelmente nada acostumado a negociações.

— Que Vós leveis os Párias de volta ao seio do Céu — disse ela, antes de sua confiança fraquejar. — Demonstraram ser dignos. Se havia espaço suficiente para me aceitar novamente no Prado, existe espaço suficiente para eles.

O Trono olhou para os Párias, que estavam em silêncio e brilhavam com luz fraca.

— Isso não é nada ortodoxo, mas, no fundo, é um pedido livre de egoísmo. Assim seja. — Devagar, ela estendeu um dos braços. — Párias, deem um passo à frente se desejam entrar mais uma vez no Céu.

Os quatro Párias caminharam e se colocaram diante do Trono, com mais propósito do que Luce já vira neles. Então, com um único aceno de cabeça, o Trono lhes restaurou as asas.

Elas aumentaram.

Espessaram-se.

A cor marrom esfarrapada drenou e se transformou em um branco brilhante.

E então os Párias sorriram. Luce nunca tinha visto nenhum Pária sorrir, mas eles estavam lindos.

Ao fim de sua metamorfose, os olhos dos Párias se arregalaram quando suas íris desabrocharam para a visão novamente. Agora eram mais uma vez capazes de enxergar.

Até mesmo Lúcifer parecia impressionado. Murmurou:

— Só Lucinda poderia ter feito isso.

— É um milagre! — Olianna abraçou o próprio corpo com as asas para admirá-las.

— É o que Ela faz — disse Luce.

Os Párias retomaram suas antigas posições de adoração ao redor do Trono.

— Sim. — O Trono fechou os olhos para aceitar a adoração deles. — Acredito que assim foi melhor no fim das contas.

Finalmente, o Trono ergueu o cetro e apontou-o para Luce e Daniel.

— Hora de se despedirem.

— Já? — Não tinha sido intenção de Luce deixar escapar tal palavra.

— Despeçam-se.

Os ex-Párias envolveram Luce com gratidão e abraços, abarcando a ela e Daniel. Quando se afastaram, Francesca e Steven vieram se colocar diante dos dois, de braços dados, lindos, sorrindo.

— Sempre soubemos que você conseguiria. — Steven deu uma piscadela para Luce. — Não é, Francesca?

Ela concordou:

— Foi difícil, mas você se provou uma das almas mais impressionantes que já tive o prazer de instruir. Você é um

enigma, Luce. Continue assim.

Steven apertou a mão de Daniel e Francesca beijou as bochechas de ambos antes de se afastarem.

— Obrigada — disse Luce. — Vocês dois, se cuidem. E cuidem de Shelby e Miles também.

Os anjos estavam ao redor deles, a velha equipe que havia se formado na Sword & Cross e em centenas de outros lugares antes disso.

Ariane, Roland, Cam e Annabelle. Haviam salvado Luce mais vezes do que ela poderia contar.

— Isso é difícil. — Luce se lançou aos braços de Roland.

— Ah, qual é. Você já salvou o mundo. — Ele riu. — Agora vá salvar o seu relacionamento.

— Não dê ouvidos ao Dr. Phil! — disse Ariane com um gritinho. — Não nos abandone nunca! — Ela tentava rir, mas não estava dando certo. Lágrimas rebeldes corriam pelo seu rosto. Não as enxugou; apenas segurou firme a mão de Annabelle. — Certo, beleza, *vão*!

— Vamos pensar em vocês — disse Annabelle. — Sempre.

— Vamos pensar em vocês, também. — Luce precisava pensar que era verdade. Do contrário, se de fato iria se esquecer de *tudo aquilo*, não conseguiria suportar deixá-los.

Mas os anjos sorriram com tristeza, sabendo que ela precisava esquecê-los.

Então foi a vez de Cam, que estava de pé ao lado de Daniel. Os dois tinham as mãos pousadas nos ombros um do outro.

— Você conseguiu, irmão.

— Claro que sim. — Daniel tentava bancar o esnobe, mas aquilo denunciava seu amor. — Graças a você.

Cam segurou a mão de Luce. Seus olhos verdes estavam cintilantes, a primeira cor que saltou à vista dela no mundo sombrio e triste da Sword & Cross.

Ele inclinou a cabeça e engoliu em seco, pensando com cuidado no que dizer.

Abraçou-a, e, por um momento, ela achou que fosse beijá-la. O coração de Luce acelerou quando os lábios dele se aproximaram dos dela e depois pararam, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Não deixe ele te mostrar o dedo da próxima vez.

— Você sabe que não vou deixar — riu ela.

— Ah, Daniel, uma mera sombra de um verdadeiro *bad boy.* — Ele pressionou a mão contra o coração e ergueu uma sobrancelha para ela. — Não deixe que ele a trate mal. Você merece o melhor que existe.

Pela primeira vez, ela não queria soltar a mão dele.

— O que você vai fazer?

— Quando se está arruinado, há muito o que escolher. Todas as possibilidades se abrem. — Ele olhou além dela para as nuvens distantes do deserto. — Vou desempenhar meu papel. Eu o conheço bem. Conheço o adeus.

Ele deu uma piscadela para Luce, assentiu pela última vez para Daniel, depois girou os ombros para trás, abriu suas tremendas asas douradas e sumiu no céu turbulento.

Todos observaram-no se afastar, até as asas de Cam virarem um brilho dourado distante. Quando Luce baixou o olhar, ele caiu sobre Lúcifer. A pele dele tinha aquele brilho adorável, mas seus olhos estavam glaciais. Ele nada disse, e parecia que teria sustentado o olhar dela eternamente se ela não tivesse desviado os olhos.

Havia feito o que pôde por ele. A dor de Lúcifer já não era mais problema dela.

A voz do Trono ribombou:

— Mais uma despedida.

Juntos, Luce e Daniel se viraram para agradecer ao Trono, mas assim que seus olhos pousaram sobre Ela, a figura grandiosa da mulher se incandesceu em glória branca abrasante e eles precisaram proteger os olhos.

O Trono agora estava indiscernível outra vez, uma reunião de luz brilhante demais para ser apreendida pelos

anjos.

— Ei, vocês dois — zombou Ariane. — Acho que ela quis dizer para se despedirem um do outro.

— Oh! — disse Luce. Virou-se para Daniel, subitamente em pânico. — Agora? Precisamos...

Ele segurou a mão dela. As asas dele tocaram as de Luce. Beijou-lhe as bochechas.

— Estou com medo — sussurrou ela.

— O que eu disse a você?

Ela vasculhou o milhão de conversas que ela e Daniel já haviam tido — as boas, as tristes, as discussões. Uma delas se ergueu acima das nuvens da sua mente.

Ela estava tremendo.

— Que você sempre irá me encontrar.

— Sim. Sempre. Não importa o que aconteça.

— Daniel...

— Mal posso esperar para fazer de você o amor da minha vida mortal.

— Mas você não terá como me reconhecer. Não vai se lembrar. Tudo será diferente.

Ele enxugou uma lágrima dela com o polegar.

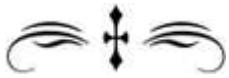
— E você acha que isso vai me impedir?

Ela fechou os olhos.

— Amo você demais para dizer adeus.

— Isso não é um adeus. — Ele lhe deu um último beijo angelical e abraçou-a com tanta força que ela pôde ouvir as batidas constantes do coração dele, sobrepondo-se às do dela. — É até breve. Até nos encontrarmos novamente.

VINTE



PERFEITOS ESTRANHOS

Dezessete Anos Depois

Luce segurou o cartão de entrada para o seu dormitório entre os dentes, virou o pescoço para inseri-lo na fechadura, aguardou o pequeno clique elétrico e abriu a porta com o quadril.

Suas mãos estavam lotadas de coisas. A cesta amarela de roupas para lavar estava abarrotada de peças, a maioria encolhera no primeiro ciclo de secadora longe de casa. Atirou as roupas na estreita cama de baixo do beliche, impressionada por haver encontrado um jeito de vestir tanta coisa diferente em tão pouco tempo. A semana de orientação aos novos

alunos do Emerald College tinha passado em um borrão desconcertante.

Nora, sua companheira de quarto, a primeira pessoa fora da família de Luce a vê-la usando o aparelho ortodôntico noturno (mas tudo bem, porque Nora também tinha um), estava sentada ao peitoril, pintando as unhas e conversando ao telefone.

Ela estava sempre falando ao telefone e pintando as unhas. Tinha uma prateleira inteira dedicada a frascos de esmalte e já havia feito os pés de Luce duas vezes naquela única semana em que se conheciam.

— Estou dizendo, Luce não é assim. — Nora fez um aceno animado para Luce, que se recostou na cabeceira da cama, ouvindo a conversa. — Nunca beijou um cara. Certo, beijou uma vez... Lu, qual era mesmo o nomezinho daquele menino do acampamento de verão, aquele que você me contou que...

— Jeremy? — Luce torceu o nariz.

— *Jeremy*, mas foi tipo um jogo de verdade ou consequência ou algo assim. Brincadeira de criança. Então, sim...

— Nora — disse Luce. — Você precisa mesmo contar isso para... para seja lá quem está conversando com você?

— São só Jordan e Hailey. — Ela encarou Luce. — Estamos no viva voz. Dê tchauzinho!

Nora apontou para a janela do entardecer de outono. O dormitório delas era um lindo prédio de tijolinhos brancos em formato de U com um pequeno pátio no meio onde todos ficavam o tempo todo. Mas não era para lá que Nora estava apontando. Diretamente em frente à janela do terceiro andar do quarto de Nora e Luce havia outra janela. A vidraça estava levantada, pernas se balançavam por ela, e os braços de duas garotas apareceram, acenando.

— Oi, Luce! — gritou uma delas.

Jordan, a loira fogosa de Atlanta, e Hailey, mignon e sempre risonha, com cabelo preto espesso que caía em cascatas escuras ao redor do rosto. Elas pareciam gente fina, mas por que estavam conversando sobre os garotos que Luce não tinha beijado?

Ah, a faculdade era um lugar tão estranho.

Antes de Luce ter percorrido os três mil quilômetros de carro com seus pais até a Emerald College, uma semana antes, podia contar nos dedos as vezes em que havia saído do Texas: uma vez para viajar com a família até Piles Peak no Colorado, duas vezes para competições de natação regionais no Tennessee e em Oklahoma (no segundo ano ela bateu o próprio recorde no nado livre e levou para casa uma fita

azul), e as visitas anuais de fim de ano para a casa dos avós em Baltimore.

Mudar-se para Connecticut para cursar a faculdade era algo *imenso* para Luce. A maioria de seus amigos da escola Plano Senior High iria estudar em faculdades texanas, mas Luce sempre tivera a sensação de que havia algo à sua espera no mundo, que ela precisava sair de casa para encontrar.

Seus pais lhe deram apoio — principalmente quando conseguiu aquela bolsa parcial por causa do seu nado borboleta. Enfiou a vida inteira dentro de uma mala vermelha de lona e encheu algumas caixas com objetos de valor sentimental dos quais não conseguia se livrar: o peso de papel da Estátua da Liberdade que o pai tinha lhe trazido de lembrança de Nova York; uma foto da mãe com um corte de cabelo ruim quando ela era da idade de Luce; o porquinho de pelúcia que a fazia se lembrar do cão da família, Mozart. O tecido do banco de trás do jipe surrado estava em frangalhos e cheirava a picolés de cereja, e isso foi confortador para Luce, assim como a visão da parte de trás da cabeça dos pais quando o pai dirigiu dentro do limite de velocidade durante quatro longos dias pela Costa Leste, parando de quando em quando para ler marcos históricos e fazer uma excursão por uma fábrica de pretzels a noroeste de Delaware.

Houve um momento em que Luce pensou em recuar. Já estavam a dois dias na estrada, em algum lugar da Geórgia, e o "atalho" do pai ao sair do hotel onde estavam hospedados para pegar a autoestrada os levou para mais longe no litoral, a estrada cheia de cascalho e o ar fedendo por causa da grama malcheirosa. Eles estavam a mais ou menos um terço do caminho e Luce já sentia saudades da casa onde havia crescido. Sentia saudades do seu cachorro, da cozinha onde a mãe assava pãezinhos e do modo como, no verão anterior, os roseirais do pai cresceram ao redor da sua janela, enchendo o quarto dela com um aroma suave e a promessa de buquês recém-colhidos.

E foi então que Luce e seus pais passaram por uma trilha comprida e sinuosa com um portão alto e sinistro que parecia eletrificado, como uma prisão. Uma placa do lado de fora dizia em letras fortes em negrito: *Reformatório Sword & Cross.*

— Ah, isso é meio agourento — comentou a mãe de Luce lá do banco da frente, desviando os olhos da revista de decoração. — Que bom que você não vai para essa escola, Luce!

— É — concordou a menina —, que bom mesmo. — Ela se virou e observou pela janela de trás do carro até os portões sumirem no meio da floresta. Então, antes que se

desse conta, já estavam atravessando a fronteira da Carolina do Sul, aproximando-se ainda mais de Connecticut e de sua nova vida na Emerald College a cada volta dos pneus novos do jipe.

E então ela estava ali, no dormitório, e seus pais já voltavam para o Texas. Luce não queria que a mãe se preocupasse, mas a verdade era que estava sentindo saudades desesperadoras de casa.

Nora era ótima; a questão não era essa. Elas fizeram amizade assim que Luce colocou o pé no quarto e viu a nova companheira colando com fita adesiva um pôster de Albert Finney e Audrey Hepburn em *Um caminho para dois.* A ligação se fortaleceu quando tentaram fazer pipoca na cozinha caindo aos pedaços do dormitório às duas da manhã daquela primeira noite, mas só conseguiram disparar o alarme de incêndio, fazendo todo mundo sair dos quartos de pijama. Durante toda a semana de orientação, Nora fizera de tudo para incluir Luce em cada um de seus inúmeros planos. Já havia estudado em uma escola preparatória chique antes de ir para a Emerald, portanto chegou à faculdade com uma vivência do que era o cotidiano em um dormitório. Não lhe parecia esquisito que houvesse garotos no quarto ao lado, que a estação de rádio on-line do campus fosse a *única* forma aceitável de se ouvir música, que você tivesse de passar um

cartão magnético para fazer qualquer coisa por ali e que os trabalhos de fim de curso precisassem ter o colossal tamanho de quatro páginas.

Além dos muitos amigos da Dover Prep, Nora parecia fazer mais 12 amizades todos os dias, como Jordan e Hailey, que ainda estavam balançando as pernas e acenando da janela. Luce queria acompanhar aquele ritmo, mas havia passado a vida inteira em um canto remoto do Texas onde nada acontecia e as coisas andavam muito mais devagar. Agora percebia que preferia a vida assim. Ela se viu sentindo falta de coisas que sempre dizia odiar em casa, como música country e frango frito no palito vendido em posto de gasolina.

Porém, fora estudar ali tão longe para se descobrir, para que a vida pudesse finalmente começar. Não parava de dizer isso a si mesma.

— Jordan estava me contando que o vizinho de porta dela achou você bonitinha. — Nora deu um puxão no cabelo escuro de Luce, que batia na cintura. — Mas ele é um safado, por isso fiz questão de deixar bem evidente que você, querida, é uma dama. Quer ir até lá daqui a uns minutinhos para um esquenta antes daquela festa que vai rolar hoje?

— Claro. — Luce abriu o refrigerante que havia comprado na máquina de perto da lavanderia cheia de sabão

em pó.

— Achei que você ia me trazer uma diet.

— E trouxe. — Luce enfiou a mão dentro da cesta de lavanderia para apanhar a lata que havia comprado para Nora. — Nossa, desculpe, devo ter esquecido lá embaixo. Vou correr para pegá-la. Volto daqui a pouco.

— *Pas de prob* — disse Nora, praticando o seu francês. — Mas rápido. Hailey disse que tem uma infiltração do time de futebol no lado delas do corredor. Jogadores de futebol são iguais a festas bacanas. É melhor a gente não demorar muito para dar as caras. — E então ela disse ao telefone: — Preciso desligar. Não, vou usar a camisa preta. Luce vai de amarelo... ou você vai mudar de roupa? Enfim...

Luce fez um gesto para Nora dizendo que voltaria dali a pouco e saiu do quarto. Desceu os degraus da escada de dois em dois, percorrendo os pisos sinuosos do dormitório até se ver no tapete marrom desgastado da entrada do porão, que todo mundo no campus chamava de Fosso, um termo que fazia Luce se lembrar de castelos.

Na janela que dava para o pátio, Luce parou. Um carro cheio de garotos estava parado na trilha circular do dormitório. Quando eles saíram, rindo e dando empurrões uns nos outros, viu que estavam com camisetas do time de futebol da Emerald. Reconheceu um deles. Era muito fofo:

loiro, sorriso branco enorme, aparência típica de cara que estudou em escola preparatória (algo que ela reconhecia agora, depois de Nora desenhar um diagrama outro dia durante o almoço). Ela nunca havia conversado com Max, nem quando eles foram parar no mesmo time durante uma caça ao tesouro pelo campus. Mas quem sabe, se ele fosse à festa naquela noite...

Todos os meninos que estavam saindo do carro eram muito lindos, o que, para Luce, equivalia a intimidadores. Não gostava da ideia de ser a única menina tímida no quarto de Jordan e Hailey, lá em cima.

Mas gostava da ideia de estar na festa. O que mais podia fazer? Esconder-se porque estava nervosa? Não, com certeza ela iria à festa.

Correu o último lance de escadas até chegar ao porão. Agora o sol estava quase se pondo, portanto a lavanderia estava praticamente vazia, o que lhe dava um ar solitário. O fim do dia era quando as pessoas usavam as roupas que tinham lavado e secado. Só havia uma menina com meias estranhas listradas que iam até a coxa e que estava esfregando freneticamente uma mancha de um par de jeans *tie dye,* como se todas as futuras esperanças e sonhos dependessem da remoção daquela nódoa. E um garoto, sentado em cima de

uma secadora barulhenta e balançante, que atirava uma moeda para o alto e a apanhava com a palma da mão.

— Cara ou coroa? — perguntou ele quando ela entrou. Tinha rosto quadrado, cabelos ondulados cor de âmbar, grandes olhos azuis, e usava uma correntinha dourada ao pescoço.

— Cara. — Luce deu de ombros e soltou um risinho.

Ele atirou a moeda, apanhou-a e colocou-a na palma da mão. Luce viu que não era uma moeda de vinte e cinco centavos e sim uma moeda muito velha de tom dourado desgastado e letras desbotadas em outro idioma. O garoto levantou uma sobrancelha para ela.

— Você ganhou. Ainda não sei o quê, mas isso provavelmente depende de você.

Ela se virou, procurando o refrigerante diet que havia deixado ali. Então o viu, a cerca de dois centímetros do joelho direito do garoto.

— Essa latinha não é sua, é? — perguntou ela.

Ele não respondeu, apenas fitou-a com seus olhos azuis gélidos, que, agora percebia, sugeriam uma tristeza profunda que não parecia possível para alguém da idade dele.

— Eu a esqueci aqui. É para a minha amiga. Que divide o quarto comigo. Nora — explicou Luce, estendendo a mão

para apanhá-la. O garoto era estranho, intenso. Ela começou a tagarelar. — Vejo você mais tarde.

— Mais uma vez? — perguntou ele.

Ela se virou quando chegou à porta. Ele estava se referindo ao jogo com a moeda.

— Ah. Cara.

Ele atirou a moeda para cima. A moeda pareceu pairar no ar. Ele a apanhou sem olhar, colocou-a na palma e abriu a mão.

— Ganhou de novo — cantarolou ele com uma voz estranhamente idêntica à de Hank Williams, um velho cantor favorito do pai de Luce.

No quarto, Luce atirou a bebida para Nora.

— Você já conheceu aquele menino estranho que fica atirando uma moeda para cima na lavanderia?

— Luce — piscou Nora. — Quando minha lingerie fica suja, compro lingerie nova. Tenho planos de conseguir aguentar as pontas até o Dia de Ação de Graças sem precisar lavar roupa. E aí, está pronta? Os caras do futebol estão esperando, torcendo para fazer gol. Nós somos o gol, mas precisamos lembrar os fofos de que eles não podem usar as mãos.

Ela segurou Luce pelo cotovelo e a guiou para fora do quarto.

— Agora, se você conhecer um garoto chamado Max, sugiro que o evite. Estudei com ele na Dover, e tenho certeza absoluta de que deve estar no time de futebol. Vai parecer fofo e charmoso, mas tem uma namorada na cidade dele que é a maior vaca da história. Bem, pelo menos ela acha que é a namorada dele... — Nora murmurou atrás da mão: — Ela foi recusada pela Emerald, e está amargurada até o talo por isso. Tem espiões plantados por toda parte.

— Saquei. — Luce riu, mas por dentro franziu o cenho. — Ficar longe de Max.

— Qual é o seu tipo de cara, aliás? Quero dizer, eu sei que você já superou o velho e desengonçado Jeremy.

— Nora. — Luce empurrou a amiga de leve. — Está proibida de lembrar esse cara o tempo todo. Aquilo foi uma conversa privada entre garotas que dividem o mesmo quarto. O que acontece de pijamas fica entre os pijamas.

— Tem toda razão. — Nora assentiu, levantando as mãos em sinal de rendição. — Algumas coisas são sagradas. Respeito isso. Certo. Se você tivesse de descrever o seu beijo dos sonhos em cinco palavras ou menos...

As duas caminhavam pela segunda ala do dormitório em formato de U. Num instante, virariam a esquina e se aproximariam do fim do corredor, chamado de Caboose,

onde ficava o quarto de Jordan e Hailey. Luce se encostou na parede e suspirou.

— Não estou envergonhada por não ter, sabe, experiência — disse ela em voz baixa, pois aquelas paredes eram finas. — É só que... já teve a sensação de que *nada* aconteceu com você? Tipo, como se soubesse que tem um destino, mas tudo o que viu na sua vida até então não possui nada de excepcional? Quero que a minha vida seja diferente. Quero sentir que ela começou. Estou esperando por *aquele* beijo. Mas às vezes sinto como se pudesse esperar para sempre que nada iria mudar.

— Também tenho pressa. — Os olhos de Nora ficaram um pouco enevoados. — Sei do que está falando... mas pelo menos você tem um pouquinho de controle. Principalmente se andar comigo. Podemos fazer as coisas acontecerem. Nosso primeiro semestre mal começou, menina!

Nora estava ansiosa para chegar logo à festa, e Luce queria ir; queria mesmo. Mas ela estava falando daquela coisa indescritível que era maior do que simplesmente se divertir em uma festa. Estava falando de um destino sobre o qual tinha a sensação de ter tanto controle quanto em um resultado de cara ou coroa — era algo que estava e ao mesmo tempo não estava em suas mãos.

— Tá tudo bem com você? — Nora inclinou a cabeça para Luce. Um cacho ruivo curto caiu por cima do seu olho.

— Tá — assentiu Luce de modo casual. — Tô legal.

Elas foram à festa, que não passava de um monte de portas de quartos abertas e calouros entrando e saindo delas. Todos levavam copos de plástico repletos de um ponche superdoce que parecia se reabastecer automaticamente. Jordan discotecava do seu iPod, gritando "Issa!" de vez em quando. A música era boa. O seu vizinho de porta David Franklin pediu pizza, na qual Hailey deu uma incrementada, acrescentando orégano fresco do herbanário que trouxera de casa e instalara no canto do quarto perto da porta. Eram todos gente boa, e Luce ficou feliz por conhecê-los.

Luce conheceu vinte alunos em meia hora e a maioria era de garotos que se inclinavam para a frente e colocavam a mão na sua lombar quando ela se apresentava, como se não pudessem escutá-la direito, como se tocá-la tornasse sua voz mais clara. Ela se flagrou de olho para ver se encontrava o cara da moeda da lavanderia.

Três copos de ponche e dois pedaços de pizza de pepperoni com massa maravilhosamente fina depois, Luce havia sido apresentada a Max e passara os dez minutos seguintes tentando evitá-lo. Nora tinha razão: ele era lindo, mas muito paquerador para alguém com uma namorada em

sua cidade. Ela e Nora estavam emboladas na cama de Jordan, sussurrando notas para todos os meninos dali, entre um risinho e outro, quando Luce decidiu que já tinha bebido um pouco demais daquele ponche misterioso. Deixou a festa e desceu as escadas, procurando ar fresco.

A noite estava fria e seca, nada parecida com as noites do Texas. Aquela brisa lhe refrescava a pele. Havia algumas estrelas no céu e algumas pessoas no pátio, mas ninguém que Luce conhecia, portanto ela se sentiu livre para sentar em um dos bancos de pedra entre dois arbustos de peônias. Eram suas flores preferidas. Encarara como um bom presságio quando viu que o terreno ao redor do dormitório estava repleto de peônias em flor, mesmo no fim de agosto. Tocou as pétalas profundamente curvas de um dos botões brancos e se inclinou para sentir seu cheiro suave.

— Oi.

Ela deu um pulo. Com o nariz enterrado na flor, não tinha visto o garoto se aproximar. Agora um par de tênis detonados estava bem na frente dela. Seus olhos subiram: jeans desbotados, camiseta preta, um cachecol vermelho fino amarrado de um jeito solto ao redor do pescoço. O coração dela se acelerou e não soube o motivo; não tinha nem visto o rosto do garoto — cabelos loiros curtos... lábios com

aparência obscenamente macia... olhos tão lindos que Luce perdeu o fôlego.

— Desculpe — disse ele. — Não quis assustar você.

De que cor mesmo eram os olhos dele?

— Não foi por isso que tomei um susto. Quero dizer... — A flor caiu da mão dela, três pétalas pousaram nos tênis do garoto.

Diga alguma coisa.

"Bem-me-quer. Mal-me-quer. Bem-me-quer"

Isso não!

Era fisicamente impossível dizer alguma coisa. Não apenas aquele cara era a coisa mais incrível que Luce já havia visto, como tinha se aproximado dela e se apresentado. O modo como a olhava fazia Luce sentir como se fosse a única pessoa no pátio. Como se fosse a única pessoa na face da Terra. E estava colocando tudo a perder.

Instintivamente, ela levou a mão ao colar — e descobriu que seu pescoço estava nu. Que estranho. Sempre usava o medalhão de prata que sua mãe tinha lhe dado em seu décimo oitavo aniversário. Era uma herança de família e trazia uma foto antiga da avó, que se parecia muito com Luce, tirada exatamente quando ela conheceu o homem que se tornaria seu avô. Será que havia se esquecido de colocá-lo naquela manhã?

O garoto inclinou a cabeça numa espécie de sorriso.

Ah, não. Ela estivera encarando-o aquele tempo todo. Ele levantou a mão como se fosse lhe dar um pequeno aceno, mas não fez isso. Seus dedos pairaram no ar. E o coração dela começou a bater com força, porque de repente não teve a menor ideia do que aquele estranho iria fazer. Ele poderia fazer qualquer coisa. Um gesto simpático era apenas uma das possibilidades. Poderia lhe mostrar o dedo. Provavelmente merecia isso, por ter ficado encarando-o como uma desequilibrada psicótica. Era ridículo. Estava sendo ridícula.

Ele acenou, como se dissesse: "Oi, você ainda está aí?"

— Meu nome é Daniel.

Quando ele sorriu, ela viu que seus olhos eram lindos, cinzentos com um leve toque de... seria violeta? Ah, meu Deus, ela ia se apaixonar por um cara de olhos roxos. O que Nora iria dizer?

— Luce — conseguiu por fim dizer. — Lucinda.

— Bacana. — Ele sorriu de novo. — Tipo Lucinda Williams, a cantora.

— Como você sabe disso? — Ninguém conhecia Lucinda Williams. — Meus pais se conheceram num show da Lucinda Williams em Austin. Texas — acrescentou ela. — É daí que vem o meu nome.

— *Essence* é o meu disco preferido dela. Eu o escutei durante a metade do caminho até aqui, vindo da Califórnia. Texas, é? Está sendo difícil se acostumar com a Emerald?

— Choque cultural completo. — Ela teve a sensação de que era a coisa mais honesta que havia dito em toda aquela semana.

— Você vai se acostumar. Pelo menos eu me acostumei, depois de dois anos. — Ele estendeu o braço para tocar o ombro dela ao perceber a expressão de pânico de Luce. — Estou brincando. Você parece muito mais adaptável que eu. Na semana que vem, quando eu vir você de novo, já vai estar completamente em casa, usando um moletom com um E enorme estampado.

Ela estava olhando para a mão dele no próprio braço. Entretanto, mais do que isso, estava sentindo mil pequeninas explosões acontecendo dentro de si, como o final de um espetáculo de fogos de artifício nas comemorações do Dia da Independência. Ele riu e depois ela riu, e não soube o motivo.

— Você quer — ela não podia acreditar que iria dizer isso àquele garoto de classe alta da Califórnia, lindo como um modelo — sentar?

— Sim — disse ele na mesma hora. Depois, olhou para uma janela lá em cima onde as luzes estavam acesas e uma

festa, acontecendo. — Você por acaso sabe onde está rolando uma festa do pessoal do time de futebol?

Luce apontou para cima, ligeiramente arrasada.

— Eu estava lá; é só subir as escadas.

— Não estava legal?

— Estava — respondeu ela. — Mas eu...

— Quis pegar um pouco de ar?

Ela fez que sim.

— Eu ia encontrar uma amiga. — Daniel deu de ombros e olhou para a janela, onde Nora estava flertando com alguém que não conseguiam distinguir. — Mas talvez já tenha encontrado.

Ele deu uma piscadela para Luce e ela ficou imaginando, horrorizada, se havia passado todo aquele tempo conversando com ele com pólen de flor no nariz. Não seria a primeira vez que fazia isso.

— Você está fazendo biologia celular neste trimestre? — perguntou ele.

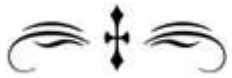
— Nem pensar. Mal consegui sair viva dessa aula na escola. — Ela olhou para Daniel, para os olhos dele, que definitivamente tinham um tom violeta. Eles cintilaram quando ela disse:

— Por que está perguntando?

Daniel balançou a cabeça, como se estivesse pensando em uma coisa que não queria dizer em voz alta.

— É que... você parece familiar. Poderia jurar que já nos vimos antes.

EPÍLOGO



AS ESTRELAS NOS OLHOS DELES

— Eu adoro esta parte! — disse Ariane com um gritinho.

Três anjos e dois Nefilim estavam sentados na beirada de uma nuvem baixa cinzenta acima de um dormitório em forma de U no centro de Connecticut.

Roland sorriu para ela.

— Não me diga que já viu isto acontecer!?

As asas douradas marmorizadas dele estavam abertas e dispostas horizontalmente. Assim, Miles e Shelby podiam sentar-se sobre elas e permanecer no ar, como se as asas fossem um cobertor de piquenique num *drive thru* do céu.

Os Nefilim não viam aqueles anjos há mais de doze anos. Embora Roland, Ariane e Annabelle não exibissem nenhum sinal físico da passagem do tempo, os Nefilim haviam envelhecido. Usavam alianças, e as laterais dos seus olhos estavam marcadas pelas linhas de expressão do seu casamento feliz. Embaixo de seu boné de beisebol desbotado, o cabelo de Miles estava ligeiramente grisalho nas têmporas. A mão repousava sobre a barriga de Shelby, que estava saliente por causa de um bebê que nasceria no mês seguinte. Ela esfregou a cabeça como se tivesse escapado por pouco de uma concussão.

— Mas Luce não come pepperoni. Ela é vegetariana!

— Foi isso que chamou sua atenção nesta cena? — Annabelle revirou os olhos. — Luce está diferente agora. É a mesma garota, só que com detalhes diferentes. Não vê os Anunciadores, nem se consultou com todos os psiquiatras da Costa Leste. Está muito mais "normal", o que a entedia até as lágrimas, mas... — Então Annabelle sorriu. — Mas acho que, no longo prazo, ela vai ficar muito feliz.

— Esta pipoca está com gosto de queimado para vocês? — perguntou Miles, mastigando ruidosamente.

— Não coma isso aí — repreendeu Roland, tirando uma pipoca da mão de Miles. — Ariane tirou do lixo depois que Luce quase colocou fogo na cozinha do dormitório.

Miles começou a cuspir freneticamente, inclinando-se sobre a beirada das asas de Roland.

— Foi meu jeito de me conectar com Luce. — Ariane encolheu os ombros. — Mas tome, pegue amendoins.

— Não é estranho que a gente esteja assistindo aos dois como se fosse um filme? — perguntou Shelby. — A gente deveria imaginá-los como um romance, um poema, uma música. Às vezes me sinto oprimida ao ver o quanto o meio cinematográfico é redutor.

— Ei. Roland não *precisava* ter trazido você até aqui, Nefilim. Então não banque a intelectual, apenas assista. Veja. — Ariane bateu palmas. — Ele está completamente fissurado no cabelo dela. Aposto que vai para casa desenhá-lo. Esta noite mesmo. Que fooooooofo!

— Ariane, você se saiu bem demais sendo a adolescente — disse Roland. — Quanto tempo mais vamos ter de ficar assistindo? Quero dizer, você não acha que eles já conquistaram um pouquinho de privacidade a esta altura?

— Ele tem razão — disse Ariane. — Temos outras coisas em nossa agenda celestial. Tipo... — O sorriso dela sumiu quando pareceu não conseguir pensar em nada.

— Então vocês se encontram com frequência? — perguntou Miles a Ariane, Annabelle e Roland. — Desde que Roland, vocês sabem...

— Claro que a gente vê Roland. — Annabelle sorriu para o anjo. — Porque ainda estamos insistindo com ele. Mesmo depois de todos esses anos. O Trono inventou o perdão, sabia?

Roland balançou a cabeça.

— Acho que a redenção divina para mim não está nos planos de curto prazo do Trono. Tudo é tão *branco* aqui em cima.

— Nunca se sabe — interrompeu Ariane. — Ela fica muito cabeça aberta às vezes. Dê uma passada para dar um oi. Lembre-se: foi por causa do Trono que Daniel e Luce estão juntos agora.

Roland ficou sério, olhando além da cena que se descortinava lá embaixo, para as nuvens distantes e escuras.

— O equilíbrio entre o Céu e o Inferno estava perfeito da última vez que verifiquei. Você não precisa que eu desequilibre a balança.

— Sempre existe pelo menos a esperança de que a gente possa se reunir de novo — disse Annabelle. — Luce e Daniel são um exemplo disso: nenhum castigo é eterno. Talvez nem o de Lúcifer.

— Alguém teve notícias de Cam? — perguntou Shelby. Por alguns instantes, as nuvens ficaram em silêncio. Então Shelby pigarreou e se virou para Miles. — Bem, falando em

coisas que não são eternas... O turno da nossa babá está quase terminando. Ela nos cobrou hora extra semana passada, quando o jogo dos Dodgers teve prorrogação.

— Vocês querem ser avisados quando Luce e Daniel tiverem o primeiro encontro? — perguntou Annabelle.

Miles apontou para a Terra.

— Ei, mas não era para a gente deixar os dois em paz?

— Eu quero acompanhar! — disse Shelby. — Não escute o que ele diz. — E, para Miles: — Nem um pio.

Roland envolveu um Nefilim ao redor de cada asa e se preparou para levantar voo.

Então os anjos, o demônio e o Nefilim voaram até os confins distantes do céu, deixando por um momento um clarão brilhante de luz atrás deles enquanto, lá embaixo, Luce e Daniel se apaixonavam pela primeira — e última — vez.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Box Fallen

Sobre a autora
https://www.record.com.br/autores/lauren-kate

Site da autora
http://laurenkatebooks.net/

Facebook da autora
https://www.facebook.com/pages/Lauren-Kate/134855009912574

Twitter da autora
https://twitter.com/laurenkatebooks

Página da autora na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Lauren_Kate

Entrevista com a autora
http://www.youtube.com/watch?v=8zUOKsJUXww&feature=plcp

Sumário

1. BOX FALLEN
2. FALLEN
    1. Obras da autora
    2. Rosto
    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. Agradecimentos
    6. Epígrafe
    7. No começo
    8. 1. Perfeitos estrenhos
    9. 2. Feita pra ficar presa
    10. 3. Ficando escuro
    11. 4. Turno do cemitério
    12. 5. A panelinha
    13. 6. Sem salvação
    14. 7. Esclarecendo
    15. 8. Um mergulho fundo demais
    16. 9. Estado de inocência
    17. 10. Onde há fumaça
    18. 11. Despertar cruel
    19. 12. Ao pó
    20. 13. Raízes
    21. 14. Mãos ociosas
    22. 15. A toca do leão
    23. 16. Na balança
    24. 17. Um livro aberto
    25. 18. A guerra enterrada
    26. 19. Fora da vista
    27. 20. Aurora
    28. Epílogo
3. TORMENTA
    1. Obras da autora
    2. Rosto

    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. Agradecimentos
    6. Epígrafe
    7. Prólogo
    8. 1. Dezoito dias
    9. 2. Dezessete dias
    10. 3. Dezesseis dias
    11. 4. Quinze dias
    12. 5. Catorze dias
    13. 6. Treze dias
    14. 7. Doze dias
    15. 8. Onze dias
    16. 9. Dez dias
    17. 10. Nove dias
    18. 11. Oito dias
    19. 12. Sete dias
    20. 13. Seis dias
    21. 14. Cinco dias
    22. 15. Quatro dias
    23. 16. Três dias
    24. 17. Dois dias
    25. 18. Ação de graças
    26. 19. A trégua é quebrada
    27. Epílogo
4. PAIXÃO
    1. Obras da autora
    2. Rosto
    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. Agradecimentos
    6. Epígrafe
    7. Prólogo
    8. 1. Sob o foco
    9. 2. Enviado pelo céu
    10. 3. Os tolos apressam para chegar
    11. 4. O tempo fere todas as curas

12. 5. Desencaminhados
13. 6. A mulher de branco
14. 7. Solstício
15. 8. Observando a distância
16. 9. E assim seguimos em frente
17. 10. As profundezas
18. 11. Coup de foudre
19. 12. O prisioneiro
20. 13. Sob adversa estrela
21. 14. O precipício
22. 15. O sacrifício
23. 16. Padrinho de casamento
24. 17. Escrito em osso
25. 18. Más orientações
26. 19. O torvelinho da vida
27. 20. O fim da jornada
28. 21. Epílogo

5. ÊXTASE
    1. Obras da autora
    2. Rosto
    3. Créditos
    4. Dedicatória
    5. Agradecimentos
    6. Epígrafe
    7. Prólogo
    8. 1. O livro dos guardiões
    9. 2. Caminhos diferentes
    10. 3. O santurário submerso
    11. 4. Um acordo às cegas
    12. 5. A mil beijos de distância
    13. 6. Desprovida de habilidades
    14. 7. Anjos atados
    15. 8. Como o céu chorou
    16. 9. O desideratum
    17. 10. Seta estelar na poeira
    18. 11. Via dolorosa
    19. 12. Água profana

20. 13. A escavação
21. 14. Ar aparente
22. 15. A dádiva
23. 16. Apocalipse
24. 17. A invenção do amor
25. 18. Apanhar uma estrela cadente
26. 19. O preço de Lucinda
27. 20. Perfeitos estranhos
28. Epílogo
6. COLOFÃO
7. SAIBA MAIS